



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE
ESTÁGIO E PESQUISA

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO
BRASILEIRO NA PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA,
MOSTRA DE ESTÁGIOS E DE PESQUISAS:
“ENTRE LUGARES, PAISAGENS E TERRITÓRIOS: A
GEOGRAFIA EM DIFERENTES CONTEXTOS E
PRÁTICAS”**



1ª edição

LONDRINA

2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE
ESTÁGIO E PESQUISA

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO
BRASILEIRO NA PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

COMISSÃO COORDENADORA

DIÂNICE ORIANE DA SILVA

ELOIZA CRISTIANE TORRES

FLÁVIO HENRIQUE NAVARRO HASHIMOTO

JEANI DELGADO PASCHOAL MOURA

JOSÉ RAFAEL DA VILELA DA SILVA

MARGARIDA DE CÁSSIA CAMPOS

OSMAR FABIANO DE SOUZA FILHO

PATRICIA FERNANDES DE PAULA SHINOBU

RICARDO LOPES FONSECA

**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA,
MOSTRA DE ESTÁGIOS E DE PESQUISAS:
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO
BRASILEIRO NA PANDEMIA”**



1ª edição

LONDRINA

2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE
ESTÁGIO E PESQUISA

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO
BRASILEIRO NA PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

COMISSÕES

COMISSÃO COORDENADORA

Prof.^a Dr.^a Diânice Oriane da Silva
Prof.^a Dr.^a Eloiza Cristiane Torres
Flávio Henrique Navarro Hashimoto
Prof.^a Dr.^a Jeani Delgado Paschoal Moura
José Rafael Vilela da Silva
Prof.^a Dr.^a Margarida de Cássia Campos
Osmar Fabiano de Souza Filho
Prof.^a Dr.^a Patricia Fernandes de Paula
Shinobu
Prof. Dr. Ricardo Lopes Fonseca

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anderson Rodrigo Nicoladelli Nobre
Caio Cezar Cunha
Caroline Hatada de Lima
Cassia Regina Dias Ribeiro
Clarissa Gaspar Massi
Daiane Evangelista de Oliveira
Danieli Barbosa de Araujo
Deivid Junior de Melo
Hermam Vargas Silva
Hermiliano Felipe Decco
Larissa Alves de Oliveira
Josilaine Amancio Corcovia
Maico Eduardo Dias Dias
Maria Luzia Ferreira Santos
Naibi Souza Jaime
Raissa Galvão Bessa
Regina Magna Franco
Rosana Kostecki de Lima
Samanta Gallo Cabral
Tais Cristina Berbet



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

XVIII Encontro de Ensino de Geografia, Mostra de Estágios e de Pesquisas. “A Geografia em Tempos de Crise: o Cenário Brasileiro na Pandemia”. De 30 de janeiro de 2021 a 29 de maio de 2021, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. 872 p.

ISSN: 978-85-7846-481-3

Apoio:



DGEO
Departamento de Geociências

agb
Londrina





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

APRESENTAÇÃO

O Encontro de Ensino e Mostra de Estágio da Licenciatura em Geografia da UEL é realizado desde o ano de 2002, no Departamento de Geociências na UEL, e tem se mostrado frutífero pela troca de experiências entre estudantes da graduação e da pós-graduação (*latu sensu e stricto sensu*) e, entre estes, e os profissionais de diferentes instituições e níveis de ensino. O evento é promovido pela área de Ensino de Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com o apoio do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Interdisciplinar), Residência Pedagógica, Programa de Educação Tutorial/PET de Geografia, Especialização em Ensino de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia (Mestrado e Doutorado), do Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas/CCE/UEL. No presente ano, lançamos a XVIII edição com o tema: “**A Geografia em tempos de crises: o cenário brasileiro pós-pandemia**”, cuja programação contará com *webnários*, oficinas, comunicações orais e painéis sobre pesquisas e práticas de ensino em diferentes níveis. O objetivo do evento é promover um espaço de diálogo com pesquisadores, professores e estudantes com vistas a refletir sobre os rumos das pesquisas e das práticas pedagógicas na escola básica e universidade, com preocupações voltadas para o ensino de Geografia e suas relações com a multi/interdisciplinaridade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

SUMÁRIO

ANONG’US GEOGRÁFICO.....	12
ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA	30
A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA O ENSINO EM SALA DE AULA.....	49
A ABORDAGEM DO CONCEITO DE REGIÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA.....	60
TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E SUA ABORDAGEM EM UM LIVRO PARADIDÁTICO DE GEOGRAFIA.....	78
ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UMA EXPERIÊNCIA DESAFIADORA.....	92
USO DE APLICATIVOS COMO AUXÍLIO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA	109
O USO DA PAISAGEM SONORA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA.....	124
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS(AS) IDENTIFICADOS(AS) COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO	146
OS IMPACTOS DAS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE O ENSINO REMOTO.....	166
MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS NO PARANÁ: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VEICULADOS PELAS MÍDIAS	185



**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA**

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A LINGUAGEM MUSICAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA.....	205
UMA ALTERNATIVA DIFERENTE DE ENSINO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA	225
ANÁLISE SOBRE AS DESIGUALDADES REFORÇADAS NA EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS PANDÊMICOS.....	247
O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES	264
AS GEOTECNOLOGIAS COMO CONTEÚDO DE EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO: POR MEIO DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR.....	276
ATIVIDADES LÚDICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR EM TEMPOS PANDÊMICOS.....	291
CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.....	305
A PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA: TRILHAS INTERPRETATIVAS NA CIDADE DE LONDRINA – PR.	320
O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES NA FORMAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA: UMA AQUISIÇÃO CONTINUA E INACABADA	341
O CURRÍCULO COLONIAL	358
POR UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CRÍTICA E REFLEXIVA SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO.....	379
O CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES.....	394
REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UM CONHECIMENTO ENFADONHO OU EMANCIPADOR?	408



**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA**

***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

USO DE PODCAST PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	424
A INFLUÊNCIA QUE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS EXERCEM SOBRE A PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA	437
A ABORDAGEM DO CONCEITO DE PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA.....	450
ABORDAGEM DA AGRICULTURA CAPITALISTA NOS LIVROS DIDATICOS	465
PERCEPÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	481
O CONCEITO DE PAISAGEM SONORA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	493
A APROPRIAÇÃO DA MÚSICA ENQUANTO FERRAMENTA PARA SUPERAÇÃO DOS LIMITES NA EDUCAÇÃO	515
AS GEOGRAFIAS AUDIOVISUAIS E O ENSINO.....	536
GEOGRAFIA EM “PERSÉPOLIS”: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E PAISAGEM SONORA	556
A LINGUAGEM EM QUADRINHOS COMO MANEIRA DIDÁTICA DE APRENDER CONCEITOS GEOGRÁFICOS	575
JORNADA PELO RIO MAR: USO DE OBRA LITERÁRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ENSINO DA GEOGRAFIA.....	598
RELATOS E APRENDIZADOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS	614
RECURSOS DIDÁTICOS E LINGUAGENS APLICADAS EM VÍDEOS AULAS PARA O ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA.....	630
O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA.....	651



**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA**

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

AS CHARGES E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE BIOMAS EM GEOGRAFIA.....	676
AULAS DE CARTOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA	700
ENTRE O CINEMA, A TÉCNICA E A GEOPOLÍTICA: APLICAÇÕES PEDAGÓGICAS	726
DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA E DESIGUALDADE EDUCACIONAL EM LONDRINA-PR.....	747
UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA.....	762
O USO DE MÚSICAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES AO ENSINO DE GEOGRAFIA	766
(RE)CONSTRUÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP.....	770
FÓSSIL ARTIFICIAL: TORNANDO A PALEONTOLOGIA DIDÁTICA E APLICANDO AO ENSINO GEOGRÁFICO	773
PODCAST: O NOVO MODELO DE INSERÇÃO EDUCACIONAL....	778
O ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DAS MAQUETES.....	782
CONFECÇÃO DE UM MAPA HIPSOMÉTRICO DO ESTADO DO PARANÁ EM E.V.A.	789
CONFECÇÃO DE UM CLIMOGRAMA UTILIZANDO O MÍNIMO POSSÍVEL DE POLÍMEROS SINTÉTICOS	794
USO DE PODCASTS NO ENSINO	798
O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM A PERSONAGEM MAFALDA.....	804



**XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA**

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A IMPORTÂNCIA DO USO DE TIRINHAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA	807
UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO DESENVOLVIMENTO DE AULAS ATRATIVAS	810
ATIVIDADES LÚDICAS E PRÁTICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA	814
A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS INOVADORES NA PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA: LAPBOOKS.....	817
A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM SALA DE AULA: RECURSO DIDÁTICO, DIFERENCIADO E ESTIMULANTE	822
UTILIZANDO RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS SALAS DE AULA: CAPTANDO ATENÇÃO DOS ALUNOS	828
O LAPBOOK E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA	833
ENSINO DE GEOGRAFIA E AS LINGUAGENS: INSTRUÇÕES PARA FORMAÇÃO CIDADÃ.....	839
A LAPBOOK NO ENSINO DE GEOGRAFIA –BIODIVERSIDADE E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.....	844
ENSINO DE GEOGRAFIA CRIATIVO E PRAZEROSO: O USO DE TEATRO, CHARGES, QUADRINHOS E CARTUNS	849
GEOGRAFIA - O USO DO CLIMOGRAMA E O ENSINO PROFISSIONALIZANTE	853
CLIMOGRAMA DE CAMBÉ E LONDRINA (PR) COMO PROPOSTA METODOLÓGICA LÚDICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	858



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA

***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O DINAMISMO EDUCACIONAL DA APLICABILIDADE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO EM SALA DE AULA.....	863
HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO.....	867
OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO EM DECORRÊNCIA À ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO	870

Observação: os conteúdos dos trabalhos aqui publicados são de
inteira responsabilidade dos/as seus/uas autores/as



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ANONG'US GEOGRÁFICO

Lucas Alessandro Macedo Teixeira¹

Resumo

O presente trabalho busca problematizar e refletir sobre as possibilidades de se fazer e aprender os conteúdos cartográficos, tendo como objetivo principal discutir o potencial dos jogos como recurso didático no ensino de Geografia. Na construção deste artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema, e ainda elaborado uma proposta pedagógica que utiliza como base o jogo AmongUs, para se trabalhar a formação da alfabetização cartográfica no ensino fundamental I. Além de ser um facilitador na mediação da aprendizagem o jogo é fundamental para despertar o interesse e motivar os(as) estudantes, portanto o AmongUs Geografico caminha ao encontro com a aprendizagem significativa centrando-se nos(as) estudantes na construção de seus conhecimentos cartográficos e possibilitando uma formação crítica.

Palavras-chave: Cartografia; Alfabetização; Jogos.

Introdução

Analisar a sociedade, a natureza e suas inter-relações é o maior enfoque da ciência geográfica. Esse estudo complexo, dinâmico e fundamental não pode ser minimizado a uma mera “ciência decorativa” como ocorreu socialmente durante muito tempo. Na tentativa de buscar reconhecimento e se fazer importante para a sociedade, a geografia sofreu diversas transformações: mudança de objeto de estudo, postura científica, epistemológica etc. Essas transformações do saber geográfico ocorrem à medida que os humanos, principais agentes do espaço e modificadores dele, também se transformam. A cartografia é então uma ferramenta que corrobora para a construção do conhecimento geográfico, nas suas diversidades de análises essas juntas possibilitam para a sociedade compreender e analisar as múltiplas realidades. De certa maneira, a geografia e a cartografia trabalham juntas e muitas vezes são indissociáveis para a sociedade.

Atualmente a sociedade não possui noções básicas de cartografia, muitos não conseguem se orientar, se localizar, se reconhecer, ou até mesmo identificar os pontos: norte,

¹ Estudante de Graduação do 3º ano de Geografia e membro Bolsista do Programa de Educação Tutorial pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lucas.alessandro@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

sul, leste e oeste da sua cidade, e quando sabem é algo decorado, relacionando o conhecimento cartográfico como apenas uma técnica, tirando toda criticidade deste. Essa inexpressividade é mais percebida na educação básica, onde existem dificuldades dos (as) estudantes em relação aos conteúdos da cartografia, essa situação se agrava quando percebe que os(as) docentes também não têm domínio cartográfico, ou quando não aplicam este como conhecimento didático-pedagógico e sim reforçam a ideia de um conhecimento técnico decorativo. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo discutir o potencial dos jogos como recurso didático no ensino de Geografia, além de dialogar sobre a importância da Cartografia e da Alfabetização Cartográfica no ensino de Geografia. Na construção deste trabalho, foi levantando uma pesquisa bibliográfica a respeito do tema Alfabetização Cartográfica, e ainda sobre o jogo como um recurso didático, e para potencializar a dinâmica foi elaborada uma intervenção pedagógica com o tema *AmongUs* Geográfico. O trabalho está dividido em dois momentos, o referencial teórico e a construção da prática pedagógica, que estão divididos em três tópicos e são intituladas respectivamente: Importância da cartografia na educação escolar; conceito de mapa, escala, legenda e a discussão no ensino de Geografia e por fim, apresentação da proposta. Cabe aqui evidenciar que durante a criação da prática não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse a mesma temática de se trabalhar a cartografia, contudo na finalização desta foi encontrada uma proposta semelhante que utiliza o mesmo jogo, portanto deve ser ressaltado que em nenhum momento foram retiradas ideias ou cópias da prática pedagógica que pode ser encontrada na página Geohibrida (2021).

Com este trabalho busca além dos objetivos já apresentados fazer com que as práticas docentes, em especial as relacionadas com a cartografia sejam repensadas, que a mediação seja feita através de dinamização e que a postura tradicional seja deixada de lado, e o(a) docente busque alternativas para alcançar uma aprendizagem significativa. Algumas dificuldades encontradas nesta pesquisa foram a falta de práticas que coloquem o/a estudante no centro e que desenvolvam um pensamento crítico. E ainda, o reducionismo da culpa, colocando o(a) professor(a) como único responsável por não alcançar eficácia na construção do ensino/aprendizagem da cartografia. Com isso, surgem novas possibilidades de pesquisas futuras, Geografia: um saber chato decorado e inútil? Fracasso escolar, potencializado no ensino de Cartografia?



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Importância Da Cartografia Na Educação Escolar

A arte de produzir mapas é uma das formas mais antigas de representar o espaço, muitos autores afirmam que essa arte que também é uma linguagem foi desenvolvida antes mesmo da escrita, fato que leva a associar a história da cartografia com a própria história da humanidade. O desejo de descobrir e desbravar novos espaços foram sentimentos que instigaram o ser humano a sistematizar a Cartografia. Por muito tempo o conhecimento cartográfico consistia em observar e registrar realidades em mapas – em um primeiro momento representação de espaços naturais que aconteciam de maneira unicamente empírica –. Essa prática em uma visão ocidental ganhou força e um pouco mais de técnica no período das grandes navegações a partir do século X, isso se dá principalmente em função da necessidade de colonização, conquistas de novos territórios e ainda a ascensão do comércio. (SCALZITTI, 2011)

De acordo com Fonseca (2019), a história da cartografia mostra as diferentes maneiras de representação de um determinado espaço, todos contextualizados em um momento histórico-político, desde os tempos primitivos, com suas representações em argilas até os mapas mais elaborados e complexos da atualidade. Portanto, o saber cartográfico é muito mais do que um mero mapa ou gráfico informativo, esse conhecimento é sobretudo, uma representação política-histórica do espaço, podendo ser também, uma ferramenta de análise para problematizar e analisar questões sociais, econômicas, culturais, ambientais etc. Ainda levando em consideração as questões que tornam a cartografia um saber fundamental para a sociedade, é importante ressaltar que, é por meio da cartografia que se realiza discussões acerca do negacionismo da ciência, concepções contrárias aos estudos cartográficos é a crença da “Terra Plana”.

Com isso faz-se necessário refletir sobre a importância da construção desse conhecimento cartográfico, em especial no ensino básico, e é preciso refletir também sobre as alternativas de ensino/aprendizagem utilizada pelos professores de geografia. Levando em consideração que a geografia é atualmente a ciência que mais usufrui dos saberes cartográficos, resultando assim em uma indissociabilidade destas perante a sociedade.

Atualmente sabe-se das dificuldades dos(as) alunos(as) e até mesmo dos professores com os conteúdos da cartografia, Câmara e Barbosa (2012) afirmam que mesmo com os



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

avanços da Ciência Geográfica, no final da década de 1970, e com a influência do Movimento de Renovação na Geografia escolar, ainda existem muitas instituições de ensino que aplicam uma aprendizagem essencialmente tradicional, tendo como fundamento a transmissão de conhecimento. E ainda segundo Câmara e Barbosa (2012, p.33):

Nestes termos, a Geografia passa a ser sinônimo de repasse de informações. A situação se agrava quando se trata da abordagem cartográfica na Educação Básica, que, na maioria das vezes, permanece inexpressiva na sala de aula. A ausência de mapas em sala de aula suscita preocupação, pois, no nosso entendimento, dentre as diversas linguagens utilizadas no ensino de Geografia, a cartográfica parece ser aquela que mais evoca a Geografia, valendo também o oposto.

Essas dificuldades em relação aos conteúdos cartográficos, principalmente as dificuldades dos educadores, influenciam diretamente no processo de construção ensino-aprendizagem, desencadeando diversas problemáticas que estarão presentes na vida escolar de grande parte dos(as) alunos(as), que não foram instigados a desenvolver a alfabetização cartográfica. Em uma pesquisa simples na internet de trabalhos científicos que tem como temática a cartografia escolar, grande parte destes abordam os problemas e as dificuldades que alunos(as) e professores(as) possuem em relação aos conteúdos da cartografia. Nisso, nota-se que muitos(as) estudantes chegam no ensino médio ou na fase adulta sem saber se localizar, orientar ou se deslocar no espaço geográfico o que torna o saber cartográfico inexpressivo na educação escolar e causando um grande desmerecimento desse conhecimento na sociedade.

Mas a situação se agrava quando pensamos na formação dos(as) futuros docentes, Câmara e Barbosa (2012), relatam que licenciandos(as) apresentam dificuldades na utilização da linguagem cartográfica em sala de aula, essa dificuldade é refletida nas práticas de ensino na Educação Básica. Podemos afirmar então que as instituições de ensino superior principalmente dos cursos de licenciatura ainda possuem uma postura que limita a cartografia como uma ferramenta para auxiliar na localização e descrição de fenômenos, esquecendo totalmente da organização territorial da sociedade e suas complexidades no mundo contemporâneo? Consequentemente essa postura dos cursos superiores favorecem a cartografia como uma técnica em detrimento do processo didático-pedagógico?



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Essas questões corroboram para se construir uma argumentação na importância da alfabetização cartográfica, e como esse conhecimento visto e utilizado muitas vezes como uma simples técnica é para além disso, sendo que a cartografia pode servir como um facilitador para analisar a complexidade da realidade, possibilitando quem sabe a transformação desta. Nisso, Mourão e Lucas (2015, p.54) afirmam que “repensar o espaço, as ações humanas sobre ele e ainda formas diferenciadas para o ensino destes processos são conceitos primordiais para a maior amplitude na formação e visão espacial dos alunos.” Vale ressaltar que a alfabetização cartográfica é importante para a educação básica, mas é fundamental e indispensável para a formação docente, o(a) educador(a) precisa antemão deter o conhecimento cartográfico, ter domínio dos conteúdos e estes estarem bem elaborado e construído no subconsciente dos(as) docentes.

Portanto, para uma eficácia na construção do conhecimento cartográfico assim como em qualquer outra área do conhecimento é necessário considerar diversos fatores. Baseado na Teoria Histórico Cultural de Vygotsky (1995) apud Scalzitti (2011), que propõe as funções psíquicas superiores (FPS), o ser humano recebe diversas influências na formação de sua consciência, sendo estas influências sócio-histórico-cultural. Nesse sentido, o(a) professor(a) precisará possibilitar uma equidade na construção do conhecimento, deixando de lado a postura de um detentor do conhecimento, e adquirindo uma performance de mediador que possibilite a todos os(as) estudantes uma aprendizagem significativa considerando a multiplicidade sociais e culturais de seus/suas alunos(as). Segundo Jaques, Souza e Silva (2016) a cartografia tornar possível a aprendizagem mais concreta e dinâmica, nesse sentido alfabetizar cartograficamente é antes de mais nada adequar os conceitos teóricos à realidade dos(as) estudantes, para que estes consigam trilhar o caminho da sabedoria, alcançando a excelência da aprendizagem.

Conceito de mapa e seus elementos e a discussão no ensino de Geografia

A cartografia está presente nas mais diversas atividades da sociedade seja elas simples ou complexas, como: solicitar um carro de aplicativo pago, ou até procurar um endereço, ela está presente também nas viagens, naquele espaço que determinado indivíduo não conhecia, nas caminhadas fitness, nos jogos, nos filmes, nas novelas, e até mesmo nos desenhos animados, enfim, são diversos cenários que a cartografia se faz presente, contudo, o reconhecimento da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

sua presença é quase que inexistente, muitos utilizam desse conhecimento como um simples suporte de localização e orientação sem considerar seu grau de complexidade e importância para a sociedade, reduzindo-a para uma mera técnica. (SILVA; LIMA, 2016).

Como já destacado anteriormente o conhecimento cartográfico precisa ser pensado para além de uma técnica, é preciso pensar a cartografia como um conhecimento dinâmico, complexo e fundamental para a sociedade contemporânea. Silva e Lima (2016) afirmam que a cartografia é uma ferramenta ímpar para a compreensão do espaço geográfico, podendo apresentar múltiplas funcionalidades, desde uma escala local, como por exemplo, o reconhecimento e a localização espacial, até uma escala global, que permite compreender de certa maneira lógicas políticas, econômicas e territoriais. Ao encontro a isso é necessário fundamentar e criar arcabouço para que a sociedade utilize deste conhecimento, e saiba na prática as teorias que ela carrega, e para se consolidar a construção do conhecimento cartográfico é necessário em um primeiro momento a alfabetização cartográfica que consiste em uma “habilidade de representação de mundos visíveis, objetivos e subjetivos, que não se limita ao mapeamento e à localização objetiva e fixa dos objetos” (CAVALCANTI, 2010. p.8).

Os mapas mentais ou desenhos são segundo Cavalcanti (2010) mais livres para a representação do espaço de vivência e podem ser utilizados nas aulas para que as crianças tenham o primeiro contato com a cartografia, e que futuramente consigam desenvolver noções mais complexas e também dominem as regras cartográficas, contribuindo assim para que essas crianças no futuro consigam fazer leituras, análises e até mesmo elaboração de mapas. Simielli (2007, p.94) vai apontar que “os mapas permitem ter domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem num determinado espaço” Esse domínio de síntese espacial está presente no dia a dia do cidadão, e poderá ser entendido a partir dos conhecimentos adquiridos com a cartografia que possibilita análises espaciais e muitas vezes podem ser representados nos mapas, de acordo com Scalzitti (2011, p. 62):

Os mapas carregam junto de si, além de informações de localização e descrição do meio, razões que passam despercebidas para a maioria dos leitores, mas que, inseridas no processo histórico das relações entre classes socioeconômicas distintas, imprimem e marcam nos sujeitos em cada período histórico a perspectiva da classe dominante.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outro fator importante para a alfabetização cartográfica é o desenvolvimento dos saberes aos longos dos anos, é necessário que haja uma abordagem não apenas no ensino fundamental I, com as crianças, mas que esse conhecimento seja estruturado aos longos dos anos, transpassando até os anos finais da educação básica. Sempre considerando a capacidade de abstração dos(as) estudantes, iniciando com leituras de mapas mais simples e acrescentando aos poucos graus de complexidade, o(a) professor(a) mediador(a) tornará possível aos estudantes uma formação crítica e esses conseguirão fazer leituras e análises de mapas e, também quem sabe possam se interessar pela cartografia e suas diversas possibilidades de mapeamentos. Mas é necessário ressaltar que o mapa não é a única forma de representação gráfica, conforme quadro 1 existem outras maneiras de representação, podendo ser:

Quadro 1 - Diferentes tipos de representações gráficas

Representações Gráfica	Definição
Mapa	Representação gráfica, em geral uma superfície plana e numa determinada escala, com a representação de acidentes físicos e culturais da superfície da terra, ou de um planeta ou satélite.
Carta	Representação dos aspectos naturais e artificiais da Terra, destinada a fins práticos da atividade humana, permitindo a avaliação precisa de distâncias, direções e a localização plana.
Croqui	Representação esquemática do terreno, desenho que apresenta um esboço da topografia de uma determinada região, com pouca precisão.

Fonte: Elaborado a partir do texto, FITZ. (2008. p.27-31)

Desta maneira, fica evidente as diferenças de cada representação gráfica e suas utilizações. Os mapas e cartas podem ser vistos como representações mais precisas e padronizados seguindo uma lógica objetiva de localização de objetos fixos e possuindo regras cartográficas, enquanto os croquis podem ser elaborados sem muita precisão da realidade e não seguindo todas as regras cartográficas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para a elaboração dos mapas é preciso se atentar aos elementos fundamentais na linguagem cartográfica, levando em consideração os signos, símbolos, códigos etc. que devem estar presentes nessas representações da realidade, que auxiliarão na leitura precisa destes. “Cada elemento que constitui um mapa é relevante para a leitura final. Não existe mapa sem título ou sem escala, da mesma maneira que não se pode deixar a legenda de um mapa de lado. (SILVA; LIMA, 2016, p.7).

Conforme quadro 2 percebe-se as principais funções dos elementos em um mapa, e sua importância na alfabetização cartográfica. Nesse sentido, é necessário que todos os elementos sejam discutidos em sala de aula, abarcando suas definições e para além disso, cabe ao mediador possibilitar uma aplicação concreta na realidade fomentando o desenvolvimento da cognição dos(as) estudantes. O entendimento e aplicação desses elementos resultaram em uma linguagem cartográfica (NEVES, 2015).

Quadro 2 - Elementos fundamentais para a Linguagem Cartográfica

Elementos	Definição
Título	Proporcionam a localização dos pontos da superfície.
Legenda	Traduz os significados dos signos presentes
Coordenadas geográfica	Proporcionam a localização dos pontos da superfície
Orientação	É construída a partir da observação da trajetória aparente do sol, indica os pontos cardeais.
Escala	É um atributo matemático da representação cartográfica indicando a redução das dimensões do terreno utilizado para representá-lo.

Fonte: Magnoli (2012, p. 16 e 17).

Portanto, esses elementos são fundamentais para a construção da alfabetização cartográfica, o(a) educador(a) precisará proporcionar aos estudantes o entendimento desses conceitos que norteiam e são base para a cartografia. A alfabetização cartográfica corrobora para habilitar as conexões entre teoria e prática que são apresentadas pelos mapas, nisso, é necessário que essa construção de conhecimento seja iniciada nos primeiros anos escolas das crianças (PISSINATI; ARCHELA, 2007)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A Geografia como vimos anteriormente é indissociável da Cartografia, isso ocorre principalmente devido ambas compartilharem o mesmo objeto de estudo, o espaço. A primeira busca a compreensão dialética e contraditória das relações sociais e naturais que se materializam no espaço geográfico. E a segunda busca de maneira mais eficiente a representação gráfica dessa realidade espacial.

Esse compartilhamento de objeto de estudo faz com que haja uma responsabilidade disciplinar da geografia escolar com a construção da alfabetização cartográfica. Silva e Lima (2016) vão alegar que o conhecimento cartográfico se estrutura com o tempo e tem alguns passos fundamentais de leitura e interpretação, nisso surge a geografia escolar para corroborar para o desenvolvimento cartográfico dos indivíduos, fomentando e possibilitando o entendimento das linguagens cartográficas, o compreendimento dos elementos, as leituras e interpretações de mapas, enfim, possibilita os indivíduos a se alfabetizar cartograficamente.

AmongUs Geográfico: mais do que se localizar é se encontrar.

Como mencionado diversas vezes ao longo do trabalho, o foco maior deste é refletir sobre a importância da cartografia e para além disso, demonstrar através de uma proposta pedagógica as possibilidades de se trabalhar com os conteúdos cartográficos no ensino de Geografia, o que irá possibilitar uma construção da alfabetização cartográfica dos(as) estudantes, e por consequência esses(as) terão noções de análises cartográficas básicas quando jovens, se reconhecendo, se localizando, se orientando no mundo, além também de terem possibilidades de compreender a complexidade existente nessa sociedade contemporânea.

Veiga (2006), afirma que o projeto de trabalho como uma técnica didática é de extrema importância, pois é centrada na produção do conhecimento, partindo da experiência sociocultural do(a) aluno(a) e centrando-se a este, além também de considerar os conteúdos curriculares. E se faz importante pois tem preocupação em criar e inovar ambientes de aprendizagem, baseando-se em problemas ligados à realidade social.

Portanto, é preciso pensar e trabalhar dos pressupostos de uma educação tradicional, corroborando com as afirmações acima Franco (2015, p. 603) vai afirmar que “as práticas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

pedagógicas se configuram na mediação com o outro, ou com os outros, e é esse outro que oferece às práticas seu espaço de possibilidade”.

Com isso podemos destacar os jogos como um recurso didático, sendo uma ferramenta que apoia no processo ensino-aprendizagem, nesse sentido Kiya (2014) vai apontar que a utilização de jogos e atividades lúdicas, podem servir como estratégia de ensino, que vai contribuir com a motivação e interesse dos(as) estudantes em relação aos conteúdos programáticos das disciplinas, visto que esses são uns dos maiores problemas enfrentados na educação básica brasileira.

Os jogos são para as crianças como o trabalho é para o adulto, podem ser também formas de se expressar e se desenvolver, nesse sentido, Kishimoto (2010) apud. Coelho (2010 p. 11) vai afirmar sobre os jogos:

Enquanto fato social, o jogo assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. É este aspecto que nossa mostra por que o jogo aparece de modos tão diferentes, dependendo do lugar e da época. Outros aspectos relacionados ao trabalho, à inutilidade ou à educação da criança emergem nas várias sociedades em diferentes tempos históricos. Enfim, cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem.

Consideramos então o jogo como um instrumento fundamental para utilização no processo de aprendizagem. Juntando a necessidade da construção da alfabetização cartográfica e o desempenho significativo dos jogos, surge essa prática pedagógica que está sendo proposta, na tentativa de potencializar e dinamizar as aulas, busca também contribuir para uma aprendizagem significativa, centrando-se nos(as) alunos(as) e partindo para um desenvolvimento maior da cognição.

Conforme Quadro 3, que descreve uma sequência didática, considerando o tema, o público que foi pensado, os principais objetivos a modo de cumprir com as necessidades do arcabouço conceitual geográfico neste primeiro momento, considera também os principais materiais, vale ressaltar aqui que esta prática foi pensada para acontecer de maneira presencial e por fim a duração, considerando o último dia do prazo para a aplicação.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Quadro 3 – Proposta Pedagógica – Piloto

Tema:

AmongUs Geográfico se localizando no mundo - iniciando a alfabetização cartográfica.

Público Alvo:

Ensino Fundamental II, 6º ano.

Objetivos:

Dinamizar o conhecimento cartográfico nas salas de aula.

- Apresentar alternativa de aprendizagem significativa que possibilite fugir dos moldes tradicionais;
- Trabalhar interdisciplinaridade com as demais áreas do conhecimento;
- Construir um conhecimento solido nos(as) alunos(as) acerca da realidade;

Justificativa:

Possibilidade de prática pedagógica para iniciar a alfabetização cartográfica, fugindo da aprendizagem tradicional corroborando para um conhecimento mais crítico.

Possibilitar nos(as) estudantes uma linguagem cartográfica, reconhecendo o local para futuramente compreender o global

Conteúdos:

1. Introdução e definição de cartografia
2. Alfabetização Cartográfica, conceitos: mapa, escala, localização, orientação, legenda etc.

Materiais Necessários:

Livros didáticos, mapas, globo, maquetes, croquis, papel A-4, caixas de lápis de cor, giz, trena, compasso etc.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Duração:

De 3 a 6 aulas.

Produtos Gerados

Domínio cartográfico por parte dos(as) estudantes;

Linguagem cartográfica dos principais elementos e conceitos;

Elaboração de croquis/mapa da escola

Avaliação

Entrega do croqui/mapa com os elementos bases e suas definições.

Interdisciplinaridade

Sugere-se trabalhar com as disciplinas de Matemática e Arte.

Fonte: O Autor

Com isso, busca trabalhar a alfabetização cartográfica através de um jogo que está muito em alta, o *Among Us*. Essa prática foi pensada para ser trabalhada para o ensino fundamental I, mas não necessariamente somente com esse público. Uma indicação é a utilização dessa prática para o ensino médio que possui um arcabouço conceitual maior para problematizar questões mais abstratas e retratar aspectos que envolvam o espaço geográfico como: discutir sobre relações de poder no território, a Teoria da Produção do Espaço lançada por Henri Lefebvre (1970), que ressurge na contemporaneidade devido aos processos de urbanização e globalização, etc. nesse sentido, essa prática somada com a mediação do(a) docente fomentará para uma formação crítica dos(as) estudantes. (SCHMID, 2012)

Na figura 1 é destacado o manual do jogo, pode ser encontrado o passo a passo para a realização deste. Em um primeiro momento é preciso fazer a parte introdutória, conforme mostrado na sequência 1 – Parte teórica. Portanto, é preciso que a mediação feita pelo(a) educador(a) seja pautada nos conceitos fundamentais para compreender a linguagem



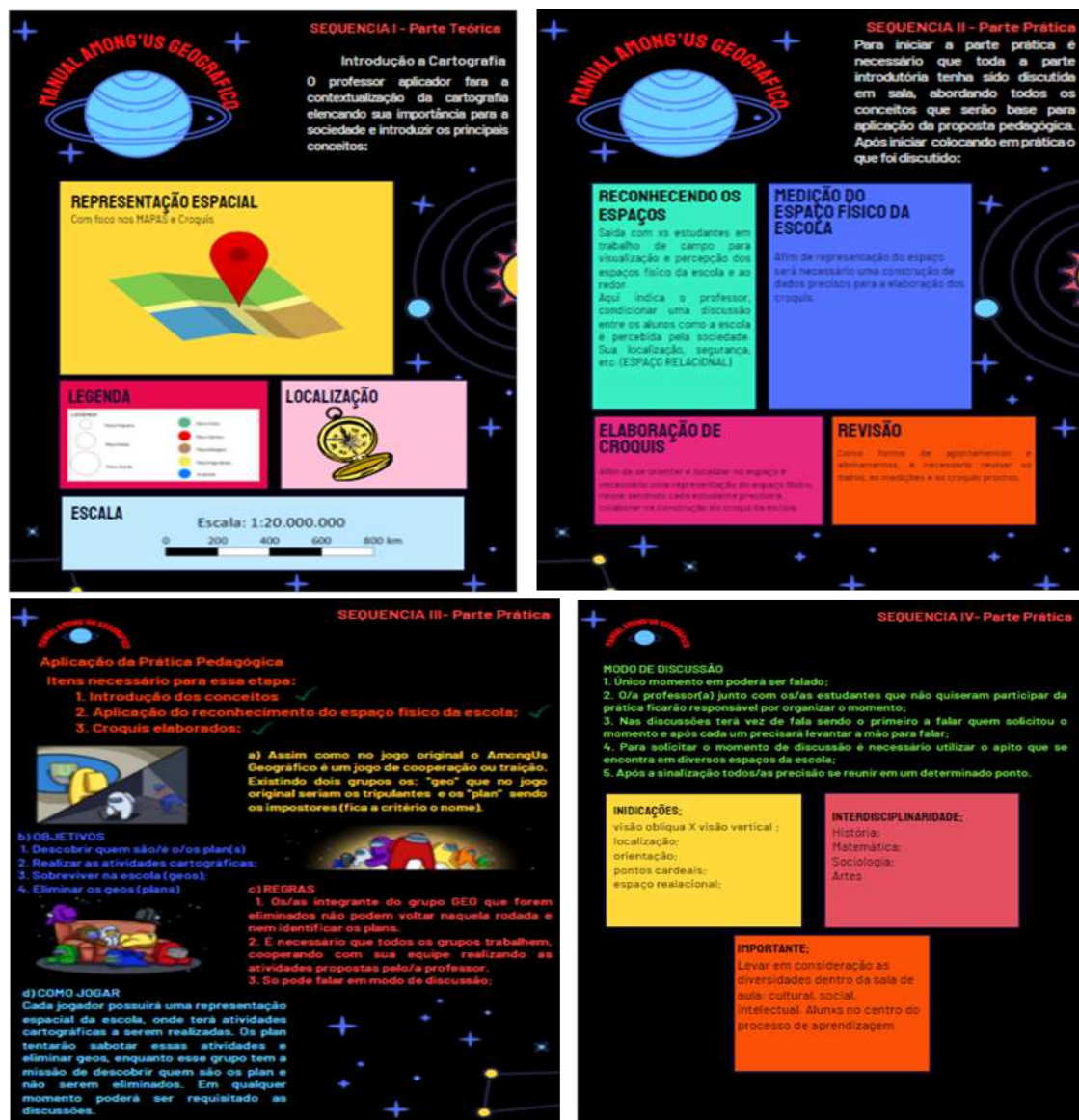
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

cartográfica que são: os conceitos de mapas, seus elementos, localização, as diferenças de escalas (numérica – gráfica), e ainda possibilitar que (as)os estudantes compreendam esses conceitos na prática.

Figura 1 - Manual Among Us Geográfico



Fonte: O Autor

A sequência 2 – Parte Prática, neste momento fica indicado os procedimentos necessários que acontecerão após a introdução dos conceitos cartográficos. Neste momento é interessante fazer um mini trabalho de campo na escola para o reconhecimento dos espaços e que seja iniciado a medição das áreas a fim de construir croquis que serão fundamentais para



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aplicação do jogo. Essa etapa será fundamental resgatar os conceitos aprendidos durante as aulas introdutórias, que servirão de suporte e poderão ser percebidos pelos(as) estudantes como se materializam na realidade, principalmente a escala. Pode ser destacado a conversão do tamanho do espaço real para uma representação cartográfica, outra indicação neste momento é o trabalho interdisciplinar que pode ser feito com a matemática que poderá dar suporte para os cálculos. Também sugere-se trabalhar com outras disciplinas podendo ficar a critério dos(as) aplicadores(as) da prática, uma sugestão é a disciplina de Arte que poderá dar sustentação para a confecção dos desenhos e pinturas dos mapas/croquis.

Na sequência 3 fica destacado a aplicação da prática com suas regras, objetivos e como jogar. Ainda aqui podemos destacar que após todo o processo elaborado o(a) docente conseguirá trabalhar com o desenvolvimento da visão oblíqua e visão vertical, instigar os(as) estudantes a desenvolverem noções de localização, potencializar a alfabetização cartográfica na leitura de mapas/croquis. Também fica indicado a possibilidade de trabalhar com conteúdo mais complexos como por exemplo: espaço relacional, influência externa que o espaço escolar recebe e vice versa.

O quadro 4 evidencia algumas sugestões de questões que podem ser realizadas na prática pedagógica, contudo, fica a critério do(a) educador(a) a elaboração de mais questões ou supressão das que estão como exemplo.

Quadra 4 – Exemplos de atividades cartográficas

Atividades Cartográficas:

- 1) Quais os tipos de escala existente na cartografia.
 - a) escala singular e escala plural;
 - b) escala numérica e escala gráfica;
 - c) escala superficial;
 - d) escala nuclear e padrão;
- 2) Quais das opções abaixo consta os elementos de um mapa;
 - a) legenda, cor, coordenadas geográficas, localização e escala.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

b) legenda, escala, e símbolos

c) legenda, escala, localização, título, esferas, números

d) legenda, escala, localização, título, coordenadas geográficas, orientação

3) Ao analisar o mapa abaixo indique o que está faltando

() Legenda;

() Números;

() Título;

() Oceano;

() Países;

() Cores;

() Orientação

() EUA;

() Escala;



4) DICA. Visualizando seu mapa vá até ao norte da escola no perímetro permitido. SALA DE INFORMÁTICA PARA O REFEITÓRIO

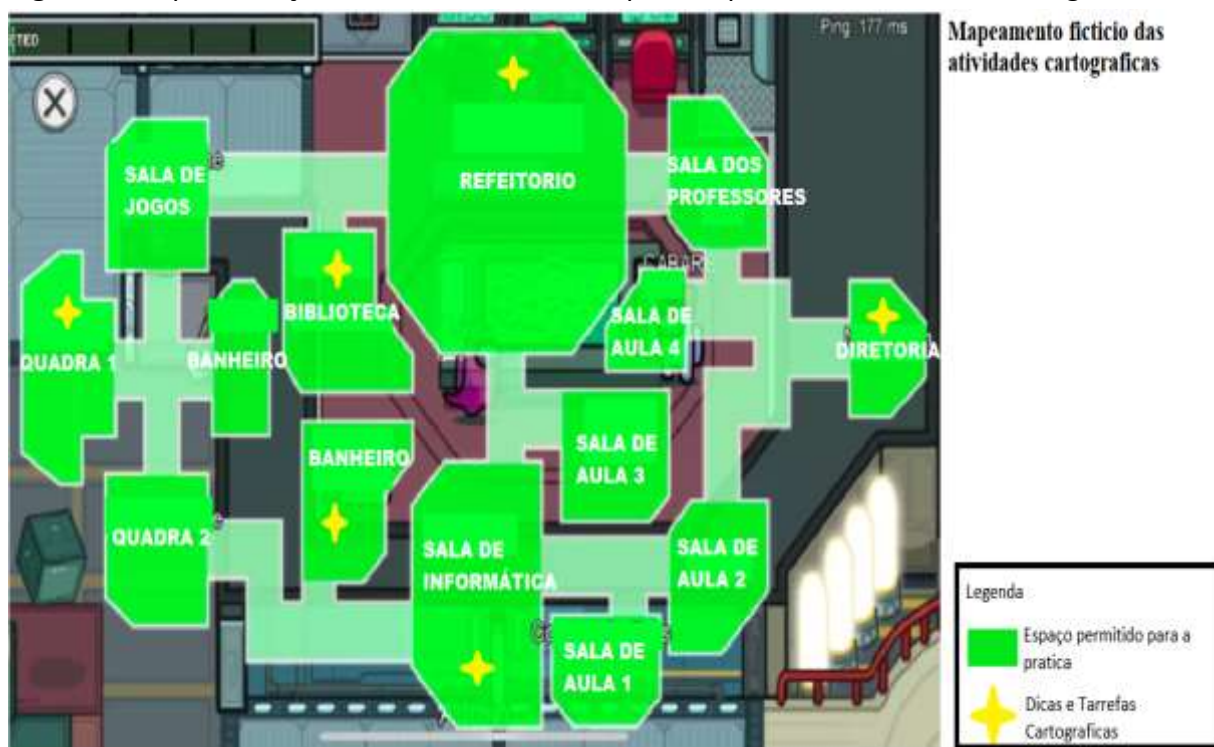
5) DICA. Visualize novamente seu mapa/croqui e vá até ao leste da escola considerando o perímetro permitido. REFEITÓRIO PARA DIRETÓRIA

Fonte: O autor.

As questões servem para os(as) estudantes fixarem o conteúdo, lembrando, que essas questões são parte do processo ensino-aprendizagem, nesse sentido, não serão limitadas apenas a questões decorativas mas sim para fixar os conteúdos, principalmente em relação aos elementos do mapas, considerando, que estes são a base para alfabetização cartográfica. As questões precisam estar espalhadas nos principais pontos da escola que deverão estar destacadas nos mapas/croquis que foram elaborados para que todos possam se localizar e orientar até os

pontos. O intuito das questões é revelar quais são os(as) alunos(as) que fazem parte do grupo PLAN, e ainda somar pontos para aqueles(as) que responder corretamente. O mapa/croqui deve estar sinalizando cada ponto que possuirá uma questão a ser respondida conforme mostra o mapa fictício na Figura2, portanto, todos(as) alunos(as) participantes da prática deverão se localizar e seguir até os pontos quando necessário para que seja possível responder as questões sugeridas. O não cumprimento dessas atividades, ou respostas incorretas farão que o grupo impostor vença.

Figura 2 - Representação de uma escola fictícia para se pensar as atividades cartográficas



Fonte: Elaborado a partir do Among Us.

O mapa fictício da foi elaborado a partir do mapa original do jogo *AmongUs*, que servirá para a localização. Contudo, esse modelo não necessariamente precisa ser utilizado, cada aluno(a) determinará a maneira da elaboração da representação gráfica da escola, contudo é primordial que para a confecção seja levado em consideração os elementos fundamentais que já foram discutidos afim de uma eficácia na realização da pratica pedagógica.

Considerações Finais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O processo de aprendizagem na modernidade é repleto de problemáticas, isso é potencializado quando se trata da cartografia. O desinteresse do(a) aluno(a) somado com a não capacitação do(a) docente em relação aos conteúdos cartográficos, aqui traduzidos para a geografia escolar, considerando a cartografia como um saber além da técnica. Resultam em uma inexpressividade deste conhecimento nas salas de aulas, essa situação se agrava quando pensado para além dos muros da escola, no cenário da sociedade que muitas vezes não enxergam a cartografia nas diversas atividades. Percebendo essa gravidade e a deficiência escolar foi pensado em uma proposta que busca dinamizar o processo de ensino considerando a aprendizagem significativa.

O Among Us Geográfico, ainda não aplicado, poderá ser útil na dinamização das aulas, acreditamos que a aprendizagem precisa ser feita através da mediação entre os saberes e nada mais eficiente que o jogo para cumprir com esse papel. Nesse sentido, o jogo contribuirá para uma formação mais crítica dos(as) estudantes, ainda despertará nestes(as) noções cartográficas importantes que hoje estão deixadas de lado. E além de todos os atributos positivos do jogo, não pode ser esquecido a relevância que este tem: um agente despertador de interesse e ainda motivador, colocando os(as) estudantes mais próximos dos conteúdos e desenvolvendo capacidades e possibilidades de compreender suas realidades. Portanto, espera-se dessa prática bons frutos, pois é pensado para o desenvolvimento junto e de encontro aos alunos(as).

Referências

- COELHO, V. M. **O jogo como prática pedagógica na escola inclusiva**. 2010. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade Estadual de Santa Maria, Conselheiro Lafaiete, 2010.
- CÂMARA, C. de, F; BARBOSA, M, E, S. Abordagem Cartográfica No Ensino De Geografia: Reflexões Para O Ensino Fundamental. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 5, p. 31-53, jul./dez. 2012
- CAVALCANTI, L. de D. A Geografia E A Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, **Anais do Seminário**, nov. 2010
- FITZ, Paulo, Roberto. Cartas, Mapas e Plantas. In: FITZ, Paulo, Roberto. **Cartografia Básica**. Nova Edição. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. p. 27 -31



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

FONSECA, R. L. Cartografia E Formação Docente: O Domínio Conceitual Cartográfico Na Formação Do Professor De Geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 10, n. 20, p. 1-13, jan./abr. 2019.

FRANCO, Maria, Amélia, Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

GEOHIBRIDA. Among Us Geográfico. Guirua, 25 fev.2021. **Facebook**: Geohibrida. Disponível em: <https://www.facebook.com/Geohibrida-583529728958152/videos/1666919513508025>. Acessado em: 27 fev 2021.

JAKES, J. L.; SOUZA, S. A. de; SILVA, I. C. da. Potencializando o raciocínio geográfico docente com a cartografia escolar. **Revista de Ensino de Geografia**. Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 127-145, jul./dez. 2016.

KIYA, M. C. da S., O uso de Jogos e de atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem. **Produção Didático-Pedagógica - Professor PDE**, Ortigueira V.II 2014.

MAGNOLI, Demétrio. **Geografia para o ensino médio**, 2ª. Ed. – São Paulo: Atual, 2012

MOURÃO, A. E.; LUCAS, E. E. Ações Investigativas E Didáticas No Processo De Formação De Professores E Nas Práticas Em Educação Da Cartografia No Ensino Médio. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**. v. 10 n. 13 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/11015>. Acesso em: 01 Jan 2021.

NEVES, D. A. das. **Letramento Cartográfico**: Legenda Vs. Proficiência Leitora No Gênero Textual Mapas. Brasília: UNB, 2015.

PISSINATI, M. C.; ARCHELA, R. S. Fundamentos da alfabetização cartográfica no ensino de geografia. **Geografia, Londrina** v. 16, n. 1, p. 169-195, jan./jun. 2007.

SCALZITTI, A. Cartografia: Processo Histórico De Constituição E Internalização Sociocultural Sob A Ótica De Vigotski. **Revista Ensino Geografia**, Uberlândia, v. 2, n. 3, p. 60-78, jul./dez. 2011

SCHMID, Christian. A Teoria Da Produção Do Espaço De Henri Lefebvre: Em Direção A Uma Dialética Tridimensional. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, nº32, p. 89- 109, 2012

SILVA, H. T. L. da; LIMA, S. D. de. **A Construção De Uma Alfabetização Cartográfica**: Oficinas Pedagógicas Do Pibid De Geografia – UERN. São Luís, ENG 2016.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007

VEIGA, I. P. A. Projeto de ação didática: Uma técnica de ensino para inovar a sala de aula. In: VEIGA, I. P. A. (Org.). **Técnicas de Ensino**: Novos tempos, novas configurações. São Paulo: Papirus, 2006 p.69-84



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ENSINO DE GEOGRAFIA DA ÁFRICA: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Damião Amiti Fagundes²

Resumo

Os estudos sobre o continente africano ampliaram-se consideravelmente a parte da promulgação da lei 10.639/03, em que estas diretrizes passaram a fazer parte do cotidiano escolar. O presente trabalho resgata uma prática realizada nas aulas de Geografia, tendo como ponto de partida o estudo da cartografia e a diversidade do continente africano. Objetivou-se problematizar estudos na categoria de escala local e global das regionalizações da África. Os resultados obtidos salientam a relevância da metodologia ativa utilizada para o desenvolvimento da sequência didática, colocando os alunos como protagonistas do processo ensino e aprendizagem. Conclui-se ainda que há muito a se fazer, para uma efetiva implantação dos estudos da temática africana no espaço escolar.

Palavras-chave: Geografia da África; Ensino aprendizagem; Cartografia da África.

Introdução

Os estudos sobre o continente africano eram poucos até a promulgação da lei 10.639/03, que preconiza a obrigatoriedade de se estudar a História, Geografia e a Cultura Afro-Brasileira e, em especial, nas aulas de Geografia, o estudo da Geografia da África. Sabemos que os livros didáticos do ensino básico sempre contemplaram o tema África, em especial os livros do ensino fundamental II. Já no ensino médio, alguns autores faziam apenas uma abordagem sobre o continente africano dando enfoque aos aspectos naturais e aos conflitos geopolíticos.

Na maioria das obras didáticas que se conhece sobre a Geografia da África não se dá a devida atenção para toda riqueza e diversidade do continente africano, sendo sempre apresentados seus problemas relacionados ao subdesenvolvimento econômico e à instabilidade política em algumas regiões do território africano.

²Mestre em Ciências da Educação pela Universidad San Carlos.(PY), professor de Geografia da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU) e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre-ES. E-mail. damiaogeofagundes@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dessa forma, na visão que é passada pelos educandos sobre o continente africano, seja nas transposições didáticas do professor ou através da leitura de manuais didáticos, encontramos uma ótica estereotipada, na qual sempre é visto como um continente da predominância da miséria, da fome e de guerras ou ainda de uma África fantasiosa, de uma rica fauna. Na disciplina de História, a Geografia da África é conhecida pelo esplendor da civilização do Egito Faraônico, localizado no nordeste do continente. Outros reinos e impérios são deixados de lado, ou mencionados de forma sintética, seja pela falta de conhecimento ou pela pequena carga horária semanal das disciplinas da área de Ciências Humanas.

Assim, o presente estudo é fruto de uma experiência de prática, fundamentado na metodologia ativa, nos estudos de Geografia da África e teve como aportes estudos e reflexões a partir de uma sequência didática realizada numa escola da rede pública, com a participação de trinta alunos do ensino médio.

Os objetivos elencados na pesquisa foram de uma análise de como a temática dos estudos africanos são trabalhados em sala de aula, tendo respaldo legal nas diretrizes da lei 10.639/03. Procurou-se também identificar a interação dos educandos nos estudos geográficos, em especial da iniciação da alfabetização cartográfica, com ênfase em conhecer a territorialidade do continente africano.

Sabemos que os estudos da Geografia Escolar na contemporaneidade vêm sendo muito valorizados, em especial em contraposição à Geografia Tradicional que, ao longo de muitos anos, perdurou no espaço da sala de aula. O estudo da Geografia permite múltiplos olhares sobre o fazer/ensinar e aprender em sala de aula. São muitos os campos da Geografia na atualidade, possibilitando o professor a realizar trabalhos exitosos com seus educandos, seja através de pesquisas na internet, na biblioteca da escola ou em pesquisas de campos, tendo como objeto de estudo o seu bairro, sua cidade e seu estado. O próprio Currículo Básico Comum (CBC) da rede estadual de ensino do Estado do Espírito Santo valoriza as várias escalas e redes de saberes geográficos, tendo como eixos norteadores: lugares e paisagens, territórios e regiões o espaço geográfico de vivência.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento

Desde a implementação da proposta curricular do Estado do Espírito Santo que o ensino de geografia passou de um ensino descritivo dos elementos que a fundamentava, para uma Geografia na qual o professor e o educando passam a compreender o estudo da geografia como lugar de debates e reflexões de um espaço geográfico cada vez mais mundializado e dominado pelo capitalismo hegemônico e excludente.

Assim, no Currículo Básico Comum (2009), mais popularmente conhecido como CBC, preconiza-se que:

[...]a Geografia que hoje se ensina nas escolas, derivada do corpo teórico-prático da ciência geográfica, se produz com marcas de sua historicidade e se projeta com desejos de um tempo presente que se quer melhor no futuro denominação, mas ganha a amplitude de uma Geografia que se pretende impregnada e compromissada do/com o cotidiano, buscando potencializar características significativas de suas diferentes concepções construídas em seu processo histórico: da Geografia Tradicional mantém-se a proposta de que é preciso saber Geografia para fazer Geografia, (re)afirmando a necessidade da aprendizagem de conteúdos e de estudos compromissados com a vida; da Geografia Quantitativa resgata-se a possibilidade de análises importantes dos processos geográficos, subsidiadas por recursos tecnológicos cada vez mais sofisticados; da Geografia Nova aproveita-se a concepção da atividade como base para uma aprendizagem não restrita à reprodução e sim ao aprender a aprender e ao aprender a fazer; da Geografia Humanística reforça-se a abordagem sensível aos problemas das sociedades, numa perspectiva de construção de um mundo melhor; da Geografia Crítica amplia-se o compromisso com a leitura crítica de mundo e com uma escrita de vida baseada na manutenção da sustentabilidade do planeta e da dignidade humana no trabalho e no consumo (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 105).

Não podemos mais ficar mais preocupados com uma Geografia que privilegia os conteúdos a serem ensinados determinados pelos planos de ensino, mas o professor passa também com a sua prática e experiência em sala de aula a fazer uma seleção dos conteúdos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

significativos norteados pelo Currículo Básico Comum e pela Base Nacional Curricular Comum, que entrou em vigor em 2017.

Nessa perspectiva, as mudanças são efetivadas a partir da lei 10.639/03, que coloca os estudos da cultura afro-brasileira como obrigatórios numa abordagem que enfoca multiplicidades de questões para serem resgatadas historicamente na luta dos povos afro-brasileiros e africanos no espaço da sala de aula.

Isso pode ser visto em especial no estudo da Geografia da África, no qual velhos estereótipos vão sendo descortinados, antes uma África vista apenas nos estudos abordando o Egito Antigo, ou como já falamos seus aspectos naturais e físicos, agora podemos pensar em uma África múltipla em toda sua diversidade cultural, social e de povos.

Pantoja (2011) aponta na introdução da sua obra de estudos africanos, intitulada de “Uma Antiga Civilização africana: história da África Central Ocidental”, que:

A ideia de uma única África, homogênea na sua identidade, tem aparecido na forma de um preconceito constante, difícil de romper. A imagem de uma África única perpassa os meios de comunicações e as próprias tradições mentais. Contra essa visão corriqueira, basicamente pretendemos mostrar a rica diversidade existente numa única região do continente. Para isso, será importante salientar a história das ideias, civilizações, sociedades e instituições na África Centro Ocidental. Dessa forma, o estudo se restringe a uma zona ocidental dentro da região conhecida como África Central. Porém, apesar dessa rica diversidade civilizacional, o continente mantém os elementos que lhe dão coesão e garantem o reconhecimento do seu patrimônio cultural africano (PANTOJA, 2011, p. 09).

Assim, estudar a Geografia da África é descortinar esses preconceitos que foram impostos por uma Geografia Tradicional colonialista europeia, fruto da geopolítica imperialista do mundo no Século XIX e do comércio Transatlântico de escravos, que perdurou por séculos na História do Brasil. Não podemos estudar as Ciências Geográficas sem mencionarmos o papel da História como ciência auxiliar, na temporalizações e historização dos acontecimentos frutos de um racismo estrutural presente nos dias atuais na nossa sociedade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Por outro lado, o saber geográfico ficou sintonizado com estas mudanças ocorridas pela legislação e pela renovação que ocorreu nos estudos geográficos, incorporando novas temáticas e novas abordagens. Essa própria ideia de uma África homogênea foi também refutada pela Nova Geografia, buscando uma descolonização de uma África forjada no imaginário popular como lugar de domínio e de sujeição aos padrões impostos pelo capital hegemônico de espoliação das riquezas africanas.

Para os estudos do continente africano, ficou clássico o estudo da regionalização da Geografia da África. O próprio conceito de região já foi exaustivamente estudado pela geografia.

Vieira (2013) aponta que:

Com relação ao domínio da ciência geográfica, Gomes aponta que as tentativas de "elevar" o conceito de região ao nível de um conceito científico têm se verificado como fundamentais na Geografia, mas as dificuldades são muitas. Nesse sentido os geógrafos passam, então, a adjetivar a noção de região como uma tentativa de diferenciá-la de seu uso pelo senso comum. Nos últimos dois séculos, segundo esse autor, muitos conceitos de região surgiram, os quais se contextualizam em diferentes paradigmas da Geografia. Sobre a história dos conceitos de região e as respectivas correntes do pensamento geográfico, importantes contribuições foram oferecidas por Corrêa (2003). Esse autor, em um resgate da história da construção dessa ciência, nos esclarece o conceito de região construído por três correntes teóricas da Geografia, quais sejam, a da Geografia Tradicional, da Nova Geografia, da Geografia Crítica e da Geografia Humanista (VIEIRA, 2013, p. 24).

Assim são contribuições das Ciências geográficas que o conceito de região foi solidificando e sendo utilizado para estudos de um país ou continente. No caso do continente africano, suas regiões foram determinadas através de tratados e dominação sofridos pela civilização africana. Nas pesquisas de Parada (2013), estas delimitações de regiões do continente africano também fazem parte do cenário que se configurou no mundo pós-Segunda Guerra Mundial. Assim, ele salienta que:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Mesmo as experiências consideradas “centrais” na história mundial, derivadas de fatores importantes como a Guerra Fria, foram inteiramente refeitas e reinventadas a partir do momento em que o “Terceiro Mundo” se transformou em palco do conflito entre capitalismo e comunismo. Por isso a África, na segunda metade do século XX passou a integrar esse “Terceiro Mundo” tão diverso quanto a própria África como continente. A Guerra Fria transformou as colônias europeias da África em uma área de revoluções, golpes de Estado e conflitos armados que fizeram da descolonização um mosaico muitas vezes formado de ouro em cadáveres (PARADA, 2013, p.110).

Neste contexto podemos perceber como os estudos da Geografia da África são relevantes no espaço escolar, para temos uma outra ótica em relação ao continente africano. Ou como afirma Hernandez (2008) que, para estudar a África:

Sugere também uma crítica à natureza de um imaginário social de desprezo do Ocidente “civilizado” por um continente “sem história”, povoado por homens definidos pela negação de sua natureza humana, porquanto marcados pela “selvageria” característica dos “primitivos”. Apontam, ainda, a articulação entre colonialismo e racismo, par dicotômico constante na história da humanidade. Deixam à mostra, portanto, as raízes das justificativas para a arbitrariedade e a opressão presentes nas relações estabelecidas entre ocidentais e africanos, desde o século XV, com o início do “processo de roedura” do continente e reforçadas com o imperialismo colonial de fins do XIX (HERNANDEZ, 2008, p.44).

A Sequência Didática

Para o desenvolvimento da sequência didática, foram utilizadas seis aulas de geografia, sendo cada aula de 50 minutos, perfazendo uma duração de três semanas, uma vez que foi escolhido para aplicação desse trabalho o terceiro ano do ensino médio, todos alunos são oriundos da zona urbana e de uma escola pública de ensino.

Sobre a metodologia de se utilizar a sequência didática na aula de geografia, destacamos que:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É importante considerar, ao planejar uma sequência didática, as relações interativas entre professor/aluno, aluno/aluno e as influências dos conteúdos nessas relações, o papel do professor e o papel do aluno, a organização para os agrupamentos, a organização dos conteúdos, a organização do tempo e espaço, a organização dos recursos didáticos e avaliação (BATISTA, 2010, p.83).

Esta atividade comunga com a seguinte fala de Castogiovani (2007):

No ensino fundamental e o médio, deve ser, acima de tudo, desafiadora, capazes de despertar o interesse dos alunos para resolução dos problemas que a vida apresenta. Hoje, na chamada pós-modernidade, a escola deve proporcionar os caminhos necessários para que os sujeitos/alunos possam compreender o cotidiano, desenvolvendo e aplicando competências. Para que essa mudança ocorra, os professores e a instituição da escola, na sua complexidade, devem estar comprometidos com o que chamamos de fazer sociedade com cidadania” (CASTROGIOVANI, 2007, p.44).

A sequência didática foi pensada tendo em vista três semanas, uma vez que a disciplina dispõe de apenas duas aulas semanais na grade curricular.

Concordamos com Kimura (2010) quando afirma:

O tempo escolar, entendido aqui como o tempo total ou o conjunto de anos de escolarização de um nível de ensino, organiza-se em séries, ciclos ou módulos de ensino. Dependendo dessa organização, os processos de ensino-aprendizagem e de avaliações serão afetados. Assim, também, o tempo escolar pode definir o tempo destinado aos turnos e às aulas de cada componente curricular. (KIMURA, 2010, p. 27)

Assim, o tempo escolar estipulado para o desenvolvimento da sequência didática levou em conta o número de aulas de Geografia por semana, sendo desenvolvido o trabalho em sala de aula e problematizado da seguinte forma:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Primeira semana, com duas aulas de cinquenta minutos cada, o professor fez uma explanação do continente africano utilizando o aparelho multimídia com exibição de slides sobre os aspectos do continente africano. Em seguida, foram levantados os seguintes eixos temáticos para aprofundamento de estudos: África: o meio natural; A África: e o imperialismo; África: populações regionalização e economia; A África no processo de globalização; e África e suas relações com o Brasil: do período do pós-abolição até a atualidade.

Ainda com base na fala de Kimura (2010) fica evidente que:

É importante que se tenha consciência de que os chamados conceitos geográficos são uma interpretação parcial da realidade. Constitui-se parte do nosso fazer-pensar apropriar-se com rigor desses conhecimentos geográficos. Porém, também é necessária sua ultrapassagem para irmos além dos mesmos, pois a realidade nos evidencia essa realidade. A superação é, por excelência, condição do professor, uma vez que, por sua atribuição, ele é antes de tudo um pensador, um pesquisador, um educador. (KIMURA, 2013, p.67)

Na segunda semana, os alunos apresentaram suas pesquisas em forma de seminários com a mediação do professor e, como atividade complementar, pintaram mapas do continente africano, utilizando lápis de cor, caneta hidrocor e giz de cera entre outros materiais, como mostra a Figura 1:

Figura 1: Alunos pintando mapa mudo



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Esse momento da sequência da didática com os educandos foi pensado no objetivo de identificar através do mapa mudo para colorir e nomear as principais regiões do continente africano, foi proposto com o intuito de também trabalhar a alfabetização cartográfica, uma vez que, em anos anteriores, o professor percebeu a necessidade dos alunos reconhecerem no mapa os seus principais elementos, veja figura 2. Assim, percebe-se que trabalhar mapas com os alunos é um desafio a ser superado, pois, segundo Passini (2012):

O objetivo do ensino de Geografia e Cartografia deve ser o desenvolvimento da autonomia intelectual. Para esse objetivo amplo, mas estruturante para a cidadania, o caminho metodológico escolhido é o da formação de atitude investigativa, educar o pesquisador, o geógrafo e cartógrafo. Avançar nos três níveis de leitura de mapas, atendendo a percepção e ritmo das crianças (PASSINI, 2012, p.91).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Aprofundando nesses estudos, Moraes (2010) chama esse momento de alfabetização cartográfica de alfabetização científica, em que o aluno no processo de aprender com a utilização do mapa oportuniza a reelaboração do conhecimento científico.

Figura 2: momento de alfabetização cartográfica



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Segundo o geógrafo Augusto César Pinheiro da Silva (2014), percebe esse momento como de letramento cartográfico, no qual a utilização constante de mapas nas aulas de Geografia contribui para:

A apropriação da linguagem cartográfica permite à prática docente contextualizar espacial e historicamente uma época, um movimento artístico ou político, uma proporção ou mediação de território e até mesmo o próprio estudante em seu tempo e espaço (SILVA, 2014, p.16).

Ainda salienta que:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A cartografia escolar é um processo de aquisição de linguagem, que ocorre em diferentes graus. Esses níveis são, inicialmente, relacionados com a instrução escolar; posteriormente, se desenvolvem pelas práticas sociais dos indivíduos. (Letramento). É importante observar que essa construção não somente responsabilidade do professor de Geografia, mas de todos os professores que trabalham com leitura e escrita (SILVA, 2014, p17).

Dando continuidade à sequência didática, na terceira e última semana do desenvolvimento da temática sobre a Geografia da África em sala de aula, os alunos partiram para a confecção de um mapa do continente africano utilizando materiais recicláveis e de baixo custo, conforme pode ser visto nas figuras 3, 4 e 5, e contou com a mobilização dos discentes em classe.

Com orientação do professor, os estudantes foram divididos em grupos em que cada um teve uma função específica, aproveitando as habilidades e competências de cada um. Os que gostavam de pintar ficaram responsáveis pela pintura, levando em consideração as convenções cartográficas das cores e seus significados num mapa.

Nesta etapa os alunos utilizaram também jornais velhos e cola para fazerem a massa de suporte dos aspectos físicos do mapa. Todo esse processo foi sendo avaliado pelo professor mediador da sequência didática.

Figura 3: Momento de produção da maquete do continente africano com material de baixo custo.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Quando os alunos manuseiam os materiais para a confecção de um mapa, eles ressignificam sua própria maneira de perceberem o mundo na atividade de alfabetização cartográfica, na elaboração da escala, da legenda e nas cores que compõem a densidade demográfica de um mapa.

Para Passini (2012):

Esta atividade ajuda o aluno a articular significado e significante e perceber que, para o mesmo significado, pode-se criar vários significantes. Pode esclarecer também que o significado é o que existe em nosso pensamento, o conteúdo que a nossa mente concebe. É um desafio que obriga o aluno a entrar no conteúdo, entendê-lo em suas relações e trabalhar o conjunto de significantes que melhor representa o objeto proposto. A densidade demográfica é em si uma abstração, por ser um conceito relacional: relação entre a quantidade de pessoas e o espaço ocupado por elas (PASSINI, 2012, p.124)

Figura 4: Continuação de montagem da maquete sobre o continente africano, momento de escolha das cores, de calcular a legenda do mapa de outros elementos cartográficos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Enfim, participar na elaboração de mapas confeccionados pelos alunos, além de ser um espaço de aprendizagem a partir do que a representação cartográfica nos mostra, mas também ver os alunos tendo um momento de socialização e interação entre eles, a partir de uma atividade prazerosa, na qual os educandos sintam-se partes do objeto de estudo, não como um conteúdo distante da realidade deles, enquanto cidadãos participativos e ativos no espaço local ou global.

Cavalcante (2012) afirma que:

Na escola, portanto, o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão, ainda, da cultura da escola. A tensão entre a seleção a priori de um conhecimento, a organização do trabalho pedagógico na escola e a identidade de alunos e professores devem ser a base para a definição do trabalho docente. Nesse sentido, ensinar geografia é abrir espaço na sala de aula para o trabalho com os diferentes saberes dos agentes do processo de ensino – alunos e professores (CAVALCANTE, 2012, p. 45)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

São esses diferentes saberes que devem permear o espaço da sala de aula em especial nas aulas de geografia.

Figura 5: Finalização da confecção do mapa.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

O uso de cartografia temática é uma forma de fazer com que os educandos compreendam o mundo, através um processo ensino aprendizagem de alfabetização cartográfica, suas relações de rede, com suas múltiplas conexões com as civilizações africanas.

Na sua diversidade cultural e social, o continente africano deve ser apresentado nas suas diferentes dimensões de estudos, tanto regional como cultural ou até mesmo sociolinguística.

Para Anjos (2014):

Os mapas, por sua vez, são historicamente as principais representações gráficas do mundo real e se firmam como as mais relevantes ferramentas na interpretação e leitura do território, possibilitando revelar a territorialidade das construções sociais e feições naturais do espaço e, justamente por isso, mostram os fatos geográficos e os seus



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conflitos. Estes possibilitam revelar graficamente o que acontece na dinâmica do espaço e tornam-se cada vez mais imprescindíveis, por constituírem uma ponte entre os níveis de observação da realidade e a simplificação, a redução, a explicação e de pistas para a tomada de decisões e soluções dos problemas. É importante lembrar que um mapa não é o território, mas que nos produtos da cartografia estão as melhores possibilidades de representação e leitura da história do território (ANJOS, 2014, p.334).

Por outro lado, sabemos que os mapas são frutos de construções históricas, da produção de representações sociais e políticas, nos quais a cartografia é utilizada para legitimar determinadas verdades impostas por grupos dominantes desde tempos remotos. No entanto, com os estudos recentes, a cartografia tornou-se uma aliada na produção do conhecimento científico de diversos campos do saber, auxiliando a Sociologia, a Antropologia, entre outras áreas.

Assim, produzir um mapa ou fazer sua leitura é descortinar os frutos ideológicos e históricos em que ele foi produzido. Como salienta Anjos (2014), por meio dos mapas podemos dar vozes aos povos invisibilizados no processo de exclusão social.

Resultados e Métodos

As reflexões realizadas ao longo do trabalho são frutos de uma experiência realizada em sala de aula tendo como metodologia ativa em Geografia. Por metodologia ativa nas aulas de geografia, podemos entender uma mudança de postura do professor ao deixar a sua posição tradicional e de apenas transmitir os conteúdos, agora ser um educador atuante em que procura vivenciar na sua prática, reelaborando seus saberes para que os alunos possam pensar criticamente.

Para uma aula de geografia mais dinâmica, o processo possui diversos recursos como aliados para que a aprendizagem possa ser efetivada. Para Moram (2014), o professor dispõe de uma infinidade de estratégias metodológicas para efetivar uma boa aula, por exemplo:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dentre as diversas estratégias que podem ser usadas para se conseguir ambientes de aprendizagem ativa em sala de aula, destacamos as seguintes:

- Discussão de temas e tópicos de interesse para a formação profissional.
- Trabalho em equipe com tarefas que exigem colaboração de todos. – Estudo de casos relacionados com áreas de formação profissional específica.
- Debates sobre temas da atualidade.
- Geração de ideias (brainstorming) para buscar a solução de um problema. – Produção de mapas conceituais para esclarecer e aprofundar conceitos e ideias.
- Modelagem e simulação de processos e sistemas típicos da área de formação.
- Criação de sites ou redes sociais visando aprendizagem cooperativa.
- Elaboração de questões de pesquisa na área científica e tecnológica (MORAN, 2014, p.8)

Rocha (2014) aponta para este pensamento quando afirma que:

O importante é compreender a proposta do método, em que o professor deve assumir os papéis de facilitador, orientador, moderador e observador e o aluno o de protagonista da sua aprendizagem e que a sala de aula deve ser o palco dos debates sobre o aprofundamento dos conteúdos sob a orientação do professor, o momento em que o professor se dedica à medição da avaliação da aprendizagem, ao esclarecimento de pontos conflitantes sobre a compreensão e apropriação do conteúdo antecipado (ROCHA, 2014, p.3).

Entendemos que uma Geografia crítica deve ser uma mudança da práxis educativa. Nesta atividade de sequência didática sobre Geografia da África, os resultados esperados foram alcançados, na medida em que os alunos tiveram uma participação efetiva ao longo do processo ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com o respaldo na lei 10.639/03, um leque de campos de estudos passou a ser estudado e debatido em sala de aula. Assim, com uma aula em que os alunos interagem no processo de aprender, percebemos uma mudança de atitude dos alunos frente às visões negativas que tinham sobre o continente africano.

Numa outra dimensão além do continente africano e suas diásporas, poderíamos levantar questões sobre o movimento negro brasileiro e sua importância, na construção da nação brasileira.

Abreu (2012) pondera que:

Dos anos 1990 para cá, houve um significativo aumento de discussões sobre ações afirmativas e direitos de reparação para as populações afrodescendentes no Brasil, assim como intervenção das políticas de Estado na questão. Mas, sem dúvida, seus fundamentos repousam na Constituição Federal de 1988, quando ficou clara a necessidade de implementação de medidas capazes de promoverem, de fato e como requisito da democracia, a igualdade sancionada pela lei e a valorização da diversidade étnica e cultural brasileira. (ABREU, 2012, p.108).

As questões levantadas por Abreu (2012) nos faz pensar que estas possibilidades de estudos africanos em sala de aula necessitaram da força da lei, como a nossa Carta Magna e, posteriormente, a 10.639/03.

Considerações finais

A discussão realizada neste artigo aponta novas abordagens no ensino de Geografia da África, tendo como possibilidade de uma aula mais dinâmica com a realização de diversas estratégias metodológicas. O amplo leque de para uma efetivação de uma aula na qual os alunos passam a ser sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, tendo como ponto de partida uma sequência didática com ênfase nos estudos sobre cartografia do continente africano. Foram descortinados através desta sequência didática os mitos de uma África homogênea, mas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

partindo do princípio da multiplicidade de estudos e da riqueza que o tema possibilita em sala de aula.

Por fim, este trabalho teve a intenção de buscar compreender como a Geografia da África pode ser trabalhada em sala de aula, tendo como pilar a construção de conhecimento mediado pelo professor. Vimos também que tais temáticas eram silenciadas em sala de aula e que, a partir da efetivação da lei 10.639/03, muitos debates e trabalhos começaram a resgatar a história da civilização africana com suas conexões com o Brasil, tendo como ponto de partida as diásporas africanas desde o início do processo de nossa colonização.

Referências

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. Geografia, Cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia – USP**, Volume Especial Cartogeo, p. 332-350. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/Lenovo/Documents/Semana%20de%20Geografia%20UEL%202021/GEOGRAFIA_CARTOGRAFIA_E_O_BRASIL_AFRICANO_ALGUMAS_.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47. Disponível em: <file:///C:/Users/Lenovo/Documents/Semana%20de%20Geografia%20UEL%202021/A%20%E2%80%9C9CGEOGRAFIA%20DO%20ALUNO%E2%80%9D%20COMO%20REFER%C3%80NCIA%20DO%20CONHECIMENTO%20GEOGR%C3%80FICO.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Para entender a necessidade de práticas prazerosas no ensino de geografia na pós-modernidade. In: REGO, Nelson; KAERCHER, Nestor André (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL: Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2004. Brasília, 2003. Disponível:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 02 abr. 2021.

BATISTA, Rozilene da Costa (Org.). **Sequência Didática–Ponderações Teórico-Metodológicas**. XVIII ENDIPE. Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira. Disponível em: https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_9937_37285.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Org.). **O Negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de História**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves. **A África na sala de aula: visita a História Contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

MORAES, J. V. de. **A alfabetização científica, a resolução de problemas e o exercício da cidadania: uma proposta para o ensino de geografia.** 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://observatoriogeohistoria.net.br/geografia-2/a-alfabetizacao-cientifica-a-resolucao-de-problemas-e-o-exercicio-da-cidadania-uma-proposta-para-o-ensino-de-geografia/>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MORAN, José. **Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda.** Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/?page_id=29. Acesso em: 02 abr. 2021.

ROCHA, Enilton Ferreira. **Metodologias Ativas: um desafio além das quatro paredes da sala de aula.** Disponível em: http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias_Ativas_alem_da_sala_de_aula_Enilton_Rocha.pdf. Acesso em: 02 abr. 2021.

PANTOJA, Selma. **Uma Antiga Civilização africana: história da África Central Ocidental.** Brasília: Editora da UNB, 2011.

PARADA, Maurício (Org.) **História da África Contemporânea.** Rio de Janeiro, Editora: Pallas, 2013.

PASSINI, Elza Yasuko. **Alfabetização cartográfica e a aprendizagem de Geografia.** São Paulo: Cortez Editora,

SILVA, Augusto César Pinheiro (Org.). **Educação geográfica em foco.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

VIEIRA, Noemia Ramos. O conceito de região e o ensino de geografia: desencontros entre o saber escolar e o saber acadêmico. **Revista Formação**, v. 1, n.20, p. 21-37, 2013. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2301>. Acesso em: 02 abr. 2021.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas.** São Paulo: Contexto, 2010.

**A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA PARA O ENSINO EM SALA DE
AULA**



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Daniel Vieira Raphi³

Jean Marcos Alves Pereira⁴

Junior Adriano Sofiati⁵

Resumo

O artigo apresentado em seguida tem como objetivo principal mostrar como os conceitos de cibercultura podem desempenhar um papel importante para o ensino de Geografia, e como também as tecnologias digitais são importantes para a formação dos professores para uma melhor atuação em sala de aula no ensino da Geografia.

Palavras-chave: Ensino; Geografia; Tecnologias digitais, Cibercultura, Sala de aula.

Introdução

O presente artigo apresentado vai discutir alguns pontos importantes e cruciais para o desenvolvimento do ensino de Geografia. Alguns conceitos importantes como cibercultura e tecnologias digitais surgem revolucionando o ensino e o aprendizado em sala de aula, de maneira significativa e positiva.

Primeiramente, este artigo vai apresentar um breve resumo explicativo sobre os esses conceitos, que estão representados pelas palavras-chaves, como surgiram e de que maneira esses conceitos colaboram para o avanço do aprendizado de Geografia. Porém, dentre todos os conceitos gostaria de deixar em evidencia e fazer uma abordagem mais técnica e específica sobre o uso das tecnologias digitais em sala de aula.

Em seguida, o artigo vai tratar de fazer uma abordagem mais completa, apresentando um enumerado de dificuldades que são encontradas dentro de sala de aula, principalmente pelos professores, que prejudicam o aprendizado e o conhecimento de Geografia, fazendo com que de maneira significativa o ensino de Geografia caia de produção nos tempos atuais.

³Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. daniel.vieira.raphi@uel.br

⁴Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. jean.marcos.alves@uel.br.

⁵Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. junior.sofiati@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O ensino de Geografia tem se mostrado cada vez mais necessário dentro de uma sociedade, porém, falta a iniciativa de ser abraçada como algo que realmente tem o poder de revolucionar todo o espaço e dar um novo sentido para o futuro da sociedade em que vivemos.

Por fim, este artigo tem como objetivo produzir em cada leitor uma nova visão sobre o ensino de geografia e sua importância para a sociedade, de forma a impulsionar a construção de novos cidadãos críticos que se utilizam dos conhecimentos adquiridos através da sala de aula para revolucionar o meio em que vivem.

Desenvolvimento

Cibercultura

Cibercultura pode ser compreendida como uma cultura adquirida a partir da rede de computadores ou de outros suportes tecnológicos, como por exemplo os celulares. Essa apropriação cultural acontece através da comunicação virtual, a indústria do entretenimento e o comércio eletrônico, pelo qual se configura o tempo presente. A origem dessa palavra cibercultura está associada com o prefixo cyber, que deriva da palavra inglesa *cybernetics* (GOIS, 2018).

A Cibercultura aparece mais forte a partir da década de 1970, graças a convergência das telecomunicações com a informática. A cultura contemporânea é marcada pelas tecnologias digitais, que surgem como resultado da evolução da cultura moderna. Pode se considerar cibercultura também o estudo de vários fenômenos sociais associados a internet e a outras formas novas de comunicação em redes, como por exemplo as mensagens de texto, jogos sociais, as comunidades on-line, as mídias sociais e etc, incluindo várias questões relacionadas a identidade, privacidade e rede (GOIS, 2018).

O termo mais importante da cibercultura é o ciberespaço. Se trata do espaço que abrange todo desenvolvimento e apropriação dessa cultura virtual, apresentando três conceitos específicos para o seu meio, sendo eles a interconexão, criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. Porém, o conceito mais importante até então para a cibercultura é a interconexão. A cibercultura aponta para uma sociedade da telepresença generalizada,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

constituindo pela sua interconexão a humanidade em um contínuo sem fronteiras, englobando os seres e as coisas através da comunicação virtual.

Saindo um pouco do significado e da origem da cibercultura, gostaria de trazer aqui de que forma ela contribui para o ensino de geografia e para as dinâmicas que procedem o aprendizado dentro da sala de aula. Com a apropriação da cibercultura, nota-se uma mudança muito qualitativa em meio aos processos de aprendizagem. A chegada de alguns dispositivos informatizados de aprendizagem em grupo para o ensino de geografia são especialmente concebidos para vários bancos de dados e para o uso de conferências e correios eletrônicos. Estamos falando então, da aprendizagem através de grupos cooperativos por meio dos computadores. Essas chamadas “redes” de ensino virtual abrangem campos virtuais, onde os professores e os alunos podem dividir seus conhecimentos e partilhar de recursos materiais e informacionais provenientes do meio tecnológico e da cultura on-line. Uma das principais consequências positivas da cibercultura para o aprendizado e para o ensino de geografia mais especificamente é que com a chegada dessas redes virtuais, os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus conhecimentos como suas práticas disciplinares pedagógicas. A grande questão que produz a apropriação a cibercultura é então uma transição ou passagem de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas, para uma situação de troca generalizada de conhecimentos através das redes de ensino virtuais.

De maneira geral, a cibercultura se trata de algo que veio para somar dentro do ensino de geografia e para o aprendizado. Outros meios que vão revolucionar o ensino de geografia, que vamos falar em seguida, são a implantação das tecnologias digitais dentro do ensino e do aprendizado.

TDIC: Tecnologias digitais da informação e da comunicação

A implantação das tecnologias digitais da informação e da comunicação revolucionou o ensino de Geografia e das outras ciências também. Data-se que o estudo sobre o uso dessas tecnologias digitais no processo ensino aprendizagem não são recentes na educação. A implantação se inicia no término do século passado, quando são introduzidos nas escolas os



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

computadores, onde através deles são feitos vários estudos para se entender e identificar estratégias para essa utilização que torna-se produtiva para o aprendizado, com a finalidade de melhorar a qualidade de ensino.

Porém, podemos considerar que o envolvimento das instituições de ensino juntamente com os professores e com os demais profissionais da educação, nesse processo de implementação das tecnologias digitais da informação e da comunicação se trata de um desafio muito grande. Dentro desse contexto de apropriação das Tecnologias digitais em sala de aula, passam a revigorar algumas relações importantes. Skinner por exemplo, em meio ao século XX elaborou suas máquinas de aprender e a metodologia do ensino programado, sendo o pioneiro a fazer o uso das tecnologias digitais e a referir-se a ele como um processo que determina e melhora a qualidade de ensino e aprendizagem.

Já a implantação do uso do computador tem sua origem na década de 60, quando Papert desenvolve comandos gráficos em uma linguagem específica para o computador chamado Logo. Em 1975 foi construído o primeiro microcomputador nos EUA, ocasionando um aumento de seus fins pedagógicos em sala de aula.

Hoje em dia, vemos que a sociedade e a educação, como um todo, passam por diferentes demandas em relação ao uso das tecnologias digitais de informação e comunicação. Porém, sua implantação trata-se de algo muito colaborativo para o ensino, pois oferece suporte ao novo paradigma da educação nos tempos em que vivemos. Com isso, afirma Prensky: [...]

[...] “A tecnologia atual, no entanto oferece aos alunos todos os tipos de ferramentas novas e altamente eficientes para que possam aprender sozinhos – desde a internet com todo o tipo de informação para procurar e ferramentas de busca para descobrir o que é verdadeiro e relevante, até ferramentas de análise que permitem dar sentido a informação, a ferramentas de criação que trazem resultados de busca em uma variedade de mídias, ferramentas sociais que permitem a formação de redes sociais de relacionamento e até de trabalho de modo a colaborar com pessoas do mundo inteiro. E enquanto o professor poderia e deveria ser um guia, a maior parte dessas ferramentas é usadas pelos alunos com melhor desenvoltura, e não, pelos professores.” (PRENSKY, 2010, pp.202-203).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

De acordo com a citação de Prensky (2010), podemos dizer que os alunos mais novos apresentam ou demonstram uma conectividade ou habilidade maior na utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação. Trazendo essa realidade para o meio específico de ensino e aprendizagem de geografia, podemos concluir que torna-se grande a quantidade de recursos disponíveis para a integração das tecnologias digitais ante a rotina pedagógica. Cabe então a tarefa ao professor, a manipulação desses recursos, selecionando aqueles que podem fazer sentido em sua prática pedagógica, de acordo com as necessidades dos estudantes ou com as necessidades do aprofundamento de conteúdos.

As propostas das tecnologias digitais de informação e comunicação requerem ao professor estabelecerem claros objetivos e metas, por onde deseja alcançar, utilizando-se dos mesmos para realizar diferentes experiências educacionais com o objetivo de melhorar o ensino.

Outro ponto positivo do uso das tecnologias digitais na educação é a contribuição da mesma para o engajamento dos estudantes na dinâmica da aula. A mente humana é apaixonada por novidades. Por isso, é importante variar a rotina de estudos, fazer pequenas mudanças no local e, especialmente, experimentar diferentes ferramentas e recursos tecnológicos. Quando se buscam novas formas de ensinar e aprender, coloca-se uma aura de novidades sobre a rotina de estudos, tornando-a mais interessante e prazerosa. Consequentemente crescem a atenção e o interesse dos alunos pelo assunto em pauta.

A tecnologia digital também auxilia na percepção e na resolução de problemas reais. Grande parte dos artigos e discussões recentes na área da educação, afirma que é necessário apresentar uma aproximação do conteúdo estudado em sala de aula com a realidade vivida por cada aluno.

Uma das principais consequências produtivas das tecnologias digitais para a educação é a perspectiva atualizada ao acesso das informações, em tempo real. No tempo em que vivemos, já não se torna mais necessário apenas aguardar pelo livro didático impresso para se ter contato com temas contemporâneos, recentes questões de vestibulares, dados atualizados e etc. Trabalhar sempre com dados atualizados tem uma contribuição relevante para inserir o aluno no debate social e desenvolver seu senso crítico de argumentação, preparando o mesmo para os desafios que a vida e a sociedade oferecem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outra grande contribuição das tecnologias digitais de informação e comunicação se dá na democratização do acesso ao ensino. Hoje em dia temos muitas ferramentas e metodologias feitas com o objetivo de ajudar os professores a promover a democratização do acesso ao ensino e trabalhar visando uma educação mais inclusiva. Também sabemos que o uso das tecnologias digitais dentro de sala de aula pode dar mais autonomia aos estudantes com deficiência física e mental, ajudando-os a superar suas próprias limitações e a desenvolver de maneira sucinta o seu maior potencial.

As tecnologias digitais, quando aplicadas no ensino em sala de aula também permitem gerar uma grande quantidade de dados educacionais. Torna-se então possível de identificar temas e conceitos nos quais os alunos tem mais afinidade ou mais dificuldade de compreensão, tal como analisar o desempenho da turma e de cada aluno em particular. A análise desses dados passa autonomia para que os professores, pais e alunos trilhem um plano de ensino personalizado, se adequando cada vez mais com sua turma e com os colegas de classe. Também possibilita que o próprio aluno, nas fases mais avançadas de ensino e aprendizado saiba direcionar seu conhecimento para as áreas de interesse e de formação que pretende seguir profissionalmente.

Formação de professores

As origens do pensamento voltado para a formação dos professores surgiu no século XIX em resposta às transformações ocorridas com a Revolução Francesa, onde foi colocado em pauta a questão da instrução popular. Ao longo desse século foram sendo feitas diversas Escolas Normais nos países europeus, instituições voltadas para a formação especialmente de professores.

Porém a época mais marcante da expansão das redes de ensino e aprendizagem no Brasil acontece por volta dos anos 1950 a partir da industrialização. Ainda nessa época, o acesso ao conhecimento e a escolarização era bastante limitado, gerando uma parcela muito alta de analfabetos na população, mas com a expansão das redes públicas de ensino temos um aumento na demanda por professores.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A solução encontrada foi então a implementação dessas escolas normais em níveis médio, complementações de formações de diversas origens, autorizações especiais para o exercício da docência e etc. De fato essas improvisações até hoje ainda afetam de maneira negativa a formação dos professores.

Com base em todo esse contexto de transformações provenientes do século XXI, podemos ressaltar que o papel do professor assume um caráter intermediário, o que em momento algum quer dizer que ele seja menos importante ou dispensável.

Acontece que o professor não é visto mais enquanto a única fonte de conteúdo, mas não deixa de ser um facilitador para os seus alunos. Hoje em dia termos característicos para simbolizar um professor usados são os de “tutor” e “mentor”.

De fato, quem busca educar outras pessoas precisa entender que existe um processo de aprendizagem que vai se alternando ao longo do tempo. Não adianta nadar contra a maré, pois ao fazer isso, você pode estar tirando a oportunidade dos alunos de receberem uma captação de alta qualidade. Um professor atualizado é capaz de atrair maior atenção dentro de sala de aula, visto que hoje em dia os alunos já demonstram bastante desinteresse nas aulas mais tradicionais. Além disso é preciso ajudar os alunos a repensarem as informações que eles absorvem, tornando-os mais produtivos e dando uma visão mais crítica e abrangente para eles.

Outra tarefa dos professores é considerar não apenas mais o ensino das disciplinas comuns, mas também as habilidades do século XXI. Uma formação completa e atual inclui aspectos como criatividade, boa comunicação, empatia, flexibilidade, colaboração, liderança e etc.

Hoje em dia se faz necessário dentro de sala de aula ir além das explicações teóricas e conceituais, pois a interdisciplinariedade se torna importante, uma vez que os conhecimentos estão cada vez mais ligados. Entre as principais tarefas de um professor revolucionador do século XXI estão a capacidade de: instigar, indagar, conduzir, mediar, facilitar, questionar, liderar, incentivar e provocar.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ensino de geografia em sala de aula

O ensino de Geografia tem sido marcado por numerosos debates, no que se diz respeito ao processo de aprendizagem, no entanto vale ressaltar uma das principais dificuldades é a falta de recursos suficientes para trabalhar a disciplina de Geografia no ensino fundamental, a falta de metodologia voltada para as novas tecnologias digitais provenientes dos tempos de hoje e a qualificação do profissional para atuar na área da Geografia, fato que colabora negativamente para a educação.

Diante das dificuldades de compreensão e leitura do mundo sobre o ensino de Geografia, o trabalho do professor torna-se mais complexo. Hoje em dia, a maioria das pessoas leva para dentro de si uma caracterização da geografia como sendo uma disciplina bastante desinteressante, tal como um elemento de uma cultura que necessita do uso da memória para reter conhecimentos específicos, como nomes de rios, lagos, países e etc.

Algumas abordagens mais atuais da disciplina de Geografia tem buscado práticas pedagógicas que permitem levar aos alunos as diferenciações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Como resultado desse contato e dessa vivência, espera-se que os alunos desenvolvam uma maior capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, fato este que acaba compreendendo a relação da sociedade com a natureza. Essas práticas envolvem procedimentos de problematização, observação, registro, descrição, documentação, representação e pesquisa dos fenômenos sociais, culturais ou naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação. Nessa perspectiva, procura-se sempre a valorização da experiência do aluno. Dentro dessa linha de pensamento, expõe Andrade: [...]

[...] É imprescindível o convívio do professor com o aluno em sala de aula, no momento em que pretende desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da Geografia. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faz parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com a ajuda do professor, a sua experiência. Para tanto, o estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma interativa. No ensino, professores e alunos poderão procurar entender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos com os quais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

paisagem, território, lugar, e região são construídos. (ANDRADE, 1987, p.70)

Torna-se fundamental então, que o professor crie e planeje situações de aprendizagem em que os alunos possam conhecer e utilizar os procedimentos de estudos geográficos. A observação, descrição, analogia e síntese são procedimentos importantes e podem ser praticados para que os alunos possam aprender a explicar, compreender e representar os processos de construção dos diferentes tipos de paisagens, territórios e lugares. Isso não significa que os procedimentos tenham um fim em si mesmo: observar, descrever e comparar serve para construir noções, especializar os fenômenos, levantar problemas e compreender as soluções propostas. Enfim, para conhecer e começar a operar os conhecimentos que a Geografia, como ciência, produz.

A geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania. Porém, de fato hoje em dia o estudo de geografia nas escolas, nesta perspectiva, atua mais para obscurecer o sentido do território nas nossas vidas, no que se diz respeito as formas que assumem as relações que ocorrem na sociedade e aos resultados dos avanços tecnológicos, do que para instrumentalizar o aluno para exercer e exercitar a sua cidadania.

Na maioria das vezes, o conteúdo trabalhado nas aulas de geografia nas escolas é aquele ligado a forma como o professor reconhece esta ciência, portanto, não é algo inventado aleatoriamente, mas sim um conhecimento do mundo a partir dos processos de construção e apropriação dos territórios diversos. Ao confrontar várias situações entre si e com as condições concretas do seu próprio mundo próximo, ele vai construindo um conhecimento próprio e, mais do que isto, a compreensão de regras e leis que regem este mundo atual, pode inclusive buscar o que as funda e compreende-las como historicamente construídas.

Existe algumas possibilidades que podem tornar a geografia em um ensino que leve à cidadania:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- As aulas devem ser de forma que os alunos possam desafiar, engajar-se e questionar o que lhes é proposto, a partir da forma e da substância do processo de aprendizagem;
- Os alunos devem aprender a pensar criticamente, a ir além das interpretações literais e dos modos fragmentados de raciocínio
- Uma postura pedagógica que permite ao aluno se dar conta da dignidade e do valor de suas próprias percepções e histórias.
- Os alunos devem aprender que existem valores que devem ser resgatados e considerados, pois são indispensáveis a reprodução da vida humana. (GIROUX, 1986).
- Os alunos devem aprender a respeito das forças ideológicas que influenciam e restringem suas vidas.

A prática da Geografia como componente curricular muito nos tem ensinado, no que se refere tanto à Geografia especificamente como as posturas pedagógicas. A coragem de avançar, de mudar, permite-nos vislumbrar alternativas para uma geografia e um ensino mais consequente e libertador.

Não é o caso de se reinventar o que já existe, nem de jogar tudo fora e fazer tudo diferente, mas de encarar a realidade e exercitar a crítica constantemente e trabalhar com criatividade.

Considerações finais

De maneira geral, este artigo teve como objetivo principal trazer para a nossa realidade a verdadeira situação que vivemos hoje em dia no que diz respeito ao ensino e aprendizagem do conteúdo da disciplina de Geografia dentro das escolas.

Como podemos ver no decorrer do desenvolvimento, existe um emaranhado de conceitos que são importantes para a aprendizagem dessa disciplina juntamente com algumas mudanças que são mais do que necessárias para que possamos chegar a um melhor nível de aprendizado dentro das escolas.

De fato, o tempo que vivemos traz muitas complicações e muitos desafios que deveriam ser encarados com total capacidade e dedicação, principalmente dentro das escolas, para se chegar a uma melhoria na educação, porem acredito que somos qualificados, ainda mais pela



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ajuda das tecnologias que temos hoje em dia para se fazer uso dentro de sala de aula, de se chegar a um ótimo resultado.

Referencias

GOIS, Victor. O que é isso Cibercultura? **Digitalmente**. Disponível em: <<https://medium.com/dgtlmente/o-que-%C3%A9-isso-cibercultura-aef405e7d6b2>> Acesso em 11 abr 2021.

BACICH, Lilian. As tecnologias digitais e seu papel transformador nas ações de ensino e aprendizagem. **Inovação na educação**. 2018. Disponível em <<https://lilianbacich.com/2018/10/10/as-tecnologias-digitais-e-seu-papel-transformador-nas-acoes-de-ensino-e-aprendizagem/>> Acesso em 10 abr 2021.

Por que a tecnologia digital na educação melhora o desempenho de seus alunos? **SAE digital**. Disponível em <<https://sae.digital/tecnologia-digital-motivos-para-usar/>> Acesso em 11 abr 2021

PEREIRA, Lucila C. Formação de professores. **Info Escola**. Disponível em <<https://www.infoescola.com/pedagogia/formacao-de-professores/>> Acesso em 11 abr 2021

CALLAI, Helenna Copetti, Paradigmas da Geografia: A Geografia e a Escola.

LÉVY, Pierre. Cibercultura; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Ed. 34, 1999 264 p. (Coleção TRANS)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A ABORDAGEM DO CONCEITO DE REGIÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Silvio Cassio Domingues⁶

Resumo

O presente artigo tem como objetivo geral compreender em qual corrente da Geografia o conceito de região é abordado em dois livros didáticos, além de problematizar a abordagem do conceito de região em sala de aula a partir da aplicação de um questionário a um professor da educação básica para a construção deste artigo, em relação aos procedimentos metodológicos foi realizado inicialmente uma revisão literária sobre as concepções da geografia (tradicional, humanista e crítica) para o conceito região, para a análise dos livros didáticos foram escolhidos dois: “Geografia Espaço e Vivência” dos autores Levon Boligian, Rogério Martinez, Wanessa Garcia e Andressa Alves, além do livro didático “Araribá mais Geografia” de Cesar Brumini Dellone ambos os livros destinados ao 7º ano, também foi organizado e aplicado um roteiro de questões, por fim foi feita uma sistematização das informações e dados obtidos. Uma das conclusões centrais ao final da pesquisa é de que existe um afunilamento do conhecimento no decorrer de todas as etapas até chegar ao aluno do ensino básico.

Palavras-chave: Região; livro didático; ensino de geografia;

Introdução

O objetivo geral desta do presente artigo é compreender em qual corrente da Geografia o conceito de região é abordado em dois livros didáticos, além de problematizar a abordagem do conceito de região em sala de aula a partir da aplicação de um questionário a um professor da educação básica. Para que a construção deste artigo ocorresse foi realizado inicialmente uma revisão literária sobre três correntes teóricas, epistemológicas e metodológicas da geografia (tradicional, humanista e crítica) e a abordagem do conceito de região, para a análise dos livros didáticos foram escolhidos dois: sendo o primeiro da coleção “Geografia Espaço e Vivência” com autoria de Levon Boligian, Rogério Martinez, Wanessa Garcia e Andressa Alves no qual analisado o terceiro capítulo no intervalo de páginas entre a página 27 e 37 do livro didático; o segundo escolhido foi o livro didático denominado “Araribá mais Geografia” escrito por Cesar Brumini Dellone, na qual foi analisado o intervalo de páginas da 55 a 63 do quarto capítulo deste livro didático, ambos os livros didáticos são destinados ao 7º ano, também

⁶ Aluno do terceiro ano do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina E-mail: silvio.domingues@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

elaborou-se um roteiro de questões que foram aplicadas a um professor que ministra aulas no ensino básico, esse professor tem 72 anos de idade dos quais 45 anos são dedicados ao ensino básico de Geografia em instituições públicas.

Este presente artigo está dividido em 3 partes, na primeira parte é analisado três correntes metodológicas da geografia (tradicional, humanista e critica) e a forma na qual o conceito de região são abordados em cada uma delas, na segunda parte é analisado dois livros didáticos e a forma na qual ambos abordam o conceito de região, a terceira parte desse presente artigo apresenta as respostas das questões realizada com um professor do ensino básico no qual foi abordado a forma em que esse professor trabalha o conceito de região em sala de aula.

Durante a construção teste artigo acadêmico foi encontrado algumas dificuldades como a obtenção de livros didáticos para serem analisados devido ao fato que a biblioteca do colégio consultado ter alegado a indisposição de livros didáticos por parte do governo estadual até mesmo para os alunos que precisam utilizá-lo, além da disposição de professores para a realização da entrevista.

O conceito de Região nas abordagens da Geografia Tradicional, Humanista e Critica

O conceito de região normalmente apresentado aos alunos no ensino superior costuma ser mais abrangente e aprofundo, porém pode variar muito conforme a corrente teórica, epistemológica e metodológica.

Corrêa (2000) fala que a região natural é originada do determinismo ambiental e em tese seria uma parte da superfície terrestre, além disso nesta corrente metodológica, a região seria definida como uma parte da superfície terrestre com características naturais uniformes como o clima, vegetação, relevo, geologia.

De acordo com Santos, Gonçalves (2014) o conceito de região natural surge na Alemanha pois no início do século XIX a Alemanha ainda não era um Estado unificado, e em decorrência disso também não havia uma estrutura política e econômica encadeada, outro fator relevante nesta corrente metodológica é que para o determinismo ambiental as condições naturais de uma determinada região podem influenciar no comportamento humano, falava-se



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que em climas frios a população era mais próspera e inteligente, pois o frio estimulava as pessoas a trabalharem mais e por conta disso eles acabavam tendo uma melhor qualidade de vida, isso em particular pode-se assemelhar com o que Barbato (2016) escreve sobre a Carta de Pero Vaz de Caminha, quando é relatado na carta que o Brasil em 1500 assemelhava-se a “terra de preguiça e gula” pois o clima quente influenciava no comportamento das pessoas que aqui residiam, ao contrário do continente europeu onde o clima era frio.

Outro ponto importante na discussão da Geografia denominada como Determinista citado por Fabricio e Vitte (2011) é o chamado “Espaço Vital” no qual um determinado grupo de pessoas depende do meio para ter uma evolução tecnológica de acordo com os recursos que ele tem a oferece-los, por conta disso cada grupo de pessoas estaria em um estágio evolutivo diferente, haja vista que os grupos de pessoas assim como espécies de animais precisariam de mais território para viver na medida que os recursos daquele território vão diminuindo, já o papel do Estado é fazer a manutenção do Espaço Vital gerando um equilíbrio entre a população e os recursos naturais, ou seja, na medida que a população iria aumentando e os recursos naturais presentes iriam diminuindo, era papel do Estado reequilibrar essa “balança”. Tendo em vista essas concepções, pode-se refletir sobre o papel das guerras que muitas vezes foram causadas pelo fato de que um país tinha interesse em um recurso natural ou um conjunto deles que pertencia ao território de outro país, além disso o conceito de Espaço Vital reforça a máxima do determinismo ambiental de que o meio influencia os seres humanos.

Para Corrêa (2000) a corrente possibilista é diferente da corrente do determinismo ambiental pelo fato de que nesta corrente a região natural não influencia totalmente os seres humanos. O possibilismo foi desenvolvido na França, em especial por Paul Vidal de La Blache, nesta corrente a evolução das relações entre os seres humanos e a natureza é levado em consideração, e ao longo da história passa por adaptações. Utilizando tais ideias como base, é possível fazer uma analogia com as cidades construídas no deserto dos Emirados Árabes onde a relação dos seres humanos com a natureza passou por adaptações e elas permitiram uma mudança radical do meio natural ao ponto de construíram cidades moderníssimas. Em complementação a corrente possibilista Corrêa (2000) pontua que a região geográfica definida por Vidal de La Blache tem suas fronteiras determinadas por componentes como clima, solo ou



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

vegetação, além disso vários componentes devem ser combinados para que aquela região tenha um conjunto de características únicas e com isso ser considerada uma região.

O nascimento da geografia humanista se deu por dois fenômenos, um fenômeno interno e outro fenômeno externo, o fenômeno interno de acordo com Holzer (1993-2008) ocorreu quando geógrafos analíticos, estavam preocupados em incorporar os avanços da psicologia comportamental, e os geógrafos culturais, geografia histórica, interessados em renovar o seu campo com contribuições da antropologia, psicologia e sociologia, aproximaram-se, por conta disso em 1965 no Encontro Anual da AAG (Association of American Geographers), sendo assim a Geografia Humanista começa a dar seus primeiros passos com os textos de Lowenthal e Tuan. Lowenthal ao dividir o estudo geográfico em três; a natureza do ambiente; o que pensamos e sentimos sobre o ambiente; como nos comportamos e alteramos o ambiente, faz críticas a Geografia argumentando que só se preocupava com o primeiro ponto, já os outros dois temas eram negligenciados.

De acordo com Holzer (1993-2008) Tuan em seus artigos divide a leitura dos conceitos geográficos em dois temas; a partir dos processos físicos que afetam as formas da Terra; nas marcas que o homem imprime na natureza como agente. Além disso ele propôs novos pontos para a análise num sentido humanista; as atitudes do indivíduo em relação a um aspecto do ambiente; atitudes do indivíduo com relação às regiões; a concepção individual da sinergia homem-natureza; a atitude dos povos acerca do ambiente; e as cosmografias nativas, o autor pontua que outras formas de análises dos conceitos geográficos além dessas duas citadas por Tuan também eram negligenciadas, ou seja, os geógrafos estavam descontentes com o positivismo.

Com todos esses pontos apresentados no Encontro Anual da AAG (Association of American Geographers) segundo Holzer (1993-2008) procura-se então uma nova epistemologia que englobassem os temas pessoalmente apreendido e as aproximações humanísticas. Já o fenômeno externo segundo Holzer (1993-2008) se deu por um desejo de mudança por parte de jovens pesquisadores que não estavam interessados em uma geografia operacional e não acreditavam em leis mecanicistas ou em modelos de mundo, seus interesses eram voltados aos valores humanos, a estética e um novo estilo de vida. Esses jovens tinham críticas semelhantes as de Lowenthal e Tuan ao fato de a geografia focar no cientificismo e no economicismo e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ignorar os valores morais e a subjetividade humana, Buttimer (1969, p.417) apud Holzer (1993-2008, p. 139-140) critica o método de análise tradicional além levantar a hipótese se a geografia também deveria penetrar e incorporar suas dimensões subjetivas.

De acordo com Holzer (1993-2008) Relph foi o primeiro a propor o método fenomenológico como método de análise utilizado para se fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, através da intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva, a fenomenologia teria como funções imediatas dar uma visão holística e unificadora da relação homem-natureza e uma crítica ao cientificismo e ao positivismo.

Holzer (1993-2008) afirma que após o amadurecimento dessa ideia outros autores como Tuan e Buttimer também começam a trabalhar com a fenomenologia, Buttimer fala que o mérito destas filosofias é abranger a totalidade do ser destacando os seguintes pontos; percepção, pensamento, símbolos e ação; que se constata na prática, onde se torna impossível delimitar claramente o que é sujeito e o que é objeto.

Holzer (1993-2008) diz que esses foram os passos para renovação da geografia agora baseada na fenomenologia na qual ganha o nome de geografia humanista.

A concepção do conceito do conceito de região na Geografia Humanista, aponta que o foco é a relação entre os seres humanos e lugares num recorte espacial, recorte que considera componentes afetivos (sentimentos de pertencimento) e mentalidades regionais, para a formulação desta região. Além disso Cavalcanti (1998) cita também a ideia de Frémont de espaço vivido onde a região é entendida como um sistema particular de relações unindo seres humanos e lugares num espaço, aproximando, desse modo, os conceitos de região e lugar. (CAVALCANTI, 1998)

Já Moura et al. (2008) falam da origem da Geografia Crítica, que tem como ponto inicial a Guerra Fria que ocorreu entremeio ao século XX, neste momento a geografia crítica começa a ser discutida concomitante a geografia quantitativa. A Geografia Crítica começou a ser discutida em países como Inglaterra, Estados Unidos e Suécia, com a finalidade inicial de se opor a geografia tradicional (determinismo e possibilismo) como por exemplo, não dar enfoque apenas a uma visão descritiva do espaço, pois na geografia crítica pode-se levantar debates



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

políticos sobre as intencionalidades do modo produção capitalista e as formas de produção do espaço geográfico, e discutir problemas existentes na sociedade como as profundas modificações na organização espacial, decorrentes da intensa urbanização, industrialização e expansão do capital, que não encontravam respostas no determinismo, possibilismo e método regional, além de debates sobre as lutas de classes e suas implicações para a organização socioespaciais.

A geografia critica tem uma visão de região totalmente diferente das visões encontradas na geografia tradicional e na humanista, como Cavalcanti (1998) coloca na geografia critica a região é uma subdivisão do espaço total e local, sendo o espaço para convivência e com funções, produtos sociais, formado a partir da dinâmica social e desenvolvimento das forças produtivas.

A discussão do conceito de região nos livros didáticos

Como Barreto (2020) pontua, o livro didático é uma das principais ferramentas de ensino para aluno, no qual os professores e professoras tendo como base sua formação teórica adquirido no decorrer do curso de licenciatura ou nos cursos de formação continuada, com também durante sua experiência, devem utilizar o livro didático como apenas mais uma ferramenta para dialogar e construir os conhecimentos geográficos com os alunos.

Um ponto importante a ser destacado é que o livro didático pode ser um ponto de início para o hábitos de leitura por parte dos alunos, o habito de leitura no início não é algo fácil, é recomendado começar por leituras simples e poucas páginas por dia, com 15 páginas no início, no decorrer do tempo é interessante ampliar esse número de páginas lidas ao dia progressivamente, além disso procurar leituras de livros com vocabulários mais complexos, acredita-se que realizar tal pratica ajuda não somente nos estudos do ensino básico e médio, mas também será um “divisor de águas” quando os jovens ingressarem em uma universidade onde muitas vezes se exige uma carga teórica imensa de leitura em todos os cursos.

O conceito de região assim como outros conceitos chave na geografia são muitas vezes problematizados por autores destinado ao ensino superior com uma linguagem considerada complexa para ser aplicada diretamente aos alunos do ensino básico, neste cenário entra os livros didáticos que tem como objetivo principal levar esse conhecimento aos alunos do ensino



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

básico simplificado para que eles consigam compreender todo o conteúdo que está sendo lecionado pelos professores.

O primeiro livro didático analisado é da coleção “Espaço e Vivência”, este livro é destinado ao 7º ano, este livro didático é de autoria de Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) tendo como vertentes metodológicas da geografia; tradicional e crítica, eles trabalham o conceito de região focando nas divisões dos estados brasileiros e suas divisões regionais, os autores explicam que o processo de regionalização seria um processo de divisão de determinado território em regiões. Importante lembrar das concepções de Haesbeart (2009) ao falar que a região pode ser definida a partir da divisão do território, pois o território político-estatal, acaba se diluindo em um tipo específico de região ou de recorte regional, as regiões de cunho político-administrativo, ou seja, o território é dividido em regiões administrativas a fim de dar uma maior eficiência de administração para os governos, por exemplo, em meio a pandemia do SARS-CoV-2 os governos podem realizar uma regionalização afim de definir as regiões onde contém mais casos ativos da doença, neste caso eles estariam realizando essa definição afim de administrar de forma mais eficiente o combate a pandemia.

Já o território é um conceito mais realista construído e fundamentado por meio de práticas sociais e relações de poder. Já nas perspectivas integradoras os conceitos de território e região não pensados de forma dicotômica como também um não consegue absolver os conceitos do outro no seu interior, em alguns casos como Haesbeart (2009) pontua pode ocorrer de se observar uma integração de ambos, além disso alguns autores tem uma visão de que o conceito de região seja até mais abrangente do que o conceito de território, pois sendo eles o conceito de região englobaria o conceito de território do ponto de vista epistemológico na medida em que é realizado um recorte espacial em unidades concretas seguindo múltiplos critérios.

Neste processo de definir uma região são utilizados diversos critérios da geografia crítica e da geografia tradicional, porém no capítulo analisado se tem uma predominância de critérios mais focado nos aspectos naturais como utilizado pela geografia tradicional, foi possível perceber a divisão regional por meio da classificação do clima ou atividades econômicas, além de relações sociais (critérios presentes na geografia crítica), essas regiões podem se concentrarem em um determinado estado, país ou até mesmo serem expandidas para

uma escala global. Nesta obra Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) focam principalmente em explicar as regiões do Brasil focando em elementos naturais como clima, vegetação e solo (critérios da geografia tradicional), para efeito desse tema os autores trabalham com os domínios morfoclimáticos (figura 1) do Brasil elaborado por Aziz N. Ab’Saber, nesta classificação Ab’Saber divide o Brasil em 7 domínios morfoclimáticos que são o domínio Amazônico, Cerrado, Caatinga, Mares de Morros, Araucárias, Pradarias além de faixa de transição.

Figura 1: Atlas dos Domínios morfoclimáticos do Brasil.



Fonte: Boligian, Martinez, Garcia e Alves, 2012, p. 29.

Se situando na região Sul do país tem-se o domínio das Araucárias que Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) explicam que;

Domínio das Araucárias: domínio que se estende pelos estados da região Sul, ocupando as áreas de planalto de maior altitude. Essa vegetação é formada sobretudo pela araucária ou pinheiro-do-paraná, árvore de grande porte com folhas alongadas e pontiagudas, cuja copa cresce em forma de taça. Essa vegetação desenvolve-se apenas nas áreas de clima subtropical, com verão quente e inverno frio, como na região Sul do país. (BOLIGIAN, MARTINEZ, GARCIA E ALVES 2012, p. 32)

XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Como sugestão seria interessante os autores terem explicados os domínios morfoclimáticos não apenas com o método desenvolvido por Aziz N. Ab'Sáber, mas também deveriam ter citado e comparado com a classificação mais atual desenvolvida por Jurandyr Ross.

Outra questão muito importante que foi abordada por Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) ainda considerando o conceito de “região” é o fato de que os autores definem com foco nas regiões geoeconômicas do Brasil, neste tema é utilizado para ensinar os alunos quais os estados que fazem parte das 3 regiões geoeconômicas do Brasil e suas especificidades, como pode ser observado na figura 2 a seguir;

Figura 2: Atlas das Regiões geoeconômicas do Brasil.



Fonte: Boligian, Martinez, Garcia e Alves, 2012, p. 35.

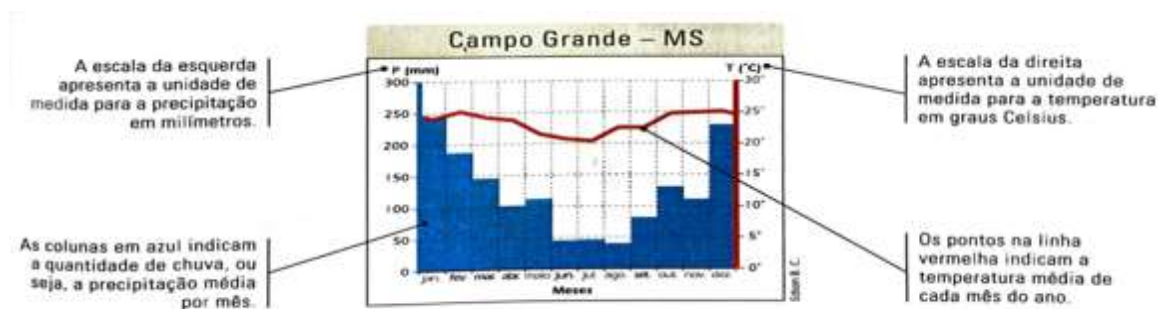
Esta figura apresentada por Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) contém todas as características necessárias como escala, legenda, norte geográfico, no quesito conteúdo é interessante pois este mapa explica de forma didáticas as regiões geoeconômicas do país trazendo como a principal a região Centro-Sul por ser mais populosa, além disso é esta a região geoeconômica com a maior concentração de capital financeiro e industrial do país, com foco

neste último ponto é importante destacar que além das indústrias a agropecuária são umas das principais responsáveis pelo desmatamento nesta região, do ponto de vista metodológico é observado que o conteúdo da figura 2 foi desenvolvido como uma holística da geografia critica pois ao tratar das regiões geoeconômicas, se tem uma abordagem de um recorte sobre as questões da natureza, políticas, econômicas, além da divisão internacional do trabalho.

As atividades propostas pelos autores são interessantes pois eles elaboram questões que incentiva os alunos e alunas a buscarem soluções não apenas em meios tradicionais como enciclopédia e almanaques, mas também realizar pesquisas na internet.

Tendo como método de análise a geografia tradicional Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) utilizaram um climograma da cidade de Campo Grande – Mato Grosso do Sul, para explicar como se interpreta climogramas, para que essa informação seja útil no momento em que os autores exibem climogramas de cidades que se localizam dentro dos domínios morfoclimáticos elaborados por Aziz N. Ab'Sáber domínios esses que os autores utilizaram aspectos como clima e vegetação para tratar do assunto, características essas presentes na corrente metodológica tradicional (ver figura 3);

Figura 3: Climograma da cidade de Campo Grande - MS



Fonte: Boligian, Martinez, Garcia e Alves, 2012, p. 37.

Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) desenvolveram 3 listas de exercícios neste capítulo, dois desses capítulos tem uma abordagem descritiva com base nos conteúdos desenvolvidos baseados na geografia tradicional, além de exercícios analíticos com base nos conteúdos desenvolvidos seguindo a corrente metodológica critica da geografia, ademais é proposto para os alunos que respondam questões de uma lista de exercícios com uma visão da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

geografia humanista pois essa lista de exercícios propõe aos alunos a refletirem com uma visão de pertencimento e afetividade em relação as regiões onde eles habitam.

O segundo livro didático a ser analisado é o livro Araribá Mais Geografia, destinado ao 7º ano do ensino fundamental com autoria de Dellore (2018) tendo como base metodológica neste capítulo a geografia crítica e a geografia tradicional, ele comenta que cada território tem suas características e o mesmo ocorre com as pessoas que ali o habitam, por conta disso para

Figura 4: Brasil: Regionalização segundo Milton Santos e María Laura Silveira (2002)



Fonte: : Dellore, 2018, p. 55.

melhorar a gestão deste território é necessário regionalizá-lo de acordo com critérios pré-estabelecidos que dentre vários podem ser critérios naturais, econômicos ou sociais, isso condiz com o que Haesbeart (2009) fala que a região pode ser definida a partir de uma divisão do território, pois o território político-estatal, acaba se diluindo em um tipo específico de região ou de recorte regional, as regiões de cunho político-administrativo, ou seja, o território é dividido em regiões administrativas a fim de dar uma maior eficiência de administração por parte dos governos.

Um fato importante descrito por Dellore (2018) é que a regionalização é usada para descentralizar a administração e, assim, planejar melhor as ações governamentais. O autor traz algumas propostas de regionalizações, a primeira é a feita por Milton Santos e María Laura Silveira que tem como base a geografia crítica, no qual divide o Brasil em 4 regiões a fim de tornar a governança mais eficiente. (figura 4);

A segunda regionalização trazida por Dellore (2018) é o mapa das macrorregiões elaborada pelo IBGE no qual se utilizou critérios naturais que são provenientes da geografia tradicional, além de critérios sociais e econômicos que provêm da geografia crítica (figura 5);

Figura 5: Atlas das macrorregiões do Brasil



Fonte: Dellore, 2018, p. 56.

Com o intuito de facilitar a administração do país a partir deste mapa é possível remeter ao que Haesbaert (2009) nos apresenta na “perspectiva dissociativa” entre região e território, ele ainda aponta que as regionalizações são definidas de acordo com as intenções do pesquisador, que pode usar de vários elementos presente no território, como a natureza, economia, cultura etc.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com base na figura 4, Dellore (2018) fala sobre as 3 regiões definidas neste mapa a primeira é a região nordeste do Brasil onde o autor conta a sua trajetória econômica e seu declínio com a transferência da capital brasileira de Salvador para o Rio de Janeiro, esse fato gerou problemas econômicos para a região motivando assim as pessoas a migrarem para outras partes do país, além disso ele fala sobre a imagem que a mídia reproduz sobre essa região desmistificando essa imagem de ser uma região pobre. Na segunda região definida (seguindo a metodologia critica) no mapa como Amazonia, Dellore (2018) conta sobre seu processo tardio de ocupação no qual passou a ocorrer a partir dos anos 1960 e que teve incentivos do governo em diversas áreas incluindo na implantação de empresas na região. Por fim o autor fala sobre a região Centro-Sul como sendo a região mais importante do país por possuir a maior porcentagem da população do Brasil, ser a região mais rica financeiramente do país além de ser onde se localiza a maior quantidade de indústrias, aeroportos internacionais e a capital do país.

Para trabalhar o conteúdo citado anteriormente Dellore (2018) propõe para os professores trabalharem com seus alunos por meio de discussões conteúdos presentes nos meios de comunicações a respeito da formação do território brasileiro e faça uma discussão com o conteúdo presente no livro didático, na questão dos exercícios Dellore (2018) coloca 8 questões sendo elas 5 dissertativas e 3 descritivas, todas com base no conteúdo apresentado utilizando em algumas questões reflexões que remetem a geografia critica, porém por se tratar de um livro didático atual, talvez teria sido interessante Dellore (2018) ter elaborado atividades interativas na internet como quiz por exemplo na qual os alunos poderiam acessas instantaneamente através de um QR code anexado nas páginas do livro.

Fazendo um apanhado geral em relação as correntes metodológicas utilizadas em ambos os livros didáticos foram identificado que no livro didático “Espaço e Vivência”, destinado ao 7º ano, este livro didático é de autoria de Boligian, Martinez, Garcia e Alves (2012) teve uma predominância da corrente metodológica da geografia tradicional, já no segundo livro didático analisado “Araribá Mais Geografia”, destinado ao 7º ano do ensino fundamental com autoria de Dellore (2018) houve uma predominância maior da geografia critica, porém é importante frisar que em ambos os livros didáticos é encontrado a geografia tradicional e critica mas fazendo uma adendo para o primeiro livro didático analisado de Boligian, Martinez, Garcia e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Alves (2012) onde é possível encontrar um resquício da geografia humanista em uma das listas de exercícios.

Discussão do conceito de região na educação básica: a partir da entrevista com um professor

Para entender mais sobre como o conceito de região é explorado e construído com os alunos do ensino básico, realizou-se a aplicação de um questionário com um professor da educação básica pública do Estado do Paraná para tentar compreender como o mesmo problematiza esse conceito com os estudantes, por conta disso foi questionado este professor se durante sua formação a graduação cursou alguma disciplina que discutia o conceito de região, o professor argumentou não se recordar no momento exato no qual ele discutiu o tema, porém afirmou ter tido contato com os estudos de região durante a sua formação, seja na graduação ou no curso de Especialização em Geografia e Meio Ambiente. Portanto, tanto na sua formação inicial como continuada o professor afirma que entrou em contato com as discussões epistemológicas do conceito.

Entretanto algo chamou atenção, foi quando questionado sobre a corrente teórica na qual esse professor trabalhava em sala de aula, sua resposta foi de que trabalhava com a geografia tradicional, além disso afirmou que a abordagem do conceito de região em sala de aula, é feita de forma bem simplificada e abstrata, aulas estas onde alega utilizar como fonte de informações mapas, material pedagógico, livros, e algumas vezes o Youtube. Essa afirmação do professor apresenta um problema, a questão é a utilização do Youtube como fonte de informações pois o Youtube é uma plataforma de vídeos sob demanda na qual qualquer pessoa pode publicar vídeos, fato este que pode prejudicar o aprendizado dos alunos caso não verificado as informações pois esse professor talvez possa estar construindo conhecimentos errôneos com os estudantes em algum momento.

Quando o professor entrevistado foi questionado sobre os cursos de formação continuada além da Especialização, o mesmo afirmou que cursou PDE (Programa de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento Educacional)⁷ porém isso chama a atenção ao fato abordado anteriormente onde esse professor afirmou utilizar a geografia tradicional para explicar o conceito de região, pois como o mesmo fez um curso de formação continuada na Universidade Estadual de Londrina e sabe-se que atualmente a abordagem da geografia crítica é muito recorrente nos cursos superiores, imagina-se que em algum momento das discussões os conceitos da geografia foram contextualizados em correntes mais críticas, porém falta subsídios ao pesquisador para realizar tal afirmativa. Mas, o importante é pontuar que o PDE tem potencial de inserir os docentes da educação básica em discussões mais atuais e críticas de cada disciplina, portanto pode reconfigurar a prática docente cumprindo com os objetivos de sua implantação.

Umas das hipóteses para explicar essa insistência deste professor em trabalhar com a geografia tradicional talvez seria o fato de ter 72 anos de idade e ter obtido a sua graduação no ano de 1989, época esta que a geografia crítica estava “recém desembarcada” no Brasil e não eram todos os cursos de geografia que já trabalhavam essa abordagem tão importante, a outra hipótese para essa insistência deste professor na geografia tradicional mesmo tendo feito um curso de formação continuada talvez pode ser o fato de que o PDE promove o professor para a fase 3 da carreira de professor, e talvez tenha sido esse o único motivo para esse professor ter realizado esse curso de formação continuada não se engajando muito em construir conhecimentos fundamentais para reelaboração de sua prática docente.

Considerações finais

Do ponto de vista acadêmico a Geografia passou por grandes mudanças extremamente importantes não apenas para o próprio desenvolvimento mas também teve papéis fundamentais no decorrer da história para o desenvolvimento e organização de países, cabe ressaltar que a geografia principalmente na passagem da geografia tradicional para a geografia crítica passou

⁷ Segundo Paraná (2010) o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional) é uma política pública do estado do Paraná que tem como objetivo criar um diálogo entre os professores do ensino básico com os do ensino superior, neste diálogo são desenvolvidas atividades com o objetivo de aperfeiçoar os conhecimentos dos professores de ensino básico e esses novos conhecimentos beneficiarão os alunos do ensino básico, em contrapartida os professores do ensino básico que realizarem o PDE também conseguem atingir o nível III da carreira de professor.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a ter uma análise mais ampla, crítica e detalhada, seja do objeto de estudo ou dos conceitos, como por exemplo, a região.

Sendo assim o conceito região apresenta-se como muito útil nas discussões atuais, pode ser aplicada para a resolução de diversos problemas, no início de 2020 o mundo inteiro se viu tomado por uma pandemia do vírus SARS-CoV-2, esse vírus ceifou a vida de milhões de pessoas e colocou nações poderosas "de joelhos", sistemas de saúde de diversos países incluindo de países desenvolvidos entraram em colapso, porém como no momento que essa pandemia foi disseminada ainda não existia uma vacina para combatê-lo, foi-se então criado planos de distanciamento social e desenvolvido mapas nos quais determinavam regiões no mundo todo onde o vírus estava se espalhando com maior ou menor intensidade, neste ponto a geografia teve um papel fundamental pois através de diversos parâmetros foi possível desenvolver esses mapas e evitar que essa catástrofe fosse ainda pior.

Meses após o início da pandemia diversos laboratórios ao redor do mundo conseguiram desenvolver vacinas capazes de combater o vírus SARS-CoV-2, porém para que a vacina chegue à toda a população é necessário que exista planos logísticos extremamente complexos para que a imunização seja feita de forma eficiente, neste contexto entra novamente a geografia com a função de auxiliar no desenvolvimento dessa logística pois em países com dimensões continentais é necessário que cada passo do trajeto desses carregamentos de vacina sejam devidamente planejados da saída da fábrica até o destino final que são postos de vacinação levando em conta diversas variáveis e neste caso a geografia se torna necessária não apenas por determinar os locais com maior ou menor quantidade populacional que determinaria a quantidade de lotes de vacina seriam destinados para cada local, mas também para traçar rotas devido ao fato que em países como o Brasil acaba sendo algo difícil porque existem locais remotos onde é impossível chegar por meio das vias terrestres e por conta disso é preciso fazer uma mudança de estratégia afim de garantir a chegada dessas vacinas para essa população que reside em locais mais afastados dos grandes centros urbanos.

Do ponto de vista do ensino básico a geografia, o conceito de região acaba sendo mais simplificada em relação a uma discussão mais epistemológica do conceito, devido a transposição de conteúdo realizada nos livros didáticos, que também não tem como discutir de maneira detalhadas todos os temas e conceitos de Geografia, isso fica claro na análise dos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

livros didáticos apresentados neste artigo acadêmico pois em ambos os livros didáticos o conceito de região ficou-se limitado em descrever os domínios morfoclimáticos do Brasil, pautado em um geografia tradicional além de realizar uma breve análise das regiões geoeconômicas do Brasil, a partir de concepções de uma geografia critica além de um resquício da geografia humanista em uma das listas de exercícios.

Já na entrevista realizada ficou claro que apesar da geografia critica ter mais de 4 décadas de história e de estar bem difundida no meio acadêmico principalmente pelo fato dela ser muito mais focada na análise socioespacial de maneira mais holística e reflexiva, ainda sim existem professores do ensino básico que lecionam por meio da corrente metodológica tradicional, isso acaba se tornando um problema pois a corrente tradicional é mais limitada, na abordagem do conceito de região pois não leva em considerações aspectos sociais e econômicos e em especial como o sistema capitalista age no espaço geográfico, de tal sorte que a Geografia Tradicional enfoca apenas aspectos físicos como clima, relevo e geologia.

Acredita-se que os professores que lecionam utilizando os conhecimentos apenas desta corrente acaba desestimulando os alunos a questionarem sobre temas importantes, inclusive do seu cotidiano, para compreender o espaço geográfico onde vivem de forma mais critica, como por exemplo classes sociais, além disso caso esses alunos por ventura resolvam ingressar em um curso de geografia no ensino superior eles podem ter sérios problemas de aprendizados pois estarão lidando com algo totalmente novo afinal quando estavam estudando no ensino básico não tiveram contato com a geográfica critica.

Por fim é necessário levantar alguns questionamentos, o primeiro é do porquê mesmo passado mais de 40 anos que a geografia critica chega no Brasil ainda assim alguns professores e professoras continuam lecionando reproduzindo a geografia tradicional? Mesmo esses professores e professoras terem feito cursos de formação continuada, que é um curso destinado a um constante aperfeiçoamento dos saberes?. Outro questionamento a ser feito é será que a instituição de ensino na qual esses professores trabalham dá ênfase a uma abordagem de educação progressista, com ênfase na pedagogia histórico critica? Caso a resposta seja uma negativa poderia ser esse o problema pelo qual alunos e professores enfrentam em muitas vezes não conseguirem atingir uma construção de conhecimento e debates tão abrangente quanto os realizados no ensino superior, ou quem sabe também poderia ser esse o problema dessa espécie



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de afunilamento de conteúdo no processo de transposição de conteúdo realizado pelo livro didático, conteúdo este que vai perdendo a riqueza de informações conforme é transposto do ensino superior para o ensino básico através do livro didático.

Referências

BARBATO, Luis Fernando Tosta. Em Terras de Vagabundos e Vagabundas: O Clima Tropical, a Preguiça e a Lascívia nas Revistas do IHGB. **História, história**, vol. 4, n. 8, p. 217-238, 2016.

BARRETO, Cynthia. **Livro didático é uma importante ferramenta para a educação**. 2020. Disponível em: <<https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/26941-livro-didatico-e-uma-importante-ferramenta-para-educacao>> acesso em: 11 dez. 2020, 17: 36: 52.

BOLIGIAN, Levon; MARTINEZ, Rogério; GARCIA, Wanessa; ALVES, Andressa. O território brasileiro e suas regiões. In: BOLIGIAN, Levon; MARTINEZ, Rogério; GARCIA, Wanessa; ALVES, Andressa. **Geografia Espaço e Vivência**. ed. 4. São Paulo: Saraiva, 2012. p.27-37.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, p. 87 – 136. 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial**. ed. 7. São Paulo: Ática, 2000.

DELLONE, Cesar Brumini. Formação e regionalização do território brasileiro. In: DELLONE, Cesar Brumini. **Araribá mais Geografia**. Ed. 1. São Paulo: Moderna, 2018. p. 37-65.

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito, VITTE, Antonio Carlos. Paul Vidal De La Blache E A Geografia Francesa: Do Contexto Histórico Às Monografias Urbanas. **Cordis**, São Paulo, n. 6, p. 301-332, jan./jun. 2011.

HAESBEART, Rogério. Território e região numa "constelação" de conceitos. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; SAHR, Cicilian Luiza Lowen; SILVA, Márcia. **Espaço e tempo**. Curitiba: ADEMADAN, 2009, p. 629-633.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista: Uma Revisão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

MOURA, Rosa et. al. Geografia Crítica: Legado Histórico ou abordagem recorrente?, **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 13, n. 786, p. 1-22, 2008

PARANA. **PDE - Programa de Desenvolvimento Educacional**. Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>>. Acesso em: 24 fev. 2021.

SANTOS, Claudinei Araújo, GONÇALVES, Marcelino de Andrade. Conceito de Região. **Semina**, Passo Fundo – RS, v.13, n.1, p. 15-31, nov. 2014.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA E SUA ABORDAGEM EM UM LIVRO PARADIDÁTICO DE GEOGRAFIA

Kauane Rodrigues da Silva⁸

Resumo

O objetivo central deste artigo é a, análise do conceito de transição demográfica em um livro paradidático de Geografia. A discussão deste tema é importante pois, através dela podemos compreender como os conceitos tem sido apresentados aos alunos. Para isto foi utilizado como procedimento metodológico primeiramente um levantamento bibliográfico sobre o tema transição demográfica, e por último a análise desse conteúdo no livro paradidático de denominado de Geografia da População, direcionado para apoio ao professor publicado pela editora EDUEFRN no ano de 2012. Ao final conclui-se que o tema apesar de importante, ainda é tratado de maneira rasa seja no material didático ou paradidático.

Palavras-chave: Transição demográfica 1; Ensino de Geografia 2; Livros Didáticos 3.

Introdução

O processo de transição demográfica, se caracteriza por uma desordem nas taxas de natalidade e mortalidade, esse esquema acontece no Brasil, e tem sua segunda fase no ano de 1960 onde o êxodo rural, a industrialização e a revolução médica-sanitária corroboram para um pequeno declínio da natalidade e da mortalidade, no Brasil, promove então o crescimento populacional, o estudo desse processo transicional permite que o governo compreenda como estão as relações de natalidade, expectativa de vida e mortalidade distribuindo melhor os recursos populacionais.

Assim como para Brito (2008) a transição demográfica é um dos fenômenos estruturais mais importantes que tem marcado a economia e a sociedade brasileira desde a segunda metade do século passado, portanto a importância dessa pesquisa se pauta no processo da transição demográfica do Brasil e em como foi abordado em um livro para paradidático de Geografia.

⁸ Estudante do curso de licenciatura de Geografia da Universidade Estadual de Londrina- Paraná- email: kauanerodrigues0@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A divisão do artigo foi feita em duas partes, na primeira discute breves considerações sobre o processo de transição demográfica no Brasil apresentando de natalidade, mortalidade, expectativa de vida, na segunda seção é abordado o tema transição demográfica e a análise do livro paradidático de Geografia procurando demonstrar como esse processo acontece.

Para os procedimentos metodológicos, foi feito a análise do livro paradidático, denominado Geografia da População- dos autores Eugenia Maria Dantas, Ione Rodrigues Diniz Morais, Maria José da Costa Fernandes, publicado pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2011. Somente foi analisado um livro, pois o presente trabalho foi desenvolvido em tempos de educação remota, gerando uma dificuldade ao acesso as escolas e consequentemente aos materiais didáticos impressos.

O tema, por sua relevância, e universalidade exige mais do que analisar dados, é necessário interpreta-los, a partir de suas características regionais particulares, visto que não há neutralidade, portanto o tema - transição demográfica no Brasil - exige, pela sua relevância, mais do que rastrear dados, apelando, permanentemente, a desafios para sua compreensão (BRITO 2008)

A transição demográfica no Brasil: breves considerações

O processo de transição demográfica no Brasil tem início a partir da segunda metade do século XX, onde em 1920 temos a primeira fase desse processo caracterizado por elevadas taxas de natalidade e mortalidade, caracterizado por uma sociedade principalmente rural, sem acesso ao saneamento básico, e recursos médicos, portanto da mesma forma que a taxa de natalidade se mantinha uma vez que filhos era significado de mão de obra no campo, as taxa de mortalidade também se perpetuava (BRITO, 2008).

A segunda fase da transição demográfica ocorreu a partir do ano de 1960, com o avanço do êxodo rural, desenvolvimento da industrialização e crescimento populacional com níveis de natalidade altos, porém com o declínio dos níveis de mortalidade, segundo Vasconcelos e Gomes (2012), em 1970 os indicadores de natalidade e fecundidade detectaram essas mudanças, ainda que os níveis fossem muito elevados: 37,7 nascimentos por mil habitantes e 5,8 filhos por mulher como é possível observar na tabela 1.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Tabela 1 - Indicadores de estrutura etária, fecundidade e mortalidade. Brasil, 1950 a 2010

Indicador	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
População	51.941.767	70.070.457	93.139.067	119.002.706	146.825.475	169.799.170	190.755.799
Idade mediana	18	18	19	20	22	25	27
<15	41,8%	42,6%	41,7%	38,2%	34,8%	29,6%	24,1%
15-59	53,9%	52,6%	53,1%	55,7%	58,0%	61,8%	65,1%
60+	4,3%	4,8%	5,2%	6,1%	7,3%	8,6%	10,8%
Índice de envelhecimento	10,3%	11,2%	12,4%	15,9%	20,9%	28,9%	44,8%
Razão de Dependência (RD)	85,5%	90,0%	88,3%	79,5%	72,5%	61,7%	53,6%
RD _{jovens}	77,6%	81,0%	78,6%	68,6%	60,0%	47,9%	37,0%
RD _{idosos}	8,0%	9,0%	9,7%	10,9%	12,5%	13,8%	16,6%
TFT	6,2	6,3	5,8	4,4	2,9	2,4	1,9
TBN	43,5	44,0	37,7	31,8	23,7	21,1	16,0
TBM	19,7	15,0	9,4	8,9	7,3	6,9	6,1
TMI	135,0	124,0	115,0	82,8	45,2	27,4	16,2
e ₀	45,5	51,6	53,5	62,8	65,8	70,4	73,5
		1950-1960	1960-1970	1970-1980	1980-1991	1991-2000	2000-2010
Taxa de crescimento anual (%)		3,0	2,9	2,5	1,9	1,6	1,2

Fonte:

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, Censos Demográficos de 1950 a 2010.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, Séries Estudos e Pesquisas, Evolução e Perspectivas da Mortalidade Infantil no Brasil, 1999.

Rede Interagencial de Informações para a Saúde – RIPSa –, <http://www.datasus.gov.br>

Fonte: Vasconcelos e Gomes (2012)

Desde a segunda metade do século 20, a população brasileira passou por diversas transformações. A primeira mudança refere-se à diminuição da mortalidade geral e da mortalidade infantil e aumento da expectativa de vida ao nascer (Tabela 1). Nas décadas de 1950 e 1960, o declínio da mortalidade foi combinado com a manutenção de um alto nível de natalidade e fertilidade. No final da vida reprodutiva, havia mais de 40 nascimentos por 1.000 habitantes e mais de 6 filhos por mulher. Tais indicativos resultaram, portanto, à maior taxa de crescimento populacional na história nacional: 3,1% e 2,9% a cada ano.

A transformação do perfil demográfico do país (1920-1970) é evidente, em 1920 uma sociedade majoritariamente rural, com números de filhos, e índice de morte infantil elevados, transforma-se a partir do êxodo rural, e da industrialização todo esse processo se relaciona com o meio técnico-científico informacional que segundo Santos (1996) com a adição de técnica e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ciência, modifica a população que ali vive em um dado espaço geográfico, esse processo ocorre devido o aumento da vacinação e a ampliação do atendimento e acesso a saúde possibilita, além de ampliar a expectativa de vida sendo assim os acontecimentos vividos anteriormente na segunda fase, transforma portanto o Brasil em uma sociedade predominantemente urbana como demonstra a Tabela 2

Tabela 2- Evolução da população e do índice de urbanização no Brasil (1960-1980)

ANO	POPULAÇÃO TOTAL	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	URBANIZAÇÃO
1960	70.070.457	31.303.034	38.767.423	44,67
1970	93.139.037	52.084.984	41.054.053	55,92
1980	119.002.706	80.436.409	38.566.297	67,59

Fonte: Elaborado pela autora Kauane (2021) a partir do IBGE (2003 e 2010).

Na atualidade as formas de organização familiar são múltiplas (famílias com filhos, sem filhos, unipessoais, homoafetivas, entre outras categorias) e o acesso a médicos, remédios tornam o risco de morte infantil muito menor que anteriormente.

Nesse processo de transição, destacam-se a redução da mortalidade por doenças infecciosas e parasitárias e o aumento da importância de doenças crônico-degenerativas, muitas delas tendo como fatores de risco aqueles associados às condições de vida em grandes áreas urbanas, como sedentarismo e estresse. Maior acesso da população a redes gerais de água e esgotamento sanitário, maior acesso à atenção à saúde, campanhas de vacinação, entre outras ações da Saúde Pública, contribuíram decisivamente na redução dos níveis de mortalidade no país e, conseqüentemente, no aumento da esperança de vida da população brasileira. No que se



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

refere à fecundidade, a escolarização das mulheres e a inserção no mercado de trabalho, especialmente na área urbana, são fatores associados à sua rápida redução. (VASCONCELOS e GOMES 2012, p. 8)

Importante refletir que a transição demográfica como um processo global que atinge toda a sociedade brasileira, apresentando múltiplos aspectos, pois suas manifestações variam conforme a região e principalmente a diversidade social.

Nessa perspectiva, a transição demográfica está longe de ser considerada neutra: pode tanto criar possibilidades demográficas que potencializem o crescimento da economia e do bem-estar social da população, quanto ampliar as graves desigualdades sociais que marcam a sociedade brasileira. (BRITO, 2008 p. 5)

Devido as desigualdades socioespaciais e as correspondentes da taxa de fecundidade total, a população mais pobre cresceu rapidamente a partir 1920, o que afetou as mudanças na estrutura etária. Não há dúvidas de que qualquer compromisso com a redução da desigualdade social inevitavelmente enfatizara a necessidade de ações voltadas para apoiar os mais pobres na agenda política, para que eles possam, realizar um planejamento familiar com base em suas condições sociais, evidentemente caso desejam fazê-lo porque as classes sociais mais empobrecidas na maioria das vezes são carente deste tipo de informação. Sendo, assim acredita-se que para o pleno exercício de cidadania, as mulheres, especialmente as mais pobres, devem ter acesso à informações e aos meios de regular sua fecundidade para que possam determinar o número adequado de filhos de acordo com seus próprios interesses e condições financeiras.

Devido ao declínio da fecundidade, o peso relativo de todo o segmento jovem (menores de 15 anos) diminuiu a partir da segunda fase da transição em 1960. A taxa de declínio da proporção de jovens é mais rápida do que a taxa de aumento de idosos, pois a substituição de jovens por idosos é mediada pelo crescimento da população adulta.

Segundo Brito (2008) para os serviços voltados para a população jovem, como os serviços de

educação, a redução do ritmo de crescimento da demanda pode contribuir para a universalização da educação e melhorar a qualidade da educação. Além disso, o custo de extensão do tempo que os jovens deveriam ser incluídos no sistema escolar será reduzido, por



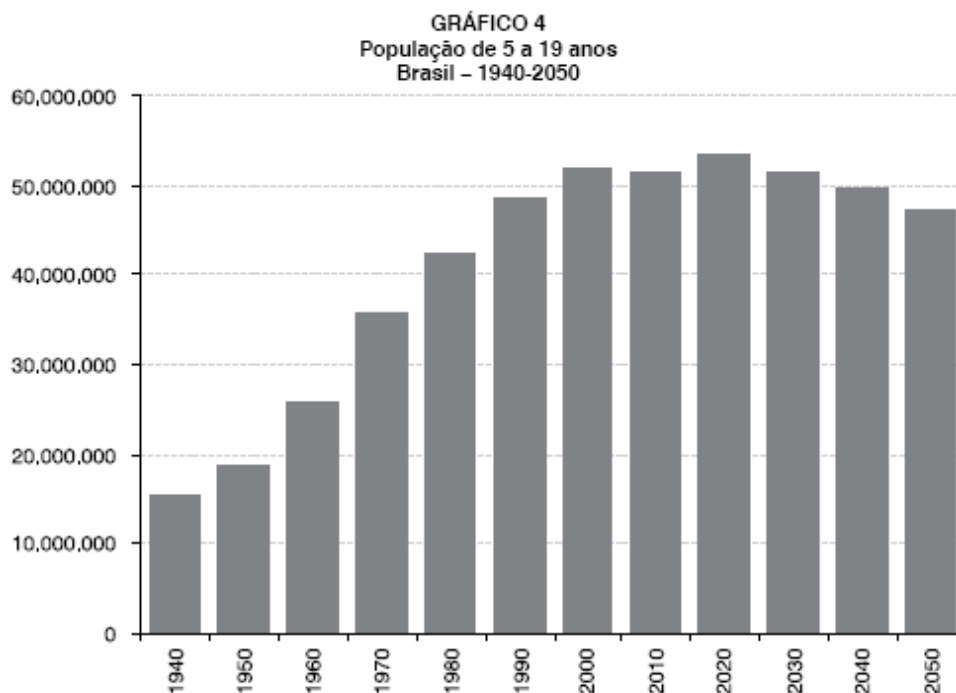
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

exemplo, para promover a implantação de escolas em tempo integral. Porém, do ponto de vista das políticas públicas, não se pode ignorar que a população-alvo (jovens) terá o maior número absoluto nos próximos dez anos, ou seja em 2018.

Atualmente, existe um consenso sobre a necessidade de políticas que garantam o acesso universal efetivo aos serviços de educação primária e secundária. Compreendemos que o mercado de trabalho só poderá ocorrer com o ensino superior, isso é demonstrado com o interesse da elite na educação regular para que essa seja a base para o acesso dos seus filhos a universidades

O grupo etário que constituiria essa demanda potencial para os ensinos fundamental e médio, ou seja, a população entre 5 e 19 anos, ainda crescerá, lentamente, até 2020, quando alcançará seu tamanho máximo, cerca de 53,5 milhões de pessoas (Gráfico 4). O atendimento ao ensino médio passa a ser o grande gargalo da educação brasileira, não somente pela pressão demográfica, mas, também, pelo aumento significativo da população que completa o ensino fundamental e deseja continuar os estudos. O ensino médio enfrentará, dessa forma, dois grandes desafios: atender a toda a demanda e aumentar a qualidade do ensino, sem se beneficiar, nos curto e médio prazos, com a redução da população-alvo. (BRITO, 2008. p.11)



Fonte: IBGE/Diretoria de Pesquisas. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de Estudos e Análises da Dinâmica Demográfica, 2004. Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960 e 1970.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte : Brito (2008)

O grupo etário que constituiria essa demanda potencial para os ensino fundamental e médio, ou seja, a população entre 5 e 19 anos, cresceu, lentamente, até 2020, quando alcançou seu tamanho máximo, cerca de 53,5 milhões de pessoas como demonstra o gráfico 4. O atendimento ao ensino médio passa a ser o grande gargalo da educação brasileira, não somente pela pressão demográfica, mas, também, pelo aumento significativo da população que completa o ensino fundamental e deseja continuar os estudos. O ensino médio enfrenta, dessa forma, dois grandes desafios: atender a toda a demanda e aumentar a qualidade do ensino, sem se beneficiar, nos curto e médio prazos, com a redução da população-alvo.

Obviamente, devido à taxa de crescimento mais lenta da população escolarizada, foram gerados ganhos demográficos relacionados à demanda educacional. A dívida populacional determinada pela alta taxa de fertilidade de longo prazo ainda proporcionará o maior número absoluto de jovens, até e 2030 . Porém, um aumento pequeno ou negativo, na verdade, reduz a pressão sobre o crescimento da oferta da capacidade instalada de serviços educacionais, e as políticas públicas devem usar isso como um benefício.

No entanto, a questão não é eleger uma nova panaceia, em que as condições da estrutura etária garantiriam o êxito das políticas educacionais. A situação demográfica favorável, por si só, pouco significará se não for aproveitada com eficiência, quanto aos meios, e com objetivo social de ampliar, pela qualidade, a capacidade de mobilidade social da maioria da população pobre, reduzindo, desse modo, as desigualdades sociais. (BRITO, 2008, p. 11)

Portanto, todo o processo de transição é complexo, e afeta diretamente a vida populacional, podendo promover mudanças nas desigualdades socioespaciais e principalmente o acesso educacional.

Análise do conteúdo de transição demográfica no livro paradidático

Antes de iniciarmos a análise é necessário que possamos compreender a importância do livro didático em sala de aula, tal material é contextualizado por Callai (2016) como um recurso orientador do trabalho do professor, bem como de apoio pedagógico; apoio ao planejamento,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

como fonte de informação, uma vez que esse é o único recurso muitas vezes disponível em sala de aula. Por isso, o livro didático pode nortear professor e os alunos, apesar de ser esse instrumento de orientação, onde o professor deixa de focar no que ensinar e passa a analisar como ensinar, podendo assim exercer sua autonomia profissional, tornando assim a aula mais atrativa aos alunos.

Em contraponto, ao uso do livro didático em sala de aula ainda segundo Callai (2016), o mesmo material muitas vezes funciona como instrumento de dominação, uma vez que pode ser visto como verdade absoluta, entretanto o livro didático deve ser visto como um recurso auxiliar e nunca pode, substituir o papel fundamental do professor enquanto chave na construção de conhecimentos geográficos.

Ainda que atualmente, exista diversas fontes de acesso à informação, com uso intenso da tecnologia como: smartphone, canais de vídeo na internet, acesso a podcast etc, o livro em si também é muito importante, em especial por possibilitar o exercício da leitura e também ser um material de consulta para aqueles que possuem pouco ou quase nenhum livro em casa.

Não se esquecendo que o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) o segundo programa educacional brasileiro mais caro, portanto vale a pena refletir sobre o impacto financeiro que o livro didático produz na sociedade, como mercadoria beneficiando editoras comerciais, e autores, mas que por outro lado, constitui-se como em muitos casos o único recurso que o professor tem disponível em sala de aula do ponto de vista de conter informações mais atuais.

Diante disso, compreendemos que apesar de ser o único instrumento em sala de aula, o livro didático não é o único recurso a ser usado pelo professor, que pode recorrer ao livro paradidático, como fonte de aprofundamento de assuntos como esse tratado no presente artigo.

A preocupação com a leitura continua a ser um fator preponderante para a produção de paradidáticos. A leitura é vista agora não como prática exclusiva à disciplina de Língua Portuguesa, mas como uma responsabilidade de todos os educadores da escola, que devem se preocupar com a formação de leitores competentes. Portanto, paradidáticos de diferentes disciplinas trazem possibilidades de inserção do estudante no ambiente de leitura e interpretação de textos, ao mesmo tempo, de contextualizações que ampliam o entendimento daquela matéria. (CAMPELLO e SILVA 2018, p.71)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O livro analisado na pesquisa é Geografia da População de Eugenia Maria Dantas, Ione Rodrigues Diniz Moraes e, Maria José da Costa Fernandes, publicado no ano de 2011, sendo que as teorias demográficas e o crescimento populacional estão presentes nas partes I e II.

O livro Geografia da População, onde trata, as teorias demográficas, aparece no capítulo um Teorias Demográfica I (25-41), as autoras apresentam para os estudantes as ideias malthusianas que se baseavam em:

- Capacidade biológica do ser humano de se reproduzir maior do que a capacidade para aumentar a oferta de alimentos;
- As formas de controlar o crescimento populacional pode ser **preventiva**, via diminuição do número de nascidos, e **positiva**, através do aumento do número de mortes que se encontram continuamente em operação em uma sociedade dada;
- O controle definitivo da capacidade reprodutiva do ser humano é dado pela limitação da oferta de alimentos; (DANTAS, MORAIS, FERNANDES, - 2011, p. 32)

Tal teoria foi formulada, no contexto do industrialismo vivido na Inglaterra no século XVIII e XIX, a teoria formulada por Malthus discute a relação entre a pobreza e a subsistência da população, e apregoava que uma sociedade igualitária estimularia nascimentos, o que ampliaria a pobreza diante da luta pela sobrevivência, triunfaria o egoísmo. Malthus portanto;

Afirmava que as populações humanas, se não ocorrerem guerras, epidemias, desastres naturais etc., tenderia a duplicar a cada 25 anos. Ela cresceria, portanto, em progressão geométrica (2, 4, 8, 16, 32...). Já o crescimento da produção de alimentos ocorreria apenas em progressão aritmética (2, 4, 6, 8, 10...). (SILVA, FONTANA, COSTA, e RODRIGUES, 2015, p. 32)

Tais ideias devem ser estudadas atualmente para que possamos compreender os fenômenos populacionais contemporâneos. Malthus incentivava um controle moral da população que, entre outros métodos, incluía: o atraso do casamento até que o homem fosse capaz de sustentar seus filhos, a contenção sexual entre pessoas de baixa renda, e a diminuição da caridade, pois a esmola, segundo o filósofo e economista, era incentivo para preguiça.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Pessoas preguiçosas não trabalhavam, não produziam nada e, logo, eram apenas mais bocas para alimentar, agravando o quadro população x alimentação. Importante salientar que, essas ideias de Malthus são claramente preconceituosas e racistas, entretanto na abordagem do livro analisado as autoras não apresentam uma discussão crítica e reflexiva sobre tais, tornando então por vezes apenas uma abordagem rasa, sem a preocupação de contrapor a discussão enviesada de Malthus, caso o professor não tenha uma boa formação intelectual a discussão desse conteúdo poderá ser prejudicada

No Capítulo Teorias Demográficas II (41-59), o autor coloca a visão de Marx sobre a teoria demográfica, propondo a análise demográfica a partir da equação crescimento população disponibilidade, contrapondo as ideias de Malthus, Marx propõe a mudança do modelo capitalista para uma organização socialista, que poderia proporcionar trabalho em condições dignas

Os reformistas atribuem aos países ricos ou desenvolvidos a responsabilidade pela intensa exploração imposta aos países pobres ou subdesenvolvidos, que resultou em um excessivo crescimento demográfico e pobreza generalizada. Defendem a adoção de reformas socioeconômicas para superar os graves problemas. (ALMEIDA E RIGOLIN, 2002, p. 119)

Diante disso, os reformistas defenderam a adoção de profundas reformas sociais e políticas para superar os graves problemas dos países subdesenvolvidos. A redução do crescimento será resultado dessa reforma. Para os defensores dessa tendência, ao comparar a taxa de natalidade de famílias de baixa renda, é fácil confirmar a tendência do controle da natalidade espontânea ao compararmos a classe média e classe baixa. À medida que a família melhora suas condições de vida tende a reduzir o número de filhos para não prejudicar seu acesso ao sistema de educação e saúde, pois almeja pagar um plano de saúde e também uma escola particular em especial na educação básica

Portanto, pode-se perceber que o problema com a teoria da população é complexo, qualquer radicalismo é indesejável. Afinal, existem países densamente povoados países desenvolvidos e subdesenvolvidos, países desenvolvidos e subdesenvolvidos não povoados.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Além disso questões culturais, políticas e econômicas que devem ser consideradas em pesquisa populacional.

Nos capítulos I e II (25-41) sobre as teorias demográficas, o discurso é introdutório sobre o tema explicando as visões de Malthus e Marx, e a história da transição demográfica, por esse motivo nessa parte o livro conta com poucas figuras de ilustração apenas algumas figuras com fotos dos autores, entretanto as questões propostas como atividade, levam o aluno a refletir e a expressar sua opinião sobre a visão dos autores, e propondo uma análise da dinâmica populacional a partir da visão desses autores. Por exemplo, na página 48, há uma atividade que solicita que o aluno verifique as duas teorias e defina qual delas é a melhor para analisar a dinâmica populacional.

No capítulo intitulado Crescimento Populacional I- pagina 58, o livro trata do crescimento populacional, onde as autoras primeiramente definem alguns conceitos importantes para a compreensão desse processo, como o conceito de população relativa, população absoluta, superpopulação. Explica como a população cresce, o crescimento vegetativo que corresponde a diferença entre o número de nascimento e óbitos e o crescimento horizontal que retrata a diferença entre o nº de imigrantes e emigrantes. Aborda também, as formulas de cálculo de taxa de natalidade e mortalidade, e a relação entre a industrialização e a urbanização com o crescimento populacional, estas duas últimas modalidades em especial interferiram diretamente no modo de viver da população, uma vez que esses fenômenos alteraram os valores familiares sobre a concepção dos filhos. Ainda que anteriormente a criança era vista como mais um trabalhador, pois significava mão de obra no campo, após os fenômenos de urbanização e industrialização passou-se a compreensão de que é preciso educar a criança primeiro para que ela obtenha qualificação profissional, portanto ter filhos tornou-se sinônimo de investimento financeiro e educacional sem retorno imediato a família.

O livro ainda apresenta que no Brasil a redução da taxa de natalidade só é vista efetivamente a partir de 1960 motivada por:

- Difusão do planejamento familiar: acesso a métodos contraceptivos (pílulas anticoncepcionais, dispositivos intrauterinos (DIUs), laqueadura e vasectomia)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- Urbanização: que permitiu acesso a produtos e serviços, porém também aumentou o custo de vida, visto que no campo muitas vezes o alimento vem da própria plantação, na cidade tudo era comprado, inibindo assim a formação de famílias numerosas.
- Ampliação da mulher no mercado de trabalho: reduziu o tempo da mulher na permanência do ambiente doméstico, o que consequentemente fez a mulher se planejar para ter um filho.
- Aumento da preocupação com investimento na formação dos filhos e com a qualidade de vida a ser usufruída pela família.

Esses fenômenos mudaram a concepção de filhos no Brasil, e estão presentes no cotidiano atual também.

O capítulo Crescimento Populacional II, propõe uma análise de como ocorreu as situações apresentadas pelas nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, a realidade entre o crescimento populacional e a realidade socioeconômica que são de suma importância para que e possa desenhar o mapa de desenvolvimento e subdesenvolvimento, analisando também o crescimento populacional brasileiro. No tocante as figuras apresentadas assim como no capítulo anterior são poucas mas bem elucidativas, com mapas sobre a divisão socioeconômica, gráficos representando a queda da taxa de natalidade nos países subdesenvolvidos sobre as atividades propostas também levam o aluno a uma análise do texto apresentado e da realidade vivenciada, trazendo por exemplo a reflexão da relação socioeconômica dos países subdesenvolvidos com a dinâmica populacional dos mesmos, propondo uma análise das questões históricas de como acontecimentos históricos se relacionam com a dinâmica populacional vivenciadas, trazendo essa dinâmica para dentro da casa do aluno, obrigando-o analisar como acontece a evolução na sua família, com o número de filhos que ao longo do tempo diminuíram, e o porquê diminuíram.

Como dito anteriormente, a discussão de vários conteúdos nos livros didáticos no livro paradidático são por vezes muito raso, e isso ocorre em especial no primeiro capítulo, porém, mesmo que o livro seja voltado para o tema, no material analisado poderia ter um aprofundamento maior nos exercícios de forma a apresentar maior criticidade ao professor e consequentemente ao aluno.

Considerações Finais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As questões educacionais permeiam muitos aspectos, como financiamento, projetos de educação política, administração governamental estadual e municipal, por fim, as políticas públicas e suas prioridades e diretrizes em sentido amplo. Não importa quais são os objetivos do programa educacional, fundamentalmente falando, considerar quem precisa e assim produzir políticas públicas inclusivas considerando a equidade dos vários grupos populacionais que compõe o país.

Devido à alta fecundidade vivido no início do processo, em 1960 a proporção de crianças na população é alta, geralmente relacionado ao lento desenvolvimento humano. Nesta fase atual a sociedade precisa assumir compromisso com construção e manutenção de seus filhos na escola, contratação e pagamento professores e funcionários, mais de uma refeição durante o período que estão na escola, livros didáticos, entre eles, pois é de suma importância que todos tenham acesso à educação de qualidade

Do ponto de vista, o Brasil é conhecido por ter diversas dissimetrias de desigualdades regionais relacionando em especial por renda, raça, etnia e gênero. Casais de alta renda e consequentemente com maior acesso as políticas de controle de natalidade desde a década de 1960 geram um número menor filhos, além de que o processo de envelhecimento na população entre os mais ricos começou mais cedo.

Ao analisarmos, as discussões sobre transição demográfica no livro paradidático de Geografia exposto compreendemos a importância do tema para o ensino da geografia visto que a partir dele compreendemos como as estruturas se mante na sociedade atual, bem como as desigualdades socioespacial em especial na educação, visto que através de políticas públicas pode-se gerar o acesso à educação de qualidade, destacando o papel do professor nesse processo, uma vez que as discussões sobre o tema, que como verifica-se ser abordado no livro paradidático de maneira rasa, nesse processo o professor pode ampliar as discussões com outras perspectivas sobre o tema, aproximando o que muitas vezes são apenas números, da realidade atual.

Assim sendo diante do exposto, o tema é relevante pois através dele compreendemos o processo de transição no Brasil e como aconteceu a dinâmica de maior acesso às condições de saúde e aumento da qualidade de vida das populações, algo que está intimamente ligado a vivência de todo ser humano. Trazendo assim, para o ambiente escolar muito mais que números, gráficos e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

tabelas e sim a importância das políticas públicas voltadas a distribuição de renda e o acesso ao controle de natalidade segundo o desejo das famílias, o tema é importante também para a compreensão histórica de como esse processo aconteceu no Brasil.

Portanto, compreendemos que um dos fenômenos estruturais mais importantes, que provoca mudanças significativas desde a segunda metade do século passado na economia brasileira é a transição, o artigo procurou compreender como o conceito tem sido apresentado nos livros de Geografia, com enfoque no livro paradidático. Ao analisar o tema percebeu-se as lacunas existentes, que demonstram o conceito de maneira rasa, exigindo assim que o professor busque em outros recursos maneiras de complementar o tema em sala de aula.

Referências

ALMEIDA, Lúcia M. Alves; RIGOLIN, Técio Barbosa. **Geografia**. São Paulo: Ática, 2002.

BRITO, Fausto. Transição demográfica e desigualdades sociais no Brasil. **Revista Brasileira de - Estudos. Populacionais** ., São Paulo , v. 25, n. 1, p. 5-26, Junho 2008.

CALLAI, Helena. O livro didático permite e oportuniza a democratização do conhecimento. In: SPOSITO, E. S. **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 287-305

CAMPELLO, B. S.; SILVA, E. V. da. Subsídios para esclarecimento do conceito de livro paradidático. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 64-80, 2018.

DANTAS, E. M., MORAES, I. R. D., FERNANDES, M. J. C. **Geografia da população**. Natal: EDUFERN, 2011.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Demográfico de 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Estatísticas do século XX, 2003

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 1996.

SILVA, J. A. B., FONTANA, R. L. M., COSTA, S. S., & RODRIGUES, A. J. Teorias demográficas e o crescimento populacional no mundo. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais. Aracaju**, v.2 n.3, p. 113-124. 2015

VASCONCELOS, A M N; GOMES, M.M F Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiologia e Serviço de Saúde**, Brasília , v. 21, n. 4, p. 539-548, dez. 2012 .



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**ENSINO REMOTO EMERGENCIAL: UMA EXPERIÊNCIA
DESAFIADORA**

Ana Paula Rodrigues dos Santos⁹

Resumo

Palavras-chave: Pandemia COVID -19; Tecnologias; Ensino Remoto Emergencial.

Introdução

A elaboração desse artigo é referente ao período de estágio que foi desenvolvido no Colégio Estadual Marcelino Champagnat durante o segundo semestre de 2020 de forma remota. A instituição está localizada no município de Londrina, no norte do estado do Paraná. Neste artigo está contido as experiências que pude presenciar, durante o período citado, dentro da escola assim como as diferenças e limitações observadas entre elas quanto ao ensino de geografia empregado remotamente.

Nessa perspectiva os objetivos desse artigo são relatar as experiências vividas dentro das salas de aula de forma remota na respectiva escola, elucidar a maneira pela qual o ensino de geografia se estabelece nessa instituição e apresentar as diferenciações e limitações observadas na atual realidade vivida diante da pandemia da COVID-19.

A estrutura desse artigo é dividida em seis partes, incluindo tópicos e subtópicos. Inicialmente, é apresentada a localização do colégio e imagens sobre sua respectiva estrutura física. Após isso são, ainda, apresentadas as metodologias que foram utilizadas para elaboração, construção e gravação das aulas remotas e depois são discutidas as percepções vivenciadas entre os sujeitos no processo de ensino aprendizagem, ou seja, a relação entre os professores e os alunos, depois estão contidas as reflexões sobre o estágio cumprido remotamente.

⁹Graduanda em geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). paulaanarodrigues@live.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento

Colégio Estadual Marcelino Champagnat

O Colégio (figura 1) foi fundado em 15 de fevereiro de 1967, na cidade de Londrina – PR (figura 2), oriundo de uma situação emergencial para atender a grande demanda por vagas em colégios públicos. Teve o apoio de colégios particulares que cederam espaços estruturais para o desenvolvimento das atividades escolares.

Uma parte do colégio funcionava nas dependências do colégio Marista – Av, Maringá - e outra parte na estrutura do colégio Canadá – Rua Paranaguá. Em 1969 o prédio localizado na Rua São Salvador, 998, fora desocupado pelo colégio Vicente Rijo e com isso, o Estado transferiu a unidade do Colégio Champagnat para esse endereço, onde permanece atualmente instalado, na região central da cidade de Londrina – PR.

Figura 1– Colégio Estadual Marcelino Champagnat – Ensino Fundamental, Médio e Profissional



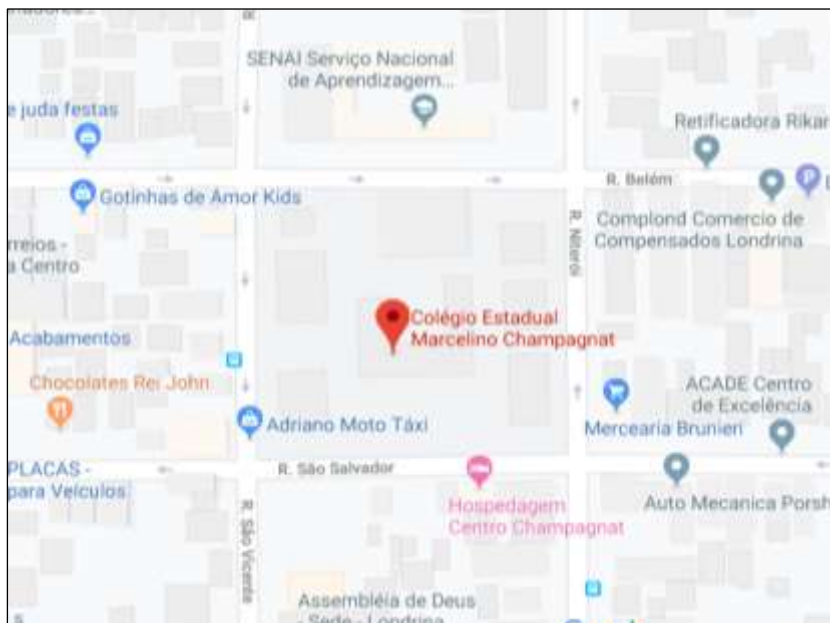
Fonte: NETO, A.C. Colégio Estadual Marcelino Champagnat, 2014.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 2 – Localização do Colégio Estadual Marcelino Champagnat – Ensino Fundamental, Médio e Profissional



Fonte: Google Maps, 2019.

Durante o período de estágio, foi trabalhado, especificamente, uma série: os nonos anos do colégio. Foram escolhidos esses anos, devido a faixa etária dos alunos e de acordo com as ideias propostas de montagem de aula. O perfil apresentado, por alunos que compõem esse período, atendiam de melhor forma o proposto. Foi trabalhado com eles o continente africano, cujos conteúdos apresentam mais a frente desse artigo.

Projeto Político Pedagógico (PPP)

O Projeto Político Pedagógico (PPP) constitui-se como um documento que contém e/ou reflete as propostas educacionais de uma instituição, sendo assim, cada instituição, obrigatoriamente deve conter seu PPP, sendo esse alinhado e respaldado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

O Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) do colégio corresponde ao ano de 2018 e foi elaborado pela comunidade escolar, constituindo-se em um documento democrático. Esse documento contém as características do colégio, tanto as físicas como as pedagógicas e históricas, evidenciando sua identidade e objetivos do que pretendem alcançar, considerando



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

as etapas que são intermediadas pelas seguintes palavras como, para quem e com quem se quer chegar.

Na apresentação, justifica-se o projeto como político porque intenciona a formação de determinado tipo de aluno e pedagógico, porque envolve todo o processo de construção do ensino e aprendizagem. A elaboração do P.P.P. e da Proposta Pedagógica Curricular do colégio é prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96, nos seus artigos 13, 14 e 15.

O colégio atende alunos nas fases finais do ensino fundamental – fundamental 2 -, ensino médio e CELEM – Centro de Línguas Estrangeiras Modernas-, oferecendo aulas de espanhol inglês e japonês. Esses discentes são em maioria oriundos das áreas não centrais, até mesmo de distritos. Entretanto, existem alunos de condições socioeconômica elevada, mas que optam pelo colégio devido a qualidade educacional e o renome de influência que a instituição possui no município de Londrina.

Os equipamentos e materiais pedagógicos são disponibilizados por meio da rede pública, portanto, o Estado é o agente mantenedor do colégio. As estruturas são compostas por biblioteca, laboratórios para trabalhos dos professores para com os alunos e laboratório de informática exclusivo para os alunos e sala de recursos multifuncional, A instituição apresenta, também, programas e atividades complementares curriculares no contra turno.

A gestão escolar é composta por três (3) diretores, cujo um é geral e os demais são auxiliares. São nove (9) pedagogos e cento e cinco (105) docentes em salas e aulas, entre outras pessoas nos cargos de professores readaptados (8), funcionários administrativos (12) e de apoio (17). As matrizes curriculares estão de acordo com a Base Nacional Comum e atendem demanda heterogênea da população.

A instituição apresenta Conselho Escolar e a Associação de Pais, Mestres e Funcionários – APMF são instâncias cujos representantes foram eleitos através do voto direto, como também o Grêmio Estudantil e que auxiliam na tomada de decisões do colégio.

No P.P.P. são apresentados como objetivos do colégio os tópicos a seguir:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- Oferecer educação formal, gratuita, de maneira democrática, nos níveis de ensino fundamental, médio e CELEM, a crianças, adolescentes, jovens e adultos, moradores de Londrina e região, contribuindo para sua preparação e integração na prática social e pleno exercício da cidadania;
- Respeitar a legislação vigente e as políticas educacionais como orientadoras da prática no espaço escolar;
- Promover parceria com a comunidade escolar visando à realização de um trabalho responsável e compartilhado diante do processo educacional;
- Incentivar a comunidade escolar a respeitar a cultura, o ambiente, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes do efetivo trabalho de todos integrado à pesquisa científica e tecnológica;

A proposta de gestão da escola é voltada à transformação social, entendendo o homem como ser social e histórico em busca por conhecimento e para cumprir sua função social apoia-se na Pedagogia Histórico-Crítica e na Psicologia Histórico-Crítica, sendo a primeira a base epistemológica da Proposta Pedagógica. Como filosofia, o colégio possui a formação emancipadora do aluno, com visão de totalidade humana, compromisso com valores como, por exemplo: políticos e éticos.

A disciplina de geografia

Na disciplina de Geografia, o colégio busca a superação da divisão existente entre geografia física e humana. Deve-se desenvolver dois ou mais dos conceitos principais da geografia, entre eles região, paisagem, território, lugar, sociedade, rede e natureza e as categorias de análise do espaço geográfico que são relações espaços-temporais e relações sociedade-natureza.

É sugerido que seja articulada a teoria à prática e a realidade sejam interligadas, sendo trabalhadas de forma crítica. Diz-se ainda no P.P.P. que o professor deve propiciar atividades que envolvam problematizações, conflitos e contradições. A metodologia do ensino engloba diferentes práticas pedagógicas, por exemplo, leitura e interpretação de fotos, imagens e de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mapas, trabalhos de campo, etc. Visa o desenvolvimento da oralidade, leitura e interpretação de diferentes tabelas e gráficos. Segundo ainda o P.P.P. O trabalho pedagógico, de acordo com a Lei 10.639/03 e à Lei 11.645/08, deve ser trabalhada a temática história e cultura afrobrasileira e indígena.

No 6º ano são abordados os conceitos-chaves da geografia e conteúdos que introduzem à ciência como, por exemplo: Movimento da Terra, Continentes, Ilhas, Mares, Relevo, Hidrografia brasileira e mundial, clima e vegetação da Terra e do Brasil, campo e cidade, atividades econômicas, entre outros. O 7º ano é contemplado com conteúdos que abordam especificamente o Brasil: estudo das regiões geográficas e, estudo da geografia do Paraná. O 8º ano tem como conteúdo de estudo as Américas, os blocos econômicos existentes que as envolvam e a Globalização. No 9º ano são abordados os conteúdos sobre as duas grandes Guerras, Globalização novamente e os continentes: europeu, asiático, africano, as regiões polares e a Oceania.

O ensino médio é dividido em 3 períodos; 1º, 2º e 3º anos. O primeiro tem como conteúdos estruturantes: dimensão econômica do espaço geográfico, dimensão política do espaço geográfico, dimensão cultural e demográfica do espaço geográfico e dimensão socioambiental do espaço geográfico; O segundo apresenta: dimensão econômica do espaço geográfico, dimensão política do espaço geográfico, dimensão cultural e demográfica do espaço geográfico e dimensão socioambiental do espaço geográfico como conteúdos estruturantes; O terceiro e último ano, apresenta os conteúdos estruturantes como: dimensão econômica do espaço geográfico, dimensão política do espaço geográfico, dimensão cultural e demográfica do espaço geográfico e dimensão socioambiental do espaço geográfico.

Perspectivas presenciadas entre docente e discentes

Os primeiros casos de infecção pelo vírus da COVID surgiram na China no final de 2019. Por se tratar de um vírus novo e altamente transmissível, não demorou muito e todo o oriente estava infectado. Com a dinâmica global vivenciada na atualidade, a globalização, especificamente o grande fluxo de pessoas transportaram do oriente para o ocidente o vírus e, em cerca de 5 meses, o mundo já estava acometida com essa doença.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Devido sua novíssima idade, não havia medicamentos, vacinas e nada muito eficaz que pudesse saciar a transmissão, governos, então passaram a recomendar o uso de máscaras, álcool e a defenderem o distanciamento social.

Nesse contexto, o Brasil parou para buscar estratégias de readaptar-se a nova realidade condicionada pela COVID-19. Com isso, escolas também ficaram paradas, entretanto, com a movimentação dos responsáveis pela educação, traçaram ideias e implementaram o ensino remoto emergencial, para que pudessem prosseguir com as aulas, uma vez que a estagnação do ensino não era opção viável, pois acarretaria em superlotação nas escolas (se assim aguardassem pelo retorno presencial) e influenciaria ainda mais o sucateamento da educação.

O professor regente que acompanhou o estágio, trabalha com slides por meio de powerpoint, pelos quais ele expõe conteúdos contidos no planejamento anual, cujos estão condicionados ao livro didático, entretanto os slides possuem conteúdos oriundos de outras fontes. Ao longo das aulas, o professor apresentava aos alunos atualidades que estavam correlacionadas com o conteúdo exposto e por meio disso, provocava questionamentos e debates com as crianças/adolescentes. Ao livro didático, ficava condicionado apenas tarefas, mas isso não se aplicava a toda aula. O professor, muitas das vezes solicitava como tarefa, pesquisas aos alunos que eram além das apresentadas nos livros didáticos. Com a modalidade remota, o professor aplicou maior número de promoção de debates entre os alunos afim de instiga-los a falar durante as aulas e compartilhar ideias.

Metodologias

As aulas aplicadas durante período de estágio foram produzidas exclusivamente para os 9º anos do colégio em questão, conforme orientações do professor orientador do estágio, foram produzidas doze (12) aulas ao total com médias entre 10 e 12 minutos, que contemplavam o tema Continente Africano, sendo trabalhado temas que correspondem ao continente, contemplando esfera econômica e social, sendo eles tipos climáticos no continente africano (figura 3); população africana (figura 4); religiões na África (figura 5); colonização do continente africano (figura 6); disponibilidade de água no continente africano (figura 7); vegetação do continente africano (figura 8); relevo, geologia e solos africanos (figura 9);



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

problemas ambientais na África (figura 10); Conflitos no continente africano (figura 11); pessoas (figuras) importantes na/para África (figura 12); Heranças africanas presentes na cultura brasileira (figura 13) e atualidades da/na África (figura 14).

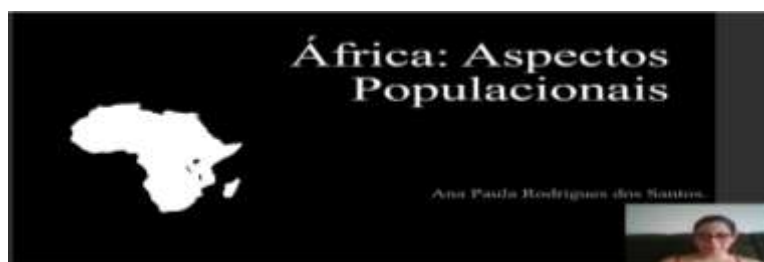
Figura 3 – Capa aula 1 (tipos climáticos no continente africano)



Fonte: A autora, 2020.

Na primeira aula foram abordados os tipos climáticos presentes no continente africano. Inicialmente, foi apresentado aos alunos fatores e elementos dos climas, como eles se condicionam/influenciam e posteriormente, apresentados figuras que ilustravam a distribuição dos climas pelo continente e suas respectivas características.

Figura 4 – Capa aula 2 (população africana)



Fonte: A autora, 2020.

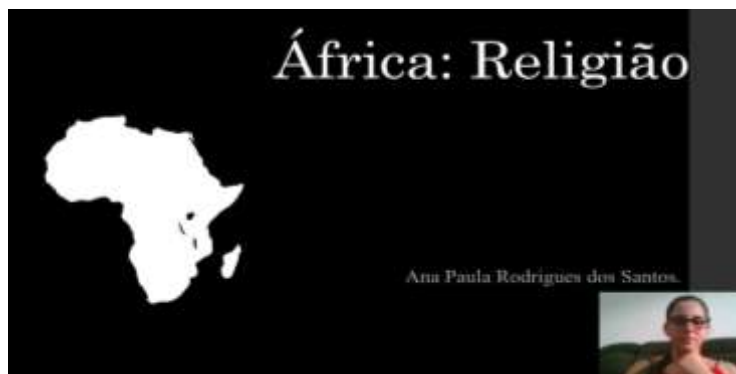
Na segunda aula, foram apresentados aos alunos conceitos sobre: taxa de natalidade, mortalidade, crescimento vegetativo, índice de desenvolvimento humano (IDH) e densidade demográfica. Após explanação dos conceitos, foram apresentados os números na África para cada taxa. Posteriormente, foi demonstrado os tipos de povos presentes no continente, suas respectivas distribuições e porcentagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

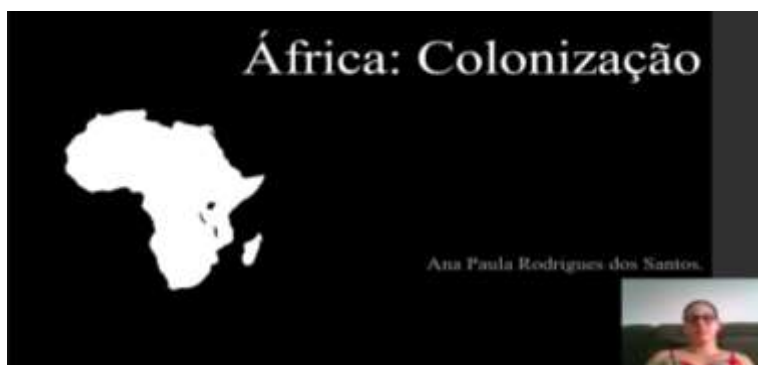
Figura 5 – Capa aula 3 (religiões na África)



Fonte: A autora, 2020.

Na terceira aula, foi trabalhado a diversidade religiosa presente no continente e as principais religiões exercidas no território, como elas se distribuem pelos países africanos e suas características.

Figura 6 – Capa aula 4 (colonização do continente africano)



Fonte: A autora, 2020.

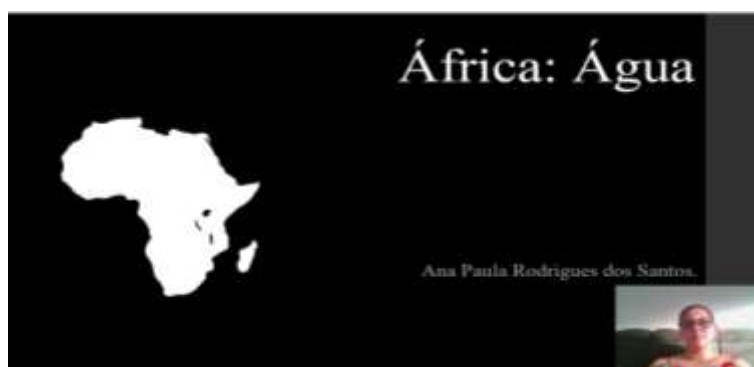
A quarta aula, foi a que mais demandou tempo. Teve início com a conceituação da palavra colonização, depois foi apresentado os dois momentos em que a África passou por colonização: séc. XV e séc. XVIII. Com isso, foi exposto as diferenças e semelhanças existentes entre esses períodos e as formas pelas quais os países africanos foram distribuídos entre as potências da época e, as consequências dessas divisões.

Figura 7 – Capa aula 5 (água no continente africana)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

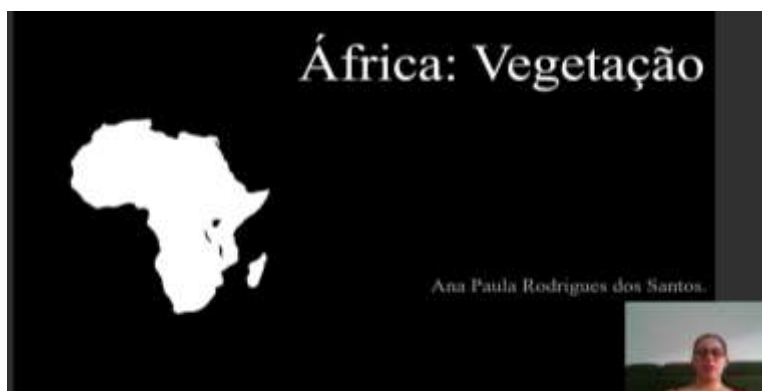
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: A autora, 2020.

Na quinta aula, foi trabalhado conteúdo sobre a água, abordando assunto sobre a disponibilidade e a escassez, bacias hidrográficas e os conflitos existentes no continente a respeito desse recurso.

Figura 8 – Capa aula 6 (vegetação do continente africano)



Fonte: A autora, 2020.

Na sexta aula, sobre vegetação, foi trabalhado o conceito de biomas, posteriormente apresentado uma figura com os biomas do continente africano e suas respectivas caracterizações.

Figura 9 – Capa aula 7 (relevo, geologia e solos africanos)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

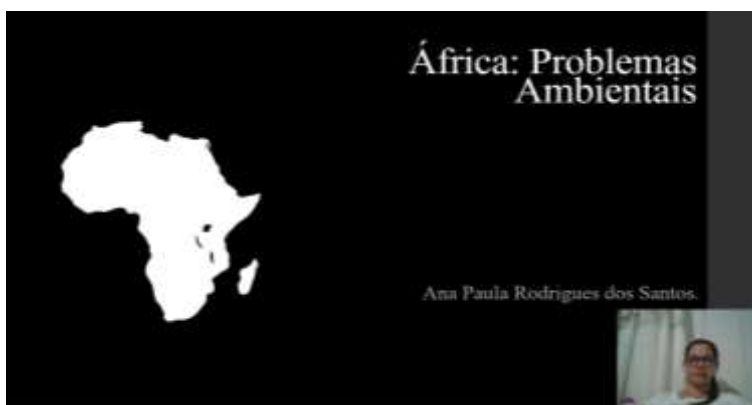
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: A autora, 2020.

Na aula sete, foram trabalhados os agentes de transformação dos relevos, os relevos presentes na África, suas características e as principais localizações; A base geológica o continente, tipos de solos e sua caracterização para a agricultura.

Figura 10 – Capa aula 8 (problemas ambientais na África)



Fonte: A autora, 2020.

Na aula oito, foi apresentado os problemas ambientais que são presentes no mundo todos, mas que na África, em particular, são ainda mais intensos, como por exemplo: lixo e resíduos sólidos, desflorestamento, falta de água potável e etc.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

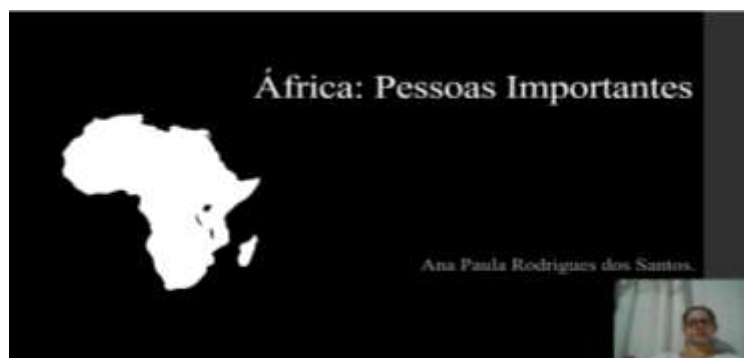
Figura 11 – Capa aula 9 (Conflitos no continente africano)



Fonte: A autora, 2020.

A aula nove, abordou as principais origens/causas dos conflitos presentes no continente, fazendo ponte com temas de outras aulas, como por exemplo com a aula sobre colonização. Além disso, foi citado e caracterizado os principais tipos de conflitos.

Figura 12- Capa aula 10 (pessoas importantes na/para África)



Fonte: A autora, 2020.

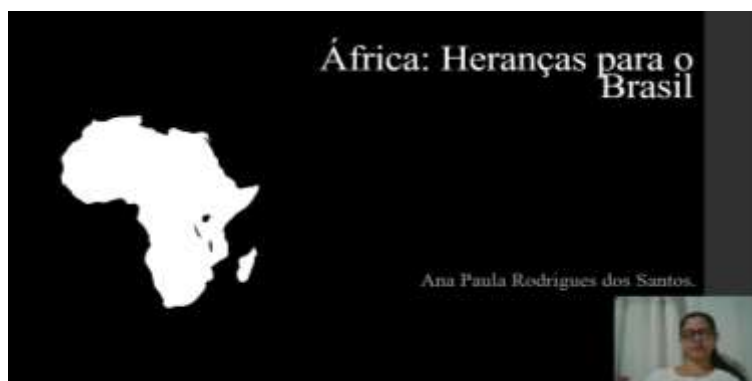
A aula dez, foi de apresentação sobre pessoas que se constituíram como figuras públicas e políticas para o povo africano e que possuem toda uma simbologia, sobre resistência, força, lutas por igualdade, pela vida.

Figuras 13 – Capa aula 11 (Heranças africanas presentes na cultura brasileira)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: A autora, 2020.

Na aula onze, foi trabalhado com os alunos sobre as heranças e influências culturais de povos africanos na cultura brasileira que perpassa desde a música, religião até a comidas.

Figura 14 – Capa aula 12 (Atualidades da/na África)



Fonte: A autora, 2020.

A aula doze, foi de fechamento e trouxe atualidades sobre o continente. Assuntos quanto as desigualdades presentes, conflitos, disseminação da cultura pelo mundo, memes e vídeos postados na internet que viralizaram.

A necessidade em serem aulas gravadas, implicou em que os conteúdos fossem apresentados de forma expositivas – em primeiro momento – que consiste em “[...] prelação verbal utilizada [...] com o objetivo de transmitir determinadas informações [...]” (RONCA;



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ESCOBAR, 2009, p. 86). Em segundo momento, foi aplicada metodologia ativa, através de atividades direcionadas ao fim das aulas aos alunos. Essa metodologia, de acordo com Diesel (2017 *apud* SMOLARECK; LUIZ, 2020, p. 2) é “[...] possibilidade de deslocamento da perspectiva do docente (ensino) para o estudante (aprendizagem) [...]”, ou seja, possibilitar aos alunos contribuírem com o processo de aprendizagem, trazendo algo novo sobre os assuntos em questão.

Essas aulas foram montadas na ferramenta Power Point e foram gravadas a partir dessa mesma ferramenta. Após gravação, foram compartilhadas com o professor orientador e ele disponibilizou às aulas aos alunos através da plataforma Google Classroom, onde ficaram para consultas e, o professor utilizou-as para retomada de conteúdo e como reforço.

Resultados e discussões

Indiscutivelmente, a pandemia da COVID-19 tem provocado mudanças e forçado professores a readaptar e a exercitar a criatividade no âmbito do ensino. Diante dessa nova realidade, ou como dizem, novo normal, no ensino público brasileiro, surgem situações desafiadoras quanto à suprir as demandas e necessidades educacionais de 100% dos alunos. Com a implementação do distanciamento social, a implementação das aulas remotas, de forma emergencial, pareceu ser a melhor opção para que estudantes não perdessem seus anos letivos.

Além dos desafios encontrados por governos e por professores quanto a equipamentos e ao acesso à internet com qualidade a todos os alunos, surgem desafios em planejar e aplicar as aulas de forma que àqueles que possuem a possibilidade de assisti-las, consigam assimilar e aprender. De acordo com Smolareck; Luiz (2020, p. 1),

Atualmente passamos por um momento difícil na educação, a implantação de metodologias ativas em nossos planos de aula, a busca eficaz pela melhoria na comunicação e aprendizagem significativa, vem sendo um desafio a todos os educadores. Tornar as aulas online ou em ead prazerosas e produtivas, utilizando de metodologias que ajudam os educandos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a participarem ativamente, executarem tarefas e formularem seus questionamentos e sua própria visão crítica.

Nesse contexto, Smolareck; Luiz (2020, p. 1) dizem que “[...] educadores buscam por métodos e ferramentas que possam auxiliar na construção do conhecimento de seus alunos [...].” Dessa forma é “[...] importante utilizar metodologias ativas para a construção do conhecimento na disciplina de Geografia.” (, p.2). Diante dessa explanação, o objetivo desse artigo é apresentar e discutir a metodologia ativa aplicada no planejamento e desenvolvimento das aulas remotas, que foram aplicadas durante o período de estágio do 4º ano do ensino de geografia, para discentes do 9º do ensino fundamental do Colégio Estadual Marcelino Champagnat.

A constituição brasileira de 1988 determina que a “educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família”. A partir disso, com a pandemia da COVID-19, Estado agilizou e implementou as aulas remotas como forma de continuar a garantir esse direito.

Com o novo normal aplicado à realidade escolar, professores tem a cada dia, buscando novas ferramentas e metodologias de aprendizagem, infelizmente ainda não é possível fugir em sua totalidade do metodologia de exposição, pois na modalidade das aulas virtuais, o conteúdo a ser apreendido precisa ser apresentado de forma mais sintética e, nem sempre instigar a promoção da descoberta do conteúdo, nessa modalidade é o melhor caminho a ser seguido.

Na construção das aulas que foram gravadas e direcionadas aos alunos do 9º ano, foi pensado em mesclar metodologias e em sintetizar as aulas, fazendo com que ficassem curtas e que ao mesmo tempo instigassem aos alunos a irem para além do que foi comentado em vídeo, sendo esse além, parâmetro avaliativo, pois não teria como deixar de ser porque “As práticas avaliativas classificatórias ainda estão presentes no cotidiano da sala de aula [...]” (FAVARÃO, 2012, p. 12), mesmo que de forma diferente do presencial, é inevitável não promover atividades condicionadas a situações avaliativas.

Entretanto, a forma avaliativa no sistema remoto, se diferencial do presencial, pois de acordo com o elaborado de acordo com as aulas produzidas, não existe necessariamente parametrização entre certo e errado e sim existem contribuições, que coletivamente, ao se somarem, promovam enriquecimento no aprendizado.

Considerações Finais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ao término do estágio, foi possível observar que, devido ao perfil socio econômico dos alunos do Colégio Marcelino Champagnat, todos os discentes – aos que foram destinados às aulas - conseguiram ter acesso a elas e, de acordo com o retorno do professor orientador, as aulas foram utilizadas com três princípios: em primeiro momento como aulas introdutórias aos conteúdos, em segundo momento como aulas resumos como reforço e em terceiro momento como aulas de retomada de conteúdo.

De acordo com o professor orientador do estágio, as aulas gravadas no formato introdutório/resumo de conteúdos tiveram resultado muito positivo, ainda ressaltou que as notas dos alunos melhoraram bastante. Com essa experiência de modalidade das aulas introdutórias gravadas, trabalhando com as duas metodologias -discutidas no decorrer do artigo – e, com tempo médio de 10 -12 minutos, os discentes tiveram maior facilidade para compreender o conteúdo como explanado de forma mais aprofundada.

Com essa experiência de estágio via modalidade remota, permitiu observar que é possível mesclar metodologias de ensino, sendo possível produzir um resultado muito bom e que aulas introdutórias com o objetivo de familiarizar alunos com o conteúdo a partir de aspectos gerais sobre tal, reflete em melhor aproveitamento, absorção, discussão e aprendizado sobre o que se é trabalhados, sendo essa uma prática a ser considerada não apenas no meio remoto, mas também no presencial, quando houver retorno.

É inevitável que nesse retorno, pós pandemia a maneira de ensinar será diferente, dotada de mais ferramentas tecnológicas que ajudaram alunos a terem mais interesse em aprender, mais professores dedicados a se informarem sobre tecnologias, mais valorização do estar presente, da sala de aula. Impossível seria passar por toda essa turbulência e nada mudar com o retorno presencial.

Referências

RONCA, Antônio Carlos Caruso; ESCOBAR, Virgínia F. **Técnicas Pedagógicas**: domesticação ou desafio a

participação? Petrópolis: Vozes, 1988.FILIZOLA, Roberto. Didática da Geografia: proposições metodológicas

e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

FAVARÃO, Cláudia Fátima de Melo. **Avaliação da Aprendizagem:** Concepções e características. 2012. P. 95. Mestrado – Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina – PR, 2012.

SMOLARECK, Rodrigo Dalosto; LUIZ, Rothieri Serres. Metodologias ativas, reflexões para reinventar o ensino de geografia, em época de pandemia. **EduCaps**, mai 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/569403> . Acesso em: 06 abr 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

USO DE APLICATIVOS COMO AUXÍLIO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Igor Bruno Ventura¹⁰

Matheus Gabriel Marquesini¹¹

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar possibilidades para a utilização de aplicativos que possuem funções e ferramentas educativas, e que podem ser utilizados para auxiliar na didática do educador, promover maior interação em sala de aula e facilitar a compreensão do aluno com o conteúdo apresentado. A metodologia utilizada para formatar o artigo, se deu através da pesquisa e leitura de matérias, artigos, livros, entre outros, no qual estão relacionados e/ou abordam os temas relevantes ao presente trabalho. Durante o desenvolvimento do artigo falaremos da cibercultura, sua implementação na sala de aula, que será feita através de aplicativos. Além disso iremos abordar toda problemática acerca da sala de aula, e como os professores lidam com as novas tecnologias. Fazendo com que o ensino de geografia possa ser passado aos discentes com maior facilidade.

.Palavras-chave: Ensino; Cibercultura; Metodologia.

Introdução

No que se refere às novas tecnologias, é importante considerarmos que é indispensável a realização de uma educação que leve os alunos a uma autonomia, reforçando e trazendo em tona sua capacidade crítica e sua curiosidade, para isso, deve se ter diversos recursos didáticos, que além de mudarem o ar de monotonia, podem vir a ser ferramentas excelentes para a construção de uma educação verdadeiramente significativa e importante na vida dos alunos. Os recursos didáticos podem ser considerados qualquer material que o docente possa utilizar ao ministrar suas aulas, desde os mais simples, como o livro didático e textos impressos, até os mais modernos e sofisticados, como por exemplo, o uso da tecnologia. Esses recursos, quando são utilizados de forma correta, tendem a tornar os processos de ensino e de aprendizagem mais consistentes e menos concentrados apenas na exposição oral do docente, voltando-se mais a ação prática dos alunos. Como principal objetivo, o artigo tende a demonstrar que o uso de

¹⁰Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: igor.bruno.ventura@uel.br

¹¹Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: matheus.marquesini@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aplicativos, podem ser utilizados como auxiliares da prática pedagógica do professor de geografia e que poderão ser utilizados em sala de aula, facilitando, portanto, a inter-relação entre o aluno e a Geografia.

O procedimento metodológico realizado foi feito através de pesquisa, leitura de matérias, artigos, livros, entre outros, que abordam práticas pedagógicas e cibercultura.

O presente artigo está dividido em três partes, onde em primeiro plano falaremos sobre a prática pedagógica e as vivências em sala de aula, junto com toda sua problemática; em segundo plano, falaremos sobre a cibercultura, e todo o apanhado de aplicativos educativos que podem fazer parte do cotidiano em sala de aula; E em um terceiro momento, falaremos sobre a introdução de tais tecnologias no âmbito das salas de aulas

Desenvolvimento

A Escola

É certo dizer que a escola presta um dos papéis mais importantes da sociedade, se não o mais, fazendo com que toda a sociedade se desenvolva e se transforme de forma coerente, e buscando oferecer a melhor formação possível para que os indivíduos possam realmente fazer parte da sociedade e aprender sobre seus deveres e seus direitos enquanto cidadão.

Além de ser uma instituição muito importante, a entidade foi criada a muitos anos, e, portanto, passou por diversas transformações ao longo da história. Portanto, vale salientar sua importância maior, que é a de formar e preparar o indivíduo para o convívio social, provendo os conhecimentos intelectuais, morais e étnicos, sendo usada tanto como forma de dominação, quanto de libertação.

A alfabetização é um dos elementos mais importantes e de responsabilidade única da escola, pois se constitui no primeiro degrau para chegar às finalidades do processo de escolarização. Por meio da leitura e da escrita é que podemos acessar o universo teórico que nos permite a construção de um corpo social mais avançado. Dessa maneira, o profissional da educação precisa compreender a necessidade e a utilidade da teoria, para que tenha condições de identificar os conhecimentos imprescindíveis para que a escola alcance seus objetivos mais essenciais. (OLIVEIRA et al., 2013, p.158)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Essa instituição comporta diversas culturas, etnias e diversidades, sendo, portanto, um grande desafio para os professores e coordenadores da escola formar e comportar tantas pessoas, este trabalho exige muito esforço e manter um ambiente escolar em ordem passa a ser essencial para um bom funcionamento.

A escola é um espaço onde também ocorre a inserção social, pois se trata de um local onde se tem indivíduos de todos os tipos de raça, cultura, crença, etc; e possui um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano. Mas também, o que foi percebido é que a escola também pode e influencia na questão do ser social dos alunos. Ou seja, trata-se de uma via de mão dupla, onde não se atenta apenas para o conhecimento em si, mas também está presente quanto se trata do social. (FERREIRA; SILVA, 2014, p.21)

Uma escola com um bom ambiente escolar é esplêndido e provê para os indivíduos uma inserção social e um ensino de qualidade, formando cidadãos autônomos, e reconhecedores dos seus direitos, visando não apenas o fator econômico de um país, mas também, e mais importante, transformando o indivíduo em um ser social, crítico e reflexivo.

O Professor

O Professor tem um papel muito importante e significativo para a sociedade, sendo o mediador entre o conhecimento e o estudante, mostrando a realidade para as pessoas, criando objetivos de vida, e até dando suporte para problemas que o ambiente familiar não consegue, servindo também como base para uma boa formação escolar e para a construção de uma sociedade pensante e crítica.

Um docente deve ter sempre em mente que precisa se renovar pedagogicamente a cada dia, para poder atender às necessidades de seus alunos, e assumindo seu papel de forma coesa na sociedade. Para ensinar os indivíduos, o professor deve antes, aprender a ensinar, e fazer isso pelo gosto próprio, e pela paixão pela profissão.

O trabalho docente é atividade que dá unidade ao binômio ensino-aprendizagem, pelo processo de transmissão-assimilação ativa de conhecimentos, realizando a tarefa de mediação na relação cognitiva entre o aluno e as matérias de estudo. (LIBÂNEO, 1994, p.88)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O professor ao ministrar suas aulas, além de mediador entre o conhecimento e o estudante (onde não apenas o aluno recebe o conhecimento, mas também o professor), é vulnerável à alteridade do aluno, e tem também a função de organizador do ambiente social, fazendo com que a sala de aula tenha um ambiente conveniente para a aprendizagem do aluno.

As dificuldades vividas em salas de aulas são imensas, o docente em uma sala de aula, além de transmitir o conhecimento (que já é um trabalho dificultoso) acaba tendo que lecionar em salas cheias e com grandes diversidades, isso dificulta o método de ensino, tendo que lidar com pessoas de várias faixas sociais, étnicas e culturais. Além desses empecilhos, o professor acaba sendo oprimido pela própria escola, pelos coordenadores e pelos próprios pais ou responsáveis dos alunos.

A Ciberultura

Para podermos compreender, como aplicativos podem ser utilizados na prática pedagógica, devemos saber do que se trata a ciberultura. Pode-se dizer que ciberultura é a cultura que surge a partir do uso da rede de computadores, e de outras tecnologias como, por exemplo, smartphones, tablets, consoles entre outros, advindos da comunicação virtual, indústria do entretenimento e o comércio eletrônico, que ocorrem até o presente momento.

A ciberultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação. (LÉVY, 1999. P.13)

Existem vários sentidos para dizer o que a ciberultura é, podemos entendê-la como, forma sociocultural que se origina da relação de trocas entre sociedade, cultura e novas tecnologias surgidas na década de 1970, graças à convergência das telecomunicações com a informática.

Como uso diversas vezes os termos "ciberespaço" e "ciberultura", parece-me adequado defini-los brevemente aqui. O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (LÉVY, 1999. P.15)

A cibercultura cria comunidades no espaço eletrônico virtual, que estão se ampliando e popularizando através da utilização da Internet e outras tecnologias de comunicação, assim possibilitava, possibilita e possibilitara a maior aproximação entre as pessoas de todo o mundo.

Cibercidade é um espaço de fluxo comunicacional, que representa a cidade física, mas sem substituí-la

Diversas associações de moradores também têm o direito de ocupar um "local" na cidade digital. Podem assim difundir informações e organizar conferências eletrônicas. Fóruns de discussão originais e alguns tipos de jornais eletrônicos também surgiram na cidade digital, na qual as questões de política local não deixam de estar presentes. Enfim, é preciso observar que a cidade digital de Amsterdã está aberta para todos os outros serviços da Internet: World Wide Web, correio eletrônico, grupos de discussão internacionais etc. A cidade digital de Amsterdã tem tido, desde sua abertura, um crescimento ininterrupto e um incrível sucesso popular devido, sem dúvida, a seu caráter gratuito (com exceção do tempo de conexão telefônica), ao fato de ser em holandês (e não em inglês) e ao caráter livre da comunicação. (LÉVY, 1999. P.188)

Assim sendo podemos notar que, graças a cibercultura a sociedade se reconstruiu, onde operações são feitas em dois planos, o físico e o ciberespaço, porém um não substitui o outro, cada um tem seu papel fundamental na sociedade, porém ambos podem trabalhar juntos e evoluírem.

Compreendido do que se trata a cibercultura, iremos abordar neste período do artigo algumas de suas áreas, mais especificamente smartphones, computadores, notebook e tablets serão utilizados como ferramenta para os aplicativos.

Alguns aplicativos podem ser bastante úteis no que se refere a auxiliar dinâmicas em sala de aula, a seguir será demonstrada uma tabela de aplicativos voltadas a prática de ensino em geografia, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Sugestões de aplicativos

Nome do Aplicativo	Descrição do Aplicativo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Seterra – Quiz de Geografia	Neste jogo de mapa abrangente, pode conquistar o mundo uma região de cada vez. A app Seterra inclui mais de 300 quizzes de mapas diferentes para testar os seus conhecimentos de geografia.
ActiveTrack	A app ActiveTrack permite criar percursos ativos, por exemplo, para roteiros de visitas de estudo ou atividades de exploração. Podendo até mesmo interagir com os conteúdos dos pontos.
Stack the Countries	Aprenda sobre os diferentes países do mundo: as capitais, as suas características mais importantes, a sua localização geográfica, e muito mais.
Google Expeditions	O Google Expeditions é uma ferramenta de realidade virtual que permite conduzir ou participar de viagens virtuais imersivas em todo o mundo
Mundo Geografia	A edição gratuita do aplicativo inclui um questionário divertido sobre países, suas bandeiras, moedas, capitais e continente. As respostas são todas de múltipla escolha.

Fonte: Apps para Educação (2019) e Canal do Ensino (2019)
Org.: Os próprios autores

Além desses aplicativos, vamos citar agora três aplicativos como proposta de uso em sala de aula, sendo eles, o Kahoot, o Jamboard, e o Google Earth:

Kahoot

O kahoot funciona em diversos dispositivos como computadores, notebooks, tablets e smartphones, porém necessitam estar conectados à internet.

Este aplicativo possibilita a criação de um conjunto de perguntas e respostas, onde o aluno tem um tempo correspondente para responder as questões e, ao finalizar, é apresentada uma pontuação dos acertos, através de uma demonstração do desempenho que o aluno, ou grupo, teve através dos pontos que foram adquiridos durante as rodadas.

A elaboração das questões pode ser feita com base nos conteúdos de geografia ministrados pelo professor, utilizando como referência o livro didático, textos e atividades aplicadas em sala.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1- Atividade sobre relevo no Kahoot



Fonte: Kahoot, 2021

Para o desenvolvimento da atividade serão utilizados smartphones por parte dos os alunos, e eles podem ser divididos individualmente, onde cada um usará seu aparelho ou em grupos, onde um dos membros terá a posse do aparelho. A realização da atividade será feita da seguinte forma: As questões serão projetadas para os alunos pelo professor através de um projetor, que possa se ligar a computadores e notebooks, por essa projeção, o aluno escolherá uma resposta durante o tempo estipulado, e este tempo pode variar dependendo do tipo de questão. No final é possível verificar qual aluno ou grupo teve maior pontuação e acertos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Google Earth

Se tratando do Google Earth, assim como os outros aplicativos da google, este está disponível gratuitamente em diversos aparelhos eletrônicos, incluindo smartphones e computadores, e também necessita de acesso a internet para utiliza-lo, além de GPS ativo.

Ele tem a função de apresentar um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de imagens de satélite obtidas de fontes diversas, imagens aéreas e GIS 3D. Assim ele pode ser usado como um gerador de mapas bidimensionais e imagens de satélite ou como um simulador de inúmeras paisagens que existem, sendo possível identificar lugares, construções, cidades, paisagens, entre outros.

Suas funcionalidades são de girar uma imagem, marcar os locais que você conseguiu identificar para visitá-los posteriormente, medir a distância entre dois pontos e até mesmo ter uma visão tridimensional de uma determinada localidade, sistemas de informação geográfica sobre um globo em 3D, é possível ver mapas antigos do planeta todo, imagens históricas, simulador de voo, busca de endereços, edifícios em 3D, google Street View, lugares e imagens históricas, dentro do modo terra pode-se navegar por toda a parte como, Paris, Londres entre outros, no modo Sky podemos navegar pelo universo, Marte, Urano etc.

Figura 2- Globo terrestre visto pelo Google Earth





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Google Earth, 2021

Nota-se que existem uma vasta gama de ferramentas que podem ser encaixadas no conteúdo ministrado pelo professor, podendo ser utilizado como auxílio ao referencial teórico dos alunos.

O desenvolvimento da atividade ocorrerá em smartphones, pode se dividir os alunos em grupos ou individualmente. A atividade será feita com a ferramenta google Street View, onde o aluno será colocado em um local aleatório do mapa e através de seus conhecimentos em geografia como solos, relevo, natureza entre outros, deve relatar em qual lugar ele está e como chegou a esta conclusão, em um período determinado de tempo.

Jamboard

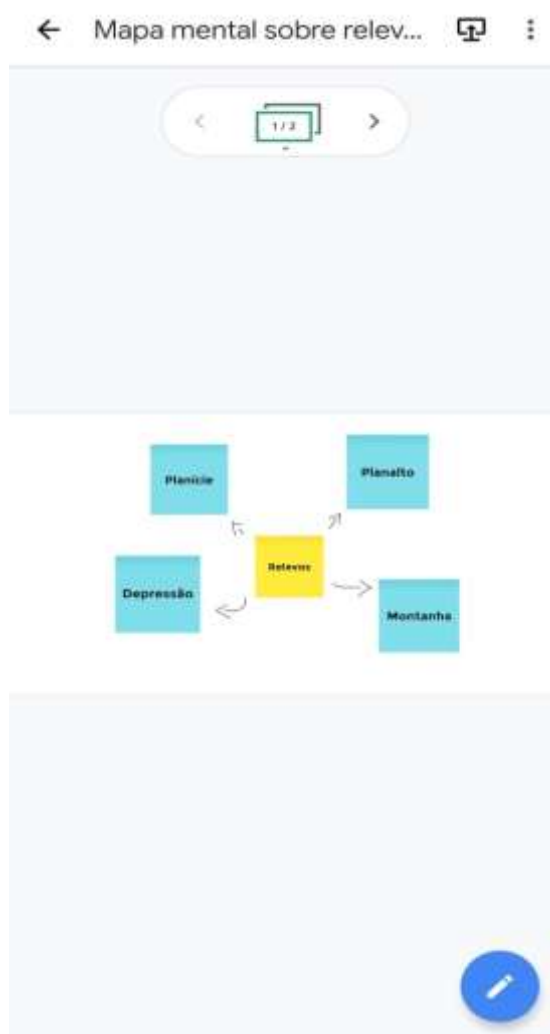
Jamboard é uma tela inteligente que utiliza a tecnologia do Google Cloud, na qual tanto os professores quanto os alunos tem acesso, que se dá por meio de smartphones, notebooks, tablets, entre outros, e necessita apenas de acesso à internet.

Após estabelecer a conexão entre professores e alunos, ambos terão acesso a uma tela branca na qual todos poderão escrever, desenhar, colar imagens, entre muitas outras funções, e tudo ao mesmo tempo. Essas funções geram uma gama extremamente grande de opções didáticas no qual o professor poderá escolher o que se encaixa melhor com a matéria e o conteúdo que está ministrando.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 3- Mapa mental sobre relevo no Jamboard



Fonte: Jamboard, 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Durante as aulas de Geografia, ao ministrar conteúdos como o de relevo, o professor poderá dividir a sala em grupos, onde cada grupo desenhará no Jamboard cada forma de relevo existente. Após a atividade, todos os grupos terão acesso às planilhas dos outros grupos, onde poderá também ser estudada.

Outra atividade possível, é a de criação de mapas mentais, onde o professor pode colocar uma palavra chave no centro do painel, e fazer com que os discentes escrevam características dessa palavra. Usando como exemplo o relevo, ao colocar a palavra “relevo” no centro do painel, os alunos poderiam fazer ligações como: planície, planalto, montanhas, entre outros.

Problemáticas e benefícios da Cibercultura no Brasil

Durante os primórdios da educação no Brasil, até a contemporaneidade, não foi possível a visualização de grandes mudanças nos métodos de ensino de muitos professores do ensino básico. Isso se dá por vários motivos, como por exemplo a falta de apoio à novas ideias por parte dos diretores das escolas, falta de apoio do estado, precariedade do sistema de educação, entre muitas outras coisas. Portanto, ao abordar um assunto tão importante para a educação no Brasil, devemos levar em consideração e analisar todos os aspectos relevantes para uma mudança significativa, buscando assim uma educação melhor.

Quando se trata da utilização de tecnologia em sala de aula, sobretudo em um país como Brasil, que possui diferenças socioeconômicas astronômicas e decorrente desse ponto, encontra-se uma série de problemas.

Devemos antes entender um acesso de todos aos Processos de inteligência coletiva, quer dizer, ao ciberespaço como sistema aberto de autocartografia dinâmica do real, de expressão das singularidades, de elaboração dos problemas, de confecção do laço social pela aprendizagem recíproca, e de livre navegação nos saberes. A perspectiva aqui traçada não incita de forma alguma a deixar o território para perder-se no “virtual”, nem a que um deles “imite” o outro, mas antes a utilizar o virtual para habitar ainda melhor o território, para tornar-se seu cidadão por inteiro. (LÉVY, 1999. p.199),

Os alunos sempre são os maiores prejudicados nesta situação, por nem todos terem uma condição financeira tranquila, a posse de aparelhos eletrônicos como smartphones e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

computadores se torna limitada, principalmente para uma criança, ainda que possua um aparelho, não necessariamente ele será o de ponta, com as melhores e novas tecnologias e atualizações do mercado. Ainda tem a dificuldade do acesso a internet, onde o wi-fi ou dados móveis são inexistentes ou muito fracos, não conseguindo executar os programas da forma confortável, gerando uma desvantagem.

Indo para o lado das escolas, as dificuldades só aumentam, pois estão ligadas a escolhas políticas, as escolas podem não ter verba o suficiente para possuírem tais instrumentos, assim como demonstrado acima, o wi-fi de muitas escolas não são em alguns casos distribuídos aos alunos e também não possuem a potência suficiente para suprir tantos aparelhos. Grande parte dos equipamentos escolares estão ultrapassados e mesmo que possuam novos, não se tem garantia de haver manutenção dos mesmos, ou o trabalho de qualificar pessoas para o manejo, ainda possui o risco com a segurança, pois os roubos dos mesmos e depredações são comuns.

A problemática acerca dos professores tem dois pontos, o técnico e o moral. O problema técnico é o mesmo da escola e dos alunos, a ausência de equipamentos adequados, falta de apoio da instituição, muitas vezes a falta de capacitação para utilizar tal ferramenta, decorrente a um desinteresse da escola de demonstrar como se usa, muitas vezes a escola possui sim o equipamento porém o professor não sabe como utiliza-lo, sendo assim o ele acaba passando por um processo de sucateamento, também saber lidar com os problemas de rede em sua sala de aula, um ponto do wi-fi pode funcionar melhor do que outro e o mais importante fazer com que o aluno preste atenção a atividade que lhe está sendo passada e não se distrair com outras funções do aparelho.

O lado moral vem da vontade do professor para mudar sua metodologia, ainda temos no ensino muitos professores com pensamentos retrógrados e ultrapassados, pois foi isso que serviu de exemplo para eles, muitos não tiveram contatos com essa era da cibercultura e poucos foram atrás para se atualizarem. Ainda existe o preconceito de abandonar o clássico quadro negro, pelos pequenos quadros nas mãos dos alunos, existe a falta de interesse do próprio professor de fazer o trabalho de pesquisa para utilizar as novas tecnologias, batendo o pé e tratando como negatividade tudo que vai contra ao seu método tradicional.

Mas o problema do “acesso para todos” não pode ser reduzido às dimensões tecnológicas e financeiras geralmente apresentadas. Não



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

basta estar na frente de uma tela, munido de todas as interfaces amigáveis que se possa pensar, para superar uma situação de inferioridade. É preciso antes de mais nada estar em condições de participar ativamente dos processos de inteligência coletiva que representam o principal interesse do ciberespaço. Os novos instrumentos deveriam servir prioritariamente para valorizar a cultura, as competências, os recursos e os projetos locais. (LÉVY, 1999, p.242),

Outra problemática encontrada são os próprios aplicativos, pois muitos deles não estão em português, são pagos ou até então nem se encontram no Brasil, o que limita a busca e utilização de formas diferentes de práticas pedagógicas, aumentando ainda mais a distância do ambiente escolar com cibercultura.

Pode se notar que existem problemas de todos os lados e não existe somente um culpado, os fatores são diversos, desde fatores técnicos como o acesso ao ciberespaço, até fatores sociais e culturais.

No entanto, apesar de toda a problemática envolvida nessa questão, existem pontos positivos a se ressaltar. Vivemos em uma sociedade que está se desenvolvendo rápido, tornando assim muito importante que a instituição de ensino e os seus respectivos docentes se desenvolvam em conjunto com essa sociedade.

As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som, e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. (KENSKI, 2007, p.45)

A partir da observação de Kenski (2007), portanto, podemos ter uma noção maior da importância das novas tecnologias no cotidiano em sala de aula. Observa-se que ela gera uma maior interação entre o professor e o aluno, facilitando, neste caso, a aprendizagem e a comunicação com o discente, portanto, fazendo com que o aluno se interesse mais pelo conteúdo sendo ministrado, obtendo melhores resultados e aprendizados na matéria.

Além disso, cabe dizer que as novas tecnologias estão cada vez mais presentes na vida e no cotidiano as pessoas, principalmente das novas gerações. Essas novas tecnologias prendem



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a atenção dos discentes, e quando bem utilizadas, tornam-se ferramentas excelentes para os diversos ensinamentos em sala de aula. Partindo do atual contexto educacional, inovar as práticas pedagógicas tornou-se cada vez mais importante, nesse âmbito, o uso de aplicativos educacionais devidamente selecionados faz com que seja possível o professor organizar novas atividades que permitam os alunos a trabalhar com níveis mais elevados das competências cognitivas, afetivas e sociais.

Diante desses fatos, é importante observarmos a evolução que está ocorrendo em todo o mundo, as novas tecnologias estão em todos os lugares, porém, ainda não chegou em todas as escolas, muito menos nas metodologias dos professores. Nesse âmbito, torna-se necessário que as escolas passem a acompanhar tal desenvolvimento, e, além disso, fazer com que os professores busquem novas técnicas, métodos, didáticas, e não se prendam ao passado.

Considerações Finais

Não se pode negar os inúmeros problemas que a execução de uma atividade utilizando equipamentos tecnológicos, em um país onde a estrutura política, histórica, cultural e social se demonstra distantes dessa vertente podem encontrar, porém devemos nos atentar as pessoas que tentam mudar essa questão, pessoas essas que acreditam na ciência, sobretudo acreditam na capacidade dos alunos de utilizarem esses não como substituto dos professores, mas sim como auxiliares da educação.

Negar mudar seu método de ensino para que seja mais benefício e claro aos alunos e a utilização de tecnologia em sala de aula, é o mesmo que negar a evolução. Apesar de existirem diversas barreiras para implementar essas atividades, devemos continuar, pois temos que nos aperfeiçoar como pessoas e profissionais, buscar o entendimento das novas tecnologias é um novo aprendizado. Deve-se ter a compreensão que os aplicativos estão aqui para serem usados pelos professores e alunos, com o propósito de auxiliar o entendimento do conhecimento e não o substituir, é algo benefício para ambos se trabalhado de maneira correta, não devemos abandonar essas práticas se não acabamos parados no tempo.

Desse modo, a inserção de novas tecnologias no meio educacional, mostra-se como um campo que vem proporcionando um super desenvolvimento e uma reforma nos métodos e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

didáticas de ensino que se manteve estagnada por muito tempo. O medo da mudança é inevitável, mas o mundo está evoluindo, a sociedade está evoluindo, sendo assim, o ensino necessita evoluir também.

Referências

Ensino Guia de educação. **10 aplicativos gratuitos para aprender geografia**. Disponível em: <https://canaldoensino.com.br/blog/10-aplicativos-gratuitos-para-aprender-geografia>. Acesso em: 28 de março de 2021

Geografia. **Rede de bibliotecas escolares | Aplicações para dispositivos móveis, 2019**. Disponível em: <https://appseducacao.rbe.mec.pt/category/geografia/> Acesso em: 28 de março de 2021

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007. 144p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

OLIVEIRA, Terezinha et al. Escola, conhecimento e formação de pessoas: considerações históricas. **Políticas Educativas–PolEd**, v. 6, n. 2, 2013.

SILVA, Luis Gustavo Moreira da; FERREIRA, Tarcísio José. **O papel da escola e suas demandas sociais**. *Projeção e docência*, v. 5, n. 2, p. 06-23, 2014.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O USO DA PAISAGEM SONORA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NO ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA

André Kaiser de Castro¹²

Graziele de Melo Bicca¹³

Resumo

O presente artigo busca discutir a eficácia da paisagem sonora, com enfoque em canções, como ferramenta didática nas abordagens de conteúdos da disciplina de Geografia, baseando-se na aplicação da mesma em aulas remotas para alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental durante o estágio supervisionado de regência, bem como analisar os resultados obtidos de forma mais detalhada a partir da análise da experiência das aulas, ilustrando-as por meio de alguns recursos didáticos que foram utilizados; e de forma a contextualizar o período e as condições nas quais ocorreram as aulas, será feita uma discussão sobre o ensino remoto e suas aplicações em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Paisagem sonora; Ensino remoto; Pandemia.

Introdução

No período de estágio supervisionado de regência em Geografia, realizado de forma remota com os alunos do 7º ano (turma A) do Colégio Estadual Professor Paulo Freire, em Londrina-PR, foram abordados os conteúdos acerca dos biomas e regiões do Brasil; e compreendendo que, para o ensino da Geografia, há uma vasta gama de ferramentas e recursos didáticos com potenciais de uso e finalidades no sentido de se alcançar a atenção do aluno e ao mesmo tempo instigá-lo aos determinados conteúdos, optou-se neste trabalho pela utilização da paisagem sonora na abordagem dos conteúdos, compreendendo que, aparte da música, os sons não são recursos muito explorados em salas de aula e sua aplicação em ambiente remoto vê-se como um desafio – o que objetivou ainda mais seu uso para o período de estágio de regência.

Neste sentido, optou-se pelo uso da ferramenta didática das paisagens sonoras, especialmente por meio da música – partindo da premissa de que esta pode ser uma ferramenta

¹²Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. andre.kaiser.castro@uel.br

¹³Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. graziele.bicca@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

didática muito eficaz para a abordagem dos conteúdos geográficos, além de ser capaz de instigar o interesse dos alunos.

Houve o interesse em se aplicar tal recurso didático nas aulas remotas com o intuito de verificar sua eficácia dentro deste contexto específico, compreendendo que tanto o papel dos professores quanto dos alunos seja distinto daqueles desempenhados em aulas presenciais. E assim, como atividade avaliativa proposta aos alunos, solicitou-se aos mesmos que gravassem – ao longo de uma semana e meia – suas paisagens sonoras; e de modo a instigá-los aos conteúdos abordados, foram reproduzidas algumas canções que pudessem representar de alguma forma os biomas e as regiões do Brasil. E de forma a complementar a abordagem dos conteúdos utilizou-se o auxílio de imagens, mapas e gráficos.

Com o intuito de contextualizar as aplicações dos conteúdos e ferramentas didáticas utilizadas nas aulas, o presente artigo busca discutir a utilidade e eficácia das paisagens sonoras e de canções – em específico – no processo de ensino-aprendizagem. E compreendendo o período extraordinário de pandemia que afetou a educação, assim como todos os aspectos sócio-econômicos e ambientais, buscou-se abordar a utilização destas ferramentas didáticas sob a perspectiva na qual a mesma fora inserida – a do ensino remoto -, realizando uma discussão teórica e crítica sobre o tema.

Por fim, serão abordados os resultados obtidos no período de estágio de regência a partir de análises mais detalhadas acerca das aulas ministradas, relacionando-as com as aproximações teóricas que nortearam este trabalho.

Abordagens teóricas

De forma a contextualizar, e de certa forma, justificar a utilização das paisagens sonoras e músicas como ferramentas didáticas eficazes na abordagem dos conteúdos ministrados no período do estágio de regência serão realizadas breves apontamentos teóricos acerca destas ferramentas, bem como abordar pontos que se julgam fundamentais do ensino remoto.

A paisagem sonora e a música no ensino de Geografia

As aulas ministradas no período da regência de modo remoto buscaram caracterizar de forma generalizada os biomas brasileiros, ressaltando elementos acerca das questões culturais,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

problemas socioambientais e os processos de urbanização no Brasil, relacionando-os com os conceitos pertinentes à paisagem sonora.

De modo a abordar estes conteúdos, optou-se pelo uso do conceito de paisagem sonora e a música como ferramentas didáticas, crendo que há muito a ser explorado nesta área, tendo em vista que os sons que norteiam cotidianos podem ser dos mais diversos e, ao mesmo tempo, partiu-se da premissa que os mesmos apresentam um potencial de instigar os alunos acerca dos conteúdos, bem como relacionar novas perspectivas de análise sobre os biomas.

O conceito de paisagem pode ser caracterizado a partir das percepções que se têm acerca de um lugar que carrega consigo significados culturais diversos, podendo ser percebidos e qualificados subjetivamente por todos os sentidos cognitivos (TORRES; KOZEL, 2010, p. 124); entretanto, o estudo espacial no âmbito da ciência e ensino geográfico, historicamente, direciona seus trabalhos de modo a priorizar os recursos visuais – como o uso de mapas, charges e tabelas, por exemplo (MALANSKI, 2011, p. 253).

Nota-se o despertar do interesse em se trabalhar com recursos sonoros na ciência e ensino da Geografia a partir da década de 1960, com a Geografia humanista, ancorada nos métodos fenomenológicos de análises espaciais e sociais (MALANSKI, 2017, p. 146); ou seja, lançando maior atenção às percepções sensoriais individuais e coletivas sobre o espaço geográfico.

Torres (2018) caracteriza a paisagem sonora a partir de duas perspectivas – a individual e a coletiva –; da primeira o autor ressalta sobre a questão da memória afetiva dos indivíduos ao perceberem determinados sons e os remeterem às experiências passadas e/ou lugares. Da perspectiva coletiva, o autor afirma que diferentes comunidades podem atribuir diferentes significados a determinados sons.

Ainda sobre a relação dos sons com experiências pessoais, Malanski (2017, p. 161) lança um olhar sobre os efeitos afetivos que indivíduos têm com suas paisagens sonoras - dando-lhes valores de afeição ou aversão – desenvolvendo assim, identidades com determinados lugares a partir de suas percepções sonoras.

As classificações das paisagens sonoras podem ser feitas a partir de suas fontes, sendo elas: fenômenos naturais; os animais; os seres humanos; objetos tecnificados pelo ser humano; a música; e o silêncio (TORRES, 2018, p. 147). Por outro lado, Schafer (2001) ressalta sobre



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

os contextos históricos e geográficos nos quais tais fontes se inserem, podendo ser sons urbanos, rurais ou pós-industriais.

Neste sentido, entende-se que o Brasil, caracterizado aqui por seus biomas, possui uma vasta riqueza em biodiversidade e cultura que podem ser muito bem trabalhadas em relação às suas diversas e, muitas vezes únicas, paisagens sonoras, uma vez que “[...] mesmo no campo sonoro, as paisagens carregam as marcas do lugar e das pessoas, implicando na criação de identidades dos lugares a partir dos sons que neles ocorrem, [...]” (TORRES, 2018, p. 144).

Assim sendo, compreende-se que os biomas brasileiros podem caracterizar paisagens sonoras distintas, mas ao mesmo tempo semelhantes entre si, uma vez que o processo de urbanização gera uma paisagem sonora característica da cidade que, apesar das especificidades culturais presentes nas diferentes regiões brasileiras, pode ser caracterizada pelos sons dos automóveis, por exemplo.

Ainda que o uso das paisagens sonoras como uma ferramenta didática eficaz para a exemplificação dos conteúdos propostos, sua aplicabilidade em ambiente de sala de aula remoto torna-se mais prático por meio da reprodução de canções; ou seja, optou-se pelo uso da música em detrimento de sons de paisagem, uma vez que estas são mais acessíveis virtualmente e de fácil apreensão.

Velloso (2020) afirma que o uso da música como ferramenta didática nas aulas de geografia é bastante eficaz, uma vez que despertam o interesse dos alunos frente aos conteúdos, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico. Ainda segundo a autora, há de se ter o cuidado em se trabalhar com esta ferramenta didática, buscando sempre realizar apontamentos acerca das letras das canções, de forma a elaborar um direcionamento eficaz na abordagem do conteúdo.

Neste sentido, entende-se que a música, aqui utilizada para representar aspectos sociais, culturais e regionais importantes para a compreensão das paisagens brasileiras, faz-se fundamental para despertar o interesse do aluno sobre o conteúdo abordado e não apenas a análise da letra de uma canção em si. Outro ponto importante é o desenvolvimento crítico que este aluno pode vir a desenvolver em outras escutas musicais e ser capaz de relacionar certos aspectos com suas vivências.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O ensino remoto

Devido à pandemia gerada pela Covid-19, ocorreram inúmeras alterações cotidianas com o estabelecimento de medidas sanitárias e de distanciamento social, sendo que o setor educacional foi um dos atingidos – com a suspensão de atividades presenciais e com novas perspectivas de atuação.

Sob efeito da pandemia, têm-se o ensino remoto emergencial como fonte alternativa das instituições educacionais de todos os níveis de ensino; havendo assim um elevado esforço de adaptação de todos os agentes educacionais, com enfoque aos professores que tiveram, de forma generalizada, de lançar mão sobre novas práticas didáticas e metodológicas, transpondo-as para os meios remotos, utilizando-se das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) - realizado em caráter emergencial (RONDINI, et al, 2020).

A Secretaria da Educação e do Esporte (SEED) do estado do Paraná, por meio da resolução n.º 1.522/2020, estabeleceu diretrizes acerca da aplicação das aulas remotas e atividades não presenciais como formas de adaptação e enfrentamento à pandemia causada pela Covid-19, caracterizando-as em seu artigo 5º como:

I – as ofertadas pela mantenedora e/ou pela instituição de ensino, sob responsabilidade do professor da turma ou do componente curricular, de maneira remota e sem a presença do professor e do estudante no mesmo espaço físico;

II – metodologias desenvolvidas por meio de recursos tecnológicos, inclusive softwares e hardwares, adotadas pelo professor ou pela instituição de ensino e utilizadas pelos estudantes com material ou equipamento particular, cedido pela instituição de ensino, ou mesmo público;

III – as incluídas no planejamento do professor e contempladas na proposta pedagógica curricular da instituição de ensino;

IV – as submetidas ao controle de frequência e participação do estudante;

V – as que integram o processo de avaliação do estudante.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Nota-se que apesar da imposição da aplicação das aulas remotas, entende-se que há a autonomia do professor em adotar recursos tecnológicos que julguem eficazes (inciso II) dentro deste cenário educacional específico. Entretanto, ainda que a rede virtual apresente uma variedade de ferramentas pedagógicas eficientes e que rompam com o processo tradicional de ensino-aprendizagem (RODRIGUES; SOUSA, 2021), a qualidade deste processo nem sempre é garantida, uma vez que não há prerrogativas, a princípio, de que o alunado terá acesso às aulas remotas e, mesmo que o tenha, a relação e o diálogo entre professor-aluno é muito distante para que se possam compreender as reais necessidades, tanto do alunado quanto dos docentes, de modo a garantir um processo de ensino-aprendizagem realmente eficaz; e assim sendo, as TDIC apenas serão eficazes neste processo se forem estabelecidas de fato relações pedagógicas por meio destas (DUARTE; MEDEIROS, 2020).

Ainda neste sentido, estudos recentes do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC) apontam que 28% dos domicílios do Brasil não possuem acesso às redes virtuais e as disparidades sociais evidenciam-se ainda mais, tendo em vista que nas classes mais ricas os acessos via cabo ou fibra óptica e conexão móvel correspondem a praticamente 100% dos domicílios, enquanto nas classes mais pobres o acesso via cabo ou fibra óptica é de 50% e via conexão móvel é mais baixo – 40% (CETIC, 2019). Tais dados demonstram que o ensino remoto potencializa as desigualdades sociais e segregam mais as classes sociais, da perspectiva educacional.

Ressalta-se que, de modo a garantir o acesso universal à educação, respeitando o que versa a Constituição Federal em seu artigo 205º que trata a mesma como “[...] direito de todos e dever do Estado e da família, [...]” (CF, 1988), a resolução estadual supracitada garante em seus artigos 6º, 7º, 8º, 9º e 10º o acesso gratuito às aulas remotas sem consumo de dados de dispositivos móveis pelo aplicativo *Aula Paraná* – acessado por e-mail institucional @escola - ; bem como a disponibilização de aulas em canais da TV aberta com cobertura estadual.

Fica evidenciado também, ainda que de forma velada, o caráter neoliberal da aplicação das aulas remotas, uma vez que todos os recursos tecnológicos ofertados advêm da parceria do governo do estado com a empresa multinacional de serviços virtuais *Google*; por meio, principalmente, de suas funções educacionais, como: *Google classroom* - sendo uma ferramenta assíncrona às aulas remotas, de modo que permite aos docentes criar salas virtuais com os



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

alunos, disponibilizando materiais base para as aulas, assim como atividades -; *Google meet* - um meio de aulas síncronas por vídeos chamadas disponibilizadas por meio de um *link* para que os alunos possam acessar e participar das aulas de forma síncrona, simulando uma sala de aula; *Google forms* - um instrumento avaliativo onde são gerados formulários e atividades das disciplinas, sendo disponibilizado, também, por meio de link. Outra ferramenta comumente utilizada e indispensável para que o contato e as dúvidas fluam de modo efetivo é o aplicativo *Whatsapp* da empresa estadunidense *Facebook*; nele podem ser criados grupos de turmas, de forma a facilitar a comunicação entre alunos e professores.

E neste sentido, há de se lançar um olhar mais crítico sobre o papel da educação sob a perspectiva do sistema capitalista de produção, uma vez que a escola “[...] serve a determinado sistema produtivo e é vista como caminho para a produção e reprodução de culturas, mentalidades e força de trabalho” (RUIZ, 2014, p. 120).

Assim sendo, entende-se que o capitalismo contemporâneo, por assim dizer, opera sob a perspectiva neoliberal em seu espectro político e econômico, buscando impor à educação mudanças estruturais, de modo a demonstrar sinais de superação de “práticas ultrapassadas”, tais quais se observam em diversos cursos de ensino à distância pelo ensino privado, por exemplo. E como afirma Peroni (2013, p. 241):

Para a teoria neoliberal, não é o capitalismo que está em crise, mas o Estado. A estratégia, portanto, é reformar o Estado ou diminuir sua atuação para superar a crise. O mercado é que deverá superar as falhas do Estado, portanto a lógica do mercado deve prevalecer inclusive no Estado, para que ele possa ser mais eficiente e produtivo.

Neste sentido, compreendendo a prática de ensino remoto como uma modalidade mercadológica de ensino e não como um direito, não seria surpresa supor que tais práticas, impostas atualmente em caráter emergencial, deixem suas marcas e ideais neoliberais na educação pública. Entende-se também, que a mesma torna-se cada vez mais fragilizada com a implementação do ensino remoto, uma vez que o papel que lhe é dado, equivocadamente, – a de corrigir disparidades sociais – (FREITAS, 2012), torna-se mais ingrato ao passo que a garantia de acesso à internet aos alunos é tanto ou mais incontrolável do que a garantia à escola física.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ainda que se faça necessária a oposição à implementação do ensino remoto na educação de forma geral, há de se ressaltar a necessidade em se assimilar às novas tecnologias e suas potencialidades didáticas e metodológicas, como afirmam Libâneo, Oliveira e Toschi (2012, p. 128):

[...] os impactos da revolução tecnológica no campo da educação podem e devem ser absorvidos, de modo que gerem perspectivas democráticas de construção de uma sociedade moderna, justa e solidária, [...] é preciso dotar os sujeitos sociais de competências e habilidades para a participação na vida social, econômica e cultural, a fim de não ensejar novas formas de divisão social, mas, sim, a construção de uma sociedade democrática na forma e no conteúdo.

Compreende-se assim, que a educação no contexto da pandemia, caracterizada em seu formato de ensino remoto, pode ser analisada sobre duas perspectivas distintas – a neoliberal e seu ideário individualista/meritocrático e que busca a educação em um contexto mercadológico; e uma perspectiva crítica, que deve buscar se apropriar das diversas ferramentas tecnológicas dispostas de modo a desenvolver processos de ensino-aprendizagem cada vez mais eficientes.

A Paisagem Sonora como Ferramenta Didática no Ensino de Geografia

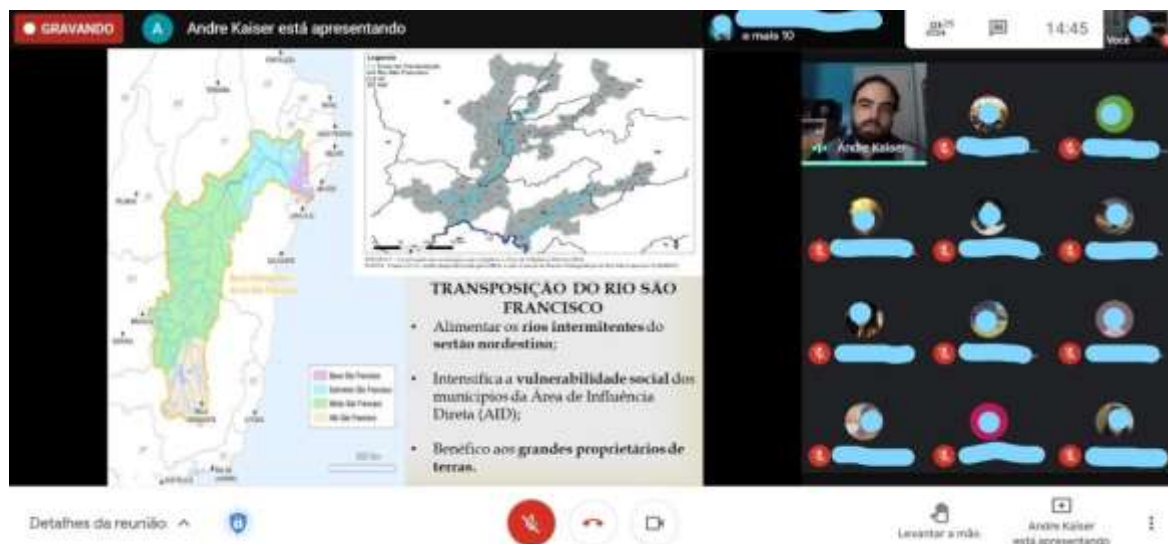
O período de estágio de regência, realizado para uma turma A, do sétimo ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Professor Paulo Freire/ Londrina-PR, por meio de vídeo chamadas do aplicativo *Google meet* (figura 1) teve a duração de 6 aulas ministradas em duas semanas (3 aulas semanais); e as experiências e resultados obtidos foram além das expectativas prévias, tendo em vista que havia uma perspectiva pessimista em relação às aulas remotas comparadas às eventuais aulas presenciais que se almejavam para o estágio de regência, mas que não foram possíveis devido ao período de pandemia de Covid-19; entretanto, acredita-se que se realizadas de forma presencial, as possibilidades de abordagens e aplicações das paisagens sonoras seriam múltiplas e mais eficazes no intuito de se conceber um bom processo de ensino-aprendizagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Imagem representativa das aulas remotas no período de estágio de regência para uma turma do sétimo ano do Colégio Estadual Professor Paulo Freire de Londrina-PR.



Fonte: os autores, 2021.

De acordo com o Plano de Trabalho Docente (PTD) proposto, as aulas foram subdivididas em duas etapas – os primeiros cinco encontros foram reservados à abordagem dos conteúdos por meio das ferramentas didáticas de paisagem sonora e música, onde buscou-se conceituar a primeira, bem como relacionar tais ferramentas com os conteúdos abordados.

Neste sentido, optou-se por dar maior destaque à alguns biomas, tendo em vista que não seria possível abranger esta temática de forma integral; então os biomas da Caatinga e da Amazônia foram trabalhados em duas aulas cada, enquanto abordou-se os biomas do Cerrado e Pantanal de maneira conjunta em uma aula – com maior enfoque ao primeiro, enquanto o Pampa fora trabalhado junto ao bioma da Mata Atlântica – destacando-se o último.

Ressalta-se que a primeira aula fora realizada de modo a introduzir os conteúdos que seriam abordados, conceituar brevemente a paisagem sonora, bem como propor a atividade avaliativa aos alunos – que seria apresentada por eles em forma de apresentação no último encontro, caracterizando a segunda etapa do PTD.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

No tocante à concepção dos planos de aula, os objetivos específicos idealizados estavam continuamente relacionados a aproximar os conteúdos e as ferramentas didáticas dos alunos, buscando desenvolver perspectivas críticas acerca dos conteúdos; ou seja, a abordagem dos biomas passava mais por seus aspectos socioambientais – do ponto de vista de seus impactos – do que uma mera classificação física dos mesmos; ainda que estes pontos fossem abordados, optou-se por não aprofundá-los, uma vez que se acreditava que para o período de estágio de regência tais aspectos não eram relevantes.

Optou-se pela preferência e enfoque às ferramentas didáticas – paisagem sonora e música – como fontes auxiliadoras na abordagem dos conteúdos, uma vez que se entende que dessa forma as aulas despertariam um maior interesse nos alunos; e sendo assim, os conteúdos trabalhados foram abordados a partir de determinados aspectos, e não de forma integral, de modo a ser possível a criação de relações com os conceitos de paisagem sonora e o uso de canções – aqui utilizadas de modo a iniciar a abordagem de um conteúdo a partir de uma temática específica presente na mesma, ou de modo a resumir os conceitos abordados em determinadas aulas.

Neste sentido, decidiu-se por relacionar os biomas brasileiros com as cinco grandes regiões do Brasil, associando-os por predominância; e assim, a Mata Atlântica associa-se às regiões sul e sudeste; o Pampa à região sul (Rio Grande do Sul); o Cerrado à região centro-oeste; assim como o Pantanal (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul); a Caatinga se associa à região nordeste; e por fim, a Amazônia com a região norte do Brasil.

Assim sendo, deu-se enfoque ao trabalho da conceituação das paisagens sonoras a partir de suas fontes, como sons de carros, de animais e de humanos; assim como de seus contextos espaciais e temporais, ou seja, fez-se o uso de imagens para indagar os alunos acerca de possíveis paisagens sonoras que pudessem caracterizar determinados locais, como ambientes rurais, urbanos ou naturais; e até mesmo fotografias antigas e recentes de mesmas localidades na cidade de Londrina-PR (figura 2), de forma a instigá-los sobre possíveis mudanças nos sons ali presentes.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 2 – Comparação temporal fotográfica sobre a Concha Acústica na cidade de Londrina-PR.



Fonte: Google imagens, 2021.

Outras fotos, demonstrando paisagens sazonais, por assim dizer, em ambientes urbanos foram usadas para indagá-los sobre o tema, tais como às que representam as festividades culturais (figura 3) e o fechamento de vias (figura 4) em grandes cidades para momentos de lazer.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 3 – Comparação fotográfica sazonal com destaque para o período de Carnaval na Avenida 23 de Março na cidade de São Paulo-SP.



Fonte: Google imagens, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 4 – Comparação fotográfica sazonal com destaque para o fechamento da Avenida Paulista em São Paulo-SP aos fins de semana para atividades de lazer da população.



Fonte: Google imagens, 2021.

Buscou-se assim, trazer uma compreensão das paisagens sonoras no Brasil sob os mais diversos enfoques, bem como demonstrar os possíveis sons que pudessem caracterizar a cidade de Londrina-PR, de modo a aproximar o conteúdo dos alunos.

De modo a abordar, de forma breve, questões referentes às desigualdades sociais fez-se utilização de imagens comparativas entre distintas áreas residenciais (figura 5) e indagar os alunos sobre possíveis distinções entre suas paisagens sonoras.

Outro aspecto importante relacionado ao uso de fotos e indagações acerca de possíveis paisagens sonoras relacionadas às mesmas, foi a tentativa de desmitificação do imaginário que tem-se sobre determinados biomas e/ou regiões do Brasil; como é o caso da Caatinga e sua predominância no sertão nordestino – muito ligado ao rural, à miséria e a seca -, mas que apresenta, também, paisagens urbanas (figuras 6 e 7).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 5 – Comparação fotográfica sócio espacial entre áreas de lazer com destaque para um condomínio de luxo e uma comunidade na cidade do Rio de Janeiro-RJ.



Fonte: Google imagens, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 6 – Imagens fotográficas representando paisagens distintas do sertão nordestino, com destaque para as cidades de Juazeiro-BA e Petrolina-PE.



Fonte: Google imagens, 2021

Figura 7 – Imagem da cidade de Fortaleza representando um grande centro urbano inserido na região do sertão nordestino





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Google imagens, 2021.

Ainda sim, quando indagados acerca das imagens apresentadas alguns alunos se pronunciavam e expressavam suas ideias sobre possíveis paisagens sonoras que podiam caracterizar determinados lugares associadas aos biomas brasileiros.

Notaram-se alguns problemas de conexão à rede de internet, supostamente, uma vez que muitos alunos se desligavam das chamadas e algumas músicas apresentaram problemas em suas reproduções de áudio. E outra problemática foi a de duração das aulas, uma vez que as mesmas deveriam cumprir um período mínimo de 40 minutos – o que se caracterizou como um complicador para o professor responsável – que deveria gerar um *link* de vídeo chamada para cada aula, e como o horário final de uma por vezes coincidia com o horário inicial da outra, os processos de início e fim das aulas eram feitos às pressas em algumas ocasiões.

Da reprodução das canções nas aulas, optou-se pelo uso do aplicativo de música *Spotify* por meio de uma criação de uma *playlist* exclusiva à finalidade das aulas ministradas; sendo que este mesmo aplicativo conta com uma função de sincronização das letras às canções, portanto era possível para os alunos que visualisassem as mesmas durante a reprodução das músicas – o que fora fundamental, uma vez que eventuais falhas de áudio não acarretassem em prejuízos aos alunos quando da apreensão da temática da música (Figura 8).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 8 – Músicas foram executadas no software *Spotify*



Fonte: Os autores, 2021.

Ressalta-se que não fora possível a reprodução de todas as canções previstas nos planos de aula, por conta da duração das mesmas e por vezes por opção, tendo em vista que – por opinião pessoal – algumas músicas não cumpririam o papel de instigar os alunos aos conteúdos.

Neste sentido, a utilização das músicas teve finalidades diversas – representou-se o bioma da Mata Atlântica sob seu aspecto urbano por meio da canção “*Conformópolis*” interpretada por Di Melo; a Caatinga, com enfoque ao sertão nordestino, fora abordada por meio das canções “*Asa Branca*” de Luiz Gonzaga e “*Sobradinho*” de Sá e Guarabira; o bioma do Pantanal foi abordado pela canção “*Chalana*”, interpretada por Almir Sater; para o Cerrado utilizou-se a canção “*Passaredo*” de Chico Buarque; e a Amazônia representada pelas canções “*No meio do Pitiú*”, cantada por Dona Onete e “*Cunhatã chama Curumim que eu vou contar*” de Jorge Ben Jor.

Ressalta-se que algumas canções foram utilizadas apenas como tentativa de representar aspectos específicos da paisagem de determinados locais que se relacionam direta ou indiretamente com o bioma e a região a serem abordados, como é o caso de “*Chalana*” e “*No meio do Pitiú*” – representando as embarcações típicas (chalanas) dos rios na região do Pantanal e o forte cheio de peixe (pitiú) no mercado do Ver-o-Peso em Belém do Pará, respectivamente;



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

além da música “Sobradinho” que aborda os impactos da construção da hidrelétrica de Sobradinho para a região do sertão nordestino.

A utilização de outras canções se justificou no sentido em se abordar perspectivas mais críticas sobre os biomas brasileiros, como é o caso de “*Conformópolis*” – representando o intenso processo histórico de urbanização nas grandes cidades da Mata Atlântica; “*Passaredo*” – caracterizando a expansão da fronteira agrícola e urbanização no Cerrado; “*Cunhatã chama Curumim que eu vou contar*” – lançando um olhar crítico sobre a questão indígena no bioma amazônico; e por fim a música “*Asa Branca*” que ilustra muito bem a região do sertão nordestino e o bioma da caatinga associado ao mesmo.

Ressalta-se que o bioma do Pampa não fora representado por música alguma pois, para associar canções à todos os conteúdos ministradas no período de estágio de regência seriam necessárias mais aulas, o que fez com que, por escolha pessoal, o Pampa não teria música associada.

Como atividade avaliativa fora proposto aos alunos, na primeira aula, que gravassem sons – com duração mínima de um minuto e máxima de um minuto e meio - presentes em suas rotinas para que apresentassem e discutissem as mesmas na última aula. No entanto, notou-se que muitos alunos apenas gravaram sons de curta duração que ocorria em determinado momento, caracterizando uma falta de interesse em realizar a atividade; por outro lado, alguns estudantes buscaram por sons menos evidentes e mais diversos.

inicialmente, a expectativa era de que os alunos expressassem suas ideias acerca das gravações que produziram, ao passo em que as mesmas fossem reproduzidas durante a aula; entretanto, acredita-se que o ambiente remoto impediu que os alunos se manifestassem da forma desejada, uma vez que por não terem obrigatoriedade em aparecer via vídeo ou oral, sentia-se haver uma certa comodidade em serem apenas espectadores das aulas. Outro aspecto que acredita-se que interferiu negativamente na apresentação da atividade fora o contexto da aula, uma vez que esta deu-se no último horário e em véspera de feriado, causando um alvoroço entre eles; tendo em vista, também, que a última aula não se tratava de exposição de conteúdos.

De modo geral, observou-se que os alunos se atentaram às paisagens sonoras que os norteiam e o que elas podem significar, no sentido de qualificar um determinado lugar ou



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

despertar sentimentos diversos em si mesmos. Notou-se também algumas paisagens sonoras em comum apresentadas pelos alunos, tais como os sons de chuva, veículos e animais, caracterizando-os, de modo geral, como uma paisagem sonora urbanizada – o que era esperado –, ainda que alguns alunos buscassem por sons mais ligados à natureza, como o canto de pássaros.

Sendo assim, entende-se que a atividade cumpriu seu fim, tendo em vista que os alunos notaram os sons ao redor e demonstraram sentimentos em relações aos mesmos e puderam descrever as paisagens por meio das gravações próprias e também dos colegas.

Considerações Finais

Entende-se que é por meio de seus sentidos que os indivíduos se comunicam e percebem o espaço ao seu redor e com todo o ambiente em que vivem; são os sentidos responsáveis por captar todos os inúmeros estímulos que nos circundam.

São os processos cognitivos que dão sentido a estes estímulos percebidos no meio, seja por meio da visão, do tato, do olfato ou da audição. Ressaltando que o modo como obtém e se percebe o ambiente ocorre individualmente e de modo particular; em vista disto, pode-se entender, por fim, que há diversas percepções distintas dos espaços, decorrente de todas as experiências vividas individualmente. E assim, pode-se entender a paisagem sonora como um conjunto de sons que caracterizam determinados lugares e os dão significados singulares

Dos aspectos ligados ao ensino da Geografia, pode-se enfatizar que o conceito de paisagem sonora deve ser abordado de forma que explique seu aspecto dinâmico possibilitando assim, a assimilação do espaço por meio da audição. Para que isso ocorra há de se garantir a abordagem dos conteúdos por meio de elementos que formem e sejam responsáveis por toda dinâmica existente no espaço, buscando sempre aproximá-los das distintas realidades dos alunos.

Almejando formas e meios de gerar nos alunos curiosidade e interesse por conhecimento, proporcionando a eles novos aspectos e meios para compreenderem todo o espaço geográfico, principalmente no cenário atual de pandemia, com novas perspectivas de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

processo de ensino-aprendizagem. O uso das paisagens sonoras como ferramenta didática de ensino pode provocar um interesse dos estudantes durante as aulas, intensificando a diversificação do ensino e da aprendizagem pedagógica, despertando um modo, talvez, alternativo sobre suas percepções espaciais; ainda que a aplicação de paisagens sonoras em sala de aula seja muito mais eficiente, tendo em vista as possibilidades de trabalhos de campo.

No ambiente remoto, tais aplicações se dão de modo breve e muitas vezes teóricas, tendo nas canções uma ferramenta eficaz na aplicabilidade das paisagens sonoras; faz-se necessário, também, lançar mão de outras ferramentas didáticas que, apenas se organizadas e trabalhadas de maneira conjunta em ambiente remoto vão cumprir seus papéis de auxiliar na compreensão dos conteúdos, bem como instigar os alunos aos mesmos. Compreendendo assim, que há a necessidade de um esforço maior do educador, no campo da didática e das metodologias de ensino, para se alcançar resultados satisfatórios nos processos de ensino-aprendizagem em ambiente remoto.

No tocante às aulas remotas, entende-se que o mesmo – de caráter emergencial - não se equipara, qualitativamente, aos encontros presenciais em salas de aula; ressalta-se, entretanto, que o ensino remoto seja de fato uma ferramenta indispensável para a situação atual desde que seja realizado de modo a abranger todas as parcelas de estudantes que foram afetados pelas suspensões das atividades presenciais. Tal cuidado é necessário, tendo em vista que as aulas remotas remetem-se às mudanças estruturais nos sistemas de ensino propagadas por ideais neoliberais e entende-se que este modelado não condiz com uma educação de qualidade e universal, ou seja, a educação como um direito e não como um produto.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_05.10.1988/ind.asp>. Acesso em: 05 abr. 2021.

CETIC. **TIC domicílios 2019**: principais resultados. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf>. Acesso em 06 de abr. 2021.

DUARTE, Kamille Araújo; MEDEIROS, Laiana da Silva. **Desafios dos docentes**: as dificuldades da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mediação pedagógica no ensino remoto emergencial. Educação como (re)existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso, 15, 16 e 17 out. 2020, Maceió-AL.

FREITAS, Luiz Carlos de. Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr.-jun. 2012.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seara. A educação escolar pública e democrática no contexto atual: um desafio fundamental. In: LIBÂNEO, José Carlos; DE OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seara. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia escolar e paisagem sonora. **RA'E GA**, Curitiba, p. 252-273, 2011, Departamento de Geografia – UFPR.

MALANSKI, Lawrence Mayer. O interesse dos geógrafos pelos sons: alinhamento teórico e metodológico para estudos das paisagens sonoras. **RA' E GA**, Curitiba, v. 40, p. 145-162, ago. 2017.

PARANÁ. Secretaria da Educação e do Esporte. **Resolução N.º 1.522/2020- GS/SEED**. Estabelece em regime especial as atividades escolares na forma de aulas não presenciais em decorrência da pandemia causada pela COVID-19. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-05/resolucao_gsseed_1522_2020.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2021.

PERONI, Vera Maria Vidal. As relações entre o público e o privado nas políticas educacionais no contexto da terceira via. **Currículo sem Fronteiras**, v. 13, n. 2, p. 234-255, maio/ago. 2013.

RODRIGUES, Alexandre de Pádua de Sousa; DE SOUSA, Nilton Goulart. A internet e o ensino de Geografia. **Revista Projeção e Docência**, v. 3, n. 1, p. 37-55, mar. 2012.

RONDINI, Carina Alexandra; PEDRO, Ketilin Mayra; DUARTE, Cláudia dos Santos. **Pandemia da Covid-19 e o ensino remoto emergencial**: mudanças na prática pedagógica. Interfaces Científicas – Educação – Número Temático, vol. 10, n. 1, 2020.

RUIZ, Maria José Ferreira. A escola estatal capitalista e a educação do trabalhador. **Trabalho & Educação** – Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 119-137, jan.abr. 2014.

SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

TORRES, Marcos Alberto. Os sons da paisagem: entre conceitos, contextos e composições. **Geograficidade**, v.8, Número Especial, Primavera 2018.

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. Paisagens sonoras: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. **RA'E GA**, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Editora UFPR.

VELLOSO, Telma Oliveira Soares. A música no ensino de Geografia: uma ferramenta de ensino e aprendizagem. **Revista Ponto de Vista**, n. 9, vol. 3, 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA

***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA PARA O
ATENDIMENTO DE ALUNOS(AS) IDENTIFICADOS(AS) COM ALTAS
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

Nathalya Glendha Mayer Chagas¹⁴

Resumo

De acordo com a legislação brasileira, as altas habilidades/superdotação faz parte da educação especial, dessa forma, torna-se pertinente a necessidade de refletir sobre as condições do sistema educacional brasileiro para atender a tal demanda, bem como do ensino de geografia e o papel do professor na tentativa de viabilizar o ensino desses educandos. O objetivo é identificar possíveis metodologias no ensino de Geografia direcionadas para estudantes com altas habilidades/superdotação. Como procedimento metodológico foi utilizado pesquisa bibliográfica, onde discute-se os mitos e anseios que dificultam na viabilização desses estudantes identificados com altas habilidades, além disso, identificou-se a partir da literatura escolhida a presença significativa de metodologias positivistas em sala de aula que desestimulam os educandos, assim, o professor de geografia deve aproveitar o movimento de renovação da educação com paradigmas mais críticos para promover o interesse tanto dos alunos com altas habilidades, quanto dos demais estudantes que tenha alguma dificuldade de aprendizagem. Outro procedimento metodológico foi a elaboração de uma proposta pedagógica que atenda às necessidades educacionais especiais em sala de aula dos educandos identificados com altas habilidades/superdotação, que possam também ser aproveitadas pelos demais estudantes.

Palavras-chave: Altas habilidades/superdotação; metodologias; ensino de geografia

Introdução

Com o objetivo de identificar possíveis metodologias no ensino de Geografia direcionadas para estudantes com altas habilidades/superdotação, o artigo foi dividido em três partes, em um primeiro momento sob o subtítulo “Educação Especial como Inclusão: Mitos e conceito sobre Altas Habilidades/Superdotação (A.H./SD.)”, no segundo sob o subtítulo “Realidade do ensino de geografia nas escolas: dificuldades de promover uma educação emancipadora” e no terceiro sob o subtítulo “Possíveis metodologias no ensino de Geografia para reconhecimento e valorização dos(as) estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (A.H./SD.)”, além das considerações finais.

¹⁴Graduanda em geografia. Aluna UEL. nathalya.glendha@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os procedimentos metodológicos utilizados baseou-se na pesquisa bibliográfica. Além disso foi proposto algumas metodologias, que visa promover o uso dessas ferramentas com toda a sala, já que o objetivo é aprimorar e desenvolver habilidades. Na primeira parte do texto, o objetivo é apresentar a definição vigente e os mitos em torno das altas habilidades/superdotação, enquanto que na segunda parte, o objetivo é compreender a realidade do ensino de geografia nas escolas e na terceira parte é discutir a possibilidades metodológicas para o atendimento das necessidades educacionais desses (as) educandos (as) em sala de aula.

Dessa forma, alguns mitos e concepções errôneas podem dificultar na percepção do(a) professor(a) para com o(a) aluno(a) com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). Estes(as) por sua vez podem apresentar bom desempenho ou não em sala de aula, e isso depende de vários fatores. O que ocorre é que muitos profissionais quando percebem um(a) aluno(a) com mais facilidade de construir o conhecimento em sala de aula, não propõem metodologias que o possa desenvolver, e/ou não o reconhece como superdotado(a) por desconhecer o conceito. Ainda pensando na sala de aula, escola e as próprias dificuldades da disciplina, muitos(as) alunos(as) se distanciam ou perdem interesse em sala de aula, devido também a herança mnemônica da disciplina, na denominada Geografia Tradicional, que dificulta um novo olhar desses(as) estudantes. Ainda assim, é necessário promover atividades interdisciplinares que possam atender os interesses dos(as) educandos(as).

Educação especial como inclusão: Mitos e conceito sobre Altas habilidades/Superdotação (A.H./SD.)

Muitos se questionam no porque pensar em metodologias voltadas para as altas habilidades, por apresentarem ideias equivocadas quanto a formação escolar desses(as) educandos(as). E a resposta para esse questionamento apesar de aparentar ser simples se depara com diversas questões políticas, conceituais, educacionais e de inclusão. Assim, para tal se faz necessário entender o que são as altas habilidades/superdotação e o que diz a legislação vigente quanto a inclusão desses(as) alunos(as) na rede regular de ensino para assim, promover a suplementação para esses(as) educandos(as).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dessa forma, ao pensar em inclusão, deve-se lembrar que esta palavra abre um leque para a diversidade cultural, social, emocional, intelectual e econômica encontradas tanto na escola quanto na sociedade. Assim, nesse artigo, a educação especial se encontra dentro da perspectiva da educação inclusiva como instituído pelo MEC em 2008 (BRASIL, 2008). Assim, ao pensar em inclusão, esta por sua vez, refere-se a adequação da escola e a preparação através de formação e contratação de profissionais capacitados para uma melhor inserção do(a) educando(a) e atendimento a este(a), além de ofertar desde a educação infantil, até a educação superior esse suporte. A inclusão na educação refere-se a oportunidade e o direito de acesso, e a não exclusão escolar. Assim, ao se pensar na inclusão de alunos(as) com altas habilidades/superdotação, deve-se pensar em mecanismos que assegure a inclusão desses(as) educandos(as) nas escolas da rede regular de ensino, assegurando a este suporte e apoio em sua educação.

Assim, de acordo com o art. 58 da Lei 12.796 de 4 de abril de 2013 (BRASIL, 2013) que altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996), educação especial, diz respeito a pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento (TGD) e Altas habilidades/superdotação. Assim como mostra no Art. 58 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação: “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.” (BRASIL, 2013, Art. 58). Para essas pessoas, será ofertado o ensino preferencialmente na rede regular de ensino, enquanto que a educação especial será ofertado quando necessário em instituições especializadas quando não possível o atendimento em sala de aula desses(as) educandos(as).

No artigo seguinte têm-se a disposição dos recursos a serem ofertados ao público alvo da educação especial, como aponta o Art. 59 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;
[...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular. (BRASIL, 1996, Art. 98, I, III, IV, V)

Ainda vale lembrar que alunos(as) identificados(as) com altas habilidades/superdotação terão acesso ao atendimento em sala de recursos no contraturno referente a seu turno de aula como disposto no Art. 7 das Diretrizes Operacionais para Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial:

Os alunos com altas habilidades/superdotação terão suas atividades de enriquecimento curricular desenvolvidas no âmbito de escolas públicas de ensino regular em interface com os núcleos de atividades para altas habilidades/superdotação e com as instituições de ensino superior e institutos voltados ao desenvolvimento e promoção da pesquisa, das artes e dos esportes. (BRASIL, 2009, Art. 7).

Assim, para garantir esse acesso, é necessário entender quem são esses indivíduos. Dessa forma, em muitas pesquisas ao longo dos últimos anos têm-se percebido uma preocupação com essa temática, a exemplo disso, há as pesquisas de Joseph Renzulli, Howard Gardner, Winner, entre outros como exclama Antipoff e Campos (2010). Apesar do foco não ser a historicidade desse conceito, se faz necessário uma leve abordagem histórica para entender os mitos entorno da temática.

Antipoff e Campos (2010) aponta que fora do Brasil, como “O Conselho Europeu para Alta Habilidade (Eurotalent) optou pela terminologia: “Altas Habilidades”, já o Conselho Mundial para o Superdotado e Talentoso optou pelos termos “Superdotados ou talentosos” (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010, p. 302). Ainda pondera que no Brasil, a terminologia adotada fora superdotado, em 1972 através da legislação brasileira.

Isto posto, altas habilidades/superdotação como levantado por Antipoff (1992) e apresentado por Antipoff e Campos (2010) a terminologia “superdotado” levanta alguns mitos e trazem consigo algumas concepções que aumentam estigmas entorno do conceito, levando a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

construção de uma imaginário popular em relação a essas pessoas “[...] a algo como ‘super-homem’, expondo esses indivíduos a uma curiosidade excessiva por parte dos outros, altas expectativas de desempenho ou, até mesmo, preconceito). Dessa forma, Antipoff (1992) passou a usar o termo ‘Bem-dotado’ (ANTIPOFF; CAMPOS, 2010, p. 302).

Nas décadas de 60 a 70, como levanta Joseph Renzulli (2004), a identificação de alunos(as) superdotados(as) era realizada de uma forma mensurável, através dos testes de Q.I. (Quociente de Inteligência), que avaliava apenas o raciocínio lógico e a linguagem, excluindo as outras capacidades das habilidades humana como música e artes. Assim, a atual legislação brasileira por meio do MEC, avalia o(a) aluno(a) alto habilidoso(a) – talentoso através da teoria dos três anéis de Joseph Renzulli. Sendo o primeiro anel a habilidade acima da média, o segundo anel corresponde ao envolvimento com a tarefa e o terceiro anel refere-se a criatividade. Nessa concepção, o indivíduo com Altas Habilidades compreende-se na intersecção desses três anéis, apresentando de forma isolada ou combinada as habilidades intelectual, liderança, acadêmica, psicomotricidade e/ou artística. Renzulli (2004) ainda compreende o(a) superdotado(a) em duas categorias, aquele(a) mensurável pelos testes e o(a) criativo(a) produtivo(a). Virgolim (2007, p.28) registra que

A definição brasileira atual considera os educandos com altas habilidades/superdotação aqueles que apresentam grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (Brasil, 2001, Art. 5º, III). Essa definição ressalta duas características marcantes da superdotação, que são a rapidez de aprendizagem e a facilidade com que estes indivíduos se engajam em sua área de interesse. Também, completa a apresentada pelas Diretrizes gerais para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos (Brasil, 1995), que foi construída a partir do referencial teórico apresentada por Sidney Marland no relatório oficial da Comissão de Educação ao congresso americano em 1971 e posteriormente integrado na definição brasileira. Permitiu, assim, que a superdotação ultrapassasse a tradicional visão acadêmica para ser entendida em uma perspectiva mais plural.

Maia- Pinto e Fleith (2002), explica que o primeiro (habilidade acima da média) dos três anéis está ligado as “[...] habilidades gerais, que consistem na capacidade de processar informações, de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adaptadas a novas situações, [...]” (MAIA-PINTO; FLEITH, 2002, p. 80) e também habilidades específicas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O Segundo (envolvimento com a tarefa) como aponta as autoras, está ligado a motivação, ou seja, a energia pessoal empregada na realização de uma atividade de interesse pessoal, envolvendo assim “perseverança, persistência, dedicação e autoconfiança” (MAIA-PINTO; FLEITH, 2002, p. 80). E por fim, o terceiro anel refere-se a criatividade, aqui entendida como a “fluência, flexibilidade e originalidade de pensamento, abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade e coragem para correr riscos.” (MAIA-PINTO; FLEITH, 2002, p. 80) As autoras ainda destacam que esses fatores não necessitam estar em conexão o tempo todo “e nem na mesma intensidade, mas é necessário que interajam em algum grau para que possam resultar em um alto nível de produtividade”. (MAIA-PINTO; FLEITH, 2002, p. 80)

Winner (1998) apud Antipoff e Campos (2010) pontuam oito mitos que circundam as altas habilidades/superdotação (e que aqui serão pontuados somente alguns), sendo o primeiro referente a ideia do(a) alto(a) habilidoso(a) como um sujeito destaque em todas as áreas acadêmicas. Entretanto, Winner (1998) apud Antipoff e Campos (2010), pontua que o(a) aluno(a) pode apresentar A.H. em uma área, mas nas outras áreas pode apresentar desempenho normal ou inferior a média. O segundo mito refere-se a ideia de que todo superdotado(a) apresenta um alto Q.I. (Quociente de Inteligência), entretanto, a utilização de ferramentas de mensuração da inteligência como única forma de identificação desses(as) educandos(as), elimina a presença das habilidades que não são mensuráveis como a música por exemplo. O que mostra, como aponta Winner (1998) apud Antipoff e Campos (2010) que o Q.I. mais uma vez, é relacionado apenas ao modelo tradicional de mensuração da inteligência que abarca apenas a área da matemática e da linguagem.

O sétimo mito faz menção a ideia de que não há necessidade de identificação desses indivíduos, mas como desenvolver tais habilidades sem identificação? Winner (1998) apud Antipoff e Campos (2010) levanta essa questão. O oitavo mito acaba se complementando ao sétimo pois algumas pessoas se questionam da necessidade do atendimento precoce por ver o(a) alto(a) habilidoso(a) como autodidata, o que não é bem uma realidade.

Maia-Pinto e Fleith (2002) ainda pontuam algumas visões de professores(as) entorno da temática. Sendo muitas vezes visões deturpadas quanto a realidade. As autoras destacam o papel da capacitação dos profissionais para a identificação desses sujeitos que são público alvo dessa educação especializada. E apontam visões errôneas quanto a temática de alguns profissionais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que já acompanharam minimamente a temática. Entretanto, sabem mais em relação aos que desconhecem o assunto.

Pensando nisso, a LDB (BRASIL, 1996) estabelece que a escola deve promover em seu projeto pedagógico ações que viabilizam a formação tanto do(a) professor(a) para com esses(as) alunos(as), quanto para a formação do(a) próprio(a) aluno(a). Mas ainda há um longo caminho para esse público alvo da educação especial ser adequadamente atendido. Assim, ainda de acordo com o artigo 12, no inciso IX da Lei 13.663 de 14 de maio de 2018 que altera a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2018, art. 12 IX) da LDB os estabelecimentos de ensino deverão “promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas;” (BRASIL, 2018, Art. 12 IX).

Dessa forma deverão adotar medidas que evitem preconceito e a discriminação dos estudantes como aponta a resolução de 2018. Pensando nisso, como evitar que isso ocorra com os(as) educandos(as) com altas habilidades quando nem mesmo são reconhecidos(as)? Para isso, é necessária capacitação dos profissionais, por meio de políticas públicas de estado como institucionalização por meio de Lei a obrigatoriedade dos Estados em ofertar capacitação dos profissionais da educação através das Secretarias Estaduais de Educação. É também dever do profissional buscar orientação, entretanto, é necessário também haver quem possa guiar, para que não se volte a ideia do(a) professor(a) como culpado(a) do fracasso escolar.

Realidade do ensino de geografia nas escolas: dificuldades de promover uma educação emancipadora

Com novas ferramentas educacionais e o adensamento tecnológico na sociedade, além das mais variadas questões sociais, muitos(as) educandos(as) sentem-se atraídos(as) pelas novas mídias, entretanto ainda há uma grande dificuldade nas escolas em acompanhar e facilitar a aprendizagem por meio desses novos recursos, seja por diversos motivos estruturais e funcionais. Muito dessas questões refletem em sala de aula. Assim, tanto para o(a) aluno(a) identificado(a) com altas habilidades, quanto para os(as) alunos(as) não identificados(as) com altas habilidades, há uma dificuldade em manter o interesse durante as aulas em que utilizam de alguns recursos didáticos muito usuais e/ou pouco estimulante.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É importante lembrar que a escola no Brasil, como aponta Patto (1988) teve seu início com raízes fortes no ensino tradicional, pautado no iluminismo, com ideias liberais de uma escola “igual para todos”, com os “mesmo direitos”, e um ideal funcionalista da mesma, vendo o problema fora da instituição escola, justificando a causa do fracasso escolar no(a) aluno(a), na família e no(a) professor(a). Esse modelo escolar, como aponta Carvalho (2007) era o tradicional hegemônico vindo da Europa, entretanto, diversas críticas foram tecidas, e somente após décadas de 1970/80 que o ensino começou a modificar, quando o então paradigma em crise deu lugar a um novo paradigma, pautado em ideias marxistas.

Como aponta Carvalho (2007), não só a escola, mas a ciência e a sociedade estavam em transformações. Com o aumento de circulação de informações, com o impulsionamento dos novos meios de comunicação e transportes as coisas ficaram mais próximas, as informações e produções começaram a circular mais rápido. A visão do(a) aluno(a) fora da escola estava se ampliando e a instituição encarregada do “educar” não estava acompanhando essas transformações. A Carvalho (2007) ainda ressalta que a escola estava se tornando uma reprodutora de informações sem sentido. Mas com as reformulações nas universidades, o ensino na educação básica refletia tais mudanças, inclusive no ensino de geografia, por isso a necessidade de reformulações. A partir disso, a autora reflete se o ensino de geografia, teria mesmo acompanhado essas transformações modificando a realidade dentro das escolas.

Cavalcanti (2010) também discute sobre a história da geografia e aponta que (CAVALCANTI, 2010, p. 04-05)

As “geografias brasileiras”, acadêmica e escolar, institucionalizaram-se no início do século XX e têm histórias paralelas, que se encontram e se influenciam mutuamente, guardando, mesmo assim, suas identidades, suas especificidades. A partir de 1980, ocorreu o “movimento de renovação da Geografia” (acadêmica e escolar), inicialmente marcado pela disputa de hegemonia de dois núcleos principais, um aglutinando uma Geografia dita “tradicional”, que se mantinha tal como havia se estruturado nas primeiras décadas do século XX; e outro, que representava uma Geografia nova, que buscava suplantá-la, que se proclamava “crítica”.

Ainda sobre isso, Cavalcanti (2010) aponta que a geografia crítica, tinha por objetivo pontuar e questionar algumas questões presentes na ciência geográfica fruto de sua história no processo de construção como ciência, como (CAVALCANTI, 2010, p. 05)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O caráter utilitário e ideológico dessa ciência, a falsa neutralidade e “inocência” do pensamento geográfico “oficial” e da Geografia na sala de aula. Buscava-se, assim, avançar na compreensão do espaço, de sua historicidade e de sua relação dialética com a sociedade. Desde o primeiro período, havia diversidade de entendimentos do que seria Geografia crítica, ou mesmo geografias críticas, ainda que se perceba certa predominância do discurso marxista. Essa diversidade foi consolidada nos anos de 1990.

Essa transformação tanto no ensino, quanto na geografia traz consigo como pontua Cavalcanti (2010), novas visões, novas questões e reflexões entorno de conceitos geográficos e até mesmo da posição da geografia frente a questões sociais. Isso por sua vez, pode ser aproveitado em sala de aula. Carvalho (2007) ainda relembra a herança geográfica (da modernidade) mnemônica, reprodutora de informações, uma ciência de síntese, não encarregada de produzir, mas de reproduzir informações e conceitos de outras ciências, esta por sua vez, começa a não dar conta.

Carvalho (2007) ainda comenta sobre a os conteúdos sistematizados em livros didáticos, de forma em que, não abre espaço para discutir o novo, em que há necessidade de cumprir com a meta estipulada pelos governos. A autora ainda destaca também o constante ensino de lugares, paisagens, regiões, territórios, dinâmicas espaciais que não discutia a realidade do(a) aluno(a), um espaço fora daquele vivenciado e apropriado por ele. O que dificulta o entendimento e a aplicação de conceitos. É necessário dessa forma, discutir não só o que vem de fora, mas também o próprio espaço geográfico. Carvalho (2007) aponta então a necessidade de entender o papel social e político (superar a ideia apolítica e de neutralidade que se instituiu nessa ciência) que a geografia também apresenta para uma análise de seu objeto de estudo que é o espaço geográfico.

Entretanto, Carvalho (2007) traz uma discussão a respeito de se realmente atingiu-se uma pós modernidade (e até mesmo se a escola não estaria iniciando a modernidade em algumas questões dado resquícios medievais no ensino), devido ao fato de ainda se encontrar um estudo fechado, muitas vezes mnemônico, sem análises e reflexões. Carvalho (2007), não descarta uma pós-modernidade, mas sim um limiar, um início, e esse início se dá pela pluralidade de metodologias. Entretanto, Carvalho (2007) destaca que só a geografia de cunho marxista, não é o suficiente para uma compreensão da realidade, havendo assim, a necessidade de um pluralismo metodológico, como levanta através de Gerald.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ainda sobre a construção do conhecimento, Carvalho (2007) não crê em um saber absoluto, e traz dessa forma, a categoria da práxis como um fazer histórico, e associa o fazer ao saber, mas destaca que o saber, isolado da práxis, é provisório, pois a prática, formula novos saberes. Outro ponto que ela levanta é a não classificação do saber, pois fazer isso é isolar o saber e excluir outras possibilidades.

Carvalho (2007) relata que a escola, na atualidade, passa por problemas nesse ponto, pois não consegue unir de uma forma necessária a prática e a teoria. Infelizmente mesmo com o advento de uma pós modernidade, ou como posto pela autora, um iniciar pós-moderno, ainda tem uma longa caminhada para atingir um pensar geográfico complexo e holístico. De uma forma tímida, alguns professores têm conseguido avançar, entretanto, com a forma em que é constituída o sistema escolar, sendo ainda muito cartesiano, falta liberdade para os professores conseguirem, avançar com propostas que rompem com o positivismo e consequentemente com a Geografia Tradicional.

Cavalcanti (2010) ainda aponta que alguns(algumas) professores(as), devido a determinadas inseguranças em sua prática educativa, adotam posturas educacionais um pouco conservadoras em sala de aula, limitando-se ao básico. Enquanto que outros estão todo tempo buscando inovar tendo como base a realidade, buscando sempre “orientações teóricas seguras, conhecimento da realidade e dos processos da escola, convicções sobre modos de atuação nessa instituição.” (CAVALCANTI, 2010, p. 01)

A autora ainda aponta sobre a motivação dos(as) alunos(as) em aprender algo novo. Onde alguns(algumas) professores(as) tem uma alta expectativa de encontrar estudantes altamente interessados na temática a ser abordada. Libaneo (2009) apud Cavalcanti (2010) destaca que essa motivação deve ser mediada e direcionada pelo(a) professor(a), havendo entre as partes um diálogo e explicações entorno dos interesses, para que se possa caminhar em direção a um sentimento motivacional, pois a rigidez afasta esses(as) educandos(as). (CAVALCANTI, 2010, p. 02):

No Brasil e no mundo, a atual política educacional, traduzida nas normativas, nas referências oficiais de conteúdos escolares e nas reformas do sistema, encaminha a questão da formação do professor e de sua prática com base na concepção de profissional reflexivo, de formação contínua, de formação na escola, de valorização dos saberes práticos do professor. Essa mesma política também cobra competências do professor em termos de eficiência, de resultados



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

traduzidos em indicadores das avaliações, a partir de parâmetros/padrões nacionalmente definidos — pelo poder regulador do Estado. E os maus resultados são freqüentemente atribuídos à precariedade do trabalho do professor.

Assim, percebe-se também uma alta cobrança para com o(a) professor(a) em que deve seguir diversas normativas em diversas escalas hierárquicas, desde a escola até a do governo federal e ainda lidar com questões peculiares de cada sala. Assim, quando há um fracasso, a responsabilidade recai sobre o(a) educador(a), o que relembra a escola com ideias iluministas como aponta Patto (1988). Entretanto, uma boa questão a se refletir, é se há condições necessárias para o cumprimento dessa demanda. Cavalcanti (2010) também levanta essa questão pertinente na educação que é a alta exigência da hierarquia institucional para com o(a) professor(a) e pontua que, para a superação de algumas imposições da estrutura legal, a escola (todo o conjunto que forma sua estrutura), “assumam a responsabilidade pelo envolvimento dos(as) alunos(as) no processo de aprendizagem (CAVALCANTI, 2010, p. 03)

Isto posto, é necessário refletir sobre essas dificuldades no ensino de geografia em sala de aula. Como atrair os(as) educandos(as), sobretudo os(as) altos habilidosos(as) para o ensino de geografia? Muitos pesquisadores apontam e reforçam a necessidade da interdisciplinaridade em sala de aula como uma forma de diálogo entre os saberes científicos. Essa seria uma das possibilidades a facilitar o interesse dos(as) educandos(as), entretanto, muitos autores como Thiesen (2008), pontuam dificuldade na inserção dessa metodologia em sala de aula devido a várias questões como motivação do(a) professor(a), abertura institucional, currículo mecanicista, entre outros.

Assim, para a geografia, como levanta Cavalcanti (2010), esta poderia aproveitar de assuntos cotidianos e atuais, como a globalização e utilizar da interdisciplinaridade em sala de aula aproveitando as discussões entorno das escalas dos fenômenos espaciais, o aumento e formas de comunicação seja entre pessoas e/ou instituições, além de questões referente ao movimento migratório.

Para a geografia, ainda são muitas as dificuldades em estabelecer metodologias atrativas em sala de aula, o que reforça a questão: como atender os(as) educandos(as) com altas habilidades/superdotação? Ainda mais que a LDB (BRASIL, 1996) reforça que cabe também a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

escola incluir em seus projetos pedagógicos atividades que atendam esse perfil de estudante. Mas o que muito se tem é a desinformação quanto a temática.

Assim, para o ensino de geografia, e para o(a) professor(a), as dificuldades são diversas, desde a falta de verba para atividades pontuais, como também a falta de incentivo, capacitação em ampla escala voltada para as altas habilidades, falta de interesse de alguns(algumas) profissionais na temática, falta de abertura curricular para projetos de incentivo, dificuldade em incluir atividades interdisciplinares, além de longas jornadas de trabalho com baixa hora-atividade, a dificuldade em transgredir a visão mnemônica dessa ciência e ainda a insistência em metodologias que não atraem a atenção dos educandos. Diversos fatores podem ser citados, e por isso fica difícil conseguir atender todas as leis sem as condições reais para tal.

Possíveis Metodologias no ensino de geografia para reconhecimento e valorização dos(as) estudantes com Altas Habilidades/Superdotação (A.H./SD.)

Durante as aulas, os(as) professores(as) costumam utilizar de ferramentas que possam auxiliar e facilitar no cumprimento e o desenvolvimento de conteúdos. Diferentes metodologias ainda são adotadas para diferentes perfis de turmas nas escolas de ensino regular de acordo com as necessidades encontradas. Mas o que normalmente ocorre é que algumas metodologias se tornam padronizadas gerando desinteresse nos(as) educandos(as) em sala de aula. No mais, algumas metodologias são pensadas para atender as necessidades de educandos(as) com dificuldades em relação a aprendizagem, ou com alguma deficiência. Entretanto, o(a) alto(a) habilidoso(a) acaba ficando a margem dessas possíveis metodologias, e muitas são as causas para isso ocorrer. (FREEMAN; GUENTHER, 2000, p. 95 apud SABATELLA; CUPERTINO, 2007, p. 72)

Numa concepção pedagógica ideal, em turmas de alunos com vários graus de capacidade, o ensino deveria explorar um mesmo tema ou assunto em níveis diversos de amplitude e profundidade, mas a maioria dos professores tem uma tendência natural a sintonizar o nível das aulas pela faixa de capacidade média do grupo. (p. 95)

O(a) aluno(a) percebido com possíveis indicadores de altas habilidades passará por uma avaliação por uma equipe especializada levando em consideração o desempenho em escola,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mas também durante o processo avaliativo. Para isso ocorrer, o primeiro passo se faz com a acuidade perceptiva do(a) professor(a) em sala de aula de perceber o(a) aluno(a). Entretanto por diversos motivos se torna difícil a percepção desses(as) alunos(as) como já discutido no primeiro tópico desse artigo.

Assim, pensar em metodologias para esse público, é também incluir e instigar em sala novas curiosidades, sendo que propostas diversificadas podem ser aproveitadas por todos os(as) educandos(as). Ainda sobre a inserção de metodologias, há a possibilidade de adoção do modelo de enriquecimento escolar, elaborado por Joseph Renzulli e proposto pelo MEC. Nesse sistema, como aponta Chagas, Maia-Pinto e Pereira (2007) toda a escola pode se beneficiar propondo atividades do tipo I (atividades gerais de exploração, em que envolve temáticas de curiosidade dos(as) educandos(as) e uma possível exploração, como visitação), tipo II (atividade de treinamento, que tende ao desenvolvimento da criatividade, autoconfiança e outros) e tipo III (atividades de investigação e produção) em que consiste no aprimoramento das habilidades, criatividade e interesse dos(as) educandos(as).

Entretanto, ainda é necessária uma maior abertura para a inserção de novos projetos pedagógicos em sala, e para isso como aponta Chagas, Maia-Pinto e Pereira (2007) é importante a participação de toda a comunidade escolar, incluindo alunos(as) e família. O(a) educando(a) nesse modelo de enriquecimento é ouvido, e as propostas são direcionadas de acordo com seus interesses, mesmo que não seja de toda a turma. Todavia, a adoção de determinadas propostas pedagógicas como trabalhos de campo, ou demais atividades que envolvem incentivo financeiro tornam-se debilitadas em instituições públicas devido aos altos custos e a baixa verba destinada as escolas. Sobre a inserção de práticas pedagógicas, Sabatella e Cupertino (2007, p. 69) ainda apontam que

Planejar alternativas de atendimento ao aluno com altas habilidades, que atinjam suas reais necessidades, expectativas dos pais, bem como correspondam à filosofia educacional das escolas, sem entrar em conflito com o ensino regular, é um trabalho que deve ser executado com habilidade e critério. Uma idéia importante de se ter em mente ao fazer esse planejamento é a de que os modelos existentes são sugestões de estratégias e que o mais relevante é se ater, inicialmente, ao que é possível fazer em cada situação específica, ampliando posteriormente o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

atendimento conforme for existindo maior abertura ou oferta de recursos por parte das instituições.

Mesmo assim, ainda é possível refletir sobre possíveis metodologias diferenciais em sala de aula, e para isso, pode-se pensar em questões levantadas pelos(as) educandos(as) em sala de aula dentro das inquietações que o ensino de geografia pode gerar, sobretudo para questões atuais, como levanta Cavalcanti (2010).

Cavalcanti (2010), tece algumas considerações sobre o desinteresse dos(as) educandos(as) em relação a algumas temáticas dentro do ensino de geografia ao dizer (CAVALCANTI, 2010, p. 03)

No entanto, se a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. É o caso de se questionar, então, por que os alunos não mostram interesse especial pelos conteúdos da disciplina, limitando-se, na maior parte das vezes, ao cumprimento formal das obrigações escolares.

Assim, é necessário, como Cavalcanti (2010) complementa, a busca por assuntos que possam gerar interesse, sobretudo a vida cotidiana sem esquecer o objetivo crítico dessa ciência (CAVALCANTI, 2010, p. 03)

Portanto, ensinar conteúdos geográficos, com a contribuição dos conhecimentos escolares, requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, têm legitimidade para se manifestar, com base no debate de temas realmente relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos.

Dessa forma, pode-se instigar os(as) alunos(as) com altas habilidades, e até mesmo demais educandos, através de atividades interdisciplinares. Como possibilidade, ao estudar hidrografia, os(as) educandos(as) (de forma geral) podem levantar questões sociais, e a partir disso o(a) professor(a) poderá fazer algumas sugestões, e colher sugestões dos(as) estudantes, além de estabelecer comunicação com outros profissionais e construir juntos uma atividade que possam alinhar o conteúdo a questões sociais atuais.

Assim, como possibilidade para uma turma do 6º ano ao estudar hidrografia e fenômenos espaciais naturais e sociais, pode-se ouvir dos(as) estudantes seus interesses, talvez com a possibilidade de estudar sobre o ciclo hidrológico local. Às vezes, mesmo não sendo a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

área de interesse de um(a) aluno(a) com altas habilidades, a novidade pode instigar a curiosidade e atrair a atenção desse(a) educando(a). Nesse momento, é importante abrir espaço para o diálogo, a dúvida e a curiosidade, pois este(a) aluno(a) ao sentir que está sendo ouvido, terá uma maior abertura para questionar, e isso poderá ser aproveitado para todos(as) os(as) estudantes, ou seja, estabelecer o diálogo entre educando(a) e educador(a) é fundamental para qualquer discussão na escola.

Dos anseios da turma e desse(a) educando(a) pode surgir a necessidade de entender porque em lugares muito próximo de um rio ou córrego há enchente, porque das pessoas morarem em regiões impróprias, porque em determinados períodos choverem mais, se há vida nesse rio, se pode consumir a água, de onde vem o rio, quem cuida do rio, se alguém usa o rio como modo de subsistência, se há atividade industrial, quem são as pessoas que vivem nesse espaço, doenças, condição de saúde, condições financeiras de quem habita ou utiliza desse rio, contaminação (do solo, culturas, água, ar, animais), segurança, lazer, quais animais utilizam do espaço, entre tantas outras diversas dúvidas e possibilidades de diálogos que podem ser estabelecidas com outras áreas do conhecimento.

Nesse momento o(a) professor(a) pode buscar ajuda de outros profissionais (seja na escola ou fora dela) que se interessam em promover essa ação com os(as) educandos(as). Podendo estar junto profissionais da instituição escola (professores(as), coordenadores(as), direção, agentes educacionais I e II), mas também estabelecer vínculos com participação extra-muro, como universidades, unidades de conservação, agricultores(as), representantes de movimentos sociais, empresas de tratamento de água e esgoto, entre outras possibilidades.

Diversas áreas do conhecimento podem estabelecer vínculo, como geografia, história, língua portuguesa, química, biologia, ciências sociais, artes visuais, entre outras. A partir desse diálogo em uma troca mútua entre os(as) envolvidos(as) (alunos(as), professores(as), coordenadores(as), entidades, família, comunidade), mas sempre levando em consideração o interesse do(a) educando(a) pode ser pensado em um projeto de conscientização, como a produção de vídeo, produção de uma revista local, produção de materiais de ação direta em rios, como exemplo a coleta de lixo, além de ferramentas de conscientização a entidades públicas sobre necessidades básicas de indivíduos que ocupam esse espaço e que estão em situação de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

risco a vida. Podendo também elaborar ferramentas de apoio a pessoas carentes, entre tantas outras possibilidades.

A partir disso, o(a) educando(a) passa a reconhecer que aquele conteúdo não é apenas uma abstração, e que os conceitos podem ser utilizados para pensar o espaço geográfico que os mesmos habitam. A partir disso um conteúdo que antes visto como mnemônico, ganha poder social e crítico. E com base nisso, o(a) educando(a) com altas habilidades pode estabelecer relações com suas áreas de interesse, desenvolver suas potencialidades e criatividade. Entretanto, um projeto de ação didática muito amplo, nem sempre consegue ser concluído, ou até mesmo iniciado, dado as diversas dificuldades do sistema educacional brasileiro, sobretudo das instituições públicas com baixo financiamento.

Assim, além dessa possibilidade de ensino de geografia em sala de aula para alunos(as) com altas habilidades, pode-se também beneficiar de atividades como feira de ciências, e olimpíadas voltada para esse ensino, de forma que possa estimular a curiosidade e o interesse pela área. Pensando nas olimpíadas, pode-se pensar na OGB (Olimpiada Geo-Brasil), composta pela OBG (Olimpiada Brasileira de Geografia) e pela OBCT (Olimpiada Brasileira de Ciências da Terra) (UNIFAL, 2021). Ao passar nas quatro fases nacionais da OBG, a OGB oferece a oportunidade do(a) educando(a) representar o Brasil na IGEO (International Geography Olympiad) e de representar o Brasil na IESO (International Earth Science Olympiad) ao passar na OBCT como aponta Unifal (2021). Essa oportunidade gera experiência e possíveis vínculos. Além da OGB, há a OBRAC (Olimpiada Brasileira de Cartografia) elaborada pela UFF (2021), em que o(a) aluno(a) pode aprender na prática enquanto soluciona em grupo os desafios propostos na prova. A prova é dividida em cinco etapas, sendo a primeira e a segunda etapas, teórica, e a terceira e quarta etapas, prática, em que ocorre em suas respectivas cidades de forma online. Enquanto que a última etapa é presencial na UFF (Universidade Federal Fluminense) (UFF, 2021). O grupo avança nessas etapas conforme passa nas provas.

Para que a olimpíada seja ofertada na escola, deve haver o interesse do(a) professor(a) de geografia em promover essa atividade entre os(a) educandos(a). Mas uma das possibilidades para a inviabilização é a falta de abertura curricular e a carga horária do(a) educador(a) impossibilitando um preparo dos(as) estudantes para atividade. Além de haver um número reduzido de professores(as) concursados em alguns Estados e/ou municípios, o que aumenta o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

número de professores(as) PSS (Processo Seletivo Simplificado) podendo impossibilitar uma atividade contínua como essa.

Outra possibilidade de oferta de ensino de geografia para esse público é (SAMPAIO; SANTOS, 2011, p. 52)

Uma abordagem que tem trazido bons resultados em relação ao atendimento das necessidades educativas especiais dos alunos com Altas Habilidades é a sala de recursos. Conhecida também como “grupo de enriquecimento”, consiste em espaços em que o objetivo central é o aprimoramento e o enriquecimento das capacidades superiores desses alunos (BRANDÃO, 2010).

Entretanto, nem todas as salas de recursos tem um(a) professor(a) formado(a) em geografia, ou oficinas ofertadas por esse(a) profissional. O que não impede demais profissionais de prestar auxílio para esse(a) educando(a). Mas tendo isso em mente, torna-se importante o engajamento de profissionais na área de geografia em estender apoio na formação desses(a) alunos(a).

Outras ferramentas poderão ser exploradas pelos(as) educadores(as) em sala de aula, como as tecnologias, hoje muito presente na vida dos indivíduos. Entretanto, para a inserção dessas técnicas em sala de aula, é necessário analisar o panorama estrutural e financeiro da escola, além de dialogar com os(as) educandos(as) se estes(as) têm as ferramentas necessárias, e depois disso, promover aulas tutoriais para ensinar a utilização da ferramenta. Para essa dinâmica pode-se ampliar as perspectivas do(a) aluno(a) alto(a) habilidoso(a) para com algumas tecnologias, além de aproveitar as que ele já possui. Pode-se inserir em sala de aula o uso do Philcarto (programa computacional voltado para elaboração de mapas temáticos – cartografia temática) (PHILCARTO, 2021), dado a facilidade para os(as) alunos(as) em geral, além de promover o uso de ferramentas um pouco mais avançadas como Qgis (programa computacional utilizado na realização de mapas topográficos e temáticos, do qual utiliza do SIG – Sistema de Informação Geográfica – para compreender os espaços a serem mapeados. Assim, utiliza de banco de dados, raster e vetores) (QGIS, 2021) aos(as) educandos(as) com altas habilidades para a construção de uma dada atividade, como confecção de mapas populacionais, casos de doenças, número de estudantes em cada Estado, entre outras possibilidades que possam ser aproveitadas em discussões qualitativas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

Para atender as necessidades educacionais especiais dos alunos(as) com altas habilidades/superdotação se faz necessário o conhecimento desses sujeitos sociais. Dessa forma, pessoas com altas habilidades/superdotação são aquelas que apresentam um desempenho superior a média de forma isolada ou combinada nas áreas intelectual, acadêmica, psicomotora artística ou liderança. Apresentam criatividade, envolvimento com a tarefa e habilidade acima da média. Apresentam facilidade em aprender conteúdos de suas áreas de interesse, motivação elevada, curiosidade, flexibilidade, empenho, sensibilidade, entre outros.

Esses sujeitos por sua vez necessitam de reconhecimento de suas potencialidades e uma devida atenção para que suas habilidades sejam aprimoradas, sem causar frustração por não ter suas expectativas atendidas. É necessário além disso superar os mitos que ofuscam a visibilidade desses(as) educandos(as), pois os rótulos e o imaginário dificultam até mesmo na identificação e encaminhamento desses sujeitos ao Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Muitas são as dificuldades na educação formal para atendimento de estudantes com altas habilidades, desde a estrutura da instituição escola até as demais hierarquias institucionais que promovem os currículos e as obrigações dos(as) professores(as) em sala de aula. Além disso há questões sociais, financeiras, motivacionais e emocionais. Outro ponto está na dificuldade da superação da ideia da geografia como uma ciência de síntese e mnemônica nas escolas e o avanço para discussões críticas.

Assim, é necessário o educador promover momentos de diálogo com a turma, e permitir que assuntos com teor crítico possam surgir em sala de aula. Além deste promover uma abertura maior em relação ao aluno identificado com altas habilidades sem menosprezar suas potencialidades, ou promover desdém por desacreditar na possibilidade desse(a) aluno(a) apresentar altas habilidades, pois como já mencionado, o(a) aluno(a) com altas habilidades não necessariamente apresenta habilidade em todas as áreas, podendo ser apenas em uma. Assim, o uso de metodologias como tecnologias, olimpíadas, jogos, entrevistas, construção de materiais referente a pesquisa, podem se apresentar como potencialidades em sala de aula para uma melhor atratividade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Referências

ANTIPOFF, Cecília Andrade; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Superdotação e seus mitos.

Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. v. 14, n. 2, jul./dez. 2010, p. 301-309. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pee/v14n2/a12v14n2.pdf>.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 8 dez. 2020.

BRASIL. **Portaria nº 555/2007, prorrogada pela portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008**. Institui a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009**. Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial, DF. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1. Acesso em: 20 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.663, de 14 de maio de 2018**. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm#art1. Acesso em: 20 fev. 2021

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. O que se quis e O que se leu. In: CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de século: a escola e a geografia**. 3. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2007. p. 19-50

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1, nov. 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]** Brasília – DF: MEC, 2010. p. 1-16.

CHAGAS, Jane Farias; MAIA-PINTO, Renata Rodrigues; PEREIRA, Vera Lúcia Palmeira. In: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. V.2. Brasília – DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 55-79.

MAIA-PINTO, Renata Rodrigues; FLEITH, Denise de Souza. Percepções de professores sobre alunos superdotados. **Revista Estudos de Psicologia**, PUC – Campinas, v. 19, n. 1, p. 78-90, jan./abr., 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2002000100007. Acesso em 3 dez. 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

UNIFAL-MG, Universidade Federal de Alfenas. **Olimpíada Brasileira de Geografia e Ciências da Terra**. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/obgeografia/apresentacao/>. Acesso em: 27 fev. 2021

PATTO, Maria Helena Souza. O fracasso escolar como objeto de estudo: Anotações sobre as características de um discurso. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 65, p. 72-77, maio 1988. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br//index.php/cp/article/view/1198>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PHILCARTO. **Cartografia temática com Philcarto**. 2021. Disponível em: <http://philcarto.free.fr/indexPT.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

QGIS. **O líder em GIS para Desktop de Código Aberto**. 2021. Disponível em: <https://www.qgis.org/en/site/about/index.html>. Acesso em: 27 fev. 2021.

RENZULLI, Joseph. **O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos?** Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre: PUCRS, 2004, p. 75-131. What is this thing called giftedness, and how do we develop it? A twenty-five year perspective. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/papah/o-que-e-esta-coisa-chamada-superdotacao.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2020.

SABATELLA, M. L.; CUPERTINO, C. M. B. Práticas educacionais de atendimento ao aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, Denise de Souza (org.). **A construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. V. 1. Brasília – DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007, p. 67-80.

SAMPAIO, Adriany de Ávila Melo; SANTOS, Angélica Borges dos. Reflexões sobre Altas Habilidades como um desafio ao atendimento escolar inclusivo e ao ensino de geografia. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 40, p. 46-55, dez. 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16464/9197>. Acesso em: 03 dez. 2020.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, p. 545-554, set./dez. 2008

UFF, Universidade Federal Fluminense. **Olimpíada Brasileira de Cartografia (OBRAC)**. 2021. Disponível em: <http://olimpiadadecartografia.uff.br/>. Acesso em: 27 fev. 2021.

VIRGOLIM, A. M. R. O que as palavras querem dizer? As diferentes terminologias e definições na área. In: VIRGOLIM, A. M. R. **Altas Habilidades/Superdotação Encorajando Potenciais**. Brasília, DF: MEC, 2007. Cap. 2. p. 21-39.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

OS IMPACTOS DAS DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE O ENSINO REMOTO

Milena Cardoso Garbossi¹⁵

Resumo

O Brasil é marcado por intensas iniquidades socioeconômicas, que gera impactos diretos na educação. Sendo assim, o foco deste artigo é discutir como a pandemia do COVID19, que obrigou a instituir o ensino remoto, reforçou tais desigualdades. Para tanto foi realizada a análise de dados em conjunto com um debate teórico, sendo assim foi possível uma maior percepção das desigualdades já existentes na educação brasileira, e dos desafios que a educação tem enfrentado e os impasses para a total inclusão de estudantes na educação remota. Assim, percebe-se que o contexto educacional é rodeado por desigualdades sociais, que atingem diretamente grande parte de estudantes das classes populares, tornando o acesso à educação no Brasil ainda mais desafiador.

Palavras-chave: Desigualdades – Pandemia – Ensino Remoto

Introdução

Apesar da educação ser um direito previsto em constituição, o Brasil possui um histórico e presença persistente das desigualdades que impedem a total inclusão de todos os cidadãos na escola. Por isso, o seguinte artigo, tem como objetivo identificar e estudar como as desigualdades sociais são reforçadas na educação básica durante a educação em contextos pandêmicos.

Assim, através de diferentes autores e referenciais teóricos, será mostrado como as desigualdades sociais estão presentes no cotidiano e na educação brasileira; como elas surgiram e como tem permanecido ativamente no dia a dia de muitas pessoas e estudantes.

Para isso, serão contextualizados a pandemia e como ela afetou as dinâmicas sociais, a chegada do ensino remoto e as mudanças trazidas por ele, as garantias do direito à educação e como elas são negadas a muitos cidadãos, e os desafios que surgiram na educação nesse contexto pandêmico. A partir de dados coletados pelo PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2019), Anuário Brasileiro da Educação Básica (2020) e teóricos, será feita uma

¹⁵Estudante do terceiro ano do curso de Licenciatura em Geografia. Email: milena.garbossi@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

análise para compreender a realidade dos estudantes, por meio da situação socioeconômica. Será tratado também, como as desigualdades sociais afetam o acesso ao ensino remoto, aliando a falta de condições socioeconômicas dos estudantes com a necessidade do ensino presencial e de qualidade, e quais são os impasses para a total inclusão desses estudantes na educação. Os dados para este estudo serão demonstrados a partir de tabelas.

A análise de dados em debate com outros autores, possibilitou uma maior percepção de como as desigualdades já presentes na sociedade brasileira, se acentuaram no período de pandemia; e como a decisão governamental de optar pela modalidade remota de ensino trouxe diversas consequências para estudantes, sendo um obstáculo à mais para o processo de ensino-aprendizagem de muitos alunos.

Os prejuízos da ausência de educação por conta das desigualdades existentes no país e o aumento delas durante a pandemia, só mostra a falta de interesse por parte do planejamento de políticas públicas, em proporcionar as condições e subsídios necessários para que o direito a educação seja concedido a todos, assim como será mostrado no artigo a seguir.

Desigualdades socioeconômicas na educação brasileira

A história do Brasil é marcada pela exploração de europeus que ao invadir o Brasil, se apropriaram do território e impuseram uma organização extremamente desigual com profundas iniquidades.

Além disso, houve uma destruição cultural, onde os nativos passaram a ser subordinados de forma forçada, seus costumes e rituais foram silenciados e seu cotidiano a partir daí foi mudado. Tais povos perderam toda sua autonomia, não eram valorizados e não tinham direito algum sobre sua própria terra. Eram vistos apenas como não humanos, possíveis de serem escravizados.

Esse histórico influencia a sociedade brasileira até hoje, em seus diversos aspectos, e na educação não seria diferente. Quando povos estrangeiros chegaram às terras brasileiras e destituíram os nativos de suas identidades, passaram a ser considerados “diferentes”, pobres e incapazes.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Em nossa história, percebemos que os grupos que diferem da raça, da etnia, do gênero e da classe dominantes são os Outros, aliados do acesso a direitos básicos. Perpetuar a situação de pobreza desses coletivos tem sido, ao longo de nossa história social e política, a forma mais brutal de fazê-los permanecer nessa condição de inferiores, oprimidos, em desigualdade de acesso aos direitos sociais, políticos e econômicos. (ARROYO, 2018, p.17).

Ao extinguir seus modos de vida e vivências culturais, rebaixando-os a inferioridade e incapacidade, são deixados também a mercê da pobreza, e consequentemente, falta e impossibilidade de acesso à educação.

A maneira de tratar os grupos diferentes é parte de uma relação política. A civilização-educação é e foi pensada como uma relação colonialista e racial, cujo paradigma é converter os (as) subumanos (as) em humanos (as). Toda a história de conflitos e precariedades da educação das comunidades pobres é influenciada por essas marcas e relações políticas de diferenciação desigual. Com relação ao lugar em que nós, profissionais da educação, estamos situados (as), será necessário, para avançar na compreensão dessas questões, ter uma postura crítica diante da história da educação, que está impregnada de representações e tratos inferiorizantes dos Outros. (ARROYO, 2018, p.19)

O Brasil é um dos países com maiores desigualdades sociais do mundo, tal fato reflete diretamente no âmbito da educação, e é o modo de produção capitalista quem tem impulsionado essas desigualdades/iniquidades, que existem desde a invasão dos europeus para exploração e colonização.

Segundo Patto (2015), em meados do século XIX o modo de produção capitalista, sofreu uma recalibragem a partir da revolução industrial no séc. XIX. Esse modo de produção dá nova função às pessoas: aqueles que detém o poder dominante, a burguesia; e dominados, o proletariado. Inicia-se assim, uma incansável luta entre classes, onde a burguesia toma conta de todos os lucros econômicos, acumulação do capital e concentração de renda, passando esse papel de forma hereditária; e deixa o proletariado à mercê do excesso de trabalho, onde seu corpo é sua mercadoria oferecida ao dominador em troca de baixíssimos salários, formando assim a população pobre das cidades submetida à trabalhos dos quais não poderiam fugir, pois seriam de extrema importância para sua sobrevivência.

Embora a classe trabalhadora não fosse homogênea – havia grandes diferenças salariais, de estabilidade no emprego e, portanto, de condições de vida entre as várias categorias de operários – ela estava



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

unida pelo destino comum do trabalho manual, da exploração, da própria condição operária, enfim. No entanto, o empresariado e a própria classe operária faziam uma distinção entre o ‘trabalhador respeitável’ e o ‘pobre sem respeito’; estes últimos, não especializados e sempre a beira do desemprego e da não sobrevivência, tinham pouco acesso as organizações que começavam a dar expressão ao movimento trabalhista dos operários mais especializados e mais bem pagos. (PATTO, 2015, p.44)

De acordo com Patto (2015), a fábrica era a escola dos operários, por conta das demandas técnicas e necessidade de especialização os trabalhadores recebiam capacitação ali mesmo em seu trabalho, e eram submetidos a uma disciplina rígida de horários, também eram influenciados e manipulados a não ter consciência da exploração que sofriam, de certo modo eram alienados.

Na atualidade, em locais onde a pobreza repercute, a educação não é prioridade em nenhuma fase da vida do indivíduo. A sua maior necessidade nesse contexto social, é a de trabalhar para conseguir suprir necessidades básicas individuais e da família. E infelizmente, é muito comum que os filhos das classes populares em tenra idade, precisem se dedicar também ao trabalho. Não há estímulo para frequentar a escola.

A pobreza é um problema grave e que segundo o IBGE, em 2018, já afetava 6,5% da população brasileira, isso equivale a 13,5 milhões de pessoas, esse número corresponde mais que a população total de Portugal ou Bolívia. Nesse mesmo período, foi apontado que 25,3% da população vive com aproximadamente \$420,00 mensais, que representa 44% do salário mínimo de 2018.

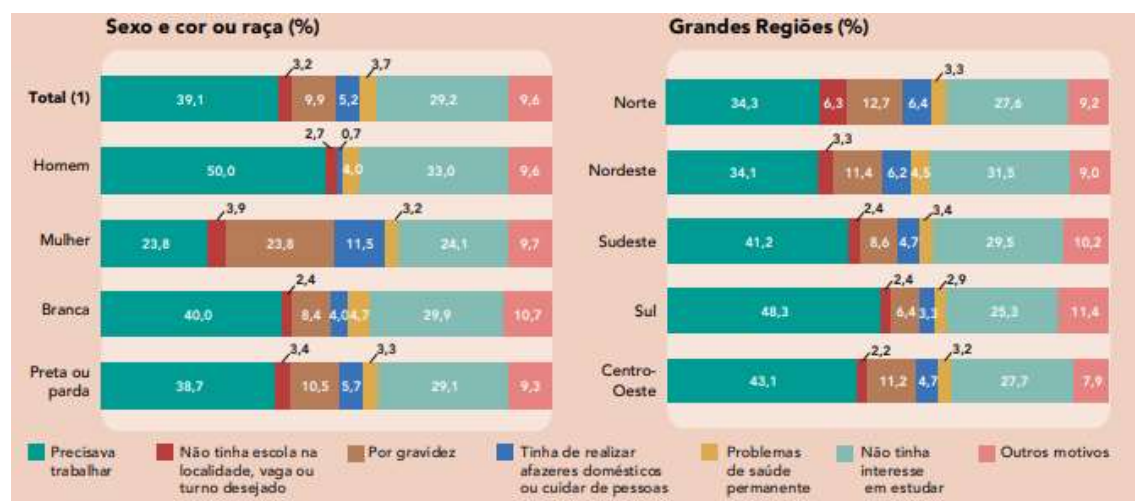
Essa desigualdade/iniquidade social tem implicações diretas no desempenho escolar de estudantes, podendo por vários motivos causar a “desistência” dos estudos como demonstra a figura 1.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo:



Fonte: IBGE, 2019.

A partir dos dados acima, percebe-se que o abandono escolar é comum na adolescência e juventude, sendo o principal motivo a necessidade de trabalhar, totalizando 39,1% das pessoas entrevistadas. Fato interessante é a região sul aparece com 48,3% de desistentes, isso mostra que apesar de ser uma região com índices socioeconômicos melhores, a desigualdade se mostra maior, já que comumente os estados da região norte e nordeste passam por esse problema, mas de forma mais abrangente em sua população. Os homens são os que mais abandonam os estudos 50% e mulheres 23,8%. Os homens também possuem menos interesse nos estudos, somando 33% dos entrevistados, enquanto mulheres 24,1%, fato que pode comprovar a presença de uma maioria feminina no ensino médio e superior. As mulheres que mais abandonam os estudos são devido a gravidez e de cor/raça pretas e pardas sendo 10,5% das entrevistadas. Isso demonstra que o racismo é um componente fundamental para compreensão das desigualdades no país.

A tabela 1 evidencia a realidade percentual de estudantes que concluem seus estudos de acordo com sua classe social:

Tabela 1 – Percentual de conclusão escolar entre os mais Ricos e mais Pobres.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Taxa de Conclusão Escolar entre Mais Ricos e Mais Pobres - 2019			
%	Anos Iniciais (até 12 anos)	Ensino Fundamental (até 16 anos)	Ensino Médio (até 19 anos)
Ricos	98,7	95,1	87,9
Pobres	84,9	69,1	51,2

Fonte: Anuário Brasileiro de Educação Básica, 2020.

Percebe-se mais uma vez, que a partir da adolescência as taxas de conclusão da educação básica decaem ao decorrer das etapas, em especial para as classes populares, chegando a apenas 51,2% de estudantes pobres formados no ensino médio; tal realidade evidencia que muitos ficam pelo “caminho” correlacionado com dados da figura 1, isso ocorre por vários motivos como a necessidade de trabalhar.

É notável que, as condições sociais de uma família, influencia no desempenho educacional. O pensamento moderno é que para que não haja pobreza é preciso estudar, se qualificar, conseguir um bom trabalho e ter consequentemente uma boa renda; porém, como será possível essa qualificação, se o indivíduo e a família não têm a possibilidade de acessar a escola por falta de renda? A pobreza gerada desde a colonização é uma herança geracional no Brasil, as oportunidades não são as mesmas para todas pessoas no Brasil, difere da classe social, raça e gênero, e os programas de renda mínima que os poderia ajudar também não são suficientes. É um ciclo sem fim, onde os menos favorecidos não tem perspectiva de melhora de sua condição social, e por ter dificuldades em manter o mínimo de suas necessidades precisarão trabalhar a qualquer custo, nos trabalhos menos qualificados e com baixos salários e que impossibilitarão o indivíduo de acessar a educação escolar.

O racismo é também um grande aliado na produção e reprodução das desigualdades sociais na educação. O Brasil já possui desde sua ‘origem’, um histórico de iniquidades, pautada na raça e etnia, tanto para com os indígenas, quanto pelos negros trazidos à força para o país. Essas pessoas sempre foram desvalorizadas e vistas apenas como mão de obra e seres inferiores. . Fato este, que mais tarde também foi reforçado pelo modo de produção capitalista, que submeteu os segregados a dominação.

No marco das sociedades industriais capitalistas, o racismo, antes de ser uma ideologia para justificar a conquista de outros povos, foi muitas vezes uma forma de justificar as diferenças entre classes, principalmente nos países em que a linha divisória das classes sociais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

tende a coincidir com a linha divisória das raças, o que significa afirmar que serviu como ‘arma na luta de classes’. (PATTO, 2015, p.57)

No século XIX, muitos autores se dedicaram a procurar uma ‘resposta’ para a existência de raças inferiores e superiores. Isso fez com que surgissem teorias inaceitáveis, que descreviam os negros como menos capacitados cognitivamente, uma tragédia para a sociedade. Patto (2015), conta recorre aos escritos do século XIX de Gobineau, um escritor francês que foi extremamente racista, segundo ele os descendentes e mestiços das raças consideradas por ele inferiores, traria apenas indivíduos estéreis e desnaturalizados. “Parte de seu livro é dedicada a considerações sobre as consequências desastrosas da mestiçagem; afirma que nos países em que a raça branca já impura se mistura ao sangue de negros e índios, as consequências serão trágicas, pois resultarão na ‘justaposição dos seres mais degradados.’”(PATTO, 2015, p.58). Ideias essas que chegaram ao Brasil, e fizeram com que o racismo se tornasse uma ideologia com status de ciência.

No Brasil, os grupos indígenas foram deixados à margem do desenvolvimento econômico e cultural, mantidos em aldeias e reservas, sendo punidos ao adentrarem o mundo do branco sem a devida adaptação às normas (daí decorre a visão da necessidade de civilização ou mesmo punição dos povos indígenas para que se enquadrem). A população negra, por sua vez, estava anexada aos meios de produção na condição de máquina, destituída de sua humanidade mesmo após o fim da escravidão, quando foi transformada em mão de obra barata ou, inclusive, descartável. (ARROYO, 2018, p.28)

Sendo assim, é impossível fazer uma análise cuidadosa das iniquidades da educação sem discutir além de classe social a presença cruel do racismo. Na tabela 2, nota-se que ainda há distancia no quesito de alfabetização quando a cor/raça das pessoas.

Tabela 2 - Percentual de alfabetização das determinadas raça/cor entre 15 anos ou mais.

Alfabetização 15 Anos ou Mais - 2019 %	
Brancos	96,4
Pardos	91
Pretos	91,4

Fonte: Anuário Brasileiro de Educação Básica, 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os brancos encontram praticamente alfabetizados entre a faixa etária de 15 anos ou mais. Tais dados indicam que ainda, por mais que avançou quanto a produção de políticas públicas inclusivas pós anos 2000 ainda persiste as desigualdades com lacunas quanto a garantia, de algo tão essencial como a alfabetização para todos, deixando também de garantir cidadania e inclusão social de forma igualitária.

Desafios da Educação em Contextos Pandêmicos

O ano de 2020 foi marcado pela epidemia do Covid19 que se espalhou rapidamente pelo mundo, e afetou o mundo todo, não apenas no âmbito da saúde, mas a economia, política, questões sociais e também a educação. Foi preciso a emissão de decretos em vários países, que convocava os indivíduos à permanecerem em seus domicílios, podendo sair apenas poucos indivíduos de cada família, para unicamente atender às suas necessidades básicas como alimentação e medicação.

Diante dessa situação, muitos problemas e dificuldades foram se intensificando. O desemprego começou a imperar, empresas fecharam as portas, pessoas passaram a ter ainda mais dificuldades para conseguir o essencial para seus lares e a educação presencial de forma geral foi suspensa. O isolamento social era necessário, e assim, o mundo ficou estagnado por alguns meses.

Segundo a UNESCO (2020), 1,6 bilhões de crianças e jovens foram afetados em 191 países onde as escolas foram fechadas, esse número representa 90,2% de estudantes ao redor do mundo que sofreram com a interrupção no seu desenvolvimento educacional.

Após alguns meses dessa paralisação geral, os governos começaram a discutir medidas para evitar a perda total do ano letivo dos alunos, já que as aulas foram canceladas no mês de março. Assim, surgiu a ideia de implantar o ensino remoto, usando-se de tecnologias para que alunos e professores pudessem dar continuidade a aprendizagem e não terem um ano todo perdido.

Porém, ao implementar o ensino remoto, é fato que os problemas de ordem socioeconômica iriam se intensificar, já que, Zajac (2020) destaca que segundo a pesquisa TIC



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Domicílios 2018, apenas 42% das casas brasileiras tinham computador, 85% de indivíduos das classes D e E acessam a internet somente pelo celular e 13% conseguem se conectar tanto pelo celular quanto pelo computador. São números que explicitam a não inclusão de todos os estudantes possíveis na nova dinâmica proposta de aulas remotas. O que já era um problema para a aprendizagem das classes populares, durante o isolamento social ficou ainda maior, sendo a única opção discutida foi o ensino remoto e individualizado nos lares de cada estudante. “A Educação a distância (EaD), não pode ser a única solução, esta metodologia tende a exacerbar as desigualdades já existentes, que são parcialmente niveladas nos ambientes escolares, simplesmente, porque nem todos possuem o equipamento necessário”. (SOUZA; FRANCO; COSTA, 2016 *apud*. DIAS; PINTO, 2020, p.2).

[...]Esta pandemia tem evidenciado a desigualdade que demarca nossa sociedade, pois, enquanto algumas crianças tem acesso à tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico em casa, seja pelo fato de os responsáveis dedicarem-se à outras preocupações, seja por estes não terem a formação escolar adequada para orientá-los em relação das atividades, ou ainda, por situações de extrema pobreza e vulnerabilidade social. (VIEIRA; RICCI, 2020, p.3)

Além das dificuldades enfrentadas diretamente pelos alunos, os professores também enfrentam grandes obstáculos, devido a condição socioeconômica, as áreas onde moram e o acesso à internet se torna difícil, necessidade de aprender a utilizar ferramentas e apps tecnológicos para que as aulas possam fluir, são algumas das dificuldades que os professores precisaram se adequar e buscar capacitação, na medida do possível.

[...]É um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online. Na pandemia, grande parte das escolas e das universidades estão fazendo o possível para garantir o uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente. [...]Há ainda outros obstáculos graves, especialmente para alunos e professores mais empobrecidos, muitos deles localizados na periferia das grandes cidades ou na zona rural. Faltam computadores, aparelhos de telefonia móvel, software e Internet de boa qualidade, recursos imprescindíveis para um EaD que resulte em aprendizagem. (DIAS; PINTO, 2020 p.2)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Professores e alunos precisaram se adaptar às soluções digitais, porém sabe-se que não houve capacitação por parte de gestores da educação, foram todos deixados à mercê de seus poucos/nenhum conhecimento tecnológico, além de, muitos deles não possuem o acesso necessário a internet e ferramentas digitais. Fato esse, que pode provocar o desinteresse e descontentamento do aluno por não saber como agir perante tal situação.

As condições familiares em que os estudantes estão inseridos também afeta a forma como acontece a dinâmica de aprendizagem. Segundo Cifuentes & Faura (2020) *apud*. Dias & Pinto (2020), as famílias em confinamento se encontram em várias situações. Algumas têm tempo para se dedicar aos estudantes e auxiliá-los em suas dúvidas e tarefas, mas podem ter também membros da família que não possuem o conhecimento necessário para ajudar. Há também pais/responsáveis que precisam trabalhar fora ou em modelo *home office* para que sua família tenha a renda mensal, o que infelizmente, acaba impedindo que o estudante tenha um apoio eficaz na sua aprendizagem e aulas online. São situações assim que, conseqüentemente, também irá causar desigualdade e retrocesso no processo de ensino-aprendizagem do estudante.

[...]Este período de atividades escolares em casa evidenciou que a aprendizagem, além de envolver planejamento e mediação competente de um profissional com formação para tanto, o que, por si só, já é uma tarefa difícil, envolve também a capacidade de motivar os estudantes para que se engajem aos processos de aprendizagem – e os pais, em sua maioria, ainda que recebam conteúdos devidamente selecionados e planejados, não conseguem promover esta motivação de modo que seus filhos sejam independentes e autodeterminados para aprenderem, o que dificulta a realização das atividades e a aprendizagem em casa. (VIEIRA; RICCI, 2020, p.4)

A saúde psicológica das pessoas em geral, também foi afetada nessa pandemia. A realidade do confinamento e falta de socialização colocou as pessoas frente à frente com seus traumas, medos e sentimento de solidão. A convivência familiar em período integral, a saúde psicológica que afeta diretamente a saúde física com sintomas reais, o estresse por conta da realidade social de determinadas famílias, causando angústia quanto ao que fazer para sanar suas necessidades básicas, são fatos que afetam o psicológico e impedem que os estudantes consigam se dedicar as aulas, já que em momentos assim, o desânimo acaba imperando.

Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

– torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola – e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias. Estimular a solidariedade, a resiliência e a continuidade das relações sociais entre educadores e alunos nesse período é fundamental, pois ajuda a minorar o impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes. Agora, importa prevenir e reduzir os níveis elevados de ansiedade, de depressão e de estresse que o confinamento provoca nos estudantes em quarentena. (MAIA; DIAS, 2020 *apud*. DIAS; PINTO, 2020, p.2)

E não são apenas os alunos que estão abalados psicologicamente, professores também chegam ao seu limite. Com o trabalho dentro de suas casas, carga horária maior, preocupações e desdobramentos quanto ao que aplicar e como alcançar a todos os estudantes, são situações que causam exaustão tanto psicológica quanto física, fazendo com que tal esgotamento afete o rendimento e qualidade do ensino.

Outro ponto de extrema importância e que também causa certa desigualdade na aprendizagem e alterações na dinâmica da aula, é a condição não presencial das aulas. Pois, a interação entre alunos e professores é algo essencial no processo de ensino-aprendizagem, é onde os relacionamentos acontecem, as vivências são compartilhadas, os coletivos podem se reconhecer. A dinâmica de socialização precisa acontecer, faz parte do processo, é de extrema importância para que os estudantes possam formar o senso de diversidades, igualdade e respeito. É uma aprendizagem mútua em seus vários aspectos.

[...]A escola é muito mais do que aprender por si mesmo! Transcende a posição de espaço de aprendizagem: é uma comunidade onde professores e alunos relacionam-se, interagem e aprendem mutuamente, por meio do contato pessoal, das experiências vivenciadas no coletivo, das confidências, do relacionamento. É fato que as crianças que têm bom relacionamento na escola, na sala de aula, inevitavelmente, aprendem melhor. Os professores sabem disso, e agora, isto está sendo comprovado por esta crise pandêmica. (VIEIRA; RICCI, 2020, p.4)

“Educar é levar aos alunos conhecimentos dos quais talvez eles nunca teriam tido a oportunidade de conhecer sem a escola” (YOUNG, 2011 *apud*. ZAJAC, 2020, p.1). As escolas ensinam os alunos a conviver em sociedade, ensina modos de vida, diversidades culturais, religiosas, políticas e econômicas; e a assimilação de tudo isso, só acontece quando a educação



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

é em especial assegurada e de forma presencial, onde alunos e professores podem relacionar-se e aprender mutuamente, e isso o ensino remoto não pode fazer plenamente.

Condições Socioeconômicas dos Estudantes e os Impasses para sua total Inclusão na Educação Remota

O Artigo nº 205 da CF-1988 define que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Sendo assim, educar é garantir aos jovens o seu pleno desenvolvimento, a partir de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (Art. nº 206). (BRASIL, 1988).

Mas, até que ponto esse direito tem sido respeitado? Quais são as condições propiciadas a estudantes para que tenham uma educação de qualidade? Será que durante a pandemia estudantes tiveram acesso ao direito de estudar de forma igualitária?

A educação no Brasil não acontece de forma igualitária, ainda são muitos os excluídos. E, atualmente, nesse período de pandemia a desigualdade educacional cresceu drasticamente, já que, os gestores decidiram pela volta às aulas na modalidade remota; porém o acesso à essa dinâmica educacional possui grandes obstáculos que impedem o acesso a aprendizagem, que é direito de todo cidadão.

[...] a qualidade da educação, para além de depender dos insumos e da valorização de seus profissionais, depende muito de fatores socioeconômicos. Vivemos em um país onde 31,1 milhões de brasileiros (16% da população) não têm acesso a água fornecida por meio da rede geral de abastecimento; 74,2 milhões (37% da população) vivem em áreas sem coleta de esgoto; outros 5,8 milhões não têm banheiro em casa; 11,6 milhões (5,6% da população) vivem em imóveis com mais de 3 moradores por dormitório e 3,5 milhões de pessoas vivem com até R\$ 145 por mês. Falar em qualidade da educação sem olhar para esses dados é quase desumano. (ZAJAC, 2020, p.3)

Como pensar em estudar, quando a realidade familiar de uma pessoa é de extrema pobreza? Diante dessa realidade, não há espaço e motivação para se dedicar aos estudos. E, nesse período pandêmico, as dificuldades em conseguir suprir as necessidades básicas, mais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ainda, não deixam espaço para que estudantes tenham condições de acesso a tecnologias para seguir em seu processo de aprendizagem.

Na Tabela 3, são apresentados dados selecionados por Nascimento, Ramos, Melo, Castioni (2020), a partir de pesquisas feitas pela PNAD, INEP, CEB (Companhia Energética de Brasília) CES (Centro de Ensino Superior Juiz de Fora) e GeoCapes em 2018.

Tabela 3 - População sem acesso à internet em banda larga ou 3G/4G em seu domicílio – Brasil (2018).

Nível Escolar	População sem Acesso à Internet, banda larga ou 3G, 4G em casa	População sem Acesso à Internet, banda larga ou 3G, 4G em casa	
		Total (Aprox.) de pessoas	Em Instituições Públicas de Ensino
Pré-Escola	14% a 15%	Até 800 mil	Cerca de 720 mil
Ensino Fundamental 1	Cerca de 16%	2,40 milhões	2,32 milhões
Ensino Fundamental 2	Cerca de 16%	1,95 milhão	1,91 milhão
Ensino Médio	Cerca de 10%	Até 780 mil	Cerca de 740 mil

Fonte: NASCIMENTO, RAMOS, MELO, CASTIONI, 2020.

O Ensino Fundamental 1 e 2, de acordo com as pesquisas, é o nível escolar onde mais estudantes - cerca de 16%, que corresponde por volta de 2 milhões de pessoas – foram afetados pela falta de acesso à internet para as atividades remotas. Esses estudantes, em sua maior parte, frequentam instituições públicas de ensino. Ao serem adicionadas as crianças sem acesso



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

matriculadas na pré-escola e os jovens sem acesso matriculados no ensino médio, chega-se aproximadamente a 5,9 milhões (de um total de 39,5 milhões) de crianças e adolescentes na fase de escolarização obrigatória que frequentavam escolas em 2018 sem que dispusessem de acesso domiciliar à internet.

Na Tabela 4, é possível notar a semelhança dos dados entre habitantes de áreas rurais e urbanas (do interior dos estados), sendo os residentes em áreas rurais os mais prejudicados pela falta de acesso à internet.

Tabela 4 - Diferenças entre os estudantes da área rural e urbana quanto ao acesso à internet entre matriculados no Brasil (2018 em %)

Nível Escolar	Habitantes Áreas Rurais		Habitantes fora das Capitais e Região Metropolitana	
	Entre os sem Acesso à Internet	Entre o Total de Matriculados	Entre os sem Acesso à Internet	Entre o Total de Matriculados
Pré-Escola	54	20	85	67
Ensino Fundamental	53	21	84	67
Ensino Médio	54	17	81	62

Fonte: NASCIMENTO, RAMOS, MELO, CASTIONI, 2020.

Segundo Nascimento, Ramos, Melo, Castioni (2020), os estudantes da educação básica pública (da pré-escola ao ensino médio) sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G, pouco mais da metade mora em áreas rurais. Esse percentual só é próximo ao dos que moram em áreas urbanas porque, mesmo na educação básica, há muito mais matriculados domiciliados na área urbana (80%) do que na área rural (20%). Por esta razão, embora na



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

educação básica pública a carência de internet para atividades remotas de ensino-aprendizagem seja realidade na casa de 45% dos estudantes domiciliados em áreas rurais e na casa de 10% dos estudantes domiciliados em áreas urbanas, o universo de estudantes sem acesso se distribui quase que semelhantemente entre domicílios urbanos e rurais. Também há proporção maior de estudantes sem acesso, domiciliados fora das capitais do que nas regiões metropolitanas das capitais das unidades da federação (UFs) brasileiras. Na educação básica, moradores do interior correspondem a 66% dos matriculados em estabelecimentos públicos, mas são 84% dos sem acesso domiciliar à internet de qualidade.

De acordo com Nascimento, Ramos, Melo, Castioni (2020) também apresenta outros dados, onde estudantes sem acesso à internet são majoritariamente pessoas negras ou indígenas. Nos estabelecimentos públicos da educação básica, as crianças e os jovens negros e indígenas são mais de 70% dos estudantes sem acesso domiciliar à internet em banda larga ou 3G/4G. A tabela 5 a seguir, mostra o perfil dos sem acesso por gênero e cor/raça, por nível e etapa de escolarização.

Tabela 5 - Perfil dos sem acesso domiciliar à internet de qualidade, pelo gênero e cor/raça, por nível e etapa de escolarização – Brasil (2018 em%).

Nível Escolar	Mulheres negras ou indígenas	Mulheres brancas ou amarelas	Homens negros ou indígenas	Homens brancos ou amarelos
Pré-Escola	37	14	37	12
Ensino Fundamental	35	11	41	13
Ensino Médio	38	12	39	11

Fonte: NASCIMENTO, RAMOS, MELO, CASTIONI, 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ainda, segundo o Nascimento, Ramos, Melo, Castioni (2020), o acesso a atividades remotas de ensino- -aprendizagem não beneficia, sobretudo, estudantes de baixa renda. Ao considerarmos como de baixa renda estudantes com renda domiciliar per capita inferior a 1,5 salários mínimos (SMs), que é o padrão mais recorrente de definição de baixa renda nas políticas de acesso do Ministério da Educação (MEC), vemos que essa classificação alcança 99% dos estudantes sem acesso matriculados em escolas públicas de educação básica. Ou seja, praticamente todos os estudantes do ensino básico e público possuem uma renda baixa em seus lares como demonstra a Tabela 6.

Tabela 6 - Proporção de estudantes de baixa renda (rendimento domiciliar per capita de até 1,5 SM) entre estudantes sem acesso domiciliar à internet de qualidade – Brasil (2018 em%)

Nível Escolar	Estudantes de baixa renda sem acesso à internet
Pré-Escola	99 %
Ensino Fundamental	99 %
Ensino Médio	99 %

Fonte: NASCIMENTO, RAMOS, MELO, CASTIONI, 2020.

O estudo ainda apresenta que a maior parte dos estudantes sem acesso ao ensino remoto, de acordo com os dados do ano de 2018, são os de menor renda, mulheres e negros, moradores das áreas rurais e municípios do interior do país, pode-se considerar que provavelmente este é o público mais afetado com o fechamento das escolas durante a pandemia. (NASCIMENTO, RAMOS, MELO, CASTIONI, 2020, p.11).

Ao analisar e refletir sobre todos esses dados, fica evidente que a educação remota não atende as necessidades educacionais de todos os estudantes, mesmo sendo um direito de todo cidadão previsto na constituição. Na verdade, a desigualdade educacional sempre existiu e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

continua persistindo, principalmente, nas constantes afirmações de situações e dinâmicas econômicas presentes no Brasil. Neste país a educação não é tratada como prioridade para as classes consideradas populares.

Os anos passam, mas desde a colonização, as pessoas prejudicadas pela exploração, pobreza e preconceito são as mesmas, negros e indígenas aqueles que a sociedade rotulou como inferiores e destinados à servidão, não podendo, muitas vezes, ter acesso à uma condição de vida mais digna e confortável.

Considerações Finais

Após essa visão geral do contexto educacional, que está inserido num período pandêmico e rodeado por desigualdades sociais, que atingem diretamente grande parte de estudantes e classes populares, pode-se dizer que o acesso à educação no Brasil, está ainda mais desafiador.

O estigma imposto desde a colonização do Brasil para povos e etnias, sendo considerados como inferiores, repercute até os dias atuais. A herança de preconceitos aqui enraizados, prejudicou totalmente a vida de pessoas pobres, negras e indígenas, essas pessoas sofrem em todos os aspectos, sendo a educação um deles. A educação nunca foi uma opção para eles, as oportunidades também não são as mesmas. Infelizmente, ainda subsiste a ideia de que devem ser explorados e escravizados. A maior parte das pessoas desses grupos sociais, abandonam a escola durante a juventude, já que a única “motivação” e necessidade que move suas vidas é a de trabalhar e conseguir recursos mínimos para garantir a sua sobrevivência e de sua família. A falta de auxílio para essas famílias e de oportunidades que os conduzam à educação, faz com que fiquem cada vez mais distantes dessa realidade, de uma vida mais digna e longe de alcançar uma consciência crítica, que os permitiria reivindicar melhorias e entender sua situação.

Além desses problemas e preconceitos já existentes na sociedade brasileira, chegou a pandemia da COVID-19 que agravou todos eles. O isolamento social imposto como uma forma de diminuir o contágio da doença, provocou mudanças radicais nas questões sociais, econômicas e políticas. Por isso, uma forma de avançar com o processo de aprendizagem, foi



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

implantar o ensino remoto, porém, o que já era um desafio se tornou maior ainda. Além das muitas pessoas que não iam à escola por falta de condições econômicas, agora outra grande parcela não possuía os recursos necessários para acessar as aulas; muitos professores e estudantes não eram capacitados para lidar com as ferramentas tecnológicas de aprendizagem; doenças e abalos psicológicos referentes à nova situação que se passava também prejudicou a educação; a falta de apoio, conhecimento e tempo dos pais para auxílio na realização de atividades também afetou a aprendizagem durante a pandemia. Todos esses fatores levam a concluir que a aprendizagem precisa ser presencial, pois uma maior parte de estudantes (mesmo que nem todos por conta das desigualdades), podem ter acesso às aulas, não necessitando dispor de aparatos tecnológicos que não estão ao seu alcance.

As condições socioeconômicas dos estudantes é a questão que mais impede a aprendizagem na modalidade remota, já que em muitos casos, as pessoas não possuem saneamento, água tratada, a família vive com pouco mais de \$145,00 por mês, é uma condição desumana. E se há dificuldades até para ter acesso à serviços básicos e dignos, quanto mais ter acesso à internet e aparelhos eletrônicos. O ensino fundamental, é o nível escolar mais afetado pela falta de condições ao acesso à internet, seguido por uma grande maioria de estudantes de baixa renda e negros e indígenas. O racismo e o não incentivo à educação subsistem na sociedade brasileira, prejudicam a juventude e suas potencialidades e mostram, mais uma vez, nesse período pandêmico, que a educação não é para todos.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Pobreza, Desigualdades e Educação**. Brasil, Ministério da Educação.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2020**. Moderna.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Cesgranrio**, Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, Jul./Set. 2020.

IBGE. **Educação 2019**. PNAD Contínua, 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

NASCIMENTO, Paulo Meyer; RAMOS, Daniela Lima; MELO, Adriana Almeida Sales de;
CASTIONI, Remi. **Acesso Domiciliar à Internet e Ensino Remoto Durante a Pandemia**. IPEA,
nº88, Ago-2020

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar**. Histórias de Submissão e Rebeldia.
Intermeios, Ed.4, 2015.

VIEIRA, Letícia; RICCI, Maíke. A Educação em Tempos de Pandemia: Soluções Emergenciais pelo
mundo. **Oemesc**, SC, Ed. Abril/2020, p. 1-5, Abr.2020. Disponível em:
<https://www.udesc.br/ensinomedioemsc/editorialmensal>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ZAJAC, Danilo. Ensino Remoto na Educação Básica. **EPUFABC**, 2020. Disponível em:
<http://proec.ufabc.edu.br/epufabc/ensino-remoto-na-educacao-basica/>. Acesso em: 01 dez. 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS ESTADUAIS NO PARANÁ: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VEICULADOS PELAS MÍDIAS

Nathalia Moraes Marcolin¹⁶

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo de analisar a forma de veiculação de notícias e reportagens acerca do Plano Nacional das Escolas Cívico-Militares, proposta do Governo Federal a ser implementada em diversos estados, incluindo o Paraná, além do plano próprio do estado. Assim, o artigo se divide em seções que abordam a diferença entre as modalidades regular, militar e cívico militar, o histórico do processo de militarização escolar no Brasil, uma apresentação das propostas das escolas cívico-militares dos governos federal e estadual, além de problematizar o modelo de escola cívico-militar utilizando a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/1996) como suporte. Ademais, são trazidas manchetes e trechos de notícias ao longo do artigo acerca da proposta de militarização das escolas públicas paranaenses, entre os meses de outubro e novembro de 2020, quando esse modelo estava sendo votado pela comunidade escolar, juntamente com uma análise dos possíveis interesses midiáticos no que se refere à questão.

Palavras-chave: Educação; Militarização; Análise do discurso.

Introdução

Desde o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, iniciado em 2015, o Brasil tem presenciado a demonstração do forte apreço de determinados grupos da sociedade por discursos autoritários, desde a exaltação das atuações policiais até pedidos de intervenção militar, com diversos elogios ao período sombrio vivido entre 1964 e 1985. É partindo deste contexto de glorificação do autoritarismo que o atual presidente da república, Jair Bolsonaro – eleito inclusive por uma base parte do grupo anteriormente citado – vem colocando em prática seus projetos de armamento da população, fortalecimento das forças militares e, em relação à educação, criando e adequando escolas na modalidade cívico-militar Brasil. A meta, de acordo com o Ministério da Educação, é de se instituir 54 escolas no modelo por ano, totalizando 216 até o final do mandato, em 2022.

¹⁶ Estudante do terceiro ano de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: nathalia.moraes@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A modalidade, que não é tão recente, já era implementada em especial na região Norte, no estado do Amazonas, e Centro-Oeste, com o estado de Goiás, tendo este um aumento expressivo no número de colégios cívico-militares a partir do ano de 2013. Agora, inspirado no programa nacional, o governador do estado do Paraná, Carlos Massa Ratinho Júnior, anunciou ao final de 2020 a implantação de mais 216 escolas cívico-militares apenas no estado, distribuídas em 117 municípios.

Tendo em vista o retrocesso que tais medidas representam para a educação, que tem lutado ao longo das décadas para que seja efetivamente libertadora, inclusiva e plural, este artigo tem o intuito debater as propostas apresentadas pelos governos. Além disso, visa-se analisar a forma como a mídia vem tratando o tema. Para tanto, foram apresentados canais de comunicação com ideologias opostas – dois progressistas (Brasil de Fato e Carta Capital) e outro conservador (Gazeta do Povo) entre os meses de outubro e novembro de 2020, quando da votação pela comunidade escolar da implantação das escolas militares no Paraná, seguido de uma análise do discurso para evidenciar os princípios e ideais por detrás dos mesmos ao longo do texto, de maneira integrada à teoria, apontando as questões quando forem pertinentes. Desta forma, deve-se discutir, ainda que minimamente, alguns conceitos que envolvem a análise do discurso, que será feito a seguir.

Análise de discurso em textos jornalísticos

Partindo da vertente francesa de análise do discurso, que tem como seu fundador e maior expoente Michel Pêcheux, Brasil (2011) afirma que o autor, obcecado pelo termo, lutava para dissociá-lo de um caráter essencial e unicamente político, fazendo com que este fosse associado à história da língua, uma tríade entre “língua, sujeito e história na constituição do discurso” (BRASIL, 2011, p. 176). Assim, é a partir do discurso que se identificam as relações entre o texto e os significados que se encontram por trás do mesmo. Diferencia-se, entretanto, discurso de texto, sendo o texto uma manifestação da língua, enquanto o discurso abarca os princípios e valores. O discurso, segundo Brasil (2011), indica uma exterioridade à língua, visto que este se inscreve na história, no social. Tal visão vai ao encontro do que a vertente francesa de fato prega, de que os discursos são constituídos pelas ideologias dominantes e, por esta razão, uma análise do mesmo se alinha à história com o intuito de se fazer uma contextualização. Assim,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

nesta vertente, há sempre a presunção de um discurso controlado por um posicionamento ideológico.

Nesse ponto, a teoria discursiva nos fala de um sentido dividido, indo além, segundo Pêcheux (1988), discurso é o efeito de sentidos entre locutores. Assim sendo, não há intuito de transmissão de informações tão somente (BRASIL, 2011, p. 178).

Neste sentido, pode-se compreender a análise do discurso como uma ciência da linguagem que estuda a produção de sentido na relação língua, sujeito e história, sendo que muitas vezes os sentidos estão, de fato, no que não é dito. Brasil (2011) traz, ainda, um trecho de Orlandi (2007) para exemplificar o que seria a análise do discurso:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2007 apud BRASIL, 2011, p. 178).

De acordo com Gregolin (1995), quando se fala em notícias jornalísticas, procura-se um tom de imparcialidade e objetividade, entretanto, como colocado pelos autores citados, o discurso é sempre orientado por algum viés, seja ele político, religioso etc.

Nas notícias de jornal é comum que o enunciador procure construir o efeito de objetividade e, para isso, mantém a enunciação afastada do discurso, como garantia de sua "imparcialidade". Os recursos utilizados são o uso da 3ª pessoa, no tempo do "então" e no espaço do "lá", e o uso do discurso direto para garantir a verdade. (GREGOLIN, 1995, p. 19).

Desta forma, ao se observar a forma de construção das notícias e reportagens jornalísticas de um jornal abertamente conservador e de outro abertamente progressista, torna-se possível perceber, de fato, as ideologias e projetos que acompanham os discursos. Para os fins deste artigo, foram selecionados os seguintes meios de comunicação para serem trazidos ao longo do texto: Gazeta do Povo, Brasil de Fato e Carta Capital, representando, respectivamente, um portal conservador e dois progressistas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Modalidades de ensino: regular, militar e cívico-militar

Para que se possa abordar o processo de militarização das escolas públicas paranaenses, faz-se importante diferenciar as três modalidades de ensino a serem mencionadas neste artigo: o ensino regular, militar e cívico-militar.

Tomando por base a Lei 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996), tem-se que o ensino regular é aquele padronizado de modo a organizar a educação básica de todo o país, desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio, com disciplinas que abrangem conteúdos como linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas, sendo o mais presente quando se trata das escolas. Já o ensino militar apenas atende do 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, onde as escolas possuem liberdade para montar seus próprios currículos, bem como sua estrutura pedagógica, contando ou não com militares como professores e com sua instituição pertencente ao Exército, Corpo de Bombeiros ou Polícia Militar. No Brasil, existem 14 colégios militares, de acordo com informações contidas no site do Exército Brasileiro (CONHEÇA...), enquanto que no Paraná há apenas um, na capital.

Por fim, o modelo que de fato vem sendo apresentado como ideal pelo governo federal e estadual é do da escola cívico-militar, manifestado através do Plano Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), que consiste na mudança da gestão das escolas públicas. Estas escolas, anteriormente geridas pela Secretaria de Educação, passarão a ter gestão compartilhada entre militares e civis, de acordo com a Agência de Notícias do Paraná (2020), portal do governo estadual. As aulas continuam sendo ministradas pelos pedagogos e profissionais da educação da rede estadual, enquanto os militares se ocupam de disciplinas referentes às atividades cívico-militares, gestão administrativa e de conduta. Com a gestão compartilhada, são dois os diretores da escola, um diretor-geral e um diretor cívico-militar. Outra questão que pode ser comparada com a educação regular é a carga horária, bem como as disciplinas ministradas. Disciplinas como Português e Matemática possuirão aulas adicionais em relação ao ensino regular, além da implantação da disciplina de Civismo no Ensino Fundamental. No Ensino Médio haverá, ainda, a adição da disciplina de Educação Financeira.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Isto posto, pode-se perceber as diferenças entre os três modelos apresentados e o processo de militarização a caminho de ser adotado, conforme a proposta do governo Jair Bolsonaro, apoiado também pelo governo Ratinho Júnior, no Paraná.

Histórico da educação militar no Brasil

O Exército Brasileiro, para Nogueira (2014), sempre percebeu a possibilidade de interagir, de estreitar laços com a sociedade civil por meio da educação, de modo a reduzir as barreiras existentes entre militares e civis, barreiras estas historicamente construídas. Assim, por meio das escolas, seriam transmitidos valores éticos, históricos e culturais da instituição militar, preparando-os para carreiras militares ou determinadas carreiras civis, conforme apontado por Nogueira (2014). Contudo, cabe o questionamento de suas reais intenções ao se instalarem em forma de escolas, como o fato de que estas seriam instituições capazes de propagar valores e projetos de sociedade do exército.

O ensino militar no Brasil possui origem antiga, que remonta época ainda anterior à chegada da Família Real Portuguesa, sendo o período de 1699 até 1808. A educação na época tinha apenas alguns vestígios militares, porém de forma extremamente precária e com aulas descentralizadas e avulsas, de acordo com Nogueira (2014). Contudo, com a chegada da Família Real, inicia-se uma nova fase, visto que há necessidade de um exército minimamente eficiente, que seja capaz de suprir as demandas de segurança da realeza. Nas palavras de Nogueira (2014),

A criação de um Exército que garantisse a segurança da Família Real passava pela idealização de um processo educacional capaz de instruir os futuros oficiais militares, pois somente bem instruídos, eles seriam capazes de dar sustentabilidade a um Exército forte e eficiente, nos moldes dos exércitos europeus. (NOGUEIRA, 2014, p. 152-153).

Com o passar dos anos, após a chegada da família Real, houve o surgimento de algumas escolas militares, bem diferentes de como se conhecem hoje, e geralmente com enfoque na prática da carreira militar, deixando de lado a parte teórica e científica. Contudo, aos poucos surge a ideia de que competia ao Exército, também, cuidar do ensino secundário, de acordo com Nogueira (2014), fazendo, assim, com que se pensasse sobre o dever do estado de prover a educação secundária dos filhos de militares.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Neste contexto, no ano de 1889, cria-se o primeiro Colégio Militar do Brasil, com sede no Rio de Janeiro – denominado atualmente de Colégio Militar do Rio de Janeiro, integrando a rede de ensino militar do Sistema de Colégios Militares do Brasil (SCMB). De acordo com Rodrigues (2016), o ensino militar no início da República era dividido entre “Escolas Regimentais, Preparatórios e Escolas Militares que, nos dias atuais, corresponderiam respectivamente ao ensino fundamental, médio e superior” (RODRIGUES, 2016, p. 88), ou seja, diferenciavam-se do que se conhece atualmente por escola militar. A função da escola militar, de acordo com a Lei do Ensino Militar, de 1928, exposta por Rodrigues (2016), era de destinar a formação de oficiais combatentes dentro de um conjunto de escolas ou centros de instrução.

Foram diversas as reformas pelas quais o ensino militar passou no Brasil, conforme apresentado por Nogueira (2014):

Segundo Luchetti (2006), a Real Academia passou por cinco reformulações em 1832, 1833, 1839, 1842 e 1845, na tentativa de adequá-la ao seu fim, ou seja, ajustar o ensino militar às novas demandas da profissionalização militar. Do fim do período monárquico, 1874 até o início da República, 1904, o ensino militar brasileiro passou por mais quatro reformas: 1874, 1889, 1890 e 1898. (NOGUEIRA, 2014, p. 160).

Nogueira (2014) ainda continua especificando como se organiza a formação militar no país atualmente, sendo ela

escalonada da seguinte forma: Escolas de Sargentos (Nível Médio); Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx/3º ano do Nível Médio); Escolas de Formação de Oficiais (AMAN/Bacharelado em Ciências Militares, reconhecido pelo MEC11; Escolas de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO/Equivalente ao Mestrado, não reconhecido pelo MEC); Escola Comando Estado Maior do Exército (ESCEME/ Nível Doutorado, não reconhecido pelo MEC). (NOGUEIRA, 2014, p. 167).

Com as informações apresentadas e conforme já mencionado, percebe-se que a história das escolas militares no país se moldou de forma bastante diferente do que se conhece hoje por escolas militares. Tais instituições, como o Colégio Militar do Rio de Janeiro, o primeiro do Brasil, hoje se apresentam como escolas públicas de educação básica (Ensino Fundamental e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ensino Médio), geridas por militares do Exército Brasileiro, da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros. Este tipo de funcionamento das escolas está regulado pela Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9.394/1996) em seu artigo 83.

Em se tratando da adoção dos estados da federação ao modelo militar, houve a regulamentação do ensino militar no âmbito das forças de segurança pública, permitindo, assim, a criação dos primeiros colégios militares estaduais. Mais recentemente, deu-se origem ao processo de militarização de escolas regulares já existentes, ou seja, foram incorporados agentes e regulamentos militares nas escolas públicas, utilizando-se de diversos critérios e arranjos de gestão (XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019, p. 613).

Propostas dos governos federal e estadual do Paraná para a educação cívico-militar

Ainda no início de 2021, o Brasil possui 203 escolas cívico-militares, dispostas em 23 unidades da federação, todas como parte da rede pública de ensino e administradas por uma determinada força militar, seja a Polícia Militar ou o Corpo de Bombeiros, como bem definido anteriormente sobre a gestão compartilhada das escolas cívico-militares. De acordo com Alves e Ferreira (2020), o estado de Goiás apresentava, até o ano de 2007, 6 colégios cívico-militares, enquanto que, em 2013, foram instaladas mais 18, posteriormente mais 15 em 2015 e 25 em 2017, demonstrando a escalada acelerada dos números de escolas neste modelo. Desta forma, percebe-se que o conservadorismo vem ganhando força na educação brasileira, utilizando-se das escolas cívico-militares como forma de materializar no espaço geográfico o conservadorismo e o militarismo, em especial nos anos finais do Governo Dilma e no pós-golpe de 2016. Ximenes, Stuchi e Moreira (2019) apresentam exemplos de escolas neste modelo pelo Brasil, como a Escola Estadual Brigadeiro João Camarão Telles Ribeiro, em Manaus – AM, sendo a mais antiga em funcionamento, desde 1994. Assim como todas as mencionadas, fundamentam-se em valores de “patriotismo, civismo, respeito aos símbolos nacionais, noções de hierarquia e de disciplina, valorização da meritocracia e outros” (BRASIL apud XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019, p. 614).

Com a nova gestão presidencial iniciada em 2019 por Jair Bolsonaro, além da reformulação do quadro de ministros, houve também uma reformulação própria no Ministério



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da Educação, onde foi incorporada à Secretaria de Educação Básica a função de promover, acompanhar e avaliar a adoção do modelo de escolas cívico-militares na rede de ensino básico de todo o país (XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019, p. 614). Desta forma, cria-se, também, a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares, de acordo com Ximenes, Stuchi e Moreira (2019), responsável pelo desenvolvimento do Programa Nacional de Implantação das Escolas Cívico-Militares, com o objetivo de se criar 27 escolas neste modelo até o término do ano de 2023, totalizando 108 escolas, definidas a partir de parcerias entre o governo federal e os governos estaduais.

No ano de 2019, a partir do Decreto 10.004/2019, institui-se o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), com a finalidade de “promover a melhoria da qualidade da educação básica no ensino fundamental e ensino médio” (Decreto 10.004/2019, art. 1 – BRASIL, 2019), com atendimento preferencial às escolas públicas em situação de vulnerabilidade, de modo a contribuir com a redução dos índices de violência nas escolas públicas regulares, entre outros. Tal programa tem por meta a criação de 54 escolas cívico-militares por ano, totalizando 216, demonstrando uma ampliação do que foi previsto inicialmente. Como explicitado por Ximenes, Stuchi e Moreira (2019), foram analisados desenhos preexistentes como inspiração, como nos casos de Goiás, que possui 60 escolas militarizadas, e demais na região Norte.

O Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares definiu, no final de fevereiro de 2019, quais seriam as 54 escolas a receberem o programa, sendo 40 delas estaduais e 14 municipais. O modelo a ser implementado está disposto por todas as regiões do país, contando com 18 unidades na região Norte, 13 na região Sul, 11 no Centro-Oeste, 7 no Nordeste e mais 5 no Sudeste. A adesão, conforme o Ministério da Educação, se deu de forma voluntária para um “projeto piloto” para o ano de 2020, com manifestação de interesse de 15 estados e o Distrito Federal, além de 600 municípios. No caso do Paraná, 4 escolas foram selecionadas, sendo elas nas cidades de Curitiba, Colombo, Foz do Iguaçu e Londrina.

No Paraná, pouco mais de um ano após o anúncio do PECIM, do governo federal, o governador Carlos Massa Ratinho Júnior apresentou o projeto de implantação de centenas de escolas cívico-militares no estado. Foram 216 instituições de ensino paranaenses em 117 municípios de todas as regiões a partir de seleção realizada pela Secretaria de Educação e do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Esporte do Paraná. Dentre os critérios para a escolha, têm-se a quantidade populacional, devendo a cidade possuir ao menos 10 mil habitantes; a presença de ao menos duas escolas estaduais na área urbana; e características como alto índice de vulnerabilidade social, baixo fluxo e rendimento escolar, além de não ofertarem o ensino noturno, conforme legislação aprovada na Assembleia Administrativa. Posteriormente, por meio da Lei 20.505/2021, segundo a Agência de Notícias do Paraná (2021), sancionada pelo governador, alterou-se o critério de adesão das escolas, permitindo que qualquer cidade com no mínimo dois colégios estaduais na área urbana possa fazer parte da seleção, não exigindo mais número mínimo de habitantes (GOVERNADOR, 2021).

No anúncio do programa estadual paranaense, a reportagem do dia 26/10/2020 da Gazeta do Povo (GOVERNO..., 2020), com a manchete “Governo anuncia escolas que serão transformadas em cívico-militares”, traz, na legenda uma imagem, a seguinte frase:

O governador Carlos Massa Ratinho Junior lança nesta segunda-feira (26) o programa de colégios cívico-militares do Estado. No mesmo ato é assinada a regulamentação da lei que autorizou o projeto e anunciada a lista das cerca de 200 unidades beneficiadas nesse primeiro momento. (GOVERNO..., 2020).

A utilização do adjetivo “beneficiadas” demonstra, de forma clara, o apoio do jornal ao modelo militarizado das escolas, alinhado ao pensamento conservador e o projeto político e social defendido pelo viés, onde a educação repressora deve ser utilizada como forma de controle social das classes populares.

Do outro lado, com uma visão educacional contrária à militarização escolar, o portal Carta Capital (RUSCHEL, 2020), no dia 20/12/2020, traz a reportagem intitulada “Paraná é o estado mais entusiasmado com as escolas militares”, com um tom que beira a ironia, bem como no resto da reportagem. Logo no primeiro parágrafo, têm-se as seguintes frases:

O governador do Paraná, Ratinho Jr., recrutou a tropa. Um decreto publicado no Diário Oficial do Estado de 27 de novembro convocou 806 policiais aposentados a integrar o Corpo de Militares Estaduais Inativos Voluntários que vão atuar no programa Colégios Cívico-Militares. (RUSCHEL, 2020).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Novamente pode se perceber o tom crítico à proposta do governo estadual, que, corroborando com Ximenes, Stuchi e Moreira (2019), tem se utilizado das forças militares para ocupar espaços administrativos e educacionais que não competem a elas. Em outro trecho, em meio a diversos comentários de deputados e líderes de sindicatos contrários às escolas cívico-militares, outro trecho chama a atenção:

Muitas escolas não sabiam que estavam na lista para se transformar em estabelecimentos militares. A maioria dos pais não tinha sequer conhecimento do que se tratava’, afirmou o deputado estadual Tadeu Veneri, do PT. A pressão pela aceitação da medida foi **brutal**. Veneri define como um circo de ilegalidades. Os representantes do estado foram buscar pais de alunos em casa para votar. (RUSCHEL, 2020).

Com uma reportagem toda construída de modo a trazer opiniões contrárias ao modelo proposto e com adjetivos como “brutal”, neste último trecho, enfatizando os aspectos negativos tanto do modelo como da forma de implantação do governo estadual, não restam dúvidas do posicionamento progressista do meio de comunicação sobre a questão, que vê como retrocesso.

Para que de fato haja a mudança do ensino regular para o cívico-militar, o governo estadual propôs uma consulta pública nas escolas indicadas, com formato de referendo, podendo votar os membros da comunidade escolar, como professores, funcionários e pais de alunos matriculados na instituição. O resultado, conforme determinado pelo governo, se dá por maioria simples, ou seja, 50% dos votos mais um. No dia 05/11/2020, conforme informado pelo portal de notícias G1 – O portal de notícias da Globo (COLÉGIO..., 2020), foram finalizadas as consultas públicas no estado, com o resultado de 186 escolas favoráveis ao novo modelo, 25 optaram por manter o modelo regular e em 5 não se obteve o quórum absoluto (50% mais um voto).

Em Londrina, 6 foram as instituições escolhidas pelo governo estadual, tendo aprovação pelo modelo cívico-militar em todas. Pelo governo federal, uma escola de Londrina foi escolhida, que também contou com aprovação. A tabela abaixo (Tabela 1) traz as escolas do município indicadas e aprovadas em consulta pública para adotarem o modelo proposto, juntamente com as notas obtidas por cada instituição no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, o IDEB. Consta, também, a instituição selecionada pelo governo federal para fazer parte do PECIM. Percebe-se, pelas notas do IDEB, dos últimos anos do Ensino



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fundamental II, que a maioria dos colégios se encontra abaixo da média (6.0), demonstrando que as escolas estão, de fato, aptas a participarem dos programas nacional e estadual, quando se analisa o critério de baixo desempenho escolar. Quando se analisa o Ensino Médio, grande parte das instituições não apresentam resultados do ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), seja por falta do Ensino Médio no colégio, ou por falta de alunos que realizaram a prova, conforme consta no *site* no INEP (2019). Os que apresentam dados possuem notas extremamente abaixo da média esperada.

Tabela 1 – Escolas a serem militarizadas em Londrina – PR.

ESCOLAS A SEREM MILITARIZADAS	NOTAS OBTIDAS NO IDEB (2019)	
	8ª série / 9º ano	3º ano EM
ADELIA D BARBOSA C E PROFA EF M (PECIM – GOVERNO FEDERAL)	5.1	-
FERNANDO DE B PINTO E E DR EF	5.7	-
JOSEMARIA ESCRIVA E E MONS EF	5.5	-
MARIA HELENA DAVATZ C E PROFA EF M (LERROVILLE)	6.1	4.3
TSURU OGUIDO C E EF M	4.8	-
VANI RUIZ VIESSI C E PROFA EF M	4.8	3.1
VISTA BELA C E EF M	-	-

Fonte: INEP, 2019; PARANÁ, 2020.

Para que se pudesse ter uma espacialização dos colégios cívico-militares aprovados em Londrina, foram desenvolvidos dois mapas. O primeiro (Mapa 1) conta com a delimitação do

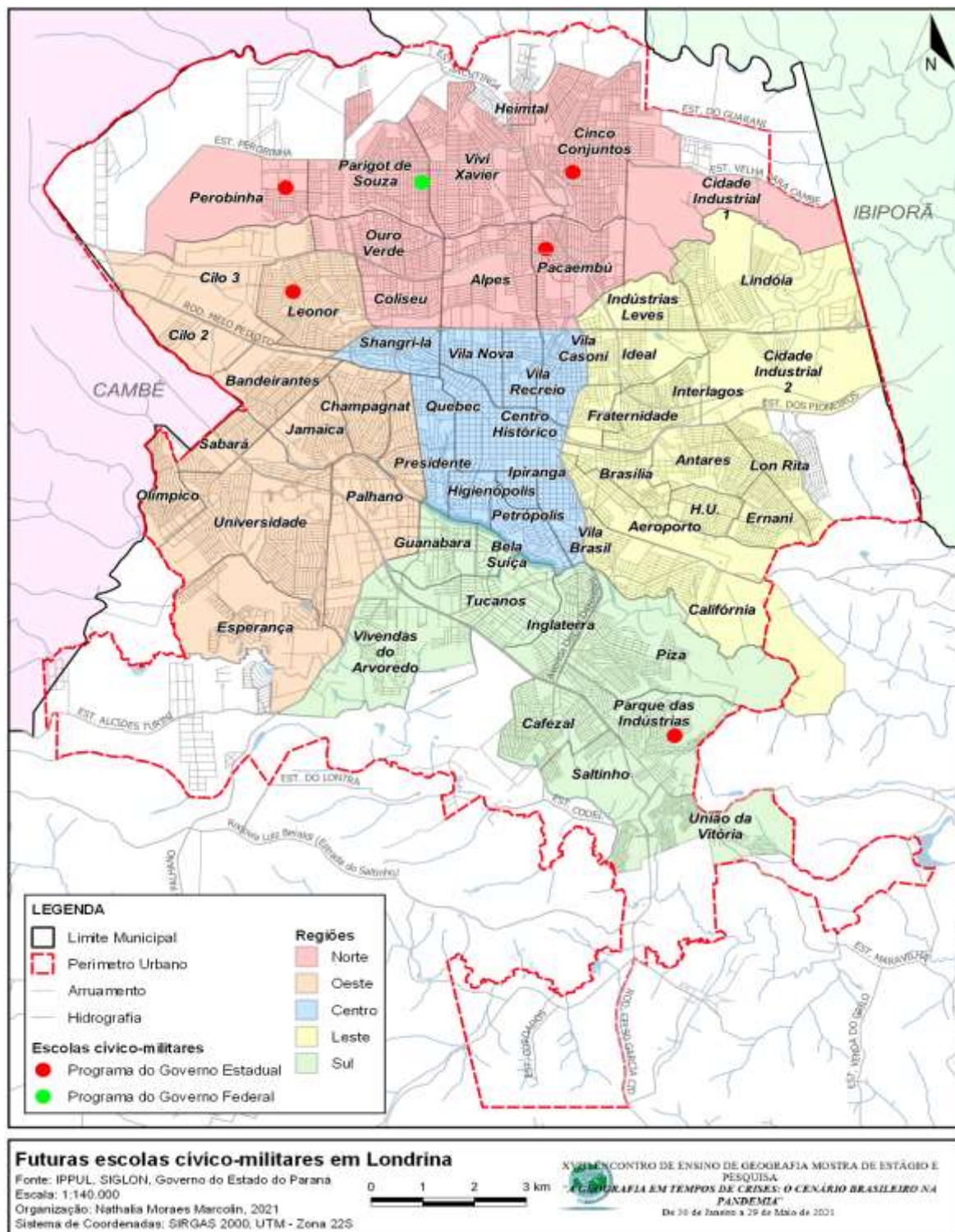


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

perímetro urbano de Londrina, visto que um dos critérios diz respeito à área urbana e uma divisão por regiões e bairros, de forma a melhor representar a localidade das futuras escolas militarizadas. Como é possível perceber, têm-se, em vermelho, as escolas do programa estadual e, em verde, a escola indicada pelo governo federal. Nota-se que, em sua totalidade, as escolas não estão situadas no centro ou em alguma região nobre, mas sim nas regiões com maiores índices de vulnerabilidade social, como a zona norte, oeste e extremo sul de Londrina, escancarando a educação militarizada apenas para as áreas periféricas da cidade, como forma de controle social. Tal questão pode ser percebida no caso da escola na região do Vista Bela, no extremo Norte – região esta já bastante estigmatizada e estereotipada por conta da pobreza – área de conjunto habitacional recentemente criada e que abrange a população que vivia, em sua maioria, em área de ocupação.

Mapa 1 – Futuras escolas cívico-militares em Londrina.



Organização: Nathalia Moraes Marcolin, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sobre a questão da vulnerabilidade e a espacialização das escolas, pode-se trazer novamente a reportagem da Gazeta do Povo (GOVERNO..., 2020), do dia 26/10/2020, “Governo anuncia escolas que serão transformadas em cívico-militares”. Nela, a fala do governador Ratinho Júnior aparece logo nos primeiros parágrafos, após a introdução do tema, onde ele afirma:

Esse programa será transformador para o Paraná. Para entregar a melhor educação do Brasil precisamos ampliar os projetos e trazer novas ideias”, afirmou Ratinho Junior. Ele destacou que a média das escolas cívico-militares no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é 20% maior do que na educação tradicional. “Esse é um modelo vencedor. Se é vencedor, queremos ofertar essa modalidade. A implantação será feita de forma democrática”. (GOVERNO..., 2020).

Assim, percebe-se a intenção do jornal de demonstrar que o modelo é, supostamente, o melhor, o vencedor, ao trazer a fala do governador. Porém, se for, na verdade, o melhor modelo, por que apenas a periferia irá recebê-lo? Seria porque os filhos das classes populares devem ser controlados?

Apesar de a questão da vulnerabilidade social ser considerada um dos critérios para que sejam instituídos os colégios cívico-militares, faz-se importante debater o porquê a presença militar dentro das escolas se mostra “necessária”, se a ação do mesmo lá dentro não será a de vigiar e punir dentro das concepções dos carteis militares. Neste sentido, o próximo tópico trará uma abordagem do ponto de vista da Constituição Federal de 1988 sobre os princípios propostos para educação e como a criação de colégios cívico-militares se enquadra (ou não) neles.

A militarização das escolas e os princípios constitucionais

Durante o processo de redemocratização do Brasil, após um longo período de ditadura e opressão, redige-se a uma nova Constituição Federal, em 1988. O texto constitucional se alicerça no pluralismo político, porém, ainda que diante de uma concepção plural de ideias, mantém seu caráter dirigente e regulamentador, como deve ser, de acordo com Ximenes, Stuchi e Moreira (2019). Em se tratando da educação, a Constituição de 1988, também chamada de “Constituição cidadã”, preparou terreno para outras conquistas legais, como a Lei de Diretrizes



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

e Bases da Educação Nacional, o Plano Nacional de Educação, Diretrizes Nacionais de Educação Básica etc. Em seu artigo 206, a Constituição de 1988 apresenta os princípios de cumprimento obrigatório para o ensino, sendo:

I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V – valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público, na forma da lei; VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII – garantia de padrão de qualidade; VIII – piso salarial profissional nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos da lei federal. (BRASIL, 1988).

Partindo dos incisos II e III, onde se fala da liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber e do pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, é possível se afirmar que não há, de fato, a presença de tais princípios no modelo cívico-militar proposto. Tal afirmação pode ser considerada utilizando como base as regras previstas para as escolas, firmadas no Manual das Escolas Cívico-Militares, material elaborado pelo Ministério da Educação e que já vem sendo utilizado pelo governo federal em seu projeto piloto de implantação da militarização escolar. Dentre as regras, divulgadas pelo portal de notícias O Globo (ALFANO, 2020), tem-se a definição de cortes de cabelo específicos e padronizados para meninos e meninas; a proibição de adereços que não sejam considerados “discretos”; a criação de grêmios estudantis apenas com autorização do diretor, alinhados às orientações didático-pedagógicas do PECIM e sob a supervisão de um orientador civil ou militar; a proibição de portar, introduzir, distribuir ou ler cartazes, jornais ou publicações que atentem contra a moral.

Além disso, há também a atribuição de notas à conduta dos alunos, variando de 0 a 10, classificadas entre “Mau”, “Regular” e “Excepcional”, sendo que o aluno que atingir o nível “Mau” poderá ser expulso e encaminhado à outra instituição de ensino. Ou seja, a partir do apontamento das normas presentes nos colégios cívico-militares, que indicam forte controle sobre os discentes, pode-se constatar que não se trata de um local propício para o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

desenvolvimento plural de concepções e ideias, muito menos de liberdade, violando, portanto, o texto constitucional.

A escola tem o dever de cumprir o Princípio da Gestão Democrática, como consta no inciso VI do art. 206, com a participação da comunidade escolar, como trabalhadores, gestores, estudantes e familiares, a fim de se discutir as definições do Projeto Político Pedagógico. Há discussões a respeito da realização de eleições diretas e estabelecimento de um mandato nas escolas públicas no Supremo Tribunal Federal, conforme trazido por Ximenes, Stuchi e Moreira (2019), contudo, apesar de algumas divergências, entendem que, mesmo no modelo cívico-militar, deve-se garantir a escolha dos dirigentes de maneira democrática, o que acaba não ocorrendo, pois ambos os diretores das escolas serão indicados pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), sem a participação da comunidade escolar.

Por fim, para os autores Ximenes, Stuchi e Moreira (2019), o inciso VII, que trata da garantia de qualidade, também é violado, pois não se pode admitir qualidade de ensino sem que haja democracia, “é inconcebível uma educação de qualidade em um ambiente que não existe liberdade de expressão e de práticas pedagógicas.” (XIMENES; STUCHI; MOREIRA, 2019, p. 621). Desta forma, ficam evidentes as incoerências do modelo proposto com o que se idealiza tanto na Constituição Federal como nas leis relacionadas à educação que regem o país em busca de uma educação libertadora, e não opressora e autoritária como esta.

Em se tratando destas questões constitucionais, pode-se trazer a reação dos professores da rede pública estadual à militarização proposta. Foi possível encontrar o mesmo fato noticiado, ou seja, os protestos dos profissionais da educação, em dois meios de comunicação diametralmente opostos: uma no Brasil de Fato (CALDAS, 2020) e outra na Gazeta do Povo (EM..., 2020). No primeiro, a notícia, do dia 30/10/2020, vem com a manchete “PR: Manifestantes ocupam Secretaria de Educação contra militarização das escolas”. Já pela manchete, podem ser analisadas algumas questões, como o uso do termo “manifestantes”, denotando que se trata de um grupo com reivindicações de caráter político; em segundo lugar, pode-se falar do termo “ocupam”, utilizado, também, para retratar um ato político, indo na contramão do termo “invasão”, que remete à violência ou a um espaço que é privado.

Ao longo da reportagem, há, também, a fala de manifestantes e diversas passagens que mostram o caráter político e em busca do diálogo do protesto, como no trecho: “Ao final do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ato, os **participantes ocuparam** a sede da secretaria pedindo por **diálogo**. O objetivo é permanecer até que o governo abra o **diálogo**”. Os termos “ato”, “participantes” e “ocuparam” evidenciam a posição da mídia em questão a favor dos protestos, vistos como válidos e legítimos, bem como ao uso da palavra “diálogo”, que denota o interesse de buscar um acordo entre duas partes.

Já na Gazeta do Povo (EM..., 2020), em notícia também do dia 30/10/2020, o título da matéria parece ter sido alterado, pois se encontra em alguns lugares até mesmo dentro do próprio *site* como “**Grupo invade** Seed em protesto contra PSS e escolas cívico-militares”, enquanto que, na página da notícia, ela aparece como “Em protesto contra PSS e escolas cívico-militares, **grupo ocupa** Secretaria de Educação”, muito similar à manchete do Brasil de Fato (CALDAS, 2020). Entretanto, apesar da possível alteração do título da matéria, o corpo do texto demonstra a concepção do jornal sobre os protestos, logo na primeira frase: “**Um grupo** de professores **invadiu** a sede da Secretaria Estadual de Educação (SEED), no bairro Água Verde, em Curitiba, na manhã desta sexta-feira (30)”. Em outro momento, ao tratar do motivo da entrada dos professores na Secretaria, tem-se o trecho:

Segundo Leão, **o grupo invadiu** a Seed porque o secretário Renato Feder teria se negado a atendê-los. Após a **invasão**, o grupo foi recebido pelo diretor da Seed, Gláucio Dias. Em nota, a Secretaria de Educação diz que já havia conversado com os professores sobre a mudança no PSS e, por isso, ‘estranha a **radicalização** por parte dos mesmos (EM..., 2020).

Desta maneira, pode-se perceber, a partir dos termos colocados em negrito, a forma como tal mídia trata os protestos, utilizando-se do termo “invasão” repetidas vezes, além de evidenciar a suposta “radicalização” e, ainda, a forma de se referir aos manifestantes como “grupo”, sem tratá-los como profissionais da educação, passando uma ideia de distanciamento da categoria.

Considerações Finais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Diante do que foi exposto no artigo, fica evidente que o projeto de transformação das escolas públicas em escolas cívico-militares apresenta diversos contratempos e pontos a serem discutidos, desde sua proposta, implantação e princípios constitucionais que não têm a possibilidade de ser garantidos. Desta forma, entende-se o processo como um retrocesso de direitos e ampliação dos mesmos já assegurados na Constituição de 1988 com muita luta, em especial para as classes populares.

Quando se analisam as manchetes e os trechos de notícias, torna-se possível perceber as construções ideológicas por trás, como no caso analisado da Gazeta do Povo, um jornal abertamente conservador e que, seguindo a ideologia, faz diversas apologias ao militarismo e defende a educação militarizada para as periferias e classes populares, de modo a mantê-las controladas e adestradas. Do outro lado, com os trechos trazidos dos portais Brasil de Fato e Carta Capital, vê-se uma aversão ao modelo idealizado pelos governos, ressaltando sempre que possível os motivos pelos quais são contrários, visto que, por possuírem um viés mais progressista, não há forma de se defender um modelo baseado na hierarquia e opressão militar para crianças e adolescentes.

Neste sentido, pode-se afirmar que a função da educação se diferencia em cada uma das vertentes – conservadora e progressista, até porque fazem parte de projetos de sociedade diferentes, sendo que um se apropria da educação como forma de manter a ordem, enquanto o outro busca a garantia e ampliação de direitos e a emancipação das classes populares, com o pleno exercício de sua liberdade, diversidade e pluralidade.

Referências

ALFANO, Bruno. Manual das escolas cívico-militares prevê meninos bem barbeados e meninas com adereços discretos. **O Globo**, 03 fev. de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/manual-das-escolas-civico-militares-preve-meninos-bem-barbeados-meninas-com-aderecos-discretos-24226875>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BRASIL, Luciana Leão. “Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva”. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**, Catalão/GO, vol. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 02 mar. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 10.004**, de 5 de setembro de 2019. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Disponível em: http://escolacivicomilitar.mec.gov.br/images/pdf/legislacao/decreto_n10004_de_5_de_setembro_de_2019_dou_pecim.pdf. Acesso em: 18 fev. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 fev. 2021.

CALDAS, Ana Carolina. PR: Manifestantes ocupam Secretaria de Educação contra militarização das escolas. **Brasil de Fato**, Curitiba, 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.brasildfato.com.br/2020/10/30/pr-manifestantes-ocupam-secretaria-de-educacao-contra-militarizacao-das-escolas>. Acesso em: 06 mar. 2021.

COLÉGIO cívico-militar no Paraná: 186 escolas aprovam o novo modelo para 2021. **G1 – O portal de notícias da Globo**, Curitiba, 05 nov. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2020/11/05/balanco-final-da-seed-aponta-que-186-escolas-aprovaram-o-modelo-civico-militar-no-parana.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2021.

COLÉGIOS CÍVICO-MILITARES. In: site da **Secretaria da Educação e do Esporte - Governo do Estado do Paraná**, 2020. Disponível em: http://www.educacao.pr.gov.br/colegios_civico_militares. Acesso em: 18 fev. 2021.

CONHEÇA OS 14 COLÉGIOS MILITARES. In: site do **Exército Brasileiro**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/ingresso/colegios-militares/-/asset_publisher/8E9mFznTIAQW/content/conheca-os-12-colegios-militar1?inheritRedirect=false#:~:text=Conhe%C3%A7a%20os%2014%20Col%C3%A9gios%20Militares%20%2D%20Col%C3%A9gios%20Militares. Acesso em: 18 fev. 2021.

EM protesto contra PSS e escolas cívico-militares, grupo ocupa Secretaria de Educação. **Gazeta do Povo**, 30 out. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/parana/grupo-professores-ocupa-secretaria-educacao-protesto-pss-civico-militares/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

ENTENDA como devem funcionar as escolas cívico-militares no Paraná. **G1 – O portal de notícias da Globo**, 28 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2020/10/28/entenda-como-devem-funcionar-as-escolas-civico-militares-no-parana.ghtml>. Acesso em: 18 fev. 2020.

GOVERNADOR sanciona lei que altera regras das escolas cívico-militares. **Agência de Notícias do Paraná – Governo do Estado do Paraná**, 15 jan. 2021. Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=110513>. Acesso em: 02 mar. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosario Valencise. “A análise do discurso: conceitos e aplicações”. **Alfa**, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Ideb, 2019. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

NOGUEIRA, Jefferson Gomes. “Educação militar no Brasil: um breve histórico”. **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 6, n. 1, p. 146-172, 2014.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ terá 215 colégios cívico-militares, maior programa do Brasil. **Agência de Notícias do Paraná – Governo do Estado do Paraná**, 26 out. 2020. Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=109364&tit=Parana-tera-215-colegios-civico-militares-maior-programa-do-Brasil>. Acesso em: 18 fev. 2021.

ALVES, Miriam Fábila; FERREIRA, Neusa Sousa Rêgo. O processo de militarização de uma escola estadual pública em Goiás. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e0224778, 2020.

RODRIGUES, Fernando da Silva. “História do ensino militar: entre a teoria e a prática profissional no Exército Brasileiro (1889-1944)”. **Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 86-98, 2016.

RUSCHEL, René. Paraná é o estado mais entusiasmado com as escolas militares. **Carta Capital**, 20 dez. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/parana-e-o-estado-mais-entusiasmado-com-as-escolas-militares/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

XIMENES, S. B.; STUCHI, C. G.; MOREIRA, M. A. M. A militarização das escolas públicas sob os enfoques de três direitos: constitucional, educacional e administrativo. **RBPAE**, v. 35, n. 3, p. 612 – 632, set./dez. 2019.

**A LINGUAGEM MUSICAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA
PROPOSTA DIDÁTICA**



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Bianca de Matos¹⁷

Maria Olivia Buzato de Carvalho¹⁸

Resumo

O presente trabalho tem o intuito apresentar uma proposta didática para o ensino de Geografia utilizando a linguagem musical. O artigo se divide, primeiramente, no arcabouço teórico-metodológico a respeito da música enquanto instrumento essencial para a leitura espacial e incentivo no processo de ensino-aprendizagem, na análise de duas experiências de aplicação desse instrumento em sala de aula no ensino de Geografia e na apresentação da proposta de um material didático desenvolvido no intuito de contribuir com as pesquisas voltadas para o ensino de Geografia. Propõe-se, portanto, em evidenciar a importância de instrumentos pedagógicos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem com destaque à música enquanto manifestação cultural, a qual se apresenta, dependendo de sua temática, intrinsecamente relacionada com a Geografia e os processos de territorialização dos grupos sociais, sendo de grande valor para a análise espacial no ensino de Geografia.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Linguagem musical; Material didático.

Introdução

A Geografia se faz presente na realidade socioespacial de modo explícito quando se desenvolve um olhar direcionado para o espaço e as manifestações sociais concretizadas nas diferentes paisagens. A leitura espacial é a forma como a Geografia enquanto ciência se debruça no processo de compreensão da realidade, e dentro da perspectiva do ensino é fundamental desenvolver instrumentos e ferramentas capazes de auxiliar na compreensão dessa realidade, principalmente em um contexto em que a sociedade se torna cada vez mais complexa e as transformações do espaço-tempo se aceleram.

Considerando a análise espacial dentro da perspectiva do ensino de Geografia nas escolas, o presente trabalho tem o objetivo a elaboração de um material didático como proposta de linguagem para o ensino de Geografia, com o intuito de contribuir para as pesquisas voltadas às metodologias e práticas de ensino no contexto atual, em que a interrelação do processo de

¹⁷Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: bianca.matos11@uel.br

¹⁸Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: buzato.olivia@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ensino-aprendizagem com as manifestações do espaço geográfico se diversificam em decorrência do cenário pandêmico vivenciado pelo mundo todo.

A proposta didático-pedagógica foi desenvolvida na perspectiva de elaborar uma linguagem para o ensino de Geografia que se aproxime mais ainda da linguagem dos alunos, da realidade em que se encontram, das manifestações socioespaciais que vivenciam e ao mesmo tempo participam como produtores. Dentro de um contexto social em constante mutação e complexificação, permeado e intensificado pelo uso da tecnologia, faz-se necessário que a Geografia abarque essas transformações no horizonte da educação e juntamente com os alunos, absorva essas transformações e as novas realidades socioespaciais.

Assim, o material didático foi elaborado para a disciplina de Estágio do quarto ano de licenciatura do curso de Geografia da Universidade Estadual de Londrina/PR, utilizando a *linguagem musical* enquanto instrumento de aprendizagem e possibilidade de compreensão da realidade dos alunos, visto que a música, enquanto manifestação cultural, está intensamente presente no cotidiano da população e espelha a realidade socioespacial que é tão importante para a Geografia.

Dessa forma, o trabalho se estabelece a partir de dois objetivos principais. O primeiro visa analisar como a linguagem musical pode ser utilizada como um instrumento didático no auxílio do processo de ensino-aprendizagem no ensino de Geografia e o segundo busca compreender a realidade dos alunos por meio da música e sua manifestação socioespacial. Visto que o presente trabalho se dedica a uma pesquisa teórica a respeito da temática e se propõe à criação de um material didático.

A metodologia utilizada pautou-se em três etapas vinculadas aos objetivos traçados: 1 - Análise e discussão do referencial teórico a respeito da linguagem musical no ensino de Geografia; 2 - Apresentação de duas experiências escolares utilizando a linguagem musical no ensino de Geografia; 3 - Exposição do material didático e proposta pedagógica para o ensino de Geografia.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Linguagem Musical no Ensino de Geografia

A Geografia sempre esteve atrelada ao estudo da espacialidade dos fenômenos sociais e naturais. Em diferentes épocas e nos diferentes enfoques científicos, o olhar geográfico se constituiu em analisar *onde* ocorrem as diferentes manifestações, quais aspectos políticos, econômicos, sociais, culturais e ambientais influenciam na espacialidade dos fenômenos e como estes se relacionam no espaço-tempo. O ensino de Geografia se volta para a análise espacial por meio de conceitos fundamentais para a leitura dessa espacialidade, sendo que a apreensão das categorias de lugar, paisagem, região e território auxiliam os alunos no desenvolvimento do olhar geográfico.

Dentro de um contexto técnico-científico-informacional, de rápidas transformações no espaço-tempo, que moldam as noções de espaço material e virtual, o século XXI exige que a área da educação se mantenha em constante movimento, para captar essas transformações e se aproximar da realidade efêmera dos alunos, e a Geografia tem um papel importante nesse processo, se atualizando e politizando para compreender a realidade, criticamente, por meio do espaço e suas manifestações sociais materializadas.

Portanto, o objetivo do presente trabalho é desenvolver um material didático dentro de uma proposta de linguagem para o ensino de Geografia, que potencialize o processo de apreensão geográfica do espaço, aproximando o conhecimento escolar da realidade vivenciada pelos alunos.

A escolha da música enquanto linguagem pedagógica se deve ao fato de que esta é um dos produtos culturais mais presentes na vida dos grupos sociais e representa a manifestação espacial da cultura, em diferentes escalas. Segundo a geógrafa espanhola Mercedes Arroyo (1992) a música é “uma parte importante do sistema cultural e se acha impregnada da ideologia que subjaz no conjunto de ideias e representações que tendem a reprodução do sistema e que cumpre a função de veículo para sua expressão” (apud PANITZ, 2011, n.p).

Assim, dentro da perspectiva de que a música, enquanto instrumento cultural, se manifesta nos diferentes espaços da cidade, por exemplo, é possível estabelecer uma análise da geografia da música com o intuito de mapear, por meio dos diferentes estilos musicais, as realidades vividas pela sociedade nos diferentes espaços.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A linguagem musical enquanto metodologia para o ensino de Geografia dispõe de diversos aparatos educativos que auxiliam tanto no desenvolvimento qualitativo do processo de ensino-aprendizagem quanto na leitura espacial da realidade dos estudantes. Segundo Panitz (2011, n.p), a música está constantemente presente na vida cotidiana:

[...] No nível pessoal, ela cria repertórios subjetivos, organiza memórias (e consequentemente os lugares da memória), participa ativamente na sonorização da vida cotidiana, cria sentido ao mundo. No nível coletivo ela relaciona-se com memórias e histórias de vida compartilhadas, lugares de encontro, narrativas do espaço-tempo, períodos históricos específicos, e até mesmo com a estética sonora de cada geração, que por certo possui conteúdos geográficos específicos.

Dessa forma, a música se apresenta como uma ferramenta efetiva de representação da manifestação cultural de um grupo social, que espelha diversos aspectos da complexa realidade que é essencial para a Geografia no processo de ensino-aprendizagem. A importância de trabalhar a música no ensino de Geografia se direciona exatamente nesse sentido, de apreender a realidade socioespacial dos estudantes por meio da manifestação cultural da música, que faz parte do seu cotidiano, sendo que

[...] sua dimensão, como representação do mundo e como prática no/do espaço, se apresenta como uma geografia complexa que desafia os geógrafos a refletirem juntos com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, sociologia, a antropologia, a história, os estudos culturais, a comunicação social e a economia da cultura (PANITZ, 2011, n.p).

A música e as formas musicais são representações da cultura, da vida das populações, do contexto histórico-político da sociedade, que se expressam tanto por meio da letra como pela sonoridade e expressões rítmicas. Ambas as representações servem como instrumento de investigação por parte do Geógrafo, na compreensão da geografia da música, sua espacialidade e representação social.

Alessandro Dozena, músico e geógrafo, pontua como a música e a geografia são “transversais à vida humana em suas múltiplas dimensões: sons, sentidos, espacialidades, ritmos, fluxos, melodias, etc, que se constituem em diálogos possíveis de práticas que enredam



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

nas experiências vividas espaço-sonoramente” (DOZENA, 2016 *apud* REBOUÇAS, 2019, n.p).

Assim como Dozena (2016, *apud* REBOUÇAS, 2019) realça a questão da sonoridade da música e a sua capacidade de orientar a noção e apreensão espaciais, enfatiza-se a importância do ensino de Geografia em trabalhar com as manifestações culturais dos diferentes grupos sociais, pois é possível conhecer a realidade dos estudantes pelo reconhecimento das músicas que estes consomem. Portanto, a música carrega toda a expressão de uma sociedade, é uma linguagem de comunicação e se diferencia espacialmente dentro das diferentes escalas de análise. Destaca-se a cidade enquanto escala local de análise dos fenômenos sociais e do trabalho realizado pelas escolas.

A proposta didática apresentada pelo presente estudo abre possibilidades de trabalhar a linguagem musical no ensino de Geografia nas escolas a fim de trabalhar os conteúdos geográficos em proximidade com as diferentes realidades e linguagens dos estudantes. A prática pedagógica abordou principalmente a questão rítmica das músicas como uma possível linguagem atrativa aos estudantes para estabelecer a aprendizagem significativa do conteúdo, sendo que “quando a proposta de utilização da música é apresentada aos alunos, a tendência que se observa é a de serem tomados pela curiosidade e ansiedade. A receptividade é quase sempre satisfatória [...]” (OLIVEIRA et al, 2005, p. 24). Portanto, percebe-se como a música pode auxiliar na interatividade e absorção dos conteúdos por parte dos estudantes, pela proximidade e afinidade com a linguagem.

O intuito do presente estudo é mapear espacialmente as manifestações culturais da música dentro do contexto da cidade em que a escola está inserida, no caso toma-se como exemplo a cidade de Londrina, e permitir que na prática da atividade pedagógica os estudantes possam analisar e refletir sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, utilizando a música na sua dimensão rítmica como um veículo extremamente potencializador para o aprendizado, sendo que este meio de aprendizagem aprimora o esforço educativo resultando na participação e interesse por parte dos alunos. A música de certa forma traz aos alunos situações vivenciadas em seu cotidiano e é também para eles sinônimo de diversão e alegria (FARIAS et al, 2017, p. 3).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A proposta didática de trabalhar com a música enquanto linguagem cria múltiplas possibilidades de práticas para o ensino de Geografia. Dessa forma, a atividade proposta foi organizada levando em consideração os aspectos culturais da cidade em que os alunos se encontram e as músicas que os mesmos consomem.

Considerando que a “cidade é o ponto de máxima concentração da cultura de uma comunidade” (MUMFORD, 1961 *apud* DINIZ, 2018, p. 78) e que a música, assim como a cidade, “[...] também deve ser entendida como criação social, carregada de elementos simbólicos, criativos e identitários [...]” (DINIZ, 2018, p. 79), utilizar o aspecto sonoro e rítmico da música na criação de uma linguagem específica no ensino da Geografia é possibilitar uma maior interação e interesse por parte dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, a música se mostra como instrumento rico e viável tanto pelo seu viés comunicador como pelo seu papel na leitura espacial, sendo que segundo Diniz (2018, p. 79), “[...] a atividade musical também pode ser compreendida como um modo de expressão e comunicação humano, grandemente influenciado pelos territórios nos quais se desenvolve”, fato este extremamente importante para a Geografia.

O estudo da geografia da música torna-se essencial na realização da prática didática que se propõe utilizar a linguagem musical, sendo que através das letras das músicas e dos ritmos é possível conhecer os lugares, as paisagens e os territórios, conceitos básicos da Geografia que são retratados nas canções.

Além da música se tornar um instrumento de análise espacial para as aulas de Geografia, o fato de ela estabelecer vínculos culturais afetivos entre os alunos abre espaço para a renovação e aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. Muniz (2012, p. 81) pontua que a música

[...] é uma das artes que mais influencia na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos. Por ter a capacidade de mexer com as nossas emoções, por que não usá-la nas aulas de Geografia? Por que não fugir da “rotina geográfica” em que o livro didático e a aula expositiva predominam e tornam os educandos seus recipientes? (grifo do autor)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Nesse contexto de renovação didática nas aulas de Geografia, o estímulo ao aprendizado pode ser feito por meio da linguagem musical, sendo tanto no uso e análise das letras das músicas que

[...] por seu conteúdo rico, popularidade e atualidade estimulam o aprendizado de conteúdos geográficos, pois instigam os alunos ao interesse pela descoberta do novo e dão ao professor outros meios para realizar seu papel de intervenção na aprendizagem, problematizando e reconstruindo os conteúdos aprendidos na escola (FUINI *et al*, 2012, p. 206-207).

Quanto pela sonoridade, como é o foco do presente trabalho. Oliveira e Holgado (p. 86, 2016) pontuam que “Mesmo as músicas, com seus ritmos, podem nos levar a imaginar lugares devido à associação que constantemente recebemos sobre as músicas que estão relacionadas a determinados lugares”.

Nesse sentido, a sonoridade e os ritmos, como já mencionado anteriormente na explanação de Alessandro Dozena (2016 *apud* REBOUÇAS, 2019) são expressões musicais capazes de criar vínculos afetivos na memória e associações com espaços de vivência da sociedade e aprofundando mais ainda o olhar geográfico, encontra-se nessa relação as marcas culturais localizadas territorialmente, sendo que os “sons e as músicas atuam como motivadores existenciais e estão intrinsecamente conectados aos processos de territorializações, enraizamentos identitários e migrações populacionais [...]” (CROZAT, 2016 *apud* DOZENA, p. 35, 2019).

A partir disso, verifica-se que a música é instigante e presente no cotidiano dos alunos e dentro do ensino de Geografia “pode ser uma forma de despertar os alunos para o mundo que vivem e, assim, seguir para a análise de diferentes elementos que envolvam a espacialidade” (OLIVEIRA E HOLGADO, p. 89, 2016), criando a nível pessoal e grupal dentro da sala de aula, vínculos e associações que incentivem o aprendizado.

Dessa forma, destaca-se a importância da música não somente pela diversidade da manifestação cultural que ela carrega, mas pela capacidade pedagógica, sendo que ela “como um meio de comunicação, pode ser considerada um apoio pedagógico e instrumento facilitador



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

na superação de algumas barreiras do processo de ensino-aprendizagem” (OLIVEIRA *et al*, 2005 *apud* FUINI *et al*, p. 208, 2012).

Assim, o material didático se baseia na proposta da linguagem musical e a prática dentro da escola se direciona para o nono ano do Ensino Fundamental, com a sugestão de tema geral, a Globalização, *suas desigualdades e a multiplicidade cultural*.

No entanto, antes da apresentação da proposta didática, serão apresentados dois exemplos de práticas educativas dentro da aula de Geografia que se propõem a utilizar a linguagem musical como ferramenta pedagógica.

Experiências de Aplicabilidade da Música no Ensino de Geografia

Diante das inúmeras leituras realizadas na construção desse trabalho, chegou-se a escolha do artigo “A música nas aulas de Geografia”, sendo a primeira experiência analisada, da pesquisadora Alexsandra Muniz, mestre e doutoranda em Geografia e docente da Universidade Federal do Ceará, a qual defende que “o uso de diferentes linguagens no ensino auxilia no trabalho do educador, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e o pensar crítico do discente” (MUNIZ, 2012, p.80).

Dessa forma, o objetivo proposto por ela foi de explorar a música no processo de ensino-aprendizagem como um recurso didático na educação básica, mais especificamente letras de músicas que abordam noções e conceitos básicos de Geografia. O desafio de desenvolver metodologias foi proposto aos alunos do 4º ano do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará.

A princípio, foi formulada uma sequência didática com o planejamento do texto didático e dos planos de aula, em seguida foram selecionadas as músicas que seriam trabalhadas. As canções escolhidas foram: Xote Ecológico, de Aguinaldo Batista e Luiz Gonzaga; Riacho do Navio, composição de Zé Dantas/Luiz Gonzaga; Seca Nordestina, composição de Flávio José; Cidadão, composição de Lúcio Barbosa; Súplica Cearense, composição de Gordurinha/Nelinho e interpretada pelo grupo O Rappa.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A música Xote Ecológico (LUIZ GONZAGA, 1989 apud MUNIZ, 2012) foi utilizada para abordar a temática “As consequências do desenvolvimento do capitalismo industrial” no 1º ano do Ensino Médio. A segunda equipe trabalhou com a música Riacho do Navio (LUIZ GONZAGA, 2009 apud MUNIZ, 2012) para abordar a temática “Transposição do Rio São Francisco” e a prática foi aplicada no 2º ano do Ensino Médio. A terceira equipe utilizou a música Seca Nordestina, de Flávio José (1996), para abordar o tema aplicado no 3º ano do Ensino Médio: “Características do Semiárido brasileiro: Uso e manejo dos recursos hídricos no Estado do Ceará”. A equipe quatro utilizou a música Cidadão, gravação de Zé Ramalho (1992), composição de Lúcio Barbosa, para abordar o tema “Aspectos socioespaciais causados pela migração no Brasil”, sendo o conteúdo voltado aos alunos do 1º ano do Ensino Médio. E por fim, a equipe cinco utilizou a música Súplica Cearense, interpretada pelo grupo O Rappa (2008), para trabalhar a temática “O Ciclo Hidrológico, os tipos de clima do Nordeste e as consequências para a população sertaneja”, sendo o conteúdo voltado ao 1º Ano do Ensino Médio.

Diante disso, podemos observar que a utilização de letras de músicas serviu para a problematização de temas necessários na construção do saber geográfico e o uso dessa metodologia facilitou a participação dos alunos na reflexão, análise e exposição de opiniões. Segundo Alexsandra (MUNIZ, 2012, p. 92):

Se a utilização do recurso não tiver o fim de provocar reflexões e estimular a criticidade, participação e o desenvolvimento de habilidades e competências, o tradicionalismo ainda permanecerá na sala de aula, ocorrendo somente uma substituição de recursos, mas permanecerão velhas práticas que cegam os que desconhecem a importância da educação geográfica.

A fala e a experiência relatada pela autora só confirma o que nós, futuros docentes, temos buscado em termos de novas metodologias e resultados que coloquem os alunos como protagonistas no processo educativo, com a finalidade de transformar a relação secular existente entre professor transmissor e aluno receptor, em professor mediador e aluno protagonista.

A segunda experiência de aplicabilidade da ferramenta música, tem como título: “A música como instrumento para o ensino de geografia e seus conceitos fundamentais: pensando



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

em propostas para o trabalho em sala de aula”, produzido pelos autores Lucas Labigalini Fuini, Juliana Lopes dos Santos, Camilla Andréa Damião, Patrícia de Oliveira e Gabriel Rios.

O objetivo dos autores é superar a dificuldade na apreensão e na construção dos conceitos de Geografia, e para isso, escolheram a música como artifício, utilizando de letras que discorrem sobre os conceitos: lugar, região, território e paisagem, trazendo elementos cotidianos de jovens do Ensino Médio.

Nas palavras dos autores FUINI *et al.* (2012, p.206):

[...] a música com suas letras se coloca como instrumento importante e favorável à discussão e reflexão coletiva em sala de aula sobre conceitos da Geografia, estimulando a estruturação de conceitos científicos em conceitos escolares através da observância de dois elementos: cotidiano/vivência do aluno e a relação dialógica aluno-professor-aluno.

Para que se diminuam as distâncias entre a compreensão dos conceitos geográficos e a relação destes com a organização do espaço e os fenômenos que corroboram para tal organização, é necessário que o pensar geográfico faça parte da formação cidadã. Diante disso, foram propostas práticas pedagógicas utilizando a música como ferramenta para auxiliar na formação desse pensar e se enxergar enquanto agente da construção do espaço e, dessa forma, compreender os conceitos-chave da Geografia por meio da música.

As letras foram escolhidas seguindo critérios de popularidade, associando-as aos músicos nacionalmente conhecidos e que contribuíssem para a abordagem dos conceitos geográficos.

Na seleção das músicas, os autores buscaram os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN-EM) de 2002 para apresentarem a definição dos conceitos geográficos. Para cada conceito foi escolhida uma letra que abordasse suas características, dessa forma, o ensaio teórico propôs situações em que é cabível o uso da música com o objetivo dos alunos constituírem uma consciência sobre seus espaços e lugares de vivência.

Situação 1 – Estudo da Paisagem:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os PCNEM (2002) utilizam a definição de *paisagem* como sendo ‘a unidade do arranjo espacial que a nossa visão alcança, sendo crescentemente de caráter social, pois é formada de movimentos impostos pelo homem através de seu trabalho, cultura e emoção’. (FUINI *et al.*, 2012, p.209). (grifo do autor)

A atividade foi estruturada para ser destinada aos alunos dos 1º e 2º anos do Ensino Médio e teve como letra de música sugerida “Aquarela Brasileira”, composição de Silas Oliveira. A letra da música retrata os Estados brasileiros descrevendo seus elementos, principalmente os naturais, ressaltando as belezas paisagísticas do Brasil. A utilização dessa letra auxilia no entendimento e construção do conceito de Paisagem e sua aplicação em estudos que tratam do território brasileiro.

Situação 2 – Estudo do Lugar e dos Lugares:

Os PCNEM (2002) definem o *lugar* como sendo a ‘porção do espaço apropriável para a vida, que é vivido, reconhecido e cria identidade’. É aquela porção do espaço com a qual o indivíduo se identifica mais diretamente, guardando formas do tempo passado e presente. Nele é que ocorrem as situações de conflito, dominação, resistência e recuperação da vida. (FUINI *et al.*, 2012, p.210). (grifo nosso e do autor)

Pode ser aplicada em todos os anos do Ensino Médio por se tratar de um conceito que explora a percepção pessoal. Foram selecionadas três músicas que retratam o lugar. As músicas selecionadas foram: “Lugar nenhum” foi composta e é interpretada pela banda paulistana Titãs; A música “Sampa”, por sua vez, é de autoria e interpretação do músico baiano Caetano Veloso e “Asa Branca”, composição do sanfoneiro e intérprete Luis Gonzaga e do compositor Humberto Teixeira.

Ambas as músicas caminham por elementos que fazem menção a características que definem os conceitos de Lugar e Lugares, permitindo a diferenciação entre estes como, por exemplo: “cidade e campo”, “sudeste e nordeste”.

Situação 3 – Estudo do Território, Escala Geográfica e Globalização:

O termo território aparece nos PCNEM (2002) como sendo a ‘porção do espaço definido e delimitado por relações de poder, domínio e apropriação política, econômica ou social’. (FUINI *et al.*, 2012, p. 212).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para trabalhar esses conceitos, foram selecionadas as seguintes músicas: “Disneylândia”, dos Titãs e “Parabolicamará”, de Gilberto Gil. A letra de “Disneylândia” expõe o contexto atual de integração econômica e de massificação cultural, que são características da Globalização. Percorre também sobre as desigualdades da divisão internacional do trabalho e as dificuldades impostas aos imigrantes. A letra de “Parabolicamará” retrata o aumento na velocidade dos fluxos de informação e nos meios de transportes dando ênfase a simultaneidade.

Dessa forma, podemos analisar mais um estudo que aborda a música como aparato pedagógico, sendo utilizado para trabalhar um conteúdo que esbarra em várias dificuldades em ser compreendido, que é o estudo dos conceitos geográficos.

A linguagem musical auxilia tanto na compreensão desses conceitos, apresentando uma linguagem acessível e esclarecedora das temáticas que abordam a paisagem, o lugar, a região e o território como evidencia a importância dos mesmos na leitura do espaço, sendo que por meio dos conteúdos geográficos esses conceitos se mostram imprescindíveis e necessitam ser trabalhados com seriedade, pois essenciais para a compreensão da realidade socioespacial.

Proposta Pedagógica e Material Didático

A linguagem musical pode trazer muitas contribuições para o ensino de Geografia, principalmente quando aplicada sob uma perspectiva crítica. A utilização de ferramentas pedagógicas alternativas às tradicionais se faz importante na busca por novas compreensões do mundo e na construção de um saber significativo.

Como um dos efeitos do mundo globalizado é a geração “pogearzinha”, ou seja, jovens da contemporaneidade e filhos da internet, esta é descrita quase que de forma poética por Michel Serres (2013) em “Pogearzinha – uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber”. Esta geração tem acesso as bibliotecas, as músicas, as imagens, aos mapas, entre outras inúmeras informações em seus smartphones. Não é preciso decorar absolutamente nada, uma vez que se pode acessar a qualquer momento, qualquer informação.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Diante dessa geração contemporânea, o “ensinar” precisa se adequar a esta demanda. Os celulares ou smartphones já estão presentes na realidade da maioria dos jovens, podem e devem ser usados como ferramenta pedagógica. Para esses adolescentes, a música se faz muito presente em suas realidades. Os gostos são determinados por influências midiáticas ou por afinidade com as letras, com os grupos que criam determinados gêneros musicais, como por exemplo o Hip Hop, que é um gênero musical e cultural, criado em um contexto urbano de violência e criminalidade para expressar a identidade e os movimentos de luta dos negros.

Como forma de validarmos a utilização da música no processo de ensino e aprendizagem de Geografia, será apresentada uma proposta de aplicabilidade desse instrumento, construída com base em nossas leituras e aparatos teóricos.

A proposta didática foi pensada e estruturada para ser desenvolvida com turmas do 9º Ano, uma geração "polegarzinha" em que a média da faixa etária é de 14 anos. O recurso musical será aplicado apenas ao final do conteúdo programático, cujo tema é: Globalização, suas desigualdades e a multiplicidade cultural.

O intuito em trabalhar este conteúdo é o de promover uma reflexão e uma provocação sobre as consequências do mundo globalizado, a identificação de quem são os grupos mais afetados e como o uso ilimitado da internet e da tecnologia podem favorecer o aumento de crimes como: xenofobia, etnocídio, racismo, machismo, entre outras inúmeras manifestações de intolerância.

Além das desigualdades, iremos trabalhar com a identificação de movimentos e manifestações sociais e culturais e, também, com conceitos como: identidade cultural, multiplicidade cultural e diversidade cultural.

Como forma de reforçar o conteúdo trabalhado, retomar os conceitos e instigar a participação dos alunos é que a música entrará como aparato metodológico. Dessa forma, cada aluno terá que selecionar sua música “preferida” e utilizar de algum recurso tecnológico que retira a voz e deixa apenas o instrumental, se assemelhando a um “playback”. Esse passo pode ser realizado por recursos oferecidos gratuitamente pela internet, como por exemplo tem-se o site Moises, que pode ser acessado pelo link: <https://moises.ai/pt-br/>.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A escolha de uma música que está categorizada como “preferida”, nos mostra de forma indireta, um pouco do perfil do aluno. Podemos analisar qual foi o ritmo escolhido por cada um, qual temática continha nas letras, se o aluno se “vê” em determinada música. Após a retirada da “voz” da música, iremos trabalhar apenas com a melodia, ou o “playback”. Os alunos deverão criar uma nova letra para sua música escolhida, como em uma paródia, baseada em todo o conteúdo estudado retratando as consequências do mundo globalizado.

Nessa atividade eles terão que se posicionar ao escrever a letra. A mesma deverá ser baseada no conteúdo trabalhado sobre: Globalização, suas desigualdades e a multiplicidade cultural, e apresentar o entendimento e a compreensão dos alunos sobre os temas trabalhados, os conceitos, as reflexões. Seja abordando grupos sociais, diferenças de classe, lutas, racismo, movimentos sociais, culturais, ou seja, o que eles acreditam fazer parte do conteúdo sobre globalização.

Após a construção individual da letra musical autoexplicativa sobre o conteúdo, os alunos deverão apresentar suas respectivas paródias para os outros alunos. Essa atividade permitirá enxergarmos a compreensão de cada aluno sobre o que foi trabalhado, o que mais o tocou, como este organizou os conceitos e qual o estilo de música foi por ele escolhido.

A atividade por si só já possibilita um aprendizado autônomo, uma vez que os próprios alunos construirão letras musicais sobre o conteúdo. Ao trabalharmos com as “músicas preferidas” de cada aluno, acreditamos que a interação será muito maior do que uma aula com metodologias tradicionais, pois este aluno estará utilizando de uma ferramenta que é próxima de sua realidade, a que tem afinidade, fazendo suas próprias escolhas e produção musical. Verá sua individualidade sendo transformada em conhecimento por ele mesmo através de sua música preferida.

A linguagem musical utilizada como instrumento pedagógico na prática da atividade proposta abre caminho para a Geografia trabalhar os conteúdos das disciplinas unindo os professores e alunos na construção do conhecimento, possibilitando que a música atue como caminho para que diferentes atores do processo de ensino-aprendizado se façam presentes e que diferentes aspectos da cultura se evidenciem, tornando esse processo cognitivo, científico e artístico, tanto individual como coletivo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É com a ansiedade de vermos os resultados da aplicação dessa proposta pedagógica e com esperança de que, cada vez mais, possamos presenciar a inserção de novas metodologias que permitam a autonomia e o protagonismo dos alunos e que sejam próximas da linguagem dos mesmos, como a música o é, que se finaliza este tópico e para exemplificar a utilização da linguagem musical, apresentamos um breve modelo de prática para a atividade.

Para evidenciar a proposta didática, escolhemos apresentar um modelo de paródia sobre a Globalização, retirada de um canal no Youtube, Geografia Irada, administrado pelo Professor Marcelo (2021). A paródia foi criada abordando temas fundamentais do processo de Globalização, temas esses importantes de serem trabalhados pela Geografia, pois tratam da dinâmica do espaço geográfico, da lógica capitalista em suas fases de expansão e no seu processo de exploração, retratando como a Globalização é um advento inerente ao sistema capitalista, conectando espaços e isolando lugares, povos e culturas. A música intitulada “Y.M.C.A”, da banda norte americana Village People foi utilizada para a paródia e a letra criada será apresentada a seguir:

Vamos! Estudar sobre o mundo.

Agora pense, migração de muita gente

Os mercados se unindo isso é a Globalização

Veio, como capitalismo surgindo, um expansionismo gerando o imperialismo e agora a robotização

Refrão

Primeira fase foi a navegação, segunda fase industrialização.

A terceira foi após a guerra fria. Internet e muita tecnologia.

Vamos! O mundo está encolhendo,

As culturas estão se envolvendo,

O padrão de consumo está sempre crescendo.

Crises econômicas e as culturais,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

*Guerra e fome e miséria demais,
Mesmo junto os povos vão se separando*

Refrão

O exemplo apresentado foi introduzido para auxiliar no processo de criação da paródia, apresentando um modelo de música e da criação e aplicação do conteúdo da Globalização na base melódica. A paródia pode ser curta, não precisa ser criada sobre a música inteira, pois o processo de produzir e encaixar a letra em uma base melódica é desafiador, então os alunos podem escolher passagens da música, como por exemplo, o refrão e podem criar a letra pontuando aspectos essenciais da Globalização. Isso poderá servir também como auxílio no entendimento do conteúdo e no processo de síntese do mesmo.

Considerações Finais

O fato de a Geografia ser uma ciência interdisciplinar e abrangente, por seu objeto de estudo ser o espaço geográfico, permite que a análise espacial abarque diferentes aspectos da realidade e ao mesmo tempo, se desmembre em compartimentos de estudo desvinculados e descontextualizados da realidade socioespacial. No contexto global tecnológico-informacional e pandêmico, a Geografia tem como desafio compreender o espaço geográfico de forma integrada e na perspectiva do ensino, trabalhar essa integração permeando suas particularidades, destacando os atores sociais produtores do espaço, os fenômenos socioespaciais que se relacionam e se evidenciam, é uma questão de comprometimento com a sociedade.

A grande questão é como proporcionar que o Geografia faça esse trabalho tão importante de compreensão e desvendamento da realidade socioespacial de forma a caminhar junto com as transformações espaço-temporais e desenvolver criticamente um olhar espacial. O desafio é grande e são vários os obstáculos que se apresentam, porém quando se toma a educação como ponto de partida para o presente trabalho e o ensino de Geografia dentro da escola, é essencial que se evidencie este espaço como meio de se trabalhar a Geografia de forma mais próxima da população, do movimento da sociedade e das transformações socioespaciais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Assim, pontuamos como fundamental o desenvolvimento de instrumentos inovadores para o ensino de Geografia, que acompanhem o movimento e dinâmica socioespaciais, as tendências e inovações das novas gerações de alunos e que possam auxiliar na leitura espacial em um contexto em constante mudança, com o intuito de se aproximar dos atores sociais do espaço e conjuntamente compreender e proporcionar o conhecimento significativo dentro da sala de aula.

Portanto, a partir do entendimento de que a escola pública é um espaço democrático, onde convivem diferentes sujeitos sociais, e que deve proporcionar a interrelação do conhecimento dos alunos com os conteúdos da Geografia, a criação de um material didático a partir da linguagem musical como instrumento pedagógico foi uma maneira de contribuir com as pesquisas relacionadas ao ensino da Geografia dentro da escola na Educação Básica, de encontrar uma linguagem presente no cotidiano dos alunos que aproxime os mesmos dos conteúdos geográficos.

O material didático criado foi desenvolvido enquanto proposta para os professores de Geografia e considerando o papel que a música tem enquanto recurso cultural na vida da população, no cotidiano dos alunos e nas experiências vividas nos diferentes espaços, podemos entendê-la como uma linguagem importante e viável para trabalhar em sala de aula na proximidade com os alunos. A geografia e a música se relacionam diretamente e trazer esse recurso para o ensino possibilita uma transversalidade de temas e áreas dos conhecimentos importantes para abranger a diversidade dos alunos, considerando o processo de aprendizagem de cada um e a carga cultural que a mesma carrega.

Em relação à realidade em sala de aula e aqui é essencial considerar a negligência do Estado no que se refere ao investimento público nas escolas, resultando no desgaste dos professores, na falta de investimento em materiais e espaço físico, na falta de interesse dos grupos dominantes em manter a instituição enquanto um espaço de conhecimento e emancipação, podemos enaltecer e incentivar a existência de espaços voltados à produção de materiais didáticos, metodologias alternativas e inovação de linguagens adequadas que incentivem os alunos, que busquem conectá-los a algo que lhes pertence. A música tem esta capacidade comunicadora e relaciona-se com as vivências socioespaciais da cidade como local de análise, sendo uma alternativa extremamente praticável para o ensino de Geografia.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dentro da perspectiva da ciência geográfica, a manifestação cultural da música é um instrumento básico e indispensável para a compreensão da realidade socioespacial e carrega em suas letras e seus ritmos a história materializada nas paisagens das cidades e do campo, das realidades vividas no litoral e no interior do país e dos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais e ambientais distribuídos espacialmente. Sendo toda esta representação enviesada pelos conceitos básicos da Geografia, retratando e espelhando os regionalismos e a relação local-global, assim como revela as territorialidades que se manifestam no espaço.

Dessa forma, pode-se compreender a dimensão que a música tem no estudo da Geografia, como uma ferramenta analítica e comunicadora, e a partir de diferentes possibilidades de aplicação dessa linguagem no ensino de Geografia, propõe-se trabalhar os ritmos e as sonoridades desta linguagem, na intenção de mapear os territórios musicais da cidade e evidenciar as diferentes percepções dos sons e ritmos pelos alunos. Considerando que a Geografia agrega diferentes áreas e se desafia a contextualizar os conhecimentos de forma integrada e conectada espacialmente, evidenciamos que a música pode ser utilizada como linguagem coerente dentro do ensino de Geografia, acessível e unificadora dos alunos, das linguagens e das temáticas a serem trabalhadas.

Referências

DINIZ, G. da S., MENDES, A. A. A cidade e a música / The city and the music. **Geograficidade**, 8 (Especial), p.76-89.

DOZENA, Alessandro. O Papel da Corporeidade na Mediação entre a Música e o Território. In: _____. (org). **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21381>. Acesso em: 02 abr. 2021.

DOZENA, Alessandro. Os sons como linguagens espaciais. **Espaço e Cultura UERJ**, RJ, N. 45, p.31-42, ^{JAN}/JUN. DE 2019.

FARIAS, H. S.; CANÊJO, V. P.; SANTOS, F. K. S. Caminhos da música nas aulas de Geografia. In: **XIII Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia**. Conhecimentos da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica, 2017, Belo Horizonte/MG.

FLÁVIO JOSÉ. **Seca nordestina**. F. José [Compositor]. In: _____. O melhor de Flávio José. Monteiro: LBC, p 1996.1 CD. Faixa 6. Letra disponível em: <http://letras.mus.br/flaviojose/200201/>. Acesso em: 02 abr 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

FUINI, L. L.; SANTOS, J. L. dos; DAMIÃO, C. A.; OLIVEIRA, P.; RIOS, G. A música como instrumento para o ensino de Geografia e seus conceitos fundamentais: pensando em propostas para o trabalho em sala de aula. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 206-216, jul./dez. 2012.

HOLGADO, F. L.; OLIVEIRA, V. H. N. Conhecendo Novos Sons, Novos Espaços: A Música Como Elemento Didático Para as aulas De Geografia. In: DOZENA, Alessandro (org). **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EDUFRN, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21381>. Acesso em: 02 abr. 2021.

LUIZ GONZAGA. **Riacho do Navio**. Luiz Gonzaga, Zé Dantas [Compositores]. In: _____. **Gonzagão sempre**. Rio de Janeiro: Som Livre, p 2009. 1 CD. Faixa 13. [Primeira gravação em vinil, 78 rpm, em 1955]. Letra disponível em: <http://www.sombom.com.br/luizgonzaga/musica/riacho-do-navio.htm>. Acesso em: 02 abr. 2021.

LUIZ GONZAGA. **Xote ecológico**. Aguinaldo Batista, Luiz Gonzaga [Compositores]. In: _____. **Vou te matar de cheiro**. Rio de Janeiro: Copacabana, p 1989. 1 CD. Faixa 7. Remasterizado em digital. Letra disponível em: <http://www.sombom.com.br/luizgonzaga/musica/xote-ecologico.htm>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002, p. 275-360.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA/BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+Ensino Médio: Orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais em Ciências humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

MUNIZ, Alexsandra. A música nas aulas de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.

O RAPPA. **Súplica cearense**. Gordurinha, Nelinho [Compositores]. In: _____. 7 vezes. Rio de Janeiro: Warner Music, p 2008. 1 CD. Faixa 10. Letra disponível em: <http://www.sombom.com.br/luiz-gonzaga/musica/suplica-cearense.htm>. Acesso em: 02 abr. 2021.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda; SILVA, Marcelo Gonçalves; NETO, Aristóteles Teobaldo; VLACH, Vânia Rubia Farias. A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: algumas reflexões. **Caminhos de Geografia**, Jun/2005.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línea]. Barcelona: Universidade de Barcelona, 30 de maio de 2012, Vol. XVII, nº 978. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-978.htm>. Acesso em: 02 abr. 2021.

PARÓDIA GLOBALIZAÇÃO – **Geografia Irada**. 1 vídeo (2min35s). Publicado pelo canal: Geografia Irada com Professor Marcelo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v6cJXK6qjA8>. Acesso em: 13 Abr 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

REBOUÇAS, José de Paiva. **A Geografia da Música**. UFRN Imprensa – Matérias Especiais, 2019.
Disponível em: <https://www.ufrn.br/impressao/materias-especiais/29512/a-geografia-da-musica>.
Acesso em: 23 mar. 2021.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Tradução: Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

ZÉ RAMALHO. **Cidadão**. Lúcio Barbosa [Compositor]. In: _____. Frevoador. Rio de Janeiro: Sony Music, p 1992. 1 CD. Faixa 6. Letra disponível em: <http://www.sombom.com.br/ze-ramalho/musica/cidadao.htm>. Acesso em: 02 abr. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

UMA ALTERNATIVA DIFERENTE DE ENSINO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA

Romário Rosa de Sousa¹⁹

Resumo

Este trabalho teve como objetivo principal auxiliar os professores no ensino e aprendizagem Climatologia Geográfica com alunos do ensino fundamental, médio, técnico e de graduação, a partir da utilização de uma Estação Meteorológica e um pluviômetro de PVC de baixo custo. Os trabalhos metodológicos foram desenvolvidos em 5(cinco) etapas distintas: com aulas teóricas, práticas; aquisição dos materiais de baixo custo e instalação. Posteriormente com a Estação Meteorológica e um pluviômetro do tipo caseiro PVC já construídos, e instalados o professor poderá utilizá-los de várias formas, para dinamizar as suas aulas e torná-las mais atraentes, ao mesmo tempo em que permite uma interação entre os alunos e ele mesmo. A formação de alunos, como leitores críticos, é importante para romper com a manipulação ou dominação, fazendo com que os educandos se transformem em agentes pensadores do espaço.

Palavras-chave: Climatologia Geográfica; Aprendizagem; Ensino,

Introdução

A cidade e suas configurações podem se encaixar na escala local e na microclimática do clima, respectivamente, diagnosticando-se as relações existentes entre os elementos da natureza e os parâmetros climáticos do clima urbano, daí a necessidade do desenvolvimento de pesquisas que envolvem a análise da dinâmica climática (STEINKE; STEINKE, 2014).

Para Marandola Jr, (2009), o homem, elemento ativo para o entendimento do tempo e clima, atua ora como alvo, ora como responsável pelos processos atmosféricos, sobretudo em nível local, regional, nacional e planetário. As diferentes condições médias e momentâneas da atmosfera terrestre se relacionam com a maioria das atividades humanas no espaço geográfico. São observados e sentidos aí, os diferentes níveis de suscetibilidade às condições ambientais, caracterizando as cidades como sistemas dinâmicos que concentram pessoas e ativos econômicos.

Toda a dinâmica climática ignorada juntamente com o processo de apropriação da natureza pelo homem tem causado diversos problemas no contexto da biosfera, a exemplo cita-

¹⁹Doutorando em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. romarioufg@yahoo.com.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

se degradação dos solos, perda de espécies, poluição do ar, aquecimento de superfície e variação de temperaturas (GOIS et al, 2015).

Nesse sentido, os efeitos antrópicos no ambiente urbano concede a Climatologia Geográfica um importante papel quanto à relações entre os fatores que justificam as modificações do ambiente natural em detrimento dos parâmetros climáticos. Sob este contexto, enfatiza-se o papel do educador como agente modificador social no repasse do conhecimento didático científico, buscando-se uma estratégia motivadora e facilitadora para investigar e compreender as relações de causas e consequências entre o indivíduo e o ambiente (MONTEIRO, 1976).

Propõe-se um modelo de estação meteorológica sob o paradigma didático e lúdico para se estudar os elementos e fatores climáticos e do tempo, sem prejuízo para a didática e a compreensão das variáveis físicas em questão. Como desdobramento deste, projeta-se a ideia de pertencimento e de agente modificador do espaço geográfico e suas suscetibilidades sociais e ambientais, assim cabendo ao professor de Geografia transmitir todos os seus conhecimentos de climatologia geográfica para os alunos.

As primeiras noções sobre meteorologia e climatologia são introduzidas, geralmente, na primeira etapa do ensino fundamental (3º e 4º anos), que abordam temas como: temperatura, umidade relativa do ar, chuva e ventos (SOUSA, et al, 2005).

O assunto é retomado nas 5º e 6º anos, visando o entendimento das mudanças do tempo e clima. Entretanto, esses assuntos são de difícil compreensão para alunos nessa faixa etária, principalmente quando se trabalha em nível teórico e não se oportuniza experiências práticas como, por exemplo, a utilização de uma estação meteorológica (MAZZINI, 1982). Por essa leitura, a formação básica a ser buscada no ensino fundamental e médio se realizará mais pela constituição de competências, habilidades e disposições de condutas, do que pela quantidade de informação obtida na educação (CONTI, 1990).

Para Sousa et al (2005), o aprendizado de climatologia geográfica aplicada, flui melhor a partir das aulas práticas nas estações meteorológicas com o despertar do interesse dos alunos em estar num espaço diferenciado. Daí pode-se verificar a importância de se ministrar



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

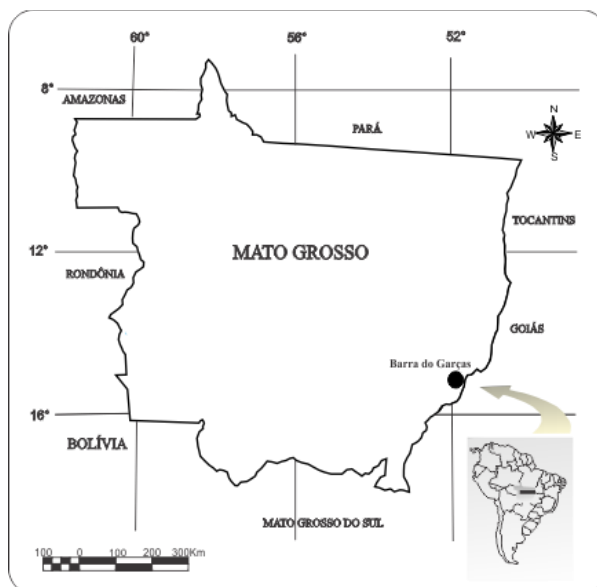
conteúdos, de tempo e o clima e sanar dúvidas, através da utilização da Estação Meteorológica, proporcionando uma inter-relação entre as aulas teóricas e práticas.

Este trabalho teve como objetivo principal auxiliar os professores no ensino e aprendizagem Climatologia Geográfica com alunos do ensino fundamental, médio, técnico e de graduação, a partir da utilização de uma Estação Meteorológica e um pluviômetro de PVC de baixo custo.

Metodologia

Foi definida, como área de estudo, a cidade de Barra do Garças – MT, localizada às margens do Rio Araguaia no Estado de Mato Grosso, divisa com o Estado de Goiás. O Estado de Mato Grosso está localizado entre as coordenadas geográficas de latitudes 7° a 18° sul e longitudes 50° a 62° oeste de Greenwich, onde as altitudes variam de 100 a 1200 metros, no centro do Continente Sul Americano (Conforme a figura 1).

Figura 1: localização da área de estudo.



Elaboração: Romário Rosa de Sousa (2021).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento deste trabalho pedagógico com a comunidade fundamentaram-se em Conti, (1990), (Sousa, et al 2005), Monteiro (1971); Monteiro (1990); Sezerino; Monteiro (1990), Lombardo (1985); Amorim (2000): como ferramenta pedagógica, foi construída uma Estação Meteorológica e um pluviômetro do tipo caseiro PVC sendo os mesmos de baixo custo.

Os trabalhos metodológicos foram desenvolvidos em 5(cinco) etapas distintas:

1ª etapa: aquisição dos materiais de baixo custo;

2ª etapa: construção da Estação Meteorológica;

3ª etapa; confecção do pluviômetro do tipo caseiro de PVC de baixo custo;

4ª etapa: Instalação da Estação Meteorológica e do pluviômetro do tipo caseiro PVC, nas dependências da Escola Estadual Irmã Diva Pimentel, seguindo as nas normas da Organização Mundial de Meteorologia;

5ª etapa: a visita técnica na estação meteorológica com as explicações sobre os aparelhos e instrumentos contidos no recinto, nesta etapa as turmas de alunos foram divididas em pequenos grupos de 10 a 13 alunos, para cada professor/bolsista;

A construção do Mini-abrigo meteorológico foi feito de madeira com paredes duplas perfuradas para permitir a livre circulação do ar e fixado por uma haste do abrigo que será construído de madeira, medido 1,50 metro do solo, para que não sofra a influência direta da radiação terrestre, para a coleta dos dados meteorológicos de pressão atmosférica, temperatura, e umidade relativa do ar, utilizou-se uma estação meteorológica automática móvel.

Para a confecção do pluviômetro do tipo caseiro de PVC fez-se uso dos seguintes materiais: uma redução PVC de 150 x 100 mm; um tampão de 100 mm; um adaptador de franja, em PVC rígido, de ½”; 50 cm de tubo PVC de 100 mm; 1 registro de esfera de ½”; 1 niple de ½”; 1 bico de torneira de ½” de metal; 5 cm de tubo PVC de 75 mm; redução PVC de 10 x 75 mm; uma proveta graduada de 250 ml convertida para 15 mm; uma prancheta de madeira; um lápis de madeira; uma borracha; um mastro de madeira medindo 180 cm de comprimento por 4 cm X 6 cm de largura; um pincel, um galão de tinta na cor branca látex 3.600ml; um galão de tinta na cor branca esmalte sintético 3.600ml.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As observações pluviométricas serão feitas com uma proveta graduada de 250 ml, convertida para 15mm obedecendo a seguinte fórmula:

$$H = 10 \frac{V}{S} \quad (1)$$

onde H é a lâmina de chuva (mm); V é o volume de chuva coletado (cm³ ou ml) e S é a área de captação da boca do pluviômetro (cm²). Teoricamente, este procedimento possui uma precisão similar ao obtido com o pluviômetro padrão “Ville de Paris”, que possui uma área de captação de 400 cm².

A precipitação média sobre uma área em questão é calculada ponderando-se a precipitação média entre isoietas sucessivas pela área entre as isoietas, ou seja:

$$\bar{h} = \frac{\sum \left(\frac{h_i - h_{i+1}}{2} \right) A_i}{A}$$

Em que h_i o valor da isoietas de ordem i e h_{i+1} o da isoietas de ordem $i+1$, A_i é a área entre as duas isoietas e A a área total.

Quanto as observações diárias, estas serão realizadas às 9:00 e às 15:00, assim as leituras foram realizados por alunos e professores supervisores – bolsistas do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, do Curso de Graduação em Geografia do Campus Universitário do Araguaia – UFMT.

Portanto espera-se que metodologicamente as pessoas envolvidas neste trabalho passem a ser agentes transformadores e divulgadores do trabalho propiciando a formação de um cidadão crítico, em um processo de formação dinâmica, em que haja o envolvimento, permanente e participativo da universidade com a comunidade.

Desenvolvimento

A modificação dos componentes naturais da paisagem e sua substituição por formas urbanas resulta em vários impactos no ambiente, tanto positivos como negativos. A temperatura



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

e a umidade relativa do ar estão entre estes indicadores de variação climática, sendo que essa interferência é notada pela variação dos elementos climáticos frente à sucessão dos tipos de tempo, com isso é importantíssimo despertar o interesse nos jovens em procurar entender a dinâmica climática diária (MACHADO; JARDIM, 2014).

Callai (2008) argumenta que nas séries iniciais do ensino fundamental a ênfase do trabalho docente é a alfabetização, na maioria das vezes compreendida como aquisição da leitura e da escrita, e com isso ficando no esquecimento o não uso do entendimento de mundo que os alunos já trazem do cotidiano.

A didática e as metodologias de ensino formam uma unidade, mantendo entre si relações recíprocas, cabendo ao professor ter suas metodologias próprias de trabalho a fim de transmitir o conhecimento para os alunos. Dessa maneira de acordo com Libâneo (1994, p. 28), o processo didático, efetiva-se a partir da mediação escolar, com os conteúdos e aprendizagem na formação da sociedade.

As condições adversas das nossas crianças e jovens e de suas famílias, sem dúvida, geram muitas dificuldades para a organização do ensino e aprendizagem na cabeça dos alunos. Entretanto, cabe ao professor ter a consciência política de convergir para o seu trabalho dentro e fora da sala de aula, tornando o ensino uma tarefa real, concreta, que expressa o compromisso social, tendo como requisito principal a participação dos alunos em suas aulas, mas sabemos que para as aulas do professor se tornem prazerosas e interessantes é necessário que o mesmo elabore aulas atrativas e fascinantes, onde se busque a participação do aluno de forma espontânea e crítica. (LIBÂNEO, 1994, p. 38).

Damis (2004, p. 14), enfatiza que estimular e permitir a participação ativa dos alunos nas aulas gera a construção de conhecimentos e o desenvolvimento de projetos diferentes e atraentes para os alunos, utilizando-se de diversos meios didáticos como o uso das novas tecnologias, comunicação, informação, oficinas, mini-cursos e outras formas, são algumas dimensões enfatizadas pela ação do professor com o objetivo de diversificação de suas aulas nas diversas áreas do conhecimento.

Segundo Castrogiovanni, (2003, p. 33-46), há uma perspectiva de ação metodológica criativa que deve envolver a democratização no ato do aprender – o aluno também falar, o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

sentido da participação – a circularidade. Todavia isso não pode estar desconectado do rigor teórico metodológico, e dos sentidos éticos da responsabilidade professor/aluno em todos os níveis de aprendizagem.

A experiência pedagógica do professor além de dominar a linguagem, conceitos, procedimentos teóricos e a transposição da pesquisa acadêmica na prática escolar ele tem um encontro pedagógico com os alunos e automaticamente o mesmo, age de forma comunicativa com os alunos através do conteúdo. Sendo o professor um elemento que veicula o conteúdo através das metodologias de ensino.

Cavalcanti (2008, p. 26) argumenta que a geografia escolar só ocorre de forma coerente por meio das metodologias, das quais é o modo de exercitar a geografia escolar a partir da relação professor aluno e os meios, procedimentos, métodos de ensino é que fazem o aprendizado fluir de maneira fácil, sendo que a leitura de mundo feita pela geografia pelo aluno, conta muito no ensino e aprendizagem na geografia escolar.

Atualmente, ainda que seja deficitário o processo de ensino e aprendizagem no modelo atual de escola que temos constituído no Brasil, em muitas escolas, tanto públicas quanto particulares, possuem alguns recursos didáticos como tv's, mapas, vídeos, documentários, aparelhos data-show, internet com sites específicos para professores e outros meios, quando utilizados com criatividade pelo professor, despertam o interesse dos alunos ao conteúdo aplicado, dando assim uma nova perspectiva ao ensino de Geografia. A esse respeito, Postuschka et al (2007) concluem que através de textos escritos, de cartografia, relevo, astronomia, climatologia, rochas, minerais e as demais linguagens, juntos aumentam para os alunos as oportunidades de entenderem o espaço geográfico e conseqüentemente fica mais fácil entender o mundo em que vivem.

O educador deve estar ciente que, se tratando da Geografia, podem ser utilizados inúmeros recursos didáticos e metodológicos, ou seja, fazendo uso das diferentes linguagens, entre eles a geografia em canção, cultural, dramatização, debates, exploração e outros métodos. Uma característica importante do mundo atual é o desenvolvimento das chamadas tecnologia da comunicação e da informação. Por um lado, esses avanços permitem simultaneidade, ou seja, torna possível “presenciar” fenômenos naturais, astronômicos, políticos, sociais e outros, mediante a isso o professor do ensino fundamental, médio e até mesmo universitário pode

usufruir de inúmeros meios tecnológicos para dinamizar suas aulas (CAVALCANTE, 2008, p.16).

A experiência pedagógica do professor, o domínio da linguagem, de conceitos, de procedimentos teóricos e a transposição da pesquisa acadêmica na prática escolar devem se aliar a um encontro pedagógico com os alunos, que estabeleça uma relação dialógica entre estes e os conteúdos, permitindo-lhes interação com o objeto cognoscível.

Posteriormente a aquisição, procedeu-se e confecção dos pluviômetros de PVC, onde iniciou-se com um furo de $\frac{1}{2}$ polegada na parte inferior da tampa de 100mm (Figura 2), utilizando-se uma furadeira e um instrumento denominado serra copo.

Figura 2: início da confecção do pluviômetro de PVC.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

Logo em seguida, efetuou-se os cortes de 50 centímetros de comprimento para cada pedaço do tubo de PVC, a ser destinado de reservatório hídrico do pluviômetro, já o próximo passo, realizou-se o processo de colagem das reduções em uma das extremidades do reservatório hídrico (Figura 3 e 4).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 3: cortes e colagem do pluviômetro de PVC.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

A próxima etapa dos trabalhos pautou-se em fixar os registros de esfera com os bicos de torneiras, onde ambos colados e rosqueados no corpo rígido do pluviômetro. Confeccionou-se 20 pluviômetros de PVC, cada instrumento possui uma área de captação de 144 km².



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 4: cortes e colagem do pluviômetro de PVC.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

Após o processo de confecção dos pluviômetros de PVC, realizou-se o teste de vazamento por 48 horas, para se ter confiabilidade e credibilidade de armazenamento de água no instrumento (Figura 5).

Segundo Castrogiovanni, (2003), há uma perspectiva de ação metodológica criativa que deve envolver a democratização no ato do aprender – o aluno também falar, o sentido da participação – a circularidade. Todavia isso não pode estar desconectado do rigor teórico metodológico e dos sentidos éticos da responsabilidade professor/aluno em todos os níveis de aprendizagem.

Para que se torne possível o processo de ensino-aprendizagem, necessário é que o docente, além de ter domínio de conteúdos, saiba relacioná-los ao contexto dos alunos. Torna-se relevante, portanto, que se utilizem metodologias que promovam maior atratividade aos discentes e possibilitem-nos maior facilidade em compreender conteúdos e aplicá-los em seu cotidiano, tendo em vista seu processo formativo (DAMIS, 2004).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 5 teste de vazamento do pluviômetro de PVC.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

As observações pluviométricas foram feitas com uma proveta graduada de 250 ml, convertida para 15mm (Figura 9), convertida obedecendo a seguinte fórmula:

$$H = 10 \frac{V}{S} \quad (1)$$

onde H é a lâmina de chuva (mm); V é o volume de chuva coletado (cm³ ou ml) e S é a área de captação da boca do pluviômetro (cm²). Teoricamente, este procedimento possui uma precisão similar ao obtido com o pluviômetro padrão “Ville de Paris”, que possui uma área de captação de 400 cm².



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 6 processos de colagem da graduação de 250ml para 15mm.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

Ainda na fase de montagem dos pluviômetros, procedeu-se a preparação dos mastros de madeira, onde cada um foi adaptado com um corte de 45° graus na parte superior para servir de suporte no momento de fixação do pluviômetro de PVC, a uma medida de 1,50 centímetros do solo.

Vale ressaltar que a correlação existente, do pluviômetro de PVC possui uma área de captação de (78cm²) e o padrão abrangendo (400cm²), este encontrado nas estações meteorológicas do INMET (Figura 7 e 8). As observações foram realizadas nos dois pluviômetros ao mesmo tempo, seguindo os horários determinados da estação meteorológica 10°DISME/INMET - (Organização Mundial de Meteorologia-OMM).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 7 processo de instalação pluviômetro de baixo custo na estação



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

O processo de comparação dos dados dos pluviômetros foi realizado dentro do recinto da Estação Meteorológica do INMET, onde coletado os dados pluviométricos de maneira simultânea. A correlação entre os dados do pluviômetro padrão e os dados do pluviômetro caseiro foi equacionado com a seguinte função: $y=0,9812x$, com $R^2= 0,9898$ (Figura 8).

Figura 8 processo de aferição e calibração do pluviômetro de baixo custo.





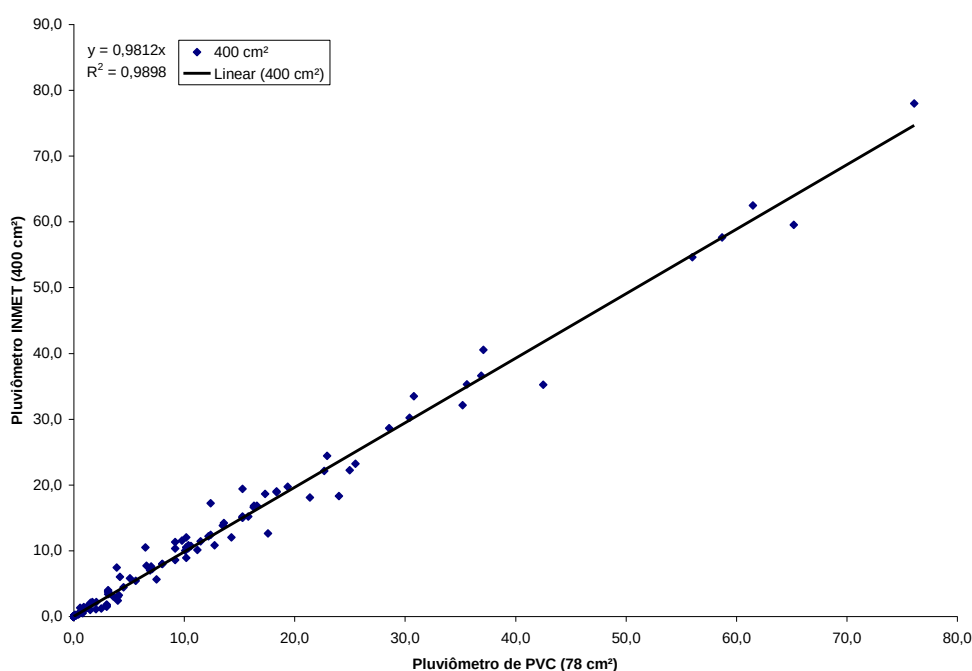
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).

Observando a figura 9 nota-se a dispersão estão próximos do modelo de (reta), sendo de a margem de erro do pluviômetro de PCV e de apenas 0,2% e mais de 98% para menos, então 0,9898 da precipitação registrada pelo pluviômetro padrão é também registrado pelo pluviômetro de PCV.

Figura 9 – comparação do pluviômetro de padrão e do pluviômetro de PVC



Organizador: Romário Rosa de Sousa, 2021.

Posteriormente a todo o processo de aferição dos pluviômetros de PVC, partiu-se para a instalação do miniabrigo de madeira no recinto da Escola Estadual Irmã Diva Pimentel. No interior do miniabrigo meteorológico colocou-se um Estação Meteorológica didática (Figura 10).

A montagem da mesma também foi a partir da aquisição dos materiais de baixo custo e a obtenção de sensores de baixo custo para medir temperatura, umidade relativa do ar e pressão atmosférica, a partir disso fez-se o *download* de um software gratuito que acione e faça a leitura



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

dos dados climáticos captados, quanto a coleta de dados da estação meteorológica Experimental, com os aparelhos e equipamentos meteorológicos oficiais em ambiente, ou seja, no interior de um abrigo meteorológico apropriado e de propriedade da INFRAERO/GNA - com sede no Aeroporto de Barra do Garças-MT e na sequência dos trabalhos realizou-se a comparação dos dados, análise e discussão dos dados aferidos.

Figura 10: Estação Meteorológica Experimental pronta para uso.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2014).

Para a montagem da estação meteorológica Experimental utilizou-se os seguintes recursos: um sensor DHT22 (sensor de umidade e temperatura) *este sensor pode ser adquirido pelo revendedor encontrado na home Page: “<http://playground.arduino.cc/Main/DHTLib>”*; um sensor BMP085 (pressão), *quanto a este equipamento pode ser adquirido no revendedor credenciado a comercializar pela home page: “<http://www.velki.com.br/produtos/pressao/transmissor-de-pressao/?gclid=CJupkpbg9cQCFdcRgQodxAYABQ>”*; um microprocessador atmega 328 k, *para a aquisição deste produto o mesmo pode ser adquirido no revendedor localizado na home Page “<http://pt.aliexpress.com/item/100-NEW-ATMEL-ATMEGA328-ATMEGA328P->*



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

MEGA328P-MCU-AVR-32K-FLASH-32TQFP-IC-ATMEGA328P-20AU-

30246/32251119703.html”; uma caixa de primeiros socorros medindo 22 x 16,5 centímetros, *por se tratar de um produto de plástico este poder encontrado nas lojas de magazine*; um display LCD de cristal líquido medindo 8,4 x 4 cm, *pode se adquirir este produto pelo revendedor encontrado na home Page “<http://display4.com.br/produtos/>”*; duas placas de PVC com de 2 milímetros de parede na cor branca, *este material pode ser adquirido em qualquer lojas de ferragistas*; um Jamper responsável pela luminosidade no display; um plugue chave liga e desliga, um cabo *flex* com a função de se conectar com o display ao microprocessador, *por se tratar de três produtos de eletrônica estes podem serem encontrados em lojas de consertos e revendas de equipamentos eletrônicos*; uma bateria de 9 volts, *este produto pode ser adquirida em mercearias, supermercados, mini-box, farmácias, lojas de conveniências*.

O software utilizado foi o *Arduino StandAlone 1.0.5*, sendo este um software livre, simplificado e compatível para realizar a leitura dos sensores já vem com funções pré-definidas também conhecida como “Biblioteca”, disponibilizado gratuitamente na *home page* <http://arduino.cc/en/Main/Software>. Vale ressaltar que o ambiente *open-source* Arduino facilita o processo de escrever e enviar o código à placa i / o. Este ambiente é executável em *Windows, Mac OS X e Linux*, sendo escrito em Java e baseado em Processing, avr-gcc e outros softwares de código aberto. Com isso os gastos com todos os equipamentos de baixo custo o valor aproximou-se de R\$: 100,00 (cem reais).

É importante ressaltarmos que os dados diário da estação meteorológica Experimental foram coletados a cada 50 (cinquenta) minutos, simultaneamente com a coleta dos dados oficiais INFRAERO/GNA.

Avaliaram-se os elementos meteorológicos temperatura, umidade relativa do ar e pressão atmosférica foram coletados no mesmo ambiente dentro do abrigo meteorológico, como parte integrante da estação convencional de propriedade INFRAERO/GNA, e a Estação Meteorológica Experimental de baixo custo como protótipo, ambas seguindo o padrão da Organização Meteorológica Mundial, os sensores se localizaram dentro de abrigo termométrico de venezianas duplas de madeira, o mesmo está a 1,5m de altura solo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com a Estação Meteorológica e um pluviômetro do tipo caseiro PVC já construídos, e instalados (Figura 11 e 12), o professor poderá utilizá-los de várias formas, para dinamizar as suas aulas e torná-las mais atraentes, ao mesmo tempo em que permite uma interação entre os alunos e ele mesmo.

Assim o professor poderá organizar uma escala de alunos para coletar os dados meteorológicos diariamente e criar um banco de dados, e posteriormente afixar os dados coletados pelos alunos em um mural da própria escola com forma de projeto e informação prestada a comunidade escolar e do bairro.

Figura 11: Estação Meteorológica.



Elaboração: Romário Rosa de Sousa (2021).

Para Ferretti (2009), existem inúmeras metodologias para serem utilizadas no estudo da Climatologia Geográfica. Percebe-se que, por meio do estudo do clima, os alunos se apropriam do conhecimento geográfico, a partir do qual adquirem um suporte intelectual que lhes possibilita a ampliação dos horizontes cognitivos. Desse modo, podem reconhecer criticamente a razão de ser e de estar neste mundo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A climatologia geográfica brasileira foi uma escola “criada” pelo professor Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. Este semeou o ritmo do clima no país e conferiu uma enorme contribuição para esse estudo no Brasil. Sua participação foi tão marcante na história da climatologia nacional que Zavattini (2001; 2004) destacou a sua influência no âmbito da geografia por meio da análise de dissertações e teses de mestrados e doutorados obtidos nos programas de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP) nos Campus de Rio Claro e Presidente Prudente, em que identificou três gerações de pesquisadores durante o período entre os anos de 1971 e 2000.

Após instalar o pluviômetro de PVC e o miniabrigo, realizou-se o treinamento com alunos e professores supervisores – bolsistas do Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID, do Curso de Graduação em Geografia do Campus Universitário do Araguaia – UFMT, onde os mesmos ficaram encarregados de coletar os dados hidroclimáticos e proceder com o atendimento dos estudantes da escola Estadual Irmão Diva Pimentel (Figura 13).

Figura 12: Estação Meteorológica.



Fonte: Romário Rosa de Sousa (2021).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Na atualidade a coleta de dados meteorológicos voltados para a pesquisa, ensino e aprendizagem, ainda tem sido utilizado em grande escala as estações meteorológicas convencionais especialmente as de propriedades do Instituto Nacional de Meteorologia/INMET, assim toda e qualquer iniciativa voltada para o ensino e aprendizagem e de suma importância (CONTI, 1990).

Figura 13: visita técnica explicações para os estudantes da escola.



Elaboração: Romário Rosa de Sousa (2015).

Neste contexto de acordo com Pereira et al (2008), no Brasil uma desativação da estação meteorológica convencional ainda não seria viável, devido ao elevado custo de manutenção que os equipamentos das estações meteorológicas automáticas, daí a necessidade de outras fontes de captação dos elementos e fatores climáticos de forma confiáveis. É neste sentido que a Estação Meteorológica de baixo custo vem de encontro como auxílio na coleta de dados, sejam eles utilizados por professores no ensino, aprendizagem ou por pesquisadores nas mais diversas necessidades a serem atendidas diante das investigações climáticas.

O mundo atual está sendo marcado pelo desenvolvimento célere da tecnologia das comunicações e da informação. Esses avanços permitem simultaneidade, ou seja, torna possível



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

“presenciar” fenômenos naturais, astronômicos, políticos, sociais e outros, o que possibilita ao professor do ensino fundamental, médio e até mesmo universitário usufruir de inúmeros meios tecnológicos para dinamizar suas aulas (CAVALCANTE, 2008).

Considerações finais

Assim, o educador pode fazer uso de um equipamento de baixo custo para acompanhar as variações climáticas diárias, mensais e anuais em qualquer recinto. Tem, com esse equipamento, a oportunidade de dinamizar suas aulas, a partir de uma metodologia diferenciada e envolvente.

A formação de alunos, como leitores críticos, é importante para romper com a manipulação ou dominação, fazendo com que os educandos se transformem em agentes pensadores do espaço. Entende-se que somente um leitor crítico será capaz de não se iludir com a representação visual, pois será capaz de compreendê-la dentro do processo de comunicação, que expressa a visão de mundo.

Diante da aferição e calibração realizada entre os sensores da Estação Meteorológica Experimental e da Estação Meteorológica INFRAERO/GNA, diagnosticou-se que a Estação Meteorológica Experimental de baixo custo apresenta resultados confiáveis, tendo grande aceitação devido o seu valor ser de baixo custo, em torno de R\$: 100,00 (cem reais) aproximadamente. Quanto ao pluviômetro de baixo custo foi em torno de R\$: 50,00 (cem reais). Os valores utilizados demonstram a grande viabilidade dos instrumentos didáticos e confiáveis para ser montados e instalados em um recinto escolar.

Vale ressaltar que o educador, ao fazer uma análise sobre Climatologia Geográfica escolar, deve fundamentar-se em critérios que auxiliem o entendimento do clima como fator significativo que influencia a produção do espaço geográfico. Atualmente, é imprescindível, por exemplo, que sejam incorporadas às práticas pedagógicas noções de “ritmo” e de “sucessão”, que transformam o clima em um atributo dinâmico.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Entende-se que toda forma didática de ensino e aprendizagem de climatologia geográfica e de suma importância na formação dos estudantes, para isso o docente deve lançar mão em alternativas e artefatos para a realização de suas aulas atrativas e interessantes.

Referências

- AMORIM, M. C. C. T. O clima urbano de Presidente Prudente-SP. São Paulo: USP/FFLCH, Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. 2000.
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. (Org). **Ensino de Geografia, práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação. 4ª ed., p. 85-136, 2008. 176 p
- CASTROGIOVANNI, A. C. O misterioso mundo que os mapas escondem. In: CASTROGIOVANNI, A. C.; CALLAI, H. C.; SCHAFFER, N. O. KAERCHER, N. A. (Org). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: Mediação. 4ª ed., p. 33-46, 2003. 200 p.
- CAVALCANTE, L. S. de. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papirus, 2008. 192 p.
- CONTI, J. B. O ensino da climatologia no 1º e 2º graus. **Revista orientação**. São Paulo: nº 8, Universidade de São Paulo/USP., p. 39-42, 1990.
- FERRETTI, E. **Geografia em ação**: práticas em climatologia. Curitiba: Aymará. 2009. 142p.
- DAMIS, O. T. Didática e ensino: relações e pressupostos. In: LOPES, A. O.; VEIGA, I. P. A. (Org.); **Repensando a didática**. Campinas: Papirus. 23ª ed., Rev. Atual. 2004. 160 p.
- GOIS, D. V.; MELO, F. P.; ARAÚJO, W. S.; SOUZA, R. M. Índices de vegetação e suscetibilidade à desertificação no município de Poço Redondo-Sergipe. In: III GeoAlagoas - Simpósio de geotecnologias e geoinformação no Estado de Alagoas. 17 e 18 de setembro de 2015. **Anais...** Alagoas. p. 1-7. 2015.
- LOMBARDO, M. A. Ilha de calor nas metrópoles o exemplo de São Paulo. São Paulo: Hucitec. 1985.
- MACHADO, F. L. V.; JARDIM, C. H. Indicadores climáticos de degradação ambiental em áreas urbanas: o aglomerado da Serra em Belo Horizonte/Brasil. In: SILVA, C. A.; FIALHO, E. S.; STEINKE, E. T. (Org.). **Experimentos em Climatologia Geográfica**. Dourados-MS: UFGD, 2014. p. 7 – 15.
- MARANDOLA JR, E. **Tangenciando a vulnerabilidade**. In: HOGAN, D. J. & MARANDOLA JR, E. (org.) Populações e mudanças climáticas: dimensões humanas das mudanças ambientais globais, CAMPINAS: NEPO/Unicamp; Brasília: UNFPA. p.: 29-52. 2009.
- MAZZINI, M. A. Construa sua própria estação meteorológica. **Revista de Ensino de Ciências**, Curitiba: nº 06 Julho, p. 44-56, 1982.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

MONTEIRO, C. A. F. **Teoria e Clima Urbano**. Série Teses e Monografias. Universidade de São Paulo: USP/Igeog, 1976, 25: 181 p.

MONTEIRO, C.A. F. de. Análise rítmica em climatologia problemas da atualidade climática em São Paulo e achegas para um programa de trabalho. São Paulo: IGEOG-USP. 1971. p. 01-20.

MONTEIRO, C. A. F.; MARKUS, E.; GOMES, K. M. F. Comparação da pluviosidade nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul nos invernos de 1957 e 1963. São Paulo: IGEOG-USP. 1971. p. 01-05

SEZERINO, M. L.; MONTEIRO, C. A. F. de. O campo térmico na cidade de Florianópolis primeiros experimentos. **Revista Geosul** departamento de Geociências-CCH. Florianópolis: UFSC. n 9, Ano v, Primeiro semestre, 1990. p. 20-59.

STEINKE, V. A.; STEINKE, E. T. Correlação entre umidade relativa do ar e parâmetros fisiográficos da paisagem do parque urbano olhos da água-Brasília-DF. In: SILVA, C. A.; FIALHO, E. S.; STEINKE, E. T. (Org). **Experimentos em Climatologia Geográfica**. Dourados: UFGD, 2014. p. 187-199.

SOUSA, R. R; SILVA, I. C. O; ASSUNÇÃO H. F; MARIANO, Z. F; GOMES N. F. A estação meteorológica como ferramenta para o ensino fundamental e médio, na cidade de Jataí – GO. In: Congresso Ibero-Americano de Extensão Universitária 8, v 2, Rio de Janeiro: 27 a 30 de novembro, **Anais...** Cd-rom. 2005.

PEREIRA, L. M. P.; CARAMORI, P. H.; RICCE, W. S.; CAVIGLIONE, J. H. Análise comparativa de dados meteorológicos obtidos por estação convencional e automática em Londrina – PR. **Semina: Ciências Agrárias**, Londrina, v. 29, n. 2, p. 299-306, abr./jun. 2008.

ZAVATTINI, J. A. O Paradigma do Ritmo na Climatologia Geográfica Brasileira (Teses e dissertações dos programas paulistas de pós-graduação – 1971-2000). Rio Claro: UNESP/IGCE, 2001. Tese (Livre-docência em Climatologia).

ZAVATTINI, J. A. **Estudos do Clima no Brasil**. Campinas: Alínea, 2004.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ANÁLISE SOBRE AS DESIGUALDADES REFORÇADAS NA EDUCAÇÃO EM CONTEXTOS PANDÊMICOS

Victoria Zaupa Montini²⁰

Resumo

O objetivo do presente texto é problematizar as desigualdades reforçadas na educação em tempos de pandemia. Tendo em vista a impossibilidade da realização de aulas presenciais, fora necessário repensar as estratégias de discussão do conteúdo, a fim de preservar as formas de democratização do acesso ao ensino e aprendizagem. No entanto, pensar em estratégias que sejam de fato efetivas, devido as situações acentuadas de desigualdades, faz com que se perceba os inúmeros desafios que vão desde a falta de acesso ao ensino proposto, até a questões estruturais. Com isso, quando falamos em pensar possibilidades de trilhar por esses caminhos, a fim de trazer uma proposta educacional efetiva, isso se faz de fato eficaz ou acaba somente favorecendo os já favorecidos e sucumbindo aqueles que estão em vulnerabilidade. Desta forma, para a construção do presente trabalho, foi feito um levantamento bibliográfico, organizado um roteiro de entrevistas, aplicado através de plataforma online para professores do ensino básico e superior, e por fim, a tabulação dessas devolutivas foi realizada por meio da análise do discurso do sujeito coletivo.

Palavras-chave: Pandemia, Educação, Democratização, Práticas Pedagógicas.

Introdução

O objetivo geral do presente trabalho é problematizar as desigualdades reforçadas na educação em tempos de pandemia, bem como as reformulações das práticas pedagógicas neste momento. Portanto, diante da premissa que qualquer quarentena sempre será discriminatória, partiremos da perspectiva daqueles que mais tem sofrido com as formas de dominação, sendo estes muitos coletivos sociais, como: as mulheres, os trabalhadores informais, negros, indígenas, moradores da periferia pobres da cidade, etc. Tendo citado estes, é preciso compreender quais são os pontos conflitantes que atingem tais grupos. A exemplo disso temos que:

20 3º ano do curso de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. victoria.zaupa@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As pandemias não matam tão indiscriminadamente quanto se julga. É evidente que são menos discriminatórias que outras violências cometidas na nossa sociedade contra trabalhadores empobrecidos, mulheres, trabalhadores precários, negros, indígenas, imigrantes, refugiados, sem abrigo, camponeses, idosos, etc. Mas discriminam tanto no que respeita à sua prevenção, como sua expansão e mitigação. (SANTOS, 2020. p. 23)

A partir disso, é preciso que se compreenda, a ligação dessas situações, com a atual conjuntura educacional em meio a uma pandemia, bem como, refletir sobre as novas formas de oferecimento do conteúdo, enfatizando quais foram as estratégias traçadas a fim de manter a democratização do ensino diante das adversidades e desigualdades reforçadas. Para isso, foi realizada uma revisão teórica sobre o tema, a fim de subsidiar a escrita; dado isso, fora organizado um questionário contendo sete questões aos professores do ensino básico e superior, residentes tanto no estado do Paraná quanto no estado de São Paulo, que foram contatados virtualmente, solicitando o auxílio para a pesquisa em questão. Portanto, o presente texto estará dividido em quatro partes, que se constitui desta introdução; uma breve discussão sobre as desigualdades na educação brasileira de maneira geral; uma análise sobre as desigualdades reforçadas na educação durante a pandemia e por fim, uma análise quali-quantitativa das entrevistas com os professores, baseada na análise do discurso do sujeito coletivo, com a finalidade de compreender quais foram as desigualdades reforçadas e também quais foram as reformulações pedagógicas necessárias para este momento atípico mundial.

Contudo, a presente pesquisa trabalha com questões atuais e como bem colocado, situada em um momento atípico, ao qual ainda que já se estenda um ano em meio a pandemia da Covid-19, muito ainda há de se produzir sobre o assunto, impossibilitando um maior levantamento bibliográfico sobre o tema. Ainda, é importante ressaltar que trabalhar com as desigualdades na educação em contextos pandêmicos, é trabalhar também com projeções futuras, uma vez que, muitos dos impactos ainda estarão por vir, ou seja, abre-se a partir destes escritos, muitas possibilidades de pesquisas a se seguir no futuro, pois ainda vivemos um momento pandêmico e não se tem a certeza do fim do mesmo e em especial dos seus verdadeiros impactos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desigualdades e Educação: breves reflexões

Pensar nas desigualdades na educação brasileira, nada mais é do que pensar nas desigualdades que acompanham o país desde seu início com a colonização. No entanto, é perceptível que o aumento se dá devido as políticas neoliberais que se expandem de maneira geral nos países latino americanos. Dessa forma, são os movimentos sociais que contribuem para uma reivindicação sobre a educação, a fim de que a mesma se democratize e consequentemente questione o próprio sistema capitalista que por sua vez, contribui para o acirramento das desigualdades, diante disso:

É necessário perceber que a pobreza nos cerca: ela persiste dentro das escolas, nos noticiários e em diversos estudos sociais. Nas salas de aula, essa realidade fica evidenciada pelos corpos famintos e empobrecidos de milhões de crianças e adolescentes que chegam às escolas, as quais são, em muitos casos, igualmente pobres. Devido a tão significativa presença, essa questão se tornou objeto de políticas públicas, como programas de “erradicação da pobreza”. Diante desse quadro, cabe a pergunta: de que forma nós, docentes e gestores (as) da educação, estamos implicados nesse contexto? (ARROYO, 2018. p.6)

As preocupações acima citadas, partem do princípio que as desigualdades sociais que estruturam a sociedade brasileira, tendo implicações diretas na educação. Como bem colocado por Arroyo (2018), tem-se que a escola, estando inserida neste meio, se vê questionada, sobre qual a participação dos docentes e gestores em meio a este contexto. De antemão, tem-se que o docente, uma vez inserido e com uma função social, tem como responsabilidade, não simplesmente persistir no pressionamento de políticas públicas que busquem a superação dessas desigualdades na educação, como também buscar que tais projetos, deixem de ser uma questão política de governo e passem a ser uma política de estado.

Para tanto, temos como coloca Arroyo (2010) os sistemas nacionais e internacionais de avaliação confrontam as desigualdades educativas entre escolas públicas e privadas, entre municípios, estados e nações, expondo que as avaliações das desigualdades educacionais medidas e quantificadas e expostas pela mídia, mostram a vergonha das diversidades de qualidade de nossa educação, evidenciando ainda que essas desigualdades são um das causas do nosso subdesenvolvimento nacional, regional social, político e econômico.

Arroyo (2010) ainda expõe que “Corrigir as desigualdades educacionais perpassa as justificativas de todas as políticas”. Ou seja, mostrar o pouco que se avançou, os retrocessos,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

quais os planejamentos e as intervenções necessárias no sistema escolar, e na formação docente para retificar as desigualdades no próximo decênio. O autor ainda expõe que o fantasma dessas desigualdades, perturbam os sonhos de uma república, democracia, justiça e equidade, elas seguem então, incômodas e persistentes em todos os pensamentos, do liberal ao progressista.

Diante disso, tem-se a partir de Castro (2009), que em países desenvolvidos, a educação faz parte de políticas sociais e compõem o sistema de promoção social diante da sua capacidade de ampliar as oportunidades para a população, bem como um elemento estratégico para o desenvolvimento econômico. No Brasil, por sua vez, ainda que se tenha avanços no acesso aos níveis e modalidades educacionais, a baixa escolaridade da população ainda persiste e as desigualdades permanecem, e a pauta de melhoria da universalização da educação básica e melhoria na qualidade educacional continua muito atual e pertinente.

Discussão do reforço das desigualdades educacionais durante a pandemia

Uma vez que se compreenda as discrepâncias sociais, como elas se desenvolveram durante a história, sua influência direta na educação e acima de tudo, os momentos que a mesma se mostra mais evidente, é importante compreender a partir de agora, como isso se intensificou durante a pandemia do Covid-19.

Temos então, uma situação de crise mundial causada pelo novo Coronavírus, impedindo que as aulas presenciais sejam realizadas, é diante disso que os alunos passam a ser fortemente afetados, principalmente aqueles aos quais já estavam inseridos em situação de intensa vulnerabilidade social. Portanto, sabemos que o momento atual pede reflexão, mas pede principalmente respostas urgentes para amenizar os impactos sociais e educacionais como por exemplo: Como será o rumo da educação brasileira em um cenário pós-pandêmico?

Para contextualizar e visualizar o tamanho do desafio, é importante pontuar:

No Brasil, 81,9% dos alunos da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. São cerca de 39 milhões de pessoas. No mundo, esse total soma 64,5% dos estudantes, o que, em números absolutos, representa mais de 1,2 bilhão de pessoas, segundo dados da UNESCO. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2020. p. 1)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ou seja, como previsto, as desigualdades foram afuniladas, a educação foi afetada e as práticas tiveram de ser reformuladas. Para isso, garantir a democratização do acesso nesse sistema, é um desafio a ser trabalhado. Importante refletir também que o ensino remoto, colocado como uma opção, escancara situações de desigualdades que já existiam. Para além de questões de acesso à tecnologia, que são fundamentais para o funcionamento de um ensino a distância, tem-se também outras questões que foram reforçadas neste momento de pandemia, envolvendo alguns coletivos sociais, como as mulheres, os trabalhadores informais, indígenas e entre outros.

Diante disso, como bem evidencia Santos (2020) as mulheres, nesse momento, que predominam nas profissões como enfermagem ou assistência social, como também no cuidado de doentes e idosos, não garantem sua quarentena a fim de garantir a dos outros, ou seja, estão em trabalhos considerados linha de frente no combate ao Corona vírus. Ainda, tem-se que a violência doméstica também aumentou durante a pandemia, pois as mulheres foram obrigadas a um maior convívio com seu agressor, segundo os dados organizados por Brasil (2020a), os casos de feminicídios entre os meses iniciais de março e abril, aumentaram em 5% em relação ao igual período de 2019. Somente nesses dois meses, 195 mulheres foram assassinadas. Ainda, entre os 20 estados brasileiros, que liberaram os dados para Secretaria de Segurança Pública, 9 estados registraram juntos um aumento de 54% de casos de feminicídios, outros 9 estados tiveram queda de 34% e 2 estados brasileiros mantiveram o mesmo índice. Brasil (2020a) ainda apresenta a fala da superintendente geral do Instituto Maria da Penha, Conceição de Andrade, dizendo que “A violência doméstica não diminuiu, está ainda mais privada do que nunca, a mulher que vive com um agressor já vivia isolada, agora é praticamente em cárcere privado”

Os trabalhadores informais, sempre foram os maiores alvos dos ataques neoliberais, juntamente com o processo de “Uberização” do trabalho e a consequente precarização dessas relações, o isolamento para eles não é uma opção, são neste momento obrigados a escolher entre ganhar o pão diário, ou passar fome em casa. Diante disso, tem-se que segundo dados organizados por Campos (2020) analisando a publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, 41,1% dos brasileiros que trabalham, estão na informalidade, sendo este o maior patamar desde 2016.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com o avanço da extrema direita e seus ataques diretos às leis de proteção aos povos indígenas, e ao desmantelamento das instituições que os suportavam, passam a sofrer com a intensificação da invasão madeireira. Sendo também infectados por esses invasores, tudo isso agrava ainda mais a situação de vulnerabilidade dos indígenas. De acordo com Valverde (2020) a Covid-19 impõe muitos desafios às comunidades indígenas, às autoridades e a toda a sociedade para promover a proteção dessa população contra a doença, ainda expondo que um terço da população indígena reside em municípios com alto risco para a pandemia considerando a exposição geográfica.

Adiante, segundo dados da ONU Habitat (O Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos) organizados por Santos (2020), expõe que 1.6 milhões de pessoas não possuem habitações adequadas e 25% da população vive em bairros sem condições de saneamento básico, com escassez de água. Ou seja, vivem em espaços vulneráveis, onde a aglomeração é inevitável, gerando o que Santos (2020) chama de “habitar a cidade, sem direito à cidade”, uma vez que vivem em espaços desurbанизados e não possuem acesso às condições urbanas pressupostas pelo direito à cidade. Logo, diante dos dados, é possível perceber os números expressivos de pessoas sem habitações adequadas e condições precárias de acesso a saneamento básico, são situações graves e se tornam mais sérias em meio a crise sanitária reforçada com a Covid-19.

Ainda temos que, de acordo com dados organizados por Sousa (2020), analisando os dados do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), expõe que 4,3 milhões de alunos não brancos (negros, pardos e indígenas) na rede pública ficaram sem atividade escolar em casa durante a pandemia, já entre os estudantes brancos, o número foi 1,5 milhões sem atividade, ou seja, as crianças brancas foram as menos prejudicadas com o processo de educação remota.

Os dados apresentados, são capazes de subsidiar um entendimento de como as realidades brasileiras tem se manifestado durante a pandemia, bem como, compreender de que forma essas situações respingam no ensino remoto, uma vez que diante de condições precárias o aproveitamento dos educandos não se faz de maneira eficaz, causando uma falha neste sistema de ensino proposto, devido à essas adversidades trazidas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com isso, a necessidade de maior investimento em políticas para a educação se faz presente, visando o aprimoramento da estrutura educacional, a fim de reduzir os impactos desiguais futuros, uma vez que:

A situação gerada pelo COVID-19 evidenciou questões já existentes no ensino presencial, agravou estas situações, e, ainda, antecipou outras, demonstrando a necessidade urgente de investimento massivo, em estrutura física e pessoal, para que possamos honrar o que determina nossa Constituição. (VIEIRA; RICCI, 2020. p. 4)

Portanto, tais perspectivas futuras, prevê um cenário pouco esperançoso para o meio educacional, evidenciando a necessidade de ampliação dos investimentos, que já deveriam existir anterior a pandemia da Covid-19, imprescindível para assegurar a qualidade do ensino.

Análise dos questionários aplicados aos professores sobre a reformulação de suas práticas pedagógicas em tempos de educação em contextos pandêmicos.

A partir das discussões levantadas, seguiremos neste momento, para uma outra parte constituinte deste presente artigo, que diz respeito as respostas obtidas nos questionários a fim de buscar compreender como de fato se desenvolveu o processo da educação no modelo remoto, bem como também valorizar a fala de professores tanto do ensino fundamental e médio, como do superior, visando ter um panorama geral da problemática.

Para isso, foi aplicado aos docentes, um questionário online, no período de dezembro e janeiro de 2020/2021, constituído por 7 questões, que permeiam assuntos sobre a frequência dos alunos nas aulas remotas; quais os motivos que os impediram de participar; quais as medidas que a escola tomou a fim de manter a permanência; quais as reformulações pedagógicas para adequar ao ensino remoto; como também, quais as expectativas e planejamento futuros para um contexto pós pandêmico; qual a opinião profissional sobre a eficácia do ensino remoto e por fim, procurar entender se as práticas pedagógicas tiveram um foco especial, objetivando amenizar os impactos das desigualdades que a pandemia provocou. Contabilizando ao final, a resposta de 14 professores, tanto da rede básica, quanto do ensino superior que estão localizados em dois estados, sendo estes Paraná e São Paulo.

Tendo este cenário, a análise não se baseia somente em índices quantitativos, passa também por análises qualitativas, pois ainda que se esteja trabalhando com uma quantidade de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

expressões de um coletivo, o discurso ainda se faz como uma variável qualitativa. Desta maneira, a metodologia de tabulação e organização utilizada para compreensão e síntese destas respostas, foi a análise do discurso do sujeito coletivo, que visa então, a possibilidade de expressar o pensamento coletivo, ou seja:

Um sujeito coletivo, no DSC, vem se constituindo numa tentativa de reconstituir um sujeito coletivo que, enquanto pessoa coletiva, esteja, ao mesmo tempo, falando como se fosse indivíduo, isto é, como um sujeito de discurso “natural”, mas veiculando uma representação com conteúdo ampliado. (LEFEVRE; LEFEVRE, 2006. p. 519)

Com isso, busca-se encontrar nas respostas dos professores, uma essência, ou como expõe Lefevre e Lefevre (2006) “uma expressão-chave”, que são as ideias centrais e que se convergem entre si, causando de fato o ponto central entre as opiniões.

Diante disso, inicia-se com uma questão relacionada a frequência total dos alunos no ensino remoto, para tal questão, como bem citado, houve 14 respostas, que podem ser separadas em dois grupos: o primeiro grupo, contendo dez respostas “não”, e o outro grupo, constituído por quatro respostas que variaram entre: “Parcialmente”; “sim” e “90%”. Neste caso, a análise se faz de forma mais simples, uma vez que os entrevistados foram específicos e diretos, evidenciando o primeiro grupo composto por 10 sujeitos: que não houve frequência total. E o segundo grupo, composto por quatro sujeitos, ao qual, dois sujeitos afirmaram ter a participação total e dois sujeitos, afirmando a participação parcial dos alunos. Possibilitando neste momento inicial, sentir o cenário ao qual estamos nos inserindo, que diz respeito à não participação total dos estudantes na maioria das respostas dos professores entrevistados. Neste momento, é possível perceber que assim como coloca Brasil (2020b) a pandemia aliada ao vírus da desigualdade, provoca um *tsunami* ao qual as primeiras ondas puderam ser percebidas desde o início do isolamento social: enquanto escolas privadas e algumas redes públicas conseguiram organizar rapidamente a oferta do ensino remoto, grande parte dos alunos brasileiros ficaram em casa sem a presença da escola por um longo período.

Em outro momento, a segunda pergunta os questionava sobre aqueles que não estão conseguindo acessar e quais os motivos que levam a não participação. Houve semelhanças em 14 respostas, todas relatavam: A falta de acesso à internet e desinteresse de pais e alunos. A exemplo, apresenta-se resposta de três sujeitos para elucidar:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sujeito 2 – “Falta de: recursos tecnológicos, estrutura familiar e até a falta de interesse e empenho por parte da família”

Sujeito 3 – “Pouco acesso à tecnologia, rotina de estudos, comprometimento, desinteresse, etc.”

Sujeito 8 – “ Vários. Desde dificuldades dos pais em ajudar até problemas tecnológicos, como falta de computadores bons”.

Diante dos relatos acima, podemos ver nitidamente a essência nas respostas, girando em torno da falta de acesso à tecnologia, como também o apoio e preparo dos pais para dar apoio pedagógico aos filhos. Sendo assim, o acesso à internet no Brasil se faz deficitário, tem-se a partir de Brasil (2020b) que a existência de recursos tecnológicos dos domicílios rapidamente se mostra um fator de exclusão, pois diante dos dados sobre o acesso a equipamentos de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) mostram que 99% dos domicílios da classe A possui acesso à internet, item disponível apenas a 40% das casas das classes D e E. Logo, a proposta do ensino remoto se torna excludente, uma vez que não atinge a totalidade dos estudantes. Para além disso, temos que os pais neste momento, também são fortemente afetados, com o aumento do desemprego, o aumento da carga horária do trabalho, tudo isso, culmina na falência deste sistema, como também reafirma as discrepâncias sociais.

A seguir, apresenta-se a terceira questão, sobre quais as medidas que a escola tomou para manter o acesso e permanência de todos/as estudantes no ensino remoto. Para análise, como citado, é utilizado o discurso do sujeito coletivo. Com isso, a Realização de busca ativa através de ligações; Contato com os pais e entrega de material impresso. Foram as respostas mais citadas. Como pode-se perceber na fala desses três sujeitos abaixo:

Sujeito 1 – “A escola e nós professores mantínhamos contato com os pais através de mensagens e ligações. Para aqueles que não tinham como receber as atividades on-line, era disponibilizada as atividades impressas”.

Sujeito 2 – “Busca ativa, telefonemas com propostas de ajuda”.

Sujeito 5 – “Entrando em contato com alunos, pais, oferecendo atividades impressas”.

Nota-se a partir das respostas, que de fato, a categoria de resposta está direcionada a busca dos professores de compreender a situação do aluno, através de ligações, bem como também o fornecimento de material impresso. Diante disso, é perceptível que um sistema que nunca houve na história, que é o ensino remoto, muito tem-se a aprender sobre, é possível



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

perceber nas respostas um grande empenho dos professores, como também dos colégios para manter a permanência estudantil no sistema educacional, contudo, percebe-se que os problemas estruturais aos quais estamos inseridos, muitas vezes são mais fortes que os próprios esforços dos docentes. Tais atitudes são valiosas, uma vez que de acordo com Brasil (2020b), a partir de diferentes pesquisas internacionais, feitas após situações de catástrofes e epidemias, o Instituto Sonho Grande divulgou em junho de 2020 informações que permitem visualizar a gravidade desse impacto, uma vez que conforme as crianças deixem a escola durante momentos de crises, a probabilidade é 30% menor de continuarem os estudos. Ou seja, mostra-se a importância de manter a busca ativa com os alunos, para que não deixem de frequentar as aulas.

Seguindo para a quarta questão, direciona-se as práticas pedagógicas, questionando, então: Quais foram as reformulações necessárias para adequar ao ensino remoto? Para tal, segue-se o DSC (Discurso do sujeito coletivo) onde, encontra-se novamente uma essência em todas as 14 respostas, onde os professores recorrem sempre a uma maior utilização das tecnologias e o fornecimento de atividades mais lúdicas. A seguir, exemplos de respostas de alguns sujeitos, a fim de reforçar a constatação;

Sujeito 12 – “Tivemos que aprender a usar recursos tecnológicos que não faziam parte de nossa realidade (como gravar aulas, por exemplo), bem como disponibilizar vídeos do Youtube para garantir aos alunos uma explicação mais rica e lúdica. O contato com os pais pelo WhatsApp também não era uma prática comum, porém passou a ser a principal estratégia para alcançarmos os alunos”.

Sujeito 14 – “Participação do professor em cursos e lives, e atividades realizadas junto aos alunos em aulas via Google Meet, jogos geográficos online, atividades no Google Formulários e outras ferramentas disponíveis do Google”.

Sujeito 1 – “O conteúdo foi adaptado e as atividades enviadas era de forma mais lúdica para que os pais pudessem ensinar os filhos”.

Sujeito 5 – “Aulas online, uso de plataformas adequadas como o Classroom. Atividades mais autoexplicativas e simplificadas”.

Considerando os relatos acima muito importantes para compreender as reformulações pedagógicas, as falas tornam perceptível as mudanças necessárias para atender ao ensino remoto, sendo notável a intensificação do uso da tecnologia. Diante disso, como bem colocado por Vieira e Ricci (2020), a paralisação compulsória inevitavelmente trouxe ao debate educacional, o uso das tecnologias educacionais para as atividades não presenciais, os autores



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ainda evidenciam que foi demandado dos docentes a capacidade de experimentar, inovar, sistematizar esse conhecimento como também avaliar o processo de aprendizagem, fazendo o melhor uso possível dessas ferramentas que até o momento eram desconhecidas.

Ainda, é notável a partir da leitura de Rondini; Pedro e Duarte (2020), quando evidenciam que os professores precisaram adaptar suas aulas sem preparação para isso, ou com uma preparação superficial, também com um caráter emergencial, pois como é sabido, durante todo o histórico da formação docente, nunca se preparou os professores para um ensino totalmente remoto. Com isso, é perceptível a necessidade da preparação destes professores, a fim de garantir uma mínima qualidade das aulas em ambiente virtual de aprendizagem. Ademais, outro ponto ressaltado na fala dos sujeitos, trata-se das atividades mais lúdicas, a fim de permitir que o aluno se sinta motivado para aprender o conteúdo ministrado.

É perceptível durante esses meses em pandemia, que o ensino remoto se torna extremamente exaustivo para todas as partes, diante desse fato, docentes reformularam suas estratégias visando amenizar a exaustão, proporcionando atividades mais como também no reconhecimento da falta de técnica necessária dos pais no subsídio das atividades, pois:

Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola. (DIAS; PINTO, 2020.)

Adiante, a quinta questão para os professores, os questiona sobre quais as expectativas e planejamentos futuros, para reparar as desigualdades reforçadas durante a pandemia, em um contexto pós-pandêmico? Nesta, obteve-se uma categoria de resposta em torno de questões como: Retomada de conteúdo e reforço dos assuntos mais relevantes. Para elucidar, novamente a fala dos professores:

Sujeito 10 – “ Após a realização de atividades diagnosticas, planejar ações e atividade que retomem e reforcem os conteúdos de 2020 e posteriormente continuar desenvolvendo as habilidades esperadas”.

Sujeito 11 – “Reforço escolar e tentar manter o ensino híbrido no pós-pandemia”.

Sujeito 5 – “ Muita retomada de conteúdo, sempre que necessário. Maior uso das plataformas digitais, principalmente de jogos, para motivar e atrair os alunos para os estudos”.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ou seja, os professores através de suas falas, explicitam que o ensino remoto, ainda que seja uma única solução no momento, não se faz de maneira integralmente eficiente, uma vez que o conteúdo deverá ser retomado e para além disso, expõem a necessidade de um possível reforço escolar, evidenciando que este modelo de ensino, se faz como uma medida paliativa, não como forma de educação adequada.

Ainda nesta mesma questão, expõe-se a fala pertinente do sujeito 4, ressaltando que: “De fato, há muita coisa para planejar. O cenário de crise é instável e, infelizmente, os próximos passos não estão totalmente elucidados. É preciso cautela, mas também um olhar atento para os novos desafios que incluem a adoção de um modelo de ensino híbrido, a adaptação aos protocolos de saúde e a criação de um sistema de gerenciamento de crise”. Ou seja, um importante ponto levantado nessa fala, primeiro se diz sobre as incertezas futuras, pois, muitas coisas ainda estão por vir, muitas respostas seguirão abertas, mas o que sabemos e devemos nos ater se diz sobre o planejamento de adaptação de protocolos de saúde para que se possibilite esse possível ensino híbrido. Como também evidencia Brasil (2020b), se a pandemia trouxe um ponto de interrogação para os países, deixou também expressa a ideia de que o futuro é uma construção humana, que deve ser alicerçada em fatos e conhecimento científico, como também em novos contratos sociais, onde a educação precisa ser considerada pela humanidade como um bem comum.

Tratando neste momento da penúltima pergunta, foi perceptível uma divisão de opiniões, divididos, portanto em dois grupos, ao qual para cada um houve uma categoria de resposta. Com isso, a pergunta era se o professor/a acredita que o ensino remoto, depois de mais de seis meses de funcionamento, seja eficaz e porquê.

O primeiro grupo selecionado, respondeu que “não” seguida de explicações como:

Sujeito 5 – “Não. Primeiro que não temos histórico nesse formato de trabalho. Depois, os alunos, não tem a cobrança “a altura”, seja dos pais ou dos professores. Não somos (prefiro usar no coletivo para não culpar os alunos) disciplinados ao ponto de cumprir as nossas obrigações quando não somos acompanhados por alguém”.

Sujeito 9 – “ Não. Apesar dos recursos diferenciados audiovisuais, os alunos demonstraram cansaço nas últimas semanas bem como a família em manter a rotina de estudos”.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sujeito 7 – “Não. Tive a experiência de ver minha filha no EaD e pude observar que teve muitas dificuldades. O professor nunca vai ser substituído por tecnologia. A presença, o calor humano a discussão calorosa olhando o rosto dos estudantes, nada disso acontece com o ensino remoto”.

As questões levantadas acima, são de grande valor, uma vez que expõem as fragilidades do ensino remoto, com ênfase especial para o sujeito 5, que se preocupa além dessas questões, não culpar os alunos, de forma que possa se compreender o momento e principalmente toda a conjuntura histórica e política a qual estamos inseridos, pois como bem colocado, não há evidências deste formato durante a história e muito menos estávamos preparados para tal.

Adiante, temos então um outro grupo de sujeitos que tem uma visão mais positiva quanto ao ensino remoto, ressaltando em especial que: funcionou para aqueles com acompanhamento familiar e ainda pontuam que nada pode substituir o professor. A seguir, alguns exemplos dessas falas:

Sujeito 1 – “Sim, ele foi eficaz para aqueles alunos em que a família participou efetivamente, como foi o caso da minha sala e para aqueles alunos que já tinham autonomia e se dedicaram aos estudos”

Sujeito 4 – “Nada substitui um professor na sala de aula, mas se houver empenho, dedicação e disciplina pode se ter grandes avanços”.

Sujeito 13 – “Acredito que diante da atual situação que vivemos, o ensino remoto tem sido eficaz para aqueles que tem as condições básicas de acompanhá-lo: boa internet, um ambiente organizado de estudo e que tenha tempo de se dedicar para as leituras e realização das atividades”.

O grupo em questão, traz essas concepções positivas como resposta para a efetividade do ensino remoto, no entanto, é importante notar que, ainda que se coloque o ensino como funcional, o que se levanta como discussão neste artigo, envolve a questão: funcionou para quem? A quem este sistema está a serviço? Acredita-se ser inocentes, opiniões de que o sistema funcionou, sendo importante pontuar que funcionou somente para aqueles que possuem o acesso. Portanto, a ponderação a ser feita neste momento e também futuramente quando houver mais estudos sobre os impactos da educação remota: a quem beneficiada e que tipo de privilégios foram reforçados. Então é possível perceber os pontos positivos e negativos dessa forma de ensino.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Analisando as falas dos sujeitos acima, diante do questionamento sobre a efetividade do ensino remoto, nos remete a fala de Vieira e Ricci (2020) quando expõem que o alcance e a manutenção do engajamento dos estudantes durante o regime especial de atividades, bem como a utilização correta das plataformas digitais a fim de um alcance de aprendizagem significativa, quebra o mito de que os estudantes dessa geração dominam com destreza qualquer tipo de tecnologia, para além disso, também evidencia que não temos angariado êxito na tarefa de preparar os alunos para serem aprendizes e estabeleçam uma relação investigativa com o conhecimento, tampouco para que usem as tecnologias com esta finalidade.

Finalizando a análise das questões, a última busca refletir sobre as práticas pedagógicas dos professores, se ela teve um foco especial, com objetivo de amenizar os impactos do reforço das desigualdades que a pandemia provocou. Para tal, diferentemente da anterior, há apenas um grupo, ao qual a categoria de resposta envolveu: Busca de conteúdos mais simples e adaptação para o ensino remoto. Para verificar, expõe-se exemplos de fala:

Sujeito 5 – “De amenizar, dentro do possível, sim, o foco foi mais prorrogar para o próximo ano, na tentativa de amenizar o prejuízo intelectual que se acentuou em 2020”.

Sujeito 1 – “ Sim, trabalhei com os alunos de forma remota o que era necessário que eles aprendessem para que pudessem dar prosseguimento aos estudos este ano”.

Sujeito 9 – “ Acredito que sim. Em todas as atividades propostas eu sempre pensei em todas as dificuldades que meu aluno poderia enfrentar para desenvolve-las e busquei adequar essas atividades de forma que meus alunos não encontrassem tantos obstáculos para desenvolve-las”.

De acordo com essas respostas, pode-se concluir então que as estratégias utilizadas para adequação dos alunos se deu em relação à adequação do conteúdo, como também na compreensão das dificuldades mostradas por eles. Ainda, é possível refletir sobre as lacunas que essas adequações podem abrir, no sentido da não rigorosidade metodológica, uma vez que esse pode ser o maior paradoxo do docente, pois de um lado, se vê em uma situação atípica ao qual se pede adaptação e compreensão, já por outro lado, é importante que se mantenha a qualidade do ensino, para que o ensino e a formação dos discentes não seja totalmente afetada.

Ainda, destaca-se o sujeito 4 desta mesma questão, levantando pontos importantes como: “ Procuramos sempre atingir todo nosso alunado, para que haja o desenvolvimento



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

integral de todos os alunos. Confesso que não é uma tarefa fácil, pois a pandemia deixou esses impactos muito mais visíveis, porém isso não depende só da escola, é necessário políticas públicas voltada a esse impacto”. É com essa fala, que encerra-se as discussões da entrevista, uma vez que a mesma, sintetiza de maneira adequada o objetivo do presente artigo, como também, explicita sobre a necessidade de se pensar em políticas públicas educacionais pós pandemia, como confirma Brasil (2020b), diante deste cenário, e em particular neste contexto social, político e econômico brasileiro, mais do que nunca, boas decisões de governantes, boas políticas, boas estratégias de ação, emergenciais ou de longo prazo, precisam ser tomadas com base em evidências científica, em pesquisa, avaliação e conhecimento, pois sem esses pontos, não há formas de enfrentamento dos deságios futuros.

Considerações Finais

Portanto, reforço através das considerações finais, a importância das discussões acima, ainda as colocando como inacabadas, uma vez que a pandemia da Covid-19 também não teve um fim, e principalmente, por estar problematizando situações que muito ainda se tem a acontecer, uma vez que as circunstâncias aqui tratadas, podem ainda se modificar, ou seja, muitos dos impactos, ainda estão por vir.

Ainda, espera-se que os conteúdos deste artigo, tenham sido explicativos e possam contribuir para um melhor entendimento sobre como a educação foi afetada durante a pandemia, bem como compreender como se desenrolou o processo das práticas pedagógicas neste momento, ao qual foi colocado como objetivo geral deste trabalho e considerando as situações que foram escancaradas a partir disso.

Ademais, as reflexões acerca do tema, foram evidenciadas nas entrevistas e respostas obtidas, gerando discussões que subsidiam os argumentos sobre a temática. A exemplo disso, tivemos a possibilidade de perceber através das respostas de professores, situações vividas por eles, nos trazendo dessa maneira, uma percepção a mais e neste momento, especializada, ao passo que foram respondidas por profissionais que atuaram no ensino remoto, ou seja, valorizar essas falas, é também uma maneira de validar a voz daqueles que vivenciam de fato uma situação, a qual merece toda atenção e amparo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com isso, pode-se perceber que muito ainda se tem a pesquisar sobre o tema, de maneira que este trabalho, apesar de trazer concepções relevantes, o mesmo ainda está sendo realizado durante a pandemia, diante disso, fica evidente a possibilidade de estudos que surgem a partir daqui, uma vez que, como citado, as desigualdades aqui ressaltadas, e as situações tratadas, tendem a se acentuarem em um cenário pós pandêmico, tendo isso, será necessário produzir mais pesquisas sobre o tema, a fim de acompanhar essas situações, como também, permanecer na luta para que as iniquidades geradas sejam corrigidas e combatidas por via de políticas públicas pós pandemia, garantindo sua qualidade, efetividade e acima de tudo, e especial seu papel como um mecanismo de modificação social.

Referências

- ARROYO, Miguel G. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. **Revista Educação e Sociedade**. Campina, v.31, n.113, p.1381-1416, out-dez.2010.
- ARROYO, Miguel G. Módulo Introdutório: **Pobreza, desigualdade e educação**. MEC: Secadi, 2018. Disponível em: <<http://egpbf.mec.gov.br/modulos/pdf/intro.pdf>>. Acesso em: Janeiro de 2021.
- BRASIL, K. et al. “Um vírus e duas guerras: Mulheres enfrentam em casa a violência doméstica e a pandemia da Covid-19”. Portal Eletrônico PONTE [18/06/2020]. Disponível em: <https://ponte.org/mulheres-enfrentam-em-casa-a-violencia-domestica-e-a-pandemia-da-covid-19/>. Acesso em: 14/09/ 2020a.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Anuário Brasileiro de Educação Básica 2020**. Ministério da Educação. Brasília: 2020b.
- CAMPOS, Ana Cristina. IBGE: Informalidade atinge 41,6 dos trabalhadores no país em 2019. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-11/ibge-informalidade-atinge-416-dos-trabalhadores-no-pais-em-2019#:~:text=A%20informalidade%20no%20mercado%20de,aquelas%20com%20ensino%20superior%20completo.>
- CASTRO, Jorge Abrahão. Evolução e desigualdade na educação brasileira. **Educação e Sociedade**. Campinas. v. 30. n.108. p. 673-697. Out. 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/es/v30n108/a0330108.pdf>>
- DIAS, Erika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. A Educação e a Covid-19. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro. v. 28. n. 108. p. 545-554. julho/setembro 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362020000300545 Acesso em: Dezembro de 2020.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Educação Escolar em tempos de Pandemia. 2020**. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2020/06/educacao-pandemia-a4_16-06_final.pdf Acesso em: Dezembro de 2020



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

LEFEVRE, Fernando. LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. O sujeito coletivo que fala. **Interface- Comunicação, saúde, educação**. Botucatu. vol.10, n.20. p.517-524. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1414-32832006000200017&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: Janeiro de 2021.

RONDINI, Carina Alexandra. PEDRO, Ketilin Mayra. DUARTE, Claudia dos Santos. **Interfaces Científicas - Educação**. Aracajú. v. 10. n.1. p.42-57. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v10n1p41-57>

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Editora Almedina, Coimbra. Abril, 2020.

SOUSA, Viviane. **Número de estudantes negros, pardos e indígenas sem atividade escolar durante a pandemia é quase o triplo que de brancos**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml> Acesso em: Dezembro de 2020.

VALVERDE, Ricardo. **Relatório avalia disseminação da Covid-19 entre indígenas**. Agência Fiocruz de Notícias, 2020. Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/noticia/relatorio-avalia-disseminacao-da-covid-19-entre-indigenas#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20mostra%20que%2C%20na,baixo%20risco%20\(%3C%2025%25\)](https://portal.fiocruz.br/noticia/relatorio-avalia-disseminacao-da-covid-19-entre-indigenas#:~:text=O%20relat%C3%B3rio%20mostra%20que%2C%20na,baixo%20risco%20(%3C%2025%25))

VIEIRA, Leticia; RICCI, Maike C.C. A Educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. **OEMES**. Santa Catarina. Abril/2020. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL___Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf Acesso em: Dezembro de 2020



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NO BRASIL E SUAS PRINCIPAIS DIFICULDADES

21Ana Claudia Colling Fontana

22Elizabete Ferrer Corso da Silva

Resumo

A Geografia foi considerada irrelevante e dispensável, pois só era usada por navegantes e conquistadores. Com o tempo englobou diversas vertentes, que a tornou uma ciência que estuda o espaço geográfico e a relação entre a sociedade e o meio. O presente trabalho objetivou abordar algumas adversidades do ensino da Geografia nas escolas, evidenciar seus desempenhos e sugerir metodologias apropriadas para promover ao aluno um ambiente crítico e intelectual com liberdade de expressão. Atualmente, as ciências geográficas contam com novos recursos tecnológicos e digitais, que possibilitam diversos canais de comunicação e de interação entre alunos e professores, que poderiam concorrer com uma melhora no desempenho escolar, já que possibilita maior interatividade dentro e fora das salas de aula. Porém, os professores se depararam com realidades aquém das esperadas, pois encontram muitas vezes escolas sucateadas com recursos escassos, alunos desmotivados pelas dificuldades, e, políticas internas que dificultam os conteúdos a partir do conhecimento acadêmico que o docente traz. Contudo, criar meios para realizar a tarefa do ensino da Geografia é necessária e desafiadora, e o seu caminho requer persistência e o envolvimento dos setores públicos, da sociedade, dos dirigentes, das escolas e dos professores.

Palavras-chave: Tecnologia de ensino. Ensino tradicional. Nova geografia escolar.

Introdução

Dentro do ensino é possível considerar que fatos exógenos causem repercussões diretas no meio educacional. Variações políticas, como a passagem de um período de regime militar para um democrático, podem alcançar métodos de aprendizagem distintos, uma vez que os colégios acompanham as coerências governamentais. Pois, as verossimilhanças são temporais, o que acaba produzindo um tipo de efeito dominó, onde um setor é influenciado pelo outro.

21 Licenciatura em Geografia. Graduanda da 3ª série, Geografia, UEL. ana.claudia.colling@uel.br

22 Licenciatura em Geografia. Graduanda da 3ª série, Geografia, UEL. beteferrer.corso@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A Geografia é uma ciência que foi possivelmente considerada por alguns como monótona, dispensável e decorativa, porém a partir de uma metodologia de ensino adequada isso pode ser modificado.

Existem agentes endógenos específicos que instigam a didática. Cada instituto de ensino tem os seus docentes e os atributos para exercer suas atividades distintamente. Mesmo em uma instituição de ensino público municipal são expostas desigualdades umas em relação às outras. Essas desigualdades encarregadas por uma condição superior ou inferior de ensino. Desta forma, a função exercida pelo educador, a forma em que o instituto se metodiza e a disponibilidade de recursos são os agentes significativos e enfatizadores dentro do processo.

O vínculo do discente com o docente, a metodologia aplicada na didática, a ligação do conhecer com o conhecimento e a maneira em que o docente enfrenta com os discentes as variáveis educacionais acabam provocando efeitos diversos. Assim, um bom educador consegue impulsionar o interesse e a engenhosidade de seu aluno, preparando-o para que este se interesse pela disciplina. Porém, um professor desvalorizado, desmotivado e desnorteado pode tornar essa ciência pouco curiosa ao estudante.

A partir da problemática do ensino de Geografia nas escolas, o presente trabalho se apoiou na abordagem de alguns temas, a partir de assuntos sobre o ensino tradicional da geografia e também sobre a nova geografia escolar. A ciência geográfica e o ensino da geografia nas escolas também foram relevantes abordar para por fim levantar o assunto sobre adversidades com as quais os docentes se deparam e a proposição de possíveis metodologias para a melhoria do ensino da disciplina.

Contudo, a partir da descrição da ciência geográfica ser frequentemente abordada como uma disciplina monótona e decorativa, e da necessidade de modificações em sua esfera de ensino, que deve ser conduzida para o progresso do sistema escolar em conjunto com o aumento de verbas para a educação, o trabalho tem o objetivo de abordar as principais dificuldades e adversidades no ensino da geografia nas escolas. Sua finalidade é evidenciar os desempenhos da disciplina e sugerir uma nova metodologia de instrução apropriada, para a educação de um discente crítico e com liberdade expressão e de raciocínio.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O ensino tradicional da geografia

A Geografia era debatida como uma disciplina na qual se aprendia o essencial, no entanto não se dedicava profundamente ao assunto de forma globalizada, e não se chegava a condições de conhecimento em um sentido mais amplo. Assim, os alunos tinham apenas que memorizar as coordenadas geográficas, os países, as regiões, os nomes de rios, os biomas, entre outros, e não apreendiam as finalidades dessa compreensão.

Por isso, os discentes não tinham uma conectividade precisa da disciplina com suas vivências. Essa desconexão fazia com que muitos considerassem a ciência geográfica dispensável e desinteressante. Porém, é considerável salientar que todo entendimento científico dispõe de uma relação com as experiências de um indivíduo. Assim, estimular as crianças, jovens e adolescentes para a importância do conhecimento empírico não é uma tarefa simples, principalmente diante de tecnologias que competem com a atenção do professor. Isso requer muita determinação e persistência, além de afastamento das concepções tradicionais, conforme Visentini e Vlach (2004):

E, por mais que necessário abolirmos, no ensino da Geografia prática, tudo quanto é nomenclatura, tudo quanto é puramente mnemotécnico, para se encarar os fatos “em marcha” pode-se dizer, e no seu respectivo lugar. É útil afastar-se, de vez em quando, do quadro habitual das concepções geográficas tradicionais. (VISENTINI; VLACH, 2004, p. 193).

Diversos docentes, como os físicos, produzem experimentos científicos com seus discentes gerando um vínculo entre sua rotina e a compreensão empírica. Desse modo, inúmeros físicos permitem aos seus alunos elaborarem breves motores, transmissores de energia e assim por diante. É evidente que nem todas as aulas poderão ser desse modo prático, uma vez que os cálculos e a teoria se fazem sempre necessárias. Também, esse modelo de atividade a qual estimula o interesse e a engenhosidade do estudante pode ser encontrado dentro da disciplina e do curso de geografia.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A nova geografia escolar

A nova Geografia escolar se relaciona com todos os âmbitos de compreensão da disciplina, ou seja, tanto nos aspectos físicos como nos aspectos humanos. Uma das maiores adversidades do ensino da geografia tradicional é a segmentação das iminências, na qual os discentes aprendem e apreendem tudo isoladamente, ganhando um olhar fracionado do total. Isso porque muitos docentes tinham o costume de lecionar a geografia de modo separatista, com estudos aplicados em temas como o relevo, a população, a vegetação, o clima, entre outros. Assim, os alunos não sabiam associar os fatores e observar, por exemplo, que a vegetação só tem esse ou aquele aspecto biológico e de arquitetura, porque as adversidades e estímulos do ambiente e do clima assim possibilitaram.

Atualmente, a partir do princípio da conectividade, o docente pode aperfeiçoar variadas atividades e envolver o discente, e do mesmo modo, também estimular a sua criatividade. Existem inúmeras possibilidades, como a elaboração de filtros naturais, pluviômetros, composteiras orgânicas, instrumentos artesanais preparados com materiais reciclados ou não, além de pequenas hortas, etc. O docente de Geografia dispõe de inúmeras oportunidades para operar e fazer com que o discente crie curiosidade pela disciplina a partir do ambiente comum em que vivem, conforme Andrade (1987):

Abordagens atuais da Geografia têm buscado práticas pedagógicas que permitam colocar aos alunos as diferentes situações de vivência com os lugares, de modo que possam construir compreensões novas e mais complexas a seu respeito. Espera-se que, dessa forma, eles desenvolvam a capacidade de identificar e refletir sobre diferentes aspectos da realidade, compreendendo a relação entre a sociedade e a natureza. (ANDRADE, 1987, p. 65).

O aluno da disciplina de Geografia é favorecido por ter a possibilidade de operar instrumentos relevantes e executar trabalhos de campo. Estes, em pontos abundantes de encanto natural para entender o território ambiental, ou também, o de poder realizar idas a locais históricos, museus, ou inclusive, exercer um trabalho de campo em um espaço urbano para entender a sustentação, os formatos e os postos dos fixos e fluxos da cidade. Dessa forma, há uma série de espaços na qual a Geografia pode atuar e que favorece o professor pela gama de locais que pode circular por todos esses espaços geográficos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Vale ressaltar que, a ciência geográfica é uma disciplina onde o resultado óptico precisa ser bem aplicado. As representações conseguem provocar o interesse dos alunos. Tanto em associação aos fenômenos físicos da natureza, como os urbanos e os socioeconômicos a imagem assegura alguns minutos de concentração, mesmo que involuntária pelos discentes. Na sociedade atual, essas imagens falam por si próprias, uma vez que, dominam todos os tipos de meios eletrônicos. Por isso, o educador deve se beneficiar do raciocínio da sociedade e desses meios para as suas aulas, para garantir o interesse de seus alunos.

O docente da nova geografia escolar deve buscar uma interação entre a vivência e os estudos teóricos. Deve propiciar aprendizagens aos estudantes a partir dessas vivências, para quando forem compreender os fenômenos urbanos, ao exemplificar, o professor pode solicitar para que executem uma avaliação do próprio local onde moram, uma vez que a educação eficaz busca sempre se encaminhar para as memórias das vivências dos próprios alunos. E, com muitos livros didáticos que acabam ficando desatualizados, os professores precisam buscar o imprevisto, recorrendo às matérias de jornais, aos artigos, aos documentários de televisão e à internet.

Cada vez mais fica evidente a necessidade do docente estar conectado e atualizado com as novas tecnologias. Os alunos de hoje já nascem inseridos no mundo tecnológico, e, é necessária essa adaptação da área acadêmica. Murray (2003, p.17) apresenta esta análise sobre o assunto, quando diz que o nascimento de um novo meio de comunicação é ao mesmo tempo estimulante e assustador. Qualquer tecnologia industrial que estende dramaticamente nossas capacidades, também nos torna inquietos por desafiar nosso conceito da própria humanidade.

Os docentes devem instituir um vínculo entre a vivência dos discentes e a ciência geográfica e, isso pode variar de local para local. O professor que leciona no interior deve partir de princípios de aprendizado baseados na área rural, para que os discentes possam relacionar as veridades, e não ficarem desorientados considerando a Geografia uma ciência dispensável. Um professor que não problematiza as situações do cotidiano, que não reflete passo a passo sobre suas ações e as manifestações dos alunos à aulas, instala sua docência em verdades prontas, adquiridas, pré-fabricadas (HOFFMANN, 1993). Faz-se necessário propiciar a todos os alunos criarem uma compreensão crítica da própria realidade, ao aprimorar um raciocínio autônomo e a consciência de sua cidadania.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A ciência geográfica e o ensino da geografia

Certamente, os docentes podem dispor de uma instrução variada em diferentes estabelecimentos de ensino muitas vezes divergentes. E, a compreensão da Geografia na academia pode não ser a mesma empregada nos colégios. O dilema é que existem institutos de ensino que prometem e promovem uma ótima graduação ao aluno, porém é possível que em outras escolas não ocorra o mesmo, tanto no método de ensino, como na compreensão empírica da ciência geográfica.

Frequentemente, atenta-se que alguns pedagogos podem não lecionar cartografia ao discente, precisamente por possuírem dificuldades em ciências exatas, por não gostarem desse campo ou por não o terem incorporado nas universidades. A consequência disso é que, aproximadamente, mais de 80% dos alunos não absorvem as aulas sobre cartografia escolar, o que torna sua utilidade uma constante questionável dentro da instrução de Geografia no Brasil. Certas decisões foram tomadas nas últimas décadas, como o crescimento dos materiais cartográficos disponíveis, porém isso não tem resultado em efeitos positivos. Quanto a isso, Almeida (2003) orienta que:

Geralmente, o aluno não tem domínio do todo espacial e usa pontos de referência elementares para localização e orientação. A passagem para o domínio de referenciais geográficos e a elaboração de mapas iniciais deve ser gradativa e pode realizar-se por meio de atividades que o levem a vivenciar técnicas de representação espacial. (ALMEIDA, 2003, p. 18).

Esse fato parte do princípio de uma insuficiência sobre o conhecimento de matemática por uma boa parcela dos brasileiros, por conta do abandono do ensino público, que transfere o déficit a outras disciplinas, atingindo até o estágio universitário, possibilitando a evasão de boa parcela dos discentes das universidades por conta de possíveis transtornos que talvez possuam armazenados dentro de si. Assim, uma possível saída seria a melhoria do ensino público dentro das disciplinas inseridas principalmente nas ciências exatas, para que os alunos possam ter uma instrução de melhor qualidade.

Certamente, o ideal seria levar ao aluno um conteúdo que atenda todas as suas necessidades educacionais, com a apresentação da importância do que é ensinado para o seu



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

cotidiano e de como a apropriação desses conhecimentos pode ajudá-lo, além de ajudar a sua família e a sociedade em seu entorno. Porém, para que esses mecanismos funcionem é requerida uma mudança no modelo educacional para que haja o aprimoramento dos métodos aplicados, a valorização dos professores, o equipamento das escolas, e os suportes para que os alunos permaneçam na escola até o fim do ensino médio, para que tenha o direito a ingressar em uma faculdade com boas experiências escolares.

A velocidade das diversas transformações em curso obriga o eixo pedagógico a não mais se situar no mero repasse de informações, mas sim no de ensinar, no de selecionar o que pode ser relevante, como também no de aprender a resolver problemas numa sociedade em constantes mudanças. Esta função social de construção do conhecimento pode ser a partir do livro didático, que se reporta a uma questão séria na dinâmica do processo, pois diz respeito à prontidão e ao preparo do professor para a seleção do livro adequado (SOUSA; BARBOSA; LINS, 2018, p.8).

Assim, elaborar materiais didáticos e desenvolver atividades de tal forma que o livro didático não seja o único norteador nas metodologias de ensino, além de conciliar outros recursos como, multimídias, maquetes, pesquisas em sites educativos em computadores, filmes, entre outros, ajuda o aluno a compreender a paisagem, o lugar, a região, a natureza, etc., e o faz ver as mudanças em relação ao tempo e ao espaço. Sair do tradicional para inovar com propostas para tornar o aprendizado de fácil compreensão, desenvolvendo um pensamento geográfico para o aluno, são estratégias que podem ser utilizadas nas práticas pedagógicas, mesmo quando os recursos são escassos. Pode-se trabalhar com materiais reciclados, estimular o uso da imaginação e da criatividade dos alunos, para gerar a possibilidade de desenvolver suas capacidades cognitivas, tornando-os mais ativos, empenhados em aprender. Essas propostas se aplicam não só à Geografia, mas podem ser aplicadas em todas as disciplinas, pois todas estão interligadas, são necessárias e importantes para a formação de cidadãos bem instruídos.

Adversidades com as quais os docentes se deparam

Os professores e alunos se deparam com inúmeras adversidades em seus cursos. Uma delas é o sucateamento do sistema de educação proporcionado pelo próprio Estado. Não é



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

notícia nova de que os colégios públicos exibem carência de núcleo, com áreas e prédios decadentes, salas constantemente abafadas e com ventiladores precisando de manutenção ou reposição. Sem contar as superlotações das salas, além da quantidade de estudantes acima do permitido por classe, tornando as aulas pouco passíveis de terem um bom aproveitamento, além de ser desagradável e tumultuada para o docente, que tem seu nível de estresse consequentemente elevado.

Os salários insuficientes fazem com que os docentes tenham que assumir diferentes salas e tenham pouco tempo ou controle para formatar uma estratégia para suas aulas. É supostamente possível para alguns assumirem até mais de 10 turmas, para que possam ter um salário adequado. Dessa forma, para um professor frustrado e cansado, sem qualidade adequada de vida e sem tempo, não há maneiras de idealizar aulas variadas e empreendedoras para o aluno, provocando uma saturação em ambos os lados.

Alguns docentes também tem se deparado com a desvalorização da sua área específica de ensino. Alguns profissionais lecionam aulas que não são da sua formação, assim muitos alunos não tem uma boa formação, pois os temas aplicados não são aprofundados de forma correta, simplesmente só é repassado ao estudante aquilo que preconiza os livros didáticos.

Os obstáculos enfrentados pelos professores são de atrelar o conhecimento científico que trazem da universidade ao currículo escolar, pois encontram resistências para incrementar mudanças devido às políticas públicas educacionais, pois não conseguem autonomia para expor suas experiências para trazer às suas aulas um ensino de qualidade diferenciada. O dever do educador na formação dos seus alunos é contribuir de forma responsável, para que o educando possa sair da escola sabendo qual o papel da geografia. Cavalcanti (2002, p.78) afirma que “instrumentalizar o cidadão para a compreensão do espaço tal como hoje ele está produzido é o papel da escola e da Geografia no ensino”. Cabe aqui destacar que, junto com a reforma curricular e estrutural, é preciso um processo de reforma de pensamento (MORIN, 2000). A grande problemática é fazer as mudanças, envolver os alunos, a escola e a sociedade e explorar todas as possibilidades para implementar os conhecimentos pedagógicos na educação básica.

A nova realidade nas salas de aula ainda traz muitas discussões sobre como incorporar as inovações tecnológicas no dia a dia escolar. Como destaca Pontuschka (2009), “a escola é responsável pelo acesso à informação e ao conhecimento, além de promover o reconhecimento



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da importância e do uso das novas tecnologias”. Existem incontáveis desafios para acrescentar as ferramentas necessárias de forma efetiva, para contribuir no aprendizado eficaz dos alunos. Para que isso aconteça, os educadores precisam ter uma formação adequada na área, o que tem sido a maior dificuldade nos dias atuais. De acordo com uma pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2021a) realizada em 2018, 54% dos professores não tiveram cursos específicos sobre computador e sobre internet nas salas de aula, 70% não realizaram formação continuada sobre o tema no ano anterior, conforme levantamento. Dos professores que realizaram o curso, 20% afirmam que a capacitação contribui muito para o trabalho com os seus alunos.

No caso da rede pública, existe a falta de infraestruturas para a apropriação das tecnologias. De acordo com uma pesquisa realizada em 2017 (CETIC, 2021b), do movimento Todos pela Educação, 66% dos professores apontaram que os equipamentos insuficientes nas escolas são um limitador no uso dos recursos tecnológicos, e 64% relataram que a internet é lenta e restringe o acesso. Diante dos fatos, questões filosóficas podem ser trazidas à tona e devem ser consideradas e elevadas ao ensino da Geografia, conforme Morin (2001):

"... a educação do Futuro deve ser responsável para que a idéia de unidade da espécie humana não apague a idéia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a de unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana. A unidade não está apenas nos traços biológicos da espécie humana *Homo sapiens*. A diversidade não está apenas nos traços psicológicos, culturais e sociais do ser humano. Existe também diversidade propriamente biológica no seio da unidade humana; não apenas existe unidade cerebral, mas mental, psíquica, afetiva, intelectual; além disso, as mais diversas culturas e sociedades têm princípios geradores ou organizacionais comuns. E a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno". (MORIN, 2001, p.55).

Para o ensino da Geografia, incorporar os recursos tecnológicos digitais e virtuais trás o aluno para mais perto, já que em suas realidades eles estão intrinsecamente ligados fora da sala de aula, ou até mesmo dentro, através dos diversos aparatos como notebooks, smartphones, tablets, entre outros. Segundo Galli (2004), estas terminologias tecnológicas nada mais são do que novas formas de socialização digital. A Geografia é uma disciplina dinâmica e inconstante,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que aborda as transformações naturais e antrópicas, podendo usar esses recursos para pesquisas, projetos, debates e enquetes, etc.

Nos dias atuais fica evidente o quão importante se tornou a tecnologia, diante do advento da pandemia da COVID-19, em que as aulas presenciais foram suspensas e o ensino remoto foi implantado para que alunos possam estudar sem serem prejudicados no futuro. Mas como toda inovação vem as dificuldades de lidar com a nova forma de ensinar, e isso vem se tornando um desafio para os professores e para os alunos. A implantação de plataformas para ajudar o estudante a se conectar com o professor, por mais eficaz que sejam o educador não teve tempo hábil em aprender a utilizar as novas ferramentas oferecidas. Muitos docentes podem estar emocionalmente desgastados pelo despreparo, porque as universidades e faculdades não os prepararam academicamente para as realidades que se sucederam. Por ser uma disciplina dinâmica, os professores de geografia também tem sofrido para aplicar as aulas virtuais, porque muitos conteúdos que são ensinados em sala de aula, não são possíveis remotamente. Sobre as mudanças constantes e possíveis no meio diante das adversidades, Barton e Lee (2015) corroboram que:

As virtualidades são socialmente construídas e mudam à medida que as pessoas atuam, sobre seu ambiente. As virtualidades afetam o que pode ser feito facilmente e o que pode ser feito convencionalmente com um recurso [...] as virtualidades emergem o tempo todo e novas possibilidades são criadas pela criatividade humana. (BARTON; LEE, 2015, p. 45).

Preparar atividades, atender os alunos e organizar uma rotina diária, além de terem que se adaptar a uma nova maneira de trabalho, muitas vezes enfrentando sobrecargas, talvez com duplas jornadas, tem colocado os professores à prova (RIBEIRO; SOUSA, 2021). Além disso, a falta de computadores e acesso à internet para alguns estudantes, as dificuldades que os familiares têm em apoiar os filhos nas tarefas escolares, o baixo envolvimento do aluno com as aulas, compromete o aprendizado e pode desestimular ainda mais o professor.

Assim, o ato de aprender e ensinar se faz cada vez mais necessário nessa nova troca de saberes. Os nativos digitais, que possuem a tecnologia incorporada ao seu cotidiano, utilizam-na como uma ferramenta fundamental nos estudos e com espaço para o desenvolvimento de suas relações sociais (RIBEIRO, 2010).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações finais

A partir dos aspectos abordados, percebe-se que uma porcentagem dos docentes principalmente de escolas públicas ainda enfrenta grandes dificuldades para colocar em prática os seu conhecimento e suas metodologias de ensino para que possam aplicar todo o seu potencial apreendido na academia e em sua vivência pedagógica; além do que, precisam lidar com as novas tecnologias dentro e fora da sala de aula, esbarrando muitas vezes em diversos obstáculos consideráveis. Diante disso, a necessidade de um olhar para esses problemas se faz necessário. Proporcionar um ensino de boa qualidade para atrair o interesse do aluno para a disciplina requer uma preparação adequada do professor, como também, equipamentos de qualidade adequada e todas as e ferramentas necessárias para o bom desenvolvimento das aulas e aproveitamento dos estudantes. Criar meios para realizar essa tarefa é desafiador e o caminho requer persistência e envolvimento dos setores públicos, da sociedade, dos dirigentes, das escolas e dos professores.

Referências

- ALMEIDA, M. E. B. Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do programa de pós-graduação em educação e currículo. **Revista E-Curriculum**, v. 1, n. 1. São Paulo: 2005.
- ANDRADE, M. C. **Geografia, ciência da sociedade**: Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Arlas, 1987.
- BARTON, D.; LEE, C. Aprender online todos os dias. **In**: Linguagem Online: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 165-182
- CAVALCANTI, L. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CETIC. **Tic Educação 2018**: cresce interesse dos professores sobre o uso das tecnologias em atividades educacionais. Disponível em: < <https://cetic.br/noticia/tic-educacao-2018-cresce-interesse-dos-professores-sobre-o-uso-das-tecnologias-em-atividades-educacionais/>>. Acesso em: 20 mar 2021a.
- CETIC. **Cetic.br pesquisa o uso de celular por alunos para a realização de atividades escolares**. Disponível em: < <https://cetic.br/noticia/cetic-br-pesquisa-o-uso-de-celular-por-alunos-para-a-realizacao-de-atividades-escolares/>>. Acesso em: 20 mar 2021b.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

GALLI, F. C. S. Linguagem da Internet: um meio de comunicação global. **In:** MARCUSHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Luerna, 2004. p. 120-134.

HOFFMANN, J. **Avaliação:** mito & desafio. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1993.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2000.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez/ Unesco, 2001.

MURRAY, J. H. **Hamelet no Holodeck:** o futuro da narrativano ciberesoço. São Paulo: Itáu Cultural: UNESP, 2003. 282 p.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, A. C. O. **Computador como uma ferramenta para auxiliar na aprendizagem:** a visão de alunos e professores. Monografia de Graduação. Porto Alegre: 2010.

RIBEIRO, M. S. S.; SOUSA, C. M. M. **Aulas remotas e seu desafio em tempo de pandemia**. Pensar a Educação em Pauta. Disponível em: <
<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/aulas-remotas-e-seus-desafios-em-tempo-de-pandemia/>>. Acesso em: 07 abr 2021.

SOUSA, A. C.; BARBOSA, J. R. P.; LINS, C. S. **Os desafios e as dificuldades encontradas na disciplina de Geografia no 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Dr. Antonio Regis, município de Miguel Alves (PI)**. Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento. Ano 3, 8. ed., vol. 11, p. 05-17, 2018.

VISENTINI, J. W.; VLACH, V. **Geografia crítica:** o espaço natural e ação humana. 31. ed., v. 1. São Paulo: Ática, 2004.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**AS GEOTECNOLOGIAS COMO CONTEÚDO DE EDUCAÇÃO
GEOGRÁFICA NO ENSINO MÉDIO: POR MEIO DE UM PROJETO
INTERDISCIPLINAR**

Breno Nogueira Coltro²³

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar as conclusões de uma pesquisa sobre as possibilidades de se trabalhar com a interdisciplinaridade contextualizando o conteúdo das geotecnologias no ensino médio. As geotecnologias são resultado de várias disciplinas acadêmicas, então a interdisciplinaridade está intrínseca a ela, sendo assim a Educação Geográfica pode discutir as Geotecnologias para debater outros conteúdos com base em uma ótica interdisciplinar. Para o desenvolvimento deste artigo realizou-se uma pesquisa bibliográfica sobre as geotecnologias, suas bases e funções e sobre a interdisciplinaridade, seguido de análise de dois livros didáticos de geografia direcionados para o primeiro ano do ensino médio com objetivo de verificar como o conteúdo das geotecnologias é apresentado no texto. Por fim, o artigo também propõe uma atividade interdisciplinar com base nas geotecnologias que visa contribuir para inovar a prática de ensino em Geografia.

Palavras-chave: Geotecnologias; Interdisciplinaridade; Educação básica. reflexiva

Introdução

O objetivo deste trabalho é realizar uma pesquisa sobre as geotecnologias na educação básica e as possibilidades de se trabalhar a interdisciplinaridade através das mesmas, com base em uma análise de como as geotecnologias são trabalhadas no ensino de geografia na educação básica a partir da análise de dois capítulos que discorrem sobre as geotecnologias em dois livros didáticos de geografia e apresentar propostas de atividades interdisciplinares baseada nesse conteúdo. Para realizar este trabalho inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, a comparação de como o conteúdo das geotecnologias são apresentadas em dois livros didáticos do 1º ano do ensino médio e a sugestão de uma proposta de maneiras de se trabalhar com a interdisciplinaridade com base nas geotecnologias. Os livros didáticos utilizados na análise são “Geografia: Espaço e Identidade” do 1º ano do Ensino médio dos autores Levon Boligian e Andressa Alves da Editora do Brasil publicado com a 1ª edição em 2016, mais especificamente a unidade 1, capítulos 3 e 4 e o livro “Território e Sociedade no Mundo

²³Graduando de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina, brenocoltro@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Globalizado” do 1º ano do Ensino Médio dos autores Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça da Editora Saraiva publicado com a 3ª edição em 2016, mais especificamente a unidade 1, capítulos 2 e 3. Ambos aprovados pelo PNLD Plano Nacional do Livro Didático.

As geotecnologias são uma parte essencial da geografia e também possuem um papel importante no ensino dessa disciplina na educação básica. Com base em Cavalcanti (1998) a necessidade da geografia na escola se dá pois ela ajuda no desenvolvimento de um raciocínio geográfico, ou seja, um raciocínio espacial que permite a análise espacial de fenômenos sociais e/ou naturais, o que contribui para a formação da cidadania. Com base em Gomes (2009) pode-se dizer que a geografia é a ciência que interroga sobre a ordem espacial dos fenômenos, sejam naturais e/ou sociais. Com base nesses autores pode-se afirmar que a geografia na educação básica ajuda na construção da cidadania por contribuir no desenvolvimento de um olhar analítico espacial para com o espaço geográfico, desse modo os estudantes podem desenvolver seus conhecimentos sobre o mundo. Vale ressaltar a importância de se transformar o ensino de geografia para que não seja apenas decorar conteúdos e sim uma aprendizagem de uma forma que possibilite que os estudantes construam seus conhecimentos.

As geotecnologias são todo um conjunto de tecnologias que tem por objetivo coletar, processar e sistematizar dados de referência geográfica, ou seja, são as tecnologias usadas para captar dados dos fenômenos que ocorrem na superfície terrestre, processá-los e sistematizá-los para muitas possibilidades de aplicações como, por exemplo, gestão de atividades econômicas, monitoramento ambiental, planejamento urbanos e outras. Desse modo pode-se afirmar que as geotecnologias constituem uma fonte de dados e informações essenciais para a geografia, para a análise espacial dos fenômenos naturais e/ou sociais, assim as geotecnologias são essenciais para a geografia e também podem ser uma ferramenta fundamental na discussão dos conceitos da ciência geográfica na educação básica pois apresentam produtos como mapas, imagens, fotografias, gráficos e outros que são essenciais para a compreensão do mundo e para a construção do conhecimento.

No presente trabalho sensoriamento remoto, SIG (sistema de informações geográficas), geoprocessamento e o GPS (*Global Positioning System*, Sistema de posicionamento global) serão as geotecnologias de enfoque.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O uso das Geotecnologias na Geografia: breves considerações

É importante ter conhecimento de como as geotecnologias funcionam e suas aplicabilidades para que se possa trabalhar bem com as mesmas. Desse modo, o trabalho contextualiza a natureza das geotecnologias e como elas funcionam.

O geoprocessamento pode ser considerado como “[...]o conjunto de tecnologias destinadas a coleta e tratamento de informações espaciais, assim como o desenvolvimento de novos sistemas e aplicações, com diferentes níveis de sofisticação.”(ROSA, 2013,p.59). O geoprocessamento é essencial para a utilização de dados em análises geográficas,sendo que “O sensoriamento remoto é a técnica que utiliza sensores para a captação e registro a distância ,sem o contato direto, da energia refletida ou absorvida pela superfície terrestre”(FITZ,2008,p.109).Com base no autor,os sensores são dispositivos capazes de capturar energia refletida ou emitida por uma superfície qualquer e registrá-la na forma de dados digitais diversos como imagens, gráficos ou dados numéricos e esses dados podem ser analisados e manipulados por *softwares*. Para que os sensores captam os dados são necessários uma fonte radiante, um objeto de visada e um sistema de imageamento óptico e detector, ou seja, o sensor em si. Os sensores podem ser de vários tipos,com relação a fonte radiante podem ser ativos(possuem sua própria fonte)ou passivos(precisam de uma fonte externa como o sol).Também podem ser divididos em não imageadores (os dados são em forma de gráficos os dados digitais)e imageadores (a informação é dada em imagem). É importante um conhecimento em física para se compreender como funciona o sensoriamento remoto como a radiação solar e ondulatória. As imagens do sensoriamento remoto podem ser obtidas a partir de aeronaves, satélites orbitais e satélites geoestacionários, cada um com suas especificações. Além disso, é necessário saber interpretar os dados captados,sejam imagens ou dados digitais.

O termo SIG(Sistema de Informações Geográficas) pode ser utilizado “[...]para sistemas que realizam o tratamento computacional de dados geográficos e recuperam informações não apenas com base em suas características alfanuméricas, mas também através de sua localização espacial[...]”(DAVIS;CÂMARA,2001,p.1).Com base nos autores pode ser utilizado também como uma ferramenta para elaborar mapas,analisar os fenômenos sociais e naturais com base na espacialidade.Um SIG é composto,de maneira geral,por interface com usuário,entrada e integração de dados,funções de consulta e análise espacial,visualização e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

plotagem, armazenamento e recuperação de dados organizados sob a forma de um banco de dados geográficos.

Com base em Monico(2000) pode-se dizer que o GPS(*Global Positioning System*- Sistema de Posicionamento Global) é um sistema de navegação que permite, por meio de satélites artificiais, obter dados sobre a localização geográfica em um ponto na superfície terrestre. A obtenção da localização acontece pela emissão de ondas pelos satélites, que são captadas por receptores do sistema na superfície terrestre, os dados são codificados e então se tem as coordenadas geográficas (latitude e longitude) e altitude. O GPS é constituído de três partes, espacial, controle e utilizador. O segmento espacial é constituído por 24 satélites localizados em seis planos orbitais, o segmento de controle monitora os satélites(entre outras funções) e o segmento do usuário se dá pelos receptores, ou seja, capta os sinais fornecidos pelos satélites e a partir daí são utilizados de diferentes maneiras.

Pode-se observar que as geotecnologias são intrínsecas umas às outras e são utilizadas em conjunto para fornecer dados e análises precisas da superfície terrestre.

É importante fazer uma conexão entre a ciência geográfica e as geotecnologias. Com base em Santos (1996) a configuração territorial(sistemas naturais) e relações sociais formam o espaço geográfico. O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e ações, como um quadro único em que a história se dá. A configuração espacial é um dado técnico e o espaço geográfico é um dado social. Gomes(2009), ainda aponta que a geografia é a ciência que interroga sobre a ordem espacial dos fenômenos, sejam naturais e/ou sociais e as geotecnologias se constituem como ferramenta para o entendimento e análise da ordem espacial dos fenômenos.

As geotecnologias permitem obter dados da superfície terrestre onde se configura o espaço geográfico, desse modo, permitem o vasto conhecimento da configuração espacial da superfície terrestre, de seus elementos e de elementos que influenciam a configuração espacial, ou seja, permitem obter dados para a análise espacial. As geotecnologias se constituíram em uma ferramenta essencial para a geografia por conta das possibilidades de aplicabilidade que possuem. Desse modo, é importante destacar a importância das geotecnologias com relação ao ensino de geografia na educação básica pois suas aplicabilidades proporcionam informações essenciais para o desenvolvimento de uma ótica espacial, ou seja, contribui muito para a função



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da geografia da educação básica no que se relaciona ao desenvolvimento de conhecimento espacial para analisar o lugar, o território, a paisagem, a região, a sociedade e a natureza na busca de construir um raciocínio espacial capaz de instrumentalizar os estudantes para sua vida cotidiana.

Análise das discussões do conteúdo de Geotecnologias em dois livros didáticos de educação geográfica para o Ensino Médio

Os livros didáticos são muito utilizados na educação básica, desse modo, são uma ferramenta importante para o aprendizado dos alunos. Por conta disso é sempre importante realizar uma análise de como os conteúdos são apresentados para verificar as possibilidades de aprendizado que apresentam. Desse modo, analisou-se dois livros didáticos do 1º ano do ensino médio de geografia, primeiramente o livro “Geografia: Espaço e Identidade” do 1º ano no Ensino médio dos autores Levon Boligian e Andressa Alves da Editora do Brasil, onde as geotecnologias são abordadas na unidade 1, capítulos 3 “A Terra: orientação, localização e coordenadas geográficas” e 4 “A história dos mapas e as novas tecnologias”, mais especificamente as geotecnologias são abordadas a partir do tópico “A cartografia a partir do século XX” no capítulo 4 e “Global Positioning System: o GPS” no capítulo 3. Neste capítulo o GPS é apresentado, assim como suas aplicabilidades, o livro coloca uma imagem que explica seu funcionamento. No capítulo 4 o sensoriamento remoto é apresentado, sendo considerado um dos principais avanços tecnológicos na realização de mapas, além disso o texto explica que as técnicas de sensoriamento remoto possibilitam capturar imagens da superfície terrestre a partir de sensores artificiais em aviões, balões ou satélites, apresentando um infográfico que explica como sensores artificiais captam imagens. As fotografias aéreas e a aerofotogrametria também recebem destaque no livro. É apresentado o contexto histórico das guerras mundiais do século XX e como isso influenciou o aperfeiçoamento das aeronaves que consequentemente provocou o desenvolvimento das técnicas de fotografias aéreas, também são colocados exemplos de aplicações da fotogrametria como construção de mapas topográficos e de uso do espaço, planejamento urbano e rural, entre outros. Imagens orbitais se destacam no texto que coloca que se tornaram possíveis com o desenvolvimento dos satélites artificiais e da informática, possibilitando mapear com precisão áreas da superfície terrestre.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
***“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”***

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O texto ainda apresenta como as tecnologias aeroespaciais possibilitaram desenvolver satélites meteorológicos que permitem monitorar os fenômenos atmosféricos e contribuem para a previsão dos mesmos e também satélites de rastreamento de recursos terrestres que podem monitorar grandes áreas da superfície do planeta com imagens de áreas rurais, urbanas, florestais, etc. O livro coloca um infográfico explicando como são produzidas as imagens orbitais. Outro tópico do capítulo é “da imagem orbital ao mapa”, neste tópico o texto traz como as geotecnologias contribuem para a elaboração de mapas, em relação a qualidade e precisão. O geoprocessamento e o SIG (Sistema de Informações Geográficas) também são explicados, de forma concisa, como funcionam e suas aplicabilidades, além de citar o GPS e como as geotecnologias estão presentes no cotidiano. Os autores ainda colocaram no livro uma aplicação prática interessante das geotecnologias, a agricultura de precisão, onde explicam como as geotecnologias contribuem para a agricultura e seus benefícios para a economia, sociedade e meio ambiente, com um infográfico explicando as etapas desse processo.

Portanto, no referido livro as geotecnologias são apresentadas de forma objetiva e cumpre com a função de ser objetivo e comunicativo, com a ação do docente sendo necessária para aprofundar os temas. O texto explica como funcionam as geotecnologias, o contexto histórico em que se desenvolveram e suas aplicabilidades, além disso conta com muitas ilustrações informativas que complementam as informações do texto. As ilustrações que mostram como funcionam as geotecnologias, mais precisamente suas bases físicas, podem ser utilizadas para se trabalhar a interdisciplinaridade, neste caso com a disciplina de física, além disso, permitem debates sobre o contexto histórico em que as geotecnologias se desenvolveram e as implicações geopolíticas e socioeconômicas das mesmas. O livro obtém sucesso no quesito de apresentar as geotecnologias na educação básica, pois apresenta de forma concisa seus elementos constituintes, além de fornecer uma base para realizar atividades práticas em sala de aula relacionadas às geotecnologias.

No segundo livro didático analisado intitulado “Território e Sociedade no Mundo Globalizado” do 1º ano do Ensino Médio dos autores Elian Alabi Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça da Editora Saraiva, as geotecnologias são trabalhadas na unidade 1, no capítulo 2 intitulado “Coordenadas e sistemas de informação geográfica” e no capítulo 3 “Geoprocessamento e Mapas”.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O SIG é trabalhado no tópico “sistemas de informação geográfica(SIG)”.O texto traz que as geotecnologias relacionadas a monitorar a superfície e outras aplicações ao espaço terrestre são chamadas de SIG, estabelecendo uma relação entre geografia e sistema de informação geográfica,destacando que esse sistema possibilitou uma importante base de dados para a análise da superfície terrestre,trazendo também várias aplicabilidades do sistema de informações geográficas e do geoprocessamento, que é colocado como uma etapa do SIG, apresentando exemplos de aplicações como obtenção de dados a partir das fotografias aéreas, mapas e monitoramento de sistemas de transporte.

O referido livro aponta que um SIG é a junção de três tecnologias,sensoriamento remoto,sistema de posicionamento global e geoprocessamento.O sensoriamento remoto tem destaque no texto,colocado como tecnologias que captam imagens a partir de sensores,sendo apresentada uma imagem explicando como funciona o sensoriamento remoto e suas aplicabilidades como monitoramento ambiental, usos agrícolas,previsão do tempo,etc.O livro ainda adiciona um texto intitulado "Sensoriamento Remoto e Ondas Eletromagnéticas" realizando uma conexão com a disciplina de física, explicando como funcionam as ondas e como são essenciais para o sensoriamento remoto e as geotecnologias de modo geral. O texto dá destaque ao sistema de posicionamento global,GPS, colocando-o como o mais eficiente sistema de localização geográfica e também apresenta mais um texto do contexto histórico do desenvolvimento dessa tecnologia e uma imagem explicando como ela funciona e suas aplicabilidades.O geoprocessamento recebe destaque no texto,colocado como uma etapa do SIG que seleciona informações e as transforma em representações cartográficas sendo apresentadas aplicações do geoprocessamento.

Ainda no segundo livro didático avaliado no presente artigo, é importante ressaltar que as geotecnologias são apresentadas de forma concisa,o texto explica como funcionam as geotecnologias e suas aplicabilidades,colocando imagens que foram feitas a partir de geotecnologias que possibilitam visualizar o produto e a importância das mesmas. Outro ponto importante é que o livro coloca uma conexão entre as geotecnologias e a disciplina de física(importante lembrar que o PNLD, exige que um livro de ensino médio para ser aceito pelo programa precisa apresentar discussões sobre interdisciplinaridade) de uma forma objetiva em que explica o que são as ondas e sua importância no funcionamento das geotecnologias o que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

facilita trabalhar a interdisciplinaridade. Portanto, acredita-se que o livro obtém sucesso em apresentar as geotecnologias na educação básica por ser objetivo, apresentar como funcionam as geotecnologias e suas aplicabilidades, e também fornece uma base para a interdisciplinaridade e atividades práticas. Com base em Callai(2016), pode-se dizer que os livros didáticos são importantes para a educação básica, sendo necessário que os docentes tenham efetivo conhecimento dos conteúdos apresentados para contribuir, juntamente com o livro didático, para o aprendizado dos alunos.

De modo geral os livros didáticos contém muitas semelhanças com relação a apresentação do conteúdo, ambos apresentam um texto muito informativo e acrescentam imagens que complementam ainda mais as informações, o que é muito importante pois as imagens facilitam muito o aprendizado, pois com base em Martins, Gouvêa e Piccinini(2005) imagens contribuem para o entendimento de conceitos científicos. A partir da análise dos livros didáticos, eles se diferem com relação ao foco de alguns conteúdos, ou seja, um livro coloca mais aplicabilidades das geotecnologias, outro coloca uma base mais explícita da disciplina de física, ressaltando o processo de funcionamento das geotecnologias.

No entanto ambos são suficientes para a apresentação deste conteúdo para a educação básica, podemos observar que a partir dos livros é possível desenvolver a interdisciplinaridade e atividades práticas a partir da ação do docente pois ela é essencial para que as geotecnologias sejam trabalhadas com base em uma ótica interdisciplinar em que várias disciplinas contribuem para o aprendizado. É importante que o docente tenha um conhecimento mais amplo sobre o conteúdo, pois isso facilita o desenvolvimento de atividades práticas.

Os livros didáticos não apresentam informações técnicas sobre como utilizar e trabalhar com as geotecnologias no sentido de que não ensinam o estudante a utilizar as geotecnologias em si. Os livros proporcionam reflexões sobre a importância das geotecnologias e como elas são frutos de várias ciências o que contribui para que os alunos entendam a importância da interdisciplinaridade. Com relação a parte mais técnica e prática é importante que os docentes de várias disciplinas trabalhem essas informações e proporcione aos estudantes a possibilidade de aprender a parte mais técnica das geotecnologias assim como também aprender a interpretar os produtos das geotecnologias como imagens de satélite, gráficos e mapas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Proposta de atividade interdisciplinar para a discussão dos conteúdos de Geotecnologias na Educação geográfica

Para se apresentar uma proposta interdisciplinar é necessário colocar um debate sobre o que é a interdisciplinaridade. Com base em Thiesen(2008), a necessidade de superação da visão fragmentada do conhecimento é o que faz da interdisciplinaridade importante, ela tem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem na educação formal e informal e está articulada ao processo de ensino e de aprendizagem na medida em que se produz como atitude, modo de pensar, na organização curricular, base para as opções metodológicas de ensinar e formação dos profissionais da educação. Existem vários exemplos de diferentes áreas das ciências que ao partilharem seus conhecimentos puderam alcançar sucesso na análise de um objeto de estudo.

Atualmente existem inúmeros projetos que possuem uma visão mais interdisciplinar na educação, a interdisciplinaridade caracteriza-se pelas relações entre especialistas e pelo nível de integração das disciplinas em um projeto, ou seja, em um projeto, diferentes especialistas de diferentes áreas contribuem para a análise para que ela seja mais holística e consiga produzir leituras mais complexas sobre os objetos de estudo. A interdisciplinaridade tenta interligar assuntos que por conta do positivismo foram muito divididos, sendo assim, possui um papel essencial na cultura, na educação, na sociedade e na natureza de modo geral, pois apresenta uma visão holística da realidade. Ainda com base em Thiesen(2008) vale colocar que as práticas interdisciplinares, nas ciências ou na educação, não se colocam contrárias a dimensão disciplinar do conhecimento em suas etapas de investigação, produção e socialização, ou seja, tem-se que compreender que as diferentes áreas do conhecimento possuem métodos de análises próprios, que a interdisciplinaridade propõe relacionar as informações que as diferentes ciências conseguem ao analisar seus objetos de estudos, ou seja, intensificar o diálogo conceitual e metodológico nos diferentes campos do conhecimento. Na educação, a perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da relação entre teoria e prática, uma formação mais crítica e criativa e coloca desafios práticos e epistemológicos.

Com base no que foi debatido acima, propõe-se uma atividade interdisciplinar com base nas geotecnologias para ser realizada na educação básica. Uma atividade interdisciplinar constitui-se em um projeto de ensino e é importante destacar que, com base em Veiga(2006), um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

projeto surge da intencionalidade (pois é a partir dela que se tem o conhecimento para a resolução de um problema), por meio do surgimento de um problema, da necessidade de resolvê-lo, busca-se uma estrutura antecipada da ação (planejamento) para ajudar a resolver o problema. É essencial que na realização de um projeto os alunos visualizem o problema, ou seja, que ele seja contextualizado para que o aluno possa utilizar sua experiência sociocultural. É fundamental que a experiência sociocultural dos alunos seja relacionada com o conteúdo curricular. Um projeto de ação didática precisa relacionar a teoria e a prática, contextualizar os problemas, conectar diferentes pontos de vista e então desenvolver uma proposta de intervenção. Importante destacar a interdisciplinaridade, pois vários problemas não podem ser resolvidos por uma única disciplina escolar, ou seja, é preciso que as várias disciplinas sejam trabalhadas em conjunto para resolver uma questão e também para que a educação não seja tão dívida, que o conhecimento não seja tão dividido. Outro ponto importante é a coletividade, na educação básica é importante que os problemas e os projetos sejam debatidos coletivamente, pois a coletividade pode ser eficiente para resolver um problema, ela é uma base importante, pois é através dela que um objeto de estudo pode ser verificado de maneira holística. É importante que os estudantes valorizem os objetos de estudos, que se realizem debates prévios para a elaboração do projeto para que se tenha a resolução de problemas. É essencial relacionar a teoria com a prática, que a mesma seja flexível e que o professor seja um coordenador. O projeto possui uma finalidade social e pedagógica que desenvolve a teoria e a prática, o individual e o coletivo, além disso, trabalhar com projetos proporciona um ambiente mais criativo que contribui para o desenvolvimento da criatividade e curiosidade científica.

No projeto proposto com base nas geotecnologias várias disciplinas podem contribuir para a atividade interdisciplinar, principalmente a geografia e a física, para as bases, e também outras disciplinas poderiam utilizar da atividade para desenvolver conteúdos, como biologia, química, matemática, história, linguagens, entre outras. As séries que podem participar da atividade com base nos conteúdos programados pelo Referencial Curricular do Estado do Paraná (PARANÁ, 2018) e pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) são as séries do ensino médio, com foco no primeiro ano e segundo ano. Para a realização da atividade os recursos que podem ser utilizados são ferramentas como computadores e aplicativos como *Google Maps*, é importante que se avalie as condições tecnológicas da instituição de ensino e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da turma para que a atividade seja realizada por todos os estudantes,além disso,para a explicação básica dos conteúdos podem ser utilizados os livros didáticos

Para a realização da atividade é necessário que haja interesse da escola e dos docentes de se trabalhar a interdisciplinaridade,que professores das disciplinas de geografia e física,e de outras disciplinas que podem participar do projeto como biologia,química,matemática,linguagens,história e outras trabalhem em conjunto para realizar as atividades que podem ser desenvolvidas na sala de aula,além disso a utilização de trabalho de campo pode ser também utilizada para a etapa da contextualização dos conteúdos.

Como sugestão de metodologia, indica-se que os docentes de geografia e física expliquem as bases dos conteúdos,docentes de geografia explicam como funcionam as geotecnologias,suas bases e aplicabilidades e sua importância para debater outros conceitos da geografia,docentes de física explicam o conteúdo de ondulatória,suas bases e aplicabilidades.A partir daí seria interessante que docentes de geografia e física ministrarem aulas em conjunto para explicar como a ondulatória e as geotecnologias se relacionam,pois a ondulatória é uma das bases para o funcionamento das geotecnologias.

Com as bases dos conteúdos explicadas desenvolve-se a parte prática da atividade, relacionando a teoria e a prática,desse modo os docentes precisam ensinar aos estudantes como utilizar as tecnologias,os aplicativos necessários para o projeto,e como construir mapas e textos a partir dos dados.

Para que o projeto seja desenvolvido é necessário que o tema seja contextualizado e esteja presente na realidade dos estudantes de modo a despertar o interesse e a participação ativa na atividade,por conta disso é importante que as geotecnologias sejam aplicadas para a realidade local.Uma atividade que pode ser desenvolvida é a aplicação das geotecnologias com conteúdos relacionados a questão ambiental pois é de interesse de várias ciências e na educação básica as disciplinas podem contribuir para o seu entendimento.

A educação ambiental possibilita que várias disciplinas trabalhem em conjunto, desse modo uma possibilidade seria que as geotecnologias pudessem ser utilizadas para mapear áreas verdes no município,a partir daí poderia debater temas como botânica e biogeografia com as disciplinas de geografia,biologia e química,mudanças climáticas com geografia e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

física, assuntos como conforto térmico e clima urbano, entre outros, a partir daí é possível desenvolver conteúdos também de várias outras disciplinas como história, poderia se debater a história do município e sua relação com o meio ambiente, as relações entre sociedade e natureza também poderiam ser debatidas em uma ótica interdisciplinar pela geografia com contribuições de várias outras disciplinas como filosofia e sociologia.

Poderia dividir a turma em vários grupos para mapear diferentes áreas verdes do município e debater esses temas. A análise das áreas verdes, a elaboração de mapas e análise de dados poderia ser feita em um trimestre ou bimestre e os debates sobre os diferentes temas podem ser feitos em um trimestre ou bimestre, após isso seria interessante que os docentes das várias disciplinas e os alunos desenvolvessem um texto, como um relatório ou cartilha, entre outros, relacionando os conteúdos que foram construídos a partir da atividade interdisciplinar baseada nas geotecnologias. Importante destacar que diferentes instituições utilizam diferentes modos de dividir o ano letivo, por isso é importante ter um cronograma flexível.

É importante que se realizem avaliações em todas as etapas do projeto, nas etapas iniciais, com as explicações seria interessante realizar avaliações como verificações de aprendizagem pois esses conteúdos são a base para o projeto de ação didática de modo que os participantes podem avaliar o que está dando certo, o que precisa reformular e também quais elementos acrescentar, a partir daí, nas outras etapas seria interessante realizar avaliações alternativas, por exemplo, na etapa de divisão dos grupos para analisar as áreas verdes da cidade em seus diferentes aspectos seria interessante que os docentes acompanhassem os estudantes e avaliassem as análises que os mesmos realizam, assim como os produtos desenvolvidos, como mapas e textos e por fim, na etapa da globalização, (avaliação da atividade como um todo), é interessante que o projeto seja avaliado considerando as colocações dos estudantes e que se tenha uma avaliação geral do projeto. Após a realização do projeto, docentes atribuíram notas para as suas disciplinas com bases no desempenho individual e coletivo dos estudantes.

Considerações Finais

Pode-se concluir que as geotecnologias têm potencial para desempenhar um papel importante no que se refere a interdisciplinaridade na educação básica. Há várias propostas de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

se trabalhar com um ensino interdisciplinar com base nas geotecnologias como a de Liao e Junkes de Carvalho(2020) de utilizar o aplicativo *LandscapAR* no ensino de geografia e matemática. Como discutido no artigo as geotecnologias possibilitam o desenvolvimento de um ensino mais interdisciplinar e não tão fragmentado entre as disciplinas. Com relação aos livros didáticos percebe-se que eles apresentam de forma satisfatória o conteúdo, no entanto, o docente precisa aprofundá-lo e efetivamente trabalhá-lo a partir da interdisciplinaridade, além de relacionar a teoria e a prática entre os conteúdos.

Vale destacar também a importância do diálogo entre os docentes para que não se tenha erros em relação aos conteúdos, por exemplo, ao tentar simplificar um conceito científico para explicá-lo na educação básica, é possível que se cometa erros que contradizem a base científica do conceito.

Portanto, o artigo apresenta uma proposta de educação interdisciplinar com base nas geotecnologias para tentar englobar as várias disciplinas que estão no currículo da educação básica, com foco na disciplina de geografia. Existem muitas possibilidades de se trabalhar com a interdisciplinaridade na educação básica pois vários conteúdos precisam ser analisados e trabalhados por várias disciplinas. Trabalhar com uma proposta interdisciplinar apresenta também dificuldades, com um sistema escolar muito influenciado pelo positivismo, com disciplinas extremamente divididas é um desafio trabalhar de forma interdisciplinar, por isso as geotecnologias apresentam muitas possibilidades de se discutir a geografia com outras disciplinas como física, biologia, química, matemática, astronomia, linguagens, história, arte entre outras. Percebe-se então a importância da interdisciplinaridade na educação, de como ela contribui para um aprendizado mais holístico e contribui para uma formação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE. **Programas do livro**: histórico. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livrodidatico/historico>> . Acesso em: 15/03/2021.

BOLIGIAN, Levon, ALVES, Andressa. **Geografia: espaço e Identidade**. 1.ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CALLAI, Helena Copetti. O livro didático permite e oportuniza a democratização do conhecimento? In: SPOSITO, Eliseu Savério et al. (Org.). **A diversidade da geografia brasileira: escolas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016, p. 287-306.

DAVIS, C. CÂMARA, G. Arquitetura de sistemas de informação geográfica. In: CÂMARA, G. DAVIS, C. MONTEIRO, A. M. V. **Introdução à ciência da geoinformação**. São José dos Campos. INPE. 2001, p. 1-35.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia Escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP. Papirus, 1998, p. 87-136.

FITZ, P. R. **Geoprocessamento sem complicação**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. Um lugar para a geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco; LOEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Marcia da (orgs.). **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: ADEMADAN. 2009, p. 13-30.

LIAO, T.; JUNKES DE CARVALHO, J. M. Realidade Aumentada e Interdisciplinaridade: o Uso do Aplicativo LandscapAR no Ensino de Matemática e Geografia. **EaD em Foco**, v. 10, n. 2, 8 jul. 2020.

LUCCI, Elian Alabi, BRANCO, Anselmo Lazaro, MENDONÇA, Cláudio. **Território e Sociedade no Mundo Globalizado**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

MARTINS, I.; GOUVÊA, G.; PICCININI, C. L. Aprendendo com imagens. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 4, p. 38-40, 2005.

MONICO, J. F. G. **Posicionamento pelo NAVSTAR-GPS: Descrição, fundamentos e aplicações**. São Paulo: UNESP, 2000.

PARANÁ. Secretaria de Educação e do Esporte. **Referencial Curricular do Paraná: princípios, direitos e orientações**. Paraná, 2018.

ROSA, R. **Introdução ao geoprocessamento**. Uberlândia: UFU, 2013.

SANTOS, Milton. O Espaço geográfico, Um Híbrido. In: SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 1996, p. 89-110.

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. v. 13 n. 39, p. (545-554) set./dez. 2008.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto de ação didática: uma técnica de ensino para inovar a sala de aula. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Campinas, São Paulo. Papirus. 2006, p. 69-8



ATIVIDADES LÚDICAS NA GEOGRAFIA ESCOLAR EM TEMPOS PANDÊMICOS

24 Pedro Augusto Stresser Bastos

Resumo: A pandemia e a implementação do ensino remoto emergencial trouxeram novos desafios para a educação de geografia e testaram a integridade dos métodos de ensino. Surge então a pergunta, as atividades lúdicas ainda são usadas com efeito nessa nova situação? A fim de estudar essa pergunta e escrever este artigo, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, a aplicação de um questionário online para professores de geografia, e a organização das respostas utilizando o método do Discurso do Sujeito Coletivo e tabelas, chegando à conclusão de que as atividades lúdicas mantiveram sua importância durante a pandemia.

Palavras-chave: Atividades lúdicas; Pandemia; Geografia.

Introdução

A pandemia do vírus Covid-19 e as medidas de quarentena e isolamento social trouxe mudança a todas as facetas da vida, e em especial na educação. Os docentes e alunos foram forçados a retomar as aulas de modo remoto, sem muito preparo ou condição. Essa mudança brusca levou a muitos questionamentos sobre como as aulas deveriam continuar. Seria possível os professores aplicarem as mesmas metodologias pedagógicas da aula presencial? Ou deveria ser elaborada uma “tradução” para as aulas a distância? Em especial, as atividades lúdicas, que são muito conhecidas e aplicadas nas mais diferentes disciplinas? Quais tipos de jogos poderiam ser utilizados? E principalmente, o lúdico ainda seria eficaz no formato de educação remota? Tais perguntas inspiraram a produção deste artigo, sendo assim acredita-se que é importante ter um pouco de clareza sobre esses questionamentos para poder entender melhor as dificuldades que todos passaram nesse período de pandemia, e planejar para o futuro.

O objetivo deste artigo é, portanto, analisar se as atividades lúdicas foram um importante recurso didático na educação escolar em tempos pandêmicos, através de pesquisa uma pesquisa bibliográfica e a aplicação de um questionário a nove professores de Geografia que atuam na educação básica. O questionário foi realizado de forma on-line (Google Forms), no período de 12 a 27 de fevereiro de 2021. Ele foi direcionado a professores de geografia de ensino



fundamental e médio que deram aula durante ensino remoto emergencial. O questionário foi divulgado na forma de link, através de conexões próprias, e dos grupos de whatsapp do curso de Geografia. Ele consiste em 5 questões de múltipla escolha e 3 questões abertas, que tratam sobre sua experiência com atividades lúdicas e o ensino remoto.

O corpo do artigo está dividido em três partes: A primeira dialoga sobre a importância das atividades lúdicas no ensino de geografia, por meio da pesquisa bibliográfica. A segunda contextualiza o ensino remoto, suas dificuldades, e seu impacto nos métodos lúdicos. A terceira apresenta os resultados do questionário, e discute o que eles significam para a atender aos objetivos desse artigo.

Acredita-se que, embora este artigo alcançou as metas propostas, ele é raso relativo ao quanto que o tema do uso de atividades lúdicas e do ensino remoto pode ser explorado. O isolamento social afetou como tantas outras coisas a produção deste texto, por isso acredita-se que no futuro é possível aprofundar muito mais esses temas e até propor novos métodos de ensino voltados para o uso de atividades lúdicas no ensino geografia seja no formato presencial e/ou remoto.

Atividades lúdicas como recurso didático no ensino de Geografia

Podemos traçar a origem do adjetivo “Lúdico” para o latim “Ludus”, que significa jogo, exercício ou imitação. A palavra é polissêmica e engloba uma variedade de atividades distintas, como a brincadeira, o jogo e o lazer, que são usadas quase como que sinônimos (MASSA, 2015, p.113). No contexto da educação, o Lúdico é entendido como uma união entre a recreação e prazer, e a construção do conhecimento e aprendizado:

Por meio do jogo, liberam-se tensões, desenvolvem-se habilidades, criatividade, espontaneidade, o indivíduo acaba jogando não como uma obrigação, mas como algo livre. Surge, pois, o prazer. ... esse aspecto que o professor de Geografia não deve ignorar ou desaproveitar. Empregando o jogo ao conteúdo adequado, os alunos poderão trabalhar em situações altamente motivadoras, principalmente quando aplicado a conteúdos de difícil assimilação (VERRI, 2009, p.67).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O uso do lúdico já é estudado desde os grandes pensadores da educação. Vygotsky aponta a sua importância para a criança, e sua relação com o mundo exterior:

As crianças formam estruturas mentais pelo uso de instrumentos e sinais. A brincadeira, a criação de situações imaginárias surgem da tensão do indivíduo e a sociedade. O lúdico liberta a criança das amarras da realidade (VIGOTSKY, 1989, p.84 apud PINHEIRO et al, 2013)

Piaget coloca que o lúdico é importante para o desenvolvimento do intelectual, e permite conhecer e entender conceitos abstratos:

Os jogos e as atividades lúdicas tornam-se significativas à medida que a criança se desenvolve, com a livre manipulação de materiais variados, ela passa a reconstituir reinventar as coisas, que já exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação só é possível, a partir do momento em que ela própria evolui internamente, transformando essas atividades lúdicas, que é o concreto da vida dela, em linguagem escrita que é o abstrato (PIAGET, 1975, p. 156 apud PINHEIRO et al., 2013 p. 27).

Para os docentes de geografia escolar, o lúdico é um recurso inovador e eficaz para transformar e dinamizar a aula de geografia. Com objetivo de mudar esse quadro, o lúdico é usado como uma ferramenta para captar a atenção dos alunos e ajudá-los a assimilar e construir conhecimentos geográficos.

O professor interessado em promover mudanças, poderá encontrar na proposta do lúdico um importante mecanismo com vistas à significação do Ensino de Geografia, e, conseqüentemente da realidade, podendo contribuir assim para que ocorra a diminuição dos altos índices de fracasso e de evasão verificados nas escolas, além de instigar o interesse dos alunos pelas aulas de Geografia (PINHEIRO et al, 2013, p. 29)

O lúdico é muito interessante para o ensino de geografia, pois pode ajudar na compreensão de conceitos, temas que muitas vezes não são completamente entendidas pelos alunos, tanto pela complexidade dos tópicos quanto pelo desinteresse dos alunos. Além disso, as atividades lúdicas podem ter um papel importante para alcançar um dos objetivos centrais do ensino de Geografia, que é estabelecer a relação entre a teoria geográfica e o espaço vivido, conscientizando o aluno quanto à sua posição no espaço e realidade em que está inserido. De

fato, já existem muitos artigos científicos e pesquisas que estudam, explicam e colocam em prática o lúdico em sala de aula.

Vale lembrar que o lúdico não é limitado a jogos (como podemos observar na figura 1) e brincadeiras, estas são apenas uma das modalidades de atividades lúdicas. O lúdico inclui a produção artística, a apresentação de vídeos e música, qualquer atividade que escape do normal. Isso leva a aplicação de recursos lúdicos a se aproximar da interdisciplinaridade, outro aspecto da educação muito importante para a geografia.

Figura 1- Aplicação de jogo didático na aula de Geografia por bolsistas do PIBID



Fonte: Bolsistas PIBID, 2019.

A figura 1 apresenta uma atividade lúdica desenvolvida pelos bolsistas do programa PIBID (colocar entre parêntese o que significa essa sigla) no ano letivo 2019, em que foi aplicado um jogo de tabuleiro sobre as massas de ar que atuam no Brasil, para a turma do sexto ano. As fotos mostram aspectos importantes do lúdico: a transformação da sala de aula em um ambiente dinâmico, interesse do estudante pela atividade, a construção do conhecimento geográfico e o social e o trabalho em grupo.



Educação em contexto pandêmico e o potencial das atividades lúdicas

A pandemia do Covid-19, e as medidas de quarentena que tiveram que ser implementadas durante o ano de 2020 e continuando em 2021 afetaram, em maior ou menor grau, todos os níveis da sociedade. A vida pública, a vida privada, o trabalho e o lazer foram transformados pela crise. As instituições de ensino foram forçadas a continuar as aulas de modo remoto, que é diferente da modalidade de ensino a distância:

O ensino remoto emergencial difere da modalidade de Educação a Distância (EAD), pois a EAD conta com recursos e uma equipe multiprofissional preparada para ofertar os conteúdos e atividades pedagógicas, por meio de diferentes mídias em plataformas on-line. Em contrapartida, para esses autores, o intuito do ensino remoto não é estruturar um ecossistema educacional robusto, mas ofertar acesso temporário aos conteúdos curriculares que seriam desenvolvidos presencialmente. Assim, em decorrência da pandemia, o ensino remoto emergencial tornou-se a principal alternativa de instituições educacionais de todos os níveis de ensino, caracterizando-se como uma mudança temporária em circunstâncias de crise (HODGES, 2020, apud RONDINI et al, 2020, p. 43)

O ensino remoto emergencial não é, portanto, uma solução para a pandemia, e em muitos casos não foi ideal para continuar as aulas. As instituições de ensino foram profundamente abaladas, pois uma peça fundamental do sistema escolar tradicional foi retirada: a presença física dos alunos e do professor na sala de aula.

O sistema tradicional, que tem suas raízes nas primeiras escolas da Prússia, utiliza de organização espacial para controlar os estudantes, sendo assim os alunos são enfileirados, voltados ao professor e ao quadro negro, na ideia de que eles devem apenas absorver o conhecimento. Muitos professores tentam mudar essa dinâmica com o objetivo de dinamizar o ensino e melhorar a aprendizagem dos alunos, com práticas como rodas de discussões e trabalhos em grupo. Tudo isso foi afetado pela pandemia e a quarentena. Os professores foram forçados a utilizar tecnologias digitais da informação e comunicação para dar continuação às aulas, e não tiveram tempo de construir uma metodologia para o ensino remoto. Eles estavam despreparados para os inúmeros problemas e desafios que essa modalidade de ensino traz (RONDINI et al, 2020).



Assim, habituados, em sua maioria, às práticas mais tradicionais de ensino, como a aula expositiva com auxílio de quadro e giz (ou pincel) ou projetor de slides, os docentes se encontram diante do desafio de preparar, apresentar e dialogar sobre diferentes temas, utilizando outros recursos, outras linguagens e um tempo mais compactado. Além do exercício de aprender novas formas de ensinar e de colocar em movimento diferentes componentes curriculares, com a mediação tecnológica, para que os estudantes tenham possibilidade de aprender, talvez a questão do tempo tenha sido a primeira reflexão promovida pela impossibilidade da aula presencial: foi preciso (e ainda está sendo necessário) rever a relação com os “tempos de aula” (ARROYO, 2013 apud VALENTE et al, 2020).

Um dos primeiros problemas a serem enfrentados no ensino remoto foi a exclusão digital. Muitos alunos e professores não tinham a experiência e domínio para utilizar as ferramentas necessárias, ou até simplesmente não tinha as ferramentas: o acesso à internet, o computador, o celular. A exclusão digital é um problema persistente no ensino remoto emergencial. Outro problema encontrado é o desinteresse e falta de comprometimento dos alunos. Sem estar no ambiente físico escolar, sem a presença do professor, é fácil se distrair e não prestar atenção ao professor. Além disso, é cansativo ter que olhar a tela do computador ou celular para assistir a aula. O ensino remoto de certa forma colocou em teste as metodologias pedagógicas comumente usadas nas salas de aula, incluindo as atividades lúdicas, o que nos leva a questionar se ainda são métodos eficazes.

As atividades lúdicas, como explicado anteriormente, tem o objetivo de produzir um ambiente diferente, dinâmico e interessante para o aluno. As dificuldades que o ensino remoto traz podem acabar fazendo as atividades lúdicas difíceis de serem implementadas, ou até não merecerem o esforço. Por outro lado, elas podem ser muito importantes nas aulas remotas, justamente por propiciarem o interesse sobre os conteúdos estudados.

Discussão dos resultados: análise dos questionários

Levando em conta a importância das atividades lúdicas no ensino de Geografia, e das dificuldades do ensino remoto emergencial imposto pela pandemia, foi preparado um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

questionário voltado a professores de geografia do ensino médio e fundamental, com oito perguntas no total, pertinentes às experiências que tiveram neste último ano. Os dados foram coletados via questionário on-line (Google Forms), no período de 12 a 27 de fevereiro de 2021. O questionário consistia em 5 questões de múltipla escolha e 3 abertas. As respostas para questões abertas foram avaliadas segundo o método do Discursos do Sujeito Coletivo, cujo objetivo é construir um “discurso-síntese elaborado com partes de discursos de sentido semelhante, por meio de procedimentos sistemáticos e padronizados” (FIGUEIREIDO; CHIARI; GOULART, 2013, p.130). As perguntas de múltipla escolha relaciona-se com as experiências dos professores nas aulas presenciais e remotas. Quatro professores classificaram sua experiência em lecionar de modo remoto como boa, e cinco como ruim. A participação e aprendizagem dos alunos teve três respostas boas, cinco ruins e uma péssima. Essas poucas respostas já demonstram a realidade que muitos docentes enfrentaram durante o ensino remoto. A falta de preparo tanto por parte deles quanto dos alunos foi e é o maior obstáculo, como aponta Rondini:

As mudanças no sistema educacional tiveram que ser realizadas rapidamente, de sorte que, de um dia para o outro, os professores precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial. (RONDINI et al, 2020)

Destes nove professores que responderam o questionário, 5 responderam que utilizaram atividades lúdicas durante o ensino a distância, e todos pelo menos uma vez por semana. Todos classificaram o lúdico como importante ou muito importante para o processo de aprendizagem dos/as estudantes. O lúdico é de fato uma parte integral do plano de aula de muitos docentes, visto que já vem sendo estudado desde os grandes autores da educação escolar, como também sugerido pela Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2013).

O uso do lúdico é e sempre foi muito importante para educação e a formação dos sujeitos, desde o início da vida humana. Esse vínculo já foi observado desde a Grécia Antiga: “filósofos como Platão, Aristóteles e Heráclito já então reconheciam e valorizavam as



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

manifestações lúdicas, considerando-as essenciais para a formação do sujeito” (LOPES, 2004, apud MASSA, 2017). Sendo assim todos os professores reafirmaram a importância do uso de atividades lúdicas para a discussão dos conteúdos da educação geográfica.

Em seguida apresenta-se as três perguntas abertas e suas respostas, redigidas seguindo o método do Discurso do Sujeito Coletivo, e organizadas em tabelas com três colunas: Uma categoria geral em que a resposta se encaixa, o número de respostas que incluíram os pontos-chave, e a resposta do discurso coletivo. O quadro 1 resume os maiores problemas do ensino remoto emergencial: A exclusão digital, falta de domínio dos sistemas usados e o desinteresse por parte dos alunos. Esses são problemas comum à grande parte dos professores de ensino médio e fundamental por todo o Brasil, de todas as disciplinas.

Quadro 1 - Os principais problemas que surgiram durante a mudança do ensino presencial para o remoto

Categoria de Resposta	Número de Respostas	Discurso Coletivo
Falta de recursos	7	Houve a falta de recursos tecnológicos e equipamentos por parte dos alunos, como acesso a internet, o que levou a casos de exclusão digital para muitos estudantes.
Falta de capacitação	5	Um dos principais problemas foi a falta de capacitação e domínio dos alunos e professores diante desse novo sistema de ensino, e dificuldade na compreensão do uso de equipamentos, ferramentas e sistemas online.
Falta de atenção	4	Os alunos também mostraram desinteresse e falta de atenção e comprometimento durante a aula.

Fonte: Questionário, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A experiência de ensino e aprendizagem durante a educação remota, difere em relação a percepção de cada docente alguns classificaram a experiência como completamente negativas à educação remota, ainda assim alguns docentes enxergaram pontos positivos, como a oportunidade de trabalhar com um novo sistema como apresentado no quadro 2.

Quadro 2 - Pontos positivos na educação remota

Categoria de Resposta	Número de Respostas	Discurso Coletivo
Vantagens Únicas	7	Sim, me surpreendi com o destaque de alunos/as que eram tímidos e produziam pouco em sala de aula, mas que na forma remota "afloraram", com crescimento pedagógico. Além disso, a aula remota é mais silenciosa e não sofre do barulho da sala de aula.
Respostas Negativas	2	Não, infelizmente não vi pontos positivos na educação remota.

Fonte: Questionário, 2021.

Considera-se as respostas apresentadas no quadro 3 como muito importantes para a questão central desse artigo, pois a resposta dos professores apresenta que os mesmos continuaram a utilizar o lúdico com sucesso no contexto remoto, sendo assim afirmaram que atividades lúdicas continuaram a ser aplicadas, como os jogos e brincadeiras. Além disso, foram utilizados recursos como jogos online e plataformas educacionais – recursos estes que antes não eram utilizadas nas aulas presenciais. Isso demonstra que o lúdico ainda é importante no ensino remoto, e que tem possibilidades exclusivas na educação. Com o devido preparo e pesquisa, as atividades lúdicas podem utilizar recursos online para transformar a experiência do ensino remoto.



Quadro 3 - As atividades lúdicas utilizadas

Categoria de Resposta	Número de Respostas	Discurso Coletivo
Atividades Comuns	6	Utilizei jogos e brincadeiras como desafios, palavras cruzadas e Caça palavras. Também usei elaboração e interpretação de charges, atividades com músicas e produções artísticas.
Atividades que Aproveitam do Ensino Remoto	2	Apliquei jogos online (memória, caça-palavras, quiz) e utilizei plataformas educacionais.
Não Utilizou	1	Embora eu considere as atividades lúdicas importantes para a construção do conhecimento, infelizmente não consegui realizá-las de forma remota, um dos maiores motivos foi a grande quantidade de turmas; outro a falta de equipamentos necessários e minha pouca experiência em atividades lúdicas virtuais. Embora não utilizei atividades lúdicas, realizei atividades em grupo onde os participantes deveriam confeccionar seus trabalhos de forma virtual.

Fonte: Questionário, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O questionário teve menos respostas do que o esperado, mas ainda assim são o bastante para descobrir os desafios e conquistas das atividades lúdicas em tempos pandêmicos. Ele também mostrou que há possibilidades em que o lúdico pode ser bem utilizado em contexto remoto. Primeiro devemos considerar que o ensino remoto, ainda apresenta muitos problemas e não tem a mesma qualidade que o ensino presencial. A presença física do aluno e professor numa sala de aula é um aspecto fundamental para a educação. Os alunos têm a oportunidade de interagir, questionar e dialogar com o professor e entre uns ao outros. O ambiente escolar, mesmo com todas as suas falhas, é importante para manter o foco, é propício para a aprendizagem; o aluno tem noção de que a escola, a sala de aula é um local de aprendizagem. O ensino remoto sofre da perda desse espaço físico e suas vantagens. Por isso que vários professores reclamaram do desinteresse dos alunos, é um problema que foi exacerbado pelo ensino a distância. Porém, vale lembrar que uma professora escreveu que alguns alunos, normalmente tímidos em sala de aula, se abriram mais nas aulas remotas. Esse efeito do desinteresse não é universal a todos. Além disso há o problema de domínio das tecnologias digitais da informação e comunicação principalmente por parte dos professores, e da questão do tempo. Com pouco preparo, essas são dois obstáculos do ensino remoto, como aponta Valente:

Assim, habituados, em sua maioria, às práticas mais tradicionais de ensino, como a aula expositiva com auxílio de quadro e giz (ou pincel) ou projetor de slides, os docentes se encontram diante do desafio de preparar, apresentar e dialogar sobre diferentes temas, utilizando outros recursos, outras linguagens e um tempo mais compactado. (VALENTE et al 2020)

Aqui entra o lúdico e seu efeito de transformar a aprendizagem. Como apontado antes todos os professores que utilizaram de atividades lúdicas de modo remoto o fizeram uma vez por semana. Contamos o uso de jogos, brincadeiras e desafios, do uso de charges e palavras cruzadas, da produção artística. É evidente que alguns docentes simplesmente traduziram atividades lúdicas que usavam de modo presencial para o modo remoto, e alcançaram sucesso. O modo remoto de ensino oferece ferramentas que podem ser usadas para facilitar as atividades lúdicas. Para mostrar um vídeo ou música é necessário apenas disponibilizar um link ou



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

“compartilhar a tela” sendo que a quantidade de informação que é possível mandar aos alunos através de meios tecnológicos é imensa.

Existem também sites especializados para aplicar atividades lúdicas, como kahoot.com, um site de quiz, um jogo de perguntas e respostas. Ele permite o professor montar uma quiz sem ter que passar o trabalho de formatar um documento. Sem sombra de dúvida é possível utilizar do lúdico nas aulas remotas. Porém, é necessário pesquisar e conhecer essas ferramentas para poder usá-las efetivamente na aula. O lúdico não é um fim em si só, mas sim um instrumento utilizado pelo docente e pelos alunos:

Não é o jogo em si mesmo que contribui para a educação, é o uso do jogo como meio em um conjunto controlado que lhe permite trazer sua contribuição indireta à educação. O educador deve saber tirar proveito desta força bruta da natureza, e somente esse controle garante o resultado. Deve-se saber limitar o papel do jogo, e não formar jogadores (BROUGÈRE 1998 apud VERRI e ENDLICH 2009)

A geografia já se aproveita muito do lúdico, e a utilização de ferramentas online pode ser uma combinação poderosa. Existem vários programas para o computador e celular interessantes, como por exemplo o programa Google Earth, da empresa Google, que apresenta um modelo tridimensional do globo terrestre.

Portanto, existe a oportunidade de expandir as atividades lúdicas para o mundo digital, mas não devemos esquecer, porém, de que a exclusão digital é um problema sério e real, visto que há alunos que não tem acesso aos meios digitais de comunicação, portanto é preciso pensar o uso destas atividades de forma crítica sem promover ou ampliar os processos de desigualdade na educação brasileira.

Considerações Finais

A pesquisa bibliográfica demonstra que as atividades lúdicas são muito importantes no ensino de geografia. Elas inspiram a atenção e o interesse dos alunos, e proveem oportunidade de ensino e assimilação do conhecimento. Tendo em vista esses fatos, em conjunto com os resultados da pesquisa realizada, pode-se afirmar a importância das atividades lúdica continua no ensino remoto emergencial.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O lúdico é uma ferramenta que, com o devido preparo e domínio por parte do professor, ajuda na tarefa complicada que são as aulas a distância: “o ambiente criado pelo jogo proporciona prazer, conhecimento, motivação, fazendo com que o aluno aprenda melhor o conteúdo que foi fruto da própria experiência” (VERRI; ENDLICH, 2009, p.82).

É esperado que as aulas voltem a ser presenciais ainda neste ano, mas não há certeza se este é o caso. Devido ao péssimo gerenciamento da pandemia, é possível que o ensino remoto emergencial continue por mais algum tempo. A frente disso, as atividades lúdicas podem continuar a ser ferramentas importantes para a construção do conhecimento. Cabe aos educadores continuarem a desenvolver métodos para o ensino remoto e transformar a experiência escolar:

Neste sentido, faz-se necessário investir também na formação permanente dos professores, pois cabe a eles uma prática docente centrada cada vez mais na lógica do “aprender a aprender”, na investigação criativa e na pesquisa, tendo em vista as mudanças no contexto da educação no Brasil e no mundo. Talvez nunca, em nenhum outro momento de nossa história, os caminhos estiveram tão abertos à ação criativa dos próprios educadores. Estamos sendo “oficialmente” solicitados a construir nossos próprios projetos, sendo que nessa realidade, não há modelos pré-fixados, nem receitas prontas. (VALENTE et al, 2020)

As atividades lúdicas têm grande potencial no mundo digital e, portanto, no ensino remoto, mas requerem uma melhor preparação e conhecimento dos docentes quanto ao seu uso e que seja feito de forma crítica e reflexiva para não ampliar as desigualdades da educação brasileira.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FIGUEIREDO, Marília Z. A.; CHIARI, Brasília M.; DE GOULART, Barbára N. G. Discurso do Sujeito Coletivo: Uma Breve Introdução à Ferramenta de Pesquisa Qualiquantitativa. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.25, n.1, abr. 2013.

KAHOOT!. **Kahoot.com**, 2021. Página de descrição do site. Disponível em: <<https://kahoot.com/company/>>. Acesso em: 27 de fev. de 2021.



MASSA, Mônica de Souza. Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito.

Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, v.2, n.15, p.111-130, dez. 2015.

PINHEIRO, Igor de Araújo et al. Brincar de Geografia: O Lúdico no Processo de Ensino e Aprendizagem. **Revista Equador**, Teresina, v.2, n.2, p.25-41, jul/dez 2013.

RONDINI, Carina Alexandra, et al. Pandemia da Covid-19 e o Ensino Remoto Emergencial: Mudanças na Prática Pedagógica. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.10, n.1, p.41-57, 2020.

VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; et al. O Ensino Remoto Frente às Exigências do Contexto de Pandemia: Reflexões Sobre a Prática Docente. **Research, Society and Development**, v.9, n.9, p.1-13, 2020.

VERRI, Juliana Bertolino; ENDLICH, Ângela Maria. A Utilização de Jogos Aplicados no Ensino de Geografia. **Revista Percorso**, Maringá, v.1, n.1, p.65-83, 2009.



CIBERCULTURA E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Amanda Larissa Conde Terra²⁵

Amanda Silva Miranda²⁶

Resumo: Com o avanço das tecnologias, o mundo digital tem feito cada vez mais parte do cotidiano da maioria das pessoas. O presente trabalho busca através de uma revisão bibliográfica discutir o conceito de cibercultura e quais são seus efeitos para a educação geográfica, não apenas com a introdução de meios eletrônicos como ferramentas didáticas, mas também como valores e significados criados a partir do mundo virtual se apresentam no cotidiano e comportamento dos indivíduos no ambiente escolar. E assim tentar definir quais são os principais desafios e as vantagens que se apresentam para o presente e futuro do ensino de Geografia.

Palavras-chave: Cibercultura; Educação; Geografia.

Introdução

Se até o ano de 2020, restavam dúvidas sobre a influência da internet sobre nossas relações, a partir dele as discussões com certeza foram muito enriquecidas. A experiência da pandemia do novo coronavírus, não pode ser considerada agradável, mas pode ser olhada como um grande laboratório em andamento que evidenciou muitas das nossas fragilidades sociais, econômicas e políticas. E quando se considera as relações pessoais, de ensino e de aprendizagem a internet se tornou a protagonista. Com as chamadas de vídeo para ver entes queridos, inclusive aqueles que a imagem na tela se tornou a última lembrança, com as escolas e universidades que em meio a discussões polêmicas e fervorosas adotaram o ensino remoto, que é assunto para muitas outras discussões sobre sua eficácia e seu resultado no desenvolvimento principalmente das crianças. Mas essas discussões não serão nosso objetivo no presente trabalho, aqui buscaremos entender através de levantamento bibliográfico, qual o reflexo que a cibercultura já exerce e deve exercer daqui pra frente na sala de aula e quais os desafios e/ou vantagens para o ensino de geografia nesse contexto das tecnologias digitais. Para

²⁵ Graduanda de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: amanda.larissa@uel.br

²⁶ Graduanda de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: amanda.miranda@uel.br



isso é importante esclarecer alguns conceitos. O conceito de cibercultura utilizado será o de Pierre Lévy (1999, p.14) que em sua obra intitulada Cibercultura, define que o termo se refere ao “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Sendo o ciberespaço a comunicação da interconexão mundial dos computadores. Ou seja, não nos propomos aqui discorrer necessariamente sobre o uso dos aparelhos tecnológicos como ferramenta de aprendizagem, mas também sobre a cultura enquanto comportamentos gerados na relação que boa parte das pessoas têm com a internet e que refletem na sala de aula.

Cibercultura

A história da cibercultura é recente, mas a velocidade com que ela ganhou proporções mundiais e multidimensionais já diz muito sobre a mesma. Ainda assim, o conceito não é considerado pronto, e permanece em análise e em discussão. Para falar dela é necessário primeiro abandonar certa visão terceirizada que costumamos utilizar, como se fosse algo distante e independente, quase um ser que se autoconstrói, e não um espectro da cultura, criação da sociedade. Sobre isso, Lévy (1999), um dos pioneiros e mais importantes teóricos do assunto, fez questão de destacar que a tecnologia não é algo separado da cultura e da sociedade, mas sim, parte dela, porém a velocidade com que as técnicas se alteram e se renovam na atualidade tende fazê-la parecer algo separado dos processos sociais. Sendo assim, para auxiliar na (re)aproximação, é importante retomar os estudos já desenvolvidos sobre cultura.

Uma fase muito importante para os estudos culturais foi o século XX, onde o mundo passa pelo que ficou conhecido como Revolução Cultural, que se dá no momento em que a cultura ocidental é difundida massivamente pelo globo como cultura global, através da expansão dos meios de comunicação (HALL *apud* HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1353). Os estudos culturais buscavam entender como os avanços da comunicação e a mídia, influenciavam nas mudanças culturais, considerando principalmente o rádio e a televisão. A partir dos anos 1990, porém, a internet passou a fazer parte desses estudos. Essas discussões permitiram entender que o uso e a apropriação das tecnologias digitais são produções culturais, desenvolvidas por uma sociedade a partir de seu contexto histórico (HEINSFELD;



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

PISCHETOLA, 2017, p. 1353). As técnicas estiveram, desde as mais primitivas, no centro da produção e reprodução cultural humana. Hoje não é diferente com a internet, e isso pode ser observado no surgimento dessa cultura específica dos meios eletrônicos, que molda a comunicação, e as mais diversas relações humanas na contemporaneidade. Em resumo, podemos dizer que a sociedade criou o mundo digital e este por sua vez se tornou o cenário para o surgimento de uma cultura digital que agora influencia em muitos aspectos da sociedade.

Hall (*apud* HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1354), aponta duas dimensões da cultura, importantes para seu entendimento: a) Dimensão substantiva - parte concreta dos elementos culturais de uma sociedade em um local e tempo. Dentro da cultura digital ela é as transformações na tecnologia, ascensão das tecnologias de informação e comunicação, que alterou as identidades pessoais e sociais; b) Dimensão epistemológica - modo como a cultura transforma e explica nossas visões dos fenômenos, são os modelos teóricos e os significados que utilizamos como filtros na interpretação do mundo, e a linguagem é o meio pelo qual fazemos isso. Costa et al (*apud* HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1354) diz que dentro da cultura digital essa dimensão se apresenta na “virada cultural” que fez os discursos culturais (tv, músicas, internet), ganharem poder e não serem apenas artefatos, mas práticas de representação que criam sentidos, e passaram a mediar a realidade.

Assim entende-se que a cibercultura vai muito além da tecnologia em si, ela se caracteriza por um arcabouço complexo e múltiplo de valores, significados e práticas (SAVAZONI; COHN, 2009, p. 36). Cláudio Prado (In: SAVAZONI; COHN, 2009, p. 45), à descreve como muito mais do que uma cultura, mas sim como a cultura desse século, que proporcionou não apenas mudanças concretas, mas diversas reflexões sobre a civilização humana.

O ciberespaço, cenário específico dessas dinâmicas, possui um aspecto importante que faz toda a diferença em como se desenvolveu a cibercultura: a desterritorialidade. A cultura digital é desterritorializada porque sua execução pode ir a praticamente qualquer localização, não fica preso a um território específico. Baratto e Crespo (2013, p. 20) falam sobre esse deslocamento espacial, se antes os homens se deslocavam por suas necessidades de alimentação e sobrevivência, a era digital criou uma nova necessidade, a necessidade de informação instantânea, que faz as pessoas se deslocarem por muitos locais diferentes dentro do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ciberespaço, mas sem as limitações geográficas do espaço real. Os autores explicam ainda que Herlander Elias, caracterizava o ciberespaço como uma revolução, por reunir todas as possibilidades, papel que no espaço físico, antes das tecnologias digitais, era ocupado pelas cidades. O espaço urbano representava esse papel de oferecer diferentes condições de vida, boas ou ruins, e agora o ciberespaço se propõe a oferecer respostas para tudo, estando corretas ou não.

Cada vez mais apagam-se as linhas que dividem o real e o virtual, e cada vez mais as vivências da internet se refletem na vida cotidiana. É possível discutir as diversas profissões que surgiram nos meios digitais, as inovações no modo de vender produtos online, a influência e integração da internet com a televisão, os impactos políticos de um *tweet* do ex-presidente dos Estados Unidos, entre outros assuntos atuais que demonstram bem como em muitos momentos os mundos real e virtual se misturam. No presente trabalho, será desenvolvida a discussão sobre esse mundo virtual e a educação.

Educação no contexto da cultura digital

Primeiro é importante entender que, para além da educação básica das escolas, as tecnologias causaram transformações no saber como um todo. Pierry Lévy (1999) entende três características do conhecimento contemporâneo que ele chama de mutação contemporânea do saber. A primeira se refere a rápida renovação do conhecimento, fazendo com que aquilo que uma pessoa aprenda em sua formação acadêmica, por exemplo, já seja ultrapassada no momento de exercer a profissão; a segunda, se liga com a primeira, pois diz respeito à nova natureza do trabalho, que se caracteriza por não apenas exercer determinada função, mas estar sempre estudando, aprendendo e se preparando para as inovações; e, por fim, o fato de que o ciberespaço possui tecnologias que conseguem modificar, amplificar ou exteriorizar funções cognitivas humanas, como a memória nos bancos de dados, a imaginação nas simulações digitais, os raciocínios na criação de modelos digitais, entre outros exemplos. As três características estão relacionadas à velocidade, dinamicidade e acessibilidade, que fazem do mundo virtual um espaço com uma imensa quantidade de informações, teorias e notícias, tudo



isso encontrado muitas vezes na palma das mãos. E se o contato com tantas informações é tão fáceis assim, qual se torna o papel da escola nesse contexto?

Para entrar nessa discussão é necessário fazer um questionamento anterior, será que o papel da escola pode ser comparado a essa função da internet de entregar informações diversas e na maioria das vezes descontextualizadas? Se entendemos a escola como espaço que deve servir à construção de conhecimento, a resposta é não. Informar é diferente de formar, de orientar e de educar. Ao termos contato com um dado ou uma informação não significa que vamos entender o que aquilo significa, e menos ainda que vamos saber como utilizá-la, por isso dizer que a internet dispensa a necessidade da escola e do professor, é um pensamento que subestima a importância da educação e o poder de criação da internet. Um espaço tão aberto e pluralizado como o mundo virtual, cria um espaço infinito e incontrolável, onde publicações verdadeiras ou falsas, lícitas ou ilícitas, construtivas ou ofensivas são lançadas todos os dias aos montes, simplesmente introduzir os equipamentos e liberar o acesso dos alunos ao ciberespaço não faz parte do educar.

Os caminhos necessários para a educação dentro do contexto da cibercultura, começam pela reflexão e transformação. Se o cenário é dinâmico, de rápida renovação e estímulos diversos, não se pode esperar que a educação em sua forma tradicional, linear e engessada, dê conta de levar os indivíduos à compreensão da realidade em sua complexidade. Os espaços de conhecimento precisam se adaptar, se abrir aos fluxos de saberes cada dia renovados e considerar tanto a globalidade e quanto a singularidade como parte do cotidiano.

Os alunos são a principal porta de entrada da cibercultura na escola na atualidade, pois as gerações mais recentes têm tido contato com o mundo virtual muito antes de entrar numa sala de aula, muitas crianças aprendem a colocar seu vídeo favorito no *Youtube* antes mesmo de aprender a escrever seu próprio nome. Ignorar esses aspectos e manter-se preso a métodos tradicionais é ignorar a realidade. Mas ao incluir as tecnologias dentro da sala de aula, é importante fazê-lo com uma perspectiva além de um novo recurso didático. A cibercultura, dentro da sala de aula, também será muito mais que os equipamentos e métodos, ela está na linguagem, no aspecto epistemológico da cultura, que como já mencionada, passam pelo valores e significados. Por isso se deve entender como se dá a relação dos jovens com o mundo digital e quais os reflexos em seus comportamentos. Não é um processo fácil, mas, Heinsfeld e



Pischetola (2017, p. 1357), apontam algumas habilidades consideradas necessárias por alguns especialistas, para esse novo cenário educacional:

Desenvolvimento do pensamento crítico, da habilidade de solução de problemas, do entendimento e da apropriação do funcionamento das redes colaborativas, em especial das possibilidades da inteligência coletiva, da adaptabilidade e da resiliência, da criatividade, da curiosidade, da iniciativa e do empreendedorismo, e, não menos importante, das faculdades de pesquisa, acesso, análise e avaliação das informações disponíveis.

O desenvolvimento dessas habilidades possui uma premissa de maior participação do aluno em seu próprio processo de aprendizagem, com autonomia. Premissa essa já levantada por diversos estudiosos da educação como necessária a emancipação e formação cidadã. Outro elemento quase unanimemente considerado essencial para a educação também é beneficiado com a cibercultura: a interdisciplinaridade. Baratto e Crespo (2013, p. 21) apontam que a expansão das tecnologias de informações reverte o processo de especialização iniciado na revolução industrial, e dentro da produção as coisas passam a ser unificadas na rede. Na educação essa unificação se dá pela interdisciplinaridade que as tecnologias permitem muito mais que os livros didáticos separados por matérias.

Quando aparece a oportunidade dada pelas novas técnicas é que se nota uma reaproximação de áreas que estavam se fragmentando. Essa busca da unidade perdida se tornou uma exigência do próprio objeto. Nós não temos hoje mais facilidade de dispensar a interdisciplinaridade (HADDAD In: SAVAZONI; COHN, 2009, p. 28)

Além disso, o ex-ministro da educação, Fernando Haddad, em sua colaboração para o livro Cultura Digital.br (SAVAZONI; COHN, 2009) defende que a abordagem e utilização das dinâmicas do mundo digital em sala de aula colabora também para a desconstrução do modelo rígido e hierárquico onde apenas os professores falam e conduzem a aula. A participação dos alunos através das trocas de experiências e de compartilhar e debater seu próprio cotidiano no mundo virtual não só pode enriquecer a aula, mas aproximar os conteúdos dos alunos e aumentar sua autoestima e noção de que ele faz parte da sociedade e os assuntos pertinentes a ela. A partir dessas discussões, algumas vantagens e desafios que chegam às escolas junto com a cibercultura serão pontuadas a seguir, sendo relacionadas ao campo da Geografia.



Vantagens e Desafios para a educação geográfica

Primeiramente é importante ressaltar que as informações que circulam no ciberespaço, se deu a partir de situações e fenômenos que ocorreram no espaço geográfico, por isso ambos se relacionam, atualmente não poderia existir ciberespaço sem o espaço geográfico, e o mesmo ocorre ao contrário, porque a rápida e a fácil disseminação de informações que ocorre no ciberespaço, são influentes e condicionantes nas decisões que ocorrem no espaço geográfico, sobre isso Magnoni e Figueiredo (2019) colocam, “as novas tecnologias transformam a relação com o espaço, dando-nos uma nova percepção de mundo. O que ocorre no ciberespaço, surge a partir do espaço geográfico, e o que lá se deu, repercute no último de forma cada vez mais intensa”.

A tecnologia proporciona uma facilidade e rapidez na troca de informações, com uma pesquisa no Google (a principal plataforma de pesquisa online do mundo atualmente), é possível em poucos minutos ter acesso a informações de qualquer assunto, principalmente sobre os conteúdos estudados no ensino básico, sendo assim, a busca pela informação pode ser realizada em qualquer lugar e a qualquer momento, indo além das paredes da escola e dos livros didáticos. No ensino de Geografia, esses recursos tecnológicos podem ser utilizados para incentivar pesquisas sobre os conteúdos estudados e para chamar atenção dos alunos com o uso de aplicativos, como o *Google Earth*.

Com as plataformas de interação, por exemplo, redes sociais como *WhatsApp*, e aplicativos de interação educacional como o *Google Classroom*, juntamente com a fácil e rápida troca de informações, podem proporcionar realização de enquetes, debates e pesquisas em conjunto pelos alunos de forma remota, essas plataformas sempre foram utilizadas pelos alunos, mas com a pandemia da COVID-19, o uso destes recursos se tornou essencial. A interação entre os alunos é importante, pois, isso gera debates, trocas de ideias e pontos de vista, estimulando raciocínio geográfico e o pensamento crítico do aluno.

É importante nos dias atuais que os alunos tenham essa interação com o ciberespaço, com o desenvolvimento da tecnologia, é inevitável que ela faça parte das nossas vidas, consequentemente, das nossas relações sociais. O aluno pode utilizar esses recursos para seu próprio aprendizado de forma descontraída, através de jogos, filmes, documentários, livros



online. Além disso, o aluno pode participar de grupos e páginas que são interessantes para ele, colocando e defendendo seu ponto de vista para diversas pessoas ver, tornando-se cada vez mais um cidadão ativo, que interage com outros membros da sua realidade, como colocam Ribeiro e Behar:

Dessa maneira, dispondo de diversas ferramentas interativas, como os softwares sociais, e fazendo-se presentes na cibercultura, essas crianças estão encontrando novas maneiras de se sociabilizar e de se produzir como sujeitos infantis. Vê-se, assim, a criança como parte da sociedade, com um modo próprio de pensar, relacionando-se e interagindo com membros de seu contexto social, tornando-se atuantes em seu meio (RIBEIRO E BEHAR, 2012, p.3)

Na utilização de recursos tecnológicos, além do professor ter um leque de possibilidades para o ensino de Geografia, ele pode acompanhar o desenvolvimento do aluno, analisando suas dificuldades, suas opiniões, seu modo de pensar e o desenvolvimento da escrita, através das mídias sociais e dos trabalhos realizados com pesquisas individuais, como afirmam os autores Almeida, Silva, Junior e Borges:

Através das redes sociais digitais, sendo elas um espaço de colaboração, o professor conseguirá observar aspectos que são difíceis de verificar em sala de aula, como: elaboração de textos, dificuldade na escrita, pesquisas sobre determinados assuntos, apresentação de opiniões e críticas e também debates (ALMEIDA, SILVA, SILVA JUNIOR E BORGES, 2015, p.8).

Os avanços tecnológicos proporcionaram uma facilidade na comunicação entre as pessoas, isso é um ponto positivo para a educação, com essa facilidade de comunicação é possível ter uma maior interação dentro da escola e com a comunidade. A divulgação de informações e a participação da comunidade ficou mais acessível, pois, agora a informação é instantânea e não precisa ser passada de forma presencial, isso também é importante para a comunicação entre os próprios professores e com os alunos, sendo possível coordenar trabalhos mesmo estando distantes e tirar dúvidas dos alunos a qualquer momento.

O ensino de Geografia pode ser desenvolvido com as novas tecnologias, com esses novos recursos e com a infinidade de possibilidades de trabalhar os conteúdos, devido à grande quantidade de aplicativos, livros on lines, sites de pesquisa, entre outros, o aluno pode compreender melhor os conteúdos, pesquisando quando tiver dúvidas ou apenas para ter um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

melhor entendimento sobre os conteúdos. O processo de ensino e aprendizagem fica mais didático, prático e interessante para o aluno, podendo beneficiar os alunos de uma forma que o processo de ensino aprendizagem tradicional não poderia fazer.

Mas com todas essas tecnologias à disposição, muitos professores acabam caindo num ensino tecnicista, onde os meios eletrônicos e digitais são apenas instrumentos para os quais o professor transporta os mesmos métodos tradicionais (HEINSFELD; PISCHETOLA, 2017, p. 1358). Esse uso mecânico é muitas vezes também autoritário, pois considera como válido aqueles conhecimentos e meios selecionados pelo professor e desconsidera a experiência pessoal do aluno com a internet, e esse tipo de dinâmica não permite a construção de uma formação para a cidadania. Muitos professores reconhecem o papel metodológico das tecnologias, mas poucos consideram seu impacto cultural. Os meios tecnológicos apresentados acima não podem, como tem ocorrido, serem usados de forma acrítica pelos professores, como recompensa pelo comportamento da turma ou apenas para chamar a atenção dos mais jovens.

A tecnologia no ensino da educação básica, como já visto, trouxe diversas vantagens, mas também trouxeram desafios a serem superados, um deles é a descentralização do conhecimento das mãos dos professores. Como já vimos, com o fácil e rápido acesso tantas informações, é necessário saber diferenciar as que são verdadeiras e as que não são, por isso é preciso que o professor acompanhe as pesquisas e as informações que os alunos procuram e trazem para a sala de aula de perto, para que o aluno não se confunda com informações contraditórias e descontextualizadas.

Com esses novos recursos digitais, é necessário dar suporte para que os professores se capacitem para utilizar desses métodos, pois, é um fato que vários professores deixam de usar esses recursos por falta de conhecimento com os aparelhos, e isso é natural porque o uso de tecnologias em sala de aula e para fins acadêmicos, na educação básica, é relativamente novo, levando em consideração que nem todos os alunos, os professores e nem todas as escolas têm a devida infraestrutura para isso. Juntamente com a capacitação dos professores, é preciso formular formas pedagógicas que realmente ajude os alunos, com o uso de recursos tecnológicos, a estudar e compreender os conteúdos da Geografia, para que esses tipos de aulas, não se torna apenas algo diferente e divertido, e que não atribui na vida dos alunos, sobre isso os autores Ribeiro e Behar colocam:



Porém, entusiasmar o aluno com a adoção de um recurso que lhe é atraente não é bastante para tornar a máquina em um elemento significativo para a sua aprendizagem. [...] Em resumo, o computador por si só é um suporte pródigo em potencialidades, pois depende de um plano cuidadoso que trace estratégias e explore sua latência enquanto ferramenta pedagógica. Naturalmente, isso pressupõe professores capacitados e fluentes no uso dessas tecnologias em sala de aula (RIBEIRO E BEHAR, 2012, p.2).

A adaptação dos alunos é outro ponto que deve ser discutido, os alunos que já tem contato com aparelhos tecnológicos possuem mais facilidade em se adaptar, principalmente nos recursos que o próprio aparelho fornece e que são utilizados para fins particulares pelos alunos. É natural que alguns alunos tenham dificuldades para utilizar esses novos recursos digitais, por isso novas propostas pedagógicas são necessárias, mas pensando a longo prazo, ensinar o aluno a utilizar de forma correta esses equipamentos, pode trazer diversos benefícios para o ensino do mesmo. Com esses novos recursos, o professor passa de detentor do conhecimento para um intermediador, dando aos alunos mais autonomia sobre seu processo de aprendizagem, como expõem os autores Almeida, Silva, Junior e Borges (2015), “o professor passa de detentor e produtivo do conhecimento para colaborador, o que institui ao docente uma flexibilidade maior de acordo com a sua função tradicional em sala de aula”.

O aluno passa a ter mais autonomia sobre seu processo de aprendizagem, mas a profissão do professor não se anula ou chega ao fim com esse novo modelo, o professor deve se modernizar para atender esses recursos, ajudando os alunos sempre que necessário, guiando-os para uma melhor utilização dos aparelhos digitais, e sempre pensando em práticas pedagógicas que melhor beneficie seus alunos, visando o desenvolvimento individual de cada um, para que se tornem cidadãos críticos e ativos nessa sociedade tecnológica, como discorre Vasconcelos Junior:

Conclui-se que o processo de transformação da sociedade e dos meios tecnológicos afeta o docente em sala de aula, porém a profissão de professor não desaparecerá frente a tais avanços. Nesse ínterim cabe ao profissional estar preparado para absorver as novas tecnologias e adequá-las à prática da docência de forma a otimizar os resultados educacionais (JUNIOR, 2017, p. 4).

A tecnologia reorganizou o espaço e as relações, por isso é necessário abordar essas questões nos conteúdos, e mostrar de forma prática como isso ocorre, pois, os alunos mesmo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

podem ver as diferenças que aconteceram ao longo do tempo com o uso destes recursos tecnológicos. A economia, política, cultura, modo de produção e a organização dos Estados, todos esses aspectos tiveram mudanças influenciadas pela quantidade de informações e novos recursos tecnológicos que circulam no ciberespaço, mudanças estas que influenciam a vida dos próprios alunos e de toda a sociedade, por exemplo, a tecnologia influencia na economia, pois, ela modificou o modo de consumo, criando novos meios de transações e sites de compras.

Um assunto importante que deve ser discutido, é a forma como esse fluxo de informação também altera as buscas de poder entre os Estados, atualmente, é preciso estar inserido numa rede para possuir poder sobre os demais lugares. A rede deu um novo sentido para o arranjo espacial, porque deixou a região ainda mais dinâmica, visando que agora as influências de outras regiões sejam mais presentes e significativas. Devido aos meios de mobilidades que foram desenvolvidos, as pessoas, as informações e os produtos se deslocam com maior facilidade, o que antes demorava dias ou até meses, atualmente é questões de segundos ou horas, tudo isso com o desenvolvimento da tecnologia. Essa fácil mobilidade de pessoas, informações e objetos também trouxe seus problemas, um deles é o sentido físico das coisas, que começou a se ressignificar porque os espaços foram se comprimindo, sobre isso Magnoni e Figueiredo expõem em seu artigo:

Moreira (2014) aduz que a organização em rede vai mudando a forma de conteúdo dos espaços deixando-os simultaneamente mais fluídos e as distâncias perdem seu sentido físico diante do novo conteúdo social do espaço. Antes de mais nada, é preciso se estar inserido num lugar, para se estar inserido na geopolítica da rede. [...] Uma vez localizado na rede, pode-se daí puxar a informação, disputar-se primazias e então protagonizar o jogo do poder. Enfim, a informação se torna a matéria-prima essencial do espaço-rede (MOREIRA *apud* MAGNONI E FIGUEIREDO, 2019, p.595).

Para compreender os dias atuais, onde a tecnologia é marcante em nossas vidas, precisamos entender como chegamos até aqui. Ao longo dos anos, as técnicas proporcionaram ao homem a possibilidade de produzir, dominar e transformar o espaço conforme suas necessidades, esse espaço é o objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico, este é repleto de relações humanas, e principalmente repleto de interações do homem com o meio. Milton Santos, um dos principais geógrafos brasileiros, estuda a evolução das técnicas e propõem três períodos técnicos evolutivos do homem, o primeiro é o período natural, neste momento as



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

condições do homem eram primitivas, havendo pouca modificação do espaço geográfico e grande influência da natureza sobre as relações humanas. No segundo período, ocorre a evolução e domínio das técnicas, surgindo a mecanização do espaço e maior influência do homem sobre a natureza. Por fim, chegamos ao último e atual período, o Meio Técnico Científico e Informacional, onde ocorre diversas inovações técnicas, devido a interligação da ciência com a tecnologia, sobre esse período Santos coloca;

É o período de novas redes técnicas, que permitem a circulação de ideias, mensagens, pessoas e mercadorias num ritmo acelerado, e que acabaram por criar a interconexão entre os lugares de maneira sincrônica, muito embora se dando essa instalação desses aparatos técnicos, científicos e informacionais, nos espaços, de forma diacrônica (SANTOS *apud* NASCIMENTO E FERNANDEZ, 2019, p.5).

O Meio Técnico Científico e Informacional surgiu a partir de 1980, com a revolução científico- técnica, marcante pela terceira revolução industrial. Neste período, houve o crescimento na indústria de ponta, evolução nos meios de comunicação, surgimento da robótica e biotecnologia, e sobretudo mudanças nas mídias globais, surgindo um novo sistema de controle das massas, como afirmam Nascimento e Fernandes (2019), “hoje, a sociedade é regida por um único sistema técnico e social hegemônico, internacionalizado, onde a ciência, tecnologia e a informação é a materialização técnica das construções humanas”.

A Geografia enquanto disciplina escolar, deve abordar esse período Meio Técnico Científico e Informacional, porque ele influenciou todo o mundo, sendo responsável pelas transformações sociais, dos meios de produção, dos meios de comunicação, da educação, entre outros, estando presente em nossas vidas diárias. É necessário mostrar aos alunos como a Tecnologia é condicionante de todos os acontecimentos atuais e como ocorreu a evolução do mundo por meio dela.

Considerações Finais

Dentro de todo esse cenário, essas discussões se fazem necessárias, mas elas não devem ocorrer de maneira a ignorar a realidade material da educação no país. É importante considerar alguns dados. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, mostra que, apesar do aumento, o acesso



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

à internet não é a realidade de todos os brasileiros. Os dados mostram que no país 79,1% dos domicílios possuem o uso, mas quando pegamos o dado apenas da zona rural essa taxa cai para apenas 49,2% de domicílios com acesso, e desses domicílios 20,8% não possuem cobertura de internet na área o que impossibilita o acesso. A maior parte das famílias utilizam o telefone móvel, celular, para usar a internet (99,2%), isso não significa que cada membro possua o seu para uso indiscriminado, o que pode dificultar a utilização do aparelho para fins educacionais se na casa tiver mais de um estudante. Além disso, para pesquisa, elaboração de trabalho, longas leituras e a utilização de algumas ferramentas, o ideal é que se use um aparelho maior, como um microcomputador, que segundo a pesquisa é utilizado em apenas 48,1% dos domicílios. Essas informações demonstram como a desigualdade ainda afeta a possibilidade de uma aplicação geral da tecnologia nas escolas, pois exigiria uma preparação daqueles alunos que não estão habituados e não tem o mundo digital tão presente assim em seu cotidiano. E a situação é bem parecida também dentro das escolas, uma pesquisa do Instituto Datafolha em 2020, aponta que 29% das escolas no Brasil não tem acesso a internet e 55% não tem a velocidade adequada para uso.

Esse problema se escancarou no país com a pandemia do novo Coronavírus, chegada em Março de 2020, que obrigou as escolas do país todo a suspenderem as aulas presenciais e realizarem o chamado ensino remoto, similar ao ensino a distância, em que os alunos recebem aulas gravadas ou participam de aulas ao vivo pela internet. O tamanho do prejuízo gerado para a educação ainda é incerto, estudos nos próximos anos devem relatar, mas a expectativa é de alto número de abandono e na queda da qualidade do ensino. Isso diz muito sobre as grandes mudanças que precisam ocorrer para que a educação possa usufruir dos benefícios e encarar os desafios trazidos pelas tecnologias e a cibercultura.

Com tantas desigualdades presentes no ensino, fica evidente que a padronização não é o melhor caminho, para atender as diferentes realidades das escolas, principalmente considerando um país de proporções continentais como o Brasil, é preciso construir um ensino que respeite o contexto de cada um. Não no sentido de se acomodar e não buscar mudanças e melhorias, mas introduzir as discussões aqui apresentadas de forma que seja possível trabalhar e que faça sentido para todos os envolvidos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO NA PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O caminho é longo, e as ideias desenvolvidas neste trabalho são apenas passos de formiga, que não mudam a educação sozinhas. É necessário uni-las com diversas outras pesquisas, propostas e debates que vêm sendo desenvolvidos dentro do ensino de geografia e que juntos podem permitir uma reaproximação entre a disciplina e os alunos, que os permita entender seu papel no espaço geográfico, as dinâmicas das quais faz parte e se unir aos professores, pais, gestores e políticos na construção de uma nova educação.

Referências

- ALMEIDA, I. A. SILVA, J. C. B. JUNIOR, S. A. S. BORGES, L. M. Cibercultura: as redes sociais como ferramenta para o ensino e aprendizado em geografia. **Anais II CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15601>>. Acesso em: 20 de março de 2021.
- BARATTO, Silvana Simão; CRESPO, Luís Fernando. Cultura digital ou cibercultura: definições e elementos constituintes da cultura digital, a relação com aspectos históricos e educacionais. **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v.1, n.2, p. 16-25, ag/dez.2013. Disponível em:https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/51965/mod_folder/content/0/jul-2.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 18 de março de 2021.
- EDUCA, IBGE. Uso de Internet, televisão e celular no Brasil. **IBGE**, 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>. Acesso em: 24 de março de 2021.
- HEINSFELD, Bruna Damiana; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital e educação, uma leitura dos estudos culturais sobre os desafios da contemporaneidade. **RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. esp. 2, p. 1349-1371, ago./2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10301>. Acesso em: 17 de março de 2021.
- JUNIOR, I. F. V. Reflexões sobre cibercultura e educação. **XXII SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**. 2017 p.1-4. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/anais/anais-2017/XXII%20SEMIN%C3%81RIO%20INTERINSTITUCIONAL%202017%20-%20ANAIS/GRADUA%C3%87%C3%83O%20-%20RESUMO%20EXPANDIDO%20CI%C3%84NCIAS%20SOCIAIS%20E%20HUMANIDADES/REFLEX%C3%95ES%20SOBRE%20CIBERCULTURA%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2021.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 1999
- MAGNONI, M. G. M. FIGUEIREDO, W. S. Geografia e tecnologia: o ciberespaço como dimensão socioespacial. **Ciência Geográfica** - Bauru - Ano XXIII - Vol. XXIII - (2): Janeiro/Dezembro – 2019, p.590-603. Disponível em: https://agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXIII_2/agb_xxiii_2_web/agb_xxiii_2-19.pdf. Acesso em: 20 de março de 2021.



NASCIMENTO, G. O. FERNANDEZ, P. S. M. O meio técnico científico e informacional e a cultura tecnológica: perspectivas para o ensino de geografia. **Prometeu**, Ano V, n. 1, 2019. p.1-18. Disponível em: http://lte.ce.ufrn.br/prometeu/revistas/revista_2019/1.O-MEIO-TECNICO.docx.pdf. Acesso em: 23 de março de 2021.

RIBEIRO, A. C. R. BEHAR, P. A. O computador como uma ferramenta para auxiliar na aprendizagem: a visão de alunos e professores. **RENOTE** - Revista Novas Tecnologias na Educação V. 10 Nº 1, julho, 2012, p.1-10. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30877>. Acesso em: 20 de março de 2021.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. **Cultura digital.br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.

SILVA, Victor Hugo. 29% das escolas do Brasil não têm acesso à internet, segundo Datafolha.

Tecnoblog, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/385090/29-das-escolas-do-brasil-nao-tem-acesso-a-internet-segundo-datafolha/>. Acesso em: 24 de março de 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A PAISAGEM COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA: TRILHAS INTERPRETATIVAS NA CIDADE DE LONDRINA - PR

Pâmela da Silva Gaedke²⁷

Thais Mayara Perazolo²⁸

Resumo

A paisagem como categoria de análise do espaço geográfico é representativa da construção histórica da diversidade de locais e gera diferentes interpretações e entendimentos sobre o mesmo. Com o objetivo de utilizar como linguagem as trilhas interpretativas para análise da paisagem, buscou-se utilizar como ferramentas o Google Earth e o Street View, alternativa encontrada para se trabalhar remotamente com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Na prática, o uso de tais ferramentas trouxe um maior engajamento e participação dos alunos durante a aula, despertando a curiosidade dos mesmos. Em contrapartida, também relatou ocorrências de não participação e dificuldades quanto à avaliação dos alunos devido ao contexto do ensino remoto.

Palavras-chave: Espaço Geográfico; Paisagem; Relações Socioespaciais; Google Earth.

Introdução

A ciência geográfica tem como objeto de estudo o espaço geográfico, que por sua vez abarca uma complexidade diante dos fatores que ele comporta, desta maneira as categorias de análise nos auxiliam na compreensão da construção e transformação do espaço geográfico.

Dentre as categorias de análise, a paisagem é a que possui maior dinamicidade, já que constantemente é alterada por meio do trabalho que se intensifica com o avanço das técnicas. Além disso, a paisagem nos apresenta um relato de construção espacial, que nos possibilita compreender uma enorme diversidade de fatores a respeito do local e global, pois é possível ver a construção histórica, social, política e cultural.

Além disso, a compreensão da paisagem possui características que podem ser melhor compreendidas de forma empírica, experienciando o lugar. Com o avanço das tecnologias, é

²⁷Gestora Ambiental; Discente de graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. pamela_gaedke@hotmail.com.

²⁸Discente de graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. thaismayaraperazolo@gmail.com.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

possível observar diferentes lugares de forma remota, podendo visualizar as características de um bairro, cidade, os diferentes países.

A contemporaneidade exige do professor inovações no que diz respeito ao uso dos recursos didáticos em sala de aula, pois a sociedade vem passando por transformações sociais, científicas e tecnológicas, portanto, é necessário inserir no ensino novas tecnologias visando a superação dos desafios existentes. Como exemplo, se tem o Google Earth e o seu recurso, o Street View, que tornam possível a visualização do espaço, da paisagem, do território e do lugar por diferentes ângulos e escalas, sendo importantes ferramentas de análise espacial.

A diversidade metodológica implica em compreender um mesmo assunto por meio de diferentes técnicas, e com isso entender que o saber não é único, e sim múltiplo, por haver uma construção histórica de cada indivíduo que influenciará sua análise. Desta maneira, poder levar para a sala de aula metodologias que possibilitem a troca de conhecimento sobre um mesmo fator, auxiliando na expansão da aprendizagem.

A importância da Geografia no ensino, principalmente no ensino fundamental onde os alunos começam a compreender suas ações no meio ambiente, é propiciar condições para que os alunos adquiram conhecimentos significativos que dizem respeito à realidade natural e social, para que assim sejam capazes de construir suas convicções necessárias para sua atuação na sociedade, pois para que haja a formação da cidadania é imprescindível uma boa formação escolar básica.

Tendo como fundamental importância o reconhecimento do aluno no espaço vivido, é importante que ele reconheça seu local de vivência, seu bairro, sua cidade e as diferentes paisagens existentes ao seu redor.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo relatar as experiências de estágio vivenciadas, de forma remota, no Colégio Estadual Professora Cléia Godoy F. Silva, localizado na porção sudoeste da cidade de Londrina-PR, para os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental das turmas A e B, no qual se propôs a aplicação das trilhas interpretativas por meio das ferramentas Google Earth e Street View, após as aulas expositivas referentes aos conteúdos sobre espaço geográfico e suas categorias de análise, além das desigualdades sociais e do papel do trabalho na transformação da paisagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Durante as aulas, buscou-se usar metodologias que contribuíssem para a visualização dos conceitos e dos fenômenos que foram transmitidos aos alunos, sendo assim, foi utilizado vídeos, imagens, músicas e poemas distribuídos nas seis aulas ministradas. Já o Google Earth e o Street View foram aplicados para visualizar as trilhas interpretativas que foram primeiramente ilustradas em um mapa para que os alunos visualizassem sua localização na cidade de Londrina-PR.

A utilização das trilhas interpretativas, desperta nos alunos uma relação de intimidade com o ambiente, proporcionando novas sensações e experiências por meio do contato direto com o meio, observando aspectos da paisagem que não eram percebidos antes, além disso, propicia um melhor conhecimento do ambiente local, e da diversidade de aspectos que o complementam.

Ao aplicar as trilhas foi feita uma interpretação do entorno da trilha, exaltando os elementos que a rodeavam, como ruas, prédios, praças, etc. e ao entrar no Street View buscou-se ressaltar os elementos que diversificavam uma rua de outra, exaltando os setores que predominavam no local, como setor residencial, hospitalar, industrial ou comercial.

A estrutura do artigo apresenta um referencial teórico dos conteúdos aplicados em aula, como os conceitos de espaço geográfico e suas categorias de análise (paisagem, lugar, território e região). No entanto, foi aprofundado o tema de paisagem, já que ele seria responsável por nortear os demais conteúdos. Em seguida, o artigo trará o relato do ensino remoto em tempos de pandemia e a experiência vivenciada no estágio, evidenciando o uso das trilhas interpretativas como linguagem didática para análise da paisagem geográfica.

A diversidade do espaço geográfico e seus fatores de transformação

A ciência geográfica tem como seu objeto de estudo o espaço, que é construído social e historicamente. Na perspectiva da Geografia crítica, Milton Santos (2009, p.63), define que o espaço geográfico é um híbrido “formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Além disso, podemos utilizar a capacidade histórica do espaço para obter a leitura e evolução da sociedade, já que para Abrão (2010), a noção de espaço é inseparável da ideia de tempo, supondo o acúmulo de ações localizadas em diferentes momentos históricos, sendo o espaço local e global ao mesmo tempo.

Diante das diferentes perspectivas acerca do espaço geográfico, podemos concluir que o mesmo é o contínuo resultado das relações socioespaciais, sendo elas econômicas, culturais, políticas, entre outras. No entanto, a ação humana e suas práticas são responsáveis por gerar as diversas relações espaciais, tendo uma ou mais intencionalidades.

Com isso, cabe ao geógrafo ter um olhar atento para identificar essas intencionalidades e quais são os seus objetivos e consequências, e a partir desses conhecimentos, ser capaz de intervir para o benefício da sociedade em geral (SANTOS, 2009).

O espaço geográfico, definido como a relação do homem com a natureza, é constantemente transformado pelo trabalho por meio da evolução das técnicas. O processo de (re)territorialização do trabalho muda o cenário na medida que avança em detrimento do capital e, conseqüentemente, em busca da mais valia.

Com isso, a espacialidade é redefinida constantemente com a dinâmica das relações de trabalho, pois na medida em que a sociabilidade é alterada, as dinâmicas das populações pelo espaço são alteradas já que as necessidades seguindo a lógica do capital exigem cada vez mais apropriação de terra, do espaço, do dinheiro e cada vez menos pessoal, impactando assim a ocupação e vivência do sujeito, já que é por meio do trabalho que torna possível assegurar os meios de vida (THOMAZ JÚNIOR, 2002).

Para trabalhar o espaço geográfico diante da sua complexidade, é possível desmembrá-lo e compreendê-lo por meio de algumas categorias, como lugar, território, região e paisagem, como afirma Suertegaray (2001).

[...] o espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e ou território, e ou lugar, e ou ambiente; sem desconhecemos que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais. Paisagens contêm territórios que contêm lugares que contêm ambientes valendo, para cada um, todas as conexões possíveis (SUERTEGARAY, 2001, p. 10).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Enquanto o território agrega as relações de poder e a região as semelhanças de uma determinada porção de lugares facilitando a administração do mesmo, o lugar nos apresenta um conceito complexo e abrangente.

Segundo Suertegaray (2001), atualmente, o conceito de lugar é considerado um conceito fundamental, sendo analisado de forma mais abrangente. O lugar é um conceito que nos remete a reflexão de nossa relação com o mundo, entendido enquanto lócus da vida, o qual se manifesta como um “(...) cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum” (SANTOS, 1997, p. 88).

Se levarmos em consideração o conceito de pertencimento implícito na categoria, podemos concluir que quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar (TUAN, 1983). Pois quando estamos em nosso bairro, há uma sensação de pertencimento à nossa rua, quando estamos do outro lado da cidade, nosso bairro é nossa sensação de pertencimento, quando estamos em outro estado fazemos referência ao nosso estado ou cidade como identificação e quando estamos em outro país nossa sensação de pertencimento muda para nosso país de origem, com isso a escala referente ao conceito se torna relativa.

Já a paisagem é a materialização de um instante da sociedade, é o reflexo da civilização, tendo o geógrafo a tarefa de analisar e distinguir o que provém do solo, do clima e também da técnica agrícola e da organização social.

Apesar de haver diferentes formas de definir o conceito de paisagem dependendo da área de análise e estudo, na Geografia há um consenso geral de paisagem, sendo ela o conjunto da relação dinâmica de elementos físicos, biológicos e antrópicos, não sendo apenas caracterizada pelo meio natural, mas incluindo a existência humana (MAXIMIANO, 2004).

Para Santos (1988), a paisagem é tudo aquilo que a visão alcança, é formada por cores, movimentos e odores. Para o autor, a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, e cada pessoa possui sua própria percepção, pois ela depende da educação formal ou informal e as vivências de cada indivíduo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

No entanto, o simples olhar da paisagem, assim como a percepção individual sobre a mesma, não é suficiente para compreendê-la, pois, o conhecimento é necessário, sendo por meio dele que chegar-se-á a interpretação da paisagem.

Uma importante característica da paisagem salientada por Santos (1988), é a sua constante transformação, pois a paisagem se reorganiza no decorrer do tempo por meio do surgimento das novas técnicas, e com o objetivo de atender a lógica da produção de determinado momento, onde uma paisagem é escrita sobre a outra.

A desigualdade na paisagem está inserida por meio de características visuais, olfativas, paisagísticas, ambientais. Com o conjunto de fatores que uma determinada paisagem apresenta, é possível verificar a desigualdade nela existente quando comparada com outras regiões de uma mesma cidade ou bairro. Ao passo que o capital se acumula cada vez mais nas mãos de poucos, a pobreza aumenta, e as condições de vida das pessoas se tornam cada vez mais precárias.

A desigualdade social que se materializa e se expressa na paisagem, não se forma de maneira aleatória, é preciso ter em mente que a configuração do espaço se dá a partir de uma lógica mundial, o capitalismo. Regiões bem-sucedidas e regiões perdedoras, conformam a paisagem do capitalismo mundializado, expressão concreta do desenvolvimento geográfico desigual (THEIS, 2011).

Na cidade de Londrina, localizada no Norte paranaense, não é diferente, pois passou por profundas transformações desde que foi criada no ano de 1934. A Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) adquiriu as terras desta região e foi responsável pela ocupação e viabilização das condições para a construção dos loteamentos.

Na década de 1950, a paisagem urbana sofreu profundas transformações pelo forte desempenho da atividade comercial e de transformação nos materiais das casas. Além disso, neste período, Londrina se inseriu em um contexto de expansão econômica, populacional e físico-territorial, iniciando sobretudo um processo extensão e verticalização da cidade.

[...] o interesse, por parte do poder público municipal dessa década, em promover uma urbanização modernizadora, ordenada, higienista, isolando a pobreza e a degradação física e social dos interesses dominantes, que ia da organização mais geral da cidade



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ao detalhamento da vida individual no interior das habitações, procurando consolidar e ampliar as práticas de dominação e a manutenção da elite cafeeira (ARIAS NETO, 2008, p. 115).

De acordo com AMORIN (2011), a partir dos anos 1960-1970, com o desgaste da economia cafeeira e com o processo de substituição do café por agriculturas mecanizáveis, resultou em um grande êxodo rural, sendo assim, a área urbana da cidade recebeu um enorme contingente populacional, ocasionando profundas alterações socioespaciais e em sua estrutura urbana.

Na década de 1960 também se intensificou a atividade industrial e o aprimoramento da atividade comercial, de prestação de serviços e financeira que se tornaram os grandes responsáveis pelo comando da economia local. Em 1970, teve início a construção dos conjuntos habitacionais nas áreas periféricas da cidade, aumentando ainda mais a malha urbana (PAULA, 2006).

Diante de toda a complexidade existente no espaço geográfico e da diversidade de fatores que contribuíram para a modificação da cidade de Londrina, é preciso compreendê-lo de forma empírica, onde a observação complementar os conteúdos passados em sala para os alunos.

Pois, o conteúdo da Geografia, deve ser aquele que melhor instrumentaliza o cidadão no sentido do desenvolvimento do raciocínio geográfico, necessários à vida prática. E para que se atinja o objetivo do ensino da geografia atualmente e se alcance uma aprendizagem efetiva, “[...] é preciso que os conteúdos veiculados sejam vivos, dinâmicos, ligados a vida diária dos alunos e as suas necessidades práticas. Além disso, preciso que esses conteúdos sejam tratados de forma crítica” (CAVALCANTI, 1993 p. 76).

As trilhas interpretativas são um instrumento de ensino que aproxima os alunos da realidade vivida e do cotidiano, objetivando que o aluno consiga estabelecer uma relação com o espaço vivido, a partir da experiênciada das paisagens, compreendendo os aspectos históricos, culturais e as potencialidades dos lugares observados.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A utilização das trilhas interpretativas, desperta nas pessoas uma relação de intimidade com o meio, ao mesmo tempo que proporciona novas sensações e experiências por meio do contato direto com este, propiciando um melhor conhecimento do ambiente local, dos seus aspectos históricos, geomorfológicos, culturais e naturais (GUIMARÃES; MENEZES, 2006 apud NARDOTO, 2019, p. 122).

Em um contexto de aulas online, as geotecnologias nos possibilitam realizá-las de modo virtual, utilizando o Google Earth e Street View, desencadeando uma abordagem integrada e interpretada sob diferentes ângulos e com uma diversidade imensa de locais em um período de tempo muito pequeno, já que não é preciso haver deslocamento físico para isso.

O Ensino em Tempos de Pandemia: a experiência do estágio de vivência

Com o cenário de pandemia presente no mundo todo, a internet se apresentou como um importante meio de comunicação, não apenas para conectar as pessoas, mas também para levar conhecimento até elas. Desta maneira, o ensino precisou se apropriar de diferentes ferramentas para se realizar e dinamizar as atividades em sala de aula.

No entanto, evidenciou-se barreiras tecnológicas que existentes, principalmente nas escolas públicas, sobretudo nas localizadas em zonas periféricas. Professores que antes iam para a sala de aula fazendo uso do livro didático e do quadro negro, agora se veem horas montando slides e aprendendo a utilizar ferramentas para apresentar aos alunos os conteúdos que antes eram transmitidos presencialmente.

As metodologias de ensino e aprendizagem no atual período pandêmico vem sendo rediscutidas, buscando aprimorá-las diante dos novos desafios que se apresentam. Desta forma, uma diversidade de ferramentas que condizem com o ensino remoto passou a ser utilizada. Ferramentas que, com certeza, irão auxiliar nas aulas presenciais, quando houver o retorno das atividades para o espaço físico da escola.

Para a realização do estágio, o uso do Google Meet foi a base utilizada para a reunião dos alunos com o professor, possibilitando o contato por meio de vídeo, áudio e mensagens.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Apesar de não substituir a sala de aula, se mostrou uma excelente ferramenta para uso acadêmico.

A desigualdade social tão presente atualmente e intensificada com a pandemia, fez com que menos alunos pudessem acompanhar as aulas, devido à ausência de um computador, um aparelho celular ou até mesmo uma internet de baixa qualidade ou a ausência da mesma.

A carência de um local adequado ou não frequentado para os estudos foi notado durante as aulas, pois houve alunos que durante as aulas permaneceram deitados no chão, ou sobre a cama. Tal fato acaba prejudicando a atenção do aluno referente a aula, já que muitas vezes não olhavam para a tela do celular ou computador por algum tempo.

Diante deste cenário, em torno de 13 alunos participaram das aulas síncronas, na turma do 6º A, e 16 alunos na turma do 6º B, enquanto os demais, de uma turma de aproximadamente 30 alunos, recebiam as atividades impressas entregues em casa ou retiradas na escola, passando estas por um período de quarentena devido à possibilidade de infecção.

Esse fator revela o que os dados trazidos pelo Plano Político Pedagógico (PPP, 2010) da escola, o qual afirma que, entorno de 10% da comunidade atendida recebe o benefício do Bolsa Família, e que a formação dos responsáveis pelos alunos em muitos casos, é o ensino médio incompleto.

Este cenário nos traz a reflexão do estado mental dos alunos, pois, alunos que antes iam a escola e aproveitavam a merenda, hoje frequentam sua própria casa em condições de incerteza do alimento, da instabilidade do emprego dos pais, da duvidade do aprendizado e da preocupação com o futuro, e até mesmo com a possibilidade de luto de parentes, amigos ou conhecidos.

Uma das turmas, cuja aula era realizada na sexta feira, mostrou uma ansiedade maior quanto ao término da aula. Mais de uma vez era indagado o horário em que a turma iria ser liberada. Este fato, nos mostra a dificuldade intrínseca ao ensino remoto, pois naturalmente as crianças possuem uma inquietude maior que os adultos, e o fato de que eles devem ficar sentados em frente a uma tela durante todo um período do dia, acaba não sendo agradável, pois além da ausência de interação do ambiente com a turma, também há a ausência de movimento,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

exigindo uma postura estática e de plena atenção por um determinado período de tempo cujas crianças não estão acostumadas, e isso acaba dificultando o aprendizado do aluno.

A paisagem como importante fator geográfico

A paisagem foi a categoria de análise do espaço geográfico que norteou as 6 aulas aplicadas. Primeiramente, buscou levar os conceitos de: espaço geográfico; paisagem; lugar; território e região. Com isso, os alunos puderam compreender o papel da paisagem como elemento de análise do espaço geográfico, buscando relacionar o papel de cada uma delas na complementariedade deste espaço e atribuindo a intencionalidade das ações humanas na transformação e construção de cada categoria.

Ao se aprofundar no conceito de paisagem que norteou as demais aulas, foi levado o papel do trabalho e da técnica como agente transformador e as relações de interdependências criadas por ele. Além disso, a desigualdade social foi trabalhada como elemento de contraste das paisagens.

É importante para o aluno compreender que, a maneira como a paisagem se apresenta não é por acaso, pois há a interferência da sociedade, de um passado histórico, do processo produtivo ou até mesmo pela dinâmica da natureza.

A escolha de se trabalhar com os alunos a paisagem voltada para a cidade de Londrina, foi devido a busca por maior compressão deles pela construção e pela transformação de seu local de vivência, podendo reconhecer nos demais lugares do mundo fatores que coexistem na cidade que residem.

Foi utilizado as imagens do projeto Londrina Sonora, que busca agregar os sons das paisagens às imagens da década de 1930 da cidade para mostrar o início do processo de transformação da mesma, e com isso não apenas expor a mudança nos sons da paisagem, mas também dar início do conteúdo histórico da construção de Londrina.

Além disso, foi elencado os fatores históricos que contribuíram para a mudança de cenário que trilharam os rumos históricos do município, e um comparativo de imagens de alguns pontos da cidade, como fotografias aéreas, das principais avenidas e de pontos turísticos, etc.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

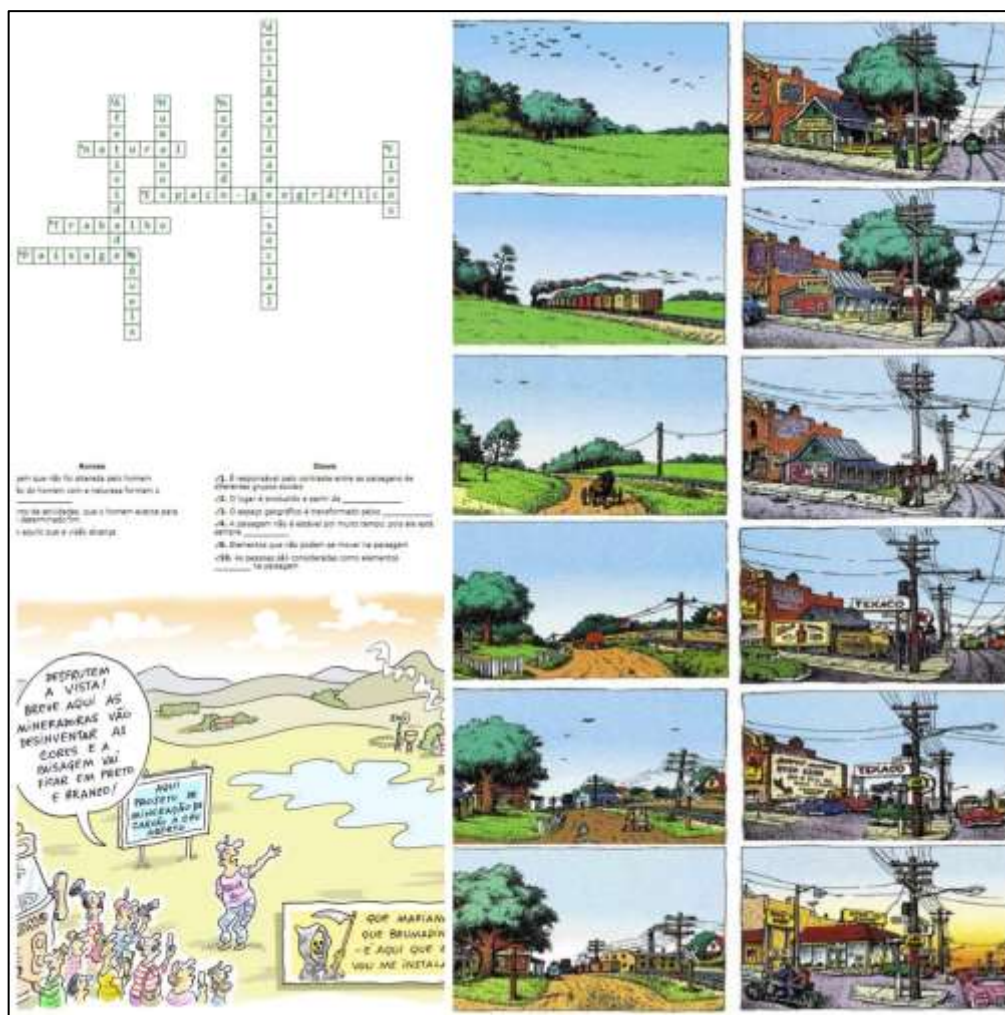
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Em todas as aulas foram utilizados recursos didáticos que auxiliassem na construção do conteúdo trabalhado, como músicas, poemas e imagens.

Foi utilizado a música “Saudades da minha terra” de Estêvão Protomartir de Brito Guerra, composta no início do século XX, para que os alunos pudessem identificar os fatores que caracterizavam a construção da categoria de lugar, já a música “Cidadão” de Zé Ramalho, escrita no final da década de 1970, foi utilizada para que os alunos compreendessem o papel da classe trabalhadora, da técnica e da desigualdade social.

Quanto as avaliações dos alunos, além de serem feitas no decorrer das aulas com perguntas dirigidas de forma oral, foram elaboradas atividades com o uso de imagem que exigia uma interpretação da mesma, vídeo e cruzadinha (Figura 1).

Figura 1 – Atividade como forma de avaliação do conteúdo



Elaboração: Os Autores, 2021.

Fonte: Santiago, 2019; Fernando, 2013.

Após construir o conceito de espaço geográfico na primeira aula, foi apresentado uma imagem que representa processo de transformação de um espaço pela ação humana, com isso, foi questionado aos alunos, qual processo estava representado na imagem, e qual a principal diferença entre o primeiro quadrinho e o último?

As respostas recebidas contemplavam a mudança de um espaço rural para o urbano na maioria das respostas, no entanto, alguns alunos conseguiram identificar a mudança da carroça para os carros e sua modernização, além da presença de postes de energia e a evolução das estradas. Houve alunos que também apresentaram respostas muito rasas como “mudança de um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

lugar”, mostrando que o nível de criticidade variava de um aluno para outro, já que alguns focaram mais na diferença dos aspectos visíveis e menos nas causas dessas modificações.

As respostas mostraram que os alunos, diante das explicações e pela abordagem realizada na aula, foram capazes de analisar a imagem e identificar a mudança que a presença do homem faz no espaço. Identificando a mudança de um espaço sem a presença de construções humanas, onde a natureza predominava a paisagem, para a evolução de uma área rural e em seguida modificada para um espaço urbano. Além de identificarem a evolução da técnica presente pelo trabalho humano nas imagens.

Na segunda aula foi trabalhado os conceitos de lugar e paisagem, e apresentado aos alunos uma charge que busca passar a mensagem que a mineração transformaria aquele local, “desinventando as cores” tornando a paisagem “preta e branca”. Com isso, os alunos deveriam responder no caderno, qual a mensagem que a charge estava passando.

Diante das respostas recebidas, alguns alunos conseguiram identificar a apropriação da natureza pelo homem, transformando a paisagem, aumentando a poluição e reduzindo as cores do ambiente. Assim como a atividade anterior, houve respostas rasas e pouco críticas, dizendo apenas “que ia acontecer uma obra na paisagem”. No entanto, de modo geral, quanto a esta atividade, notou uma ausência de aprofundamento da interpretação e da criticidade da mesma.

Na terceira aula foi abordado a transformação da paisagem pelo trabalho, abordando as relações de interdependência dos seres humanos com a natureza. Foi apresentado aos alunos o vídeo denominado “a relação do homem com a natureza com o homem que o rodeia” (2014) que se encontra disponível no link, <https://www.youtube.com/watch?v=wcBwFCVC1R0&t=9s>, esta atividade obteve um resultado distinto entre as duas turmas. O vídeo demonstra a apropriação do homem com a natureza desde o início dos tempos, onde o homem matava os animais apenas para sobreviver até o momento atual com as transformações genéticas e o acúmulo de resíduos diante do consumo desenfreado de bens materiais.

A primeira turma obteve uma visão que se assemelha a uma “catástrofe”, pois alguns alunos se mostraram muito indignados e tristes com o vídeo. Alguns destes comentaram que ver o vídeo lhe fez mal devido ao conteúdo relacionado com o período pandêmico. Já a segunda



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

turma demonstrou uma maior conscientização e preocupação com os fatores ambientais, como o descarte inadequado de lixo e o impacto do mesmo no planeta.

Foi solicitado que os alunos escrevessem no caderno, qual o entendimento que obtiveram com a mensagem do vídeo. O vídeo impactou as duas turmas, foi possível perceber que os alunos se posicionaram contra essa atitude dos seres humanos, que por meio das respostas pode-se compreender que os mesmos expressam preocupações quanto aos impactos causados pelo homem.

Na aula seguinte foi abordado o tema de desigualdade social na paisagem, buscando enfatizar a distinção que os fatores econômicos contribuíam para o contraste na paisagem. Com isso, foi realizado uma cruzadinha online com os alunos com os conteúdos ministrados nas 4 primeiras aulas. Com a realização da atividade, os alunos mostraram uma dificuldade quanto a fixação dos conteúdos, fator que demonstra a necessidade de se abordar um mesmo tema de formas distintas, para que os alunos possam compreendê-lo de forma mais abrangente.

A avaliação e a correção das atividades aconteciam durante a aula após eles responderem, em seguida os alunos deviam fotografar a resposta no caderno e encaminhar via aplicativo de conversa. No entanto, muitos alunos não enviaram as respostas, como mostra a tabela 1, além disso, alguns alunos não participaram de forma ativa durante a aula, desta maneira não foi possível identificar se a atividade foi realizada ou respondida de forma correta, nem se estes alunos conseguiram assimilar e compreender os conteúdos apresentados.

Diante do recebimento das atividades apresentadas na tabela 1, os alunos da turma do 6º A apresentaram maior retorno, mas ainda assim é um número muito baixo se levar em consideração que em torno de 13 alunos participavam das aulas online.

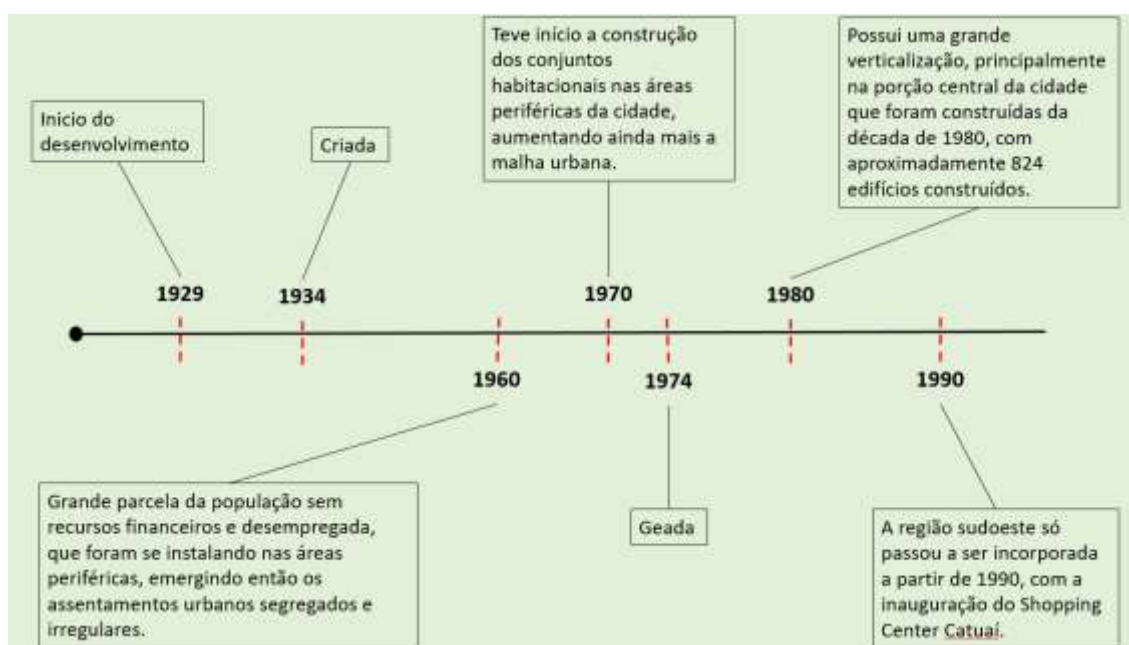
Tabela 1 – Quantidade de respostas recebidas de cada atividade

Aula	1	2	3	4
6º A	10	3	4	10
6º B	2	2	3	1

Elaboração: Os Autores, 2021

Na quinta aula foi apresentado aos alunos os fatores históricos da cidade de Londrina-PR, como mostra a figura 2, que contribuíram para o seu surgimento e desenvolvimento. A apresentação deste conteúdo contribuiu não apenas para que os alunos obtivessem maior conhecimento sobre o lugar que moram, mas também para introduzir as discussões durante a atividade das trilhas interpretativas, que abordavam a expansão da cidade.

Figura 2 – Linha do tempo dos fatos históricos da cidade de Londrina



Elaboração: Os Autores, 2021.

Em seguida foi apresentada o Projeto Londrina Sonora que traz as imagens da cidade referente a década de 1930, mostrando a mudança da paisagem por meio das imagens e levantando questões quando a mudança dos sons da paisagem. Posteriormente, foi apresentado imagens de locais distintos da cidade em décadas anteriores e atualmente.

Na aula seguinte foi abordado os setores urbanos da cidade (industrial, hospitalar, comercial e residencial), para que os alunos pudessem compreender a forma organizacional da cidade. E em seguida, após ser apresentado o mapa das trilhas interpretativas e a apresentação do Software Google Earth, se deu início a atividade das trilhas interpretativas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A relação teórica e prática das trilhas interpretativas

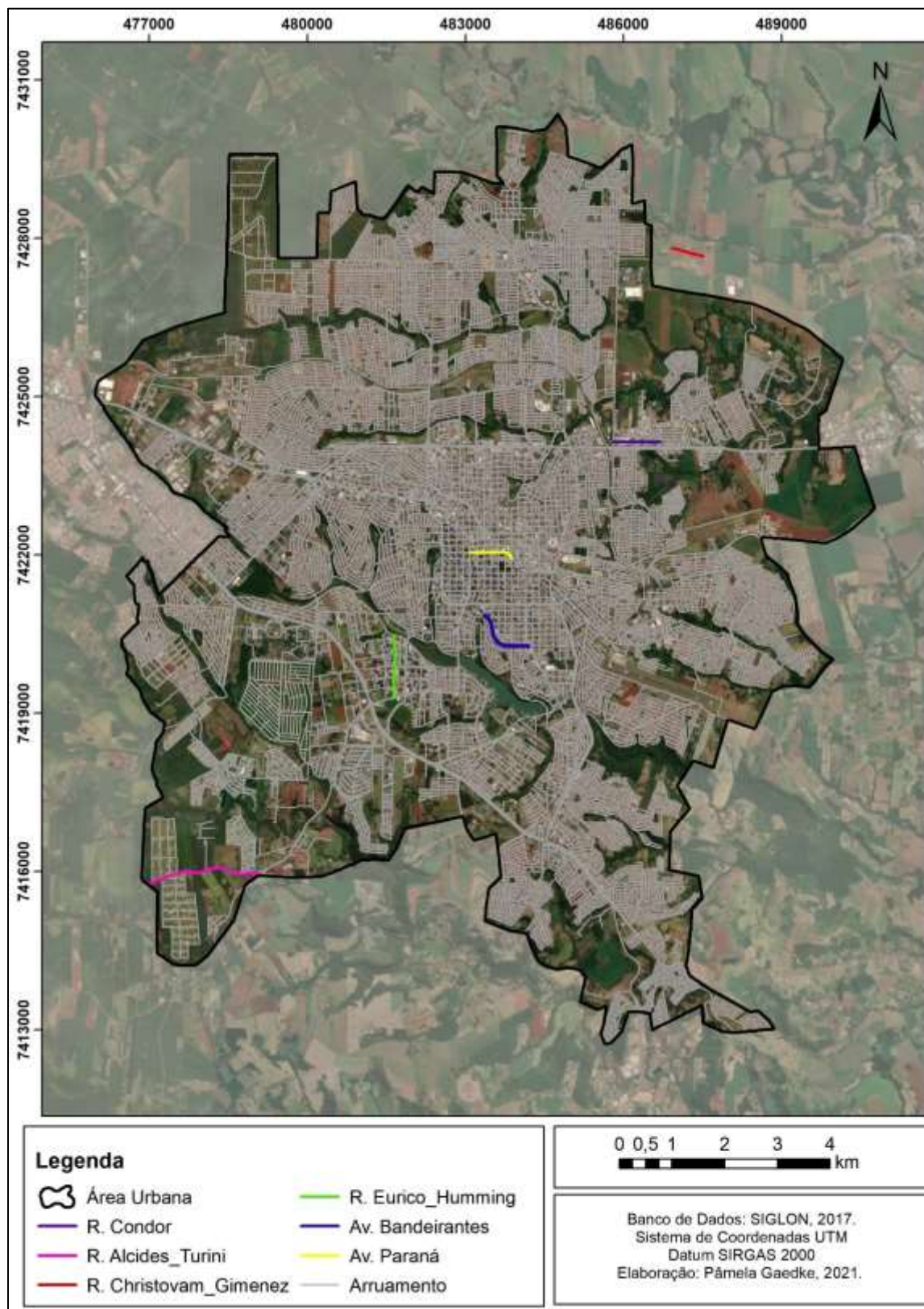
Uma atividade que instiga o aluno, que faz sentido para sua vida, contribui consideravelmente para a construção de um olhar crítico e sociável com o meio, ajudando este indivíduo a se ver como agente transformador do espaço em que frequenta. Além disso, possibilita a estimulação do aluno a conhecer melhor as diferentes realidades existentes, e compreendê-las para que assim construa uma mente com maior consciência, percepção e visualização.

Ao analisar a paisagem é importante olhar não apenas a estética do lugar, mas aos fatores que levaram determinado lugar a possuir determinada estética. A contribuição da Geografia para compreender a formação e a transformação do espaço geográfico, nos auxilia quanto a estas percepções. E o uso das trilhas interpretativas, mesmo que de modo remoto, se faz ideal para se voltar o olhar à paisagem.

Tendo em vista a necessidade da aplicação prática atrelada a teoria na disciplina de Geografia, buscou-se aplicar as trilhas interpretativas, por meio do Google Earth, com o auxílio do Street View, enfatizando características da construção e desenvolvimento das paisagens visualizadas, para que os alunos pudessem obter a percepção socioespacial que caracteriza o local.

Antes do acesso ao Google Earth foi utilizado a figura 3 para mostrar aos alunos a localização de cada trilha e as características atribuídas a cada uma delas. É importante ressaltar que para a escolha das trilhas levou-se em consideração os aspectos trabalhados durante as aulas.

Figura 3 – Mapa de localização das trilhas interpretativas





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Os Autores, 2021.

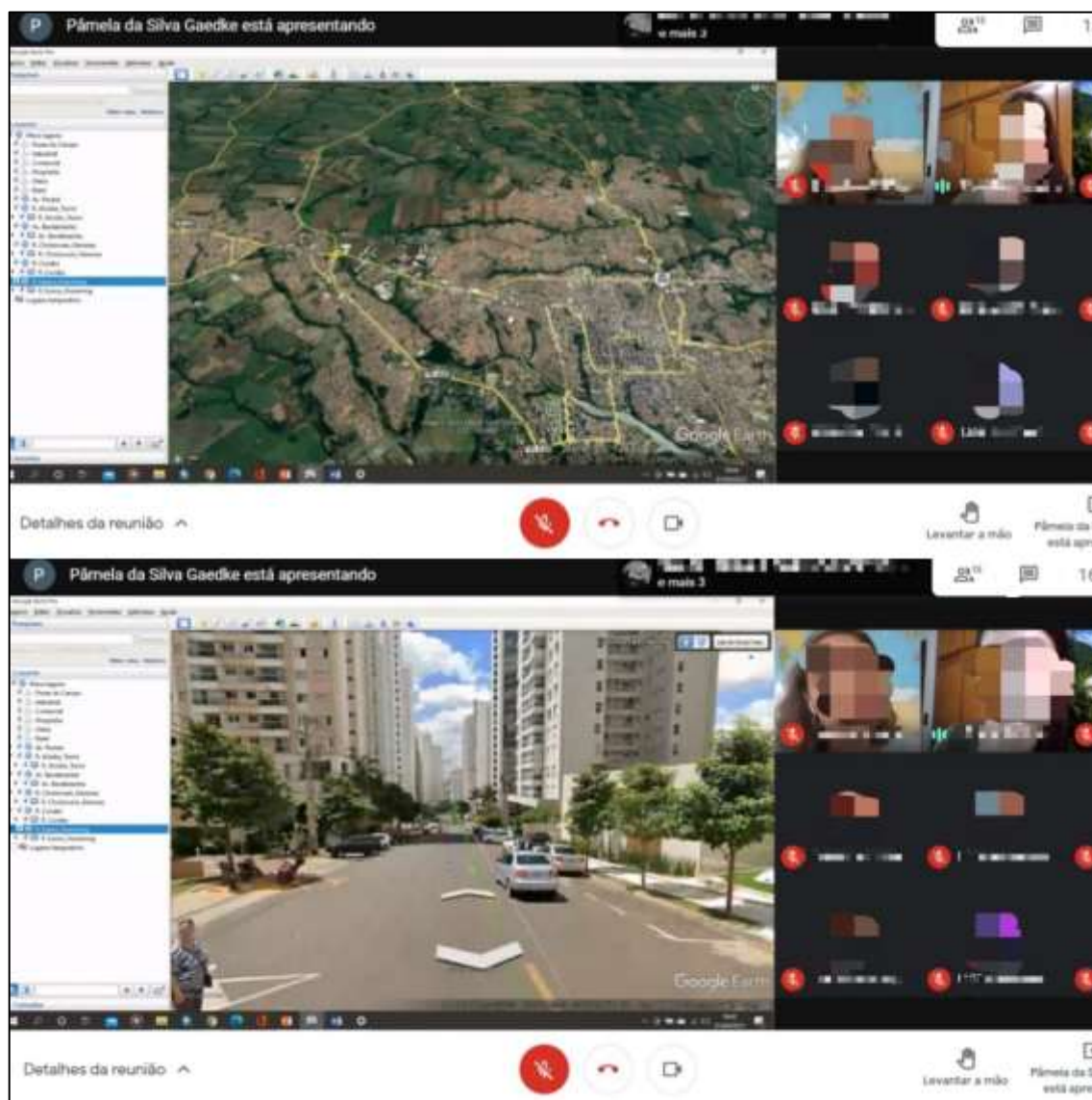
Desta maneira, foram selecionadas trilhas que possuíssem: um setor hospitalar como a Avenida Bandeirantes representada pela cor azul no mapa, onde possui uma concentração maior de farmácias, clínicas e hospitais; um setor comercial como a Avenida Paraná representada pela cor amarela no mapa, possuindo maior concentração de lojas de diferentes atividades; um setor industrial como a Rua Condor representada pela cor roxa no mapa, que apresenta uma grande concentração de indústrias; um local com maior poder aquisitivo como a Rua Eurico Humming representada pela cor verde no mapa que possuem prédios de alto padrão imobiliário e uma infraestrutura pública mais valorizada; um local que possuísse uma transição de rural e urbano, com moradias e plantações lado a lado, como a Rua Alcides Turine representada pela cor rosa no mapa, que se localiza no limite da área urbana de Londrina; e um local de ocupação irregular que representasse a precariedade das casas e a ausência de infraestrutura como a Rua Christovam Gimenez, no Jardim Flores do Campo, localizada fora do limite da área urbana de Londrina.

Ao realizar a atividade da trilha (Figura 4), primeiramente foi analisado o entorno dela, fazendo um levantamento junto aos alunos das características das casas ou prédios, do asfalto ou estrada de chão, da vegetação ou ausência dela, dos elementos que eram agregados as áreas de maior poder aquisitivo como piscinas, quadra de esportes e áreas de lazer, a dimensão das casas etc. Em seguida, entrando no Street View, foi realizada a análise da infraestrutura como a qualidade das ruas, a presença de lixeiras, as características dos materiais de construção, o padrão econômico do bairro, etc.

Com isso, os alunos apontavam as características que cada trilha possuía, como comércios durante o dia, que traz bastante movimentação e durante a noite o vazio, ou o impacto das áreas industriais próximo as residências gerando ruídos, poluição, etc.

Durante a aula, os alunos mostraram bom engajamento com o conteúdo, participando durante toda a aula, com exemplos que já haviam presenciado e a cada trilha comentavam os aspectos de cada um dos lugares, levando em consideração os já trabalhados durante as aulas.

Figura 4 – Aplicação das trilhas interpretativas



Fonte: Os Autores, 2021.

Já ao final da aula, realizou um sorteio de três endereços dos alunos para que pudéssemos expor o local que os mesmos moravam. Com isso, estes destacaram as diferenças que a imagem apresentava em comparativo com a realidade mais recente, como uma casa que atualmente já está pintada, ou uma nova construção que surgiu, o asfalto que já não está em perfeito estado, árvores que já não existem mais, etc.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A experiência da discussão da paisagem com os lugares de vivência dos alunos, ou seja, o bairro em que residem, já que os alunos atendidos pelo colégio residem nas proximidades, despertou uma sensação de afetividade, e ao discutir e enfatizar as paisagens ali presentes, contribuiu para a construção de um olhar geográfico sobre seu lugar de pertencimento, levando em consideração o conhecimento prévio do aluno relacionado ao seu ambiente de vivências. E com isso, para a construção de uma Geografia que vai do local ao global.

Pode-se notar que com os aspectos de construção da paisagem durante as aulas, os alunos passaram a atentar-se cada vez mais aos detalhes sobre ela e assim poder diferenciá-la com outros locais da cidade, mostrando a construção de uma visão mais crítica com os aspectos socioeconômicos que norteiam as paisagens.

Sendo assim, a utilização do Google Earth tornou a aula mais dinâmica e contribuiu para a participação dos alunos, pois diferentes das demais aulas, nas quais aplicaram-se os conteúdos e, em seguida, estes copiavam algum conceito no caderno e faziam a atividade ao final, com a aplicação das trilhas os mesmos ficaram curiosos quanto aos outros lugares da cidade, e até mesmo, em quererem instalar o aplicativo que é disponibilizado gratuitamente.

Além disso, o Google Earth possibilitou relacionar todos os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores. Mostrando o contraste da desigualdade social, a expansão da cidade, a transição do urbano para o rural, as características espaciais na construção da cidade e as questões ambientais.

Desenvolver um conhecimento que fuja de categorias compartimentadas, o qual não há relação entre si, não contribui para uma visão sistêmica do mundo. Desta forma, dificulta que o aluno possa ver significado em estudar e aprender determinadas coisas.

Portanto, na Geografia é importante se trabalhar os conteúdos de forma que eles não fiquem fragmentados e que se relacionem entre si, já que os elementos geográficos influenciam um aos outros e desta maneira acabam resignificando a paisagem existente.

Considerações Finais

O período atual em que vivemos, no qual uma pandemia mundial se tornou uma realidade e que o isolamento social se tornou uma medida extremamente necessária para



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

contenção do vírus, a sociedade em geral precisou adquirir novos hábitos e as atividades sociais também precisaram se adaptar à nova realidade.

A educação foi um dos setores que sofreu uma mudança drástica em seu modo de funcionamento, houve uma corrida contra o tempo, no qual professores precisaram readequar suas aulas e aprender lidar com novas ferramentas de ensino, além de criar novas metodologias que fossem mais dinâmicas e ao mesmo tempo abarcassem todo o conteúdo.

Apesar do momento ser delicado, e que infelizmente nem todos possuem estrutura suficiente para o aproveitamento das aulas, os esforços para tornar as aulas mais dinâmicas e ativas são necessários e com as ferramentas tecnológicas que temos a disposição atualmente, se trabalhadas a partir de um planejamento, é possível elaborar aulas proveitosas e significativas para os alunos.

Com a aplicação das atividades, conclui-se que os alunos tiveram bom aproveitamento das aulas, com um engajamento por todo o período de estágio, no entanto, alguns alunos apresentaram dificuldade de lembrar dos conceitos. O uso das trilhas interpretativas, se mostrou eficiente, na medida em que possibilitou a completa demonstração da paisagem, auxiliando nas discussões e no interesse dos alunos.

Diante do exposto, podemos afirmar que o ensino remoto não se mostra ideal, devido as dificuldades encontradas quanto a atenção dos alunos, a dificuldade de avaliação e a falta de acesso de grande parte da população. Para que o ensino remoto se torne viável, é necessário não apenas as mudanças e o desenvolvimento de metodologias, mas também a aplicação de políticas sociais que contribuam para oferecer as mesmas oportunidades a todos.

Referências

- ABRÃO, J. A. A. Concepções de espaço geográfico e território. **Sociedade e Território**, Natal, v. 22, nº1, p. 46-64, jan./jun. 2010.
- AMORIM, W.V. **A produção social do espaço urbano em Londrina - PR**: a valorização imobiliária e a reestruturação urbana. Programa de Pós-Graduação em Geografia. UNESP. Presidente Prudente – SP. 2011.
- ARIAS NETO, J. M. **O Eldorado**: representações da política em Londrina, 1930/1975. 2ª ed. Londrina: EDUEL, 2008.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CAVALCANTI, L. S. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas. In: **Anais do 1 seminário Nacional: Currículo em movimento – perspectivas atuais**. 2010

CAVALCANTI, L. S. Elementos de uma proposta de ensino de Geografia no contexto da sociedade atual. In: **Boletim Goiano de Geografia**. 1993. v.13 P.65 - 82.

Colégio Estadual Prof.^a Cléia Godoy Fabrini da Silva Ensino Fundamental e Médio. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <

<http://www.ldacleiagodoy.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/3345/arquivos/File/PPP.pdf>>.

Acesso em: 04 de maio de 2021. Londrina. 2010.

FARIA, M. **A relação do homem com a natureza e o meio ambiente que o rodeia ...** Um vídeo muito comovente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wcBwFCVC1R0&t=9s>>.

Acesso em: 28 de Mar. de 2021. 2014.

Fernando, L. Transformação do espaço geográfico. **Linguagem Geográfica**. Disponível em: <

<http://linguagemgeografica.blogspot.com/2013/04/transformacao-do-espaco-geografico.html>>. Acesso em: 4 de março de 2021. Abril de 2013.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **R. RA ‘E GA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

NARDOTO, J. P. Utilização de trilhas interpretativas como prática educativa no ensino de geografia. **Anais da III Feira de Educação, Ciência, Tecnologia, Arte e Cultura (FECITAC) do IFES**. Edição 2019. p. 114-134.

PAULA, R. G. **A verticalização Gleba Palhano – Londrina - PR**: Uma análise da produção e consumo da habitação. 2006. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina PR. 119p.

SANTIAGO. Paisagem. **Extra classe**. Disponível em: <

<https://www.extraclasse.org.br/humor/2019/08/paisagem/>>. Acesso em: 4 de março de 2021. 15 de agosto de 2019.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. In: **Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona. nº 93, 2001.

THOMAZ JÚNIOR, A. **O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da “leitura geográfica”**. 2002. Projeto de Pesquisa “Território em Transe: Metabolismo Societário do Capital e as Mutações no Mundo do Trabalho”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel. 1983.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SABERES NA FORMAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA: UMA AQUISIÇÃO CONTINUA E INACABADA

Fabiana Michel Miranda Brum²⁹

Resumo

A atual pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de conhecer os principais desafios e saberes necessários durante a formação inicial de professores de Geografia. Para compreender estes desafios e saberes primeiramente foi feito uma revisão de literatura sobre os saberes necessários a prática docente, seguido da elaboração e aplicação de um questionário remoto com sete perguntas abertas no processo de sistematização dos dados realizou-se a partir de uma interpretação qualitativa os pesquisados foram alunos do terceiro e quarto ano do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021, com uma amostra de participação de 16 sujeitos. Como resultado foi possível compreender que há desafios tradicionais e desafios extremamente novos, provocados pela pandemia Covid 19, que mudou a forma do ensino e aprendizagem e que cada discente está vivenciando uma experiência diferente de aprendizado, sendo que alguns não estão conseguindo estudar, se concentrar, aprender, neste momento, isto é preocupante pois afeta o rendimento acadêmico dos futuros professores.

Palavras chaves: desafios, saberes, docente de geografia, pandemia covid 19

Introdução

Este artigo apresenta uma problematização das formas de aquisição do saber e as dificuldades dos discentes durante seu processo de formação. Para isto, é apresentado primeiramente uma base teórica expondo a visão de autores conhecedores do tema e uma pesquisa de cunho qualitativa realizada entre alunos do curso de Licenciatura de Geografia da Universidade Estadual de Londrina UEL, Paraná em 2020, com 16 sujeitos. Durante esta pesquisa surgiu dificuldades de encontrar alunos de Licenciatura em Geografia dispostos a participarem do questionário online, no entanto, com bastante paciência e perseverança foi possível realizar o trabalho.

²⁹Geógrafa, Gestora Ambiental, discente de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: fabyanabrum@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O assunto aprendizagem dos alunos com a profissão docente tem sido valorizado nas políticas nacionais e de acordo com Tardif, “a partir de 1980, a questão do saber dos professores fez surgir dezenas de milhares de pesquisas no mundo anglo-saxão e mais recentemente na Europa.” (TARDIF 2007.p.10), estas pesquisas propõem as mais diversas opiniões a respeito do saber dos professores

De acordo com Ens e Donato (2011), a “sociedade do conhecimento”, em que os futuros docentes atuarão, traz implicações para o “saber do professor”, visto as constantes mudanças no ensino e na própria sociedade a todo instante.

Para Marcelo (2009), a docência é uma “profissão do conhecimento”, legitimada pelo conhecimento e o saber, e o trabalho docente é o “compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens relevantes para os alunos”. Nesse sentido, o professor é um profissional que trabalha com o conhecimento, no entanto, tem compromisso com a aprendizagem de seus alunos e com sua própria preparação, o conhecimento adquirido pelos professores em sua formação inicial não interage de forma isolada, mas sim se complementa, um aprendizado acaba servindo de degrau a outro aprendizado e assim fortalecendo as habilidades requeridas pela docência.

Como bem cita Marcelo (2009) a docência é uma profissão do conhecimento e esta pesquisa busca conhecer as dificuldades encontradas e os saberes necessários durante a formação inicial do professor, portanto uma exploração dos desafios e saberes é necessária para compreender as vivências dos alunos de licenciatura de geografia, esta exploração é apresentada do próximo tópico.

Desafios da formação inicial de professores

Ao pensar nos desafios encontrados pelos professores de Geografia, no início de sua formação, entre as muitas preocupações podemos apontar os desafios tradicionais como: a insegurança decorrente da falta de experiência, a necessidade de alterar planos de aula, a interação interpessoal de alunos, pais e gestores escolares, a necessidade de adaptar o ensino as diferentes classes econômicas, estágio de formação e habilidades pedagógicas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Somadas a isto surgem novos desafios decorrente do contexto atual como: a Lei nº 13.415/2017 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais até 2022 e definiu uma nova organização curricular, chamado como “novo ensino médio”.

Também é importante pontuar que entre os desafios de ser docente na educação básica perpassa pelo enfrentamento as mudanças tecnológicas que surgem a todo instante no contexto da sociedade, como por exemplo a educação 5.0 que é uma nova abordagem de ensino e aprendizado que mostra o aluno como ente autônomo na busca pelo conhecimento, cabe lembrar ainda da crise mundial na saúde a partir de 2020 ocasionada pelo aumento no número de casos de coronavírus e a disseminação global com o anúncio pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 da pandemia do novo coronavírus, chamado de Sars-Cov-2 que fechou as escolas e obrigou os docentes a ministrarem suas aulas em ambientes virtuais de aprendizagem.

Isto posto é preciso entender que desafios na educação são presentes em todas as épocas, e que esta relação sofre frequentes alterações e de acordo com Saviani (2011,p.118) “estamos em uma nova época histórica, uma nova ordem global, em que as velhas formas não estão mortas, mas as novas ainda não estão inteiramente formadas” e toda a forma de estudo e aprendizagem sofreu adaptação e a tecnologia se faz cada vez mais presente, sendo atual, inovada e influente na vida social acadêmica e não acadêmica, como confirma Castells (2001,p.278) “esta tecnologia que ganha cada vez mais força e seguidores, traz uma compreensão de que o essencial reside na aquisição de uma capacidade intelectual de aprendizagem e de desenvolvimento”, o que coloca os professores no centro da nova pedagogia.

Neste momento que enfrentamos uma pandemia a profissão professor ressurgiu de uma maneira diferente de antes da pandemia, saber usar a tecnologia da informação se tornou essencial pois todo o conhecimento está sendo facilitado por meio de tal ferramenta.

O estágio na formação docente já apresentava dificuldade ao procurar integrar a formação acadêmica e prática, como diz Galvão e Reis (2002), há dificuldades que ocorrem no período do estágio, como: a realidade de sala de aula diferente da teoria acadêmica, dificuldade de encontrar locais para estágio, dificuldades de colocar em prática o que foi



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ensinado no curso de graduação , também o nervosismo e a insegurança que acompanha o professor em formação devido à espera de sucesso em sala de aula que as vezes não se concretiza no primeiro momento.

O que o autor constatou, é que o estágio antes da pandemia, já apresentava deficiências, no momento atual está ainda mais prejudicado, pois os alunos que estão em período de estagiar, colocando em prática a teoria adquirida na academia, não podem fazê-lo e não há uma previsão segura de quando poderão.

No momento de formação do docente são muitos os dilemas que os professores são convidados a resolver pois “é verdade que os professores, estão presentes em todos os discursos sobre a educação por uma ou por outra razão, fala-se sempre deles, mas muitas vezes está lhes reservado o lugar do morto” (NÓVOA,1999, p.10) e este título de o lugar de morto é o que a formação de professores precisa corrigir e vencer diariamente, o que acrescenta Esteve:

a situação dos professores perante a mudança social é comparável á de um grupo de atores vestidos com trajes de determinada época, a quem sem prévio aviso muda o cenário em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo no cenário anterior, uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta e anterior, clássica e severa (ESTEVE, 1999, p. 97).

Esta mudança de cenário se dá entre outras coisas virtualmente em tempos de pandemia e regida por uma nova Lei, para Cole & Walker (1989) o novo cenário da educação faz com que o docente precise de um tempo para acomodar as inovações e as mudanças, para refazer a identidade, e para Nias, (1991) o professor é uma pessoa, e uma parte importante da pessoa é o professor, neste sentido o docente precisa receber condições de investir no seu lado pessoal e profissional.

A formação não se constrói simplesmente por adquirir cursos ou várias técnicas, mas também faz parte um trabalho de reflexão sobre as práticas e de reconstrução do próprio pensar do docente, com relação as mudanças ao redor que estão acontecendo a todo instante, o professor não pode ser uma máquina, agir no automático, precisa sim demonstrar seus sentimentos, entendimentos, vivência e percepção desde sua inicial formação, surgindo assim o lado de professor reflexivo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sendo assim para Dominicé (1986) a formação do professor vai e vem, avança e recua; construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade pessoal.

Para Tardif (2007) a situação precária na qual são expostos os professores, torna difícil pensar na consolidação de competências pedagógicas necessárias enquanto não tiverem adquirido um mínimo de estabilidade profissional esta instabilidade dificulta o ensino pois não permite que o professor possa facilitar o conhecimento de seus alunos, o mesmo Nault, afirma que

a flutuação nas funções ocupadas de um ano para o outro, pode provocar a erosão das competências, pois os professores em situação precária, levam mais tempo para dominar as condições peculiares ao trabalho em sala de aula, pois mudam frequentemente de turma e defrontam-se com as turmas mais difíceis. (NAULT, 1994 apud TARDIF., 2007, p. 90).

Assim resultando na dificuldade de construir a confiança necessária para a construção do conhecimento. Para Tardif (2007) esta situação precária vivida pelos professores acontece muito nos casos de suplentes ocasionais ou ainda professores que obtêm vários contratos sucessivos num mesmo ano letivo, os professores ensinam em diferentes escolas, com rotatividade de turmas.

Estas situações parecem comuns nos primeiros anos de trabalho, pois tudo é novo e incerto e é necessário adaptação, desejo de ser professor, de encarar os desafios e não desistir, pois segundo Tardif, “o tempo é um fator importante na edificação dos saberes, que servem de base ao trabalho docente” (TARDIF, 2007.p.102), é este tempo que formará o futuro professor, que ensinará a ele que as dificuldades fazem parte do ofício, que o bom professor se deixa construir e se reconstruir de acordo com a necessidade e que principalmente precisa desenvolver atributos, qualidades, que veremos no próximo tópico como afirmam Paulo Freire e Tardif, renomados autores que apontam os saberes necessários para uma prática docente consciente, crítica e reflexiva sobre o seu papel na sociedade .



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Saberes necessários na formação inicial de professores

Toda a formação e atividades requerem um saber prévio, não podem ser realizados sem uma base inicial, por isso, na formação inicial de professores é de grande importância a organização curricular abranger saberes que prepararam o futuro professor da melhor maneira possível, já que o ato de ensinar e aprender é contínuo e se modifica o tempo todo e de acordo com o momento histórico em que vive a sociedade, pois os saberes acompanham as mudanças sociais, econômicas, culturais e entre outras.

Conteúdos que ensinem, que preparem, que apresentem saberes fundamentais da prática educativa são essenciais e de acordo com Freire “o primeiro saber de um docente é saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.”(FREIRE, 1996, p.12), ele ainda ressalta que ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que historicamente homens e mulheres descobriram que era importante ensinar, ou seja, eu só posso ensinar porque em algum momento ou em todos os momentos tenho capacidade de aprender e aprendendo posso ensinar, portanto se tenho sabedoria de aprender e entender posso usar esta sabedoria para ensinar.

Freire (1996) complementa que, ensinar exige rigorosidade metódica, um método ordenado do conhecimento, ensinar a pensar certo e não ensinar somente conteúdo, e que o conhecimento o tempo todo se modifica e precisamos estar aptos à produção do conhecimento ainda não existente.

Este conhecimento ainda não existente surge da pesquisa, pois ensinar também exige pesquisa, a pesquisa é uma forma de descobrir uma resposta a um problema, a uma dúvida; a pesquisa é um valioso instrumento de formação, o entendimento da importância do professor pesquisador conforme defende Stenhouse (1984), é um excelente recurso didático e uma habilidade necessária ao professor, além da pesquisa Freire (1996) relacionou habilidades necessárias ao saber em sua obra Pedagogia da Autonomia pela ótica humana, onde ensinar exige vinte sete saberes necessários:

- Disponibilidade para o diálogo
- Saber escutar
- Querer bem aos educandos
- Respeito aos saberes dos educandos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- Criticidade
- Curiosidade
- Estética e ética
- Humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores
- Corporificação das palavras pelo exemplo
- Segurança, competência profissional e generosidade
- Comprometimento
- Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
- Aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação
- Reflexão crítica sobre a prática
- Reconhecimento e a assunção da identidade cultural
- Consciência do inacabado
- Bom senso
- Apreensão da realidade
- Convicção de que a mudança é possível
- Alegria e esperança

Estes atributos, habilidades do ensinar conforme cita Freire (1996) vai além do que é ensinado nos currículos escolares pois envolve pessoalmente modificar a si mesmo suas crenças, tradições por novas possibilidades, novos olhares. Além destes saberes necessários à prática educativa Tardif (2007) também faz uma contribuição ao propor sobre os Saberes docentes na formação profissional, onde relaciona os saberes necessários para a prática pedagógica pela perspectiva técnica, nesta obra refere-se ao saber dos professores não simplesmente como um:

conjunto de conteúdos cognitivos, definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática. (TARDIF, 2007, p.14)

Tardif (2007) acrescenta ainda que o saber do professor não é o foro íntimo, povoado de representações mentais, mas um saber sempre ligado a uma situação de trabalho com outros atores, um saber firmado numa tarefa complexa, situado na sala de aula, numa instituição e numa sociedade e que a prática docente não é apenas um objeto de saber das ciências da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

educação ela é também uma atividade que mobiliza diversos saberes que podem ser chamados de pedagógicos.

O estágio docente durante os cursos de licenciatura apresenta-se como um ponto a somar, a multiplicar os saberes adquiridos em aula em saberes práticos vividos no dia a dia da sala de aula por meio de dúvidas, dificuldades, erros e acertos pois é através dos erros e acertos que o aprendizado é assimilado, incorporado e ali nasce ou renasce o professor.

Conforme cita; Saiki e Godoi (2007) o estágio é importante na relação entre trabalho acadêmico e aplicação de teorias, representando a articulação dos futuros professores com o espaço de trabalho, a escola, a sala de aula e as relações a serem construídas

a prática de ensino e estágio supervisionado, são significativos nos cursos de licenciatura, e não deveriam ser realizados apenas como um comprimento da grade curricular, mas sim contextualizados e comprometidos com a transformação social, unindo formação profissional e pessoal, responsabilidade individual e social(...). (SAIKI e GODOI., 2007, p.26-27).

Como o “saber experiencial é um saber ligado às funções dos professores e é através da realização dessas funções que ele é mobilizado, modelado, adquirido, tal como mostram as rotinas em especial e a importância que os professores atribuem à experiência”. (TARDIF, 2007, p.109), o período de estágio compreende então um importante período na formação do professor.

A forma como os saberes acontecem na formação do professor para Tardif (2007), ocorrem de pelo menos 5 maneiras, podendo se saberes:

- Pessoais dos professores
- Provenientes da formação escolar que tiveram
- Provenientes da formação profissional para o magistério
- Provenientes dos programas e livros didáticos usados no trabalho em preparar aula, preparar o conteúdo
- Provenientes de sua própria experiência na profissão, na sala de aula e na escola.

Estes cinco saberes de acordo com Tardif (2007), efetivamente são utilizados pelos professores no decorrer de sua trajetória de vida pessoal e escolar. portanto os professores recorrem aos seus conhecimentos pessoais em um saber-fazer personalizado, também se valem



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

dos programas de livros didáticos, bem como dos saberes dos cursos e formação que tiveram ao longo do tempo de preparação docente.

Ter didática ao ensinar, ao construir conhecimentos com os educandos também faz parte do saber do docente e faz toda diferença na aprendizagem, “a didática especial deve estar desenhada para incorporar os professores na investigação e nas inovações da educação, pois as concepções atuais de aprendizagem, acentuam a construção de conhecimento pelos próprios alunos” (DRIVER, 1986, p.3), Valle fortalece este pensamento ao citar que:

A preparação para a investigação didática constitui um objetivo básico da formação docente e requer um trabalho em equipe para a preparação de materiais didáticos, de intercâmbio de experiências e, enfim, de produção de conhecimento sobre o ensino e a aprendizagem (VALLE FILHO, 1988; MORAES et al 1990, p.59).

Os conceitos apresentados neste tópico mostram que o saber não é um único conhecimento ou habilidades e sim vários que se conectam de forma multidisciplinar a fim de completar o profissional docente. Estes saberes são conquistados com o tempo, com a experiência da prática didática em sala de aula. Esta prática de aprender e ensinar é analisada neste artigo por meio de uma pesquisa qualitativa apresentada no tópico a seguir.

Resultados e discussões: dificuldades/facilidades e desafios no processo de construção de saberes docentes durante a formação inicial na educação remota.

Com o propósito de conhecer o processo de construção do saber por meio da vivência do discente de geografia escolheu-se aplicar um questionário que contemplou 7 perguntas abertas direcionadas a alunos do terceiro e quarto ano do curso de Licenciatura em Geografia da UEL entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021, a amostra contemplou a participação de 16 alunos.

A formação do professor de geografia é alcançada pela formação acadêmica, pela prática do ensino através do estágio supervisionado, pela busca constante de atualização do conhecimento e prática de forma autônoma. Na UEL a formação pratica é preparada através de cinco disciplinas mas específica para educação sendo elas: Ensino de Geografia e Estágio de Vivência Docente, Didática da Geografia e Estagio supervisionado, Metodologia de Pesquisa



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

em Ensino de Geografia, essas três disciplinas são ofertadas pela área de ensino de geografia, e duas que são ofertadas pelo departamento de educação sendo elas: Políticas Educacionais e Psicologia da Educação cujo objetivo é auxiliar na construção da autonomia intelectual dos futuros educadores em geografia afim de que eles sejam capazes de elaborar, debater, analisar, problematizar, entender, conhecer e facilitar a aquisição de conhecimento geográficos na educação básica.

Identificado estes objetivos as questões aplicadas foram divididas em blocos para conhecer na perspectiva do discente qual é o conhecimento necessário, quais são suas principais dificuldades tanto tradicionais quantos as novas, qual é a sua expectativa quanto ao estágio em docência, qual sua avaliação quanto a disciplina de preparação para estágio, qual é sua percepção quanto aos novos desafios e onde têm feito a busca para aperfeiçoar seu conhecimento além da academia.

Em relação ao questionário dos saberes necessários para a formação de um professor de geografia os entrevistados listaram: conhecimento específico em geografia como citou o participante 13, “os principais saberes necessários são conhecer os conceitos da geografia e sua história...”, conhecimento didático de acordo com o participante 1, “...e o saber didático, como transmitir o conhecimento, que tipo de didática utilizar...” o relacionamento interpessoal como citou o participante 1, “... como resolver conflitos... exercício da prática que para o participante 9, “é necessário vivência também porque o conhecimento também surge da prática e é aprimorado por ele” e ética profissional como cita o participante 14, “ética e pensamento crítico”.

No que se refere aos saberes necessários relacionados nesta pesquisa pelos autores Freire e Tardif, eles corroboram o entendimento apresentado pelos alunos, isso mostra que os saberes estudados por estes autores são requeridos para a formação do professor em qualquer época.

As dificuldades no processo de formação do docente são: pouco convívio com a prática docência pois segundo o participante 11: “...acredito que há pouca experiência no que diz respeito ao processo de formação docente, visto que os discentes possuem disciplinas relacionadas ao estágio somente no terceiro ano, sendo pouco tempo para se concretizar um processo tão essencial quanto à docência.”, trabalhar o que aprendeu em sala de aula e o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

participante 12 afirma que “.... no processo de formação acho que a questão dos estágios mesmo; primeiro que é um processo muito burocrático com a Universidade e há muitos pontos onde podem ocorrer erros e a gente ter que começar toda a tramitação de novo; e também na escola, quando vamos pro estágio às vezes queremos realizar oficinas e atividades diferentes e os professores titulares acabam não apoiando.”; interpretação da teoria, o que segundo o participante 3 “ leitura e entendimento integral de tudo o que os autores estão expondo nos livros lidos durante a graduação.”; demanda de muito tempo, o participante 4 cita “ a demanda de muito tempo exclusivamente para uma matéria.” ; dificuldade para adquirir materiais didáticos segundo o participante 8 “ as vezes financeira.... as vezes em adquirir livros técnicos de formação.”, o participante 4 levanta “a questão do estágio obrigatório sem remuneração..., muitos alunos perdem dinheiro simplesmente para ficar observando.”; emocional como aponta o participante 8 “... as vezes emocionais...”; aplicar a teoria à prática de ensino como diz o participante 9 “colocar em prática os princípios estudados na teoria na graduação.”; falta estrutura pública de acordo com o participante 9 “... a falta de estrutura da escola pública ...” e o participante 14 “ investimento governamental, ...”; problemas sociais e políticos segundo o participante 9 “ ... e os problemas sociais e políticos como um todo.” e o período de estágio que para o participante 15 “o pouco tempo do aluno em sala de aula e a pouca vivencia escolar.”

Quanto as principais dificuldades encontradas na formação inicial dos professores os autores Tardif (2007), Galvão e Reis (2002), validam o entendimento apresentado pelos alunos, entretanto os alunos trazem a perspectiva da dificuldade financeira enquanto discente, já Tardif aponta esta mesma dificuldade vista pelo professor

As expectativas para o estágio de docência são: para a maioria dos participantes a possibilidade de que coloquem em prática o conhecimento adquirido em sala de aula como pode ser visto na resposta do participante 1 “espero poder compreender como é ser professor; como é liderar uma sala de aula, ensinar o conteúdo da disciplina, como falar na língua do aluno.”; o participante 2 “ ver na prática a preparação de aula dos professores, a maneira que administram o conteúdo e como funciona a preparação de uma aula e etc.” e para o participante 13 “ espero adquirir experiência e me aproximar da realidade escolar. entender melhor como funciona a dinâmica das aulas.”; atender a expectativa do aluno, ainda para o participante 13 “espero que as aulas sejam significativas para os alunos.” e aprender pela observação como diz o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

participante 8, “espero tirar novas percepções quanto ao ensino dessa ciência. Espero também apreender e conhecer novas possibilidades metodológicas, e até mesmo recursos digitais...”

Com relação a expectativa sobre o estágio as respostas apresentadas pelos alunos fortalecem o embasamento teórico apresentado pelos autores Saiki, Godoi (2007) e Tardif (2007), pois é o momento em que o aluno poderá colocar em prática o conhecimento adquirido, ou seja, o momento de experimentar a o saber prático da sala de aula.

Quanto a avaliação das disciplinas de preparação para o estágio de vivência para seis participantes ela é suficiente para a formação inicial do professor, os demais participantes sugeriram melhorias como registra o participante 6 “vejo que quanto mais alinhar e interagir com a escola aprofundaremos os conhecimentos necessários.”; o participante 9 “ampliar aulas práticas que seja como um treinamento para a docência.”; o participante 15 “falta alguma disciplina de preparo psicológico.”, o participante 14 “maior prática em tempo de sala de aula e também a diversificação de abordagem, já que por muitas vezes as matérias de ensino acabam ficando maçantes e repetitivas tirando o interesse do aluno. “, o participante 4 “... sinto falta do ensino de como se comportar em sala de aula e nas escolas, questões como usar o RCO, montar aulas, e até mesmo escrever melhor no quadro não somente ensinar a geografia.” e o participante 10 “não são suficientes..., os alunos de licenciatura deveriam ter um contato maior com as sala de aula e com o processo docente desde dos anos iniciais e não somente dos dois últimos anos o ideal seria se todos os alunos pudessem fazer parte de programa como o residência pedagógica ou o PIBID, pois assim se teria uma experiencia mais completa.”

A fim de avaliar e buscar sugestões para as disciplinas de estágio no que se refere ao autor Tardif (2007), ele reforça a importância de tal disciplina na formação profissional auxiliando na construção da autonomia intelectual do futuro educador em geografia, entretanto faz se necessário registrar que mediante consultas a grade curricular e ementas disciplinares refutam as demandas levantadas pelos participantes 4, pois sua sugestão é atendida pela disciplina Didática da Geografia e Estágio Supervisionado ofertada no quarto ano que tem por objetivo compreender a importância da didática na formação do professor e no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos, conhecer formas de organização do trabalho educativo e debater a eficácia do planejamento escolar e de seus componentes para uma ação transformadora de ensinar e aprender, e o 10 cuja necessidade foi observada quando a UEL



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

realizou estudos para implantação do novo currículo do curso de Licenciatura em Geografia que passou a ser ofertado a partir do ano letivo 2020, onde as disciplinas de licenciatura passam a fazer parte da grade curricular desde o segundo semestre de curso e ampliou as disciplina específicas de estágio para quatro, em um total de 400 horas, abrangendo as modalidades de educação do campo, educação para pessoas com privação de liberdade, educação de jovens e adultos e educação profissionalizante, além da educação regular de ensino fundamental II e médio.

Quanto a questão de número 5 que indagava sobre se o estudante procurava outras formas de adquirir conhecimentos para além das disciplinas e práticas de formação docente na academia constatou-se como respostas: através de notícias como o participante 4 “sempre estar atento as notícias sobre área de licenciatura.”; pela observação para o participante 5 “... através de experiências boas e ruins de outros professores.”; em ambientes diversos para o participante 6, “... em outros ambientes formais e ditos não formais.”; leitura para o participante 10 ‘na leitura de artigos. Livros o outros.’ e o participante 12 “... procuro ler livros e artigos sobre temas que tenho interesse.”; em atividades extracurriculares o participante 8 “... participação em programas e atividades extracurricular.” e o participante 11 “... palestra de profissionais da área.” e no mundo físico/virtual para o participante 9 “... grupo sociais, mídia social. “e o participante 8 “... participação em lives, encontros...”.

Sobre a busca do conhecimento fora da academia o autor Freire (1996) consolida o entendimento dos participantes, mostrando que o conhecimento é inacabado e deve ser procurado constantemente através das ferramentas disponíveis.

A questão de número 6 questionava sobre o processo de aprendizagem durante a pandemia, se ele foi prejudicado: entre os participantes, 4 sinalizaram que não prejudicou, 10 que prejudicou, e 2 participantes em partes. Dentre os que sinalizaram que não prejudicou citamos o participante 1 que diz “a pandemia modificou transformou, renovou a forma de aprender, mas não atrapalhou.”, o participante 3 “não me atrapalhou, muito pelo contrário, tive um aumento significativo de desempenho, algo impossível para momentos de aulas presenciais.” e o participante 13 “não porque tenho os recursos necessários para participar das aulas.”; o sim por exemplo foi a opção para o participante 2 “..., tenho dificuldade em prestar atenção e no ensino virtual só piorou esta dificuldades.”, o participante 5 “ ..., atrasou nossa



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aprendizagem, já que no momento já era para termos dito experiências em sala de aula.” e o participante 9 “..., muito. reduziu minha vontade de estudar.”.

E por fim, a última questão era sobre os principais desafios na formação docente durante a pandemia Covid 19, que foram: por exemplo: estar longe da sala de aula para o participante 1 “a dificuldade de estar longe da sala de aula, do contato olho a olho.” e o participante 8 “....a falta do convívio, o contato, e trocas perceptivas afetam um pouco a comunicação, já que boa parte da comunicação também é realizada pela comunicação não verbal.”, a ausência de estágio como o participante 3 “ a realização de estágios pois isso sempre foi algo que foi feito presencialmente e mudar isso para algo virtual acabou gerando limitações por parte de pessoas que muitas vezes não tem um acesso à internet de qualidade.” e para o participante 11 “a questão dos estágios, que, caso tudo como está, terão que ser realizados online, e isso será bem complicado.”, acesso a biblioteca para o participante 8 “...dificuldade de acesso à biblioteca, mesmo que a universidade tenha disponibilizado horários agendados para empréstimo de livro, não é a mesma coisa, já que antes havia a possibilidade de visualizar os materiais disponíveis, além da permanência que para mim era fundamental dado o silêncio.”; queda de qualidade para o participante 10 “a queda, inevitável da qualidade das aulas.” e o participante 9 “enfrentar o ensino EAD, que vem desvalorizando a carreira docente.” e a saúde para o participante 14 “manter a saúde mental em dia ...” e participante 13 “...a saúde mental, acredito que a maioria das pessoas, nesse cenário foram afetadas de alguma forma.”

As duas últimas perguntas objetivou conhecer o comportamento dos discentes durante a pandemia, a primeira tinha o objetivo de conhecer como a pandemia atrapalhou seu processo de aprendizagem, o saber aprender e a segunda quais são os desafios para a formação do professor neste período, ou seja, a capacidade de construir todos os saberes requeridos para o professor oportunizados pela academia, em referência a isto os autores Castells (2001) e Saviani (2011) corroboram com a experiência dos participantes que mostram que as adaptações as diferentes realidades se fazem necessárias. Ainda assim é revelador que a percepção dos participantes quanto ao enfrentamento das dificuldades oriundas da pandemia é tão diferente, mostrando que a forma de aprendizado é individual, ou seja, alguns conseguem aprender de forma remota ao passo que outro necessita do ambiente escolar. Quando analisamos as respostas referentes a formação do professor todos os participantes, sinalizaram a existência de alguma dificuldade, seja ela técnica para o participante 3 por exemplo ou de cunho humano como retrata



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

o participante 1. O que podemos observar é que a oportunidade de desenvolver saberes requeridos para a profissão docente estão sendo dificultadas neste tempo de pandemia e os discentes percebem este desafio.

Considerações finais

A pesquisa mostrou que existem os saberes técnicos e humanos, como apresentou Freire (1996) e Tardif (2007) em suas obras, estes saberes não interagem de forma excludente na vida do professor ao contrário, é necessário para que o professor maximize sua capacidade de ensinar que estes saberes, o técnico como expõem Tardif e humano para Freire, sejam aplicados em conjunto, identifica-los e domina-los faz parte da preparação do docente durante a vida acadêmica, no entanto os saberes e as competências intencionadas são em geral, competências de entrada na profissão, de modo que elas se desenvolvem efetivamente após uma longa e intensa incursão, é um processo não acabado e sim em continua aquisição..

Este artigo alcançou o objetivo de conhecer os saberes necessários e os desafios durante a formação inicial do professor de geografia nas turmas de terceiro e quarto ano no curso de licenciatura em geografia da UEL, isto foi feito mediante uma pesquisa de base teórica e um questionário online, seguido de interpretação qualitativa o que apresentou como resultado as experiências e percepções de 16 alunos que responderam ao questionário. Como sugestão para aperfeiçoar esta pesquisa sugerimos uma consulta com outros autores, aumentar a amostragem de sujeitos participantes e aprofundar os pontos relacionados por eles.

O objetivo foi alcançado mediante a apresentação dos saberes necessários e a perspectiva dos alunos entrevistados que expuseram que o principal saber é o específico da área de geografia, o conhecer geográfico e a didática, como pontos fundamentais de conhecimento para o futuro docente, ou seja o saber humano que é a capacidade de ensinar e o técnico o conhecimento do que ensinar, também apresenta as preocupações quanto ao aquisição destes saberes durante a vida acadêmica, entre as dificuldades encontradas no processo de formação docente de acordo com os participantes, destacam o pouco convívio com a prática docente, pois compreendem que a prática pedagógica na formação do professor deveria ter uma carga



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

horário maior, isto é maximizado por conta da pandemia de Covid 2019 que dificultou mais ainda a saída para estágio.

A pesquisa mostrou também que todas as respostas são importantes, porque mostram a preocupação real dos discentes neste momento de pandemia e nos fazem refletir que cada discente, está vivenciando uma experiência diferente de aprendizado, são poucos os que estão conseguindo estudar, se concentrar, aprender neste momento, isto é preocupante pois afeta o rendimento acadêmico e a formação como professor de cada um.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 13.415/2017, de 13 de fevereiro de 2017**, Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei no 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei no 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. 2017. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13415.htm>.

CASTELLS, Manuel **A Galaxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. UFRJ. Zahar, 2001

COLE, Martin, W ALKER, Stephen. **Teaching and Stress**. Milton Keynes: Open University Press, 1989

DOMINICÉ, Pierre. "La formation continue est aussi un règlement de compte avec sa scolarité". **Éducation et Recherche**, v.3. nº86, p. 63-72, 1986

DRIVER, R. Psicología cognoscitiva y esquemas conceptuales de los alumnos. **Revista de investigación y experiencias didácticas**, vol.4, nº1, p.3-15, 1986
<https://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/50854> Consulta: 19-03-2021

ENS, R. T.; DONATO, S. P. Ser professor e formar professores: tensões e incertezas contemporâneas. In: ENS, R. T.; BEHRENS, M. A. (Orgs.). **Ser professor**: formação e os desafios na docência. Curitiba: Champagnat, 2011. p.79-100

ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e função docente. In: NÓVOA, Antonio (org.) **Profissão Professor**. 2 ed. Lisboa: Porto Editora, 1999. p.96-97

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

GALVÃO, C., REIS, P. Um olhar sobre o conhecimento profissional dos professores: O estágio de Sofia. *Revista de Educação. Revista de Educação*, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 105-178. 2002.

GATTI, B. A et al. Didática e formação de professores: provocações. **Caderno de Pesquisa Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1150-1164, 2017.

MARCELO, C. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Ciências da Educação**, n.8, p.7-22, 2009

MORAES, A. et al. O professor de 1º e 2º graus e sua participação nas pesquisas em educação. **Contexto & Educação**, v.5, n.8, p.63-67, 1990

NIAS, Jennifer. "Changing Times, Changing Identities: Grieving for a Lost Self". In **Educational Research and Evaluation**. Lewes: The Falmer Press, p.129-146, 1991.

NÓVOA, Antonio. Profissão professor. In: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1999

SAIKI, Kim; GODOI, Francisco Bueno de. A prática de ensino e o estágio supervisionado. IN: PASSINI, Elza Yasuko et al (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, p.26-34, 2007

SAVIANI, Dermeval. **Educação em diálogo**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011

STENHOUSE L. **Investigación y desarrollo del curriculum**, Madrid, Ed. Morata. 1984

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

VALLE FILHO, M.R. O professor como construtor de conhecimento sobre o ensino. In: CARVALHO, A.M.P. **A formação do professor e a prática de ensino**, Livraria Pioneira Editora, São Paulo: Pioneira. 1988



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O CURRÍCULO COLONIAL

Luiz Rafael Gomes³⁰

Resumo

Em um país em que mais da metade da população se declara com ascendência africana o mínimo de se esperar é que os conteúdos ensinados em suas escolas, ao menos em sua metade tivessem sua origem ou relação também com o continente africano, posto como referência de conhecimentos, saberes, culturas, e geografias. Mas o mais obvio não é a regra, e no currículo colonial brasileiro o que se apresenta de África é pior que o mínimo, pra além da invisibilização a construção de imaginários negativados, sabotam a auto-identificação consciente e positiva de grande parte dos cidadãos. Dentro dessa perspectiva de luta por currículos e imaginários propomos uma análise do que nos é apresentado como pertinente o bastante para ser ensinado.

Palavras Chaves: Colonialidade, Currículo, Racismo.

Introdução

Quando apresentamos a imagem de um país desenvolvido social e tecnologicamente, com exuberante natureza, respeito aos direitos humanos e em paz, em um Estado de bem-estar social pleno de cultura e cidadania, dificilmente o interlocutor afirmará tratar-se de um país do continente africano. Tendo como opção recorrente afirmar tratar-se de um país europeu, ou da América do Norte. Essa “não-referência” não é por acaso, ela é produzida pelos mecanismos de defesa e afirmação dos sistemas de classificações e construção de significados hegemônicos, que garantem a manutenção das imagens e significados do colonizador.

A imagem de um continente devastado por guerras e catástrofes humanitárias é a única massivamente repercutida tanto na mídia como nos currículos e livros didáticos, construindo significados preconceituosos, estereotipados e generalizados, que perpetuam por gerações. Imaginar um continente desenvolvido e sem conflitos nem catástrofes sociais, profana a pureza da imagem cristalizada da África primitiva, e em calamidade constante. Essa sobreposição de

³⁰ Especialista, pesquisador IFRJ-SG, lrafaelgomes@hotmail.com.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

imagens/categorias rompe com as fronteiras dos imaginários impostos pelo sistema social racista.

No intuito de desconstruir o sistema imaginário racista presente no currículo colonial e estabelecer uma perspectiva positiva a cerca de África sua cultura e descendência original ou em diáspora, utilizaremos neste artigo as ferramentas conceituais dentro do plano analítico decolonial. Junto à militância de uma intelectualidade crítica e comprometida com a transformação social, através da educação antirracista, antimachista, anti-homofobia, antifascista, e da promoção da igualdade social.

Buscaremos alternativas ao pensamento colonial, e ferramentas de resistência e construção de novas formas de existência epistêmica dentro do campo educacional, e de permanência no currículo. Transgredindo as colonialidades presentes nos conteúdos, superando os paradigmas impostos pelo pensamento colonial. Nossa perspectiva é a de um currículo em disputa constante entre forças, dentro das relações sociais de poder e saber, onde prevalece a visão de mundo colonial eurocentrado.

Rompendo com os paradigmas dominantes: crítica ao pensamento colonial.

Na perspectiva dos intelectuais do grupo Modernidade Colonialidade (M/C) utilizaremos os conceitos do pensamento decolonial para pensarmos o currículo escolar. Esse grupo partilha conosco o desejo pela produção de saberes alternativos à perspectiva ocidental moderna eurocêntrica. Os conteúdos da nova base comum curricular são de vertente tradicionalista e pouco acrescenta de novo às já conhecidas repetições dos currículos mínimos e comuns, inclusive quando o tema é África. Seguimos por tanto na busca de novas armas para decolonizar a visão de África nas escolas.

Quijano (2005) faz uma importante observação sobre o colonialismo, que segundo ele é uma estrutura de dominação subjetiva que tomou conta de todos os continentes, ocupando imaginários e produzindo a cosmologia ocidental, esse padrão de poder foi forjado e subjetivado pelas sociedades, por intermédio do colonialismo, que deu a base objetiva e concreta de dominação militar, econômica, religiosa e territorial, durante séculos aos impérios europeus.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Numa linha de pensamento semelhante o filósofo porto-riquenho Maldonado-Torres nos diz que:

[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, porém ao invés de estar limitado a uma relação formal de poder entre os povos ou nações, referência a forma como o trabalho, conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, ainda que o colonialismo tenha precedido a colonialidade, esta sobrevive após o fim do colonialismo. A colonialidade se mantém viva nos manuais de aprendizagem, nos critérios para os trabalhos acadêmicos, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos [...], respiramos a colonialidade moderna cotidianamente. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).

É essa colonialidade impregnada no cotidiano que precisamos desconstruir em nossas mentes e nos aspectos que formam nosso subjetivo. Por isso a importância de rever(ter), sob a ótica decolonial, crítica, e antirascista os currículos e as representações impostas pelas colonialidades institucionais. Aplicada pelo Estado brasileiro, subintegrado e subalterno às lógicas globais do capital, impõe às escolas, professores, alunos, e por consequência toda a sociedade. A falta de referências positivas acerca do continente africano é observada nos parâmetros curriculares ocorre em contra medida a valorizada de outros continentes, como a Europa e a América do Norte, essa diferença relacional não é por acaso. Ela é resultado e produtora, dentro da colonialidade do saber, de uma hierarquia valorativa, que cria imagens positivas e negativas através das referências discursivas.

Nesse movimento de imposição, que remete ao iluminismo europeu, o imaginário pertencente ao “Outro” é destruído ou subalternizado, seus modos de produção de conhecimento, a cultura, seus símbolos e imagens tradicionais são substituídos pelos do colonizador. O imaginário europeu vai se naturalizando passando a compor a subjetividade dos colonizados. Enquanto a episteme original vai sendo colonizada, suas referências tradicionais são negadas, invisibilizadas, todo percurso social e cultural não-europeu passa a ser condenado ao esquecimento.

E é a produção desse esquecimento que pretendemos denunciar ao analisarmos a colonialidade do saber presente nos currículos. Pois segundo Oliveira (2018):



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

[...] a sedução da cultura colonialista e o fetichismo cultural que o europeu cria em torno de sua cultura, realizando uma verdadeira aspiração a cultura européia por parte dos sujeitos subalternizados. O eurocentrismo, portanto, não é a perspectiva cognitiva somente dos europeus, mas também do conjunto daqueles educados sob sua hegemonia. (OLIVEIRA, 2018, p. 47).

A episteme eurocêntrica ocidental relega ao estatuto da inexistência qualquer outra forma de produção de pensamento científico. O paradigma da ciência moderna teve na construção de seu significado a negação de todas as outras formas de conhecimento existentes, colocando-se como única referência universal de veracidade comprobatória. Subalternizando os demais saberes impondo-os o rótulo de não-ciência, ou conhecimentos tradicionais, saberes selvagens ou ainda primitivos, e em desenvolvimento. À aplicação da colonialidade do saber também é chamada de racismo epistêmico, ou seja, a discriminação de um saber não-europeu, tendo como ponto de vista a valorização da referência européia.

As disciplinas científicas foram aos poucos ratificando a visão eurocêntrica e produzindo uma monocultura do saber onde suas referências foram postas como única forma possível de ver e viver o/no mundo. Dentro dos conhecimentos científicos, cada vez mais incentivados pelos Estados absolutistas europeus, os estudos comparativos entre a cultura dos “Outros” e a européia foi aos poucos secularizando a Europa como padrão e referência única de saber válido. Até o século XVIII o europeu só considerava um povo civilizado se esteve dominasse a escrita, ao menos algum código entendido pelo colonizador como escrita.

Após o século XVIII a referência de civilidade passou a ser a história. Duas referências etnocêntricas particulares foram utilizadas para classificar e subalternizar todos os outros conhecimentos não-europeus. Através do critério histórico os não-europeus foram classificados como “sem história”, sendo alocados num tempo anterior ao presente, contemporâneos, mas postos no passado, permanecendo num eterno estágio de natureza. Tal como é feito hoje aos chamados países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, começou como forma de estabelecer um paradigma de conhecimento que se legitima depreciando os demais, como podemos observar nessa clássica formulação de Max Weber:

Somente no Ocidente existe uma Ciência num grau de desenvolvimento que hoje reconhecemos como válido. Resumindo, conhecimentos e observações de grande sofisticação já existiriam em outras partes do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mundo, sobretudo na Índia, China, Babilônia, Egito. Mas na babilônia e em outros lugares faltava à Astronomia – o que torna seu desenvolvimento tanto mais espantoso – a base matemática que, pela primeira vez, lhe forneceram os gregos. A geometria indiana carecia de prova racional. (WEBER, 1992, p. 13).

Estabelecendo os critérios o colonizador impõe como verdade todas as suas definições e noções de cultura, civilidade, desenvolvimento humano e social. Tendo seu marco centrado na concepção eurocêntrica, o centro de poder e de produção do saber legítimo e universal, produzida e reafirmada por uma elite provinciana, passa a ser a península europeia, o marco geográfico de produção da episteme ocidental. O estabelecimento, e a imposição dessa referência geopolítica do conhecimento, possibilitaram a subjetivação do pensamento moderno ocidental, em todos os países vítimas do colonialismo.

Assim como Oliveira (2018) entendemos que a geopolítica do conhecimento foi usada como estratégia de afirmação das teorias, conhecimentos e paradigmas da modernidade europeia, impostos como verdades universais e absolutas, invisibilizando e silenciando os sujeitos que produzem ‘outros’ conhecimentos. Foi neste processo que se constituiu a modernidade e sua episteme, que não podem ser entendidas sem considerarmos a herança colonial e as desigualdades étnicas produzidas e marcadas pela colonialidade até os dias de hoje.

A geopolítica do conhecimento foi à fórmula para afirmar a universalidade dos paradigmas europeus e silenciar todos os outros conhecimentos produzidos, mas como um conjunto de idéias pode ter tamanho poder de homogeneizar-se? A resposta é simples, para nós hoje quase natural, o simples ato de escrever já expressa a resposta. A geopolítica lingüística foi fundamental e estratégica para a modernidade colonial exercer a influência continua por mais de cinco séculos do pensamento europeu a todo o ocidente. Gerando uma violência epistêmica quase que perpetua, já que muitas línguas nativas se perderam, e até hoje se fala oficialmente a língua dos colonizadores na maioria das “ex-colônias”. Esse grande desperdício de experiências culturais foi o epistemicídio de inúmeras línguas e culturas nativas pela imposição pelos colonizadores, que partindo de:

[...] processos, marcados por uma violência epistêmica, conduziram também a uma geopolítica lingüística já que as línguas coloniais e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

imperiais, cronologicamente identificadas no grego e no latim da Antiguidade e italiano, português, castelhano, francês, inglês e alemão na modernidade, estabeleceram um monopólio linguístico, desprezando as línguas nativas e, por consequência, subvertendo ideias, imaginários e as próprias cosmovisões nativas fora da Europa. (OLIVEIRA, 2018, p. 50).

Podemos afirmar por tanto que o discurso sobre a história da modernidade é também a História dos silenciamentos impostos pela colonialidade. Sendo esses os dois lados da modernidade, uma História de afirmação de progressos culturais e sociais, e outra de negação de todas as outras formas de auto-afirmação e produção epistêmica possíveis. Dessa relação intrínseca entre a colonialidade do poder e a colonialidade do saber deriva uma última escala do padrão de dominação, a colonialidade do ser.

O indivíduo colonizado passa a ser a última instância de domínio do padrão epistêmico colonial. A experiência vivida inscreve no colonizado a grafia colonial, onde este tem negado seu estatuto de humanidade. Tanto pela negação da colonialidade do ser quanto pela invisibilização de experiências humanas, por estarem fora dos paradigmas de produção de saber ocidental moderno colonial. Na colonialidade do ser, só existe, quem traz consigo os signos do colonizador.

As três formas de colonialidade do ser, do saber, e do poder, são aspectos centrais para o entendimento da construção da episteme ocidental moderna. Essa constatação nos coloca um desafio de subverter essa lógica imposta. O conceito de diferença colonial nos sugere a produção de um pensamento a partir do subalternizado, construindo alternativas de vida e de reflexão sobre a vida, que não as impostas pelas lógicas eurocêtricas. Como nos mostra Oliveira, para Mignolo pensar através da diferença colonial é:

[...] pensar a partir das ruínas, das experiências e das margens criadas pela colonialidade do poder na estruturação do mundo moderno/colonial como forma não de restituir conhecimento, mas de fazê-lo intervir em um novo horizonte epistemológico transmoderno, ou seja, alternativas múltiplas de vida, de formas de ser, pensar e conhecer, diferente da modernidade européia, porém em diálogo com ela. Esse novo horizonte epistemológico, por sua vez, tem uma utilidade estratégica e política. (OLIVEIRA, 2018, p. 53).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Essa perspectiva de produção de conhecimento que parte de uma diferença essencial de pensamento, onde a episteme do colonizado é valorizada de igual forma a do colonizador, imposta como hegemônica, mas que tendo sua imposição subvertida e equilibrada com os saberes subalternos, seus valores passam a constituir um novo paradigma, sem pretensão de ser hegemônica ou paradigmática. Pensar através da diferença colonial é buscar um diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os saberes silenciados, produzindo uma episteme para além da modernidade ocidental, um pensamento crítico transmoderno³¹.

Mobilizar esses conceitos para a leitura da modernidade enquanto colonialidade nos coloca em posição de construir novas formas de pensar pra além do pensamento colonial. Claro que a educação é um campo privilegiado na construção, divulgação, e imposição de saberes, que tradicionalmente estão impregnados de referências eurocêntricas e perspectivas coloniais, que reconstroem o passado, distorce o presente, e deixam-nos sem perspectiva.

Como em África um continente de pessoas e saberes negados e depreciados por séculos, apenas o que é útil a empresa colonial é absorvido. Para construir esse novo horizonte epistêmico a partir de uma nova ótica subalterna, é preciso resgatar nas ruínas da modernidade os saberes que resistiram ao epistemicídio colonial europeu. Além de combater as colonialidades presentes ainda hoje, nas estruturas e no cotidiano das sociedades pós-coloniais.

O currículo como um campo em disputa.

[...] o projeto colonial teve, desde o início, uma importante dimensão educacional e pedagógica. Era através dessa dimensão pedagógica e cultural que o conhecimento se ligava, mais uma vez, ao complexo das relações coloniais de poder. (SILVA, 2010, p. 128).

³¹ O conceito de transmodernidade é formulado por Dussel (2005). Propõe uma filosofia de libertação das amarras coloniais integrando a modernidade e alteridade, traz a diversidade do pensamento como projeto universal. Uma vez que pensamentos partilham das escalas, sendo ao mesmo tempo local e global. O pensamento, os saberes e conhecimentos, também podem romper a episteme moderna ocidental, e através de interconexões compõem novas ideias universais e plurais. Uma perspectiva além das formulações teóricas eurocentradas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A partir desse momento buscaremos entender de que maneira a episteme eurocêntrica está inserida na dimensão curricular e qual a função do currículo na manutenção do sistema social e econômico de produção capitalista. Utilizaremos como base os textos onde as teorias sobre as dimensões e intenções sociais do currículo são expostas de forma mais aprofundada. Retornaremos a alguns aspectos da análise decolonial, buscando os efeitos da colonialidade presente no processo de formação curricular e em sua aplicação.

Os currículos escolares não são um simples apanhado de conhecimentos que foram julgados pela sociedade como pertinentes e de necessária propagação, dispostos de forma natural e desinteressada. Os currículos são o resultado de intensas disputas no campo político e ideológico, travadas em diversas esferas da sociedade, pela construção dos significados. Tornando-se um troféu aos vencedores da empreitada colonial, cujo prêmio é o privilégio da reprodução de suas idéias como hegemônicas. O campo de disputa pelo currículo pode assim ser identificado como um campo de disputa pelo poder de reproduzir e hegemonizar narrativas, e sentidos sobre o mundo e a forma de vê-lo.

A escola tem como função a fabricação de uma memória coletiva introjetada na sociedade e por consequência na cultura, através dos parâmetros curriculares e escolares. Estes não são independentes da ideologia ou de contextos políticos, de conflitos simbólicos, de relações de força entre os grupos que disputam o controle sobre os dispositivos escolares. Sendo o currículo, segundo Lopes & Macedo (2011) resultado: “[...] de contínuas lutas entre grupos dominantes e dominados, fruto de acordos, conflitos, concessões e alianças. Esses conflitos e acordos referem-se a resolução de contradições de ordem econômica, de classe, de raça e de gênero.. (Lopes; Macedo, 2011; 82)

Existem diversas teorias sobre o que é o currículo, para que serve, e como deve funcionar, entretanto nenhuma delas é totalmente fechada. Podendo ser interpretado de diferentes formas e em situações distintas. Mas em todas as interpretações sobre o que vem a ser o currículo, um aspecto permanece presente, as relações da disputa entre o que deve e o que não deve ser ensinado. Temos assim, um currículo determinado pelas teorias que o analisam. Dessas podemos elencar três perspectivas mais gerais de interpretação sobre o currículo que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

usaremos em nosso debate, são elas: às teorias tradicionais, e em maior medida às críticas e pós-críticas³².

Trabalhando os conteúdos curriculares como se fossem informações objetivas gerais e verídicas, sobre os determinados temas, as teorias tradicionais sobre o currículo enxergam a produção científica como neutra, desinteressada, concentrada nas questões técnicas de sua reprodução. Aceitando os conhecimentos e saberes hegemônicos com facilidade. Sobre as teorias tradicionais, Silva afirma que,

As teorias tradicionais pretendem ser apenas isso: ‘teorias’ neutras, científicas, desinteressadas. [...] As teorias tradicionais, ao aceitar mais facilmente o status quo, os conhecimentos e saberes dominantes, acabam por se concentrar em questões técnicas. Em geral, elas tomam a resposta à questão ‘o quê?’ Como dada, como óbvia, e por isso buscam responder a uma outra questão ‘como?’. (SILVA, 2010, p. 16).

Afirmando o status quo dos setores dominantes da sociedade, através da produção, difusão e consequente legitimação de seus “conceitos norma”. Essa pretensa neutralidade das teorias científicas tradicionais serve ainda, para mascarar as intencionalidades e relações de poder/saber presentes na esfera da produção do conhecimento científico ocidental. Conhecimento construído pelas relações de poder colônias que, como já vimos, formaram a própria ideia de ocidente, dentro do projeto de dominação, uma vez terminada a etapa de subjogação física é preciso afirmar-se culturalmente a partir da transmissão de uma forma de conhecimento específica, universal, posta como tradicional, e legitimada pelas teorias que dela derivam. Uma vez que, segundo Lopes & Macedo (2011):

A diferenciação entre os conhecimentos passa a ser entendida como a condição necessária para que certos grupos tenham seu conhecimento legitimado como superior ou de alto valor e outros grupos tenham seus

³² Por entendermos assim como Lopes & Macedo (2011) que uma boa teoria curricular deve ser um projeto cultural de transformação social e política, capaz de criar mecanismos que permitam escolher, na cultura universal, o que ensinar, preocupando-se com as relações de poder intrínsecas à essas escolhas. Deve, também, perceber que os conhecimentos, presentes na cultura, estão em constante interação com os estudantes, e dando maior atenção ao que acontece na escola durante o processo educativo. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 41)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

saberes desconsiderados e excluídos. Quanto mais um currículo é naturalizado, quanto mais ele é compreendido como o único possível, legítimo e correto, mais eficiente é o processo de deslegitimação dos saberes excluídos desse currículo. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 79).

As teorias tradicionais ao enfatizar a análise – ou não análise – do currículo através da ênfase nos conceitos de: aprendizagem, avaliação, metodologia, didática, organização, planejamento, eficiência, objetivos produtivista, acabam vendo o currículo como um agrupamento de conteúdos, neutros, consensuais, desinteressados. Como resultado dessas escolhas a igualdade entre os alunos é substituída pela meritocracia; a burocracia torna-se sinônimo de eficiência; o conhecimento científico é poderoso em verdade, mas politicamente neutro. E assim a educação assegurava a ordem social, pelo consenso reproduzido nas escolas através dos currículos, e proporcionava o progresso técnico e o desenvolvimento econômico.

Ao aceitar e reproduzir os conhecimentos e saberes dominantes, como dados inquestionáveis as teorias não-críticas perpetuam o quadro social de dominação subjetiva e de desigualdades sociais e econômicas. Em oposição a essa perspectiva, as teorias sobre o currículo das escolas críticas e pós-críticas, nos mostram que não existem teorias neutras, nenhuma produção ou transmissão de saber se dá de forma desinteressada, e que o currículo cumpre uma clara e objetiva funcionalidade social. A produção científica encontra-se inevitavelmente atrelada a relações de poder/saber existentes nas sociedades, não há produção científica sem que haja um interesse – dominante – em sua realização. Entretanto a visão crítica enfatiza a análise do currículo através dos conceitos de: ideologia, reprodução cultural e social, poder, classe social, capitalismo, relações sociais de produção, conscientização, emancipação e libertação, currículo oculto, resistência. Através desses parâmetros buscava entender-se o que era ensinado nas escolas e as funções sociais desses saberes impostos como neutros.

Essa preocupação teve início com a industrialização do ocidente, em principal na virada para os anos 1900. As sociedades recém industrializadas viram a necessidade de organizar e selecionar o que haveria de ser ensinado nas escolas. No Brasil esse movimento começa a partir de 1920 através do movimento Escola Nova. Os novos problemas sociais gerados pela mudança econômica e a crescente urbanização demandavam respostas e soluções. Trazendo para a escola a responsabilidade de formar um cidadão apto a solucionar as demandas da vida moderna, urbana, industrial, e a trabalhar no crescente setor produtivo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Nos EUA a escola passa a ser cada vez mais preocupada com a eficiência e sua missão prioritária é a de enquadrar os jovens nas funções sociais e inculcar parâmetros para inserção na vida política e econômica. Vemos assim a importância do currículo e por consequência da escola para o controle social, uma vez que este formata os cidadãos aos moldes demandados pelos setores dominantes, segundo Lopes & Macedo:

[...] a escola produz os sujeitos que atuam como agentes no sistema econômico e simultaneamente produz conhecimentos que atuam como capital cultural capaz de sustentar esse mesmo sistema econômico. Como capital cultural, o conhecimento está incorporado na tecnologia e na ciência necessárias ao capital econômico. Dessa forma o currículo contribui para a acumulação do capital cultural e do capital econômico pelas classes dominantes por contribuir para manter a divisão entre trabalho mental e trabalho manual, entre conhecimento técnico e conhecimento não técnico. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 82).

Para contrapor aos usos do sistema capitalista para o currículo, a escola, e os estudantes, e a sociedade dos oprimidos como um todo, surge nos anos 1970 uma teoria marxista sobre o currículo, chamada teoria da reprodução. Centrados na busca pelo entendimento sobre como as relações de classe são perpetuadas através dos processos culturais, Bourdieu e Passeron, demonstram na obra “A reprodução” de 1970 os mecanismos complexos de reprodução social e cultural. Sobre essa obra, Lopes & Macedo (2011):

A ação pedagógica é descrita como uma violência simbólica que busca produzir uma formação durável (habitus) com efeito de inculcação ou reprodução. Para os autores, a escola opera com códigos de transmissão cultural, familiares apenas às classes médias, dificultando a escolarização das crianças de classes populares, mas, principalmente, naturalizando essa cultura escondendo seu caráter de classe. (LOPES & MACEDO, 2011, p.28).

Essa ideia de violência simbólica relaciona a reprodução do capital realizada pela produção de mercadorias e necessidades generalizadas, com a produção cultural feita pela sociedade capitalista e a sua consequente reprodução nos espaços de socialização, e formação cívica, dentre eles a escola e a estruturar esse processo o currículo formal.

Através da análise reprodutivista do currículo e da formação educacional observamos como a escola prepara cada indivíduo de cada classe na sociedade para assumir seus papéis específicos nos diferentes setores do sistema econômico de produção capitalista. Essa perspectiva dos padrões curriculares tem o foco na função social da escola na reprodução, não



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

só da sociedade de produção, mas também na distribuição desigual do capital cultural. Estando a reprodução dos imaginários hegemônicos ligados a produção de bens de consumo e necessidades generalizadas. Lopes & Macedo nos mostram que:

Os sistemas dos arbitrários culturais de uma determinada formação social são, assim, definidos como legítimos e sua imposição é ocultada pela ideologia. Nesse sentido, a produção cultural opera de forma semelhante a reprodução econômica: o capital cultural das classes médias, desigualmente distribuído, favorece aqueles que o possuem e, com isso, perpétua a desigualdade dessa distribuição. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 28).

Ainda na década de 1970, na Inglaterra, inicia-se um movimento de intelectuais dispostos em desvendar como o currículo produz diferenciações culturais. O grupo chamado Nova Sociologia da Educação (NSE)³³, via na seleção dos conteúdos uma resposta pra compreender como a escola contribui pra a legitimação de alguns conhecimentos e por consequência legitima os grupos sociais de origem desses saberes. Entendemos por conhecimentos e saberes presentes nos currículos não apenas seus conteúdos expressos, mas também as normas e valores nele presentes. A elaboração do currículo é vista aqui como processo de disputa social, ligado as estruturas de uma sociedade dividida em classes, o currículo é visto como mecanismo de reprodução material e simbólica das ideais e projetos das classes dominantes. Senso assim as escolas acabam fortalecendo o controle social ao distribuir de forma desigual o capital simbólico entre as distintas classes.

Os autores seguem demonstrando o desenvolvimento das ideias reprodutivistas acerca do currículo trazendo as contribuições do curriculista norte-americano Michael Apple, que dando sequência aos pensamentos da NSE busca entender o papel do currículo na reprodução da hegemonia ideológica das classes dominantes. Como nos mostra Lopes & Macedo (2011), segundo Appel, quem busca entender como as relações sociais de classe, e podemos acrescentar também as relações raciais e de construção dos imaginários e identidades raciais, são reproduzidas pelas escolas, precisamos nos apoiar numa aproximação das análises com o

³³ Teve início com um grupo de intelectuais ingleses de ênfase na crítica política e cultural, baseados no Instituto de Educação da Universidade de Londres, são considerados criadores da chamada nova sociologia da educação, seus principais intelectuais são Basil Bernstein e Michael Young.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

cotidiano escolar, na observação da atuação dos professores dentro das salas de aula, e na estrutura do conhecimento formal oferecido através dos currículos oficiais.

Para melhorar os estudos das relações de poder intrínsecas ao currículo foi revisado por Apple o conceito de currículo oculto, esse conceito da conta das expressões do currículo que não é visível nem sentida no cotidiano escolar, ao menos não por todos, apenas pelos que ao se deparar com os conteúdos apresentados sentem no currículo a ação enfática da ausência. A ideia de um currículo técnico com conteúdos puramente disposto ao auxílio das problemáticas sociais escondem mais do que conteúdos excluídos do processo educativo.

Para Lopes & Macedo (2011) ao optarem por essa perceptiva é ocultado:

[...] a dimensão ideológica presente nessa seleção. É como se qualquer decisão sobre o que e como ensinar não envolvesse disputas ideológicas. A hegemonia dessa visão de currículo elimina um importante aspecto do social: a contradição. A crença na harmonia social daí advinda é um importante princípio que oculta as relações de poder e as desigualdades sociais. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 32).

O currículo oculto dessa maneira é expresso não somente pela ausência dos conteúdos invisibilizados, mas também, está oculto nele suas intencionalidades. Tanto as que o constituíram, ou seja, as intenções que levaram a escolha desses conteúdos e perspectivas em detrimento de outros, quanto as intenções em optar por modelos de construção do currículo como os da perceptiva técnica. Temos assim duas intencionalidades paralelas, a de escolher os conhecimentos funcionais para a sociedade capitalista moderna ocidental, e intenção de partindo dessa organização organizar também o cotidiano dessas sociedades. Onde as escolas funcionariam também como fábricas, mas não para fabricação de objetos e mercadorias, e sim para a confecção de mão de obra formalmente técnica e socialmente alienada pelos imaginários impostos pelas classes dominantes.

Seguindo pela perspectiva da criticidade das relações de poder que estabelecem as formações curriculares, temos o campo das teorias pós-críticas. Assim como as teorias críticas, os estudiosos dessa vertente não aceitam a concepção de currículo neutro, enxergam e discutem as relações de poder inscritas em sua formação. Buscando a compreensão do currículo e dos aspectos educacionais formativos através de premissas mais subjetivas e identitárias, estabelecendo paralelos também com as questões de: alteridade, diferença, significação e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

discurso, saber poder, representação, cultura, gênero, raça, etnia, sexualidade, multiculturalismo.

Os teóricos pós-críticos partem da problematização dos saberes impostos pelos setores dominantes da sociedade, buscando entender os critérios que levam um conteúdo a ser ensinado em detrimento do esquecimento de tantos outros, que são silenciados, e excluídos do processo de aprendizagem escolar, e por consequência do imaginário social. Estando estes, em um constante questionamento sobre o que leva a escolha dos conhecimentos. Como nos mostra Silva (2010), os questionamentos partem do porque “esse conhecimento e não outro? Quais interesses fazem com que esse conhecimento e não outro esteja no currículo? Porque privilegiar ou um determinado tipo de identidade ou subjetividade e não outro?” (SILVA, 2010, p. 16)

Através das perspectivas de base crítica podemos estender o currículo como sendo resultado da disputa entre diferentes projetos de sociedade. O projeto vencedor traduzido em currículo é formado por múltiplas hierarquias de valores, que estabelecem e compõe o que vai ou não ser ensinado. Logo os valores, saberes, tradições valorizadas são os normativos, eurocêntrico, heterossexual, cristão, branco, patriarcal. O currículo ao reproduzir a perspectiva colonial, machista, heterossexual e eurocêntrica de sociedade, reflete uma construção, no plano intelectual, que busca responder as necessidades do mundo ocidental moderno. Os autores Lopes & Macedo (2011) vão nos dizer que: “Para Apple, o conhecimento hegemônico é todo um corpo de concepções, significados e valores que constituem as práticas cotidianas e a compreensão humana sobre o mundo.”. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 83).

As teorias pós-críticas, também próximas da perspectiva do nosso trabalho, questionam-se do por que um conhecimento está presente no currículo enquanto outros são silenciados. Leva-nos a refletir sobre duas questões importantes para nós: por que determinada forma de pensar e pensar-se, enxergar e enxergar-se é protagonista em detrimento da subjugação das outras? Por que a contribuição dos historicamente subalternizados para formação de nossa sociedade é excluída do currículo enquanto a colonização do homem branco é positivada e enaltecida e posta como fato fundador da nossa sociedade? E porque existe uma hierarquia valorativa nas referências encontradas no currículo sobre os continentes, onde uns são visto positivamente enquanto para outros é construída uma imagem negativa?



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ao tentar responder essas questões identificamos claramente que as relações de poder estabelecidas historicamente em nossa sociedade são base para encontrarmos essas respostas. Entendemos também que os currículos caracterizam-se pela seleção, dentro de um amplo e diverso universo de práticas, saberes, tradições e conhecimentos, dos conteúdos que farão parte do processo educacional em todo o país. Após selecionar os conhecimentos privilegiados e classificados como pertinentes ao ensino e incluí-los no currículo, busca-se justificar a escolha através das teorias tradicionais de interpretação sobre o que é o currículo. Mas afinal a que(m) serve o currículo?

Privilegiar um saber a ser ensinado, é instituir uma relação de poder que hierarquiza e submete à inexistência todos os outros saberes. Quem constrói o currículo tem o poder de decidir quais saberes e narrativas serão legitimados, e privilegiados com o monopólio de sua reprodução, a custa da invisibilização de todos os outros. Assim é tomada uma decisão política e ideológica, de qual olhar sobre o mundo será narrado nas salas de aula e fará parte do imaginário comum de nossa sociedade. Qual narrativa cosmológica será privilegiada com a reprodução de seus preceitos por gerações, compondo o imaginário comum, através dos conteúdos ensinados nas salas de aula.

A disputa pela representação e interpretação da realidade é em si a disputa de como essa realidade será compreendida. As teorias do currículo extrapolam o campo epistêmico das ciências sociais, através dos atores sociais e políticos também definidores do conceito.

O silenciamento dos saberes excluídos do currículo é a afirmação das relações coloniais de saber/poder, que através da hierarquização dos conhecimentos e experiências humanas, submete os saberes considerados menos importantes a uma hierarquia sócio/cultural valorativa, onde os de baixo são excluídos da reprodução histórica e cultural da sociedade. Dessa forma, muitos saberes são excluídos dos espaços onde essa reprodução ocorre como os currículos e as salas de aulas.

A autora Catherine Walsh (2004), buscando confrontar a persistência do colonialismo, racismo e dominação na produção intelectual subalterna, nos chama a atenção para os “Outros” conhecimentos colocados a margem pelo pensamento moderno/colonial. Colocando como questão fundamental para a colonialidade do poder o conceito de raça e o lugar de fala, para compreender como conhecimentos europeus se estabeleceram como globais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Como vimos anteriormente a geopolítica do conhecimento como construção de uma história e de um conhecimento branco e ocidental que invisibiliza e classifica como inferior os conhecimentos de provenientes das periferias coloniais, em uma “operação epistêmica” que se utiliza da hierarquização dos saberes como forma de controle epistêmico.

Através dessas hierarquias são estabelecidos não só quais são os “Outros” conhecimentos, elaborado também os conhecimentos sobre quem são esses “Outros” que produzem esses conhecimentos. Por consequência são criadas suas representações, que estão presentes no currículo são e na sociedade como um todo. Da mesma maneira são produzidas e hierarquizadas as interpretações e representações sobre a realidade.

Essa não é uma operação neutra e com finalidade em si mesma, é fundamentalmente um instrumento discursivo de representação do “Outro” enquanto diferente, a face obscurecida também nos currículos. Uma vez que a representação é uma construção discursiva associada às relações de poder estabelecidas. É através da representação que é construída a identidade do “Outro”, por consequência, a nossa. A representação vista como uma forma de conhecer o “Outro”, está no centro da relação saber poder.

O currículo traz para as salas de aula, também, um sentido político de identidade com a sociedade e a população brasileira. É na escola, e principalmente através da Geografia, que aprendemos o que é o Brasil e o que somos nele. Em todas as etapas de ensino é incorporado ao cotidiano escolar elementos das chamadas “tradições culturais”, que levam a formação de uma identidade social e cultural.

Podemos destacar uma data que traz certa evidência para questão racial dentro das salas de aula, o dia 20 de novembro, e em algumas oportunidades pode haver programação relacionada todo o mês de novembro chamado de mês da consciência negra. Mesmo sendo uma data importante de visibilidade principalmente nas escolas, essa prática acaba produzindo também narrativas sobre a formação da identidade nacional, Silva nos mostra que:

Em geral, essas narrativas celebram os mitos de origem nacional, confirmam o privilégio das identidades dominantes e tratam as identidades dominadas, como exóticas e folclóricas [...], o texto curricular conserva, de forma evidente as marcas da herança colonial. (SILVA, 2010, p. 101, 102).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Reafirmando uma marcação de diferença, é através dessas datas institucionais, e muitas vezes folclóricas, que são criados imaginários que congelam a população negra num tempo e num espaço inacessíveis mesmo por seus contemporâneos.

Assim da mesma maneira que aspectos das identidades individuais se formam, formam-se, também pelas influências dos currículos vivenciados, as demais identidades. O currículo entendido como prática de significação (Lopes; Silva 2011), criação e enunciação dos sentidos culturais, nos ajuda a entender que a construção dos diversos “Outros” é uma das funções sociais da escola e do currículo, uma vez que qualquer aplicação do currículo é uma prática de produção de sentidos, o currículo busca guiar a produção dos significados comuns à sociedade. Ao mesmo tempo em que o educando branco e urbano cria para si uma identidade referencial positiva pela intensa participação nas dinâmicas sociais que vivência e constante afirmação positiva de sua imagem e seus reflexos, nos manuais didáticos, nos currículos, na mídia, na escola. Um aluno negro pode passar pelo exato oposto, em sua experiência de vida tanto na escola quanto na sociedade como um todo. Os racismos cotidianos reforçado pelas ideias dominantes acabam estabelecendo um referencial de identidade para esse aluno.

O que propomos nesse trabalho é demonstrar que essas referências têm sua estratificação de valores georreferenciada, ou seja, a referência positiva de sociedade desenvolvida está plotada nas regiões ao norte, em especial América do Norte e Europa. Enquanto as referências geográficas negativas encontram-se ao sul do globo, principalmente América do Sul e África. Para efeito de nossa análise focaremos na construção de referências produzidas pela nova BNCC a respeito de África.

Já que acreditamos na íntima ligação de sua imagem nos currículos com a construção, pelos alunos não-brancos, de autoimagens e identidades negativas. Dessa maneira na balança valorativa das georreferências presentes no currículo a África pode ser considerada como o “Outro” a ser invisibilizado pela sua falta de mérito, em relação aos continentes representantes dos saberes coloniais, tradicionais e contemporâneos América do Norte e Europa. Esses são portanto a representação do que se deve ser, referência primeira e locus de enunciação ego epistêmico de imagens positivas.

Na escola são impostas formatações indenitárias rígidas e fixas presentes em nossa sociedade. É através dos conteúdos curriculares da disciplina de História, por exemplo, que se



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aprende quem são os índios, os negros, e os brancos. Na disciplina da Geografia escolar vemos o desenrolar espacial das relações de poder intrínsecas ao movimento das sociedades hierarquizadas. É através dos conteúdos e conceitos presentes no currículo, que o sistema de significados comuns das sociedades se reproduz, e suas hierarquias são fixadas no subjetivo de seus indivíduos. Como afirmam Lopes & Macedo (2011) a respeito da seleção dos conteúdos escolares:

Usualmente, não se problematiza a seleção de conteúdos do currículo, apenas sua distribuição: em que quantidade, em que período de tempo, em que série. O conteúdo da educação, no entanto, é sujeito a grandes variações históricas. Como seleção, expressa, consciente ou inconscientemente, certos elementos básicos da cultura: é um conjunto particular de ênfases e omissões. Além disso, há uma relação estreita entre seleção e distribuição dos conteúdos, pois os conteúdos selecionados tem uma relação orgânica com as escolhas sociais envolvidas na organização prática. (LOPES & MACEDO, 2011, p. 83).

Os sistemas de significados guardam em si suas hierarquias e sua estratificação em valores. A diferença entre o que é ensinado em escolas públicas de forma geral, superficial e precária; e os conteúdos apresentados em escolas particulares elitizadas, ilustra bem como as hierarquias sociais compõe as diversas formas de currículo. Dentro do espectro capitalista onde a escola é também espaço de produção de mão de obra, identidade e currículo atuam em conjunto na escola e na sociedade, em uma importante etapa na formação indenitária do aluno.

Pensar o currículo, em principal a partir da perspectiva decolonial, pode ser o primeiro passo para pensar um outro projeto para educação, rumo a construção de uma sociedade transmoderna, livre das amarras epistêmicas da subjetividade colonial. Este projeto é importante também, para a superação do racismo que permanece presente e agente da construção da identidade brasileira, inclusive dentro das escolas e através dos currículos oficiais.

O currículo serve de instrumento discursivo para reprodução dos saberes hegemônicos, por consequência manutenção da própria hegemonia desses saberes. Buscando criar um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

consenso social, através da reprodução de conhecimentos apresentados como neutros, e impostos como tradicionais, acabando por ser naturalizados. De acordo com os autores Lopes & Macedo (2011):

Quanto maior é a capacidade de esse conhecimento hegemônico se constituir como senso comum, mais facilmente exerce sua hegemonia. Quanto mais esse conhecimento hegemônico é transmitido como se fosse o conhecimento universal sistematizado, fruto de uma tradição que o seleciona como se fosse o melhor, mais se traduz como cultura dominante efetiva. (LOPES; MACEDO, 2011, p. 83).

Esse consenso produzido pela imposição dos conhecimentos hegemônicos pelo currículo passa também pela identidade: coletiva, social de um conjunto nacional; individual, do indivíduo enquanto última escala do corpo social, do conjunto nação; e a identidade do “Outro”, que é formatada socialmente e produzida artificialmente, para que possamos ver o que é estranho a nós, o que não somos, o que ratifica nossa identidade individual, dando-lhe o seu diferente.

A representação do “Outro” no currículo, mas que uma mera identificação, classificação didática, pretende construir um discurso de alteridade para instrumentar a realidade objetiva dos estudantes a partir dos preceitos das classes dominantes. Assim como as narrativas acerca da história da formação espacial e reprodução da sociedade propõe uma visão dessas dinâmicas num quadro real. A realidade subjetiva coletiva é formada também pelas narrativas e discursos presentes nos currículos, que são o resultado de disputas políticas e ideológicas travadas em diversas esferas da sociedade.

Currículo é disputa, logo vencer essa disputa faz do currículo final, aplicado nas salas de aula, um troféu discursivo dessa disputa, o grupo vencedor ganha o monopólio da reprodução de seus imaginários e projetos ideológicos. Dessa forma o currículo, pode ser entendido como território em disputa, onde as relações de poder estabelecem os sentidos políticos dos conteúdos que serão ensinados nas salas de aula.

O currículo através dos materiais didáticos e do processo educativo torna-se uma importante ferramenta discursiva. Capaz de criar e reproduzir uma infinidade de narrativas culturais, territoriais, sociais, raciais, nacionais, de gênero, e etc. Conjecturando dentro das salas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de aula na cabeça dos educandos, uma construção subjetiva sobre seu país e sua cultura, seu corpo e suas escolhas, sua nação e seu povo, seu espaço e seu tempo, num sentido de realidade comprometido com a manutenção do status quo da fração dominantemente da sociedade.

Podemos observar as ausências nas diversas formas de exclusão presentes no currículo. A existência dos não brancos é produzida dentro do discurso sobre a realidade presente no currículo, como pertencente a um lado obscurecido da história passada, como se não fizessem parte de nossa mesma contemporaneidade. Evidenciando que além do que está a vista, os currículos também são formados pelos conteúdos que foram silenciados, e invisibilizados, todos os outros saberes e epistemes não hegemônicos são condenados a não existência ao serem excluídos do currículo, do processo de aprendizagem, das salas de aula, e por consequência, do sistema de significados de nossa sociedade.

Os currículos são práticas reguladoras e reguladas, ao mesmo tempo produzidas e produtoras, também, de um discurso sobre o “Outro”, cuja constituição imaginária se deu na contramão da modernidade européia que se auto instituiu como paradigma de bom, belo e verdade. Partindo dessa perspectiva o currículo naturaliza a ideia de uma classificação racial dos continentes e a construção de um imaginário onde a Europa é o centro do mundo, esse processo Quijano (2005) apontará como eixo base da relação de dominação dos europeus sobre os não-europeus.

Práticas reguladoras e produtoras de um discurso não disperso, mas objetivo, tem o intuito de difundir representações sobre a realidade, estão de interesses alinhados ao projeto de dominação subjetivo da sociedade, historicamente estabelecido pelas estruturas coloniais de saber e poder.

Referências.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, E. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. Editora Cortez, São Paulo, 2011.

MALDONADO-TORRES, Nelson . Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMES, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar; 2007.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. Educação e militância decolonial. 1ª Edição- RJ: Editora Selo Novo, 2018.

QUIJANO, A. A Colonialidade de Poder. Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias de currículo. 3º Edição. Editora Autêntica. 2010.

WEBER, M. The protestant Ethics and the spirit of capitalism. New York: Routledge. 1911. 1992.

WALSH, Catherine. Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I, Quito, Abya-Yala, 2013.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

POR UMA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA CRÍTICA E REFLEXIVA SOBRE A SOCIEDADE DO CONSUMO

Ieda Leite dos Santos Nóbrega³⁴

Resumo

Este artigo busca estabelecer as ligações entre consumismo e a juventude, conceituando a sociedade do consumo, as artimanhas da publicidade e os efeitos gerados por esses agentes. Este escrito foi construído com base na leitura de inúmeros artigos, matérias jornalísticas, se utilizando de conceitos chaves, citações e ilustrações. A intenção é esclarecer sobre os males do consumo entre jovens, e ainda apresentar como a educação geográfica pode tratar o conteúdo sociedade do consumo na aula. Para isto são propostas algumas atividades para se trabalhar com alunos, além de uma proposta de discussão do tema com a comunidade escolar.

Palavras-chave: Consumo; Jovens; Publicidade; Tecnologia.

Introdução

Este artigo busca propor uma reflexão, a respeito da sociedade e cultura do consumismo e os impactos que esta causa a juventude, levantando o saber da necessidade de intervenções escolares no processo educacional.

O artigo trata também sobre os atos econômicos exacerbado de consumo de produtos no dia de hoje, sendo isto um problema geral, mas focando aqui nos indivíduos mais jovens. Tal consumo desenfreado é motivado e estimulado através do marketing e publicidade, buscando apenas favorecer o lucro de empresas, capitais e o desenvolvimento econômico, não se preocupando sobre os problemas que isto causa a população (ansiedade, depressão, baixa autoestima, crise identitária, falta de planejamento econômico).

Este escrito se dividirá em três partes, sendo a primeira breves considerações sobre a sociedade do consumo, a segunda sobre as implicações da sociedade do consumo no comportamento de jovens e adolescente, e a terceira sobre propostas pedagógicas pensadas para trabalhar com o tema com jovens e adolescentes, procurando levantar conhecimento sobre a

³⁴ Estudante do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, e-mail: ieda.leite.santos@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

causa e buscando instigar os alunos a terem um pensamento crítico e reflexivo para compreender e evitar o consumo exacerbado.

O referencial bibliográfico se alicerça nas obras de Bauman (2005), Salecl (2005), Oliveira (2015), textos de organizações de alerta para consumo infantil, redações jornalístico-científicas.

Conclui-se que é indispensável a atuação da comunidade escolar para alertar alunos sobre as artimanhas do capital e buscar prevenir uma parcela da população de se alienarem ou se entregarem desmedidamente as armadilhas impostas. Somente através de uma intervenção pedagógica e o oferecimento das noções do consumismo e a sua prejudicialidade para a sociedade é que será possível iniciar transformações para indivíduos das gerações futuras.

A sociedade do consumo: breves considerações

O consumo é uma prática natural, envolvente e condizente a necessidades tanto biológicas quanto sociais. É um fator contemporâneo primário para a garantia de nossa sobrevivência na sociedade capitalista. Porém, com o desenvolvimento das comunicações, o crescimento das relações e do uso das mídias digitais, dá-se o surgimento de uma nova maneira de consumir, a extrema.

O consumismo, fruto do atual sistema capitalista, é a necessidade socialmente imposta, o que gera uma constante busca de objetos materiais para a nossa satisfação pessoal e hierarquia de status pela posse de bens. De acordo com Salecl (2005), com o aparecimento da propaganda, tem-se a promessa da realização, da atitude de se reinventar e se diferenciar dos demais através do acesso à objetos específicos. A ideia de se reformular e se transformar através dos seus pertences adquiridos é apresentado de forma cotidiana pela propaganda, como se vestir-se com roupas da marca X iriam lhe configurar tal atributo pessoal, enquanto aquele que faz uso da marca Y, provavelmente se dá outra configuração social. Tais fatores iriam introduzir as pessoas no pertencimento a uma determinada tribo social (SALECL, 2005).

Em novembro de 2020, a marca de cosméticos O Boticário, lançou um comercial natalino com o slogan “Que você seja tudo o que desejar”. Implicitamente, a marca transmite a noção de que, aqueles que consomem seus produtos levantam a mesma bandeira. Tanto os

consumidores querem estar associados por carregar e promover (mesmo que inconscientemente) uma boutique amigável e positiva, quanto a marca quer estar associada a uma imagem positiva e levar seus clientes a acreditarem nisso. O problema aqui, não é o indivíduo querer estar ligado a esta imagem, mas uma empresa se aproveitar do emocional coletivo através da mensagem “ser o que quiser” para lucrar com isto, sendo que podemos chegar a esta conclusão por nós mesmos como aponta Salecl (2005) em seus escritos chamando atenção de que as propagandas induzem uma certa liberdade do consumidor e também uma identidade única no discurso “seja você mesmo”.

Na figura 1 a seguir, o autor, Quino, traz uma crítica a respeito da felicidade ligada ou controlada pela publicidade, onde se é “muito idiota” se tiver desodorante, salsicha, e uma máquina de lavar roupas.

Figura 1 – Charge sobre a publicidade relacionada com a felicidade



Fonte: UFRGS, 2018.

Não só a propaganda influencia nossas escolhas, mas a sociedade, aqueles com quem convivemos também. Segundo Bauman:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É uma sociedade que [...] “interpela” seus membros, basicamente, ou talvez até exclusivamente, como consumidores; e uma sociedade que julga e avalia seus membros principalmente por suas capacidades e sua condutada relacionadas ao consumo (BAUMAN, 2005, p. 109).

Além da satisfação pessoal e redefinição de si, percebemos que os “membros” do consumismo ficam à mercê de julgamento e tratamento diferenciado em todos os ângulos sociais com base na sua condição econômica de compra. O indivíduo se encontra em um labirinto, sente que precisa tanto do material para sua realização quanto para a aceitação dos outros, e quando conquista através da troca comercial, frustra-se logo em seguida pela desvalorização e depreciação do que se adquiriu. A novidade é mais atrativa do que a duração (BAUMAN, 2005). A humanidade tenta incansavelmente acompanhar a velocidade com que é produzido novos produtos, marcas, tecnologias, eletrônicos, e se frustra ao se deparar com o fato de que a corrida é infinita. As consequências não são apenas para aqueles que fazem parte desta maratona, a frustração, a felicidade inalcançável, o vazio persistente, mas a consequência também é para onde se fica o que não nos é útil mais. O celular usado, a roupa apertada, o rádio inutilizado, todos tem o mesmo destino.

A produção linear em um mundo finito desencadeou um dos maiores problemas enfrentada pela população global, o **ambiental**. Na tabela 2, temos os dados de total de lixo gerado por um país (2019) e a porcentagem de produção e reciclagem. Os dados comprovam que o Brasil é um dos países que mais produz e menos recicla lixo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 2 – Tabela de produção de lixo de diversos países

País	Total de lixo plástico gerado*	Total incinerado	Total reciclado	Relação produção e reciclagem
Estados Unidos	70.782.577	9.060.170	24.490.772	34,60%
China	54.740.659	11.988.226	12.000.331	21,92%
Índia	19.311.663	14.544	1.105.677	5,73%
Brasil	11.355.220	0	145.043	1,28%
Indonésia	9.885.081	0	362.070	3,66%
Rússia	8.948.132	0	320.088	3,58%
Alemanha	8.286.827	4.876.027	3.143.700	37,94%
Reino Unido	7.994.284	2.620.394	2.513.856	31,45%
Japão	7.146.514	6.642.428	405.834	5,68%
Canadá	6.696.763	207.354	1.423.139	21,25%

Fonte: WWF-Brasil, 2019.

A jornalista Julia-Grace Sanders (2020), consta em uma matéria que coletores de lixo afirmam que cerca de 30% da produção de lixo aumentou, sendo muito do descarte material não reciclável, como isopor com base em uma matéria da agência de notícias britânica Reuters (2020) traz como a pandemia da corona vírus tem aumentado a produção e descarte de luvas, marmitas de isopor, plástico bolha, protetores faciais plástico (todos não recicláveis) e a demanda da produção de plástico novo. A mesma matéria da agência de notícias Reuters (2020) apresenta que desde 1950, 91% das 6.3 bilhões de toneladas de lixo plástico produzido nunca foi reciclado.

Desde o COVID-19, até mesmo garrafas de bebidas feitas de plástico reciclado – o item plástico mais comumente reciclado – tornaram-se menos viáveis. O plástico reciclado, para produção, é 83% a 93% mais caro do que o plástico de garrafa novo, de acordo com analistas de mercado do Independent Commodity Intelligence Services (ICIS). (BROCK, 2020)

O consumismo, atualmente, já é um comportamento visível em toda sociedade contemporânea. A humanidade é consumista, o consumo desnecessário é uma resposta ao sistema capitalista que vivenciamos, aquele que nos coloca como indivíduo mercadoria.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Entretanto, pode-se indagar, quais as consequências de comportamentos consumistas para o público mais jovem de crianças e adolescentes?

As implicações da sociedade do consumo no comportamento de jovens e adolescente

De acordo Ribeiro (2005), em uma pesquisa feita pelo Programa de Administração do Varejo da Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo (USP) constou no primeiro semestre de 2002 que, a falta de planejamento em compras em famílias leva 37% dos consumidores a comprar itens desnecessários em supermercado. Mães relatam que ao ir às compras gastam mais acompanhadas dos filhos do que dos maridos. Mesmo que não como o comprador ativo, crianças influenciam fortemente nas compras em famílias.

Conhecidos como **consumidores hipervulneráveis** (GUGLINSKI, 2013), as crianças se configuram como grande foco da publicidade, isto por serem consumidores em formação. Desde cedo são expostas a todos os tipos de propagandas, de brinquedos, de eletrônicos, de comidas, de programas, de materiais escolares, e isto em todos os tipos de plataforma, desde a televisão, como redes sociais, plataformas virtuais de entretenimento etc. São um público facilmente influenciável e estimulável, onde são levadas a tomar decisões de escolhas com base em inúmeros fatores (CRIANÇA E CONSUMO, [s.d]).

A TNS, instituto de pesquisa que atua em mais de 70 países, divulgou dados em setembro de 2007 que evidenciaram outros fatores que influenciam as crianças brasileiras nas práticas de consumo. Elas sentem-se mais atraídas por produtos e serviços que sejam associados a personagens famosos, brindes, jogos e embalagens chamativas. A opinião dos amigos também foi identificada como uma forte influência. (CRIANÇA E CONSUMO, [s.d.])

De acordo com a Agência EFE (Eficacia, Fiabilidad o Experiencia), (2019) a plataforma de vídeos do Google foi multada em 170 milhões de dólares pelo uso de dados de crianças para fins publicitários. O motivo da multa foi por infringir uma lei estabelecida pelo Ato de Proteção Online à Criança (COPPA), que diz que crianças menores de 13 anos não devem ter acesso a redes sociais ou plataformas como o Youtube. Isto levou o Youtube a mudar suas políticas de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

publicidade em relação ao público infantil (LAVADO, 2019), não permitindo comentários ou publicidade em canais infantis. Entretanto, muitos criadores de conteúdo da plataforma continuam usando propagandas em seus vídeos (o que gera lucro para os criadores de conteúdo), mesmo que direcionados ao público infantil.

Por exemplo, o canal chamado 5-Minutes Crafts PLAY (que costuma a se chamar 5-Minutes Crafts KIDS), publicou no dia 8 de dezembro de 2020 um vídeo nomeado 27 Unexpected life hacks with toothpaste, em tradução livre algo como “27 hacks de vida inusitados com pasta de dente”. No vídeo mencionado, podemos ver vários comentários explicitamente de um público mais jovem, mostrando que, mesmo sabendo que é contra as políticas do website, criadores de conteúdo continuam utilizando propaganda em seus vídeos e negando o teor infantil em seus canais (sendo previsível a temática jovial).

Crianças tendem a fantasiar muito o objeto que desejam, criam ilusões de felicidade com os brinquedos que veem na televisão. Mas, assim como citado anteriormente, é uma felicidade momentânea. Desde novinhos desejam muito um objeto para frustrar-se depois, enjoando do brinquedo e logo depois desejando o próximo a ser lançando, demonstrando impaciência pela espera de um novo produto pela exigência infantil e dificuldade dos pais em negar seus desejos. A criança, se tornando alheia ao sentimento longo de desejar algo, acaba sendo incapaz de lidar com a vontade futuramente, transformando-se um indivíduo extremamente impulsivo na compra de produtos. É necessário que escolas e pais eduquem as crianças a respeito do desejo e da falta, do esforço para se ter algo para consequentemente aprender a valorizar o objeto em posse, diferenciando aquilo que é necessário para aquilo que é supérfluo. Desta forma, ambos levantam apoio por uma educação contra a alienação.

A tabela 1 apresenta um percentual equiparando os motivos pelo qual crianças se influenciam por determinado produto ou outro.

Tabela 1 – Comparativo de porcentagem pela qual as crianças se influenciam por um produto

Porcentagem de influência	Influência
83%	Publicidade



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

72%	Produtos associados a personagens famosos
42%	Influência de amigos
38%	Produtos que oferecem brindes e jogos
35%	Embalagens coloridas e atrativas

Fonte: TNS, 2003.

Não é somente as crianças que são alvos do hipercapitalismo, mas adolescentes também. Estão tão afundados com o marketing quanto crianças, aprendendo sobre o impacto das marcas em sua imagem ou identidade, como isto muda a maneira como eles interagem com os outros e consigo mesmo. Com a publicidade ensinando que suas marcas transformam a humanidade, quando crianças se tornam adolescentes (período de inseguranças e busca por identidade pessoal) se deparam com o fato de que a única coisa que lhes foi provada é que objetos materiais importam e irão defini-los. Compreendendo a insegurança juvenil e o desejo de serem aceitos, as marcas manipulam jovens, fazendo-os acreditarem que objetos definirão o que são e o que não são. Isto, a longo prazo, pode ocasionar problemas como depressão, ansiedade, baixa autoestima, insegurança impaciência, dificuldade em lidar com frustrações etc.

Outro problema vinculado à publicidade é a erotização infantil. Contemporaneamente, crianças e adolescentes são estimulados diariamente a consumirem produtos precoces ou agirem de maneira cada vez mais adulta e sexualizada para serem mais bem aceitos (ABILIO, 2015). Conhecido como Efeito Lolita, nas palavras da autora, "é o conjunto distorcido e ilusório de mitos sobre a sexualidade das garotas que difundiu em nossa sociedade de forma a restringir, minar o progresso sexual das garotas." (DURHAM, 2008)

A figura 3 apresenta uma propaganda utilizada em 2015 pela marca Lilica Ripilica, no qual recebeu muitas críticas pelo teor sexual implícito.

Figura 3 – Outdoor da marca Lilica Ripilica, “Use e se lambuze”



Fonte: Ferreira, 2015

Perante estas questões, ressaltamos a importância da educação formal que possa ser agente de intervenção para produzir uma consciência de emancipação e desalienação dos sujeitos, estimulando alunos a questionamentos e problematização da sociedade do consumo e as ilusões que esta apresenta.

Práticas pedagógicas em ação: por uma educação geográfica que questione a sociedade do consumo

Diante dos pontos aqui apresentados e discutidos, é importante ressaltarmos que o futuro professor de Geografia deve buscar incentivar práticas que levem o aluno a reflexão sobre suas escolhas de consumo. Como agente transformador das relações, meio pessoal e meio externo, o professor de Geografia poderá instigar seus alunos a refletirem sobre propagandas, marketing e suas reais motivações. Entender propagandas de final de ano, períodos de grande saldo (black Friday), ensinar as diferenças entre programas de entretenimento e propagandas, estimulando-os a compreender a artimanha publicitária de se usar de personagens da TV para incentivar o consumo de determinados produtos.

É importante também trazer a questão das propagandas na mídia, desmitificar marcas e demonstrar como plataformas midiáticas se utilizam e dispõem dos dados pessoais dos usuários para empresas, para poderem sugerir produtos específicos, como dispõem da localização do usuário e histórico de pesquisa para a propaganda. Indispensável é que o aluno tenha seu raciocínio crítico estimulado para compreender as estratégias do mercado, identificarem a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

funcionalidade e necessidade do que comprem, evitem a alienação, tomando sempre cuidado com a tecnologia, já que esta não protege totalmente os dados dos usuários. Sendo que:

O Facebook compartilhou mais dados pessoais de seus usuários com cerca de 150 gigantes da tecnologia, como Microsoft, Amazon e Netflix do que tinha revelado até agora, segundo informou nesta quarta-feira (19) o jornal "The New York Times". O jornal nova-iorquino teve acesso a centenas de documentos internos da companhia de Mark Zuckerberg que revelam como compartilhou os dados sem o consentimento dos usuários, que atualmente somam 2,2 bilhões. A publicação disse também ter entrevistado cerca de 50 ex-funcionários e parceiros da empresa. Em troca, o Facebook tinha acesso mais profundo às relações entre os usuários e essas empresas, e poderia sugerir mais conexões, como aquelas que aparecem no recurso "Pessoas que você talvez conheça" (AGÊNCIA EFE, 2018).

O professor, juntamente com a escola, poderia conversar com a comunidade, com os pais, alertando sobre as preocupações relacionadas as crianças perante a publicidade, fazendo-os compreender a respeito da nocividade do marketing (OLIVEIRA, 2015). Estimular os pais a observarem seus filhos perante a tecnologia, estabelecerem limites, levarem seus filhos a passarem mais tempo em família, em locais abertos, visitando pontos da cidade, praticando atividades ou hobbies, conversar sobre limites econômicos e ter a capacidade para falar não para o jovem, compreendendo a importância da espera na formação do indivíduo. Buscar oferecer alimentos mais saudáveis nos ambientes escolares, alertar sobre o perigo de alimentos de redes de fast-food ou de mercado (produtos ultra processados sem valor nutritivo).

Segundo Castro (2020), a BNCC propõe o estudo de conceitos básicos de economia e finanças, como taxa de juros, inflação, aplicações financeiras e impostos. O incentivo ao aluno para aprender noções de economia, controle de gastos, investimento, em que se investir, são efetivos meios para o combate ao consumismo, dado a falta de conhecimento financeiro dos alunos que os levam a se terem problemas com controle, despesas para a família, para si, falta de planejamento. Com a educação econômica, além de transformar os indivíduos em pessoas preparadas para lidar com o dinheiro para si, podem trabalhar com o dinheiro de maneira que, coletivamente e futuramente, melhorará a estabilidade financeira da população.

A figura 4 destaca uma tabela ilustrativa com um conteúdo preparado para ensinar alunos de educação básica a educação financeira, desde o conceito de dinheiro e poupança, até a compreensão da existência de classes sociais diferentes, moeda de países e planejamento de gastos.

Figura 4 – Educação financeira chega ao ensino básico



Fonte: Folha de S. Paulo, 2013

A educação geográfica pode-se apresentar como proposta um trabalho com os alunos sobre o uso adequando dos proventos financeiros, em que cada um realizaria uma tabela, marcando os gastos e os ganhos, e, ao final, somariam analisariam a diferença, podendo refletir se gastaram mais, se houve necessidade, ou se pouparam mais dinheiro. Em seguida, aqueles que pouparam poderiam dar sugestões em que investiriam seu dinheiro.

Trazer à tona a discussão ambiental, o impacto do que consumimos no lixo, é também uma reflexão adequada para que os indivíduos jovens possam perceber que lixo não se desfaz, que o lixo continua, e, no máximo, vira problema de outro. Discutir sobre como o sistema capitalista apresenta-se como o maior indutor da produção de lixo, e sobre o incentivo sustentável por parte de empresas, entretanto se atentando a contradição que existe no estímulo de grandes redes aos consumidores se tornarem pensadores ecológicos quando estas mesmas redes não são.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O quadro 1 demonstra um projeto interdisciplinar que busca organizar o conhecimento, incentivando pesquisas, tecendo relações entre os diversos saberes, envolvendo as disciplinas de Geografia (consumismo e sua conceituação, a demanda pelo produto, a influência do capital), História (origens do consumo, desenvolvimento e crescimento industrial e da demanda), Português (consumismo na literatura), Artes (como a arte reage e se manifesta contra o consumismo) etc.

Quadro 1: Projeto interdisciplinar para uma educação geográfica crítica

PROJETO INTERDISCIPLINAR	
OBJETIVOS	• Estabelecer uma consciência crítica nos alunos no que tange o consumismo exagerado; • Contemplar que o grande agente por trás da degradação ambiental são as empresas; • Oferecer um ensino transformador com práticas pedagógicas que estimulem a reflexão a respeito do consumismo
PROBLEMATIZAÇÃO	• Consumo exacerbado e suas consequências econômicas, sociais e mentais • Aniquilação do meio ambiente para a demanda de produção • A manipulação do público feita pelas empresas
ROTEIRO DE ATIVIDADE	• Trazer conceitos básicos de economia, poupança, o dinheiro e sua influência na sociedade, trazendo a noção de sociedade do consumo; • Aprofundar-se no tema da sociedade do consumo através de ferramentas educativas como vídeos, documentários, literatura que problematiza o consumo e o hipercapitalismo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

	• Apresentar proposta aos alunos para trazerem discussões sobre as implicações da sociedade do consumo, através de pesquisas, entrevistas, documentários ou experiências pessoais/ de pessoas próximas. • Sugerir proposta a comunidade escolar para apresentar palestras preparadas por equipes como de membros da Secretaria do Meio Ambiente, pais que trabalhem com o tema, palestrantes, alunos ou professores universitários em realização de pesquisas sobre o assunto etc.

Após a aplicação do referido projeto de ação interdisciplinar seria muito importante finalizar com um workshop, onde seriam expostos os trabalhos escolares para a comunidade. Conclusivamente, espera-se que os alunos possam desenvolver suas próprias opiniões e criticidade a partir do projeto, buscando sempre a instigação aprofundada de seus redores a atentando-se as armadilhas sociais implícitas.

Considerações Finais

Qual a importância do indivíduo jovem para o capitalismo? Por que ele é tão envolvido pela publicidade, pelas mídias digitais? Quais as consequências do consumismo para si mesmo e para sua formação? Como a comunidade e a escola podem prevenir isto? Estas são perguntas que ajudaram a elaborar este escrito, desde a conceitualização da sociedade do consumo, as artimanhas do capital e as implicações no comportamento de jovens e as práticas pedagógicas que professores e professoras podem utilizar para produzir a expansão da consciência do estudante.

A pesquisa foi realizada através de inúmeras notícias, artigos, matérias e entrevistas, procurando sempre conduzir o artigo e tecer uma formulação linear da melhor maneira possível.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É indiscutível a conclusão da necessidade de que a escola possa produzir uma educação capaz de fazer uma análise crítica e reflexiva sobre o uso das tecnologias e das mídias sociais, pois a juventude diariamente é “inundada de conteúdos que incentivam o consumo desmedido e consequentemente, produzindo a alienação desses sujeitos, acredita-se que a escola possa intervir de maneira a produzir um contradiscurso, sendo que o ensino de Geografia tem grande potencial para apoiar esse projeto de emancipação dos jovens, adolescentes e crianças.

Com este artigo, espera-se que tantos outros possam compreender o impacto negativo do incentivo ao consumismo. Tal processo acadêmico foi fundamental para entender meu papel de futura mediadora de conhecimento, podendo incitar jovens ao pensamento crítico e a necessidade de refletir sobre a necessidade ou o desejo que foi estimulado pelos agentes hegemônicos da sociedade capitalista.

Referências

5-Minutes Crafts PLAY. **27 UNEXPECTED HACKS WITH TOOTHPASTE**. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZbbP4uwr4es>> Acesso em: 21/02/2021. 15m23s

ABILIO, Patrícia. **O Efeito Lolita: a sexualização das adolescentes**. Obvious, 2015. Disponível em:

<http://obviousmag.org/notas_sobre_o_nada/2015/o-efeito-lolita-a-sexualizacao-das-adolescentes.html> Acesso em: 23/02/2021

AGÊNCIA EFE. Facebook cedeu dados pessoais dos usuários a gigantes da tecnologia, revela jornal. 2018. **Globo Economia**. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/19/facebook-compartilhou-mais-dados-com-gigantes-tecnologicos-do-que-o-revelado-diz-jornal.ghtml>> Acesso em: 24/02/2021

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007

BROCK, Joe. The Plastic Pandemic: Covid-19 trashed the recycling dream. 2020. **Reuters**. Singapura. Disponível em:

<<https://www.reuters.com/investigates/special-report/health-coronavirus-plastic-recycling/>> Acesso em: 20/02/2021

CASTRO, Tâmara. Educação financeira na BNCC. 2020. **CENPEC Educação**. Disponível em:

<<https://www.cenpec.org.br/tematicas/educacao-financeira-na-bncc>> Acesso em: 24/02/2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CRIANÇA E CONSUMO. **Consumismo Infantil:** Um problema de todos. 2019. Disponível em: <<https://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>> Acesso em: 20/02/2021

FOLHA DE SÃO PAULO. **Educação financeira chega ao ensino básico.** 2013. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2013/02/1232225-educacao-financeira-chega-ao-ensino-basico.shtml>> Acesso em 22/02/2021

GUGLINSKI, Vitor. **Consumidores hipervulneráveis.** Jusbrasil, 2013. Disponível em:

<<https://vitorgug.jusbrasil.com.br/artigos/111824697/consumidores-hipervulneraveis>> Acesso em: 22/02/2021

LAVADO, Thiago. YouTube vai mudar regras de publicidade em vídeos que têm audiência infantil. **Globo Economia.** 4 de setembro, 2019. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/09/04/youtube-vai-mudar-regras-de-publicidade-em-videos-que-tem-audiencia-infantil.ghtml>> Acesso em: 22/02/2021

OLIVEIRA, Danielle Pena de. **Educação para o consumo no cotidiano escolar: um Estudo de representações sociais.** UFPE, Pernambuco, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/16012/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20vers%C3%A3o%20final%202.pdf>> Acesso em: 20/02/2021

RIBEIRO, Paulo César Pinheiro. O adolescente e os consumos. **Adolescência e Saúde,** Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 21-24, outubro, 2005

SALECL, Renata. **Sobre a felicidade:** Ansiedade e consumo na era do hipercapitalismo. Alameda, São Paulo. 2005

SANDERS, Julia-Grace. How has the pandemic changed life? Look in your garbage. 2020. **The Sequim Gazette.** Disponível em:

<<https://www.sequimgazette.com/news/how-has-the-pandemic-changed-life-look-in-your-garbage/>> Acesso em: 20/02/2021

TNS/INTERSCIENCE. **Como atrair o Consumidor Infantil, atender expectativas dos Pais e ainda, ampliar as Vendas.** 2003. Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Doc-09-Interscience.pdf>> Acesso em: 21/02/2021

UFRGS. **Significando consumo e consumismo nas aulas de português:** leitura e reflexão linguística a partir de tirinhas. 2018. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/revistabemlegal/edicao-2018-1/significando-consumo-e-consumismo-nas-aulas-de-portugues-leitura-e-reflexao-linguistica-a-partir-de-tirinhas>> Acesso em: 20/02/2021

WWF-BRASIL. **BRASIL é o 4º país do mundo que mais gera lixo plástico.** 2019. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?70222/Brasil-e-o-4-pais-do-mundo-que-mais-gera-lixo-plastico>> Acesso em: 24/02/2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

Isabella Brehmer Scherlowski³⁵

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a construção de conhecimentos sobre o conceito de lugar nos anos finais do ensino fundamental II na disciplina de Geografia por meio do olhar dos estudantes, buscando assim identificar a perspectiva que se aplica ao ensino deste e evidenciando as principais problemáticas de abordagem desse tema. Para tais análises foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de lugar e aplicado um questionário via remota para os estudantes contendo nove questões, onde estes responderam às perguntas de acordo com os seus conhecimentos adquiridos, a partir disso foi possível aproximar os resultados obtidos ao conhecimento acadêmico e chegar a conclusão do trabalho proposto com a finalidade de auxiliar possíveis estudos futuros sobre o tema.

Palavras-chave: Conceito de Lugar 1; Geografia Escolar 2; Pesquisa em Ensino 3.

Introdução

Compreender os conceitos geográficos e a sua importância para o ensino de geografia nas escolas é essencial. É a partir da construção desses conceitos em sala de aula que pode-se fundar bases para a compreensão dos estudantes em relação as dinâmicas locais e mundiais. Dessa forma, a presente pesquisa busca refletir sobre a construção de conhecimentos sobre o conceito de lugar nos anos finais do ensino fundamental II na disciplina de Geografia por meio do olhar dos estudantes.

Com isso, buscamos analisar o ensino do conceito de lugar na educação básica. A pesquisa foi realizada a partir de uma busca bibliográfica com base em autores e autoras como Cavalcanti (1998), Carlos (2007), Santos (1997, apud AZEVEDO e, OLANDA, 2018) e Tuan (2013, apud SILVA, 2019), que discutem o conceito de lugar em uma perspectiva crítica e

³⁵ Estudante do terceiro ano do curso de licenciatura em geografia da Universidade Estadual de Londrina. Email: isabellabrehmer@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

humanista. E em seguida, foi aplicado um questionário via Google Forms com seis estudantes do ensino fundamental II, com idades entre 12 e 15 anos, em um período de trinta dias, entre os meses de janeiro e fevereiro. Os estudantes pesquisados são da rede pública de ensino do Colégio Estadual da Warta, distrito localizado na zona norte do município de Londrina. O acesso aos estudantes aconteceu por meio do contato com os docentes da escola que auxiliaram no encaminhamento do questionário. Por meio deste, buscamos compreender as concepções que os estudantes têm do lugar e se a partir dessa concepção, eles conseguem aplicar isso a realidade deles.

O trabalho encontra-se dividido em três seções, na qual a primeira aborda a importância dos conceitos para a construção do conhecimento geográfico, buscando trazer a contribuição dos conceitos fundamentais para o ensino de geografia. A segunda seção traz a conceituação e discussão sobre o lugar. E num último momento, analisamos o conceito de lugar no contexto escolar, discutindo os dados obtidos por meio do questionário aplicado e as análises feitas a partir dos gráficos gerados.

A pesquisa apresentou algumas dificuldades no que diz respeito a participação dos estudantes, se considera que por conta do momento atípico que estamos vivendo, pandemia da Covid-19, juntamente ao período de férias das escolas estaduais, o contato com os estudantes se tornou mais difícil. Espera-se que por meio desse trabalho possa haver futuras pesquisas sobre a análise desses conceitos no ensino de geografia, já que nem sempre eles são considerados com a devida importância em sala de aula, assim como também formas de superar essas lacunas existentes no ensino geográfico e contribuir na formação de profissionais docentes na área da educação.

A importância da abordagem dos conceitos no ensino de geografia.

Os conceitos são considerados fundamentais para a geografia e para a construção do conhecimento geográfico, sendo assim, é a partir do estudo desses conceitos que pode-se entender e compreender a sociedade e as suas relações. Assim como considera Cavalcanti (1998), a geografia tanto como ciência quanto disciplina de ensino, busca construir a partir dos conceitos uma linguagem geográfica, sendo esses constituídos por conceitos que são necessários a compreensão dos fenômenos geográficos. Dessa forma, diferentes autores



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

buscaram tratar ao longo da história, os conceitos com a finalidade de se construir um raciocínio geográfico com fins de compreensão das relações que envolvem a sociedade e o meio natural.

Straforini (2008, apud AZEVEDO, e OLANDA, 2018), considera a necessidade de analisar o espaço geográfico em sua totalidade, dessa forma, considera-se que para chegar a essa visão de totalidade do mundo, torna-se necessário se utilizar da fragmentação do espaço para que a partir dela possa reconstruí-lo. Já Haesbaert (2009), considera a importância de trabalhar os conceitos em “constelações” ou “famílias”, pois segundo ele, sem esse conjunto de conceitos não é possível compreender o mundo ou o espaço, com as tamanhas complexidades que vêm se desenvolvendo em especial em tempos históricos marcados pelos processos de globalização. Para o autor, os conceitos adquirem identidades a partir das interações com outros conceitos e não apenas de sua definição individual.

Com bases nesses autores, pode-se considerar cinco conceitos fundamentais para o estudo e a construção do conhecimento geográfico, sendo eles, o espaço, a região, o território, o lugar e a paisagem. De acordo com Cavalcanti (1998), é a partir desses conceitos que o raciocínio geográfico deve ser construído na sala de aula. Dessa forma, a autora, considera que a geografia é uma prática social cotidiana, sendo assim, o ensino de geografia na educação básica deve considerar as experiências adquiridas pelos educandos em suas vidas cotidianas, buscando contribuir para a formação de um olhar científico sobre esses conceitos geográficos e também ao desenvolvimento de criticidade, para que o ensino de geografia não fique restrito ao senso comum ou apenas as experiências individuais adquiridas pelos educandos ao longo de sua vida e cotidiano.

Cavalcanti (1998), considera que a escola é um importante instrumento de construção do raciocínio geográfico, pois é através dela que o indivíduo promove a autorreflexão e as discussões necessárias para adquirir esse conhecimento. É na escola também que ocorre a interação entre esses indivíduos, o que possibilita conhecer e compreender outras realidades. Dessa forma, a escola e os docentes possuem um papel muito importante na construção do conhecimento geográfico e na aplicação desses conceitos bases para a formação de educandos com a capacidade de compreender o mundo através da interação desses.

Portanto, os conceitos geográficos são fundamentais para o entendimento do espaço em níveis locais e globais devendo levar em conta as experiências vividas dos educandos para que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a partir deles ocorra a compreensão das relações que envolvem o mundo. Dessa forma, buscaremos a partir desse trabalho, compreender como ocorre o ensino do conceito de lugar na educação básica, buscando fazer a conceituação deste e analisando as suas formas de ensino.

O conceito de lugar na geografia crítica e humanista.

O conceito de lugar na ciência geográfica, segundo Leite (2018), era bastante discutido na corrente positivista da denominada Geografia Tradicional, e buscava-se uma ruptura com essa fundamentação teórica gerando um campo de desenvolvimento e ressignificação do lugar. Na contemporaneidade, duas fundamentações teóricas e metodológicas sobre o lugar ganham destaque, sendo a humanista e a crítica, ambas as vertentes consideram o conceito de lugar como uma categoria de análise do pensamento geográfico.

De acordo com Silva (2019, apud FERREIRA, 2000), o conceito de lugar na geografia clássica, era visto como significado de localidade, não se levava em questão fatores como a percepção humana, o que gerou vários questionamentos entre os geógrafos. A partir da década de 70, o conceito de lugar passou a ser discutido com bases no pensamento fenomenológico e com essa evolução, geógrafos humanistas passaram a adotar a subjetividade nas relações de percepção e relações humanas.

Na fenomenologia, o lugar passa então a valorizar o ser humano, os seus sentimentos e experiências, assim como coloca Tuan (2013 apud SILVA, 2019, p.6), “[...] o significado de espaço frequentemente se funde com o lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e dotamos de valor”. Dessa forma, o lugar deixa de ser uma concepção exclusivamente espacial e incorpora as experiências de acordo com a identidade que o indivíduo constrói a partir de suas relações com o espaço.

Tuan (2013, apud SILVA, 2019), traz uma comparação entre o espaço e o lugar, onde para ele, o primeiro conceito é sinônimo de liberdade e é abstrato e já o segundo é caracterizado por ser concreto. Segundo o autor, a experiência constitui os lugares em diversas escalas e somente atinge a realidade concreta, quando a experiência entre sujeito e lugar se torna total.

Dessa forma, de acordo com Leite (2018), na geografia, o lugar na perspectiva humanista, pode ser entendido como uma categoria de análise que vai além das delimitações



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

espaciais, considerando uma dimensão subjetiva dos sentimentos, experiências e histórias entre esses indivíduos que estão presentes no espaço.

A partir da década de 80, segundo Silva (2019, apud FERREIRA, 2000), o lugar passa também a interessar geógrafos econômicos e adquire uma nova concepção. O conceito de lugar nesta corrente é fundado sob a perspectiva do materialismo dialético, estando atrelado ao espaço geográfico como elemento indissociável e as percepções de como o capitalismo modifica o lugar a partir das relações com global

Dessa forma, Carlos (2007), discute o lugar no contexto da globalização, já que por conta do avanço cada vez mais rápido dessas relações, o conceito de lugar vem se tornando mais complexo na contemporaneidade. Para Carlos (2007 p.14), “o lugar se apresenta como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento.” Segundo a autora, o lugar deve ser entendido como uma multiplicidade de relações mas ao mesmo tempo levando em conta o vivido, pois é no lugar que se materializa o cotidiano e se adquire o mundial sem alterar as suas particularidades.

Outro ponto importante que Carlos (2007) considera, é o fato do lugar ser definido como parte de uma totalidade espacial fundamentada na divisão social do trabalho, adquirindo caráter social e histórico, assim como também coloca Santos (1997, apud AZEVEDO e, OLANDA, 2018), onde essa divisão se materializa no lugar. Essa dinâmica contemporânea fruto da globalização, traz grandes transformações no espaço e com isso a necessidade de análises cuidadosas envolvendo o lugar.

Para Santos (1997, apud AZEVEDO e, OLANDA, 2018), que também adota a perspectiva crítica, a compreensão dessas relações existentes no lugar que permitem a construção da totalidade-mundo, só se tornam possível a partir do estudo da espacialidade enquanto materialidade e em suas relações sociais. Para o autor, o lugar reproduz as desigualdades geradas fruto da sociedade capitalista, assim como coloca Carlos (2007), o lugar ganha relações de conflitos e desequilíbrios que se refletem ao mundial, com isso “o nível global e local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do mundo e do lugar.” (SANTOS, 1997, p.131).

Santos (1994, apud CARLOS, 2007), também aborda o lugar em duas perspectivas. Para ele o lugar teria uma dupla visão, sendo uma visão “de fora”, de acordo com a sua redefinição



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

e o lugar visto “de dentro”, que compreende a necessidade de uma redefinição de seu sentido. Sendo assim, ele coloca que o lugar pode ser definido a partir da densidade técnica, onde se identifica os instrumentos empregados naquele território para que se possa compreender as transformações que ocorreram e ocorrem nesse espaço; a densidade comunicacional, por meio das interações humanas presentes naquele espaço; a densidade informacional, que pode ser identificada a partir do que é estabelecido ao lugar; e por último a densidade normativa, que se refere as normas e os papéis que elas estabelecem àquele lugar. Essa ideia é complementada por Carlos (2007) com a dimensão histórica, já que a autora considera que essa se realiza de acordo com a vida cotidiana sendo necessária para se pensar nas particularidades do local.

Dessa forma, o lugar na perspectiva crítica surge a partir da necessidade da compreensão da complexidade envolvendo o espaço mundial, fruto do capitalismo, sendo assim, o lugar como coloca Carlos (2007), se produz na articulação contraditória entre o mundial e o local, visto que o local possui suas especificidades.

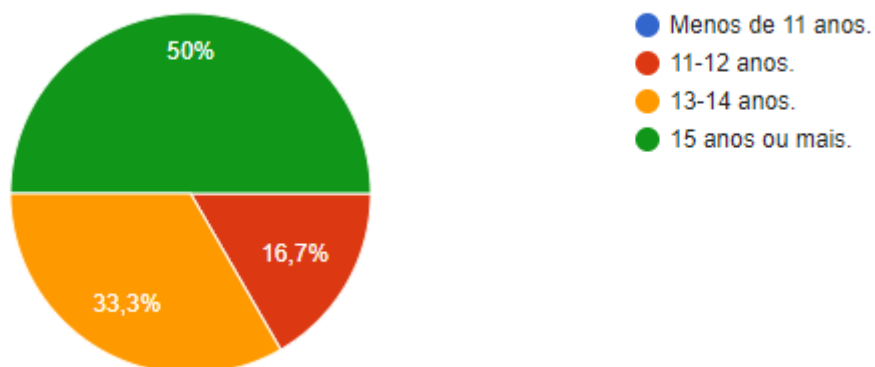
Resultados e discussões

Com base nos estudos de Cavalcanti (1998) e com as pesquisas dos autores citados acima, a intenção é analisar os dados obtidos pela pesquisa realizada com os estudantes do ensino fundamental II. A pesquisa contou com a participação de seis estudantes nos quais, três possuem quinze anos de idade, dois possuem entre treze e quatorze anos e um deles possui idade entre onze e doze anos (como é possível visualizar na figura 1), todos estão cursando entre o sétimo e nono ano do ensino fundamental (observar a figura 2), e estão matriculados em escola pública do município de Londrina.



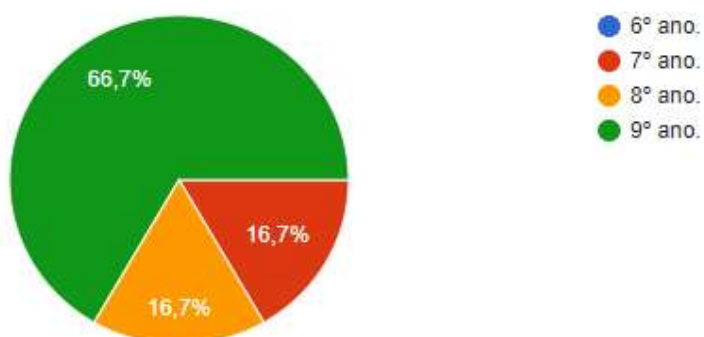
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1: Idade dos estudantes pesquisados.



Fonte: Estudantes entrevistados

Figura 2: Série cursada pelos estudantes.



Fonte: Estudantes entrevistados



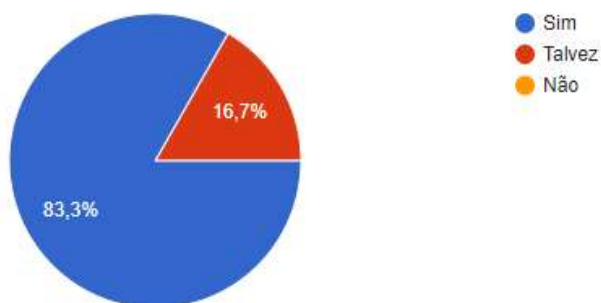
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Cavalcanti (1998) menciona em seus trabalhos a importância do conhecimento geográfico a partir do lugar para o global, tendo em vista as perspectivas da geografia crítica. Dessa forma, é possível que o estudante construa um pensamento científico desse conceito percebendo o lugar e suas dimensões e a partir disso compreenda o global. Para tanto, o conceito de lugar no ensino escolar de geografia se faz necessário e é a partir disso que buscaremos entender melhor como ocorre o ensino deste em sala de aula.

Com a aplicação do questionário foi possível notar que dos seis alunos entrevistados, cinco acreditam que o ensino deste tema seja importante e necessário nas escolas para a construção do conhecimento geográfico (como demonstra a figura 3), segundo eles “o lugar é a primeira referência que temos no mundo, sendo ela necessária para entender as relações que envolvem o espaço geográfico local”.

Figura 3: Gráfico referente a questão “Você considera o estudo do conceito LUGAR importante?”



Fonte: Estudantes Entrevistados.

Essa perspectiva que os estudantes trazem em suas respostas nos remete ao que aponta Cavalcanti (1998) e Carlos (2007) em suas obras, onde elas discutem sobre a importância da aproximação do estudante com a sua realidade, para que assim ele compreenda as relações que acontecem ao seu redor e a partir delas compreenda as relações em níveis globais e assim possam construir um pensamento geográfico crítico. De tal sorte que, consegue-se identificar que o ensino do conceito de lugar se torna fundamental para concretizar essa compreensão do mundo a partir das experiências vividas pelos estudantes e que a partir da escola, estes podem



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aproximar-se com um debate mais nítido sobre as experiências vividas e o conhecimento científico.

Os estudantes, quando questionados sobre como definem o lugar e como descrevem o lugar onde moram, apresentam em suas respostas elementos de uma perspectiva crítica e humanista, definindo o lugar como “uma porção do espaço delimitada pelo homem” e trazendo elementos da urbanização em suas descrições dos lugares onde vivem:

Sujeito 1: “É um lugar com um grande espaço...”;

Sujeito 2: “Moro no sítio em uma casa da cor amarela...”;

Sujeito 3: “Um lugar urbanizado e pequenos comércios...”;

Sujeito 4: “É um distrito urbanizado com poucos comércios...”;

Sujeito 5: “O lugar onde eu moro é um lugar bem legal...”;

Sujeito 6: “Moro numa casa, perto dela tem várias casas, também tem uma escola e um posto de saúde...”.

Notamos aqui a presença tanto das experiências vividas que esses educandos têm do lugar onde vivem, como também a presença de elementos que caracterizam as dinâmicas e relações locais desses lugares. Os estudantes definem o conceito de lugar como um ponto de referência no espaço geográfico, dentro de uma perspectiva da geografia tradicional, mas que adquire significado na medida em que este se aproxima de suas realidades, lembrando a concepção de que Tuan (2013, apud SILVA, 2019) nos traz, em que a medida que se incorpora o sentimento e experiência vivida ao espaço, este deixa de ser uma concepção exclusivamente espacial e passa a adquirir identidade. Dessa forma, assim como coloca Cavalcanti (1998) sobre a importância da aproximação e das relações entre sujeito e objeto, Carlos (2007) também traz o elemento de aproximação como fundamental, pois para ela é no lugar que se materializa o cotidiano e que se adquire a mundialidade. É importante notar nessas respostas, que nenhum dos estudantes trazem uma aproximação com a geografia crítica, dessa forma fica evidente que os estudantes possuem uma percepção do lugar de acordo com as noções de pertencimento.

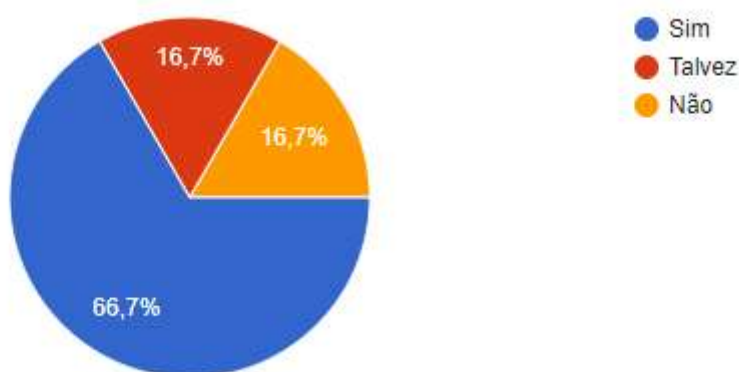


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Também foi colocada uma questão para identificar se a partir do que os docentes aplicavam em sala de aula, os estudantes conseguiam relacionar aos elementos e relações presentes em seus bairros. Dessa forma, dos seis estudantes pesquisados, quatro relataram que conseguem identificar essas informações, um dos estudantes pesquisado afirmou não conseguir identificar e por sua vez, outro respondeu que talvez conseguisse identificar esses elementos como é possível verificar na figura 4.

Figura 4: Se o estudante entende o seu LUGAR a partir das explicações que os professores e professoras realizam em sala de aula?



Fonte: Estudantes entrevistados.

Sendo assim, podemos analisar que nem sempre os docentes conseguem relacionar este conteúdo a realidade desses educandos, gerando assim algumas lacunas no ensino deste. Este problema pode estar associado a formação dos docentes, que muitas vezes não recebem preparo suficiente para entrar em sala de aula, em especial quanto a uma discussão teórica sólida sobre os conceitos da Geografia e a realização de uma associação destes conteúdos com o conhecimento já adquirido pelos estudantes. Essa visão recorre a uma ideia da geografia tradicional, que ainda nos dias atuais está presente nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas e evidencia o ensino fragmentado não somente nas escolas, como também nos currículos acadêmicos. Desse modo, é muito importante que o docente possua uma formação de qualidade para que assim ele adquira um certo domínio ao ministrar esses conteúdos em sala de aula, evidenciando assim, como coloca Cavalcanti (1998), os conhecimentos científicos, mas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

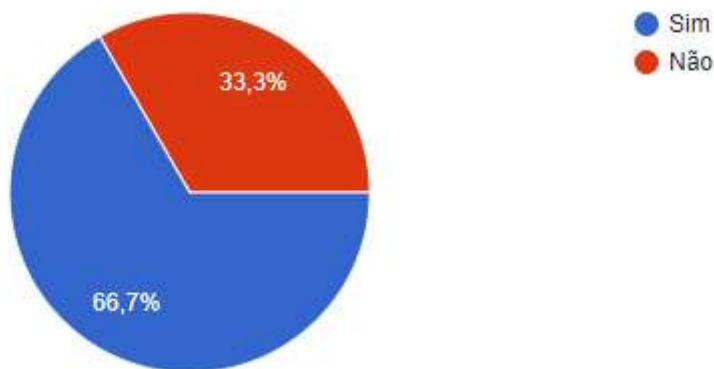
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ao mesmo tempo buscando sempre a aproximação da realidade desses educandos e as suas bagagens adquiridas ao longo da vida.

Para isso, é muito importante que o docente possa se utilizar de trabalhos de campo, como levar os estudantes para caminhar pelo bairro, mostrando a eles pontos importantes, explicando algumas das relações que estão presentes naquele espaço geográfico, assim como também é muito importante o papel da escola nessa formação, buscando dar suporte aos docentes e estudantes.

No momento final da pesquisa, buscamos questioná-los sobre a percepção da globalização no lugar onde vivem. Dos seis estudantes pesquisados, quatro responderam que conseguem identificar traços dessa globalização a partir do crescimento do bairro onde moram e também a partir do desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes (ver figura 5).

Figura 5: Você consegue detectar a presença da globalização no lugar onde moram esses estudantes.



Fonte: Estudantes entrevistados.

Sujeito 1: “Pelo aumento do bairro...”

Sujeito 2: “Com o crescimento do bairro onde eu moro...”

Sujeito 3: “Por meio da comunicação, dos transportes...”



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sujeito 4: “Pelo espaço geográfico do bairro...”

Ao analisar as respostas dos estudantes, nota-se que as mesmas são muito ambíguas, com exceção da resposta dada pelo sujeito 3, que traz especificidade ao se tratar da comunicação e dos transportes presentes no bairro, dessa forma, existe uma contradição entre as respostas dada pelos estudantes no gráfico e as respostas dadas pelos estudantes por meio da questão aberta, pois estas não reproduzem elementos necessários para a explicação do processo de globalização no bairro onde vivem.

Sendo assim, a partir das análises dos resultados obtidos pelo questionário aplicado aos estudantes e ao buscar os elementos que eles trazem em suas respostas relacionando com os autores citados neste trabalho, fica evidente que os estudantes possuem uma concepção do conceito de lugar mais calcada na perspectiva da geografia humanista, onde eles trazem uma aproximação com suas realidades. Enquanto processo de globalização, os estudantes apresentam dificuldades ao identificar esses elementos no bairro onde residem, dessa forma, essa visão que nos remete a geografia crítica, deixa uma lacuna no ensino de geografia já que estes são necessários ao entendimento da relação local/mundo, como coloca Carlos (2007) a partir de sua obra. Eles também identificam o lugar a partir de uma geografia tradicional, onde eles conseguem identificar as dimensões espaciais, apresentando o lugar como um ponto de referência no espaço que adquire significado a partir das experiências vividas.

Para tanto, o estudo do conceito de lugar se torna fundamental ao desenvolvimento do conhecimento geográfico que os estudantes devem construir na geografia escolar. Nesta fase, ensino fundamental II, o lugar é abordado numa perspectiva local, reconhecendo as dimensões espaciais que esses educandos vivem e têm experiências, buscando desenvolver bases e fundamentos para a construção de um conhecimento mais complexo das relações que envolvem o espaço em níveis globais e locais. Dessa forma, os profissionais docentes devem estar sempre atentos e buscando relacionar os conhecimentos em sala de aula com propostas pedagógicas que envolvam os trabalhos de campo e práticas nos seus bairros e lugares próximos, compartilhando essas experiências e buscando compreender as dinâmicas que ali ocorrem para que se correlacione a outros níveis de dimensões buscando a compreensão das relações mundiais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

Com essas discussões e apontamentos realizados sobre o ensino do conceito de lugar na geografia, é possível perceber a importância da construção dos conceitos como base para uma educação geográfica qualificada. Mesmo com muitas lacunas no ensino de geografia, provenientes desde o seu surgimento, a ciência geográfica tem como propósito a formação de cidadãos críticos e autônomos que devem ser capacitados para entender as relações e dinâmicas que ocorrem no espaço geográfico, para isso, o papel do docente como mediador desse conhecimento é de fundamental importância, assim, a formação deste profissional deve conter a habilidade de ministrar os conteúdos de forma clara e objetiva com fins de buscar relacionar o conhecimento geográfico científico e os conhecimentos do vivido pelos estudantes tentando romper essas fragmentações impostas nos currículos educacionais, fruto de uma influência da geografia tradicional.

O conceito de lugar, sendo um dos primeiros a serem trabalhados no ensino de geografia, deve conter um cuidado ainda mais especial, pois é a partir da aproximação com ele, que os estudantes irão fundar bases sólidas para a construção com outros conceitos. Contudo, consegue-se perceber que o ensino do conceito de lugar está ligado a uma perspectiva humanista baseada nas experiências vividas dos educandos, permitindo com que eles possam verificar o lugar como um local de identificação. Dessa forma, a partir da pesquisa realizada criamos condições para analisar como ocorre a construção desse conceito nas escolas de educação básica e como auxiliar na formação de profissionais da área da educação qualificados para tal proposta de ensino, assim como também auxiliar nas pesquisas futuras sobre o ensino destes conceitos e em possíveis formulações para melhores condições e técnicas de ensino que envolvem esse tema.

Referências

AZEVEDO, M. O. OLANDA, E. R. O ensino do lugar: reflexões sobre o conceito de lugar na geografia. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO, v. 13, n. 3, p. 136-156, dez. 2018.

CARLOS, A. F. A. O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLHC, 2007, 85p.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, São Paulo. Papyrus Editora. 1998. p.87-136.

HAESBAERT, R. Território e região numa “constelação” de conceitos. In: MENDONÇA, F. et all. **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina (ADEMADAN), 2009. p. 621-633.

LEITE, C. M. C. O conceito lugar na perspectiva da geografia escolar. **Revista Eletrônica da graduação/pós-graduação em educação UFG/REJ**. Goiás, v. 14, n. 2, p. 1-15, 2018.

SILVA, F. H. A. Breve diálogo sobre o conceito de lugar a partir das correntes crítica e fenomenológica do pensamento geográfico. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Três Lagoas-MS, v. 15, n. 29, p. 112-124, maio 2019.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: UM CONHECIMENTO ENFADONHO OU EMANCIPADOR?

Lithyelly Luana de Souza³⁶

Resumo

O artigo em questão tem como objetivo discutir se os conhecimentos geográficos na educação básica vão ao encontro de uma formação cidadã e de emancipação dos sujeitos, por meio da construção de um pensamento crítico nos alunos. Para tanto, a pesquisa qualitativa se utilizara de metodologias baseadas na aplicação de questionários, a fim de compreender a visão dos alunos do ensino médio, acerca da disciplina de geografia. Dessa forma, além do questionário foi feita uma revisão bibliográfica, para fundar bases profundas para a pesquisa, objetivando compreender a constituição da geografia enquanto ciência, sua importância na educação básica e principalmente a visão daqueles que vivenciam a geografia na educação: os alunos. Os resultados apontam para uma falha no ensino de geografia que pode ser resultado da má formação de professores e do desinteresse dos alunos, contudo, a pesquisa ainda traz alguns resultados positivos.

Palavras chaves: Ensino em geografia; Educação básica; Criticidade.

Introdução

A geografia existe desde a antiguidade, o ser humano sempre fez geografia, isto é, os indivíduos se apropriam do espaço e o modificam desde os primórdios, dessa forma é possível identificar que o conhecimento geográfico é anterior ao século XIX, contudo, só foi institucionalizada enquanto ciência nesse século. A geografia sempre esteve diretamente ligada a política, a revolução industrial, as colonizações europeias e a urbanização, esse fruto da industrialização, seu surgimento enquanto ciência no século XIX foi para responder a esses momentos históricos de grandes mudanças no espaço geográfico.

Sua institucionalização enquanto ciência, trouxe o surgimento de uma geografia mais acadêmica, que visava a formação de profissionais na área, professores que iriam futuramente divulgar o conhecimento geográfico, o objetivo da geografia escolar nesse período histórico era

³⁶ Estudante do terceiro ano do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: lithyelly.luana@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de formar cidadãos nacionalistas e conhecedores de seu próprio país, a geografia nesse momento serviu como grande ferramenta para alienação e o mantimento de regimes monárquicos, sem o objetivo da formação de cidadãos críticos. Dessa forma, a geografia enquanto disciplina não nasceu com o intuito de uma verdadeira formação cidadã, mas sim como uma formação mais alienada e pouco questionadora, porém ainda hoje existe uma grande necessidade de se ensinar uma geografia mais libertadora e que busque despertar nos alunos o senso crítico, buscando dessa forma a essência da geografia, que é política.

Considerando a história da geografia enquanto ciência e como disciplina o presente artigo buscou descobrir como a geografia é vista hoje pelos alunos, se atualmente ela propõe um pensamento mais emancipador ou enfadonho, se foi superado esse conhecimento da geografia tradicional para uma geografia mais crítica. Sendo assim, a educação geográfica passa ainda por diversos problemas, sendo vista como uma matéria apenas decorativa, ou uma prima pobre da história. Importante refletir que o fracasso da geografia enquanto disciplina é também o fracasso da escola, do ensino ainda seguindo um conhecimento pouco profundo assim como na Prússia do século XIX, dessa afirmação, , aparece um questionamento: A geografia enquanto disciplina tem feito seu papel enquanto um saber emancipador e crítico? Ou ela tem mantido os moldes antigos de forma a ser uma matéria meramente decorativa?

Para responder a tais questionamentos foram necessárias revisões bibliográficas com autores da área da educação como Cavalcanti (2010) Callai (2001) Freire (2017) e também autores como Lacoste (1988) e Moraes (2005) para compreender a geografia enquanto ciência, sendo necessário também uma pesquisa qualitativa, com a aplicação de questionários para alunos do ensino médio, buscando dessa forma compreender qual a visão de geografia vivenciam no espaço escolar, podendo dessa forma descobrir se a geografia tem sido um conhecimento emancipador ou não.

O presente artigo foi separado de forma a trazer ao leitor uma breve linha do tempo, sendo o primeiro tópico, a formação da geografia enquanto ciência e as consequências do ensino de uma geografia positivista nas escolas, o segundo tópico aborda a importância da geografia na educação básica para uma formação cidadã, ao fim, será feita uma análise dos dados recolhidos nas entrevistas com os alunos do ensino médio, buscando dessa forma compreender se a geografia tem sido um conhecimento útil ou meramente decorativo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sendo assim, essa pesquisa é de extrema importância, considerando visões como de que a geografia seria apenas uma prima pobre de história, é necessário que os alunos na educação básica vivenciem a geografia de maneira crítica, compreendendo enquanto disciplina indispensável e não apenas decorativa, dessa maneira, buscar respostas com aqueles que vivenciam o ambiente escolar e que possuem a geografia enquanto disciplina é compreender o porquê do fracasso na educação geográfica. Sendo assim, foram aplicados questionários contendo perguntas fechadas e abertas, devido ao contexto pandêmico de 2020/2021 obtivemos pouca adesão nas respostas, sendo apenas 15 devolutivas, entretanto, a baixa adesão não trouxe problemas para a formulação do artigo, que apresenta respostas importantes sobre a atuação da geografia na educação básica.

A geografia como ciência: breves considerações

O conhecimento geográfico é um saber tão antigo quanto a própria história da humanidade, a geografia existe desde sempre, mesmo não sendo identificada com esse nome, os seres humanos sempre construíram o espaço em que habitavam, vivendo em uma relação dialética entre a natureza e a sociedade, contudo, foi apenas na modernidade, no século XIX que a geografia se tornou ciência. Dessa forma, cabe compreender como a geografia se fundou enquanto ciência, passando por diversas rupturas de paradigmas e como ela é hoje ensinada nas escolas, cabendo discutir se a mesma segue os moldes da geografia clássica tradicional ou se hoje ela está mais ligada a geografia crítica ou se segue outras abordagens.

A geografia enquanto ciência surge na Alemanha no século XIX com grandes contribuições de seus fundadores Alexander Von Humbolt (1769-1859) e Carl Ritter (1779-1859), cabe destacar o contexto histórico da Europa nesse século, do qual, é considerada pelos historiadores como um período revolucionário com grandes transformações, como a industrialização e também o imperialismo. A Alemanha do século XIX passava por um período de unificação de seu território, necessitando de ideais nacionalistas que pudessem defender essa unificação, dessa forma, a ciência geográfica é sistematizada não por acaso, mas para evocar o sentimento de nacionalismo que a Alemanha precisava para se unificar, dessa forma, a geografia serviu para fazer a guerra, sendo um saber estratégico e de poder, como consequência



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a Alemanha surgiu como potência na Europa, e fortaleceu suas ambições imperialistas para obtenção de colônias na África (LACOSTE, 1988).

É na Europa, em específico na Alemanha, que surgem os primeiros esforços para sistematização da ciência geográfica, inicialmente com Ritter (1779-1859) com a abordagem de uma geografia mais regional e antropocêntrica, e Humboldt (1769-1859) conhecido como um geógrafo mais naturalista, influenciado pelo pensamento racionalista francês. Ambos estudiosos da ciência geográfica tinham como metodologia a descrição de paisagens, o método empírico e indutivo, e a geografia ainda era apenas uma ciência de síntese, não tendo total independência, dessa forma, é importante compreender que a obra desses dois autores compõe a base da geografia tradicional, “(...)Todos os trabalhos posteriores vão se remeter às formulações de Humboldt e Ritter, seja para aceita-las, ou refutá-las (...) Portanto, foi desses autores que vieram as maiores contribuições à sistematização do pensamento geográfico” (MORAES, 2005, p.15)

Dessa forma, a geografia enquanto ciência foi amplamente discutida a partir da década de 50, onde o contexto histórico da época era de grande luta, vale destacar alguns desses acontecimentos, como as lutas civis nos Estados Unidos, do qual visava abolir a descriminalização e a segregação racial do país, destaque para movimentos negros como Black Power e também os Panteras Negras, é nesse mesmo contexto que as lutas das mulheres passam a crescer, dessa forma o feminismo buscava liberdade para as mulheres, que viviam em um mundo extremamente machista e opressor. Já no contexto brasileiro vale ressaltar o final da década de 60 e começo de 70, especificamente a partir do ano de 1964, onde se instaura uma ditadura militar extremamente autoritária, da qual trouxe grande insatisfação para a população, foi nesse contexto que a geografia passa a ser mais discutida, surgindo dessa forma alguns movimentos de renovação, visto que a geografia tradicional já não podia responder a todos os questionamentos da época. “Há uma crise da geografia tradicional, e este enseja a busca de novos caminhos, de uma nova linguagem, de novas propostas, enfim, de uma liberdade maior de reflexão” (MORAES, 2005.p.34)

Na década de 1970 a geografia tradicional já possui menos força que anteriormente, contudo, vale destacar que a mesma não foi abolida totalmente, mas a partir da geografia crítica se abre espaço para novas discussões, onde o ser humano possuía papel ativo nos estudos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

geográficos, nascendo então novas geografias, como a geografia pragmática, humanista e a geografia crítica, essa que por sua vez rompeu completamente ligações com a geografia tradicional, buscando um pensamento mais crítico sobre o espaço geográfico. Dessa forma, sabendo que a geografia no seu início como ciência não surgiu com o intuito de formação de indivíduos críticos, mas sim de seres extremamente nacionalistas e acríticos. Desta feita, pode-se realizar alguns questionamentos como: Por que a geografia em algumas escolas atualmente reproduz as abordagens da Geografia Clássica Tradicional, sendo enfadonha e pouco desejada pelos alunos? Para responder a esse questionamento cabe a discussão da obra de Yves Lacoste (1988) o autor irá trazer a geografia como um saber de guerra, do qual o monopólio desse saber irá trazer vantagens sobre o território e sobre o poderio militar e político.

A geografia é, de início, um saber estratégico estreitamente ligado a um conjunto de práticas políticas e militares e são tais práticas que exigem o conjunto articulado de informações extremamente variadas. (LACOSTE, 1988, p.9)

Sabendo que a ciência geográfica não nasce com o intuito de criar um pensamento autônomo e livre e sim como uma estratégia política e militar, não fica difícil compreender o porquê a geografia na educação é vista como uma disciplina inútil, sem utilidade para a vida diária, compreender o objeto de estudo da geografia auxilia na formação cidadã dos indivíduos, sendo o contrário do que as forças dominantes querem, de acordo com Lacoste (1988) a disciplina geográfica é vista ainda como uma disciplina maçante e muito simplória, um saber onde não existe nada para entender e sim para memorizar. A geografia enquanto disciplina tem seguido “suas raízes” na geografia clássica/tradicional, da qual serve apenas para descrever e memorizar, sendo vista ainda como uma ciência de síntese, sem um objeto definido de estudo, a memorização no ensino geográfico causa um grande desinteresse nos alunos, se confirmando o que Paulo Freire (2017) traz em sua obra, da qual não pode haver conhecimento pois os educandos não são chamados a conhecer, mas a memorizar o conteúdo narrado pelo educador. O problema da memorização no ensino não ocorre apenas na geografia, contudo, cabe ao presente artigo discutir esse problema na disciplina geográfica.

A utilização da geografia tradicional no ensino traz muitos problemas, principalmente na contemporaneidade, onde paira um movimento político de extrema direita, com ideais mais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conservadores, de manipulação em massa, a geografia foi e ainda vem sendo uma arma do Estado para manipulação da população, dessa forma, cabe a esses regimes conservadores o total desinteresse em uma educação mais libertadora, e menos opressora, visto que nenhuma “ordem” opressora suportaria que os oprimidos passassem a dizer “Por que?” (FREIRE, 2017, p.106)

Dessa forma, é de extrema importância compreender as origens da ciência geográfica, para só então compreender os problemas que circundam a geografia enquanto disciplina escolar, nascida na Prússia no século XIX com o intuito de manter um regime monárquico e a extrema disciplina dos alunos, se torna muito difícil a geografia percorrer caminhos diferentes de suas origens positivistas, a geografia passou por diversas rupturas de paradigmas para se chegar até a geografia crítica de 1970, sendo assim, mesmo com a construção de uma geografia extremamente crítica e que luta pelo fim das desigualdades, e contra a alienação em massa, ainda é visto em muitas escolas o ensino apenas de memorização e não do auxílio para uma educação geográfica emancipadora, sendo assim, o presente artigo buscou a partir de metodologias qualitativas a aplicação de questionários para alunos do ensino médio, afim de compreender como a geografia tem sido compreendida pelos alunos e ensinada pelos professores, descobrindo se a mesma possui um conhecimento mais emancipador proposto pela geografia crítica ou um conhecimento enfadonho de apenas memorização, como proposto por suas raízes na geografia tradicional do século XIX.

A importância da geografia na educação básica

A geografia enquanto disciplina na educação básica surge no séc. XIX, e tinha como método o positivismo, tornando a disciplina extremamente descritiva, acrítica e determinista, dessa forma, a geografia nasce como uma disciplina sem criticidade alguma e com o objetivo de apenas descrever e decorar nomes de lugares; Trazendo para a realidade brasileira, a disciplina de geografia na educação básica aparece no país também no séc. XIX no colégio Pedro II na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de produzir nos alunos um sentimento nacionalista e nada acrítico, de acordo com Cavalcanti (1988) a geografia tinha como finalidade apenas a transmissão de dados e informações gerais, sobre os territórios do mundo em geral e dos países em particular. Dessa forma, a geografia era uma ciência a favor do Estado, buscando



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a alienação dos indivíduos para a produção e reprodução do modo de produção capitalista;; todavia, a partir de meados do século XX a geografia também passou por uma renovação, tanto de manter as ideias mais conservadoras com utilização do neopositivismo, a geografia quantitativista, de caráter mais progressista como a geografia crítica que apresentava abordagens mais libertadora e mais crítica. Considerado essas afirmações, é possível apontar algumas indagações: Sabendo das abordagens da geografia positivista é possível hoje termos uma geografia mais crítica nas escolas? Qual a importância da geografia na educação básica atualmente?

A geografia enquanto ciência trouxe grandes avanços para a humanidade, o conhecimento científico da utilização de mapas para a expansão em busca de novas terras para a exploração a criação da bússola e os conhecimentos dos pontos cardeais, o conhecimento sobre o formato da Terra e seus movimentos de rotação e translação etc. Todos esses conhecimentos são geográficos, sendo possível observar que o conhecimento geográfico pode mudar realidades, e trazer um conhecimento mais complexo da vida, sabendo disso, de que forma a geografia pode auxiliar na formação cidadã dos alunos? A geografia na atualidade ainda é necessária para a formação dos alunos na educação básica?

Cabe também destacar que a Geografia Tradicional que se apoiou no positivismo, dividiu o conhecimento em “gavetas”, isto é, houve um parcelamento do conhecimento, dessa forma, ainda hoje, a educação é organizada a partir de diversas matérias que interagem entre si, esse conhecimento parcelado, fazendo com que o aluno possua o conhecimento apenas das partes e não do todo, a reforma necessária do pensamento é aquela que gera um pensamento do contexto, sabendo disso, a geografia é uma disciplina da qual pode ajudar a ‘quebrar’ essas barreiras.

Como o objeto de estudo é o Espaço Geográfico, e nele acontecem diversas relações multidisciplinares, sendo assim, cabe ao professor contextualizar esses conteúdos em sala de aula, a geografia pode trazer uma análise global de forma complexa e totalmente crítica, dessa forma, a importância da geografia na educação básica também está ligada ao rompimento de paradigmas, a não necessidade de estudar as coisas separadas, mas sim de uni-las, obtendo assim um conhecimento mais crítico do todo.

Muitos alunos do ensino básico se questionam do porquê estudar geografia, esse questionamento nasce devido a não compreensão do que é a geografia, visto que se a Geografia



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de acordo com Cavalcanti (2010), contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais. Dessa forma, não deveria existir falta de interesse nos alunos se pudessem perceber de que a geografia está no cotidiano deles, se vive a geografia diariamente, e compreender isso é libertador, como não possuir interesse em estudar algo do qual vivenciamos?

Sendo assim, os conceitos-chaves que norteiam o pensamento geográfico é a comprovação disso: vivemos o lugar, observamos a paisagem, contemplamos e sentimos a natureza, vivemos em um território, e de uma região, e também vivenciamos dia a dia as relações sociais existentes no espaço geográfico, cabe também citar que são os conhecimentos geográficos que traz a compreensão do que é o mundo globalizado, e como ele atua do macro ao micro, dessa forma, é nítida que a geografia é necessária no ensino básico, pois por meio dos seus saberes que os alunos irão fundar bases sólidas de conhecimento, e compreender o espaço do qual vivem. A geografia enquanto disciplina escolar tem como principal objetivo a formação cidadã do aluno, contudo, como se pode alcançar essa formação? A geografia primeiramente precisa ter clareza no seu objetivo enquanto ciência e disciplina, da qual, em geral, se estuda o meio do qual vivemos, possuindo relações complexas, é preciso levar em consideração o espaço vivido do aluno, o trazer para o diálogo da sala de aula e a partir disso, auxiliar na formação cidadã do indivíduo. A geografia sendo uma disciplina social é por excelência uma disciplina capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania Callai (2001), sendo assim, é possível observar que a geografia possui sim uma grande importância para a educação básica: a formação cidadã dos indivíduos e uma visão crítica do todo. A geografia busca a formação de cidadãos que compreendam o meio em que vivem, e que busquem mudanças, dessa forma “Um cidadão que reconheça o mundo em que vive, que se compreenda como indivíduo social capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter mecanismos e os instrumentos para tanto (CALLAI, 2001. p. 134). Dessa forma, é necessário que o educando seja visto como um agente ativo no ensino-aprendizagem, de forma a criar seus conhecimentos com autonomia, e com o auxílio da geografia obter uma verdadeira formação cidadã.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Resultados e discussões

Para compreender o potencial crítico da geografia em sala de aula, foi necessário a aplicação de questionários via Google Forms, a princípio o objetivo era aplicar esses questionários de forma presencial, para obtenção de resultados mais precisos, contudo, devido a pandemia do novo corona vírus, essa forma de aplicação não foi possível. Sendo assim, a aplicação não presencial trouxe algumas dificuldades para a pesquisa, como uma menor quantidade de alunos que responderam as questões, devido a diversos fatores, tais como o não acesso a celulares, computadores ou tablets e também a falta de interesse em responder questionários não avaliativos, entretanto, mesmo com a baixa adesão, ainda foi possível identificar as concepções dos alunos sobre o ensino em geografia.

Cabe ressaltar, que a aplicação de questionários para os alunos da educação básica, teve um grande obstáculo, o contexto histórico do ano de 2020/2021 pandêmico dificultou o processo, , dessa forma, foi obtido uma baixa adesão nas respostas, sendo apenas 15 sujeitos.

O questionário foi aplicado para alunos de todos os anos do ensino médio, devido a situação atual do país e do mundo, foi necessária a aplicação em diversas escolas de Londrina-PR, visando alcançar o maior número de alunos.

Dessa forma o questionário possuía duas questões de múltipla escolha, objetivando identificar se os alunos gostam da disciplina de geografia e se a encontram em seu cotidiano. Para identificar se os alunos sabem o que a geografia estuda e quais ensinamentos a geografia trouxe a eles ao longo dos anos, foram necessárias duas questões abertas, dessa maneira, foi possível analisá-las e compreender a visão de cada indivíduo, identificando como enxergam a geografia. Nenhum nome foi ou será divulgado, obtemos apenas respostas anônimas.

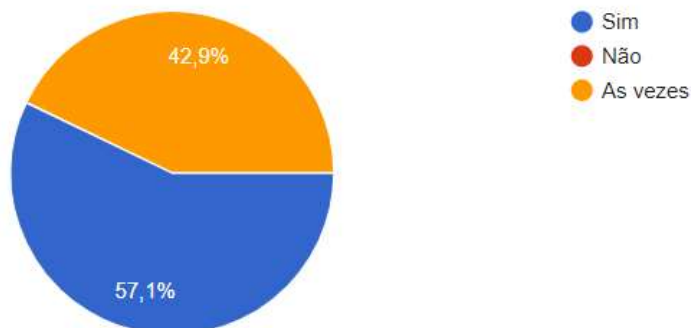
As questões feitas buscaram ser extremamente diretas, de forma a compreender como vai o ensino em geografia, sendo assim, a primeira questão buscou descobrir se os alunos vivenciam a geografia em seu dia a dia como é possível observar na figura 1.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 01- A geografia consegue discutir conhecimentos que você utiliza na vida diária?



Fonte: Alunos do ensino médio, 2021

A geografia estuda o espaço geográfico, dessa forma, estuda o mundo vivido, sendo assim respostas como no gráfico acima (figura 01), demonstra que esses alunos dos quais responderam com “as vezes”, sendo 42,9% não possuem total compreensão do que é de fato a geografia.

Os conteúdos de Geografia, que são estudar o mundo, as configurações territoriais, a organização do espaço e a sua apropriação pelos diversos povos, as lutas para tal, os interesses políticos e as formas de tratar a natureza, se põem como conteúdo que permitem e podem envolver(...) bases para uma educação cidadã. (CALLAI, 2001.p. 137)

Dessa forma, cabe ao professor trazer a geografia para a realidade do aluno, de forma obter a compreensão nos alunos de que eles vivenciam a geografia a cada instante, e que a compreensão da geografia em seu cotidiano é possuir um pensamento mais abrangente do todo.

Visando descobrir se os alunos se interessam pela disciplina de geografia foi feito uma pergunta direta, do qual os alunos poderiam responder com “sim” ou “não” para responderem ao questionamento se gostam da disciplina de geografia como é possível observar na figura 2. O resultado foi extremamente satisfatório, visto que 78,6% dos estudantes responderam que gostam da disciplina, enquanto 21,4% colocaram não gostar da mesma, sendo assim, é muito importante salientar que nenhuma disciplina será 100% amada, contudo, sendo a geografia uma disciplina que estuda as relações sociais existentes no espaço geográfico é preciso identificar se tanto os alunos que responderam sim e os que responderam não compreendem a complexidade dessa disciplina e como ela está presente em seu cotidiano. Para a compreensão

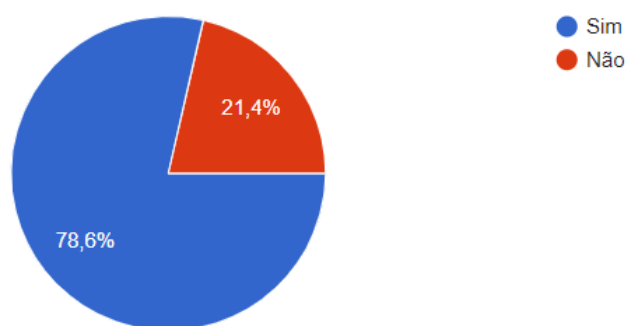


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

do que os alunos enxergam na geografia foi necessário recorrer a questões abertas, de forma a deixar os alunos mais livres para apresentarem com suas próprias palavras sua visão da disciplina, sendo assim, para a análise das questões qualitativas abertas, foi necessário recorrer ao método DSC (Discurso do Sujeito Coletivo), que constitui-se em uma técnica de tabulação e organização de dados qualitativos, tendo como fundamento a teoria da representação social, isto é, da opinião coletiva. (FIGUEIREDO, CHIARI, GOULART. 2013.p.130)

Figura 02- Você gosta da disciplina de geografia?



Fonte: Alunos do ensino médio, 2021.

A primeira pergunta aberta feita aos alunos foi “O que a geografia te ensinou ao longos desses anos?” Cabe destacar que todas as perguntas feitas foram direcionadas a alunos do ensino médio, isto é, aos alunos que estão nos anos finais da educação básica, importante também salientar que os mesmos tiveram a disciplina de geografia desde o fundamental I , sendo mais de oito anos de contato direto com a disciplina de geografia, sendo assim, partiremos para as análises do discurso. A primeira resposta trouxe a geografia tradicional como foco, para responder ao questionamento sobre os conhecimentos adquiridos ao longos dos alunos a resposta foi: “Mapas, reconhecer cidades etc.” (alunos do ensino médio, 2021), é possível identificar a presença da geografia tradicional na vida desse aluno, que mesmo estando no ensino médio, ainda enxerga a geografia como uma disciplina de memorização, não se vendo como um agente ativo no espaço geográfico, dessa forma, a geografia mais descritiva segue muito presente na educação básica.

Moraes (2005) coloca em sua obra, que a geografia tradicional com base no positivismo apresenta uma visão empobrecedora da realidade, visto que a reduz ao mero empirismo, dessa



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

forma é preciso destacar que compreender e analisar mapas é de grande importância para a disciplina, contudo, cabe nos questionarmos, o que são essas criações de mapas? Esses alunos conseguem interpretar mapas? Possuem bases sólidas de forma a compreender que os mapas também são ferramentas de poder?

Esses questionamentos são muito importantes para melhorarmos a atuação enquanto docentes de geografia, visto que, é necessário a compreensão de mapas, contudo, é necessário a análise crítica deles, de forma a se desvincular da geografia tradicional e abrir caminho para uma geografia mais crítica e reflexiva. Obtivemos outras respostas que afirmam esse conhecimento tradicional ainda presente na atualidade, “O conhecimento do clima, do tempo, de países e seus desenvolvimentos, entre outros.” (alunos do ensino médio, 2021), entretanto nessa resposta é possível identificar um pensamento um pouco mais politizado, visto que o aluno cita “Os países e seus desenvolvimentos”, entretanto, não vai a fundo em sua explicação, e apresenta pensamentos muito rasos e simples a respeito da geografia.

A geografia tradicional permanece na educação básica, contudo, existem professores que produzem reflexões mais críticas e libertadoras, como é o exemplo da seguinte resposta:

A importância que algumas localidades têm para a política e para o bem estar de uma população, por exemplo, o quanto disputado é um território com uma fonte de petróleo ou o porquê empurrar uma parcela de pessoas para uma zona de morro é perigoso e problemático. E as consequências que as ações humanas podem gerar no meio ambiente. (Alunos do ensino médio, 2021).

É possível identificar na resposta desse aluno um conhecimento mais profundo da geografia, nela encontramos a noção de disputas territoriais, e o conhecimento da geografia urbana sobre a segregação residencial, o mesmo, ainda consegue apresentar em sua resposta a ligação entre geografia física e humana, quando cita as consequências das ações humanas sobre o meio do qual habitam, sendo assim, aqui podemos identificar a formação de educandos com um conhecimento mais questionador e próximo do que a denominada Geografia Crítica apresenta.

A geografia me ensinou ao longo dos anos em como os processos naturais e culturais se configuram, tais como a formação e configuração do relevo, vegetação, hidrografia e clima e, também, as variadas e inúmeras atividades que os indivíduos podem ter e formar no vasto



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

espaço geográfico em âmbito não só nacional, mas mundial. Me ensinou também a ter um pensamento crítico acerca das situações cotidianas. (Alunos do ensino médio, 2021).

Nessa resposta aparece pela primeira vez a palavra “Espaço geográfico”, o aluno não explica o que ele entende por esse conceito, contudo, consegue abordar a existência de processos naturais e culturais e a necessidade de um pensamento crítico acerca das situações cotidianas, demonstrando assim, que o conhecimento crítico da geografia tem sim chegado as escolas, entretanto, alguns professores ainda seguem ensinando a geografia tradicional, o que se pode confirmar com a seguinte resposta: “Visualizar mapas, derivados biomas, fauna e flora” (alunos do ensino médio, 2021) Na resposta o aluno cita apenas informações que ocorrem por meio da memorização, sendo assim, o mesmo não possui conhecimentos mais complexos da geografia, de forma a possuir uma educação bancária, que visa apenas a memorização e não uma visão mais crítica da realidade vivida. (Freire 2017)

Na próxima pergunta feita aos educandos, “Para você, o que a geografia estuda?” Vale aqui destacar antes de dar ênfase a respostas dos educandos o que Milton Santos (1988) define como o objeto de estudo da geografia o espaço geográfico, do qual ele define como:

O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os animais, ou seja, a sociedade em movimento. O conteúdo não é independente da forma, e cada forma encerra uma fração do conteúdo. O espaço, por conseguinte, é isto: um conjunto de formas contendo cada qual frações da sociedade em movimento. As formas, pois, têm um papel na realização social. (SANTOS, 1988, p. 26-27)

É importante enfatizar que o objetivo da seguinte pergunta aos educandos não é identificar se eles compreendem o que Milton Santos define, mas sim, se o professor foi capaz de discutir as concepções do objeto de estudo da geografia e da necessidade de se estudar e conhecer a disciplina. Sendo assim, vale destacar algumas respostas “Para mim ela estuda a terra, o clima e os seres humanos” (alunos do ensino médio, 2021.) “Pra mim a geografia estuda os elementos naturais e culturais do planeta” (alunos do ensino médio, 2020). “Estuda vários fatores, mas o que sempre me deram uma ênfase maior, foi concernente a climas e tipos de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

terrenos” (alunos do ensino médio 2021.) A partir dessas respostas podemos concluir que esses alunos estudam sim o espaço geográfico, como citado acima sobre elementos naturais e culturais do planeta, contudo, não estudam em si a definição de espaço geográfico, dando ênfase que esse é o objeto de estudo da disciplina, importante destacar a última resposta, do qual o aluno traz que teve uma ênfase maior sobre climas e tipos de terreno, cabe aqui destacar que o estudo da natureza é muito importante para o ensino da natureza, entretanto, o que devemos nos atentar é se esse ensino de natureza tem criticidade ou não, caso ele seja ensinada em moldes da geografia tradicional fica claro a permanência dessa geografia tradicional e positivista na educação básica.

Considerando que o questionário foi aplicado em diversas escolas públicas de Londrina, também obtivemos respostas positivas, onde os alunos citaram o espaço geográfico: “Estuda a economia, espaço geográfico” (alunos do ensino médio, 2021.) “O espaço geográfico e a relação entre a sociedade e o meio.” (alunos do ensino médio 2021.) “A geografia tem o objetivo de fazer com que as pessoas entendam sobre o espaço geográfico.” (alunos do ensino médio 2021). Tais respostas são capazes de trazer alívio ao discente de geografia, que pode identificar que os alunos possuem sim o conhecimento sobre o espaço do qual vivem, entretanto é importante salientar que na maior parte das respostas é possível identificar a memorização de conceitos, visto que apenas uma resposta citou a geografia em seu dia a dia, mesmo aqueles que responderam que a utilizam em seu cotidiano (Figura 01) não conseguiram citar a mesma experiência em suas próprias palavras. Dessa forma, é possível identificar que os alunos possuem sim o conhecimento de que a geografia estuda o espaço geográfico, contudo, não conseguem identificar o significado, os mesmos podem ter tido contato com o conceito de espaço geográfico dentro de livros didáticos, e até em pesquisas na internet, também vale ressaltar que esses mesmos alunos podem ter tido contato através de professores, que não explicaram detalhadamente o que ele é, fazendo com que o aluno apenas repita o que já escutou em sala, mesmo sem compreender o seu significado, cabe ressaltar que a memorização e a descrição em si não é um problema “Quanto à descrição, não se fazem críticas, pois se sabe que representa uma etapa importante no processo de conhecimento, o problema é que o ensino encerra-se nessa etapa.” (MOURA, ALVES, 2002, p. 317), sendo assim, a geografia tradicional permanece, contudo, existe um avanço na educação básica, visto que alguns alunos não estão estagnados no processo de memorização.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações finais

Afinal, a geografia tradicional ainda persiste na formação discente da educação básica? É possível se desvincular do positivismo geográfico? Os alunos realmente compreendem o que a geografia estuda? Esses são questionamentos que todo professor de geografia necessita fazer ao longo de sua graduação e de sua atuação como docente, contudo, buscando respostas a esses impasses, e procurando as respostas naqueles que vivenciam o ambiente escolar é possível compreender que sim, a geografia tradicional ainda permanece no ensino da educação básica, juntamente com o positivismo, partindo dessas questões foi possível através das respostas dos alunos observar mesmo com respostas breves que caminham para uma maior criticidade do saber geográfico. Ainda não compreendem o que é de fato o espaço geográfico, contudo, possuem contato com esse conceito em sala.

Foi de grande importância caminhar pela origem da geografia, de forma a compreender hoje traços que só podem ser explicados com a compreensão de sua origem enquanto ciência e também disciplina, sendo assim, é cabível considerar que a geografia passou por diversos momentos, sendo importante citar que todos tiveram grande importância para a formulação de uma geografia que busca a criticidade, sendo assim, também é necessário levar em consideração o ambiente escolar, do qual também possui bases positivistas, e conhecimentos extremamente fragmentados, por isso, a luta pelo fim dos restos positivistas encontrados nas disciplinas do ensino básico é uma luta de todos e não apenas dos professores de geografia, entretanto, sabendo que o foco do presente artigo é a disciplina de geografia, e compreendendo que o seu objetivo era compreender a visão do vivido, do aluno que vivencia a geografia é possível encontrar esperança para continuar, visto que cabe também ao docente ser um professor reflexivo, do qual usa a sala de aula como seu próprio laboratório, de forma a buscar melhoria para as discussões na disciplina. Seria então a geografia um conhecimento enfadonho ou emancipador? Foi possível obter através dos questionários, respostas que caminham por esses dois eixos, dessa forma para responder a esses questionamento tão complexo é necessário que o professor de geografia se questione dessa mesma pergunta, afim de rever sua disciplina em sala de aula, e independente da resposta sempre procurar inovar, sabendo que a geografia é necessária na vida de cada aluno, e que sem ela, a formação cidadã se tornará cada vez mais difícil de se alcançar.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Referências

- CALLAI, Helena. A geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**. São Paulo, v.1, nº 16. p. 133-151. 1º Semestre 2001.
- CAVALCANTI, Lana. A geografia e a realidade escolar contemporâneas: avanços, caminhos, alternativas. In: Currículo em movimento- perspectivas atuais. 2010, Belo Horizonte. **Anais do I seminário nacional**. Belo Horizonte, 2010. p. 1-16.
- CAVALCANTI, Lana. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1988.
- FIGUEIREDO, Marília. CHIARI, Brasília. GOULART, Bárbara. Discurso do sujeito coletivo: Uma breve introdução a ferramenta de pesquisa qualitativa. **Distúrbio comum**. São Paulo. p. 129-136. Abril 2013.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63ª edição. São Paulo. Paz e terra, 2017.
- LACOSTE, Yves. **A geografia**: isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra. Tradução Maria Cecilia Franca- Campinas. São Paulo: Papirus, 1988.
- MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 20. ed., São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/gidecelle/geografia-pequenahistoria-critica-antonio-carlos-robert-moraes>. Acesso em 19 de fev. 2021. NO
- MOURA, J.D.P. ALVES, J. Pressupostos teórico-metodológicos sobre o ensino de geografia: Elementos para a prática educativa. **Geografia**. vº11, nº 2. p. 309-319. jul/dez 2002.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

USO DE PODCAST PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Sincler Resende Fagundes³⁷

Resumo

É cada vez mais percebido a influência da tecnologia no nosso dia a dia, e assim não seria menos notada a presença desta nos meios escolares. E é pensando nessa primeira afirmação que a presente pesquisa busca mostrar como a ferramenta de streaming, o podcast, está sendo utilizada pela população em geral e em como ela pode ser útil dentro da esfera acadêmica. Para isso será contextualizado sobre a internet no Brasil e seus avanços durante as últimas décadas, assim como também será abordado a respeito da educação à distância no país e suas contribuições para o momento de pandemia em que nos encontramos. E através deste trabalho é pretendido apresentar a origem dos podcasts, o motivo do seu crescimento no Brasil na última década, o por que ele pode ser uma ferramenta que além de entreter, pode ser uma alternativa para a educação, principalmente no atual cenário de pandemia. As principais fontes para a pesquisa deste artigo, serão através das buscas de dados e documentos acadêmicos, matérias em jornais e de dados em órgãos federais, como IBGE e ANATEL.

Palavras-chaves: educação; podcast; ensino de geografia.

Introdução

Cada dia mais o cotidiano da população, em geral, está cada vez mais agitado, de certa forma pela necessidade de realizar determinadas atividades ao longo do dia-a-dia. Uma forma de buscar atualizações pelos mais diversos tipos de conteúdo é a utilização de podcast, uma ferramenta que vem crescendo no Brasil, muito em função do aumento do uso de aparelhos de celulares que suportam o serviço, como também a crescente no serviço de internet móvel no país.

Semelhante a um programa de rádio, o podcast busca transmitir algum tipo de informação, mas com uma grande diferença em relação ao antigo meio de comunicação. A variedade de programas produzidos é muito maior. Isso se dá pelo fato de que fica disponível pela internet, o que facilita a produção, pois o formato não se limita apenas em uma determinada região.

Como consequência essa procura também proporciona inovação em seus conteúdos. Se nas mídias tradicionais, os blocos de economia, cultura e atualidades ficam restritos a um

³⁷ Graduando. Universidade Estadual de Londrina. sincler.fagundes@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

determinado tempo, o podcast pode proporcionar um assunto mais longo e mais aprofundado de um determinado tema, pois há a possibilidade de acesso a qualquer momento do dia, em qualquer dia.

Logo esta variedade se estende para a área da educação. Busca por conteúdos como fatos Históricos, educação financeira e ensino de idiomas tem se tornando cada vez mais frequentes.

E como professores em geral podem sempre buscar uma forma de melhorar a sua didática ao lecionar, o surgimento desta ferramenta pode facilitar o trabalho de todos os profissionais da área de educação.

Para o ensino de geografia, o podcast é um mecanismo de fácil acesso, pois não é necessário grandes investimentos para produzir, tendo em vista que há softwares livres para a gravação, e para o consumo, apenas um dispositivo eletrônico é capaz de reproduzir arquivos em mp3, e acesso à internet.

E através deste trabalho é pretendido apresentar a origem dos podcasts, o motivo do seu crescimento no Brasil na última década, o por que ele pode ser uma ferramenta que além de entreter, pode ser uma alternativa para a educação, principalmente no atual cenário de pandemia.

A principal fonte para a pesquisa deste artigo, será a busca de dados e documentos acadêmicos, matérias em jornais e de dados em órgãos federais, como IBGE e ANATEL.

Origem do podcast e seu público no Brasil

De acordo com The Guardian (2006), o termo podcast surge em 2004, é a junção de duas palavras iPod, dispositivo reprodutor de áudio da Apple que significa Personal on Demand (sob demanda pessoal,) e Broadcasting (transmissão), é atribuído a Adam Curry, um ex-VJ da MTV e a Dave Winner, desenvolvedor de softwares. Em um trabalho conjunto ambos criaram um programa chamado de “iPodder”.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O programa inicialmente era gravado e salvo em alguma plataforma de RSS³⁸, onde o ouvinte poderia fazer o download do material e reproduzir em qualquer dispositivo eletrônico com suporte a mp3.

O podcast em si pode ser gravado por uma ou mais pessoas, chamados de podcasters, ou ter até mesmos diversos convidados. Por se tratar de uma plataforma bem abrangente, as gravações podem possuir diversos conteúdos, como cultura pop, como exemplo o Jovem Nerd, podcast existente desde 2006, e com mais de 1 bilhão de acessos em seus programas. Há também podcast de informações como Café da Manhã, da Folha de São Paulo e Xadrez Verbal, que abordam notícias do cotidiano e informações sobre política internacional, respectivamente.

De acordo com uma pesquisa realizada pela plataforma de streaming Deezer, e divulgada pelo site UOL em 2019, o serviço de podcast se tornou mais popular devido a parcerias realizadas, e a inserção deste conteúdo em outras plataformas de streaming.

Em uma pesquisa realizada pela ABPOD, Associação Brasileira de Podcast em conjunto com a Rádio CBN e divulgada em 2019, mostrou que apesar da população brasileira ser classificada em sua maioria como sendo do gênero feminino, dos mais de 20 mil entrevistados cerca de 84,1% dos ouvintes são do gênero masculino.

Em média são 35,3% dos ouvintes com idades entre 23 a 29 anos e 31,3% com idades entre 30 a 39, conhecida como milênicos, ou do inglês Millenials. Ainda sobre os ouvintes mais de 60% possui ensino superior completo ou incompleto, além de 25% possuírem uma renda familiar entre R\$1000,00 a R\$3000,00 (ABPOD, 2019), .

O crescimento do número de ouvintes deve ser levado em consideração pois, ainda segundo a pesquisa, ABPOD (2019), cerca de 60% dos entrevistados começaram a ouvir podcast entre os anos de 2013 e 2018, muito associado ao crescimento das vendas de smartphones, onde 92,1% dos entrevistados ouvem os programas em aparelhos de telefones. A frequência com que é consumido o produto é diário para a maioria, pois atinge cerca de 51,1% dos que responderam à pesquisa.

³⁸ RSS: RSS é a sigla em inglês para Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, ou seja, uma forma simplificada de apresentar o conteúdo de um site. Um documento RSS é feito na linguagem XML e geralmente exibe o grande volume de informações existente em uma página na internet de forma resumida. Pela característica de alimentar de notícias, os documentos RSS também são chamados de Feeds (RUBINO, 2006).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

No Brasil, a região sudeste foi a que apresentou a maior audiência de ouvintes, representando um total de 56,8% dos pesquisados (ABPOD 2019).

Logo é notável que a crescente busca por este meio de comunicação está cada vez mais presente, principalmente entre homens nascidos pós 1980, ou como já mencionado anteriormente, os millenials. Logo, pode ser uma boa ferramenta para se trabalhar em sala de aula, visto que, quanto professores, quanto alunos possivelmente estão familiarizados com este novo meio.

Surgimento da Internet no país

A internet surge no Brasil em meados da década de 1990, como uma rede aberta a toda uma população. Segundo Kenski (2004), antes de 1995 o acesso a rede era limitado a alguns funcionários do governo e a algumas instituições de ensino superior, pois para se ter o acesso era necessária uma licença de utilização. Em 2004, com a internet se consolidando cada vez mais e se popularizando, surge a Web 2.0, um conceito novo onde o principal foco eram as interações sociais que o serviço de dados poderia fornecer.

Ensino a Distância no Brasil

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 9394/96, em seu artigo 80, define que: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Isso significa que o ensino a distância do Brasil, apesar de já existente desde 1904, passou a ser regulamentado. Ainda nesse artigo da lei federal, as instituições que podem fornecer esses acessos a educação devem estar devidamente credenciadas com a União.

Com o crescimento e a popularização da internet no Brasil, surge um novo modelo de Ensino a Distância no país, o ambiente virtual. Segundo Bernardi (2010), essa modalidade de ensino não pode ser limitada a espaço físico e temporal, uma vez que eles não são existentes. Nesse modelo de ensino há uma necessidade de participação maior dos alunos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Existem diferentes estilos de aprender, alguns verbais outros visuais, outros exploram ou preferem deduzir, em cada estilo uma possibilidade de criação de ambientes onde essas aprendizagens se realizam por etapas, onde as barreiras serão removidas na medida que vão conhecendo os conteúdos, os equipamentos. (BERNARDI, 2010, p.14).

Pode-se concluir então que, a grande vantagem do ensino a distância é a possibilidade que o conhecimento possa chegar nas mais diversas formas do país. Tendo em vista que o Brasil possui uma grande área territorial, além de vasta população o ensino a distância veio suprir de alguma forma a educação presencial, já que nenhuma das duas pode ser 100% abrangente por inúmeros fatores, como sociais, econômicos entre outros.

Ensino a Distância em tempos de Pandemia

Sabe-se que, em dezembro de 2019 o planeta foi surpreendido com a descoberta de um novo vírus, o Sars-CoV-2, ou comumente chamado de Covid-19, que é de fácil transmissão e que acarretou uma pandemia mundial. Logo na segunda quinzena de março de 2020, com os primeiros casos de mortes no Brasil, inúmeros estados e municípios decretaram lockdown, com o intuito de diminuir a transmissão do vírus entre a população.

Com o fechamento de instituições públicas e privadas de ensino, muito se buscou como alternativa um Ensino a Distância em todos os níveis de escolarização.

É de conhecimento que, no ensino superior, já era comum se ouvir falar de EaD, pelas mais diversas razões, porém no ensino básico, foi considerado algo inédito.

Porém, viu-se pelas diversas notícias vinculadas na mídia que diversos problemas surgiram, dentre eles professores que não tinham conhecimentos sobre plataformas online, a sobrecarga em relação aos professores, que em muitos casos ficavam a disposição do aluno mesmo que fosse fora do horário de aula, alunos que não possuíam acesso aos exercícios propostos, falta de infraestrutura compatível com a rede de dados, a sobrecarga nos servidores de internet, entre outros problemas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outro problema é notável, que é em relação a disparidade entre as classes econômicas mais elitizadas, que além de conseguirem consumir um serviço de qualidade, seja por infraestrutura, por possuírem equipamentos que possam suprir a necessidade de uso, atendendo quase todas as expectativas, a população mais pobre sente cada vez mais o distanciamento social por não ter as mesmas condições de acesso às aulas.

Ainda por se tratar de uma novidade, pouco se sabe a respeito qual o rumo será tomado, ou se o ensino híbrido ganhará cada vez força para continuidade em um mundo pós pandemia.

O ensino de Geografia

Como toda ciência a Geografia possui um objeto de estudo, assim como definiu Ruy Moreira:

O espaço é o objeto da geografia. O conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social por intermédio do espaço é o seu objetivo. O espaço geográfico é o espaço interdisciplinar da geografia. É a categoria por intermédio da qual se pode dialogar com demais cientistas que buscam compreender o movimento do todo da formação econômico-social, cada qual a partir de sua referência analítica. (MOREIRA, 1995, p63)

E o espaço geográfico em si possui um dinamismo, e a presença do ser humano no meio passa a ganhar destaque, pois somente assim é possível compreender como que há transformações e interações entre as demais ciências. Quando partimos do princípio de que o espaço é um produto social, Ruy Moreira ainda afirma que “O espaço geográfico é um espaço produzido. Nele a natureza não é mera base ou parte integrante. É uma condição concreta de sua produção social”(MOREIRA, 1995, p. 64-65). Isso significa em outros termos na palavra do próprio autor que o homem modifica a chamada “primeira natureza”, onde ela se torna parte integrante de toda a sua história social.

De acordo com a BNCC (2018), o aluno do ensino fundamental anos finais tem que possuir como habilidade a compreensão conceitual a cerca da produção do espaço, ou seja

...é preciso que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre o uso do espaço em diferentes situações geográficas regidas por normas e leis



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

historicamente instituídas, compreendendo a transformação do espaço em território usado – espaço da ação concreta e das relações desiguais de poder, considerando também o espaço virtual proporcionado pela rede mundial de computadores e das geotecnologias. Desenvolvendo a análise em diferentes escalas, espera-se que os estudantes demonstrem capacidade não apenas de visualização, mas que relacionem e entendam espacialmente os fatos e fenômenos, os objetos técnicos e o ordenamento do território usado. (BNCC, 2018)

Partindo dessa premissa de que há um objeto de estudo, podemos discutir sobre o ensino de Geografia, como deve ser formado como ciência, e como deve ser transmitido. Lestesgás (2012), afirma que a ciência geográfica deve ser primeiro concebida nas academias e posteriormente transmitida ao ensino escolar. O grande problema são as inúmeras correntes de pensamentos que os pesquisadores tendem a seguir, o que pode acarretar em um atraso na chegada do conteúdo analisado para a sala de aula:

(...) quando um conhecimento científico é selecionado como conteúdo que é preciso ensinar na escola, sofre uma série de recomposições adaptativas, uma transposição didática, até sua conversão em saber didático (...) a coexistência de diversas correntes de pensamento na geografia faz com que os saberes neste âmbito científico estejam longe de oferecer redes conceituais unanimemente aceitas (...) Tudo isso faz com que a Geografia escolar se apresente como um acúmulo das diferentes geografias que os geógrafos desenvolvem ou desenvolveram, e que, devidamente modificadas e construídas em função das necessidades de ensino, a escola se encarrega de difundir. (LESTEGÁS, 2012, p.17).

Em contrapartida Callai (2015) afirma que não é possível estabelecer uma definição de conteúdo que é definido na academia para o ensino básico, com a finalidade de que todos recebam o mesmo tipo de informação e com a mesma qualidade, e ainda cada professor deve ter sua independência:

O que não pode acontecer é se impedir o professor de pensar alternativas, de escolher ou de criar. Vai depender das suas condições, que aliás são um tanto precárias pela própria formação acadêmica que tiveram num momento da história brasileira em que se recebia tudo pronto para não se correr o risco de tentar alternativas que não interessassem. (CALLAI, 2015, p 135).

Outro fator é exigido não somente do ensino de Geografia, a Escola ainda tem uma função social de formar cidadãos como agentes modificadores da sociedade, e que quando pensamos neste aspecto devemos levar em conta que há interação entre alunos, professores e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

funcionários neste ambiente, e que cada indivíduo traz uma bagagem, uma experiência de vida, e que a forma de transmissão de conhecimento não ocorre de maneira vertical, ou seja, do professor para os alunos, mas sim de maneira horizontal, envolvendo todos os integrantes nesse processo de aprendizagem

O ensino de Geografia, bem como dos demais componentes curriculares, tem que considerar necessariamente a análise e a crítica que se faz atualmente à instituição escola, situando-a no contexto político social e econômico do mundo e em especial do Brasil. Tanto a escola como a disciplina de geografia devem ser consideradas no âmbito da sociedade da qual fazem parte. (CALLAI, 2015, p.134).

Atrelado a isso, Cavalcanti (2010) escreve que o professor deve estimular a curiosidade do aluno, e buscar formas e métodos alternativos que possam propor o interesse coletivo dos educandos, trazendo para sala de aula temas mais abrangentes para uma escala local, para sua vida cotidiana.

Portanto, ensinar conteúdos geográficos, com a contribuição dos conhecimentos escolares, requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, tem legitimidade para se manifestar, com base no debate de temas realmente relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos. (CAVALCANTI, 2010, p.3).

O papel do professor neste caso é então trabalhar com que o aluno construa sua cidadania. E é a partir dela que ele irá ter noção de seu papel no espaço. Essa forma de trabalhar não deve ser exatamente linear e hierárquico, tendo em vista que cada aluno traz uma bagagem, uma experiência de vida que deve ser levado em consideração.

Uso de Podcast para ensino

Por tratar-se de uma ferramenta mais recente, há poucos documentos sobre uso de podcast para o ensino no Brasil. Como mencionado anteriormente, o crescimento no uso da ferramenta ocorreu após a década de 2010, com a popularização de Smartphones, e com a melhoria no fornecimento de banda larga no país.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Porém, as primeiras pesquisas em língua portuguesa sobre o tema surgem em meados da década de 2000, com o início da popularização do serviço de podcast, em Portugal muitos professores universitários passaram a gravar suas aulas em formato de áudio com a finalidade de transmitir aos alunos como uma forma de revisão do conteúdo. Os alunos efetuavam o download do arquivo em formato de mp3 nos mais diversos dispositivos eletrônicos para que pudessem aprender da melhor forma.

Outro relato é de uma professora da disciplina de História que gravava seu conteúdo em áudio, distribuindo aos alunos para que estes pudessem ouvir o conteúdo, e atentar-se as palavras-chaves que eram deixadas para uma melhor forma no aprendizado.

. Obviamente que para a elaboração de um episódio e podcast se faz necessária a escolha do tema, seguido da elaboração de uma roteirização, depois a pesquisa, finalizando com a gravação e edição do áudio. Estes dois últimos podem ser utilizados softwares livres, onde qualidade do serviço pode ser mantida.

De acordo com Moura (2009) os podcasts acabam resultando em momentos convenientes de estudos, principalmente para alunos que precisam deslocar-se por grandes distâncias e assim eles podem utilizar desse trajeto para rever ou complementar matérias que já foram estudadas.

Há diversas vantagens para o uso do podcast, e Moura (2009) lista algumas delas, sendo as vantagens para os professores “pouco ou nenhum custo; para cursos a distância, o podcasting liga o professor e os alunos numa nova forma de aprendizagem; a escola pode fazer podcasts específicos, sobre assuntos que possam ajudar os estudantes a estudar para os exames”. E para os alunos ela cita as vantagens de “pouco ou nenhum custo associado; permite aos alunos aprender fora da sala de aula; os alunos podem ouvir os podcasts em qualquer lugar e a qualquer hora, no leitor de mp3/mp4 ou no próprio telemóvel, que está sempre no bolso”.

Porém, o instrumento não necessariamente pode ser utilizado somente como forma de transmissão de conteúdo, pois pode ser também uma ferramenta de pesquisa, ou uma atividade a ser realizada pelos alunos. O professor pode escolher um tema a ser trabalhado, e uma duração. A avaliação pode ter inúmeros aspectos, como clareza na fala do aluno, conteúdo pesquisado, profundidade, referências bibliográficas, entre outros pontos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Podcast para o ensino de Geografia

Ainda não há relatos de pesquisas do uso de podcast para o ensino de Geografia em específico. A possibilidade deste conteúdo ainda não possuir publicações, pode dever-se ao fato de que a disciplina ainda é considerada muito dicotômica, ou seja, se estuda a questão natural, ou a questão social, e que apesar de haver uma relação entre elas, como pode ser descrito nas palavras de Cavalcanti:

Sem querer negar a importância desses objetivos para o estudo de Geografia (conhecer o mundo em que vivem, localizarem alguns pontos nesse mundo, representá-lo linguisticamente e graficamente), é preciso acrescentar que sua função não se resume a eles. Tais motivos são apontados porque é o próprio do cotidiano pensar o imediato, fazer juízos provisórios. Mas é necessário não se contentar com o que são, na verdade, pré-requisitos para a função mais importante da Geografia, que é formar uma consciência espacial, um raciocínio geográfico. E formar uma consciência espacial é mais do que conhecer e localizar, é analisar, é sentir, é compreender a espacialidade das práticas sociais para poder intervir nelas a partir de convicções, elevando a prática cotidiana, acima das ações particulares, ao nível humano genérico (CAVALCANTI, 1998, p. 128 Apud KAERCHER, 2002, p. 225)

O uso do podcast para o ensino de geografia torna-se relevante então quando pensamos em duas coisas, sendo a primeira a facilidade do acesso as plataformas de streaming que disponibilizam os podcasts, em sua maioria de forma gratuita ou com preços acessíveis. E a segunda questão então seria o meio de utilização dos podcasts, que pode ser por dispositivos móveis.

Ao abordar a questão do uso desses dispositivos móveis, deve-se fazer um adendo a respeito de algo que acaba por ocorrer na maioria das escolas, e é uma ação comum entre os docentes também: a proibição do uso desses dispositivos em sala de aula. O que visa-se ressaltar aqui então seria que, ao invés de proibir o uso de tais dispositivos, incentivar esse uso para o meio pedagógico, fornecendo ao aluno uma forma conhecida dele de se informar e interagir socialmente, para que ele então a utilize de forma a adquirir e também repassar conhecimentos.

Como já citado anteriormente, durante a busca por referências para a composição dessa pesquisa encontrou-se poucos retornos a respeito desse tema, que é o uso do podcast para o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ensino de Geografia, e por isso é esperado que esta possa contribuir para o aumento do uso desse meio para o ensino e também o aumento das pesquisas a respeito do tema.

Há algumas formas de pensarmos a utilização do podcast para o ensino de Geografia, e dentre elas estão o compartilhamento com os alunos de podcasts com assuntos pertinentes aos temas abordados em sala de aula, tais como políticas públicas, questões ambientais ou até mesmo cultura. Esses assuntos podem ser repassados para momentos em sala de aula, ou como material complementar.

Outra forma muito interessante é a solicitação da criação de um podcast pelos alunos, com a devida orientação do professor, com o intuito de que o conhecimento seja adquirido em de forma mais independente pelo aluno e o professor sendo apenas um orientador desta busca. Essa forma ao ser utilizada no atual cenário de pandemia, pode acabar por incentivar o interesse pela pesquisa, assim como a divulgação destas, ou seja, pode-se então ter mais alunos pesquisadores já no contexto escolar.

O podcast é um meio versátil, e esses são apenas alguns exemplos da utilização do mesmo em sala de aula. Um professor devidamente capacitado para o uso de tecnologias em sala de aula, certamente não se limitaria a esses exemplos e poderia ampliar as formas de uso deste.

Conclusão

Foi possível identificar na pesquisa que o crescimento do podcast deve-se a diversos fatores, incluindo entre estes o maior acesso da população a aparelhos de smartphones, assim como também a uma melhor qualidade nos serviços de internet oferecidos, que cresceram consideravelmente na última década. Já vimos isto antes, ao considerarmos na mesma vertente o uso do rádio difusor como meio de comunicação, na primeira metade do século XX, que começou como um instrumento elitizado, e que com o passar dos anos, tornou-se popular.

Visto isto então, é inegável que a exista uma possibilidade real de que o podcast já esteja inserido no dia-a-dia, e nos meios de consumo de informação, de professores e alunos. Logo, esta pesquisa teve um intuito de apontar meios e formas para a utilização do podcast em sala de aula, e principalmente para o ensino de geografia.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Porém, sabe-se que para isso é preciso que se invista na formação continuada dos professores, cuja esta, acaba tendo como um dos objetivos também capacitar esses professores para o uso das novas tecnologias no ambiente escolar. Ou seja, com o professor devidamente capacitado, a utilização do podcast como meio de aprendizagem, certamente seria facilitada, e em pesquisas futuras poderíamos ver dados que podem mostrar um crescimento considerável do uso desta tecnologia no ensino de geografia, assim como outras disciplinas.

Referências:

ABPOD. PodPesquisa, 2019. Disponível em: <<https://abpod.org/podpesquisa/>> Acesso em 13 abr. 2021.

ALVES, Lucineia. "Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo." Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância 10, 2011. p. 83 -82. Disponível em: <<http://seer.abed.net.br/index.php/RBAAD/article/view/235/113>>. Acesso em 14 abr, 2021

BERNARDI, Diviane da Silva. Perspectivas da EAD no Brasil: Algumas reflexões do contexto histórico, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1304/Bernardi_Diviane_da_Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 14 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 9.394 , de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em 14 abr. 2021.

CALLAI, Helena Copetti. "A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?." Terra Livre 1.16, 2015. p. 133-152. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/terralivre/article/view/353>>. Acesso em 13 abr. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. "A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas." Anais do I seminário nacional: currículo em movimento–Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, 2010. p. 1-13.

CARVALHO, Ana Amélia Amorim. Podcasts no ensino: contributos para uma taxonomia, 2009. Disponível em: < <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/9432>> . Acesso em 13 abr. de 2021

CARVALHO, A. A.; AGUIAR, C.; CABECINHAS, R.; CARVALHO, C. J. Integração de podcasts no ensino universitário: reacções dos alunos. Prisma.com (Portugual), n. 6, p. 50-74, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71795>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LESTEGÁS, Francisco Rodríguez. A construção do conhecimento geográfico escolar: do modelo transpositivo à consideração disciplinar da Geografia. In: CASTELLAR, Sônia M. Vanzella;



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

MUNHOZ, Gislaíne, Batista (Orgs.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012, 13-27.

KENSKI, Vani Moreira. "Educação e internet no Brasil." Cad Adenauer 16.3, 2015. p. 133-150.

Disponível em: <

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38551673/Educacao_e_internet_no_Brasil_Cadernos_Adenauer_2015_1.pdf?1440380299=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEducacao_e_internet_no_Brasil.pdf&Expires=1618464143&Signature=GbSwgj1enxxgdWD9x9CvzVanRZrXRjkNINDkRmVc4giIJc4bR-xUasHbJQEHJT8SgnJvUARhbz-eaN182Mfpqq14hcG~tXM~qa4GhAO88~8x4O9PST0bDhdAo4mnHeAgZNCUzMnmmy3~pLdKyux0liV9PPbrJDxPwksjD0~TKwskElTLDiFJaJ8VUJaRMSgohr-zG8~X~GHBzHFi6zfgsrud0eP3wBwbSUMf9atBZ2bZ4RY4Hqa3lDccjkC6eqe~oaZeEX4ShLjHcMNYZ6EsJQ2SJwAGFSowmN-2Z5qEX0f8F3dBjr~0wWWCKQ0KdwftGHO7aL1~scbmJQ7BUoVwA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em 13 abr. 2021.

MOURA, Adelina. "O telemóvel para ouvir e gravar Podcasts: exemplos no Ensino Secundário. 2009.

Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/handle/11328/479>> Acesso em: 14 abr. 2021

RUBINO, Luis Carlos. O que é RSS? 2006. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/online/web/arquivos/003127.shtml>>. Acesso em 14 abr. 2021

TRINDADE, Rodrigo. Graças a streaming, consumo de podcast cresce a galope no Brasil, 2019.

Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/10/21/impulsionado-por-streaming-consumo-de-podcast-cresce-67-no-brasil-em-2019.htm>>. Acesso em 14 abr. 2021

What does “podcast” actually stand for?. The Guardian: Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/technology/2006/jan/12/guardianweeklytechnologysection3>>. Acesso em 13 abr. 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A INFLUÊNCIA QUE AS TECNOLOGIAS DIGITAIS EXERCEM SOBRE A PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA

João Victor Pires Paixão³⁹

Kleber Matheus Barrozo Volpato⁴⁰

Laura Gomes da Costa⁴¹

Resumo

O artigo busca entender as contribuições que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) exercem sobre a prática do ensino geográfico, além de compreender as relações existentes entre cibercultura, tecnologias digitais e o ensino de Geografia, tendo como caminho metodológico o levantamento bibliográfico relacionado ao tema trabalhado. Inicia com a exposição da realidade vivenciada pelos alunos em relação a monotonia do ensino, com aulas maçantes e sem dinamicidade, onde procura apresentar os motivos existentes para que haja a falta de participação dos alunos, sendo sequenciado por caminhos tecnológicos que podem ser aplicados durante as aulas, como por exemplo, o uso de geotecnologias (imagens de satélites e GPS), elaboração de quiz e o uso de redes sociais para a exposição de projetos desenvolvidos pelos professores e alunos, além de debater as maneiras possíveis de introduzir tais tecnologias, de modo que o aluno assimile as mudanças ocorrentes no mundo em que ele vive, apresentando também ao leitor conceitos como cibercultura e ciberespaço.

Palavras-chave: Cibercultura; Professor; Educação.

Introdução

Nas últimas décadas, o mundo sofreu uma série de transformações tecnológicas que sem dúvidas afetou os mais variados âmbitos existentes no globo, entre eles, o educacional. A tecnologia facilitou o dia a dia da humanidade, possibilitando também que houvesse maiores interações entre si, conectando pessoas de pessoas e de lugares. Na educação, o avanço tecnológico permite ao professor a diversificação de ferramentas utilizadas durante sua prática pedagógica, abrindo espaço para novas metodologias, intensificando assim, a participação dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem.

³⁹ Discente. Universidade Estadual de Londrina. joao.victor.pires@uel.br

⁴⁰ Discente. Universidade Estadual de Londrina. kleber.matheus@uel.br

⁴¹ Discente. Universidade Estadual de Londrina. gomesdacosta.laura@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Junto a essa nova condição global criam-se também hábitos. Nos tempos atuais é perceptível as mudanças ocorridas no dia a dia da sociedade e que se tornou parte de nosso cotidiano, com o surgimento de novos termos, como e-mail e internet, e aparelhos eletrônicos, como os celulares e notebooks. Com todas essas transformações, se fez necessário também a elaboração de um conceito que explicasse a dinâmica que se formou dentro da sociedade graças à introdução desses elementos, surgindo então a cibercultura. Para o pesquisador Pierre Lévy (1999), esse termo baseia-se em novas práticas e tradições que emergem a partir do surgimento das novas tecnologias digitais.

Dentro do campo educacional, a cibercultura pode se tornar uma grande aliada no processo de ensino-aprendizagem do aluno e no trabalho do professor, já que se tornou uma prática que faz parte do cotidiano dos mesmos, podendo facilitar a compreensão dos conteúdos passados, através da utilização de metodologias que englobam a aplicação de tecnologias que estão incorporadas no cotidiano dos alunos, como o uso da internet, vídeo games, entre outros.

Com base nisso, quais são as influências que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) podem acarretar durante a prática do Ensino de Geografia? O artigo levantará alguns pontos para que se possa compreender a importância que as TDICs exercem durante o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, buscando responder ao questionamento feito.

Assim sendo, buscamos entender as contribuições que as TDICs podem exercer sobre a prática do ensino de geografia, além de, compreender as relações existentes entre cibercultura, tecnologias digitais e o ensino de Geografia e apresentamos maneiras de como incluir este termo no vocabulário dos alunos, de modo que ao final, o leitor assimile a importância de se introduzir essas novas ferramentas durante o processo de ensino-aprendizagem.

O artigo em questão se torna relevante para o meio acadêmico uma vez que, por meio dele é possível que os leitores possam compreender esses novos hábitos que vem ganhando força durante as últimas décadas, além de, levantar reflexões sobre meios de ensino mais dinâmicos para dentro das salas de aula. A pesquisa se realizou através de levantamentos bibliográficos acerca do tema em debate, buscando responder os questionamentos que foram levantados a respeito do mesmo.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento

Para que se possa compreender a dinâmica e as falhas existentes dentro do ensino de Geografia das escolas nos tempos atuais e como introduzir novas tecnologias durante o ensino-aprendizagem da mesma, é preciso analisar como este foi introduzido dentro do território brasileiro. Com isso é necessário voltar aos tempos onde o país ainda era colônia e pertencia ao antigo reino de Portugal, para considerar os desdobramentos desta disciplina escolar até os dias atuais.

Petruci e Souza (2019) abordam de maneira didática esses acontecimentos. De acordo com essas autoras, o ensino de Geografia começou a ser inserido no contexto brasileiro ainda durante o século XVI com a vinda dos jesuítas ao Brasil, durante o período de evangelização dos povos indígenas. Elas ainda complementam dizendo que, é apenas no período imperial que são criadas no Brasil as instituições de ensino, onde a Geografia desempenhava o papel de descrição dos lugares. Durante a República Velha, a ciência geográfica servia como meio de se introduzir à nação o sentimento de patriotismo e nacionalismo. Petrucci e Souza (2019) ainda afirmam que, durante o período conhecido como ditadura militar, a Geografia deixou de ser aplicada de maneira solo e foi introduzida a uma nova disciplina denominada de Estudos Sociais. Além disso, de acordo com elas, mesmo com o movimento de renovação da Geografia tendo ocorrido, o ensino dentro das escolas ainda ocorre de maneira tradicional, descritiva e tecnicista.

Com base nessas informações, o artigo foi dividido em três momentos, onde busca apresentar maneiras possíveis para dissolver a atual configuração de ensino de Geografia das escolas: Iniciando com os problemas gerados devido à monotonia do ensino geográfico e a falta de desinteresse que esta acarreta ao aluno. Logo em seguida, são apresentadas as contribuições que as TDICs podem exercer dentro das escolas, encerrando com a discussão de como introduzir o conceito de cibercultura e ciberespaço dentro da educação básica dos estudantes.

A monotonia do ensino de Geografia nas escolas brasileiras

Quando se pensa em como a Geografia é aplicada dentro do ambiente escolar, logo imagina-se aulas expositivas, tendo como material de apoio apenas determinado livro didático,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

um quadro negro e giz. Esse tipo de metodologia empregada não é atraente aos estudantes que, na maioria dos casos, desenvolvem desinteresse e certo repúdio pela disciplina escolar. Em relação a isso,

E, pois mais que necessário abolirmos, no ensino da Geografia prática, tudo quanto é nomenclatura, tudo quanto é puramente mnemotécnico, para se encarar os fatos “em marcha” pode-se dizer, e no seu respectivo lugar. É útil afastar-se, de vez em quando, do quadro habitual das concepções geográficas tradicionais. Até hoje, no nosso entendimento, toda idéia nova, todo progresso da ciência geográfica entre nós, têm sido sacrificados aos moldes antigos, têm sido apresentados em quadro arcaico: os espíritos não são levados a ver a geografia, tal qual ela é. (VLAD, 2004, p. 193 apud ARAÚJO, 2010, p. 17)

Porém é válido levar em consideração, que na maioria dos casos, os professores responsáveis pela disciplina muitas vezes se encontram desmotivados, com remunerações baixas, salas e materiais de apoio sucateados, além de, se depararem com alunos rodeados de problemas relacionados a questões familiares e em muitas vezes de origem humilde.

É papel do professor apresentar aos seus alunos a relevância que a Geografia possui em suas vidas, mas para que haja mudanças significativas na forma como os estudantes enxergam a Geografia, é necessário antes que seu mediador conheça quais são os principais objetivos da disciplina em questão, levando em consideração que, existem diferenças entre Geografia escolar e a ciência em si e que só há a aplicação de tais conteúdos através da transposição didática. Cavalcanti (2006, p. 9-10) apud Barbosa (2016, p. 86), aponta que,

A relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino de Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários à educação geral. [...] Há, no ensino, uma orientação para a formação do cidadão diante de desafios e tarefas concretas postas pela realidade social e uma preocupação com as condições psicológicas e socioculturais dos alunos. A ciência geográfica, por si só, não tem responsabilidade de ocupar-se com esses aspectos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Vale ressaltar que, como dito anteriormente, desde quando foi inserida dentro das instituições de ensino, a Geografia enquanto disciplina escolar, busca desenvolver no aluno o sentimento de amor pela pátria; dito isso, é importante que o professor trabalhe com seus alunos os conteúdos programados de maiores escalas buscando fazer conexões com o ambiente em que este se encontra, como forma de trazê-los próximos à realidade vivenciada por seus estudantes. De acordo com Cavalcanti (2008, p. 28) apud Araújo (2010, p. 21),

A geografia escolar não se ensina, ela se constrói; ela se realiza. Ela tem um movimento independente, realizado pelos professores e demais sujeitos da prática escolar que tomam discussões sobre o que é ensinado efetivamente. Assim a escola é e pode ser importante espaço para promover a discussão e a avaliação desse conhecimento, [...] deve-se conhecer a geografia escolar para submetê-la à análise crítica, compreendendo seus fundamentos, suas origens; análise a ser feita pelo conjunto de professores.

Entretanto, pode ser que mesmo depois de aproximar os alunos aos conteúdos aplicados, a aula ainda esteja expositiva, sem dinamicidade e com pouca participação dos mesmos, e é dentro desse cenário que o professor possa encontrar como solução as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), sendo um dos caminhos para que ocorra a efetivação de aulas mais dinamizadas e que os alunos se sintam acolhidos às dinâmicas desenvolvidas pelos professores.

As TDICs permitem que o professor quebre o paradigma onde a disciplina de Geografia seria apenas uma componente curricular a mais, pois através dela há maior inclusão dos alunos no decorrer das aulas e como já dito, aproximando o aluno na afeição à disciplina. E é com base nisso, que logo mais serão abordados métodos para a aplicação de conteúdos com o apoio das TDICs, além da exposição de conceitos relacionados ao mundo em que estas estão imersas.

Contribuições que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) podem trazer ao ensino de Geografia

Para que se possa compreender as contribuições que as TDICs oferecem ao ensino geográfico, é necessário antes definir o que elas representam e onde podem ser encontradas no dia a dia da sociedade atual. É possível visualizar essas tecnologias em vários ambientes, sendo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

uma das mais importantes a internet, pois junto com elas são inseridos vários outros equipamentos eletrônicos, como por exemplo, o uso de smartphones, computadores de mesa, notebooks e tablets, além da utilização de pen-drives, televisores, câmeras, impressoras, entre outros.

Essas tecnologias começaram a emergir dentro das instituições de ensino básico e médio por volta do final do século XX, durante a década de 1980, inicialmente com a introdução de televisores, para uso recreativo dos professores junto aos alunos, sendo sequenciado pela instalação de computadores e internet, como forma de modernização das escolas, possibilitando novos meios de pesquisas entre professores e alunos, que até então ocorria de maneira obsoleta, por meio de livros e enciclopédias. Essa inserção possibilita maior dinamicidade das aulas.

Nos primórdios dos sistemas educacionais, contávamos apenas com a fala do professor e livros de apoio, ou seja, ao finalizar aquele período em sala de aula, não havia espaço ou recursos, para outros tipos de interação que pudessem beneficiar o aprendizado; hoje, deparamo-nos com salas de aula equipadas, com computadores ligados à Internet, lousas interativas, sistemas de áudio e vídeo, que ajudam a enriquecer o dia a dia no ambiente escolar e , como se não bastasse, o aluno, ao retornar para sua residência ou mesmo em seu ambiente de trabalho possui mecanismos suficientes para dar continuidade aos seus estudos em suas horas livres. (STUMPF, 2010, p. 65)

As TDICs fazem parte do cotidiano de uma parcela alta da população mundial, possibilitando a conexão entre pessoas de diferentes lugares do planeta, independentemente de sua localização física. Entretanto é perceptível que as faixas etárias mais afetadas por essa nova realidade são as que abrangem as crianças, adolescentes e jovens adultos, pois estes são os que nasceram em um momento onde o movimento da cibercultura já estava sendo embutido dentro da sociedade.

Como já definido anteriormente, para Pierre Lévy (1999), a cibercultura é caracterizada pela introdução de tecnologias digitais dentro do cotidiano da sociedade, fazendo com que os indivíduos se adaptem a elas e as insiram dentro de seus costumes. Sendo assim, é importante que o professor se mantenha atualizado sobre as novas TDICs que surgem no mercado e fazem parte da sociedade atual e conseqüentemente da vida de seus alunos procurando sempre desenvolver metodologias para a aplicação dos conteúdos programados.

De acordo com Vasconcelos Júnior,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A Ciberultura passa a exigir o uso da internet na formação escolar e universitária, em consequência a formação dos professores para a docência precisa contemplar a Ciberultura. É imprescindível um aprendizado prévio do professor para que este possa cumprir sua função de educar o aluno para a inclusão na Ciberultura. (VASCONCELOS JÚNIOR, 2017, P. s/p)

Desse modo, é importante que o profissional da educação agregue as TDICs dentro das salas de aula, pois como é uma realidade vivenciada pela grande maioria da comunidade escolar, torna-se interessante usá-la como uma ferramenta durante o processo de ensino aprendizagem, tornando o dinâmico e prazeroso.

Dentro do ensino de Geografia, as tecnologias digitais podem se tornar uma grande aliada durante todo o processo de formação dos alunos, facilitando a compreensão dos mesmos durante as abordagens geográficas.

Primeiramente é necessário que o professor de Geografia se organize e domine o material que ele deseja utilizar durante sua aula, para que não ocorram imprevistos no decorrer de sua aplicação, além de não tornar a aula vaga e sem propósito algum. Depois de definidos esses detalhes, é importante que o profissional escolha uma dinâmica interessante e que chame a atenção de sua turma. Logo mais serão apresentadas algumas maneiras de se introduzir as TDICs em sala de aula.

Bezerra (2014), exemplifica a introdução dessas tecnologias de maneira didática. Em um primeiro momento ela apresenta uma mescla entre as geotecnologias e os conteúdos que devem ser aplicados aos alunos: De acordo com a mesma, é interessante que durante a aplicação de conteúdos relacionados a Geografia Física, como por exemplo, temas relacionados a grandes formas geomorfológicas, vegetação e hidrografia, ou até mesmo temas de cunho Humanista, que modifiquem de maneira significativa as formas espaciais, o professor apresente imagens de satélites aos seus alunos, sendo uma maneira de incluir as tecnologias digitais geográficas na linguagem escolar dos estudantes.

Outro método que pode ser introduzido dentro dos conteúdos que possibilita maior dinamicidade às aulas de geografia, é a inserção do uso de outra geotecnologia, o GPS. Através do seu uso é possibilitado ao aluno criar certa identificação com a disciplina escolar. O professor quando mediar temas relacionados à localização geográfica, pode desenvolver atividades onde



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

os alunos criem rotas, calculem o tempo a ser percorrido até o seu destino, além de que, o professor pode solicitar aos mesmos que desenvolvam mapas com base nos pontos que o GPS apresentar a eles. Desse modo, o profissional possibilita que o estudante assimile os conteúdos com base na sua realidade.

Por fim, a internet torna-se uma grande aliada metodológica ao professor durante a preparação de atividades para serem desenvolvidas nas aulas, aumentando o leque de possibilidades a serem trabalhadas em sala. Nesta pesquisa serão apresentadas duas atividades que podem ser desenvolvidas pelos professores de Geografia: a aplicação de quiz on-line e a reprodução de materiais encontrados nas redes sociais.

Na atualidade, existem alguns sites que permitem que o professor crie jogos de perguntas e respostas baseados com o que está sendo trabalhado em sala de aula, dentre eles, está a plataforma Quizizz, onde o profissional de educação pode elaborar as perguntas e há um tempo limite para que cada uma seja respondida, ao final quando todos responderem é formado um ranking de acordo com o menor tempo que cada participante respondeu e com o maior número de respostas corretas.

O uso de materiais encontrados nas mais variadas redes sociais também é de extremo valor na busca pela dinamicidade em sala. A utilização de vídeos prontos buscados na plataforma do YouTube, é um caminho para tornar a aula menos expositiva e mais descontraída para os estudantes. Outra maneira de usar a internet a favor dos conteúdos aplicados em sala, é a elaboração de projetos onde o meio de divulgação dos resultados obtidos pelos alunos seja a criação de redes sociais, como por exemplo, uma página no Facebook ou no Instagram.

Depois dessa exposição de exemplos, fica clara a diferença que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) podem exercer sobre os métodos educacionais aplicados aos conteúdos levados para a sala de aula. É importante que ocorra a reflexão sobre como transformar os meios de aprendizagem, além de, buscar concretizar de acordo com a realidade vivenciada pelo profissional da educação, a transformação dos métodos de ensino.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Cibercultura, Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e Ensino Geográfico

Após toda essa abordagem feita nos tópicos anteriores a respeito da monotonia de ensino e a inclusão de novos métodos digitais durante a prática de ensino da Geografia como meio de diminuir a ocorrência de aulas maçantes e cansativas aos estudantes, além da compreensão a respeito de conceitos como cibercultura, é levantado o seguinte questionamento: “Será que os estudantes, um dos alvos mais afetados por essa nova onda cultural, sabem o significado do conceito de cibercultura e que os mesmos estão imersos por ela?”.

Dentro desse cenário, a disciplina de Geografia junto com o profissional que a leciona, exercem papel de direcionadores na compreensão do estudante sobre o período histórico em que este vivencia, abordando e exemplificando o conceito junto das TDICs.

Para que o aluno possa compreender o conceito de cibercultura e os desdobramentos que este traz, é necessário que ele saiba as mudanças significativas que ocorreram no mundo nas últimas décadas. O fenômeno da globalização alcançou todo o espaço planetário, sendo responsável pela formação de redes de conexão entre pessoas, países e continentes, além de, facilitar suas relações comerciais. Tudo acontece em tempo real, acarretando uma alta velocidade com que as informações são replicadas e espalhadas ao mundo, Bauman explica que, “o que quer que se mova a uma velocidade aproximada à do sinal eletrônico é praticamente livre de restrições relacionadas ao território de onde partiu, ao qual se restringe ou atravessa.” (BAUMAN, 1999, p. 63), ou seja, atualmente não há limites físicos para que ocorra a movimentação de informações.

É dentro desse cenário que a cibercultura é introduzida no cotidiano da sociedade contemporânea, tornando-se responsável também pela disseminação de informações através do uso de smartphones, notebooks e televisores.

Anteriormente já foi dito que, cibercultura é basicamente a cultura de imersão de novas tecnologias digitais dentro do cotidiano de cada indivíduo, sendo assim, os alunos podem levantar alguns questionamentos, como por exemplo: “As redes sociais se enquadram dentro desse conceito?”. Neste momento é necessário que o professor possua dentro seus



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conhecimentos que esta categoria se encaixa dentro de outro conceito muito parecido, o ciberespaço.

O ciberespaço e a cibercultura constituem parte integrante da sociedade contemporânea, cabendo às ciências sociais buscar a compreensão dessa nova forma de materialização do espaço capitalista. Marco Silva (2003), comenta sobre a necessidade dos professores perceberem as mudanças paradigmáticas ocasionadas pela informática: em relação à própria tecnologia – a tela do computador como um ambiente de “adentramento e manipulação, com janelas móveis e abertas a múltiplas conexões”, a utilização de uma nova forma de linguagem – hipertextual e icônica. E o computador conectado em rede, como um recurso comunitário, associativo, cooperativo. (BERGMANN, 2007, p. 6)

De acordo com o pesquisador Pierre Lévy, o ciberespaço é caracterizado por ser

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.” (LÉVY, 1999. p. 17)

Ou seja, é por meio deste ambiente virtual que ocorre o transporte das informações de maneira ultra rápida por todas as partes do mundo, tendo como uma de suas infraestruturas, a rede mundial que interliga os computadores e outros aparelhos eletrônicos, a internet. E é dentro do ciberespaço que encontramos as redes sociais, responsáveis por replicar as informações ocorrentes para uma gama muito grande de indivíduos em um curto espaço de tempo. Bergmann (2007, p. 4) complementa afirmando que,

O ciberespaço é visto como uma dimensão da sociedade em rede, onde os fluxos definem novas formas de relações sociais. A Internet é associada atualmente a rede telemática mundial, embora não esgote, nem represente todo o ciberespaço. As relações sociais no ciberespaço, apesar de virtuais, tendem a repercutir ou a se concretizar no mundo real. Marcam, portanto, um novo tipo de sociedade. O indivíduo rompe com alguns princípios tidos como regras sociais, alterando alguns valores e crenças, sem que isso seja uma determinação da sociabilidade existente no mundo.

Porém há divergências existentes no domínio das redes sociais que devem ser trabalhadas com os alunos, dentro desse ambiente há a denominada “bolha de informações”, que são alimentadas por algoritmos que apresentam no perfil do usuário apenas conteúdos que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

este já demonstra interesse. Por isso é necessário que o professor oriente o aluno a sempre averiguar as informações expostas dentro das diferentes redes em fontes confiáveis de informações, alertando-o sobre a atual onda que contaminou a internet, as fake news, responsáveis por disseminar informações falsas e desinformar um parcela muito alta da população.

Por fim, o ensino de Geografia possui papel de extrema importância para a compreensão dos conceitos trabalhados durante a pesquisa (cibercultura e ciberespaço), por meio das tecnologias digitais é possível introduzir tais concepções. Para isso é necessário que o professor desta disciplina domine tais conceitos, além de que, saiba a maneira certa de dialogar e apresentar o conteúdo aos seus alunos. É importante que no momento em que for exposto aos alunos o método que irá ser explorado as TDICs e as atividades que serão desenvolvidas, o professor de Geografia precisa situar esses estudantes sobre onde essas se encaixam e trabalhar os conceitos definidos e explorados durante esse artigo, desse modo o aluno se sentirá parte das transformações significativas ocorrentes no mundo e que reflete a sociedade em que vive.

Considerações Finais

Temos em mente que o mundo está em constante transformação e que as TDICs vieram para ficar, aperfeiçoar e facilitar cada vez mais o modelo de aula a ser lecionado pelos professores. Mas os profissionais da educação devem ter em mente que para se obter o nível mais alto de aproveitamento de suas aulas, deve haver o equilíbrio tanto com o quadro negro e giz, como com tablets, televisores e afins.

Como já falado anteriormente e agora para dar mais ênfase ao final deste artigo, o professor deve acompanhar igualmente essa constante evolução que as TDICs proporcionam no ambiente escolar para poder ter o seu devido domínio, podendo assim, atrair a atenção do aluno, deixando sua aula mais prazerosa e o estimulando a participar mais, tendo em vista que cibercultura já está enraizada nos jovens.

O profissional da educação precisa ter a sensibilidade de acompanhar o desempenho individual dos seus alunos pois sabemos que a globalização chega em determinados níveis para cada um deles, devido a diferentes questões econômicas e sociais. Entender a condição de cada



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aluno e sua realidade é vital para um aprendizado mais igualitário uma vez que o professor pode traçar um rumo para conduzir sua aula de acordo com as necessidades de cada um.

É sabido que colocar tudo isso em prática é uma tarefa um tanto quanto complicada, a realidade dos estados e municípios no que diz respeito a fornecer condições para que as TDICs sejam utilizadas de forma minimamente eficazes são preocupantes. Muitas vezes o professor quer fazer uma exposição um pouco diferente de sua aula, mas acaba tendo que trabalhar com os métodos convencionais por não haver uma infraestrutura que permita a aplicação de novas metodologias. Além disso, outro fator que pode tornar a tarefa do professor ainda mais difícil é o planejamento curricular já pré-determinado pela escola, limitando a autonomia do professor.

Inúmeros são os desafios, mas cabe ao professor com o que tem em mãos proporcionar a melhor inclusão e se doar para obter de seus alunos os melhores níveis de aprendizagem.

Referências

ARAÚJO, Patrícia Gomes de. **A importância da geografia no cotidiano escolar**: Um estudo de caso, o movimento pendular dos alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira-PB. Guarabira, UEPB, 2010.

BARBOSA, Maria Edivani Silva. A geografia na escola: espaço, tempo e possibilidades. In: **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. xx, jan./jun. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGMANN, Helenice M. B. Ciberespaço e Cibercultura: novos cenários para a sociedade, a escola e o ensino de geografia. In: **Revista Iberoamericana de Educación**. Nº 43/7 - 10 de setembro de 2007.

BEZERRA, Maria do Socorro. **O uso das tecnologias digitais como recurso no ensino de geografia** (manuscrito). Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 1999.

PETRUCI, R.; SOUZA, R. C. M. A geografia escolar brasileira: uma revisão necessária. In: **Caminhos de Geografia**. Uberlândia-MG, v. 20, n. 71. Setembro/2019. p.72-84

SILVA, Eliane Souza da; PINHEIRO, Antônio Carlos; SILVEIRA, Thyago de Almeida. Uso de geotecnologias como recurso didático no ensino de Geografia. In: **Anais do VII CBG**, 2014.

SOARES, Simária de Jesus; BUENO, Flaviane de Fátima Lima; CALEGARI, Laura Maria; LACERDA, Marcelo Miranda; DIAS, Renata Flávia Nobre Canela. **O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem**. Montes Claros – MG – Maio/20

STUMPF, Priscila Voigt. Os efeitos da Cibercultura na educação. In: **Revista de Educação**, V.13, nº 15, ano 2010.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

VASCONCELOS JÚNIOR, Ivan de Freitas. **Reflexões sobre cibercultura e educação.** UNICRUZ, XXII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão, 2017.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A ABORDAGEM DO CONCEITO DE PAISAGEM NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA

Christian Henrique da Silva⁴²

Resumo

Para a elaboração de tal texto foi efetuado um levantamento bibliográfico, revisão literária sobre o conceito paisagem, em especial na corrente epistemológica da geografia tradicional, física analítica e crítica, também escolheu-se dois livros didáticos de anos escolares diferentes com a finalidade de averiguar seus contraste e correntes epistemológicas que foram utilizadas para a abordagem do conceito de paisagem, e através da mesma transpareceu-se um maior acolhimento do conceito na vertente crítica.

Palavras-chaves: Conceito; Paisagem; Livros didáticos; Análise.

Introdução

A ciência geográfica possui diversas vertentes que interpretam os conceitos de formas diferentes, como os conceitos de paisagem, região, território entre outros, isto ocorre, pois, a ciência geográfica se modificou com o tempo e conseqüentemente surgiram novas escolas e vieses incorporados pela Geografia ao longo de sua história, que propiciou a mutação e adaptação dos conceitos nela existentes. Cada vertente se foca em elementos específicos para interpretar e descrever e estudar o espaço geográfico, a Geografia Física se concentra nas características naturais do espaço, a Geografia Quantitativa nas características que podem ser quantificadas e catalogadas e a Geografia Crítica/Marxista nas características sociais e as relações de poder existentes na sociedade.

A geografia não pode ser vista e interpretada apenas como uma ciência exata mesmo possuindo temáticas físicas que em diversas situação ocorrem independente das ações humanas, no período histórico em que vivemos onde talvez não exista um único local que já não seja conhecido por nós seres humanos, é necessário consideramos que todas as ações humanas tem conseqüências em âmbitos sociais e ambientais, assim sendo devemos estudar não somente as vertentes ambientais da geografia, mas também as vertentes sociais, que possuem seu peso nas transformações do espaço geográfico.

⁴² Estudante do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL
(christian.henrique@uel.br)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O estudo das múltiplas visões da geografia deve ser feito desde nos anos iniciais do ensino básico, pois a pluralidade de realidades e visões de mundo afetam no desenvolvimento pessoal, intelectual e crítico dos indivíduos, e consequentemente começam a produzir uma maior reflexão sobre suas próprias ações e da realidade em que vive, visto que o principal agente transformador de sua realidade é próprio sujeito.

Quando falamos de ensino básico na realidade em que vivemos atualmente com as normas e as mudanças no ensino fundamental e médio para atender as expectativas de desenvolvimento do nível educacional nacional, que deseja e anseia por um salto quântico até um resultado semelhante das nações que começaram a investir em educação com uma maior antecedência (em relação ao mundo globalizado), a principal ferramenta para ensinar (até porque ela custa milhões aos cofres públicos) são os livros didáticos, entretanto tais ferramentas não conseguem e nem poderiam por questões de quantidade de recursos realocados abrangerem todas as diversas visões dos mais variados conceitos da ciência geográfica, sendo assim geralmente uma destas visões é escolhida para ser contextualizada nos livros didáticos, porém qual delas é a mais utilizada? Uma visão que considera as relações entre sociedade e natureza? Ou uma que possui uma visão analítica do espaço geográfico? Assim sendo o presente artigo tem como objetivo analisar como o conceito de paisagem é trabalhado nos livros didáticos do ensino básico.

Como procedimento metodológico foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema de paisagem, seguido da escolha e análise de dois livros didáticos, um do sexto ano denominado de “Araribá mais geografia 6º ano”, tendo como autor da coleção Cesar Brumini Dellore, primeira edição organizado, desenvolvido e produzido pela Editora Moderna no ano de 2018, e um livro do Ensino Médio com o título de “Geografia” do ano de 2007, sendo ele constituído de textos de vários autores e elaborado pela Secretaria de Estado da Educação, o livro explicita uma série específica indicada, suponha-se assim que seja um volume único, que possa-se ser trabalhado em todos os anos do Ensino médio. No livro indicado para o sexto ano foi analisado apenas o capítulo 1, onde se é trabalho o conceito de paisagem, enquanto no livro destinado ao ensino médio foram analisados os capítulos 1 e capítulo 5, onde são feitas menções ao conceito de paisagem, porém ele só será trabalho no capítulo 5. Foram escolhidos tais livros com o intuito de se notar a diferenças de como o conceito de paisagem é trabalhado no primeiro ano em que deve ser abordado segundo o Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Orientações (PARANA, 2018), e como o conceito é abordado nos anos finais da educação básica.

Diferentes Visões Sobre o Conceito de Paisagem

O conceito de paisagem ao longo da história da ciência geográfica sofreu mudanças e aprimoramentos com a evolução epistemológica da geografia e a virada espacial, conceito este que por muitos autores é denominado de região e em algumas situações até desprovido de importância por ser um conceito que em certos períodos da evolução da geografia era utilizado com um caráter muito ambíguo e de forma incorreta.

Segundo Cavalcanti (1998) paisagem na geografia pode ser classificada tanto como física ou natural, o enfoque que se fará, irá depender do fenômeno a ser estudado, da corrente epistemológica escolhida e o método de análise escolhido, o que torna necessário o conhecimento de diferentes correntes epistemológicas e interpretações do conceito de paisagem, para se ter a possibilidade de entender e estudar uma fração do espaço geográfico que se apresenta diante nós, sendo de extrema importância fazer-se a correlação correta entre vertente epistemológica e método utilizado.

Paisagem antes mesmo de ser considerada conceito já era uma noção presente na realidade do ser humano, concebida através da observação do meio, estava presente nas artes que representavam um fragmento do espaço onde as culturas e sociedades que antecederam o renascimento e o início da academia com um pensamento científico de acordo com Maximiano (2004), as pinturas rupestres e as pinturas de artistas como Sesshū Tōyō, retratavam as características de um determinado espaço em um dado momento.

Paisagem na Geografia Clássica

Na geografia clássica Humboldt foi um dos principais geógrafos que discutiram o conceito de paisagem, sendo um dos pioneiros na ciência geográfica na academia, esse autor pensava paisagem como a junção de uma perspectiva estética e fisionômica, conforme Silveira e Vitte (2009).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Na perspectiva estética de paisagem de Humboldt formulada com base nas teorias de Goethe, paisagem seria a relação do invisível e o empírico, ela é a representação do conjunto de formas que se apresentam em uma determinada região, sendo ela a confluência entre todas as formas enquanto um modelo ideal, tida por Humboldt como unidade inalcançável, pois é a representação em imagem do infinito no finito, é a convergência do particular e do todo, feita pela interpretação do real pelo particular, e invisível porque para sua constituição é necessário itens que não se apresentam nela dentro do campo do visível pois existe a confluência e a relação com os elementos universais. Enquanto na perspectiva fisionômica paisagem nada mais é do que a forma unificadora de uma natureza compreendida em uma totalidade, sendo ela uma fisionomia do espaço terrestre de forma que relacione os saberes e características biológicas de uma determinada região, a relação aos seres humanos e o meio e as construções materiais feita por eles na natureza, teoria que dará suporte para o Determinismo e o Possibilismo nos séculos XIX e XX (SILVEIRA e VITTE, 2009).

As concepções de paisagem de Humboldt, tanto estética como fisionômica tiveram grandes repercussões na academia europeia e estadunidense, sendo elas trabalhadas e reformuladas nas escolas de pensamento, porém nota-se que o enfoque principal da geografia da época estava na fisionomia do espaço e nas características biológicas, as escolas alemães, francesas, soviéticas e estadunidenses por um grande período darão mais atenção à apenas as questões naturais relacionadas a paisagem, à vista disso conceitos como *landschaft* na escola alemã e complexo natural territorial (CNT) na União Soviética (MAXIMIANO, 2004), as teorias de paisagem de Humboldt influenciaram, não somente o campo da geografia, mas também outras ciências que estudam o caráter biológico da superfície terrestre.

Notável é que as concepções teóricas de paisagem desde o início da ciência geográfica não se limitavam apenas ao campo da descrição e análise, mesmo sendo este o método mais utilizado e aceitado até a virada espacial e o abandono do positivismo, porém através das resoluções de Humboldt é possível ver que a paisagem está relacionada com o particular e o universal, que nossa percepção dela é apenas momentânea e fragmentada, pois ela está em constante transformação, fomentada por elementos não presentes nela mesma.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Paisagem na Geografia Física Analítica

Com a ascensão da Geografia Analítica ou Geografia Quantitativista, novas concepções de paisagem surgem e com elas novas teorias se agrupam nesta teia de conceitos de paisagem, na Nova Geografia Moderna o termo Geossistema foi introduzido por Sotchava na escola soviética e Bertrand na escola francesa segundo Silva (2008).

Bertrand considera por paisagem:

Uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND. 2004, p. 141).

Para definir as características de uma determinada paisagem Bertrand (2004) se utiliza do termo de ecossistemas, que se configura em escalas denominadas de Unidades de paisagem, sendo elas em uma escala decrescente Zona, Domínio, Região Natural, Geossistema, Geofáceis e Geótopos, tais unidades são subdivididas através de suas grandezas que consecutivamente possuem suas respectivas escalas de relevo, clima, biótico, biogeográfico e unidades trabalhadas pelo homem (BERTRAND, 2004). Nesta concepção de paisagem de as escalas superiores da teoria de Geossistemas será afetada majoritariamente por características e questões naturais de clima, bioma e domínios de relevo, e as escalas mais inferiores que se encontrara as influências antrópicas na paisagem.

Ainda segundo o autor escalas mais inferiores como Géofaces e Geotopos são onde se apresentam regiões da superfície terrestre fisionomicamente homogêneas, as paisagens dentro das teorias de Geossistemas estão interconectadas em uma malha multidimensional, que une grandeza, hierarquia e encadeamento entre as múltiplas paisagens. A mensuração e análise de fluxos de matérias e energia são o que classificarão determinadas grandezas através de suas dimensões em centenas ou dezenas de quilômetros (DIAS; SANTOS, 2007), com isto podemos notar que a definição de uma paisagens na concepção de Geossistemas e de fluxos de matérias e energias irá depender quase que exclusivamente da escala de grandeza que se escolhe como objeto de estudo, está teoria não abandona a concepção de que paisagem está vinculada com o particular e o universal, mas apenas a torna mais funcional através de uma sistematização, tornando-o um conceito mais preciso.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Podemos notar que nas teorias geográficas analíticas existe um enfoque grande nas características fisionômicas e naturais do espaço, porém a geografia não se constitui apenas das vertentes físicas e quantitativas, com o desenvolvimento epistemológico e a ruptura com o positivismo novas escolas de pensamento surgiram na geográfica, como a escola marxista e humanista, que se atem mais a questões culturais e humanas na formação do espaço, utilizando-se de reflexões e pensamentos críticos para analisar e compreender o espaço geográfico, tais correntes ganharam força após a virada espacial, que ocorreu em meados da década de 70, a partir do momento que o pensamento crítico social passou a dar importância não somente para o tempo mas também para o espaço, a geografia crítica que teve sua formação na década de 60 (1960), terá como maior foco as relações de poder e de desigualdades que transformam o espaço geográfico e maneira em que nós seres humanos interagimos com o meio.

Paisagem na Geografia Crítica

Na geografia crítica Milton Santos, apresentou um novo conceito de paisagem, por meio do uso do materialismo histórico-dialético, relacionando, modos de produção, espaço e tempo.

Segundo Santos paisagem se define como:

Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimento, odores, sons etc. (SANTOS. 2008, p. 88-89).

A dimensão da paisagem está na dimensão da percepção que alcança os sentidos, a paisagem tornar-se-á diferente para cada um pois sua formulação em nossos aparelhos cognitivos será diferente, pois a seleção de elementos que a formara é específica de cada indivíduo, a educação também afeta nesta formulação seja ela formal ou informal. Está diversidade de paisagem em uma única paisagem acontece porque a percepção é única e cada pessoa observa a realidade (que é apenas uma) de uma determinada maneira, mas sempre deformada (SANTOS, 2008).

Santos (2008) alega que em no presente período histórico é existe apenas a paisagem artificial. A paisagem artificial é aquela que foi transformada pelos seres humanos através de forças produtivas materiais e imateriais, em sua concepção de paisagem Santos (2008) afirma



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que a paisagem natural é quase inexistente nos tempos modernos pois mesmo os espaços que não foram transformados pelos seres humanos estão sobrecarregados de intenções, e está intenções econômicas ou políticas, se constituem como transformações imateriais, desta forma as paisagens acabam se constituindo de formas heterogêneas entre elementos artificiais e naturais, denota-se a transformação de paisagem natural para a artificial através de instrumentos de trabalhos fixos ou moveis que se apresentam na paisagem, instrumentos estes que são a marca da sucessão histórica dos modos de produção que atravessam o desenvolvimento da sociedade.

Os instrumentos de trabalhos e a sucessão de modos de produção mostram que a paisagem não se constrói da noite para o dia, mas sim ao longo do tempo, pela sucessão de modos de produção que criam objetos para servir a sua lógica de produção, cada modo de produção tem sua lógica e quando se migra de uma modo de produção para o outro os instrumentos de trabalho não somem, mas acabam fazendo parte da paisagem, então é possível notar uma sobreposição de camadas de logicas de produções através dos objetos deixados na paisagem, pois muitas vezes já não servem mais para a lógica do momento de acordo com Santos (2008). “Assim, a paisagem é uma herança de muitos momentos, já passados...” (SANTOS, 2008, p.73). Consequentemente a paisagem não é perpetua, mas sim em constante mudança. Porém é necessário ressaltar que sua formação não é apenas pela técnica, mas também pelos fatores políticos e econômicos, fatores que afetam diretamente nas técnicas utilizadas.

Conforme Santos (2008) as mutações na paisagem podem ser tanto funcionais como estruturais, tais mutações tornam as paisagens extremamente mutantes, estando em constante transformação a todo momento do dia. Mutações funcionais se constituem através do ritmo de um mesmo subespaço em uma determinada sociedade, as formas continuam as mesmas, mas o ritmo dará uma aparência diferente para a mesma localidade. A estrutural é a mudança de formas de um determinado lugar, podendo ser tanto a construção de novas formas como também a adequação de formas antigas a novas funções exigidas pela nova lógica de produção. As formas de tempos passados sofrem o denominado “envelhecimento das formas”, fenômeno que se constitui pela inadequação das formas a lógica atual, em muitos casos em decorrência do desgaste dos materiais, ocorre também o fenômeno de envelhecimento social, que é quando ocorre o desuso ou a desvalorização das formas pela sociedade, que opta pelas novas formas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

deixando as antigas em esquecimento, entretanto tais formas podem sofrer com a ressignificação e voltarem a terem utilidades para a sociedade do momento (SANTOS, 2008).

Paisagem e espaço formam um par dialético pois: “O trabalho morto seria a paisagem. O espaço seria o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e o do trabalho vivo (o contexto social)” (SANTOS, 2008, p. 79), a paisagem é a materialização de um instante, sendo ela a materialidade formada por objetos materiais e não-materiais, onde a vida é dada pelas relações sociais no espaço, e todos os indivíduos são produtores deste movimento.

As concepções de paisagem apresentadas possuem uma certa complexidade, a teoria de Humboldt que abarca tanto questões sobre a singularidade na percepção de paisagem como questões mais analíticas sobre a fisionomia do espaço, e as influências antrópicas nele. Já teoria de Geossistemas de Bertrand (2004) tem como principal foco as questões que se situam-se no âmbito naturalista, pois as escalas de grandeza maior têm maior impacto na produção da paisagem. Santos (2008) em contrapartida terá o enfoque nos modos de produção e nas relações de poder no debate do conceito de paisagem que é o mais aceito na geografia crítica, tais elementos que irão dar forma e significado a paisagem, que em sua teoria é tida como algo singular, semelhante a concepção de paisagem estética de Humboldt.

Análise dos livros didáticos: discussão sobre o conceito de paisagem

Os livros escolhidos para análise foram “Geografia”, do ano de 2007 elaborado pela Secretaria de Estado da Educação, destinado ao ensino médio sem série específica indicada, e o livro “Projeto Araribá mais geografia” do sexto ano, primeira edição organizado e produzido pela Editora Moderna no ano de 2018.

O estudo do conceito de paisagem no estado do Paraná de acordo com o Referencial Curricular do Paraná: Princípios, Direitos e Orientações (PARANA, 2018) o conceito de paisagem na geografia deve ser trabalho com os alunos no sexto ano do ensino fundamental, dentro da unidade temática formas de representação e pensamento espacial que tem como objetivo de aprendizagem: “Compreender os conceitos geográficos: lugar, paisagem, região, território, sociedade, rede e escala geográfica de acordo com os conteúdos a serem abordados ao longo do ano letivo” (PARANA. 2018, p. 436).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Suponha-se que por denominar a unidade temática de “formas de representação e pensamento espacial” a uma tendência valorização da inteligência espacial que está intrinsicamente conectada ao mundo concreto, ao mundo dos objetos e formas e sua disposição no espaço, na criação referenciais imaginários, e o desenvolvimento da memória visual (TAVARES; OLIVEIRA; ALMEIDA, 2017).

Os livros didáticos devem servir como ferramenta de auxílio para o estudo e compreensão dos conceitos geográficos. No livro didático 1 denominado de Geografia, tal livro irá trabalhar o conceito de paisagem no capítulo 5 denominado de “Você produz ou consome o espaço?”, entretanto o livro em seu início mais precisamente na página 26 do capítulo “O Brasil podia ser diferente?” já trabalha com algumas concepções do conceito de paisagem em trechos como este:

No final do século XIX e início do século XX, aconteceram muitos fatos que provocaram a mudança em nossa paisagem. Podemos citar o fim da escravidão; a ampliação do trabalho assalariado; a chegada de grande quantidade de estrangeiros (imigrantes); a mudança na forma de governo do Brasil (monarquia para república); a expansão da economia cafeeira no Sudeste; novas condições de transportes e comunicações, como as estradas de ferro, o telégrafo e o cabo submarino. Estas mudanças desdobraram-se em outras, e em conjunto criavam novos contextos, com reflexos até os dias atuais. (ZAMBONE. 2007, p. 27).

Fica perceptível a corrente geográfica que os autores do livro escolheram para trabalhar com o conceito de paisagem, notável é a influência da geografia crítica neste parágrafo, colocando que política, cultura e economia são agentes formadores e transformadores de paisagem, mostrando-se que a paisagem é um palimpsesto, ou seja, em constante mutação.

No capítulo 5 (cinco) “Você produz ou consome o espaço?” é onde será trabalhado o conceito de paisagem junto com o de transformação do espaço geográfico, no subtítulo “A forma e a função das paisagens”, fica-se extremamente claro a corrente da geografia crítica, e o conceito e concepções sobre paisagem de Santos (2008), é trabalhado a maneira em que os modos de produção formam a paisagem e transformam a paisagem natural, é explicitado que as formas na paisagem são heranças de diferentes tempo, e que suas funções se alteram com a lógica do modo de produção atual, também é esclarecido sobre o processo de ressignificação de formas antigas e como a dinâmica espacial transforma a paisagem, assim como está neste trecho:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Um espaço pode apresentar formas de diferentes tempos históricos, e estas formas podem mudar de função ao longo do tempo, ou seja, as características arquitetônicas (prédios, casas) e as funções que as pessoas dão a estas construções (moradia, comércio, prestação de serviços etc.) mudam de acordo com o tempo histórico, atendendo aos interesses sociais, políticos, econômicos e culturais em que estão inseridos. Assim, a produção espacial é intencional e dinâmica, podendo mudar em diferentes ritmos. Como exemplo podemos citar o Shopping Estação, em Curitiba. Sua construção original abrigava a estação ferroviária da cidade, inaugurada em 1885 e desativada em 1970. Recentemente teve sua estrutura e forma readaptadas, passando a ter novas funções: abriga centro de convenções, teatro, museu e o shopping. Assim, a configuração espacial foi produzida pela sociedade que ali vive, tornando-a mais adequada para suas necessidades (GARCIA. 2007, p. 86).

Também é evidenciado que a paisagem é um fragmento de um todo, e que ela é um instante de um momento da história, além de exemplos históricos na transformação da paisagem, através de relações políticas como a Proclamação da República ou visitas de personificações em locais da cidade onde posteriormente foram estabelecidas praças, o livro constantemente faz indagações sobre o que pode ter sido alterado no espaço, assim como podemos ver nesse parágrafo: “A Paisagem é estática, é parte de um todo e é o registro de um momento histórico. É como uma foto. Observe em fotos antigas como era o espaço de sua cidade. O que foi transformado na paisagem?” (GARCIA. 2007, p. 86). Além disso são colocadas questões sobre a mudança das funções assim como está: “Você conhece a história das praças da sua cidade? Estes espaços já foram reorganizados, tendo sua estrutura transformada para atender a novas funções? Faça um levantamento, não se esquecendo de entrevistar antigos e novos moradores.” (GARCIA. 2007, p. 86). Não se tem uma lista de atividades, mas sim pequenas propostas no final de cada subtítulo presente no capítulo.

Este Livro didático trabalha paisagem em moldes de uma geografia crítica utilizando do conceito estabelecido por Santos (2008), lidam com ela de forma crítica indagando os leitores quase a todo tempo sobre as transformações em uma escala local e nacional, entretanto em nenhum momento elucida que cada indivíduo fará uma interpretação diferente da paisagem, motivada pelos nossos aparelhos cognitivos e pela educação formal ou informal (SANTOS, 2008). Contudo as elucidações sobre paisagem feitas no livro são bem elaboradas, possuem citações de Santos (propositor do conceito na geografia crítica), e incentiva a todo momento a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

reflexão crítica, entretanto o foco principal não é na paisagem em si, mas sim o espaço geográfico que dará movimento a ela.

O livro didático número 2 elaborado pela Editora Moderna, denominado de “Araribá Mais Geografia 6º ano”, o conceito de paisagem é trabalhado com os estudantes no capítulo 1 (um) “Paisagem, espaço e Lugar”, no início do capítulo é explicado que a concepção de paisagem na ciência geográfica é diferente da concepção do senso comum, desmistificando a ideia de que paisagem é apenas como aquilo que é denotado como bonito. Faz-se a distinção entre formas natural e formas culturais presentes na paisagem, na descrição de elementos culturais já se deixa bem explícito a corrente epistemológica que o livro seguira, o trecho:

A paisagem apresenta, também, elementos invisíveis, que podem ser percebidos pelo observador, como o barulho dos automóveis, o canto dos pássaros, os odores da poluição, a relação entre as pessoas etc. (BRUMINI. 2018, p. 12).

Através deste trecho tornasse perceptível a corrente crítica da geografia e o conceito de paisagem de Milton Santos na constituição teórica do capítulo, na caixa de diálogo no final da página 12 e 13 capítulo 1, se torna ainda mais claro, até mesmo inegável está concepção, pois é onde será elucidado que as paisagens são a sucessão de tempos históricos, e que cada ser humano terá uma visão diferente da paisagem gerada por nossa cognição e conhecimentos.

Na página 13 e 14 é explicitado os elementos constituintes da paisagem, afirma-se que as paisagens naturais ainda existem, porém sofrem um certo grau de interferência humana, o ponto principal que é preciso elucidar é que, há uma discussão sobre as paisagens naturais diferente do outro livro onde não se atribui nem mesmo um parágrafo inteiro para discorrer sobre paisagem natural. Entretanto a forma em que é discorrido sobre paisagem natural, subentende-se que ela é algo ainda existente, podendo-se considerar como paisagem natural as áreas de conservação com pouca interferência humana, o que é uma forma errônea de se colocar, segundo Santos (2008) o fato de se ter interesses de preservação daquela localidade já a torna artificial, pois estas intenções se constituem como transformações imateriais. Na mesma página é comentado sobre a paisagem natural, é interessante que é enfatizado a importância de se entender a paisagem humanizada para compreender o mundo e o lugar onde vivemos.

O livro instiga a reflexão dos alunos trazendo atividades complementares para eles observarem algumas imagens e analisarem o que poderia ser um elemento natural ou um elemento humanizado na composição da paisagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É abordado também que não é apenas o ser humano que causa transformações na paisagem, no subtítulo “As transformações da paisagem” encontrado na página 15, é elucidado que as paisagens são dinâmicas e estão em constante transformação seja por nós seres humanos ou pela natureza, porém uma parte muito importante que é destacado através de exemplos, é que as transformações ocasionadas pela natureza podem ser lentas ou rápidas, e as transformações feitas pela humanidade ocorrem com o desenvolvimento tecnológica e instituição ou remoção de objetos na paisagem.

É trabalhado também os impactos das intervenções humanas na paisagem, neste ponto encontrado na página 16, se explica os impactos no solo e no bioma com a retirada de vegetação de uma determinada localidade, também ocorre de certa forma uma crítica a agricultura, ressaltando os impactos negativos de uma agricultura (latifundiária de acordo com as características de impactos apresentados) em grandes áreas, como o desmatamento, a poluição de lenções freáticos e de rios por agrotóxicos, existe conjuntamente uma crítica à poluição feita pelas empresas privadas, através do descarte incorreto de lixo e resíduos industriais.

O conteúdo sobre paisagem do livro “Araribá Mais Geografia 6º ano” segue a vertente da geografia crítica sobre a paisagem, em diversos momentos trazendo reflexões e ideias de Milton Santos criador do conceito, porém em momento nem um abandonou o caráter físico da paisagem, o que é importante pois a geografia também trabalha com as questões naturais. Entretanto não se discute também a geografia crítica de maneira profunda, nota-se uma carência quanto a questão teórica, os conceitos de mutações funcionais e estruturais não estão presentes nele, ou até mesmo ressignificação das formas, e se não for trabalhado estes conceitos a compreensão de paisagem acaba se tornando puramente superficial, , mas, sabe-se que é importante que o professor que discuta o conteúdo em sala de aula, tenha uma boa formação e domínio conceitual adequado para ampliar as concepções sobre o conceito de paisagem, inclusive para o ensino médio, onde é possível se aprofundar mais e trazer debates mais abstratos e complexos.

Considerações Finais

A Geografia é uma ciência que trabalha tanto com a sociedade como com a natureza e todas as implicações derivadas desses dois conceitos, e quando o assunto é a forma da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

abordagem dos conceitos, diferentes vertentes epistemológicas de diferentes tempos históricos, as vezes terão concepções semelhantes ou até mesmo diferentes, como por exemplo o próprio conceito de paisagem que segundo Silveira e Vitte (2009) foi primeiramente trabalhado por Humboldt na academia ocidental, durante o século XIX o conceito do autor se subdividiu em dois uma perspectiva de paisagem estética, que de certa forma se assemelha a algumas concepções de paisagem na geografia crítica, e a perspectiva de paisagem fisionômica da natureza que é semelhante e da embasamento a concepções de paisagem na geografia mais analítica e natural, de tal sorte que as duas concepções de paisagem formuladas no início da sistematização da ciência geográfica foram divididas por vertentes diferentes que as tornaram mais complexas e detalhadas, com maiores complexidades e ideias interligadas que as transformaram em teorias aceitadas e reproduzidas por seus pares. Mas, como trabalhar com esta amplitude de concepções de um mesmo conceito?

O conceito de paisagem no livro 1 é trabalhado junto com o conceito de espaço o que é interessante pois segundo Santos (2008) os dois conceitos formam um par dialético, sendo que o espaço oferece movimento a paisagem que é estática, mas já o segundo livro não, ele trabalha o conceito de paisagem separado de espaço, porém como já foi comentado anteriormente diserta sobre paisagem natural (que não existe) e os impactos da intervenção humana na natureza.

Nos livros didáticos analisados é perceptível que só se escolhe uma concepção para ser trabalhada de uma maneira mais detalhada com exemplos e atividades que instigam a reflexão, assim como no livro 1 “Geografia” para o ensino médio, que segue a vertente epistemológica da geografia crítica, pois o conceito de paisagem na geografia não é tão simples e quando se tenta trabalhar com as duas visões, tanto da geografia humana como da natural, acaba-se não se aprofundando em, e trabalhando os conceitos de uma maneira totalmente superficial, sem se utilizar-se das ideias e outros conceitos que estão ligados ao de paisagem, assim como aconteceu no livro 2 “Araribá Mais Geografia 6º ano”. Então quando se trabalhar com o conceito tanto em uma visão natural como em uma visão crítica é preciso uma atenção para que seja elucidado todos os detalhes que formam uma paisagem para as duas vertentes, pois mesmo seguindo uma concepção de educação piagetiana onde se deve aprofundar com concepções mais abstratas os conteúdos gradativamente pois leva-se em consideração os quatro estágios de aprendizado (sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório Lógico-Formal) de acordo com Argento (sd), os educandos no sexto ano ainda se encontram no período



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

operatório-concreto, por este motivo os conteúdos são trabalhados de maneira rasa, sem se fazer muitas abstrações, diferente do ensino médio onde eles já estão no operatório Lógico-Formal, e nesta idade supõe-se que consigam elaborar raciocínios hipotético-dedutivo sem grandes dificuldades, o que da liberdade para se trabalhar o conceito de maneira mais complexa.

Referência:

- ARGENTO, H. (sd). **Teoria sócio-construtivista ou sócio-histórica**. Disponível em < http://www.robertexto.com/archivo5/teoria_construtivista.htm >. Acesso em março de 2021.
- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global. Esboço Metodológico. Editora UFPR. **R. RA’E GA**, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.
- BRUMINI, D. C. Paisagem, espaço e Lugar. In: BRUMINI, D. C. **Araribá mais: Geografia**. Editora Moderna. 1.ed. São Paulo: Moderna. p. 12-18. 2018.
- CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e a construção de conceitos no ensino. In: CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, p. 87 – 136. 1998.
- DIAS, J; SANTOS, L. A paisagem e o geossistema como possibilidade de leitura da expressão do espaço sócio-ambiental rural. **Confins** [online], nº1. 2007. Posto online no dia 11 junho 2007, consultado o 9 dezembro 2020.
- GARCIA, M. R. Você produz ou consome espaço? In: PARANA. **Geografia: Ensino médio**. Curitiba: SEED-PR, p. 85-89. 2007.
- MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. Editora UFPR. **R. RA’E GA**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.
- PARANA. Geografia. In: PARANA. **Referencial Curricular do Governo do Paraná: educação infantil e componentes curriculares do ensino fundamental**. p. 413-446. 2018.
- SANTOS, M. Paisagem e Espaço. In: SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, P. 67-81. 2008.
- SILVA, M. L. da. Paisagem e Geossistema: contexto histórico e abordagem teórico-metodológica. **Geoambiente on-line**. Revista Eletrônica do Curso de Geografia do Campus Jataí – UFG. Jataí – GO, n. 11, p.163-185. jul/dez. 2008.
- SILVEIRA, R. W. D.; VITTE, A. C.; A paisagem de Humboldt: da instrumentalização do olhar a percepção do Cosmos., 04/2009, 12º **Encuentro de Geógrafos de América Latina - caminando en una América Latina en transformación**. Vol. 1, p.1-15, Montevideo, Uruguai, 2009



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA

**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

TAVARES, A. de F; OLIVEIRA, N. E. S. F. de; ALMEIDA, D. V. de. **Ensino de Geografia e o conceito de paisagem no processo de alfabetização de alunos/as da EJA.** 2017. Tese (Trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia). Curso de Pedagogia. Centro de Educação da Universidade de Pernambuco. p. 1-20. 2017.

ZAMBONE, G. O Brasil podia ser diferente? In: PARANA. **Geografia:** Ensino médio. Curitiba: SEED-PR, p. 19-35. 2007.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ABORDAGEM DA AGRICULTURA CAPITALISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Leonardo Ferranti Fragozo⁴³

Resumo

O objetivo do presente artigo é discutir como a agricultura capitalista é apresentada em dois livros didáticos. Para o processo de criação foram selecionados dois livros didáticos trabalhados no ensino médio, intitulado: “Geografia 2: Leituras e Interação, com selo de certificação PNLD(Programa Nacional do Livro Didático) tal livro didático foi confeccionado pelos autores, Aloisio Gottems Arno e Antonio Luis Arno em 2016, o segundo livro: “Geografia Ensino Médio 2ª Edição conta com também com os selos de autorização do PNLD e foi elaborado por André A. Alflen, Gisele Zambone, João C. Ruiz, Leda M. C. Moura, Marcia R. Garcia e Rosélia M. S. Loch em 2007, publicado pela SEED(Secretaria de Estado da Educação), em seguida foi efetuada uma leitura sobre os conteúdos presentes nos dois livros didáticos, envolvendo a agricultura capitalista e constatado que tais materiais selecionados apresentam uma visão reflexiva do tema, possibilitando o aluno adquirir uma criticidade sobre o papel da agricultura capitalista para a questão agrária brasileira. Espera-se que o estudante de posse destes conhecimentos, possa modificar o senso comum sobre o assunto e com isso informar de maneira correta mais pessoas com uma visão clara emancipadora.

Palavras-chave: Agricultura Capitalista 1; Problemas Socioeconômicos 2; Livros Didáticos 3.

Introdução.

Por meio dessa pesquisa, fica nítido a importância de se consultar e visualizar as duas faces de um mesmo cenário, para que as conclusões e informações transmitidas sejam equilibradas. Sabe-se que diariamente é apresentada a população brasileira uma realidade do campo com densidade de desenvolvimento, tecnologia e progresso, mas essa mesma atividade causa muitos danos e prejuízos socioambientais e também sociais. Por isso pesquisas que mostrem esse lado negativo, são fundamentais para que as informações sejam no mínimo equilibradas, pois mostrar apenas o lado “bom”, leva uma única visão do fenômeno.

Para a efetivação dessa análise, primeiramente fizemos uma busca bibliográfica sobre o tema da pesquisa, depois selecionou-se dois livros didáticos de ensino de geografia. Sendo o primeiro a coleção denominada de “Leituras e Interação” de Aloísio Goettems Arno e Antonio

⁴³ Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Leonardo.ferranti@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Luís Joia, publicado pela editora Leya em 2016, aprovado pelo PNLD para uso no ensino médio, nos quais analisou-se os capítulos 7 e 9.

O segundo livro tem como nome da coleção “Geografia Ensino Médio” de André Aparecido Alflen e seus colaboradores, publicado pela editora SEED-PR em 2007 para uso no ensino médio, nos quais analisou-se os capítulos 13 e 17.

Para maior clareza das ideias expostas o artigo foi dividido em duas seções: a primeira discuti a agricultura capitalista onde será apresentada uma discussão sobre tal modo de produção e como o mesmo se comporta no cenário nacional, problemas socioambientais e seus impactos, negativos seguido da segunda seção que apresenta uma análise dos livros didáticos com apontamentos significativos se os mesmos podem levar o estudante a refletir e problematizar sobre o modelo de agricultura capitalista e por último, para concluir apresenta-se as considerações finais e referências.

Muitas foram as dificuldades enfrentadas para a realização desta pesquisa, devido a objeção de se encontrar maneiras e explicações claras para mudar a visão conservadora que alguns estudantes apresentam por meio do senso comum, deixando claras e coerentes as “novas” informações adquiridas em sala de aula que irão somar na bagagem teórica e pessoal de cada estudante.

Agricultura Capitalista

Segundo Fontana et al (2016), Agricultura capitalista é caracterizada pelo forte uso de maquinários, insumos e tecnologias afim de minimizar o tempo gasto normalmente nas produções orgânicas, visando mercado interno e principalmente externo, transformando a agricultura em uma espécie de indústrias multinacionais e os produtores capitalistas em empresários do campo. Então fica entendido como agricultura capitalista esse modo de produção em larga escala, com produção espacial direcionada para o mercado exportador e de produção de commodities, como por exemplo: soja, milho, utilizando-se de muitas tecnologias para a produção agropecuária.

Há dois elementos fundamentais na agricultura que a difere da indústria para Bombardi, (2011), sendo primeiro o tempo da natureza; o tempo da natureza não permite ao capital uma



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

reprodução ampla na velocidade em que acontece na indústria, porque os alimentos têm um determinado tempo do seu ciclo de vida, o que impede que sejam produzidos na velocidade e produção que a indústria necessita, mesmo que se tente encurtar este ciclo via mudanças genéticas. O segundo apresenta as características do campesinato e sua relação com a natureza, sendo que:

O segundo elemento é o fato de termos – historicamente – o campesinato produzindo grande parte de nossos alimentos. Como o campesinato é uma classe social que tem uma ligação com a terra que vai além da questão econômica, ou seja, o camponês permanece na terra até o limite de sua sobrevivência, porque seu objetivo é viver e não o lucro, isto significa que a disputa do capital com este tipo de sujeito é difícil, porque a lógica do capital é a lógica do lucro – se não há lucro – não há produção capitalista. (TAVARES DOS SANTOS, 1978 OLIVEIRA, 1991, p. 2, apud BOMBARDI, 2011).

Através desse relato fica nítido que o camponês possui uma ligação afetiva com a terra e sua produção o que proporciona uma produção diferenciada pois o mesmo não visualiza apenas o lucro ao contrário do modo capitalista que visando o lucro produz em larga escala com intensivo uso de agrotóxicos que subtraem o tempo de desenvolvimento do alimento e degrada significativamente o solo por não respeitar o tempo de recomposição.

Para legitimarem esse modo de produção do tipo industrial, várias falácias e falsos dizeres são disseminados nos dias atuais, muitas notícias, propagandas e relatos sobre agricultura capitalista são transmitidas diariamente, para todos os tipos de públicos, sendo que essas informações emitidas se fazem entender que esse modo de produção desenfreado que não respeita o tempo do alimento e do solo onde é produzido, é mostrado como um dos principais meios de mover a economia nacional, e através dessas produções em monopólios de commodities, há progresso e desenvolvimento seja tecnológico ou econômico com esses discursos e imagens de maquinários e enormes plantações produzindo uma ideia de modernidade e avanços positivos para o país de elementos do futuro.

Na figura 1, podemos visualizar o principal slogan da agricultura capitalista onde esboça essa ideia de progresso e desenvolvimento envolvendo o agronegócio.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: G1, 2020.

A propaganda intensiva dos benefícios da agricultura capitalista cria na população a sensação de que pelo progresso que esse tipo de agricultura outros fatores e elementos não importam, e ir em frente por progresso e dinheiro é a única solução, sem mensurar as causas que esse tipo de ação e pensamento causam e impactam na vida de milhares de pessoas quicá de todas. Diversos elementos podem ser citados e destacados negativamente que decorrem dessa produção desenfreada, portanto para desmascarar esses dizeres midiáticos, a educação geográfica pode contribuir neste processo.

Carvalho (2014) relata que com a colaboração de políticas públicas destinadas ao campo, às mesmas beneficiaram aos interesses dos latifundiários, e consequentemente a concentração de terras. Tal cenário problemático da agricultura brasileira vem sendo agravado por um novo discurso de progresso e modernização do campo via agribusiness ou agronegócio.

O autor segue seu raciocínio expressando que: todos procuram de uma maneira ou outra, entender o processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção em sua etapa monopolista. A citada etapa, por sua vez, apresenta típicas configurações como a presença de grandes complexos industriais a integrar a produção agropecuária. Esse processo de industrialização do campo produz transformações nas relações de produção na agricultura e, consequentemente, redefine toda a estrutura socioeconômica e política no campo.

Essas drásticas mudanças sociais, socioeconômicas e políticas acontecidas no campo brasileiro acarretam em evidentes problemas de diversas vertentes, sejam sociais envolvendo os trabalhadores relacionados a tal prática, políticas envolvendo a relação do governo com os grandes latifundiários e econômicas associadas aos negócios e comércios realizados pelos produtores, nacional ou internacionalmente via exportação, já que o Brasil é o maior produtor



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

agrícola do mundo e um dos maiores em exportação, esses problemas causados pela agricultura capitalista serão exemplificados de forma mais detalhada no próximo tópico de discussão sobre os problemas causados pela mesma.

Portanto, podemos perceber a complexidade significativa encontrada no campo brasileiro, e notar o quão ditatorial e esmagador pode ser para os que vivem do campo, tendo que viver se equilibrando numa “linha tênue”, entre ser um pequeno produtor que trabalha para si, enfrentando muitas dificuldades para se manterem no mercado.

Problemas socioeconômicos causados pela agricultura capitalista

Nessa pesquisa, diversos fatores relacionados aos problemas causados direta ou indiretamente pelo modo de produção agrícola industrial vulgo agricultura capitalista podem e devem ser destacados, pois são maquiados e mascarados pela grande mídia e pelos diversos veículos de pesquisas e notícias por meio de patrocínios ou apoios financeiros, com isso são velados dados e informações como por exemplo falsificações de documentos que legitimam a posse ilegal de propriedades, e esse aumento da concentração fundiária vão além de apenas falsificação de documentos que comprovam a suposta posse, também promovem ações de expropriação dos povos tradicionais e destroem terras indígenas, quilombolas de camponeses e outros sujeitos do campo e conseqüentemente toda história e memória que as mesmas carregam com si, além de manterem em suas propriedades trabalho escravo ou muito precário, onde os trabalhadores tem cargos desumanas tendo que exercer suas determinadas funções sem os devidos equipamentos de proteções, correndo risco de saúde, na maioria das vezes não chegam a ganhar nem o mínimo que deveriam ganhar para tal função de carga horaria pesada e serviço braçal exercido. Além de sofrerem diversos tipos de violência como:

Para expressar a veracidade dos fatos acima: Enquanto a política do MST era de colocar a nu a terra improdutiva e a grilagem de terra pelos latifundiários, a resposta foi a violência policial ou a criminalização das lideranças. Foram os casos do Pontal do Paranapanema no estado de São Paulo, do massacre de Corumbiara em Rondônia e Eldorado do Carajás no Pará. (OLIVEIRA, 2007, p. 141).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outro fator negativo a ser destacado sobre a agricultura capitalista, são as dívidas milionárias, que fazem com o governo para compra de maquinários, equipamentos, insumos, sementes, adubos entre outros. Após a realização dessa dívida os latifundiários não efetivam o quitamento de seu débito com o governo e ainda pressiona os governos para perdoar essa dívida deixando um déficit econômico negativo muito significativo lesando o país. E essa mesma situação não ocorre para os pequenos produtores, que muitas vezes produzem de maneira mais saudável e agroecológica possuindo produtos mais baratos para a população, quando realizam esse empréstimo com valores bem abaixo das cifras emprestadas para os grandes latifundiários, os menores produtores, não encontram essa cena de debito perdoada, são obrigados a pagarem para não terem suas terras penhoradas, ou empecilhos para poderem seguirem comprando e produzindo.

Além destes citados acima, uma forma silenciosa e totalmente devastadora que ataca a saúde de todos trabalhadores e consumidores desses alimentos, são os chamados agrotóxicos, que são mascarados pela nomenclatura “defensores agrícolas”.

É possível observar no período de 1999 a 2009 tivemos, notificações do SINITOX (Sistema Nacional de Informações, Toxicológico-Farmacológicas- Ministério da Saúde/FIOCRUZ, 2011), aproximadamente 62 mil intoxicações por agrotóxicos, isso significa o equivalente a 5.600 intoxicações por ano e uma média de 15,5 intoxicações diárias ou uma a cada 90 minutos, apesar de assustadores estes dados estão distantes de entregar o real resultado de contaminações ocorridas no país.

Este agudo processo de subordinação da renda da terra, no Brasil, ao capital monopolista internacional, através da aquisição e aplicação de agrotóxicos, tem sido acompanhado por um problema gravíssimo de saúde pública. Tal problema diz respeito às intoxicações por agrotóxicos de uso agrícola que, conforme será apontado, atacam trabalhadores rurais brasileiros (BOMBARDI, 2011, p. 6-7).

Através desses relatos nos permite adquirir uma ideia inicial do quanto transmitida é essa contaminação pelos venenos usados nas produções capitalistas e esse cenário poderia ser agravado se os dados referentes a este tema fossem mais precisos e transparecessem todos que foram contaminados (BOMBARDI, 2011).

Nota-se na figura 2, que para uma parte dos estados brasileiros não apresentam dados disponíveis sobre intoxicações por agrotóxico, é o caso de Amapá, Roraima, Acre, Rondônia e

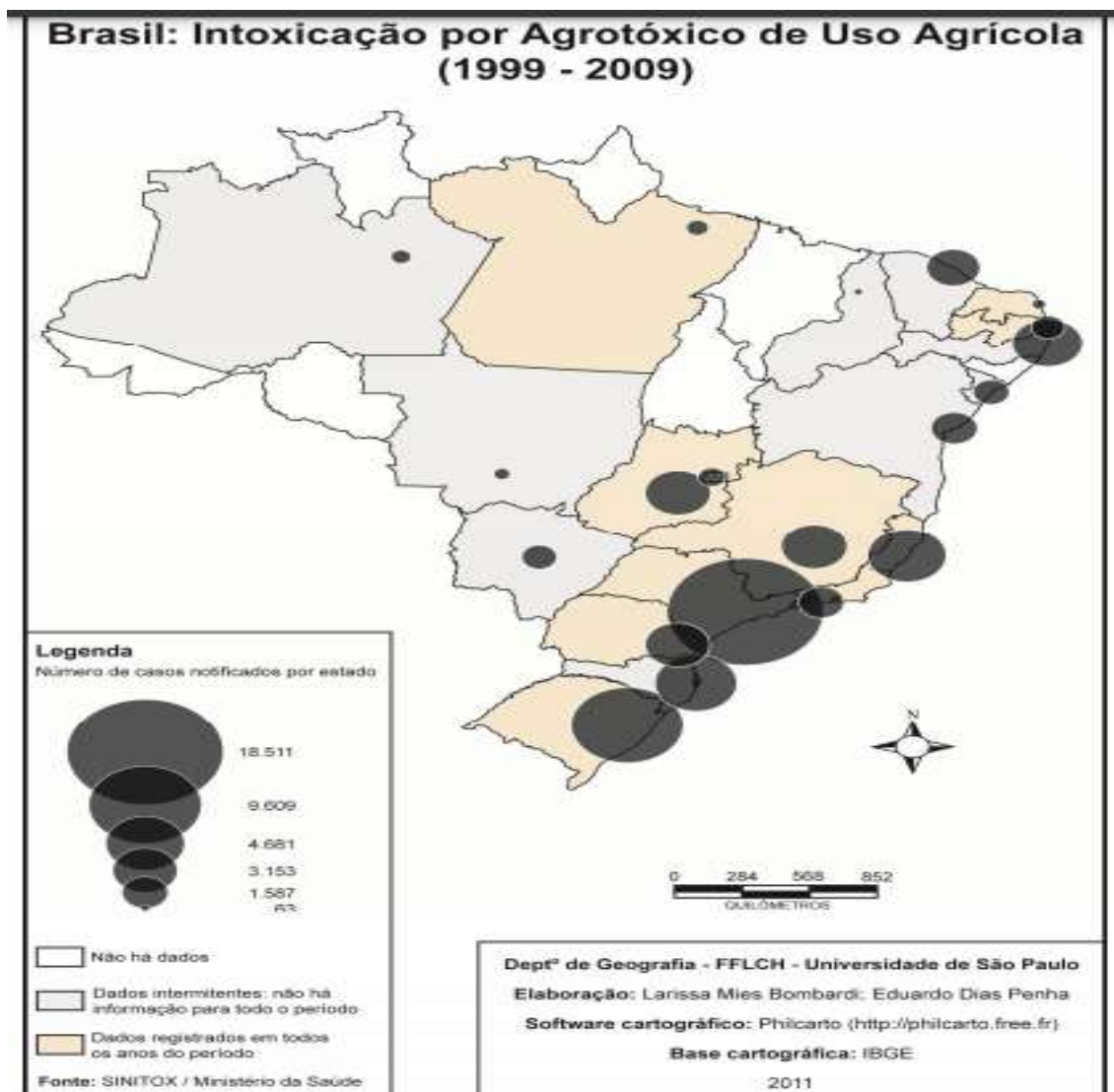


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Tocantins, na região Norte e Maranhão e Alagoas, na região Nordeste. E, ainda, para uma parte significativa de outros estados, os dados são intermitentes, ou seja, não há disponibilidade de dados para todos os anos do período, estes são os casos, na região Norte, do estado do Amazonas; na região Nordeste, dos estados do Piauí, Bahia, Sergipe e Pernambuco; na região Centro-Oeste, dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; e, finalmente, na região Sul, do estado de Santa Catarina. Sendo que a média de aumento mundial no consumo de agrotóxico brasileira, tendo como base os números de vendas de pesticida, entre 2000 e 2010, cresceu em 100% o uso de pesticidas no planeta, no mesmo intervalo de tempo surgiu o aumento no Brasil que chegou a quase 200%, e ainda cerca de 20% de todo agrotóxico comercializado no mundo é consumido no Brasil e em cargos de volume Brasil e Estados Unidos revezam o topo desde 2008. (BOMBARDI, 2017).

Figura 2; Intoxicação por agrotóxicos de uso agrícola no Brasil (1999-2009).



Fonte: Bombardi, 2011.

Além das regiões que não possuem dados sobre as contaminações, não são expressados dados sobre quais as doenças e o que essas contaminações causaram e as consequências e gravidades que acarretam na vida dos que foram contaminados, e quais problemas mais detalhados em relação a saúde, como a impossibilidade de exercer atividades básicas afetando a vida da família como um todo, os gastos adicionais com medicações, além das causas psicológicas que podem vir a ocorrer nos afetados que veem os modos de vida de maneira normal se esvaindo, causando até mesmo o aumento de suicídios no campo brasileiro.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Segundo a (Agencia Nacional de Vigilância Sanitária, 2010, apud BOMBARDI, 2011) ao analisar os resíduos de agrotóxicos presentes nos alimentos como: abacaxi, alface, arroz, batata, beterraba, cebola, cenoura, couve, feijão, laranja, maçã, mamão, manga, morango, pepino, pimentão, repolho e tomate ao fim da análise 30% do resultado total foi insatisfatórios, amostras de agroquímicos proibidos para a utilização em determinada produção foram encontrados juntamente com resíduos acima do permitido e em alguns casos ambas irregularidades foram coletadas.

Como por exemplo o uso de agroquímico com metamidofós, ingrediente ativo é um organofosforado com ação inseticida e acaricida, sua modalidade principal de ação nos insetos e mamíferos é a diminuição da atividade da enzima acetilcolinesterase, importante na função do sistema nervoso. Esta enzima é essencial na transmissão normal de impulsos nervosos em função de tal característica, a inibição da enzima responsável pela neurotransmissão, surge efeitos severos para a saúde humana, dentre estes: distúrbios neurocomportamentais são os mais freqüentemente observados em indivíduos cronicamente intoxicados. Os sintomas do tipo neurocomportamentais geralmente são: insônia, sonambulismo, sono excessivo, ansiedade, retardo de reações, dificuldade de concentração, labilidade emocional, distúrbios de linguagem, apatia, irritabilidade, alucinações, delírios, tremores, reações esquizofrênicas, neuropatia periférica, parestesias, hiporreflexia, deficiência na coordenação neuro-motora e depressão. (ANVISA, apud BOMBARDI, 2008).

Tornando diante desses fatos a intervenção da educação geografia essencial, para que estudantes tenham entendimento sobre algo que esta presente no cotidiano de muitos deles, seja na merenda da escola, no almoço e jantar com a família, em um momento de lazer, momentos esses que contam com a participação silenciosa do agroquímico presente nos alimentos consumidos que a longo prazo podem causar graves doenças, por isso tornasse tão importante o estudo sobre isto, pois alerta os alunos que o agroquímico pode fazer mal tanto a curto quanto a longo prazo, de acordo com o tipo de contato realizado.

Análise de como os livros didáticos discutem agricultura capitalista:

Os livros didáticos analisados foram a coleção Geografia Ensino Médio dos autores André A. Alflen, Gisele Zambone, João C. Ruiz, Leda M. C. Moura, Marcia R. Garcia e Rosélia



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

M. S. Loch, publicado em 2007 pela SEED-Paraná e seus respectivos capítulos: “Fome, Problema Econômico ?” e “Você Toma Veneno?”. O outro livro a ser inspecionado foi a coleção: Geografia 2, Leituras e Interação dos autores Aloisio Gottems Arno e Antonio Luis Arno publicado em 2016, capítulos: 7 e 9.

O primeiro livro em seu capítulo “Fome, Problema Econômico ?”, no início traz menções a desigualdade no acesso a alimentos citando alguns países dentre eles o Brasil.

Enquanto nos países pobres aproximadamente 1/3 da população possui uma dieta alimentar insuficiente para atender suas necessidades básicas, nos países ricos e desenvolvidos, o consumo diário se situa na faixa entre 4.000 a 5.000 calorias, o que explica, em parte, o aumento da obesidade nestes países. Apesar disso, a fome também ocorre nesses países. A fome é ainda um grave problema a ser superado pela humanidade. Pesquisas revelam que os países pobres, entre eles o Brasil, são os que apresentam indicadores mais elevados de fome e desnutrição. Porém, as situações mais graves neste sentido ocorrem na Ásia Meridional e na África (ALFLEN, 2007, p. 200)

Além dessas ideias expressadas, o autor ainda continua com duras críticas a realidade, informando que a fome é um problema recorrente e antigo e que crianças na faixa etária entre 0 a 5 anos morrem todos os dias, e ainda segue expressando que a fome é encontrada no Brasil em todo seu território, não apenas nas regiões mais pobres, e que ocorre tanto no meio urbano quanto rural.

Ao discutir a relação entre fome e a obesidade, realiza uma ligação desses dois elementos com o processo de modernização da agricultura brasileira que iniciou na década de 1960 no Brasil com fortes subsídios estatais:

“-iniciou-se uma política de modernização, com o objetivo de tornar a agricultura brasileira mais dinâmica e produtiva, buscando aumentar e diversificar a produção agrícola através de financiamentos agrícolas para a compra de equipamentos modernos como máquinas agrícolas (tratores, colheitadeiras). Esta política modernizadora não levou em conta as implicações sociais desse processo. A introdução de novas tecnologias nos cultivos agrícolas e de substituição das culturas tradicionais por produtos que permitem uma maior mecanização, como a soja, por exemplo, ocasionaram uma drástica redução da mão-de-obra empregada no campo e, conseqüentemente, o êxodo rural (ALFLEN, 2007, p. 202).

O autor segue as discussões inserindo uma consequência importante da modernização da agricultura, que ampliou ainda mais a concentração de terras do Brasil, pois provocou e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

destituiu os pequenos proprietários de suas terras, ampliando o papel da agricultura capitalista na produção de commodities em detrimento de alimentos para o povo brasileiro.

Os pequenos proprietários, por terem dificuldade de acesso aos créditos agrícolas, ficaram excluídos do processo de modernização. Isto gerou um empobrecimento destes pequenos proprietários. Muitos tiveram que vender suas propriedades para pagar as dívidas obtidas na tentativa de modernizar sua produção. Os baixos valores obtidos na venda de seus produtos não eram suficientes para sobreviver e pagar os empréstimos. Desta forma, as grandes empresas agrícolas incorporaram as pequenas propriedades que não tinham condições de competir com elas, contribuindo para uma maior concentração fundiária. (ALFLEN, 2007, p. 202).

Esses relatos mostram uma posição qualificada do capítulo, pois expressa dados sem mascará-los ou maquiá-los, apresenta relatos reais e de maneira clara, causando no leitor e nos alunos em sala de aula um “choque” de realidade, os tirando-o da visão do senso comum, televisionada e transmitidas nos meios midiáticos e além dessa informações o autor adiciona dados sobre outros elementos, ligados a agricultura como a concentração de terra no Brasil sendo uma das maiores do mundo, e também apresenta que o Brasil ter mais de 100 milhões de hectares de terras ociosas, no sentido de ressaltar a importância do pequeno produtor para a sustentação do mercado interno alimentício:

Vale salientar que, se excluindo a soja, laranja, algodão, e a cana, mais de 50% da produção de alimentos vem da pequena propriedade, geralmente agricultura familiar. Não se trata de afirmar que a produção para exportação não seja importante, pelo contrário, ela é fundamental para o equilíbrio da balança comercial brasileira e para a geração de riquezas para nosso país, mas se persistir este desequilíbrio, poderá haver necessidade ainda maior de importação de alimentos. (ALFLEN, 2007, p. 205.)

O segundo livro “Geografia, Leitura e Interações” no capítulo 7, transparece em sua primeira página relatos sobre a concentração de terra e as relações de trabalhos evidencia também que o campo é um lugar do encontro da solidariedade, da luta pela sobrevivência e resistência cita também as lutas de acesso a terras.

Em seguida faz uma apresentação sobre modos de produção, especificamente sistema intensivo e extensivo, e define como funciona cada um, elucidando que o modo intensivo é o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mais tecnológico o mais técnico e mecanizado. Já o extensivo é o modelo mais tradicional e natural, com base em pastagens, sementes e produções mais orgânicas.

Acrescenta ainda o tema da agricultura familiar deixando bem explícito as configurações desse modelo, cita que a base dessa vertente é a participação da família nas atividades da produção agrícola, seja para consumo próprio, vendas nos comércios ou até mesmo troca por outros produtos, tal atividade que permite a permanência da família no âmbito do campo. Outro elemento de extrema importância adicionado é a estrutura fundiária do Brasil, de forma explícita o livro traz a concentração de terras e as causas negativas disso, e também complementa expressando que os latifundiários proprietários dessas enormes propriedades visam o mercado externo, e os médios e pequenos produtores que alicerçam o mercado interno, o que confronta com as Fake News, de que a agricultura capitalista move a economia e progresso do país.

Acrescentando há essa linha de raciocínio omissa, causada por essa vertente de produção, o livro apresenta duas notícias da violência no campo, com o massacre de Eldorado dos Carajás ocorrido em 1996 onde 21 sem-terras foram assassinados e centenas ficaram feridos após uma ação da polícia militar para conter uma manifestação. Em outra notícia o autor traz o caso da missionária Dorothy Stang de 73 anos que foi assassinada a tiros em 2015 em Anapu-PA, ela lutava por causas ambientais e pelo direito de acesso à terra do camponeses sem-terras.

Agropecuária e questões ambientais é outro título trazido pelo autor, o mesmo diz que uma das principais e significativas causas da agropecuária capitalista são as reduções nas áreas de formações vegetais originais e consequentemente redução da biodiversidade, animais e outras espécies que dependem de grandes áreas para se manter são as primeiras a sentirem os efeitos do desmatamento fomentado pela agropecuária e agronegócio. Em seguida é apresentado relatos sobre a degradação dos solos e qualidade das águas, no solo os efeitos são erosão de diversos tipos e compactação do mesmo, e através dessa erosão química as águas dos rios perdem suas propriedades e acabam prejudicando a biodiversidade aquática do local e os outros recursos ofertados pelos rios tais relatos podem ser aproximados aos de Bombardi (2011), onde a autora evidencia os fatores que difere a agricultura da indústria em dois fatores, primeiro o tempo da natureza que não é respeitado pela agricultura capitalista e o segundo é a relação do campesinato com a natureza.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para finalizar, no capítulo 9, o autor fornece propostas alternativas e benéficas de produção, visando a sustentabilidade, como o sistema agroflorestal que visa a produção equilibrada pela própria natureza. Defende também a agrobiodiversidade que é diversidade biológica e sociocultural existente no meio rural, outro elemento alternativo é a “Revolução Duplamente Verde”, que tem a proposta com iniciativas afim de contribuir para a redução de impactos ambientais negativos da agropecuária sobre os ecossistemas.

Equiparando os dois livros didáticos estudados proporciona-se uma base de semelhanças e diferenças, em ambos é discutido os problemas causados pela agricultura capitalista, mas o que também os difere são as diferenças dos problemas que apontam. “Geografia Ensino Médio 2ª Edição”: no capítulo 13, narra os problemas e causas acarretados pela fome e obesidade apresentando contrapontos relacionando essas duas situações antagônicas:

A fome ou carência alimentar na infância, se não ocasionar a morte, pode causar déficits hormonais, desencadeando complicações de crescimento e maturação neural, comprometimentos ósseo-neural, dificuldades de aprendizagem e dificuldades no convívio social. (ALFLEN, 2007).

E através de uma caixa de diálogo complementar do Conselho Latino Americano em Obesidade adicionada ao primeiro livro apresenta os apontamentos sobre a obesidade. Relatando que a obesidade é um problema crônico que acompanha múltiplas complicações caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura em uma escala tal que compromete a saúde. (ALFLEN, 2007). Já no capítulo 17 o autor apresenta dizeres sobre os agroquímicos em uma aba de diálogo extra através de uma definição da ANVISA (Agência Nacional Vigilância Sanitária, apud ALFLEN, 2007). sobre o que é agrotóxicos. “qualquer produto químico, utilizado nas áreas de produção agrícolas, visando o beneficiamento de tal produção”. Apresenta também os impactos causados pela utilização deste químico.

Os agrotóxicos são transportados pelas águas para os leitos dos rios, e por infiltração aos lençóis freáticos, contaminando a água além dos alimentos produzidos desta maneira. (ALFLEN, 2007).

Já o livro, “Geografia: Leituras e Interação”, apresenta um lado mais social somando apontamentos sobre modo intensivo e extensivo de produção, agricultura comercial e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

agricultura familiar, aponta também a situação de trabalho dos lavradores “muitas vezes os trabalhadores migram para locais nas épocas de colheitas fartas e após este período retornam as suas terras. E também fazem menção ao trabalho escravo no campo, dizendo que nesses casos o trabalhador é cooptado por pressão psicológica ou física, tal ato é consumado pelos chamados “gatos” que prometem bons salários por um período de tempo, o que não ocorre e o trabalhador se encontra sem saída de tal situação.(ARNO e JOIA, 2016a). Aponta também relatos sobre o massacre e situações adversas ocorridas no campo brasileiro ocasionadas pelas lutas pela terra.

O que os dois livros apresentam em comum, são a agricultura familiar, concentração de terras, mas o livro Geografia: Leituras e Interação, se destaca, pois possui muitas imagens ilustrando diversos relatos, além de acrescentar alternativas mais agroecológicas de produção e também chamar atenção para o papel da mulher no campo (ARNO e JOIA, 2016b). Também vale a pena acrescentar que neste livro as imagens/mapas/tabelas presentes podem, suscitar e acrescentar debates, portanto se consagra mais completo.

Porem ao focarmos a análise nas questões trazidas nos exercícios presentes no livro 1 e 2 o livro 2: “Geografia Ensino Médio” se destaca perante ao livro 1, pois ao longo dos conteúdos apresentados sempre agrega uma “caixa de pesquisa”, com questões cotidianas que levam o estudante a pensar de forma crítica e reflexiva, enquanto o livro 1 “Geografia: Leituras e Interação” apresenta apenas uma página de exercícios, questões essas presentes nos vestibulares nacionais, focando em uma concepção mais técnica não oportunizando esse pensamento mais cotidiano ao aluno.

Considerações Finais

Após expresso todos esses relatos, a conclusão que podemos extrair de tal pesquisa é que apesar da propaganda constante nas mídias relatando os benefícios da agricultura capitalista visando atingir a população nacional, portanto a escola pode produzir o contradiscurso e principalmente os professores de Geografia devem apresentar discussões que levem os alunos a desenvolverem um senso crítico da realidade.

Sendo assim, os livros didáticos analisados se mostraram uma ferramenta de imensa importância, pois trazem ideias contundentes sobre a realidade no campo brasileiro. Essa ferramenta junto com um trabalho de um professor qualificado com domínio teórico do tema,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

consegue direcionar os estudantes a refletir sobre as práticas socioespaciais do campo, e tais elementos garantem a possibilidade de compreender a verdadeira face do modo de produção capitalista, ainda pode fazer com que os estudantes propaguem seus aprendizados para diversas pessoas que foram afetadas pelas falsas notícias transmitidas pela grande mídia, e com mais pessoas que adquirirem a visão clara sobre esse cenário as lutas por modos de produções agropecuárias mais justas em benéficos ao povo brasileiro se tornarão mais fortes.

É nítida como atua a disseminação de notícias sobre a agricultura capitalista, e o quão silencioso são os impactos que esse modelo efetua sobre diversas vertentes no país, mas em contraponto à tais notícias, surgem os livros didáticos analisados que de forma clara e imponente, clareiam e elucidam as verdadeiras faces desse modo de produção, proporcionando aos alunos a lapidação do senso crítico que a todo momento necessita ser trabalhado, para que adquira a cada aprendizado uma bagagem crítica alicerçada em uma base firme proporcionada pela ciência, que vive difícil fase na atualidade onde é descredibilizada constantemente e sem dúvida o papel do professor(a) nesse momento, é essencial para contextualizar os conteúdos presentes nos livros, e para através do exemplo de um bom trabalho, dominante e sólido, mostrar a sociedade que a cada dia e a cada discurso atual é induzida a descredibilizar e desacreditar na ciência e nos profissionais da educação por determinado motivo é imprescindível a presença de um bom profissional em sala de aula, para que os alunos compreendam tanto os conteúdos ministrados quanto a importância dos próprios professores e da ciência, blindando o senso crítico dos alunos sobre as falácias populares.

Referências

ALFLEN, André Aparecido. Fome: problema econômico ? In: ALFLEN, André Aparecido *et al.* GEOGRAFIA: ensino médio 2ª edição. 2. ed. Curitiba-Pr: Eder Lima/ Ícone Audiovisual Ltda, 2007. Cap. 13. p. 199-209.

ARNO, Aloisio Gottens; JOIA, Antonio Luis. Agropecuária e espaço geográfico. In: ARNO, Aloisio Gottens; JOIA, Antonio Luis. GEOGRAFIA 2: leituras e interação. 2. ed. São Paulo: Leya, 2016a. Cap. 7. p. 138-163.

ARNO, Aloisio Gottens; JOIA, Antonio Luis. Agropecuária e espaço geográfico. In: ARNO, Aloisio Gottens; JOIA, Antonio Luis. GEOGRAFIA 2: leituras e interação. 2. ed. São Paulo: Leya, 2016b. Cap. 9. p. 182- 207.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

BOMBARDI, Larissa Mies. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. Boletim Dataluta, São Paulo, p. 1-21, set. 2011.

BOMBARDI, Larissa Mies. Intoxicação e morte por agrotóxicos no Brasil: a nova versão do capitalismo oligopolizado. Boletim Dataluta, São Paulo, p. 8-21, set. 2011. NERA – Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária.

BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia. São Paulo: Ffllch- Usp, 2017.

CARVALHO, Flavio Augusto de. Agronegócio, Mida e Ensino de Geografia. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2014.

FONTANA, Raphael Luiz Macêdo *et al.* A Agricultura sob o modo de produção capitalista. Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 3, n. 2, p. 15-26, mar. 2016.

G1. Campanha da Rede Globo: “Agro é Pop, Agro é Tech, Agro é Tudo”. **G1**, 2020. Disponível em: g1.globo.com/agro Acesso em: 15 dez. 2020.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umberlindo de. Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: Comissão Editorial Labur, 2007.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

PERCEPÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Amanda Heloíze Adão⁴⁴

Resumo

Este artigo tem como objetivo promover uma explanação sobre as concepções da população acerca da função da educação escolar. Para tanto, se fez necessário, uma revisão de literatura, abordando o tema proposto, a elaboração e organização de um roteiro de entrevistas e a aplicação do questionário. Sendo assim, foi possível promover uma discussão sobre o tema, atrelando o conhecimento tido como senso comum, com o conhecimento científico. Foram submetidos ao questionário, dez indivíduos, sem critério de idade, sexo ou ideologias. Por último, acredita-se que a educação vigente no Brasil, por vezes se caracteriza como um ensino técnico, conteudista, acrítico e estimulador do conformismo, porém se deve combater essa prática, produzindo uma educação para a libertação e reflexão do mundo em que vivemos.

Palavras-chave: educação; instituição escolar; educação na contemporaneidade.

Introdução

A família e a escola são instituições que devem se questionar acerca de sua função, já que a família recebe o papel de reproduzir sociedades humanas e fortalecer condições que proporcione inovações e mudanças, e quanto às escolas, sem elas, cada geração teria a necessidade de começar do zero ou então permaneceriam praticamente inalteradas durante séculos, como já foi possível observar em outras sociedades (YOUNG, 2007). Sendo assim, a instituição escolar tem uma função de extrema importância para o funcionamento da sociedade, havendo a necessidade de produção de pesquisas e conhecimentos sobre o tema, para que dessa forma haja materiais suficientes para promover mudanças necessárias. Além disso, é importante que a população saiba a função da escola, para que assim cobrem mudanças nos métodos de ensino e nos currículos vigentes, não aceitando que empunhem práticas, a fim do favorecimento de injustiças, desigualdades e alienações

O objetivo do presente artigo está em analisar as concepções da população acerca das funções que a educação escolar deve exercer, discutindo também a escola ao longo da história no mundo e no Brasil e concepções de autores/as sobre a escola na contemporaneidade. Para a viabilização dessa produção, se utilizou como metodologia a aplicação de questionários, que

⁴⁴Graduanda em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. amanda.heloize@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

contou com a participação de dez indivíduos, sem critérios de idade, sexo ou ideologias, buscando coletar percepções de pessoas variadas. Os participantes, de forma geral, não possuem formação acadêmica, tendo somente uma participante graduada em pedagogia. São pessoas inseridas no meu cotidiano, sendo eles, familiares, colegas e vizinhos. O questionário foi organizado com as seguintes indagações: é função da educação escolar orientar os/as estudantes para que enxerguem sua situação de classe social no sistema capitalista?; o professor deve desempenhar uma figura militante dentro da educação escolar, expondo seus posicionamentos políticos? ;as escolas podem ser usadas como um mecanismo de alienação em favor das classes dominantes?; qual a função da escola?

Sendo assim, serão apresentadas as respostas mais pertinentes para a construção de uma discussão valorosa, relacionando o senso comum com o conhecimento científico trazidos por autores que abordam o tema. Para uma compreensão mais abrangente da função da educação escolar, será tratado a escola enquanto sua origem no mundo e no Brasil e a escola na contemporaneidade.

Com tudo, a confecção desse artigo apresentou algumas dificuldades. A aplicação do questionário não se deu da maneira esperada, visto que no cenário atual, regido por uma pandemia, se tornou um obstáculo para contatar a população, além disso, muitas pessoas se negaram a participar por inúmeros outros motivos. Para objetivos futuros, é esperado que o questionário elaborado abarque mais participantes.

A origem das escolas no mundo e no Brasil

A gênese das instituições escolares, segundo Saviani (2008), refere-se ao momento de cessação do modo de produção comunal, ou seja, o comunismo primitivo, que estabeleceu o surgimento das sociedades de classes. É nessa época, com datação referente a 3.238 a.C. que surge a escola, no âmbito das civilizações suméria e egípcia. Manacorda (2006), coloca que o processo educativo no Egito não era referente tão somente para o escrever, calcular e ler e nem para o aprendizado profissional, e sim, para a vida política, educação voltada para os filhos da classe dominante. Ainda segundo o autor, a partir dessa origem a instituição escolar se desenvolverá na Grécia, os princípios da educação foram divulgados por Platão, Heródoto e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Diodoro de Sicília, isso demonstra que houve um notório desenvolvimento da democracia educativa. Era destinado às classes governantes, um método educativo para pensar e falar, já para os produtores, a educação era caracterizada pelo treinamento no trabalho, a partir da imitação e observação. O período clássico da educação valorizava a ginástica e a música, no processo de formação dos cidadãos, cujo Esparta e Creta eram caracterizadas como os locais da política e da educação, surgindo assim, o sujeito legislador da educação na Grécia, o pedônomo. Com Pitágoras, em VI a. C. surge um Centro de educação, a Thiasoi, de precedência privada, que tinha como objetivo a valorização do único bem que se transmite, mas não se perde, que é a educação, desenvolvida como Paidéia.

Dando seguimento, ainda de acordo com Monacorda (2006), no início da Alta Idade Média, no século V d. C. a escola clássica é desbancada pela escola cristã, sendo assim, a igreja se responsabiliza pela reorganização da escola em Roma, sendo instituída pelo papa, escolas religiosas, e só no ano de 825, na Itália, é que a Igreja deixa de se responsabilizar pelos leigos e institui uma escola pública de Estado. Com a instituição do modo de produção capitalista, a partir da desestruturação do sistema feudal, no século XIII, houve inúmeras mudanças em toda dinâmica urbana e social, onde se deu a criação dos Estados- Nações, e com isso foi colocado em posição central o protagonismo do Estado em relação a organização e gerenciamento da educação, gerando a ideia da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória, como propõe Saviani (2008).

No Brasil, Mattos (1958), aponta que com a chegada dos jesuítas, no ano de 1549, se deu a origem das primeiras instituições. Para que a colônia portuguesa chegasse ao êxito, era necessário a conversão do povo, através da catequese, missão que foi dada à Companhia de Jesus, ordem religiosa cultivada em Portugal, sendo essas práticas, as primeiras ações políticas educacionais para o Brasil, bem como as primeiras diretrizes básicas para as instruções contidas nos regimentos instituídos por D. João III. Segundo Saviani (2008), a educação brasileira se dividiu em seis períodos. Do ano de 1549 a 1759, a educação no Brasil era regida pelos colégios jesuítas, o segundo período, que se deu entre os anos de 1759 e 1827, foi representado pelas “Aulas Régias”, estabelecidas pela reforma pombalina, como uma primeira tentativa de se implantar uma escola pública estatal, que teve influência das ideias iluministas segundo a estratégia do despotismo esclarecido. No terceiro período (1827- 1890), se inicia as primeiras tentativas, descontínuas e intermitentes, de se organizar a educação como responsabilidade do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

poder público, representado pelo governo imperial e pelos governos da província, o quarto se deu de 1890 a 1931, onde houve a constituição das primeiras escolas primárias nos estados, caracterizadas por pequenos grupos escolares, incentivados pelo ideário do iluminismo republicano. Nos anos que se seguiu (1931-1961), se delineia pela regulamentação, das escolas superiores, secundárias e primárias, em âmbito nacional, incorporando de forma gradual um conjunto de ideias pedagógicas renovadoras. E por último, o sexto período, que abrange o ano de 1961 até a atualidade, deu-se a unificação da regulamentação da educação nacional abarcando a rede pública, sendo municipal, estadual e federal, e a rede privada, que foram sendo diretamente moldadas segundo uma concepção produtivista de escola.

É importante ressaltar que durante esses períodos, em grande parte, a educação não era fornecida a todos, sendo incentivada aos homens brancos e das classes mais abastadas da sociedade, em detrimento aos escravizados, pobres e mulheres. Além disso, a educação desde seus primórdios buscava o controle das massas, promovendo alienação e obediência “cega” ao Estado e aceitação dos processos de reprodução do modo de produção capitalista.

É possível observar que o ensino brasileiro na contemporaneidade, por mais que seja regido por ideias democráticas, ainda apresenta muitos aspectos da educação escolar dos anos 1930 e 1940, marcado por práticas de caráter enciclopédico, sendo exigidas provas e notas, à aquisição de competências, como afirma Fusinato e Kraemer (2013).

A instituição Escola na contemporaneidade

A educação na contemporaneidade está exposta a diversos desafios, respaldado pelos métodos de ensino, dessa forma, é necessário buscar soluções para que o ensino escolar não proporcione alienações, mas sim que exponha de forma crítica, como realmente se dá a dinâmica da sociedade e quais suas implicações.

Segundo Bauman (2007), estamos expostos uma sociedade líquida-moderna, onde as condições de ações dos membros mudam numa velocidade muito acelerada, aquilo que valia para uma situação específica no passado, rapidamente perde sua validade antes que se possa criar um costume. A sociedade líquida-moderna e a vida líquida, se nutrem. Uma realidade onde se pode observar condições de incertezas frequentes, e o medo de não acompanhar a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

rapidez das mudanças, consequentemente ficando para trás. Uma sociedade que busca a felicidade através do contínuo consumo, fazendo com que o mercado de consumo alimente a ansiedade dos consumidores, da mesma forma que a constante ansiedade alimenta o mercado. Podemos notar esse comportamento, em relação ao nosso próprio corpo, procurando sempre o aprimorar, mas nunca chegando de fato a uma conclusão ou satisfação. Sendo assim, mergulhados no capitalismo e em uma sociedade extremamente consumista e imediata, é inevitável que essas características não produzam ignorância, alienação e continuidade das relações de opressão

Dentro desse contexto, não se pode deixar de abordar o neoliberalismo, responsável por promover inúmeras privatizações de serviços públicos, que antes se via como responsabilidade do Estado. Sendo assim, o Estado se reformulou, a partir de alguns princípios: servir aos interesses dos negócios; remodelar as suas operações internas com base nos negócios; e reduzir a exposição do governo à pressão política do eleitorado. Com tudo, as características apresentadas proporcionam consequências na democratização da educação, que tem como maior objetivo produzir uma sociedade com justiça social, igualdade e equidade. No entanto, não é possível alcançar esses objetivos, quando o setor privado estabelece influências nos currículos escolares (DIEHL, 2018). No Brasil, de acordo com Young (2007), as ideias neoliberais, que implicava na concepção de que a economia deveria ser deixada para o mercado e que os governos deveriam desistir de incentivar e financiar políticas econômicas ou industriais, foram totalmente abraçadas pelo governo, o que gerou imensuráveis implicações nas escolas.

Ainda segundo Young (2007), os governos se dedicaram a reformular o sistema de ensino, focando em lapidar o “capital humano”, sendo caracterizadas como uma agência de entregas para o capitalismo. O que se pode observar, são escolas tratadas de forma a só se concentrar em resultados, ao mesmo tempo que se dá pouco zelo ao processo ou ao conteúdo do que é entregue. Isso acarreta em escolas controladas por metas, tarefas, provas e tabelas comparativas de desempenho, o desinteresse de alunos e desgaste de professores.

Com tudo, a instituição escolar passou a ser vista de forma negativa por muitos autores. Foucault (1987), caracterizou escolas, como sendo iguais a prisões, hospitais e asilos, atribuindo a ela um caráter de vigilância e controle, que tem como foco disciplinar alunos e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

expor o conhecimento em forma de disciplinas escolares. Freire (2003), apresenta que no ensino está presente a prática da educação bancária, que consiste na ação do educador em depositar conteúdos, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos já presentes no aluno, sendo eles apenas uma folha em branco que devem receber de forma passiva os conteúdos. Dessa forma, a escola se transforma em um ambiente de tédio, autoritarismo, alienação, pois a educação bancária quando posta em prática, se torna ferramenta de opressão, contribuindo para a manutenção de uma realidade desigual e injusta. Sendo assim, o modelo de educação no Brasil não estimula o aluno a pensar, questionar e a buscar soluções para problemas. Passando para Saviani (2012), o autor apresenta o conceito de marginalização do aluno pela escola, onde a instituição valoriza muito alguns conhecimentos, que quase sempre são conhecimentos tidos pela classe dominante, excluindo e marginalizando a classe oprimida, que não detêm esses conhecimentos, fortalecendo ainda mais a dinâmica social fornecida pelo capitalismo, dentro das instituições escolares.

A educação atual, segue o modelo Prussiano do século XVIII, um sistema educacional que nasceu para barrar uma revolução, e manter as pessoas dentro dos moldes instituídos pelo governo, e segundo o documentário Educação Proibida (2012), que traz a concepção de vários autores, como Freire e Foucault, essa realidade educacional gera pessoas obedientes e competitivas. Instituições onde se ensina de maneira estática, sem movimento, usando somente palavras, em que só se admite mérito em algumas áreas, prezando apenas o conhecimento formal, sendo assim, não há a busca de outro conhecimento que não seja o curricular. Dessa forma, os colégios passam a ser vistos como lugares entediantes e desinteressantes, onde se classifica o quanto se aprendeu, com o intuito de promover comparações entre os indivíduos, frente a uma escala padrão. No entanto, não se pode atribuir a culpa do fracasso ao aluno, mas sim a um sistema mal projetado.

Desse modo, é possível perceber que o sistema educacional está marcado por práticas que estimulam ainda mais a reprodução da desigualdade e injustiças. A partir dessa realidade, qual deve ser a função da escola? Esse questionamento será discutido por meio de questionários respondidos por dez sujeitos, em conjunto com as concepções trazidas por alguns autores que abordam o tema.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Função da instituição escolar a partir das percepções de 10 sujeitos sociais

Para a discussão sobre a função da instituição escolar, foi elaborado um questionário, respondido por 10 sujeitos sociais, sem critérios de idade, sexo ou ideologias, buscando coletar percepções de pessoas variadas. Os indivíduos expostos ao questionário, pertencem ao mesmo ciclo social, sendo eles familiares, vizinhos e amigos. Além disso, somente um dos participantes possui ensino superior, tendo os outros nove, apenas formação na educação básica completa. Tendo essas percepções coletadas, apontaremos as respostas mais contundentes para dialogar com teóricos que discutem sobre o tema.

Na primeira questão: é função da educação escolar orientar os/as estudantes para que enxerguem sua situação de classe social dentro do sistema capitalista? Pois bem, todos os entrevistados concordaram que é sim função da escola trazer à tona qual situação de classe social, dentro do sistema capitalista, o aluno se encontra. Destaco as seguintes respostas: “ Sim, pois só através da educação e conhecimento sobre as classes, é que se pode mudar as condições sociais”; “ Sim, quando conhecemos o sistema em que vivemos, podemos concordar ou não com o que nos é imposto, promovendo o diálogo e contribuindo para que mudanças sejam feitas”. Como se pode notar, os apontamentos feitos pelos entrevistados, considerando um conhecimento de senso comum, vão ao encontro de Paulo Freire, que expõe a necessidade de reconhecer nosso papel de oprimido, a fim de nos libertar e promover mudanças para uma sociedade justa, sendo essa a função da escola. A partir disso, nota-se nesses participantes um posicionamento progressista em relação ao ensino, pois em uma visão conservadora, caracterizariam essa prática como doutrinação ideológica.

Freire (2003), aponta o processo de desumanização, ocasionado pelo opressor em relação ao oprimido, ou seja, de forma passiva o opressor influencia o oprimido a pensar que necessita dele, mantendo os oprimidos conformados com sua situação, por isso é necessário que haja uma libertação, fazendo com que o opressor se reconheça como tal, assim como o oprimido. Essa transformação deve acontecer em sociedade e para que ambos vivam em uma sociedade igual, digna e justa, é preciso que a educação auxilie nessa libertação, já que ensinar a problematizar e pensar sobre a sua realidade, é a verdadeira forma de construir conhecimento, pois o aluno quando reconhece sua posição social, jamais se sujeitará a condição de oprimido, descobrindo que é agente de sua própria história.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A segunda questão discutida abarca: o professor deve desempenhar uma figura militante dentro da educação escolar, expondo seus posicionamentos políticos? Sete dos dez participantes se opuseram, apontando que não é função do professor militar em sala de aula. Sendo assim, salienta-se a seguinte opinião coletada que será pertinente a nossa discussão: “Não, pois o papel do professor não é influenciar o pensamento dos alunos sobre questões políticas e econômicas, mas sim a função dos pais”. Ao considerar as respostas, é possível notar certa contradição em relação aos posicionamentos vistos na questão anterior. Se pode especular que a palavra “militante” causou certo desconforto nos participantes. Segundo Souza (1999), aquele que defende ativamente determinada causa e entra em combate para ver vitoriosas os ideais do grupo em que participa, se caracteriza como militante. Ainda segundo o autor, a palavra já foi vinculada a religiosos e também aos soldados de milícia, no entanto, por volta do século XIX a palavra “militante” ultrapassa o sentido propriamente religioso e surge no vocabulário político, utilizada agora para nomear aquele que milita numa organização partidária ou sindical. Com isso, se pode dizer que a palavra gerou impacto, sendo interpretada erroneamente, quando vinculada a questões partidárias. Para refutar a opinião dada, segue uma reflexão dos pensamentos de Mellouki e Gauthier (2004), onde afirmam que a sociedade delega a educação de seus filhos ao Estado, dessa forma, é necessário a criação de instituições que atendam esse anseio, ou seja, a instituição escolar, que vai necessitar de profissionais que exerçam a função de moldar a visão do mundo de várias gerações jovens. Sendo assim, ser um profissional da educação, está ligado com uma figura de um sujeito que tem pensamento mais crítico em relação a sociedade, expondo seus posicionamentos políticos e também fazendo uma análise das diversas realidades que seus alunos se encontram, lutando contra as injustiças sociais presentes na sociedade. Vale ressaltar, que quando se fala em posicionamento político, não estamos falando de posicionamento partidário. Para se posicionar de forma crítica e militante, o professor precisa se conscientizar de seu papel e de sua situação de oprimido, a fim de inserir o educando na sua realidade, esclarecendo toda problemática social que gira em torno dele (FREIRE, 2003).

A terceira pergunta que será discutida é: as escolas podem ser usadas como um mecanismo de alienação em favor das classes dominantes? Ao se analisar as respostas, todos concordaram que a escola pode sim ser usada como um mecanismo de alienação em favor das classes dominantes. É colocado por um dos participantes: “ Sim, partindo do princípio de que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

estamos inseridos em um sistema capitalista, a escola pública é gerenciada para que esse sistema continue existindo”. A instituição escolar se molda em função do capitalismo, dessa forma, Frigotto (2001) afirma:

Para os filhos dos trabalhadores, ela cumpre, ao mesmo tempo, uma dupla função na reprodução das relações capitalistas de produção: justifica a situação de explorados e, ao impedir o acesso ao saber elaborado, limita a classe trabalhadora na sua luta contra o capital (FRIGOTTO, 2001, p. 224).

Com essa afirmação, fica evidente que a educação no Brasil muitas vezes serve para justificar as ações do capital na organização dos espaços geográficos. A autora Kuenzer (1998), vai dizer que a educação tem a intenção de preparar a classe popular em função do sistema de produção, para as profissões inferiorizadas. O que se nota nas instituições de ensino é uma transmissão de conhecimentos não críticos, nesse sentido Mészáros (2008) coloca:

Uma das funções principais da educação formal nas nossas sociedades é produzir tanta conformidade ou consenso quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados (MÉSZÁROS, 2008, p. 45).

Com tudo, a reafirmação das diferenças de classes, exclusão social, a subordinação, estão presentes no meio escolar, a fim de estabelecer certo conformismo em relação ao papel de oprimido que o aluno exerce

Por último, a seguinte questão: qual a função da educação escolar? Sendo assim, obteve-se as seguintes respostas: “A função da educação escolar é formar seres pensantes, seres que não se contentam com o que ouvem, seres que sentem incômodo pela falta de compreensão argumentativa no discurso do seu docente e que saibam questionar com coerência e conhecimento concedidos pelo seu educador.”; “A escola deve fornecer saberes técnicos, para nos inserirmos mais facilmente no mercado de trabalho, e também para sermos bons cidadãos”. As duas respostas se divergem, uma segue as primícias apontadas no artigo, enquanto a outra vai em sentido contrário.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As discussões feitas anteriormente, com a ajuda das opiniões concedidas pela população, serviram como base para se perceber o equívoco contido na última resposta exposta. Um ensino profissionalizante, apoiado por políticas neoliberais, tem como único objetivo formar cidadãos para sua inserção no mercado de trabalho, financiando a alienação, a produção de indivíduos facilmente influenciáveis e o crescimento de desigualdades, fugindo da principal função do ensino, que é a formação de indivíduos críticos e emancipados.

Dessa forma, Freire (2009) expõe que a educação deve estar ligada a vida cotidiana, sendo ferramenta para a liberdade e transformação social. O autor critica a educação tradicional, que se caracteriza como um ensino técnico, conteudista, acrítico e estimulador do conformismo. Sendo assim, isso não pode ser o foco e a função da escola. A função da escola é a de construir conhecimento de forma crítica, a fim de combater as injustiças sociais, a partir do nosso reconhecimento como pessoas oprimidas pelo sistema.

Considerações Finais

Ao longo do artigo foi apontado o surgimento da instituição escolar no Egito, com datação referente a 3.238 a. C. sendo assim, o ensino escolar passou por inúmeros desdobramentos ao longo de toda história, passando pelas mãos da igreja e por fim, sendo acatada pelo capitalismo. É importante ressaltar, que a educação sempre foi utilizada como uma ferramenta de alienação e controle, visto que até os dias atuais ainda detém essas características. No Brasil, a primeira iniciativa de educação, veio pelos jesuítas, que buscavam converter os povos nativos ao cristianismo, e a pós um longo percurso, entra na legislação brasileira a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), em 1961, tendo sido reformulada em 1971 e 1996.

A atual educação brasileira está envolvida por vários problemas. A educação tradicional presente nos currículos educacionais, se caracteriza como um ensino técnico, conteudista, acrítico e estimulador do conformismo, gerando desinteresse nos alunos e desgaste aos docentes. O capitalismo, na sua manifestação neoliberal é o protagonista para a organização de uma escola acrítica, que evidentemente trabalha para o fortalecimento das injustiças.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Ao analisar e discutir as respostas obtidas pelas entrevistas, foi possível notar que a maior parte dos participantes percebe as implicações do capitalismo e neoliberalismo, sendo assim, considera-se um resultado mais positivo que o esperado. Houve respostas totalmente divergentes dos autores trazidos, no entanto, isso se dá justamente pela educação tradicional existente no currículo, que não incentiva um pensamento crítico, capaz de despertar os indivíduos para a realidade de oprimidos, fazendo com que se conformem com isso. Foi possível notar respostas bastantes contundentes em relação aos autores trazidos para a discussão da função do ensino escolar. Acredito que grande parte dos participantes deste questionário estão no caminho para perceber de forma completa a função da escola.

Para finalizar, compreende-se que as escolas devem ser um lugar onde nos descobrimos enquanto parte da sociedade, onde nos reconhecemos enquanto oprimidos, para assim lutar contra as amarras propagadas pelo sistema capitalista, que tanto estimula injustiças, preconceitos, desigualdades e alienações. É preciso que seja construído o conhecimento, de forma que os alunos juntamente com o professor dialoguem e pensem com criticidade sobre todos os fenômenos existentes na sociedade. Para isso, é preciso deixar de lado a valorização de métodos tradicionais, que olham para os alunos como incapazes. Como é expressado por Freire (2009), a educação é um ato político, não é neutra e nem imparcial, é preciso que esteja do lado dos menos favorecidos.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Os consumidores na sociedade líquido-moderna/ Aprendendo a andar sobre a areia movediça. In: BAUMAN, Zygmund. **Vida líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 106-167.

DIEHL, R. C. Estado, neoliberalismo e educação pública. **ODELA**, 2018 Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/odela/2018/09/23/estado-neoliberalismo-e-educacao-publica/>>. Acesso em: 13 de jan. de 2021.

EDUCAÇÃO Proibida. GermanDoin. Argentina: EulamProducciones, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTerSwwxR9Y&amp%3Bab_channel=LaEducaci%C3%B3nProibida> (145 min).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 402ª ed, Petrópolis: Vozes, 1987

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. 6ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FUSINATO, C.V. KRAEMER, C. **A invenção histórica da escola e escolarização no Brasil**. Santa Catarina, 2013.

KUENZER, A. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. **Educação e crise do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1998, p 55-92.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2006.

MATOS, L. A. **Primórdios da Educação no Brasil**: o período heróico (1549- 1570). Rio de Janeiro, Aurora, 1958.

MELLOUKI, M.; GAUTHIER, C. O professor e o seu mandato de mediador, herdeiro, intérprete e crítico. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 25, n. 87, p. 537-571, 2004.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, p. 45, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 42ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, D. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS**, São Paulo, v. 10, n. ESPECIAL, p. 147- 167, 2008.

SOUZA, N. S. A Esquerda Militante: Entre o Engajamento Pastoral e os Revides Locais. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, n. 12, jun. 1999, p. 131-146.

YOUNG, M. **Para que servem as escolas?**. Educ. Soc., Campinas, vol.28, n.101, p. 1287-1302, set. /dez. 2007.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O CONCEITO DE PAISAGEM SONORA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA⁴⁵

Caroline Maia Salido⁴⁶

Larissa Cristina Figueiredo Ramiro⁴⁷

Resumo

O presente trabalho busca relatar as experiências vivenciadas durante o Estágio de Regência, pertencente a matriz curricular do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. O estágio foi realizado no Colégio Estadual Professora Benedita Rosa Rezende, onde as estagiárias ministraram aulas em uma turma de sexto e uma turma de nono ano do Ensino Fundamental II. Como tema central, utilizou-se o conceito de Paisagem Sonora para abordar os conteúdos regulares em cada turma. Este conceito tem como principal autor Raymond Murray Schafer, educador musical e compositor, e busca analisar a paisagem por meio de sons, e não somente imagens, trazendo uma nova perspectiva para a Ciência Geográfica. Para realização das atividades – que ocorreram de modo on-line devido a Pandemia de Covid-19 – foram utilizadas diversas ferramentas disponibilizadas virtualmente, como o Google Formulários e o Padlet, e a plataforma do Google Meet. Apesar das dificuldades enfrentadas e dos desafios impostos pelo ensino remoto, a vivência foi de grande significância para o processo de formação das estagiárias e para a propagação do conceito de Paisagem Sonora no ensino regular.

Palavras-chave: Paisagem; ensino-aprendizagem; educação.

Introdução

A educação na sociedade brasileira surge no século XIX, porém com uma série de restrições, como por exemplo, número de vagas e escolas reduzidas, e garantia de ensino somente à elite. Após a Constituição Federal de 1988, a educação passa a ser direito de todo cidadão, e dever do Estado.

Por sua vez, a escola tem uma função social importante a cumprir: preparar os estudantes para os desafios futuros, lhes ensinando os conteúdos, mas não somente, deve também torná-los cidadãos críticos e ativos na vida em sociedade (PARANÁ, 2008, p.14). A escola pública,

⁴⁵ Trabalho resultante do Estágio Supervisionado do 4º ano de Geografia da UEL, orientado pela profª Jeani Delgado Paschoal Moura. E-mail: jeanimoura@uol.com.br

⁴⁶ Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR. E-mail: caroline.maia.salido@uel.br.

⁴⁷ Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR. E-mail: larissafig97@gmail.com.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

enquanto acolhedora das mais diversas realidades sociais, é fundamental para a formação cidadã.

Há duas peças fundamentais para que o processo de ensino-aprendizagem seja concretizado no dia-a-dia escolar: professor e aluno. O professor deve mediar o conhecimento, tendo a função de transmitir o conhecimento aos alunos aproximando-os da sociedade e do mundo. Cavalcanti (2010, p.1) afirma que lecionar atualmente envolve uma série de desafios, e os professores devem estar sempre dispostos a desenvolver estratégias para que os alunos se interessem pela disciplina.

Os alunos, por sua vez, devem buscar relacionar os conhecimentos adquiridos com sua realidade particular e aplicá-los em sua vivência. O docente também aprende com os estudantes e, dessa forma, deve dar abertura para que os mesmos participem, se posicionem e demonstrem seu entendimento.

Paulo Freire reforça que “O papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria” (2003, p.52). Essa relação ocorre através do diálogo, ferramenta indispensável à educação. Uma das estratégias escolhidas na tentativa de promover o prazer e a alegria no aprendizado da Geografia foi a abordagem do conceito de Paisagem Sonora, bastante utilizado atualmente pela Ciência Geográfica. Este, busca abordar a paisagem por meio da perspectiva sonora, e não somente visual - método este mais comum no ensino regular.

Este conceito, Paisagem Sonora, é disseminado pelo compositor e educador musical Raymond Murray Schafer, que propõe vários desdobramentos acerca do assunto. A partir dele, Paisagem Sonora passa a ser um componente fundamental desta categoria de análise geográfica.

O presente trabalho tem por objetivo relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas durante o Estágio de Regência, pertencente à matriz curricular do quarto ano do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. Durante este período, buscou-se a utilização dos conceitos de Paisagem Sonora para aplicação dos conteúdos regulares, em uma turma de sexto e nono ano do Ensino Fundamental II.

O Estágio de Regência realizou-se no Colégio Estadual Professora Benedita Rosa Rezende, município de Londrina - PR, durante o período de 19 de março de 2021 e 09 de abril



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de 2021. No sexto ano do Ensino Fundamental II foram abordados os temas: orientação e localização no espaço geográfico, e aspectos gerais do planeta Terra. No nono ano do Ensino Fundamental II foram abordados os temas: Economia mundial e organizações políticas, a nova ordem mundial, e globalização. Para cada uma das turmas foram ministradas seis aulas.

Vale ressaltar que, devido à Pandemia de Covid-19 as aulas foram ministradas on-line, por meio da plataforma do Google Meet, sendo essa a metodologia utilizada pela Secretaria de Estado de Educação e do Esporte do Paraná (SEED) para realização das aulas.

Paisagem Sonora: uma análise geográfica

O objeto de estudo da Ciência Geográfica é o espaço, tendo como seu objetivo o estudo da relação do homem com o mesmo. Segundo Santos (1997), o espaço geográfico pode ser definido como “um sistema de objetos e um sistema de ações”, que:

É formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (SANTOS, 1997 apud SUERTEGARAY, 2001, p.2).

Para analisar este espaço geográfico, o ser humano se utiliza principalmente da visão, e até mesmo nas práticas de ensino, inclusive na Geografia, tem-se essa utilização da visão para percepção do espaço (MALANSKI, 2011, p.253). Na ciência geográfica, utiliza-se muitos mapas, figuras, croquis, gráficos e tabelas, que são recursos visuais.

Por outro lado, Tuan (1980) apud Malanski (2011, p.253), afirma que nós somos mais vulneráveis aos sons do que às imagens, somos mais sensibilizados pelo que escutamos do que pelo que vemos, logo, os sons podem ampliar a nossa experiência espacial.

Sendo uma onda mecânica, impalpável e invisível, o som, por sua vez, sempre esteve presente em nosso mundo. A própria teoria que busca explicar a origem do universo (Big Bang) faz referência a ele. [...] Além



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

disso, convivemos diariamente com enorme quantidade de sons provenientes das mais diferentes fontes e com diferentes intensidades, fazendo com que pessoas busquem se alienar propositalmente a esse então “incômodo” universo sonoro superpovoado (MALANSKI, 2011, p.253/254).

Em diversos temas da Geografia, portanto, a questão do som pode ser utilizada para ampliar a análise, e sair da monotonia ocasionada pelo uso apenas da visão. O estudo das paisagens, por exemplo, pode se dar por meio dos sons - ficando assim nomeada “Paisagem Sonora”.

Por sua vez, o conceito de paisagem, muito utilizado pela ciência geográfica, pode ser definido da seguinte forma:

“Paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, “A paisagem se dá como conjunto de objetos reais concretos” (SANTOS, 1997 apud SUERTEGARAY, 2021, p.4).

Suertegaray (2001, p.4) define ainda que a paisagem ultrapassa os limites temporais, unindo o passado e o presente.

A Paisagem Sonora pode ser definida como “[...] Unidade dos sons de um determinado lugar, englobando sons de natureza agradável ou desagradável (ruído), além de contribuir com a ideia de que o som de um lugar pode expressar a identidade de sua comunidade.” (MALANSKI, 2011, p.258).

Torres (2018, p.144) afirma que: “Para Schafer (2001), a paisagem sonora equivale a todos os sons de um ambiente, qualquer que seja a natureza.”.

Malanski (2011, p.258) afirma que na ciência geográfica, o estudo dos sons que os lugares emitem, passou a ser estudado apenas na corrente humanista-cultural. Atualmente é uma grande preocupação de diversos profissionais que planejam o território, a questão da sonoridade e dos impactos ambientais por ele ocasionados.

Outro autor com grande contribuição para esse estudo é Schafer (2001), que define Paisagem Sonora como todos os sons de um ambiente e ainda propõe diversos estudos como



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

diferenciação de lugares, sons únicos com criação de identidade dos lugares a partir dos sons e também fala sobre a subjetividade presente na interpretação dos elementos sonoros (TORRES, 2018, p.144).

Torres (2018, p.145) coloca ainda que as ondas sonoras estão contidas no espaço e agem sobre os seres humanos, tocando-os intimamente.

Schafer (2001) propõe uma divisão histórica sobre o conceito de Paisagem Sonora. Essa divisão consiste em: natural, rural e pós-industrial, sendo o último dividido em revolução industrial e revolução elétrica (TORRES, 2018, p.145).

De acordo com essa divisão, “a paisagem sonora natural é aquela que contém os sons 'puros' da natureza [...] cada paisagem sonora natural tem seu próprio som peculiar, e com frequência esses sons são tão originais que constituem marcos sonoros” (TORRES, 2018, p.145 apud SCHAFER, 2001, p.48).

A segunda divisão, Paisagem Sonora rural, diz respeito aos sons produzidos no campo, fora do espaço urbano. São semelhantes aos sons da paisagem natural, porém, há a presença humana e de maquinários utilizados no meio rural (TORRES, 2018, p.146).

E por fim, na terceira divisão de Paisagem Sonora, tem-se a questão da revolução industrial, que originou diversos novos sons (TORRES, 2018, p.146). Com a questão da revolução elétrica surge a possibilidade de criar sons, amplificá-los e acondicioná-los.

A Revolução Industrial introduziu novos sons, com consequências drásticas para muitos dos sons naturais e humanos que eles tendiam a obscurecer; e esse desenvolvimento estendeu-se até uma segunda fase, quando a Revolução Elétrica acrescentou novos efeitos próprios e introduziu recursos para acondicionar sons e transmiti-los esquizofonicamente através do tempo e do espaço para viverem existências amplificadas ou multiplicadas (SCHAFER apud TORRES, 2018, p. 145).

Schafer (2001), segundo Torres (2018, p.146), ainda propõe o conceito de esquizofonia, sendo que este é uma característica cada vez mais marcante da atualidade. Este conceito está



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

relacionado às condições técnicas, que permitem a gravação e reprodução de sons a tempo todo e de qualquer local.

Sobre este conceito de esquizofonia, têm-se a seguinte definição, de acordo com Mota (2020, p.2 apud SCHAFER, 1992, p.172):

Desde a invenção dos equipamentos eletrônicos de transmissão e estocagem de sons, qualquer som natural, não importa quão pequeno seja, pode ser expedido e propagado ao redor do mundo, ou empacotado em fita ou disco, para as gerações do futuro. Separamos o som da fonte que o produz. A essa dissociação é que chamo esquizofonia. (SCHAFER, 1992, p.2 apud MOTA, 2020, p.172).

Dessa forma, esses conceitos serão utilizados para embasar as aulas ministradas no sexto e nono ano do ensino fundamental II.

Paisagem Sonora e sua correlação com os conteúdos estruturantes do sexto ano do Ensino Fundamental II

O trabalho desenvolvido com o sexto ano do Ensino Fundamental II teve o intuito de relacionar a sequência didática envolvendo os conteúdos de orientação e localização no espaço geográfico, escala cartográfica, aspectos gerais do planeta Terra, e paisagens relacionadas aos aspectos gerais do planeta Terra, com o conceito de Paisagem Sonora.

Essa sequência didática ocorreu em seis aulas, ministradas pelo Google Meet, pois devido à Pandemia de Covid-19 as aulas no estado do Paraná estão sendo ministradas virtualmente. As metodologias utilizadas quanto a aplicação das aulas foram, a expositiva e a expositiva-dialogada. Foi também realizada a aplicação de formulários para observar o nível de aprendizado dos estudantes.

As três primeiras aulas, que tratavam do assunto orientação e localização no espaço geográfico e escala cartográfica, foram mais difíceis de estabelecer relações com a Paisagem Sonora. Dessa forma, estabeleceu-se relação somente com o conceito de paisagem. Para tal, foram utilizadas figuras de paisagens do município de Londrina e questionado aos estudantes: "Em qual local da cidade essa paisagem se localiza?" e "Como posso chegar até lá?". A Figura 1 exemplifica essa prática.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Mosaico com as paisagens apresentadas aos alunos.



Fonte: As autoras, 2021.

A primeira paisagem demonstrava uma fotografia do Lago Igapó, os estudantes demonstraram a localização dizendo que ficava próximo da Gleba Palhano (bairro londrinense), da Avenida Higienópolis e do Iate Clube de Londrina. A segunda paisagem demonstrava o Museu Histórico de Londrina, e os estudantes o localizaram próximo ao terminal central de ônibus, ao planetário e à loja Havan.

A terceira paisagem era a Catedral Metropolitana de Londrina. Os estudantes a localizaram perto do Bosque Municipal, da Biblioteca Pública de Londrina e do Calçadão. A quarta e quinta paisagem se inter relacionam: A quarta se refere à Praça Nishinomiya, e a quinta ao Aeroporto de Londrina. Os estudantes estabeleceram essa relação de proximidade entre as duas paisagens.

A sexta paisagem demonstrava o Terminal Rodoviário de Londrina. Os estudantes alegaram que este ficava próximo da Avenida Dez de Dezembro, do Shopping Boulevard e do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

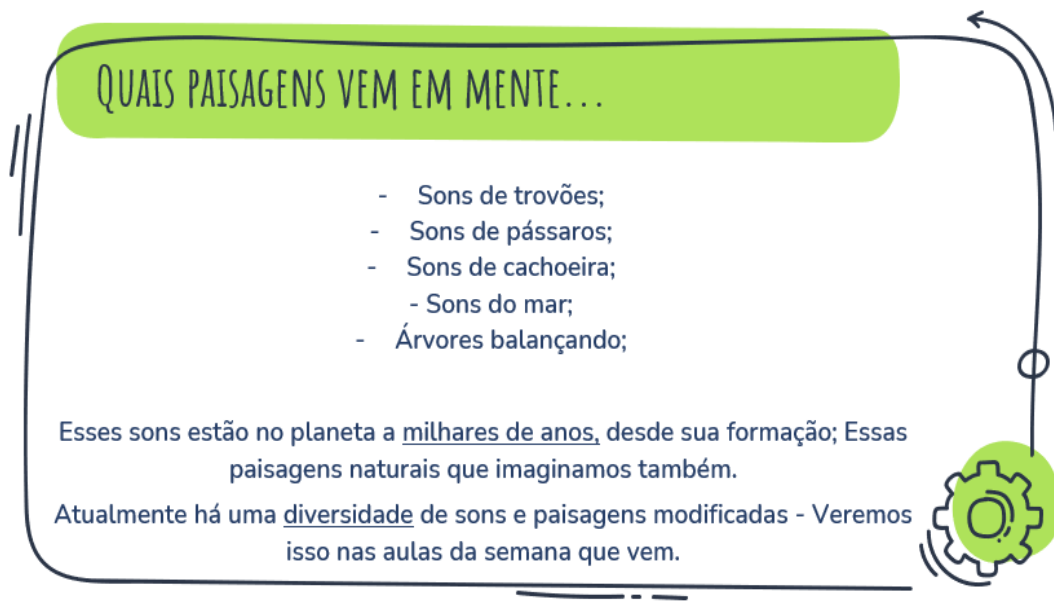
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Centro de Londrina. E por fim, a última das paisagens demonstrava o Autódromo de Londrina, e os estudantes relataram que este fica próximo do Estádio do Café.

Após esses conteúdos, iniciaram-se as abordagens sobre os Aspectos Gerais do Planeta Terra, já na aula quatro. Nesta aula, para incitar a curiosidade acerca da Paisagem Sonora, foi colocado diversos sons naturais para os estudantes ouvirem e relatarem quais paisagens que os lembravam.

Os sons utilizados foram: sons de trovão, sons de cachoeira/lago, sons do mar, sons de árvores balançando e sons de pássaros (Figura 2).

Figura 2 - Utilização de sons naturais para estimulação da percepção da Paisagem Sonora.



Fonte: As autoras, 2021.

Os sons foram baixados da Plataforma Freesound, sendo esta utilizada por Malanski (2011), referência para este trabalho. Após a execução de cada som, era dado um tempo para que todos os estudantes relatassem qual paisagem os lembravam. No som do trovão, muitos responderam que se lembravam de Londrina em um dia chuvoso, no som de cachoeira/lago



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

muitos relataram se lembrar de uma paisagem rural, de um parque ou do Lago Igapó. No som do mar, a grande maioria relatou se lembrar da praia. No som das árvores, novamente os estudantes relataram se lembrar de algum local de paisagem rural. E por fim, no som dos pássaros, houve também essa associação com a paisagem rural.

O que mais chama a atenção nessa atividade é a relação que eles estabeleceram entre os sons e o município em que vivem, citando-o várias vezes após escutar os sons.

Nesta aula, foram utilizados somente sons naturais pois seria tratado das características gerais do planeta Terra, sua formação e as eras geológicas, e o intuito foi passar para os estudantes que no início do planeta, esses sons naturais eram tudo o que existia. Com o surgimento dos animais, surgem novos sons e, posteriormente, com o desenvolvimento dos humanos, surge ainda uma variedade muito maior de sons.

Na última aula ministrada para o sexto ano - Aula 6, foi realizada a finalização deste conceito de Paisagem Sonora.

Inicialmente, foi explicado o conceito de paisagem e de Paisagem Sonora, e depois, por meio de imagens, foi demonstrado aos alunos como essa paisagem evoluiu com o passar do tempo na Terra: Inicialmente haviam os sons naturais de tempestades e vulcões, depois começaram a surgir os pequenos e grandes animais, e depois o ser humano (Figura 3). Esse desenvolvimento alterou a paisagem e conseqüentemente, os sons produzidos e ocasionados por elas.

Figura 3 - Evolução dos sons e das paisagens.

As Paisagens do Planeta

- **Paisagem:** Tudo aquilo que nós podemos identificar e interpretar por meio dos nossos sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar).
- As paisagens são **alteradas** de tempos em tempos, e nelas podem coexistir elementos materiais de diferentes épocas.



9

Fonte: As autoras, 2021.

Essa realidade foi trazida também para o município de Londrina, demonstrando fotografias da área central, em que, inicialmente, havia somente a Catedral Metropolitana na década de 1930, e portanto, os sons da paisagem eram completamente diferentes dos atuais, em que se têm a Catedral Metropolitana imersa em uma infinidade de prédios, ruas e tráfego de veículos (Figura 4). Exemplificando também na realidade de Londrina, foi utilizado exemplos, dizendo aos alunos paisagens que determinados sons faziam as estagiárias lembrar, como por exemplo: Ao falar dos carros, foi demonstrado uma foto da paisagem urbana de Londrina, ao falar sobre os pássaros, foi demonstrado uma fotografia da paisagem do Parque Municipal Arthur Thomas, e ao falar de um dia chuvoso, foi demonstrado uma paisagem chuvosa no município de Londrina (Figura 5).

Figura 4 - Exemplificação do tema na realidade de Londrina.

Figura 5 - Os sons e as paisagens exemplificadas na realidade de Londrina.



Fonte: As autoras, 2021.

Fonte: As autoras, 2021.

Como atividade final, foi proposto aos estudantes a utilização da Plataforma do Padlet. Este, por sua vez, foi organizado com uma sequência de sons, e após ouvir cada som os estudantes deveriam registrar por escrito qual paisagem haviam recordado.

Inicialmente, esta atividade havia sido desenvolvida para aplicação presencial, em que seria utilizado um rádio para reprodução dos sons e seria solicitado que os estudantes desenhassem a paisagem que lhes vem à mente. Porém, devido às circunstâncias, este teve que ser adaptado e o Padlet foi a melhor ferramenta encontrada para desenvolvimento.

Para escolha dos sons, foi utilizado a subdivisão histórica proposta por Schafer (2001), mencionada por Torres (2018, p.145). Partindo da Paisagem Sonora natural, foi demonstrado sons "puros" da natureza. Em seguida, foi demonstrado sons da Paisagem Sonora rural, em que haviam sons naturais, mas com a inserção de elementos ligados à presença humana. Posteriormente, foi apresentado sons referentes a terceira divisão de Paisagem Sonora, que remete a sons produzidos após a revolução industrial.

Os sons eram (Figura 6): I) Trovão; II) Ondas do Mar; III) Pássaros e floresta; IV) Floresta e motosserras; V) Periferia urbana; VI) Centro urbano; VII) Carros e buzinas.

Figura 6 - Sons utilizados na atividade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: As autoras, 2021.

Como é possível observar na Figura 6, os estudantes registraram a resposta logo abaixo do som. Houve cerca de 12 contribuições em cada som, e havia essa média de estudantes na sala on-line neste dia.

Houve alguns alunos que relataram não conseguir participar por estarem acompanhando a aula por celular. Foi solicitado, portanto, que esses alunos respondessem à atividade quando estivessem no computador, com auxílio dos responsáveis.

Em relação ao Som 1, muitos estudantes responderam que se recordam de uma paisagem chuvosa, com grandes tempestades. Já no Som 2, foi respondido que o som recordava a paisagem da praia, ou de uma cachoeira, e houve um relato de que se tratava novamente de um dia chuvoso com carros passando em poças d'água. No Som 3, houve relatos de paisagem rural, pássaros, paisagem natural, paisagem de chácara ou sítio. No Som 4, foi relatado a paisagem de uma floresta sendo destruída por motosserras, e paisagens naturais sendo derrubadas. No Som 5, foi relatado a questão da movimentação em uma rua, a paisagem de um bairro, e houve um estudante que relatou se lembrar de uma paisagem de fazenda, com carros chegando e animais ao fundo. No Som 6, foi relatado a paisagem urbana, com músicas e carros - inclusive carro de polícia ou ambulância, e um estudante relatou se lembrar de uma paisagem circense; E por fim, no Som 7, muitos estudantes relataram se lembrar da paisagem caótica da cidade, com muita buzina e carros transitando, há relatos inclusive de uma paisagem de engarrafamento.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

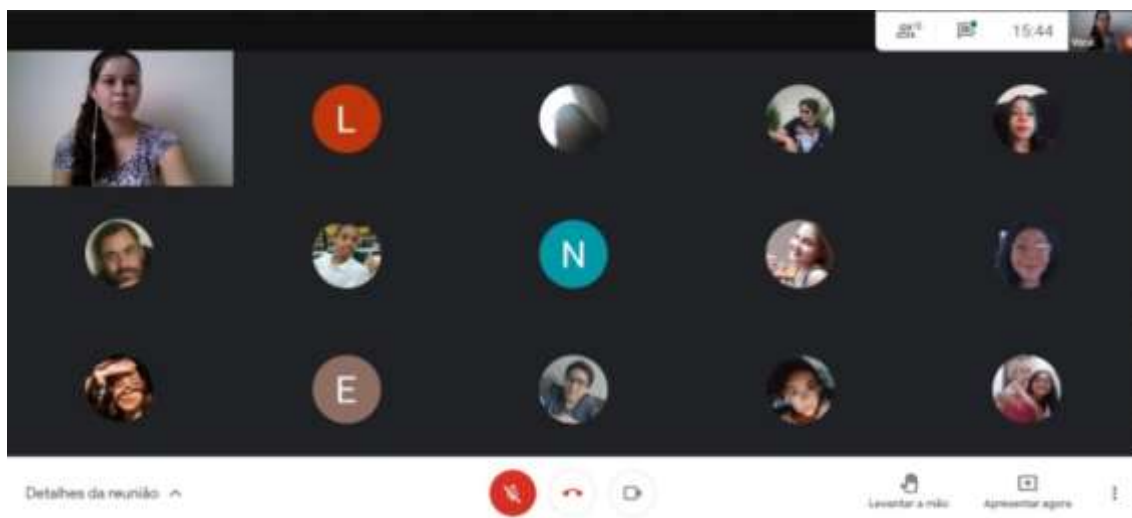
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A participação dos estudantes foi de grande significância, grande parte deles se comprometeu de fato com a atividade participou respondendo aos questionários. É interessante analisar a aproximação que alguns estudantes fazem com sua realidade, ao mencionar por exemplo a questão do circo no Som 6, ou a chegada na Fazenda, no Som 5. Foi possível observar também que, possivelmente, haviam alguns pais auxiliando os estudantes a responderem a atividade, sendo este um fator importante ao tratar-se do Ensino Remoto.

Ao final, foi questionado se os estudantes haviam gostado da atividade e muitos relataram que sim, por ser uma atividade diferente, visto que a maioria das atividades estavam sendo aplicadas por meio do Google Formulários, nas mais diferentes disciplinas.

Na figura a seguir, demonstra-se o Google Meet com os estudantes presentes na aula remota neste dia.

Figura 7 - Sexto ano em que foi aplicada a atividade.



Fonte: As autoras, 2021.

Essa prática foi importante para que os estudantes compreendessem que o conceito de paisagem pode ser explorado por meio dos sons, e não somente pela visão, que é o mais utilizado no ensino regular.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Apesar das dificuldades impostas pelo ensino remoto, a prática ocorreu da melhor forma e superou as expectativas, pois os estudantes conseguiram lidar com a plataforma do Padlet, e foi estimado que haveria dificuldades que não ocorreram.

Paisagem Sonora e sua correlação com os conteúdos estruturantes do nono ano do Ensino Fundamental II

O trabalho desenvolvido com o nono ano do Ensino Fundamental II teve o intuito de relacionar a sequência didática envolvendo os conteúdos de Socialismo, Mundo Bipolar, Guerra Fria, Nova Ordem Mundial, Transnacionais, Globalização, Economia Global e Organizações Internacionais com o conceito de Paisagem Sonora.

Essa relação foi feita na medida em que a sequência didática proposta apresenta o mundo em um momento crucial de mudanças, onde se teve, com o fim da Guerra Fria, o sustento, avanço e expansão do Capitalismo. Com o avanço desse modo de vida e produção o mundo expandiu suas barreiras, onde se intensificaram as relações comerciais entre Estados. Obteve-se uma maior circulação de mercadorias, capital, bens, serviços e pessoas. Pode-se também observar o processo de Globalização, acelerando o avanço dos meios de comunicação, transporte e tecnologia. Esses fatores deram ao mundo uma nova Paisagem Sonora, que é claro, está em constante mudança, mas que naquele dado momento histórico e geográfico, sofreu alterações significativas, pois com o avanço dos transportes e comunicações a paisagem sofreu alterações em todos os seus âmbitos, inclusive, na sonora. Consegue-se observar e ouvir um mundo muito mais rápido, frenético e barulhento. Há um bombardeamento de informações por todos os lados, e de todas as maneiras, sente-se a Paisagem Sonora de um grande centro “quase que” como poluição sonora na maioria das vezes. Como já foi visto anteriormente, Schaffer propõe o termo esquizofonia, que designa uma característica do mundo contemporâneo, onde se tem uma produção e reprodução intensa de sons por diversos meios e espaços.

O mundo contemporâneo presencia uma infinidade de novos sons que diferem em qualidade e intensidade. Esses novos sons fundem-se aos historicamente já existentes, por vezes sobrepondo-os ou até mesmo contribuindo para a extinção de alguns deles, mas que, de todo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

modo, complementam o meio (SCHAFFER apud TORRES, 2018, p. 145)

Foram essas informações que ajudaram a ensinar os conteúdos citados acima o espaço geográfico dos dados momentos históricos estudados. A partir do conceito de Paisagem Sonora consegue-se compreender, claro que não de forma holística, como o espaço foi formado e está constituído. Por fim, também foi utilizado o conceito proposto por Schaffer (2001) sobre paisagem histórica, que, como vimos, trata da evolução dos sons da paisagem de acordo com o momento histórico, passando de sons naturais como chuva, raios e trovões apenas, para sons artificiais criados pelos seres humanos, e cada vez mais presentes no espaço, até que chegamos no momento presente, onde as condições técnicas permitem o mundo em estado de esquizofonia.

As aulas, como o mundo encontra-se em um momento pandêmico por conta da Covid-19, aconteceram remotamente, e, para ensinar os conteúdos, as metodologias utilizadas foram aulas expositivas dialogadas e formulários para observar a absorção de conteúdos dos estudantes.

As aulas seguiram de maneira a tentar ensinar os estudantes o momento de passagem do mundo, desde o fim do Feudalismo até o momento da Globalização.

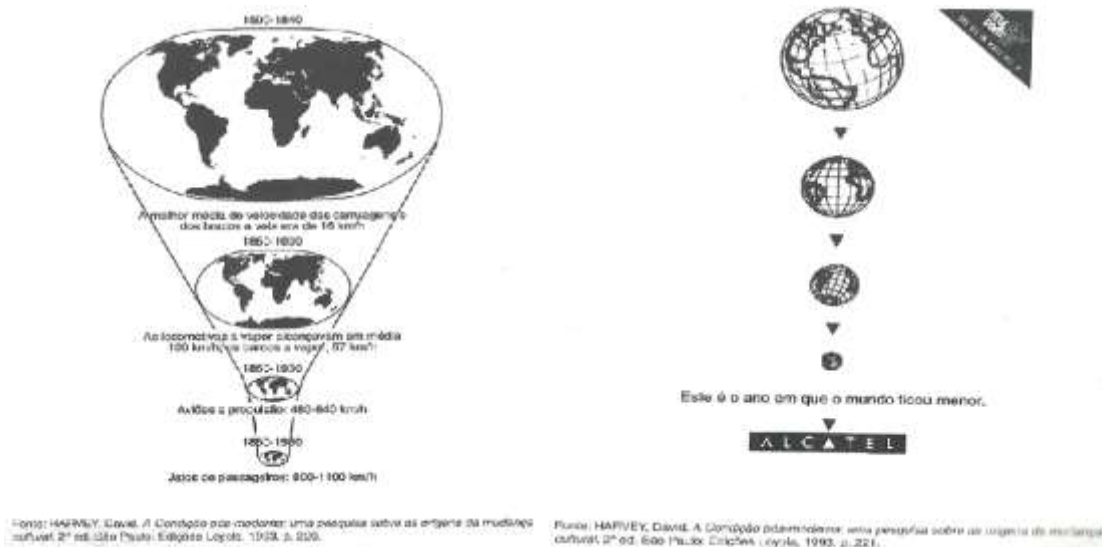
As principais figuras de apoio para ensinar esse momento de mudança do mundo foram as que representam o momento de passagem do mundo onde as condições técnicas eram menores, para um mundo muito mais tecnológico e avançado, as figuras comentadas a seguir foram utilizadas diversas vezes durante a sequência didática aplicada.

A figura 8 mostra o mundo “diminuindo” de tamanho por conta da evolução dos meios de transporte e comunicação, pois para chegar de um lugar ao outro o tempo necessário ficou muito menor, causando uma sensação de “mundo menor”. Também ao lado direito temos uma propaganda da Anatel, que é uma empresa de comunicação, aludindo ao mundo ter ficado muito menor, por conta do avanço dos meios de comunicação.

Figura 8 – Mundo encolhido.

XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

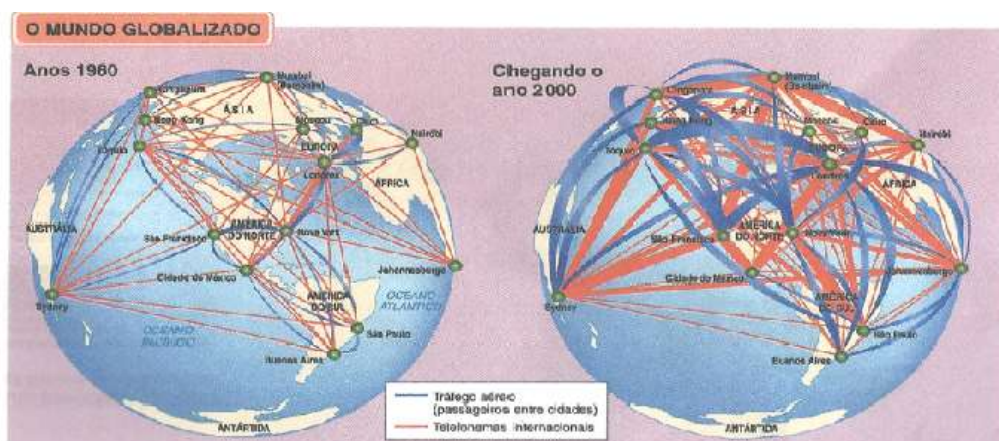
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: HARVEY, 1992.

A figura 9 mostra dois mapas, onde os dois representam os transportes e a comunicação, porém o primeiro no ano de 1960 e o segundo chegando nos anos 2000. Eles mostram como esses fluxos se intensificaram nesse momento histórico, que é marcado como: antes do fim da Guerra fria, e depois, com a avanço e expansão do capitalismo e do mundo globalizado.

Figura 9 – O Mundo Globalizado.



Adaptado de National Geographic (Washington, DC), v. 195, nº 2, ago. 1999, (encarte Milênio: in maps – cultures).

Fonte: NATIONAL GEOGRAPHIC, 1999.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outras figuras foram utilizadas para representar as paisagens em diversos momentos históricos, e, a partir delas, foi pedido para que os estudantes descrevessem qual paisagem sonora eles conseguiam “ouvir” partindo daquela imagem.

A figura 10 foi utilizada nas aulas sobre Guerra Fria e Nova Ordem Mundial, representando as guerras civis causadas pelas potências mundiais indiretamente durante a Guerra Fria, mostrando uma paisagem de caos e guerra. No final da aula os alunos descreveram como eles podiam “ouvir” aquela paisagem.

Figura 10 – Imagem de Guerra Civil no período da Guerra Fria.



Fonte: DORIA, Pedro, 2018.

A figura 11 foi mostrada apenas como representação de um momento de transformação histórica na paisagem sonora, a invenção do rádio, que modificou nossa relação com os sons, pois estes podiam ser reproduzidos em escala em lugares diferentes a partir daí.

Figura 11 – A invenção do rádio.



Fonte: VIGGIANO, Giuliana (reprodução).

Para obter uma maior aproximação dos conteúdos trabalhados com a realidade dos alunos, a última aula tratou do tema: Globalização e a disseminação da COVID-19. Como material de apoio para tratarmos a respeito da paisagem sonora dentro dessa temática, foram feitas diversas comparações entre paisagens do mundo Globalizado, onde estas são frenéticas, ou esquizofonizadas, como diria Schaffer (2001), contra paisagens em momentos de lockdown ocorridos durante a pandemia em diversos locais do mundo, onde a paisagem sonora se tornou muito mais silenciosa. As figuras 12 e 13 foram utilizadas para exemplificar momentos muito agitados, paisagens globalizadas dentro de grandes centros urbanos. Já a figura 14 mostrava um momento sem agitação de carros, comércio e nem pessoas. Essas imagens demonstram como a pandemia da Covid-19 influenciou a paisagem, inclusive no âmbito sonoro.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 12 – Centro urbano movimentado.



Fonte: ROMERO, Hélivio/Estadão Conteúdo

Figura 13 – Paisagem urbana.



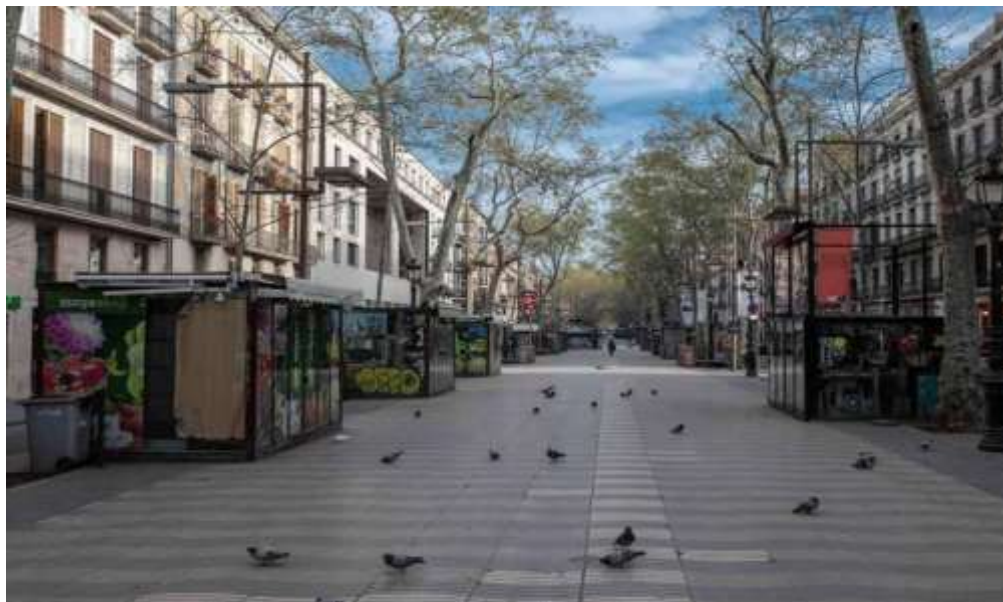
Fonte: Dibyangshu Sarkar/AFP/Getty Images



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 14 – Centro urbano italiano durante o lockdown em 2020.



Fonte: HERMANN, Carlo/AFP

Para realizar as abordagens a respeito da paisagem sonora com os alunos, foi, primeiramente ministrado o conteúdo da aula, e, no final, realizado diálogos com os alunos a respeito do que eles conseguiam “ouvir” observando as imagens das paisagens.

Foi realizado com os estudantes uma construção histórica da paisagem sonora de acordo com a sequência didática estudada. Além de uma aproximação com o presente momento histórico da pandemia da Covid-19 e a paisagem sonora.

Também ocorreram conversas a respeito da paisagem sonora que cada um poderia ouvir na sua casa. Alguns reportaram ventilador e professora, outros carros na rua, outros a família em casa, etc.

Considerações Finais

O Ensino Remoto impõe uma série de desafios aos docentes e aos estudantes. A dinâmica desenvolvida on-line é completamente diferente da presencial, que todos estavam



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

acostumados. A realização do Estágio de Regência de modo virtual foi de grande valia pois proporcionou às estagiárias essa vivência.

A utilização do conceito de Paisagem Sonora para embasar as diferentes sequências didáticas desenvolvidas com o sexto e nono ano do Ensino Fundamental II proporcionou aos estudantes maior conhecimento e uma dinâmica diferenciada com os conteúdos, pois puderam, além de relacionar os conhecimentos com este conceito, analisar a paisagem sob outra perspectiva - por meio dos sons.

O conceito de Paisagem Sonora, permite, por meio dos sons, uma nova impressão sobre o espaço vivido, utilizando não apenas mais o visual, mas o sonoro, englobando outra perspectiva de percepção.

Foi realizado, por meio desse trabalho, uma tentativa de aproximação dos estudantes com essa perspectiva de percepção do espaço pouco explorada no ensino de Geografia - a paisagem sonora, além de uma aproximação dos conteúdos trabalhados com a realidade vivida deles, como por exemplo as paisagens de Londrina trabalhadas com o sexto ano, e as paisagens globalizadas antes e pós-pandemia com o nono.

Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos e Alternativas**. Belo Horizonte: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento, 2010. 16p.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. 2ª edição. São Paulo: UNESP, 2003.

HARVEY, David.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia Escolar e Paisagem Sonora. **Revista RA'E GA**, v.22. Curitiba, UFPR, 2011. p.252-273. Disponível em:
<<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21775/14175>>. Acesso em 06 de abril de 2021.

MOTA, Marcus. **Audiocenas**: Estratégias para Elaboração de Performances Sonoramente Orientadas através de Mediação Digital. Goiânia: UFG, sem ano. p.13. Disponível em:
<<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/marcusMota2.pdf>>. Acesso em 06 de abril de 2021.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: Secretária de Educação do Estado do Paraná, 2008. 100p.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em 06 de abril de 2021.

TORRES, Marcos Alberto. Os Sons da Paisagem: Entre Conceitos, Contextos e Composições. **Revista Geograficidade**, v.8. Curitiba, 2018. p.141-154. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/13165/pdf>>. Acesso em 06 de abril de 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A APROPRIAÇÃO DA MÚSICA ENQUANTO FERRAMENTA PARA SUPERAÇÃO DOS LIMITES NA EDUCAÇÃO⁴⁸

Felipe Cavichioli Martins⁴⁹

Henrique de Souza Barbosa⁵⁰

Resumo

No processo de ensino-aprendizagem podem ser usados diversos recursos para permitir que os alunos tenham a melhor compreensão possível do conteúdo. A música se apresenta como um desses possíveis recursos, podendo retratar em sua composição a realidade vivida por muitas pessoas. Em virtude da possibilidade de retratar diferentes assuntos que a música oferece e se colocando como um recurso didático acessível foi o recurso escolhido para ser utilizado metodologicamente no período de estágio em Geografia. O uso de metodologias diversas também é importante no contexto educacional pandêmico, tentando manter os alunos interessados no processo de aprendizagem e tentando não transformar o processo de ensino em algo maçante. As temáticas trabalhadas durante o período de estágio dizem a respeito à Geografia do Brasil e também por isso foi possível o uso da música nacional que retrate nosso Brasil em aspectos físicos e também de população.

Palavras-chave: Música, Geografia, Brasil.

Introdução

A educação em Geografia é componente fundamental na emancipação do indivíduo por meio da formação cidadã humana, que passa pela emancipação do ser social e sua libertação crítica da formação das ideias e do pensamento.

Essa educação da Geografia passa diretamente pela compreensão das dinâmicas do Espaço Geográfico, pelas suas minúcias e relações, entre sociedades e seus elementos, e a natureza e seus elementos. Assim, se debruça na compreensão das relações que resultam na constituição do Espaço Geográfico, sendo cada vez mais e mais necessária na composição do olhar crítico do indivíduo com as complexificações das dinâmicas na pós-modernidade e pós-

48 Trabalho resultante do Estágio Supervisionado do 4º ano de Licenciatura da UEL, sob orientação da prof^a Jeani Delgado Paschoal Moura. E-mail: jeanimoura@uol.com.br

49 Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: felipe.cavichioli@uel.br

50 Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: henrique.souza0@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ciência (pós-pensamento, “fake Science” ou pseudociência) que cada vez mais dita o ritmo de produção do espaço por meio de políticas governamentais e de grupos sociais.

Nesse contexto que chamaremos de pós-científico, que ganha intensidade a partir de 2015 com a emergência de grupos de extrema direita que assumem centralidade na produção política e espacial em muitos países, a ciência passa a ser questionada de uma maneira anticientífica, ou seja, com um caráter que foge dos processos de produção da ciência, com “verdades” que eram incontestadas e unanimidade até a década de 2000, ganharem o título de “grandes conspirações” por esses grupos anticiência (o maior exemplo é o ressurgimento dos terraplanistas e dos grupos contra as vacinas).

Com o que é exposto sobre o delicado momento que a humanidade atravessa com relação ao paradigma de pensamento, é extremamente válido a busca por uma aproximação ainda mais intensa entre ciência e educação, juntamente com metodologias mais dinâmicas e atrativas para que os alunos se interessem mais pelos estudos.

Mas não apenas de uma crise paradigmática vive a humanidade. Atualmente enfrentamos uma crise pandemiológica, com o alastramento mundial do contágio do vírus sars-cov-2, responsável pela transmissão da Covid-19, que afundou todas as sociedades humanas em uma intensa crise econômica, social, política e sanitária, com a superlotação de hospitais, cemitérios, aumento da violência doméstica, do desemprego, das situações de vulnerabilidade e das violências sociais. Deixando as organizações sociais humanas à beira de um colapso, escancarando as mazelas de anos de produção capitalista neoliberal do Espaço.

Somando uma crise de um vírus extremamente contagioso e com índices de letalidade consideráveis à uma dinâmica de negação científica e de falsas notícias, temos uma receita para um desastre iminente.

Juntamente com todos esses momentos delicados, a pandemia forçou a alteração do modelo de ensino, colocando alunos e professores em uma situação extremamente desafiadora e nova: a do ensino remoto.

Dessa forma, as aulas passaram a ter um caráter online, com a transmissão de atividades síncronas e assíncronas, o que promoveu uma intensa desistência e aumento do interesse por parte dos alunos, em especial da Educação Básica. Essas desistências se associam tanto à



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

problemas financeiros familiares (em especial nos anos finais do Ensino Médio) e ao desinteresse e dificuldades dos alunos.

De acordo com o Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) – em matéria divulgada na CNN Brasil no início do ano de 2021, apontou para o que já era evidente para quem está atento às dinâmicas educacionais, em especial, durante a pandemia. O levantamento de 2020 apontou para cerca de 5,5 milhões de crianças e adolescentes sem acesso pleno à educação.

Porém, o mais preocupante são os níveis de evasão, onde 1,38 milhões de estudantes entre 6 e 17 anos abandonaram as instituições de ensino, o que representa 3,8% dos estudantes (praticamente o dobro quando comparado com 2019, em que esse índice ficou nos 2 %).

Além desse dado, outro dado extremamente preocupante é o da situação dos alunos que estão devidamente matriculados, não receberam atividades escolares, e por isso, não estão atingidos pelo modelo emergencial de educação. Nesse grupo estão os assustadores 4,12 milhões de estudantes, que representa 11,2% dos estudantes brasileiros.

Assim, resgatar e acolher os alunos da educação básica com metodologias atrativas e dedicadas à intensidade e participação deles no processo de construção do conhecimento é fundamental no processo de superação de todas essas crises: a paradigmática, promovendo uma disseminação da ciência e de seus métodos; a sanitária, por meio de maneiras eficazes de proteção e vacinação contra a propagação do sars-cov-2; e a educacional, que aparece como central no debate aqui proposto, evitando a evasão escolar e encontrando alternativas didáticas para a formação humana cidadã.

Por fim, vale ressaltar o resultado de duas dinâmicas conjuntas: a evasão escolar somada à reprovação (seja pela falta de atividades ou pelo desinteresse no modelo remoto). Essas duas dinâmicas compõem um terceiro problema, que é a distorção entre série e idade, ou seja, alunos com idades muito elevadas frequentando séries anteriores ao que é o padrão para sua idade. Esse problema pode elevar ainda mais os índices de evasão, com a desistência de alunos nessa situação de distorção.

O professor não pode superar as dinâmicas econômicas ou pandêmicas, não está em suas mãos a criação de medidas para que essas mazelas sociais sejam aliviadas, porém, o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

educador tem em mãos, hoje, a possibilidade de tentativa de atração e retenção desses alunos, de acolhimento, de tentativas de solucionar o desinteresse e apatia. Isso não significa que os educadores têm a responsabilidade de evitar a evasão, mas sim, buscar alternativas metodológicas e didáticas para tentar, no mínimo, segurar os alunos que sofrem com a falta de “apetite” para participar das dinâmicas do Ensino.

Com isso, o Estágio de Regência do 4º ano de Geografia aparece como um bom ensaio para introduzir novas metodologias, didáticas e linguagens, que será o foco das discussões aqui propostas. A apropriação de Linguagens Geográficas aparece como excelente forma de se comunicar com os alunos que participam do processo de construção do conhecimento, em nosso entendimento, há um destaque para a apropriação da Música enquanto ferramenta de comunicação geográfica, promovendo uma comunicação intensa entre aluno, conteúdo e compositor, este que possui em sua propriedade a produção de uma ferramenta de compreensão espacial, aquele, enquanto alvo da mensagem transmitida pela música.

Assim, o Estágio de Regência desenvolvido juntamente aos alunos do 7º ano do Colégio Estadual Paulo Freire, localizado no Jardim Piza, na Região Sul de Londrina – Paraná, ofereceu um excelente campo para o desenvolvimento da linguagem geográfica musical no ideário dos alunos, aproximando o conteúdo da realidade, e a compreensão das dinâmicas espaciais retratadas nas canções.

Conteúdos do estágio e sua importância na formação cidadã

Os conteúdos trabalhados durante a regência no estágio foram todos associados aos aspectos do Brasil, começando pelos aspectos físicos que o território brasileiro apresenta, ou seja, o relevo, o clima, a hidrografia, a vegetação, e os biomas e domínios geomorfoclimáticos, e pairando sobre todos esses conteúdos apareceu as formas de apropriação desses aspectos naturais, ou seja, a sua transformação em recurso, e as diferentes maneiras que as sociedades humanas se utilizam desses recursos, com a diferenciação entre o uso e significado que os elementos naturais possuem nas relações com os povos tradicionais (em especial os indígenas), e a apropriação capitalista dos aspectos naturais do Espaço, que apresenta caráter predatório e violento, sem nenhum tipo de preocupação com relação a manutenção da formação da fauna e flora brasileira.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Além dos aspectos naturais do Brasil, foi trabalhado os aspectos humanos da população brasileira, trazendo conceitos fundamentais para a compreensão das dinâmicas da formação do Brasil, com a apresentação dos povos que constituem essa população, com a migração forçada (escravidão) dos negros e a expropriação dos povos indígenas que habitavam o Brasil antes da chegada dos primeiros Europeus.

Juntamente com a constituição da população brasileira, foram trabalhados importantes elementos que apresentam as dinâmicas populacionais no Brasil, como as pirâmides etárias, êxodo rural suas consequências, e os conceitos básicos do estudo populacional (população, densidade demográfica, populoso/povoado etc.).

Quadro 1- Unidade temáticas, objetos de conhecimento e habilidades trabalhadas com as turmas no período de estágio

Conexões e escalas	Formação territorial do Brasil	(EF07GE02) Analisar a influência dos fluxos econômicos e populacionais na formação socioeconômica e territorial do Brasil, compreendendo os conflitos e as tensões históricas e contemporâneas. (EF07GE03) Selecionar argumentos que reconheçam as territorialidades dos povos indígenas originários, das comunidades remanescentes de quilombos, de povos das florestas e do cerrado, de ribeirinhos e caiçaras, entre outros grupos sociais do campo e da cidade, como direitos legais dessas comunidades.
	Características da população brasileira	(EF07GE04) Analisar a distribuição territorial da população brasileira, considerando a diversidade étnico-cultural (indígena, africana, europeia e asiática), assim como aspectos de renda, sexo e idade nas regiões brasileiras.

Fonte: PAULA (2019) p.18.

Com isso em mãos, foi possível problematizar uma série de questões associadas às dinâmicas da formação da população brasileira, com as dinâmicas de violência dos povos indígenas e negros escravizados, além dos fluxos migratórios do século XX, com uma segunda leva de imigrantes europeus que constituíram a população brasileira mais recentemente. Além dessa compreensão das dinâmicas da formação populacional brasileira, foi possível o debate associado às tendências populacionais do Brasil, como a inversão da pirâmide etária e diminuição da força de trabalho, juntamente com as dificuldades que o processo de êxodo rural trouxe para as grupos que saíram do campo com promessas de uma vida melhor e encontraram dificuldades alternativas às do meio rural apenas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O único conteúdo que estava em planejamento e não foi trabalhado foi o das Regiões Brasileiras, que teve de ser deixado por esbarrar no curto tempo do período de estágio somado à problemas associados à atrasos, tanto para o início da aula com “atropelamentos” de horários e do próprio decorrer das aulas, com dificuldades disciplinares com a turma.

Com estes conteúdos em mãos, foi possível dar caminho para uma compreensão de importantes dinâmicas ligadas ao Espaço Brasileiro, e debater questões fundamentais, em especiais associadas aos aspectos naturais do Brasil, com foco para a degradação ambiental e a apropriação violenta das florestas e dos rios no Brasil, com a poluição, queimadas extração ilegal de madeira.

Quadro 2- Descrição dos princípios do raciocínio geográfico.

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
Analogia	Um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre.
Conexão	Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes.
Diferenciação*	É a variação dos fenômenos de interesse da Geografia pela superfície terrestre (por exemplo, o clima), resultando na diferença entre áreas.
Distribuição	Exprime como os objetos se repartem pelo espaço.
Extensão	Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico.
Localização	Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais).
Ordem**	Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu.
FERNANDES, José Alberto Rio; TRIGAL, Lourenzo López; SPÓSITO, Eliseu Savério. Dicionário de Geografia aplicada. Porto: Porto Editora, 2016. *MOREIRA, Ruy. A diferença e a Geografia: o ardil da identidade e a representação da diferença na Geografia. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 41-58, 1999. **MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). Novos rumos da Geografia brasileira. São Paulo: Hucitec, 1982. p. 35-49.	



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: PAULA(2019) p.18.

A partir da visão da BNCC sobre os princípios do raciocínio geográfico, os estagiários procuraram trabalhar de forma que esses princípios fossem alcançados. Durante o período de vigência do estágio e da elaboração dos planos de aula sempre se colocou em questão a interrelação que deveria ser realizada entre os temas que foram propostos. Já que na ciência geográfica temos o fato de que diferentes fenômenos no Espaço acabam estando conectados de alguma forma.

A percepção dessa interrelação de assuntos trabalhados é importante para uma fluidez melhor do processo de ensino e para o conhecimento acabar não ficando “engavetado”. A visão da interação do homem com o meio no Espaço Geográfico é importante para a percepção de uma visão geográfica. Mesmo em assuntos considerados da “Geografia Física” procurou-se inserir o homem.

Observando a Tabela 1 vamos analisar de melhor forma a abordagem proposta:

- **Analogia:** A busca de compreensão de semelhanças entre os fenômenos geográficos acabou se dando de forma mais clara quando se compara a distribuição dos biomas, por exemplo, e analisamos o que havia sido tratado anteriormente como a distribuição do clima e vegetação no território brasileiro.
- **Conexão:** Como já citado anteriormente buscou-se muito a interrelação dos temas trabalhados em sala de aula. À medida que se avançava nas aulas sempre era feita uma recapitulação dos conteúdos e mostrava onde o que havia sido discutido anteriormente se encaixava no tema atual da aula.
- **Diferenciação:** O Brasil sendo um país de dimensões continentais acaba oferecendo uma diversidade muito grande tanto em aspectos naturais, tanto humanos. E por conta dessa grande extensão territorial era possível observar a diferença entre os fenômenos geográficos e porque isso acontecia.
- **Distribuição:** Parte fundamental da Geografia, a distribuição espacial, sempre foi tratada principalmente com o uso de mapas e imagens.
- **Extensão:** O local de análise dos fenômenos foi delimitado a partir das fronteiras do território brasileiro. Alguns fenômenos foram subdivididos dentro do território nacional.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- **Localização:** Neste princípio o trabalho também foi realizado a partir do uso de mapas e imagens, procurando também comparar um fenômeno com o outro a partir da análise dessas linguagens.
- **Ordem:** A questão da complexidade foi tratada de forma a avançar de fatores menos dinâmicos para fatores de maior dinâmica. Procurou-se também conceituar os aspectos físicos do território antes, para entendermos como se constitui o território nacional. Os temas trabalhados anteriormente a outros foram escolhidos também por conta da influência de um fenômeno em outro.

A música enquanto linguagem geográfica

A música é a linguagem artística que revela e expressa sentimentos, percepções e ideias por meio da organização dos sons, apresentando elementos que a definem assim, como melodia, harmonia e ritmo, organizados como sonoridade. Apresentada como envolvente e expressiva no sentido de manifestação de sentimentos, ideias e percepções, agrupam indivíduos na construção da coletividade, e manifestam temáticas que se associam à um grupo e os diferenciam dos demais.

A música pode ser compreendida de diversas formas distintas, ser assumida com diferentes significados para diferentes grupos, assim, apesar de ter um conceito único e entendida como uma linguagem única, a música possui funções, significados e organizações diferentes para as igrejas e para torcedores de futebol, por exemplo, e nesse fato está a maior riqueza da música, e também maior trunfo para a compreensão dessa linguagem enquanto manifestação Geográfica.

O dicionário Priberam define a música como: “Organização de sons com intenções estéticas, artísticas ou lúdicas, variáveis de acordo com o autor, com **a zona geográfica**, com a época etc.”, essa definição traz consigo a carga que a Geografia possui na produção musical, onde a sua própria essência depende do Espaço onde é produzido, ou na sua zona geográfica, por definição.

Com isso, entendemos que a música possui um espectro espacial que é indissociável na sua produção (PANITZ, 2011), o que garante que essa linguagem seja também objeto de estudo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

geográfico, e não só isso, mas também oferece uma ferramenta excelente no Ensino da Geografia.

A música possui uma íntima relação com o Espaço Geográfico, que reside na manifestação de uma subjetividade humana, que percebe e sente as características e dinâmicas do Espaço, e da forma à essa percepção por meio da musicalidade, e em todos os seus elementos que a compõem: a sonoridade, ritmo, harmonia, melodia e letra (MENDONÇA, 2017), principalmente, que desmembraremos adiante.

Partindo destes conceitos, pode-se afirmar que as composições musicais sempre fizeram parte da organização social dos seres humanos, estando intrinsecamente associadas à celebrações, à religião, ao trabalho, ao lazer etc., e assim, desde as primeiras formas organizacionais mais complexas e estruturadas da humanidade, com mais destaque para as formações de núcleos de habitações que viriam a ser as primeiras formas urbanas, a musicalidade aparece como um dos pilares e consequências dessa organização humana (DINIZ, et al, 2018).

A composição musical que manifesta um espaço, o faz em qualquer um de seus elementos, ou seja, o ritmo, a sonoridade, a harmonia, melodia e letra, manifestam, de maneiras distintas, peculiaridades no Espaço, ou seja, cada um desses elementos tem a capacidade de manifestar uma regionalização ou recorte do Espaço, seja individualmente, ou na própria composição geral da obra.

Com isso, criam-se tradições musicais que manifestam tipicamente uma região, como é o exemplo do forró no nordeste ou o samba no Rio de Janeiro, este, que traz consigo uma outra dinâmica interessante, que é a de diferenciação de um mesmo gênero musical a partir das diferenciações regionais, com isso, o samba de São Paulo traz temáticas, sonoridades, harmonias e até ritmos totalmente diferentes quando se comparado ao que é produzido do gênero no Rio de Janeiro.

Esse fenômeno manifesta a íntima relação entre o Espaço Geográfico e a produção musical, já que cada porção de Espaço traz consigo a sua história, cultura, tradições, povos, problemáticas e dinâmicas sociais, além de características físicas (clima, vegetação, relevo e hidrografia), o que torna as manifestações musicais mais e mais específicas de cada porção do Espaço, como se a canção trouxesse consigo uma assinatura do seu lugar, e vice-versa.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

E essas diferenciações musicais por meio das dinâmicas espaciais acontecem em diversas escalas distintas, na escala global com a diferenciação de ritmos como o Rap, que apresenta peculiaridades gerais distintas quando comparamos o que se produz nesse gênero nos Estados Unidos e no Brasil, e podemos observar as diferenciações dentro do próprio país, das regiões, dos estados e até mesmo dentro da própria cidade, como se apresenta na produção musical do gênero na cidade de São Paulo, onde observamos uma manifestação extremamente distinta em todos os elementos que compõem as músicas da Zona Sul da cidade com Racionais comparadas à intensidade de RZO, da zona oeste da cidade, mesmo sendo coexistentes na mesma década de 1990.

Essa diferenciação passa pela sonoridade (harmonia, ritmo e melodia), mas também pelas letras, que trazem diferentes problemáticas, que uma porção do Espaço enfrenta, e que outras talvez não encontrem de maneira intensa. Com isso, as diferenciações espaciais resultam em diferenciações musicais, a produção do Espaço é intimamente relacionada à produção artística, onde as músicas se inserem.

Em suma, a música é entendida como uma manifestação espacial geográfica, seja em apenas um de seus elementos (sonoridade, ritmo, harmonia, melodia e letra), ou em todos eles. Se associam à um espaço, com capacidade de manifestar ideias, sentimentos e percepções, oferecendo aos indivíduos uma forma de identificação e agrupamento com foco na integração pela aproximação que a expressividade musical traz.

Assim, a música, é indiscutivelmente, um excelente recurso na aproximação dos indivíduos, mas ela também ultrapassa essa definição, a música é também um excelente recurso na aproximação entre os conteúdos e conceitos trabalhados dentro da Geografia e os alunos.

O ensino de Geografia deve ter como fundamentação os conceitos base da ciência (natureza, paisagem, espaço, território, região, rede, lugar e ambiente), trabalhados de maneira relacional com as dinâmicas sociais, culturais, econômicas e de poder que se manifestam em determinado tempo, assim, analisando as formas e processos que constituem por base o Espaço Geográfico.

Tendo isso como base, o educador, na posição de catalisador e facilitador do processo de construção do conhecimento deve se utilizar de todas as ferramentas possíveis no intuito de aproximar conteúdo e educando, ciência e aluno. Facilitando a compreensão dos conceitos base,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

para assim correlacionar com as dinâmicas sociais, culturais, econômicas e de poder que se manifestam no tempo e conduzem as formas e processos que resultam na produção e reprodução do Espaço Geográfico.

Assim, entendemos a música não apenas como conjunto de sons organizados com ritmo, melodia e harmonia, que traduzem uma ideia, manifestam um conjunto de ideias, sentimentos e percepções, conduzem o agrupamento de pessoas a partir de sua expressividade e que apenas contenham um espectro espacial. Entendemos a música como uma **linguagem geográfica**, que tem a capacidade de transmitir a percepção de um Espaço, que se manifestam por meio dos conceitos geográficos e estabelecem uma íntima relação no processo de compreensão e construção de um olhar crítico e profundo das relações espaciais.

Com a leitura e compreensão dessa linguagem, é possível compreender as dinâmicas que uma determinada porção do Espaço apresentam, as relações sociais como são percebidas pelos habitantes dessa porção, assim, fica menos complexo estabelecer relações e compreender quais são as características que se desenvolvem nas relações entre sociedade e natureza.

Assim, a linguagem musical entendida enquanto geográfica, é uma ferramenta excelente na construção do conhecimento justamente pelo fato da sua íntima relação com os conceitos, processos e formas espaciais, com isso, a exemplificação e compreensão das dinâmicas de produção do Espaço se desmistificam com a aproximação que a expressividade musical apresenta, juntando aluno e conteúdo, espaço e observador.

A análise de Serres (2013) acerca das novas dinâmicas de comportamento social são extremamente precisas e enriquecedoras, e se encaixam perfeitamente com o princípio básico da utilização da música enquanto linguagem geográfica no ensino. A Polegarzinha representa a nova constituição da juventude, com os imediatismos, as formas digitais de comunicação, a diferenciação das compreensões e visões de mundo do que antes era tido como paradigma.

E é cada vez mais claro e evidente que de nada adianta a resistência ou crítica sobre a geração da Polegarzinha, ou às novas tecnologias. O futuro está cada vez mais próximo, e a forma com que se relacionavam as pessoas até o ano 2000 apresenta-se já como passado. Com isso, cabe ao ensino, aos educadores, correr atrás da geração que se comunica pelo polegar, aproximar desses indivíduos o que para eles parece inútil e arcaico, já que os jovens estão



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Expostos diariamente às linguagens audiovisuais, como novas formas de expressão e comunicação, as crianças e os jovens continuam recebendo, em contrapartida, uma educação verbalista e reprodutora que desconhece, ou não se aproveita das novas linguagens de uma 'escola paralela' representada pela tão amada tevê. (PACHECO, 1991, apud OLIVEIRA et al, 2005).

Assim, compreendemos o jovem a partir de suas novas formas de organização e de relações, e devemos adaptar os modelos da escola e do ensino à essa nova realidade, e superar a ideia de que o status quo deve ser mantido e que deve moldar os indivíduos.

O Ensino deve superar essa crise se adaptando à Polegarzinha, trazer novas linguagens, se inserir na realidade do aluno e superar a limitação do discurso, que é extremamente rico, e partir para a prática, já que muito se fala acerca do Ensino partir do aluno, mas na prática, os educadores caem constantemente em uma espiral de práticas arcaicas e limitadas, que repetem infinitamente as dinâmicas educacionais de séculos atrás.

Com isso em mente, é de extrema importância o debate acerca dessas linguagens alternativas da Geografia, como os filmes, teatro, danças, a literatura, seriados, televisão, músicas etc. já que é por meio dessas linguagens, que estão intrinsecamente relacionadas com a realidade e cotidiano vivenciado pelos alunos, que se tem uma ponte já construída para trazer a Geografia para o dia a dia dos alunos. Com isso, a apropriação dessas formas de comunicação representa, na verdade, uma forma de aproximação da realidade para o conteúdo, que por muitas vezes se apresentam como extremamente distantes e desconexos, com isso, realizar essa aproximação, o professor aumenta o grau de receptividade dos alunos, o que facilita e melhora a absorção e recepção das ideias que o conteúdo traz, assim, oferece a chance de superar as resistências que o aluno carrega com relação ao conteúdo (OLIVEIRA et al, 2005).

Assim aparece a escolha da música para ser experimentada no processo de ensino desenvolvido durante a regência do estágio, baseada nas dinâmicas associadas ao ideário popular, juntamente com a capacidade de transmissão de uma ideia, sentimento e percepção das relações, formas e dinâmicas que se desenvolvem em determinado Espaço, com isso, não oferece apenas uma descrição, mas sim uma ferramenta que pode decifrar as dinâmicas espaciais (Ribaud apud Panitz, 2011).

Dessa forma, a apropriação das músicas contribui também, na superação do limite que o momento pandêmico impõem, onde o desinteresse se apresentou com mais intensidade e as



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

metodologias tradicionais passaram a ser praticamente inúteis, não apenas na retenção da atenção dos alunos, mas também na construção efetiva de um conhecimento crítico.

A escolha das músicas para o trabalho desenvolvido no estágio de regência passou pelo filtro temático do conteúdo selecionado para as aulas, com isso, foram escolhidas músicas para serem trabalhadas integralmente ou em recortes, para elucidar o Espaço brasileiro, com canções que trabalhassem de maneira crítica os elementos constituintes dessas dinâmicas espaciais que compõe o território Brasileira.

Assim, ora as músicas eram trabalhadas em recortes que elucidavam parte do ideário brasileiro, como é o caso de “Xote das Meninas”, de Luiz Gonzaga, com “Mandacaru quando fulora na seca é um sinal que a chuva chega no sertão” na representação da interação dos fenômenos físicos entre chuva e vegetação, e como essas relações se apresentam com grande presença na constituição da fala e da formação das ideias de quem habita o nordeste, região de origem da canção, que inclusive é tipicamente associada à sonoridade que os “xotes” presentes no forró brasileiro demonstram.

Além disso, outro exemplo de recorte foi o da máxima brasileira de Jorge Ben Jor, do “Moro num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza (mas que beleza)”, em “País Tropical”. Essa canção é um excelente representativo de como as músicas trazem consigo a capacidade de desenvolver o imaginário das pessoas acerca das tradições e características de um determinado Espaço. A partir dela é possível desenvolver e aguçar a imagem que o Rio de Janeiro carrega, através do samba que se produz ali, com traços culturais e sociais, associados às dinâmicas físicas do Espaço.

A única música que pôde ser trabalhada integralmente foi uma das sagas brasileiras, composta pelo paraibano Vital Farias, em 1984. A canção intitulada de “Saga da Amazônia” desdobra as relações predatórias que se desenvolvem na floresta Amazônica, e mesmo a música completando seus 37 anos em 2021 apresenta uma atualidade assustadora em sua composição.

No desenvolvimento das atividades do estágio, a canção serviu de encerramento e amarração conclusiva após a temática da degradação ambiental ser trabalhada, servindo de excelente elucidação de como é percebida a degradação da Floresta Amazônica por alguém que vive essa realidade, e por meio da música nos oferece a possibilidade de compreensão dessa trágica e complexa dinâmica.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A canção trabalha diferentes conceitos e temáticas, que passam desde as presenças da paisagem da região, em:

“Era uma vez na Amazônia a mais bonita floresta
Mata verde, céu azul, a mais imensa floresta
No fundo d'água as laras, caboclo lendas e mágoas
E os rios puxando as águas
Papagaios, periquitos, cuidavam de suas cores
Os peixes singrando os rios, curumins cheios de amores
Sorria o jurupari, uirapuru, seu porvir
Era: Fauna, flora, frutos e flores”

Onde desenvolve-se uma visão dos elementos que compõem a paisagem da região. Na sequência o autor se dedica à detalhar com intensidade e expressividade a degradação do que ele chama de “Dragão-de-ferro” (que simbolizam as ferramentas de corte de madeira), para assim detalhar os impactos ambientais do corte e degradação da Floresta Amazônica, bem exemplificado no trecho: “Se a floresta meu amigo, tivesse pé prá andar Eu garanto, meu amigo, com o perigo não tinha ficado lá”

Além disso, a canção se dedica a trabalhar a questão de quem habita a mata, como os indígenas e os povos que dependem da mata de maneira alternativa ao grande capital, como os seringueiros. Evidenciado em

“Mas o dragão continua a floresta devorar
E quem habita essa mata, prá onde vai se mudar???
Corre índio, seringueiro, preguiça, tamanduá
Tartaruga: Pé ligeiro, corre-corre tribo dos Kamaiura
No lugar que havia mata, hoje há perseguição
Grileiro mata posseiro só prá lhe roubar seu chão
Castanheiro, seringueiro já viraram até peão
Afora os que já morreram como ave-de-arribação
Zé de Nana tá de prova, naquele lugar tem cova
Gente enterrada no chão”

Assim, a música “Saga da Amazônia” oferece excelente ferramentas imaginativas de como a degradação da Floresta Amazônica é de fato percebida e sentida por quem vivencia esse Espaço, ofertando diversos recortes de uma temática que apresenta cada vez mais impactos no cotidiano de pessoas por todo o país.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Além das músicas trabalhadas em sala de aula algumas não conseguiram ser apresentadas aos alunos devido às eventualidades que impossibilitaram a aplicação das músicas. Como por exemplo a música “Jumento Celestino- Mamonas Assassinas” que de forma cômica acaba retratando a migração interna ocorrendo no Brasil, o fluxo do Nordeste para São Paulo. Analisando a letra também é possível entender um dos princípios desse fluxo migratório, a busca por novas oportunidades de emprego. Além disso também é possível ver o choque de realidade ao chegar na capital paulista.

“Tava ruim lá na Bahia
Profissão de bóia fria
‘Trabaiando’ noite e dia
‘Nera’ isso que eu queria

Eu vim-me embora pra São Paulo
[....]

Chegando na capital

Uns puta predião legal
[...]

Ao final da música podemos ver um verso que acaba retratando um fenômeno que vem acontecendo mais atualmente, a migração de retorno para o Nordeste. Na música o verso “E hoje eu tô arrependido de ter feito imigração” vem após o personagem retratar que está endividado e desiludido e termina a música dizendo que está voltando para sua casa.

Outra música onde também podemos perceber o fenômeno das migrações internas no Brasil é “Cidadão-Zé Ramalho”, onde retrata um migrante que acaba indo a cidade à procura de oportunidades e trabalha na construção civil. Porém mesmo que ele tenha ajudado na edificação de vários prédios percebemos o fenômeno da segregação socioespacial com o personagem da música tendo seu acesso negado a vários locais da cidade.

“[...]Tá vendo aquele colégio, moço?



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Eu também trabalhei lá

Lá eu quase me arrebento
Fiz a massa, pus cimento
Ajudei a rebocar

Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente
Pai, vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar [...]

Na música acaba sendo retratado em uma estrofe certo arrependimento do migrante ao ir para cidade, pensando até que ponto valeu ter saído do ambiente rural e do interior para ir trabalhar na cidade:

“[...]Essa dor doeu mais forte
Por que é que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer
Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava
Tinha direito a comer[...]”.

Resultados dos processos de ensino aplicados

Buscando uma forma de avaliar a assimilação do conteúdo pelos alunos, foram elaboradas perguntas acerca dos temas trabalhados nas primeiras aulas do período de estágio, acabando por excluir as aulas em que o tema da População Brasileira foi tratado. As perguntas englobam os temas de relevo, clima, vegetação e hidrografia no território brasileiro. Em um primeiro momento pensou-se em utilizar alguma outra ferramenta para a realização dessa “avaliação”, porém com o decorrer das aulas verificou-se que seria melhor o uso do Google Forms, a qual os alunos já conheciam e, portanto, não teriam problema em trabalhar com a mesma.

Quadro 3- Questões realizadas no processo de avaliação da aprendizagem dos alunos.

	Perguntas realizadas
1.	Qual a maior bacia hidrográfica do Brasil?
2.	Qual problema comum a quase todos os biomas brasileiros?
3.	O mandacuru, flor citada na música "Xote das Meninas-Luiz Gonzaga", pertence a qual bioma?
4.	Qual é o maior Bioma/domínio geomorfoclimático brasileiro



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

5.	Podemos dizer que o clima no Brasil é:
6.	Marque todas as formas de relevo que podemos encontrar no Brasil:
7.	Marque as opções (mais de uma) que mostram o porque de precisarmos proteger os biomas que foram tão degradados nos últimos 5 anos (Pantanal e Amazônia)
8.	Quais desses fatores NÃO afeta o clima:
9.	Qual é o clima na cidade de Londrina?
10.	Qual dessas vegetações NÃO vemos na região de Londrina:
11.	Qual o principal consumidor de água no Brasil?

Durante o planejamento das aulas também se esperava trabalhar durante o período em sala de aula com essa forma de avaliação, mas devido à dinâmica em sala de aula e os percalços encontrados durante o período de estágio não foi possível essa realização. O link da plataforma foi passado para o professor responsável pela sala, professor Hugo que acompanhou o período de estágio nas duas turmas, 7ºTB e 7ºTD.

A avaliação acabou sendo passada aos alunos como forma de atividade e postada no canal de comunicação virtual da turma onde todos tem acesso. A realização da atividade para o 7º TB foi proposta na segunda feira dia 29/04/2021 e colocada no canal de comunicação da turma no dia seguinte. Os alunos não se demonstraram assíduos a realizar a atividade, mesmo com o reforço de sua realização pelo professor Hugo.

Durante as aulas em média pouco mais de 20 alunos estavam entrando nas salas de aula virtual, porém para realização da atividade, apenas sete respostas, em cada turma, foram registradas até o dia 07/04/2021, portanto não é possível ter um panorama geral do recebimento do conteúdo pelos estudantes.

Mesmo que a participação dos alunos tenha sido menor do que a esperada, uma análise das respostas adquiridas será realizada e por fim julgaremos se apresentou resultados satisfatórios ou não. Cabe lembrar que a satisfação dos resultados não vale apenas do acerto ou não dos alunos, importante também fazermos uma autocrítica a partir dessa análise.

De modo geral a maioria dos alunos que responderam o formulário, responderam de forma correta. Analisando as respostas, uma questão que foi tratada e reforçada em sala acabou sendo motivo de alguns equívocos nos formulários. A questão da extensão da Mata Atlântica que por mais que no sentido Norte-Sul seja o maior bioma em nosso território e sendo o bioma



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que acaba englobando mais estados, acabou gerando confusão como sendo o maior bioma em área total.

Também em relação à Mata Atlântica e a sua presença na cidade de Londrina, acabou gerando certas dúvidas, pois no mapa sobre domínios morfoclimáticos, Londrina aparece no domínio da Mata de Araucárias e em relação a bioma aparece próximo a ela. Porém essa questão foi trabalhada em sala de aula, inclusive com bastante reforço dos alunos que conheciam áreas de Mata Atlântica na cidade.

As questões que acabaram sendo abordadas por músicas como “País Tropical” e “Xote das Meninas” tiveram um bom número de acertos, a maioria dos alunos acabou conseguindo assimilar a realidade das músicas com as questões.

A última questão proposta aos alunos que dizia a respeito do consumo de água em território nacional, também pode ter gerado possível confusão. A agricultura foi mostrada como a principal responsável pelo consumo de água em território nacional o que acabou sendo respondido pela maioria dos alunos. Porém alguns acabaram optando pela alternativa “Consumo Urbano e Rural”, podendo ter confundido esse consumo rural com a agricultura.

Também foi observado que alguns alunos possivelmente não se atentaram a resolução da atividade apresentando respostas que de certa formas poderiam ser consideradas preocupantes, já que nenhum dos estagiários acabou se quer tratando de temas como o clima polar que foi respondido como o clima predominante em território brasileiro por certo aluno.

Mas de maneira geral acredita-se que por mais que o estágio tenha ocorrido em um curto espaço de tempo, os alunos conseguiram evoluir e aprender junto com os estagiários. Durante o decorrer das aulas também é de se destacar o envolvimento dos alunos, mostrando que estavam realmente prestando atenção nas aulas e tirando dúvidas, portanto mostra como foi válido a experiência do estágio regência mesmo em tempos pandêmicos.

Dificuldades encontradas no processo

Sabemos que o processo de execução das aulas remotas ainda não é tão comum para todos como as aulas presenciais que acabamos tendo acesso pela maior parte de nossa vida



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

acadêmica, desde os tempos de estudos em ambiente escolar. Porém tendo que se adaptar a essa nova realidade em virtude da situação atual, o estágio foi realizado.

Portanto primeiramente podemos elencar a estranheza em ministrar uma aula em ambiente remoto. Os desdobramentos ocasionados por uma aula no meio digital e que podem atrapalhar a aula são alguns. Problemas de conexão com a internet pelo lado de professor, estagiários e estudantes dos 7ºanos acabaram acontecendo. Isso acabava atrapalhando por vezes o seguimento da aula, já que era necessário retomar os conteúdos. Problemas técnicos como microfones e câmeras acabaram não acontecendo com os estagiários o que é visto com bons olhos, pois acabam sendo cada vez mais frequentes nessa realidade de ensino.

Em relação ao comportamento dos alunos é importante ressaltar a idade, 12 anos, acaba sendo normal ter picos de agitação durante uma aula. Por vezes o pedido de participação deles por meio de responder perguntas ou realizar perguntas acabava saindo foco da aula. Outra coisa bastante notável foi à interação dos alunos pelo chat da chamada durante a aula, os assuntos discutidos acabavam não tendo relevância e desviavam do foco da aula. Tanto que o professor Hugo acabou chamando a atenção algumas vezes para este fato.

Também em relação a participação dos alunos, outro comportamento que pode ser muito observado foi a interrupção enquanto os estagiários ministravam as aulas para abordagem de assuntos cotidianos ou de momento, como por exemplo, o aluno ir ao banheiro, beber água, fechar a janela e etc.

Um fato que acabou acontecendo durante o decorrer do período de estágio e que atrapalhou o seguimento das aulas era o recorrente atraso para o início das aulas. Entendemos que por vezes é normal o atraso, até em um ambiente presencial, porém como esse fato ocorreu repetidas vezes e somado ao fato que demandava alguns minutos até que todos os alunos adentrassem o ambiente virtual, um tempo substancial acabava sendo perdido. Isso refletiu diretamente na evolução do conteúdo na impossibilidade, por falta de tempo, de tratar as regiões brasileiras.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

Assim, é fundamental compreender e perceber o espectro espacial associado à música, que fica evidenciado com clareza em alguns casos, em outros é algo mais subjetivo. Esse processo de reconhecimento desse espectro espacial, que reside tanto na sonoridade quanto nas letras, garante que as análises espaciais se tornem ainda mais ricas.

Com isso em mente, é possível concluir que as músicas, entendidas enquanto linguagem geográfica, se apresenta como uma ferramenta excelente na construção do saber ligado à Geografia escolar, desempenhando um papel fundamental na ligação entre o conteúdo e o aluno, que garante ao educador a possibilidade de desenvolver plenamente os conteúdos e atingir com mais facilidades seus objetivos.

Mesmo com as dificuldades que acabaram sendo encontradas no decorrer da realização do estágio pelos alunos Felipe Cavichioli Martins no 7ºTD e Henrique Souza Barbosa no 7ºTB, a experiência acabou sendo de grande valia para a vivência escolar, mesmo que por um curto período de tempo, no ensino remoto.

Antes da realização do estágio, na semana anterior, o professor Hugo deu a oportunidade dos estagiários acompanharem a aula dele nas duas turmas designadas para o estágio. Esse primeiro contato foi importante para uma certa ambientação no ambiente virtual de sala de aula e também de apresentação aos alunos, para que eles não se surpreendessem com uma mudança repentina de docentes.

A recepção dos alunos com os estagiários ocorreu de forma amistosa, não ocorrendo nenhuma situação de conflito ao decorrer das aulas. Alguns fatos do comportamento que podem ter atrapalhado as aulas ocorreram, porém isso é normal em um ambiente escolar e para a idade dos alunos. Fato é que mesmo com isso os estagiários conseguiram lidar bem com essa realidade e nada acabou saindo de controle.

A importância do trabalho dos docentes, Hugo e Jeani, para estruturação e sequência dos conteúdos foi de grande valia para os estagiários nessa experiência nova. A professora Jeani teve participação importante na estruturação das aulas e sequência didática apresentada, mostrando como passar o conhecimento de forma mais fluída e sempre estimulando a criticidade. Acerca do professor Hugo é de se ressaltar a liberdade e a confiança passada no



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

decorrer das aulas, sempre mostrando que naquele momento os professores eram os estagiários e que ele estava numa posição de observação. Também foi fundamental na mediação da interação das turmas com os estagiários.

Como prováveis docentes em um futuro próximo é sempre importante estamos atualizados e ambientados com novas realidades e ferramentas de ensino para assim, quando exigidos, estarmos prontos para ministrar aulas da melhor maneira possível e assim conferindo ao estudante, que sempre deve ser nosso foco principal, uma experiência de aprendizagem enriquecedora.

Referências

CNNBRASIL. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/01/28/pandemia-aumenta-evasao-escolar-diz-relatorio-do-unicef>> Acesso em abril de 2021.

BOCA DA FORTE. Disponível em:

<<https://www.bocadaforte.com.br/destaque-bf/sp-466-anos-5-classicos-do-rap-que-rimaram-a-realidade-de-sao-paulo-dos-anos-80-aos-2000>> Acesso em abril de 2021.

DINIZ, G.S. MENDES, A. A. A Cidade e a Música. **Geograficidade**, UFF: Niterói, v.8, p. 76 - 89, Set/Dez, 2018.

MENDONÇA, Cledilson. A Música como Recurso de Ensino e Aprendizagem da Geografia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, Vol. 01. pp 214-231, Abril de 2017. Disponível em:

<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/musica-como-recurso-de-ensino>> Acesso em abril de 2021.

OLIVEIRA, H.C.M. SILVA, M.G. NETO, A.T. VLACH, V.R. A Música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia. **Caminhos de Geografia**, UFU: Uberlândia, v. 6, n.15, p. 73 - 81, Jun, 2005.

PANITZ, L. M. Geografia e Música: uma introdução ao tema. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 17, n. 978, p. 1 - 31, Maio, 2012.

PAULA, Marcelo Moraes. Panoramas geografia 7/ Marcelo Moraes Paula, Maria Angela Gomez Rama, Denise Christina Christov Pinesso. São Paulo: FTD, 2019

SERRES, M. **Polegarzinha**: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: BERTRAND BRASIL, 2013. 2ª ed. 94 p.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

AS GEOGRAFIAS AUDIOVISUAIS E O ENSINO

Francisco Zafalon⁵¹

Thaís Fernanda Gonçalves⁵²

Vinícius Augusto M. dos Santos⁵³

Resumo

Entende-se que a contribuição dos recursos audiovisuais ao ensino de geografia é incontestável, cabendo ao professor-pesquisador utilizá-lo da melhor maneira possível a luz da realidade socioeconômica e cultural de seus alunos e escola. O presente trabalho tem como objetivo principal expor a experiência didática de seis aulas complementares ao ensino de um grande tema da ciência geográfica partindo da utilização teórico-metodológica de três diferentes linguagens audiovisuais das imagens, vídeos e charges. Assim, o conceito de segregação sócioespacial foi abordado a com imagens; a autosegregação e gentrificação a partir de vídeos em geral e; o processo de favelização pelo olhar das charges. Para tanto, realizou-se o levantamento bibliográfico a cerca do recurso audiovisual e o ensino de geografia, bem como dos demais conceitos trabalhados, além dos conhecimentos prévios dos autores, o que resultou na base para as vídeo-aulas.

Palavras-chave: Linguagens didáticas; Recurso audiovisual; Metodologia.

Introdução

As tecnologias têm estado cada vez mais presentes no cotidiano de toda sociedade, reafirmando assim a importância da adaptação e utilização desses instrumentos enquanto metodologias para o ensino e a aprendizagem no âmbito escolar. Se vários aspectos socioculturais já evidenciavam o protagonismo do audiovisual enquanto aparato de comunicação e informação, como por exemplo, a eleição do atual presidente da república, a pandemia tem enfatizado ainda mais a necessidade de nós, profissionais da educação, adequar e adaptar esse instrumento para o conhecimento científico e melhor apreciação da realidade concreta.

⁵¹Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. francisco.zafalon@gmail.com

⁵²Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. thaifsfernanda.2017@uel.br

⁵³Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. viaugusto.ms@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É evidente que, para isso, seja necessário investimentos governamentais em equipamentos e adequação do espaço físico escolar, na formação contínua dos agentes da educação e, também, que a pesquisa nas licenciaturas siga contribuindo para o avanço dessas possibilidades metodológicas com as diferentes linguagens postas no cotidiano da sociedade do conhecimento.

O foco deste trabalho é a escola pública, não por negar a contribuição possível ao ensino privado, mas por compreender a diferença abissal existente na capacidade econômica e política (principalmente!) da escola privada para os investimentos em infraestrutura e equipamentos tecnológicos. E, por que o ensino público e seus profissionais precisam enfrentar congelamento dos investimentos sociais – Emenda Constitucional 95 – e o uso da catástrofe da saúde pública para também congelar os salários dos profissionais da educação por tempo indeterminado – “gatilho” posto na Emenda Constitucional 106. Essa defasagem, no sentido amplo da questão, implica diretamente na qualidade do ensino e consequentemente na aprendizagem, onde ambos os processos parecem se deslocar da realidade escolar, ampliando ainda mais a superexploração do trabalho docente.

Quando a escola conta com diversos equipamentos tecnológicos, como datashow, sala de informática, sala de artes, DVD's e internet de qualidade, as possibilidades de diferentes dinâmicas para ensino se concretizam. De forma que para a ciência como um todo, em especial a geográfica, contribui em muito para aproximar escalas e realidades diferentes, introduzindo certa dinamicidade nas aulas, propostas que vão além do tradicional quadro, giz e livro didático.

Nesse sentido, os recursos audiovisuais aglutinam diferentes linguagens, de forma que cada uma possibilita abordagens distintas sobre uma mesma temática. E, mais do que antes, o avanço dessas tecnologias tem também aproximado ainda mais as realidades do aluno-escola-professor, equação escalar fundamental para a ciência geográfica. Corrobora Moreira (2011, p.40) ao afirmar que “o estudo e as análises das diversas formas de produção cultural audiovisual é o campo de atuação das geografias audiovisuais, bem como o uso de recursos audiovisuais no ensino de geografia”.

Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho é apresentar a instrumentalização de três linguagens audiovisuais – imagens, vídeos e charges – como elementos metodológicos complementares de aula trabalhando o conceito de segregação sócioespacial. Num primeiro



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

momento, a abordagem histórica do conceito e seus principais autores pela representação imagética. Na sequência abordaram-se os conceitos de autosegregação e gentrificação a partir de vídeos e, por fim, o processo de favelização pelas charges, finalizando com algumas considerações sobre a proposta. Para tanto, os autores debruçaram-se sobre a literatura especializada e os próprios conhecimentos para construção das exposições.

Por fim, é importante destacar que as aulas complementares foram encaminhadas a professora do estágio supervisionado enquanto requisito parcial de avaliação na disciplina e aos professores preceptores do estágio para utilização em suas aulas.

Desenvolvimento

O ensino de geografia possui um vasto arcabouço teórico-prático de possibilidades metodológicas e de diferentes linguagens para o processo de ensino e aprendizagem. Cabe ao professor e professora mediadores explorar o fértil campo das diferentes linguagens com o avanço tecnológico. Porém, cabe aos mediadores também, analisarem de forma crítica e concreta a realidade escolar, saber a que público se dirige o processo, quais são as classes sociais que atende e, evidentemente, a disponibilidade de recursos físicos e tecnológicos (OLIVEIRA, SANTOS, 2018).

Vale destacar que este trabalho não defende uma substituição completa do “giz e lousa”, do chamado “ensino tradicional”, mas sim afirmar que os recursos audiovisuais apresentam uma série de oportunidades complementares, diversificando

(...) procedimentos que propiciem maior motivação e atividade intelectual dos alunos, que levem a uma interação ativa e problematizadora com os objetos de conhecimento, a atitudes democráticas, solidárias e de cooperação entre os alunos e deles com a sociedade e com o ambiente em que vivem, enfim, que contribuam para um desenvolvimento interpessoal dos alunos (CAVALCANTI, 2002, p.114).

Três linguagens audiovisuais são exploradas no presente trabalho. A imagem que e suas formas fotográficas, desenhos, tabelas, gráficos e etc., os vídeos vão desde breves exposições em sites, documentários aos filmes cinematográficos e as charges sempre muito criativas e críticas. Entende-se que a geografia audiovisual também parte da realidade concreta, da análise do espaço vivido às relações subjetivas do sujeito a partir do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo - distante, alto - baixo, direita - esquerda, grande - pequeno, equilíbrio - desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. Um ver que está situado no presente, mas que o interliga não linearmente com o passado e com o futuro. O ver está, na maior parte das vezes a reforçar o que foi dito, o que foi narrado, a história que foi contada (FERREIRA, 2010, p. 23).

Acrescenta ainda o autor, de maneira categórica, que os recursos audiovisuais

São sensoriais, visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem sobrepostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí a sua força. Atingem-nos por todos os sentidos e de todas as maneiras. Meios audiovisuais seduzem-nos, informam, entretêm projectam noutras realidades (no imaginário), noutros tempos e espaços (FERREIRA, 2010, p. 24).

Partindo dessas premissas contundentemente sobre a importância do recurso audiovisual para o avanço das possibilidades no ensino e aprendizagem da ciência geográfica no ensino básico, que o presente trabalho lançou mão das imagens, dos vídeos e charges com o intuito de contribuir ao rico debate do ensino de geografia. Dessa forma, na sequência é apresentado o conceito de segregação sócioespacial pela ótica das imagens, seguindo os demais conceitos relativos a segregação urbana sob as demais linguagens selecionadas.

Segregação Sócioespacial pelas Imagens

O conceito de segregação urbana é cunhado inicialmente pela chamada Escola de Chicago, nas décadas de 1920/1930 nos Estados Unidos. Apesar de precursores, as análises “naturalistas” do desenvolvimento urbano muito pouco contribuiu para compreender o processo de apropriação do solo urbano e a reprodução desigual. Para isso, as contribuições dos autores marxistas nas décadas de 1970/1980 são fundamentais para análise concreta da reprodução capitalista do espaço urbano.

Destaque para os autores da escola francesa, Jean Lojkin e Henry Lefebvre e, o espanhol Manuel Castells. Ainda que com diferenças teóricas marcantes, esses autores foram os responsáveis pela retomada das contribuições de Marx e Engels para a compreensão da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

questão urbana. Portanto, em linhas gerais, passam a explicar a reprodução desigual do espaço urbano a partir da luta de classes, elemento central da teoria marxista e da realidade social sob o modo de produção capitalista.

Para Lefebvre (1991), a segregação urbana é um fenômeno social e espacial, cuja análise prescinde do entendimento do **(i)** espaço urbano enquanto mercadoria, a substituição do valor de uso pelo valor de troca, portanto **(ii)** acesso e apropriação diferenciada e, como consequência, uma **(iii)** apropriação subjetiva e ideológica. Para o autor, “as segregações que destroem morfologicamente a cidade [capitalista!] e que ameaça a vida urbana não podem ser tomado por efeito nem de acasos, nem de conjuntura locais” (LEFEBVRE, 1991, p. 95).

Lojkin (1981) colocou o papel do Estado na centralidade de suas análises ao afirmar que o objetivo do Estado capitalista é garantir a reprodução do capital e da força de trabalho. Destaca o papel dos proprietários fundiários urbanos e a política estatal como reguladora da segregação urbana. E, segundo Castells, autor estruturalista, que abordou a questão urbana sobre os determinantes EPI (econômico, político e ideológico),

analisar o espaço enquanto expressão da estrutura social resulta, conseqüentemente, em estudar sua modelagem pelos elementos do sistema econômico, do sistema político e do sistema ideológico, bem como pelas combinações e práticas sociais que decorrem dele (p. 193).

É evidente que outros autores estrangeiros, a exemplo do geógrafo David Harvey, têm grandes contribuições para a questão urbana, porém destaca-se aqui aqueles que, como mencionado, resgatam a contribuição marxiana ao debate e alicerçam as bases teóricas dos estudos subsequentes sobre a segregação sócioespacial. O mesmo ocorre na tentativa de selecionar as “principais” contribuições dos autores nacionais sobre a questão urbana.

Conforme os destaques feitos na primeira aula complementar (Figura 1), Milton Santos é uma referência nacional e internacional com ampla contribuição a questão urbana nacional, as metrópoles e a globalização. Para o autor, a segregação sócioespacial é própria da cidade capitalista, fundamentada nas diferenças socioeconômicas e, portanto, do acesso por diferentes classes sociais. Para Santos (1989, p. 185) “este fenômeno é o resultado da oposição entre níveis de vida e entre setores de atividade econômica, isto é, entre classes sociais”. Corrobora Carlos (1992, p.23), outra autora importante, afirmando que “o uso diferenciado da cidade demonstra



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que esse espaço se constrói e se reproduz de forma desigual e contraditória. A desigualdade social é produto da desigualdade social”.

A contribuição de Roberto Lobato Corrêa abordando entre tantos aspectos os agentes produtores do espaço urbano, referência indispensável para pensar a produção da segregação sócioespacial. Para o autor, os agentes responsáveis pela produção do espaço (Figura 2) urbano e a reprodução do capital, são: **(i)** os proprietários dos meios de produção; **(ii)** os proprietários fundiários; **(iii)** os promotores imobiliários; **(iv)** o Estado e; **(v)** os grupos sociais excluídos. Para o autor, de maneira complexa os agentes que produzem e consomem o espaço assumem a segregação social com um duplo papel: “[...] o de ser um meio de manutenção dos privilégios por parte da classe dominante e o de um meio de controle social por esta mesma classe sobre os outros grupos sociais, especialmente a classe operária e o exército industrial de reserva” (CORRÊA, 1995, p. 64).

Tomada essa breve aproximação teórica ao conceito de segregação sócioespacial, passou-se a pensar em como dialogar esse tema com os alunos e alunas do ensino médio com uma linguagem didática, instigante e que aproxime a teoria da realidade sócioespacial do cotidiano urbano desses sujeitos. Para isso, utilizou-se das geografias audiovisuais (MOREIRA, 2011), in loco, as imagens.

A geografia parte da análise concreta do movimento de transformação do espaço, de forma que nossa ciência cotidianamente se aporta de novos determinantes sociais para a produção de conhecimento sobre a realidade. Essa mesma complexidade se evidencia no ensino de geografia. Sendo assim, entende-se que a imagem enquanto recuso audiovisual não está para substituir a palavra, mas que apresenta uma capacidade didática de síntese da realidade vivida – atual e seus determinantes históricos – dos alunos e alunas, da realidade socioeconômica e cultural da comunidade e da nação, facilitando a visualização da perspectiva multiescalar basilar de nossa ciência, transformando assim a imagem num recurso complementar da aula poderoso para dinamização do ensino e a aprendizagem (CAMPOS E MORAIS, 2019).

Corroborando nesse sentido (ALBUQUERQUE, 2016) argumentando que

a utilização de imagens como recurso didático, vinculados a um planejamento prévio e objetivos claros, torna a aula mais dinâmica e atrativa aos educandos, em relação à aula sem o uso de imagens. E por ter um porte observador analítico, de vertente crítica e atuante nas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

dinâmicas da sociedade, a Geografia pode utilizar as imagens como ferramenta aliada na análise do espaço, conferindo maior significação na construção do conhecimento na disciplina (p.10).

Partindo desses pressupostos teóricos, o tópico a seguir, dedica-se a apresentar as duas propostas didáticas utilizando-se das imagens para o diálogo do conceito de segregação sócioespacial. E, na sequência do trabalho, o mesmo procedimento apresenta as outras duas abordagens, com suas respectivas linguagens e partes indissociáveis do tema segregação sócioespacial.

Proposta da aula complementar

O título das aulas complementares é “Metodologia de ensino: a linguagem audiovisual e a Geografia”, que tratou do conceito de segregação sócioespacial com imagens, vídeos e charges. As duas primeiras aulas ficaram incumbidas de apresentar o contexto dessa proposta de aulas complementares, que fazem parte da disciplina de estágio supervisionado do 4º ano da licenciatura da UEL, depois uma breve introdução histórica da apropriação do conceito e, ao final, apresentou os principais autores e algumas de suas contribuições para o entendimento do conceito (Figura 1).

Figura 1 – Slides da primeira aula.





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: próprios autores, 2021.

Ao final desta primeira aula foi proposto para que cada aluno e aluna selecionassem uma ou duas imagens que representasse o conceito de segregação sócioespacial como forma de verificação da profundidade da assimilação de todos e todas com relação ao conceito. A fim de aproximar a teoria da realidade dos alunos, as imagens devem ser registros do próprio bairro ou comunidade, ao menos da sua cidade, no caso, Londrina-PR. Além da verificação supracitada, pretendeu-se assim introduzir o diálogo da próxima aula complementar.

A proposta da segunda aula complementar consistiu, num primeiro momento, apresentar a abordagem de Corrêa (1995) e os agentes produtores do espaço urbano com as imagens. A pretensão era de que as imagens evidenciassem aos alunos e alunas quem são os sujeitos que produzem e reproduzem o espaço urbano na sua materialidade, de forma que a teoria fique mais facilmente verificável na realidade com a representação imagética dos agentes. Foi importante essa compreensão, pois a atividade proposta ao final foi em cima desse conceito.

No segundo momento, a exposição de imagens que reproduzem explicitamente o conceito de segregação sócioespacial em outras localidades do Brasil e depois na cidade de Londrina/PR. O exercício foi evidenciar no diálogo com os alunos como a teoria se materializou naquelas imagens, seus processos e movimentos próprios dos agentes do capital que reproduzem a segregação urbana estrutural. Aqui, novamente, a preocupação além da assimilação do conceito, que é teoricamente denso, foi construir a capacidade teórico-prática das alunas e alunos de verificarem como essa realidade se expressa no cotidiano e ou na cidade vivida.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 2 – Slides da segunda aula.



Fonte: próprios autores, 2021.

No final, a proposta foi de elaborar uma dinâmica “teatral” onde a turma fora dividida em 5 grupos, de forma que cada grupo representou um dos agentes produtores do espaço urbano trabalhados na definição de Corrêa (1995). Foi distribuído a respectiva parte do texto de Corrêa (1995) para cada grupo fazer a leitura, aprofundar no entendimento do papel daquele agente (facilitado pela imagem dos agentes no slide anterior) e o professor se responsabilizou por instigar um diálogo/debate entre esses agentes. O objetivo foi de que além das imagens, da leitura, a ludicidade da interpretação desses sujeitos por cada grupo, na defesa da posição político-ideológica de cada agente, fosse possível compreender uma parte de como esses processos de segregação sócioespacial é produzido por sujeitos concretos e não obra do acaso.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Autosegregação e Gentrificação pelos Vídeos

O fenômeno de Gentrificação ocorre tanto nos centros das cidades como nos bairros populares. Trata-se de um processo de substituição de uma classe social mais baixa para uma classe média ou alta e tais mudanças levam tempo para transformar o local. São espaços que existem centros históricos, casas rústicas, terrenos abandonados, casas degradadas e que vão ser transformados pela atuação dos agentes produtores do espaço para atender essa nova classe social.

Uma contribuição sobre esse processo é trazida por Bataller (2000, p.10)

quando ela diz

O deslocamento vem acompanhado de investimentos e melhorias tanto nas moradias (que são renovadas ou reabilitadas) quanto em toda área afetada, tais como comércio, equipamentos e serviços. Isto implica, portanto, mudanças no mercado de solo e habitacional, de modo que desempenham um papel decisivo os agentes do solo: os proprietários, os promotores, os governos – locais, estaduais – e as instituições financeiras, assim como também os moradores - em regime de propriedade ou de aluguel. Em conjunto, o fenômeno proporciona uma maior estima das áreas renovadas e, inclusive, uma recuperação do valor simbólico dos centros urbanos. De fato, tal como tem assinalado J. Van Weesep, atualmente considera-se a gentrificação como expressão espacial de uma profunda mudança social

Assim, com a atuação dos agentes do solo, eleva-se o preço da terra e dos serviços que vão ser implantados, fazendo com que a população que até então residia ali, passa a não conseguir mais pagar pelos serviços. Se veem forçadamente obrigados a sair daquele local e ir para aqueles que cabem em seus orçamentos, ou seja, é um processo de segregação socioespacial

Já o processo de Autosegregação não é forçado como uma expulsão da população para outras áreas da cidade. Refere-se a uma população de classe alta que escolhe se segregar, separar do resto da cidade para melhor conforto, se proteger de violência, conviver apenas com seus semelhantes em relação a poder aquisitivo, cultura e etc. Ou seja, contam com todo o suporte que permite que eles nem precisem sair do próprio condomínio ou ir a poucos metros para terem



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

todos os serviços necessários, como educação , lazer, alimentação, saúde. Ao contrário da população que foi expulsa que precisa muitas vezes percorrer toda a cidade para ter acesso a esses serviços. Seja em condomínios fechados horizontais ou verticais, a área da cidade em que residem os autossegregados são preenchidas de infraestrutura de alta qualidade, seja com vias de acesso, mercados, shopping para atender essa demanda, escolas particulares e etc.

Um autor que trabalha com o conceito de Autossegregação é o Vasconcelos (2013, p. 27) quando ele ressalta que é

resultado de uma decisão voluntária de reunir grupos socialmente homogêneos, cujo melhor exemplo é o dos loteamentos e condomínios fechados, com suas entradas restritas, muros e sistemas de segurança. É uma forma radical de agrupamento residencial defensivo que procura juntar os semelhantes e excluir os diferentes e impedir o acesso dos indesejáveis

Ou seja, esse segregamento voluntário é uma forma de barrar e controlar as pessoas que entram e saem destes condomínios, evitando ao máximo ser surpreendidos com pessoas indesejáveis.

Proposta de aula complementar

A proposta da terceira aula complementar consistiu em explanar por meio de slides o conceito de Gentrificação. Além do conceito, abordou-se as dinâmicas que esse processo ocasiona no espaço, suas consequências, a atuação dos agentes produtores do espaço e foram citados alguns exemplos próximos de Gentrificação na cidade de Londrina-PR. Em seguida foi aplicado um vídeo curto e sua respectiva explicação sobre o fenômeno de Gentrificação (Figura 3) com o objetivo de expandir o entendimento sobre o assunto. No final da aula deixou-se como atividade um mini documentário sobre Gentrificação para os alunos assistirem e entregarem na próxima aula sobre o que entenderam e observar se no bairro onde moram há algum indício deste processo.

O mini Documentário que foi sugerido para assistir se intitula como Gentrificação, está no Youtube no canal do Jornal Sul 21 (<https://www.youtube.com/watch?v=V6afxqakGj0>). É importante que os alunos possam assistir para verificar uma realidade de Gentrificação em outro



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

local, que no caso se passa no Rio Grande do Sul, como se deu o processo, quais vilas ainda resistem a essa pressão e etc..

Figura 3 - Vídeo sobre Gentrificação.



Fonte: Canal da Fran Von Fruhalf (<https://www.youtube.com/watch?v=IfWzi2s7jcI>).

A proposta da quarta aula complementar foi de apresentar o conceito de Autossegregação, relatar os motivos que levam essa população a se autossegregar, quais serviços estão disponíveis para eles. Em seguida foram expostas as contradições entre autossegregação e gentrificação a fim de evidenciar qual grupo é privilegiado e qual é marginalizado na sociedade.

Figura 4 - Vídeo mostrando o Condomínio Sun Lake Londrina-PR.



Fonte: Imobiliária Avenida (<https://www.youtube.com/watch?v=ld5TrDVcWi4>).

Foram citados alguns exemplos de cidades próximas como Londrina-PR, e depois foi aplicado um vídeo curto sobre esse tema (Figura 4) e algumas considerações sobre o mesmo. Ao final da aula foi deixado um mini documentário sobre o assunto a fim de expandir o conhecimento e ser como uma atividade para a próxima aula. Nesta atividade terão que citar pelo menos 5 exemplos de condomínios fechados de alto padrão em Londrina PR e explicar as características de cada um, pontos positivos e negativos, localização, serviços que oferecem.

O documentário proposto para os alunos assistirem se chama Espaços públicos e Autossegregação, está no Youtube pelo canal da MultiRio (<https://www.youtube.com/watch?v=cVkuocQpJCY>). Em relação ao seu conteúdo é bem completo já que discorre sobre espaços públicos e privados, o direito de ir e vir, a escolha de se autossegregar e de conviver pouco ou nem isso com os que não são do próprio condomínio. Já que lá conta com diversos serviços, entre outras perspectivas. Todas importantes para compreender o espaço urbano.

Favelização pelas Charges



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A linguagem das charges, possibilita uma forma diferente do professor mostrar ao aluno os conceitos e conteúdos propostos em sala de aula, a partir de uma linguagem não-verbal de assimilação. Com as charges é possível apresentar aos alunos esses conceitos com uma imersão temporal e espacial, para que através da interpretação ele possa entender como tal conteúdo ocorre no “mundo real”. As charges, muitas vezes com tom irônico ou humorístico, proporcionam um exercício de crítica sobre o que é retratado, seja sobre sociedade, política ou cultura, o assunto em questão se torna um desafio de interpretação para o discente e o instiga a trazer para a sua vivência.

Sobre essa forma de assimilação, e a utilidade do uso das charges em sala de aula Silva e Cavalcanti (2008, p.149) expõem que

A leitura e a escrita podem ser permeadas pelo prazer (o riso), criatividade, criticidade e riqueza de análise encontradas nas tiras de quadrinhos, charges e cartuns, cuja compreensão inclui imagem e texto expresso pela escrita ou subentendido nas imagens. É a percepção do mundo pela observação do discurso, símbolos, sutileza das informações, com utilização de uma leitura agradável e, ao mesmo tempo, instigadora, como instrumento auxiliar de ensino, para decodificar e interpretar o espaço vivido.

Grande parte da mídia como jornais, revista, e televisão utilizam desses artifícios não-verbais para ajudar o interlocutor a entender o que está tentando ser dito, dessa forma no ensino da geografia escolar esses meios são válidos pois ajudam o aluno a unir conceitos científicos, compreender de forma visual e se localizar no espaço enquanto cidadão. Se torna um artifício quando certos assuntos são difíceis para a compreensão do aluno, por exemplo, na explanação do conceito de cidade/urbano, que é um complexo conteúdo em termos de carga científica, uma charge pode ajudar a decodificar para o aluno como isso toma forma na realidade, retratando de forma artística o ambiente, trabalho, consumo e ocupação do espaço, de forma visual (SILVA; CAVALCANTI, 2008, p.151). Sendo assim o professor como mediador do debate em sala auxilia o aluno nas dificuldades de interpretações e interconexões com os assuntos abordados nessas charges.

Para a elaboração da proposta de aula observou-se que o processo de favelização no Brasil ocorre principalmente ao longo do século XX a partir da urbanização do país e surgimento das metrópoles, em especial no centro-sul onde foi foco do fluxo migratório da população em busca de empregos, pela industrialização que ocorria nesses centros



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

demográficos. A partir da necessidade de organização espacial do ambiente urbano na segunda metade do século XX devido à grande concentração de pessoas, surgem instrumentos de planejamento urbano para articular o crescimento e direcionamento da expansão da cidade do uso do solo e da ocupação do território (PEQUENO, 2008). Porém esses planejamentos não previam o combate às desigualdades e se centravam em políticas higienistas que dividiam a população e marginalizava pessoas vulneráveis socioeconomicamente, numa política sanitarista restando para essas pessoas construir moradias irregulares as margens dos centros urbanos.

Na ausência de uma política urbana que estabelecesse os procedimentos a serem seguidos na elaboração de processos de planejamento, bem como que regulasse a aplicação dos instrumentos de gestão do solo urbano, resulta de forma generalizada, um processo de urbanização recente marcado pela desordem, pela disparidade socioespacial, ficando as cidades, salvo algumas exceções, à mercê das ações de especuladores imobiliários, os quais muitas vezes atrelados ao Estado, otimizaram retornos de investimentos, promovendo a deterioração do ambiente urbano. (PEQUENO, 2008, p. 3)

A favelização é fruto da segregação socioespacial que emerge num contexto de globalização como é proposto por Davis (2006), a globalização é responsável pelo movimento humano pelo território, assim como o de bens, serviços e informação, o que leva a concentração de pessoas em metrópoles, e no contexto do capitalismo são formadas as favelas e periferias. “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une” (BAUMAN, 1999, p. 8).

Proposta de aula complementar

Na 5ª aula proposta foi apresentado o conceito de favelização com o auxílio de charges de revistas e jornais, possibilitando esclarecer a partir da mediação da charge proposta, e demonstrar como se constitui o processo de favelização na sociedade contemporânea. Na Figura 5, sem assinatura, publicada na revista “O Malho” em 1904, foi feita num período de reformulação urbana da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, onde estava ocorrendo o movimento do Bota-abixo, que consistia em empurrar um contingente grande de trabalhadores que habitavam as áreas centrais para os subúrbios e morros da cidade. Alguns chargistas desta revista buscavam apontar as contradições as quais contemplavam o outro lado dessa Reforma



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Urbana realizada pelos poderes públicos e elites de populações migratórias que possuíam os melhores cargos na época (SOARES, 2017).

Figura 5 – Os garantidos – O Malho, 1904.



Os garantidos

- Eh! Eh! O tá prefeito está danado p'ra botá casa a baixo!
Quá! É só no centro da cidade, as casa dos graúdos. Nois cá no jogo da Bola podemos descansá e drumi assossegados lá quá o Papá Grande, lá do catete, si Deus quisé...

Fonte: *O Malho*. Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). Número 95. 9/07/1904.

Fonte: As representações dos subúrbios cariocas nas páginas da revista O Malho (1904-1908). Disponível em: <https://revista.seune.edu.br/index.php/op/article/view/290>.

Dentro da aula foi feita a análise da charge da revista “O Malho” evidenciando a política sanitaria e elitista com características colonialistas próximas da elite que compôs o Bota-abaixo, e os reflexos por isso causados na formação do território do Rio de Janeiro. Através disso pôde se mostrar como os agentes públicos atuam na formação dessa segregação exclusivamente para agradar uma classe e o descaso destes com a população vulnerável economicamente, destacando também os fatores visuais da charge que mostram as características dessa vulnerabilidade. Foi abordado também como isso se reflete em outras das diversas metrópoles do país, e como esses agentes que moldam o espaço urbano se comportam, com uma política similar à do Bota-abaixo.

Na sexta e última videoaula foi explanado como é formado hoje o território das grandes cidades e como se perpetua o processo de favelização dentro da realidade brasileira através das charges. A segregação estabelecida no século passado se mantém através do abismo socioeconômico na realidade brasileira atual pela falta de empregos para as populações residentes nessas comunidades e pela miséria perpetuada por isso, o preconceito contra essas pessoas ocorre dentro das outras camadas socioeconômicas de forma contínua, o que reflete na opressão por vias autoritárias dentro dessas comunidades, validadas pela classe média e alta e

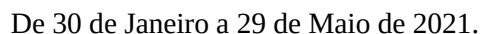


Figura 6 – Preconceito e Polícia



Fonte: Duke / Simanca

Como atividade foram apresentadas três charges (figura 6) que envolvem o tema da favelização, lidas em conjunto e pedido aos alunos para que fizessem a interpretação destas, sobre o que elas pretendem passar ao interlocutor e quais os conflitos existentes nas imagens, sejam eles de classe, territorial, social, etc. e escrevessem um parágrafo para cada charge, com a análise crítica individual.

Figura 7 – Proposta de Atividade





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Próprios autores, 2021

A partir da aplicação das propostas de aulas em formato de vídeo, percebe-se a dificuldade em aplicar um conteúdo tão delicado que envolve conceitos sociais complexos, fora de sala de aula, que poderiam ser melhor trabalhados presencialmente, principalmente a partir das linguagens apresentadas nesse artigo. É evidente que a sala de aula propicia diversos outros recursos para que o professor desenvolva o conhecimento de seus alunos, tomando de exemplo o conteúdo aqui trabalhado, em sala de aula a discussão tomaria rumos através de perguntas e considerações dos estudantes, e essa relação acaba ficando inviável via aula assíncrona.

Considerações Finais

No presente trabalho a articulação entre diferentes linguagens audiovisuais e o ensino de geografia reafirmou as múltiplas possibilidades positivas para a concretização do ensino e da aprendizagem através do uso das novas tecnologias. É claro como as tecnologias de comunicação podem aproximar as realidades e a multiescalaridade do olhar geográfico, ampliando as oportunidades para apreensão crítica da realidade sócioespacial.

Nesse contexto pandêmico e a necessidade do ensino remoto emergencial, novos dilemas surgiram na vida escolar, tanto do professorado quanto dos discentes. Essa peculiaridade de nosso espaço-tempo não só introduziu de fato a tecnologia no ensino, como condicionou as metodologias e didáticas nesse ambiente. Para além de tantas dificuldades que permeiam a realidade do professor e professora em nosso país, as diferentes linguagens dentro das tecnologias audiovisuais têm se mostrado indispensáveis para efetivação do ensino e a realização da aprendizagem.

Assim, a proposta de aulas complementares ao ensino de geografia a partir das linguagens imagéticas, vídeos e as charges, comprovaram-se como elementos didático-metodológicos bastante interessantes para o ensino de geografia, chamando a atenção para o debate conceitual proposto e sua indissociabilidade entre a teoria e prática na realidade das alunas e alunos.

Referências



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- ALBUQUERQUE, Enderson Alceu Alves. Como a imagem contribuiu para o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de geografia em turmas do ensino fundamental. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 63-71, 01 dez. 2016. Semestral.
- BATALLER, Maria Alba Sargatal. O estudo da Gentrificação. **Revista Continente**, UFRRJ, ano 1n.1, p. 9-37, 2012
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- CAMPOS, Jean Oliveira; MORAIS, Nathália Rocha. A imagem como recurso didático para o ensino de geografia na educação básica. *Ensino de Geografia*, Recife, v. 2, n. 3, p. 40-62, dez. 2019.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia escolar e procedimentos de ensino numa perspectiva sócio construtivista**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.
- DAVIS, Mike. **Planeta favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- FERREIRA, Enrico Costa. O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático. 2010. 75 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino em História e Geografia, Faculdade de Letras, Universidade de Porto, Porto, 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- MOREIRA, T. A. **Geografia Audiovisual: para além da geografia do cinema**; *GeoTextos*, vol. 7, n. 2, dez. 2011.
- OLIVEIRA, Dulce Andreza Santos de; SANTOS, Ricardo Menezes. As diferentes linguagens no ensino de geografia: o uso de filmes cinematográficos no processo de construção da aprendizagem no ensino fundamental. In: XI Encontro Internacional de Formação de Professores e XII Fórum Permanente de Inovação Educacional, 2018. Sergipe: Anais, 2018.
- PEQUENO, Renato. Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformações e tendências. In: Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. **Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica**. Barcelona, 2008. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/-xcol/275.htm>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- SANTOS, Milton. **Manual da geografia urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1989.
- SILVA, Eunice Isaias da. CAVALCANTI Lana de Souza. **A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por charges, cartuns e tiras de quadrinhos**. *Boletim Goiano Geografia*, nº. 2. Goiana (GO): AGB, 2008, p.141 - 156.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

SOARES, L. F. P. S. A Belle Époque e o “Bota Baixo”: As representações dos subúrbios cariocas nas páginas da revista O Malho (1904-1908). **Olhares Plurais**. Maceió, v. 2, n. 17, p. 3-20, maio/jul. 2017. Disponível em: <https://revista.seune.edu.br/index.php/op/article/view/290>. Acesso em: 31 mar. 2021.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Contribuição para o debate sobre processos e formas socioespaciais nas cidades**. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria. (Org.). A cidade contemporânea: segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013. p. 17-38



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

GEOGRAFIA EM “PERSÉPOLIS”: UMA PROPOSTA DIDÁTICA COM LINGUAGEM CINEMATOGRÁFICA E PAISAGEM SONORA⁵⁴

Eleandro Macedo Dias⁵⁵

Taynara Marcondes de Liz⁵⁶

Resumo

Construir um ensino de Geografia que ultrapasse os métodos tradicionais é um dos principais desafios dos docentes atualmente, principalmente na realidade do ensino remoto em que vivemos hoje. Nesse sentido, este artigo tem como finalidade apresentar uma proposta didática do ensino da Geografia utilizando a linguagem cinematográfica, visual e a paisagem sonora como metodologias de base para aplicar em duas turmas da educação básica para o estágio de licenciatura. Apoiando-se no uso de charges e das paisagens sonoras presentes no filme “Persépolis”, propomos abordar conceitos da Geopolítica, Relações Internacionais, sexismo, xenofobia, diversidade cultural e cultura oriental, no intuito de promover reflexões políticas partindo da realidade dos estudantes. As experiências obtidas após a aplicação das aulas propostas e planejadas revelaram os desafios do ensino remoto quanto ao processo de ensino-aprendizado e algumas dificuldades dos estudantes frente à interpretação de mapas e conceitos básicos da Geografia, mostrando ao mesmo tempo a importância do cinema como método de ludicidade para vencer as fragilidades detectadas no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Persépolis; Cinema; Paisagem sonora.

Introdução

O cenário atual da pandemia exigiu uma série de mudanças na sociedade e em todas as suas instituições, principalmente nas instituições educacionais. A sala de aula foi substituída pelas salas virtuais e os métodos de ensino tiveram que ser repensados, o que exigiu da prática docente modificações para a sua reorganização. No que diz respeito aos estágios de licenciatura, muitos tiveram que acompanhar as realocações para o ensino remoto e demandando novas propostas didáticas que se encaixem às aulas virtuais.

⁵⁴ Este trabalho apresenta os resultados das atividades do estágio remoto do 4 ano de Geografia, orientado pela prof^a Jeani Delgado Paschoal Moura.

⁵⁵ Graduando do Curso de Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: eleandrodiaz@gmail.com

⁵⁶ Graduanda do Curso de Graduação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: taynara.marcondes@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As aulas foram ministradas para os alunos do oitavo ano do Colégio Estadual Professora Cleia Godoy Fabrini da Silva, localizado na zona sul de Londrina- PR, todas as aulas foram via Google Meet, devido ao momento pandêmico do covid-19, sendo as aulas de 50 minutos cada.

Tendo isso em vista, este artigo apresenta as propostas didáticas e metodológicas para o ensino de Geografia elaborado na disciplina de estágio no quarto ano de licenciatura do curso de Geografia, a fim de aplicar aos estudantes do oitavo ano da educação básica. Aborda a princípio, o embasamento teórico que foi utilizado como base para o planejamento das aulas, percorrendo sobre a importância da linguagem cinematográfica como método de ensino, a função da charge como linguagem visual e interpretativa mais lúdica e a paisagem sonora na Geografia do som como meio de identificar a diversidade geográfica e cultural nos conteúdos ensinados.

Por meio de uma linguagem interdisciplinar, provocativa e animada, construiremos uma Geografia que ultrapasse os métodos da sala de aula. Foram utilizadas paisagens, as animações e principalmente a reflexão política e cultural encontrada no filme “Persépolis”. Por meio das interpretações, foi possível aplicar temas geográficos como: conflitos culturais, políticos e religiosos; desigualdade e questões de gênero e sexualidade; a xenofobia; conceitos filosóficos e sociológicos; geopolítica do oriente e a paisagem representada por meio da animação.

Após isto, o artigo discorre sobre os principais conceitos e conteúdos que foram escolhidos para ensinar a Geografia, em seguida relata as experiências obtidas após aplicar essas aulas propostas aos estudantes da educação básica e enuncia os desafios e obstáculos que foram enfrentados durante a aplicação das aulas remotas, desafios estes que foram importantes para o aprendizado enquanto futuros docentes.

Cinema, Geografia do Som e Charge

Os obstáculos pedagógicos com que a carreira docente vem enfrentando a cada dia devido ao dinamismo das mudanças sociais e culturais, exigem a renovação e inovação dos professores e professoras dentro e fora da sala de aula. Esses obstáculos se aprofundaram ainda mais no cenário pandêmico atual, em que a sala de aula foi substituída pela sala de reuniões online e por aulas remotas, o que tornou evidente a importância da escola e da aula presencial



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

para o desenvolvimento educacional dos estudantes. As aulas remotas principalmente na escola e nas universidades públicas se tornaram mais cansativas e muitas vezes, menos incentivadoras, afetando diretamente o rendimento escolar e o processo de aprendizagem.

É com base nisso que propomos a construir uma abordagem metodológica que se distanciasse um pouco dos métodos tradicionais e expositivos de aula para incentivar a curiosidade dos estudantes para aprenderem Geografia. Para isso, a proposta foi por meio da linguagem cinematográfica como instrumento pedagógico e didático para debater importantes temas da disciplina, valorizando as diversas linguagens que o cinema nos proporciona assimilar, a fim de criar pontes de relações com os conteúdos das aulas.

A figura 1, mostra o esquema resumida da proposta pedagógica do artigo.

Figura 1- Esquema Pedagógico



Autor: Marcondes 2021.

Trazer o cinema para a Geografia e a Geografia para o cinema vai além de uma proposta interdisciplinar, possibilita as mais diversas interpretações visuais, a apropriação do som, da imagem e da relação espaço-tempo de um modo animado, criativo e dinâmico tal como afirma Queiroz (2011, p. 64).

No senso geográfico mais básico, qualquer filme captura um quadro espaço-temporal da paisagem física (a locação), permitindo a pessoa ‘localizar ‘ por comparação o grau natural de e/ou indução-humana, estabilidade ou mudança de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

um lugar. Socialmente e culturalmente, filmes contêm evidência de tempo - e lugar, relações sociais específicas porque, independente do enredo ou narrativa, eles oferecem identificadores socioculturais em ambos os objetos (as roupas, carros, eletrodomésticos, por exemplo) e o comportamento das pessoas (o dialeto que eles falam, as ocupações deles/delas, as ações deles/delas e os objetos que eles usam faz o espectador associar com uma classe particular, grupo étnico, etc.).

Se entendermos que o filme é a obra materializada e visual de diferentes mundos e espaços, onde possibilita narrativas e interpretações subjetivas e variadas, podemos entender a importância com que essa linguagem concebe para o entendimento de conteúdos geográficos, perpassando também outras linguagens pedagógicas.

Tal como afirma Queiroz (2011, p.62) o filme nos permite imaginar e viajar em territórios, simbologias, desejos, emoções que ultrapassam o que retrata no filme por si só, evidenciando nossos sentimentos, memórias e experiências. É, portanto, possível relacionar os cenários retratados nos filmes com a realidade dos estudantes, no intuito de melhorar a assimilação do tema estudado de maneira ilustrativa e lúdica. O espectador então, se identifica com o que está assistindo, assumindo em seguida uma postura ativa no seu processo aprendizagem e não mais passivo somente de espectador. Jorge Larrosa Bondia (2002) contribui para entendermos isso:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toques, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDIA, 2002, p. 24)

Por meio do cinema, os espaços assumem uma dimensão inerente à linguagem cinematográfica, o que podemos dizer então que assistir a um filme é uma experiência geográfica tendo em vista que cada espaço retratado concebe “uma grafia de mundo”. Por meio disso, podemos assumir então que a linguagem cinematográfica é uma linguagem também geográfica frente às paisagens, territórios, povos, culturas, idiomas, lugares e sons presentes nos filmes, possibilitando uma educação visual das geografias.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O entendimento do mundo e das constituições que o concebem são adquiridos por meio da educação visual, midiática e simbólico em que são dadas. O conhecimento geográfico que a sociedade e os povos possuem dos seus arredores advêm então dessa interpretação visual o que nos ajuda ainda mais a legitimar a importância com que o cinema tem para a educação geográfica.

Todo filme constitui-se de locais, locais fílmicos. Descolados da contiguidade espacial e geográfica da superfície planetária, esses locais estão nos filmes a constituir uma outra geografia, alinhavada não mais por contiguidade, mas por continuidade na narrativa fílmica. Será a “descoberta”, a “interpretação geográfica” do filme, que dará a estes locais a sua distribuição no território da ficção, a partir da geografia gestada nesta interpretação. (OLIVEIRA JR., 2005, p. 03).

Nesse contexto de espaço-tempo, paisagem, locação, dialetos e objetos que propomos utilizar o filme francês autobiográfico “Persépolis”, caracterizado mais como uma animação em HD, que discorre sobre a vida de uma garota iraniana em meio a um ambiente opressor e formado por ideologias conservadoras. Desse modo, temos um belo relato de vida permeado por um contexto histórico riquíssimo e repleto de reflexões. Através de uma narrativa fluida, em primeira pessoa, com toques bem-humorados e criativos, adentramos no mundo de Marjane. Desde os 10 anos de idade, ela compartilha conosco o modo de vida, os costumes e a rotina das meninas da sua idade nas escolas iranianas e no cotidiano do lugar. Para tal, ela discorre, por exemplo, sobre o fato de os véus terem se tornado obrigatório nas escolas e como ela e as outras meninas reagiram a essa imposição.

Marjane Satrape, a autora do livro se viu obrigada a usar o véu islâmico aos dez anos de idade numa escola só para meninas. Sua família era moderna e bastante politizada o que a incentivou a se tornar uma menina sempre curiosa, interessada em política e questionadora. Em 1979 ela assistiu ao início da revolução que deu levou o Irã ao regime xiita, marcando o início de anos de opressão ao povo. Foi vinte e cinco anos depois, com os olhos da menina que foi e a consciência política à flor da pele da adulta em que se transformou. Em Persépolis, o pop encontra o épico, o oriente toca o ocidente, o humor se infiltra no drama e o Irã parece muito mais próximo do que poderíamos suspeitar.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Esse contexto nos permite trabalhar a Geografia nas suas mais diversas facetas, estabelecendo um elo entre o conteúdo teórico da Geopolítica do oriente, a xenofobia e temas interdisciplinares como o sexíssimo, diversidade cultural e o choque entre a cultura ocidental e oriental. Com a intencionalidade de demonstrar o poder do Estado sobre uma nação, o filme possibilitou trabalharmos assuntos como o autoritarismo de um regime endurecido em cima de uma nação, a xenofobia sofrida pelo povo iraniano e a questão cultural religiosa imposta a um povo por meio do Estado. Importante ressaltar que os assuntos trabalhados com os alunos trazendo a realidade vivida também dentro do território brasileiro.

Associado à linguagem cinematográfica, propomos elencar também como metodologia de base para a experiência das aulas, a importância de identificar as paisagens sonoras no filme, apresentando em seguida a temática da Geografia dos sons.

A paisagem é uma categoria de análise geográfica de estudo do espaço que se relaciona às experiências dos indivíduos. Contém a materialidade sensível dos objetos dispostos no espaço, e os significados e sentidos simbólicos que lhes são atribuídos pelas pessoas. Os sons, por sua vez, “falam” intimamente com as pessoas, ao passo que as tocam por meio de ondas. Conforme afirma Wisnik (1989, p. 17), entendemos que o som é onda, que os corpos vibram, e que essa vibração se transmite para a atmosfera sob a forma de uma propagação ondulatória que o nosso ouvido é capaz de captar e nosso cérebro interpreta, dando-lhe sentidos.

O conceito de Paisagem Sonora foi introduzido por Murray Schafer (músico, compositor, ambientalista, professor e investigador), um dos fundadores do World Soundscape Project (WSP). A palavra original inglesa soundscape pretende criar uma analogia com a palavra landscape, no sentido em que procura representar uma dimensão sonora, na mesma medida que a palavra landscape representa uma dimensão visual.

Para Schafer (2001, p.144),

a paisagem sonora equivale a todos os sons de um ambiente, qualquer que seja sua natureza. Assim, a primeira aplicação do conceito de paisagem sonora que é trazida à reflexão é a de diferenciação de lugares, como por exemplo, as paisagens sonoras do campo e da cidade, uma contendo sons naturais ou mais próximos disso, enquanto na outra predominam os sons artificiais dos automóveis e das máquinas, e a agitação das pessoas que transitam pelas ruas. Já a partir desse exemplo, pode-se aferir que mesmo no campo sonoro, as paisagens carregam as marcas do lugar e das pessoas, implicando na criação de identidades dos lugares a partir dos sons que neles ocorrem, sobretudo porque há



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

lugares que possuem sons que são únicos, que não se repetem em outras localidades – ao menos não da mesma maneira –, e para isso podem ser citados como exemplos os pregões que ocorrem nas feiras livres, os sons de animais que habitam determinada região do planeta, o som de icebergs se quebrando, entre outros.

O que propomos é que o entendimento da Geografia dos sons se faça presente, seja dentro de um território nacional com o Brasil e suas diversidades regionais no que tange às diferentes formas de falas e “sotaques”, seja a nível internacional, com a diversidade de idiomas e línguas como aborda uma das cenas no filme em que Marjane vai para Áustria e tem dificuldades de se comunicar devido à língua.

A comunicação que se estabelece por meio da fala se constitui na paisagem como elementos principais para a construção da linguagem, o que podemos entender e afirmar que a linguagem carrega influências da paisagem que está contida na fala. (TORRES, 2018, p.149)

A geografia do som foi apresentada por meio do sotaque das regiões brasileiras onde as pessoas carregam consigo o som do lugar onde morou por mais tempo ao se deslocar de um lugar para o outro podendo ser identificado que o lugar de origem e o som da natureza que permite o reconhecimento da paisagem antes natural.

Aliado a estes dois métodos de proposta didática, utilizamos um terceiro gênero textual para aplicar durante os conteúdos das aulas que é a charge como linguagem visual, interpretações e reflexões políticas e a abordagem de temas atuais.

Entre os gêneros textuais presentes na comunicação, os jovens se identificam com a charge, pois ela proporciona uma linguagem próxima desse público, além de polemizar as várias esferas da sociedade, tais como: a política, a economia, o esporte, a cultura, a música, de forma a contribuir com a criticidade e a conscientização dos estudantes. Para Silva (2007), nota-se a abrangência interespaçial do gênero charge que ora apresenta assuntos nacionais e ora internacionais, sendo motivo para reflexão do aluno em relação à sociedade da qual o estudante participa.

Para o ensino de Geografia especificamente, o gênero charge contribui com a ampliação da visão do estudante, que começa ao entrelaçar o universo em que vive com os acontecimentos da região, do país e do mundo, ou seja, de uma visão fragmentada, sincrética, de um assunto, o aluno chega a uma visão de totalidade, global, ou seja, o aluno compõe a síntese.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Este movimento do conhecimento condiz com o pensamento de Marx (1988) e de Vygotsky (2010), assim como o de Saviani (2011) sobre a apropriação do saber, que parte de si, para si, ou seja, de algo caótico do senso comum, para algo organizado no conhecimento científico. Para ser internalizado pelo sujeito, esse processo se constitui no que Saviani (2011) denomina de segunda natureza, e por isso parte constituinte do ser, ato que se torna parte integrante do homem como algo natural. Acrescido a isto, Silva (2004) considera que o gênero charge propicia ao estudante o desenvolvimento do senso crítico a partir de temas que estão sendo vivenciados pela sociedade e, por isso, concreto e real.

Conteúdos curriculares das aulas: Geopolítica, relações internacionais, Território, Fronteira, sexíssimo e xenofobia

Para darmos início a aula de Geopolítica e Relações internacionais cabe a pergunta conceitual e introdutória: afinal o que é geopolítica? O que nos vem em mente quando pensamos nesse tema? A primeira ideia que geralmente remete às pessoas é a “Geopolítica” como sendo abreviação do conceito “Geografia Política”, no entanto ambos os conceitos apesar de se relacionarem, não possuem o mesmo significado. Qual seria então a diferença entre as duas? Qual a definição de cada uma delas?

A “Geografia Política” é um termo que surgiu na Alemanha, em 1897, pelo geógrafo Friedrich Ratzel no seu livro Geografia Política, em que ele defende a ideia da unidade entre Estado e Território. Ou seja, basicamente a Geografia Política é o conjunto de estudos geográficos relacionados à política, território, Estado, recursos econômicos e relações de poder. A Geopolítica é um subproduto da Geografia Política, e que utiliza destes estudos teóricos para aplicação na prática de estratégias de dominação e poder sobre um território. Então resumidamente, a Geografia Política pode ser considerada uma área mais teórica enquanto que a geopolítica é a prática.

Para exemplificar o que pode representar a Geografia Política, podemos citar os órgãos nacionais e internacionais de pesquisas científicas voltados aos aspectos econômicos, políticos, ambientais e populacionais como o IBGE, o INPE, as universidades e até os órgãos que compõem a ONU. São órgãos que utilizam da Geografia Política e seus estudos para a elaboração de políticas nacionais ou até internacionais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Um típico exemplo de estratégia geopolítica é a Guerra Irã-Iraque que iniciou em 1980, com forte influência de conflitos religiosos e pelo controle de jazidas de petróleo. O Iraque com o apoio dos Estados Unidos, Israel, União Soviética e Egito invadiu o Irã. Através de uma perspectiva histórica a Guerra Irã-Iraque resulta nas heranças de uma etapa do antigo conflito árabe-persa devido ao controle da Mesopotâmia. É aqui que nos apoiamos da Geografia do Irã para apresentar o filme “Persépolis” mais à frente.

Os dois países, que possuem fronteiras em comum, estão localizados na região da Mesopotâmia, palco de inúmeras disputas territoriais desde a Antiguidade, tendo sido povoada por civilizações como os assírios, babilônios, persas e árabes. O maior elemento dessas disputas é de ordem natural: a configuração do relevo, em áreas planas e com a presença de solos férteis, o que favorece a prática agrícola e também por conta da sua rede hidrográfica formada por grandes rios perenes, a se destacar os rios Tigre e Eufrates, algo raro em uma área onde predomina os climas árido e semiárido.

No ano de 1979, o Irã atravessou uma enorme transformação política conhecida como Revolução Islâmica, quando organizações religiosas associadas a partidos esquerdistas contaram com o apoio popular para derrubar o regime pró-Occidente do xá (título oferecido aos monarcas persas) Reza Pahlevi, instaurando um Estado teocrático islâmico e de oposição à presença política dos países ocidentais e de Israel. A maioria da população iraniana e o regime inaugurado pelo Aiatolá Khomeini tinham orientação religiosa xiita, divisão do islã que abrange cerca de 10% da população islâmica do mundo, mas que são maioria no Irã, Iraque e Barein.

Já o Iraque, ainda no final da década de 1960, criou um governo de cunho nacionalista através do partido Baath e que teve na figura de Saddam Takriti Hussein um dos seus principais representantes. Saddam foi o vice-presidente do país de 1968 até 1979, quando finalmente assumiu a presidência do país. Apesar de laico, o regime de Saddam Hussein, que pertencia à seita sunita, impôs restrições à maioria da população, composta por xiitas, que sofreu com repressão, confisco de terras e limitações para a prática religiosa. Os curdos, outra etnia que existe na região, também tiveram de submeter a diversas retaliações.

Naquele momento, tanto o Iraque quanto o Irã detinham sociedades que contavam com os ganhos de uma década de crescimento econômico pautado na produção de petróleo, além de grande poder militar, apresentando enorme potencial para o crescimento econômico e social. O



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

presidente iraquiano Saddam Hussein, mesmo tendo realizado progressos significativos no desenvolvimento de um Estado iraquiano, acreditava que a nova liderança do Irã revolucionário xiita ameaçava o equilíbrio do Iraque e seu governo sunita, explorando as vulnerabilidades geoestratégicas do Iraque, como por exemplo suas limitações de acesso mínimo ao Golfo Pérsico.

Podemos citar também como um exemplo de outro conflito geopolítico a invasão dos Estados Unidos em 2003 no Iraque, na busca por recursos, pois aquela região geograficamente é muito rica em petróleo. O líder do Iraque Saddam Hussein foi acusado pelos Estados Unidos de produzir armas químicas e biológicas contra as determinações da ONU. Foi condenado à morte em 2006.

Mas por que é importante estudar esses conceitos? Como já mencionado, a geopolítica é a aplicação prática da geografia política, isso nos permite entender como funciona as relações internacionais entre os países durante a história e nos possibilita entender o motivo das guerras e os conflitos entre os países.

O que são Relações Internacionais? São relações que visam o estudo sistemático das relações políticas, econômicas e sociais entre os países. Essas relações ultrapassam as fronteiras de um Estado.

Fazem parte dessas relações internacionais atores importantes como: empresas transnacionais, Estados, organizações internacionais e os blocos econômicos.

Empresas Transacionais: Petrobras (Petróleo Brasileiro S.A.) é uma empresa de capital aberto, cujo acionista majoritário é o Governo do Brasil, sendo, portanto, uma empresa estatal de economia mista. Organizações Internacionais: ONU (Organização das Nações Unidas) Criada em 1945 após a segunda guerra mundial (1945) com o objetivo de discutir novos rumos para os países e evitar novos conflitos.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), fundada em 1948, com sede em Genebra (Suíça), a OMS atua em 147 países com programas que vão do apoio técnico à assistência na prevenção e no tratamento de diversas doenças. Desenvolve programas de vacinação, erradicação de doenças e fornecimento de remédio.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

As Organizações não-governamentais (Ong's): Fundação SOS Mata Atlântica é uma ONG criada em 1986 cuja missão é a de defender a Mata Atlântica do Brasil, conservando os patrimônios naturais e histórico, buscando um desenvolvimento sustentável que possa preservar a fauna e flora.

Médicos sem Fronteiras é uma organização internacional, não governamental e sem fins lucrativos que oferece ajuda médica e humanitária a populações em situações de emergência, em casos como conflitos armados, catástrofes, epidemias, fome e exclusão.

Outro tipo de Relações Internacionais são os Blocos Econômicos. A formação os blocos econômicos é uma estratégia dos Países para articular políticas econômicas mundiais por meio da diminuição ou eliminação de barreiras alfandegárias (taxas, impostos e restrições). Ou seja, os blocos econômicos são associações entre os países para ampliar as relações econômicas entre si. Isso facilita a circulação de mercadorias e capitais.

Exemplos de tipos de blocos: Mercosul, Nafta, União europeia.

Mercosul: Localizado na América do Sul, é constituído por Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela. É uma união aduaneira com livre circulação de bens e serviços e uma tarifa externa comum para países não membros (Acordo comercial com taxas em comum entre os países). Exemplos de acordos e padronizações entre o Mercosul.

Trabalhamos o território dentro do eixo temático do território na tratativa da concepção territorial na sua formação política no poder exercido no espaço pré-estabelecido, dado a função e funcionalidade do Estado-nação, seus financiadores nos acordos multilaterais. Refere-se a uma área delimitada sob a posse de um animal, pessoa, organização ou instituição. Trata-se da relação de posse, soberania ou poder.

Em uma das aulas sobre o conceito de território foi abordada a concepção da formação do território como área delimitada pelo limite e a fronteira sendo definido como o espaço delimitado por e a partir de relações de poder, tanto no sentido de dominação, quanto no sentido mais simbólico, de apropriação. Esse poder pode ser econômico, ideológico, político, simbólico-afetivo. Por isso ele é sempre múltiplo, diverso e complexo. Corresponde ao espaço



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que vai além do físico e do geopolítico, mas que é produto da dinâmica e tensionamento de diferentes sujeitos.

Já na aula sobre a formação do Estado e soberania onde os elementos essenciais para a formação do Estado é o território, a e população junto a sua soberania, que é garantida por meio das leis e do estabelecimento de sua fronteira, e os três poderes formador do Estado sendo o “Executivo, Legislativo e Judiciário” demonstrando assim a atuação de cada um para garantir a soberania da nação, e como o país se forma a partir desses eixos de poder.

E também uma discussão sobre os financiadores no caso da necessidade de empréstimos no âmbito global como o Fundo Monetário Internacional (FMI) que tem o objetivo em estabelecer a cooperação econômica em escala global com os países membros. Sua atuação visa garantir estabilidade financeira, e favorecer as relações comerciais internacionais, implantando medidas para geração de emprego e desenvolvimento sustentável e buscar formas de reduzir a pobreza. O Banco Mundial (World Bank) ou Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) que fornece financiamentos para governos, que devem ser destinados, essencialmente, para infraestrutura de transporte, geração de energia, saneamento, além de contribuir em medidas de desenvolvimento econômico e social.

Após estes conceitos e entrando nas cenas do filme “Persépolis” que foi proposto aos estudantes, foram apresentados os regimes totalitários. Em que apresentamos como conceitos: regimes políticos que surgiram na primeira metade do século XX e se baseavam no totalitarismo, em que consiste num sistema político fundamentado no controle absoluto de um partido ou líder da nação. Esse líder dentro deste sistema detém amplos poderes sobre a vida pública e privada dos cidadãos, representando o Estado.

Os regimes totalitários se baseiam no militarismo e disseminam propagandas ideológicas a fim de doutrinar a população, realizam perseguições políticas, execuções e censura àquele que se opuser ao regime. Foi a partir do sucesso do fascismo italiano é que o fascismo conquistou força para espalhar-se como alternativa política em toda a Europa. O ápice do totalitarismo na Europa aconteceu quando os nazistas ascenderam ao poder na Alemanha em 1933. A partir daí, movimentos de apoio a ideais totalitários da extrema-direita espalharam-se pelo mundo e chegaram, inclusive, no Brasil – o integralismo de Plínio Salgado.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Em seguida, propomos o desafio aos estudantes, sobre o próximo tema. Qual o conceito de sexismo e machismo? E qual o conceito de xenofobia?

O sexíssimo, em princípio, trata-se de uma atitude discriminatória que define quais usos e costumes devem ser respeitados por cada sexo, desde o modo de vestir até o comportamento social adequado. Também contempla a ideia de que o homem é melhor e mais competente do que a mulher, uma concepção que se assemelha ao machismo, mas vai além. Ser sexista não é privilégio de homens heterossexuais, pois mulheres ou gays também podem adotar seu discurso. A sociedade, de maneira geral, é sexista e educa as crianças de forma a reproduzir modelos binários em que a tendência é de que um sexo deva ser complementar ao outro. Ter medo de que um menino "vire gay" por brincar com boneca é um pensamento sexista.

O machismo tem como raiz uma palavra latina (macho) e trata-se, principalmente, do enaltecimento do sexo masculino sobre o feminino, expresso por comportamentos, opiniões e sentimentos que declaram a desigualdade de direitos entre os dois. Sendo assim, machista é toda pessoa que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, culturais e intelectuais.

A xenofobia é o nome que utilizamos em referência ao sentimento de hostilidade e ódio manifestado contra pessoas por elas serem estrangeiras (ou por serem enxergadas como estrangeiras). Esse preconceito social tornou-se mais comum em virtude do grande fluxo de migrações que tem acontecido. É fruto do desconhecimento do outro e surge acompanhada de estereótipos que reforçam o preconceito sobre determinado grupo.

Nas aulas, quando propomos essa discussão foi possível perceber o quanto esses conceitos estão presentes na vida dos estudantes e utilizamos das cenas do filme “Persépolis” para contribuir com a discussão. Cenas em que abordam o sexíssimo frente às mulheres do Irã com relação às roupas, ao comportamento e a ideia de inferioridade das mulheres e reiteramos que, no Brasil e atualmente também enfrentamos o sexíssimo e o machismo, evidenciando a cultura machista ainda existente e a importância de desconstruir essa cultura, para construir um país igualitário e sem preconceitos.

Nesse sentido o filme “Persépolis” de animação que conta que apresenta a narração em voz sobreposta das principais personagens do filme, com imagens de mulheres forçadas a cobrir o cabelo, detenções, fugas do país, etc. O filme se passa em meio à história do Irã

contemporâneo através da vida de uma criança com grandes ambições, como por exemplo, ser a última profetisa da galáxia, para assim salvar o mundo. E que para isso, sai do seu país e vai para a Europa na busca por uma vida mais livre para estudar e viver, acreditando inicialmente que seria melhor e que teria mais liberdade naquela cultura ocidental, no entanto Marjane sofre xenofobia e discriminação por ser uma menina iraniana. Essas reflexões foram bastante importantes e interessantes em aula, onde foram relatados casos e histórias dos familiares dos estudantes que também sofreram xenofobia.

Ao final das aulas, propomos a retomada de todos os conteúdos e conceitos dados com a utilização de charges a fim de fixar as ideias e estabelecer uma análise e reflexão dos temas atuais tanto brasileiros como mundiais. Foram aplicadas atividade de fixação para cada aula com a utilização também de charges, cenas dos filmes e imagens provocativas como avaliação e acompanhamento do aprendizado dos estudantes.

As atividades avaliativas foram propostas via Padlet uma plataforma virtual que permite que se faça atividade nessa modalidade de ensino remoto.

Figura 2. Atividade Proposta Na Aula De Território.



Autor: Dias 2021.

Na figura 2, foi proposto aos alunos do 8ºB que analisasse o mapa do território da Palestina que foi se transformado em três período, porem se percebeu que os alunos tiveram dificuldade em analisar o mapa da atividade onde muitos buscaram respostas na internet, porem faltou durante a aula explicar melhor a atividade que estava sendo proposta

Figura 3. Atividade proposta na aula de Estado-Nação e seus Financiadores.



Autor: Dias 2021.

Na figura 3, foi proposto aos alunos do 8ºB que se diferencia os objetivos dos empréstimos os fundos de financiamento como o FMI e Banco Mundial entre as suas consequências de obter o empréstimo, notou-se que os alunos que responderam essa questão tiveram um melhor entendimento da atividade proposta ao passo que foi melhor argumentada para os alunos, obtendo assim um melhor resultado sem que os mesmos recorressem a internet para obter resposta sobre o que foi solicitado.

Figura 4- Esquema Pedagógico Geografia Dos Sons



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Autor: Dias 2021.

A figura 4, faz referência à aula que foi apresentado o conceito geográfico do som paisagem, porém nesta aula foi trabalhado o o sotaque que o indivíduo carrega consigo sendo o lugar de origem onde a fala, demonstrando assim que a pessoas não moravam anteriormente no espaço que está ocupando no momento. E também o som da paisagem ficando claro que o ambiente é percebido tanto visualmente como sonoramente, portanto nessa aula foi apresentado como as diversas regiões brasileiras são reconhecidas através da fala, por isso a imagem acima demonstra as palavras marcantes das regiões brasileiras.

Figura 5. Aula remota no 8ª A



Autor. Marcondes 2021.

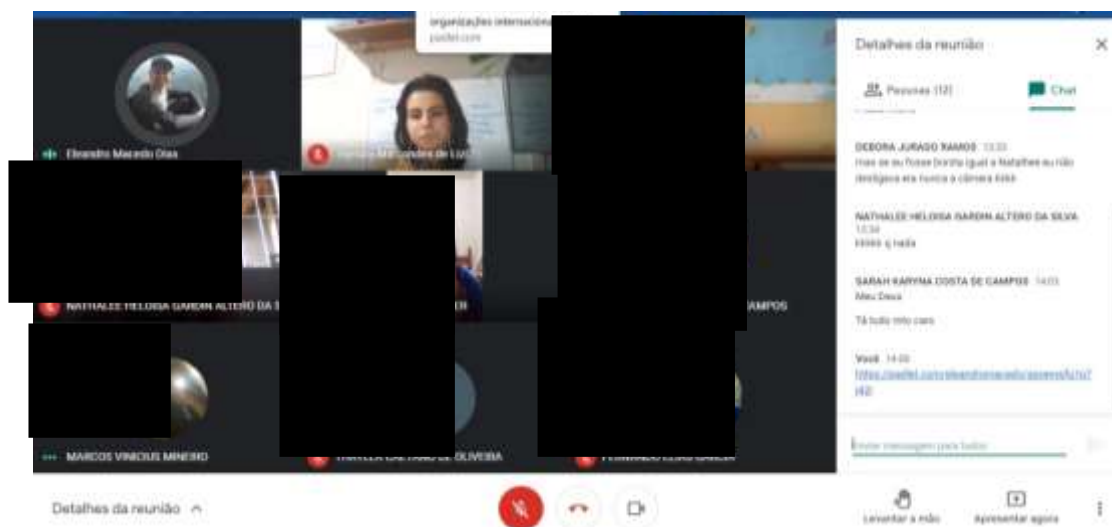


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A figura 5, faz referência à primeira aula dada pelo 8^a A relacionada ao tema da Geopolítica. Como mostra a imagem, foi utilizada uma imagem retirada da internet onde retrata um tabuleiro de xadrez e as peças referentes à bandeira de países com o objetivo de ensinar o conceito da geopolítico de modo mais dinâmico, lúdico e simples, facilitando a compreensão do termo para que os estudantes pudessem fixar de modo efetivo o tema. Foi bastante interessante essa metodologia utilizada por meio desta imagem do xadrez pois deu pra perceber que eles se envolveram no assunto e deram as opiniões com base no conhecimento sobre o jogo de xadrez.

Figura 6. Aula Remota no 8ºB



Autor. Marcondes 2021.

A figura 6, faz referência às últimas aulas dadas ao 8º B, relacionada aos últimos temas das aulas onde foi realizado uma revisão dos conceitos e temas dadas desde a primeira aula com a utilização de charges e uma atividade de fixação no final da aula.

Enfim após as aulas, foi realizado um feedback com perguntas orais com os estudantes a fim de avaliar o que eles aprenderam e fixaram e com o intuito de saber o que eles acharam das aulas ministradas pelos estagiários. O resultado foi positivo, os estudantes conseguiram



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

entender os principais conceitos ainda que gradualmente e expressaram satisfação com relação às aulas.

Considerações Finais

Administrar aulas via ensino remoto revelou as dificuldades de conexão e equipamentos eletrônicos em que foi possível ser percebido durante todas as aulas ministradas. Como já mencionamos anteriormente, as aulas foram ministradas para alunos do 8º A e B do Colégio Estadual Professora Cleia Godoy Fabrini da Silva, em duplas e cada estagiário realizou suas aulas em uma turma, sendo assim obtivemos resultados diferentes por se tratar de duas turmas distintas.

Por essa razão, as aulas foram totalmente adaptadas a essa realidade momentânea e uma das aulas que foi planejada para trabalhar com o filme não pode ser feita conforme o planejado, pois não houve a possibilidade de transmissão do filme com o áudio, devido ao mau funcionamento do equipamento adequado, portanto a aula foi ajustada no momento que transcorria a mesma. Cordeiro nos apresenta uma reflexão em relação às dificuldades obtidas no ensino remoto:

[...]nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisam reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender. Não obstante, esse tem sido um caminho que apesar de árduo, é essencial realizar na atual situação da educação brasileira (CORDEIRO; 2020, p.10)

No que se refere as ferramentas e plataformas digitais que estão sendo usadas para manter o contato e a comunicação com os alunos, nem sempre é possível garantir os recursos desejados tanto para o aluno quanto para o professor, o que vale ressaltar é a baixa qualidade de conexão da internet o que impede que a aula seja transcorrida da forma que foi planejada pelo docente e até mesmo a forma que essa aula foi esperada pelo discente.

Já na turma do oitavo ano A foi possível a aplicação do filme adequadamente e os resultados obtidos dessas aulas foram diferentes, uma vez que constatamos que houve um melhor aproveitamento dos conceitos e conteúdo, bem como maior interesse dos estudantes devido a presença das cenas do filme, o que comprova a importância e a diferença com que a linguagem cinematográfica faz no processo aprendizado.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para além dos obstáculos e desafios que foram enfrentados com relação ao ensino remoto, foi possível perceber as dificuldades no acompanhamento das aulas por parte dos estudantes e na interpretação cartográfica dos mapas apresentados. Os estudantes apresentaram enormes dificuldades em entender os mapas simples e básicos e suas legendas, o que exigiu a repetição destes mapas e do ensinamento da linguagem cartográfica para a fixação. Outra dificuldade revelada por parte dos estudantes é o desconhecimento de conceitos básicos da Geografia apresentados, o que provocou fortes reflexões no que tange aos problemas da precária alfabetização cartográfica no ensino básico.

Estas experiências aqui relatadas demonstraram a necessidade de repensar algumas formas de ensinar, revelando melhorias na didatização dos conteúdos de uma maneira que seja mais próxima à linguagem dos estudantes em alguns momentos, ou seja, que seja ensinada de uma forma mais simples, objetiva e menos complexa. Revelaram também a importância de trabalhar sempre com mapas, para a fixação da alfabetização cartográfica, junto à temas atuais e próximo dos estudantes.

Enfim, a experiência com o ensino remoto foi ao mesmo tempo, intimidador e provocativo, pois apesar dos desafios antes e durante às aulas, possibilitou novas visões e perspectivas sobre esse ensino, mas de uma maneira geral, a comprovação de que as aulas remotas dificultam a relação professor-aluno e ensino-aprendizado e atrapalha o rendimento e aproveitamento das aulas devido à ausência de motivação e distrações.

Referências

Alves Pena, Rodolfo F. Diferenças entre Estado, País, Nação e Território Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/diferencas-entre-estado-pais-nacao-territorio.htm> Acesso em 07 de março de 2021.

FREITAS, Eduardo de. "FMI e Banco Mundial"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/fmiebancomundial.htm>. Acesso em 07 de março de 2021.

Haesbaert, Rogério Dos múltiplos territórios à territorialidade disponível em: <http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Imagens e vozes que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares. Olhar de Professor, Ponta Grossa, 13 (1): 107-116, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68420575005.pdf>



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

RIBEIRO, Paulo Silvino. "Soberania nacional e Ordem Mundial"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/soberania-nacional-ordem-mundial.htm> Acesso em 07 de março de 2021.

SANTOS, Fatima (2007) “A paisagem sonora, a criança e a cidade: exercícios de escuta e de composição para uma ampliação da ideia de música”, Trabalho apresentado no Congresso Regional da ISME na América Latina, Campo Grande. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1165790/fatima-carneiro-dos-santos>

SCHAEFFER, Pierre (1966) *Tramite dês objetos musical: essa interdisciplinar*. Paris: Éditos do Seul Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/202/180>

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. *Imagens e vozes que perpetuam o fracasso escolar das crianças das classes populares*. Olhar de Professor, Ponta Grossa, 13 (1): 107-116, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/684/68420575005.pdf>

A LINGUAGEM EM QUADRINHOS COMO MANEIRA DIDÁTICA DE APRENDER CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Fabiana Michel Miranda Brum⁵⁷

Resumo

Este artigo traz o resultado da aplicação prática com a linguagem de história em quadrinhos (HQ's) que ocorreu durante o estágio de regência realizado nas aulas de geografia do 7º ano de alunos do colégio Estadual Paulo Freire em Londrina, Paraná. objetivando dar voz e vez a linguagem de história em quadrinhos através dos conceitos geográficos. Durante o período de estágio foi trabalhado com os alunos os conceitos geográficos de região, bioma, bacias hidrográficas, relevo e recursos naturais. A proposta mirava que a cada conceito geográfico estudado fosse produzido pelo aluno uma tirinha com sua perspectiva e entendimento sobre o tema. Para embasar a produção além dos conceitos geográficos foi apresentado aos alunos um roteiro com dicas básicas para a produção da tirinha e no final do estágio produzido um livro de tirinhas.

Palavras chaves: história em quadrinhos, geografia, 7ºano, estágio de regência

⁵⁷Geógrafa, Gestora Ambiental, discente de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: fabyanabrum@gmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Introdução

Ter a atenção e o comprometimento do aluno nem sempre é fácil para um professor devido os vários tipos de potencial de aluno na aprendizagem, trabalhar uma metodologia que agrade e satisfaça a necessidade de todos é um desafio em sala de aula, pensando em metodologia que desenvolva a criatividade, a concentração, o incentivo à leitura foi proposto aos alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire confeccionarem uma tirinha por aula a respeito dos conceitos geográficos trabalhados em cada encontro online realizado remotamente durante o período de estágio de regência, mostrando que a história em quadrinhos pode ensinar Geografia.

Por entender que a Geografia permite a exploração da imaginação, basta que o professor e alunos se unam na busca de uma reflexão para se chegar ao conhecimento, cada um em seu papel, aprendendo lado a lado, a linguagem em quadrinhos pode auxiliar nesta busca, este entendimento já está incorporado na educação escolar, como exemplo disto há livros didáticos utilizando esta linguagem como meio de alcançar a atenção do aluno para o ensino.

História em quadrinhos o que é?

A história em quadrinhos é um meio de comunicação bastante conhecido, que agrega dois códigos distintos para transmitir uma mensagem: o linguístico (texto) e o pictórico (imagem), é usada para aludir situações do cotidiano, por exemplo expressar a preocupação com o meio ambiente. Segundo Amaral (2008, p. 24) a história em quadrinhos disponibiliza para os alunos condições para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor e ainda é capaz de permitir a ampliação de seus conhecimentos sobre o mundo, além de tornar o ensino mais lúdico.

Em simples imagens e pequenos textos, podem transmitir uma mensagem de socorro, alegria, gozação, tristeza entre outras. um exemplo é a charge da Figura 1 sobre a questão ambiental dos rios e lagos e a Figura 2 é a charge sobre o retorno as aulas, remetendo o risco de contrair o Coronavírus.

Figura 1. Charge sobre a poluição dos rios, lagos



Fonte: <https://br.pinterest.com/pi>

Figura 2. Charge de Jean Galvão publicada na folha de 19 julho de 2020



Fonte: <https://www.diferenca.com/charge-e-cartum>



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A primeira charge destaca a preocupação com a situação do meio ambiente e a segunda a preocupação com a saúde dos alunos em relação aos cuidados que eles devem ter para não contrair o Coronavírus. As duas charges de maneira descontraída transmitem uma mensagem ao leitor de modo simples e objetivo de situações do cotidiano atual.

Há pelo menos quatro tipos de histórias em quadrinhos, charge, Cartuns, Tirinhas e mangá. O termo charge tem origem na palavra francesa charger e significa carga, exagero muito utilizado em críticas políticas, é um estilo de ilustração que têm como finalidade satirizar por meio de uma caricatura.

O Cartum, têm origem no inglês cartoon que se refere a cartão, representado por um desenho humorístico animado ou não, voltado para comédia, retratando acontecimentos do dia a dia. Nos anos 1980, o cartoon foi reduzido para toon, referindo-se a personagens de produção animada. O cartum é uma forma de comédia, também conhecida como “gags visuais” pois comunica humor visualmente.

As principais diferenças entre charge e cartum são: a charge é crítica e se detém de acontecimentos recentes envolvendo figuras públicas, o cartum faz sátiras a questões sociais de forma atemporal e universal apresenta linguagem verbal e não verbal, humor, leitura crítica da realidade o contexto é voltado a refletir a própria sociedade, a charge possui linguagem verbal e não verbal, humor, leitura crítica do cotidiano, é atual, contextualiza situações particulares de personagens públicos ambos são gêneros jornalísticos e requerem uma produção de texto que consiga transmitir a ideia principal.

Em nossos dias a história em quadrinhos é bem aceita por públicos de todas as idades, mas nem sempre foi assim segundo Moacyr Cirne (2008) nos anos de 1960 havia preconceito, e ele foi um dos críticos pioneiros da história em quadrinhos no Brasil. Esta crítica se baseava em dizer que a história em quadrinhos não era reconhecida como científica, mas um conhecimento popular ou apenas desenho e que desestimulava a leitura. No entanto este entendimento têm mudado e segundo Vergueiro (2005) as mudanças na educação brasileira nos últimos anos principalmente a inclusão das histórias em quadrinhos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS) como uma das alternativas de complementação didática no ensino fundamental, podem ter aberto as portas para que a quadrinização de obras literárias encontre novos caminhos, novas oportunidades de mostrar que realmente é uma arte que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

trabalha com o despertar da criatividade de expressão através de desenho e textos rápidos simbolizando algum acontecimento.

De acordo com Miskulim, Amorim e Silva (2006, p.4)

As histórias em quadrinhos deixaram de ser vistas, somente como instrumento de diversão e passaram a integrar o material pedagógico de escolas, não apenas de educação infantil, mas também na de jovens e adultos, auxiliando no processo de ensino aprendizagem dos mais diversos conteúdos, como geografia, matemática, português e história.

Para uma boa compreensão da história em quadrinhos o texto e a imagem são fundamentais para expressar a ideia do autor, seja para criticar, seja para humorizar situações do cotidiano. As tiras usam uma linguagem objetiva e clara, logo o leitor compreende a mensagem, ela também expressa vários assuntos, não é fechado em um único tema propiciando a criatividade. Conforme Ramos (2007) as tiras quer seja em quadrinhos, cômicos de humor ou somente tiras são uma narrativa com desfecho inesperado, que leva ao humor [...]”, pode ocorrer em um ou mais quadrinhos” Mattar, (2010, p. 49). O gênero tira diferencia do cartum uma vez que não apresenta delimitação de assunto, ou seja, os temas são diversos, além disso, não é comum utilização de caricaturas bem como a sátira, elas apresentam características narrativas, diálogos entre os personagens assim como a presença de discurso direto ou indireto.

Figura 3. Tirinhas turma da Monica



Fonte: <https://br.pinterest.com>

Uma outra forma de história em quadrinhos é o mangá que têm sua origem na cultura Japonesa, acredita-se que o teatro de sombra foi uma das formas de arte que contribuíram para a criação do mangá, o teatro de sombra era uma forma de entretenimento que contava história por meio de sombras de diversos bonecos.

Para ler mangá, lê-se de forma diferente das historinhas em quadrinhos, mangá deve-se começar do fim, ou seja, da direita para a esquerda, isso é feito tanto pelo sentido de virar as páginas quanto de ler os quadrinhos. Um mangá pode ter até 300 volumes e os personagens são desenvolvidos de maneira que fiquem evidentes suas emoções. Os personagens de mangá são mais comuns em animes.

Figura 4. Exemplo de mangá



Fonte: <https://br.pinterest.com>

Conceitos geográficos produzidos em forma de tirinhas

Sendo os conceitos geográficos instrumentos importantes de análise do espaço geográfico constituído a partir das relações humanas com a natureza, durante as aulas foi trabalhado com os alunos os conceitos de forma a estimular a fixação, o aprendizado através da produção artística. Estes conceitos foram apresentados da seguinte forma:

Região

A etimologia da palavra região é “regere”, que significa, dominar, comandar, reger, onde retrata o domínio, o poder, autoridade sobre determinado lugar. De acordo com Cavalcanti (1998), região era vista como uma entidade autônoma, e ficou conhecida como a linha tradicional da geografia, onde dois conceitos de região se sobressaíam, a região natural do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

determinismo ambiental e a região geográfica com origem no possibilismo de La Blache. Já na nova geografia, é fundamentada no positivismo lógico.

Uma maneira acessível e bem aceita pelos alunos, é a explicação das regiões Brasileiras representando as divisões territoriais do País onde cada uma apresenta diferenças físicas ou naturais, bem como questões culturais, econômicas, religiosas, gastronômicas diferentes. Esta divisão foi feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e classificou as cinco regiões com os seguintes nomes Região Norte, Região Sul, Região Centro Oeste, Região Nordeste e Região Sudeste. Segundo Cavalcanti (2013) os conceitos são ferramentas culturais que representam mentalmente um objeto e que ajudam a dar sentido àquilo que se vê e se percebe, sendo assim o conceito de região do sentido ao que o olhar abarca e percebe este foi o primeiro conceito trabalhado em sala de aula e proposta uma tirinha no final da aula.

Bioma

O segundo conceito trabalhado com os alunos foi o de bioma (bios-vida) uma (massa ou grupo), este termo foi utilizado pela primeira vez pelo botânico norte-americano Frederic Edward Clements, o qual o definiu como uma unidade biológica ou espaço geográfico cujas características específicas são definidas pelo macroclima, fitofisionomia, o solo e a altitude, porém este conceito do que é bioma é definido de forma diferente dependendo do autor. Podendo ser considerados agrupamento de tipos de vegetação vizinhos que retratam condições geográficas e climáticas semelhantes, ou reuniões de ecossistemas agrupados de acordo com os aspectos de vegetação, relevo e clima. Estas extensas formações vegetações classificadas com biomas iniciou após a percepção de que várias regiões do planeta possuem diversidade biológicas ecossistemas semelhantes mesmo em continentes diferentes conforme Walter (1986) o bioma é uma área do espaço geográfico, com dimensões até superiores a um milhão de quilômetros quadrados, representada por um tipo uniforme de ambiente, identificado e classificado de acordo com o macro clima a fitofisionomia a formação, o solo e a altitude. No Brasil existem sete biomas principais: Amazônia, Caatinga, Cerrado, mata atlântica, campos do Sul (pampa), Pantanal e zonas costeiras.

Bacias hidrográfica

O terceiro conceito trabalhado foi o de bacias hidrográficas que são áreas da superfície terrestre onde ocorre o processo natural de captação e drenagem da água da chuva, para Barella



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

(2001) bacia hidrográfica é um conjunto de terras drenadas por um rio e seus afluentes, formada nas regiões mais altas do relevo por divisões de água, onde as águas das chuvas, ou escoam superficialmente formando os riachos e rios, ou infiltram no solo para a formação de nascentes e do lençol freático.

Relevo

O quarto conceito visto em aula foi o de relevo que é o conjunto de forma física que compõem a superfície terrestre onde pensar no relevo em termos geográficos é direcionar ao entendimento de como acontece a percepção da paisagem vivenciada pelos alunos e levá-los a refletir a respeito da natureza e do comportamento de cada um em relação ao meio ambiente. Para Santos (1998) os conhecimentos sobre o relevo não dispensam outros tipos de conhecimentos, tais como: o conhecimento botânico, o conhecimento geológico, o conhecimento pedológico entre outros.

Recursos Naturais

E o quinto e último conhecimento abordado durante o estágio foi o de Recursos Naturais que são os elementos da natureza úteis ao ser humano para o cultivo, para a vida em sociedade, para a sobrevivência e o conforto da sociedade em geral. Os recursos naturais são classificados em: Recursos naturais renováveis e não renováveis e para Brito (2006, p. 72) são elementos de que o homem se vale para satisfazer suas necessidades. Pois sem estes recursos a vida não seria possível, sendo estes recursos naturais os responsáveis por manter a vida na terra em todos os sentidos econômico, social, político, ambiental entre outros.

Resultado da aplicação da linguagem de história em quadrinhos como maneira didática de aprender geografia.

Como resultado do entendimento dos conceitos geográficos trabalhados em aula com os alunos do 7º ano, foi confeccionado um livro de tirinhas com as principais tirinhas criadas pelos alunos, durante o período de estágio o que mostrou que realmente o uso da linguagem de história em quadrinhos oferece ao aluno uma maneira única de criação, inspiração e fixação já que ele retrata em desenho o entendimento daquele conceito apresentado em aula, e como cada



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aluno entende e compreende de maneira diferente pois seu aprendizado é singular, torna mais enriquecedor o uso desta didática. Foi possível notar durante esta atividade de confeccionar tirinhas que para alguns alunos foi rápido criar um desenho que trabalhasse o tema visto em aula, foi divertido desenhar, escrever, refletir e principalmente pintar a obra de arte.

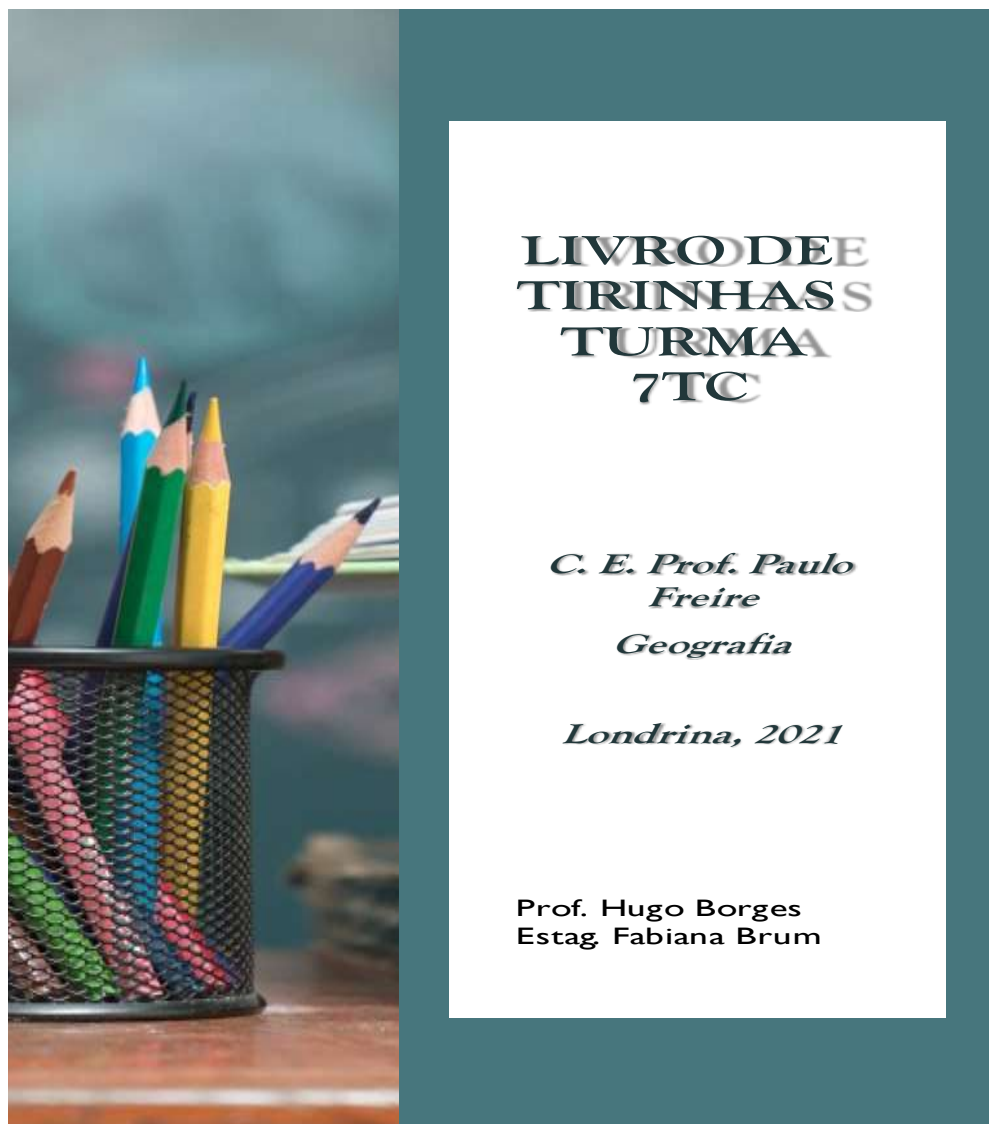
No entanto para alguns poucos houve a dificuldade de saber fazer o desenho neste momento o aluno, a aluna não desistiu da atividade apenas fez o desenho, seu personagem em forma de palitinho, um personagem magrinho, mas pensante e entendedor do tema proposto em aula. Demonstrando que a criação e a forma de desenhar é muito individual de cada aluno, um consegue fazer o personagem gordo, outro o personagem magro, outro ainda imagina o personagem como personagem de desenho animado, o mais interessante foi o continuar fazendo a atividade, mesmo aparecendo desafios, isso foi muito valoroso e engrandecedor por parte do aluno, da aluna. Segue abaixo as principais tirinhas produzidas pelos alunos do 7º ano.

Figura 5. Capa do livro de tirinhas criado durante as aulas de geografia



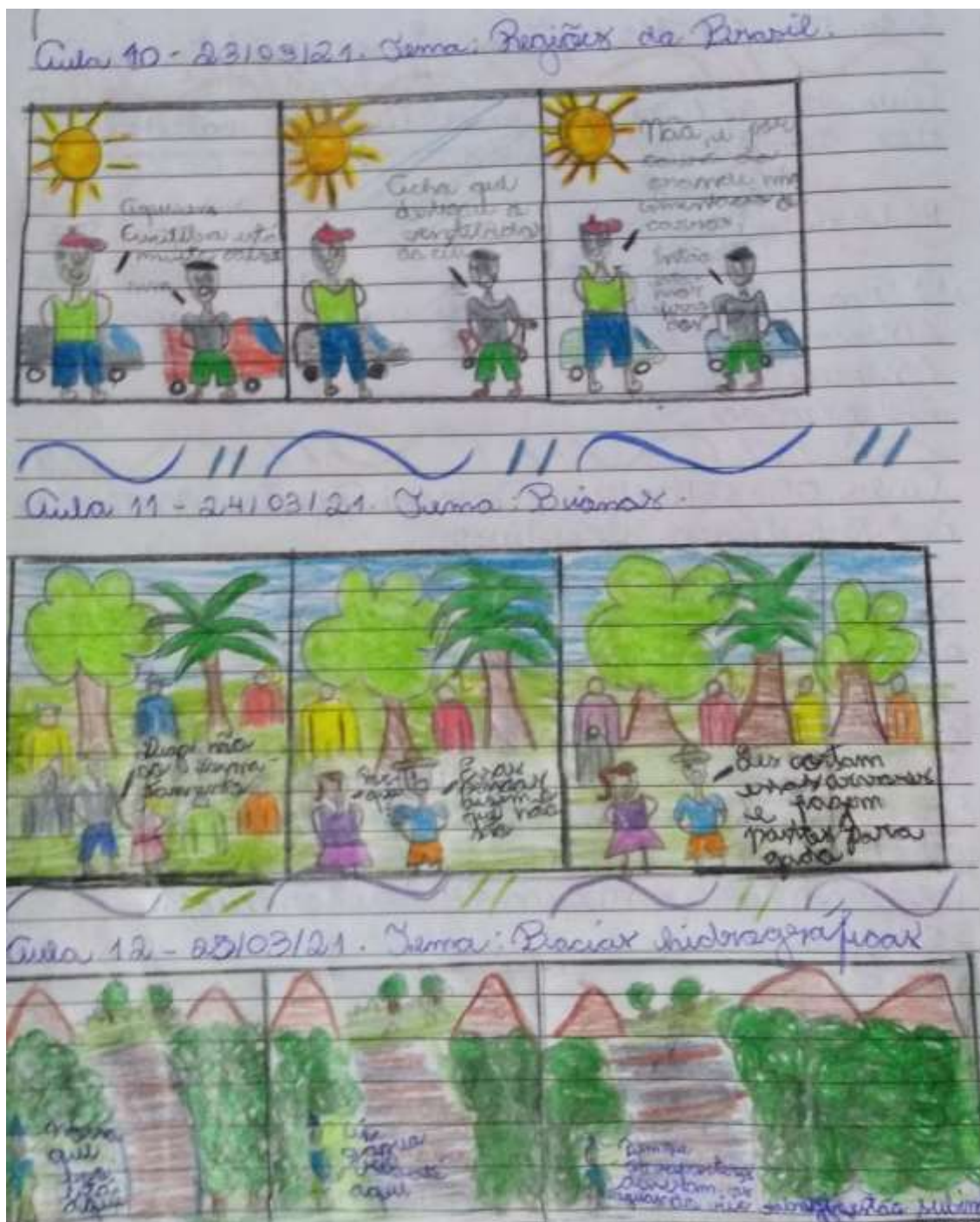
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 6. Tirinha sobre a Região Sul, cidade de Curitiba e sobre os biomas e a bacia Hidrográfica do Pr



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 7. Tirinha sobre a Região Sudeste, Cidade de São Paulo e Bacia hidrográfica

XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte:

Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 8. Tirinha rio Tibagi em Londrina Pr, poluição do planeta e Desmatamento



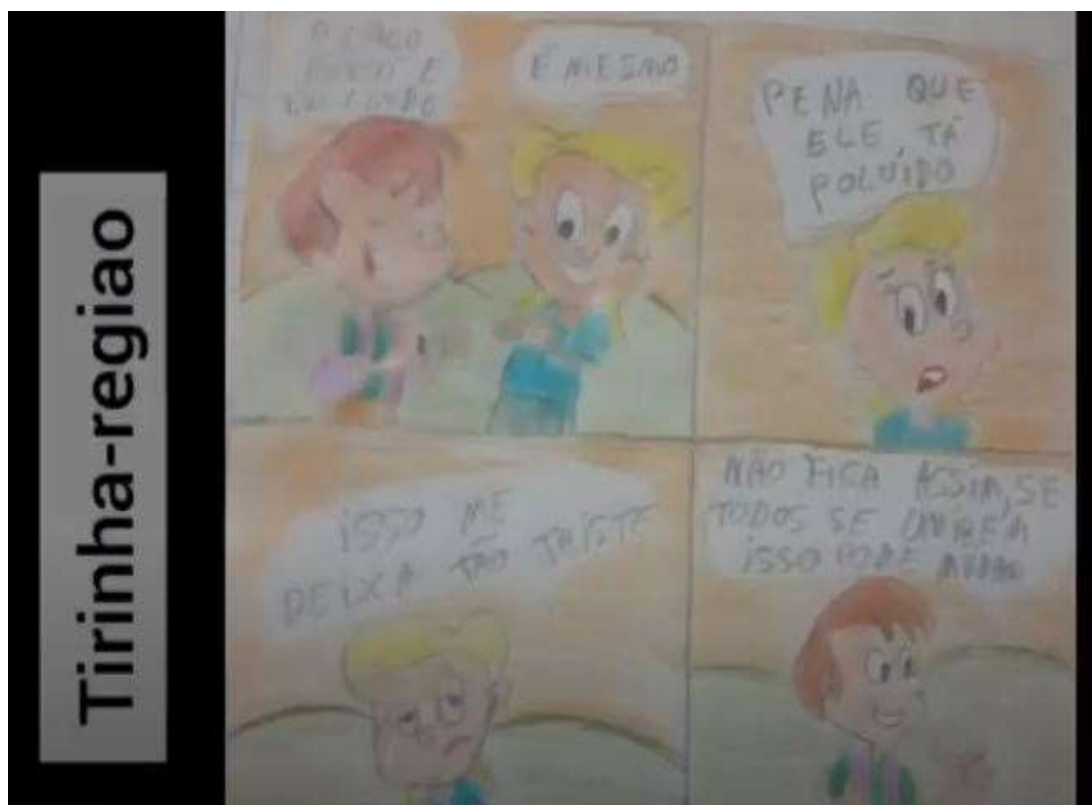
Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 9. Tirinha sobre o bioma pantanal e o lago Igapó em Londrina Pr



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 10. Tirinha sobre Bacia hidrográfica



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 11. Tirinha sobre a região Sudeste cidade de São Paulo



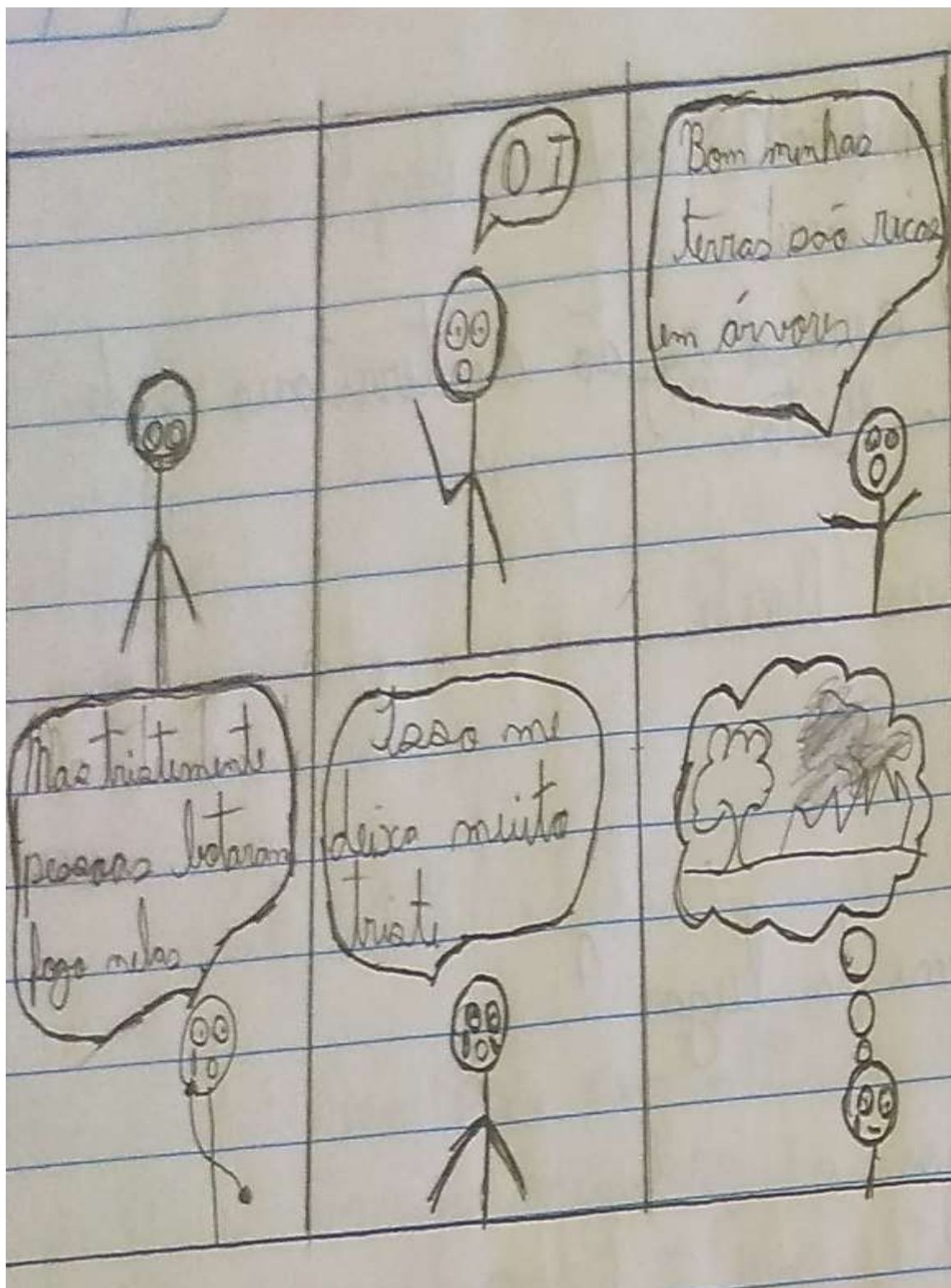
Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 12. Tirinha sobre a Região Sul, Cidade de Curitiba e sobre bacia hidrográfica



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

Figura 13. Tirinha sobre biomas, queimadas das árvores



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 14. Tirinha sobre poluição do planeta, desmatamento e o cuidado com os rios



Fonte: Alunos do 7º ano do colégio Paulo Freire em Londrina Pr





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações finais

Durante o estágio foi fundamental ter escolhido uma linguagem didática para trabalhar com os alunos, pois direcionou a maneira de preparar as aulas e de como chamar atenção do aluno, da aluna para que o mesmo tivesse interesse em participar e assim ajudar na construção do conhecimento que a ele /ela estava sendo oferecido.

Corroboram neste resultado o entendimento dos autores Miskulim, Amorim e Silva (2006.p.4) de que a história em quadrinhos passou a ser reconhecida como material pedagógico de ensino e aprendizado, esse entendimento foi presenciado durante a aplicação da atividade da qual os alunos expressaram seu entendimento ao confeccionar o livro de tirinhas da turma, onde demonstrou ser divertido desenhar mesmo quando houve dificuldades de saber como fazer o personagem, esta dificuldade foi vencida , foi divertido também o processo de pintar e criar o texto que acompanharia a tirinha e assim transmitindo a mensagem ao leitor sobre os temas trabalhados em aula.

Referências

AMARAL, C. O uso de histórias em quadrinhos como recurso pedagógico. In: **Discutindo Literatura. Especial quadrinhos**, São Paulo: Escala Educacional, n. 5, 2008, p.24

BARRELLA, W. et al. As relações entre as matas ciliares os rios e os peixes. In: RODRIGUES, R. Matas **ciliares: conservação e recuperação**. 2ª ed. São Paulo, 2001

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da educação **Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. Secretaria de Educação Básica. Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais. Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12379:ensino-fundamental-de-nove-anos-publicacoes&catid=313:ensino-fundamental-de-noveanos&Itemid=627 Acesso em: abril de 2021

BRITO, Maria. **Desenvolvimento compartilhado de reservatórios comuns entre Estados**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

CAVALCANTI, L. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus. 1998



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CAVALCANTI, L. Apreender a paisagem geográfica: a experiência espacial e a formação do conceito no desenvolvimento das pessoas. In: PEREIRA, Marcelo (Comp.). **La opacidade del Paisaje imagens e tempos educativos**. Porto Alegre. Imprensa Livre, 2013. Cap. 10, 219-239.

CIRNE, Moacy. Quadrinhos, memória e realidade textual. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 27., Porto Alegre. Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18229/1/R1283-1.pdf>. Acesso em: abril de 2021

GRAVETT, Paul. **Mangá**: Como o Japão Reinventou os Quadrinhos. São Paulo: Conrad, 2006

MATTAR, F. **A Construção do Processo de Leitura em Língua Inglesa do Gênero Tiras em Quadrinhos no 7º Ano do Ensino Fundamental**. 2010. 190 f. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Acre, Rio Branco.

MISKULIN, Rosana; AMORIM, Joni ; SILVA, Mariana. Histórias em Quadrinhos na Aprendizagem de Matemática. In: **IX Encontro Gaúcho de Educação Matemática (EGEM)**, Caxias do Sul, 2006

OLIVEIRA, S. Charge: Imagem e Palavra numa Leitura Burlesca do Mundo. In: AZEREDO, C. **Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMOS, Paulo. Tiras cômicas e piadas: **duas leituras, um efeito de humor**. 2007. Tese doutorado em letras USP

RAMOS, Paulo. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula**. São Paulo. Contexto 2007

SANTOS C. **O trabalho de campo como instrumento da geomorfologia de apreender o meio ambiente**. Florianópolis, Geosul, 1998

SILVA, M. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, UFRGS, 2004

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramaZero**, v. 6, n. 2, abr. 2005.

WALTER, H. **Vegetação e Zonas Climáticas**. São Paulo, E.P.U. 1986



JORNADA PELO RIO MAR: USO DE OBRA LITERÁRIA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ENSINO DA GEOGRAFIA

Thailine Miranda dos Santos⁵⁸

Rafaela Aparecida Estradiote⁵⁹

Resumo

O presente artigo tem como objetivo abordar o estudo da geografia através da análise de obra literária infanto-juvenil Jornada pelo Rio Mar, de Eva Ibbotson (2001), como caminho de estímulo à leitura e com objetivo de experimentar o olhar geográfico sob diferentes óticas. Desenvolvida de modo remoto com a turma do segundo ano do Colégio Estadual Polivalente, Londrina – Paraná, este artigo provém de uma atividade híbrida para a disciplina de Didática da Geografia e Estágio Supervisionado e para a Residência Pedagógica. A metodologia utilizada foram aulas síncronas e assíncrona, realizadas via Google Meet com o intuito de retomar conteúdos sobre as categorias geográficas, utilizando-se de abordagens fenomenológicas com os alunos. Para conclusão da atividade foi elaborado um mapa mental onde os estudantes deveriam dispor de suas percepções sobre o livro e relacionar com as categorias geográficas e por fim, elaborarem uma narrativa.

Palavras-chave: Geografia; Literatura infanto-juvenil; Interdisciplinaridade.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar o trabalho desenvolvido com os alunos do segundo ano do Colégio Estadual Polivalente, com foco na atividade “Um olhar geográfico” desenvolvido através do livro Jornada Pelo Rio Mar da autora Eva Ibbotson.

O objetivo dessa atividade é os alunos poderem observar as categorias geográficas de forma mais orgânica, percebendo as dinâmicas existentes em sua realidade e na sociedade como um todo, também busca apresentar a interdisciplinaridade entre o ensino da Geografia e da Literatura.

Para isso, essa atividade foi dividida em três partes; na primeira foi realizada uma retomada acerca das categorias geográficas, sendo elas Paisagem, Espaço, Território, Lugar e

⁵⁸Geografia (Licenciatura). Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mirandathailine@gmail.com

⁵⁹Geografia (Licenciatura). Universidade Estadual de Londrina. E-mail: estradiote.geouel@gmail.com.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Região. A revisão de tais categorias foi uma das metodologias utilizadas para simplificar e sintetizar os conhecimentos adquiridos pelos alunos nos últimos anos, além de desenvolver um reconhecimento mais claro de cada categoria dentro da literatura trabalhada.

No segundo momento foram disponibilizados o livro, além de resenhas e resumos elaborados pelas estagiárias de modo a ambientar os alunos sobre a história e dar seguimento com a atividade proposta.

No terceiro momento buscou-se elaborar uma roda de conversa via Google Meet com os alunos, sendo possível assim observar a compreensão de cada um sobre a presença das categorias geográficas no livro, o caminho percorrido individualmente e a percepção geográfica em suas vivências.

Como atividade de fixação foi utilizado um aplicativo que possibilita a elaboração de um mapa conceitual coletivo e por fim, como proposta de atividade e treino, pediu-se a elaboração de um texto narrativo breve que apresentasse uma das categorias geográficas.

Metodologia

A atividade surge a partir do interesse das estagiárias em trabalhar com interdisciplinaridade dentro da Geografia, a escolha da turma do segundo ano foi estratégica e aconteceu devido à faixa etária dos alunos, os conteúdos da grade curricular obrigatória e a proximidade da realização de vestibulares e ENEM.

Sabendo do contexto de pandemia em que vivemos, a elaboração da atividade teve que ser modificada e sintetizada, se tornando mais objetiva, diferentemente da sala de aula em que temos um prazo maior e um tempo limite maior por aula, agora o contato com os alunos aconteceu num tempo de quinze minutos e em poucas aulas que foram disponibilizadas no Google Sala de Aula.

Para a aplicação da atividade foram disponibilizados o PDF do livro, para que os alunos pudessem realizar a leitura, como material de apoio, os alunos também puderam acessar resumos e resenhas disponíveis na internet e feitas pelas estagiárias.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A leitura do livro foi dirigida com prazo máximo de um mês para conclusão, entretanto as estagiárias forneceram textos de referência para auxiliar no desenvolvimento da atividade proposta. Ambas leituras foram essenciais para a compreensão da história.

Sendo Jornada Pelo Rio Mar uma literatura infanto-juvenil que se passa no Brasil e que possui uma história fantástica próxima do real, sua leitura se torna leve e fluída.

Objetos de estudo da Geografia: Uma breve introdução

Em um primeiro momento deve-se compreender e se familiarizar acerca dos conceitos dos objetos de estudo da Geografia que são espaço, lugar, território, região e paisagem. Apresenta-se inicialmente o conceito de território, local onde ocorre as relações de poder que segundo Manuel Correia de Andrade (1998, p. 213):

“O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder de grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas”

Em uma perspectiva de Milton Santos (1988, p. 81), foi-se trabalhado o conceito de paisagem, que é “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança (...) Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, odores, sons etc.”, pois através dessa visão conseguimos compreender que o significado é algo muito mais complexo e profundo, pois no espaço tudo se materializa e nos ilustra toda a história presente e vivida naquele local.

“A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições (...) uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos... já passados.” (SANTOS, 1988, p. 66).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Tuan (1977, p. 6-7) nos apresenta o conceito de lugar, que agrega em seu significado a singularidade da vivência, onde o lugar passa a existir a partir do instante em que criamos um laço afetivo com o mesmo:

“O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (...) A amplitude da experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos”

O conceito de lugar é único para cada indivíduo, pois por se tratar de uma ligação afetiva para aquele espaço, acaba por dar subjetividade ao seu conceito. Uma análise interessante a se fazer é que o lugar apenas passa a “existir” a partir da experiência vivida.

Por fim, para Milton Santos, o conceito de espaço pode ser relacionado a interação de fixos e fluxos, onde se obtém um objetivo passível de estudo da geografia, conforme aponta:

(...) A geografia poderia ser construída a partir da consideração do espaço como um conjunto de fixos e fluxos (Santos, 1978). Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS apud SANTOS, 2006, p. 38)

A percepção que temos referente ao conceito de região se compreende bem através da seguinte perspectiva:

“(...) Pode assim ser empregada como uma referência associada à localização e à extensão de um certo fato ou fenômeno, ou ser ainda uma referência a limites mais ou menos habituais atribuídos à diversidade espacial (...) como referência a um conjunto de área onde há o domínio de determinadas características que distingue aquela área das demais.” (CASTRO, GOMES e CORRÊA, 2000, p. 53.)

Através da análise da citação conclui-se que o conceito de região como área com predominância de determinadas características que a diferem em relação as outras. Com o desenvolvimento do artigo será possível observar a associação de cada objeto de estudo geográfico com as figuras literárias presentes na obra analisada.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A literatura como recurso metodológico do ensino interdisciplinar na Geografia

A geografia possui uma versatilidade impressionante quando se trata de interdisciplinaridade, pois para que possamos compreender essa ciência é necessário que haja um diálogo com outras áreas do saber. Por conta disso, destaca-se a importância de se trabalhar diferentes linguagens que transformam em uma experiência de ensino totalmente nova e significativa para o estudante, apresentando uma nova perspectiva da ciência geográfica.

“A Geografia enquanto ciência que analisa e reflete sobre o espaço está intrinsecamente ligada a outras ciências que também objetivam a análise do espaço. O conceito da interdisciplinaridade contribui para realização de uma ponte entre as áreas do conhecimento, formando um leque de opções que podem ser usados para enriquecer o ensino, tanto metodológica como cientificamente.” (SALTORIS, CARDOSO, 2016, p. 5)

A compreensão do espaço geográfico pode ser entendida pelas mais diversas áreas, principalmente através das artes, história, biologia, português, dentre outras disciplinas.

O uso da literatura no ensino da geografia pode trazer uma nova abordagem, saindo do método de ensino tradicionalista, onde se tem o professor, com o apoio do livro didático, como objeto portador de toda o conhecimento e o aluno como um ser passivo e sem expressão alguma além de receptor de tal conhecimento:

“Muitas vezes, a metodologia utilizada pelo professor ao passar os conteúdos para os alunos é unicamente o livro didático, instrumento de trabalho presente na escola e muitas vezes o único disponível (não que ele não seja importante, mas não pode ser o único instrumento para o docente e discente). O livro didático é idealizado como objeto primordial para aprendizagem. Dessa forma, os importantes conceitos geográficos tornam-se subjetivos e apenas conceituais, pois, muitas vezes, distanciam-se da realidade do aluno.” (SALTORIS, CARDOSO, 2016, p. 3)

Temos um grande desafio quando tentamos desconstruir essa metodologia, pois é estabelecida e abordada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e até mesmo



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

reproduzida em todo o sistema avaliativo desde provas de nivelção, vestibulares até concursos públicos. Com esses obstáculos se torna mais árdua a tarefa de transformar o aluno protagonista do próprio aprendizado.

É importante salientar a importância de um ensino interdisciplinar, pois além de trazer um novo significado do conteúdo para o aluno, traz a importância do contexto que aquele aluno está inserido, pois através da interdisciplinaridade é possível associar o conteúdo estudado para a realidade do aluno, conforme SALTORIS e CARDOSO apud ARALDI (2016, p. 5) “diz que a importância de construir um ensino interdisciplinar reside na integração do ensino à realidade, formando alunos capazes de compreender a sociedade da qual fazem parte como sujeitos.”

O fato da literatura ter sido escolhida para se trabalhar essa interdisciplinaridade se dá devido a abordagem de diferentes contextos e espaços presentes no cotidiano do ser humano:

Dessa forma, a Literatura, por relatar os mais diversos aspectos da vida do homem, torna-se uma importante aliada ao ensino da Geografia por também ser um caminho para a compreensão da relação que o homem obtém com o espaço (...) As obras literárias são capazes de construir e compreender espaços, levam o leitor a uma realidade distante através de narrativas que fazem com que o estudante viva determinados espaços a partir do olhar de personagens e autores. (SALTORIS, CARDOSO, 2016, p. 5)

Ao se fazer uma análise literária em sala de aula, torna-se possível o entendimento do espaço e das relações ali contidas através de diferentes percepções, facilitando assim o processo de aprendizado daqueles alunos.

Análise geográfica através de obras literárias

Salienta-se a importância do uso de obras literárias como recurso didático no ensino da geografia, não apenas por seu teor descritivo, mas por trazerem uma abordagem diferenciada e lúdica aos conteúdos geográficos, além do incentivo ao hábito da leitura.

“É dentro deste cenário, que a aproximação entre a geografia e a literatura se apresenta como uma importante ferramenta didático-pedagógica, pois as obras literárias se constituem como documentos importantes para o ensino de geografia, na medida em que as narrativas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

acontecem num cenário, com tempo e espaço definidos, dotados de características sociais, culturais, políticas, econômicas e naturais de cada época e de cada porção do espaço.” (RODRIGUES, 2019, p. 2)

O uso de obras literárias no ensino da geografia é um deleite, pois traz a possibilidade de análise de diversos espaços criados, permitindo pensar as singularidades dos espaços vividos, trazendo uma nova perspectiva para a realidade do aluno.

Temos a perspectiva de estudo de livros aclamados, tidos como clássicos, mas nessa abordagem trazemos a análise através de um material de literatura infanto-juvenil, com o objetivo de ilustrar ao aluno que esse tipo de abordagem é possível com qualquer modalidade de leitura.

O presente artigo propõe a abordagem geográfica do livro Jornada pelo Rio Mar por autoria de Eva Ibbotson (figura 2), que inclusive foi premiada por esse e outros livros de sucesso, sendo os mais vendidos em todo o mundo. A autora inglesa tornou-se escritora após ser mãe, mas somente após o falecimento de seu marido que escreveu o prestigiado Jornada Pelo Rio Mar.

Imagem 2: Eva Ibbotson



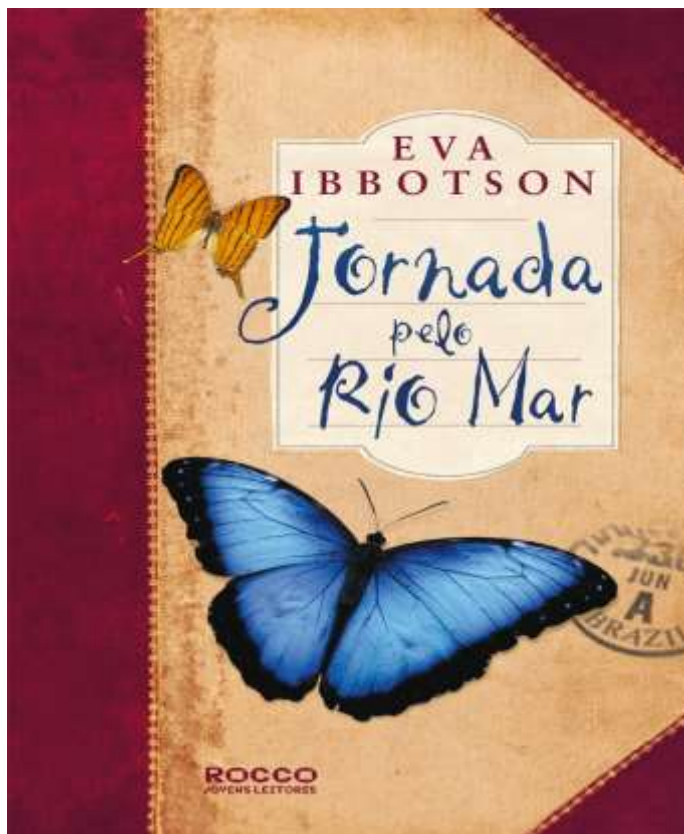


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: The New York Times, 2010.

Imagem 3: Capa do livro “Jornada Pelo Rio Mar”.



Fonte: Amazon, 2021.

Jornada Pelo Rio Mar conta a história de Maia, uma garota de treze anos que após a morte dos pais vivem em um internato na Inglaterra, sob a tutela do Sr. Murray, que está constantemente em busca de algum parente de Maia, com o desejo de que a garota possa encontrar uma família. O livro começa com Maia recebendo a notícia de que finalmente encontrou familiares, entretanto estes vivem em um país completamente diferente daquele que ela conhece. Seus parentes estão no Brasil, mais especificamente no coração da Amazônia, próximo a cidade de Manaus. Imediatamente nasce em Maia o desejo de conhecer o país, deste modo ela busca nos livros mais informações e se encanta com o que descobre. Dias após o recebimento da notícia e dando início a sua mudança, Maia conhece a Srta. Minton, a governanta responsável pelos seus cuidados e que a levará e ensinará sobre o Brasil, dando assim início a sua aventura.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Durante a viagem a caminho do Brasil, Maia e Srta. Minton conhecem Clóvis, um menino de dez anos que viaja com um grupo de atores se apresentando pelo mundo. Clóvis, ao contrário de Maia, está mais empolgado com o desejo de voltar a Inglaterra do que conhecer novos lugares. Ainda assim, ele e Maia combinam de se encontrarem em Manaus para se atualizarem de suas vidas, assim cada um segue seu caminho, Maia e Srta. Minton seguem em direção ao interior para encontrar a nova família de Maia: os Carter.

Composta pelo Sr. Carter, um homem que decidiu morar no Amazônia com o desejo de se tornar um Barão da Borracha, é um sujeito sem muito carisma e não muito presente em sua família, parece estar constantemente alheio a tudo e sempre busca passar o maior tempo possível longe da sua esposa. A Sra. Carter é uma mulher aficionada pela Inglaterra, não aceita a mudança da sua família para o Brasil, tem aversão a tudo que é do local, desde o clima até a comida, as vestes e a educação escolar, sempre exigindo que as filhas tenham uma “educação inglesa”. A Sra Carter é uma mulher rígida e gananciosa, sempre favorecendo as filhas como forma de exibir seu falso status social.

As gêmeas Beatrice e Gwendolyn são, num primeiro momento, receptivas a chegada da nova inquilina, até que com o apoio da mãe, ambas espionam Maia, diminuem, zombam e constrangem a garota como forma de diversão, além disso, possuem inveja do status social verdadeiro de Maia, da sua boa relação com seus colegas e da sua inteligência, sendo até contida pela Srta. Minton, que busca dar uma educação mais avançada e focada no novo país.

Mais adiante conhecemos Finn, filho de um importante naturalista, vive sozinho na floresta após a morte do pai, porém, ele não é está sozinho, pois possui diversos amigos indígenas e pessoas não-indígenas que vivem na cidade, que se importam e cuidam dele. Finn se esconde na floresta para se proteger dos “Corvos”, dois detetives contratados pelo seu avô, que por possuir uma grande herança, deseja que seu único herdeiro homem assuma suas posses.

Além dos personagens apresentados, existe um outro personagem que, apesar de não ser caracterizado na história como personagem, se tornar um a partir da utilização da narrativa, que o torna essencial para o desenvolvimento da história: a Floresta Amazônica, e é por meio dela e da relação dos personagens com a floresta que este artigo se desenvolve.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A obra e sua relação com as categorias.

A história é ambientada em 1910 e conta com dois países de plano de fundo: Inglaterra com a cidade de Londres e Brasil com a cidade de Manaus, sendo esta a de maior destaque da história.

A história, escrita por uma autora inglesa, apresenta uma Manaus vista sob uma perspectiva extraordinária de uma adolescente de treze anos, e por meio dela é possível sentir constantemente as emoções de conhecer esse mundo diferente, cheio de cores, sons, climas e cheiros novos.

O encantamento da personagem é frequentemente repassado pelo leitor e é neste ponto que a autora, intencionalmente ou não, se utiliza das categorias geográficas para expor o que ocorre na história para além das interações entre os personagens, na verdade, o próprio ambiente em que se desenvolvem a narrativa se torna um personagem do livro, sem ele, a história não aconteceria.

Em relação as categorias geográficas, a primeira a ser observada é a Paisagem, pois a autora se utiliza do gênero textual narrativo para descrever a visão de Maia (personagem principal), isso não acontece somente com a descrição concreta do ambiente como as árvores, os rios, as pessoas ou o que está acontecendo, mas também em relação ao que a personagem sente e como ela está percebendo o mundo ao seu redor.

Já o Território, pode ser observado após a chegada de Maia e da Srta. Minton na casa dos Carters, nesta situação nota-se que a relação de poder está presente na dinâmica da família e em como essa família trata seus empregados e todos ao redor, um exemplo é como a Srta. Minton devem seguir regras muito específicas, como o constante uso do espartilho e não poder se juntar aos Carters durante o jantar, além da rotina de estudo das gêmeas e somente ensinar determinados conteúdos, enquanto os demais empregados brasileiros devem se manter longe de alguns cômodos, sendo permitido o acesso somente a cozinha e a sala.

A relação de poder determina quais territórios pertencem a quem, no caso do livro, essa relação está embasada na xenofobia e na crença da família em reproduzir a vida que levavam na Inglaterra, ainda que seu status social e financeiro esteja diferente do que levavam no outro país.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A categoria Lugar é presente em toda a narrativa, seguindo a definição de Yi-Fu Tuan (1974) fica claro quais personagens sentem Topofilia pelos lugares e quais sentem Topofobia. A personagem Maia imediatamente se sente parte do novo lugar que está se inserindo, se encanta com tudo, e sua única reclamação é não poder explorar o entorno da casa; enquanto a família possui muito desgosto de tudo o que remete ao país, comendo comidas somente importada e industrializada da Inglaterra, não gostando da música, das roupas, do clima e constantemente parecem estar sob estresse, além de se irritarem com a empolgação e curiosidade de Maia.

Outros personagens que são exemplos de Topofilia e Topofobia são Finn e Clóvis, enquanto Finn se mostra apaixonado pela floresta e pela vida que leva, tendo boas lembranças de seu pai e partindo em busca da família de sua mãe floresta a dentro, Clóvis demonstra estar sob estresse o tempo todo, reclamando do clima, da comida, dos mosquitos; esse comportamento muda completamente quando este retorna para Inglaterra, onde se sente realizado com a vida que leva, se sentindo novamente parte daquele mundo.

No que se refere a Floresta Amazônica apresentada no livro, observa-se a presença de outros elementos da Geografia, que não só caracterizam a floresta, como envolve o leitor com o intuito de construir uma narrativa em que a floresta também seja personagem, afinal, essa história poderia acontecer em qualquer parte do mundo, mas essa caracterização é o que faz a história ser o que ela é. Alguns desses elementos geográficos são constituído pela descrição dos rios, do bioma, relação entre os povos indígenas e a floresta (como o uso das ervas para a cura do pai de Finn), dos povos não-indígenas e da floresta (a extração da borracha pelo homem branco, da explorações do pai de Finn) e entre outros elementos.

Deste modo, é possível observar, analisar e comparar como as categorias da Geografia estão dispostas no livro. É dentro dessa perspectiva que o presente artigo segue, com a intenção de se torna mais perceptível para os alunos a existência da Geografia nas literaturas, de modo que a realidade também seja lida com um olhar geográfico. Para isso, foi elaborada uma oficina com os alunos e que será apresentada a seguir.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Aplicação da oficina

Quadro 1: Sobre a instituição

Instituição: Colégio Estadual Polivalente - Ensino Fundamental, médio e profissionalizante.		
Endereço: Rua Figueira, 411.	Bairro: Jardim Santa Rita.	CEP: 86.072-160
Cidade: Londrina	Estado: Paraná	
Telefone: (43) 33308-5018	E-mail: ldapolivalente@seed.pr.gov.br	

Fonte: SEED PR, 2021. **Org:** Rafaela Estradiote

Imagem 4: Mapa de Localização da Instituição.



Fonte: Google Maps, 2021.

Quadro 2: Planejamento de aula

Descrição da atividade	Carga horária	Conteúdo	Metodologia	Materiais utilizados
Aula 1	40 min	• Apresentação das estagiárias; • Apresentação do livro • apresentação da atividade final	Aula síncrona; aula expositiva e dialogada;	PowerPoint Livro Jornada pelo Rio Mar – Eva Ibbotson
Aula 2	15 min	• Retomada de conceitos base	Aula assíncrona;	Apresentação de slides dos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

		da geografia, iniciando por espaço geográfico, paisagem e lugar; • Perspectiva em escala regional para que possam identificar as categorias no cotidiano.	aula expositiva;	temas relacionados.
Início da leitura do livro	--	--	--	Livro Jornada pelo Rio Mar – Eva Ibbotson
Aula 3	15 min	• Finalização da abordagem das categorias base da geografia com território e região; • Perspectiva em escala regional para que possam identificar as categorias no cotidiano; • Momento de diálogo sobre possíveis dúvidas dos alunos.	Aula assíncrona; aula expositiva;	Apresentação de slides dos temas relacionados.
Aula 4	10 min	• reapresentação do livro; • Chamada de leitura	Aula assíncrona; Aula expositiva;	Livro Jornada pelo Rio Mar – Eva Ibbotson
Aula 5	10 min	• Relacionar as categorias geográficas com o livro e buscar desenvolver o “olhar geográfico”	Aula assíncrona; Aula expositiva	-
Aula 6	20 min	Realização da atividade de mapa mental	Aula assíncrona;	-



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

		Elaboração de um texto narrativo que contenha uma das categorias geográficas.	Aplicativo MindMeister;	

Organização: Thailine Miranda, 2021.

A oficina foi dividida em três partes, totalizando seis aulas. Na primeira aula foi realizada a apresentação das estagiárias, do livro e da atividade proposta. Na segunda aula se iniciou uma revisão sobre as categorias geográficas, para que os alunos pudessem ter embasamento para a realização das atividades no tempo proposto.

A abordagem das categorias geográficas foi desenvolvida em duas aulas assíncronas (aula 2 e 3), de modo expositivo e com duração de 15 minutos cada, sendo tempo suficiente para retomada de conceitos para aguçar o olhar geográfico dos discentes.

Na segunda aula foi abordado os conceitos de espaço geográfico, lugar e paisagem; na terceira aula se desenvolveu o conceito de região e território. Em ambas as aulas, para se trabalhar a fixação e percepção dos alunos quanto os conceitos apresentados, fez-se associação em escala local e regional para que pudessem enxergar com maior proximidade de seu cotidiano.

Na quarta aula foi realizada uma “chamada de leitura”, onde foi contextualizado o livro, apresentando a autora, os personagens e uma síntese da história, foi realizada de modo assíncrono com o objetivo de sintetização do conteúdo, buscando o melhor aproveitamento dos alunos.

Na quinta aula, também realizada assíncrona, buscou-se concretizar e analisar a obra com base nas categorias geográficas, de modo que os alunos pudessem observar aspectos geográficos na obra para além da narrativa, dando assim início as atividades.

E por fim, durante a terceira parte, realizou-se uma dinâmica iniciada na divisão da turma em grupos, onde cada grupo deveria apontar no aplicativo de construção de mapa conceitual coletivo, as categorias presentes no livro, em que momento elas aparecem e argumentar sucintamente sobre isso.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Como atividade de apoio e fixação, foi solicitado que os alunos elaborassem um pequeno texto narrativo em que utiliza-se de Paisagem, Lugar, Território, Espaço ou Região para sua elaboração. Esta atividade foi solicitada para que as estagiárias pudessem obter retorno sobre a percepção dos alunos perante a atividade anterior.

Considerações Finais

Por meio do que foi realizado com os alunos, observou-se que houve um melhor entendimento da Geografia, os alunos demonstraram compreensão de cada categoria geográfica, de como elas estão presentes em suas realidades vivenciadas para além do que é considerado concreto.

A atividade de mapa mental possibilitou uma compreensão de absorção de informação, ainda que pelo contexto atual de pandemia, a leitura muitas vezes tenha sido deixada de lado, visto a eminente necessidade de dedicar atenção a tudo ao mesmo tempo que acontece esgotamento mentais. Surgiram diversas dúvidas no decorrer da atividade, entretanto, ambas estagiárias estavam apostas para sanar quaisquer dúvidas e, além disso, dar apoio aos alunos, muitas vezes apenas ouvindo e empatizando com realidade de cada um.

Aponta-se que o desenvolvimento da atividade, apesar de planejado e elaborado a algum tempo, foi difícil na execução via ensino remoto. Optar por aulas assíncrona foi o caminho utilizado para melhor atender os alunos, contudo, a falta de interação humana não se passou despercebida.

No que diz respeito a Geografia e a Literatura, espera-se que a interdisciplinaridade esteja mais presente no ensino educacional, tanto na formação de professores, como na formação dos alunos, para que todos possam compreender que a realidade é dinâmica e interativa, e não está inserida em caixas onde cada ciência possui uma limitação.

Referências bibliográficas

- SANTOS, Milton. Território – Globalização e Fragmentação. Hucitec, São Paulo. 1998
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do Espaço Habitado. Hucitec, São Paulo. 1988



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. EdUSP. São Paulo, 2006

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal. São Paulo- Rio de Janeiro, Hucitec. 1988

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência. DIFEL, São Paulo. 1977

CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. BCD, Rio de Janeiro. 2000.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAIS, Helena Copetti. As possibilidades entre literatura e geografia. 2012.

BRAZ, Nayanny Bruno de Oliveira; ALENCAR, Analiane Vidal de. A importância do uso da literatura no ensino de geografia. 2018.

SALTORIS, Daiala Barroso; CARDOSO, Cristiane. Geografia e literatura: uma proposta para um ensino interdisciplinar. 2016.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

RELATOS E APRENDIZADOS DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA E DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS

Renan Euclides Vieira

Resumo

Este trabalho relata lições aprendidas durante toda a jornada de participação de alunos no grupo de Residência Pedagógica no Colégio Estadual Marcelino Champagnat, ressaltando os principais aprendizados e sua relação com a profissão docente. Especialmente como atividades como produção de materiais didáticos e a mediação de debates trazem importantes aprendizados para o residente dentro do programa e quais seus impactos na formação.

Palavras-chave: Residência, Docência, Materiais didáticos

Introdução

A prática do ensino é uma ação social, envolvendo a troca de experiências entre alunos e professores no ensino formal. Deste modo, assumimos que ensinar é uma grande responsabilidade, estar à frente da formação de outras pessoas, que em grande parte são jovens e adolescentes, exige comprometimento e preparação, além da capacidade de se reinventar.

Considerando que a principal função do ensino formal não se restringe a aplicar conteúdos de determinada matéria, mas sim de formar cidadãos comprometidos com a transformação de sua realidade, conscientes de seus direitos e deveres e participativos em nossa sociedade, entendemos que a profissão de educador, em suas diversas faces possui uma grande carga de responsabilidade social. Deste modo, torna-se evidente a necessidade de programas de apoio à docência, como a Residência Pedagógica e o PIBID.

Este artigo discute a importância destes programas por meio do relato da vivência, tendo como pivô da discussão a produção de materiais didáticos em oficinas e atividades realizadas durante o programa de Residência Pedagógica do curso de geografia da Universidade Estadual de Londrina em 2019 por alunos do Colégio Marcelino Champagnat, no Centro da cidade de Londrina.

O intuito da discussão apresentada é de enaltecer a relação entre o educador e o aluno durante o processo de aprendizagem, expondo como o contato prévio como a sala de aula



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

auxilia na formação docente, na aproximação desta relação e na quebra de meios tradicionais de aula, os quais nem sempre são efetivos, considerando que a juventude e adolescência de um mundo globalizado e conectado por meio da internet possui um perfil acelerado, dificultando o aprendizado que exige inatividade do aluno, uma vez que sua atenção se apresenta de maneira volátil por viver em um mundo onde o fluxo de informação é cada vez maior.

Desenvolvimento

Os relatos presentes neste trabalho são decorrentes da participação no programa federal de Residência Pedagógica de 2019, especificamente no Núcleo do curso de geografia da Universidade Estadual de Londrina, as atividades foram realizadas no Colégio Marcelino Champagnat e orientadas pelo Professor Cláudio Galdino, nas turmas de sétimo a oitavo ano.

Figura 1 - Colégio Champagnat



Fonte: Secretaria de Educação e Esporte do Paraná, 2013.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Localizado no centro da cidade de Londrina, o Colégio Champagnat é um dos mais tradicionais da cidade, foi fundado em 1967 e atende um público diverso, sempre lembrado por oferecer um ensino público de qualidade para os alunos que o frequentam e para os que os frequentaram.

Figura 2 - Localização do Colégio Champagnat



Fonte: Google Maps, 2021.

O programa de Residência Pedagógica é uma política nacional que possui a função de potencializar a formação de professores por meio da vivência, deste modo, é possível dizer que o acompanhamento da rotina de salas de aula juntamente ao professor Cláudio, foi imprescindível para a formação do grupo de residência, com diversas lições aprendidas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Logo no início tivemos contato com as turmas de oitavo ano, onde tivemos a oportunidade de entender o quão complexa é uma sala de aula, repleta de diversidade nos perfis dos alunos, com diversas ideologias, discursos e jeitos de se portar, cada qual com sua individualidade. O entendimento deste ponto foi de grande importância, uma vez que a geografia como ciência humana, exige uma carga de debates importantes para formação de cidadania e responsabilidade social. Como destaca Cavalcanti (2010), a geografia é a ciência que possui como função, expor as dinâmicas do espaço geográfico por meio da perspectiva de escala do lugar.

Como destaca Suertegaray (2012), o espaço geográfico abrange diferentes perspectivas que se complementam, já lugar segundo Santos (1997, p.15) se trata de uma dimensão de expressão do espaço, sendo definida como “Lugar constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições—cooperação e conflito são a base da vida em comum.” Deste modo, o lugar pode ser encarado como uma dimensão espacial de escala mais local, como coloca Suertegaray (2012).

Ao entendermos a importância da escala espacial do lugar e o papel do professor de geografia, encaramos a necessidade de mediar os debates gerados dentro das salas de aula, o que assume uma latência maior quando consideramos não só a diversidade ideológica dos alunos, que é formada no ambiente externo à escola, mas também o fato de que são adolescentes em processo de formação, o que implica em uma menor maturidade para discutir assuntos complexos com mais de uma ótica e diversos contrapontos.

Assim, podemos destacar a residência a primeira grande lição aprendida durante o período de residência pedagógica, uma vez que aprendemos nas salas de aula da universidade a importância do lugar para o ensino de base, e a construção de cidadania, já que a aproximação da realidade do aluno é essencial para o cumprimento da missão de formação cidadã, e por meio do local que atingimos esse objetivo. Entretanto, quando adentramos a sala de aula, entendemos que o conhecimento teórico é insuficiente, ainda que importante e de grande valor.

Entendemos que, como destaca Santos (1997), a revolução informacional, ampliou o conceito de lugar, o colocando quase em escala global, o que nos permite inserir os alunos em um contexto de debates mundiais por meio da perspectiva do local, abordando através deles,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

outras escalas espaciais, como o território por exemplo. Outra lição aprendida neste eixo temático, é de que a relação estabelecida entre professor e aluno é de grande importância para a mediação destes debates, sendo necessário que o professor tenha a confiança e o respeito de todos os alunos, independente de qual seja sua perspectiva ideológica. Esta lição aprendemos com ao observar a postura do professor Cláudio durante as aulas, sempre comunicativo e preocupado com os alunos, estabelecendo uma relação leve, sem necessidade de um perfil autoritário para ser respeitado, mas também firme o suficiente para que os alunos entendam que é necessário ouvi-lo durante as aulas.

Durante as aulas, o professor sempre incentivava os debates dos mais diversos assuntos, o que nos deu a perspectiva de encarar os tabus ao invés de fugir, o que se apresenta como o caminho mais fácil forma qual os debates eram conduzidos pelo professor, se apresentou como um grande aprendizado de como lidar com esses assuntos, como por exemplo em uma aula de geografia de população para o oitavo ano, onde ao falar sobre a pirâmide demográfica e taxa de natalidade, surgiu um debate acerca de anticoncepcionais, com diversas visões apresentadas pelos alunos, alguns sobre o viés religioso entendendo o uso destes métodos como abortivos e que consequentemente deveriam ser proibidos, outras alunas sobre um viés do direito da mulher e sua desobrigação com a maternidade, e ainda outros debatendo sobre a perspectiva de que anticoncepcionais não deveriam estar inseridos em políticas públicas, em meio a toda esta discussão, o papel do professor Cláudio foi de ouvir os lados e estabelecer contrapontos que evitassem o radicalismo de qualquer lado, prezando pela relação de respeito entre as partes e orientando os alunos para evitar a formulação de ideias de viés extremista ou que fosse de desencontro aos direitos humanos.

Durante os debates, em diversos momentos os alunos entraram em conflitos pessoais, perpassando a barreira da discussão ideológica, e coube ao professor mediar estes conflitos, em muitos casos evitá-los antes que acontecessem. A forma como o professor conduzia as aulas e estes assuntos tabus, foi um dos grande aprendizados que a Residência Pedagógica nos trouxe, isto é, dentro das aulas de graduação estudamos todas estas questões, mas a vivência é necessária, entender as reais dificuldades e necessidades da profissão docente por meio da vivência antes de exercê-la oficialmente, é um grande diferencial na formação de professores.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Embora a atuação do professor Claudio perante os alunos tenha sido um destaque para os residentes, o próprio destacou a dificuldade em exercer tal função, segundo ele, grupos ideológicos mal intencionados dos quais alguns alunos se identificam, acabam por adentrar nas escolas por meio deles. O professor ainda relatou que em meados de 2018, alguns alunos o provocaram com afirmações ideológicas extremas, com intuito de testar até onde o professor iria. Na aula seguinte os mesmos irão repetir o ato, porém desta vez com indagações ainda mais preocupantes, o objetivo era fazer com que o professor expressasse sua opinião política enquanto era filmado sem seu consentimento. O objetivo de alguns alunos era de expor o material filmado a políticos e influenciadores digitais de extrema direita, visto que o contexto de eleição da época evidenciou a polarização ideológica no país, o plano foi descoberto devido a delação de alunos que não concordavam com a ação do restante da turma.

As dificuldades relatadas pelo professor Cláudio, também foram de grande contribuição para a formação docente, mais uma vez enaltecendo a importância do programa. Elas nos lembram que vivemos em um mundo globalizado, e como destacam os autores Campos e Canavezes (2011), um mundo globalizado é volátil e incerto, com fluxo de informações constante e repentinas mudanças para os que se inserem ativamente dentro das dinâmicas globais. Deste modo, é necessário ser cauteloso durante as aulas, uma vez que nossos alunos possuem acesso imediato a um grande fluxo informacional, o que torna seu interesse difícil de se captar e facilita sua ligação com questões sociais sob a ótica de diversas ideologias, inclusive, as de viés autoritário que põe em xeque a autonomia e liberdade de pensamento de professores e colegas, considerando que inserção do global por meio local é um fenômeno cotidiano, assim ações deste tipo se tornam cada vez mais comuns e documentadas.

Assim sob a perspectiva apresentada na Residência Pedagógica, de encarar dificuldades em relação a liberdade de expressão e autonomia do professores, e abordagem de temas sensíveis, temos a visão de Frigotto (2011), onde encontramos o debate acerca do movimento escola sem partido, hoje presente ativamente em algumas das escolas, sendo representado por alguns alunos como os do Colégio Marcelino Champagnat que tentaram gravar aulas do professor Cláudio para divulgação em grupo do movimento alocados no espaço de redes sociais. Eles Destacam:

A figura do ovo da serpente de Bergman, por outro lado, sinaliza o risco que vivemos hoje no Brasil, com indícios claros do clima de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

desagregação social, de produção do ódio às diferenças e de preparação de uma atmosfera de perseguição que, no caso da Alemanha e da Itália, colimou na monstruosidade do nazismo e do fascismo. (FRIGOTTO, GAUDÊNCIO, 2017, PG. 3).

Frigotto ainda discorre sobre o papel das classes dominantes nesse processo, estimulando por meio do capital e da dominância nos espaços virtuais, a manutenção das desigualdades e fuga de debates sociais que influenciam o desmanche das velhas estruturas do poder, ou que ainda possuam ideias que vão contra os seus. Deste modo, o debate que permita a formação cidadã e combate às desigualdades em todos os âmbitos, são repudiados por movimentos como o Escola Sem Partido, assim, estes se alimentam da pouca maturidade de alguns alunos para travestir um discurso de liberdade de expressão em um discurso de ódio, opressão de classes e manutenção de poder, prezando pelo desmanche da escola pública, espaço de ensino universo e diverso que cada vez mais encontra dificuldades de manutenção, o que obviamente, ocorre de forma arbitrária.

A junção das teses dos arautos do fundamentalismo do mercado e do fundamentalismo religioso, se transformadas em legislação, como está correndo, constituirá o lado mais voraz da esfinge que se alastra na sociedade e não apenas na escola. Escola sem Partido avança num território que historicamente desembocou na insanidade da intolerância e da eliminação de seres humanos sob o nazismo, o fascismo e similares. Uma proposta que é absurda e letal pelo que manifesta e pelo que esconde. O que propugna o Escola sem Partido não liquida somente a função docente, no que a define substantivamente e que não se reduz a ensinar o que está em manuais ou apostilas, cujo propósito é de formar consumidores. A função docente no ato de ensinar tem implícito o ato de educar. Trata-se de, pelo confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos. A pedagogia da confiança e do diálogo crítico é substituída pelo estabelecimento de uma nova função: estimular os alunos e seus pais a se tornarem delatores. (FRIGOTTO, GAUDÊNCIO, 2017, PG. 3).

Outra lição importante aprendida durante a Residência Pedagógica, foi a de lutar para conquistar direitos necessários para o cumprimento da profissão docente, e de nossa missão de responsabilidade social. Movimentos como o Escola Sem Partido devem ser combatidos, independente de viés ideológico, trata-se de uma ameaça à autonomia do professor e à liberdade de expressão de todos os envolvidos na comunidade escolar, não se restringindo a professores,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

pedagogos e orientadores, mas também atingindo pais e alunos. Ou seja, o programa nos ensina por meio da vivência que o cumprimento da função docente passa por encarar debates sociais e se posicionar contra as injustiças, exigindo um comprometimento social com a verdade e a democracia, muito além de apenas expor conteúdos em um quadro negro.

Além do viés de luta, o programa de RP nos proporcionou uma experiência ímpar em relação à organização e planejamento de aula. Todos os sábados todos os residentes de todos os colégios do núcleo de geografia se reuniam para receber capacitações, discutir os resultados e planejar nossos próximos passos. Nestes encontros tivemos a oportunidade de aumentar nossas conexões, trocar experiências e estabelecer uma relação conjunta de resolução de problemas.

Os aprendizados trazidos durante os momentos de reuniões e capacitações se apresentaram como de grande importância, tornando possível o planejamento e execução de uma aula sobre África, conseguindo unir todos os temas possíveis em uma aula interdisciplinar e voltada para aproximação da realidade dos alunos, trazendo momentos que permitissem sua participação. A noção de sucesso da aula, era que nosso trabalho conseguisse estabelecer uma comunicação e flow natural com as demais matérias e que os alunos fossem participativos, indo muito além de apenas decorar os conteúdos. No fim tivemos várias lições, sobre como a interdisciplinaridade na prática é uma ferramenta de interfaces relevantes para fixação do saber, porém apresenta muitos desafios para ser trabalhada, ainda mais nas escolas, exigindo uma comunicação assertiva entre os professores das mais diversas áreas, um planejamento sólido e uma execução sem medo de errar. Notamos que nem tudo sai como previsto, e por mais que ter um bom planejamento seja essencial para o sucesso de uma boa aula, às vezes é preciso estar preparado para lidar com as adversidades que aparecem e saber controlá-las, em outras palavras, não ter medo de improvisar quando for preciso.

As aulas ministradas pelos residentes apresentaram um bom índice de satisfação dos alunos, que nos deram feedbacks positivos acerca da atuação e da forma qual os conteúdos foram transmitidos. O que nos deu confiança e de certo modo, é possível dizer que foi fruto de um trabalho conjunto e organizado entre professores, residentes e coordenadores. Ressaltando o sucesso e a importância do programa de Residência Pedagógica, como destaca a autora De Freitas:



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A possibilidade de ter contato com a prática a partir de um programa voltado para a formação inicial, favorece a construção de bases teóricas que fortaleçam uma ação futura. De modo que o presente é uma espécie de bússola que orienta, e propicia o embasamento teórico e prático, para desempenhar papéis distintos dentro do campo educacional. A conexão entre os saberes aprendidos no processo formativo torna cada vez mais eficiente esta dimensão, do saber fazer.

(DE FREITAS, MONICA. 2020. P.7)

As lições aprendidas durante a participação do programa tocam no cerne no ensino e alinham perfeitamente conteúdos teóricos e práticos por meio da vivência, além disso, o contato prévio com o ambiente escolar e as questões que envolvem a profissão docente, nos permitiu adquirir a capacidade de contornar as objeções e se reinventar, como exemplo, temos o trabalho de campo para um aterro sanitário e uma fábrica de reciclagem, realizado de forma interdisciplinar com os professores de ciências do ensino fundamental e os residentes de biologia. A fuga do ambiente tradicional para aplicação de conteúdos se mostrou extremamente eficaz, foi perceptível a melhor compreensão dos alunos acerca dos conteúdos, e especialmente sua ligação com causas sociais relacionadas à preservação ambiental e o descarte irregular. Entretanto, foi possível observar as dificuldades de se realizar atividades deste tipo, desde os trâmites para torná-la possível, exigindo um longo diálogo entre a coordenação e direção da escola, até a execução de um planejamento conjunto e a execução no campo, exigindo muito cuidado e atenção com os alunos, ainda mais em ambientes como esse que apresentar áreas de risco a saúde dos alunos. É possível afirmar que a participação como residentes nos fez refletir e debater a viabilidade da execução de atividades como essas, visto que apresentam alto grau de risco e dificuldade para serem executadas.

Por último, resalto a produção de material didático, última dos projetos realizados por professor e residentes dentro do colégio Champagnat. Após a ministração das aulas teóricas sobre África pelos residentes, começamos a trabalhar em aulas práticas que permitissem a melhor fixação dos conteúdos pelos alunos. Deste modo, surgiu o projeto Super Trunfo, elaborado pelo professor Cláudio, no qual nós residentes fomos inseridos. O intuito era de que os alunos pesquisassem características de países africanos e personalidades históricas negras, promovendo debates de racismo estrutural e fixando conteúdos técnicos sobre a África.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O projeto possuía o seguinte escopo:

- Os alunos formavam grupos de até cinco pessoas
- Poderiam escolher entre um jogo de Super Trunfo ou quebra cabeça
- Eram feitas pesquisas no laboratório de informática durante as aulas
- O tema seria personalidades negras ou países africanos
- Os alunos seriam responsáveis por elaborar a arte do material e a confecção

A experiência foi muito positiva, embora trabalhosa, pois exigiu muita atenção para com os alunos durante o uso dos laboratórios de artes e informática da escola, vale destacar que a concretização do projeto só foi possível devido a estrutura que o colégio possuía, tendo em vista que grande parte dos colégios não recebem verbas o suficiente e não possuem a mesma estrutura para realização de projetos e alguns casos, a comunidade atendida não possui aporte financeiro para realizar atividades do tipo. Dito isso, e conscientes de que estávamos em uma posição privilegiada, pode-se dizer que o projeto foi um sucesso e o engajamento dos alunos se mostrou incrível, até mesmo fora das aulas presenciamos debates sobre personalidades negras e questões dos países africanos.

Os projetos se iniciaram em setembro de 2019 e terminaram em dezembro, com o professor intercalando entre aulas práticas nos laboratórios e teóricas na sala de aula. Em meio a isso, os residentes assumiram funções entre as aulas, seja de ministrar alguns conteúdos, seja para ajudar na orientação dos alunos durante a pesquisa e produção dos jogos. Além dos jogos sobre a África, foram estabelecidos jogos de tabuleiro para as turmas de nono ano, com intuito de fixar conteúdos sobre a geografia do Brasil.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 3 - Super Trunfo sobre Países da África



Fonte: Renan Vieira, 2019.

A produção de jogos foi uma experiência positiva, os resultados foram convertidos como materiais didáticos para a escola ao passo que envolvemos de forma prática a comunidade escolar dentro do conteúdo, auxiliando na potencialização do aprendizado e mobilizando pais e alunos, envolvendo assim, a comunidade escolar ao redor do aprendizado.

Figura 4 - Super Trunfo produzido por alunos



Fonte: Renan Vieira, 2019.

Os jogos foram utilizados como avaliação dos alunos, não medindo a qualidade do material, artes e impressão, mas sim a dedicação e o envolvimento dos grupos dentro das pesquisas, julgando os aprendizados adquiridos durante toda a jornada da produção dos jogos. No fim, tivemos várias configurações de jogos, aumentando a diversidade dos mesmos e consequentemente de material produzido para a escola.

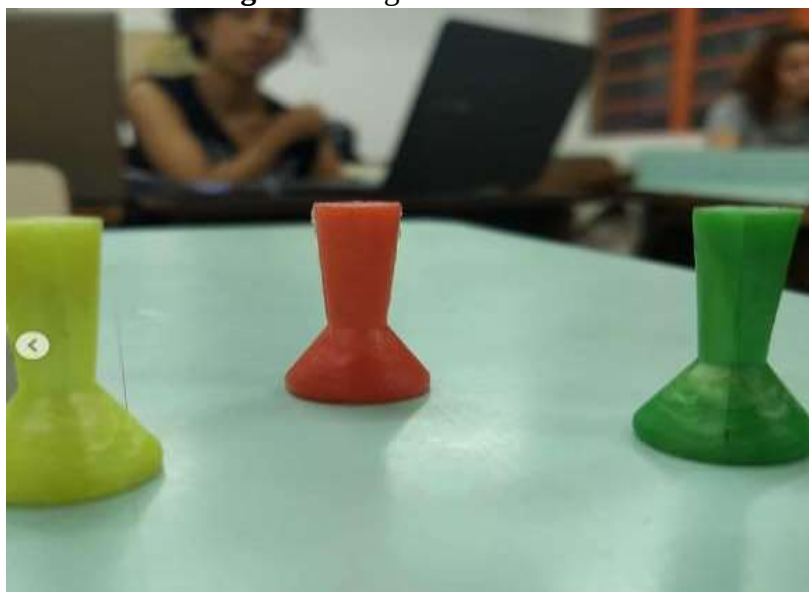
A experiência com a produção dos materiais didáticos por meio dos jogos nos trouxe diversas lições, por exemplo e de como podemos engajar os alunos, oferecendo um legado. Além de sempre elaborar materiais que permitam a melhor assimilação de conteúdos e a de quando possível buscar formas alternativas a provas para avaliar os conhecimentos adquiridos pelos alunos, para assim, desprender-se das ideias tradicionais de ensino, não por uma questão de ruptura, mas por necessidade e efetividade.

Figura 5 - Jogo Trilha do Brasil



Fonte: Renan Vieira, 2019.

Figura 6 - Jogo trilha do Brasil



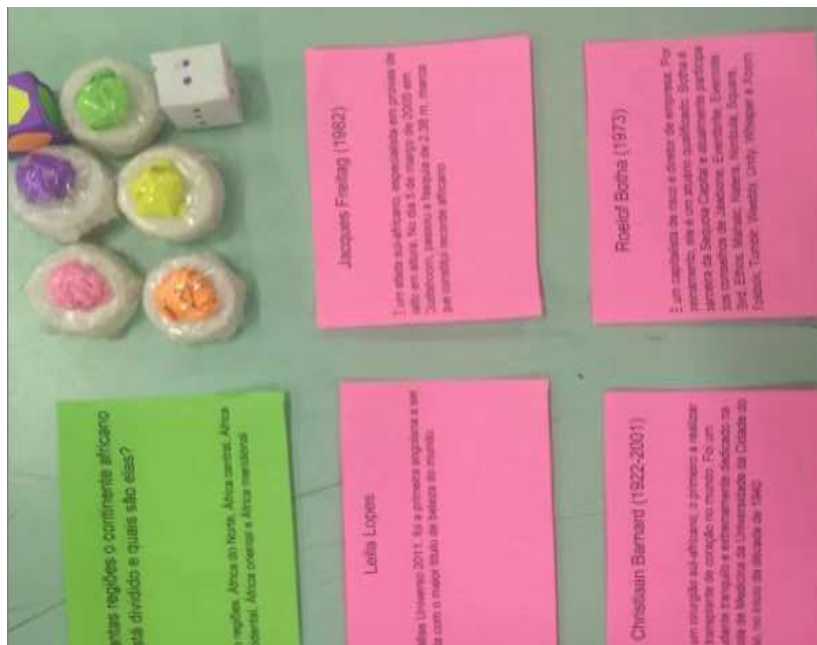


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA **“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Renan Vieira, 2019.

Figura 7 - Jogo de Perguntas sobre personalidade negras



Fonte: Renan Vieira, 2019.

Figura 8 - Jogo de tabuleiro sobre a África e personalidades negras





XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Fonte: Renan Vieira, 2019.

O resultado da aplicação e formulação dos jogos, se deu na aproximação dos alunos com os conteúdos, além é claro da melhor fixação de conteúdo sensíveis envolvendo pautas sociais, como racismo e inclusão. O fato de envolve-los nas pesquisas, e na fabricação dos materiais, tornou a experiência dinâmica para alunos e residentes, aproximando a relação e trazendo a realidade dos países africanos a dos alunos, ponto essencial para a assimilação de conteúdo. Como percepções, é possível destacar o quanto foi trabalhoso a organização das atividades, entretanto, a recompensa se mostrou valorosa, trazendo à tona a responsabilidade social de nós, professores e educadores, com a formação do alunos. Destacando que devemos sempre buscar adaptações e inovações para que o ensino seja libertador e que possamos não apenas sonhar, mas sim transformar o espaço do nosso país.

Considerações Finais

A participação de alunos de graduação em licenciatura no programa de Residência Pedagógica é extremamente positiva e acredito que seja justo dizer precisar ser ainda mais abrangente. O programa permite uma vivência prévia ao docente em formação, onde conteúdos são validados e o profissional da educação lapidado. Ter feito parte da RP moldou meu sonho para a docência.

O espaço proporcionado pelo programa, nos permite entender mais a fundo o papel do professor, suas dificuldades e necessidades. Os esforços de todos os que fazem a RP acontecer são os pilares do cumprimento de sua missão, deste modo, o residente entender por meio da vivência que a profissão de educador vai muito além das ideias comumente atribuídas, trata-se de ser um ativista em prol da sociedade e de ajudar a preservar direitos e deveres.

Ser professor em um ambiente público, é encarar todos os dias a opressão das classes dominantes, é ser responsável pela formação social e intelectual de diversas vidas, tendo em si uma carga de responsabilidade social imensa. Se sonhamos com um país menos desigual e com melhoria nos pilares de saúde, segurança e educação, é necessário que formemos professores capacitados e conscientes das diversas adversidades que os esperam. Em um cenário ideal, não teríamos que lidar com elas, porém a realidade se configura como uma projeção das



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

contradições do capital, e para enfrentar a mesma de frente, é necessário uma preparação assertiva, o que o programa de RP proporcional com maestria.

Minha experiência com o professor Cláudio e os projetos de produção de materiais didáticos me tornaram um profissional mais consciente e capacitado, vivendo na prática como atividades do tipo promovem microrrevoluções e envolvem toda a comunidade escolar ao seu entorno. As lições de planejamento, comunicação, relação com o aluno e aproximação da realidade se mostram presentes na produção de materiais didáticos, onde é possível dizer que o professor aprende tanto quanto ensina durante a elaboração dos mesmos, entendendo a prática destes como essencial para um ensino de transformados e de qualidade.

Referências

- (SANTOS, M. A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2º Edição. São Paulo: Hucitec, 1997)
- (DE FREITAS, MONICA. Residência pedagógica e sua contribuição na formação docente, Ensino em perspectiva, Fortaleza 2020. P.7)
- (CAMPOS, LUÍS Introdução a Globalização. Instituto Bento de Jesus Caraça, Lisboa 2015)
- (FRIGOTTO, GAUDENCIO ESCOLA “SEM” PARTIDO Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. LPP, Rio de Janeiro, 2017)
- (CAVALCANTI, Lana de Souza, A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas, Anais Seminario nacional, Belo Horizonte, 2010)
- (CAVALCANTI, Lana de Souza, Geografia e escola, Papirus, Belo Horizonte, 1998)
- (SUERTEGARAY, Dirce M. A., Geografia no contexto das ciências, UFRGS, Porto Alegre, 1997)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

RECURSOS DIDÁTICOS E LINGUAGENS APLICADAS EM VÍDEOS AULAS PARA O ENSINO REMOTO DE GEOGRAFIA

Alexandre Fernandes Casagrande⁶⁰

Rafael Pietroski Galvão⁶¹

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo principal discutir o uso de linguagens de músicas, vídeos, jogos didáticos e charges para a elaboração de aulas à distância diante o ensino remoto. A metodologia adotada consistiu em aulas gravadas para turmas do Ensino Fundamental e Médio, contemplando as mais variadas temáticas como solo e hidrografia, e questões de caráter político, com temas de redes e territorialidades, população e guerras em diferentes cenários políticos. Mediante tais abordagens, foi possível concluir que os conceitos trabalhados e as ferramentas didáticas adotadas servem como subsídios para o planejamento e elaboração de vídeo aulas de caráter dinâmico, possibilitando que o aluno esteja exposto a diferentes abordagens do conhecimento geográfico.

Palavras-chave: práticas pedagógicas; estágio remoto; vivência escolar.

Introdução

A utilização de recursos didáticos por meio de linguagens permite ao professor um incremento quando aplicado em vídeos aulas gravadas. Justamente por isso, a aplicação mista e não isolada dessas linguagens possibilita um arsenal de teórico a ser empregado. Desse modo, a importância das linguagens permeia a superação das aulas tradicionais e monótonas que dispersam a atenção dos alunos tendo em vista o pouco engajamento do aluno com o que está sendo transmitido.

Em vista disso, nosso trabalho tem como por objetivo adotar linguagens de charges, vídeos, músicas e jogos didáticos, aplicados no contexto do ensino remoto por meio de vídeos aulas gravadas destinadas ao Ensino Fundamental e Médio.

As metodologias empregadas consistiram na apresentação de conceitos e posteriormente o acompanhamento de uma atividade como forma de reflexão do conteúdo.

⁶⁰Discente de Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alexandre.casagrande@uel.br.

⁶¹Discente de Geografia. Universidade Estadual de Londrina. E-mail: rafaelgalvao@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Duas aulas foram elaboradas para o 6º ano do Ensino Fundamental com a temática de solo e degradação do meio físico, ambas com a aplicação de jogos didáticos por meio de caça-palavras, e uma aula para o 7º ano no tema de hidrografia com o recurso didático de vídeo.

Também ocorreu a gravação de uma aula para o 9º ano em que o tema abordado foi sobre urbanização, seguidos por dois vídeos. Para o Ensino Médio foram gravadas duas aulas que permearam o tema de biomas brasileiros e conflitos regionais, sendo que a primeira utilizou-se da linguagem música e a última de uma charge.

Pensando um pouco sobre as escolas nos dias atuais

Vivemos nos limites das atuais políticas de educação e da necessidade de uma política educacional que busque ampliar os recursos da área social, lutar contra privatização e que estimule a desassociação da política social e educacional com o desempenho da economia.

Dessa forma, introduzindo conceitos de gestão escolar e educacional, devemos enxergar ambas como algo político, sendo impossível tomar uma postura apolítica ou se distanciar do campo político. Assim, a gestão escolar deve ser tratada como um processo político, moldando o tipo de estudante que cada instituição de ensino quer formar.

Nesse viés, deve-se estudar o Projeto Político Pedagógico (PPP) de cada instituição de ensino e suas diferentes abordagens de uma educação diferenciada para formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade. Em resalva, mesmo com o PPP pautando o trabalho docente e os planejamentos de aula, percebe-se que é a direção da escola que cerceia a autonomia dos professores na aula, limitando o tipo e/ou forma em que o conhecimento é transmitido.

Ciente disso e considerando o papel do aluno, encontra-se uma relativa pressão sobre o desempenho dos alunos e a preparação para os testes avaliativos, como apresentado pelo apostilamento das redes de ensino com exercícios de vestibulares a serem resolvidos.

Com base nesses apontamentos, um dos grandes desafios atualmente é garantir um ensino público de qualidade, enfatizando a necessidade de uma efetiva democratização da educação para toda população brasileira. Nessas linhas, o ensino de Geografia possibilita a percepção acerca de uma necessidade de formação de mão de obra qualificada para atuar no



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mercado de trabalho, ao qual é destacado por Ruiz e Sandaniel (2014) em que a escola é atrelada ao desenvolvimento do mundo de produção, onde a escola e a história do mundo do trabalho são indissociáveis.

Assim, em uma sociedade capitalista, a escola pública é o palco desse meio ao refletir as contradições inerentes a esse tipo de sociedade. Em termos históricos entre trabalho e educação, a escola antigamente era vista como um lugar de ócio. Adiante na linha do tempo, a educação passa a ter a ciência como base e o investimento em educação passa a ser fundamental para o sistema produtivo, ao qual a escola assume o papel com a principal instituição de formação para o trabalho. Com isso, o Estado usa a escola para adaptação da força de trabalho, isto é, mão de obra qualificada.

Munido desses conhecimentos, é de suma importância que o docente atue na coordenação e gestão pedagógica. Nesses preceitos, a gestão democrática surge como um exercício de cidadania e é um resultado de consenso entre diversos grupos sociais pela articulação do trabalho didático e pedagógico. Não só isso, a gestão escolar deve também formar pensamentos no campo político.

Assim, quando introduzimos o conceito da relação professor e aluno, devemos entender que os profissionais da educação devem voltar sua atenção para a diversidade regional social, étnica e cultural que o Brasil carrega para a escola básica. E como autoridade pedagógica, o professor deve sempre buscar novas metodologias para conquistar a atenção e o respeito dos alunos para evitar problemas de indisciplina e violência. Além disso, deve considerar também a influência da mídia na cultura da escola, especialmente no cotidiano dos alunos que são usuários das redes sociais e acompanham as principais notícias mundo afora.

Nesse contexto, vivenciamos a influência do neoliberalismo no campo da educação que prega pelo ensino privado em detrimento do público e, novamente, o ensino de Geografia vem para contrapor essa corrente e pontuar a necessidade de políticas educacionais para acompanhar as transformações presenciadas pelas sociedades contemporâneas (LIBÂNEO et al., 2012, p. 123). Portanto, o papel do professor de Geografia é formar cidadãos capacitados e críticos, e isso só acontece por meio da melhoria da qualidade de ensino, ou seja, um aumento da qualidade social fruto de uma pedagogia também de qualidade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Assim, devemos enxergar a educação como um fator para superar as desigualdades sociais e excludentes. Ao passo que os pilares da educação escolar devem partir do auxílio pedagógico ministrado pelo professor, que deve se fundamentar em conhecimentos científicos e técnicos, visando a construção do conhecimento crítico e atuante na sociedade. Portanto, a escola deve proporcionar uma aprendizagem de caráter crítico, que busca o diálogo e a participação de indivíduos nas tomadas de decisões, respaldados por uma formação ética.

Como Oliveira (2006) pontua, devemos defender pelo maior investimento em verbas na educação para não ser meramente reprodutoras dos interesses das classes dominantes e sim uma educação que possa proporcionar ascensões na pirâmide social, perante a universalização do ensino e acesso a uma educação de qualidade.

Essa educação atualmente passa por períodos de ensino remoto, imposto ao ensino público de forma a construir um processo de ensino acelerado para a formação dos estudantes e que evidencia que as escolas não conseguem cumprir majoritariamente com o atendimento de todos de forma igualitária.

Conhecendo a história, sabemos que a escola foi criada com objetivo de reproduzir os conhecimentos, padrões éticos, morais e hegemônicos. Com o passar dos tempos, a escola passa a se distanciar desse modo reprodutivo e tem como função nos dias de hoje formar cidadãos autônomos, críticos e conhecedores dos seus deveres e direitos. Ou seja, a escola tem como função fazer com que os alunos se identifiquem como agentes históricos, capazes de respeitar as diferenças e serem os próprios protagonistas de suas vidas.

Assim, a educação escolar tem o dever de garantir uma aprendizagem que fomente a construção do aluno em sociedade para que ele esteja qualificado para o mercado de trabalho e para o exercício de sua cidadania. Para garantir um bom processo de aprendizagem e harmônico, a escola necessita de uma boa infraestrutura. Mediante isso, a escola deve proporcionar um ambiente agradável para que o aprendizado ocorra, até porque os alunos passam consideráveis horas nesse ambiente

Apesar dessas características descritas, o ensino remoto caminha na contramão, visto que a estrutura oscila para cada aluno e seu ambiente familiar. Portanto, a escola deve adaptar-se do modo que consegue, até mesmo porque as realidades de diferentes instituições de ensinos variam. A tecnologia, que está cada vez mais presente em nossas vidas, serve como um



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

instrumento para cativar a atenção dos alunos, especialmente quando as aulas são acompanhadas remotamente.

Dessa forma, a escola contribui para a formação de cidadãos participativos na sociedade. Numa perspectiva do Estado sobre a educação, a escola aparece como agente formador do cidadão desejado no estado-nação que se industrializa, trazendo novas demandas e necessidades com o processo de divisão do trabalho e globalização. De certa maneira, constitui-se como uma alternativa sólida ao saber, a ponto que é entendida como conhecimento sistematizado e socializado.

Portanto, a escola aparece como um palco da interdisciplinaridade, a ponto que contextualize os conteúdos e busque um distanciamento do ensino tradicional e monótono. Por isso, têm-se a necessidade que a escola assuma uma função que contribuía com conhecimentos que propiciem a compreensão das produções científicas, incentivem criações artísticas e reflexões filosóficas, principalmente nesse paradigma da educação em tempos de pandemia.

Desenvolvimento

As práticas educativas passam por constantes transformações desde os primórdios da humanidade. Os paradigmas das aulas tradicionais são superados no momento da vivência em um cenário de ensino remoto, exigindo a necessidade do uso de tecnologias para estimular o pensamento do aluno. Nessas linhas, o ensino de Geografia almeja por desenvolver os ideais críticos do aluno, sendo o mesmo capaz de formular suas próprias opiniões.

Portanto, a prática pedagógica deve levar em considerações as diferentes etapas no cotidiano de seus alunos e o caráter multidisciplinar da ciência geográfica. Caminhando de mãos dadas, teoria e prática devem acompanhar tanto o avanço tecnológico como o científico, que implica nas mudanças atuais que vivemos. Dessa maneira, diferentes recursos pedagógicos devem ser empregados na busca de novas linguagens, somados com práticas educativas eficientes.

Para tal, a inovação é fundamental como força matriz para superar esses desafios. Justamente por isso, diferentes linguagens devem despertar a curiosidade dos alunos para que possam compreender os conteúdos trabalhados de forma remota, estimulando a construção de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

novos conhecimentos e o questionamento das temáticas abordadas. Por fim, o uso de charges, músicas, vídeos e jogos didáticos auxiliam na elaboração de aulas que despertem os interesses dos alunos e sirvam como forma de assimilação do conteúdo, o qual serão abordados no próximo tópico.

Antes disso, cabe mencionar que o contexto de ensino remoto, especialmente o emergencial em vista da pandemia por conta do COVID-19, permeia a tônica das aulas gravadas, ainda mais no caráter curricular que segue estritamente a elaboração das aulas voltadas a contemplação do que é programado muito das vezes sem a contribuição do professor.

Por isso, surge a oportunidade de gravar aulas engajantes e que superem o tom monótono de aulas tradicionais, que dispersam a atenção dos alunos e dificultam o acompanhamento por parte dos alunos, já não interessados em aprender. Com isso, o uso de vídeos aulas gravadas, acompanhados de linguagens possibilitam a reflexão do conteúdo trabalhado quando trabalhado de forma coesa.

Pensando sobre as linguagens

a) Os jogos didáticos

Os jogos didáticos nesse presente trabalho serviram como um instrumento para a aprendizagem de conceitos geográficos, referente a temática de solos e hidrografia. Diante disso, buscou-se esse meio como um processo de revisão da matéria, em que previamente os conceitos das aulas devem ser apresentados, para que, posteriormente esses recursos sejam aplicado como forma de incentivar o aprendizado do aluno e meio de reflexão do conteúdo, sendo muito útil já que as diretorias escolares exigem um processo avaliativo.

Nesse viés, a compreensão acerca do conteúdo por meio de jogos didáticos auxilia no aprendizado e reflexão do conteúdo trabalhado, beneficiando o estudante e a turma como um todo por permitir a interação em muito dos casos. Esse recurso pedagógico concilia a prática e a teoria, atraindo a atenção dos alunos sem que eles percebam que essa atividade consiste na principal etapa do processo ensino-aprendizagem.

Quanto a postura do professor por meio dessa prática, o docente deve adotar a melhor forma de transmitir esse conhecimento de maneira simples e concisa. Permeando esse caminho,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

as palavras-cruzadas subsidiam essa adoção no processo de retomar o conteúdo trabalhado durante as aulas. Portanto, o educador não deve simplesmente largar a atividade para que os alunos resolvam, pelo contrário, deve assumir a função de mediador, e como afirma Bertoldi (2003), “para que os jogos cumpram seu papel dentro da escola, o professor deve realizar as intervenções necessárias para fazer deste jogo uma aprendizagem”.

Ressaltando o papel do professor com essa prática didática adotada por meio de jogos, Brougère (1998, p. 201) afirma que:

Não é o jogo em si mesmo que contribui para a educação, é o uso do jogo como meio em um conjunto controlado que lhe permite trazer sua contribuição indireta à educação. O educador deve saber tirar proveito desta força bruta da natureza, e somente esse controle garante o resultado. Deve-se saber limitar o papel do jogo, e não formar jogadores.

Agora, pontuado essa intervenção pedagógica, o ambiente escolar cultiva expectativas para o desenvolvimento do aluno, e a contribuição de Verri e Endlich (2009, p. 65) nos mostram que “a aplicação de jogos tende a tornar o ensino de Geografia mais eficiente contendo nesse processo um alto valor educativo e motivador”.

b) Vídeos

Neste trabalho, os vídeos aparecem como um instrumento didático, onde, através dele, os alunos possam compreender melhor o conteúdo explanado durante a aula, além de poderem ter acesso à exemplos próximos de suas realidades, isso faz com que o vídeo torne-se um aliado do professor, tanto no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, quanto no sentido de atrair o interesse dos alunos pelos temas em questão.

Segundo Cavalcanti (2010), o uso do vídeo como uma ferramenta de ensino e aprendizagem na Geografia, é conhecido como uma linguagem “alternativa”, formas de linguagem além da verbal, que exigem uma abordagem interdisciplinar e uma articulação entre razão e sensibilidade, favorecendo o conhecimento conceitual e a comunicação mais sintética. Ainda de acordo com Cavalcanti (2010), a utilização de tais ferramentas, como o vídeo, precisa estar incorporado ao cotidiano das aulas, trabalhando de modo articulado com os conteúdos,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

como forma de expressão dos mesmos e como mediação para a construção do saber sistematizado, e não como algo que foge ao cotidiano ou como ilustração de temas.

Conforme Morán (1995), a utilização do vídeo como um recurso didático, para abordar abordar os temas em questão, em diferentes perspectivas, abstraindo a ideia de que o mesmo ajuda o professor, atraindo os alunos e aproximando a sala de aula ao cotidiano, das linguagens de comunicação e da sociedade urbana, além de introduzir novas questões no processo educacional. Para Morán (1995), o vídeo significa uma forma de contar multilinguística, de superposição de códigos e significações, predominantemente audiovisuais, mais próxima da sensibilidade e prática do homem urbano e ainda distante da linguagem educacional, que é apoiada no discurso verbal-linguístico. O que o torna como uma alternativa para atrair o aluno para os assuntos contidos no planejamento pedagógico do professor.

Por fim, o uso do vídeo explora o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, pessoas, cenários e cores, as relações espaciais nas mais variadas escalas, desenvolvendo um ver entrecortado, com múltiplos recortes da realidade. Pelo vídeo, é possível ter a experiência do mundo. Com a força do vídeo vindo de suas características e atributos, como: ser sensorial, visual, de linguagem falada, linguagem musical e escrita, linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas e não separadas. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta outras realidades, em outros tempos e espaços (MORÁN, 1995).

c) Música

O uso da música como um recurso didático se faz presente neste trabalho, pelo fato de que ela, pode proporcionar um maior interesse dos alunos pela disciplina, tendo em vista em que a mesma se faz bastante presente no cotidiano dos alunos. Também podemos considerá-la como uma ferramenta que conectam os conteúdos transmitidos em sala de aula com exemplos da realidade na qual o aluno está inserido.

De acordo com Felix, Santana e Júnior (2014), com base em estudos da História da Educação Brasileira, os primeiros sinais da arte musical em processos educativos ocorreram com a chegada das primeiras missões jesuíticas. Já na contemporaneidade são diversos os estudos que comprovam a eficácia da música como ferramenta auxiliar dentro da sala de aula,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

tanto na educação básica quanto no ensino superior. Porém, ao trabalhar com este recurso, o docente deve motivar seus educandos a compreender a importância e a utilidade daquilo que está sendo transmitido para eles.

Conforme a teoria formulada pelo americano Alan P. Merriam, a Etnomusicologia ou antropologia da música, que tem como objetivo defender a arte musical como um poderoso meio de interação através do estímulo da percepção, possibilitando o ser humano a organizar e vivenciar informações de origem sensorial (FELIX, et.al, 2014). Além disso, “a música tem possibilidades aplicativas variadas, dentre elas é possível destacar: o seu uso na contextualização de letras previamente selecionadas e relacionadas com conteúdo programático de série” (FELIX, et.al, 2014).

A música é uma linguagem universal e em diversos momentos da história contribuiu para o aperfeiçoamento do comportamento humano e os seus benefícios não devem ser privilégio de poucos, afinal a música é um bem cultural produzido pela humanidade e deve ser voltada para ela mesma, principalmente para base social que se concentra na educação. (FELIX, et.al, 2014)

De acordo com Arroyo (2013), vários estudos sobre a interação de jovens com músicas foram e estão sendo desenvolvidos ao longo do século XX e XXI, devido o fato de que “a música é de importância central na vida da maior parte dos jovens, cumprindo necessidades sociais, emocionais e cognitivas” (NORTH, HARGREAVES O’NEIL apud ARROYO 2013, p. 27). Sendo assim, “se a música é parceira de destaque nessa fase da vida [...]” (ARROYO, 2013, p. 16), ela, a música, pode e deve ser utilizada em sala como recurso de ensino com alunos do Ensino Médio (FORMENTIN, et.al, 2018)

Muito se fala do desinteresse dos alunos, principalmente dos que estão no Ensino Médio, não só com a disciplina de Geografia, mas com a grande maioria das disciplinas, tendo em vista esse fato, o professor deve buscar uma inovação, rompendo com as barreiras do ensino tradicional. Com base nisso, Formentin, Santos e Messias (2018), afirmam que a música torna-se um excelente recurso de ensino, que visa favorecer um ensino de Geografia mais dinâmico, motivante e relacionado com o cotidiano dos alunos, pois as aulas baseadas na utilização adequada de recursos didáticos podem possibilitar aos alunos um novo olhar para a disciplina, ajudando a despertar a percepção crítica da realidade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

De acordo com Formentin, Santos e Messias (2018), a importância da música na vida dos jovens é claramente perceptível, pois, observando-os no seu cotidiano, é possível perceber que eles exercem paralelamente, na maioria das vezes, várias funções conectados à harmonia musical, dentro e fora da escola. Sendo assim, pode-se afirmar que ouvir música se apresenta como uma das atividades prediletas dos jovens, ação essa que os insere direta ou indiretamente em um contexto social e temporal.

Assim, promover a inserção dessa realidade nas aulas de maneira responsável traz ganhos para o processo de ensino-aprendizagem e usá-las como mecanismo de conexão entre os conteúdos ministrados e os diversos saberes, traz discussões importantes no campo da política, da cultura, do meio ambiente etc., temas esses que são contemplados no estudo da Geografia. Nesse contexto, a interpretação da música e ou canção como atividade pedagógica aproxima o aluno da realidade na qual está inserido, pois possibilita a junção de saberes que contribuem para a visualização e a análise do espaço geográfico, de forma mais reflexiva (FORMENTIN, et.al, 2018)

d) Charges

A escolha da inserção das charges no presente trabalho, como um recurso didático no ensino e aprendizagem em Geografia, se deu pelo fato da já utilização das mesmas no estágio observação do 3º ano, apresentando resultados satisfatórios. E também, como os outros recursos apresentados anteriormente, como uma forma de renovação dos instrumentos e estratégias metodológicas dentro da prática docente, visando uma melhora no processo de ensino contemporâneo. O fato de que as charges aparecem com frequência em vestibulares, também foram levados em consideração para a escolha do tema.

Antes de mais nada, devemos esclarecer o que é uma charge, segundo Alves, Pereira e Cabral (2013), o gênero charge articula as duas linguagens, a verbal e a não verbal, demonstrando que o sentido da comunicação é construído na oscilação entre o que se sabe, ou seja, o conhecimento público e divulgado e os aspectos subentendidos. Desse modo, corresponde a uma boa estratégia para utilização com fins didáticos, no espaço da sala de aula, como opção viável para o ensino da leitura e da escrita das diversas disciplinas, dentre elas a Geografia. Ao leitor, é dada a possibilidade de construir sua posição sobre determinado fato,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ou firmar uma ideia até então duvidosa, pois a utilização do humor produz uma interação entre autor e leitor. (ALVES, et.al, 2013)

De acordo com Lessa (2007), a experiência pedagógica com a leitura das charges veiculadas pelos recursos midiáticos objetiva mostrar como os textos que circulam na mídia formam opinião e influenciam em decisões políticas importantes para o país. Acrescenta ainda que a linguagem se estabelece na interação entre sujeitos, assim sendo, acredita-se que a sala de aula é um espaço de pesquisa ação-produção, a qual possibilita aumentar a capacidade de leitura dos alunos e melhorar a qualidade de suas produções escolares e interpretações sociais.

Segundo Alves, Pereira e Cabral (2013), quando trata-se da disciplina de Geografia, existem várias possibilidades de se trabalhar com esses recursos didáticos devido ao volume de temas sociais, críticos e contemporâneos representados pelas charges e tiras humorísticas veiculados pelos sistemas de informações do país (revistas, internet, jornais, etc.). Além disso, existe a necessidade gritante de tornar a disciplina mais interessante para os alunos, haja vista que, por vezes, estes a classificam como uma disciplina chata, monótona, em síntese, desinteressante. Fato este que já foi citado algumas vezes anteriormente e um dos principais pontos pela busca da inovação dentro da sala de aula.

Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998, p. 70) revelam o uso de gêneros textuais têm um papel decisivo na formação de leitores. Para tanto, o professor deve assumir a tarefa de formar aluno-leitor, aluno-produtor fazendo com que a escola tenha responsabilidade na elaboração de projetos educativos que busquem a intermediação da passagem do leitor de tipologias textuais para o leitor de diversos gêneros discursivos, do mesmo modo que são vinculados em diferentes campos de comunicação verbal (LESSA, 2007).

A partir disso, o uso das charges e tiras humorísticas é trabalhar nesta proposta, ou seja, com textos não escolares. É suscitar nos alunos a capacidade de interpretação crítica dos fatos e assuntos veiculados nos principais meios de comunicação da atualidade, afastando-se do uso tradicional do livro didático e do quadro e giz. (ALVES, et.al, 2013)

Colocando em pratica as linguagens em um contexto ensino remoto (elaboração das aulas)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Foram elaboradas 6 aulas, as quais consistiram em duas aulas para o 6º ano do fundamental, uma para o 7º ano, uma para o 9º ano e duas para o 1º ano do ensino médio. Essa pluralidade de anos escolares permitiu a escolha de diversos temas relevantes para cada turma por meio da aplicação de linguagens, que tornam-se relevantes por se tratarem de atividades complementares que instigam a reflexão acerca do conteúdo trabalhado.

Nessas linhas, as aulas foram estruturadas com seus inícios seguindo o roteiro de apresentação do conteúdo, fornecendo uma base para o estudante e que pontuam os principais conceitos a serem trabalhados. Posteriormente, as linguagens surgem como uma forma de reter a atenção do aluno no período final de desfecho da aula.

Por isso, duas aulas foram elaboradas com o conteúdo proposto para o 6º ano do Ensino Fundamental, que consistiu na temática de solo e o caráter negativo de degradação sobre esse meio físico. Assim, o objetivo da aula foi proporcionar ao aluno o aprendizado sobre o solo como um recurso natural finito, isto é, não renovável, almejando o desenvolvimento de conscientização ambiental do estudante.

A estrutura da gravação dessa aula organizou-se de maneira a apresentar conceitos sobre erosão, compactação do solo, desmatamento, assoreamento e queimadas. Dessa maneira, o aluno exercitou sua aprendizagem acerca desses conceitos e recebeu uma atividade prática, respondendo questões e encontrando as respostas no caça-palavras, conforme apresentado na Figura 1.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Aula gravada sobre degradação de solo e atividade de caça-palavras

Assoreamento



Compactação






- a) O processo de desgaste do solo provocado pela ocupação territorial e por técnicas inadequadas de uso, manejo e conservação do solo e da água é denominado _____.
- b) Denominamos _____ o acúmulo de materiais em rios, lagos e córregos.
- c) O tráfego e circulação de animais, veículos, máquinas e tratores provoca a _____.
- d) A erosão causada pelo vento é denominada _____.
- e) Denominamos _____ a retirada da vegetação para construir casas, estradas, para atividades agrícolas, etc.
- f) Os incêndios na vegetação local provocados pelos seres humanos denominam-se _____.





X	B	O	T	N	E	M	A	E	R	O	S	S	A	H
N	L	S	D	S	R	V	O	Y	R	J	C	L	T	Ä
E	K	Z	A	D	O	Q	U	E	I	M	A	D	A	S
O	O	S	T	E	S	A	D	I	O	R	R	L	P	O
L	U	D	Z	P	Ä	Z	X	W	V	I	M	S	U	A
I	H	F	R	C	O	M	P	A	C	T	A	C	Ä	O
C	K	L	D	M	T	A	C	I	U	M	T	U	O	P
A	W	J	U	E	W	G	F	D	S	A	V	R	B	Q
P	D	M	A	R	T	F	E	T	U	Q	R	X	S	S
O	T	N	E	M	A	T	A	M	S	E	D	T	B	A

Fonte: os Autores, 2021.

Enfatizou-se em primeira mão os conceitos ilustrados com imagens em powerpoint. O primeiro conceito, de erosão, consistiu em uma imagem de solo protegido, ao qual o professor ressaltou a importância da vegetação para evitar esse fenômeno. A critério de comparação, uma imagem com uma área de plantação sem proteção no solo e uma com proteção serviu como divisor de águas de boas práticas para evitar a erosão.

Referente ao conceito de assoreamento, o professor definiu o conceito como o acúmulo de sedimentos em corpos hídricos, explicando que as partículas de sedimentos são mais pesadas que a água e vão se acumulando no fundo de rios e lagos. Para definir a compactação, comentou-se sobre o uso inadequado de máquinas pesadas ou excesso de animais em certa área, categorizando o solo duro que dificulta a infiltração de raízes, impedindo que as plantas se desenvolvam e busquem no solo água e nutrientes.

Para o conceito de erosão eólica, enfatizou-se sua causa pelo vento e o transporte de sedimentos para áreas mais distantes. Quanto ao desmatamento, o professor pontuou a área de Mata Atlântica existente no tempo da descoberta do Brasil e uma comparação com a atualidade, ao qual grande parte dessa área foi reduzida. Nesse conceito, também ressaltou-se a atuação antrópica do homem como agente modificador do ambiente.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para as queimadas, os alunos receberam informações que o mesmo é uma prática antiga para limpar terrenos, seja para cultivo de plantas ou de pasto, com o uso do fogo de forma controlada que em muitos dos casos pode descontrolar-se e causar incêndios em florestas, matas ou terrenos maiores do que o esperado.

Por fim, essa aula buscou ressaltar a atuação do homem nesses fenômenos e o caráter natural desses processos que foram abordados por meio de um caça-palavras sobre os conceitos estudados.

A segunda aula voltada para o 6º ano do Fundamental, conforme a Figura 2, explorou os diferentes tipos de erosão que afetam o solo, sendo os seguintes: erosão fluvial, pluvial, marinha, eólica e glacial. Com a gravação dessa aula, o professor definiu os conceitos de erosão pluvial em solos sem vegetação que prova um desgaste profundo. Para a erosão fluvial, enfatizou-se a transformação dos cursos dos rios em vales profundos.

Figura 2 – Aula sobre tipos de erosão e caça-palavras

a) É um tipo de erosão causada pela água da chuva, sendo denominada como _____.

b) Ocasionalmente pela água dos rios, a erosão _____ desgasta as margens de rios sem vegetação.

c) A erosão _____ é causada pela água do mar e é um processo natural que forma paisagens costeiras.

d) A erosão _____ é causada pela ação do vento e transporta sedimentos para áreas mais distantes.

e) Causada pela ação do gelo, a erosão _____ ocorre naturalmente por causa do congelamento e descongelamento da água que altera água e solos.

E	E	X	E	U	A	R	D	E	O	L	I	C	A
G	J	I	K	L	P	A	H	N	I	R	A	M	S
L	G	D	O	P	L	J	W	K	I	O	A	E	D
A	A	I	F	L	U	V	I	A	L	S	D	G	F
C	E	O	H	W	V	E	G	B	V	C	F	F	U
I	R	Q	U	O	I	C	V	B	K	J	H	O	E
A	T	E	A	X	A	P	B	A	R	A	E	I	S
L	W	R	T	Y	L	D	H	J	K	E	A	I	D

Fonte: os Autores, 2021.

Para a categorização da erosão marinha, relatou-se o desgaste da rocha ou do solo litorâneo. A erosão eólica foi definida como o carregamento de sedimentos para áreas mais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

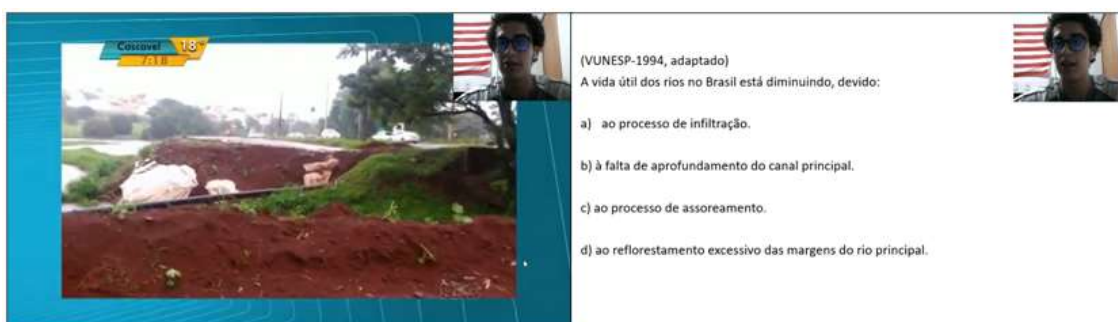
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

longes. E por último, a erosão glacial foi atribuída pela decorrência de avalanches que provocam os desgastes das rochas. Essas informações foram apresentadas por meio de um mapa mental com os conceitos balizados, somados com a linguagem de jogos de um caça-palavras para reflexão do conteúdo.

Adiante, foi escolhido o 7º ano do Ensino Fundamental para a estruturação de uma aula que correspondeu a hidrografia, sendo trabalhado esse fenômeno em conjunto com a temática de assoreamento. Para isso, os objetivos dessa aula foi apresentar ao aluno o homem como agente transformador do meio natural, especificamente em ambientes hídricos. Outro objetivo foi relacionar construções e seus impactos na hidrografia.

Como organização dessa aula, foi apresentado um vídeo curto de um minuto e quarenta e cinco segundos, que retrata a realização de obras e o aumento das chuvas que agravaram o fenômeno de assoreamento em Londrina no lago Igapó. O objetivo de apresentar o vídeo foi enfatizar o homem como grande causador desse problema em rios brasileiros, que pontuado pelo professor, também deve se considerar o fator natural da chuva que carrega sedimentos aos corpos d’água, assim como mostra a Figura 3.

Figura 3 – Aula de hidrografia com recurso didático de vídeo



Fonte: os Autores, 2021.

O vídeo sucedeu por uma questão em powerpoint que tinha como resposta o processo de assoreamento e a diminuição da vida útil dos rios no Brasil. Com essa pergunta, visou-se que os alunos estejam cientes dos conhecimentos apresentados nessa aula gravada e entendam



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

a relação sociedade natureza na escala municipal e a relação fenomenológica de pertencimento do aluno com o lago Igapó.

Uma aula foi planejada para o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo ela, com o tema base da Urbanização. O conteúdo foi explanado por meio de mais uma vídeo aula, com os pontos principais centrados nas causas e consequências do processo de Urbanização. No final da aula, é proposto que o aluno assista dois vídeos, como forma de material complementar da aula, sendo o primeiro “A urbanização e o futuro das cidades”, de Vance Kite. Em um pequeno resumo, há cerca de 10.000 anos atrás, caçadores nômades, com o auxílio de técnicas agrícolas rudimentares, se mudaram para vilarejos semipermanentes e nunca mais foram os mesmos. Com inovações posteriores, veio a produção excedente, o que levou ao comércio, à especialização e, muitos anos mais tarde, com a Revolução Industrial, à cidade moderna. Vance Kite mostra nosso passado urbano e como podemos esperar que cidades do futuro se adaptem às nossas populações em crescimento.

Figura 4 – Vídeo Vance Kite



Fonte: os Autores, 2021.

O segundo vídeo “Imagens do Google mostram 30 anos de crescimento urbano e desmatamento no Brasil”, da BBC Brasil, mostra por meio de imagens de satélite o crescimento



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

urbano e desmatamento em algumas cidades do Brasil em um período de 32 anos, de 1984 a 2016. Com o auxílio dos vídeos, é possível a realização de um exercício de reflexão do conteúdo por parte dos alunos. Os vídeos estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=fKnAJCSGSdk&t=97s> e <https://www.youtube.com/watch?v=BA1LXvbPncw>.

Figura 5 – Vídeo BBC Brasil



Fonte: os Autores, 2021.

Já para o Ensino Médio, duas aulas foram elaboradas para o 1º ano, acerca dos Biomas brasileiros e de Conflitos Regionais, mais precisamente no Oriente Médio, ambas através de vídeos aulas. Na primeira, foram expostas algumas informações, de maneira resumida, a respeito dos 6 biomas brasileiros, os quais são: Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pampas e Pantanal.

Ao final da explicação, foi proposto um exercício de reflexão do conteúdo, com o auxílio da música Biomas, do grupo Raízes Rasta, a qual tem em sua letra diversas características dos biomas do nosso país, com isso, o aluno poderá relacionar aquilo que foi exposto durante a aula e a música, segue o link da mesma: <https://www.youtube.com/watch?v=2qEBvXdWsoE>.

Em seguida, na aula sobre Conflitos Regionais no Oriente Médio, foi elaborada mais uma vídeo aula, com a explanação do conteúdo do tema, no final, foi proposto uma atividade, na qual o aluno, leia, reflita e interprete a charge, em seguida, que ele crie um texto sobre a questão política e territorial do Oriente Médio.

Figura 6 – Charge Oriente Médio



ANGEL. Folha de S. Paulo, p. 2, 17 out. 2003.

Fonte: Folha de S. Paulo, p.2, 17 out. 2003.

O aluno pode-se apropriar da charge, dizendo que o Oriente Médio, na maior parte dos casos, é retratado como um território de conflitos e guerras constantes, influenciados por diversos motivos, sejam eles geopolíticos, étnicos e raciais, entre outros. A política da região é bastante conturbada, pois diversos fatores contribuem para esse fato, como sua própria história e posição no contexto geopolítico mundial, no contato entre três continentes (Europa, Ásia, África); suas condições naturais, pois a maior parte dos países ali localizados são dependentes de água de países vizinhos; a presença de recursos estratégicos no subsolo, como o petróleo e gás.

Existe uma pluralidade de formas de governo; monarquistas (Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos, Catar, Omã e Jordânia). Nacionalismo árabe (Síria e Egito são repúblicas, onde há eleição e partidos políticos, o Iêmen (apesar que nos últimos anos está com um governo provisório), República teocrática (Irã). República parlamentarista (Líbano, Iraque e Turquia). Emirado constitucional (Kuwait). Democracia parlamentar (Israel).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Outro ponto que também pode justificar a resposta, é que a questão religiosa também é um fator de conflito, pois a região é conhecida por ser o berço das três maiores religiões monoteístas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, essa que predomina hoje no Oriente Médio. Para os muçulmanos, Meca, na Arábia Saudita, é uma cidade sagrada, além de várias outras, tendo Jerusalém como maior questão para as três religiões. Há grupos menores de muçulmanos, como os drusos e os alauítas.

Figura 7 - Vídeo aula



Fonte: os Autores, 2021.

Portanto, as seis vídeos-aulas gravadas permitiram ao professor o uso das aulas de forma complementar, visto que o conteúdo a ser abordado é previamente apresentado, e em sequência é acompanhado pelo uso de linguagens para auxiliar na reflexão do conteúdo. Como experiência dessa prática, relatamos da necessidade de aulas curtas para servirem de materiais a complementarem o que está sendo trabalhado e com a principal função de ser dinâmico, permeando a variedades de conteúdos a serem trabalhados.

Talvez, um ponto negativo das vídeo aulas, é o fato de não saber se a turma está de fato acompanhamento as mesmas, se estão entendendo as apresentações e os conteúdos. Além disso, falar em frente a câmera talvez não seja a coisa mais fácil do mundo e demandou alguns ensaios para a realização das vídeos-aulas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

De forma a contribuir com as atividades programadas, a elaboração de aulas gravadas para o estágio proporciona uma exposição ao conteúdo de forma rápida, simples e concisa, possibilitando ao aluno o contato com a matéria e a reflexão do conteúdo por meio de diferentes linguagens trabalhadas.

Referente ao tempo de cada aula, espera-se que gravações não sejam prolongadas e sejam elaboradas para serem de curta-duração, independente das temáticas a serem abordadas. Por isso, a aplicação de vídeos, músicas, charges e jogos didáticos por meio de caça-palavras auxiliam no processo de ensino e aprendizagem acerca dos conceitos estudados.

Nesse quesito, a importância das linguagens é enfatizada ao passo que as mesmas não se limitam estritamente as quatro linguagens trabalhadas nesse artigo, possibilitando ao professor um referencial teórico e prático para ser empregado em suas aulas, tornando esse momento de aprendizado proveitoso de forma dinâmica e envolvente.

Referências

ALVES, Telma L. B, PEREIRA, Suellen S, CABRAL, Laíse do N. **A utilização de charges e tiras humorísticas como recurso didático-pedagógico mobilizador no processo de ensino-aprendizagem da Geografia.** Santa Maria. v. 38 - n. 2 - p. 417-432 - maio/ago. 2013 - educação. ISSN: 0101-9031

ARROYO, Margarete. **Jovens e músicas: um guia bibliográfico.** São Paulo, Editora Unesp, 2013

BERTOLDI, M. **Jogos na educação e no consultório.** 2003. Disponível em <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas>>. Acesso em: 10 fev. de 2021.

BROUGÈRE, G. **Jogo e Educação.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FELIX, Geisa F. R, SANTANA, Hélio. R. G, JÚNIOR, Wilson. O. **A música como recurso didático na construção do conhecimento.** Cairu em Revista. Jul/Ago 2014, Ano 03, nº 04, p. 1 7-28 , ISSN 22377719.

FORMENTIN, Elisandra de. S, SANTOS, Shaolin E. da. S, MESSIAS, Maria Izabel C. S. de. **O uso da música como um recurso didático nas aulas de Geografia** – Um relato de experiência com os alunos do Ensino Médio integrado.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

LESSA, D. P. **O Gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula.** Revista Travessias, n. 01. 2007.

LIBÂNEO, J. S. OLIVEIRA, J. F de. TOSCHI, M. S. **A educação Escolar Pública e Democrática no contexto atual: um desafio fundamental.** São Paulo, Cortez, 2012.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 661-690, 2007.

RUIZ, M. J. F. SANDANIEL, A. Formação docente e democratização da gestão da escola pública. **Revista Formação Docente.** Belo Horizonte, v. 06, n. 10, p. 111-124, 2014.

VERRI, J. B; ENDLICH, A. M. A utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia. **Revista Percursos,** Maringá, vol. 1, n. 1, p. 65-83, 2009.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Gabriele Aparecida Sozzo⁶²

Sheyla Dayane dos Santos⁶³

Resumo

O presente artigo possui como objetivo apresentar como se desenvolveram as aulas do estágio de Geografia através de uma proposta de aulas remotas complementares, a fim de desenvolver a linguagem de fotografia para alunos do ensino fundamental, onde, utilizou-se a fotografia como recurso didático para estimular a observação dos alunos em relação aos conteúdos geográficos que foram apresentados, proporcionando portanto, um enriquecimento às aulas através da leitura visual, além disso, mostrando aos alunos possibilidades diversas de se utilizar o recurso da fotografia como uma linguagem visual a ser utilizada para a interpretação do espaço. A utilização da fotografia como recurso didático teve como intuito contribuir para o entendimento de alguns temas geográficos básicos, e para o entendimento das relações sócio – espaciais, por meio de um conjunto de 6 vídeo aulas, visto que, é possível despertar no aluno, o desejo de aprender através da linguagem visual.

Palavras-chave: Fotografia; recurso didático; linguagem visual.

Introdução

A imagem como uma linguagem visual possui uma grande importância no mundo contemporâneo, desempenhando um papel fundamental na leitura e compreensão do mundo. No ensino de Geografia, a utilização da fotografia possui grande contribuição para analisar a transformação do espaço geográfico, bem como, contribuir para que o aluno tenha uma percepção visual sobre o espaço retratado. A observação de uma imagem fotográfica fornece pistas da realidade segundo o olhar de quem a produziu, portanto os alunos devem ser estimulados a descobrir o significado dos elementos presentes na imagem, que poderão ser revelados através de sua leitura. A análise crítica da imagem torna-se um importante recurso que, se bem explorado, pode trazer uma grande contribuição na construção dos conceitos geográficos.

⁶²Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Gabriele.aparecida@uel.br

⁶³Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Sheyla@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Por mais que a fotografia seja produzida com certa finalidade, a sua representação vai conter um meio de informação e conhecimento, e o seu conteúdo irá ajudar o aluno a se constituir como um leitor crítico da paisagem, levando-o a compreensão de conceitos e acontecimentos, muitas vezes, abstratos e complexos. (ASARI; ANTONELLO; TSUKAMOTO, 2004, p. 194).

A utilização da fotografia na Geografia auxilia na maneira de se observar a paisagem, levando o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula, por isso, além de tornar-se uma lembrança dos locais por onde andamos, a fotografia pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se em um poderoso instrumento de "materialização" de lugares nunca antes visitados por alguns. Portanto, através da observação das imagens, destaca-se um processo de percepção, onde possibilita aos alunos selecionar as informações percebidas e conferir-lhes significados.

A comunicação proveniente da utilização das imagens fotográficas como material de apoio didático, pode viabilizar uma prática educacional mais direcionada à formação de cidadãos críticos, pois, em um mundo onde vivemos rodeados de imagens, é fundamental saber interpretá-las de modo que, ao observar uma imagem, o indivíduo seja capaz de desvendar seus vários sentidos e correlaciona-los com os aspectos geográficos. O uso pedagógico da fotografia visa aproximar o aluno ao conteúdo, estreitando o laço entre as realidades necessárias a aprendizagem, despertando o interesse dando margens a busca de novos conhecimentos.

A utilização da fotografia pode estimular a observação e descrição das paisagens pelos alunos, preparando-os para tirarem suas próprias conclusões e elaborarem soluções para problemas da sua realidade, e não apenas como uma ilustração do conteúdo geográfico ministrado. (ASARI; ANTONELLO; TSUKAMOTO, 2004, p. 183).

O valor pedagógico da fotografia ganha maior dimensão nas aulas quando os alunos começam a perceber a dinâmica do espaço, seja pelo viés da natureza ou pelas manifestações sócio espaciais que envolvem sua produção. Estudar a imagem enquanto uma linguagem, é considerá-la do ponto de vista histórico, cultural e social, que inclui a comunicação e os sujeitos nela envolvidos. A fotografia, assim como qualquer outro tipo de linguagem, como a escrita ou a fala, possibilita a interação entre os sujeitos e o diálogo entre eles.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os registros fotográficos que compõem os processos geográficos, permitem que o olhar do fotógrafo, como também do leitor da foto, vislumbrem as transformações, tanto ambientais, como sociais e históricas, que ocorrem no espaço geográfico e que diante do seu papel de suscitar diversas leituras, permitam a construção de uma narrativa precisa dos fenômenos e paisagens registradas.

A fotografia é uma representação que possibilita registrar, ver e interpretar o mundo. É um instrumento de conhecimento e de história ao fornecer informações sobre objetos, lugares e pessoas, em formas visuais tão diversas, e preservá-los no tempo pela sua representação. Segundo Berger (1999), a percepção de qualquer imagem é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos, com isso, pode-se entender que toda imagem incorpora uma forma de ver o mundo.

O uso de imagens possibilita a interpretação de uma sociedade, em determinados lugares do mundo, com uma riqueza de informações e detalhes, portanto, constitui uma excelente fonte de pesquisa para o ensino de Geografia. A utilização da linguagem visual pode levar o aluno a um processo de aprendizagem mais interativo, prazeroso, que tenha significado no seu cotidiano, que lhe dê condições de se posicionar criticamente frente a questões e problemas da nossa sociedade. Analisar as imagens fotográficas é um caminho fascinante que pode se multiplicar em infinitas formas e possibilidades didáticas, sendo um importante recurso para compreensão mais significativa da Geografia.

O processo da “leitura” de uma fotografia, consiste em observar, analisar e interpretar suas diferentes expressões atribuindo significados aos diversos elementos que a compõem. A observação é o passo inicial para realizar a leitura da imagem, ao qual, consiste em procedimentos que visam reconhecer os elementos que a compõe, podendo ser realizada de forma espontânea, onde o próprio observador prioriza a observação segundo seus critérios e relata o que mais lhe chamou a atenção, ou também de forma dirigida, onde segue-se um roteiro com objetivos previamente definidos sobre o que ser identificado especificamente.

O procedimento de análise objetiva-se em dar sentido aos elementos presentes na imagem, bem como, buscar explicações para a formação do arranjo espacial, ou seja, compreender como os elementos estão dispostos em um determinado espaço. Portanto, analisar uma fotografia é procurar fazer relações dos elementos identificados entre si, ou no seu



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conjunto. Já a interpretação, consiste em procurar explicações para os diversos elementos observados, relacionando-os aos conhecimentos geográficos.

A busca de explicações é muito importante na leitura da imagem, pois possibilita ao aluno questionar sobre as possíveis relações entre os elementos, cogitando possibilidades e refletindo sobre as razões de seu arranjo espacial. Considerando uma perspectiva problematizadora, este procedimento pode conduzir o aluno a reconhecer também os elementos que não estão visíveis, e que num primeiro momento, não foram objeto de observação, como aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Ressalta-se ainda que, para compreender as fotografias, devemos observá-las como imagens que partem do real, entretanto, que não significa a realidade em si, fixada e acabada, pois ao serem analisadas podem possuir outras potencialidades de sentidos de realidade, portanto, para ser lida, a imagem fotográfica deve ser desconstruída e submetida a um exame crítico, pensando como foi construída e as diversas interpretações que ela pode carregar.

[...] as fotografias são produtos de criação/construção de seus autores. Para serem transformadas em linguagens para o ensino de Geografia, as reflexões são fundamentais para romper as barreiras e mergulhar nos segredos, desconstruindo e reconstruindo, dando significados de linguagens geográficas. (COSTA, 2014, p.18).

Realizar a análise e o aprofundamento dos temas geográficos utilizando as fotografias, abrem-se novas perspectivas e pensamentos espaciais para a efetivação do conhecimento.

A imagem fotográfica é uma linguagem específica que atua simultaneamente no campo do inteligível e do sensível, fornece um leque de informações em diversos campos do conhecimento, as quais o pesquisador pode utilizar-se para reconstituir e interpretar determinada realidade social. (ARRUDA, 2010).

Este trabalho objetiva-se, portanto, em apresentar como foi desenvolvido a proposta de aulas complementares remotas do estágio de Geografia, para alunos do ensino fundamental, utilizando a linguagem de fotografia, relacionada à diversos temas geográficos. Dentre estes temas incluem-se os conceitos de paisagem, ao qual, é um elemento fundamental para a compreensão do espaço geográfico, podendo revelar as relações de produção da sociedade, suas crenças, seus valores e seus sentimentos, pois é através dela que as pessoas buscam entender as ações realizadas em tempos distintos, ou seja, as transformações ocorridas. O conceito de lugar, que é fundamental para a construção da noção de cidadania e representa a porção do espaço



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

geográfico dotada de significados e relações humanas. Também aplicou-se um conteúdo voltado para o entendimento das nuvens, ao qual foi utilizado o recurso da fotografia para exemplificá-las.

Além destes, também foram apresentados temas como o processo de urbanização, desigualdade social e problemas ambientais, auxiliados ao uso da fotografia para evidência e compreensão destes processos. Como as aulas foram desenvolvidas por meio remoto, apresentamos uma proposta de atividade aos alunos ao final de cada tema abordado, com o intuito deles utilizarem o recurso da fotografia como uma linguagem visual a ser utilizada para leitura e interpretação do espaço. Sabemos que a sociedade contemporânea vive em constante contato com as novas tecnologias, com isso, a atividade proposta aos alunos baseou-se no processo de fotografar imagens relacionadas com cada tema apresentado nas aulas e que possuísem um certo significado, deixando essas imagens registradas nas redes sociais com a hashtag #exposonline, para que essas fotografias possam ficar expostas e ter o acesso de outras pessoas. Esta atividade teve como intuito propiciar uma leitura do mundo onde a imagem desempenha um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando um enriquecimento as aulas e novas experiências aos alunos.

Desenvolvimento

A organização das aulas se deu levando em conta o conteúdo geográfico e a proposição das atividades utilizando a linguagem fotografia. Iniciando com lugar, depois com desigualdade social, problemas ambientais, paisagem, nuvens e fechando com urbanização.

Conceito de Lugar

Em relação a proposta de aula complementar referente ao conceito lugar, foi abordado o conceito em específico e a sua importância na compreensão das relações que ali acontecem, objetivando em uma aprendizagem significativa envolvendo a observação, a análise, a criticidade e a compreensão do lugar como espaço real de vida das pessoas, contribuindo com a sua consciência espacial e possibilitando a proposição de práticas pedagógicas no saber de cada educando.

O conceito de lugar faz referência a uma realidade de escala global, regional ou local e pode estar associado a cada indivíduo ou grupo. O lugar pode ser entendido como a parte do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

espaço geográfico efetivamente apropriada para a vida, área onde se desenvolvem as atividades cotidianas ligadas à sobrevivência e às diversas relações estabelecidas pelos homens. O lugar significa muito mais do que simplesmente uma localização geográfica, ele está relacionado aos diversos tipos de experiência e envolvimento com o mundo.

Todo lugar está repleto de vínculos afetivos e de relações históricas, econômicas, sociais e naturais, portanto, nenhum lugar é considerado neutro. Estudar e conhecer o lugar onde mora significa compreender as relações que ali acontecem e sua relação entre escalas maiores, do global para o regional e para o local. A palavra lugar é constituída por vários significados, no entanto, para a Geografia refere-se ao espaço que vivemos e conhecemos, cujo conceito se relaciona à nossa identidade, com o qual criamos vínculos e demonstramos o quanto esses lugares são importantes para nós.

Cada lugar tem uma história que o compõe, por isso, nenhum lugar surgiu e surge do nada, ele é resultado da sociedade que ali vive e produz sua história através das relações sociais e do trabalho que ali se estabeleceu. O lugar permite ao ser humano expressar as criações e as transformações ocorridas por forças locais, regionais e mundiais, contudo, devemos compreender o lugar como um espaço vivido e construído ao longo do tempo pelos indivíduos.

Desde que nascemos, passamos a frequentar diferentes lugares como, nossa casa, casa de parentes e amigos, a rua e bairro onde moramos, a escola, lugares de lazer, entre outros. Nos vários lugares que frequentamos no dia a dia convivemos com pessoas diferentes e essa convivência reforça nossa ligação com o lugar que vivemos, com o qual, passamos a nos identificar e demonstrar o quanto esses lugares possuem importância para nós.

O lugar só pode ser compreendido em suas referências que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer, enquanto citações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996, p.21-22).

O lugar estrutura-se na relação do “eu” com o “outro”, sendo palco da história de vida de cada indivíduo, contudo, a leitura do mundo começa a partir da leitura do lugar. “Hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar” (SANTOS, 2005, p. 161).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Cada lugar possui suas próprias características, relacionadas aos elementos naturais e culturais de seus habitantes, portanto, é comum encontrarmos semelhanças e diferenças entre os lugares, pois eles foram organizados de acordo com a história das sociedades humanas que os construíram e os transformaram constantemente. O lugar é o resultado das relações humanas, como as pessoas se apresentam nesse lugar a partir dessas relações e demonstram a importância do lugar na produção da própria história.

Como produto da experiência pessoal vivida, o lugar, permeado de dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais, só adquire uma identidade e significado através das intenções humanas atribuídas a ele. A localização física estática, as atividades, os significados e o espírito do lugar compõem a sua identidade, como um exemplo, os bairros rurais que, mesmo diante das mudanças sociais, econômicas e espaciais, os indivíduos guardam na memória o passado e incorporam o sentimento de pertencimento ao lugar.

“A identidade do lugar tem relação com o espírito deste, cujo enraizamento e o sentimento de familiaridade dependem das qualidades físicas e das mudanças que as gerações humanas lhe atribuem.” (HOLZER, 1997).

Contudo, a identidade, o sentimento de pertencimento e o acúmulo de tempos e histórias individuais constituem o lugar. Este guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história, apreendido pela memória, através dos sentidos.

É fundamental considerar o lugar como palco dos acontecimentos pela sua dimensão real, prática, sensível e concreta, além disso, se torna fundamental considerá-lo como uma construção tecida por relações sociais no espaço vivido, garantindo uma rede de significações e sentido, tecidos pela história e cultura. “O lugar tem usos e sentidos e, portanto, abarca a vida social, a identidade e o reconhecimento”. (CARLOS, 1996).

Para exemplificar o conceito de lugar, o uso das fotografias apresentadas foi indispensável, a partir delas foi possível uma melhor compreensão e percepção do que estava sendo exposto. Como um exemplo particular, apresentei uma fotografia de um lugar, um sítio, que me remete muitas lembranças boas, que fez parte da minha infância e adolescência, cujo sentimento de pertencimento e vínculos afetivos se fazem presentes até hoje (Imagem 1).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Imagem 1 – Representação de lugar



Fonte: Gabriele Sozzo, 2021.

Após a abordagem sobre o conceito de lugar e as exemplificações apresentadas, a proposta de atividade baseou-se em fotografar lugares ao qual possuísem um significado afetivo, e como já mencionado anteriormente, fazer a postagem dessas fotografias mencionando #exposionline nas redes sociais para fazer a exposição. A aula pode ser vista no link: <https://www.youtube.com/channel/UCxxrMDnbk1gciofvGkO8HfA>.

Desigualdade Social no Brasil

Na proposta de aula complementar em que foi abordado a questão da desigualdade social, foi apresentado a origem, as causas e consequências deste processo. Ressalta-se a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

importância de apresentar este tema tão presente em nossa sociedade, auxiliado ao recurso da fotografia com o intuito não de apenas falar sobre o fato, mas de mostrá-lo.

O processo de colonização do Brasil baseou-se na exploração dos recursos naturais que estavam presentes no território, com isso, desde o início do desenvolvimento, o planejamento não se voltava para os interesses de melhorar o País e as condições dos que aqui viviam. De acordo com Prado Junior (2004), o processo de ocupação do território acontecia para suprir os interesses do mercado externo. Produzia-se de acordo com a necessidade do mercado, explorando cada vez mais o território desconhecido, em busca de terras férteis.

“A concentração fundiária foi decorrente da estrutura produtiva baseada na exploração de cana-de-açúcar voltada para a demanda externa” (COSTA, 2005, p. 180).

A forma de desenvolvimento adotado, precário e desigual, proporcionava o enriquecimento apenas dos que estavam no comando. A desigualdade e consequentemente a pobreza, sempre presentes no decorrer da história, agravam-se e apresentam-se com novas características a partir do processo de industrialização e com o surgimento do capitalismo. Portanto, entende-se que a pobreza é decorrente das ações realizadas pelos próprios homens, o resultado do que se apresenta hoje é um reflexo da forma como os homens pensavam e pensam o Brasil, de acordo com suas representações e vontades.

A pobreza, entendida como a principal consequência da desigualdade social é uma problemática histórica que acompanha as formas de relações sociais, compreendida também como fruto da ação dos homens, sendo resultado das formas como estes pensam, interpretam e direcionam a construção da história, da forma como aceitam os padrões mínimos de sobrevivência de cada indivíduo presente na sociedade.

No Brasil, a existência da pobreza não ocorre devido à falta de recursos e sim da desigual distribuição destes, contudo, é um País com os maiores índices de desigualdade do mundo. A pobreza assume uma forma de representação dominante, que pouco modificou-se durante o processo de desenvolvimento.

Como exemplificação deste processo foi apresentado uma fotografia feita por Claudia Jaguaribe no ano de 2010, intitulada “Menina na Laje”, ao qual representa uma caótica favela



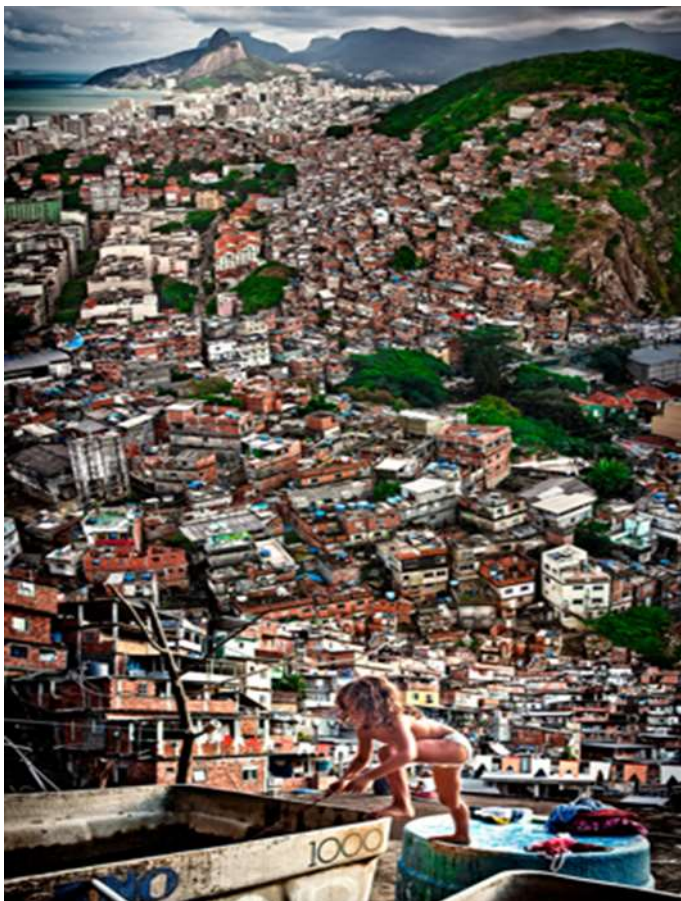
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

na cidade do Rio de Janeiro, evidenciando um grande contraste social característico das grandes cidades brasileiras (Imagem 2).

Imagem 2 - Menina na Laje



Fonte: Claudia Jaguaribe, 2010. <[Http://claudiajagaribe.com.br/entre-morros/](http://claudiajagaribe.com.br/entre-morros/)>

A fotografia nos permite fazer uma análise mais profunda sobre a questão apresentada, dentro de uma contextualização sócio histórica, permitindo o impacto mediante as precariedades das moradias que são apresentadas e reflexões sobre os problemas sociais, bem como a desigualdade.

A paisagem fotografada manifesta o contraste entre posições sociais, de um lado os moradores da favela segregados espacialmente, e de outro, os moradores de classe média e alta dos bairros próximos às belas praias cariocas. A fotografia permite o registro destes contrastes



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

sociais, possibilitando ao leitor acentuar seu olhar de denúncia e crítica frente às questões sociais brasileiras. Na imagem é visível a falta de planejamento e de infraestrutura, porém também apresenta a percepção de vários outros problemas sociais que se fazem presentes, como violência, tráfico de drogas, entre outros.

Ressalta-se que a fotografia não se caracterizou apenas como um simples ato de registrar os problemas sociais das grandes cidades, mas sim de compreender criticamente a constituição deste processo, visto a imensa desigualdade social presente em nosso País. Com isso, a proposta da atividade foi de fazer a postagem de uma fotografia evidenciando essas questões de desigualdade social existentes, escrevendo um relato sobre a percepção da imagem e o sentimento ao qual a mesma transmite. A aula pode ser vista no link: <https://www.youtube.com/channel/UCxxrMDnbk1gciofvGkO8HfA>.

Problemas Ambientais

Sobre a proposta de aula referente aos problemas ambientais, apresentou-se os principais problemas ocasionados atualmente, bem como a importância da preservação, visto a formação de cidadãos conscientes e críticos. A importância da educação ambiental reside na atuação consciente dos cidadãos, visando o aumento de práticas sustentáveis bem como a redução de danos ambientais. A utilização das fotografias foi um meio essencial para apresentar a ocorrência destes problemas, tão prejudiciais para o nosso Planeta.

Indiscutivelmente, a crise ambiental é uma das questões fundamentais enfrentadas pela humanidade e exige a necessidade de uma mudança de mentalidade, em busca de novos valores e uma ética em que a natureza não seja vista apenas como fonte de lucro e passe, acima de tudo, a ser enfocada como meio de sobrevivência, para as espécies que habitam o Planeta, inclusive o homem (MARÇAL, 2005).

O padrão histórico de consumo e industrialização causou alterações significativas sobre o meio ambiente. O principal fato, que contribuiu para o quadro atual de degradação ambiental no País, foi o movimento de industrialização e urbanização, que ocorreu de forma acelerada entre as décadas de 1930 a 1970, especialmente em 1974, com a implantação do II Plano Nacional de Desenvolvimento, em que o objetivo da política econômica não se compatibilizou com a proteção ao meio ambiente.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os problemas ambientais se avolumam ao longo dos séculos. No Brasil, esta questão encontra-se incorporada na agenda política e no planejamento empresarial, entretanto, o equacionamento dos problemas ambientais não é trivial e requer uma análise mais profunda e abrangente das relações entre as atividades econômicas e a base natural que estas exploram, ou seja, a adaptação das políticas ambientais ao crescimento econômico.

O planeta é afetado por vários problemas ambientais, dentre estes destacam-se a poluição atmosférica, a poluição das águas e do solo, o assoreamento, as queimadas, o desmatamento, entre outros, ao qual estão cada vez mais frequentes e afetam a qualidade de vida dos seres vivos. No Brasil, enfrentamos todos os dias graves ameaças ao nosso ecossistema.

Para evidenciar e compreender melhor estes problemas, foram apresentados fotografias de lugares afetados por estas causas, como mostra na foto a seguir (imagem 3), que apresenta o Rio Tietê na cidade de São Paulo, coberto por uma espuma formada pela poluição. A fotografia apresenta claramente o desrespeito pela conservação dos rios, processo causado pela concentração de poluentes, como exemplo, esgotos domésticos e resíduos industriais lançados sem tratamentos.

Imagem 3 – Poluição do Rio Tietê



Fonte: Witter Veloso / TV Tem



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A apresentação das fotografias nos permite uma maior sensibilização e conscientização sobre as extremas ameaças que estão sendo causadas ao meio ambiente através da própria ação humana. As mudanças no cenário político e econômico da sociedade tem agregado aos indivíduos novos valores e comportamentos que convergem para a ética capitalista, no entanto, surge a necessidade de apresentar estes valores sociais voltados a um desenvolvimento crítico, pautado na sustentabilidade do planeta, pois os resultados dos impactos ambientais vem sendo sentidos cada vez mais.

Com isso, a atividade apresentada, se baseou na proposta de serem fotografados problemas ambientais ocorridos dentro da própria cidade, como também, simples ações que podem ser realizadas no dia-a-dia e que contribuem com a preservação do meio ambiente. Com isso, surge a possibilidade de repensar certas práticas, que muitas vezes passam despercebidas. Ao considerarmos a dinâmica das relações existentes entre os indivíduos e o meio ambiente, precisamos desenvolver atitudes e adotar comportamentos com base na sustentabilidade ambiental. A aula pode ser vista no link: <https://www.youtube.com/channel/UCxxrMDnbk1gciofvGkO8HfA>.

Paisagem

Para a proposta de aula sobre paisagem, foram apresentados seus conceitos, usos e contribuições para o nosso dia a dia. É importante ressaltar que a paisagem é muito relacionada com a fotografia, e o uso de ambas juntas contribui com o desenvolvimento de inúmeros conteúdos de geografia. A paisagem é uma das principais categorias da geografia e junto com: lugar e espaço geográfico; possuem muita importância e dúvidas, muitas vezes são confundidas entre si, e cabe ao professor de geografia contribuir com o entendimento de cada conceito.

A paisagem é algo fácil de imaginar, mas as vezes é complexo para entender, para isso foi dito para os alunos imaginarem uma paisagem, esse exercício é bom, pois com ele, é possível perceber o que cada aluno entende como paisagem, esse exercício serve para os alunos e para todos. Normalmente a primeira coisa que vem em nossas mentes é um rio com várias pedras e árvores em seu entorno ou um campo gramado com o Sol iluminando o campo, com árvores ao fundo. Pensamos em flores em um bosque, ou montanhas com neve no seu topo. É perceptível que a grande maioria de nós imagine algo bonito e relacionado a natureza.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Raramente pensamentos relacionados a paisagem remetendo algo triste ou feio são lembrados, ou sobre uma comunidade carente, crianças em situação de pobreza, ou até mesmo uma avenida cheia com muita sujeira e poluição. Isso acontece pelo fato de sempre relacionarmos a paisagem a coisas positivas ou natureza. Mas a paisagem não é somente isso; por muitos anos a própria geografia fez essa relação simplista.

Outra dúvida que muitas vezes ocorre é em relação à mutação da paisagem, a paisagem como pensamos pode sofrer com interações e ações da própria natureza, quanto do homem. A paisagem pode ser modificada e transformada em uma nova paisagem. Tal mudança ocorre presencialmente para quem vê e até mesmo para quem apenas tem a paisagem em pensamento.

Podemos exemplificar como um rio tão importante como o Tietê, que corta a capital paulista, o qual, após receber diferentes tipos de materiais, sejam sólidos ou solúveis, transforma a paisagem. Isso vale tanto para quem conhece presencialmente essa paisagem, quanto para quem apenas a vê por meio de imagens ou a imagina em pensamento (OZORIO, 2016).

Para Milton Santos, a “paisagem possui movimentos”. Esses movimentos e mudanças fazem da paisagem algo sempre mutável. Além de mudanças a paisagem possui sons e odores. Quando pensamos na paisagem do campo florido, conseguimos imaginar o som do vento, pássaros, o bater das folhas. Conseguimos imaginar o cheiro da terra, o cheiro de uma plantação de uva. Podemos perceber que a paisagem é muito complexa e ampla. Só precisamos entender que a paisagem possui elementos além da natureza, como a cidade, o homem, a urbanização, poluição, pobreza...

A paisagem pode ser: natural, cultural, econômica, social, artificial... Ao pensar em paisagem como uma ferramenta para a geografia, podemos utilizar em diversas disciplinas, a paisagem serve de croqui, pode ser usada para comparar décadas, relacionar com o desenvolvimento da cidade, é possível analisar as transformações e desenvolvimento do espaço. A paisagem vai além do pensamento. Ela pode ser uma ferramenta para análises e comparações. Com isso a proposta foi apresentar paisagens diferentes, em que o aluno pudesse ler e interpretar aquela paisagem.

A leitura de uma paisagem pode ser: climática, relevo, geomorfológica, social, ambiental, industrial, urbana, desigualdades... São muitas opções para análise com base em uma paisagem. Para a aula proposta foram apresentadas duas fotos contendo paisagens diferentes, o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

uso da fotografia para mostrar a paisagem é muito importante. E nesse caso nos ajudou bastante com a proposta de atividade.

A partir dessa noção geográfica é possível provocar o aluno a conhecer, e entender a importância dos conceitos na vida de cada um e de todos. É importante destacar a necessidade da leitura e interpretação da paisagem em todas as séries no ensino de geografia. Isso, porque é relevante estabelecer ligações com o espaço geográfico próximo como, a representação da sua residência, rua, bairro, cidade, estado, país ou do mundo (OZORIO, 2016)

A primeira foto é a paisagem vista da varanda da minha casa, em que nela é possível ver telhados, algumas nuvens, árvores e ao fundo um campo de plantações. Essa paisagem vista dessa varanda sempre está mudando, principalmente a parte do campo, é possível ver quando estão plantando ou colhendo, as vezes ficam com faixas de terra, em outros momentos o que foi plantado cresce. As vezes têm eventos e algumas tendas são colocadas, a noite conseguimos ver os faróis distantes dos carros que passam pela estrada. Parece uma paisagem simples, mas é composta por inúmeras mudanças diariamente, por isso ela foi escolhida e detalhada na proposta de aula (imagem 4).

Imagem 4: Representação de paisagem



Fonte: Sheyla, 2021.

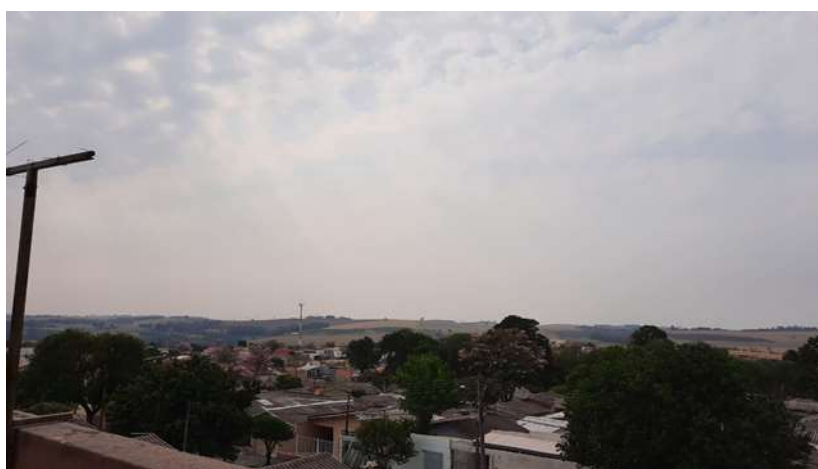


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Já na segunda foto a ideia foi mostrar uma mudança mais rápida de uma paisagem, um rio, que em determinado dia está baixo, ao nível das pedras ao fundo ficarem visíveis, mas basta uma chuva para que aquela paisagem mude, aquelas pedras somem das nossas vistas, e o rio que antes parecia inofensivo, fica agressivo e misterioso (imagem 5).

Imagem 5: Representação de paisagem



Fonte: Sheyla, 2021.

Após a aula sobre paisagem e seus mais variados tipos de paisagem, foi proposta uma atividade, com base nas imagens apresentadas, e com a utilização da fotografia, para registro da atividade. A ideia proposta foi de que cada aluno ou aluna tirasse uma fotografia, da janela de casa, da varanda, ou da rua, para que assim a paisagem fosse algo próximo à realidade do aluno, e para que ela possa ser realizada a longo tempo. Essa fotografia da paisagem vista pelo aluno pode ou não sofrer mudanças, e com isso a ideia é que o aluno tenha um antes e depois. Ao registrar a foto o aluno pode postar nas redes sociais e se utilizar a #exposionline a foto vai ficar sempre disponível, e quando o aluno perceber uma mudança daquela paisagem ele pode tirar outra foto, e assim fazer comparações. A aula pode ser vista no link: https://www.youtube.com/channel/UCv6pTF_wGjyZJr3EqoiYQjg/videos.

Nuvens



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A geografia é uma ciência muito ampla em conteúdo, possuindo várias vertentes e áreas de estudo e de atuação. Com isso é possível que tenhamos conteúdos ditos de geografia humana e os de geografia física. Dentro da vertente da geografia física existem muitas disciplinas, entre elas a climatologia. E dentro da climatologia existe um conteúdo presente em nossas vidas todos os dias, mas que raramente prestamos atenção, as nuvens.

Para a proposta de aula referente a nuvens foram abordados o conceito de nuvem, os principais tipos com suas definições, além de outras atribuições para esse tema tão específico e divertido. Esse tema pode ser dito como divertido, pois além de ser algo totalmente visível todos os dias, é didático. As nuvens podem ser explicadas através da observação de suas características, utilizando algodão, cola e papel, ou fotografias. Através de fotos é possível reconhecer os tipos de nuvens.

É impossível dizer que não sabemos o que é uma nuvem, mesmo que seja uma definição simples, ou até mesmo sem a definição, mas apenas apontando. Sempre que vimos o céu ficar com nuvem escura e baixa sabemos que existe uma grande possibilidade de chover. Esse é um conhecimento básico. Nossos avós sabiam quando ia chover e tiravam as roupas do varal. As nuvens fazem parte do nosso cotidiano e fazem parte da geografia.

As nuvens estão e fazem parte da atmosfera, essa é muito dinâmica, e a atmosfera possui fenômenos, estes fenômenos interagem entre si, massas de ar, descargas elétricas, massas de ar, nuvens, um age e modifica o outro. O próprio tempo que vimos nas previsões são possíveis variações de temperatura, vento e umidade em determinado horário e local.

“As nuvens podem assumir vários formatos e tamanhos e ocorrer em alturas diferentes, ficando a maior parte limitada à troposfera. Podem conter gotas de água líquida ou cristais de gelo, ou ambos” (YNOUE, 2017). E para que as nuvens ocorram é preciso uma condensação de gotículas de água. Se houver muita concentração de gotículas, a nuvem fica pesada, e assim ocorre a precipitação.

Uma dúvida que às vezes temos é sobre o peso das nuvens, imaginamos que são leves mas, na verdade são pesadas, muito pesadas! As nuvens possuem muita variedade e tipos, então para a proposta de aula foram apresentados os tipos de nuvens e suas características. As nuvens podem ser classificadas por três tipos: baixas, médias e altas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Nuvens baixas: Cumulus (Cu): Esse tipo de nuvem apresenta um crescimento vertical, com sua base oscilando entre 0 km e 3 km. São nuvens normalmente isoladas. Sua cor normalmente é branca ou cinza mais claro.

Cumulonimbus (Cb): São as famosas nuvens de chuva e tempestade, as cumulonimbus também são na vertical, com bases variando entre 1000 e 3000. Essas nuvens são de cor mais escura e normalmente assustam as pessoas. É o tipo mais temido.

Stratus (St): Nuvens baixas em camadas homogêneas e suaves, sendo muito parecidas com a nimbostratus, a diferença é que são mais baixas e uniformes. Esse tipo de nuvem pode produzir chuvas bem fracas ou garoas.

Stratocumulus (Sc): Elas apresentam um formato de lençol descontínuo ou contínuo e possui uma cor branca com manchas escuras. Esse tipo de nuvem é responsável por turbulência em aviões. Essas nuvens se deslocam muito rápido também.

Nimbostratus (Ns): Esse tipo de nuvem são mais escuras, e geralmente geram chuvas não muito fortes, porém mais longas. Apresentam uma cor cinza, além de uma forma não muito bem definida, baixa e muito espessa.

Nuvens médias: Altocumulus (Ac): São aquelas nuvens que mais lembram algodões, são tufos de nuvens relativamente separados entre si e com pequenas espessuras. Elas normalmente apresentam a cor branca cinza. Não é o tipo que forma chuva.

Altostratus (As): São nuvens cinzentas com aparência de lençol, que permite uma relativa passagem da luz solar.

Nuvens altas: Cirrus (Ci): É a nuvem mais comum no céu. Se formam na parte mais alta da troposfera, normalmente são relacionadas a dia ensolarado. Sua aparência é constituída por linhas finas e compridas, por serem finas elas acompanham o movimento dos ventos.

Cirrostratus (Cs): Parece com as nuvens stratus e altostratus, a diferença é que essa é mais alta e mais fina. Também possui aparência de lençol.

Cirrocumulus (Cc): São pequenos círculos de nuvens, são muito semelhantes às altocumulus, a diferença é a altura e que essas são apenas brancas. Podem aparecer de forma isolada ou em grandes áreas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Para cada tipo de nuvem apresentada, uma foto contendo um modelo é apresentado também, pois a visualização facilita a compreensão. Não é necessário colocar uma foto com cada tipo no texto, o importante é a apresentação na aula. Além dessas tradicionais nuvens, foi apresentada a imagem de uma foto, retirada por mim, na varanda de casa. Essa foto em especial é um pouco confusa, e não dá pra ter certeza de qual tipo é, se é uma super célula, ou uma cumulonimbus. Mas a imagem ficou interessante e mostra como as nuvens são incríveis, e que geram fotos bonitas (Imagem 6).

Imagem 6: Representação de nuvem



Fonte: Sheyla, 2021.

Após as explicações sobre o conceito de nuvem, e suas fotos representando cada modelo, foi apresentado essa imagem acima, essa imagem representa uma foto muito bonita de nuvens, pois nela são presentes vários tipos em uma mesma imagem. Como proposta de atividade, utilizando a fotografia, foi pedido que cada aluno ou aluna tirasse uma foto de uma nuvem, e que nessa foto ele utilizasse a #exposionline além de colocar o tipo de nuvem. Esse exercício contribui para o aprendizado do aluno, pois ele irá tirar uma foto e a partir dela tentar identificar a nuvem. Claro que além de aprender o tipo de nuvem ele está vendo, ele pode gerar uma bela fotografia, tal foto pode ficar sempre na memória como algo positivo. A aula pode ser vista no link: https://www.youtube.com/channel/UCv6pTF_wGjyZJr3EeqoiYQjg/videos.

Urbanização

Quando falamos de geografia, não podemos deixar de falar sobre urbanização, provavelmente esse é um dos conceitos mais complexos, com mais períodos e profundidade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Cada lugar no mundo sofreu um processo de urbanização diferente, em todo o período histórico. Além disso, a urbanização não fica parada, ela sempre se modifica, evolui e transforma as cidades.

Dessa forma, entendemos que o espaço é história e nesta perspectiva, a cidade de hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações (SPOSITO, 1994).

Por ser um tema presente na realidade do aluno, a proposta de aula sobre urbanização tenta resumir e explicar tais processos, além de tentar aproximar a urbanização para a vida e cotidiano de cada aluno.

O primeiro traço de urbanização ocorreu ainda no período das cavernas, onde o homem pré-histórico não possuía moradia, mas utilizava a caverna para acasalamentos, rituais e se reuniam em grupos. Claro que a urbanização estava longe de ocorrer, mas ali foi o primórdio da civilização humana. Hoje em dia cada um de nós tem uma residência, temos um lar. Mesmo assim chamamos pessoas conhecidas, amigos para frequentar nossas casas, para jogar, fazer refeições, se relacionar.

Após esse longo período primitivo, com a domesticação dos animais e plantio, que começou o desenvolvimento de aldeias. Mas as aldeias não podem ser consideradas como urbanização, muitos autores criticam essa colocação. Para muitos a aldeia é uma casa de agricultor.

A aldeia, enquanto aglomerado humano, precede a cidade e não pode ser considerada como urbana, porque a sua existência está relacionada diretamente com o que se entende hoje como atividades primárias (agricultura e criação), atividades estas que pela sua própria natureza exigem territórios extensivos. Ora, se estamos identificando a aldeia, enquanto aglomerado, com as atividades do campo, estamos, por outro lado, contrapondo a cidade ao campo, admitindo a diferenciação urbano x rural. E também a necessidade de "acontecer" o urbano, para que esta diferenciação ecológica apareça. O que há por trás desta diferenciação? (SPOSITO, 1994).

O urbano e o rural são opostos, enquanto existiu apenas o campo, a cidade e o urbano não existiram. Ocorreram muitos processos históricos de desenvolvimento humano, para que grupos decidissem sair do campo e criar comunidades que desenvolvessem coisas não relacionadas ao campo. A organização de trabalho também ocorre de forma diferente.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Isto ocorreu da seguinte maneira: em primeiro lugar, o desenvolvimento na seleção de sementes e no cultivo agrícola foi, com o correr do tempo, permitindo que o agricultor produzisse mais que o necessário para sua manutenção. Começou a haver um excedente alimentar. Isto permitiu a alguns homens livrarem-se das atividades primárias que garantiam a subsistência, passando a se dedicar a outras atividades (SPOSITO, 1994).

Com a divisão do trabalho, alguns começaram a caçar, outros a proteger, alguns faziam o trabalho pesado, outros curandeiros, e o mais importante, começou a ter líderes, tais líderes aparecem em forma de reis, chefes políticos... Com liderança imposta vem novas regras, o desenvolvimento da simples aldeia não é mais o mesmo, e cada indivíduo deve obedecer e contribuir. Tudo que era produzido individualmente começou a ser taxado, os famosos impostos que tanto conhecemos. Começou a existir os pequenos mercados, agora os produtos gerados possuem um preço, inicialmente era troca, posteriormente foi criado o dinheiro. A cidade começa a se desenvolver em volta dos mercadinhos e feiras.

Outra coisa muito importante que também faz parte desse desenvolvimento da cidade é a religião, normalmente os líderes religiosos eram abaixo dos reis, ou governantes, mas possuíam muito poder e respeito. Templos religiosos começavam a ser feitos, assim como os mercadinhos, por lógica ou algo natural, os locais escolhidos para os mercados, templos religiosos e locais onde os governantes ficavam era afastado do campo, com isso vemos que ali começam as cidades, diferentes das aldeias que só possuíam casas ou dormitórios, aqui começa a desenvolver uma dinâmica.

Por a igreja ter muito poder e respeito, os templos eram erguidos em locais altos em seu torno existiam aquilo que hoje chamamos de praças, um local verde, com flores, que deixa o ambiente próximo ao templo com um aspecto de paz e alegria. Em torno dessas praças começam a ter os mercados e os templos dos governantes. Essa estrutura é a mais simples, mas é uma das mais tradicionais, em que ainda nos dias de hoje, em muitas cidades é possível ver essa estrutura. Cidades pequenas com pouco desenvolvimento ainda apresentam tal modelo.

Com essa estrutura inicial, as pessoas começaram a se aproximar, e casas foram criadas em torno, com isso começou o crescimento das cidades, sendo preciso delimitar fronteiras, uma das maneiras para separar as cidades eram com base na divisão pelo rio, por relevo e características geográficas. Com o desenvolvimento das indústrias e criação de universidades,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

as cidades já eram presentes na vida das pessoas, com o crescimento das cidades começou a ter o êxodo rural, mais pessoas deixaram o campo e começaram a se mudar para as cidades.

Antes eram pequenas, nesse estágio já chegamos a grandes centros urbanos, por fim mais de 80% da população no Brasil, hoje vive nas cidades. Tal situação não ocorreu apenas no nosso país. O processo em si, foi muito longo, existiram várias etapas e processos, mas a base foi essa, e o que deixa ainda mais incrível. O processo de urbanização, é que ainda nos dias de hoje, é possível ver em cidades pequenas e até mesmo em grandes cidades, a estrutura inicial. Como é o caso de Londrina, a catedral fica no centro da cidade, em um ponto alto, com praça ao redor e as construções em sua volta (Imagem 7).

Imagem 7: Catedral de Londrina



Fonte: Google, 2021.

Ao terminar as explicações a respeito do desenvolvimento da urbanização, e devido à pandemia e o isolamento social, a atividade proposta para mostrar uma urbanização não foi sobre esse formato inicial com imagens de igrejas em pontos importantes. Mas sim que cada aluno tirasse uma foto da janela da casa deles, e que ao postar a foto com #exposionline, o aluno escrevesse se esse era um ambiente urbano ou não. Pois, com toda a explicação a respeito do tema, o aluno já consegue diferenciar um ambiente rural e um ambiente urbano. A grande maioria provavelmente reside em cidades, então se houver comparações serão poucas, a



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

tendência é que cada vez exista menos pessoas residindo no campo. A aula pode ser vista no link: https://www.youtube.com/channel/UCv6pTF_wGjyZJr3EqoiYQjg/videos.

Considerações Finais

A proposta de estágio de modo remoto, com o desenvolvimento do artigo e as aulas, foram uma experiência única. Na verdade, podemos dizer que foi um desafio, toda nossa comunicação em dupla, a escolha dos temas, e as propostas de atividades, deviam seguir de modo que não colocasse a saúde do aluno em risco, mas que, ao mesmo tempo desse a oportunidade de desenvolver algo. Em relação às aulas gravadas, com as atividades e temas propostos, nos ocorreu um certo receio, em saber como os alunos receberam o conteúdo e se teve interesse por parte deles.

É muito diferente abordar os alunos de maneira remota, aulas gravadas não nos ajudam a ver a reação do aluno e muito menos sua participação. Outra dificuldade é em relação à gravação das aulas, nossos computadores não possuem boas webcams, com isso acreditamos que a qualidade do vídeo tenha sido comprometido. Mas toda essa situação nos fez pensar muito, e conseguimos escolher seis temas de geografia, misturando a geografia física e a geografia humana, e utilizamos uma única ferramenta, que foi a fotografia.

A fotografia como proposta de ferramenta foi maravilhosa, com ela mesmo as atividades sendo online, foi possível desenvolver uma # para que as fotos dos alunos sejam publicadas e marcadas. Essa é uma maneira que encontramos de misturar a situação atual com a tecnologia e com aquilo que os jovens estão acostumados. A fotografia nos serviu em todos os temas escolhidos, e acreditamos que tenha sido uma ajuda para as aulas.

O estágio em si, é um desafio, de modo online em meio a uma pandemia, o desafio ficou ainda maior, entretanto terminamos esse artigo com nossos corações felizes, utilizamos aquilo que foi proposto inicialmente, conseguimos desenvolver vários temas, juntamos a tecnologia as aulas e as atividades e por fim, foi um aprendizado, tanto para os alunos, quanto para nós. É gratificante ver que a geografia se encaixa em praticamente tudo, se encaixa na sociedade, natureza e nas nossas vidas diariamente, e através do local, paisagem, problemas ambientais, nuvens, desigualdade social e urbanização conseguimos realizar esse trabalho e uma #exposionline, em que cada aluno pode deixar registrado um pouquinho dessa atividade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Referências

- FREISLEBEN, Alcimar Paulo; KAERCHER, Nestor André. **A linguagem fotográfica como recurso metodológico no ensino de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 114-130, jan./jun. 2016. Disponível em: < <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N12/Art-8-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Freisleben-Kaercher.pdf>> Acesso em: 24. Mar. 2021.
- LEMES, Lúcia Korczovei; BOVO, Marcos Clair. **Os caminhos do nosso dia a dia: a importância de conhecer o lugar onde vivemos**. Cadernos PDE, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_feci_lcam_geo_artigo_lucia_korczovei_lemes.pdf> Acesso em: 28. Mar. 2021.
- MORAES, Sandra Regina Ribeiro; TUROLLA, Frederico Araújo. **Visão geral dos problemas e da política ambiental no Brasil**. Informações Econômicas, SP, v.34, n.4, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/ftp/iea/ie/2004/tec1-0404.pdf>> Acesso em: 28. Mar. 2021.
- MOREIRA, Erika Vanessa; HESPAÑHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O lugar como uma construção social**. Revista Formação, nº14 volume 2 – p. 48-60. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf> Acesso em: 28. Mar. 2021.
- MUSSOI, Arno Bento; SANTOS, Wanda Terezinha Pacheco. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. Guarapuava, 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>>. Acesso em: 24 de Mar. 2021.
- NIQUELE, Jane Lopes Gaspar; ASALIN, Gilmar Aparecido. **O uso da fotografia no ensino de Geografia: uma experiência com os alunos do sexto ano do ensino fundamental**. Cadernos PDE, 2016. Disponível em: < http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_geo_unespar-paranavai_janelopesgaspar.pdf>. Acesso em: 24. Mar. 2021.
- OZORIO, Elizandra. **Paisagem uma janela para a aprendizagem de Geografia**. Elizandra Ozorio. - 2016. 46f.11. Disponível em: <<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1062/1/OZORIO.pdf>>. Acesso em 03. Abr. 2021.
- SANTANA, Sandra Lucia Prudencio; LOPES, Claudivan Sanches. **O uso da fotografia no ensino da Geografia e a transformação do espaço geográfico**. O Professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, vol.1.2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_ue_m_geo_artigo_sandra_lucia_prudencio_santana.pdf> Acesso em: 24. Mar.2021.
- SILVA, Ailclécia Fernandes; RAMÍREZ, Rosa Cerarols. **Geografia e imagens fotográficas: aproximações entre linguagens**. Entre - Lugar, Dourados, MS, ano 5, n.9, 1. Semestre de 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Admin/Downloads/5132-15717-1-PB.pdf>> Acesso em: 24. Mar.2021.
- SPOSITO, Maria Encarnação B. **Capitalismo e Urbanização** -- 1994, livro digitalizado. Disponível em: <



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1415/capitalismo_e_urbanizacao___maria_encarnacao_beltrao_sposito__pdf_rev.pdf >. Acesso em 03. Abr. 2021.

WLODARSKI, Regiane; CUNHA, Luiz Alexandre. **Desigualdade social e pobreza como consequências do desenvolvimento da sociedade**. Disponível em: <<https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art15.pdf>> Acesso em: 28. Mar. 2021.

YNOUE, Rita Yuri. **Meteorologia: noções básicas** / Rita Yuri Ynoue...[et al.]. -- São Paulo : Oficina de Textos, 2017. Outros autores: Michelle S. Reboita, Tércio Ambrizzi, Gyrlene A. M. da Silva. Disponível em: < http://ofitexto.arquivos.s3.amazonaws.com/Meteorologia-nocoes-basicas_DEG.pdf >. Acesso em 03. Abr. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

AS CHARGES E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE BIOMAS EM GEOGRAFIA

Adão Costas Matheus⁶⁴

Rodolfo Henrique Nery Terciotti Balestri⁶⁵

Resumo

O presente artigo diz respeito à conclusão da disciplina de “Didática da Geografia e Estágio Supervisionado” e busca apresentar as histórias em quadrinhos, tirinhas e charges com linguagem didática, com ênfase nos conteúdos de biomas, para os estudantes de Ensino Fundamental e Médio. O objetivo do estudo é investigar a efetividade dos quadrinhos como recurso de ensino por meio de uma aprendizagem lúdica e prazerosa, como uma possibilidade pedagógica no ensino da Geografia em formato remoto. Devido às medidas protetivas adotadas pela pandemia da COVID-19, a metodologia adotada foram a produção de vídeo-aulas como aulas complementares relacionadas ao ensino dos biomas utilizando como linguagem as charges e as histórias em quadrinhos, com o objetivo de explorar dos recursos no processo ensino-aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Histórias em quadrinhos, Tirinhas, Charges.

Introdução

O artigo consiste em uma breve explicação do potencial do uso das histórias em quadrinhos, charges e tirinhas como recurso didático no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, mais especificamente na temática dos biomas, que são temas de estudos para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Também se aborda como poderiam ser trabalhados os principais conceitos da ciência geográfica como espaço, região, território, lugar e paisagem nas salas de aula por meio dos quadrinhos, charges e HQ's, buscando compartilhar determinadas experiências que ocorreram em aula com o intuito de demonstrar possíveis caminhos e barreiras na sua aplicação.

A metodologia do trabalho tem o intuito de aproximar o conteúdo necessário abordado nas aulas com uma linguagem mais informal utilizando as charges, tirinhas e história em

⁶⁴ Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Adaomateus2010@gmail.com

⁶⁵ Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Rodolfo_geografia@hotmail.com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

quadrinhos para os alunos, possibilitando assim ao professor elaborar uma aula mais dinâmica para seus alunos.

No trabalho, foi disponibilizado seis vídeos aulas utilizando a didática proposta, tendo sempre como ideia central a elaboração de uma aula crítica e interessante para os alunos. Mostramos também como as charges, historias em quadrinhos e as tirinhas são recursos essenciais para a elaboração de aulas nos dias atuais, pois elas trazem uma interpretação de texto básica e fácil para que todos compreendam.

O trabalho se dividiu na explicação do que são as charges, tirinhas e as historias em quadrinhos, mostrando as suas diferenças e como elaborar aulas utilizando cada uma delas.

As Charges e a História em Quadrinhos

Xavier (2017) define as Histórias em Quadrinhos (HQ's) como textos onde a relação palavra-imagem (verbo visualidade) é ao máximo explorada e é também um meio de comunicação. Diversas gerações cresceram lendo gibis quando a era digital ainda não havia ascendido, Jost e colaboradores (2012) destacam a ideia de que as HQ's e as charges possam ser um importante recurso didático-pedagógico para a população da nova geração, atualmente mais antenada na tecnologia e em recursos audiovisuais.

É a partir de 1998 com a inclusão da HQ nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que reconhece o recurso como instrumento de educação passível em ser utilizada em práticas pedagógicas, que elas passam ser mais aceitas nas salas de aula (BRASIL, 1998).

As HQ's e charges são importantes recursos para a representação de conteúdos com linguagem de fácil entendimento para os estudantes nos dias atuais, sendo uma forma de mostrar e ensinar conteúdos relacionados à matéria proposta aos alunos. Alves (2015) destaca que uma das características mais marcantes das histórias em quadrinhos é a capacidade de usar do potencial narrativo para representar diversos temas.

Em busca de manter a dinamicidade das aulas, os professores buscam alternativas através de novos recursos e ferramentas. Segundo Cavalcanti (2010, p.1), “em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula”.

Silva e Campos (2016) sustentam a ideia de que o uso deste tipo de recurso tem a capacidade de estimular a reflexão sobre diversos temas através de interpretação de imagens, proporcionando diferentes interpretações e estimulando a leitura crítica da população. Os quadrinhos aumentam a motivação dos alunos durante a aplicação do conteúdo, instigando a curiosidade e estimulando o senso crítico.

Quanto à Geografia, as HQ's e as charges possuem grande potencial ao retratar o espaço geográfico e as paisagens, capazes de nortear o conhecimento dos estudantes por meio das ilustrações e representações (MELO, MEDEIROS e SILVA, 2013, p. 270).

Ainda, é destacado o papel dos quadrinhos na aprendizagem da Geografia:

Há alguns anos, o ensino de Geografia passa por um processo de renovação, que resgatou a importância da leitura da paisagem, a qual é entendida como aspecto visível do espaço geográfico. Nesse sentido, as histórias em quadrinhos tornam-se bastante oportunas, já que trabalham com o texto e a imagem ao mesmo tempo, além de darem uma dimensão temporal e espacial. Ampliam-se, então, as possibilidades de utilização dessa linguagem, indo além da simples exploração do texto ou da descrição dos elementos geográficos (VERGUEIRO, 2004, p.87).

Por fim, ainda há a necessidade de avaliar a aplicação dos HQ's e charges como recurso pedagógico, válido à ser utilizado em sala de aula, contando com a participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem. A finalidade do estudo é então de tentar explorar as formas de linguagem das HQ's e charges no que concerne o conhecimento dos alunos acerca do bioma, assim como observar as contribuições para o ensino da Geografia.

Os Biomas brasileiros

Atualmente no território nacional brasileiro temos o total de seis tipos de biomas diferentes, cada um com sua particularidade e necessidade de atenção, afinal todos eles atualmente sofrem com um grande problema, o desmatamento. O trabalho também irá discorrer sobre todas estas particularidades de cada bioma e fazer reflexões ao entorno dos problemas



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que cada um enfrenta, porém, buscando por meio de uma linguagem visual, melhorar a experiência do ensino e transmitir de maneira mais descontraída o conteúdo para os alunos.

Com o agravamento cada vez maior dos problemas ambientais no mundo todo, estudos sobre a crise ecológica ambiental vem se tornando mais frequentes no meio acadêmico, e não apenas cientistas e pesquisadores, mas muitos outros membros da sociedade vêm buscando conhecer mais e solucionar tais problemas, que no futuro podem levar a crises ainda maiores para a espécie humana.

Quando tratamos de estudos sobre o meio ambiente, a palavra bioma se encontra em inúmeros deles e tem crescido nas discussões e também em sua caracterização por diferentes autores das mais variadas formas. Como não é de muito interesse do presente trabalho discorrer sobre os conceitos de biomas que temos, buscamos um conceito mais simples para utilizarmos como base na temática do ensino dos biomas por meio dos quadrinhos.

Segundo o site IBGEeduca (2021)

Bioma é um conjunto de vida vegetal e animal, constituído pelo agrupamento de tipos de vegetação que são próximos e que podem ser identificados em nível regional, com condições de geologia e clima semelhantes e que, historicamente, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem, resultando em uma diversidade de flora e fauna própria.

Atualmente em nosso país são caracterizados 6 biomas, que são: Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, Caatinga e Pampas. No decorrer do trabalho serão explicadas as particularidades de cada deles.

O desmatamento da floresta amazônica, as queimadas, a expansão das fronteiras agrícolas, o aumento do buraco da camada de ozônio, o gás carbônico da atmosfera, o efeito estufa e o aquecimento do planeta são alguns dos muitos outros problemas que já são debates ocorrentes nos meios governamentais e das mídias internacionais.

No que tange a discussão dos biomas, as pautas permeiam em relação a preservação e conservação do meio ambiente. Afinal, podemos observar que já não devemos mais explorar determinados recursos naturais dispostos no solo. A Mata Atlântica por exemplo se estendia



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

por toda região litorânea do país, atualmente a mesma conta com apenas 7% de sua vegetação originária, ou seja, como ainda podemos pensar em explorar esta floresta? Impossível.

Ao abordar esta temática aos nossos alunos, essa é a principal ideia que buscamos formar no processo de ensino, transmitir acima de tudo a conscientização ambiental aos mesmos, para que estes possam em suas casas e em sua vivência se aprofundarem mais ainda no estudo dos biomas.

Outro fator importante que buscamos transmitir em cada aula é a importância da aproximação do conceito estudado em sala de aula com a realidade vivida por cada aluno, ou seja, que ao estudar algo em sala de aula eles apreendam o conteúdo e materializem o mesmo em sua vida. Desde que seja em uma conversa com outras pessoas, na denúncia de algum crime ambiental próximo a sua região, a busca é sempre fazer com que o aluno materialize este problema e busque da maneira que está ao seu alcance agir para amenizá-lo.

Como já sabemos, existem muitas formas de linguagens que podem ser utilizadas no processo de ensino aprendizagem por parte do professor, entre elas a oral, como as aulas expositivas, músicas, poemas, etc. As linguagens visuais como filmes, séries e histórias, e muitas outras formas de linguagens que podem ser utilizadas e exploradas pelos professores. Nas aulas que aplicamos por meio de vídeo-aula, devido às medidas protetivas do COVID-19, aos alunos de Ensino Fundamental e Médio, utilizamos a linguagem das histórias em quadrinhos e charges enquanto recurso didático para o ensino de Geografia, em especial, aos biomas brasileiros.

O que podemos ver pelas passagens nos colégios estaduais durante o processo da graduação, é que a maioria dos alunos gosta muito e se sentem mais fixos ao conteúdo das aulas quando o professor utiliza de recursos diferentes para a aplicação do mesmo, os alunos dizem que as aulas ficam mais dinâmicas e agradáveis, este é um grande problema das escolas públicas atuais, que muitas vezes não exploram os recursos e levam os alunos a não se sentirem entusiasmados com as aulas. Segundo Assman (1998), o ambiente pedagógico tem de ser lugar de fascinação e inventividade. Não inibir, mas propiciar uma dose de entusiasmo requerida para que o processo de aprender aconteça como uma mistura de todos os sentidos.

A charge é uma representação gráfica de algum assunto - geralmente com caricaturas - conhecido pelo público, frequentemente com crítica humorística com a visão do autor sobre o

tema, e é usada como uma ferramenta de conscientização (MOUCO, 2007; CAVALCANTI, 2012). É um instrumento bastante temido por parte da população por ter um alcance maior em comparação com os textos críticos, levando a informação para diversas parcelas da sociedade brasileira.

As charges são mais breves em sua composição textual, geralmente apresentam apenas uma imagem e conversações mais curtas, resumidas a um breve diálogo, porém com uma composição crítica intensa. Na figura 1, podemos observar uma charge que satiriza o desmatamento na Amazônia do ano de 2016.

Figura 1 - Charge do Arionauero sobre o desmatamento na Amazônia.



Fonte: Ariounauro, 2016.

É bastante similar os conceitos de tirinha e quadrinho, mas Coutinho (2019) define como diferencial da tirinha a duração da narrativa, na qual a tirinha é mais curta que o quadrinho. Porém, seu embasamento teórico de aplicação é o mesmo. As tirinhas, assim como as charges e quadrinhos, podem e são utilizadas na perspectiva crítica sobre os mais variados temas de aplicação. A narrativa dos personagens e o desenho das tirinhas, caminham em um raciocínio

mais breve e curto, diferentemente dos quadrinhos, nos quais as histórias são mais longas e caminham para a construção de um raciocínio mais amplo.

Abaixo, podemos observar uma tirinha a respeito da paz mundial do mundo, elaborada no ano de 2018, utilizando uma leitura simples e fácil de compreender (Figura 2).

Figura 2 - Tirinha do Quino sobre a paz mundial no mundo.



Fonte: Quino, 2018.

As HQ's e tirinhas como Recursos Didáticos para o Ensino dos Biomas Brasileiros

As charges e tirinhas são importantes recursos para o ensino de geografia e ferramentas para a educação de crianças e adultos. Por conta disto, cada dia mais o material didático e de apoio dos professores são variados, buscando-se uma linguagem menos formal e mais fácil para a compreensão dos alunos.

O ensino à distância, devido à falta de contato face a face do aluno e do professor, são recorrentes as queixas acerca de dificuldade de entendimento por parte do aluno, que não se encontra mais no ambiente escolar. Desta forma, há de ser necessário instrumentos que facilitem o entendimento do ensino desta população, e para isto, propõe-se as histórias em quadrinhos e tirinhas como meio de ensino, especificamente, para a transmissão dos conteúdos relativos aos biomas brasileiros.

O processo de ensino é algo mutável tendo sempre novas formas linguísticas e dificuldades acerca da realidade dos alunos, portanto é fundamental que o professor seja consciente do seu papel de formador de opiniões sabendo utilizar estratégias diferentes para o ensino e a aprendizagem dos seus alunos, utilizando sempre linguagens atualizadas que possam



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

transmitir de uma forma fácil o conteúdo proposto. Nesse contexto, as charges e tirinhas podem promover um resultado positivo e satisfatório por parte dos professores e dos alunos.

A matéria de Geografia tem várias possibilidades de se trabalhar com as tirinhas e charges, devido à quantidade de temas críticos, sociais e contemporâneos que a matéria engloba, tendo uma grande variedade de conteúdos e autores brasileiros acerca do assunto. Além de usar esses recursos didático como uma fonte fácil e rápida de conhecimento, também é importante a utilização para tornar a disciplina mais interessante e atrativa aos alunos, fazendo com que os mesmos tenham vontade de aprender e se inteirar sobre os assuntos que os cercam.

As charges e tirinhas são materiais que articulam dois tipos de linguagens como a linguagem verbal e não verbal, assim correspondendo a uma boa estratégia para a utilização com fins didáticos. Estas também detêm um importante papel para o conhecimento dos alunos conseguindo, por meio de uma proposta crítica dos fatos, transmitir um pensamento autônomo e crítico acerca dos assuntos atuais.

O uso das Histórias em Quadrinhos pode ser um dos muitos caminhos para que o professor fuja do cotidiano e proporcione a investigação e a inventividade mencionada por Assman (1998). A charge como ferramenta pedagógica faz com que o ensino fique mais instigante e desperte o questionamento, a criticidade, a diversão (por conter conteúdo humorístico) e a curiosidade do aluno. A forma humorística como é apresentada, torna-se um fator motivador, pois, é possível fazer uma análise geográfica a partir de vários contextos, de forma mais dinâmica e interessante.

Outro ponto positivo na utilização das charges e quadrinhos no ensino de Geografia é a facilidade com que o professor pode encontrar o material sem contar que o mesmo é de preço acessível, pois muitas vezes as escolas não têm capital suficiente para investir em outros recursos que são de custo maior, como por exemplo uma TV ou projetor para transmitir um filme.

A Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, este enquanto palco das relações existentes entre os seres humanos e o meio onde vivem. As histórias em quadrinhos e as charges, constantemente, se referem a este espaço e sua materialidade, principalmente, por serem carregadas com conteúdo crítico já em sua essência. Ou seja, este também é um ponto extremamente viável de exploração para o professor de Geografia, que pelo simples fato de

escolher a charge ou história certa para o conteúdo que ele está passando, o mesmo já consegue fazer associação com a vida do aluno, sem contar que temos um vasto material de HQ's e charges que podem ser aplicados para conteúdos desde alunos do Ensino Fundamental até o Médio.

Um campo de estudo da Geografia que também é muito utilizado nas críticas das charges e Hq's é o meio ambiente. Por ser uma temática em evidência dos mais variados campos de estudos e mídias sociais, a questão ambiental também é muito utilizada no meio dos quadrinhos, os autores realizam muitas críticas e reflexões sobre como a humanidade vem tratando tal temática e como nosso meio ambiente pode chegar se continuarmos a tratá-lo da maneira com que estamos tratando.

A maioria das charges que abordam o tema demonstram ideias de preservação, cuidado e conservação da natureza para que tenhamos no futuro o convívio harmônico com o meio ambiente e minimizarmos os problemas ambientais que já estamos enfrentando na atualidade. Abaixo, na figura 3, demonstramos algumas destas charges que nos fazem refletir sobre a temática ambiental:

Figura 3 - Charge sobre o desmatamento do Maurício de Souza



Fonte: Maurício de Souza produções (2020)

Não precisamos ir muito longe para encontrar produções em quadrinhos que falam do meio ambiente, muitos autores nacionais renomados como, por exemplo, o Maurício de Souza (criador da Turma da Mônica), produzem histórias referentes à temática ambiental e fazem a intermediação entre o humor das figuras com a evidência dos problemas ambientais, o que pode facilitar o processo de ensino aprendizagem e fortalecer os laços existentes entre o professor e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

o aluno. Dentro da Maurício de Souza produções existe uma área destinada propriamente para a educação infantil e criações referentes ao meio ambiente são produzidas como recurso de ensino.

Sendo assim, com base nas pesquisas realizadas sobre o potencial dos quadrinhos como recursos didáticos e a temática dos biomas do Brasil, elaboramos uma proposta de conteúdo programático de aulas divididas em 6 blocos:

Bloco 1: Bioma Amazônico

Para o tema tratado nessa aula o objetivo é, por meio da charge, ilustrar o bioma amazônico brasileiro juntamente com uma explicação para os alunos de como as charges podem ser um importante recurso para o aprendizado e demonstrar as dificuldades que o ecossistema vem enfrentando ultimamente devido a sua exploração predatória sem nenhum tipo de fiscalização. A aula foi elaborada com base na charge que satiriza o momento atual que estamos enfrentando com o bioma amazônico (Figura 4), tendo uma duração de 15 minutos. Fazendo com que os alunos entendam e compreendam como é importante a preservação deste bioma para o ecossistema como um todo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), o bioma Amazônico ocupa cerca de 40% do território brasileiro, tendo uma vegetação predominante da floresta tropical, sendo uma vasta flora e fauna brasileira. O bioma já teve cerca de 16% do seu território como um todo desmatado. A Amazônia passa por diversos estados brasileiros como o Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e parte do território do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins. O bioma é um ecossistema muito complexo tendo diversos tipos de solos e vegetações na região.

Figura 4 - Charge do Lute Cartonista sobre ação antrópica na Amazônia.



Autor: Lute Cartunista, 2013.

Bloco 2: Bioma Cerrado

Nesta aula iremos apresentar aos alunos as características gerais deste bioma e os principais problemas que ele enfrenta. No caso do cerrado, a principal reflexão caminha em elucidar os alunos suas características gerais, que é rico em biodiversidade de espécies de fauna e flora. Após esta etapa, a problematização caminha no sentido da preservação do bioma que, atualmente, vem sofrendo com sua destruição para a expansão da fronteira agrícola de maneira irregular e inadequada.

O cerrado é o segundo maior bioma do Brasil e da América do Sul, conta com uma região total de 1.910.000 km² e alguns autores o chamam até mesmo de savana brasileira, na verdade, com sua extensa variedade de plantas, o cerrado é a mais diversificada savana tropical do mundo, com grandes variedades de habitats e alternância de espécies. Por exemplo, um inventário florístico revelou que das 914 espécies de árvores e arbustos registradas em 315 localidades de Cerrado, somente 300 espécies ocorrem em mais do que oito localidades, e 614 espécies foram encontradas em apenas uma localidade (RATTER et al., 2003). Por sua



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

dimensão e características o cerrado também é considerado como um dos grandes hotspots⁶⁶ do mundo para a conservação de sua biodiversidade.

Diversas espécies animais e vegetais estão ameaçadas de extinção e estima-se que 20% das espécies ameaçadas ou endêmicas não ocorram nas áreas legalmente protegidas. As principais ameaças à biodiversidade do Cerrado são a erosão dos solos, a degradação dos diversos tipos de vegetação presentes no bioma e a invasão biológica causada por gramíneas de origem africana (KLINK, MACHADO, 2005, p.).

O primeiro quadrinho utilizado é a ilustração do cartunista Evandro Alves que realizou no ano de 2014 uma mostra de inúmeros quadrinhos e desenhos referentes apenas ao bioma do cerrado fazendo críticas construtivas e reflexivas em relação ao desmatamento e ocupação inadequada e exagerada do bioma principalmente para a expansão agrícola (Figura 5). O desenho demonstra de maneira ilustrada a vegetação e o clima do bioma, aparecem montanhas, árvores altas, arbustos e também parte de sua vegetação rasa. Na figura também aparece um pássaro sorrindo como forma de demonstrar que no bioma também residem espécies animais que dependem do mesmo para sua sobrevivência.

Figura 5 - Charge Evandro Alves, paisagem do cerrado:



Fonte: Evandro Alves (2014)

⁶⁶ Hotspots: Também chamado de hotspots de biodiversidade. Grandes áreas com elevada biodiversidade, principalmente de espécies endêmicas, e que apresentam um alto grau de ameaça.

O cerrado abrange uma parcela de quase 23% do território brasileiro e se estende pelo Paraguai, Bolívia e Brasil (onde está a maioria do bioma).

O Cerrado possui a mais rica flora dentre as savanas do mundo (>7.000 espécies), com alto nível de endemismo. A riqueza de espécies de aves, peixes, répteis, anfíbios e insetos é igualmente grande, embora a riqueza de mamíferos seja relativamente pequena (KLINK, MACHADO, 2005, p.147).

O que mais assusta quando falamos no cerrado é que sua parcela de desmatamento é superior até mesmo à da Amazônia, porém, nos últimos anos, sua campanha de conservação tem sido muito inferior. Atualmente, temos apenas 2,2% da região do cerrado como áreas de preservação legalmente protegidas, na Floresta Amazônica por exemplo, estes dados ultrapassam os 40%.

O quadrinho, representado na figura 6, ilustra perfeitamente a mensagem que devemos transmitir aos alunos. Nós, enquanto professores de Geografia, em momento algum devemos defender os interesses de entidades privadas que buscam apenas o lucro sobre um bem nacional e internacional, que no caso seria o bioma do cerrado. O cerrado, enquanto um hotspot, é reconhecido mundialmente como uma área que deve ser preservada e não destruída, como vem sendo atualmente no Brasil. Um fato importante a ser mencionado com o uso do quadrinho enquanto recurso didático é a capacidade de aproximar mais facilmente o conteúdo com a realidade e com certeza de uma maneira que chame mais a atenção de nosso aluno.

Figura 6 - Tirinha Evandro Alves - Cerrado hoje, e amanhã?



Fonte: Evandro Alves (2014)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O próprio título do quadrinho nos faz questionar sobre a realidade em que vivemos - “Cerrado hoje, e amanhã?”. O questionamento é um recurso que estimula a perspectiva crítica do aluno, fazendo com que o mesmo busque em seu consciente a resposta para o que se está perguntando, e, automaticamente, pense no conteúdo disposto. Se o quadrinho ilustra um amanhã onde podemos ver ossos caminhando (aproximação com o fim), o aluno pensa inúmeras coisas que levam a ideia de que: se os ossos relembram o fim, e se o fim está no amanhã, atualmente devemos tomar as atitudes necessárias para mudar o amanhã, para que o mesmo não chegue no fim.

O principal responsável pela degradação ambiental causada no cerrado é a expansão agrícola, ou seja, as áreas do bioma (assim como de outros) vêm sendo destruídas, principalmente, para o uso de culturas agrícolas ou de pastagens bovinas. Desta forma, os animais, a vegetação e toda a riqueza presente no bioma passa a ser substituída por “paisagens” agrícolas visando meramente interesses políticos e econômicos.

Já o quadrinho da figura 7 também relata evidentemente o conteúdo a qual estamos trabalhando com os alunos da aula. As três monoculturas somadas são algumas das muitas outras formas de cultura que são utilizadas para avançar sobre a vegetação do cerrado, com o intuito de expandir ainda mais as grandes propriedades fundiárias e enriquecer determinados “senhores” da sociedade, muitas vezes de forma irregular, inadequada e fora da lei. A soma destes meios de cultivo e de outros leva de dia em dia ao que pode chegar ao fim deste bioma.

Porém, o cálculo é matemático e lógico, quanto mais culturas forem inseridas sobre o bioma, menos ele existirá. O cerrado já é o segundo bioma mais desmatado, ficando atrás apenas da Amazônia. A preocupação real, no entanto, está quando as campanhas de preservação, que são pouquíssimas e na verdade quase inexistentes no Cerrado.

Figura 7 - Tirinha Evandro Alves – “Matemática” do cerrado



Fonte: Evandro Alves (2014)

A busca na verdade deve se caminhar em um desenvolvimento sustentável, a utilização dos estudos e pesquisas já existentes quanto a manutenção dos habitats das espécies e às áreas de preservação criadas podem ajudar na orientação da inserção destas novas práticas agrícolas na região, para que as mesmas sejam feitas de maneira adequada possibilitando a manutenção e a existência do bioma, não prejudicando sua dinâmica ambiental e também possibilitando a aplicação dos investimentos econômicos para a agricultura nas áreas adequadas.

Bloco 3: Bioma Pantanal

Para o tema tratado nessa aula o objetivo é através da charge ilustrar o bioma do Pantanal. Mostrar para os alunos as dificuldades que o ecossistema vem enfrentando ultimamente devido as queimadas que aconteceram nos últimos anos. A aula foi elaborada em cima de uma charge que satiriza o momento atual que estamos enfrentando com o bioma do Pantanal, tendo uma duração de 15 minutos. Fazendo com que os alunos entendam e compreendam como é importante a preservação deste bioma para o ecossistema como um todo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), o Pantanal ocupa cerca de 2% do território brasileiro, e é composto por uma savana estépica alagada. O bioma está presente em dois estados brasileiros sendo eles Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O clima da região é quente e úmido, com altos índices de chuvas.

Figura 8 - Charge do Dum Ilustrações sobre as queimadas na Amazônia.



Autor: Dum ilustrações, 2020.

Bloco 4: Bioma Mata Atlântica

A mata atlântica é um dos biomas mais conhecidos do Brasil e, particularmente em Londrina-PR, onde foram aplicadas as aulas. Nesta cidade, falar da mata atlântica é algo “fácil” para os professores, pois existem algumas áreas de proteção ambiental que preservaram parte da vegetação originária do município. Locais como o Lago Igapó, o Jardim Botânico, o Parque Arthur Thomas, entre outros, foram criados com o intuito de lembrar a natureza originária da região de Londrina.

A mata atlântica originalmente cobria uma área de 1.315.460 km², e partia da região litorânea do Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul, em sua totalidade a região abrange 17 estados brasileiros e chegava ao Paraguai e Argentina.

Desde a época da colonização do Brasil, com a chegada dos portugueses, a mata atlântica vem sendo desmatada para a inserção da “civilização” e do desenvolvimento do Brasil, sendo assim, de toda essa extensão a mata atlântica atualmente conta com apenas 12,4% de sua vegetação original, fato este decorrente de mais de 500 anos de exploração.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Atualmente, segundo dados do IBGE (2014), cerca de 70% da população brasileira reside no que tange à área da mata atlântica, grandes centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Curitiba e outros, foram instalados na área de cobertura da mata atlântica. Estima-se que no bioma, aproximadamente 93% da floresta foi totalmente destruída ou severamente alterada. O que podemos ver atualmente da mata atlântica são regiões de proteção e áreas remanescentes.

Algo que é diferente da Mata Atlântica, atualmente, são suas intensas campanhas de preservação, nos últimos 40 anos, por exemplo, foram criadas 600 áreas de preservação na região do bioma. Em 1988, até mesmo a constituição federal brasileira reconheceu a mata atlântica como um patrimônio nacional. Mais tarde, no ano de 2006, foi criada a Lei da Mata Atlântica (11.428/2006), que regulamenta a proteção e o uso da floresta. Atualmente, temos no Brasil uma ONG de proteção direcionada especificamente para a mata atlântica chamada SOS Mata Atlântica, é uma das principais redes de proteção da mata no Brasil.

Infelizmente, não podemos nos focar apenas nas características positivas desta proteção, afinal a mata atlântica só tem todo este potencial de preservação devido a intensa exploração que a mesma sofreu desde o início da colonização do Brasil. Como já mencionado acima, restam apenas 12,4% da vegetação em todo o território brasileiro, ou seja, os órgãos competentes demoraram muito tempo para tomarem as medidas adequadas de preservação da mata e começarem a dar a atenção adequada ao problema.

Atualmente, mesmo com muitas iniciativas de conservação, a mata atlântica ainda precisa de atenção especial por parte das mais variadas entidades, pois apenas as ações que já foram tomadas não são suficientes para a preservação de sua biodiversidade e manutenção do bioma e das espécies que lá habitam.

Assim como em outros biomas, a expansão agrícola foi uma das grandes causadoras de todo o impacto realizado sobre a mata atlântica desde a colonização do Brasil. Mostrar aos alunos esta realidade é fundamental para a compreensão e absorção do conteúdo, afinal, em nosso país são apenas apresentadas as facetas positivas do agronegócio nas mídias e não também o lado negativo da atividade. Se a exploração e colonização do Brasil fosse realizada de maneira controlada, estudada e planejada, talvez não estaríamos atualmente com inúmeros problemas ambientais

e no caso da mata atlântica, não estivéssemos à beira de seu fim.

O quadrinho apresentado a seguir faz com que possamos transmitir aos alunos o conceito chave da preservação e explicar como a exploração da floresta teve início e “justificativa” (Figura 9). Um pequeno grupo de homens de negócios olha para a floresta e diz que ela invadiu o território deles. A posição dos mesmos na praia também indica a chegada deles ao território (colonização), e obviamente todos sabemos que a floresta chegou antes dos homens, ou seja, existe uma certa inversão dos papéis e dicotomia entre o que os homens estão falando e a realidade. Outro fato importante do quadrinho é que eles usam a “invasão” da floresta como culpada em atrapalhar o agronegócio. Temos outra inversão de papéis, sendo que na realidade, a expansão do agronegócio que destrói as florestas, principalmente de maneira desgovernada e irregular, como acontece no Brasil.

Figura 9 - Charge Dum Ilustrador – Colonização para o Agronegócio na Mata Atlântica



Fonte: Dum ilustrador (2020)

Controle, fiscalização e criação de novas áreas de preservação ainda são estratégias necessárias para a preservação do bioma, para que o mesmo não continue sofrendo com a exploração. A integração dos instrumentos públicos e privados de defesa da mata também é necessária na atualidade para uma melhor articulação de projetos que beneficiem ambos os lados, e é claro, consigam fazer com que a mata atlântica ainda se configure enquanto um dos biomas mais importantes do



Brasil e do mundo.

Infelizmente, é necessária intensa ação de preservação por parte do governo federal para que ocorra a real preservação da mata, não podemos nos dar ao luxo de explorar ainda mais a floresta e a destruí-la de maneira mais intensa. Foram mais de 500 anos de exploração e devastação desta tão valiosa floresta, 500 anos de exploração descontrolada e irregular fazendo com que praticamente a mesma chegasse à devastação total.

Bloco 5: Bioma Pampas

Ao falarmos de áreas de preservação, biomas e ecossistemas, automaticamente é formada em nossas mentes áreas e regiões arborizadas, com uma mata densa, lembrando de florestas, por exemplo. Ao contrário disto, os pampas são regiões nas quais as árvores ficam limitadas ao curso d'águas e espalhadas pelos relevos acidentados, todo o resto deste tão vasto bioma é composto por ervas: como gramíneas e outras plantas rasteiras que compõem um complexo ecossistema que se adaptou e formou grandes campos naturais.

Um fato curioso dos pampas é que dos seis biomas do Brasil, ele é o único que se estende em apenas um estado, popularmente é conhecido como pampas gaúchos, levando em seu nome a raiz da cultura do estado do Rio Grande do Sul. Os pampas gaúchos ocupam uma área de 178 mil Km² que representa 63% do tamanho do território do estado do Rio Grande do Sul, além disso, seu tamanho original chega a mais de 750 mil Km² ocupando o território completo do Uruguai, o centro-leste da Argentina e o sudeste do Paraguai.

Os pampas gaúchos foram reconhecidos como bioma no Brasil apenas no ano de 2004, passando assim a ser equiparado a Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga e Pantanal. Infelizmente, a colocação tardia deste ecossistema como bioma, fez com que os pampas passassem ao "título" de ser o bioma mais ameaçado, alterado e menos protegido do planeta, isto se dá em decorrência do bioma ser o mais propício para a instalação da espécie humana e sua região ser uma das mais favoráveis à produção agrícola. Desta forma, dado o seu reconhecimento, os pampas passaram também a fazer parte da agenda nacional ambiental, buscando à conservação e à manutenção desta região rica em natureza e cultura. Afinal, os pampas não são reconhecidos apenas por suas belas paisagens de vegetação rasa e campos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É impossível falar em pampas sem mencionar a figura do gaúcho, o bioma carrega consigo o aspecto natural, porém também seu papel sociocultural é muito forte. O povo gaúcho é praticamente enraizado nos pampas, sua tradição e cultura é histórica e permitiu que o povo que carrega consigo as marcas da região, atualmente seja conhecido até por fora de suas fronteiras. Juntamente com a tradição gaúcha, os pampas influenciam a cultura da região por sua vegetação, que colabora grandemente com a principal atividade econômica da região a séculos: a criação extensiva de gado. A região carrega consigo a tradição e a população gaúcha até mesmo dos dias de hoje valorizam essa cultura.

Recentemente, no ano de 2017, o escritor Jader Corrêa (2017) produziu um livro em quadrinhos que relata o processo de colonização da região dos Pampas, desde os colonizadores, a resistência dos povos tradicionais que lá residiam e sem sombra de dúvidas, as tradições do povo gaúcho e sua relação com os pampas, a vegetação em planícies sem fim e o comércio de gado são retratadas em muitas ilustrações ao decorrer da história (Figura 10).

Figura 10 - Parte do Quadrinho “A liga dos Pampas”



Fonte: Jader Corrêa (2017)

Uma das figuras dispostas nos quadrinhos foi utilizada na apresentação da aula. A imagem traz consigo a presença de homens que residem no campo e utilizam as pampas como fonte para sua sobrevivência. Após a apresentação da imagem é realizado o questionamento aos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

alunos sobre o que eles pensam em relação a imagem, aspectos como a vegetação e a atividade econômica devem ser levantados para transmitir ao aluno a importância da cultura gaúcha ao estudar este bioma.

Bloco 6: Bioma Caatinga

Para o tema tratado nessa aula, o objetivo é através da história em quadrinhos, ilustrar o bioma da Caatinga e mostrar para os alunos o ecossistema como um todo. Também será abordado os problemas que a Caatinga vem enfrentando ultimamente devido a ação antrópica do homem no bioma, mostrando como a caatinga ao longo dos anos perdeu a sua vegetação natural e está ocorrendo o processo de desertificação em seu solo. A aula foi elaborada em cima de uma história em quadrinhos que mostra o bioma brasileiro, tendo uma duração de 15 minutos e objetivo de fazer com que os alunos reflitam e compreendam como é importante a preservação deste bioma para o ecossistema como um todo (Figura 11).

Segundo o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), o bioma da Caatinga ocupa 11% do território brasileiro, passando por diversos estados brasileiros como Ceará, Alagoas, Bahia, Maranhão, Minas Gerais, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Tendo uma vegetação como solos rasos e pedregoso, árvores baixas com troncos ternuosos.

Figura 11 - Desenho em quadrinhos sobre a caatinga do Fernando Rebouças



Fonte: Fernando Rebouças, 2016.

Considerações Finais

Como conclusão do presente artigo, podemos observar que o ensino de Geografia juntamente com a utilização por meios didáticos das histórias em quadrinhos, charges e tirinhas pode ser uma importante ferramenta para a produção de conhecimento dos alunos juntamente com o do professor, ilustrando, mostrando e ensinando didaticamente a matéria através de uma aula mais dinâmica, fazendo o aluno aprender e refletir acerca da temática Biomas Brasileiros.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Com a elaboração das aulas e por meio da proposta abordada pelo artigo, podemos observar que o ensino, juntamente com as novas metodologias didáticas é algo muito vantajoso para os alunos, sendo uma fonte indispensável de ensino.

A utilização das charges, tirinhas e histórias em quadrinhos se mostraram recursos benéficos para o ensino, fazendo com que despertasse nos alunos vontade de aprender, e prestar atenção nas aulas.

Link das aulas apresentadas (Youtube):

Aula 01 – Bioma Amazônico

<https://www.youtube.com/watch?v=6TcH7tjIY9g>

Aula 02 – Bioma Cerrado

<https://youtu.be/QXrEiuT9L-o>

Aula 03: Bioma Pantanal

<https://www.youtube.com/watch?v=vLLAbH8xPAU>

Aula 04 – Bioma Mata Atlântica

<https://youtu.be/VmzfdwVNLNM>

Aula 05 – Bioma pampas

<https://youtu.be/Xyx4L4X9ThI>

Aula 06 – Bioma Caatinga

<https://www.youtube.com/watch?v=tI3zyczxKBA>

Referências

ALVES, Evandro. **Cerrado em quadrinhos: experiências e contribuições para o ensino de Geografia**. Belo Horizonte, 2015.

ASSMAN, Hugo. **Reencantar a educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 241p.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARVALHO, Jonatas; OLIVEIRA, Ivan. **O uso de quadrinhos e tirinhas na construção de matérias didáticos para o ensino a distância**. São Paulo. 2017.

CAVALCANTI, L. D. S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: A geografia e a realidade escolar contemporânea: Avanços, caminhos, alternativas: Universidade federal de Goiás. **Anais...** do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais, Belo Horizonte, p. 1-16, novembro 2010.

COUTINHO, Stéphanie. **A utilização das tirinhas no ensino de língua português: por um olhar mais atencioso ao texto**. São Paulo, 2019.

IBGEeduca. **Conheça o Brasil - Território – biomas brasileiros**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html>. Acesso em: 9 mar. 2021.

IBF. **Bioma Amazônico**. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-amazonico> Acesso em: 19 abri. 2021.

IBF. **Bioma Catinga**. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-caatinga> Acesso em: 19 abri. 2021.

IBF. **Bioma Pantanal**. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-pantanal> Acesso em: 19 abri. 2021.

JOST, Marlise; LAUER, Tatiane; HAETINGER, Werner; CRUZ, Marcia e Jochims Kniphoff da. **Histórias em quadrinhos como recurso didático pedagógico**. III Salão de Ensino e Extensão. Santa Cruz do Sul, p. 1-2. out. 2012.

LAVARDA, Tabatta C. F. da Silva. **Sugestões do uso de histórias em quadrinhos como recurso didático**. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, p. 1-1. jan. 2017.

MELO, K. C.; MEDEIROS, A. F. D.; SILVA, A. D. A. Uma linguagem alternativa no ensino escolar: as histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, n.1, v. 7, p. 260- 283.

SILVA, M.A.A; CAMPOS, R.A. **O uso das charges no ensino de Geografia**. Governo do Paraná. 2016

VARGAS, Suzana; MAGALHÃES, Luciane. **O gênero tirinhas: uma proposta de sequência didática**. Juiz de Fora, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso de HQs no ensino. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Ângela (Orgs.) **Como usar quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. **Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade**. Darandina Revista Eletrônica, 2017.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

AULAS DE CARTOGRAFIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alison Antonio Cera Botelho⁶⁷

José Antonio Roverato Candido⁶⁸

Resumo

O objetivo deste trabalho consiste em apresentar a história da cartografia e da cartografia tátil desde seus primórdios nas primeiras civilizações babilônicas até o ano de 2021 sobre o prisma da influência pela era digital aliada aos acontecimentos do período pandêmico que vivenciamos até o ano referido, obtendo como resultado um compendio de aulas virtuais que possam servir de apoio aos professores e alunos que busquem por esta temática.

Palavras-chave: Ensino; Cartografia; Digital; Tátil; Inclusão Social.

Introdução

Estamos passando por um momento bastante complicado em nosso país, onde não tivemos escolha a não ser o isolamento social, seguindo os protocolos de saúde e da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Dessa forma assim como os estudantes da universidade, todos os outros em escala de ensino fundamental e médio tiveram as mesmas medidas de isolamento. Com passar dos dias e ficando sem aula, foi montado uma logística para que voltasse as aulas da universidade de forma remota, pelo sistema de aulas síncronas e assíncronas. Foi então desse sistema montado que surgiu nosso tema, de integrar a cartografia ao sistema que possibilita seu uso e entendimento pelos meios viáveis de aulas remotas.

Os desafios atuais são na verdade o combustível do professor de Geografia, pois cabe justamente ao geógrafo analisar as mudanças socioespaciais de seu tempo amparado pelo contexto histórico e aplica-las de forma a compreender a realidade e traçar estratégias que possam suprir as novas demandas do pensamento geográfico. Através da cartografia, tentaremos estabelecer conexões entre a compreensão do espaço geográfico antes e durante o período de pandemia e suas perspectivas no pós pandemia sobretudo no que se refere ao impacto no processo de ensino e aprendizagem e como as tecnologias e redes de informações

⁶⁷Graduando do curso de geografia (UEL) – alison.botelho2012@gmail.com.

⁶⁸Graduando do curso de geografia (UEL) – jose_roverato@sercomtel.com.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

podem contribuir para redução no impacto entre a paralisação do ensino presencial com a adesão de aulas cem por cento virtuais.

Desta forma, montamos um plano de ação para levar esse conhecimento de cartografia sem que o aluno perca conteúdo, e assim colaborando para as medidas sanitárias de combate ao vírus.

Com plano de ação pronto, optamos por gravação de vídeo aula que foi disponibilizado pela plataforma Youtube, além da elaboração dos slides para essas gravações, facilitando o entendimento e disponibilizando posterior para os alunos.

História da Cartografia

Nossa primeira aula, começamos trazendo uma abordagem para os alunos, sobre como surgiu os primeiros mapas e os primeiros cientistas que ajudaram a descrever essa história ao longo dos anos com suas descobertas. Trazendo de forma simples para o conhecimento e ao mesmo tempo, tentando aprofundar um pouco mais os níveis de estudos. Além disto, tentamos trazer exemplificação para facilitar o entendimento dos alunos, principalmente por se tratar de mapas onde traz uma série de riquezas de detalhes.

Dessa forma elaboramos os planos de aula para que tenhamos um caminho facilitador para nos professores. Modelo abaixo Plano de aula 1.

Plano de Aula 1
Aula 1: História da Cartografia Duração: 12 min Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre a cartografia e seu surgimento. Para isto foi organizada uma aula no <u>power point</u>, sobre a história da cartografia mostrando aos alunos o surgimento, primeiros mapas entre outros contextos históricos. Como forma de síntese-avaliação, foi pedida elaboração de um resumo simples do entendimento da aula. Referências/Bibliografia https://www.infoescola.com/cartografia/historia-da-cartografia/#:~:text=Podemos%20dizer%20que%20a%20cartografia,lado%20setentrional%20da%20regi%C3%A3o%20mesopot%C3%A2mica.

Após o plano de aula 01 finalizado, demos continuidade e partimos para a elaboração do primeiro vídeo. Nesse primeiro vídeo como descrito inicialmente pelo plano de aula, vamos abordar a história da cartografia, trazendo imagens de mapa para exemplificar e descrevendo para o aluno os conceitos que pode ser extraído desses mapas, além de explicar para dar entendimento de como surgiu até hoje, o quanto tivemos de evolução, mas ao mesmo tempo esses mapas antigos acabam mostrando muita coisa pela época em que foram criados.

Figura 3- Mapa de Ga-Sur



Fonte: Wikipédia, 2020

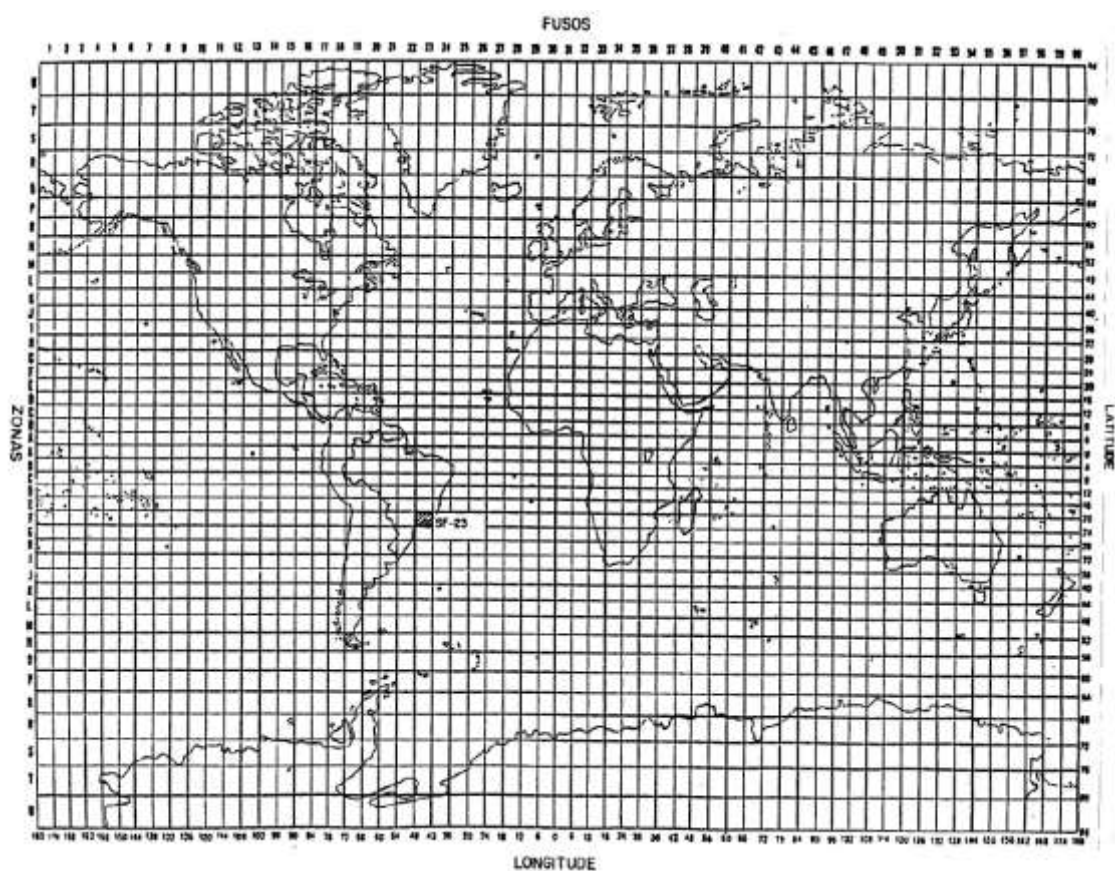


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Esse mapa de Ga-Sur, é o primeiro vestígio de mapa que temos conhecimentos até os dias de hoje, se deparar com a época em que foi criado, pra eles tinha uma ordem que hoje podemos notar nos nossos mapas, como escala, legendas entre outros aspectos que compõem os mapas.

Figura 2 – Carta internacional ao milionésimo



Fonte: IBGE, 1998

Finalizamos essa aula mostrando a carta internacional ao milionésimo, descrevendo que o começo onde um mapa feito de argila cozida estava iniciando o que hoje avançamos até a carta ao milionésimo, que utilizamos até os dias de hoje para muitas programações e trabalhos baseados nessa carta, nada disso seria possível se não tivesse toda essa história até o presente momento.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Link da aula: <https://youtu.be/HIoSTRXQERC>

Tipos de Mapas

Na nossa segunda aula, abordamos o tema dos tipos mais utilizados de mapas, trouxemos os mapas, sistemáticos e temáticos.

Plano de Aula 2
Aula 2: Tipos de Mapas Duração: 10 min Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre os tipos de mapas (Sistemática e Temática). Para isto foi organizada uma aula no <u>power point</u>, sobre alguns tipos de mapa sistemática e temática. Como forma de síntese-avaliação, foi pedida elaboração de algum mapa com um breve resumo do que se trata o mapa escolhido. Referências/Bibliografia https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem-play/tipos-de-mapa-os-diferentes-aspectos-retratados-pela-cartografia/.

Nos mapas do tipo sistemáticos abordamos os topográficos ou físicos, descrevendo sobre suas principais características para que os alunos possam assimilar e/ou comparar com os de características temáticas. No quesito de temática abordamos os que mais utilizamos no dia a dia como exemplo Anamórficos, topográficos que nesse caso abordamos sobre a temática de cores presente no mapa, político e econômico. Como descrito para os alunos, esse ramo da cartografia a temática, eles têm muitos tipos de mapas, pois é feito conforme a necessidade e não como no quesito dos sistemáticos.

Figura 3 – Mapa topográfico de Itu-SP

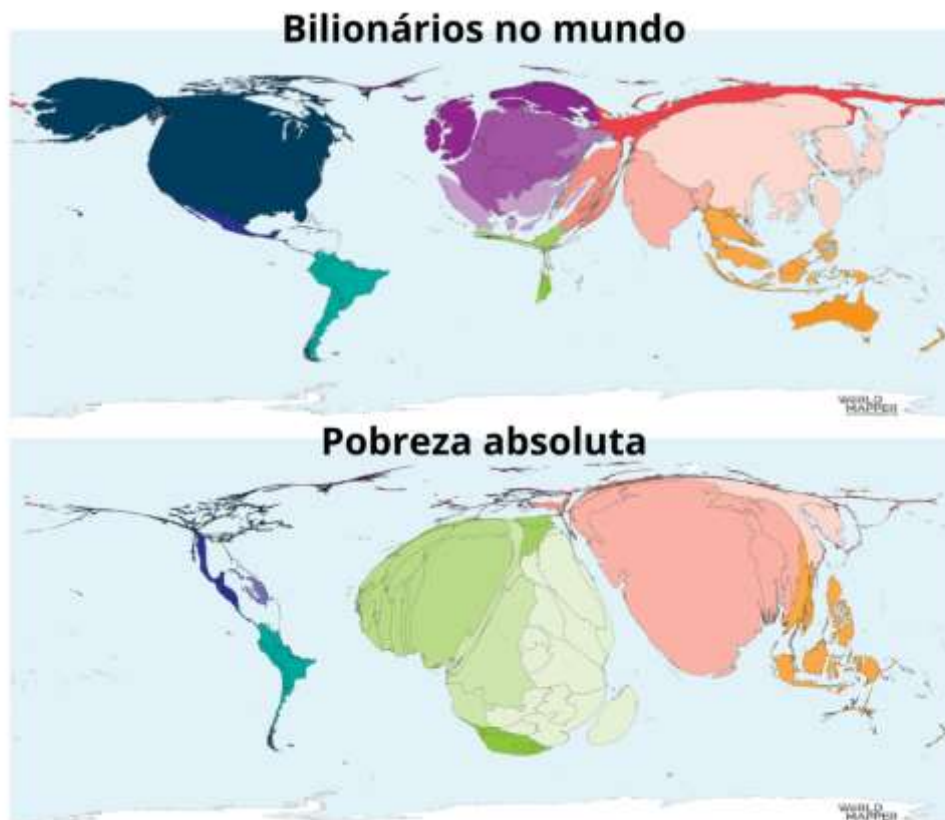


Fonte: IBGE, 1973

Apresentamos esse mapa topográfico de Itu-Sp, descrevendo para os alunos sobre o porquê do tipo sistemático, suas principais utilizações, mostrando imagem para facilitar o entendimento visto que as aulas são remotas.

Na imagem dos mapas temáticos pegamos os mais utilizados, descrevendo as suas características e utilizações, além de abordar e ressaltar que os mesmos, possui outros tipos e foram escolhidos apenas os que mais utilizamos ao longo da faculdade.

Figura 4 – Mapa Anamórfico



Fonte: Worldmappe, 2018

Desse mapa temático, explicamos sobre as formas que a temática escolhida queria demonstrar como mencionado, eles são feitos para tipos de trabalhos e utilizações específicas.

Link da aula: <https://youtu.be/yCNu5CC2688>

Softwares e aplicativos voltados para uso da cartografia em tempos de era digital

Na nossa terceira aula, foi sobre um tema que interliga da nossa primeira aula com o tema de história, abordando até utilização de softwares e aplicativos, uma vez que estamos em momento de pandemia e isolamento social, com o tema dessa aula, e possível o aluno vivenciar uma experiência fora da sala de aula ou melhor, fora do ambiente de aula virtual.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Plano de Aula 3

Aula 3:

Softwares e aplicativos voltados para o uso da cartografia em tempos de era digital

Duração: 15 min

Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre algumas ferramentas digitais que dá pra se utilizar para a cartografia. Para isto foi organizada uma aula no power point, sobre os sites e softwares que podemos utilizar na cartografia, muitos desses são simples e gratuitos.

Como forma de síntese-avaliação, foi pedida elaboração de um exemplo que eles coletarem em algum dos softwares ou aplicativos e explicar os detalhes que escolheu aquele software ou app e porque a escolha daquele exemplo.

Referências/Bibliografia

<https://www.geoaplicada.com/softwares-para-criar-mapas-tematicos/>

Nessa aula trouxemos de forma dinâmica para os alunos buscar em casa e conseguir utilizar alguma das aplicações expostas na aula. Muitos desses softwares podemos acessar via navegador de internet ou celulares que não necessitam de tanto desempenho, e para a maioria dos alunos, eles demandam de uma facilidade maior no manuseio desses meios de comunicação e dessa forma podemos alcançar também na cartografia. Dividimos essa aula em duas partes, trazendo a aplicação em software como Google maps, Openstreetmap entre outros que abordamos ao longo da aula e nos aplicativos demonstramos a precisão da bússola em aplicativo comparada com a bússola analógica e outros aplicativos como o C7 gps dados, além disso, trouxemos todos os softwares com exceção do arcgis, que esse é versão paga, o restante todos são oferecidos de forma gratuita para acesso de todos, facilitando a utilização.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

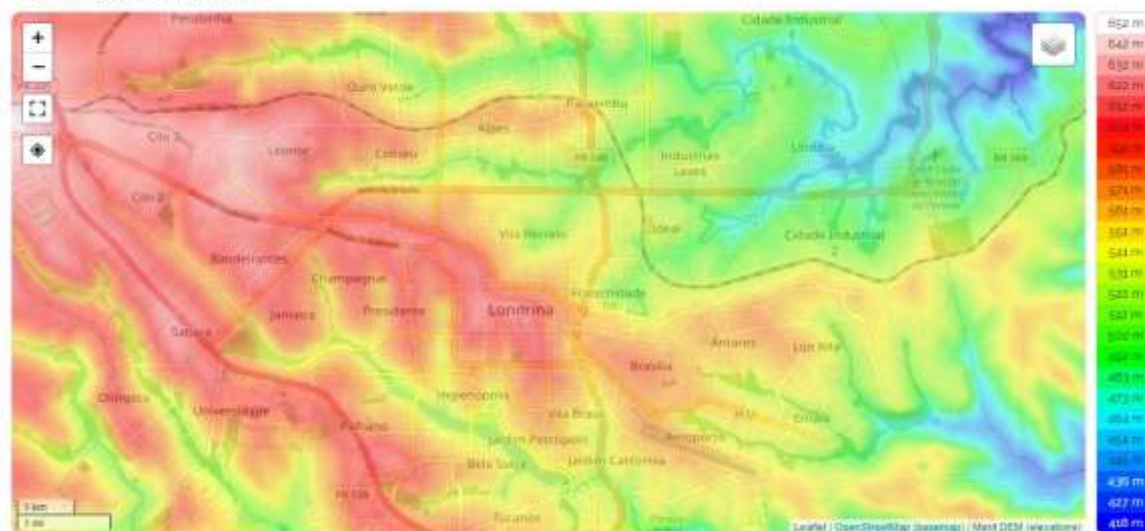
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 5 – Software Topographic Map

Londrina

Mapas topográficos > Brasil > Paraná > Londrina > Londrina

Clique no mapa para exibir a altitude



Londrina, Microrregião Londrina, Mesorregião Norte Central Paranaense, Paraná, Região Sul, Brasil (-23.31129, -51.15050)

Fonte: TopographicMap, 2020

Link da aula: <https://youtu.be/IqMd3TxmVIk>

Cartografia Tátil

A cartografia tátil é um ramo específico da Cartografia, que se ocupa da confecção de mapas e outros produtos cartográficos que possam ser lidos por pessoas cegas ou com baixa visão. Partindo deste ponto, a primeira aula teve foco na introdução sobre o que é a cartografia tátil? Qual o foco da cartografia tátil? Que tipo de recursos a cartografia tátil apresenta e onde podem ser aplicados a partir do processo de ensino e aprendizagem para pessoas portadoras de algum tipo de deficiência visual? Além disso, foi proposta uma reflexão sobre as atuais condições das estruturas urbanas do cotidiano dos alunos se estas estariam de fato adequadas para acessibilidade dos deficientes visuais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Plano de Aula 1

Aula 1:

Cartografia Tátil

Duração: 13 minutos

Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre a cartografia tátil e seu surgimento. Para isto foi organizada uma aula expositiva, através do power point, sobre a importância da cartografia tátil como recurso de inclusão social para portadores de deficiências visuais.

Como forma de avaliação, foi solicitado um resumo de no máximo uma página sobre o conteúdo apresentado e discutido.

Referências/Bibliografia

<https://catografiadigitalu.wixsite.com/cartografiatatilufsj/about>

Segundo Loch (2008) “A cartografia tátil é um ramo específico da Cartografia, que se ocupa da confecção de mapas e outros produtos cartográficos que possam ser lidos por pessoas cegas ou com baixa visão”. Trata-se de um processo de inclusão social voltado para pessoas com deficiência visual seja ela parcial ou total, com este recurso é possível empreender um ensino de melhor qualidade de modo a possibilitar a compreensão da realidade de uma forma mais aplicada e abrangente, pois desta forma, o portador de deficiências visuais tem elementos mais concretos para a construção de imagens mentais que facilitam o aprendizado e trazem os mesmos para mais próximos da realidade. Não somente no âmbito escolar, os mapas táteis ainda são extremamente úteis na questão da mobilidade em locais de grande circulação como evidencia a autora a seguir



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os mapas e gráficos táteis tanto podem funcionar como recursos educativos, como facilitadores de mobilidade em edifícios públicos de grande circulação, como nos terminais rodoviários, metroviários, aeroviários, nos shopping centers, nos campi universitários, e também em centros urbanos. De qualquer forma, em ambos os casos, os produtos da cartografia tátil podem ser enquadrados como recursos da tecnologia assistiva, considerados assim por auxiliarem a promover a independência de mobilidade e ampliar a capacidade intelectual de pessoas cegas ou com baixa visão. (LOCH, 2008, p. 57).

Assim, é possível notar que muito além do processo de ensino em sala de aula, os mapas táteis são de grande importância e necessidade também no que se refere à mobilidade urbana, podendo ser utilizados como diferencial em estabelecimentos que recebem como parte de seus frequentadores, pessoas portadoras de deficiências visuais.

De fato, compreendemos como sendo de suma importância levar cada vez mais os alunos ao contato com questões sociais como a inclusão daqueles que possuem algum tipo de deficiência que dificulte seu aprendizado. E Inclusão aqui, significa promover toda e qualquer condição que favoreça e possibilite o aprendizado independente das deficiências que os alunos possuem. Tal prática está diretamente condicionada ao tipo de espaço que a sociedade produz, e aqui é importante analisar se o tipo de espaço produzido é de fato receptivo a todos os indivíduos sem quaisquer tipos de exclusões, e para que seja possível eliminar os fatores que de exclusão social, faz-se necessário um conjunto de ações políticas que atinjam os diversos níveis da sociedade tal qual nos afirma a seguir Jordão et al sobre tal questão

Sendo uma ação política, cultural social e pedagógica, a inclusão desencadeia ações de diversos níveis e força uma postura diferenciada a todos os setores da sociedade. Ao reconhecer as dificuldades enfrentadas pelo processo do estabelecimento de padrões de mapas táteis evidenciou-se a necessidade de confrontar as políticas com as práticas adotadas e desta forma estimular a busca e a criação de alternativas para complementar, e até algumas vezes superar, a lógica da exclusão ou da simples permanência do usuário com deficiência nos espaços públicos.

A procura por uma resposta mais adequada à adaptação dos recursos didáticos para pessoas com deficiência é constante. Devemos nos permitir ajustes a cada instante, ações de acordo com as realidades e as necessidades, e que por sua vez, também se transformam constantemente. (JORDÃO; SENA; CATELLI, 2015, p. 3439, 3440).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Assim, uma ação política, cultural, social e pedagógica tal qual referenciam os autores supracitados, que se iniciam no ambiente escolar tendem, através da sensibilização e orientação dos e para os alunos, a gerar uma sequência de ações que adentrem as esferas sociais num evento em cadeia e influenciador, que possibilitem melhorias tanto no que tange a própria infraestrutura da cidade, quanto comportamental de seus habitantes, promovendo condições mais humanas e igualitárias.

Colocar os alunos em contato direto com as questões sociais significa exercer a cidadania enquanto o professor, no pleno exercício de sua função, e, ao mesmo tempo em que o professor exerce sua cidadania dentro de sua profissão e fora dela, também permite aos seus alunos seguir pelo mesmo caminho através da compreensão dos direitos e deveres sendo que, compreendem sua zona de influência/atuação dentro da realidade em que se encontram, compreendem os motivos e processos históricos que levaram ou ainda levam a tal situação, e a partir do momento em que se compreende as causas dos problemas, torna-se menos dificultoso agir para saná-los ou atenuá-los.

Particularmente, entendemos que dificilmente se conscientiza um indivíduo, visto que este provavelmente terá a consciência do certo ou errado, de quando seu direito invade o direito do próximo, mas mesmo assim por falta de sensibilidade acaba não agindo para um bom convívio em sociedade visando o bem-estar de todos, justamente por isso, entendemos que o professor precisa sempre persistir na sensibilização de seus alunos através da exposição da realidade em que se encontram para que assim os objetivos de formar cidadãos que promovam uma sociedade mais justa e igualitária de fato sejam alcançados.

Link da aula: https://youtu.be/zcl6teQ_nQ0

Primórdios da Cartografia Tátil

Em nossa segunda aula, abordamos os fatos históricos do surgimento da cartografia tátil partindo da criação do método Braille em meados do século XIX pelo professor Louis Braille na França. O conteúdo em questão foi baseado na biografia do professor Braille partindo de sua rotina ainda na infância, passando pelos fatos que o obrigaram a buscar por uma instituição de ensino voltada para estudantes com deficiência visual e deste modo, os personagens que foram



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

fundamentais para que posteriormente influenciassem Louis Braille a desenvolver um método de leitura e escrita voltada para deficientes visuais que revolucionaria o modo como estes pudessem acessar informações atravessando quase dois séculos de fundamental importância em todo o planeta.

Plano de Aula 2

Aula 2:

Primórdios da Cartografia Tátil

Duração: 12 minutos

Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre as origens da cartografia tátil destacando a história da criação do método Braille, bem como, de seu criador. Para isto foi organizada uma aula expositiva, através do power point, sobre o surgimento do método Braille destacando seu criador, período histórico e os principais fatos que levaram à criação do método e também da chegada deste recurso no Brasil.

Como forma de avaliação, foi solicitado um resumo de no máximo uma página sobre o conteúdo apresentado e discutido.

Referências/Bibliografia

<http://www.ibc.gov.br/fique-por-dentro/339-quem-foi-louis-braille#:~:text=Louis%20Braille%20nasceu%20em%204,cerca%20de%2045km%20de%20Paris.&text=Aos%2010%20anos%2C%20ele%20conseguiu,escola%20para%20cegos%20do%20mundo.>

Em 1825 o professor francês Louis Braille criou um sistema de escrita destinado a pessoas com algum tipo de deficiência visual. Tal sistema denomina-se sistema Braille em função de seu criador.

Seu pai, Simon-René Braille era fabricante de arreios e selas. Logo o pequeno Louis Braille se interessou pelo ofício do pai e o acompanhava no trabalho. Numa tarde, pouco depois de completar 3 anos, o menino começou a brincar na selaria do pai, cortando pequenas tiras de couro. De repente, uma soveira, instrumento usado para perfurar o couro, escapou-lhe da mão e a tingiu o seu olho esquerdo. O resultado foi uma infecção que, seis meses depois, afetaria também o olho direito. Aos 5 anos, o garoto estava completamente cego. Tal fato não o impediu de frequentar a escola e que por ter sido aluno de notável intelecto, ganhou uma bolsa de estudos no Instituto Nacional para Jovens Cegos em Paris, fundado por Valentin Haüy (1745-1822). Haüy introduziu um sistema especial de alfabetização, no qual letras de fôrma impressas em relevo, em papelão, eram reconhecidas pelos contornos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Apesar da influência do método de Haüy ter sido o ponto de partida para Braille, foi em 1821, com 12 anos de idade, que conheceu o método desenvolvido por Charles Barbier e que seria inspiração do método que viria a desenvolver.

Nicolas-Charles-Marie Barbier de la Serre (Valenciennes, 18 de maio de 1767 — Paris, 29 de abril de 1841) foi um capitão no Exército Francês durante o início do século XIX. O método de Barbier consistia em códigos de pontos e traços em relevo, o objetivo inicial era para enviar ordens codificadas para militares em postos avançados de combate e reconhecimento, mas foi rejeitado pela complexidade.

Braille percebeu as limitações do método de Barbier e pôs-se a aperfeiçoá-lo e assim, em 1824 seu método já estava pronto. Primeiro eliminou os traços e em seguida criou uma célula com seis pontos divididos em duas colunas de três pontos cada. No método de Barbier cada célula possuía 12 pontos divididos em duas colunas de seis pontos cada. Braille reduziu cada célula para 6 pontos divididos em duas colunas com três pontos cada.

Figura 7 – Método Barbier com 12 pontos



Fonte: Carbono 14

Figura 8 – Método Braille com 6 pontos



Fonte: COC

O braille é empregado por extenso, isto é, escrevendo-se a palavra, letra por letra, ou de forma abreviada, adotando-se código especiais de abreviaturas para cada língua ou grupo linguístico. O braille é lido passando-se a ponta dos dedos sobre os sinais de relevo.

- O braille por extenso é denominado grau 1.
- O grau 2 é a forma abreviada.
- O grau 3, que necessita de um conhecimento profundo da língua, uma boa memória e uma sensibilidade tátil muito desenvolvida por parte do leitor, é uma série de abreviaturas mais complexas.

No Brasil, o método começou a ser adotado em 1856 por meio de José Álvares de Azevedo, que aprendeu a técnica ainda criança e se dedicou a disseminá-la, com apoio do Imperial Instituto de Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro. O dia mundial do Braille é celebrado em 4 de janeiro (dia do nascimento de seu idealizador Louis Braille).

Cartografia tátil no ensino regular

A cartografia tátil no processo de ensino permite ao aluno que não dependa deste tipo de recurso de ensino, compreender as questões sociais, as dificuldades e desafios como um todo, que envolvem outros indivíduos que possuam tais necessidades, ao mesmo tempo em que obviamente, permite ao aluno com algum tipo de deficiência visual participar ativamente do



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ensino regular assimilando de forma adequada os conteúdos didáticos trabalhados em sala de aula. Mas, não somente no que se refere ao ensino acadêmico, é também uma ferramenta fundamental na melhoria da qualidade de vida onde a cartografia tátil colabora com o desenvolvimento da mobilidade urbana.

Para o âmbito escolar, dentre uma vasta lista de opções possíveis, destacamos apenas como exemplo, conteúdos nesta temática já ministrados com alunos do ensino fundamental na forma de oficinas pedagógicas antes do início do período pandêmico e que, embora fuja da realidade vivida pelo ensino através de aulas virtuais (EaD) no cenário atual, julgamos como um acréscimo positivo compartilhar com o leitor tal experiência vivida.

Tendo em consideração que no exemplo a seguir, nenhum estudante possuía limitações visuais que comprometessem o aprendizado neste viés, o objetivo consistiu em inserir cada estudante no cenário da cartografia tátil demonstrando as dificuldades dos aprendizes, da confecção de materiais adequados como livros em braile e ainda, da importância da cartografia tátil para o dia a dia nas cidades modernas.

Para isto, foi utilizado recursos da Cartografia Tátil para elaboração de mapas em alto relevo de modo a permitir ao estudante com deficiência visual, perceber as formas e contornos das cinco regiões brasileiras bem como do contorno do mapa do Brasil. Para a elaboração dos mapas táteis em sala de aula como parte fundamental do processo do estágio de Observação foram utilizadas folhas no formato A4 com a impressão do contorno do território brasileiro com as subdivisões de suas cinco regiões sendo elas: Região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A outra parte do material didático consistiu em papéis de trabalhos escolares de diferentes texturas, como por exemplo, papel ondulado, papel laminado, papel glitter, EVA plush atalhado, algodão, cola e tesoura.

Os alunos foram separados em grupos, tendo cada grupo recebido uma folha A4 com a impressão do mapa político do Brasil subdividido conforme suas cinco regiões políticas (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) e na sequência receberam cada grupo os demais materiais didáticos referentes à dinâmica proposta para o mapa tátil. Em seguida os alunos receberam as orientações para execução da atividade proposta que consistia da seguinte maneira; a) cada região brasileira deveria ser preenchida com um tipo diferente de material, independentemente de qual textura escolhessem para cada região, a regra foi de não repetir o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mesmo material para regiões distintas, por exemplo, se o papel ondulado fosse escolhido para representar a Região Norte, este material não poderia mais ser usado para representar outras regiões no mesmo mapa do grupo em questão; b) o material escolhido para representar determinada região deveria ser recortado em um único fragmento no formato da região e em seguida colado sobre a delimitação da mesma; c) em seguida criar uma legenda na mesma folha do mapa destacando as regiões cada qual com um quadrado onde foi colado o respectivo material utilizado para representar a região. Exemplo: se a Região Sul tivesse sido preenchida com algodão, sua respectiva legenda traria o mesmo material para representar o Sul do Brasil.

Em seguida foi realizada uma explanação com os alunos sobre a atividade onde explicou-se que os alunos com deficiências visuais se utilizam de outros recursos para absorção e apreensão do conhecimento, principalmente recursos que tangem os sentidos da audição e do tato. Além disso, foi realizada uma síntese muito breve sobre a questão social da atividade proposta, de como ela poderia auxiliar os deficientes visuais não só no aprendizado de conteúdo, mas também, foi discutido a questão de informações táteis no contexto das cidades principalmente na questão da mobilidade, com mapas indicativos em locais públicos, calçadas com guias em alto relevo que permitam ao deficiente visual prosseguir em segurança enquanto pedestre por calçadas sem se desviar de seu percurso.

Figura 9 – Mapa tátil elaborado na oficina pedagógica, ensino fundamental



Fonte: BOTELHO, A. A. C., 2019



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“*A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA*”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Conforme ilustrado na figura 9, destacamos alguns exemplos práticos da atividade pedagógica desenvolvida com os alunos do ensino fundamental. Como já relatado anteriormente o objetivo foi levar os alunos ainda que brevemente, às práticas sociais de inclusão, neste caso, para a inclusão de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência visual. A textura distinta de cada região permite pelo tato distinguir as formas ou contornos de cada região, porém mais do que isso, foi possível fazê-los perceber de modo prático uma das inúmeras atividades que permeiam a questão da inclusão social no ensino público, embora as turmas visitadas não possuíssem alunos com algum tipo de deficiência visual, foi nítida a percepção do empenho na elaboração dos mapas táteis e no que tange as práticas sociais favorecendo aqueles que possuem algum tipo de deficiência. A atividade permitiu reflexões que foram além do proposto, envolvendo a preocupação dos alunos com uma série de outras questões quanto a mobilidade urbana e demais práticas de ensino para portadores das mais distintas formas de deficiências.

Link da aula: <https://youtu.be/vv8wBTQv3mw>

Cartografia Tátil na Mobilidade Urbana

Em nossa terceira aula, o conteúdo apresentado expôs a realidade enfrentada por pessoas com deficiência visual além do âmbito escolar, evidenciando as dificuldades existentes para locomoção no transporte público, acesso às informações tanto em locais públicos como em privados, das condições de ruas e calçadas considerando o deslocamento a pé. E ainda, dos tipos de recursos que podem, e devem, serem empregados para garantir o direito constitucional de ir e vir. Além disso, houve também uma breve explicação sobre normas e leis existentes como forma de padronizar a aplicação correta destes recursos evitando sua inviabilização pelo mau uso.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Plano de Aula 3

Aula 3:

Cartografia Tátil na Mobilidade Urbana

Duração: 14 minutos

Esta aula teve por objetivo ou missão trazer conhecimento aos alunos sobre a cartografia tátil e sua contribuição na mobilidade urbana para deficientes visuais. Para isto foi organizada uma aula expositiva, através do power point, sobre a importância da cartografia tátil como recurso de inclusão social para portadores de deficiências visuais observando a estrutura urbana existente e analisando suas condições, se satisfatórias ou não, para a acessibilidade do deficiente visual.

Como forma de avaliação, foi solicitado um resumo de no máximo uma página sobre o conteúdo apresentado e discutido.

Referências/Bibliografia

<https://ocp.news/entretenimento/piso-tatil-estamos-fazendo-nossas-calcadas-direito>

Os recursos da cartografia tátil ajudam a promover maior independência de pessoas com algum tipo de deficiência visual em seu deslocamento no espaço urbano, facilitando seu acesso em locais públicos, ou seja, garantir seu direito constitucional de ir e vir. Podem ser empregados em qualquer âmbito que promova a mobilidade como em vias de pedestres, sinais de trânsito, placas informativas, além de estabelecimentos privados como bancos, supermercados, shoppings dentre outros.

Os sinais sonoros possuem dispositivos que emitem sons, vibrações e estímulos visuais. Eles transmitem orientações e advertências para auxiliar os pedestres que possuem alguma deficiência a se locomoverem com segurança.

Figura 10 – Semáforos com alerta sonoro



Fonte: Agência Belém

A sinalização tátil abrange por exemplo, placas, cardápios, etiquetas de supermercado, embalagens dentre outros, escritos em Braille.

O piso tátil tem a função de direcionar o pedestre de forma segura dentro do ambiente urbano, sendo adotado também por algumas instituições como bancos, shoppings etc.

O piso tátil direcional, caracterizado por linhas verticais paralelas umas as outras em alto relevo, responsável por indicar o caminho a ser seguido, como uma trilha, ajudando o usuário a manter-se em linha reta durante o trajeto.

O piso tátil de alerta: formado por círculos em alto relevo, responsável por alertar o usuário sobre algum desnível, obstáculo, mudança de direção ou entrada para algum estabelecimento.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 11 – Piso tátil direcional



Fonte: Piso Tátil Elastim

Figura 12 – Piso tátil de alerta



Fonte: Piso Tátil Elastim

Contudo é necessário observar que o emprego destes recursos requer atenção máxima para que seus efeitos não sejam opostos ao objetivo para o qual foram criados que é de promover a mobilidade, isto porque existem inúmeros casos de pisos construídos incorretamente, fora dos padrões propostos conforme normas da ABNT que geram perigo iminente à integridade física de seus usuários. Trata-se de faixas em alto relevo instaladas em meio a obstáculos como postes, árvores, telefones públicos, além de erros de projeto e falta de manutenção preventiva regular.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 13 – Piso tátil irregular



Fonte: Urece Esporte e Cultura para Cegos

Figura 14 – Piso tátil irregular



Fonte: OCP News



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 15 – Piso tátil irregular



Fonte: Mobilize

Conforme norma ABNT NBR 16537/2016, os padrões de instalação devem ser seguidos rigorosamente para evitar falhas que ocasionem acidentes aos usuários das guias em alto relevo, estas normas apresentam em detalhes medidas a serem empregadas nos mais variados casos, levando em consideração obstáculos a serem evitados, possibilitando a circulação de forma segura e eficaz.

Link da aula: <https://youtu.be/3SCaGAdUB6w>

Considerações Finais

A história revela que desde seus primórdios a humanidade necessita da representação gráfica para expor e registrar seu envolvimento com o espaço em que habita. Os sítios arqueológicos encontrados por todos os continentes nos apresentam com a arte primitiva em pinturas rupestres em paredes de rochas. Diários milenares que contam parte dos hábitos e costumes de grupos do período paleolítico.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A cartografia foi fundamental no período das grandes navegações, pois mais do que uma ferramenta de orientação e localização, os mapas se transformaram num recurso importante para a expansão das civilizações, sobretudo, no desenvolvimento do poder, na articulação das estratégias militares para conquista de novos territórios e povos.

O que devemos compreender sobre a cartografia é o fato de que nela não reside neutralidade alguma, todo mapa carrega um objetivo, um interesse, um conceito que está diretamente ligado ao poder, quer seja pelo viés político, econômico ou mesmo pessoal, o destino está sempre em estabelecer uma representação adaptada da realidade para definir estratégias de ação sobre determinada área, para conquista-la, explora-la.

Com relação aos tempos atuais, percebemos que outrora os mapas e demais recursos cartográficos possuíam uma linguagem mais artística, não que a sua utilização fosse meramente artística, mas a evolução das tecnologias de sensoriamento do espaço geográfico e o desenvolvimento de novos sistemas de rede de informações fizeram dos mapas uma ferramenta muito mais técnica e precisa, muito em função da maior compreensão da importância das escalas para o cálculo de distância entre dois pontos por exemplo.

A cartografia tátil deriva deste mesmo cenário de evolução do conhecimento do espaço geográfico através da representação gráfica, porém destinada à parcela da sociedade que possua deficiências visuais que impossibilitem o acesso ao conhecimento pelo sentido da visão, tendo como receptores fundamentais o tato e a audição, e a necessidade de modelar a forma como é representada a linguagem cartográfica para o ensino e aprendizagem, acaba por gerar também novas ferramentas facilitadoras de mobilidade, que exportam seus conceitos e ideias para além do ambiente acadêmico, favorecendo também aqueles que sequer estão presentes nas instituições de formação do conhecimento científico.

Tanto a cartografia quanto a cartografia tátil, estão intrinsecamente ligadas ao dia a dia da sociedade atual, seja no motorista que se utiliza do celular com aplicativos de mapas interativos que pelo georreferenciamento permitem que este possa navegar por ruas e avenidas em qualquer lugar do globo desde que previamente mapeados. Até ao indivíduo que possuindo qualquer deficiência visual, se utiliza de recursos gráficos como mapas e guias em alto relevo para que este se desloque no espaço urbano com maior mobilidade e segurança.

Referências



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Calçada é pintada em vermelho para “ajudar” deficientes visuais no Paraná. Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/noticias/5155/calçada-e-pintada-em-vermelho-para-ajudar-deficientes-visuais-no-parana.html>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Dia Mundial do Braille: qual a história desse sistema? Disponível em: <https://www.coc.com.br/blog/soualuno/historia/dia-mundial-do-braille-qual-a-historia-desse-sistema>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Geoaplicada. **16 softwares populares para criar mapas temáticos**. Disponível em: <https://www.geoaplicada.com/softwares-para-criar-mapas-tematicos/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Grupo de Cartografia Tátil UFSJ. **O que é cartografia tátil?**. Disponível em: <<https://catografiadigitalu.wixsite.com/cartografiatatilufsj/about>>. Acesso em: 29 abr. 2021.

Guia do estudante. **Cartografia: tipos de mapa**. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/curso-enem-play/tipos-de-mapa-os-diferentes-aspectos-retratados-pela-cartografia/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

IBGE. **Itu-SP**: região sudeste do Brasil. Rio de Janeiro: primeira edição, 1973. Reimpressão, 1988. 14,00 MB, pdf. Escala 1:50.000. Datum horizontal: Córrego Alegre, MG, Datum vertical: Marégrafo Imbituba, SC. Folha SF 23-Y-C-II-3, MI 2766-3. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/folhas_topograficas/editoradas/escala_50mil/itu27663.pdf. Acesso em: 22 mar. 2021.

IBGE (1998); Science (1909) J. Gripp Jr. e A. Simões S. (UFV); Colonel R. A. Gardiner (1961); Peter Conrad Cumminsky (2017) - revisão: Prof. Angelo Oliveira (IFSULDEMINAS – Inconfidentes) – Cartografia I – 2017-I (06/06/2017).

InfoEscola Navegando e Aprendendo. **História da Cartografia**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/cartografia/historia-da-cartografia/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Instituto Benjamim Constant (Ministério da Educação). **Quem foi Louis Braille**. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/fique-por-dentro/339-quem-foi-louis-braille#:~:text=Louis%20Braille%20nasceu%20em%204,cerca%20de%2045km%20de%20Paris.&text=Aos%2010%20anos%20C%20ele%20conseguiu,escola%20para%20cegos%20do%20mundo>. Acesso em: 29 abr. 2021.

JORDÃO, Barbara G. F.; SENA, Carla C. R. Gimenes de.; CATELLI, Mariane R.. Cartografia tátil e ensino de geografia: a questão da padronização dos mapas táteis. Presidente Prudente: Anpege, 2015.

LOCH, Ruth E. N. Cartografia Tátil: mapas para deficientes visuais. **Portal da Cartografia**. Londrina, v.1, n.1, maio/ago., p. 35 – 58, 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Louis Braille e o mundo na ponta dos dedos. Disponível em: <https://carbonocatorze.blogspot.com/2015/06/louis-braille-e-o-mundo-na-ponta-dos.html>. Acesso em: 01 abr. 2021.

Norma ABNT NBR 16537/2016. Disponível em: https://www.totalacessibilidade.com.br/pdf/Norma_Sinaliza%C3%A7%C3%A3o_T%C3%A1til_No_Piso_Piso_T%C3%A1til_Total_Acessibilidade.pdf. Acesso em: 01 abr. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Piso tátil: Estamos fazendo nossas calçadas direito? Disponível em: <https://ocp.news/entretenimento/piso-tatil-estamos-fazendo-nossas-calcadas-direito>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SeMOB implanta semáforos sonoros a partir desta quarta feira 17. Disponível em: <http://agenciabelem.com.br/Noticia/212793/semob-implanta-semaforos-sonoros-a-partir-desta-quarta-feira-17>. Acesso em: 01/04/2021.

Topographic-map.com. **Londrina, Microrregião Londrina. Mesorregião Norte Central Paranaense, Paraná, Região Sul. Brasil (-23.31129 -51.15950)**. Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/maps/gnwd/Londrina/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Urece Esporte e Cultura para Cegos. Disponível em: <http://urece.org.br/site/o-que-e-a-urece/>. Acesso em 01 abr. 2021.

Wikipédia. **História do mapa-múndi**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_mapa-m%C3%BAndi. Acesso em: 21 mar. 2021.

Worldmapper. **Billionaires 2018**. Disponível em: https://worldmapper.org/maps/inequality-billionaires-2018/?sf_action=get_data&sf_data=results&_sft_product_cat=population,inequality. Acesso em: 22 mar. 2021.

Worldmapper. **Absolute Poverty**. Disponível em: https://worldmapper.org/maps/absolute-poverty-2016/?sf_action=get_data&sf_data=results&_sft_product_cat=income. Acesso em: 22 mar. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ENTRE O CINEMA, A TÉCNICA E A GEOPOLÍTICA: APLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Eduardo Romero de Almeida⁶⁹

Leandro Correa André⁷⁰

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar as relações entre a produção de cinema com os contextos geopolíticos e verificar a possibilidade de aplicações pedagógicas. Durante o trabalho foram analisadas as habilidades dos alunos do ensino fundamental em fazer análises críticas de obras cinematográficas com base no método de estudo dirigido. Além disso, foram aplicadas diversas atividades que buscaram unir o cotidiano do aluno com a análise do período técnico-científico informacional, no qual buscou-se situar a influência da produção de cinema para sua constituição. Para isso, foram utilizadas ferramentas como mapas mentais, formulários de fixação e a produção de vídeos curtos, os quais além de serem utilizados como ferramentas, foram questionados como instrumentos políticos a partir do conceito de técnica proposto por Milton Santos (2006).

Palavras-chave: Geografia do Cinema; Geopolítica; Ensino de Geografia.

Introdução

Discutir a educação na modernidade vem se mostrando uma tarefa desafiadora para professores e pesquisadores da área, visto as intensas transformações políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais, especialmente nas últimas décadas. E assim como vários aspectos da sociedade que vivemos estão em constante mudança, a escola, a educação e o ensino em Geografia não são diferentes e, portanto, precisam-se buscar um processo de ensino aprendizagem que inclua as transformações e os recursos presentes no espaço que cercam os alunos, bem como a própria escola.

Se faz necessário vencer concepções tradicionais de ensino, onde os únicos recursos são a lousa, o livro didático e o professor, e abrir espaço para as metodologias que possibilitem a utilização de recursos, que atualmente, estão presentes na casa de boa parte da população, trazendo para dentro da sala de aula recursos midiáticos de áudio e vídeo e demais tecnologias.

⁶⁹Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. eduardo.romero@uel.br.

⁷⁰Graduando em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. leandro.correa@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Os recursos midiáticos, a televisão, os vídeos, filmes, imagens, gráficos, jogos digitais e outros têm encontrado um espaço cada vez mais nas salas de aula como suporte para a aprendizagem e, também, como um atrativo para os estudantes. A Geografia durante muito tempo era conhecida como uma disciplina apenas teórica, pautada em uma memorização dos elementos geográficos, pouco estimulante para os alunos.

Porém, como Neto e Barbosa (2010) chamam a atenção, a Geografia tem por objetivo ser uma disciplina de caráter estratégico onde o processo de aprendizagem precisa considerar a realidade vivenciada no cotidiano, resultando em questionamentos que possibilitem o professor a explicar os fenômenos geográficos adequadamente dentro de sala de aula. A escola, e o ensino de Geografia, precisa investir em metodologias e didáticas que possam contribuir para o processo de construção do conhecimento, não somente da sua reprodução.

Um desses métodos didáticos é o uso do cinema dentro de sala de aula. A utilização do cinema no ensino de Geografia pode contribuir para o entendimento das mais diversas realidades da nossa sociedade, despertando as mais diversas sensações, além de possibilitar o contato dos alunos com uma expressão cultural.

O presente artigo tem por objetivo analisar as relações entre a produção de cinema, a possibilidade de suas aplicações pedagógicas suas relações com os contextos geopolíticos. Buscando compreender as formas de utilização desse método no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia, dentro das salas de aulas. Aqui utiliza-se como metodologia uma revisão teórico-bibliográfica de cunho qualitativo para realizar as discussões necessárias.

Ao todo, o artigo é dividido em 6 partes. Onde a primeira vai tratar brevemente da história do cinema e da educação e correlação entre eles. A segunda parte vai abordar as questões geopolíticas e a sua relação com cinema, bem como a aproximação e colaboração existente entre uma ciência e uma expressão cultural. A terceira parte discute o uso do cinema no ensino de Geografia, trazendo considerações teóricas a respeito dessa metodologia, pontos positivos e também algumas dificuldades a respeito da implementação de tal método. O quarto momento do texto vai discorrer sobre o uso do cinema no ensino da geopolítica, como a partir da utilização dos filmes que abordam a temática geopolítica pode-se contribuir para o melhor entendimento do aluno a respeito de determinado acontecimento histórico e da realidade



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

daquele momento, que muitas vezes é difícil reproduzir com imagens estáticas. A penúltima parte traz a realização de uma prática pedagógica na turma de 8º ano do Ensino Fundamental, cujo objetivo foi trabalhar e avaliar as habilidades sociocognitivas como análise crítica, comparação e descrição, bem como abordar os conteúdos que buscavam relacionar o estudo da geopolítica, do meio técnico-científico informacional e a geografia do cinema. Por último temos as considerações finais, nas quais serão apresentadas reflexões referentes à pesquisa realizada, bem como alguns resultados alcançados na prática pedagógica elaborada e ministrada.

Cinema e a educação

O ato de captar imagens, sejam imagens estáticas ou em movimento, nunca antes foi tão fácil. Nos dias atuais, não há mais a necessidade de possuir, ou saber manusear, uma máquina específica para essa funcionalidade, graças ao desenvolvimento tecnológico, a partir telefones móveis, qualquer pessoa tem a possibilidade de capturar imagens do dia a dia. Situação completamente diferente encontraram os irmãos Lumière quando, no final do século XIX, inventaram o cinematógrafo, possibilitando pela primeira vez a reprodução de imagens em movimento.

Mesmo revolucionando a tecnologia da época e a forma de capturar e reproduzir imagens, o cinema até o início do século XX não era visto, por boa parte dos intelectuais da época, como uma manifestação artística. Contudo, antes de ser apontado como a sétima arte, foram os filósofos que passaram a observar e admirar os filmes, tentando demonstrar que o cinema não está desassociado ao pensar, podendo ser percebido enquanto uma experiência filosófica (ALMEIDA, 2017).

Com o passar das décadas e a consolidação do cinema enquanto arte, vê-se cada vez mais pesquisadores da área da educação despertando o interesse no meio audiovisual que vinha se desenvolvendo visando relacioná-lo com o processo de ensino e aprendizagem dentro das escolas.

Fabris (2008, p.118) evidencia que a busca por uma relação entre cinema e educação não é algo recente. Autoras como Roquete Pinto já evidenciavam a função pedagógica dos meios de comunicação de massa nos anos de 1936. O interesse no tema se insere dentro de uma



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

realidade de diversas perspectivas de abordagens no entre o cinema e a educação, em partes por uma “ambiguidade que o último termo carrega, ora se restringindo às abordagens escolares, ora considerado em sentido amplo, associada aos meios pelos quais as sociedades fazem circular seus saberes, costumes, valores, enfim, suas culturas.” (ALMEIDA, 2017, p.2).

Aqui vemos que o cinema, enquanto método de ensino, relaciona-se, tanto do modo prático como do teórico, com as noções didáticas das mais variadas disciplinas presente no currículo escolar, porém, em nesta pesquisa, busca-se evidenciar o cinema enquanto ferramenta de conteúdos relacionados com a geopolítica e como esta se relacionou com o cinema ao longo da história pelo olhar da geografia.

Entre os dramas geopolíticos e a trama do cinema: aproximações

Discutir a relação entre cinema e geopolítica, apesar de possuírem muitos pontos convergentes importantes e de uso constante como ferramenta de ensino e aprendizagem, é extremamente desafiador. Um ponto crucial a ser destacado é a posição de como os temas são colocados à disposição do grande público em diferentes espaços. Se por um lado temos a geopolítica aparecendo em noticiários e jornais, o cinema aparece no meio cultural como forma de lazer, ambos unidos por um ponto similar advindo de uma cultura de massa responsável em esvaziar conceitos e linguagens em prol do espetáculo.

Assim, buscamos aqui travar um debate sobre a construção do que pode ser um diálogo e colaboração entre uma área do conhecimento como a geopolítica e uma expressão artística como o cinema. Ambas rodeadas envolvidas na trama do espaço geográfico e suas nuances no que hoje chamamos de meio técnico-científico informacional.

Quando ouvimos falar de geopolítica de forma coloquial, recorrentemente nos vem à cabeça imagens passadas em jornais ou noticiários relacionando a palavra a acordos internacionais, arranjos institucionais entre países, uso de recursos naturais entre outros temas, focados sempre na figura dos Estados e seus chefes de governo. Todavia, ao refletirmos melhor sobre o termo poderemos outros fatores relevantes para disciplina que vão além de notícias momentâneas.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Vissentini (2005, p.) conceitua como a principal preocupação da geopolítica “a correlação de forças no âmbito territorial, com ênfase no espaço mundial”, tais correlações de forças são tratadas cotidianamente por jornalistas e cronistas apenas como acontecimentos pontuais, como conferências, guerras e tratados. Todavia, o historiador Ferdinand Braudel (1965) alerta sobre utilização do tempo nas pesquisas em ciências sociais, norteador pelo fato de se utilizar muito o tempo de curta duração, o tempo referente a fatos históricos desconexos de contextos de longa duração.

Ao se falar de geopolítica necessita-se entender como as forças aqui pontuadas se consolidam em um determinado período, tais ações não surgem do dia para a noite, o passado e o presente não estão tão distantes como costuma-se imaginar como sugere Braudel (1965, p.275)

Presente e passado iluminam-se com sua luz recíproca. E se observarmos exclusivamente a estreita atualidade, nossa atenção irá para a que se move rapidamente, grilha com razão ou sem ela, ou acaba de mudar, ou faz barulho, ou se revela sem dificuldade.

Na citação o autor sugere uma atenção mútua entre passado e presente, fato essencial em geopolítica, afinal, de que espaço mundial estamos falando? E que poderes são esses que parecem muitas vezes sem rosto e vivência? O conceito de mundo aqui se torna central, civilizações criaram ao longo da história seus mundos com relações de poder diferentes. Sugere-se assim um início da discussão geopolítica com base no pensar nos mundos já existentes e o que temos deles no espaço mundial atual, o qual é responsável em nortear as atuais relações sociais em diversas escalas.

Partindo da periodização proposta por Milton Santos (2006), baseada na utilização da técnica pelo ser humano na construção do espaço geográfico, utiliza-se do período denominado meio técnico-científico-informacional para entender como relações de poder se constituem a partir da densidade técnica dos territórios, pela visão do autor “[...] os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, atributos que se interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue” (SANTOS, 2006, p. 173).

É interessante salientar de como na visão de Santos (2006) se considera não apenas a criação de novos objetos e ações que formam o espaço geográfico, como também a fusão com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

objetos e ações do passado a partir do seu híbrido formado pela técnica. Pode-se considerar essa fusão como um ponto relevante para salientar ao se discutir em um meio técnico-científico-informacional.

Segundo Vesentini (2005), a geopolítica nasce uma ciência para as ações do Estado com o Kjéllen em 1916, após isso, surgem várias teorias pensadas por estatistas a fim de expandir a influência de poder de territórios nacionais, com bases principalmente geoestratégicas e militares. Tais atributos são essenciais para definir o que hoje entende-se como Estado Territorial Moderno. Para Castro (2005, p.125), as características definidoras desse modelo de instituição política estão “na centralização territorial (...) e uma burocracia impessoal, baseada em regulamentos explícitos, e uma força militar profissional e permanente”.

Ou seja, a formação de discursos geopolíticos baseados em recursos territoriais de um Estado é essencial para a manutenção da lógica de poder estatal. Se por exemplo, na atualidade vemos as relações entre China e Estados Unidos como um dos principais pontos de tensão no sistema internacional, deve-se levar em conta a forma como esses países, ao longo da história, articularam técnicas e discursos sobre si mesmos e sobre outros agentes do sistema como estratégia de poder.

O desenvolvimento de ações geopolíticas e evolução tecnológica vão influenciar diretamente a difusão do cinema, o qual posteriormente será também utilizado como ferramenta geopolítica. Segundo Costa (2006), passa de um lazer popular e vulgar das classes proletárias no fim do século XIX, para um meio de produção industrial de cultura no início da segunda década do século XX. Tal fato contribui diretamente para o nascimento e consolidação posterior do meio técnico-científico-informacional.

O período entre guerras é essencial para se entender o que hoje se conhece como cinema. Na Europa surgem correntes vanguardistas como o expressionismo alemão, buscando trazer maior emoção humana para a representação nas telas (CENÉPA, 2006), ou até mesmo o neorrealismo italiano ou o cinema soviético, preocupados em representar as classes sociais oprimidas mundialmente e localmente pelas estruturas econômicas e de poder (MENÉVY, 2006; SARAIVA, 2006), como resultado de um mundo caótico.

Já nos Estados Unidos a indústria de Hollywood se estrutura atendendo, principalmente, o seu mercado interno e o continente americano. A criação da MPPC (Motion Pictures Patents



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

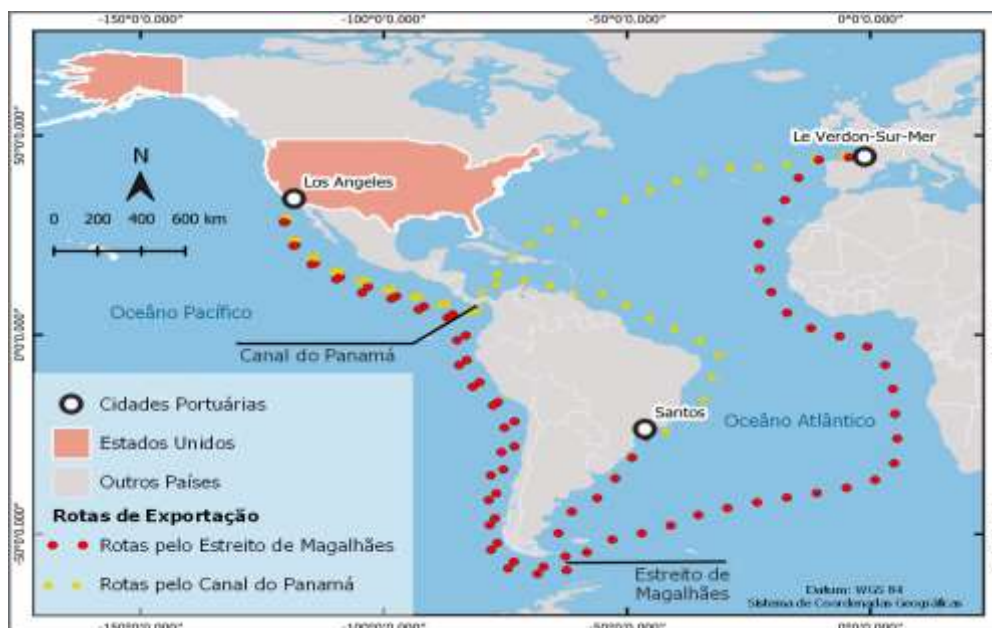
De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Company) em 1908, liderada por Thomas Édson e o estúdio Biograph em prol da proteção de patentes dos filmes, dão ao cinema cada vez mais um caráter de produção industrial. Segundo Costa (2006, p. 39-40), a MPPC regulou o cinema pelos seguintes aspectos:

A MPPC estabeleceu um preço padronizado a ser cobrado por cada rolo de filme e regularizou os lançamentos, permitindo a cada estúdio lançar até três rolos por semana. Os licenciados só podiam alugar os filmes, e não comprá-los. Precisavam manter seus cinemas dentro de padrões mínimos de segurança e higiene, por causa das pressões das autoridades políticas e religiosas, e tinham de pagar royalties sobre os projetores patenteados. A MPPC estimulou fortemente o preconceito contra os filmes estrangeiros, alegando que eram pouco adequados à moral da sociedade americana, e conseguiu diminuir a sua participação no mercado doméstico. Em 1909, os filmes importados já eram menos da metade dos filmes lançados, e essa participação foi caindo ainda mais. Em 1910, a MPPC criou sua distribuidora, a General Film Company, que iniciou práticas que se generalizariam depois na indústria cinematográfica hollywoodiana: ela organizava a competição definindo quais exibidores em cada área geográfica podiam exibir um filme. (grifo nosso)

Tal fato possibilitou uma diferenciação espacial no espaço de produção de cinema, já que estúdios buscaram se afastar da região localizada próxima a Nova Iorque e migrar para Califórnia como estratégia e fuga para suas produções. Nessa época surge o chamado “Big Eight”, oito estúdios que vão construir essa nova região: Metro-Goldwyn-Mayer (MGM), Paramount, Warner Bros, RKO, Fox, Universal, Columbia e United Artists. Além disso, a finalização do canal do Panamá, em 1914, possibilitou novas rotas que baratearam as rotas comerciais para o Brasil, Europa e o próprio mercado interno (Figura 1).

Figura 1 - Mudanças de Rotas Marítimas pelo Construção do Canal do Panamá



Org.: Eduardo Almeida, 2021

A partir desses acontecimentos podemos observar a correlação dos eventos de reorganização, ordenamento territorial e reorganização do poder como fatores importantes na constituição do cinema, não considerando apenas a análise de filmes descolados de seus contextos históricos e espaciais. Entendendo cinema como técnica pode-se avaliar a forma como a formação social de determinada época e período se adapta a sua instalação e interage com técnicas já estabelecidas. Segundo Bernardes (2000, p. 241):

[...] a tecnologia explica o espaço e este explica a sociedade, já que cada formação social é ao mesmo tempo formação espacial, onde o sistema de produção e reprodução social, a organização e a oposição de classes sociais estão materialmente impressas.

A técnica aqui torna-se, para além apenas de um amontoado tecnológico, um fator político, no qual a decisão de implantá-la deve-se tomar em conta também os elementos geográficos que oferecem resistência ao adequado desempenho das técnicas aplicadas e averiguar as causas do desequilíbrio (BERNARDES, 2000). O canal do Panamá e instalação da indústria Hollywoodiana podem ser pontuados aqui como instrumentos técnicos que interagem entre si como o objetivo final de possuírem maior eficiência de uso. Ao se analisar a formação



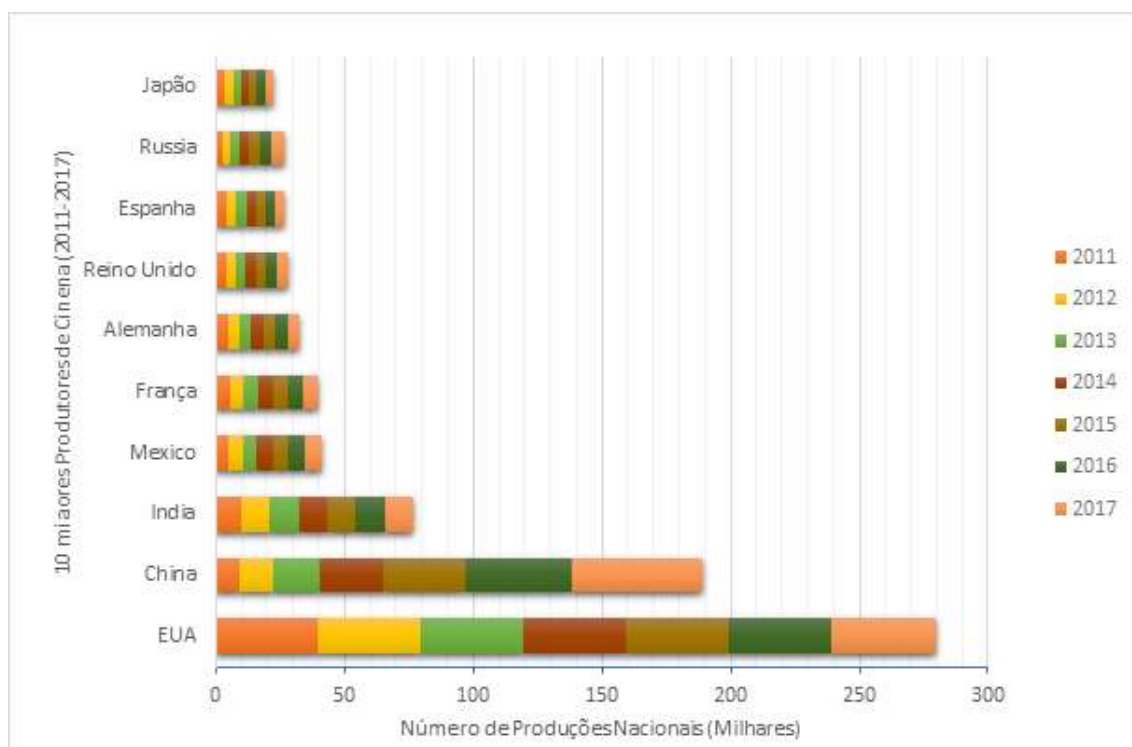
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

social presente na Europa entre guerras, considera-se aqui a instalação de instrumentos técnicos que causaram efeitos retroativos ao modo de produção industrial do cinema.

Trazendo a análise cinematográfica para a atualidade, pode-se observar outros agentes de produção cinematográfica que saem do eixo EUA-Europa, segundo o levantamento publicado pela UNESCO em 2019, países como Índia e México ganham relevância em produções cinematográficas (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Número de produções Nacionais entre os 10 maiores produtores de cinema até 2017



Fonte: UIS UNESCO, 2018.

Org: Os Autores, 2021.

Ao analisar o gráfico acima pode-se observar a discrepância entre a produção de cinema estadunidense e o restante do mundo. Todavia, é interessante observar a crescente produção chinesa, principalmente, a partir do ano de 2014, diferentemente dos outros países que mantêm um número de produções mais constante, inclusive a Índia com a chamada Bollywood. Interessante notar esse crescimento chinês no cinema, concomitantemente, em um momento no qual a China disputa a hegemonia mundial com os Estados Unidos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sob esta perspectiva podemos pensar no conceito de imaginário social como algo presente no cinema que pode ser uma ferramenta importante à geopolítica. Para Oliveira (2006, p.141):

Filmes expressam o olhar não só das pessoas envolvidas em sua montagem, mas, indiretamente, revelam o imaginário de seus espectadores, pois antes mesmo de vir a contribuir na formação e reforço de hábitos culturais, a produção de um determinado filme leva em conta a visão de seu público alvo, seu universo de referências, conhecimentos e expectativas. Nesse sentido revelam, mais do que outras produções artísticas como um livro ou pintura, o olhar de uma época ou de uma sociedade.

O cinema, diferentemente de outras formas de poder em que se percebe facilmente as suas intenções, requer muito mais tempo de análise e exposição ao conteúdo para entendê-lo. Moisi (2009), ao trabalhar com geopolítica das emoções, classifica o sentimento de confiança como o mais importante para conseguirmos entender como o mundo globalizado, para ele confiança “é um fato que define como as nações e as pessoas abordam os desafios que enfrentam” (MOISI, 2009, p.5). A forma como um país e uma cultura despertam emoções na comunidade internacional é um fator de extrema importância para aceitação ou revoltas contra a ação de governantes, assim, o cinema pode se tornar uma ferramenta fundamental para trabalhar melhor o imaginário social.

Em Hollywood, no período em que alguns autores chamam de era pós-moderna, vem trabalhando bem a alimentação do imaginário social a partir de um recurso inimaginável: a nostalgia. Para Jameson (1995, p.140-141), o cinema de nostalgia “[...]procura gerar imagens e simulacros do passado, para produzir, em uma situação social na qual a historicidade ou as tradições de classe genuínas se enfraqueceram, algo como um pseudopassado para consumo como compensação e substitutivo”. Essa busca de recorrência pelas emoções tem sido a chave do sucesso de grandes franquias de cinema, recorrências que levam o espectador para mais próximo do seu “mundo”, com seus ideários e formas de pensar.

Enfim, se no começo desta seção buscou-se um fator que unisse geopolítica e cinema, talvez a emoção seja a chave. Esta mesma talvez também explique as longas durações de algumas poucas nações desenvolvidas no poder, afinal, não há arma mais forte do que mexer com a autoestima de uma nação, um povo que compara a sua realidade com fatos inalcançáveis pode desistir, se render ou se revoltar. Essa pode ser uma das maiores dificuldades ao trabalhar



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

filmes com alunos, como ao mesmo tempo usar um conteúdo apresentado e deixar o aluno ciente dos fatores políticos e ideológicos envolvidos? Essa é uma das maiores inquietações nesse nosso trabalho.

Ensino de geografia e o cinema

O debate acerca do ensino de Geografia, assim como das demais ciências no século XXI, tem sido o foco de muito estudiosos da área ao longo das últimas décadas. Porém, essa tarefa vem se mostrando um grande desafio, visto a necessidade de adaptar as metodologias e o ensino geográfico em si, mas também as novas facetas, aos novos padrões sociais, políticos, tecnológicos e econômicos que o mundo e ensino no geral.

Como aponta Callai (2001, p.134) “o mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz [...]”. De fato, não pode mais a escola e o ensino ficarem presos às metodologias e paradigmas do passado, o mundo e sociedade passaram por inúmeras transformações, em especial nas últimas décadas com o advento da computação, e a escola deve, na medida do possível, se adaptar e evoluir com essas mudanças políticas/sociais/tecnológicas.

Um reflexo da mudança que vem ocorrendo dentro das salas de aulas é a superação, ainda que de forma tímida no Brasil, da metodologia de ensino tradicional - no qual o discente se encontra apenas como um receptor de informações e do professor figura central e detentor de todo conhecimento - por metodologias que os estudantes participem ativamente do processo de ensino aprendizagem, construindo o saber de forma emancipatória e autônoma, sendo o professor, neste processo, o mediador do conhecimento.

E quando se fala na construção do conhecimento dentro da Geografia, ele não pode ser feito apenas de forma teórica e não vivenciada pelo estudante, o conhecimento geográfico deve levar em consideração a “realidade vivenciada no cotidiano, de onde devem surgir questionamentos que levem o professor a realizar adequadamente as explanações dentro de sala de aula” (NETO; BARBOSA, 2010 apud ROCHA; MONTOVANI; COSTA, 2017, pg. 158), desvinculando o estigma de uma Geografia puramente teórica.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Um dos desafios para o professor de Geografia é reconhecer como as mais variadas imagens que moldam o mundo das informações são importantes para permitir aos alunos uma formação que proporcione autonomia para transformar a sua realidade. Deve ser, também, uma das principais preocupações do docente em Geografia, o pensar em práticas pedagógicas que abordem os variados e complexos temas da disciplina de uma forma que estimule e desperte o interesse dos discentes (SANTOS, 2012). A escola junto aos professores, portanto, devem estar sempre à procura de recursos didáticos que possibilitem e renovem o interesse dos alunos.

Um destes recursos, utilizado em salas de aulas há pouco tempo, são as obras cinematográficas. Mesmo com a sua gênese datando a mais de um século, com a exibição do primeiro filme no subterrâneo do Grand Café (Paris), em 1895, pelos irmãos Lumière, o cinema só passou a ser utilizado nas escolas recentemente, porém isso não significa que o mesmo não tenha o seu valor como elemento educativo (NAPOLITANO, 2013).

Reforçando este pensamento, Almeida (2001) veem como importante a utilização do cinema na educação, pois assim possibilita à escola a oportunidade de participar ativamente da cultura e não ser somente uma divulgadora de conhecimentos massificados, que muitas vezes já estão defasados (apud ROCHA; MONTOVANI; COSTA. 2017, p.159). O cinema associado ao principal objeto de estudo da Geografia, o espaço geográfico, pode contribuir para o discernimento de uma realidade mais vasta e de uma interpretação global dos fenômenos ao invés daqueles que atuam a nível local (OLIVEIRA, 2011).

Nas décadas de 1920 e 1930 que, no Brasil, passam a surgir ideias de se utilizar os filmes como recurso didático devido a influência das perspectivas pedagógicas da Escola Nova. Inúmeros educadores brasileiros da época reuniram esforços, sob influência das práticas adotadas em países como EUA e na França, para a elaboração de uma proposta de cinema educativo no Brasil, encontrando inúmeros obstáculos tanto a nível institucional/governamental como de infraestrutura (CATELLI, 2010).

O Brasil só vai apresentar uma política de incentivo ao cinema nas salas de aula no ano de 2014, onde no dia 26 de junho daquele ano, é sancionada a lei 13.006 que altera o artigo 26 da Lei nº 9.394, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), acrescentando o inciso § 8 que tornava obrigatório a exibição mensal de, pelo menos, duas horas de filmes de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

produção nacional como “componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola” (BRASIL, 2014 apud CHAVES; PREVE, 2019, p.2241).

Como apontado anteriormente, os filmes apresentam uma grande versatilidade enquanto recurso didático, visto que a sua linguagem audiovisual permite a visualização - de maneira direta - de processos que são assimilados de forma abstrata em livros. Os filmes possibilitam o contato com representações de períodos históricos e contextos socioespaciais diversos, de uma maneira mais fidedigna que nos livros onde apresentam apenas fotos e reprodução de documentos históricos. A interdisciplinaridade proporcionada pelos filmes dispõe a possibilidade de um trabalho em conjunto com outras áreas do conhecimento (MOREIRA, 2012).

Apesar das inúmeras aplicabilidades enquanto recurso didático, os filmes não devem ser desassociados da análise crítica, inerente à ciência geográfica, ao serem apresentados aos estudantes. Uma vez que sem a análise crítica acabamos por permitir a perpetuação de estereótipos e a hipervalorização da imagem, cabe ao professor atuar como mediador na construção de um olhar crítico dos discentes, para além das imagens transmitidas pelo filme. Afinal, todo filme está carregado de intencionalidade e de uma visão de mundo que é própria do autor da obra (MOREIRA, 2012).

Uso do cinema no ensino de geopolítica

A geopolítica, na disciplina de Geografia, é um assunto bastante explorado e foco de interesse de muitos alunos, influenciados pelo apelo do audiovisual a respeito do tema. O conteúdo da geopolítica se revela muito importante na construção do conhecimento de mundo dos estudantes uma vez que, segundo Araújo (et al 2018, p.23) a geopolítica seria

[...] campo de estudo responsável por analisar, dentre vários âmbitos, a estrutura internacional de poder e a atuação dos Estados-nações através de suas políticas de defesa, de fronteiras, de comércio exterior, etc. Enfim, a Geopolítica é a ciência dos estadistas, aqueles intelectuais orgânicos ligados ao poder do Estado, e que buscam realizar o melhor possível seus respectivos interesses nacionais.

Possibilitando uma ampla compreensão das territorialidades dos fenômenos atuais e uma leitura do mundo levando em consideração as complexas relações entre os acontecimentos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mundiais, bem como para “instrumentalizar os sujeitos históricos a interpretarem e compreenderem a realidade que está inserido” (VIEIRA; GRÜMM, 2019, p.4012).

O cinema, como vimos anteriormente, nasceu com os irmãos Lumière na França no fim do século XIX. Mas, rapidamente se espalhou pelo globo alcançando milhões de espectadores. De início, os filmes eram curtos, com pouco mais de 30 minutos e não necessariamente contavam histórias, como vemos nos dias atuais. Pouco tempo depois viu-se o desejo da audiência por mais entretenimento, assim passa-se a adaptar obras literárias. Temas políticos e críticas sociais só passam a serem abordados nas grandes telas na década de 1970, período esse que ficou conhecido como “Hollywood pós-clássica”, momento onde se concentram boa parte das produções de filmes que retratam as consequências das duas grandes guerras mundiais e do conflito político-ideológico da Guerra Fria (SANTOS JUNIOR, 2016).

Apesar da grande influência das duas potências mundiais, o domínio dos EUA na produção cinematográfica é notável, Santos Junior (2016, p.22) nos mostra que

para aproximar a cultura norte-americana dos demais Estados e promover os ideais do sistema democrático, dois órgãos, no governo de Dwight D. Eisenhower (1953-1961), foram fundados: o USIA¹⁹ (United States Information Agency) e, posteriormente a USIS (United States Information Service) a fim de patrocinar escritores para elaboração de conteúdos favoráveis aos Estados Unidos ao mesmo tempo em que proibia a escrita de algo em favor a URSS (BLACK, 1977). Em contrapartida, a URSS utilizava-se de seu Comissariado de Propaganda e o Comissariado de Educação e Cultura²⁰ (Narkompros), incentivando, em diversos países, bolsas de estudos, cultura russa, assistência científica, médica e esportiva (grifo nosso).

O impacto do investimento em propaganda a favor dos EUA pode ser visto até os dias de hoje, uma vez que o cinema, assim como os demais meios da indústria cultural, possui uma parcela significativa na construção do imaginário coletivo, na construção dos “vilões” e “mocinhos” com um claro objetivo de se incentivar uma determinada ideia na percepção de realidade das pessoas.

Os acontecimentos da Guerra Fria são ótimos temas para se trabalhar o cinema em sala de aula e no conteúdo de geopolítica, visto a sua vasta documentação histórica e também os inúmeros filmes que retratam tal assunto. A escolha do referido tema possibilita o debate a respeito do significado do muro de Berlim na Alemanha, a corrida espacial, a ordem bipolar e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

suas repercussões ao redor do mundo, as ideologias soviéticas e norte-americanas, objetivando a compreensão do contexto em que se deu e desenvolveu a Guerra Fria e suas espacializações mundiais.

Ao se fazer uso do cinema em sala de aula, independente do gênero ou conteúdo que se esteja trabalhando, o professor deve atuar como mediador, levando os alunos a questionar as imagens e as falas apresentadas nos filmes, se atentarem as representações da realidade histórica e social contidas nas obras. Afinal, toda obra leva a visão de seu idealizador, a percepção do mesmo a respeito de determinado espaço, local e da sociedade que ocupa tais espacialidades.

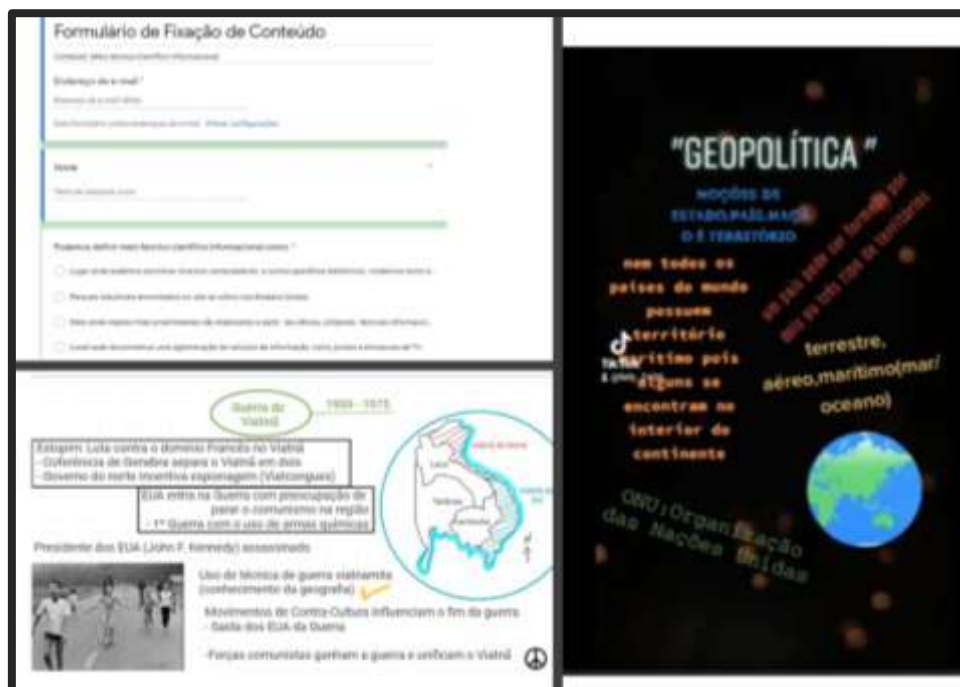
Prática Pedagógica relacionando Meio Técnico-científico-informacional, Geografia do Cinema e Geopolítica

A prática proposta foi aplicada nos uma turma de 8º ano do Colégio Estadual Profº Paulo Freire, como principal objetivo trabalhamos em duas frentes. A primeira buscou trabalhar e avaliar as habilidades sociocognitivas como análise crítica, comparação e descrição, já na outra foi abordado os conteúdos que buscavam relacionar o estudo da geopolítica, do meio técnico-científico informacional e a geografia do cinema.

Durante o total de 6 aulas foram trabalhados questionários de fechamento, análise de imagens, notícias, gráficos, mapas, criação de vídeos curtos com o tema geopolítica, sendo a aplicação do estudo dirigido um fechamento da sequência didática que buscou avaliar não apenas a apreensão do conteúdo, mas também a capacidade dos alunos se expressarem e apreenderem por diversas linguagens, como podemos observar nas imagens tiradas referentes aos trabalhos propostos (figura 2).

Durante as atividades foram utilizadas ferramentas online como Google Meet, Jamboard, Google formulários e o Tiktok. O fato das aulas serem ministradas de forma remota apresentou-se como um fator de empecilho, pois em muitos momentos, os alunos reclamaram por dificuldades de acesso às plataformas ou em acompanhar as aulas pela falta de acessibilidade, já que muitos assistiram às aulas via celular. Nota-se também a taxa de ausência durante a prática, sendo que em uma sala de 30 alunos matriculados, apenas de 12 a 13 compareciam às aulas regularmente.

Figura 2 -Atividades aplicadas com alunos



Fonte: Os Autores, 2021.

A sequência didática foi dividida em 3 momentos, em um primeiro trabalhou-se mais conteúdos voltados a geopolítica, ordem bipolar e meio técnico-científico informacional. No segundo momento, análises voltadas para o cinema e sua utilização como linguagem de aprendizado na geografia. Já no terceiro, utilizou-se da prática de um estudo dirigido e uma roda de conversas como fechamento dos conteúdos trabalhados.

A escolha do estudo dirigido deu-se por se buscar avaliar a forma como os alunos organizam seus pensamentos de forma autônoma, e vão atrás de informações novas de maneira independente. Nesse estudo sugeriu-se aos estudantes escolherem um filme de sua preferência, no qual fosse possível fazer uma análise geográfica e geopolítica a partir de perguntas direcionadas sobre a trama. As perguntas propostas para fins de análise foram as seguintes:

1- Onde o filme se passa?

2- Como o espaço onde os personagens estão influenciam a história?

3- Em qual contexto histórico se passa ou é influenciada a história? Como esse contexto é relevante para o desenvolvimento da trama?



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- 4- Como podemos observar o conceito de território da obra escolhida?
- 5- Quem detém o maior poder na obra escolhida?
- 6- A paisagem do filme te transmite qual sentimento?
- 7- Qual a principal mensagem implícita no filme? Podemos identificar alguma ideologia com ela?
- 8- Os personagens do filme são agentes de transformação do espaço onde eles vivem? Se sim, como fazem isso? Se não, como são influenciados pelo espaço nas suas ações?
- 9- Relate como você acha que análise de filmes pode ser útil nos seus estudos de geopolítica.

Durante a atividade atentou-se aos fatores que iam dos aspectos mais íntimos e sentimentais dos estudantes, até o limite do que ele entendia do filme, a partir de conceitos trabalhados durante as aulas anteriores como território, poder, espaço, buscando uma análise que ia além da narrativa da história. Além disso, observou-se quais filmes foram escolhidos e onde esses filmes foram produzidos, a fim de entender a hegemonia do cinema de alguns países sobre outros. As obras escolhidas para análise podem ser observadas no quadro abaixo (Quadro 1).

O primeiro ponto relevante observado foi a predominância de filmes estrangeiros, tendo a grande maioria sendo estadunidense, houve apenas um estudo com bases em uma produção brasileira e um estudo com base japonesa. Tal fato pode advir do maior contato dos alunos com o cinema internacional ao brasileiro. Porém, outro fato interessante está na quase nenhuma representatividade do espaço norte americano nos filmes, mas sim a representações de outros lugares.

Quadro 1 - Filmes analisados durante a atividade cinematográfica de estudo dirigido

Filme	Local de Origem	Lugares Representados	Conflito Geopolítico
Platoon	EUA	Vietnã	Guerra do Vietnã



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Jojo Rabitt	Áustria	Alemanha	2º Guerra Mundial
Pantera Negra	EUA	Wakanda (fictício)	Conflitos na África
Diamante de Sangue	EUA/Alemanha	Serra Leoa	Guerra Civil de Serra Leoa
O Veneno está na Nossa Mesa	Brasil	Brasil	Conflitos no Campo Brasileiro
O Gambito da Rainha	EUA	EUA/Rússia	Guerra Fria
O Castelo Animado	Japão	Lugares Fictícios	Guerras em Geral

Fonte: Os Autores, 2021

Durante a roda de conversa muitos alunos se mostraram participativos e a grande maioria gostou de apresentar a atividade. Todavia, alguns admitiram não terem assistido o filme e terem feito seus trabalhos com base em leitura de sinopses, críticas e resenhas de blogs especializados em cinema. Também é interessante observar como os alunos utilizaram de filmes sem espaços reais, mas sim fictícios, porém conseguiram analisar elementos da geopolítica nos filmes, como o uso de tecnologia em prol do poder ou a figura de seres poderosos que delimitam as ações no espaço fílmico.

A guerra foi um fator recorrente analisado, o fato pode ser muito preocupante ao trabalharmos o tema geopolítica, já que muitos confundem o termo com a guerra entre países, como se fosse uma geoestratégia. Tal acontecimento pode decorrer do tema sempre ser tratado atrelado aos conflitos bélicos, o qual remonta muito uma geopolítica referente ao início do século XX. Entretanto, ressalva-se que até então os alunos apenas tinham estudado a geopolítica até o período bipolar, além da ação de organizações internacionais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Nas respostas escritas observou-se a dificuldade dos alunos em fazerem argumentos mais ousados, que fugissem apenas do dito em sala de aula, durante a roda de conversa percebe-se também o medo de alguns falarem e se sentirem repreendidos. Talvez o medo de errar, impregnado no sistema de educação, seja um fator relevante nesse estudo, já que muitos acabam inibindo de se desenvolverem por possuírem tal sentimento, uma hipótese que não envolve apenas a disciplina de geografia, mas todo o currículo, a escola, a família e a sociedade, os quais todos possuem uma visão da escola repressiva e disciplinadora.

Considerações Finais

O cinema para além de ser apenas uma ferramenta representativa que busca copiar a realidade é uma forma de linguagem, viva ao ponto de se resignificar constantemente criando mundos próprios. Ao longo da pesquisa observou-se o potencial de se trabalhar o cinema não apenas como meio de representação da realidade, mas também como possibilidade de instigar sonhos ou até mesmo influenciar o imaginário social sob determinada sociedade e seus espaços.

No entanto, esta ferramenta é pouco utilizada, principalmente, para potencializar aprendizados e experiências do mundo. Investigações que vão além da análise de um filme, mas também mostrando como a história do cinema influenciou na criação de obras tornam-se um universo de possibilidades de pesquisas em práticas didáticas e pedagógicas. O cinema pode potencializar percepções sobre lugares e territórios, nesse ponto, o professor de geografia torna-se crucial como articulador de ideias e moderador de conteúdos, uma vez que a análise crítica da obra analisada precisa conceber uma série de conceitos, no qual o aluno poderá ter dificuldades ao aplicá-lo.

Contudo, observou-se, ao longo das práticas, a identificação dos alunos com o uso da linguagem do cinema, porém muitos apresentaram dificuldades em articular os conhecimentos da geografia com os filmes. Tal fato pode advir da herança cultural e histórica estigmatizada da disciplina na escola, a qual foca, muitas vezes, na memorização de conceitos e pouco em buscar aplicações dos mesmos no cotidiano do aluno. Assim, o professor poderá encontrar dificuldades em aplicar atividades com alto nível de autonomia com os alunos, porém, os resultados poderão vir a longo prazo com treino e uma busca de relações mais horizontais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Por fim, sugere-se práticas que dialoguem com outras disciplinas, afinal o tema poderá ser trabalhado de forma interdisciplinar, a história, as artes, a sociologia, entre outras disciplinas, as quais poderão incrementar, quantitativa e qualitativamente os debates, possibilitando ao aluno uma visão multidimensional sobre o objeto de estudo do cinema.

Considerando o “mundo remoto” imposto sobre a escola, o cinema é uma pauta que reacende muitos debates, como o aumento do número de streamings, desigualdade social e acesso à cultura e como a divisão territorial do trabalho pode ser alterada no período pós-pandêmico, temas aos quais o cinema se insere e pode auxiliar no entendimento dos alunos sobre os diferentes contextos da atualidade.

Referências

- ALMEIDA, Milton J. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Editora Cortez. 2001.
- ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 33, 2017.
- ARAÚJO, Breno de Assis Silva; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de; SILVA, Moisés Jerônimo da; FERNANDES, Allan . O ensino de geopolítica através da produção textual e do jogo war: práticas docentes do PIBID Geografia (UFRN). **Revista Extensão & Sociedade**, v. 9, n. 1, 2018.
- BERNARDES, Júlia Adão. **Mudança Técnica e Espaço: Uma proposta de Investigação**. IN: CASTRO, Iná Elias et al. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2º ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2000.p.239-270.
- BRAUDEL, Ferdinand. História e ciências sociais: a longa duração. **Revista de História**. v.30, n. 62. Abr-Jun,1965.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o Lugar para Compreender o Mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio. (org). **Ensino de Geografia: Prática e Textualização no Cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009. 7. Ed. p. 83-131.
- CASTRO, Iná Elias. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005.
- CHAVES, Ana Paula Nunes; PREVE, Ana Maria Hoepers. Sobre cinema e geografia na escola: algumas aproximações de pesquisa. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 2240-2251, 2019.
- MASCARELLO, Fernando (Org.). **A História do Cinema Mundial**. Campinas: Papirus, 2006.
- MOISE, Dominique. **A Geopolítica das Emoções: Como as culturas do Ocidente, do Oriente e da Ásia estão remodelando o mundo**. Elsevier: São Paulo, 2009.p.1-28.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

NETO, Francisco Otávio Landim. BARBOSA, Maria Edivani Silva. O Ensino de Geografia na Educação Básica: uma análise da formação do docente e sua atuação na Geografia escolar. In: **Geosaberes**, 2010. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/viewFile/44/pdf10>>. Acesso em: 12 de abril 2021.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Cinema e imaginário científico. **História, ciências, saúde-manguinhos**, v. 13, 2006, p. 133-150.

ROCHA, H.; MONTOVANI, J. C.; COSTA, M. C. da. Assistindo a Geografia - O Uso de filmes como ferramenta didática para o ensino geográfico. **Geografia Ensino & Pesquisa**, n. April 2017, p. 157, 2017.

SANTOS JUNIOR, Antonio A. O. dos. **A indústria cinematográfica como “arma de guerra” no contexto da guerra fria**: uma análise dos filmes dr. Fantástico e Rocky IV. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

UNESCO INSTITUTE FOR STATISTICS. **Feature Films (2018)**. acesso em: <http://data.uis.unesco.org/>. Acessado em: 10/04/2021.

VIEIRA, Solange Francieli; GRÜMM, Cristiane Aparecida Fontana. PRATICANDO CURRÍCULO INTEGRADO NO ENSINO DE GEOPOLÍTICA. **Anais do 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia: políticas, linguagens e trajetórias**, p. 4009-4020, 2019.

VESENTINI, José Willian. **Novas Geopolíticas**. 4ª ed. São Paulo: Contexto. 2005



DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA E DESIGUALDADE EDUCACIONAL EM LONDRINA-PR

Thayane Victoria de Almeida Santos⁷¹

Resumo

A desigualdade educacional é uma problemática que torna-se cada vez mais presente na educação brasileira e no cotidiano das crianças, adolescentes e jovens, e está ligada diretamente à desigualdade socioeconômica no Brasil. Por isso, o presente artigo tem como objetivo analisar as desigualdades educacionais na cidade de Londrina, por meio da compreensão das desigualdades socioeconômicas e educacionais no Brasil. A metodologia utilizada foi a de pesquisa quali-quantitativa, apresentando números e gráficos para validar as hipóteses apresentadas, problematizando e discutindo sobre dados do município estudado. A partir desses resultados podemos concluir que quanto maior o nível do índice socioeconômico dos estudantes de uma escola, maior será o desempenho deles no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), portanto conclui-se que a condição socioeconômica dos alunos interfere diretamente nos resultados finais de sua aprendizagem.

Palavras-chave: Desigualdade; Socioeconômica; Educacional.

Introdução

A educação brasileira sempre foi marcada por fortes desigualdades desde o início de sua história e o efeito disso tudo sempre foi uma exclusão cruel em especial de determinados grupos sociais. O não acesso a uma educação de qualidade pode trazer ao cidadão diversas consequências, como por exemplo, a dificuldade para adentrar no ensino superior ou conseguir bons empregos.

Portanto, o objetivo do presente artigo é analisar as desigualdades educacionais na cidade de Londrina. Para tanto, primeiro, foram introduzidas discussões sobre as desigualdades socioeconômica e educacional no Brasil, apresentando informações que comprovam a importância do estudo do problema no país, depois, foram explorados dados educacionais e socioeconômicos de 13 das mais de 70 escolas estaduais localizadas em Londrina-Pr catalogadas pelo (INEPDATA, 2020), selecionadas de acordo com sua localização, sendo 4 na zona central (Newton Guimaraes, Hugo Simas, Marcelino Champagnat, Jose De Anchieta), 4 na zona oeste (Tsuru Oguido, Polivalente, Cassio Leite

⁷¹ Aluna do 3º ano de geografia. Universidade Estadual de Londrina. thayane.victoria@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Machado, Olavo G Ferreira Da Silva), 2 na zona leste (Jardim Eldorado, Joao Rodrigues Da Silva), 2 na zona sul (Rina M De J Francovig , Vani Ruiz Viessi) e 1 na zona norte

(Fernando De B. Pinto), para que fosse possível evidenciar a desigualdade educacional relacionada com as diferenças socioeconômicas de família de alunos no município. Dois gráficos foram analisados, um apresentando o Índice de nível socioeconômico (INSE) e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 13 escolas de Londrina e o outro mostrando o nível socioeconômico e Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das escolas públicas estaduais focando em cada região da cidade. Todos os dados apresentados são referentes ao último INSE publicado em 2017 e foram utilizados dados do IDEB de 2017 para relacionar com os dados do INSE.

Na primeira parte do desenvolvimento deste artigo, foi feita uma contextualização sobre a desigualdade socioeconômica no Brasil, fomentando uma discussão e falando sobre temas como desigualdade de renda, meritocracia, e como as desigualdades racial e de gênero afetam diretamente na renda desses grupos. Na segunda parte foi abordada a desigualdade educacional no Brasil, mostrando como ela está relacionada diretamente com a desigualdade socioeconômica, apresentando estudos de sociólogos e informações que reforçam a importância da problemática. Por fim, o estudo sobre as desigualdades educacionais em Londrina, com análise de dados que comparam o nível socioeconômico com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica em várias escolas e também em todas as regiões de Londrina.

A maior dificuldade da pesquisa foi a coleta de dados. As informações utilizadas são da Secretaria de Assistência Social de Londrina, com quem foi feito contato por e-mail para o recolhimento dos materiais. Outras pesquisas podem ser feitas no futuro a partir dessa, como o aprofundamento nas questões raciais e de gênero, ou um estudo das desigualdades educacionais no estado do Paraná.

Desigualdade Socioeconômica no Brasil: Breves Considerações

A desigualdade socioeconômica é resultado do sistema capitalista na sociedade, em que uma pouca parcela da população detém grande concentração de renda, enquanto a grande maioria vive em situação de vulnerabilidade e também resultado de um processo histórico que vem desde da colônia de exploração implantada no Brasil, reforçada durante a escravidão e pós-



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

escravidão, o que levou a um processo de marginalização do povo negro. Assim, a desigualdade vem se desenvolvendo no território nacional como um componente de diferenciação dos padrões de vida e reconhecimento social da população brasileira.

Nas discussões sobre desigualdade, Rousseau (1754) apud Wong (2017) fala sobre dois tipos, a desigualdade natural/física que é estabelecida pela natureza, que é a desigualdade de corpo, peso, saúde e etc., e a desigualdade moral e política que é estabelecida, imposta ou consentida pelo ser humano, uma desigualdade de privilégios de uns sobre o prejuízo de outros, diferenças de riquezas, poder e status entre as pessoas, que segundo Wong (2017). Um dos resultados dessa desigualdade é a pobreza, já que no Brasil o maior problema não é a falta de riquezas mas sim a distribuição desigual dessa riqueza, onde poucos possuem muito e muitos possuem pouco, sendo que o país figura na lista com maior índice de desigualdade do mundo.

Ao falar sobre a desigualdade socioeconômica, um dos conceitos mais comentados na nossa sociedade atual é a ideia de meritocracia. Segundo Fernandes (2001) a meritocracia consiste em estabelecer uma relação direta entre mérito e poder, e acredita que todo indivíduo é capaz de conseguir tudo o que deseja apenas utilizando suas capacidades, isentando o estado de assumir o seu papel no bem estar social e garantia de direitos.

Também é preciso falar de desigualdade racial, importante pensar que por muito tempo o Brasil assumiu a ideia de que as raças viviam juntas sem nenhum conflito ou desigualdade, e as relações raciais quase nunca eram comentadas, apenas as relações de classes, após estudos empíricos comprovando que com o fim da escravidão no Brasil as oportunidades são ofertadas de formas desiguais, sendo assim a desigualdade socioeconômica e educacional está diretamente ligada a desigualdade racial, Fernandes (2001) afirma que a população negra no Brasil não tem as mesmas chances e oportunidades no mercado de trabalho, e que a população não-branca mostra um alcance educacional significativamente inferior em relação à população branca, exatamente por não terem as mesmas oportunidades.

Mercadante (2003) aponta que as desigualdades no Brasil estão associadas em uma matriz social fundada na concentração de terras, poder político e dependência externa, na forma que o estado utiliza os seus recursos, que muitas vezes ao invés de criar ou aprimorar programas de políticas públicas com recursos públicos para a diminuição da desigualdade socioeconômica e pobreza, são desviados e apropriados pelo setor privado por grupos que controlam e se beneficiam do poder político, gerando portanto um modelo econômico



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

excludente e concentrador que visa a acumulação do capital e beneficia grupos econômicos tanto internos quanto externos.

A política neoliberal adotada pelo país não é capaz de possibilitar soluções para as problemáticas e desigualdades que são o grande problema, muito pelo contrário, o neoliberalismo agrava esses problemas e que para Mercadante (2003) adiciona novos problemas para os países da América Latina, incluindo o Brasil que ao aderir políticas neoliberais complica ainda mais a situação socioeconômica do país.

Com o Brasil cada vez mais sendo um exemplo de referência internacional no campo das desigualdades, sendo isso resultado de uma grande contradição nacional, segundo Pochmann (2003) além de uma pequena parcela da população possuírem um grande patrimônio e uma das nações com pior distribuição de renda, também é uma nação com um setor de exportação de alimentos que se destaca mundialmente porém possui uma grande parte da população em situação de fome. Assim, além de uma reforma política, tributaria e social, se vê necessário para o combate na desigualdade socioeconômica do Brasil uma reforma agrária.

Ao discutir sobre o papel do estado para diminuir esses índices de desigualdades do Brasil, Cunha e Wlodarski (2005, p. 6) afirmam que:

Torna-se necessário que o indivíduo alcance sua autonomia e liberdade através da minimização da desigualdade social e da garantia do acesso aos bens necessários para seu desenvolvimento. Neste sentido o Estado passa a ser o regulador desta situação, onde através das políticas sociais possa proporcionar a diminuição dos índices de desigualdade, procurando desenvolver ações para o social e não para a classe dominante (classe burguesa).

Então, segundo Cunha e Wlodarski, para erradicar ou pelo menos diminuir a desigualdade socioeconômica no nosso país, o estado deve intervir através de programas sociais, políticas públicas e também uma tributação mais justa, onde cada pessoa seja tributada de acordo com sua capacidade contributiva, taxando os mais ricos diminuindo a concentração de renda e direcionando para programas sociais, a fim de diminuir as iniquidades. Deve investir em ações que diminuam a desigualdade étnico-racial e de gênero, fazendo com que as empresas contratem mais mulheres e negros, assim como indígenas e pessoas com deficiência. É necessário pensar em uma nova política, que olhe para todos os grupos sociais e não só os grupos que há mais de 500 anos são os privilegiados.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desigualdade Educacional no Brasil: Breves Considerações

A educação, mesmo sendo um direito de todos os brasileiros garantido pela constituição federal de 1988, ainda não foi garantida a todos. O sistema de educação brasileiro é desigual por vários fatores, sendo eles: acesso ao ensino, qualidade, falta de materiais básicos, infraestrutura das escolas públicas precárias, entre outros.

Para resolver ou diminuir essa desigualdade, precisa cumprir o que está preconizado na constituição federal que é a garantia de um ensino gratuito e obrigatório para a população e também expansão da oferta de ensino, com construção de escolas, paragarantir o acesso da população à educação.

A desigualdade educacional possui diversas dimensões. Segundo Sampaio e Oliveira (2015) uma dessas dimensões é a desigualdade ao acesso à educação, para diminuir essa desigualdade além da educação ter se tornado obrigatória, é importante estabelecer políticas públicas para a oferta de um ensino gratuito de qualidade, e também a expansão de oferta de ensino na construção de escolas, porém as condições socioeconômicas dos estudantes e de sua família também impacta no acesso à educação, concluindo que por mais que o estado garanta mais escolas e a obrigatoriedade do ensino e sua gratuidade, as condições socioeconômicas impactam no acesso à educação e permanência do estudante na escola.

Segundo Sampaio e Oliveira (2015) o processo de expansão da educação básica no Brasil foi feita de maneira desigual no território nacional, onde estados mais ricos localizados no sul e sudeste do país assumiram a responsabilidade pela educação básica e os mais pobres do norte e nordeste deixaram essa responsabilidade para os municípios, resultando em uma desigualdade regional da educação, já que estados mais ricos do sul e sudeste tem uma capacidade orçamentaria e os municípios de estados mais pobres do norte e nordeste não possuem recursos financeiros adequados para investimentos nas instituições. Mesmo com mecanismos de transferências redistributiva que segundo Sampaio e Oliveira (2015) são recentes e insuficientes na redução da desigualdade. Na tentativa de reduzir essa desigualdade o estado brasileiro criou um Plano Nacional de Educação com metas e estratégias que visam reduzir as desigualdades de tratamento, uniformização das condições de oferta de ensino junto com uma política de educação regulada que “dado que a legislação federal determina que 25%



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da receita de impostos devem ser alocados em educação.” (SAMPAIO; OLIVEIRA, 2015. p. 518).

O terceiro é a desigualdade de conhecimento, onde as condições socioeconômicas do aluno interferem em seu desempenho escolar e no processo de aprendizagem. Na teoria da reprodução de Bourdieu citado por Sampaio e Oliveira (2015), o êxito escolar do indivíduo é influenciado pela sua condição socioeconômica, ou seja, o aluno com menor renda familiar tem mais chance de ter dificuldades de aprendizagem e assim o seu desempenho escolar ser inferior ao que tem uma renda familiar maior. É defendido que o estado garanta recursos e que esses recursos sejam diferenciados, de acordo com as necessidades de cada escola com base na condição socioeconômicas de seus alunos.

Sendo assim, segundo Durkheim (2011) apud Garcia e Yannoulas (2017) a educação irá variar de acordo com a classe social do indivíduo, pessoas de classes sociais mais populares não terá uma oportunidade de educação igual ao de quem possui um poder aquisitivo maior e também irá variar conforme o espaço geográfico em que o estudante vive, por exemplo, a grande diversidade no território brasileiro, a educação no campo, educação para povos indígenas, quilombolas e etc.

De acordo com Arroyo (2013) 17 milhões de estudantes matriculados na rede pública de ensino que são beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF) (Censo Escolar, 2013), fica evidente que a relação entre educação e pobreza, não estamos falando de minorias. Mas, sim evidenciando que grande parte dos estudantes que estão inseridos na escola pública estão em situação de pobreza ou de extrema pobreza.

A desigualdade educacional está diretamente ligada à desigualdade socioeconômica no Brasil e dois fatores que provam isso são os índices da evasão escolar e a defasagem idade/série, e ambos os problemas parecem estar relacionadas à necessidade de complementação da renda familiar. De acordo com o IBGE (2019) os principais motivos mais apontados para a evasão escolar foram a necessidade de trabalhar (39,1%), e também em relação às questões de gênero, entre as mulheres os principais motivos foram gravidez (23,8%) e trabalhos domésticos (11,5%). Os filhos de famílias com pouca renda, optam por trabalhar para ajudar em casa ao invés de estudar, ou faz as duas coisas ao mesmo tempo e se atrasam nos anos escolares. O estudo, infelizmente, nunca é a prioridade. Em relação à questão racial, as pesquisas do IBGE (2019) relatam uma grande diferença entre pessoas brancas e pretas ou pardas. De acordo com



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

os dados 3,6% das pessoas de 15 anos ou mais de cor branca eram analfabetas, e 8,9% entre pretos ou pardos, na faixa etária de 60 anos ou mais essa diferença aumenta, a taxa de analfabetismo pessoas brancas é de 9,5% e, entre as pessoas pretas ou pardas, chegou a 27,1%.

Um dos fatores que mais incentiva para que esse ciclo se torne infinito é a política de governo neoliberal. Ao problematizar os impactos do neoliberalismo na educação Guzzo e Filho (2005) afirma que o neoliberalismo caracteriza-se basicamente pelo fortalecimento dos investimentos privados em detrimento do público e pela acentuação da concentração de renda de um pequeno grupo social. Nessa etapa do capitalismo, os serviços públicos vêm sendo privatizados e sucateados, as verbas públicas são direcionadas para o setor privado.

Enquanto os ricos recebem investimentos e multiplicam a concentração de renda, os pobres continuam perdendo acesso a serviços públicos de qualidade (universidades públicas) por conta da precarização do ensino público de base. Essa realidade é evidenciada nos dados fornecidos pelo IBGE (2019), onde relata que 87,4% do ensino médio é ofertada pela rede pública, enquanto a rede privada de ensino superior atendeu 73,7 dos estudantes da graduação e 74,3% da pós-graduação.

As famílias ricas acabam optando por investir na educação dos filhos e pagam escolas particulares. Assim, empresas privadas recebem investimentos, e ricos ajudam outros ricos a ficarem ainda mais ricos. Mesmo que investimentos sociais façam parte dos discursos dos políticos, a população não consegue ver a ação do poder público, pois os chefes de estado estão tomados pelos interesses particulares e servem apenas a uma pequena parcela do seu povo.

Resumidamente, a desigualdade educacional no Brasil está interligada à desigualdade socioeconômica. Para a educação, algumas soluções são o investimento na formação professores, melhoria dos seus salários, investimentos pesados em materiais e em infraestrutura.

Desigualdade Educacional em Londrina-Pr

O IDEB (Índice De Desenvolvimento Da Educação Básica) utiliza indicadores para obter informações sobre o desempenho educacional das escolas públicas de todo o país, e eles são: indicadores de fluxo (promoção, repetência e evasão) e o indicador das pontuações de provas padronizadas que são aplicados para os estudantes da rede pública. Essas provas são



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aplicadas no final das duas etapas do ensino fundamental (5 e 9 ano), ainda existe o Exame Nacional do Ensino Médio no final do 3º ano do ensino médio. Esses indicadores são gerais e quantitativos, e não se relacionam com a renda familiar do estudante ou o seu perfil socioeconômico.

O principal objetivo desses indicadores é monitorar a qualidade da educação básica no país, porém, segundo Durkheim (2011) apud Garcia e Yannoulas (2017), a educação varia de acordo com o espaço e classe social, ou seja, a situação socioeconômica dos alunos também interfere nos indicadores educacionais de determinado colégio. Assim, através do Indicador de Nível Socioeconômico das Escolas de Educação Básica (INSE), é levado em conta o nível socioeconômico desses estudantes, a fim de ampliar esse monitoramento, analisando esse indicador com indicadores do IDEB, para que assim seja possível compreender melhor as dificuldades que colégios públicos enfrentam.

Para evidenciar as desigualdades educacionais entre as escolas públicas estaduais do município através de dados educacionais e socioeconômicos, Sampaio e Oliveira (2015) diz que um dos fatores para ampliar desigualdade educacional são as condições socioeconômicas, sendo que o desempenho e processo de aprendizagem recebem interferências das condições socioeconômicas do aluno.

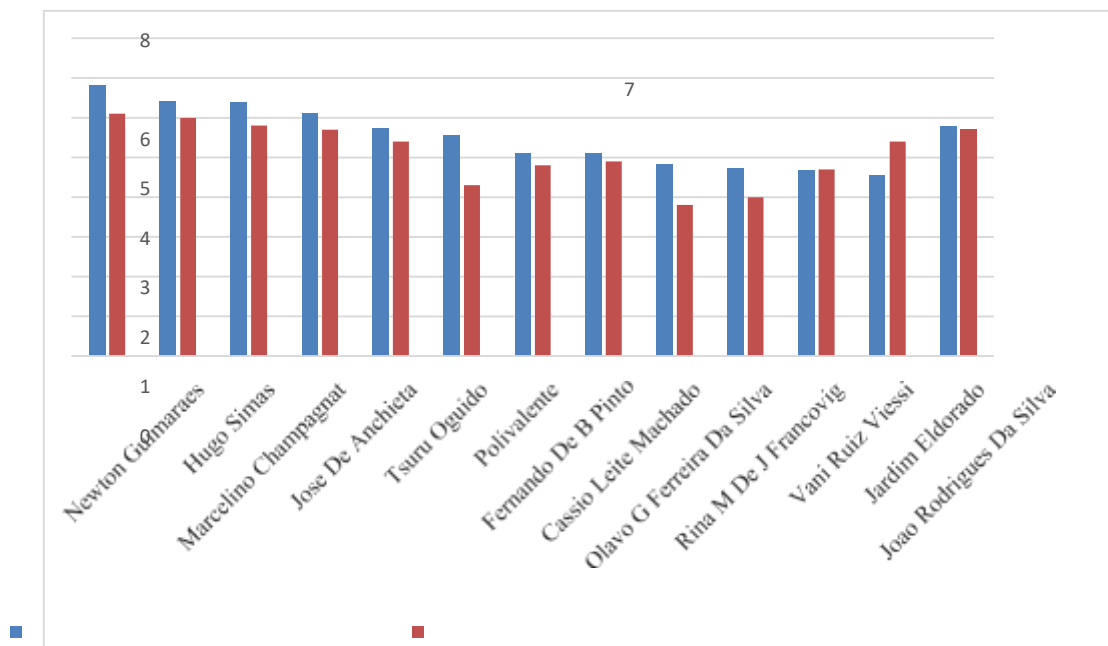
Ao pensar na desigualdade educacional existem vários fatores que provocam essa desigualdade na educação, um desses principais fatores é a desigualdade socioeconômica que é o fator que está em foco neste presente artigo. Ao analisar dados educacionais e socioeconômicos de 13 das mais de 70 escolas estaduais localizadas no município de Londrina-Pr catalogadas pelo (INEPDATA, 2020), composto por 4 escolas da zona central (Newton Guimaraes, Hugo Simas, Marcelino Champagnat, Jose De Anchieta), 4 instituições da zona oeste (Tsuru Oguido, Polivalente, Cassio Leite Machado, Olavo G. Ferreira Da Silva), 2 escolas na zona leste (Jardim Eldorado, Joao Rodrigues Da Silva), 2 escolas na zona sul (Rina M De J Francovig, Vani Ruiz Viessi) e apenas 1 na zona norte (Fernando De B Pinto) foi possível evidenciar a desigualdade educacional relacionado com as diferenças socioeconômicas de família de alunos no município como apresenta no gráfico 1.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Gráfico 1 – Índice de Nível socioeconômico e Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB) das escolas públicas de Londrina-Pr.



Fonte: INEP (2017), QEDU (2017)

Pode-se notar que quanto maior for o nível socioeconômico dos estudantes de determinado colégio, também será maior a pontuação desses estudantes nos indicadores educacionais, e quanto menor for esse nível socioeconômico, há uma maior tendência que esse colégio tenha um desempenho menor. Assim, é possível evidenciar que o êxito escolar dos alunos é influenciado pelas suas condições socioeconômicas, segundo Sampaio e Oliveira (2015).

Como pode ser observado no gráfico 1, as quatro primeiras escolas que estão localizadas na zona central de Londrina, possuem os maiores níveis socioeconômicos dos alunos matriculados, assim resultando em um desempenho melhor no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Já as escolas Olavo G Ferreira Da Silva no conjunto habitacional Avelino Vieira da zona oeste de Londrina, Rina M De J Francovig no Parque Residencial Campo Elísios e Vani Ruiz Viessi no Conjunto São Lourenço, ambos estão localizados na zona sul da cidade, em bairros periféricos distantes da zona central de



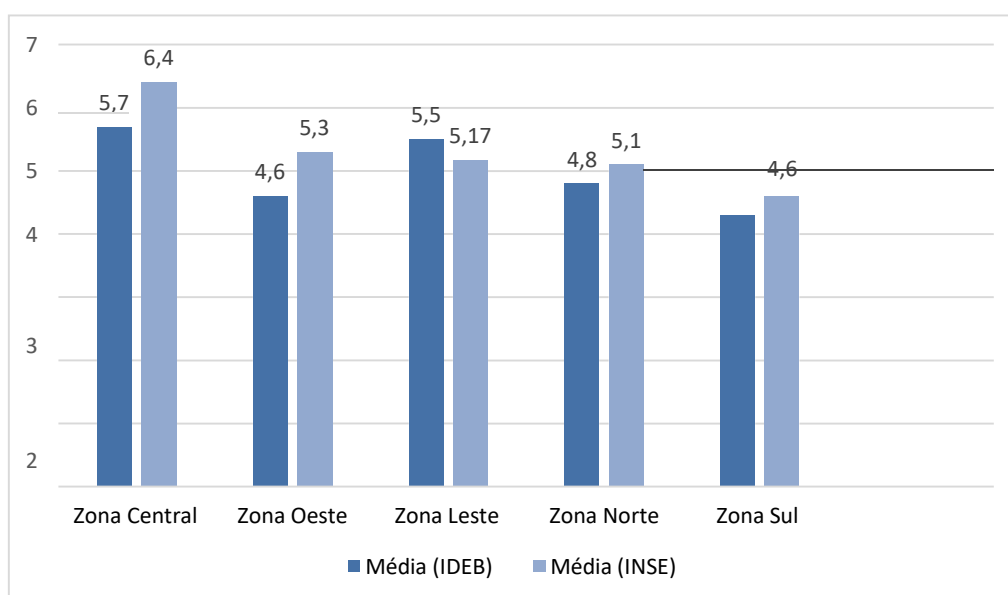
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Londrina, possuem os menores níveis socioeconômicos e são as que obtiveram um resultado inferior em relação às demais, diferente das quatro primeiras escolas localizadas na zona central da cidade que possuem o maiores IDEB e Nível Socioeconômico. Há uma exceção na escola Jardim Eldorado, que está localizado na zona leste da cidade de Londrina, no bairro Jd. Califórnia, que por mais que tenha um nível socioeconômico inferior em relações as demais, mas obteve um desempenho melhor nos indicadores do índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB).

Com o município de Londrina, como os demais do Brasil é marcado por esse contexto histórico de segregação socioespacial, o gráfico 2 mostra a diferença entre os níveis econômicos dos estudantes dos colégios, que agora estão separados de acordo com a zona da cidade em que essas escolas estão localizadas

Gráfico 2 - Média do Nível socioeconômico e Índice de Desenvolvimento da Educação básica (IDEB) das escolas públicas estaduais de cada região de Londrina.



Fonte: INEP (2017), QEDU (2017)

Com base no gráfico 2, é possível notar que a zona central de Londrina é a que possui o maior nível socioeconômico dos estudantes e consequentemente o melhor desempenho nos indicadores do Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das escolas que estão



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

localizadas neste espaço geográfico da cidade, já as escolas localizadas nas demais zonas de Londrina possuem o nível econômico de seus estudantes inferior das escolas da zona central, tendo por consequência um desempenho inferior nos seus indicadores do IDEB, sendo as escolas da zona sul de Londrina que obtiveram os menores índices tanto no nível econômico quanto no IDEB.

Comparando o desempenho das escolas públicas de Londrina escolhidas para essa pesquisa, é possível também analisar a localização dessas escolas no município. O processo de crescimento habitacional em Londrina foi marcado por uma grande valorização em bairros localizados na zona central ou próximo a ela, onde seriam destinadas pessoas com alto poder de compra, conforme diz Martins (2007, p. 57) no trecho:

As áreas mais centrais do quadrilátero tinham um preço maior, portanto, não estava acessível a todos, desta forma, aí se instalou uma população de maior poder aquisitivo e as atividades comerciais. No entorno, tinham-se os bairros residenciais obedecendo a um zoneamento previamente estabelecido.

Houve então um processo de segregação socioespacial, em que pessoas com menor poder aquisitivo foram procurar por moradia em conjuntos habitacionais e em locais, que segundo Martins (2007), são regiões que possuíam menores valores imobiliários.

A desigualdade socioeconômica não é o único fator para a desigualdade educacional, mas sim um fator que impacta muito do processo de aprendizagem do aluno e no desempenho da escola no geral. Para diminuir essa desigualdade ou até mesmo garantir condições para que a educação seja garantida, há a contribuição de programas sociais como o Programa Bolsa Família (PBF), que é um programa de transferência de renda do governo federal destinado para famílias na condição de pobreza ou extrema pobreza. Um dos objetivos do programa Bolsa Família é o combate à pobreza e a promoção de acesso a serviços públicos, como a educação.

De acordo com a Caixa Econômica Federal (2021) um dos requisitos para ter direito ao Programa Bolsa Família (PBF) é a frequência mínima de 85% na escola, para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos, e de 75%, para adolescentes de 16 e 17 anos que venham de famílias baixa renda.

Martins e Ruckert (2019, p. 3) dizem que o desenvolvimento humano tem relação com o ambiente em que o indivíduo está inserido, ou seja, trazer uma educação de qualidade,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

com materiais e infraestrutura é mais do que fundamental para que todos os alunos se desenvolvam bem:

O desenvolvimento humano é sociocultural, assume-se que o ambiente desempenha papel fundamental para a aquisição de conhecimentos e o aumento das capacidades cognitivas. Logo, privações sociais, econômicas e culturais podem inviabilizar o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas.

Segundo a Secretaria de Assistência Social de Londrina (2020), 17.806 famílias no município são beneficiárias do Programa Bolsa Família e 56.869 em situação de pobreza ou extrema pobreza (dados de dezembro de 2020). A importância desse programanão é somente para as questões da desigualdade socioeconômica, mas também para a desigualdade educacional, impactando o processo de aprendizagem e o desempenho escolar de estudantes baixa renda no município de Londrina.

Considerações finais

De acordo com a coleta de dados e análise dos gráficos, é possível concluir que as condições socioeconômicas dos alunos afetam em seus desempenhos, em sua aprendizagem e vida escolar, e que a desigualdade socioeconômica afeta diretamente na desigualdade educacional. O objetivo inicial desta pesquisa era analisar as desigualdades educacionais na cidade de Londrina, e fazendo essa análise, foi possível perceber que as escolas da cidade que estão em uma área que apresenta maior nível socioeconômico também apresentam um IDEB maior, fato que comprova o que foi defendido na pesquisa. A desigualdade socioeconômica, que é decorrente da má distribuição de renda,

traz diversas consequências como a favelização, a fome e a miséria. Já a desigualdade educacional é desigual por vários fatores, sendo eles: acesso ao ensino, acesso a aula de boa qualidade, a bons materiais e boas infraestrutura das escolas. Ambas as desigualdades se encontram quando a condição pobre dos jovens faz com eles trabalhem e não frequentem a escola regularmente ou abandonem, e também se encontram quando notamos que quem mora em uma região menos privilegiada da cidade acaba tendo um desempenho inferior, e vice versa. Com a pesquisa, foi possível perceber que as escolas da zona central de Londrina



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

apresentam maior índice de nível socioeconômico e conseqüentemente um IDEB mais alto. Os indicadores educacionais é uma importante ferramenta para o levantamento das desigualdades que estão presentes no próprio sistema educacional público, onde escolas públicas de bairros periféricos necessitam de uma assistência e atenção maior do estado. Essas desigualdades educacionais que se agravam de acordo com a condição econômica dos estudantes mostram a necessidade de políticas públicas voltadas tanto para escolas de bairros periféricos quanto para alunos matriculados.

Para extensão da pesquisa, podem ser feitos futuros trabalhos como o aprofundamento nas questões raciais e de gênero, um novo estudo feito não só na cidade de Londrina, mas em todo o estado do Paraná ou então uma pesquisa sobre a diferença da qualidade do ensino das escolas estaduais e privadas.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. Reconhecer que a Pobreza e Desigualdades existem. **Pobreza, desigualdades e educação**. Módulo introdutório do Curso de Especialização Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Brasília, DF: (MEC/SECADI). p. 07-09. 2013. Disponível em: <http://egpbf.mec.gov.br/modulos/pdf/intro.pdf>. Acesso em: 05 março de 2021.

CAIXA ECONOMICA FEDERAL. **Bolsa Família**, 2021. Disponível em: <https://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CENTRO DE REFERENCIA DE ASSISTENCIA SOCIAL – **CRAS**/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Brasil, Londrina-Pr, 2020.

CUNHA, L. A ; WLODARSKI, R. Desigualdade social e pobreza como conseqüências do desenvolvimento da sociedade. **UNICAMP**, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais9/artigos/workshop/art15.pdf> Acesso em: 23 jan. 2021.

FERNANDES, Danielle Cireno. Raça, Origem Socioeconômica e Desigualdade Educacional no Brasil: Uma Análise Longitudinal. ANPOCS, 2001. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/25-encontro-anual-da-anpocs/st-4/st04-3/4564-dfernandes->



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

raca/file#:~:text=2.2.1%20Desigualdade%20Racial%20no%20Brasil&text=vinham%20sendo%20vistas%20dentro%20de,mas%20a%20rela%C3%A7%C3%B5es%20de%20classes

GARCIA, A. V; YANNOULAS, S.C. Educação, pobreza e desigualdade social. **Em Aberto**. 2017, v. 30, n. 99, p. 21-41, Disponível em:
<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/3198/2933> Acesso em: 18 de janeiro de 2021

GUZZO, Raquel Souza Lobo; FILHO, Antonio E. Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora. **Escritos educ.**, Ibirité, v.4, n. 2, p. 39-48, dez. 2005. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005. Acesso em 07 fev. 2021.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. PNAD Educação 2019: Mais da Metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Agência Notícias IBGE. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio#:~:text=No%20total%2C%2056%2C4%20milh%C3%B5es,escola%20ou%20crache%20em%202019.&text=Entre%20os%20jovens%20de%202018,tinham%20conclu%C3%ADdo%20o%20ensino%20obrigat%C3%B3rio>. Acesso em 05 março. 2021.

INEP. **Ideb**, 2020. Disponível em:
<http://ideb.inep.gov.br/resultado/resultado/resultado.seam?cid=3640560> . Acesso em: 10 fev. 2021.

MARTINS, Bárbara Amaral; RUCKERT, Fabiano Quadros. O Programa Bolsa Família e a educação: uma análise da produção científica brasileira fundamentada na base de dados Scielo (2003-2018). **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 24. p. 01-21 2019.

MARTINS, Victor Hugo Teixeira. **Habitação, Infra-Estrutura e Serviços Públicos: Conjuntos habitacionais e suas temporalidades em Londrina-PR**. 2007. Dissertação Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2007.

MERCADANTE, Aloizio. Construindo estratégias para combater a desigualdade social: uma perspectiva socioeconômica. In: WERTHEIN, Jorge; NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Pobreza e**



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

desigualdade no Brasil: traçando caminhos para a inclusão social. Brasília : UNESCO, 2003. p. 37-51 Disponível em:<http://livros01.livrosgratis.com.br/ue000156.pdf> . Acesso em 20 jan. 2021.

POCHMANN, Márcio. Nova política de inclusão socioeconômica. In: WERTHEIN, Jorge; NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Pobreza e desigualdade no Brasil:** traçando caminhos para a inclusão social. Brasília : UNESCO, 2003. P. 75-85. Disponível em:
<http://livros01.livrosgratis.com.br/ue000156.pdf> . Acesso em 20 jan. 2021.

QEDU. **Londrina**, 2021. Disponível em: <https://www.qedu.org.br/cidade/2623-londrina/explorar?grade=9&discipline=2&dependence=2&zoom=2&sort=nse&sortDirection=asc&visualization=isotope>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SAMPAIO, G. T. C.; OLIVEIRA, R, P. Dimensões da desigualdade educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**. v. 31, n. 3, p. 511,2015. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/60121/37016>. Acesso em: 03 fev. 2021.

WONG, Edward. **A desigualdade econômica no Brasil**. 2017. Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Graduação em Ciências Econômicas do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54458/Edward%20Wong.pdf?sequence=1>



UTILIZAÇÃO DA MÚSICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Gabriel Violin Candreva⁷²

Gustavo Viana de Oliveira⁷³

Introdução

Todos nós, sejamos educandos ou educadores já nos deparamos com aquele professor no qual apenas ministra uma aula expositiva, quando muito é utilizado um livro didático. Sendo assim a problemática do presente texto é apresentar uma possibilidade da utilização de recursos didáticos com a finalidade de deixar a aula mais atrativa, a música.

A ideia é relatar neste texto como utilizar esse recurso, sendo um elemento muito presente na vida da maioria dos educandos de todas as faixas de idade. Como procedimento metodológico de construção desse resumo primeiramente realizou-se a leitura de alguns textos sobre o uso da música no ensino de Geografia, depois apresentou-se como sugestão o uso da música Asa Branca, para o sétimo ano do ensino fundamental II.

Com o advento de um período histórico técnico-científico-informacional onde o uso das tecnologias digitais é muito presente na vida das crianças, adolescentes e jovens, e mais especificamente com a popularização dos smartphones de 2010 e das plataformas de streaming, o acesso a música foi extremamente facilitado. Portanto,

Imersos em um universo audiovisual cada vez mais complexo, crianças e jovens devem assimilar e reacomodar seus códigos comunicacionais para captar o ritmo vertiginoso e as mudanças que a realidade lhes impõe.

Expostos diariamente às linguagens audiovisuais, como novas formas de expressão e comunicação, as crianças e os jovens continuam recebendo, em contrapartida, uma educação verbalista e reprodutora que desconhece, ou não se aproveita das novas linguagens de uma

⁷² Estudante do quarto período do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. gabriel.violin@uel.br

⁷³ Estudante do quarto período do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina gustavo.vianaoliveira@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

'escola paralela' representada pela tão amada tevê. (PACHECO, 1991, p. 09).

O principal objetivo de uma aula utilizando recurso musical é a possibilidade de ministrar um conteúdo de uma maneira mais leve e atraente, gerando um aprendizado verdadeiro e não apenas memorização, além de que como poderemos ver mais adiante na música que foi escolhida para essa análise é possível trabalharmos diversos aspectos da geografia, como: características climáticas, diversidade cultural, introdução ao uso de mapas e até mesmo dinâmicas migratórias.

Para a realização dessa atividade o professor apresenta a música tema da aula e reproduz ela algumas vezes posteriormente desenvolve algumas provocações que levem seus alunos aos questionamentos alvo da aula. Mas, sabe-se que ainda hoje nem todos tem acesso à internet ou algum desktop para reproduzir músicas em casa, por isso essa deve ser uma atividade realizada dentro de sala de aula tendo a escola e/ou o professor como provedor dos meios para sua realização.

Sugestão de uso da música Asa Branca no ensino de Geografia

A aula baseada na música tem como objetivos trabalhar de uma forma diferente a percepção auditiva dos alunos e a possível abordagem de vários conceitos. A música escolhida para ser contextualizada neste texto foi Asa Branca, do compositor e cantor Luiz Gonzaga. Nessa música é possível discutir os diversos conteúdo da educação geográfica, podemos fazer uma análise mais sobre os aspectos socioeconômicos interpretando a vida do narrador, que passa diversas dificuldades econômicas, pode-se também analisar os aspectos físicos, como análise do clima, vegetação e solos da região no qual se passa a história da música.

Todavia o intuito dessa aula é trabalhar com os vários conteúdos de geografia e mostrar a interação do ser humano com o espaço geográfico, lugar, território e região, discutir sobre como climas, relevos e solos podem forjar e modificar sociedades ao longo dos tempos. A música apresenta questões que questionam e possibilitam o estudo de uma região.

5. Os elementos psicológicos e simbólicos da música moldando o caráter de um lugar: a imagem do lugar, o sentido de lugar e a percepção do lugar. Pode-se citar o trabalho de Lechaume (1997) ... 10. As inter-



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

relações da música com outros traços culturais em um sentido espacial, por exemplo, a religião, as gírias, a política, a culinária e os esportes. (CASTRO, 2009, p. 11)

Com a essa discussão apresentada na música é possível observar o cenário da perspectiva de quem o narra, no caso Luiz Gonzaga conta de um período de grande seca no sertão nordestino que obriga o narrador a sair de sua terra natal (onde pode-se discutir quais as relações afetivas com o lugar de origem). Os elementos musicais como letra e instrumentação nos mostram a manifestação cultural do baião.

Para a realização dessa atividade primeiro é preciso escolher uma turma, como sugestão define-se alunos do 7º ano, acredita-se que nesta serie os estudantes já tem maturidade para discernir os diferentes elementos abordados na música, posteriormente é preciso definir os objetivos a serem alcançados na aula, que seria uma análise geral do conceito lugar e espaço geográfico do qual a música aborda, os processos de migração interna no Brasil, retratado na música, contextualização das relações socioespaciais, sendo possível nesse momento a inserção de mapas na aula o que traria mais um recurso didático para a aula tornando-a ainda mais atraente e proveitosa já que o conteúdo de cartografia seria abordado também. Após a realização dessas etapas o professor faria algumas provocações que gerem questionamentos nos alunos sobre elementos abordados na música, instigando o debate entre eles com o professor como mediador.

Esse seria o plano de aula com apresentação da música, questionamentos do professor para sua turma buscando incentivar discussões e debates tendo assim apresentação de dúvidas e contribuições por parte dos alunos com mediação do professor fazendo um intermédio entre a música trabalhada e a realidade vivida pelo aluno, isso auxilia na formação do aluno como um sujeito crítico e reflexivo na sociedade atual, fazendo assim o aluno ter uma outra visão de mundo fora dos muros da escola e do lugar onde vive, correções e esclarecimentos por parte do professor, o mais ideal dos cenários seria trabalhar essa dinâmica em um dia que houvesse duas aulas uma seguida da outra, porém como essa não é a realidade da maioria das escolas, atividade deverá ser realizada em dias diferentes, já que ocupa mais de uma hora de trabalho.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais:

Podemos aprender na elaboração desse plano de aula que existem inúmeras formas de construir o conhecimento, essa diversidade nos métodos de ensino vai ao encontro do conceito de “inteligências múltiplas” Gardner (1994), que nos diz que cada um aprende de forma diferente, sendo assim quanto mais métodos didáticos e recursos forem utilizados maior será a construção de conhecimentos pelos educandos.

Também podemos destacar a importância da música no ensino da geografia como meio de localizar os alunos no tempo e espaço, a música ainda tem o poder do lúdico criando o cenário na consciência do aluno, por exemplo a música utilizada nesse trabalho, é impossível que alguém ouça essa canção sem desenhar em sua mente os cenários narrados pela letra. É destacável também a facilidade que a música tem em dialogar com inúmeras faces da sociedade; econômica, política etc. O que contribui imensamente na formação cidadã dos alunos e na construção de uma educação libertadora.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Daniel. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 26, p. 7-18, 2009.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Penso, 1994.

PACHECO, Elza Dias (org). **Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O USO DE MÚSICAS COMO FERRAMENTAS AUXILIARES AO ENSINO DE GEOGRAFIA

Victor Hugo Ferreira Motta⁷⁴

Breno Rodrigues Grosman⁷⁵

Introdução

O objetivo desse resumo é enfatizar a importância do uso de músicas como instrumento auxiliar ao ensino de geografia, partindo do ponto de que, a música por poder tratar de diversos assuntos de maneira mais direta e acessível, desta forma ocasionando a uma aproximação e identificação dos temas para com os alunos. E salientar formas e desafios no uso de instrumentos auxiliares ao ensino, além de expor uma atividade trabalhada em 2018 no PIBID onde usava das músicas “Meu Deus Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?” da escola de samba Acadêmicos do Tuiuti e também “Boa Esperança” do Rapper Emicida para discutir a condição do negro na sociedade brasileira traçando um paralelo entre o passado e os dias atuais.

Desenvolvimento

Um ponto relevante nessa nossa empreitada rumo ao ensino mais democrático, é a forma como integramos e usamos novas formas de abordar velhos temas, de modo que, possamos nos adequar ao mundo ainda mais globalizado e tecnológico em que vivemos hoje. Portanto passa a ser função dos professores se adequarem e inserirem novas práticas pedagógicas a suas aulas a fim de despertar o interesse e a curiosidade em seus alunos, e essa adequação se torna necessária para uma aproximação do ensino à realidade desses alunos, tornando assim o processo de aprendizagem de mais fácil de entendimento. A exemplo deste aproxima mento já

⁷⁴Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Victorhugo.motta@uel.br.

⁷⁵Geografia. Universidade Estadual de Londrina. breno.rodrigues@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

que nosso tema é o uso de músicas como ferramentas auxiliares ao ensino, podemos citar, por exemplo, que é um colégio de periferia o uso de estilos musicais mais próximos com a realidade daquela comunidade como por exemplo samba, funk, rap, rock e músicas pop em geral teriam maior êxito do que o uso de ritmos musicais que não façam parte do dia a dia dos mesmos. Por isso um dos pontos a serem analisados antes de propor uma atividade é o entendimento da realidade em que ela será aplicada, por tanto cabe ao professor fazer adequações diferentes para as diferentes realidades socioculturais as quais essa atividade será aplicada.

O uso de músicas como ferramentas auxiliares ao ensino tem grande impacto no processo de aprendizagem, uma vez que as músicas tratam de diversos temas de maneira mais simples e próxima aos alunos, essa aproximação se dá tanto pela identificação com o conteúdo da letra e a forma com a qual ele é exposto como também pelo próprio ritmo da mesma que pode gerar uma familiaridade com o aluno.

A geografia tem condições de tratar de inúmeros temas de inúmeras formas, por conta dessa pluralidade o uso de músicas como ferramentas auxiliares ao ensino se torna um caminho relativamente simples de diversificar e dinamizar as aulas. Podemos observar que há diversas maneiras de se trabalhar músicas dentro de sala de aula quando se trata de geografia, podemos usar músicas com temáticas relacionadas ao que vem sendo discutido em sala de aula, para assim usar como fio condutor para debates ou produção de textos e paródias, também podemos nos aproveitar do gênero musical exemplo, samba para falar de algum movimento cultural ou até mesmo da própria cultura de um local, usar o próprio compositor como fio condutor para tratar de local e de sua divisão socioeconômica e assim por diante, na verdade o limite desse uso é a criatividade do professor. Uma preocupação que vem a tona quando pensamos em uso de ferramentas auxiliares de ensino, é a de que essas ferramentas se tornem “placebos” ou seja atividades não planejadas que servem apenas para passar tempo e não tem nenhum resultado efetivo no processo de aprendizagem, por isso se faz necessário o planejamento prévio destas atividades para que elas realmente alcancem objetivos no processo de aprendizagem, esse preparo se dá desde traçar os objetivos que se pretende alcançar com a atividade até mesmo o domínio do professor tanto no conteúdo quanto a interpretação da música dentro da proposta previamente estipulada.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Atividade Sobre Consciência Negra

Neste momento do texto gostaria de expor uma atividade relacionada ao uso de músicas como ferramenta auxiliar ao ensino, realizada em 2018 durante minha participação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). A atividade foi aplicada durante a semana da consciência negra em dois dias diferentes, no Colégio Estadual Professora Vani Ruiz Viessi situado na zona sul de Londrina para alunos do 3º ano do ensino médio, e tinha a proposta de reflexão sobre a condição do negro na sociedade através da análise de duas músicas, “Meu Deus Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?” que foi samba enredo da escola de samba Paraíso do Tuiuti no carnaval do Rio de Janeiro de 2018 e também “Boa Esperança” do Rapper Emicida, as duas canções trazem paralelos entre a realidade do negro nos tempos de escravidão e nos tempos atuais, sendo assim ótimas ferramentas para se gerar discussão e entendimento sobre o assunto proposto na atividade.

No primeiro dia de aplicação da atividade houve a apresentação das duas músicas através de seus respectivos clipes, uma explanação sobre o contexto histórico o qual o negro está inserido no Brasil, e a relação desse contexto com as letras das músicas. Ao fim da aula houve a proposta da realização de uma segunda parte da atividade onde ficaria a cargo dos alunos criarem paródias de outras músicas com base na temática discutida e apresentar para nós ou procurar por outras músicas que tratem desse assunto e fazerem a análise das mesmas.

No segundo dia da atividade houve a apresentação dos alunos, onde para minha surpresa todos optaram pela produção de paródias que foram interpretadas pelos mesmos na frente da sala para seus colegas, também tivemos o interesse de todos os alunos pela atividade, onde até mesmo alunos que não apresentavam interesse pela disciplina e que vinham com notas baixas demonstraram vontade de participar da atividade, essas paródias transitaram por diversos estilos musicais sendo eles, Rap, Funk, Sertanejo e Pop e trataram de diferentes formas a temática, além disso um grupo de alunos produziram uma música autoral a qual foi apresentada para a escola toda na semana cultural.

Para concluir esse relato podemos entender que nesse caso, a forma como foi pensada e aplicada esta atividade teve sucesso em alcançar a identificação dos alunos, pensando que as músicas propostas estavam dentro do contexto social dos mesmos e dialogavam de maneira e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

linguagem mais próxima a eles, também podemos nos atentar ao fato de que esse tipo de atividade que explora a criatividade dos alunos e sai da fórmula expositiva tradicional, tendem a ter maior aceitação e participação dos alunos, por tanto o uso de tais recursos tendem a ser grandes ferramentas para despertar ou reavivar o interesse dos alunos pela disciplina e estudos em geral.

Considerações Finais

Após tudo que foi exposto nesse resumo podemos chegar à conclusão de que, o uso de músicas como ferramentas auxiliares ao ensino tem como grande mérito a dinamização das aulas e também o despertar de um maior interesse e curiosidade nos alunos, usando assim a linguagem mais simples e familiar para gerar uma aproximação do conteúdo proposto ao aluno. Também podemos concluir que o uso de ferramentas auxiliares ao ensino deve ser pensado previamente pelo professor, para que a atividade possa ser proveitosa no processo de aprendizagem, pois no momento em que ela é apenas usada de forma qualquer, a atividade se torna apenas um “passa tempo” sem qualquer aproveitamento no ensino.

Referências.

- PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino—uma proposta didático-pedagógica. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, p. 137-148, 2012.
- SILVA, Renágila Soares da. **A importância da música nas aulas de geografia**: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. Monografia (Graduação)—Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2015.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

(RE)CONSTRUÇÃO DO DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA EM UMA ESCOLA ESTADUAL EM PRESIDENTE PRUDENTE – SP

Stephanie Barbosa da Costa⁷⁶

Introdução

Este relato faz parte de uma pesquisa realizada dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Subprojeto de Geografia - Geografia e Juventudes na Escola, realizado em uma escola Estadual no centro do município de Presidente Prudente/SP.

Desde o início de 2019 os integrantes do subprojeto que acompanharam a escola, decidiram reorganizar o dia da consciência negra que a alguns anos vem sendo realizada apenas com algumas atividades em que os alunos não se interessavam muito ou acabaram não entendendo muito bem a importância deste dia.

Foi proposto e realizado algumas rodas de conversa com os alunos, junto a um questionário social, para que fosse possível conhecer um pouco sobre eles. Também foram realizadas oficinas de capoeira, de cabelo afro e empoderamento feminino e de arte repensando a consciência negra

Metodologia

Para que pudéssemos entender sobre o tema, realizamos diversas leituras em grupo com 8 bolsistas, 1 voluntário e 2 professores sobre a temática negra e leituras relacionadas ao ensino étnico-racial. Foi discutida a importância da lei 10.639 de 2003 e a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, mais especificamente nas aulas de geografia, pois na lei so fala das disciplinas de educação artística, literatura e histórias brasileiras.

⁷⁶Discente do 4º Ano do curso de Geografia Licenciatura e Bacharel. Unesp Câmpus de Presidente Prudente. E-mail: stephanie.costa@unesp.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Foi realizado um questionário social com os alunos para que pudéssemos conhecer o perfil dos alunos que frequentam a escola, além de conversas realizadas nas salas de aulas com os bolsistas e os alunos da escola.

Resultados e Discussão

Através de debates com os alunos sobre os vídeos assistidos, notou-se que muitos alunos não se sentiram à vontade para comentar sobre. Outros alunos comentaram sobre a importância do Dia da Consciência Negra, fizeram a observação de que o lugar ocupado pelo negro na sociedade brasileira ainda não é igual ao dos brancos.

O questionário social revelou que a maioria dos alunos são do sexo feminino, idade entre 15 e 17 anos, a maioria se autodeclara com a cor branca e parda e dizem que não sofreram racismo ou não praticou/presenciou.

Conclusões

Através dos textos discutidos com o grupo dos bolsistas, os debates realizados na escola com os alunos e o questionário social, foi evidenciado a importância de ser discutido no ambiente escolar, não somente em sala de aula, mas em todos os espaços da escola sobre a cultura, a história da cultura afro-brasileira, a sua importância para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Enfrentamento do racismo, dentro do ambiente escolar, considerando o cotidiano dos alunos. É essencial que este dia e os demais dias do ano, sejam lembrados com atividades que reforcem a importância da cultura afro-brasileira e como ela contribuiu para a construção do Brasil. Para que os alunos, os professores e no espaço escolar haja mais equidade, e não reforce os preconceitos, o racismo, que atinge a população preta no Brasil há séculos.

Agradecimentos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida do sub-projeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

Referências

BRASIL, Lei nº10639 de 9 de janeiro de 2003. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC/SECAD. 2005.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. In: Brasil. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 496-513.

FELIX, J, B, J. Dos Bailes ao HIP HOP. Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano. p 18 – 61. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01052006-181824/publico/tese.pdf>>.

Hall, S. Que negro é esse na cultura popular negra?. Lugar Comum nº13-14, p. 147-159. Acesso em 15 de Mar de 2021.

MARTINS, F, F; SANTOS, J, R, C; PAVONI, J, V; NASCIMENTO, M, S; TEODORO S,E. A escola e o racismo: uma análise das condições do ensino da questão étnico-racial brasileira nas escolas públicas do município de presidente prudente – SP. Revista Geografia em Atos. n. 01 v. 07, p.160-177, Dez. Ano 2018. Acesso em 15 de Mar de 2021.

SANTOS, R, E. O Ensino de Geografia do Brasil e as Relações Raciais: Reflexões a partir da lei 10:639. Diversidade Espaço e Relações Etnico-raciais. P. 21 – 40. Belo Horizonte. Autêntica 2007. Acesso em 15 de Mar de 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

FÓSSIL ARTIFICIAL: TORNANDO A PALEONTOLOGIA DIDÁTICA E APLICANDO AO ENSINO GEOGRÁFICO

Gabriel Gonçalves Camilo⁷⁷

Kelvin Saymon Magalhães⁷⁸

Introdução

Atualmente, a pré-história ainda é um assunto que gera muitas dúvidas dentro do ambiente escolar, muitas vezes, quando falamos sobre esse assunto dentro ou fora das salas de aula do fundamental e médio, a ideia que se tem materializada é fruto dos conteúdos produzidos pelas mídias digitais de ficção. Dessa forma, a grande maioria dos cidadãos não se sabe ao certo o que é aceito pela comunidade científica sobre a cronologia e o modo que se deu o desenvolvimento das espécies e a própria evolução do planeta. Muitas das crenças adotadas pelas mais variáveis sociedades, têm metodologias diferentes das científicas para explicar esses fenômenos, o que acaba confundindo ainda mais os cidadãos.

Isso se dá, pela razão de que discussões científicas voltadas para a área de paleontologia e arqueologia ficam restritas aos ambientes universitários. O fato dessas ciências serem voltadas quase que totalmente para a pesquisa faz com que esses profissionais não tenham didática suficiente para tornar o assunto popular. Além dessa problemática, podemos ressaltar também as grades das disciplinas dentro das escolas de ensino fundamental/médio, que não dão a devida importância a essas ciências e adota um caminho mais técnico, fazendo que o professor acabe em uma zona de conforto e trabalhando apenas os conteúdos considerados necessários.

O presente texto mostra um método possível de ser aplicado no ensino geográfico, que possibilita aliar o conhecimento da comunidade científica com o conhecimento dos alunos, acarretando um ensino mais popular e didático sem excluir o embasamento científico.

⁷⁷Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. gabriel.camilo@uel.br

⁷⁸Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. kelvin.saymon.magalhaes@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento

O planeta terra, durante os seus aproximados 4,6 bilhões de anos, já passou por diversas transformações, no qual, possibilitou o desenvolvimento de vida. Pereira (2007) também nos diz, que no início era um ambiente muito hostil, e incapaz de proporcionar a evolução de qualquer espécie, no entanto, no decorrer dos milênios esse cenário começou a mudar e o ambiente que era hostil começa a se transformar em um ambiente semelhante a esse que conhecemos.

Antes de nós seres humanos habitar o planeta, diversas espécies de vida passaram por aqui, 99% do que sabemos sobre a Terra é pré-história e esse conhecimento só é possível graças aos registros que ficaram gravados nas rochas, os chamados fósseis [...]. Os paleontólogos reconhecem cinco períodos de extinções em massa que reduziram drasticamente a biodiversidade do planeta (GIBBS, 2001 *apud* ALBUQUERQUE, 2017).

A grande maioria de plantas, animais, fungos, bactérias e seres de outros reinos que já habitaram a terra foram extintos por causas naturais, bem antes do aparecimento do homem e hoje utilizamos os fósseis para conhecer o nosso passado distante e entender o planeta como um todo, porém, após o surgimento da humanidade, por muitos séculos o homem não teve noção das coisas que estavam a sua volta, seus interesses e suas descobertas ficavam ligadas diretamente a sobrevivência. A ciência em si é algo muito recente no tempo geológico.

Novais et al. (2014) explica que, na Idade Antiga se inicia as hipóteses mais racionais sobre a origem dos fósseis, alguns pensadores já associavam os fósseis a organismos vivos, já outros atribuíam a existência dos fósseis a forças mágicas que atuavam nas estranhezas do planeta.

A discussão atravessou a Idade Média e se prolongou até a modernidade, quando o termo fossiliza (fóssil) era utilizado para denominar todos os objetos petrificados obtidos por intermédio de escavação ou que se encontravam expostos na superfície da Terra. (Edwards, 1967 *apud* NOVAIS *et al.*, 2014).

Durante o Renascimento foi publicado os primeiros fundamentos da paleontologia e as primeiras descobertas sobre as extinções, foi possível saber que as extinções estavam ligadas as catástrofes que teriam atingido a Terra em vários períodos de sua história. Foi somente no início do século XIX que a paleontologia inicia os primeiros passos na comunidade científica. No Brasil, foi em 1817 a primeira citação bibliográfica sobre os fósseis brasileiros, o Museu



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Real (Museu Nacional) criado por D. João VI em 1818, ficou responsável a dar início a coleção de fósseis encontrados nos países. A partir daí, a paleontologia começou a contribuir em várias áreas do conhecimento, principalmente para o entendimento da origem e evolução das espécies na Terra, além de auxiliar na compreensão da composição da atmosfera e as modificações climáticas no passar do tempo. Segundo Albuquerque (2017) no decorrer das últimas décadas a paleontologia é uma ciência que tem se desenvolvido principalmente na busca dos seres humanos de compreender a evolução das espécies e a história do planeta Terra, assuntos esses que ainda geram muitas curiosidades.

Dentro da educação, trabalhamos paleontologia de forma direta e indireta (teoricamente falando), começamos a falar sobre a existência dos dinossauros ainda no ensino fundamental de maneira superficial e até confusa com a disciplina de ciências, disciplina essa que muitas vezes acaba evitando assuntos ligados a paleontologia como por exemplo, o surgimento da vida na Terra devido isso ser um tabu em algumas comunidades tradicionais. Na prática a paleontologia é trabalhada mais indiretamente, ficando sob a responsabilidade das ciências naturais (geografia, física, química, biologia) que trabalha de maneira limitada, na maioria das vezes utilizando apenas do livro didático como material pedagógico, estudo mais aprofundados na área ocorrem no ambiente universitário quase que unicamente nos cursos de biologia e geografia que possuem matérias obrigatórias na grade.

Os livros didáticos do ensino fundamental/médio possuem uma baixa quantidade de conteúdos voltados para a paleontologia, os professores que se limitam a eles, não conseguem estimular a curiosidade e gera frustrações devido a não compreensão por parte dos alunos. (MELLO et al, 2005 *apud* NOVAIS et al, 2014).

O que falta então para o entendimento dos conteúdos da paleontologia é a atualização dos professores e a inclusão de novos materiais pedagógicos a respeito do conteúdo, desse modo, buscar conhecer a fundo o que é aceito cientificamente e métodos paralelos ao livro didático para estar colocando o aluno frente ao seu objeto de estudo.

Como museus não são acessíveis a todos os públicos, tornar-se inviável para os professores levarem os alunos para que possam conhecer um fóssil, tendo em mente essa problemática, no terceiro período do curso de geografia da Universidade Estadual de Londrina, desenvolvemos por meio de uma oficina, um trabalho que visa auxiliar os professores na



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

construção do conhecimento dos alunos, esse trabalho fara possível a materialização dos fosseis para os estudantes.

Para tornar a oficina possível é necessário a utilização de algumas ferramentas, vamos precisar de uma vasilha plástica, gesso de artesanato (pode ser encontrado em qualquer casa de material de construções e casa de artesanatos), água, óleo de cozinha e uma folha de tamanho médio de qualquer planta (quanto mais marcada melhor). Tendo em mãos esses materiais, pode-se iniciar a confecção de um fóssil artificial, onde iremos misturar o gesso e a água dentro da vasilha plástica até criar uma massa homogênea de textura mais úmida (uma massa mole). Ao finalizar a massa é preciso ser rápido nos demais passos, pelo fato, de o gesso ter a secagem rápida. O passo seguinte é passar com a ponta dos dedos o óleo na parte inferior da folha como se estivesse untando, para a folha não ficar grudada após a secagem do gesso. Depois que a folha estiver toda revestida, vamos colocá-la em cima da massa úmida pressionando levemente até que a folha faça parte da massa, mas não devemos deixá-la submersa. Feito isso só resta esperar secar.

Imagem 1 – Fóssil produzido



Fonte: Gabriel Camilo Gonçalves, 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Imagem 2 – Fóssil produzido



Fonte: Kelvin Saymon Magalhães, 2021

Após a secagem, o próximo passo é desenformar o gesso e iniciar o processo de retirada da folha, isso pode ser feito com uma pinça ou com a ponta dos dedos. Ao retirar a folha já será possível visualizar o fóssil artificial.

Considerações Finais

No decorrer desse texto chegamos à conclusão de como é importante para o desenvolvimento da educação se utilizar de métodos paralelos aos disponibilizados pela grade escolar ou até mesmo pela gestão educacional. Muitas vezes os livros didáticos (principal material disponibilizado para o professor) não são capazes de suprir as necessidades dos discentes e acaba deixando muitas dúvidas. Com a utilização de materiais de fácil acesso é possível mudar totalmente o curso da educação e assuntos que ficariam vagos vão sendo preenchidos.

Referências

ALBUQUERQUE, Marcio L. Freire. **Paleo-arqueologia na formação continuada de professores no cariri paraibano**: por uma educação ambiental contextualizada para o semiárido. João Pessoa: PRODEMA, 2017.

NOVAIS, Tarsila; MARTELLO, Alcemar R. et al. Uma experiência de inserção da Paleontologia no ensino fundamental em diferentes regiões do Brasil. Campinas: **Terrae Didática**, 2015.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

PODCAST: O NOVO MODELO DE INSERÇÃO EDUCACIONAL

Alex Fernandes Monteiro⁷⁹

Pedro Petraukas Figueiroi⁸⁰

Introdução

Com o decorrer dos anos, a rotina escolar vem se tornando muito intensa, e o tempo cada vez mais escasso. Em virtude disso, vem sendo desenvolvidas ferramentas que nos ajudem a lidar com tal rotina, de modo que possamos encaixar nossas tarefas de forma inteligente, e usar algum tempo ocioso para fazer algo que seja didático e ao mesmo tempo interessante, descontraído e leve para o dia a dia, principalmente ao do aluno. E uma das ferramentas com essa finalidade é o “Podcast”.

Podcast é o nome dado a um novo, dizendo de maneira breve, programa de rádio. Comparação feita por ambos terem o intuito principal de entreter sem usar um meio visual, e serem usados em meio a outras tarefas, de forma muito mais dinâmica, mas as semelhanças entre ambos acabam por aí, pois não pode se comparar o dinamismo do *podcast* com o rádio.

Sendo assim, podemos usá-lo também na área da educação, não apenas para entreter, mas para se desenvolver conhecimento, e buscar meios de tornar o conhecimento cada vez mais abrangente, junto ao debate.

Basicamente um Podcast é gravado por duas pessoas ou mais, que podem tratar de assuntos variados, com um bate papo informal, ou seja, a cara das nossas novas gerações, e não é atoa que o formato de mídia digital vem ganhando cada vez mais força, não apenas em plataformas de áudio, mas também nas de “*streaming*” e vídeos. Mesmo sendo enfocada no formato de áudio, alguns autores disponibilizar o vídeo, em programas ao vivo em diversas plataformas. Isso nos mostra interesse do público, e possivelmente dos alunos, que já convivem com tal realidade. Nesse momento, qualquer professor que esteja atrelado a novas didáticas “até brilham”, e pensando nisso, resolvi desenvolver ideias sobre tal formato, para que sejam

⁷⁹Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. breno.bonnergeo@uel.br.

⁸⁰Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Alexandros.balouris@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

aplicados na educação, buscando principalmente o público do ensino médio e superior, principalmente os que passam muito tempo se deslocando por longos caminhos até chegar a escola.

Desenvolvimento

O Podcast pode ser desenvolvido de diversas maneiras, tanto por professores, quanto por alunos, com debates entre professores, conversas, ou como nos casos dos alunos, podem ser usados para além do debate, ajudando a fixar o conteúdo estudado:

1º Passo: Escolher pequenos grupos de pessoas para desenvolver debates, sobre temas que serão usados em sala de aula, sendo de melhor aproveitamento temas mais suscetíveis a áreas teóricas, para que se possa apresentar várias ideias.

2º Passo: Esses grupos, tanto de professores, quanto de alunos vão precisar usar um gravador de voz, podendo ser até mesmo o do celular, para que o assunto seja gravado, de preferência em um local com pouco ruído, que sobressaia a fala dos integrantes, pois um podcast sofre apenas edições de áudio mínimas.

3º Passo: Agora os caminhos da construção do podcast se diferenciam. Se forem gravados por professores, para inserção dos conteúdos, é aconselhável que se use a melhor estrutura possível, tanto de áudio como de conhecimento, de modo que os debates fiquem apenas nos campos das ideias, e não tenham agressões de nenhum modo. Já com os alunos, é recomendado que o grupo seja supervisionado por um adulto, para que tudo possa ocorrer de forma mais tranquila, porém, é muito mais aceitável o uso de termos do dia a dia, pois muitas vezes, é com esses termos que os alunos absorvem o conhecimento e seu entendimento sobre tal assunto.

4º Passo: Nesse passo, é muito importante levar em consideração a acessibilidade. É necessário o encaminhamento desses podcasts para os alunos, então os professores têm total obrigação de colocar o áudio de maneira acessível a todos, sejam as plataformas para download, ou para reprodução, como o próprio Youtube ou Soundcloud. Já no caso de ser feito por alunos, cada aluno deve ser orientado conforme sua realidade, para que possam desde a fazer o upload nos meios citados acima, ou, dependendo de sua realidade, levar o áudio gravado até seu professor(a) para que o mesmo possa disponibilizar aos alunos.

5º Passo: Em Ambos os casos pode se pedir que os alunos possam ouvir os Podcasts ao longo da semana, de modo que possam usar o que ouvirem para complementar debates e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

assuntos adotados em aula, de modo que o Podcast não substitua, mas complemente. Se feito por grupos de aluno, é interessante que sejam trabalhados de forma gradual, para que cada ideia seja discutida de uma vez, para não gerar tumulto.

6º Passo: É importante salientar que o professor(a) deve ser apenas mediador dessa discussão, ou, caso disponibilize um debate, possa apresentar duas ideias distintas ao aluno, para que ele mesmo possa pensar no que acreditar, através de dados e teorias propostas, mantendo assim o direito democrático de todos.

Assim, podemos inserir a tecnologia e as novas didáticas, diminuindo cada vez mais as barreiras da educação, podendo disponibilizar um conhecimento mais abrangente, para toda a comunidade, visto que o podcast é de fácil acesso, e muito simples de ser entendido, por contar com uma linguagem menos formal.

[...] a escola deve ser um espaço integrador das TIC, pois estas tecnologias integram a vida das pessoas, cabendo à esta instituição atuar no sentido de compensar as grandes desigualdades sociais e regionais que são geradas pelo acesso desigual na sociedade. (BELLONI, 2005 *apud*, SAIDELLES, 2018, pg. 2).

A disponibilização desse conteúdo nas plataformas midiáticas digitais de fácil acesso possibilita a inserção de novos integrantes, ajudando a diminuir as barreiras do conhecimento.

No caso da Geografia, no ensino médio pode ser feito com inúmeros assuntos, como Geopolítica, Geografia Econômica, sendo muito relevante também nas discussões ambientais, efeitos do aquecimento global, dentre vários outros assuntos polêmicos, muito importantes para os alunos de Geografia, principalmente no momento que estão se tornando mais críticos, em uma geração que está cada vez mais inserida na política.

Tal tecnologia, além de contribuir para os alunos, insere também a comunidade nas discussões atuais, promovendo o debate, derrubando barreiras do senso comum, e dando vozes a pessoas que muitas vezes, em períodos anteriores, não tinham. Nesse quesito é quebrada mais uma barreira socioeconômica, pois esses formatos de mídia são muito fáceis de serem gravados, utilizando instrumentos mais acessíveis.

[...] Para a produção de um podcast basta ao produtor possuir um computador de capacidade média, fone de ouvido ou caixas de som no seu PC, um microfone (de preço bastante reduzido em modelos mais simples, girando em torno de R\$ 10), um programa de gravação e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

edição de áudio, como o Audacity e uma conexão com a internet de velocidade média. (FREIRE, 2010, *apud* FREIRE, 2013, pg. 44).

Dessa forma, a grande maioria das pessoas podem gravar, trazendo uma maior pluralidade de ideias, principalmente partindo de uma visão não elitizada do mundo, dos menos favorecidos, trazendo à tona assuntos outrora não discutidos pela falta de oportunidade dos que os vivenciam.

Considerações Finais

Faz-se de suma importância usar a tecnologia a favor da educação, trazendo assim novas didáticas a sala de aula, mas também para fora dela, pois a democracia só é praticada quando o indivíduo, antes de votar, faz parte do debate e da reflexão do porquê da sua ação. Sendo assim, é possível perceber a importância desse formato de áudio, e uma grande área a ser explorada no Brasil, pois a discussão de tal meio ainda é recente, comparado a outros países, e podem nos agregar muito mais na área da educação, não apenas no ensino de Geografia, mas de todas as ciências e formas de conhecimento.

Referências

(SAIDELLES, Thiago; MINUZI, Nathalie Assunção; BARIN, Cláudia Smaniotto; SANTOS, Leila Maria Araújo. **A UTILIZAÇÃO DO PODCAST COMO UMA FERRAMENTA INOVADORA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**. 23º Seminário Internacional de Educação, Tecnologia e Sociedade; Metodologias Ativas, 2018.)

(FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Conceito educativo de podcast: um olhar para além do foco técnico**. Educação, Formação & Tecnologias, 2013.)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O ENSINO DE GEOGRAFIA ATRAVÉS DAS MAQUETES

Jhonatan Furtado de Gasperi⁸¹

Introdução

O trabalho com maquete como método de ensino-aprendizagem, tem grande potencial para construção de conhecimentos geográficos. É evidente que apenas ensinar conteúdos utilizando mapas ou maquetes não é o suficiente para uma aprendizagem completa. É necessário ensinar a ler e interpretar as representações cartográficas.

Este estudo visa incentivar futuros e atuais professores(as) a trabalhar com as maquetes nas aulas como recurso didático visando a alfabetização cartográfica, que culmina na interpretação da representação, utilizando-as como instrumento facilitador.

A confecção da maquete no ensino de Geografia pode ser utilizada em turmas que apresentem dificuldades em leitura e interpretação de mapas (CASSEMIRO, MELO. 2014). A elaboração pode ser trabalhada, preferencialmente, em turmas de ensino médio, quando democraticamente discutido se a classe tem interesse em realizar a atividade.

Além de ajudar a desenvolver as habilidades de escala que a geografia exige, esse desafio ainda pode incentivar outras habilidades e experiências importantes para o amadurecimento do aluno, como o trabalho cooperativo, o entendimento de divisão de tarefas, e até mesmo ser suporte para uma possível apresentação do trabalho a outras turmas do ensino fundamental, ou a divisão em grupos para apresentar as dificuldades na realização do trabalho.

A maquete pode ser trabalhada no ensino fundamental e médio, na possibilidade de utilização de maquetes já confeccionadas ou pelo professor ou por outros, que podem estar disponíveis na universidade mais próxima para empréstimo, pois, ainda, que não tenha sido feita pelo aluno, serve de maneira pertinente como ilustração para conteúdos da Geografia.

No trabalho confeccionado, em especial, trabalhei com a produção de uma maquete de isopor para a representação do relevo paranaense. O conteúdo reproduzido na ocasião foi o mapa base disponível no artigo de Gomes (2005), intitulado *Paraná Em Relevo: Proposta*

⁸¹Discente do curso de Licenciatura em Geografia. Universidade Estadual de Londrina.
jhonatan.gasperi@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Pedagógica Para Construção de Maquetes. Para a confecção, a indicação é o uso de uma placa de isopor com espessura de 1,5 cm e uma placa de 1 cm, além de recursos como tinta, pincel, caneta permanente preta, caneta hidrográfica, régua, papel vegetal, papel carbono, cortador de isopor (ou utilizar agulha ou clips aquecido em vela).

As curvas de nível foram extraídas sobrepondo o papel vegetal sobre a tela (se a tela do computador for considerada pequena, pode-se projetar em uma televisão para se adequar ao tamanho máximo do mapa base ao tamanho de uma folha vegetal) e marcar cada curva de nível em folha vegetal separada. O papel carbono deve ser posicionado entre o vegetal e o isopor, para transpor a curvas para o isopor.

Nessa etapa, é necessário atenção no material utilizado, pois as duas primeiras camadas inferiores são de valores diferentes das 4 camadas superiores. A camada mais inferior, representa altitudes de até 300m, a segunda de 300 a 600m, por isso, recomenda-se transpor as duas primeiras cotas em isopor de 1,5 cm e as camadas superiores em isopor de 1 cm, para que a maquete possa ter uma escala vertical de 1:20000, ou seja cada 1 centímetro corresponder a 200m de altitude e 1,5 a 300m.

Caso opte pelo uso de placas mais espessas como, por exemplo, placas de 3 cm para as camadas inferiores, é necessário utilizar placas de 2 cm para as superiores, para não haver a perda da proporção. O cálculo da escala horizontal dependerá do tamanho escolhido para a maquete. Mede-se com a régua a distância entre dois pontos conhecidos na primeira curva de nível ou mapa base (exemplo: extremo leste até extremo oeste), depois é necessário conhecer o tamanho desta medida no terreno, ou seja, em medidas reais.

Para a confecção da maquete em questão, utilizou-se a ferramenta de medir distâncias no Google Earth, em que foi calculada a medida do extremo leste ao extremo oeste no mapa base 29,5 cm e verificado que tal medida corresponde a cerca de 660 km no terreno, vale ressaltar que não é possível utilizar escala numérica em mapas que sofreram aumento ou diminuição, mas somente escala gráfica, por isso o resultado encontrado para escala gráfica (de 1:2.237.288) foi colocado em proporção a um número arredondado (2.500.000) para se definir a escala gráfica onde o talão resultou em 1,1cm representando 25 km.

O Resultado foi obtido pela seguinte operação:

Dados: 29,5 cm - 600 km

29,5 - 66.000.000



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

$$1 - X$$

→

$$29,5 \times = 66.000.000$$

$$X = 66.000.000/29,5$$

$$X = \frac{2.237.288}{X : 2.500.000} > 1 : 2.237.288$$

$$X = 2.500.000/ 2.237.288$$

$$X = 1,1$$

Após esta etapa foi definido um título especificando o que foi representado, onde, em seguida, foram marcadas as coordenadas, o norte, depois a legenda, especificando a altitude em metros, e, por último, o nome do autor. Por fim, a maquete resultou em 7 camadas, e pode ser visualizada na figura 1.

A relevância da maquete como recurso didático

A dificuldade em leitura e interpretação das representações cartográficas pode ser muito comum, de acordo com uma pesquisa realizada por Souza e Aquino (2014), com 96 alunos, quando questionados acerca de qual a sua maior dificuldade ao estudar Geografia, 57,3 % deles alegaram ser o estudo e análise de mapas. Em contrapartida, 42,74% deles alegaram que o trabalho com maquetes tornaram o ensino mais interessante.

Para vários dos autores consultados, a maquete é considerada uma opção metodológica muito eficaz na ciência geográfica. Segundo Santos (2009, p. 14), “por meio de uma maquete é possível ter o domínio visual de todo conjunto espacial; por ser um modelo tridimensional, favorece a relação entre o que é observado no terreno e no mapa”.

Enquanto se elabora uma maquete, muitas perguntas sobre como representar espacialmente ou localizar um elemento natural ou social aparecem. Dúvidas surgem sobre como se calcular escalas e como conferir se a escala está correta, questionamentos que podem passar despercebidos se apenas visualizar um mapa. A elaboração é também um processo de ensino-aprendizagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A visualização em três dimensões é algo expressivo para o aluno e garante o aprendizado, e alguns autores nos norteiam em como fazer isto.

A maquete deve então ser utilizada com um procedimento didático para compreender a passagem do tridimensional para o bidimensional, do concreto ao abstrato, e não o contrário para que o ensino seja adequado ao modo como o aluno aprende (ZACHARIAS, 2004, p. 55).

Sendo assim, é interessante não apenas exibir a maquete, mas apresentar de onde ela foi extraída, para um exercício de comparação e identificação da fonte. Para ilustrar, também apresento o mapa (figura 2) usado para produção da maquete anteriormente mencionada.

Mas existem várias formas de representação como cartas topográficas, maquetes geográficas, plantas, textos, croquis, mapas, globos, fotografias aéreas, fotografias de paisagens, imagens de satélites, gráficos, perfis topográficos, (NACKE, MARTINS. S/D.) são todos ótimos exemplos de instrumentos e recursos didáticos que facilitam a compreensão dos elementos do espaço, tanto natural quanto o produzido pela sociedade. E podem ser usados mais do que apenas um único recurso para se ensinar determinada temática, o que ressalta a pluralidade de formas que podem ser exploradas na produção e reprodução desses materiais.

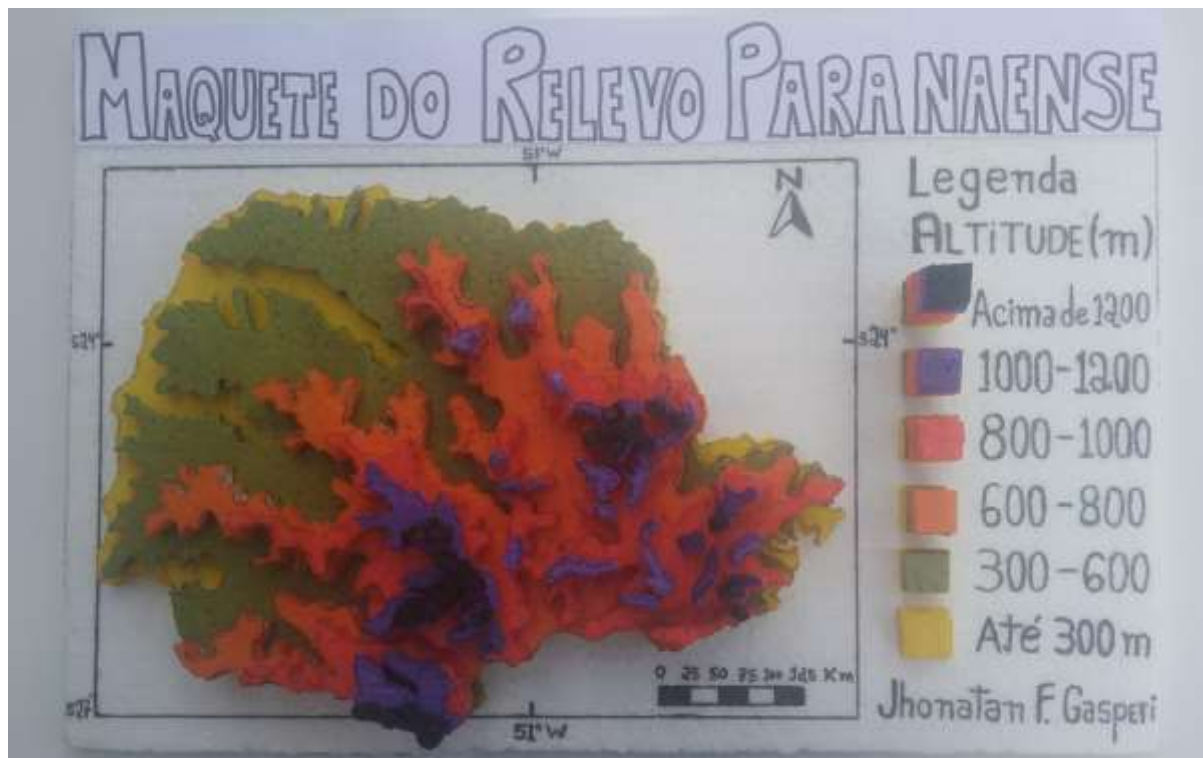


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1- Maquete confeccionada sobre o relevo paranaense.



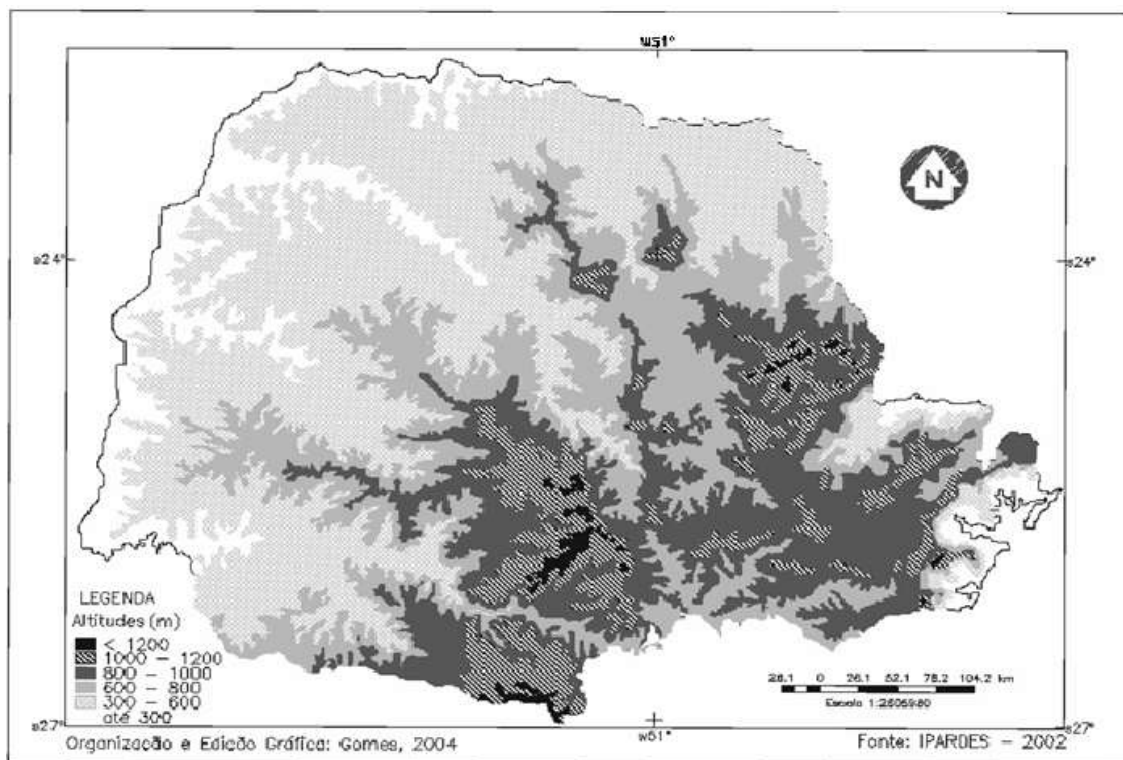
Fonte: Arquivo Pessoal. Jhonatan F. Gasperi , 2020

Figura 2- Mapa hipsométrico do Paraná



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Considerações finais

Por ser um elemento visual facilitador da compreensão e identificação geográfica, e também por ser uma atividade prática de aplicação dos conhecimentos geográficos como escala, localização e orientação, a maquete é um recurso cujo resultado proporciona um aprendizado relevante, pois a visualização tridimensional do relevo permite uma facilidade na correlação com outros temas da geografia. (SILVA. MUNIZ. 2012)

É nesse resultado que está o seu valor didático, pois está relacionada a um dos propósitos do ensino de Geografia, que é permitir ao aluno perceber a interconexão dos fenômenos no espaço



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Referências

- CASSEMIRO, Rodrigo Rosa; MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **A maquete como recurso didático para o ensino-aprendizagem de conceitos geográficos**. Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Brasil. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/156203>>. Acesso em: 19/02/2021.
- ALMEIDA, S. P.; ZACHARIAS, A. A. **A leitura da nova proposta do relevo brasileiro através da construção de maquete: o aluno do ensino fundamental e suas dificuldades**. Revista Estudos Geográficos, Rio Claro, v.2, n.1, p.53-73, 2004. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/255>>. acesso em 19/02/2021.
- GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. **Paraná em relevo: proposta pedagógica para construção de maquetes**. GEOGRAFIA. Revista do Departamento de Geociências v. 14, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 17/02/2021.
- NACKE, Sonia Mary Manfro; MARTINS, Gilberto. **A maquete cartográfica como recurso pedagógico no ensino médio**. S/D. Dia a Dia Educação. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_sonia_mary_manfro_nacke.pdf>. Acesso em: 18/02/2021.
- SILVA, Vlândia da; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia**. Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/117>>. Acesso em: 18/02/2021.
- SOUSA, Luzinete Santana; AQUINO, Maria Sabóia de. **A maquete como ferramenta facilitadora do processo ensino e aprendizagem em geografia: um estudo de caso na escola Ney Rodrigues de Vasconcelos, Timon/MA**. Geosaberes, Fortaleza, v. 5, n. 9, p.68-79, jan. / jun. 2014. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/239>>. Acesso em: 17/02/2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CONFECÇÃO DE UM MAPA HIPSOMÉTRICO DO ESTADO DO PARANÁ EM E.V.A.

Breno Bonner Marinho da Costa⁸²

Alexandros Balouris Batista⁸³

Introdução

A representação cartográfica mais utilizada na Geografia é o mapa, sendo um item muito importante para nossas vidas, nos ensinam a retratar nossa realidade de espaço geográfico e vai além do que um simples desenho ou uma imagem. É de grande relevância o estudo e aprofundamento deste item para os alunos em idade escolar inicial. No entanto, pesquisas indicam que mesmo tendo contato com esta representação gráfica desde as séries iniciais, chegam à juventude e ao final do ensino básico sem entendê-la e, principalmente, sem saber o sentido de sua utilização na sua prática cotidiana.

Para Oliveira, o mapa é uma representação gráfica da terra ou parte dela; em uma superfície plana. Mas não podemos confundir o mapa, o objeto concreto, com a representação nele contida, que é uma abstração. No caso do rio, é preciso esclarecer que a criança irá localizar uma linha que representa um determinado rio e que o mapa não poderá fornecer informações para que a criança experencie (sic) a noção de rio” (OLIVEIRA, 1978, p. 44).

No entendimento da Geografia, saber interpretar as representações cartográficas construídas é fundamental para a formação do raciocínio geográfico, é necessário ler e entender cada detalhe no mapa criado para compreender o mundo e seus detalhes muitas vezes não perceptíveis à olho nu, este trabalho didático, tem como um dos objetivos principais, ajudar o aluno que tem uma necessidade especial, como por exemplo alunos cegos.

O mapa é uma das formas de representação do espaço que tem como vantagem o fato de permitir a percepção do abstrato no concreto. Ou seja, permite que a curva de nível – representada bidimensionalmente no mapa – seja apresentada em relevo – representado tridimensionalmente no mapa -, bem como possibilita a apresentação de outros elementos da paisagem - rios, estradas, áreas urbanas e rurais etc. E, além disso, na construção do modelo, há apreensão de conceitos cartográficos necessários

⁸²Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. breno.bonnergeo@uel.br.

⁸³Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Alexandros.balouris@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

à leitura e compreensão de uma representação, tais como: simbologia cartográfica, proporção, generalização, orientação e localização (SIMIELLI, 1999).

Portanto, o intuito da atividade aqui apresentada, é mostrar e ensinar à confecção de um mapa em bidimensão, proporcionando principalmente aos alunos cegos a usarem o tato para sentirem e imaginarem o local onde eles vivem no planeta terra. O material didático é simples, de fácil produção e com custo acessível, podendo até mesmo o professor ou o órgão estudantil oferecer e distribuir em sala de aula. Esta atividade oferece aos alunos interesse e curiosidade sobre a elaboração do mapa.

Desenvolvimento

A construção do Mapa Hipsométrico, tem o objetivo de elaborar o relevo do estado do Paraná, sendo este no qual foi realizada a atividade, disposta pela docente como nota parcial da matéria de Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Geografia I, A atividade é dividida em etapas no qual veremos a seguir.

1ª Etapa: • Seleção do material a ser utilizado: papel e.v.a (os tons variam conforme ao tema a ser representado, no caso das altitudes: as cores hipsométricas – Quadro 1), papel vegetal, carbono, tesoura e cola de isopor/e.v.a e caneta preta (para desenhar no papel vegetal sobre o carbono as etapas do relevo do mapa do estado do Paraná).

2ª Etapa: • Sobre o mapa base, sobrepor o papel vegetal no papel carbono e realizar a cópia com a caneta preta de cada relevo em uma folha separada no e.v.a, formando uma coleção de mapas, conforme a Figura 2 de 1 a 6.

3ª Etapa: • Recortar as folhas de e.v.a. O equipamento mais apropriado é a tesoura, contudo, um outro material alternativo é a utilização de estiletes escolares. Lembrando que sempre acompanhado do docente para não ocorrer acidentes.

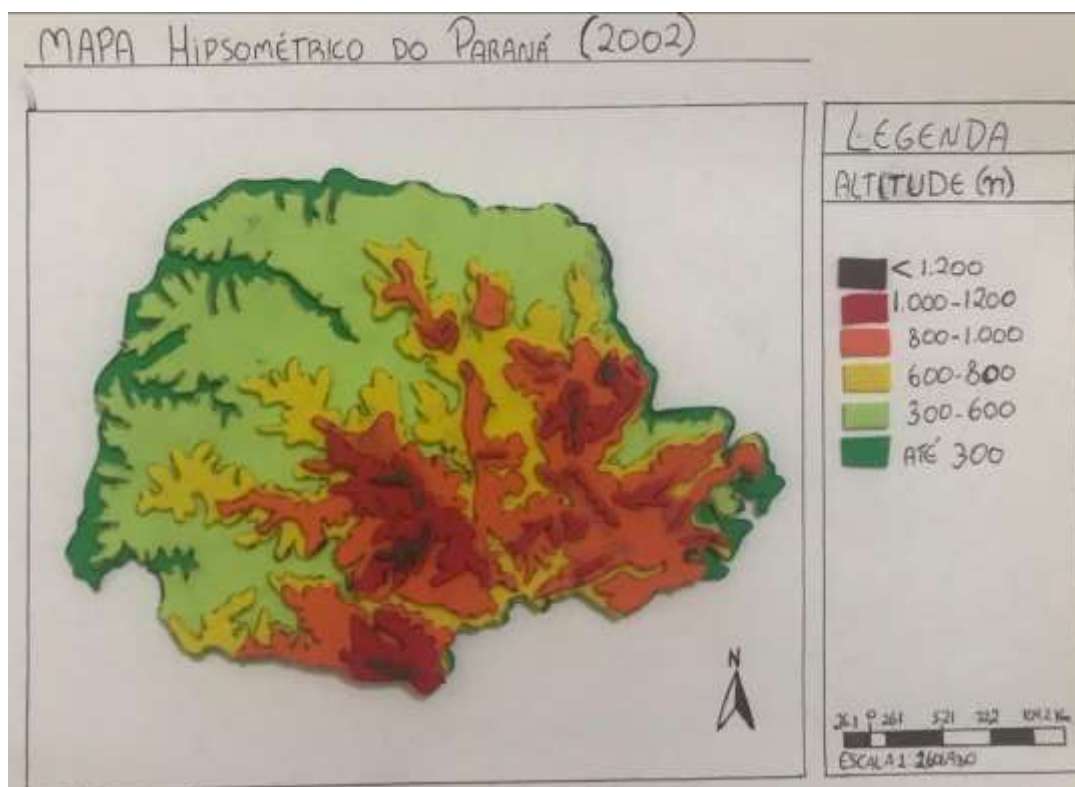
4ª Etapa: • Definir as cores. Para o mapa hipsométrico deve-se partir das cores frias para as cores quentes – Quadro 1.

5ª Etapa: • Separar as folhas de e.v.a, conforme as altitudes, reservando a mesma para a legenda. Deve-se colar uma placa sobre a outra (como no exemplo da 6ª etapa).

6ª Etapa: • Colar as folhas de e.v.a coloridas, uma sobre a outra, das menores altitudes para as maiores criando assim o relevo do estado do Paraná.

7ª Etapa: • Colar o mapa sobre uma base (sulfite, isopor, folha de caderno, etc.) e relacionar os demais elementos de identificação e informação: título, legenda, escala, organizadores, orientação, coordenadas e fonte (Figura 1).

Figura 1 – Mapa hipsométrico do Paraná.



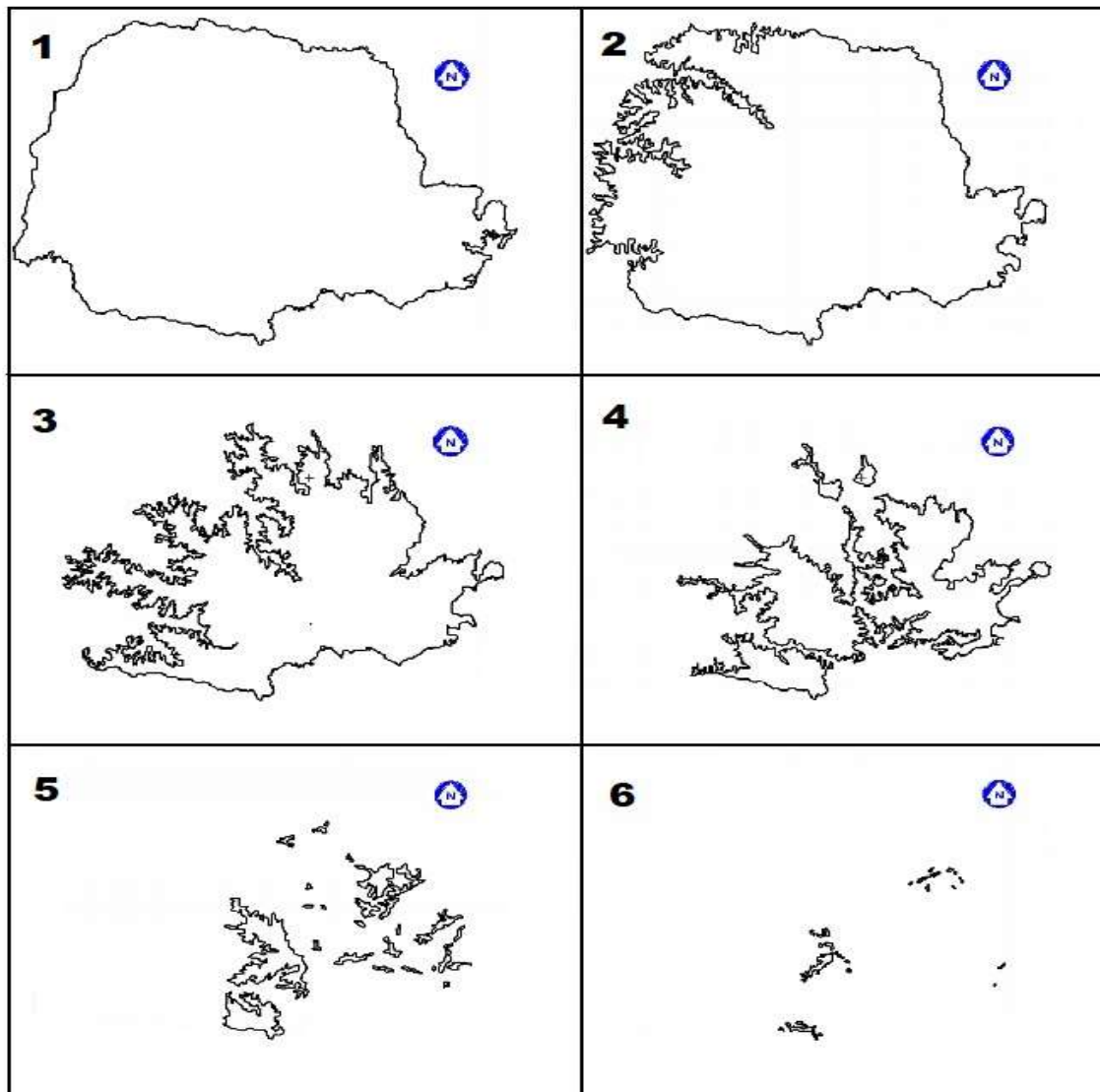
Fonte: IPARDES (2002).

Quadro 1 - Propostas de cores para o mapa hipsométrico do Paraná

Equidistâncias em metros	Sugestões de cores
> 1200	Marrom
1000 - 1200	Vermelho
800 - 1000	Laranja
600 - 800	Amarelo
300 - 600	Verde claro
Até 300	Verde escuro

Org.: Costa, 2021.

Figura 2 - sequência de 1 a 6 – Mapas moldes para cópia e recorte



. Org.: Costa, 2021.

Ao concluir o mapa hipsométrico, o aluno poderá visualizar quanto apalpar (dedicado ao aluno com deficiência visual) o mapa identificando as diversas formas de relevos do estado do Paraná, até então “explorarem” o planeta de um modo geral, criando diversos outros mapas, e entendendo como são divididos os relevos dos continentes.

Considerações Finais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Concluimos esse trabalho ressaltando a importância da própria elaboração do mapa para o ensino-aprendizagem como processo de evolução e compreensão do que foi criado. Manipulando o mapa vemos que é necessária a coleta de dados a serem mapeados e as definições das escalas, materiais e cores, surgindo muitas questões que podem ser exploradas para uma infinidade de debates e conversas. Sendo, portanto, fundamental uma análise das informações representadas para que haja uma conversa para dar sentido a atividade realizada e esclarecer possíveis dúvidas dos alunos. No momento da construção, acompanhar o processo de cada um, para possível correção e explicação, não esquecendo dos alunos com necessidades especiais, que precisam de atenção e cuidados prioritários.

Contudo, para que esta representação tenha a utilização necessária, é imprescindível que o sujeito possua o aprendizado para sua leitura e uso, ou senão, conforme argumenta Lacoste (1998), a representação não terá sentido algum, como não teria uma página escrita para quem não aprendeu a ler. Daí a necessidade da alfabetização cartográfica.

Referências

LACOSTE, Y. A. **Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

OLIVEIRA, Livia. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. São Paulo: IGEOG-USP, 1978.

SIMIELLI, M. E. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A.F.A. (Org.) **A Geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 92-108.



CONFEÇÃO DE UM CLIMOGRAMA UTILIZANDO O MÍNIMO POSSÍVEL DE POLIMEROS SINTÉTICOS

Kelvin Saymon Magalhães⁸⁴

Gabriel Gonçalves Camilo⁸⁵

Introdução

Geografia é a ciência responsável pelo conhecimento da paisagem, através de análises geográficas em estudos físicos e humanos, para isso, é necessário a compreensão dos alunos sobre os espaços em que estão inseridos.

A Geografia é a ciência que tem como objeto de estudo o espaço geográfico, compreendido através da relação sociedade-natureza, pois o trabalho resulta na produção socioespacial. Estudar o espaço, portanto, deve ser uma forma de entender a produção/reprodução e articulação numa perspectiva dinâmica, sabendo-se que a interferência que se faz hoje reflete no futuro (OLIVEIRA, *et al.*, 2019).

Para Oliveira *et al.*, o aluno quando chega na escola, leva todo seu conhecimento de relações anteriores, no entanto, o sistema educacional entra em choque constantemente com essas sabedorias, já que muitos conhecimentos científicos refutam teorias pré-estabelecidas por alunos. Para muitos deles o conhecimento passado não serve para nada, já que não conseguem ligar a teoria com a prática, isso faz com que alunos acabam enxergando o ensino geográfico como “decoreba”, assim o aluno acaba perdendo o interesse sobre o que lhe é passado.

Estes conhecimentos geográficos geralmente são aplicados em salas de aula através de livros, mostrando exemplos que muitas vezes estão distantes das experiências vivenciadas pelos alunos, para romper essa falha é necessário a utilização de outros meios materiais além dos convencionais, interrompendo o uso sistemático de aulas totalmente expositivas filiadas ao uso único de livros para a confecção de aulas.

É importante esclarecer que não entendemos que as aulas expositivas e os livros didáticos, citados anteriormente, não cumprem seu papel enquanto meios e recursos para se ensinar. Entende-se que os mesmos

⁸⁴Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. kelvin.saymon.magalhaes@uel.br.

⁸⁵Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. gabriel.camilo@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

possuem seus limites e possibilidades, sendo que há outras formas de mediar e construir conhecimento em sala de aula (PAIXÃO, 2018).

A fim de possibilitar o ensino da ciência geográfica de forma plena, é necessário o profissional da educação utilizar diversos recursos didáticos, sendo uma dessas formas, a confecção de materiais junto aos alunos. Para Paixão (2018), uma das ferramentas possíveis no auxílio do ensino geográfico é o climograma, sendo que ele exige do estudante um estudo prévio, além do tratamento de estudos e a criação deste material, construindo o conhecimento do aluno.

Portanto, o intuito da pesquisa aqui apresentada, é mostrar confecção de um climograma, sendo este, um material didático simples, barato e de fácil produção, possibilitando o professor romper com o habitual, trazendo interesse dos alunos pelo assunto abordado.

Desenvolvimento

A elaboração do climograma, serviu como nota parcial da disciplina de Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Geografia I, sendo este, uma amostra dos diversos materiais didáticos possíveis a serem trabalhados nas salas de aulas do ensino, tendo sua confecção realizada após levantamento bibliográfico e manipulação dos dados disponibilizados pela docente.

Tabela 2 – Dados de temperatura e precipitação de Londrina no ano de 2019

Mês	Min (°C)	Máx (°C)	Média (°C)	Precip. (mm)
Janeiro	19	30	34	236
Fevereiro	20	30	35	174
Março	19	30	34	137
Abril	16	28	30	108
Maio	13	25	26	107
Junho	12	24	24	97
Julho	11	24	23	69
Agosto	12	26	25	60
Setembro	14	27	28	104
Outubro	16	28	30	177
Novembro	17	29	32	134



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA

“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dezembro	19	29	34	230

Fonte: CLIMATEMPO, 2019.

Em um climograma os dados utilizados referem-se a soma de pluviosidade ocorrida em um mês, e a média de temperatura média no mesmo mês. após a obtenção de dados no período de um ano, pode-se criar o gráfico da chuva e temperatura média em cada mês, possibilitando que o leitor do material através de observação e de seus conhecimentos possam definir o clima local a ser trabalhado.

“A interpretação dos dados pluviométricos e de temperaturas em conjunto irá conceder ao aluno a autonomia interpretativa, pois o mesmo fará uma leitura dos dados e identificar á qual clima é resultante de tais características” (NETO, CARMO e PERETTO, 2015).

De início, a produção do climograma seria realizado utilizando Etil Vinil Acetato (E.V.A), segundo o site PORTAL DA EDUCAÇÃO (2020) este material é uma resina termoplástica derivada do petróleo, em outras palavras, plástico. O grande problema dos plásticos é o seu mal uso e o descarte incorreto, para ZAMORA, *et al.*, (2020), o plástico nos dias atuais exerce papel fundamental para a indústria e o cotidiano humano, já que é leve e durável com fácil modelagem, no entanto, o uso contínuo de uso único está acarretando em grandes problemas sanitários, já que o seu descarte de forma irregular traz acúmulo residual em aterros pelo mundo todo, além de poluir o planeta de forma direta e indireta, sendo causa de morte de animais, ou pela poluição na sua produção.

Para ZAMORA, *et al.*, (2020), a reciclagem do material também gera resíduos em nosso planeta, já que a reciclagem de forma proveitosa dos plásticos ainda é restrita, muito do material reciclado se torna de baixa qualidade para os consumidores, acarretando a incineração do material, poluindo a atmosfera. Outra técnica muito utilizando para a eliminação é a “reciclagem química” transformando plásticos em combustíveis e gases. A única forma de reduzir danos para a natureza é evitar ou eliminar plásticos de uso único.

Os números indicam que plástico no Brasil não passa de uma “conveniência descartável”: das 11,3 milhões de toneladas de resíduo plástico produzidas por ano, apenas 1,28%, equivalente a 145 mil toneladas, são de fato recicladas e reinseridas na cadeia produtiva, de acordo com a WWF, baseado em estudo do Banco Mundial. A média global de reciclagem de plástico é de pelo menos 9%. Os EUA seguem campeões de produção de lixo plástico (70,782 milhões); contudo,



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

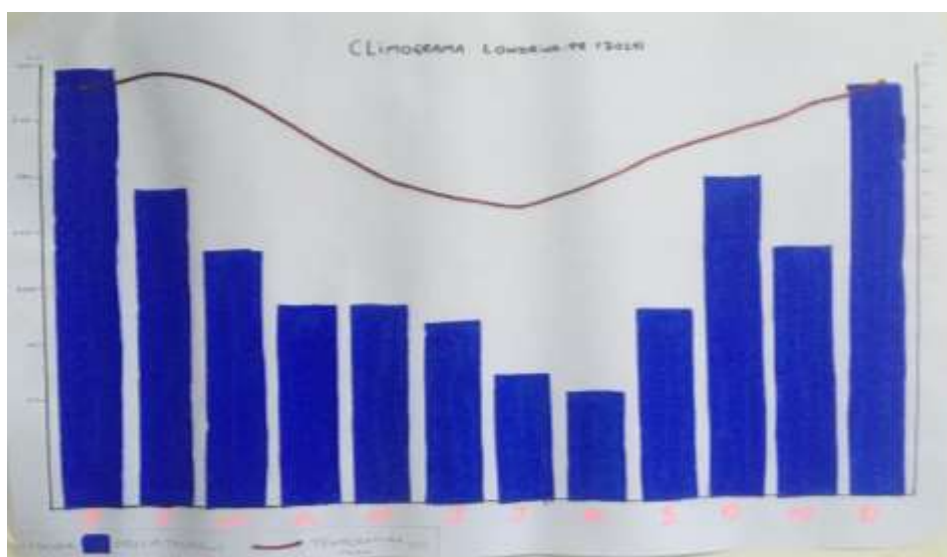
ainda têm uma taxa de reciclagem maior que a do Brasil: 34,60%. Do mesmo modo a China, com 21,92% (ZAMORA, *et al.*, 2020).

Tendo a consciência do uso indevido de plásticos de uso único, foram selecionados materiais que em sua composição não utilizassem plásticos, ou que sua composição estivesse de forma mínima no material, de todos os materiais utilizados o único em que não foi possível a sua substituição cola branca os demais como a cartolina, papel crepom e barbante não faz se presente derivados plásticos em sua composição. Foram utilizadas canetas coloridas e régua que em sua composição existem resinas sintéticas, mas que possibilite a sua utilização a longo prazo.

Com os dados climatológicos e os materiais necessários para confecção do climograma, iniciou-se a criação. Primeiro passo realizado foi medir o espaço da cartolina para enquadrar o gráfico de barras (precipitação) e de linha (temperatura média), tornando o eixo horizontal (meses do ano), vertical esquerdo (valores de precipitação) e vertical direito (temperatura), possibilitando definir os valores de cada índice no climograma.

Posteriormente foi realizado o corte de papel crepom e do fio de barbante, cada um com o tamanho referente aos valores de dados climatológicos da cidade, e com o uso de cola branca, colou-se na cartolina os materiais previamente cortados.

Figura 4- Climograma com menor uso possível de polímeros sintéticos.



Fonte: Kelvin Saymon Magalhães, 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Após a colagem de materiais na cartolina, deixou-se secar por quinze minutos até que o climograma estivesse pronto para seu uso como material didático, no ensino de climatologia da cidade de Londrina.

Considerações Finais

Conclui-se que é possível a confecção de materiais didáticos para o ensino de geografia, utilizando o mínimo possível de materiais provenientes de resinas plásticas derivadas de petróleo.

O climograma produzido trouxe todas as informações necessárias para a compreensão do clima londrinense, além de ter custo baixo na fabricação, fazendo com que o estudante seja criativo e desperte o interesse pelo assunto abordado. Tendo esta didática papel fundamental no ensino geográfico, pois além de aprender a Geografia o aluno pode ter uma consciência ambiental maior, já que procura outros meios menos poluentes para poder criar seu material didático.

Referências

PAIXÃO, Tiago Nogueira. O ensino de clima pelos professores de geografia no ensino. *In: FÓRUM NACIONAL NEPEG DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA*, 9., 2018, Caldas Novas. **Anais**. Goiânia: NEPEG, 2018. p. 391-399.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. História e definição de E.V.A (Etil Vinil Acetato). São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/medicina/historia-e-definicao-de-eva-etil-vinil-acetato/44500>. Acesso em: 19 mar. 2021.

OLIVEIRA, Fabiano C. de; MOTA, Antonio C. S. de; NOGUEIRA, Rosicreide S.; FARIAS, Tiago J. V. de. A produção do recurso didático “climograma do semiárido” no ensino de geografia para as escolas do campo do cariri paraibano. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE*, 1, 2019, Campina Grande. **Anais**, Campina Grande: CONIMAS, 2019.

OLIVEIRA NETO, Vicente p. de O.; CARMO, Judite de A. do; PERETTO, Anderson. Climograma lúdico: proposta de recurso didático para o ensino do clima nas aulas de geografia. **Revista Ensino & Pesquisa**, União da Vitória, v. 13, n. 1, p. 213-266, jan./jun. 2015. ISSN: 2359-4381.

ROLDÃO, Aline de Freitas. Climatologia Geográfica no ensino fundamental: princípios teóricos e práticos. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 5, n. 8, p. 58-66, jan./jun. 2014. ISSN: 2179-4510.

ZAMORA, Andrea Malltchik *et al.* **Atlas do plástico: fatos e números sobre o mundo dos polímeros sintéticos**. ed. 1. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

USO DE PODCASTS NO ENSINO

Alexandros Balouris Batista⁸⁶

Breno Bonner Marinho da Costa⁸⁷

Introdução

A evolução tecnológica dos últimos tempos tem sido cada vez mais abrupta, claramente notável ao usarmos um celular smartfone e ele conseguir substituir todo um conjunto de ferramentas analógicas em apenas um único aparelho com tecnologia digital.

Essa evolução em conjunto da globalização proporciona troca de informações cada vez mais rápida, dependendo do tipo do acesso e da tecnologia, hoje em dia pode ser até mesmo em tempo real. Ou seja, essa evolução, torna todo o processo mais dinâmico, surgindo novos formatos de conteúdos e interações.

Com a Educação não seria diferente, por mais que seja um dos seguimentos onde no Brasil vemos uma grande desigualdade e pouco investimento, em suma no setor de pesquisa dos núcleos de ensino superior. É notável o esforço de docentes e de profissionais da área de educação em cada vez mais fazer o uso de tecnologias nas escolas e no processo de aprendizagem, tanto pela praticidade, quanto pela aproximação com o aluno que já tem acesso e também para apresentar essas tecnologias a aqueles que não tem esse acesso.

Desenvolvimento

O Podcast é uma ferramenta que surgiu a quase duas décadas no ano de 2004, com o termo “podcasting” atribuído pelo ex VJ da MTV, Adam Curry. Entretanto, com o passar do tempo cada vez mais foi se tornando popular, sendo que inicialmente eram divulgados através do feed RSS dos blogs, já hoje usamos diversas redes sociais para divulgação, e os Podcasts se encontram em diversas plataformas.

⁸⁶ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. alexandros.balouris@uel.br
⁸⁷ Graduando em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. breno.bonnergeo@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Na última década foi quando a ferramenta teve sua maior demanda de atividade, com o surgimento de alguns novos formatos que disponibilizam não só o áudio, mas também o vídeo, ressaltando que isso é apenas um complemento de alguns programas específicos como o mundialmente conhecido Joe Rogan Experience, e no Brasil podemos citar o Flow Podcast e Nerdcast (Jovem Nerd).

O podcast é um formato bem fácil de ser produzido, e de amplo acesso. Podendo essa produção ser feita diretamente de um celular, desde gravação, edição, divulgação, até o processo final que é acessar e escutar o mesmo. Valendo-se destacar, que naturalmente um programa gravado em um estúdio, editado com programas devidos, será de outra qualidade.

Se fosse necessário definir em uma palavra o principal ponto positivo dessa ferramenta, sem dúvidas seria flexibilidade. Hoje podemos acessar através de qualquer aparelho digital com acesso à rede, e até mesmo podemos baixar para a execução offline, lembrando ainda que a maioria dos programas são postados em amplas plataformas como Youtube, Castbox, Spotify, etc... Diferente de suas origens, que eram postados em blogs específicos e exclusivos.

Essa ferramenta é sem dúvidas um agregador para o processo de aprendizagem em várias situações. Principalmente como agente democratizador do ensino pelo seu fácil acesso, e pela possibilidade de download. A flexibilidade do uso do podcast tanto conectado a rede quanto offline por download, é um diferencial, aumentando o alcance do ensino. “Mais importante que considerar os avanços técnicos de qualquer ferramenta é considerar suas implicações no meio social.” (Andrade, 1993)

Os diversos formatos, permite que qualquer tipo de aula ou temas sejam abordados, uma vez que podemos gravar um podcast em formato de entrevista, debate, diálogo, conversa aberta, informativo etc... Essa gama de formatos, faz com que a linguagem fique cada vez mais diversificada, com o conhecimento chegando a todas as classes sociais, agregando o uso dessa ferramenta no meio social.

Ainda ressaltando a linguagem, uma das problemáticas do ensino convencional com as atuais gerações, é justamente a linguagem. Tentar encontrar uma maneira melhor de se conectar e manter o diálogo com o aluno, sem perder o foco do ensino, o podcast é uma ótima ferramenta de aprendizado para os próprios docentes quando se foca nessa questão da comunicação do aluno.

As TICs abrem um leque de oportunidades para os deficientes visuais, pois eles podem obter benefícios em suas rotinas diárias bem como diversos tipos de informações através da Web. Assim como auxílio de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

softwares que realizam a leitura de caracteres trouxe uma grande oportunidade para que eles sintam-se mais incluídos digitalmente, bem como fez com que pudessem utilizar as ferramentas do computador de forma mais autônoma. (BOTTENTUIT, 2009, pg. 2115)

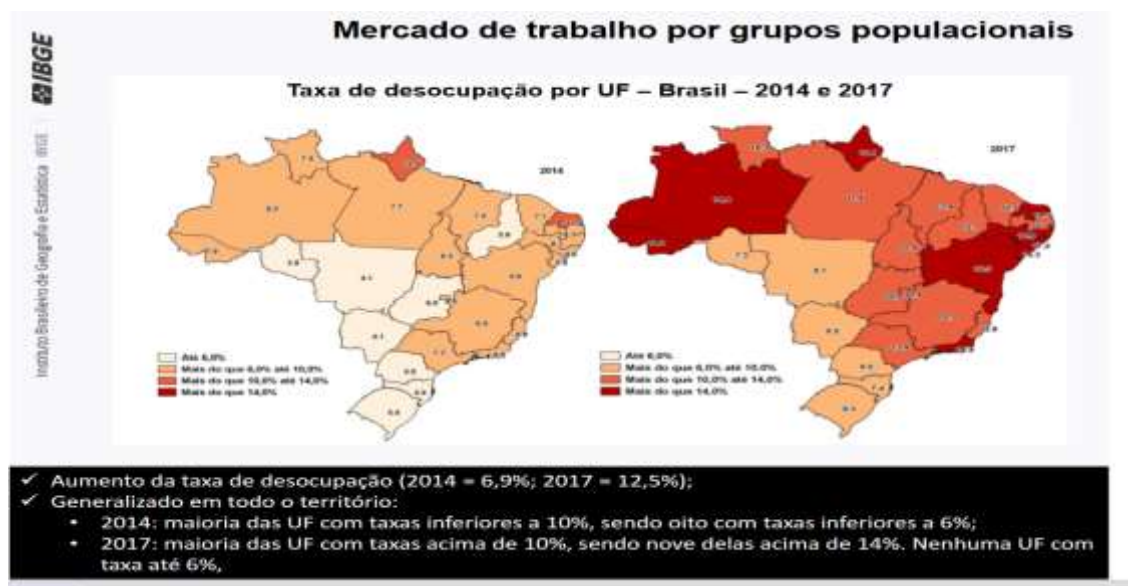
Portanto o podcast também é considerado um canal unificador, inserindo os cegos e deficientes auditivos em uma nova experiência, e até mesmo acessando conteúdos que antes não eram de tão fácil acesso, em função da liberdade que existe para a produção de um podcast independente.

Segundo Ferreira e Guimarães (2003), a educação processa-se e acontece no contato entre os seres humanos, de maneira que as potencialidades, facilidades e dificuldades de cada um moldam a extensão e o grau desenvolvimento psicossocial próprios.

O que nos remete a liberdade que existe para a produção, diferente de programas de TV e Rádio que são diretamente selecionados por patrocinadores e apresentadores, mediante a sua vertente ideológica. Isso em tempos de polarização como vivemos durante a pandemia do Covid-19, é de suma importância a liberdade, para se expor o conhecimento de forma democrática com livre acesso a todos.

“O processo de inclusão avança ao lançar um olhar para as pessoas com deficiência como interlocutoras que desafiam as instituições escolares a inovar suas concepções e práticas pedagógicas perante os processos de ensino e aprendizagem desses alunos” (FERREIRA; GUIMARÃES, 2003).

Figura 1 – Taxa de desocupação por UF – Brasil – 2014 e 2017



Fonte: IBGE (2018)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

É importante refletir que esse processo de inclusão e socialização está devidamente ligado ao nível de poder econômico da população e dos incentivos governamentais tanto da esfera federal quanto estadual, ou seja, quando analisamos a Figura 1, vemos que primeiramente a questão do desemprego não é homogênea, que cada região tem suas características socioeconômicas, definidas de acordo com esses incentivos e a oferta de emprego e desenvolvimento socioeconômico espacial de cada região.

Considerações Finais

Como todo objeto de estudo, se colocado em uma balança vamos encontrar pontos a favor e contra. A ferramenta podcast, inicialmente tem apenas pontos positivos, com seu fácil acesso, a liberdade que se tem de trabalhar qualquer tema, fácil divulgação atualmente com as redes sociais. Mobilidade de poder se escutar tanto online quanto offline, enfim, uma vasta gama de pontos positivos, mas justamente como citado acima. Estamos vivendo em um clima de total polaridade e extremismo, e que certas posturas como a desinformação são combustíveis para que esse período não acabe e se estenda cada vez mais.

Então devemos fazer o bom uso dessa ferramenta, tanto discentes quanto docentes, usá-la com consciência sabendo fazer uma seleção crítica para não promover desinformação.

Com exceção da breve crítica em relação ao mal uso da ferramenta, ela é sem dúvidas uma grande ajuda no processo de ensino, principalmente para alunos trabalhadores, que dependem muito do tempo para estudos, e podem estudar durante os seus trajetos diários e enquanto exercem outras atividades, e na sua mobilidade de poder escutar, pausar, voltar quantas vezes necessário. Acredito que em um futuro Próximo este recurso vai se tornar cada vez mais popular no meio de ensino, tanto como apoio, quanto como ferramenta chave dentro do ensino como tem se revelado agora durante o período de distanciamento.

Referências

ANDRADE, Arnon Alberto Mascarenhas de. Novas tecnologias? Julho de 1993.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

BOTTENTUIT JÚNIOR, J.B.; COUTINHO, C.P.. *Podcast* uma ferramenta tecnológica para auxílio ao ensino de deficientes visuais. In: **LUSOCOM**: comunicação, espaço global e lusofonia, VIII, Lisboa, 2009. Actas... Lisboa, p. 2114-2126.

FERREIRA, M. E. C.; GUIMARÃES, M. **Educação Inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JULIANI, Douglas; GRUBER, Crislaine. **Podcast sobre Podcast**. 2020. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=C9KI-F_ag_8&t=9s>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Síntese de Indicadores Sociais 2018, **IBGE**, Uma análise das condições de vida da população brasileira. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/ce915924b20133cf3f9ec2d45c2542b0.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O CONHECIMENTO GEOGRÁFICO E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO COM A PERSONAGEM MAFALDA

Tereza Ferreira Sousa⁸⁸

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar as histórias em quadrinhos como um recurso didático, para melhorar a aprendizagem do ensino de Geografia. O uso das histórias em quadrinhos podem estimular o aluno a buscar a leitura crítica e reflexiva, e desenvolver essa leitura, e para o professor mediador ter um suporte que possibilita trabalhar em sala de aula fazendo que o aluno passe a se interessar pelo assunto abordado na disciplina de geografia e saiba interpretar o conteúdo por meio de tirinhas ou quadrinhos, também é fundamental o trabalho com esse recurso pois pode proporcionar um raciocínio espacial.

As tiras de quadrinhos da Mafalda foram selecionadas de acordo com os seguintes temas, território, economia, sociedade, lugar, paisagem, ambiente, migração, cultura e etc. É importante que seja devidamente explorados como recurso pedagógico e é fundamental para contextualizar a relação de ensino-aprendizagem e que se produza conhecimentos geográficos de qualidade. Dessa forma, ao se utilizar as tiras ou histórias em quadrinhos da Mafalda como recursos didáticos e pedagógicos de ensino geográfico, certamente as aulas serão mais divertidas, dinâmicas, mais críticas e criativas.

Desenvolvimento

Cavalcanti e Silva (2008) comenta que a escola deve fazer uso de outras linguagens e de outras formas de expressão para procurar aproximar mais da realidade dos educandos. Na aprendizagem escolar também é importante que os professores trabalhem mais a realidade vivida na comunidade, ou seja, o conhecimento cultural. Também é importante que exista uma boa relação entre aluno e professor, porque o aluno vendo que os

⁸⁸Estudante do quarto semestre do curso de Licenciatura de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, email: terezaferreirasouza.4@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conhecimentos geográficos ensinados na escola podem ser utilizados na sua realidade esta ação pode motivá-los a estudar e buscar mais o conhecimento sistematizado, portanto, o uso de recursos didáticos na educação geográfica estimula a criticidade do aluno a ser crítico e questionador sobre o espaço geográfico.

Claval (1997) deixa claro sobre a importância da comunicação e transmissão de informações, ao relatar que “os estudos da dimensão coletiva dos fatos culturais foi renovado pelos progressos da linguística e da teoria da comunicação. A cultura é feita de informações que circulam entre os indivíduos e lhes permitem agir” (p. 94).

Através da comunicação entre o professor e aluno essa construção de conhecimento também é importante a relação do saber do aluno, e sua vivência no cotidiano. Sendo assim a história em quadrinhos pode ser um recurso didático fundamental para a educação.

O objetivo em se trabalhar com tirinhas da personagem Mafalda é contribuir com uma base de apoio ao professor para facilitar o ensino de geografia que possibilite a leitura, a compreensão e escrita de diversos conteúdos de geografia. Nesta obra pode-se observar a relação das histórias em quadrinhos para contextualizar alguns conteúdos de geografia, portanto há um grande potencial em motivar leituras geográficas como é possível ver na figura 1:

Figura 1 – Quadrinho da personagem Mafalda



Fonte: Quino, 2003

Na figura 1, os personagens em quadrinhos dialogam sobre os diversos fusos horários pelo mundo. Sendo assim o professor de Geografia pode usar dessa tirinha para se trabalhar temas de cartografia e geopolítica mundial sobre localização dos países, meridianos e paralelos, conflitos globais, sobre políticas externas, globalização entre outros assuntos, Com isso incentiva o estudante a desenvolver o raciocínio de interpretar temas complexos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da disciplina, além de que pode estimular o cérebro a pensar e refletir sobre o seu cotidiano e a relação entre local e global.

Por isso é importante que esse tipo de recurso didático seja usado pelo professor em sala de aula de forma que possa trazer entretenimento aos alunos e gerar muitas respostas diferente entre os alunos ao analisar as tirinhas da Mafalda que são tão ricas de informações e podem servir para que o ensino de Geografia possa formar sujeitos críticos e reflexivos.

Considerações Finais

O assunto abordado em trabalhar tirinhas da Mafalda, de preferência no ensino fundamental na disciplina de geografia, fará com que desperte interesse do aluno e facilite o aprendizado, possibilitando que o professor possa trabalhar com os alunos vários conteúdos de geografia usando recursos didáticos bem atrativos, como por exemplo, as tirinhas fazendo com que a sala de aula se torne um espaço de produção do conhecimento por meio de diálogo entre professor e aluno.

Referências

- CAVALCANTI, L., e SILVA, I. Mediação do ensino-aprendizagem de Geografia por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.28, n.02, p.141-156, jul/dez de 2008.
- CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. In: CASTRO, I. E. et al. (orgs.). **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A IMPORTÂNCIA DO USO DE TIRINHAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Tiago Pyn Tánh de Almeida ⁸⁹

Introdução

O objetivo do presente texto é discutir sobre o uso de tirinhas no ensino de geografia para estimular os estudantes a aprenderem os conhecimentos geográficos.

Como procedimento metodológico utilizou-se uma revisão de literatura sobre o uso de recursos didáticos no ensino de Geografia e mais específico das tirinhas, além da análise de uma tirinha da personagem Mafalda.

Desenvolvimento

Segundo Silva e Cavalcanti (2008), o trabalho com charges e tiras pensando como um recurso didático pode facilitar o ensino e aprendizagem de Geografia, utilizando-se de criatividade e do humor na realização das atividades escolares dentro da sala de aula, então hoje em dia a charge e tiras de quadrinhos é uma linguagem possível de ser usada no fundamental e médio, e também nos ensinamentos da educação infantil.

Uma das charges e tiras mais usadas na educação é a da personagem Mafalda, em especial para discutir os conteúdos de ensino de Geografia.

O quadrinho da Mafalda também é reconhecido nacional e mundialmente, mas também ele é visto nos jornais, revistas, televisão e até mais visto na internet, e o seu criador foi o artista argentino Joaquim Salvador Lavado Téjon, conhecido Quino.

E hoje os quadrinhos da personagem Mafalda ainda continua fazendo parte da vida das muitas pessoas e de todas as idades, mas a leitura de charge e quadrinhos precisa considerar um trabalho específico para cada idade, pode ser usado em aulas com crianças, adolescentes e

⁸⁹Estudante do quarto período do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, email: tiago.tanh.almeida@uel.br

adultos. Para Silva e Cavalcanti (2008) é importante ressaltar que os quadrinhos tem personagens e elencos fixos, narrativa sequencial em quadros numa ordem de tempo onde um fato se desenrola através de legendas e balões com o textos pertinentes a imagens de cada quadrinhos.

Os autores ainda apresentam que as histórias podem se desenvolver em tiras, ou em uma páginas ou em duas ou em várias páginas de revista e álbum, e para uma história ser um quadrinho ela precisa ter no mínimo dois quadrinhos ou em cenas, e a tiras, ela pode ser as vezes contada em um só quadrinhos e o espaço da própria tira.

O uso dos quadrinhos tem aumentado cada vez mais nas escolas ou no dia a dia das pessoas porque apresentam com humor vários personagens, e a leitura é mais compreensiva que em textos, pois apresenta diálogos apresentados em balões com poucas palavras.

Através dos quadrinhos muitas coisas tem sido facilitado no ensino por meio da utilização do humor, e também pode envolver toda a família em atividades dirigidas de estudo em casa (CAVALCANTI e SILVA, 2008), ainda mais em tempos de educação remota.

Sendo assim é possível discutir vários temas com as charges da Mafalda nas aulas de Geografia como questão ambiental, alfabetização cartográfica, consumismo, questionamentos dos valores da sociedade. Na figura 1, o Quino apresenta questões sobre o racismo.

Figura 1: Tira da Mafalda sobre racismo



Fonte: Quino, 2003.

De posse dessa charge o professor de Geografia pode questionar os estudantes sobre o preconceito racial muito presente na sociedade brasileira. Então o professor de Geografia, pode



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

levar essa charge para sala de aula e criar um espaço de diálogo com os estudantes sobre o racismo no Brasil. Algumas perguntas podem servir para problematizar a aula como: Vocês acham que existe racismo no Brasil? Alguém aqui já vivenciou cenas racista no seu cotidiano? O que devemos fazer para contrapor o racismo no Brasil? Entre outras questões que possam levar os estudantes refletirem sobre as desigualdades no Brasil em especial em especial por decorrência do racismo tanto para as populações negras como para as populações indígenas.

Considerações Finais

Acredita-se que o uso de tirinhas nas aulas no ensino de geografia, facilita o processo de aprendizagem e ainda pode deixar as aulas mais atrativa para os estudantes. Neste texto foi apresentado uma tirinha da personagem Mafalda para se discutir o racismo, considerando a lei 10.639/2003 e 11.635/2008, onde a primeira recomenda que os currículos da educação básica abordem de forma positiva da cultura e história dos negros, africanos e a segunda dos indígenas no Brasil, tal atividade pode atender essas duas leis. Espera-se que o professor de Geografia possa usar também outras tirinhas que questione o racismo e outros temas e possa produzir novas possibilidades de ensino de Geografia.

Referências

CAVALCANTI, L., e SILVA, I. Mediação do ensino-aprendizagem de Geografia por charges, cartuns e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.28, n.02, p.141-156, jul/dez de 2008.

QUINO, J. L. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO DESENVOLVIMENTO DE AULAS ATRATIVAS

Breno Rodrigues Grosman⁹⁰

Victor Hugo Ferreira Motta⁹¹

Introdução

Neste trabalho busca-se evidenciar a importância de se trabalhar o ensino de Geografia de forma mais atraente ao aluno, contribuindo no seu interesse pelas temáticas que possam ser elaboradas, ajudando na sua compreensão acerca do conteúdo. Desta forma, busco desenvolver a ideia da utilização de HQs (histórias em quadrinhos) nas aulas de Geografia, onde o professor possui um novo recurso para desenvolver as suas aulas, e o aluno pode por em prática o que aprendeu, ajudando na construção de seus conhecimentos.

Atualmente vemos cada vez mais alunos desinteressados pela educação, isso ocorre, pois ainda são utilizadas nas escolas metodologias de ensino que visam à transposição de conteúdos de forma exaustiva ao aluno, onde este não se vê como parte ativa de seu processo de educação. Para atrair nos alunos o interesse pela educação, é sugerida a utilização de metodologias variáveis que visem a participação do aluno nas aulas, utilizando dos conhecimentos prévios do aluno para facilitar na sua compreensão, além de trabalhar a sua criatividade e seu senso crítico.

Desenvolvimento

A utilização de HQs nas aulas de Geografia pode ser uma boa alternativa para se atrair o interesse do aluno nas aulas, além de facilitar na sua compreensão, pois ao ler/produzir uma HQ, o aluno consegue visualizar e sintetizar de forma eficiente os conhecimentos que lhe é passado. Essa eficiência se dá, pois o aluno consegue associar os conhecimentos adquiridos, desenvolvidos e compartilhados em sala de aula, às informações presentes nos mapas. Para isso,

⁹⁰ Geografia. Universidade Estadual de Londrina. breno.rodriques@uel.br.

⁹¹ Geografia. Universidade Estadual de Londrina. Victorhugo.motta@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

mostra-se de suma importância que as temáticas expostas nas HQs sejam previamente apresentadas e debatidas com os alunos, onde as HQs serviriam para resumir e relembrar os conteúdos.

Partindo dessa linha de raciocínio, foi confeccionada uma HQ sobre o impacto da Geografia no desenvolvimento dos alunos (Figura 1), com foco na construção de cidadãos que entendam como se dão as relações sociais que acontecem ao seu redor, buscando formas mais eficazes e criativas para a criação de uma sociedade que visa à equidade e uma melhor qualidade de vida para a população.

O recurso utilizado para a confecção da HQ foi o Microsoft Paint, por ser um recurso gratuito e de fácil acesso e manejo. Foram inseridos os diálogos dos personagens na parte superior de todos os quadrinhos. Buscou-se utilizar de cores bem variáveis que chamassem a atenção do leitor.

A HQ mostra um jovem indo rumo à sua escola. No caminho, o jovem analisa o espaço a sua volta. Entendendo a importância da natureza para toda a fauna e flora, sua importância para o clima e também a questão do trabalho e do lazer. Após entrar na escola e desenvolver os seus conhecimentos prévios, chega a hora de voltar para a sua casa. No caminho o jovem percebe novas problemáticas sociais e ambientais que antes desconhecia como a poluição de recursos hídricos, poluição do ar, desmatamento e queimadas. O jovem, ao entender que todo esse processo não surgiu do nada, desenvolve o seu desejo por adquirir novos conhecimentos, para que possa mudar essa realidade.

Ao analisar HQs que evidenciam conceitos geográficos, pode-se tanto adquirir como desenvolver conhecimentos. A aula torna-se menos cansativa. Nesse processo o professor visualizar o desenvolvimento e a eficácia de seus ensinamentos, podendo aderir a novas práticas como a utilização de músicas e filmes, e também pensar em formas de atender as necessidades dos alunos que tiverem dificuldades nestes modelos.

Pôde-se visualizar como podemos trabalhar conceitos geográficos de novas formas, mais simples e criativa, fazendo com que o aluno desenvolva o seu conhecimento de forma mais efetiva e divertida.

Figura 5- HQ sobre a importância da Geografia no entendimento de problemáticas sociais



Fonte: Autor, 2020

Considerações Finais

Neste trabalho pôde-se entender que a utilização de HQs em aulas de Geografia mostra-se eficaz, pois podemos trabalhar conceitos geográficos de novas formas, mais simples e criativa, fazendo com que o aluno se interesse pelas temáticas e desenvolva o seu conhecimento



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de forma mais efetiva e divertida. E que para melhor contextualização dos conceitos, o professor pode aderir a outros métodos, buscando atingir todos os alunos.

Referências

Dias Mangolini Neves, Pedro; Gomes Rubira, Felipe. Histórias em quadrinhos na geografia escolar. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, Vol. 21 (2017), n.3, p. 118-129.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ATIVIDADES LÚDICAS E PRÁTICAS NO ENSINO DA GEOGRAFIA

Marcela Fernanda dos Santos

Introdução

O objetivo do presente trabalho tem a intenção de trazer à tona os benefícios de trabalhos diferenciados no ambiente escolar, e discutir os pontos positivos que essa ação traz aos alunos. Para os alunos que estão acostumados à rotina escolar, atividades que sai do padrão comum são marcantes na aprendizagem dos alunos. De uma maneira diferente, as atividades práticas têm uma inclusão maior dos alunos gerando resultados. Relacionado aos conteúdos as práticas são positivas fazendo o aluno ter um maior entendimento daquilo que foi passado somente em teoria.

A paleontologia e a sua importância para o ensino fundamental regular: A ciência da paleontologia é uma extensão da geologia, esta ciência estuda os restos e vestígios de animais ou vegetais.

O tempo geológico, inúmeros tipos de vidas ficaram presas dentre as rochas, dando origem aos fósseis. Um fóssil pode ter milhões de anos de idade, é estimado que cerca de 90% de todas as espécies que já viveram não deixaram registro fóssil.

As eras geológicas deixam os seus traços marcado por anos, as modificações da crosta terrestre foi se formando camadas da crosta sendo possível estudar e datar as eras geológicas que existiu no planeta terra, para a análise é usado as rochas e o fósseis encontrados para fazer a datação dessas eras, a partir dessa as características e o tempo e essa marca milenar é importante apresentar aos alunos, por mais que não seja real essa representação passará a ideia de representação de um fóssil.

Existem dois tipos de fósseis: somatofósseis e os icnofósseis. Os somatofósseis são os restos orgânicos dos fósseis conservados. Trata-se de um importante marco no sentido de registrar o passado biológico e geológico do nosso planeta, com o registro das espécies anteriormente, sendo possível analisar a diversidade das espécies que já se teve presente em nosso planeta.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Exemplo: Trilobitas Já os icnofósseis são os vestígios fósseis que indicam a existência de vidas, tais como as marcas de mãos, pegadas ou as marcas de folhas, conchinhas, flores, folhas verdes de plantas, galhos, entre outros, são importantes meios para identificar as diferentes etapas da evolução dos seres vivos ao longo das eras geológicas.

O objetivo deste trabalho em sala de aula é trazer de uma forma divertida a compreensão dos alunos sobre os princípios da paleontologia e as formações na crosta terrestre durante as eras geológicas. Quando se trata de atividades práticas e lúdicas, tem-se uma facilidade de inclusão geral de todos os alunos, quando a aulas saem do padrão comum, os alunos tendem a desempenhar mais devido a diversidade do trabalho. Diferente da aula teórica, a prática o aluno está mais próximo a realidade do conteúdo.

Desenvolvimento

Execução da aula: Para a execução da aula prática é necessária uma lista de materiais para a produção do fóssil.

. Material necessário:

- Um pequeno objeto de origem natural (concha, folha, osso etc.)
- Vaselina
- Gesso
- Água
- Uma pequena vasilha descartável

Escolha o objeto para fazer o fóssil, pode ser da escolha do aluno como dinossauro de brinquedo, conchinhas etc. O objeto escolhido deve caber dentro da vasilha descartável. Passe a vaselina no objeto escolhido para que o objeto não grude no gesso. Misturar o gesso e água em uma vasilha até o ponto e pressionar o objeto sobre o gesso, afundando até onde for possível, sem cobrir o objeto. Deixe repousar até o dia seguinte (nesse caso é necessário que o aluno leve o material feito para sua casa). O resultado é como se uma concha tivesse sido enterrada no solo por milhares de anos até se desintegrar e deixar essa imagem.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

Após a aula explicativa sobre a crosta terrestre, seria interessante saber a opinião dos alunos para descobrir como foi a experiência e se foi de bom proveito para eles, pois se tratando de uma atividade diferenciada a expectativas de bons resultados. Sempre que possível, é interessante que o professor mude sua forma de suas aulas sempre trazendo atividades práticas que auxiliam em determinados assuntos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE MÉTODOS INOVADORES
NA PRÁTICA DO ENSINO DE GEOGRAFIA: LAPBOOKS**

Pedro Vinicius Petrauskas Figueirol⁹²;

Alex Fernandes Monteiro⁹³.

Introdução

A utilização de novos métodos para o ensino de Geografia se tornou um grande contribuinte para o aprendizado das mais diversas categorias da educação. O ensino básico contemporâneo sofre de uma necessidade por inovação de métodos que desenvolvam a aprendizagem dos sujeitos inseridos em diversos contextos socioculturais (LIBÂNEO, 2010). Na educação contemporânea, em que o estudante seja o centro da aprendizagem, é preciso adotar estratégias para prender a atenção do educando por meio de atividades lúdicas, prazerosas e intuitivas (MIRANDA, 2002).

Juntamente à proposta inovadora da educação, vários projetos buscam inserir o discente na sala de aula durante sua graduação para que seja adquirida a experiência básica para o início de sua profissão de educador. As metodologias ativas podem ser um grande aliado destes discentes durante seu tempo em sala de aula, facilitando a aproximação com os alunos e tornando o trabalho muito mais prazeroso.

O *lapbook* é uma maneira de aliar o aprendizado com o lúdico, criativo e voltado para a fixação do conteúdo trabalhado no momento por meio da produção de “*mini-books*” dentro de uma mesma pasta, é importante ressaltar aqui a essencialidade de se ter algo para aproximar o estudante de um novo conteúdo, principalmente os mais densos, para que o máximo de conhecimento seja absorvido. Simples e rápida, a confecção do *lapbook* pode ser feita em sala de aula ou até mesmo em casa, sem a necessidade de uma supervisão constante já que é um método livre para a criatividade, extraindo o máximo da imaginação do aluno sem ser maçante como uma elaboração de relatórios e cópias do livro, que são bem recorrentes hoje em dia.

⁹² Licenciando do curso de Geografia; pedro.figueirol@uel.br

⁹³ Licenciando do curso de Geografia; alex.fernandes@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O objetivo deste texto é explicitar as vantagens e facilidades que um método diferenciado como o *lapbook* pode trazer ao professor e, principalmente, ao aluno, cativando sua atenção e favorecendo o desenvolvimento da imaginação juntamente com sua criatividade de modo que o assunto se torne muito mais interessante e próximo de ambas as partes.

Procedimentos metodológicos

O *lapbook* é um livro interativo, que é construído pelo aluno, com um conteúdo que vai muito além de textos. Em sua estrutura ele inclui ilustrações, colagens, dobraduras, espaços para colocar novas informações em forma de uma pasta e envelope, por exemplo.

O primeiro passo para a confecção e elaboração de um *lapbook* é a definição e escolha do tema a ser trabalhado, é necessário um objetivo norteador ao se propor um *lapbook* já que as colagens e recortes deverão girar em torno de um tema aberto e abrangente principal. Já sobre o tema, não é necessário ser algo sólido, podendo ser utilizado uma abstração para descrevê-lo, a parte essencial da escolha é que este tema tenha uma vasta gama de assuntos e possibilidades de compreensão para facilitar e estimular a criatividade e a imaginação de cada aluno.

Em um segundo momento, após definidos os temas, alguns materiais serão necessários, variando de acordo com a disponibilidade da escola ou do próprio aluno. Os básicos são:

Cartolina para que seja confeccionada a capa, contracapa e as páginas do livro; Jornais e revistas para que sejam efetuados os recortes das ilustrações ou textos escolhidos pelo aluno; Tesoura; Cola; Lápis de cor; Folhas A4 brancas ou coloridas.

A quantidade de materiais irá variar de acordo com o tamanho do *lapbook*, além da disponibilidade, como já citado, e a quantidade dos assuntos a serem englobados no livro. O professor poderá auxiliar os alunos apresentando mapas, gráficos e tabelas impressos que sejam essenciais para a fixação do conteúdo trabalhado.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Lapbook: Tipos de Paisagens



Fonte: LAPBOOK DE GEOGRAFIA na E.E. Ademar Vieira Pisco – Diretoria de Ensino – Região de Piracicaba (educacao.sp.gov.br)

A confecção do *lapbook* é feita de forma bem simples e livre de normas ou regras, favorecendo ainda mais a criatividade e a imaginação. O básico e essencial para a construção do *lapbook* é que o aluno pegue a cartolina e dobre ao meio, ou corte em três partes distintas, abrindo-a como se fosse realmente um livro ou as portas de um armário. Feito isto, fica livre para a imaginação e a criatividade trabalharem de acordo com o gosto do aluno, que pode realizar os recortes e colagens da maneira que preferir, deixando cada *lapbook* único e individual. É importante ressaltar que cada aluno deverá elaborar seu próprio *lapbook*, pois é uma maneira pessoal de organizar e armazenar as ideias.

Considerações finais

O *lapbook* demonstrou ser um instrumento pedagógico essencial para estabelecer uma conexão maior entre o estudante e o conteúdo trabalhado, pois o que é ensinado em sala de aula poderá ser organizado e sintetizado em um material concreto e acessível. Sendo assim, o aprendizado se tornará mais divertido e agradável ao estudante. Uma das maiores mudanças



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

propostas é uma escola com um ensino mais horizontal e tornar a educação aliada ao divertimento é o papel fundamental da nova escola.

Um dos maiores problemas e a principal desvantagem para os *lapbooks* serem aplicados no ensino atual é a baixa disponibilidade dos materiais necessários, tanto por parte da escola como por parte dos alunos, que muitas vezes, não possuem condições de ter o acesso a esses materiais. Além disso, o tempo baixo das aulas e a quantidade não permitem a disponibilidade de muito tempo para ser trabalhado em sala de aula, tornando o *lapbook*, muitas vezes, inviável durante as aulas. Uma alternativa é que o *lapbook* seja iniciado em sala de aula, com a orientação e supervisão de um professor, e seja levado para a casa, explorando o máximo da criatividade do aluno, sem ter o tempo reduzido.

Um outro possível agravante são as diferenças familiares e socioculturais encontradas em sala de aula, onde pode-se encontrar diversos tipos de poder aquisitivo. É importante ressaltar que o *lapbook* não deve ser uma maneira de evidenciar essas diferenças sociais, onde dois alunos com o mesmo tempo de trabalho, apresentam trabalhos muito distintos por conta de um deles possuir um maior poder aquisitivo. Várias maneiras podem ser apresentadas para contornar esse problema, como a disponibilização de materiais igual pela escola ou a utilização de revistas e jornais que seriam descartados, reciclando e reaproveitando para o ensino.

Os métodos ativos de aprendizado, como os *lapbooks*, trazem um grande desafio ao docente, já que este deverá adapta-los ao seu modo de trabalho e à sua metodologia de ensino, necessitando uma reflexão constante acerca de sua forma de trabalhar.

As vantagens de se utilizar um método pedagógico como *lapbook* se mostraram muito maiores do que as desvantagens, além de proporcionar a fixação dos conteúdos, ainda contribuem para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da sintetização de diversos temas para facilitar a compreensão rápida e efetiva do assunto, auxilia a manter uma boa saúde mental já que não será algo maçante e repetitivo e torna real a ideia principal do conceito de escola, unir o ensino ao lúdico.

Referências

ANNE, Rosane. **Técnica de ensino: Lapbooks: o que são?** Rosane Anne. Disponível em: <http://rosaneanne.blogspot.com/p/tecnica-de-ensino-estrategia-do-pqa-ao.html>. Acesso em: 26 mar. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

BENITES, Leonardo Barboza; MELLO, Elena Maria Billig. Construção de lapbooks para o ensino de ciencias em uma perspectiva da inovação pedagógica. In: FREITAS, Diana Paula Salomão de; MELLO, Elena Maria Billig; KONFLANZ, Gabriel Muller; NASCIMENTO, Celli de Carvalho (org.). **ANAIS II Seminário inovação pedagógica: formação academico-profissional**. Uruguaiana: Unipampa, 2019. p. 15-18.

DIRETORIA DE ENSINO – REGIÃO DE VOTORANTIM (São Paulo). Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (ed.). **Alunos desenvolvem atividade com “lapbook” na disciplina de geografia**. 2019. Disponível em: <https://devotorantim.educacao.sp.gov.br/alunos-desenvolvem-atividade-com-lapbook-na-disciplina-de-geografia/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

LIBÂNEO, J. C. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**, 2010.

MIRANDA, S. **No fascínio do jogo, a alegria de aprender**. Linhas Críticas. Brasília, v.8, n. 14, p. 21-34, jan./jun. 2002.

VITAL AISPEMG (ed.). **Como construir um Lapbook**. 2015. Disponível em: <https://www.vital.org.br/como-construir-um-lapbook>. Acesso em: 26 mar. 2021



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM SALA DE AULA: RECURSO DIDÁTICO, DIFERENCIADO E ESTIMULANTE

Vitória Alves de Moraes⁹⁴

Mariana da Rocha Silva⁹⁵

Introdução

A elaboração deste resumo expandido pretende fazer possível compreender os benefícios da utilização de Histórias em Quadrinhos nas salas a fim de proporcionar um maior interesse ao estudo por parte dos alunos, além de ser um recurso didático que desperta atenção e torna as aulas menos monótonas. Portanto, faz-se viável expor que as Histórias em Quadrinhos – ou HQs –, inicialmente encontradas em 1894 nos Estados Unidos na Revista *Thuth*, são o ato de narrar acontecimentos e fatos através de sequências com desenhos, personagens, tempo e espaço. É significativo ressaltar que a utilização de vastas tipologias de balões, conforme a intenção da fala, torna o entendimento mais fácil, além de se considerar as onomatopeias – palavras que pretendem imitar sons - uma excelente maneira de tornar a história mais dinâmica. Este mecanismo de aprendizado é facilmente encontrado em jornais, gibis e até mesmo revistas, sendo possível estar presente em livros e apostilas didáticas também. Após a universalização das HQs, alguns personagens passaram a ser conhecidos pelo grande público, como a Mafalda, personagem criada pelo cartunista argentino Quino em 1964, sendo uma personalidade forte na América Latina e na Europa.

Figura 1 – Quadrinhos de Mafalda



⁹⁴Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, vitoria.alves.morais@uel.br.

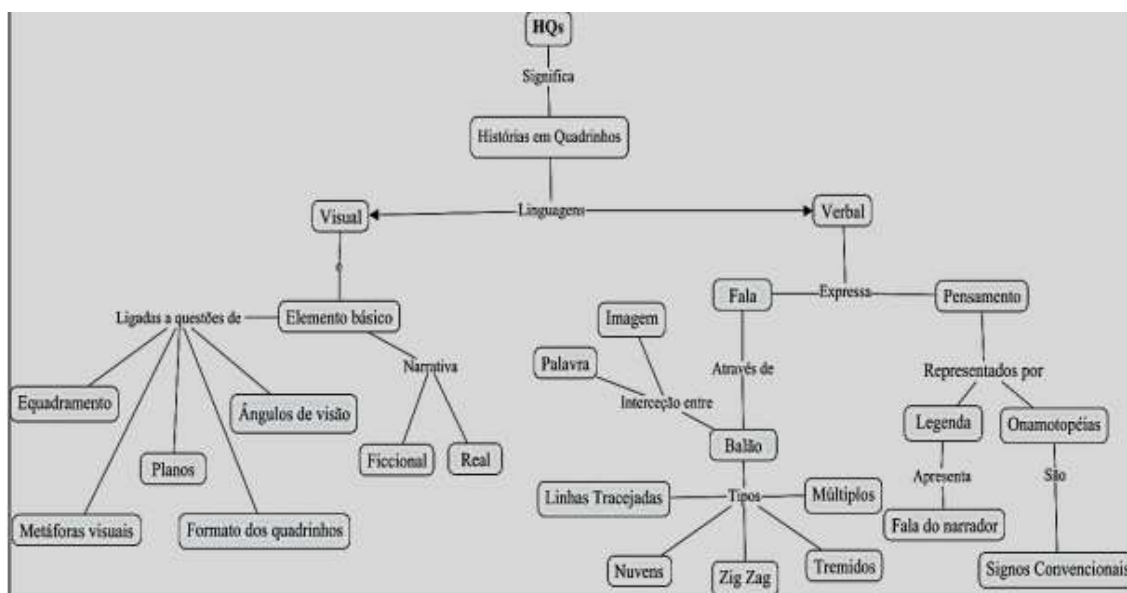
⁹⁵Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, mariana.rocha.silva@uel.br.

Fonte: QUINO, J. L.. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

O intuito de utilizar HQs para ensinar um determinado conteúdo é para propor uma alteração no Modelo Prussiano de Ensino, vigente há mais de 200 anos, que se baseia em aulas expositivas que ao passar do tempo se tornam monótonas e desinteressantes. Percebe-se como premente o entendimento de recursos didáticos diferenciados como práticas pedagógicas que auxiliam no aprendizado do educando por diferir dos métodos convencionais de ensino, como por exemplo músicas, filmes, maquetes, podcasts e até mesmo História em Quadrinhos. Este último sendo um instrumento incomum que almeja aumentar a produtividade dos estudantes pois proporciona uma melhor assimilação da temática a partir do momento que estimula reflexões críticas a respeito do tema abordado.

Portanto, abaixo pode ser observado um mapa conceitual que exprime perfeitamente as variáveis deste recurso auxiliador:

Figura 2 – Mapa Conceitual Sobre a Modelos de HQs



Fonte: Genilza Paiva, 2017.

Considerando que a modernidade vive na era digital, tal fato favorece a utilização de novas formas de ensino porque “Uma aula expositiva pode ser enriquecida, aprimorada com a utilização de alguns recursos didático-pedagógicos, que não seja o quadro e o giz.” (SANTOS, BELMINO; 2013, p. 02). Da mesma forma que “Os recursos didático-pedagógicos são



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

componentes do ambiente educacional estimuladores do educando, facilitando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem.” (SANTOS, BELMINO; 2013, p. 03). A partir disso, as HQs se tornam imprescindíveis no ambiente escolar.

Desenvolvimento

Não é de hoje que recursos didáticos-pedagógicos promovem a interação entre o conteúdo e o aluno de uma maneira diferenciada pois capta a atenção dos estudantes, visto que “Diante dos diversos recursos didáticos existentes, as histórias em quadrinhos constituem-se como meio de complementar o conteúdo dos livros didáticos de maneira atrativa.” (NEVES, RUBIRA; 2017, p. 121). Rama e Vergueiro (2006, p. 07) crê que “sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular” porque “a proposta da inserção de HQs na sala de aula de História é vista como instrumento pedagógico capaz de mediar o processo de aprendizagem do aluno.” (RAMA e Vergueiro, 2006, p. 07). Logo, entende-se que tal instrumento assessor potencializa o hábito da leitura, fomenta a criticidade, originalidade e autonomia dos alunos.

Nesse contexto, Vergueiro (2009) constata que as tirinhas de humor também podem contribuir para trabalhar vários gêneros, como o deboche, a ironia, a crítica social, entre outros, sendo de grande valor, já que podem impulsionar discussões sobre temas que estão em pauta em telejornais. Dessa maneira, é interessante considerar que o uso de Histórias em Quadrinhos no ensino contempla as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998).

Sendo assim, acreditamos que o envolvimento dos alunos em atividades estruturadas como aquelas baseadas nas HQs possibilite a exploração e a descoberta em um processo de investigação que contribua para que os alunos façam conexões entre informações novas e antigas. (NUNES et. al., 2018, p. 07).

Em muitos momentos de desânimo esta ferramenta pedagógica pode cooperar com o processo educativo estudantil, posto que por meio de pesquisas tornou-se possível notar que “Os resultados evidenciaram que com a história em quadrinhos, o despertar da curiosidade, interesse e desejo de aprender dos alunos foi maior, os quais foram motivados pela inserção lúdica ao conteúdo, deflagrando maior eficiência em relação aos métodos tradicionais de ensino.” (NEVES, RUBIRA; 2017, p. 118). Desta forma, a interligação de frases com as imagens proporciona uma maior compreensão a respeito do tema pois o conteúdo se torna mais



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

didático, além de possibilitar o desenvolvimento do conteúdo de maneira interativa contribuindo à bagagem cultural do discente. Em vista disso,

Sem dúvida, os quadrinhos representam hoje, no mundo inteiro, um meio de comunicação de massa de grande penetração popular. Nos quatro cantos do planeta, as publicações do gênero circulam com uma enorme variedade de títulos e tiragens de milhares ou, às vezes, até mesmo milhões de exemplares, avidamente adquiridos e consumidos por um público fiel, sempre ansioso por novidades. Mesmo o aparecimento e a concorrência de outros meios de comunicação e entretenimento, cada vez mais abundantes, diversificados e sofisticados, não impediram que os quadrinhos continuassem, neste início de século, a atrair um grande número de fãs. (VERGUEIRO, 2009, p. 7).

Durante o processo de ensino-aprendizagem inúmeros fatores devem ser levados em consideração, a didática, o material e a explicação são de grande valor. Nesse diapasão, uma diversidade instrumental é benéfica aos alunos pois materiais alternativos contribuem positivamente na formação educacional, sendo uma possibilidade pedagógica que propõe reflexão uma vez que aguça o senso crítico do educando, já que “... elegemos as HQs para desencadear motivação intrínseca, habilitando mais um recurso para favorecer o envolvimento espontâneo dos discentes nas atividades que lhes forem proposta.” (NUNES et. al., 2018, p. 06). Dessarte, os quadrinhos incentivam a prática da leitura além de sugerir interpretações interdisciplinares e contextualizadas,

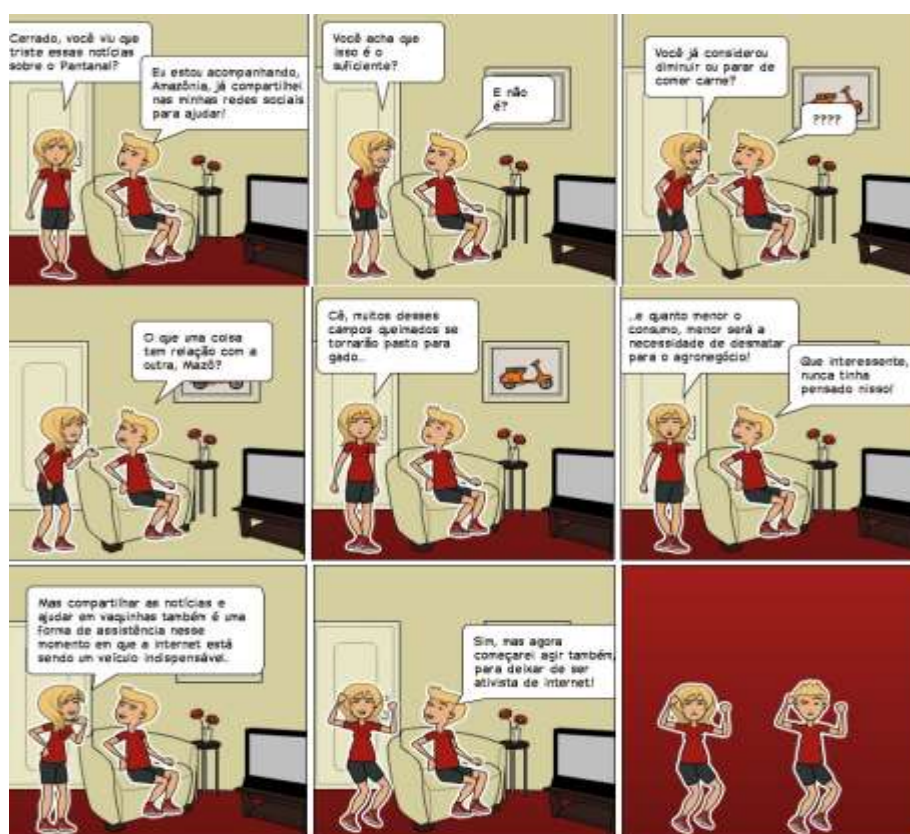
Dessa forma, a linguagem dos quadrinhos pode ser descrita no sentido de suplantarem os obstáculos da descrição, respondendo às diversas abordagens teóricas e pedagógicas dessa área, como a representação do espaço, escala e leitura de símbolos cartográficos, permitindo também um entendimento com outras áreas do conhecimento, sendo possível a realização de trabalho com caráter interdisciplinar. (SILVA, NASCIMENTO, 2018, p. 77.).

Após a análise dos objetivos alcançados ao utilizar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula, é premente seu uso em disciplinas que necessitam a visualização e explicação precisa do conteúdo para maior entendimento, ou seja, todas. Assim, o recurso permite que o aluno traga suas vivências através das aulas, proporcionando um encontro do cotidiano com o estudo. Por consequência, o aprendizado atinge mais discentes e o ensino menos custoso.

Considerações Finais

Faz-se importante destacar que as TICs, tecnologias da informação, são ferramentas pedagógicas ajudantes para que haja uma maior interação do educando com o conteúdo, haja vista que atualmente grande parte dos estudantes tem acesso à internet e se familiariza com os meios já existentes, sendo capaz de propor em ensino dinâmico. Assim sendo, durante a disciplina de Metodologia do Ensino e Aprendizagem em Geografia, participante da grade de Geografia na opção de licenciatura, da Universidade Estadual de Londrina, foi proposto a elaboração de uma História em Quadrinhos a fim de contextualizar e proporcionar um debate acerca de temas atuais:

Figura 3 – Quadrinho Sobre o Pantanal



Fonte: As Autoras, 2020.

Consequentemente, é notório que há possibilidades de criar uma História em Quadrinhos através da internet, a partir de ferramentas com funções autoexplicativas, como por exemplo: *PIXTON*, *StoryboardThat*, *GoAnimate* e *Stripcreator*. Os exemplos em questão são de projetos de criação gratuitos que tendem a melhorar a assimilação do conteúdo por seus



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

alunos. Estes instrumentos são excelentes estratégias didáticas pois o docente produz de maneira autoral seu material.

Referências

NEVES, Pedro Dias Mangolini e RUBIRA, Felipe Gomes. História em Quadrinhos na Geografia Escolar. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Vol. 21 (2017), n.3, p. 118-129.

NUNES, J. M. V. et al. Histórias em Quadrinhos: Recurso Motivador de Aprendizagem Significativa em Matemática. **Revista Desafios**, 2018.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa e BELMINO, José Francis David Barbosa. Recursos Didáticos: Uma Melhoria na Qualidade da Aprendizagem. **O Educador**, 2013.

SEVERO, Marta F. da Silva e SEVERO, David Ferreira. As HQs Como Ferramentas Pedagógicas em Sala de Aula. **Revista CESMAC**, 2015.

SILVA, Genilza Paiva da e NASCIMENTO, Núbia Nogueira do. Histórias em Quadrinhos no Ensino da Geografia: Uma Proposta Metodológica em Escola Agrícola de Porto Nacional - TO. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v.09, n. 17, p. 74-88, jul./dez. 2018.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Angela et. al. (Org.). **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 7-29.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**UTILIZANDO RECURSOS AUDIOVISUAIS NAS SALAS DE AULA:
CAPTANDO ATENÇÃO DOS ALUNOS**

Mariana da Rocha Silva⁹⁶

Vitória Alves de Moraes⁹⁷

Introdução

O resumo expandido a ser apresentado tem como principal objetivo expor a funcionalidade dos recursos audiovisuais no ambiente escolar e seus benefícios no processo de ensino- aprendizagem. Nos dias atuais, a metodologia de ensino não deve estar presa somente ao livro didático, frente a isso surge a necessidade de novos meios de ensino, sendo um deles os recursos audiovisuais. Atualmente as tecnologias de informação e comunicação têm exercido um papel extremamente importante em nosso meio, tornando as aulas expositivas menos cansativas e monótonas. Visto que é uma ferramenta de ensino não convencional e isso desperta interesse nos discentes. Com a evolução da internet, houve uma revolução nos métodos didáticos, uma vez que o conteúdo de utilização e processamento de informações oferta materiais diversificados como: som, imagens animadas e estáticas, texto, para além de outras opções.

Desenvolvimento

O método disciplinar que descreve a vida real e o cotidiano dos alunos de forma interdisciplinar é útil para o aprendizado, e os recursos audiovisuais são métodos de ensino que possibilitam ajudar os professores no desempenho de suas aulas, tornando-as mais atrativa e dinâmica.

Os recursos audiovisuais partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo. Mexem com o corpo, com a pele

⁹⁶Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, mariana.rocha.silva@uel.br.

⁹⁷Graduanda em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, vitoria.alves.morais@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

– tocam-nos e “tocamos” os outros, estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do Zoom, do som envolvente. Nos recursos audiovisuais, sentimos, experimentamos, temos sensações sobre o outro, sobre o mundo, sobre nós mesmos. (COSTA, 2010. p. 23).

O uso da tecnologia digital facilita o processo de aprendizagem, pois além de tornar a comunicação mais rápida, essas tecnologias também podem ampliar o objeto de pesquisa, permitindo que os usuários tenham novas perspectivas sobre o mesmo assunto, aprofundando conhecimentos e abrindo possibilidades. Uma das tecnologias mais utilizadas no momento são os recursos audiovisuais que podem ser usados e desenvolvidos em: tablets, computadores, smartphones e televisões. A música, imagem, vídeo, *podcast* dentre outros são alguns dos recursos que podem ser utilizados em sala de aula com a intenção de auxiliar o docente e despertar curiosidade nos discentes, para que então, haja um melhor aproveitamento das aulas de forma descontraída, atrativa, tornando-se benéfico para ambas as partes.

Os recursos audiovisuais exploram também o ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais (próximo - distante, alto - baixo, direita - esquerda, grande - pequeno, equilíbrio - desequilíbrio). Desenvolvem um ver com múltiplos recortes da realidade através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmara fixa ou em movimento, uma ou várias câmaras, personagens quietas ou em movimento, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador. (COSTA, 2010. p. 23).

A música foi mencionada pela primeira vez pelo filósofo Pitágoras, no qual descobriu os intervalos musicais, mas que já havia indícios desde a pré-história, tendo como princípio os sons da natureza. Já os filmes, originaram-se em 1889 com a criação do cinetoscópio por William Dickson. Sendo assim, a união de recursos audiovisuais nas instituições de ensino prevê educar cidadãos que saibam a respeito de diversos temas através de diferentes recursos que lhes foram concebidos.

“A música e os efeitos sonoros servem, como evocação, lembrança (de situações passadas), de associações a personagens do presente, e de criação de expectativas antecipando reacções e informações.” (COSTA, 2010. p. 23).



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O presidente da República Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011) sancionou a Lei 11.769 em 2008, Lei esta que prevê o ensino musical em escolas de educação básica, posto que os Parâmetros Curriculares Nacionais têm o intuito de potencializar as formas de comunicação dos alunos. Portanto, tal procedimento metodológico deve estar no cotidiano escolar dos estudantes, mesmo que ainda possa haver certa resistência dos docentes quanto a isso devido a todo o estudo, interpretação e análises necessárias para que a aula seja mais didática e menos exaustiva.

A música em sala desenvolve habilidades, define conceitos e conhecimentos e estimula o aluno a observar, questionar, investigar e entender o meio em que vive e os eventos do dia a dia, através da musicalidade. Além disso, estimula a curiosidade, imaginação e o entendimento de todo o processo de construção do conhecimento de forma sonora e descontraída. (MOREIRA et al., 2014, p. 57)

Nesse contexto, é vital destacar que as músicas são capazes de auxiliar no desenvolvimento psíquico, expressivo e cognitivo dos educandos, a partir do momento que une um recurso didático com uma ferramenta de descontração. Um dos principais aspectos que a música representa no processo de ensino-aprendizagem é o estímulo ao uso dos sentidos pelo aluno. Desse modo, a união de sons com palavras/rimas e melodia desperta o interesse dos discentes por destoar dos métodos convencionais de ensino. Outro aspecto que também deve ser considerado, é que a utilização de tais recursos é capaz de possibilitar uma valorização da cultura nacional, pois se conhece mais artistas, músicas e até ritmos. Além de que é também uma ferramenta muito útil para que haja uma quebra de paradigmas impostos pela sociedade em relação a alguma cultura exposta.

Os professores são mediadores do encontro do conteúdo pragmático com os alunos, ou seja, a interação deve ocorrer priorizando a didática como sendo fundamental para que tal encontro aconteça naturalmente e sem pressões. Este procedimento metodológico destoa dos parâmetros estabelecidos anteriormente no Modelo Prussiano de Ensino, mas cabe considerar que “não há docência sem discência, pois quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 1997, p.25). Dessa maneira, a integração de recursos audiovisuais em aulas expositivas faz-se primordial para exercitar a mente dos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

estudantes, além de proporcionar o conhecimento de um vasto repertório a respeito de diferentes culturas.

O educador poderá trabalhar a música na comunicação, expressão, facilitando a aprendizagem, tornando o ensino mais agradável, facilitando a fixação dos assuntos de uma forma agradável (...) trabalhar a música nas áreas da educação: na comunicação, expressão, facilitará a aprendizagem de forma mais agradável. (BRITO, 2003, p.54).

De acordo com o exposto, torna-se evidente que é essencial a inclusão da utilização de recursos audiovisuais em sala de aula e em todas as áreas de ensino, pensando então na Geografia, podemos fazer uso de diversos sucessos da música popular brasileira, como por exemplo, Planeta Água de Guilherme Arantes, Terra de Caetano Veloso, além dos grandes sucessos incansáveis de Roberto Carlos, como Amazônia, O ano passado, As Baleias. Estes são alguns dos grandes nomes e sugestões de músicas para ensinar geografia, de forma que o aluno conheça novas canções e possa relacioná-las com os conceitos geográficos.

Que este deve conseguir interagir com o cotidiano dos alunos, nesta interação o Professor deve estar capacitada para utilizar os mais diferentes recursos didáticos, desde os mais básicos como mapas e livros didáticos aos mais sofisticados, tais como aplicativos e programas de jogos digitais. No contexto da disciplina de geografia, não se pode negar que várias ferramentas tecnológicas podem ser utilizadas para uma melhor explicação dos conteúdos. (MORAES, p. 01).

O discente precisa estar aberto ao novo, para se adaptar a inclusão de recursos:

O professor é capaz de adaptar suas práticas, apropriando-se dos recursos e tornando-os seus colaboradores na construção do saber e, começa a acontecer a interação entre o conhecimento, a prática e a busca por meios que venham enriquecer as aulas. (MORAES, p. 05).

Além de que os recursos audiovisuais podem ser um grande aliado no ensino aprendizagem de crianças especiais.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações Finais

Ao longo do trabalho apresentado, ressaltamos a importância da inclusão de novas metodologias de ensino aprendizagem, novos meios de transmitir conhecimento, deixando um pouco de lado os métodos tradicionais dando abertura ao que é novo, assim então, despertando cada vez mais a vontade de aprender nos educandos.

Depois de esclarecer o desenvolvimento e o uso de recursos audiovisuais nas escolas, não há dúvida de que as tecnologias de informação e comunicação são uma parte importante da mudança social e cultural.

Mediante os argumentos é possível inferir que a intenção do presente estudo é propor uma reflexão acerca do papel dos recursos audiovisuais no ambiente escolar, compreendendo que tal contribui positivamente no espaço educacional por despertar maior interesse e interação por parte dos alunos. Dessa forma, a capacidade de tornar a comunicação mais efetiva provém da linguagem musical e visual que são instrumentos facilitadores que objetivam um maior rendimento escolar.

Referências

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

COSTA, Eurico Ferreira. **O Uso dos Audiovisuais como Recurso Didático**. Universidade do Porto, 2010.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. Cortez Editora. São Paulo, 2000.

MORAES, Michele Kely Santos Souza. LIBERATO, Kilvia Kely da Costa. O uso de recursos audiovisuais no ensino de geografia. **V Congresso Nacional de Educação**, 2018.

MOREIRA, Ana Claudia. SANTOS, Halinna. COELHO, Irene S. A Música na Sala de Aula – A Música Como Recurso Didático. **UNISANTA Humanitas**, Santos-SP, v.03, n01, 41-61, 2014.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O LAPBOOK E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM GEOGRAFIA

Carla Maria Freres Stipp⁹⁸

Victória Jandira Bueno⁹⁹

Introdução

A construção do conhecimento acontece a partir de diferentes metodologias e linguagens, no entanto, apesar dessas amplas possibilidades, sempre deve ser considerado a finalidade de sua aplicação. Quando se pensa em conhecimento geográfico, percebe-se duas abordagens, uma científica, presente no ambiente acadêmico, e outra presente no âmbito escolar, ministradas nas aulas da educação básica.

O lapbook é uma ferramenta utilizada para registrar e organizar o conhecimento construído pelo aluno sobre o tema desenvolvido, além de estimular a construção do conhecimento, por meio da criatividade. O objetivo deste artigo é possibilitar ao professor pensar sobre as diferentes metodologias nas aulas de Geografia, em especial o uso Lapbook. Além de, reconhecer o conceito de lugar nas diferentes escalas de análise.

Como metodologia para a construção do Lapbook foi escolhido o tema *didática e as práticas no ensino de Geografia*, e a partir disso proposto a construção de um material didático com o intuito de investigar as características geográficas de determinada cidade, sendo essa, de interesse do aluno. Dessa forma, será possível proporcionar ao aluno a possibilidade de conhecimento de lugares diversos, sendo esses, até mesmo de difícil acesso a eles.

Basicamente seria trazer os interesses desses alunos para dentro da sala de aula, fazendo com que a realidade de cada um seja o estímulo de seu próprio aprendizado, preservando ainda a capacidade em lidar com linguagens alternativas, com uma expressão do conteúdo e a construção do saber sistematizado.

⁹⁸Bacharel em Direito, Mestre em Geografia e graduanda do 2º ano em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. carla.maria.freres@uel.br.

⁹⁹Graduanda do 2º ano em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. victoria.bueno@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Deste modo, este trabalho buscou enfatizar as contribuições de um Lapbook como atividade pedagógica capaz de trazer para a sala de aula conceitos e assuntos geográficos de maneira alternativa, já que é considerado um livro interativo, e aplicado à Geografia pode contemplar temas político, social, cultural, econômico e ambiental, além da possibilidade de trabalhar conceitos de lugar, território, paisagem e espaço geográfico.

Desenvolvimento

A confecção de um Lapbook temático trata-se de um recurso didático moderno a ser implementado para o ensino da Educação Básica e nas aulas de Geografia. O Lapbook é um livro interativo, que é construído pelo aluno, com um conteúdo que vai muito além de textos e inclui ilustrações, colagens, dobraduras, espaço para colocar novas informações em forma de uma pasta e envelopes, entres outras formas de abordagem, conforme pode ser observado nas imagens abaixo (Fig. 1).

Trata-se de uma prática educativa que pode promover o estudo de determinado meio, sobre os seus mais variados aspectos, além da possibilidade de se trabalhar interdisciplinarmente com as disciplinas de História, Artes, Música, entre outras (Nérice, 1992).

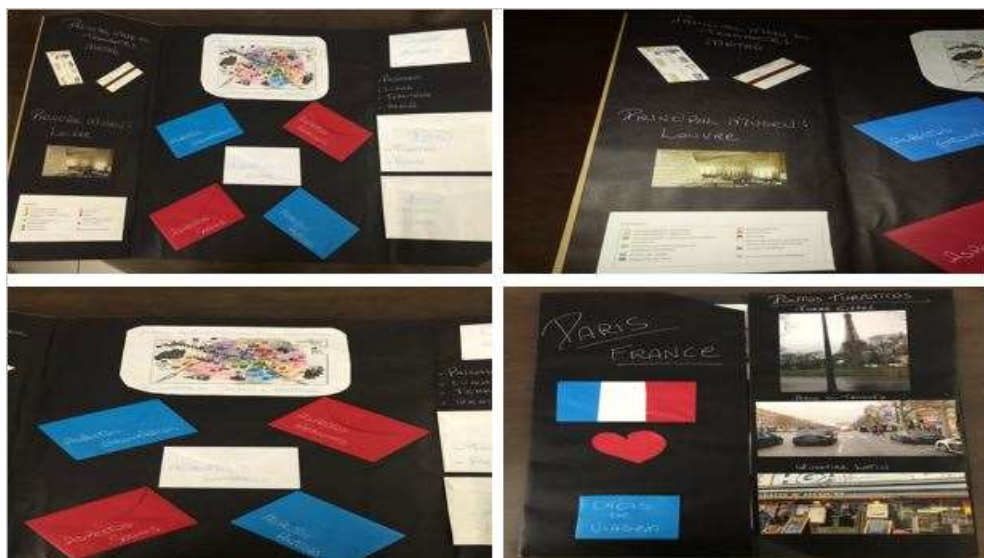
Desta forma, pode se solicitar ao aluno que pesquise um lugar que tenha interesse em conhecer, e por meio do instrumento supracitado aborde os aspectos geográficos, culturais, econômicos e sociais deste e quais suas relações com o seu lugar de vivência, por meio de fotos, imagens, mapas, desenhos, entre outros recursos.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Figura 1 – Lapbook desenvolvido durante uma atividade acadêmica.



Fonte: Carla Stipp, 2021.

No presente trabalho, foi escolhida a cidade de Paris, na França, e o primeiro elemento adicionado no Lapbook foi um mapa temático da cidade, no qual pode se observar sua divisão territorial, ou seja, como a cidade foi dividida em regiões.

O Lapbook foi construído com papel papel-cartão na cor preta, material que facilita sua confecção, portanto, além de fácil manuseio, trata-se de um material de bom custo benefício para se trabalhar.

A partir da sua confecção em formato de livro, foram anexadas fotos dos principais pontos turísticos da cidade de Paris, cartão do metrô simbolizando o principal meio de transporte, bem como, bilhete de entrada do museu Louvre e indicações dos principais locais desta.

Também foram utilizados mini envelopes nas cores da bandeira França para serem utilizados como fichários, pelos quais se podem agregar as informações sobre as categorias geográficas, culturais e econômicas do lugar.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O mapa adicionado foi propositalmente colocado em preto e branco com intuito de que o estudante pudesse colori-lo cada um à sua maneira como forma de assimilar por meio das cores as regiões ora apontadas.

Compreender o lugar em Geografia, significa ir muito além do lugar em que se vive, sendo crucial a busca de motivos internos e externos para entender realmente o que acontece em cada lugar. A delimitação do espaço a ser estudado, fazendo referência a escala social de análise em nível local, regional, nacional e global, entendendo que os interesses universais se materializam em determinado lugar. (Callai, 2014)

Buscou-se por meio deste trabalho, numa perspectiva lablachiana, uma análise dos meios físicos, das atividades humanas, das formas de ocupação, bem como a importância da análise de uma perspectiva histórica da relação homem-meio, bem como a sua integração com elementos físicos e sociais, permitindo assim uma visão sintética da região (Lencione, 2009).

Neste contexto, demonstrar por meio do instrumento escolhido os diversos aspectos que envolvem a cidade e o papel desta diante da organização de seus territórios e sua relação com a geografia. Neste sentido, Salgueiro (2006, p.21) destaca com referência ao pensamento de Pierre Monbeig:

Embora questões relativas associadas às políticas de povoamento façam parte das preocupações intelectuais de Monbeig, expressas nos seus estudos, e ele reconheça, prematuramente, o papel polarizador que as cidades exercem numa região, é preciso ter em mente que tais posições mal começam a emergir no Brasil.

A escolha da cidade de Paris, na França permitiu também demonstrar a importância turística e cultural da cidade, demonstrando por meio de fotos, gravuras, os principais pontos culturais e de relevante importância histórica, permitindo perceber que “a história e a geografia só se territorializam passando pela mediação da cidade” (Salgueiro, 2006, p.97).

Ainda, com relação ao quesito cultural, a cidade escolhida permite uma viagem de percepções sobre as paisagens históricas típicas do continente europeu, paisagens essas que se



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

inserir no cotidiano do parisiense e daquele que visita à cidade, mas também pelo instrumento didático do lapbook, permite que qualquer cidadão conheça de forma lúdica a cidade conhecida como cidade das luzes e sua relação com o seu lugar de vivência.

Por fim, não esgotando as possibilidades de abordagem que o instrumento em tela contempla, trazer para os dias atuais as questões sociais e econômicas que envolvem a cidade ora escolhida para o estudo correlacionando com as práticas sustentáveis como possibilidade de frear de certo modo o avanço de uma cultura extremamente consumista. Neste sentido, a título de exemplo a França foi pioneira como alternativa ao neoliberalismo na economia social, conforme demonstra D’Orfeiul (2002, p.46):

Hoje em dia na França a economia desempenha um papel importante em alguns dos setores em alguns dos setores maiores da economia, principalmente nos setores bancários, de seguros e da agricultura.

Portanto, o instrumento didático escolhido, qual seja, o Lapbook, abre diversas possibilidades de abordagem de conteúdos para ministrar na disciplina da Geografia, e permite ao aluno por meio da pesquisa, a interação com qualquer conteúdo escolhido de forma lúdica e agradável.

Considerações Finais

Nesse sentido, ficou evidente que o instrumento didático apresentado contribui de maneira direta na explanação de diferentes conteúdos, além de contribuir com a autonomia e criatividade do aluno.

Em particular, o lapbook, no que tange ao ensino geográfico, se mostrou eficiente e dinâmico, sendo, portanto, uma ótima proposta para a explanação de conteúdos didáticos. Nesse lapbook em específico, foi possível perceber que seu objetivo foi atingido, pois promoveu a análise dos meios físicos e das atividades humanas, com uma consequentemente contribuição para o cunho social, natural, político e econômico da cidade elucidada.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dessa forma, ao se pensar em novas metodologias o docente tem que ter ciência de que para isso as ideias devem ser norteadas de uma organização mental, que traga uma dinâmica agradável à medida que as informações necessárias são expostas aos alunos e estes precisam construí-las a fim de atingir o objetivo desejado – o conhecimento.

Referências

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. (Org). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 11.ed, Porto Alegre: Mediação, 2014, p. 71-113.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 104-105.

NÉRICI, Imídio Giuseppe. **Metodologia do ensino: uma introdução**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1992, p. 50,51.

ROUILLÉ d'ORFEUIL, Henri. **Economia cidadã: alternativas ao neoliberalismo**; Tradução: RAMOS, Patrícia Chittoni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p.46-47.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. Geografia e Interdisciplinaridade no tempo de Pierre Monbeig. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org). **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira: a dinâmica da transformação**Bauru, SP : Edusc, 2006, p. 21-35.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**ENSINO DE GEOGRAFIA E AS LINGUAGENS: INSTRUÇÕES PARA
FORMAÇÃO CIDADÃ**

João Vitor T. Mota¹⁰⁰

Introdução

O Ensino de Geografia permite ao docente explorar as diversas linguagens para tornar os conteúdos mais acessíveis e aplicáveis aos seus alunos. Dessa forma, conhecer estes recursos torna o ensino de Geografia mais interessante, possibilitando ao docente diversificar suas aulas se atentando para a diversidade de alunos que tem dentro da sala de aula, em que cada um aprende de uma forma diferente.

No referido trabalho, é exposto um filme e uma música que podem auxiliar no entendimento da geografia em sala de aula, por exemplo é Terremoto: A Falha de San Andreas (2015) e a música do Súplica Cearense (2008) nas quais as mesmas se relacionam com temas da Geografia vista de modo geral, onde cada um dos filmes e músicas propostos abrange uma área diferente a ser trabalhada pelo aluno por intermédio do professor ministrando e intervindo quando necessário para auxiliar da melhor forma possível o aluno, a proposta foi de uma análise levando em consideração alguns dos acontecimentos presentes tanto nas músicas quanto nos filmes, e suas relações com base na análise geográfica. Cavalcanti (2011) fala sobre a importância das linguagens no ensino de Geografia.

O intuito do trabalho proposto é perceber como a geografia se faz presente em nosso cotidiano, mesmo que de forma indireta ou despercebida, alguns dos filmes propostos, por exemplo, é Terremoto: A Falha de San Andreas (2015) filme famoso com alto engajamento mundial que de forma implícita demonstra algumas das diversas áreas da geografia, como por exemplo a geologia e história que serão os dois temas abordados na música e no filme, na qual será visto também de que forma cada um deles pode se encaixar e apropriar da melhor forma possível no ensino de geografia. Embora não será trabalhado em primeiro momento de forma mais aprofundada, teríamos também outro filme que poderia auxiliar na metodologia de ensino

¹⁰⁰Geografia. Acadêmico. joao.vitor.mota@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

da geografia, como por exemplo o filme *O Impossível* (2012) que retrata um fato verídico ocorrido na Tailândia no ano de 2004, um tsunami que devastou a costa do país por onde passou e que também obteve a maior escalação já registrada por sismos até então, variando de 9,1 a 9,3 com também maior duração de falha, de 8 a 10 minutos. Filme esse que em relação a didática será percebido que se parece muito com outro já citado, em relação a matéria geográfica a ser representada pelo filme.

Dessa forma, é possível afirmar que as linguagens possibilitam aos professores e alunos maiores possibilidades de relacionar os conteúdos com o cotidiano do aluno, tão discutido entre diversos pesquisadores que trabalham com ensino de Geografia. A música que está presente no cotidiano do aluno pode possibilitar a ele conhecimentos que sem ser levados para a sala de aula e sem a mediação do docente o aluno não conseguiria fazer. Se apropriar destas ferramentas é tornar a relação teoria e prática cada vez mais real na vida do aluno e tornar a Geografia algo palpável.

Desenvolvimento

Conforme as análises referentes do trabalho são feitas, é possível perceber que existem diversas relações tanto de filmes quanto de músicas no que se refere a “geografia implícita”, que como o nome já diz é tratado como algo que está presente no cotidiano, porém não se percebe essa relação, pois por muitas vezes são coisas comuns que não se veem por conta dos atrativos presentes neles (computações gráficas, enredo, história e etc.).

Um filme tem a capacidade de despertar em seu espectador emoções e sensações, fazem rir ou chorar, cria fantasias ou retrata a realidade. Além de entretenimento, os filmes surgem como expressão cultural a partir do cinema e foram adotados como ferramenta didática pelas mais diversas instituições de ensino no mundo, como sugere napolitano (ROCHA, 2017. p. 158)

Dentre os diversos filmes e músicas propostos, será utilizado um exemplo de cada que demonstram duas linguagens diferentes que podem ser apropriadas pela geografia como o filme *Terremoto: A Falha de San Andreas* (2015) e a música do *Súplica Cearense* (2008), ambos foram retirados para análise em sala com base nas suas estruturas e formas de apresentação. O filme “*Terremoto: A Falha de San Andreas*” (2015) se trata da movimentação de placas que



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ocorrem na Califórnia, algo evidente quando é estudado sobre os assuntos e verificado a respeito do histórico de abalos próximos aquele local, a música mostra de forma bem explícita a seca no Nordeste brasileiro e um dos diversos conflitos que ocorreram durante a guerra de canudos no interior da Bahia.

De acordo com Cavalcanti (2010, p. 9) entende-se por linguagens:

“alternativas” outras formas de linguagem, além da verbal, e outros gêneros de texto, além dos gêneros didáticos tradicionais — o filme de ficção, o documentário, a música, a fotografia, a literatura, o texto jornalístico, o teatro, a charge, a Internet, o jogo virtual, o computador e a Internet. Essas linguagens exigem abordagem interdisciplinar e articulação entre razão e sensibilidade, além de favorecer o conhecimento conceitual e a comunicação mais sintética.

Portanto, as linguagens são alternativas para dar vida e estabelecer relações entre o cotidiano do aluno e os conteúdos de Geografia, promovendo uma discussão cidadã o que o aluno está aprendendo. Como já dito, no filme terremoto é demonstrado de forma bem aparente a movimentação de placas tectônicas que ocorrem naquele local, e exposto em forma de filme, de forma um pouco implícita pois o objetivo principal do filme não é demonstrar ocorrências sísmicas naquele local.

Nesse contexto, o filme pode auxiliar a compressão mesmo que de forma não tão aparente, pois ao tratar o assunto de placas tectônicas em forma de filme é algo que facilita a compreensão e o entendimento de alguns alunos que não tenham uma formação didática tão aprimorada. Além de que mesmo de forma razoável o filme mostra além dos abalos sísmicos, como pode ocorrer a formação de alguns tsunamis, que por conta do atrito e movimentação das placas ou até mesmo outros eventos geológicos que ocorrem no interior do solo, podendo ocasionar diversos tsunamis, que irão se diferenciar conforme a intensidade da movimentação ou impacto das placas alterando assim o tamanho e a força dos tsunamis.

O filme também pode ser considerado como um material didático dependendo da forma na qual for exposto e a qual turma se encaixaria melhor podendo ser tratado tanto em uma turma de ensino fundamental, quanto a uma turma de ensino médio, que provavelmente iriam compreender de forma mais fácil ao ser exposto em forma de filme com um enredo mais atrativo para jovens nessa faixa de idade.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Sendo assim, podemos pegar como exemplo, a música do grupo O Rappa que mostra uma representação de alguns dos conflitos que ocorreram durante a guerra de canudos que se estendeu dos anos de 1896 até o ano seguinte. A música faz uma representação de um dos vários conflitos armados que ocorreram nesse período na qual envolveu o exército brasileiro e membros da comunidade sócio religiosa no interior da Bahia. Além das representações da guerra durante a música, existem outras reflexões dentro da letra como dito em alguns dos trechos diz “pedi pro sol se esconder um pouquinho, pedi pra chover, mas chover de mansinho, pra ver se caía uma gota uma gota no chão” onde fica muito evidente a necessidade por água e uma enorme escassez dela, que na região do Nordeste brasileiro é algo muito precário que se estende até os dias de hoje.

Esse material, poderia ser mais viável caso fosse apresentado a uma turma 3º ano do colegial, visto todas as referências que existem na música, suas motivações e causas que nessa fase de ensino já estariam bem aprimoradas em alunos desse nível escolar, além de também poder ser trago pra dentro de sala como uma dinâmica, na qual os alunos teriam de tirar trechos da música conforme foi apresentado e relacionar os trechos retirados com diferentes estudos que a geografia abrange.

Foi nesse contexto, de interação entre os seres, que surgiu a utilização da música na sala de aula — a Biomúsica, de paródias com temas das diversas ciências, composições próprias de alunos e professores — e também aulas envolvendo outras disciplinas, como a Geologia e a Língua Portuguesa. (ALENCAR, 2011, p. 38)

Dessa forma, é possível compreender que as linguagens no ensino de Geografia, possibilita tanto ao aluno quanto ao professor dar sentido mais concretos aos conteúdos, levando-os a despertar um olhar mais concreto sobre a relação teoria e prática e a busca pela construção da cidadania.

Considerações Finais

É possível perceber que no trabalho realizado a abrangência da geografia, enquanto, área de estudo que pode se apropriar de diversas linguagens como filmes e músicas, fazer ganchos históricos e dependendo dos casos até se relacionar com temas que se presencia nos



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

dias atuais, entrando como um material didático e podendo auxiliar o professor a transmitir o conhecimento sobre a determinada área de estudo que está sendo aplicada aos alunos, em contrapartida o professor que as vezes deseja mostrar determinado filme pode acabar limitando suas escolhas, porém é possível fazer recortes e selecionar cenas que melhor contemplem o conteúdo e possibilite ao aluno estabelecer relações mais concretas, promovendo a tão esperada cidadania. Que neste caso é olhar para os conteúdos e fazer com que estes tenham sentido e aplicação para o cotidiano do aluno. As linguagens geográficas promovem um olhar diferente sobre os conteúdos e estes passam a fazer sentido na vida do aluno, que passa a visualiza-los no seu cotidiano.

Referências

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas. **ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO** – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

ALENCAR, S. C. **A utilização da música como ferramenta no ensino e aprendizagem.** Construir Notícias, v. 53, p. 36-39, 2011.

ROCHA, Helder; MONTOVANI, João Carlos; COSTA, Marlene Chagas. **Assistindo a Geografia - O Uso de Filmes como Recurso Didático para o Ensino Geográfico** Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21, n.1, p. 157-166. 2017



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**A LAPBOOK NO ENSINO DE GEOGRAFIA –BIODIVERSIDADE
E PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE**

Edvânia Maria de Santana¹

Introdução

Ao dar início a apresentação do trabalho preciso citar parte de um poema, que seria o seguinte:

“Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas

que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim” (Cecília Meireles).

O trabalho aborda a confecção do Lapbook, como material de apoio, para o aprendizado em ambiente escolar, uma ferramenta, alinhada com o desempenho intelectual dos estudantes.

Pode-se afirmar, nas palavras de Libâneo (2010), que o ensino básico na atualidade necessita de métodos diferenciados e que desenvolvam a aprendizagem dos alunos, em diversos contextos socioculturais.

Na procura de uma prática transformadora, buscou-se utilizar uma atividade que propõe o registro-síntese com criticidade, criatividade e ludicidade, sendo a construção do lapbook para expressarem a compreensão dos assuntos de forma sintética.

Desse modo, o objetivo central deste relato de experiência é refletir a respeito do lapbook como um trabalho pedagógico alternativo para os conteúdos a ser desenvolvido em sala de aula.

De acordo com Cunha e Guerra?_(2012) a *biodiversidade* vem sendo uma questão levantada em todos os lugares no mundo. A abordagem de trabalho que possibilitem ao aluno, desenvolver o conhecimento e se familiarizar com os conceitos geográficos, permitindo o



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

despertar dele, para seu cotidiano, refletindo de forma analítica, o mundo a sua volta, permitindo que o mesmo, venha a interferir nesse ambiente, transformando de maneira positiva, o social e o natural.

Desenvolvimento

O desenvolvimento do trabalho, desde a separação de todos os elementos para fazer parte da criação do Lapbook, o conceito discutido por ele, em sua finalização, é sem dúvida, parte essencial do aprendizado.

No referido trabalho, o tema abordado foi a “Biodiversidade e a Preservação do Meio Ambiente”, ao discutir a importância que tem os recursos naturais, o respeito ao meio ambiente, e o apontamento referente a poluição, de rios, mares e lagos, a poluição do ecossistema, enfim, e o alerta que o Lapbook aborda acerca da necessidade de reciclar e do uso consciente desses recursos, acaba despertando no aluno o seu engajamento diante da necessidade, de que se deve ter, um comprometimento maior com o nosso ecossistema e com a preservação do meio ambiente.

No texto de Libâneo (1985), acerca de seu apontamento “em favor da pedagogia crítico-social dos conteúdos”, refere essa questão nas estratégias no ensino/aprendizagem, e é possível identificar esse papel dentro do ambiente escolar, na citação que é referido

“Evidentemente que ao se advogar a intervenção do professor, não se está concluindo pela negação da relação professor-aluno. A relação pedagógica é uma relação com um grupo e o clima do grupo é essencial na pedagogia. Nesse sentido, são bem-vindas as considerações formuladas pela “dinâmica do grupo”, que ensinam o professor a relacionar-se com a classe; a saber que está lidando com uma coletividade e não com indivíduos isolados, a adquirir-se a confiança dos alunos. Entretanto mais do restringir-se ao malfadado “trabalho em grupo”, ou cair na ilusão da igualdade professor-aluno, trata-se de encarar o grupo-classe, como uma coletividade onde são trabalhados modelos de interação como a ajuda mútua, o respeito aos outros, os esforços coletivos, a autonomia nas decisões, a riqueza da vida em comum, e ir ampliando progressivamente essa noção (de coletividade) para à escola, a cidade, sociedade toda.” (LIBÂNEO, 1985, p. 36 e 37).

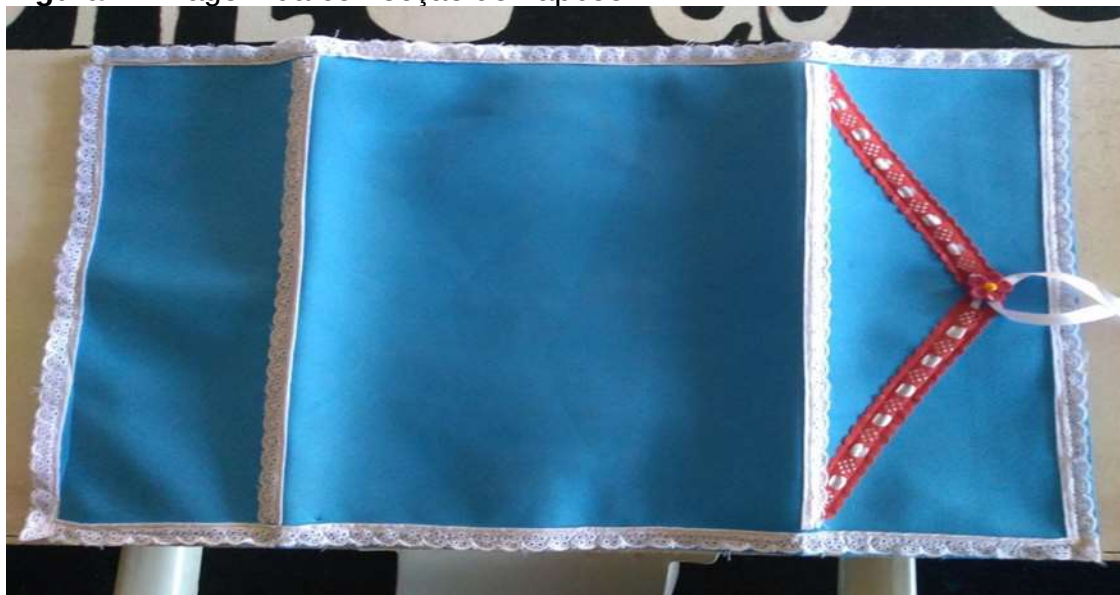


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Foi escolhido o uso dessa atividade, porque é bem pertinente no ensino de geografia, pois alinha o método à prática, onde aluno por meio de pesquisa, e desenvolvimento da tarefa em sala de aula, aprende de maneira lúdica desenvolvendo intelecto e as habilidades, facilitando o aprendizado e tornando a aula atrativa e agradável. O aluno compreende a importância de cuidar do meio ambiente e refletir, sob as ações em sociedade. Além deste contribuir, com suas próprias experiências, na formação do trabalho.

Figura 1- Imagem da confecção do Lapbook



Fonte: Trabalho Prático Geografia ,2020.

Tabela 1 – Materiais para confecção do Lapbook

Quantidades	Material
02	Folhas de EVA nas cores (Turquesa, Azul)
1.06 m	Fita de Bordado Inglês
0.40 cm	Passador de Fita (Vermelho)
0.92 cm	Fita de Cetim (Branco)
01	Botão de flor
02	Cartolinas (Branco, Azul)
03	Folhas de Sulfites
01	Cola de Madeira (usar com supervisão de adulto)



01	Tesoura sem ponta

Obs: Lápis; Borracha; Lápis de cor; Caneta; Régua; cola escolar.

Considerações Finais

O tema que foi sobre a sustentabilidade, está relacionado com a necessidade imediata de pensarmos em novas possibilidades de uso dos nossos recursos naturais. O apontamento do Milton Santos é bem pertinente:

No começo da história do homem, a configuração territorial é simplesmente o conjunto dos complexos naturais. À medida que a história vai fazendo, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades, etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada (SANTOS, 1996, p. 51).

A confecção do Lapbook é uma ferramenta essencial para o aprendizado dos estudantes, além de ser uma forma lúdica de organizar os conteúdos aplicados em sala de aula, também garante que os estudantes fixem, a matéria facilmente, através dos objetos criados pelos próprios estudantes, em seu Lapbook pessoal. Baseado na ideia referida em trabalho acadêmico, “ (...) incentivar o estudante a pensar criticamente para o ambiente seria uma ideia interessante a construção dos Lapbooks com materiais normalmente seriam descartados no lixo e fazer a reutilização deles.” (Benites e Mello, 2019, p.26).

Onde aplicou-se aos estudantes, esta prática pedagógica, e foi levantado as possibilidades de uso de materiais sem utilidades, que seriam descartados em lixos, criou-se uma ponte direta com o tema “Biodiversidade e Preservação do Meio Ambiente”, assim é

possível alinhar o cuidado ao meio ambiente, através de ações socioambiental, a prática educacional e o aprendizado.

Referências

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antônio José Teixeira. A Questão Ambiental: Diferentes Abordagens – 7º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, pág.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

20.

MEIRELES, Cecília. A Arte de Ser Feliz [S.l.] [2021?], Disponível em:

<<https://www.escritas.org/pt/t/10180/a-arte-de-ser-feliz>>. Acesso em 17 de abril 2021.

LIBÂNEO, José C. As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporânea educação. In: LIBÂNEO, J. C.; SANTOS, A. (Orgs.) Educação na era do conhecimento

em rede e transdisciplinaridade. 3 ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. p. 19-62.

LIBÂNEO, José C. Democratização da escola pública. In: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. Coleção Educar 1. 19º ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1985. p. 36-37.

BENITES, Leonardo Barbosa; MELLO, Elena Maria Billig. Anais do II Seminário Inovação Pedagógica [recurso eletrônico]: “Formação acadêmico-profissional” / organizadores Diana Paula Salomão de Freitas [et al.]. Revisão Elena Maria Billig Mello - Uruguaiana, 2019. 170p. : il., pág.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**ENSINO DE GEOGRAFIA CRIATIVO E PRAZEROSO: O USO DE
TEATRO, CHARGES, QUADRINHOS E CARTUNS**

Marina Alves Ferreira¹⁰¹

Mateus Brito Pecorari.¹⁰²

Introdução

O ensino de geografia nas escolas públicas enfrenta problemas a respeito da desmotivação dos alunos diante das aulas. A sensação de prazer precisa ter um papel ativo no ensino, uma vez que os sentidos estão diretamente ligados a aprendizagem dos alunos. Diante dessa perspectiva, encontra-se desafio de levar as salas de aulas conteúdos interessantes, que possam ser assimilados, e com impacto na vida dos estudantes, para isso, o professor deve utilizar diversos recursos didáticos (SANTOS e CHIAPETTI, 2011)

O objetivo desse texto é discutir o uso dos materiais didáticos alternativos de dramatização, charges e histórias em quadrinhos para a construção do conhecimento geográficos de forma lúdica, atual e prazerosa, vinculada a realidade e ao estímulo do exercício ao pensamento crítico, para que estes estejam aptos a filtrar e compreender o que está sendo noticiado, bem como a compreensão de que a geografia está em todos os lugares e situações. (ASSMANN, 1998). Como procedimento metodológico primeiramente foi feito um levantamento bibliográfico sobre o tema e depois analisou-se de forma crítica uma atividade desenvolvida na disciplina Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Geografia, cursada pelos autores no primeiro semestre letivo do ano de 2020 no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina, lecionada pela professora Diânice.

O uso do teatro, charges, quadrinhos e cartuns no ensino de Geografia: breves considerações

¹⁰¹ Estudante do quarto período do curso de licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Londrina. marina.alves.ferreira@uel.br

¹⁰² Estudante do quarto período do curso de licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Londrina. mateus.brito.pecorari@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
**“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”**

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

A charge não se limita apenas a ironizar, mas acrescenta ao cômico, criado pela “deformação” da imagem, um dado singular: é uma crítica, que visa levar o leitor a solidificar sua posição acerca de um determinado aspecto da realidade, sendo o foco principal os fatos políticos (SILVA e SALES, 2016). Enquanto o uso da dramatização/teatro na escola atua para auxiliar no desenvolvimento pessoal desses indivíduos em formação, assiste na construção dos conhecimentos e relaciona geografia ao prazer. O teatro pode ser compreendido também como uma linguagem interdisciplinar, onde existe a possibilidade de se trabalhar com diversos temas e em diferentes públicos, e por ser uma atividade de construção simples, sua aplicação em sala de aula é viável; e quando relacionado ao ensino de geografia, abre caminhos e possibilidades ao docente de modo que possa relacionar e adaptar conteúdo científicos a realidade dos alunos. (TORRES, 2007)

A utilização dos recursos didáticos fora dos livros aproxima os alunos da geografia e colabora com a vínculo entre professores e alunos, uma vez que pode ser compreendida como uma distração que causa maior atenção a aula apresentada. A perspectiva da dramatização e das charges no ensino de geografia nos foi apresentado no semestre que antecede a criação desse trabalho, na disciplina “Metodologia de Ensino de Geografia”, um momento em que o mundo acabara de tomar novas proporções diante da pandemia do vírus SarsCov2, e a partir o início das aulas remotas, a dramatização surgiu como uma proposta de criação de aula, onde os alunos apresentariam um filme ou peça e haveria uma discussão a respeito das temáticas envolvidas. E as charges apresenta-se como uma proposta para auxiliar os alunos a desenvolverem senso crítico a respeito dos assuntos pertinentes a geografia. Sendo assim propomos nesse texto a discussão sobre o uso do teatro, charge, quadrinhos e cartuns para o ensino de geografia na educação básica

Para Torres (2007), o objetivo do uso da dramatização em sala de aula, quando se pensa em alunos do ensino fundamental, é aproxima-los da geografia no momento em que participam das atividades teatrais, seja como personagens ou contando suas experiências de vida, a possibilidade de que passem a ter a percepção de que são sujeitos integrantes da sociedade, associando as situações cotidianas da vida em que, embora muitas vezes estejam destacadas da realidade desses alunos, contribuam para a percepção de mundo. Para o docente, o uso da dramatização permite explorar o ensino de geografia experimentando outras realidades, visando



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

tornar o ensino significativo e levando os alunos a refletir sobre a sociedade, suas temporalidades e espacialidades. Sendo assim:

Um ator pode dissecar, analisar, intelectualizar ou desenvolver uma valiosa história de caso para seu papel, mas se for incapaz de assimilar e comunicá-la fisicamente, terá sido tudo inútil dentro da forma teatral. Isto nem liberta seus pés nem traz o fogo da inspiração aos olhos da plateia. O teatro não é uma clínica, nem deveria ser um lugar para se juntar estatísticas. O artista deve captar expressar um mundo que é físico, mas que transcende os objetos – mais do que a informação e observação acurada, mais do que o objeto físico em si, mais do que seus olhos podem ver. (SPOLIN, 1963, p. 14)

O uso da charge na aula de geografia também é um recurso didático importante que possibilita desenvolver o interesse dos discentes, independentemente da idade, que muitas vezes estão cansados daquela aula maçante com textos enormes ou apenas copiando conteúdos passados no quadro, respondendo questões dos livros, onde muitas vezes o professor tem apenas o livro como recurso didático. O livro didático é, mas não deve ser o único ou principal recurso didático, uma vez que, nem sempre ele é capaz de suprir as necessidades de uma determinada turma. Portanto, “O livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal.” (PONTUSCHKA, 2009, p. 343).

Conforme mencionado anteriormente, os materiais didáticos alternativos como dramaturgia, charges, cartuns e quadrinhos nos foram apresentados pela professora Dra. Diânice Oriani da Silva, na disciplina metodologia de ensino, do terceiro semestre do curso de licenciatura em Geografia da UEL, onde a princípio deveríamos escolher materiais didáticos alternativos para propor uma aula que seria voltada as séries finais do ensino fundamental. Naquele momento, estávamos em processo de adaptação ao ensino remoto, e os métodos apresentados neste texto são de fácil acesso, possíveis de se trabalhar em sala de aula em diversas temáticas, escolhemos a revolução industrial e o conteúdo de Educação ambiental, possibilitando maior compreensão e reflexão por parte dos estudantes.

Considerações finais

Acreditamos que o ensino público é necessário e bastante controverso. Embora existam didáticas alternativas para trabalhar com os alunos, não há incentivos públicos para isso, e



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

diante de nossa perspectiva e após essa produção, reflexão e dificuldades para encontrar o que desejávamos, torna-se ainda mais claro que a realidade de ensino do país passa por um momento conturbado e que precisa ser modificado.

Pensando no uso do teatro, charges e quadrinhos, que de certa forma são acessíveis (quadrinhos, charges e cartuns podemos encontrar facilmente em jornais, revistas e materiais didáticos concedidos pelo Ministério da Educação; o teatro por sua vez, envolve a imaginação e a sensibilidade, sendo possível utilizar materiais existentes na escola ou por reciclagem de alunos, por exemplo), mas existem dificuldades a respeito do tempo disponível dos docentes para preparar as aulas alternativas e também avaliar cada aluno individualmente, para saber como melhor abordar as temáticas e quais recursos didático utilizar.

Referências

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda Paganelli; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Rita de Cassia Evangelista, CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia & Ensino e Pesquisa.**, v. 15, n 3, p. 169. Set/Dez 2011.

TORRES, Marcos Alberto. **O uso da dramatização para o ensino de História e Geografia de 1a. a 4a.Série**. Na sala de aula. 2007. Disponível em:
http://www.educacional.com.br/revista/0307/pdf/Na_sala_de_aula.pdf

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1963. p.14

SILVA, Anderson Menezes da ; SALES, Willame Santos de. **Gênero charge: do papel aos bytes**. Disponível em
<http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT22/GENERO%20CHARGE%20DO%20PAPEL%20AO%20S%20BYTES.pdf>. Acesso em 30 de março de 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins, 1991



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

**GEOGRAFIA - O USO DO CLIMOGRAMA E O ENSINO
PROFISSIONALIZANTE**

Jefferson dos Santos Junior¹⁰³

Introdução

O ensino de Geografia visa levar o aluno a olhar para esta disciplina de maneira diferente, se apropriando do seu cotidiano e nele possibilitar a construção do conhecimento. O climograma é um instrumento que possibilita ao aluno compreender as variáveis do clima de maneira mais didática, pois ele pode visualizar com isso acontece e estabelecer relações entre lugares diferentes.

O objetivo é mostrar o climograma como um instrumento de aprendizagem nas aulas de Geografia do ensino profissionalizante, levando o aluno a compreender quais elementos são importantes para sua construção, além de demonstrar a contribuição do climograma na construção do conhecimento sobre o clima local ou de regiões afastada do espaço escolar num determinado tempo.

O ensino de Geografia precisa se apropriar cada vez mais de instrumentos que possibilitem o aluno a relacionar teoria e prática (Cavalcanti, 2011), portanto quanto mais diversos for estes instrumentos, maior a possibilidade do aluno estabelecer estas relações.

O caso em especial não é somente a análise dos dados, mas a construção de um climograma, aproximando o educando ao entendimento, efetivando efeitos analíticos do gráfico. Para a construção do climograma foi utilizado uma cartolina branca, EVA de cor azul para simbolizar a precipitação e de cor vermelha para simbolizar a temperatura do ar, utilizando dados colocados em uma tabela sobre o município de Londrina-Pr.

Dessa forma, é possível dizer que o climograma possibilita ao aluno, além de construir toda a dinâmica do gráfico, como temperatura e precipitação, também a fazer pesquisa sobre a cidade que ele tem interesse e levantar tais informações, estimulando a se tornar um pesquisador ao mesmo tempo que didaticamente o instrui a construir o gráfico, ele pode ensinar outros a fazer o mesmo, inclusive a leitura dos dados apresentados.

¹⁰³Geografia. Acadêmico. jefferson.santos@uel.br.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Desenvolvimento

O espaço geográfico que o educando faz parte tem características singulares e essas características estão relacionadas ao clima, geologia, geomorfologia, entre outros, que por sua vez interagem entre si constantemente.

O ser humano participa dessa interação, não de forma similares, aos aspectos físicos, pois esses contêm suas características e o ser humano nesse contexto, atua de forma social, tendo suas potencialidades de produção da sua vida ligada ao que o espaço físico e social, podem proporcionar. “Entendemos que a Geografia Humana não é dicotômica com relação à Geografia Física (como quer Kant), pois pensamos um espaço da sociedade, uma vez que o homem não age sozinho no mundo”. Braga (2007,p-66), nesse caso o espaço físico natural, por assim dizer, tem a ver com o espaço social, ou seja, nessa interação do ser humano com o espaço natural se torna socioambiental, o ser humano influencia na dinâmica natural e é influenciado por ela. Na colocação Paixão (2018), segundo Silva e Goveia (2020, p-91) diz que:

é imprescindível que se compreenda a relação existente entre o clima e a sociedade, na medida em que a abordagem geográfica do clima busca compreender, por exemplo, os efeitos deste elemento sobre os espaços urbanos, sobre as atividades econômicas, sobre a cultura e sobre o cotidiano das pessoas.

O entendimento sobre o espaço, tem poder de potencializar a ação humano no espaço a fim de adequar sua posição e postura enquanto membro que constitui esse espaço, seja num sentido fraterno com o ambiente natural ao qual é preservado, como os povos originários da América do sul, seja desconexa de um entendimento da dinâmica da região provocando efeitos maléficos como a desertificação. Um rumo adequado para a educação geográfica seria a construção do entendimento sobre qual a posição do ser humano no espaço que está inserido sobre um olhar e atuação crítica a esse respeito:

(...)o estudo do clima pode ampliar a visão crítica dos estudantes de diferentes níveis escolares e levá-los a realizar reflexões individuais ou em grupos a respeito de questões ambientais e socioambientais, entre outras, bem como despertar para a preservação dos desastres naturais relacionados ao clima(...) (Silva, et al., 2013, p. 2).

Partindo da premissa que a Geografia, enquanto ciência, aplicada na educação escolar junto as diretrizes legais, como diz o Art. 5 da Constituição Federativa do Brasil “(...) visando



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”(BRASIL.1988), a construção de material pedagógico na didática tem potencial de auxiliar a prática docente no âmbito da construção do conhecimento para que se possa trilhar um caminho que atinja a máxima proposta.

Utiliza-se como ferramenta auxiliadora para que o tema estudado seja materializado, demonstrativo para uma maior compreensão e também a aplicação do arcabouço teórico, estatísticos, numéricos, por meio de atividades práticas, realizadas junto aos educandos, com a intenção analítica no caso e associação ao meio em que o aluno está participando, sendo parte do mesmo.

A Construção do Climograma

Para começar, na construção do climograma foi feito o levantamento do índice pluviométrico e temperatura de Londrina, referente ao ano de 2019. A partir desse levantamentos foi utilizado uma cartolina de cor branca, material EVA de cores azul e vermelha para a representação de duas variáveis importantes para a composição do clima de uma região, precipitação com sua representação na cor azul e temperatura representada pela cor vermelha e sua distribuição nos meses do ano, verificando os meses em que os índices pluviométricos são mais elevados e a relação com a temperatura e estação do ano que isso acontece. Possibilita um olhar integrado sobre o espaço pesquisado.Com um lápis ou caneta faz um plano cartesiano como guia uma régua, com dois eixos verticais e um eixo horizontal. No eixo horizontal foram destinados aos meses do ano e os eixos verticais foram dedicados, do lado esquerdo a valores de temperatura em graus Celsius e do lado esquerdo a precipitação em milímetros.

Londrina				
MES	Mínima (°C)	Máxima (°C)	Média (°C)	PRECIPITAÇÃO (mm)
JANEIRO	19	30	24	236
FEVEREIRO	20	30	25	174
MARÇO	19	30	24	137
ABRIL	16	28	22	108
MAIO	13	25	19	107
JUNHO	12	24	18	97
JULHO	11	24	17	69
AGOSTO	12	26	19	60
SETEMBRO	14	27	20	104
OUTUBRO	16	28	22	177
NOVEMBRO	17	29	23	134
DEZEMBRO	19	29	24	230

Fonte: Dataclima (2019)



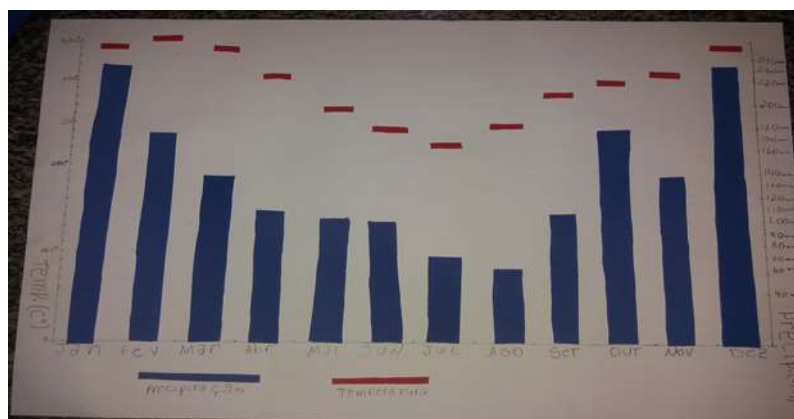
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Dessa forma, no climograma será possível averiguar as características de dois fatores importantes do clima, precipitação e temperatura, levando em consideração o ano de 2019 no município de Londrina. Para que se possa ter a média dos dois fatores com maior precisão e uma maior aproximação da veracidade do clima de uma determinada região do globo, se faz necessária o acompanhamento das variáveis temperatura e precipitação durante 30 anos no mínimo.

Com o EVA de cor azul foi feito barras verticais com o tamanho referente a quantidade de precipitação durante cada mês e com EVA vermelho feitos barras horizontais e postas na altura na média de temperatura de cada mês.

Abaixo imagem do climograma pronto:



Fonte: Autoria própria (2020)

A construção do climograma pelo aluno possibilita a ele compreender todas as fases e necessidades para sua elaboração. Definir cores, medidas, temperatura, meses e organizá-las para sua construção é essencial para o aluno compreender como é a construção e leitura do climograma, além de compreender o que isso representa no espaço pesquisado.

Considerações Finais

A produção de material didático foi feito como atividade prática da disciplina metodologia de ensino e aprendizagem em geografia I no processo avaliativo desta disciplina, portanto não houve a aplicação da atividade junto a alunos no ambiente escolar, visto o momento de pandemia que se instaura no Brasil e no mundo. O caso então tem por base referências bibliográficas como guia para possíveis finalidades as quais fazem jus ao ensino



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de geografia, proporcionando uma maior apreensão do conteúdo num trabalho que tem arcabouço teórico com aplicação prática, voltada a educação profissionalizante.

Referências

VERDUM, R. **et. al.** DESERTIFICAÇÃO: QUESTIONANDO AS BASES CONCEITUAIS, ESCALAS DE ANÁLISE E CONSEQUÊNCIAS. **Revista Geographia, Rio Grande do Sul**, v. 3, n. 6, p. 83-91, set. de 2009.

SILVA, E. **et. al.** A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE CLIMATOLOGIA NAS AÇÕES DE DEFESA CIVIL EM REGIÕES DE VULNERABILIDADE SOCIOECONÔMICA DE FORTALEZA/CEA. **Revista Brasileira de Meteorologia**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 369-378, mai. 2019.

BRAGA, R. M. O ESPAÇO GEOGRÁFICO: UM ESFORÇO DE DEFINIÇÃO. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 65-72, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74066. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74066>. Acesso em: 20 abr. 2021.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

Silva, I. A. S., Goveia, C. R. ENSINO DO CLIMA E DOS COMPONENTES FÍSICOS-NATURAIS: PROPOSTAS DIDÁTICAS E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. **Revista Ensino de Geografia**. Recife, V. 3, N. 3, p. 86-106, dez. 2020.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CLIMOGRAMA DE CAMBÉ E LONDRINA (PR) COMO PROPOSTA METODOLÓGICA LÚDICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

Carlos Cassiano Dalto¹⁰⁴

Heloisa Maria Mantovan¹⁰⁵

Introdução

A Geografia como componente curricular da educação básica apresenta conteúdos complexos que abordam temas físicos, humanos e sociais. Uma das grandes discussões a respeito do ensino de Geografia na atualidade é justamente a forma como esses conteúdos são mediados pelos professores desse componente curricular na escola (PAIXÃO; BORGES, 2018). A partir de experiências no ensino dos conteúdos de clima na educação básica e como docentes das disciplinas de Climatologia e Metodologia de Ensino de Geografia, percebeu-se a necessidade em refletir acerca do processo de ensino e aprendizagem de conteúdos que são vistos como abstratos e descritivos. (PAIXÃO; BORGES, 2018)

Dado a importância da climatologia em sala de aula, os climogramas são recursos fundamentais para estudo, pois apresenta um perfil climático de uma determinada região e são extremamente eficientes como linguagem gráfica, o que auxilia na representação com clareza. Assim, Barbosa (2005, p. 86) afirma que:

Os climogramas são gráficos de extrema utilidade nos estudos climáticos. Eles nos fornecem informações a respeito da distribuição mensal de chuvas e das temperaturas médias para cada mês de acordo com a escala temporal utilizada [...] os climogramas também servem como modelos a respeito do tipo de clima de uma determinada localidade. Assim, a partir do desenho da curva de temperatura e das colunas de precipitação, criamos uma ideia a respeito do clima, da distribuição sazonal de chuvas e da temperatura.

Dois fatores estão inseridos no climograma: 1) a temperatura do ar, definida como a medida do calor sensível nele armazenado, geralmente dada em graus Celsius ou Fahrenheit e medida por termômetros (MENDONÇA; DANNI-OLIVEIRA, 2007); 2) a precipitação

¹⁰⁴ Estudante de Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. carlos.cassiano1@uel.br

¹⁰⁵ Estudante de Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Londrina. heloisa.maria.mantovan@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

pluviométrica (chuva), dada em milímetros e refere-se à altura da água coletada em pluviômetros e pluviógrafos, que registram os dados em gráficos (MENDONÇA; DANNI-OLIVEIRA, 2007).

Para a elaboração da proposta de inserção do climograma lúdico como recurso didático, procedeu-se à revisão bibliográfica como metodologia, buscando fundamentar a reflexão acerca do climograma e do ensino de Geografia. Portanto, o estudo realizado apresenta-se como resultado de uma pesquisa bibliográfica, motivada em razão da importância do ensino de Geografia sobre uma perspectiva contextualizada, que vincule os conteúdos de climatologia a realidade vivenciada pelos alunos, por meio da observação empreendida dos municípios de Cambé-PR e Londrina-PR.

Desta forma, este trabalho objetiva a apresentação e comparação dos climogramas de Cambé e de Londrina, ambos municípios do estado do Paraná.

Desenvolvimento

As cidades de Cambé e de Londrina situam-se na porção norte do Estado do Paraná. Segundo a classificação indicada no método de Köppen, o IAPAR classifica o clima de Cambé como Subtropical Úmido – Cfa. (P. M.C., 2017). No período que compreende os anos de 1976 a 2016, a média de precipitação pluviométrica verificada em Cambé é (1.496 mm/ano), o mês que apresenta o maior índice de precipitação é janeiro (208,4 mm) e o mês mais seco é agosto (49,5 mm). O mês mais frio em Cambé é julho com médias de 13°C e o quente são dezembro, janeiro, fevereiro e março com médias de 20°C (P. M. C., 2017).

A cidade de Londrina possui o tipo climático Subtropical Úmido Mesotérmico, caracterizado por verões quentes e chuvosos e geadas com baixa frequência (P. M. L., 2015). Entre os anos de 1976 a 2019, Londrina contabilizou uma média pluviométrica total anual de 1632 milímetros, sendo agosto o mês de menor precipitação (54,1 mm) e janeiro o mês de maior precipitação (223,9 mm). Neste período a temperatura média compensada foi de 21,2°C; correspondendo julho ao mês mais frio, com temperatura média mínima de 11,7°C e fevereiro ao mês mais quente com temperatura média máxima de 29,8°C (IDR-Paraná).

Tendo como base estes dados, foram construídos climogramas para representar as médias de temperatura e precipitação de cada cidade. O climograma de Cambé foi feito a partir

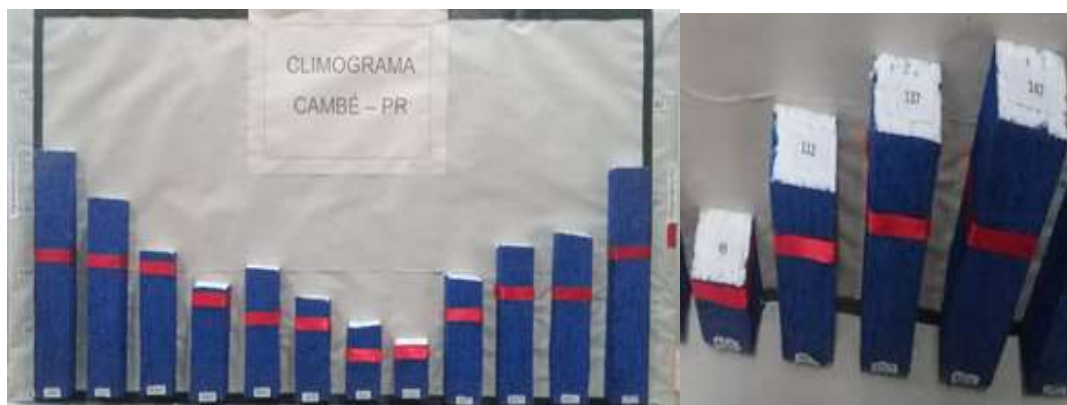


XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS- PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

de isopor, tinta azul, uma fita de 2 cm da cor vermelha, uma fita de 2 cm da cor preta, papel kraft, cola, palito de madeira e duas folhas de sulfite (Figura 2).

Figura 2 - Climograma lúdico de Cambé-PR



Fonte: CLIMATEMPO, 2020. Elaborado por DALTO, C. C.; 2021

Para a produção do climograma de Londrina, como segunda alternativa pedagógica, utilizou-se como material folhas de EVA azul para representação das colunas de precipitação e linha vermelha para indicar as variações da temperatura, coladas sobre uma folha de EVA branco (Figura 3).

Figura 3 - Climograma lúdico de Londrina-PR



Fonte: CLIMATEMPO, 2020. Elaborado por Mantovan, H. M.; 2021

Partindo de uma análise comparativa entre o climograma de Cambé (Figura 2) e o climograma de Londrina (Figura 3), e considerando que os dois municípios estão localizados no hemisfério sul do planeta, os meses de junho, julho e agosto registraram as menores temperaturas do ano, configurando os meses do inverno meridional. A variação da temperatura



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

anual, ou seja, a diferença entre a maior temperatura e a menor temperatura, traz indícios da localização geográfica latitudinal das cidades, possuindo Cambé 17°C de amplitude térmica anual e Londrina 19°C, indicando que as duas regiões se encontram em latitudes médias, sofrendo a influência da continentalidade, informações reveladas pela alta amplitude térmica.

No que tange a precipitação, representada pelas barras que informam a distribuição da pluviosidade ao decorrer do ano, é possível identificar o tipo climático das regiões. Nas duas cidades paranaenses analisadas, o período chuvoso tende a concentrar-se nos meses de verão, sendo que, para Cambé e Londrina, o mês de janeiro é o mais chuvoso. O oposto ocorre no inverno, pois as chuvas diminuem consideravelmente, corroborando para a confirmação de um clima subtropical.

Considerações finais

A Geografia é uma ciência crítica, imprescindível na matriz curricular para a formação de cidadãos conscientes, que compreendam a formação e configuração do espaço geográfico em que vivem e que este é passível de transformação. Para tanto, é necessário a intencionalidade na atuação pedagógica e metodológica do professor de Geografia perante sua responsabilidade de desenvolver nos alunos capacidades que permitam a sua emancipação social. No processo de ensino e aprendizagem é preciso que o professor busque se atualizar, criando materiais e recursos didáticos interativos e lúdicos, que favoreçam a transposição didática das teorias estudadas, rompendo com o paradigma das aulas tradicionais de mera exposição de conteúdos e memorização.

Seguindo estes parâmetros, o climograma é uma ferramenta importante para trabalhar conteúdos relacionados a climatologia de forma lúdica e contextualizada, facilitando o entendimento e a compreensão dos alunos, na medida em que estes conseguem identificar estas informações a partir da realidade vivenciada, tornando a aprendizagem significativa.

Referências

BARBOSA, J. P.M. Utilização de método de interpolação para análise e espacialização de dados climáticos: o SIG como ferramenta. **Caminhos da Geografia**, v. 9, n. 17, p. 85-96, 2005.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

CLIMATEMPO. **Climatologia em Cambé, PR.** 2021. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/1305/cambe-pr>. Acesso em: 14 fevereiro de 2021.

CLIMATEMPO. **Climatologia em Londrina, PR.** 2021. Disponível em: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/277/londrina-pr>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

IDR-PARANÁ. Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná. **Médias históricas em estações do IDR-Paraná.** Disponível em: <http://www.idrparana.pr.gov.br/system/files/publico/agrometeorologia/medias-historicas/Londrina.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia:** noções básicas e climas do Brasil. São Paulo: Oficina de textos, p. 49-58, 2009.

OLIVEIRA NETO, Vicente Pontes de; CARMO, Judite de Azevedo do; PERETTO, Anderson. CLIMOGRAMA LÚDICO: proposta de recurso didático para o ensino do clima nas aulas de geografia. **Revista Ensino & Pesquisa**, [S. L.], v. 13, n. 01, p. 213-226, jan/jun. 2015.

PAIXÃO, Tiago Nogueira; BORGES, Mavistelma Teixeira Carvalho. Clima e Ambiente na Educação Básica: propostas didáticas para a mediação dos conteúdos de clima na Geografia Escolar. **Clima e Ambiente na Educação**, Porangatu, v. 7, n. 1, p. 144-164, 14 fev. 2021. Jan./jun. 2018. UEG - Universidade Estadual de Goiás.

P.M.C - PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMBÉ – **Revisão do Plano Diretor Municipal, Cambé – PR- Aspectos Ambientais.** v. 1, p. 39-87, 2017

P.M.L - PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA - **Plano Municipal de Saneamento Básico de Londrina - PR.** p. 9, 2015



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O DINAMISMO EDUCACIONAL DA APLICABILIDADE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHO EM SALA DE AULA

Maicon Andrei Gonçalves Martins¹⁰⁶

José Vinícius dos Santos Pires¹⁰⁷

Introdução

Mediante a constante repetitividade metodológica do ensino desenvolvido em sala de aula, diversos educandos tendem a perder o interesse e a motivação pela matéria lecionada, dado a um ciclo repetitivo e pouco variado da aplicabilidade do conteúdo escolar. Assim, este trabalho busca apresentar de forma dinâmica, direta e coesa as soluções para o desenvolvimento diversificado do conteúdo em sala de aula, com a finalidade de estimular o senso criativo e crítico do aluno, visando capturar seu interesse e busca pela adesão do conhecimento, portanto, é papel do professor buscar métodos expositivos e diversificados para o desenvolvimento de suas aulas.

De acordo com Anastasious (2010, p. 86) a aula expositiva dialogada "é uma estratégia que vem sendo proposta para superar a tradicional palestra docente". Isso porque, em uma abordagem mais tradicional, o professor fazia uma exposição de sua aula, sem ouvir os estudantes, sem dar espaço para eles se posicionarem. Em uma aula expositiva dialogada, o processo de aprendizagem ocorre em um clima de cordialidade, diálogo e respeito, incluindo diversas trocas de experiência. Portanto, buscaremos apresentar a construção do passo a passo para a elaboração de uma história em quadrinhos, utilizando-se da plataforma Pixton, e abordando sua importância, sua aplicabilidade em aula, além de menções de possíveis temas a se utilizar para o seu desenvolvimento.

¹⁰⁶Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: maicon.goncalves@uel.br

¹⁰⁷ Estudante do Curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual de Londrina/UEL. Email: jose.vinicius.santos@uel.br



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

O desenvolvimento de uma história em quadrinho

A aula expositiva é um importante fator que auxilia no desenvolvimento crítico e intelectual de crianças, jovens e adultos, estas atividades instigam a curiosidade, a criatividade, a fixação do conteúdo, proporcionando ao aluno um melhor entendimento acerca do tema lecionado, podemos utilizar como exemplo o uso e o desenvolvimento de histórias em quadrinhos, podendo associar a incontáveis temas, vinculando-se o uso desse material a uma multidisciplinaridade, proporcionando o uso de os mais variados temas, como exemplo trabalhar a prevenção do meio ambiente, ou mesmo os mais variados tipos de relevo, ou mesmo sobre a geopolítica brasileira e internacional.

Para o desenvolvimento e construção de uma história em quadrinho, pode-se utilizar diversas ferramentas e plataformas online gratuitamente, além da possibilidade de alunos e professores trabalharem de forma dinâmica e manual sua elaboração, através do sulfite ou mesmo o uso do caderno, todavia será mostrado aqui através de etapas a construção deste material de leitura, sendo escolhido a plataforma pixton para o desenvolvimento desta atividade, então para sua construção e o cadastro na plataforma, é necessário seguir o passo a passo das etapas abaixo:

- Acessar o site pixton.com, em seguida realizar o cadastro, e acessar as opções educators, para docentes, e a students, para os educandos.

Figura 1: As opções educadores e estudante



Fonte: pixton.com (2021)



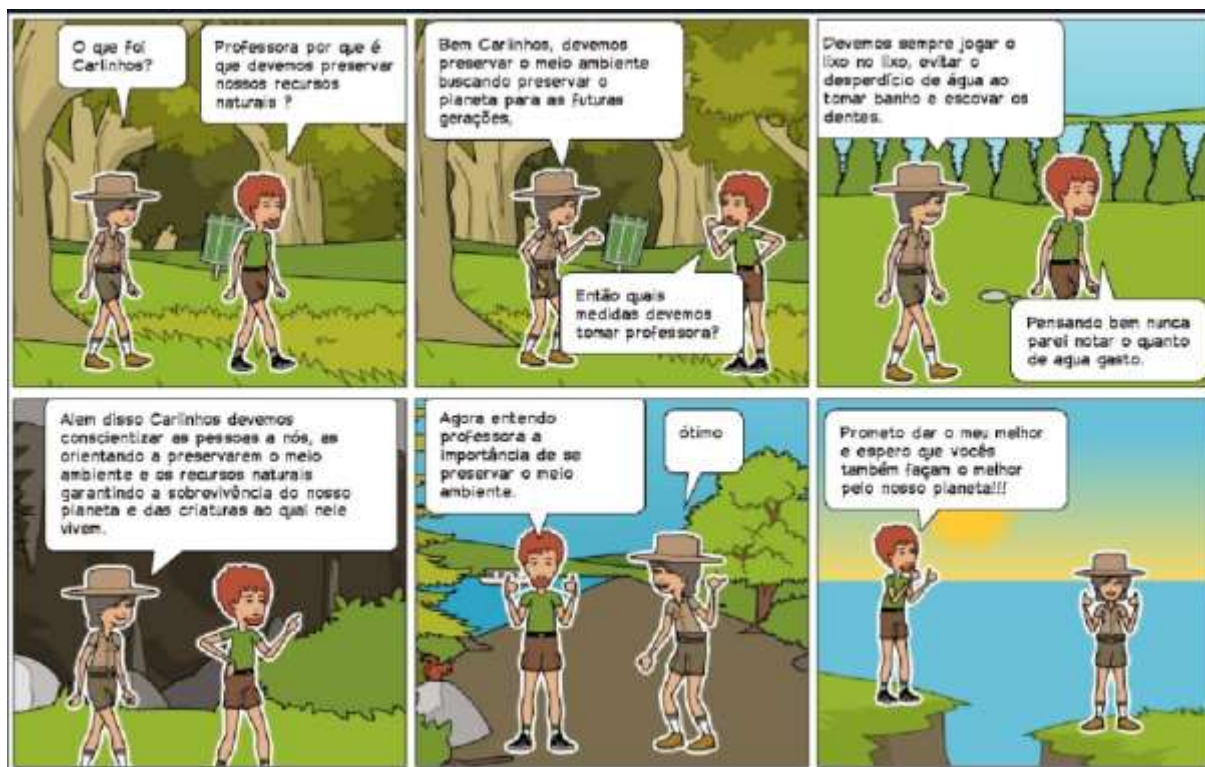
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

- Após a seleção de uma dessas duas opções vá em Sing Up, e crie sua conta conectando a sua conta de gmail, facebook ou de outlook;
- Em seguida após adentrar a conta vá em make my avatar, para a criação dos personagens que serão utilizados para a construção da história;
- Logo após a criação de personagens, clique em meke a comic, e em seguida nomeie a história ao qual irá desenvolver.

Em seguida após a criação da conta e também do projeto, a plataforma disponibiliza um catálogo bem variado, contendo distintas paisagens para se usar durante a montagem da história. Posteriormente foi desenvolvido o roteiro do texto a fim de representar uma dada atitude errada de uma parcela da população, que polui as florestas e cidades, contribuindo para diversos outros fatores que colaboram para a degradação do nosso planeta, então com o tema e o roteiro em mãos, foi usado imagens de um parque para a construção desta atividade, selecionando para se usar junto ao personagem construído anteriormente, o catálogo de personagens disponibilizados pela plataforma pixton.

Figura 2: História em quadrinhos referentes a poluição e conscientização



Fonte: pixton (2021)



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Considerações finais

Considerando todos os elementos abordados, concluímos que as aulas expositivas incidem o desenvolvimento intelectual do educando, através da realização de atividades como a história em quadrinhos, esta estimula a reflexão do aluno sobre o dado tema analisado durante o desenvolvimento do conteúdo, isso por conveniência cria a necessidade de roteirizar todo conteúdo lecionado, objetivamente o aluno, ao expor suas ideias e, ao mesmo tempo, acessá-lo e dinamizá-lo, este jogo de ideias além de fundamentar de forma coesa e direta, auxilia o educador na aplicabilidade de suas atividades instruídas, sendo que para o desenvolvimento desta atividade, estes recursos possuem uma acessibilidade demasiadamente fácil e simples, onde tanto a versão web quanto a manual, apresentam a mesma finalidade em sua aplicabilidade. Vale lembrar que a plataforma pixton, propiciou de forma gratuita e simplificada formas de construir uma história em quadrinhos, assim sendo as atividades expositivas tendem a realizar o complemento das aulas aplicadas, à medida em que instiga a curiosidade e estimulando e educando a desenvolver uma nova percepção sobre o dado tema, estabelecendo ao aluno seu novo senso analítico sobre o conteúdo visto.

Referências

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Estratégias de ensinagem**. Joinville, Santa Catarina: Editora Univille, 2010, p. 86.

PIXTON. Disponível em: <https://app.pixton.com/> Acesso em 01 abr. 2021.



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

HISTÓRIA EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

Beatriz Victória Julio Rocha¹

William Fernandes de Souza²

Introdução

Este trabalho tem como temática abordar as características da floresta araucária, vegetação predominante da região sul do Brasil, apresentando a suas particularidades e fisionomias diferente de outras localidades do Brasil, estimulando o discente a perceber as diferenças entre os biomas do país. Com isso faremos uma ponte com o tema decorrente nas aulas de Geografia, que é o desmatamento de nossas florestas, que neste caso abordaremos de forma regionalizada onde segundo dados estima-se que resta apenas 2% da vegetação original da floresta Araucária, ou seja, iremos trabalhar essa problemática em uma realidade mais próxima do aluno.

O tema será trabalhado através do recurso de quadrinhos, uma forma que instigará o aluno a raciocinar e compreender o assunto abordado. A construção do próprio quadrinho, vem com o propósito de deixar tanto o conhecimento sobre o assunto quanto a imaginação do discente, se expressar criando a sua história, dando liberdade para produzir algo seu.

Para complementar a metodologia usaremos recursos áudio visual, de grande relevância para chamar atenção dos alunos e dinamizar a aula. O objetivo é que o aluno compreenda o bioma da Mata Atlântica onde a Araucária está inserida e o seu desmatamento.

Desenvolvimento

Ao desenvolver essa atividade foi pensado trabalhar o bioma da Mata Atlântica em específico o desmatamento das Araucárias e as problemáticas que causa para a fauna. O foco central da aula e da atividade é trabalhar a região do Paraná e com isso fazer simples comparações entre os biomas espalhados pelo Brasil.

O conteúdo será passado através das informações que o professor levará e dos conhecimentos prévios dos alunos levando a uma conversa entre docente e discentes do assunto abordado. Em um segundo momento exibiria um vídeo titulado: “A Araucária Memória da



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

Extinção”³ o intuito de utilizar esse recurso é sintetizar o que foi dito até aquele momento para fixação do conteúdo. Em seguida de forma breve, discutiríamos o vídeo, seguindo para a proposta da atividade.

Onde seria formado grupos de até 3 alunos para que desenvolvessem uma história em quadrinho, seguindo uma linha cronológica de como o conteúdo foi exposto, nesta atividade também pediria que fizessem os quadrinhos sem balões de falas, e em um outro momento os grupos trocariam entre si os quadrinhos e desenvolveriam uma história a partir do desenho da outra equipe. Essa seria uma forma de saber se os discentes entenderem o conteúdo.

Figura 1: Quadrinho desmatamento da Araucária

³ Acesso ao link pelo endereço: A Araucária Memória da Extinção - Filme raro | Completo (1981) - YouTube

Fonte: arquivo pessoal (2021)

Considerações finais

Ao longo deste resumo expandido foi apresentado o tema Araucária, bioma, desmatamento, Paraná que seria abordado em uma determinada aula, com o objetivo de



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

conhecer e reconhecer mais sobre a espécie que se encontra em extinção, e pela localização estar próximo da realidade do aluno. Também foi apresentado um plano de aula, tendo como proposta de atividade a criação de quadrinhos para formulação de uma história referente ao conteúdo abordado na aula, proporcionando aos alunos uma oportunidade de expressar seus conhecimentos de uma forma única.

Referências

A Araucária Memória da Extinção - Filme raro | Completo (1981) - YouTube

Arquivo pessoal

Mata de Araucária: Floresta já dominou vastas extensões do país - UOL Educação *Mata das Araucárias - Toda Matéria (todamateria.com.br)*



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO EM DECORRÊNCIA À ADAPTAÇÃO AO ENSINO REMOTO

Daize Fraziele Francisco¹

Introdução

Com todo caos causado pela pandemia do covid-19 e pelas medidas de distanciamento social, é impossível mensurar o impacto causado na educação. O uso de tecnologias digitais, desnudou um fator que já era existente na sociedade brasileira, mas que se destacou grandemente no ensino remoto, as desigualdades socioeconômicas. O acesso à educação por meios digitais, restringiu o ensino dos grupos mais pobres presentes nas escolas públicas, já que esses não possuem equipamentos, espaço adequado e acesso a internet. Além disso, a adaptação ao ensino remoto cobra uma dominação das técnicas digitais dos docentes, no qual não houve um preparo prévio. A youtuberização, que nada mais é do que a precarização do trabalho docente, exige um esforço muito maior, com o preparo do cenário, roteiro, som, luz, edição, atendimento às mensagens virtuais, etc. O docente realiza múltiplos papéis, tendo entalhado sua vida profissional e pessoal.

Desenvolvimento

O grupo de bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), do IFSULDEMINAS câmpus Poços de Caldas, desenvolveu um canal no Youtube “*Caminhos da Geografia*”², para as escolas estaduais. Sendo elas, Escola Estadual Professora Cleusa Lovato Caliarí e Escola Estadual David Campista, para auxiliar na resolução das atividades do PET. Os PET (Plano de Ensino Tutorado) são as ferramentas utilizadas pela Secretaria de Educação de Minas Gerais, neste momento pandêmico. Sendo assim, nos últimos meses do ano de 2020, com a iniciativa do supervisor da bolsa, Gabriel Rodrigues, este canal foi voltado especificamente para a E. E. Professora Cleusa Lovato, a qual se caracteriza uma escola periférica. É notável a diferença de visualizações nos vídeos auxiliares quando deixou de ser específico a E. E. Professora Cleusa Lovato, e se juntou com a E. E. David Campista, a qual se caracteriza como uma escola central. A dificuldade de acessibilidade é grande, faltam equipamentos, espaços adequados e acesso a internet, o que é um forte influenciador nessa questão da exclusão social. Segue as imagens de exemplo:

Figura 1: Canal direcionado apenas a escola Professora Cleusa lovato



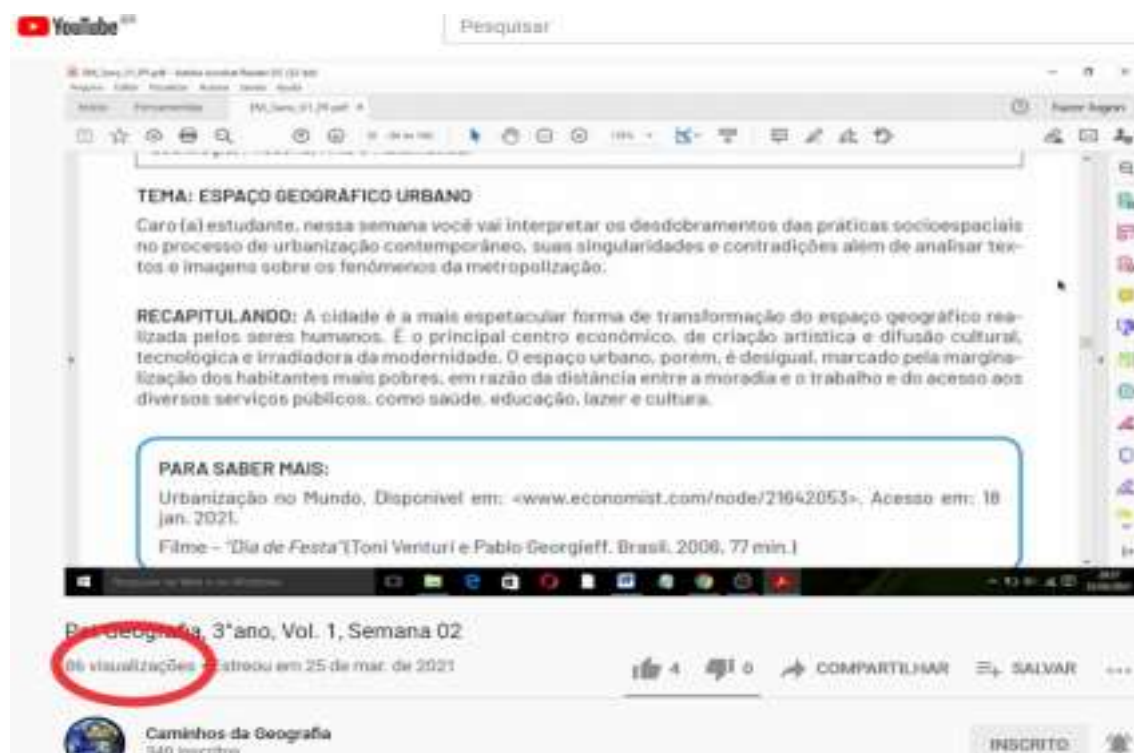
XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E PESQUISA
“A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-PANDEMIA”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.



Fonte: Canal do Youtube, Caminhos da Geografia 2021

² https://www.youtube.com/channel/UC2r3Au_YpEUIdufAXZ63i6g/featured



Fonte: Canal do Youtube, Caminhos da Geografia 2021

Mesmo que o ensino remoto abra novas abas, podendo proporcionar um encantamento



XVIII ENCONTRO DE ENSINO DE GEOGRAFIA MOSTRA DE ESTÁGIO E
PESQUISA
“**A GEOGRAFIA EM TEMPOS DE CRISES: O CENÁRIO BRASILEIRO PÓS-
PANDEMIA**”

De 30 de Janeiro a 29 de Maio de 2021.

pelas ferramentas que surgem, pelas possibilidades de exibição de conteúdo, pelos diferentes lugares que uma aula pode alcançar, ele não é para todos! Ele atinge muitos pontos de forma negativa. Além da questão da desigualdade socioeconômica, outros pontos como o prejuízo na aprendizagem, o despreparo dos professores, o repasse de conteúdos de forma curta e pouco descritiva. Os docentes foram muito prejudicados nessa adaptação ao ensino remoto, pois além da necessidade de dominar as tecnologias, na maioria das vezes ele não recebe o retorno esperado dos discentes.

Considerações Finais

É impossível calcular o dano que a adaptação ao ensino remoto causa na educação, mas torna muito visível o quão desigual é o Brasil e o quanto estamos distantes da igualdade. Enquanto uma criança possui acesso a internet com tablets e notebooks, há também famílias que apresentam três estudantes ou mais, dividindo o mesmo celular familiar para realizar as tarefas. Esse cenário pandêmico mostrou o quanto a escola pública e as aulas presenciais são essenciais, pois é desta maneira que é possível levar a educação às camadas mais pobres da sociedade brasileira.

Referências

CARDOSO, Nilson de Souza; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. FORPIBID-RP E A POLITIZAÇÃO COMO ENFRENTAMENTO AO ENSINO REMOTO. 2020. Disponível em:

<http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/624/910>. Acesso em: 10 mar. 2021;

BENAKOUCHE, Tamara. A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO DE REPRODUÇÃO DA EXCLUSÃO DIGITAL. *Estudos de Sociologia*, [S.l.], v. 1, n. 8, p. 51-68, abr. 2014. ISSN 2317-5427. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235440>>. Acesso em: 12 abr. 2021;